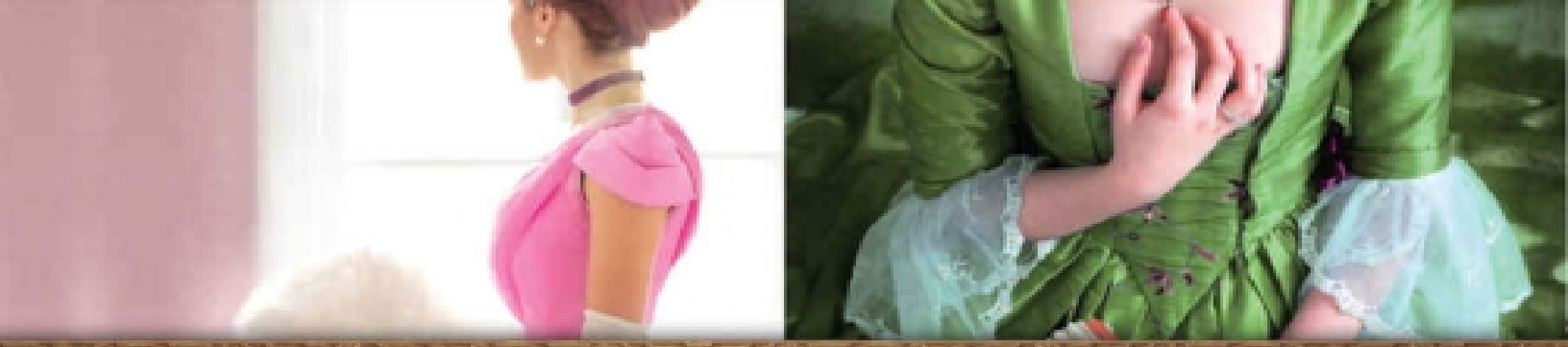
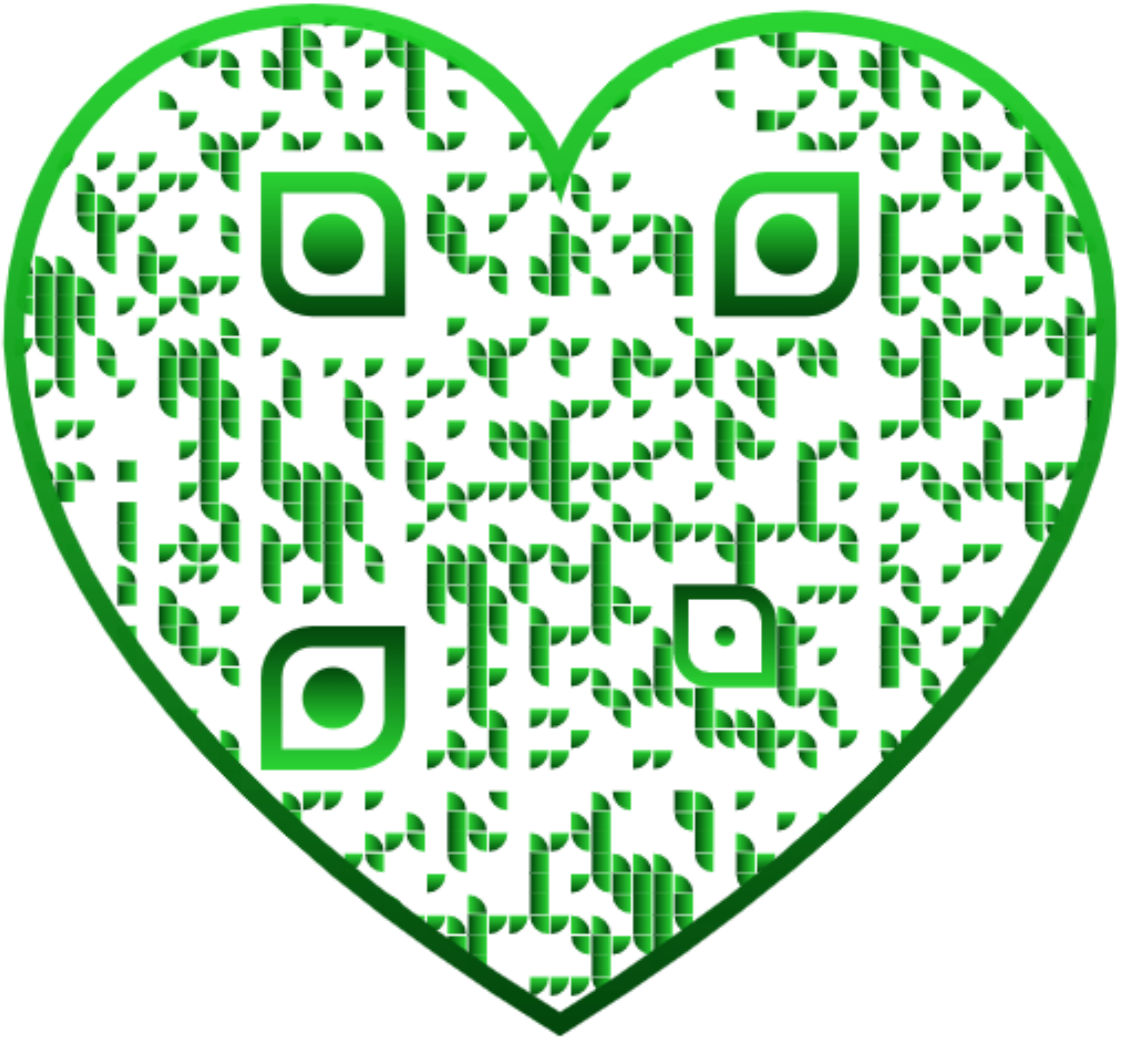


Julia Quinn

Quarteto Smythe-Smith



Quarteto Smythe-Smith

O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Julia Quinn

Quarteto Smythe-Smith

Julia Quinn
Simplesmente o paraíso
Quarteto Smythe-Smith 1
ARQUEIRO

Simplesmente o paraíso

Julia Quinn

Simplesmente o paraíso

Quarteto Smythe Smith 1

Arqueiro

Título original: *Just Like Heaven*
Copyright © 2011 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Flávia Midori e Livia Cabrini

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: © Lee Avison/ Trevillion

foto da autora: © Rex Rystedt/ seattlephoto.com

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64s

Quinn, Julia
Simplesmente o paraíso [recurso eletrônico]/ Julia Quinn; tradução de Ana Rodrigues. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital (Quarteto Smythe-Smith; 1)

Tradução de: Just like heaven
Continua com: Uma noite como esta
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-663-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

16-38274 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Pam Spengler-Jaffee.
Você é uma diva em todos os sentidos.

E também para Paul,
embora, quando o consultei para saber
como salvar meu herói enfermo,
ele tenha respondido: “Não tem jeito, ele vai morrer.”

PRÓLOGO

Marcus Holroyd estava sempre sozinho.

A mãe morrera quando ele tinha 4 anos, mas, surpreendentemente, esse acontecimento pouco tivera efeito em sua vida. A condessa de Chatteris cuidava do filho do mesmo modo que a mãe dela criara os próprios filhos – a distância. Ela não era irresponsável: ficara extremamente orgulhosa por encontrar a melhor ama de bebês para o herdeiro que dera ao marido. A Srta. Pimm tinha quase 60 anos e já tomara conta de dois futuros duques e do filho de um visconde. Lady Chatteris colocara o bebê nos braços de Pimm e avisara à ama que o conde tinha intolerância a morangos, portanto era provável que o mesmo acontecesse com o menino. E assim partira para desfrutar a temporada social de Londres.

Marcus viu a mãe em precisamente sete ocasiões, e então ela morreu.

Lorde Chatteris era mais chegado à vida no campo do que a esposa e ficava com mais frequência na residência de Fensmore, a enorme casa em estilo Tudor no norte de Cambridgeshire que fora o lar dos Holroyds por gerações. Porém, o conde criava o filho do modo como o pai dele o criara. Isso significava que apenas se certificou de colocar a criança em cima de um cavalo aos 3 anos e, depois, não viu razão para se importar mais com o menino até que tivesse idade suficiente para conduzir uma conversa de forma razoavelmente sensata.

O conde não desejava se casar de novo, embora o alertassem de que seria bom ter outro filho além do herdeiro. Lorde Chatteris olhou para Marcus e viu um garoto inteligente, atlético e de aparência passável. E o mais importante: era bem saudável e vigoroso. Sem motivo para supor que Marcus pudesse ter um problema súbito e morrer, não viu razão para se sujeitar a outra rodada de caça a uma esposa ou, pior, para se sujeitar a outra esposa. Em vez disso, escolheu investir no filho.

Marcus teve os melhores tutores. Foi instruído em todos os detalhes possíveis da educação de um cavalheiro. Era capaz de reconhecer todas as espécies da fauna e flora locais. Cavalgava como se houvesse nascido em cima de uma sela e, mesmo que seus talentos na esgrima e no tiro não fossem levá-lo a ganhar uma competição, ele ficava bem acima da média. Conseguia fazer operações matemáticas sem desperdiçar uma gota de tinta. Compreendia latim e grego.

Aos 12 anos.

Talvez por coincidência, esse foi o mesmo período em que o pai decidiu que ele já devia ser capaz de conduzir uma conversa decente.

Também foi quando o conde resolveu que Marcus daria o próximo passo em sua instrução: deixaria Fensmore para estudar no Eton College, a instituição onde todos os meninos Holroyds iniciavam sua educação formal. Esse acabou sendo o acontecimento mais feliz e afortunado na vida do jovem rapaz, pois Marcus Holroyd, herdeiro do condado de Chatteris, não tinha amigos.

Nem um único.

Não havia meninos adequados no norte de Cambridgeshire com quem Marcus pudesse brincar. A família nobre mais perto eram os Crowlands, que tinham apenas meninas. A segunda mais próxima era da aristocracia rural, o que teria sido aceito sob as circunstâncias, mas os filhos deles não tinham a idade apropriada para fazer companhia a Marcus. Lorde Chatteris não permitiria que o filho andasse com camponeses, por isso simplesmente contratou mais tutores. Um menino ocupado não poderia ser solitário; além do mais, nenhum filho dele iria querer correr pelos campos feito um selvagem com a cria turbulenta do padeiro.

Se o conde houvesse perguntado a opinião de Marcus, teria recebido uma resposta diferente. Mas lorde Chatteris via o filho apenas uma vez por dia, antes da refeição da noite. A conversa entre eles durava cerca de dez minutos, então Marcus subia para a ala infantil, o pai seguia para a sala de jantar formal, e só.

Era impressionante que Marcus não tivesse se sentido profundamente infeliz no Eton. Ele não sabia como interagir com os colegas. No primeiro dia, quando todos os demais corriam pelo colégio como um bando de selvagens (nas palavras do valete do conde, que o deixara lá), o garoto ficou de lado, tentando não olhar para os outros, tentando parecer que *tinha a intenção* de ficar de lado, desviando o olhar.

Marcus não sabia como agir. Não sabia o que dizer.

Mas Daniel Smythe-Smith sabia.

Além de ser o herdeiro do condado de Winstead, Daniel tinha cinco irmãs e mais de trinta primos em primeiro grau. Não havia ninguém que soubesse se socializar melhor. Em questão de horas, ele se tornara o rei incontestável entre os meninos mais novos de Eton. Tinha autoconfiança, um sorriso fácil, uma absoluta ausência de timidez. Era um líder nato, capaz de tomar decisões com a mesma rapidez com que contava piadas.

E fora alojado na cama bem ao lado da de Marcus.

Eles se tornaram grandes amigos e, quando Daniel convidou Marcus para ir a sua casa nas primeiras férias, o jovem Chatteris aceitou. Os Smythe-Smiths moravam em Whipple Hill, que não ficava muito longe de Windsor, logo o menino facilmente viajava com frequência para casa. Marcus, por outro lado... Bem, ele não morava na distante Escócia, porém levava mais de um dia para alcançar o norte e chegar a Cambridgeshire. Além disso, o pai nunca ia para casa em férias curtas e também não via razão para o filho fazer isso.

Então, quando chegaram as segundas férias e Daniel voltou a convidar Marcus, ele aceitou.

E de novo.

E de novo.

E mais uma vez, até Marcus passar mais tempo com os Smythe-Smiths do que com a própria família. É claro que os Holroyds eram formados por apenas uma pessoa, mas, quando Marcus parava para pensar a respeito (o que fazia com bastante frequência), percebia que passava de fato mais tempo com cada Smythe-Smith do que com o pai.

Até mesmo com Honoria, a irmã caçula de Daniel. Ao contrário do resto da família, ela não tinha nenhum irmão com idade próxima à sua. Era cinco anos mais nova que o penúltimo filho da prole, supostamente um feliz acidente para encerrar a maravilhosa carreira de procriadora de lady Winstead.

Contudo, cinco anos era um espaço de tempo grande, ainda mais quando se tinha apenas 6 anos, como era o caso de Honoria. As três irmãs mais velhas já estavam casadas ou noivas e Charlotte, com 11 anos, não queria saber da caçula. Daniel também não, mas parecia que a ausência dele levara Honoria a se apaixonar terrivelmente pelo irmão, porque

quando ele vinha da escola para casa, a menina o seguia por todo lado, como um cachorrinho.

– Não faça contato visual – orientou Daniel a Marcus certa vez, quando estavam tentando evitar Honoria em uma caminhada até o lago. – Se não a ignorarmos, estará tudo perdido.

Eles caminhavam com determinação, a cabeça voltada para a frente. Iam pescar e, na última vez em que Honoria se juntara aos dois, acabara derrubando todas as minhocas.

– Daniel! – gritou ela.

– Ignore-a – murmurou Daniel.

– Daniel!!!!!!!!!!!! – A menina passou do gritinho para o berro.

O jovem se encolheu.

– Mais rápido. Se chegarmos ao bosque, ela não nos encontrará.

– Ela sabe onde é o lago – Marcus sentiu-se compelido a lembrar ao amigo.

– Sim, mas...

– *Daniel!!!!!!!!!!!!*

–... mamãe vai pedir a cabeça de Honoria se ela entrar sozinha no bosque. Nem mesmo minha irmã é tola o bastante para provocá-la assim.

– Dan... – Ela se interrompeu. Então, em uma voz tão triste que era impossível não se virar para olhá-la, chamou: – Marcus?

Ele se virou.

– Nããããããoooooooo! – gemeu Daniel.

– Marcus! – gritou Honoria, feliz. Ela correu e parou de súbito na frente deles. – O que estão fazendo?

– Vamos pescar – grunhiu Daniel. – E você não vai junto.

– Mas eu gosto de pescar.

– Eu também. Sem você.

A menina franziu o rosto.

– Não chore – pediu Marcus depressa.

Daniel não se deixou impressionar:

– Ela está fingindo.

– Não estou fingindo!

– Não chore – repetiu Marcus, porque, sinceramente, isso era o mais importante.

– Não vou chorar – retrucou Honoria, batendo as pestanas – se me deixarem ir com vocês.

Como uma menina de 6 anos sabia bater as pestanas? Ou talvez não soubesse, porque um instante depois estava franzindo os olhos e esfregando-os.

– Qual é o problema agora? – perguntou Daniel.

– Entrou alguma coisa no meu olho.

– Talvez tenha sido uma mosca – sugeriu Daniel com maldade.

Honoria gritou.

– Talvez essa não tenha sido a melhor coisa a dizer – observou Marcus.

– Tire! Tire! – pediu ela com gritinhos agudos.

– Ai, acalme-se – falou Daniel. – Está tudo bem.

Entretanto, a menina continuou gritando e batendo no rosto. Por fim, Marcus a agarrou e segurou sua cabeça com firmeza, as mãos nas têmporas de Honoria, por cima das dela..

– Honoria, Honoria!

Ela piscou, arquejou e enfim ficou quieta.

– Não há mosca nenhuma – afirmou ele.

– Mas...

– Provavelmente era um cílio.

A boca da menina se abriu em um pequeno “o”.

– Posso soltá-la agora?

Ela assentiu.

Lentamente, Marcus a soltou e recuou um passo.

– Posso ir com vocês?

– Não! – vociferou Daniel.

A verdade era que Marcus também não desejava a companhia dela. Honoria tinha *6* anos. E era menina.

– Vamos ficar muito ocupados – disse ele, mas sem a indignação de Daniel.

– Por favor?

Marcus gemeu. Ela parecia tão desamparada, com o rosto marcado pelas lágrimas... Os cabelos castanho-claros, divididos de lado e puxados para trás com alguma espécie de prendedor, caíam lisos e finos pelas costas até logo abaixo dos ombros. Os olhos dela – quase da cor exata dos olhos de Daniel, de um tom fascinante e único de azul-arroxeado claro – eram enormes, estavam marejados e...

– Eu falei para não fazer contato visual – alertou Daniel.

Marcus gemeu de novo.

– Quem sabe só desta vez?

– Ah, que bom! – Ela saltou como um gato pego de surpresa, então deu um abraço impulsivo (mas felizmente rápido) em Marcus. – Ah, obrigada, Marcus! Obrigada! Você com certeza é o melhor! O melhor dos melhores! – A menina estreitou os olhos e encarou Daniel de um jeito assustadoramente adulto. – Ao contrário de *você*.

A expressão do irmão foi igualmente antipática.

– Tenho *orgulho* de ser o pior dos piores.

– Não me importo – anunciou Honoria e pegou a mão de Marcus. – Vamos?

Marcus fitou a mão da menina. Uma sensação desconhecida, estranha e de certo modo desagradável começou a se agitar no seu peito. Ele levou certo tempo para perceber que era pânico. Não conseguia se lembrar da última vez que alguém lhe dera a mão. A ama, talvez? Não, ela gostava de segurá-lo pelo pulso. Tinha mais firmeza assim, Marcus a ouvira dizer à governanta certa vez.

Fora o pai? A mãe, em algum momento antes de morrer?

O coração dele batia acelerado e logo sentiu a mãozinha de Honoria ficar escorregadia na sua. Devia estar suando, ou ela é que estava, embora Marcus estivesse quase certo de que era ele.

Olhou para Honoria, que lhe sorria.

Marcus soltou a mão da menina.

– Ahn, temos que ir agora – falou, constrangido. – Enquanto ainda está claro.

Os Smythe-Smiths olharam para ele, curiosos.

– Não é nem meio-dia – comentou Daniel. – Por quanto tempo pretende pescar?

– Não sei – retrucou Marcus, na defensiva. – Talvez demore.

Daniel balançou a cabeça.

– Papai acaba de renovar o estoque do lago. Você provavelmente poderia arrastar uma bota pela água e pegar um peixe.

Honoria arquejou de prazer. Daniel se virou para a irmã no mesmo instante.

– Nem pense nisso.

– Mas...

– Se minhas botas forem parar em algum lugar perto da água, juro que vou afogar você.

Ela fez biquinho e baixou os olhos, resmungando:

– Eu estava pensando nas *minhas* botas.

Marcus não conseguiu conter uma risadinha. No mesmo instante, Honoria ergueu os olhos e o encarou com uma expressão traída.

– Teria que ser um peixe muito pequeno – comentou Marcus rapidamente.

Isso não pareceu satisfazê-la.

– Não dá para comê-los quando são assim tão pequenos – tentou Marcus. – São quase só espinhas.

– Vamos – resmungou Daniel.

Seguiram pelo bosque, as perninhas de Honoria precisando do dobro de passadas para acompanhar os dois garotos.

– Na verdade, não gosto de peixe – comentou a menina, determinada a manter um fluxo permanente de conversa. – Eles cheiram muito mal. E têm um gosto *peixoso*...

Então, no caminho de volta...

–... Ainda acho que aquele rosa parecia grande o bastante para ser comido. Se a pessoa gostar de peixe, o que não é o meu caso. Mas se você gosta *mesmo* de peixe...

– Nunca mais a convide para vir conosco – disse Daniel a Marcus.

–... o que não é o meu caso. Mas acho que mamãe gosta de peixe. E tenho certeza de que ela iria gostar de um peixe *rosa*...

– Não convidarei – assegurou Marcus.

Criticar uma menininha parecia o máximo da rudeza, mas Honoria era exaustiva.

–... embora Charlotte não fosse gostar. Charlotte odeia rosa. Jamais usaria uma roupa rosa. Diz que a faz parecer emaciada. Não sei o que quer dizer "emaciada", mas parece uma coisa desagradável. Eu gosto de lavanda.

Os dois garotos deixaram escapar suspiros idênticos. Iam continuar a caminhar, mas Honoria pulou na frente deles e abriu um sorriso torto.

– Combina com os meus olhos.

– O peixe? – perguntou Marcus, olhando para o balde que carregava.

Lá dentro, três trutas de bom tamanho se debatiam. Haveria mais – no entanto, Honoria sem querer chutara o balde e devolvera para o lago os dois primeiros peixes que Marcus pescara.

– Não. Você não estava me *escutando*?

Marcus se lembraria para sempre daquele momento. Fora a primeira vez que se vira diante da mais incômoda peculiaridade feminina: a pergunta que tinha apenas respostas erradas.

– *Lavanda* combina com os meus olhos – esclareceu Honoria com grande autoridade. – Meu pai é que falou.

– Então deve ser verdade – disse Marcus com alívio.

Ela girou uma mecha no dedo, mas o cacho se desfez assim que foi solto.

– Marrom combina com os meus cabelos, mas eu prefiro lavanda.

Marcus enfim pousou o balde. Estava ficando pesado e a alça começava a marcar sua mão.

– Ah, não – disse Daniel. Ele pegou o balde e o devolveu ao amigo. – Vamos para casa. – Lançou um olhar irritado na direção de Honoria. – Saia do caminho.

– Por que você é gentil com todo mundo menos comigo? – perguntou a menina.

– Porque você é uma peste! – ele quase gritou.

Era verdade, mas Marcus tinha pena da menina. Apenas em parte do tempo. Honoria devia se sentir como filha única e ele sabia muito bem como era a experiência. Desejava apenas participar, ser incluída em jogos e brincadeiras, em todas as atividades que a família constantemente lhe dizia que era jovem demais para se envolver.

Honoria recebeu o golpe sem se retrair. Permaneceu imóvel, encarando o irmão com raiva. Então, deixou o ar escapar com força pelo nariz.

Marcus desejou ter um lenço.

– Marcus – disse Honoria. Ela se virou para fitá-lo, mas também para dar as costas ao irmão. – Gostaria de tomar um chá de bonecas comigo?

Daniel abafou o riso.

– Levarei minhas melhores bonecas – informou a menina, muito séria.

Santo Deus, tudo menos isso.

– E haverá bolos – acrescentou ela, em uma vozinha formal que assustou o rapaz.

Marcus lançou um olhar de pânico na direção de Daniel, mas não recebeu nenhuma ajuda.

– E então? – exigiu saber Honoria.

– Não – disparou Marcus.

– Não? – Ela o encarou, muito séria.

– Não posso. Estou ocupado.

– Fazendo o quê?

Marcus pigarreou. Duas vezes.

– Coisas.

– Que tipo de coisas?

– *Coisas*. – Ele se sentiu péssimo, então acrescentou, para não parecer tão inflexível: – Daniel e eu fizemos alguns planos.

Ela pareceu arrasada. Seu lábio inferior começou a tremer e, ao menos daquela vez, Marcus não achou que a menina estava fingindo.

– Desculpe – acrescentou ele, porque não tivera a intenção de magoá-la.

Mas, pelo amor de Deus, um *chá de bonecas*? Não havia um único menino de 12 anos no mundo que quisesse participar de um eventos desses.

Marcus estremeceu.

O rosto de Honoria ficou vermelho de raiva e ela se virou para encarar o irmão.

– Você o fez dizer isso.

– Eu não falei uma palavra – retrucou Daniel.

– Odeio você – disse a menina em voz baixa. – Odeio vocês dois. – Então passou a berrar: – Odeio vocês! Principalmente você, Marcus! Odeio você de verdade!

Honoria correu para casa o mais veloz que suas perninhas magras permitiam, o que não era assim tão rápido. Marcus e Daniel ficaram parados onde estavam, observando em silêncio enquanto ela se afastava.

Quando Honoria estava perto da casa, Daniel meneou a cabeça e afirmou:

– Ela o odeia. Agora você é oficialmente um membro da família.

E ele era. Daquele momento em diante, era.

Até a primavera de 1821, quando Daniel arruinou tudo.

CAPÍTULO 1

Março de 1824
Cambridge, Inglaterra

Lady Honoria Smythe-Smith estava desesperada.

Desesperada por um dia ensolarado, desesperada por um marido, desesperada... por um novo par de sapatos, pensou com um suspiro exausto enquanto baixava os olhos para as sapatilhas azuis arruinadas.

Sentou-se pesadamente em um banco de pedra do lado de fora da Loja de Tabaco do Sr. Hilleford para Cavalheiros Exigentes e apoiou as costas na parede, tentando desesperadamente (aí estava a terrível palavra mais uma vez) manter o corpo todo sob o toldo. Caía um toró. Não estava chuviscando ou apenas chovendo: era um aguaceiro, um temporal, uma tempestade torrencial, chovia a cântaros, bacias, tinas.

Àquela altura, ela não ficaria surpresa se uma banheira desabasse do céu.

E fedia. Até então Honoria considerava o odor de charutos o pior cheiro do mundo, mas não, bolor era pior, e a Loja de Tabaco do Sr. Hilleford para Cavalheiros que Não se Importavam se Seus Dentes Ficassem Amarelos tinha uma camada negra suspeita alastrando-se pela parede externa, que cheirava como a morte.

Sinceramente, ela poderia estar em uma situação pior?

A chuva levara trinta segundos para ir de um pingo a uma torrente. O resto do grupo com quem fizera compras estava do outro lado da rua deliciando-se com o estoque do Empório Elegante de Fitas e Adereços da Srta. Pilaster, que, além de ter todo o tipo de mercadorias divertidas e belas, tinha um perfume muito melhor do que o do estabelecimento do Sr. Hilleford.

A Srta. Pilaster vendia perfume, pétalas secas de rosas e pequenas velas com aroma de baunilha.

O Sr. Hilleford cultivava bolor.

Honoria suspirou. Assim era a sua vida.

Ela se demorara demais diante da vitrine de uma livraria e assegurara às amigas que as encontraria na loja da Srta. Pilaster em um ou dois minutos, que se tornaram cinco e, então, no exato momento em que Honoria estava se preparando para atravessar a rua, os céus se abriram e ela não tivera escolha senão se refugiar sob o único toldo no lado sul da Cambridge High Street.

Honoria ficou olhando melancólica para a chuva, vendo-a empoçar a rua. As gotas acertavam os paralelepípedos com uma força tremenda, esguichando como minúsculas explosões. O céu escurecia mais a cada segundo e, como bem conhecia o clima inglês, ela sabia que o vento começaria a qualquer momento, transformando o lugar em que estava em um abrigo completamente inútil.

Seus lábios se estreitaram em uma expressão deprimida e ela levantou os olhos semicerrados para o céu.

Seus pés estavam molhados.

Estava com frio.

E nunca, jamais em sua vida, saíra das fronteiras da Inglaterra, portanto conhecia, *sim*, o clima inglês, e sabia que em três minutos se encontraria em um estado ainda mais lastimável do que o atual – o que de fato não havia pensado ser possível.

– Honoria?

Ela baixou os olhos, confusa, e voltou-os para a carruagem que acabara de parar à sua frente.

– Honoria?

Conhecia aquela voz.

– *Marcus?*

Ah, céus, era só o que faltava para completar seu tormento. Marcus Holroyd, o conde de Chatteris, feliz e seco em sua carruagem luxuosa. Honoria percebeu que estava boquiaberta, embora não soubesse por que ficara surpresa. Marcus morava em Cambridgeshire, não muito longe da cidade. Além disso, se alguém iria vê-la quando estava parecendo um cachorro molhado e desgrenhado, sem dúvida seria Marcus.

– Santo Deus, Honoria – disse ele, olhando para ela com severidade naquele seu modo presunçoso tão típico –, você deve estar congelando.

Ela conseguiu dar de ombros muito levemente.

– Está um pouco fresco demais.

– O que está fazendo aqui?

– Arruinando meus sapatos.

– O quê?

– Fazendo compras – respondeu Honoria e indicou o outro lado da rua – com amigas. E primas.

Não que as primas dela também não fossem suas amigas. Mas tinha tantas que mereciam uma categoria própria.

A porta da carruagem foi aberta.

– Entre – falou ele.

Não *Entre, por favor* ou *Por favor, precisa se secar.* Apenas *Entre*.

Outra moça talvez houvesse jogado os cabelos para o lado e dito: "Você não manda em mim!" Outra ainda, um pouco menos orgulhosa, poderia ter pensado isso, mesmo se não tivesse coragem de falar em voz alta. Mas Honoria estava com frio e valorizava mais o conforto do que o orgulho. Além do mais, aquele era Marcus Holroyd e ela o conhecia desde pequena.

Desde os 6 anos, para ser mais precisa.

Aquela também fora provavelmente a última vez que conseguira se mostrar em vantagem, pensou Honoria, fazendo uma careta. Aos 7 anos, ela atormentara tanto Marcus e o irmão, Daniel, que os dois começaram a chamá-la de "Mosquito". Quando ela alegou receber aquilo como um elogio, que adorava o som exótico e perigoso do apelido, eles deram uma risadinha debochada e passaram a chamá-la de "Carrapato".

E Carrapato ela fora desde então.

Marcus também já a vira mais molhada do que aquilo. Aliás, encharcada. Quando Honoria tinha 8 anos e pensara estar bem escondida entre os ramos do velho carvalho em Whipple Hill. Marcus e Daniel haviam construído um forte na base da árvore, onde não era permitida a presença de meninas. Ao descobrirem Honoria, jogaram seixos na garota até ela perder o apoio e cair.

Lembrando-se do episódio, ela se dava conta de que não deveria ter escolhido ficar em cima de um galho que se debruçava sobre o lago.

Porém, Marcus a resgatara, bem mais do que Daniel já fizera por ela.

Marcus Holroyd, pensou Honoria, melancólica. Ele estivera presente ao longo de praticamente toda a vida dela. Antes de ser lorde Chatteris, antes de Daniel se tornar lorde Winstead. Antes de Charlotte, a irmã mais próxima de Honoria em idade, ter se casado e saído de casa.

Antes de Daniel também partir.

– *Honoria*.

Ela ergueu os olhos. A voz de Marcus era impaciente, mas sua expressão mostrava uma ponta de preocupação.

– Entre – repetiu ele.

A moça assentiu e obedeceu. Pegou a mão dele e aceitou sua ajuda para entrar na carruagem.

– Marcus – disse Honoria, tentando se acomodar no assento com toda a graça e despreocupação que exibiria em uma elegante sala de visitas, apesar das poças d'água aos seus pés. – Que surpresa adorável vê-lo.

Ele apenas a encarou, franzindo ligeiramente as sobrancelhas escuras. Honoria sabia que Marcus estava tentando decidir qual era o modo mais eficiente de repreendê-la.

– Estou hospedada na cidade. Com os Royles – explicou ela, embora ele nada houvesse perguntado. – Ficaremos por cinco dias... Cecily Royle, minhas primas Sarah e Iris, e eu. – Honoria aguardou um momento por algum lampejo de reconhecimento nos olhos dele. – Você não se lembra delas, não é?

– Você tem muitas primas – argumentou ele.

– Sarah é a de cabelos cheios e escuros, olhos também.

– Olhos cheios? – murmurou Marcus, abrindo um sorrisinho.

– *Marcus*.

Ele riu.

– Muito bem. Cabelos cheios. Olhos escuros.

– Iris é muito pálida. Cabelos louro-avermelhados? – tentou ela. – Ainda não se lembra.

– Ela vem daquela família de flores.

Honoria se retraiu. *Era* verdade que tio Edward e tia Maria haviam batizado as filhas com nomes de flores: Rose, Marigold, Lavender, Iris e Daisy – rosa, calêndula, lavanda, íris e margarida.

– Sei quem é a Srta. Royle – falou Marcus.

– Ela é sua vizinha. Tem que saber quem é.

Ele apenas deu de ombros.

– De qualquer modo, estamos aqui em Cambridge porque a mãe de Cecily acha que poderíamos usufruir de um aperfeiçoamento.

A boca de Marcus se curvou em um sorriso vagamente zombeteiro.

– Aperfeiçoamento?

Honoria se perguntou por que as mulheres sempre precisavam de *aperfeiçoamento*, enquanto os homens iam para a escola.

– Ela conseguiu convencer dois professores a nos permitirem ouvir suas preleções.

– É mesmo? – Ele pareceu curioso. E reticente.

– A vida e a época da rainha Elizabeth – recitou Honoria com cuidado. – E, depois disso, alguma coisa sobre grego.

– Você fala grego?

– Não, nenhuma de nós – admitiu ela. – Mas o professor foi o único disposto a falar para mulheres. – Honoria revirou os olhos. – Ele pretende fazer as preleções duas vezes seguidas. Devemos esperar dentro de um escritório até os alunos saírem do auditório; caso nos vejam, é possível que percam totalmente a razão.

Marcus assentiu, pensativo.

– É quase impossível para um cavalheiro manter a cabeça nos estudos na presença de tamanho encanto feminino.

Por alguns segundos, Honoria pensou que ele estivesse falando sério e relanceou um olhar severo na direção de Marcus antes de cair na gargalhada.

– Ah, por favor... – disse ela, dando um soquinho de brincadeira no braço dele.

Algumas familiaridades eram sem precedentes em Londres, mas ali, com Marcus.... Afinal, ele era praticamente irmão dela.

– Como está sua mãe? – perguntou Marcus.

– Está bem – respondeu Honoria, embora não fosse verdade. Não totalmente.

Lady Winstead nunca se recuperara por completo do escândalo de Daniel, forçado a deixar o país. Ela alternava entre se dedicar em excesso a minúcias e fingir que o filho nunca existira.

Era... difícil.

– Ela pretende morar em Bath – acrescentou Honoria. – A irmã dela mora lá e acho que as duas se dão bem. Mamãe não gosta de Londres, na verdade.

– Sua mãe? – perguntou Marcus, com certa surpresa.

– Não como costumava gostar. Não desde que Daniel... ah, você sabe.

Marcus cerrou os lábios. Ele sabia.

– Mamãe acha que as pessoas ainda estão falando sobre o que aconteceu – disse Honoria.

– E estão?

Honoria deu de ombros, impotente.

– Não tenho ideia. Acho que não. Ninguém falou comigo diretamente. Além do mais, já se passaram quase três anos. É de imaginar que as pessoas já tenham outros assuntos, não?

– Imagino que todos deveriam ter outros assuntos quando a situação com Daniel aconteceu – comentou Marcus em tom sombrio.

Honoria levantou uma sobrancelha ao perceber a expressão severa dele. Havia mesmo razão para Marcus ter assustado tantas debutantes. As amigas de Honoria, por exemplo, tinham medo dele.

Bem, isso não era inteiramente verdade. Elas só se mostravam assustadas quando estavam na presença de Marcus. O resto do tempo passavam sentadas diante das escrivaninhas desenhando os próprios nomes entrelaçados ao dele – tudo em uma letra rebuscada ridícula –, enfeitados com corações e querubins.

Marcus Holroyd era um ótimo partido.

Não que ele fosse muito bonito, porque não era... não exatamente. Os cabelos tinham uma bela cor escura, os olhos também, mas havia algo em seu rosto que Honoria achava bruto. A testa quadrada, reta demais, os olhos um tanto fundos.

Ainda assim, havia algo nele que prendia a atenção. Uma altivez, um toque blasé, como se Marcus não tivesse paciência para bobagens.

Isso deixava as moças loucas por ele, embora a maior parte delas fosse a bobagem em pessoa.

Sussurravam sobre Marcus como se ele fosse o herói de um romance ou o vilão gótico e misterioso que precisava ser redimido.

Já para Honoria, ele era apenas Marcus, o que não era nada simples, na verdade. Ela odiava a condescendência com que ele a tratava, observando-a com desaprovação. Marcus fazia Honoria voltar no tempo, como se fosse novamente uma criança irritante ou uma adolescente desajeitada.

Ao mesmo tempo, era reconfortante tê-lo por perto. Os caminhos deles já não se cruzavam com a frequência de antes – tudo era diferente agora

que Daniel se fora –, mas quando Honoria entrava em uma sala e Marcus estava lá...

Ela o conhecia.

E, por mais estranho que fosse, isso era bom.

– Pretende ir a Londres para a temporada social? – perguntou Honoria com educação.

– Apenas para parte dela – respondeu ele, a expressão indecifrável. – Tenho assuntos para tratar aqui.

– É claro.

– E você?

Honoria pestanejou, sem entender.

– Pretende ir a Londres para a temporada social? – esclareceu Marcus.

Honoria entreabriu os lábios. Com certeza ele não estava falando sério. Para onde mais ela iria, solteira? Não era como se...

– Você está brincando? – perguntou ela, desconfiada.

– É claro que não.

Mas ele estava sorrindo.

– Isso não é engraçado. Não tenho escolha. Preciso participar da temporada social. Estou desesperada.

– Desesperada – repetiu ele, com uma expressão vaga, bem frequente em seu rosto.

– *Tenho* que encontrar um marido este ano.

Ela sentiu a cabeça balançando para a frente e para trás, embora não estivesse certa do que enfatizava. A situação dela não era muito diferente da situação da maioria das amigas. Não era a única jovem ansiando por casamento. Porém, Honoria não estava procurando um marido apenas para admirar a aliança no dedo ou para se regozijar com seu status de jovem matrona elegante. Queria uma casa que fosse sua. Uma família – grande, barulhenta, que nem sempre se preocupasse em ter modos.

Não aguentava mais o silêncio que se abatera sobre seu lar. Odiava o som dos próprios passos sobre o piso, odiava o fato de, com frequência, serem o único barulho que ouvia por toda a tarde.

Precisava de um marido. Era o único modo.

– Ah, vamos, Honoria... – disse Marcus, e ela não precisou fitar seu rosto para adivinhar-lhe a expressão: cética e condescendente, com apenas um toque de tédio. – Sua vida não pode ser tão terrível assim.

Honoria cerrou os dentes; detestava aquele tom.

– Esqueça tudo o que eu falei – resmungou ela, porque na verdade não valia a pena tentar explicar a situação a ele.

Marcus soltou o ar de uma forma que também pareceu condescendente.

– Será difícil você encontrar um marido aqui.

Honoria bufou, já arrependida de ter levantado o assunto.

– Os estudantes daqui são jovens demais – comentou ele.

– São da minha idade – retrucou ela, caindo direto na armadilha.

Contudo, Marcus não comentou a vitória.

– É por isso que você está em Cambridge, não é? Para socializar com esses estudantes que ainda não foram para Londres.

Honoria continuou olhando para a frente com determinação quando respondeu:

– Eu já disse que estamos aqui para assistir às preleções.

Ele assentiu.

– Sobre grego.

– *Marcus*.

Ele sorriu. Só que não foi exatamente um sorriso. Marcus era sempre tão sério, tão rígido, que, em qualquer outra pessoa, aquele seria apenas um meio sorriso seco. Honoria imaginou com que frequência ele sorria sem que ninguém percebesse. Marcus tinha sorte por ela conhecê-lo tão bem; outros o considerariam desprovido de humor.

– Por que isso? – perguntou ele.

Ela se surpreendeu com a pergunta. Virou-se para encará-lo.

– Por que o quê?

– Você revirou os olhos.

– Revirei?

Sinceramente, Honoria não tinha ideia se fizera isso ou não. Mas por que ele a encarava com tanta atenção? Pelo amor de Deus, aquele era *Marcus*. Honoria olhou pela janela.

– Acha que a chuva deu uma trégua?

– Não – respondeu Marcus, sem sequer mover a cabeça para conferir.

De fato ele não precisava mesmo olhar: fora uma pergunta tola, com a única intenção de mudar de assunto. A chuva ainda atingia a carruagem sem piedade.

– Devo deixá-la nos Royles? – perguntou ele educadamente.

– Não, obrigada.

Honoria esticou um pouco o pescoço, tentando ver, através do vidro e da tempestade, uma mínima parte que fosse da vitrine da Srta. Pilaster. Não conseguiu enxergar nada, mas foi uma boa desculpa para não encarar Marcus, por isso exagerou na tentativa.

– Vou me juntar às minhas amigas em um instante.

– Está com fome? – perguntou Marcus. – Parei mais cedo na Flindle's e tenho alguns bolos embalados para levar para casa.

Os olhos dela brilharam.

– Bolos?

Ela não apenas disse a palavra: soltou-a em um suspiro. Ou talvez em um gemido. Mas não se importou. Marcus sabia que doces eram o ponto fraco dela, assim como o dele. Daniel nunca fora particularmente fã de sobremesas e, mais de uma vez, quando crianças, Honoria e Marcus haviam se debruçado juntos sobre um prato de bolos e biscoitos.

Daniel dizia que os dois pareciam selvagens, o que fazia Marcus rir loucamente. Honoria nunca entendeu o porquê.

Marcus pegou algo em uma caixa aos seus pés.

– Ainda ama chocolate?

– Eternamente.

Ela se pegou sorrindo com camaradagem. E talvez em ansiedade também.

Marcus começou a rir.

– Lembra-se daquela torta que a cozinheira fez...

– A que o cachorro comeu?

– Quase chorei.

Ela fez uma careta.

– Acho que eu realmente chorei.

– Cheguei a dar uma mordida.

– Eu não dei nenhuma – replicou Honoria, ainda ansiando pelo doce perdido. – Mas o aroma era divino.

– Ah, isso era. – Parecia que a lembrança o capturara. – Era mesmo.

– Sabe, sempre achei que Daniel tivesse alguma coisa a ver com o fato de Buttercup ter entrado na casa.

– Com certeza ele teve alguma coisa a ver. A expressão dele...

– Espero que você tenha acertado as contas.

– A vida de Daniel ficou por um fio naquele dia – assegurou Marcus.

Ela sorriu, então perguntou:

– Não está falando sério, não é?

Ele retribuiu o sorriso.

– Não.

Marcus riu da lembrança e estendeu um pequeno pedaço de bolo de chocolate, adorável e marrom em cima do papel branco encerado. Tinha um aroma paradisíaco. Honoria inspirou fundo, feliz, e sorriu.

Então, ergueu os olhos para Marcus e sorriu de novo. Por um momento, sentira-se ela mesma outra vez, como a moça que fora apenas alguns anos antes, quando o mundo se estendia à sua frente, uma esfera cintilante repleta de promessas. Nem se dera conta de que sentia falta daquela sensação de pertencimento, de estar no lugar certo, com alguém que a conhecia plenamente e, ainda assim, achava que valia a pena rir com ela.

Era estranho que fosse Marcus a fazê-la sentir-se daquela forma.

E, por vários motivos, também não era nada estranho.

Honoria pegou o bolo da mão dele e encarou o doce, sem saber como iria comê-lo.

– Lamento, mas não tenho nenhum tipo de talher – comentou Marcus, em tom de desculpas.

– Posso acabar fazendo uma sujeira e tanto – falou ela, esperando que ele percebesse que o que realmente estava dizendo era *Por favor, diga-me que não se importa se eu espalhar farelos de bolo por toda a sua carruagem*.

– Terei que comer um também. Para que não se sinta só.

Ela tentou não sorrir.

– Que generosidade da sua parte...

– Estou certo de que é meu dever como cavalheiro.

– Comer o bolo?

– É um dos meus deveres cavalheirescos mais agradáveis.

Honoria riu e deu uma mordida.

– Meu Deus...

– Bom?

– Maravilhoso.

Ela deu mais uma mordida.

– Na verdade, *mais* do que maravilhoso.

Marcus sorriu e comeu o próprio bolo, devorando metade dele em uma única mordida. Então, enquanto Honoria o observava com certa surpresa,

ele colocou a outra metade na boca e a devorou.

Não era um bolo muito grande, mas ainda assim... Honoria deu uma mordidinha no próprio pedaço, tentando fazê-lo durar mais.

– Você sempre fez isso – comentou Marcus.

Honoria levantou os olhos.

– O quê?

– Comer a sobremesa devagar, apenas para torturar os outros.

– Gosto de fazê-la render. – Honoria arqueou a sobrancelha para ele e deu de ombros. – Se você se sente torturado, o problema é seu.

– Desalmada – murmurou ele.

– Com você, sempre.

Ele deu uma risadinha de novo e Honoria ficou impressionada ao se dar conta de quanto Marcus era diferente no âmbito privado. Era quase como se ela tivesse de volta o velho Marcus, o rapaz que praticamente morava em Whipple Hill. Ele de fato se tornara membro da família, chegando até a se juntar a eles em suas terríveis pantomimas familiares. Marcus fizera o papel de árvore todas as vezes e, por algum motivo, isso sempre divertira Honoria.

Ela gostava daquele Marcus. Na verdade, tinha *adorado* aquele Marcus.

Mas ele se fora nos anos mais recentes, sendo substituído pelo homem silencioso, de olhar severo, que o resto do mundo conhecia como lorde Chatteris. Era uma situação triste, na verdade. Para ela e, provavelmente, ainda mais para ele.

Honoria terminou de comer o bolo, tentando ignorar a expressão divertida de Marcus. Então aceitou o lenço dele para limpar os farelos das mãos.

– Obrigada – agradeceu, devolvendo-o.

Ele meneou a cabeça.

– Quando você...

Marcus foi interrompido por uma batida forte na janela.

Honoria olhou além de Marcus para ver quem estava batendo.

– Perdão, senhor – desculpou-se um criado em um libré familiar. – Será lady Honoria quem o acompanha?

– Sim.

Honoria se inclinou para a frente.

– Esse é... ahn... – Muito bem, não sabia o nome do homem, mas ele acompanhara o grupo de moças durante o dia de compras. – É um dos criados dos Royles.

Honoria deu a Marcus um sorriso rápido e constrangido antes de se levantar e logo se abaixar para sair da carruagem.

– Preciso ir. Minhas amigas estão esperando por mim.

– Eu a visitarei amanhã.

– *O quê?*

Ela estacou onde estava, encurvada como uma velha.

Marcus ergueu uma das sobrancelhas em uma despedida zombeteira.

– Com certeza sua anfitriã não se importará.

A Sra. Royle iria se importar com um conde solteiro, que ainda não tinha 30 anos, visitando Honoria na casa dela? Honoria teria que impedir a mulher de organizar uma festa.

– Estou certa de que será um prazer para ela – conseguiu dizer.

– Ótimo.

Marcus pigarreou.

– Faz tempo que não nos vemos – completou.

Honoria o encarou, pasma. Nunca imaginava que Marcus houvesse dirigido um único pensamento a ela quando os dois não estavam em Londres, indo de um evento a outro durante a temporada social.

– Fico feliz por você estar bem – comentou ele abruptamente.

Honoria não saberia explicar por que ficou tão espantada com aquela declaração. Mas ficou.

Realmente ficou.

Marcus observou o criado dos Royles acompanhar Honoria até a loja, do outro lado da rua. Então, quando teve certeza de que ela estava em segurança, bateu três vezes na lateral da carruagem, sinalizando ao cocheiro para que seguissem em frente.

Surpreendeu-se por vê-la em Cambridge. Não ficara atento a Honoria quando não estava em Londres, mas, por algum motivo, achara que saberia se ela fosse passar algum tempo tão perto da casa dele.

Deveria começar a fazer planos para ir a Londres para a temporada social. Não mentira para Honoria quando dissera que tinha negócios a

tratar ali, embora provavelmente tivesse sido mais exato falar que preferia permanecer no campo. Não havia nada que exigisse a presença dele em Cambridgeshire, mas muitas coisas seriam facilitadas por isso.

Para não mencionar que detestava a temporada social. Detestava. Mas se Honoria estava determinada a conseguir um marido, então ele iria a Londres para se certificar de que ela não cometesse erros desastrosos.

Afinal, fizera um juramento.

Daniel Smythe-Smith fora seu amigo mais próximo. Não, seu único amigo, seu único amigo *de verdade*.

Milhares de conhecidos e um único amigo de verdade.

Aquela era a vida dele.

Só que Daniel se fora, estava em algum lugar da Itália, se o que relatara em sua última carta ainda valia. E não era provável que voltasse, não enquanto o marquês de Ramsgate vivesse, inclinado como estava à vingança.

Que erro terrível fora a coisa toda. Marcus dissera a Daniel para não jogar cartas com Hugh Prentice. Mas não, Daniel apenas rira, determinado a tentar a sorte. Prentice sempre ganhava. Sempre. Ele era brilhante, todos sabiam disso. Matemática, física, história... Prentice acabava ensinando aos mestres da universidade. O homem não trapaceava no carteado, apenas ganhava todas as vezes porque tinha uma memória fantástica e uma mente que via o mundo em padrões e equações.

Ao menos fora o que o próprio Prentice contara a Marcus quando os dois estudaram juntos em Eton. A verdade era que Marcus ainda não entendia bem do que o colega falava, sendo que fora o segundo melhor aluno em matemática. Mas perto de Hugh... Ora, não havia comparação.

Ninguém em sã consciência jogava cartas com Hugh Prentice, mas Daniel não estava em sã consciência naquele dia: um pouco bêbado, um pouco eufórico com alguma garota que levara para a cama. Assim, sentara-se diante de Hugh e jogara com ele.

E vencera.

Nem mesmo Marcus conseguira acreditar.

Não que tivesse achado que Daniel trapaceara. Ninguém o considerava um trapaceiro. Todos gostavam dele. Todos confiavam nele. No entanto, ninguém jamais vencera Hugh Prentice.

Só que Hugh andara bebendo. E Daniel também. Assim como todos eles. Quando Prentice virara a mesa e acusara o outro de trapacear, a sala

toda se transformara num inferno.

Marcus ainda não conseguia se lembrar exatamente do que fora dito, mas em poucos minutos ficara decidido: Daniel Smythe-Smith encontraria Hugh Prentice ao amanhecer do dia seguinte. Com pistolas.

Com alguma sorte, os dois estariam sóbrios o bastante depois para se dar conta da própria idiotice. Mas não fora o caso.

Hugh atirara primeiro, a bala passara raspando no ombro esquerdo de Daniel. E, enquanto todos ainda arquejavam – o educado a fazer teria sido atirar no ar –, Daniel levantou o braço e atirou em resposta.

E Daniel – maldição, ele sempre tivera uma péssima pontaria – acertara a parte de cima da coxa de Hugh. Fora tanto sangue que Marcus ainda se sentia zonzo só de lembrar. O médico presente gritara. A bala atingira uma artéria, nada mais poderia ter provocado tamanha torrente de sangue. Por três dias, todos se preocuparam tanto com o fato de Hugh estar entre a vida e a morte que ninguém nem pensara muito na perna, que tivera o fêmur estraçalhado.

Hugh sobrevivera, mas não conseguia mais caminhar sem a ajuda de uma bengala. E o pai dele – o terrivelmente poderoso e furioso marquês de Ramsgate – jurara que levaria Daniel à justiça.

Por isso Daniel fugira para a Itália.

Por isso o pedido ofegante, de último minuto, no estilo "prometa-me agora que estamos parados no porto e o navio está prestes a partir": *Olhe por Honoria, por favor? Cuide para que ela não se case com um imbecil.*

É claro que Marcus concordara. O que mais poderia dizer? Mas ele nunca contara a Honoria sobre a promessa. Santo Deus, teria sido um desastre. Já era difícil o bastante ficar atento sem que ela soubesse. Se Honoria desconfiasse de que Marcus estava agindo como *in loco parentis*, teria ficado furiosa. A última coisa de que precisava era que Honoria tentasse atrapalhar sua missão.

O que ela faria. Marcus tinha certeza disso.

Não que Honoria fosse voluntariosa de propósito. Na maior parte do tempo, era uma jovem perfeitamente razoável. Porém, mesmo a mais razoável das mulheres se ressentia de ser controlada.

Assim, Marcus a observava de longe e havia silenciosamente espantado um ou dois pretendentes.

Ou três.

Talvez quatro.

Prometera a Daniel.
E Marcus Holroyd não quebrava suas promessas.

CAPÍTULO 2

— Quando ele virá?

– Não sei – respondeu Honoria, pelo que deveria ser a sétima vez.

Ela sorriu educadamente para as outras jovens damas na sala de visitas verde e cinza dos Royles. O surgimento de Marcus na véspera fora discutido, dissecado, analisado e, por fim, transformado em poesia por lady Sarah Pleinsworth, prima de Honoria e uma de suas amigas mais próximas.

– Ele apareceu quando chovia – declamou Sarah –, tornando o dia uma alegria.

Honoria quase cuspiu o chá.

– Estava lamacenta a via...

Cecily Royle sorriu timidamente por sobre a xícara de chá.

– Já considerou a possibilidade de versos livres?

–... nossa heroína sofria...

– Eu estava com frio.

Iris Smythe-Smith, outra prima de Honoria, levantou os olhos com a expressão sarcástica que era sua marca registrada.

– *Eu* estou sofrendo. Principalmente meus ouvidos.

Honoria lançou um olhar para Iris que dizia "Seja educada", mas a prima apenas deu de ombros.

–... o desespero, ela fingia...

– Isso não é verdade! – protestou Honoria.

–... suas tramas de grande valia...

– Esse poema está degenerando rapidamente – comentou Honoria.

– Estou começando a gostar – disse Cecily.

–... sua existência, uma ruinaria...

Honoria bufou.

– Ah, pelo amor de Deus!

– Acho que ela está fazendo um trabalho admirável – replicou Iris –, dadas as limitações da estrutura em rimas.

Ela olhou para Sarah, que de repente ficara em completo silêncio. Iris inclinou a cabeça para o lado, e o mesmo fizeram Honoria e Sarah.

Os lábios de Sarah estavam entreabertos e sua mão esquerda permanecia estendida com grande drama, mas ela parecia ter ficado sem palavras.

– Que se estendia? – sugeriu Cecily. – Provocava alergia?

– Gritaria? – foi a vez de Iris.

– A qualquer momento, é o que vou fazer – comentou Honoria, com acidez –, se eu ficar presa aqui com vocês por muito mais tempo.

Sarah riu e se deixou cair no sofá.

– O conde de Chatteris... – falou a moça com um suspiro. – Nunca vou perdoá-la por não nos ter apresentado no ano passado – reclamou com Honoria.

– Mas eu apresentei vocês!

– Ora, então deveria ter apresentado duas vezes – retrucou Sarah, em um tom travesso – para marcar bem. Acho que ele não me dirigiu mais do que duas palavras durante toda a temporada.

– Ele mal *me* dirigiu duas palavras.

Sarah inclinou a cabeça, arqueando as sobrancelhas, como se dissesse "É mesmo?".

– Ele não é muito sociável – comentou Honoria.

– Eu o acho belo – opinou Cecily.

– É mesmo? – indagou Sarah. – Eu o acho um tanto taciturno.

– Taciturno é belo – enfatizou Cecily, antes que Honoria pudesse dar sua opinião.

– Estou presa num folhetim barato – declarou Iris para ninguém em particular.

– Você não respondeu minha pergunta – lembrou Sarah. – Quando ele virá?

– Não sei – respondeu Honoria, pelo que devia ser a oitava vez. – Ele não disse.

– Mal-educado – falou Cecily, estendendo a mão para pegar um biscoito.

– É o jeito dele – disse Honoria, encolhendo levemente os ombros.

– É isso que eu acho tão interessante – murmurou Cecily –, que você conheça “o jeito dele”.

– Os dois se conhecem há décadas – comentou Sarah. – Há séculos.

– *Sarah*... – Honoria adorava a prima, de verdade. Quase sempre.

Sarah sorriu timidamente, os olhos escuros brilhando, travessos.

– Ele costumava chamá-la de “Carrapato”.

– Sarah! – Honoria encarou a prima com severidade. Ninguém precisava saber que costumava ser chamada assim por um conde. – Isso foi há muito tempo – acrescentou, com toda a dignidade que conseguiu reunir. – Eu tinha 7 anos.

– E ele?

Honoria pensou por um momento.

– Provavelmente 13.

– Ora, isso explica tudo, então – disse Cecily com um gesto. – Meninos são uns animais.

Honoria assentiu com educação. A amiga tinha sete irmãos mais novos, devia saber do que estava falando.

– No entanto – continuou Cecily, dramática –, que coincidência ele ter deparado com você na rua...

– Que inesperado – concordou Sarah.

– Quase como se ele a estivesse seguindo – acrescentou Cecily, inclinando-se para a frente com os olhos arregalados.

– Ora, isso é pura tolice – rebateu Honoria.

– Bem, é claro – concordou Cecily, voltando ao tom ríspido e profissional. – Isso nunca teria acontecido. Só falei que *pareceu* que ele estava.

– Ele mora perto – argumentou Honoria, gesticulando na direção de nada em particular.

Tinha um senso de direção terrível; não saberia dizer onde ficava o norte mesmo se sua vida dependesse disso. De qualquer modo, não fazia a menor ideia do caminho que se deveria tomar para ir de Cambridge a Fensmore.

– A propriedade dele faz fronteira com a nossa – informou Cecily.

– É mesmo? – perguntou Sarah, muito interessada.

– Ou talvez eu devesse dizer que cerca a nossa – comentou Cecily com uma risadinha. – O homem é dono de metade do norte de Cambridgeshire. Acredito que a propriedade dele toca Bricstan ao norte, ao sul e a oeste.

– E a leste? – quis saber Iris. Para Honoria, acrescentou: – Essa é a próxima pergunta lógica a ser feita.

Cecily pareceu confusa por um momento enquanto pensava a respeito.

– Nessa direção você provavelmente acabaria dando nas terras dele também. É possível abrir caminho por uma estradinha a sudeste. Mas então você acabaria chegando à casa paroquial, portanto de que adiantaria?

– É assim tão distante? – perguntou Sarah.

– Bricstan?

– Não – retrucou Sarah, agora bastante impaciente. – Fensmore.

– Ah. Não, na verdade, não. Ficamos a pouco mais de 30 quilômetros de distância, logo ele deve ficar apenas um pouco mais distante. – Cecily hesitou por um instante, pensando. – E acredito que o conde também mantenha uma casa aqui na cidade. Não tenho certeza.

Os Royles eram cidadãos afeitos à região inglesa da Ânglia Oriental: mantinham uma casa no centro da cidade de Cambridge e uma casa de campo um pouco mais ao norte. Quando iam a Londres, alugavam uma casa lá.

– Deveríamos ir lá – disse Sarah de repente. – Este fim de semana.

– Ir para onde? – perguntou Iris.

– Para o campo? – quis saber Cecily.

– Sim – respondeu Sarah, elevando a voz por conta da animação. – Nossa visita seria estendida por apenas alguns dias e com certeza nossas famílias não fariam qualquer objeção.

Ela se virou ligeiramente, dirigindo-se para Cecily:

– Sua mãe poderia receber um grupo por alguns dias. Podemos convidar alguns universitários. Com certeza eles ficariam gratos por terem um refresco da vida acadêmica.

– Ouvi dizer que a comida na universidade é muito ruim – comentou Iris.

– É uma ideia interessante – murmurou Cecily, pensativa.

– É uma ideia espetacular – falou Sarah com firmeza. – Vá perguntar a sua mãe. Agora, antes que lorde Chatteris chegue.

Honoria arquejou.

– Vocês não planejam *convidá-lo*, certo?

Fora adorável ver Marcus na véspera, mas a última coisa que Honoria desejava era passar alguns dias na companhia dele. Se ele comparecesse, ela poderia abandonar qualquer esperança de atrair a atenção de um jovem

cavalheiro. Marcus tinha um modo todo especial de olhá-la com severidade quando desaprovava seu comportamento. E os olhares dele assustavam qualquer ser humano nas proximidades.

Nunca passara pela mente de Honoria que a desaprovação dele talvez não fosse dirigida ao comportamento dela.

– É claro que não – respondeu Sarah, virando-se para Honoria com uma expressão de impaciência. – Por que ele passaria os dias lá se pode dormir na própria cama, um pouco adiante? Mas ele desejará nos visitar, não é mesmo? Talvez aparecer para o jantar ou para uma caçada.

Honoria acreditava que, se Marcus se visse preso por uma tarde inteira com aquelas mulheres tagarelas, provavelmente começaria a atirar *nelas*.

– É perfeito – insistiu Sarah. – É bem provável que os cavalheiros mais jovens aceitem o nosso convite se souberem que lorde Chatteris estará lá. Vão querer causar uma boa impressão. Ele é muito influente.

– Achei que você não ia convidá-lo – apontou Honoria.

– Não vou. Quero dizer... – Ela gesticulou na direção de Cecily que, afinal, era a filha de quem faria o convite. – *Nós* não vamos. Mas podemos comentar que é provável que ele apareça.

– Ele apreciará isso, tenho certeza – comentou Honoria, seca, apesar de ninguém estar ouvindo-a.

– Quem convidaremos? – perguntou Sarah. – Devem ser quatro cavalheiros.

– As mulheres serão minoria quando lorde Chatteris estiver por lá – lembrou Cecily.

– Melhor para nós – disse Sarah com firmeza. – E não podemos convidar apenas três cavalheiros e acabar tendo damas de mais quando lorde Chatteris não estiver.

Honoria suspirou. A prima era a tenacidade em pessoa; não havia como argumentar quando Sarah estava determinada a fazer alguma coisa.

– É melhor eu ir falar com a minha mãe – falou Cecily, levantando-se. – Precisamos começar a trabalhar nisso imediatamente.

Ela saiu da sala em um ruge-ruge dramático de musselina rosa.

Honoria olhou para Iris, que com certeza se daria conta da maluquice que estava prestes a ser colocada em prática. Entretanto, a prima apenas deu de ombros.

– É uma boa ideia.

– Foi para isso que viemos a Cambridge – lembrou Sarah às outras. – Para conhecer cavalheiros.

A prima tinha razão. A Sra. Royle gostava de falar sobre expor jovens damas à cultura e à educação, mas todos sabiam a verdade: elas haviam ido a Cambridge por razões puramente sociais. Quando a Sra. Royle levara a ideia à mãe de Honoria, lamentara que tantos jovens cavalheiros ainda estivessem em Oxford ou Cambridge no começo da temporada social, e não em Londres, onde deveriam estar, cortejando damas. A Sra. Royle havia planejado um jantar para a noite seguinte, mas um grupo de jovens na casa de campo seria ainda mais eficaz.

Nada como prender os cavalheiros onde não poderiam fugir.

Honoria supunha que precisaria escrever uma carta para a mãe, informando que ficaria em Cambridge por mais alguns dias. Tinha um mau pressentimento sobre usar Marcus como chamariz para que outros cavalheiros aceitassem o convite, mas sabia que não poderia perder uma oportunidade daquelas. Os estudantes universitários eram jovens, quase da mesma idade das quatro damas, mas Honoria não se importava. Mesmo se nenhum deles estivesse pronto para o casamento, com certeza alguns teriam irmãos mais velhos, certo? Ou primos. Ou amigos.

Ela suspirou. Odiava o modo como tudo aquilo parecia calculista, porém o que mais poderia fazer?

– Gregory Bridgerton – anunciou Sarah, os olhos cintilando em triunfo. – Ele seria perfeito. Muito bem relacionado. Uma de suas irmãs se casou com um duque, e outra, com um conde. *E* ele está no último ano da universidade, portanto talvez logo esteja pronto para se casar.

Honoria levantou os olhos. Encontrara várias vezes com o Sr. Bridgerton, normalmente quando ele era arrastado pela mãe para um dos infames recitais das Smythe-Smiths.

Honoria tentou não se retrair. O recital anual das Smythe-Smiths nunca era um bom momento para conhecer um cavalheiro, a menos que ele fosse surdo. Havia certa discussão na família sobre quem, exatamente, começara a tradição, mas em 1807 quatro primas tinham assumido o palco e estraçalhado uma peça musical inocente. Por que elas (ou melhor, as mães delas) acharam que seria uma boa ideia repetir o massacre no ano seguinte, Honoria jamais saberia, mas foi o que aconteceu. E no outro ano. E no outro.

Ficava subentendido que todas as filhas Smythe-Smiths deviam aprender a tocar um instrumento para que, quando fosse a vez delas, se juntassem ao quarteto. Uma vez lá, permaneceriam até encontrar um marido. Aquele era, Honoria pensara mais de uma vez, um argumento tão bom quanto qualquer outro para que alguém se casasse cedo.

O estranho era que a maior parte da família parecia não perceber quanto todas eram *terríveis*. A prima, Viola, havia se apresentado com o quarteto por seis anos e ainda falava com saudades de seus dias como membro. Honoria quase tinha esperado que Viola deixasse o noivo no altar quando se casara, seis meses antes, para que pudesse manter sua posição de primeira violinista.

Impressionante.

Honoria e Sarah haviam sido forçadas a assumir seus lugares no ano anterior, uma no violino, a outra no piano. A pobre Sarah ainda estava traumatizada com a experiência. Ela, na verdade, tinha uma veia musical e tocara sua parte corretamente. Ou foi o que disseram a Honoria – era difícil ouvir qualquer coisa acima do som dos violinos. Ou das pessoas que arquejavam na plateia.

Sarah jurara que nunca mais tocaria com as primas. Honoria apenas dera de ombros, não se importava com o recital... não muito, pelo menos. Ela achava a situação toda um tanto divertida. Além disso, não havia nada que pudesse fazer a respeito. Era uma tradição de família e nada importava mais a Honoria do que a família, nada.

Contudo, agora precisava levar a sério a caçada por um marido, portanto teria que encontrar um cavalheiro sem o menor ouvido musical. Ou com um fantástico senso de humor.

Gregory Bridgerton parecia ser um excelente candidato. Honoria não sabia se ele era afinado, mas o caminho dos dois se cruzara dois dias antes, quando as quatro damas foram tomar chá no centro da cidade. Ela ficara impressionada na mesma hora com o belo sorriso dele.

Gostava de Gregory Bridgerton. Era um cavalheiro extremamente simpático e sociável e, por algum motivo, fazia com que ela se lembrasse da própria família, o modo como costumavam ser, todos juntos em Whipple Hill, barulhentos, impetuosos, sempre rindo.

Provavelmente ele era assim porque vinha de uma família grande – o segundo filho mais novo de um total de oito. Honoria era a mais nova de seis, portanto os dois com certeza teriam muito em comum.

Gregory Bridgerton. Hummm. Ela não sabia por que não pensara nele antes.

Honoria Bridgerton.

Winifred Bridgerton. (Honoria sempre quisera batizar uma filha de Winifred, assim lhe pareceu prudente testar o som do nome também.)

Sr. Gregory e lady Honor...

– Honoria? Honoria!

Ela despertou de seus devaneios. Sarah a encarava com visível irritação.

– Gregory Bridgerton? Sua opinião?

– Ahn, acho que ele seria uma excelente escolha – respondeu Honoria, do modo menos comprometedor possível.

– Quem mais? – perguntou Sarah, ficando de pé. – Talvez eu devesse fazer uma lista.

– De quatro nomes? – Honoria não pôde deixar de perguntar.

– Você é terrivelmente determinada – murmurou Iris.

– Tenho que ser – retrucou Sarah, os olhos cintilando.

– Acha mesmo que vai encontrar um homem e se casar com ele nas próximas duas semanas? – questionou Honoria.

– Não sei do que estão falando – disse Sarah, em uma voz contida.

Honoria relanceou o olhar na direção da porta aberta para se certificar de que ninguém se aproximava.

– Agora estamos só nos três aqui, Sarah.

– Quem está noiva precisa participar do recital? – perguntou Iris.

– Precisa – respondeu Honoria.

– Não – disse Sarah com firmeza.

– Ah, precisa, sim – enfatizou Honoria.

Iris suspirou.

– Não reclame – falou Sarah, virando-se para Iris com os olhos semicerrados. – Você não teve que tocar no ano passado.

– E serei eternamente grata por isso – afirmou Iris.

Ela deveria se juntar ao quarteto naquele ano, no violoncelo.

– Você quer tanto encontrar um marido quanto eu – Sarah se dirigiu a Honoria.

– Não nas próximas duas semanas! – exclamou Honoria, mas acrescentou com um pouco mais de decoro: – E não apenas para deixar de tocar no recital.

– Não estou dizendo que me casaria com alguém terrível – falou Sarah, fungando. – Mas se lorde Chatteris, por um acaso, se apaixonasse perdidamente por mim...

– Isso não acontecerá – declarou Honoria com sinceridade. Então, percebendo quanto havia soado cruel, emendou: – Ele não vai se apaixonar por ninguém. Acredite.

– O amor funciona de maneiras misteriosas – replicou Sarah.

No entanto, parecia mais esperançosa do que segura de si.

– Mesmo se Marcus se apaixonasse por você... o que não vai acontecer, não que isso seja pessoal de algum modo, pois ele não é do tipo que se apaixona rapidamente por alguém...

Honoria fez uma pausa, tentando lembrar como começara a frase, porque estava quase certa de que não a completara.

Sarah cruzou os braços.

– Haveria algum objetivo escondido sob os seus insultos?

Honoria revirou os olhos.

– Mesmo se Marcus se apaixonasse por alguém, isso não aconteceria de um jeito normal.

– E o amor em algum momento é normal? – indagou Iris.

A declaração foi filosófica o bastante para mergulhar a sala em silêncio. Mas só por um momento.

– Marcus jamais se casaria às pressas – continuou Honoria, voltando-se para Sarah. – Ele odeia chamar atenção. Odeia – enfatizou, porque sinceramente valia a pena repetir. – Ele não vai livrá-la do recital, isso com certeza.

Por alguns segundos, Sarah permaneceu imóvel e muito rígida, então suspirou e os ombros se curvaram.

– Talvez Gregory Bridgerton... – comentou, desanimada. – Ele parece ser romântico.

– O bastante para fugir para casar? – perguntou Iris.

– Ninguém aqui vai fugir! – exclamou Honoria. – E todas vocês vão tocar no recital mês que vem.

Sarah e Iris a encararam com expressões idênticas – de indignação e, sobretudo, surpresa. Com uma saudável dose de apreensão.

– Ora, vão mesmo – resmungou Honoria. – Todas nós vamos. É nosso dever.

– Nosso dever... – repetiu Sarah. – Tocar terrivelmente?

Honoria a encarou.

– Sim.

Iris caiu na gargalhada.

– Não tem graça – disse Sarah.

Iris enxugou os olhos.

– Tem, sim.

– Perderá toda a graça depois que você tocar – alertou Sarah.

– É por isso que devo rir agora – retrucou Iris.

– Ainda acho que devemos reunir um grupo para passar alguns dias no campo.

– Concordo – interveio Honoria.

Sarah a encarou com desconfiança.

– Só acho que seria ambicioso pensar nisso como um meio para não tocar no recital – acrescentou Honoria.

Mais tolo do que ambicioso, porém *isso* ela não diria.

Sarah sentou-se a uma escrivaninha próxima e pegou uma caneta.

– Concordamos com o nome do Sr. Bridgerton, então?

Honoria olhou para Iris. As duas assentiram.

– Quem mais? – perguntou Sarah.

– Não acha que devemos esperar por Cecily? – questionou Iris.

– Neville Berbrooke! – exclamou Sarah. – Ele e o Sr. Bridgerton são aparentados.

– São? – indagou Honoria.

Ela sabia muito sobre a família Bridgerton, todos sabiam, mas achava que nunca haviam se casado com nenhum Berbrooke.

– A irmã da esposa do irmão do Sr. Bridgerton é casada com o irmão do Sr. Berbrooke.

Aquele era o tipo de declaração que implorava por um comentário sarcástico, mas Honoria estava tão pasma com a velocidade com que Sarah passara a informação que não fez nada além de piscar, confusa.

Iris, no entanto, não estava nem um pouco impressionada.

– E isso os torna então... conhecidos eventuais?

– Primos – retrucou Sarah, relanceando um olhar irritado para Iris. – Cunhados.

– De terceiro grau? – murmurou Iris.

Sarah se virou para Honoria.

– Faça-a parar.

Honoria caiu na gargalhada. Iris também, e enfim Sarah sucumbiu às risadas. Honoria se levantou e deu um abraço impulsivo em Sarah.

– Tudo vai ficar bem, você vai ver.

Sarah sorriu envergonhada e começou a dizer algo, mas, bem nesse momento, Cecily voltou à sala, com a mãe em seus calcanhares.

– Ela adorou a ideia! – anunciou a jovem.

– É verdade – confirmou a Sra. Royle.

Ela atravessou a sala e sentou-se diante da escrivaninha enquanto Sarah rapidamente se afastava para lhe dar lugar.

Honoria observou a mulher com interesse. A Sra. Royle era tão *mediana*... altura mediana, compleição mediana, cabelos e olhos castanhos medianos. Até o vestido dela era de um tom mediano de roxo, com um babado de tamanho também mediano circundando o colo.

Porém, não havia nada de mediano na expressão dela naquele momento. A mãe de Cecily parecia prestes a comandar um exército e estava claro que não faria prisioneiros.

– É brilhante – comentou a Sra. Royle, franzindo ligeiramente a testa, enquanto procurava algo na escrivaninha. – Não sei por que não pensei nisso antes. Vamos ter que trabalhar depressa, é claro. Mandaremos alguém a Londres esta tarde, para avisar aos seus pais que você ficará mais tempo aqui. – Ela se virou para Honoria. – Segundo Cecily, você pode garantir que lorde Chatteris aparecerá.

– *Não* – respondeu Honoria, alarmada. – Posso tentar, é claro, mas...

– Tente com determinação – interrompeu a Sra. Royle bruscamente. – Esse será seu trabalho enquanto nós planejamos o evento. A propósito, quando ele virá?

– Não faço ideia – retrucou Honoria, pelo que deveria ser... ah, não importava quantas vezes já havia respondido aquela pergunta. – Ele não disse.

– Acha que ele esqueceu?

– Ele não é do tipo que esquece – comentou Honoria.

– Não, ele realmente não parece ser – murmurou a Sra. Royle. – Ainda assim, não se deve contar que um homem seja tão devotado à mecânica de cortejar uma dama quanto uma mulher.

O alarme que vinha crescendo dentro de Honoria explodiu em um pânico absoluto. Santo Deus, se a Sra. Royle estivesse pensando em juntá-la a *Marcus*...

– Ele não está me cortejando – disse às pressas.

A Sra. Royle lhe dirigiu um olhar expressivo.

– Não está, juro.

A Sra. Royle se virou para encarar Sarah, que imediatamente se empertigou.

– Parece mesmo improvável – avaliou Sarah, já que ficara claro que a Sra. Royle queria que ela opinasse. – Eles são quase irmãos.

– É verdade – confirmou Honoria. – Ele e meu irmão eram grandes amigos. O melhor amigo um do outro.

A sala ficou em silêncio à menção de Daniel. Honoria não estava certa se o motivo era respeito, constrangimento ou tristeza por um cavalheiro perfeitamente adequado estar perdido para a atual leva de debutantes.

– Bem – voltou a falar a Sra. Royle, prática –, faça o melhor possível. É tudo o que podemos lhe pedir.

– Oh! – gritou Cecily, afastando-se da janela. – Acho que ele está aqui!

Sarah se levantou de um pulo e começou a alisar a saia já sem nenhum amassado.

– Tem certeza?

– Ah, sim. – Cecily praticamente suspirou de prazer. – Nossa, mas é mesmo uma bela carruagem.

Todas permaneceram imóveis, esperando a visita. Honoria teve a impressão de que a Sra. Royle estava até prendendo a respiração.

– Vamos nos sentir umas tolas se não for ele – sussurrou Iris no ouvido dela.

Honoria conteve uma risada e cutucou a prima com o pé.

Iris apenas sorriu.

No silêncio, foi fácil ouvir a batida à porta, seguida por um leve ranger quando o mordomo a abriu.

– Ajeite a postura – sibilou a Sra. Royle para Cecily. Então, como se percebesse só depois, acrescentou: – Vocês também.

Porém, quando o mordomo apareceu à porta, estava sozinho.

– Lorde Chatteris manda pedir desculpas – anunciou o homem.

Todas murcharam, inclusive a Sra. Royle. O ar pareceu escapar delas como de um balão espetado por um alfinete.

– Ele mandou uma carta – avisou o mordomo.

A Sra. Royle estendeu a mão, mas o empregado disse:

– Está endereçada a lady Honoria.

Honoria se empertigou e, ciente de todos os olhares concentrados nela, se esforçou um pouco mais para disfarçar o alívio que com certeza transparecia em seu rosto.

– Ahn, obrigada.

Ela pegou o papel das mãos do mordomo.

– O que diz? – perguntou Sarah, antes mesmo de Honoria quebrar o lacre.

– Só um instante – murmurou Honoria, dando alguns passos na direção da janela para poder ler a carta de Marcus com certa privacidade. – Na verdade, não é nada – respondeu por fim, depois de ler as três frases curtas. – Houve uma emergência na casa dele e Marcus não poderá nos visitar esta tarde.

– É tudo o que ele diz? – quis saber a Sra. Royle.

– Ele não é de dar longas explicações.

– Homens poderosos não explicam seus atos – afirmou Cecily de modo dramático.

Houve um momento de silêncio enquanto elas digeriam a informação. Então, Honoria falou em uma voz propositalmente animada:

– Ele deseja uma ótima tarde a todas.

– Não tanto a ponto de nos honrar com sua presença – murmurou a Sra. Royle.

A pergunta óbvia em relação aos dias no campo pairava no ar. As jovens damas se entreolhavam, indagando-se silenciosamente quem seria a primeira a falar. Por fim, todos os olhares pousaram em Cecily. Só podia ser ela. Teria sido rude partir de qualquer outra.

– O que devemos fazer com relação ao evento em Bricstan? – perguntou Cecily.

Contudo, a mãe estava perdida em pensamentos, os olhos semicerrados, os lábios comprimidos. Cecily pigarreou e chamou, um pouco mais alto:

– Mamãe?

– Ainda é uma boa ideia – respondeu a Sra. Royle de repente.

A voz saiu alta e determinada e Honoria quase sentiu as sílabas ecoarem em seus ouvidos.

– Então ainda devemos convidar os universitários? – quis saber Cecily.

– Eu havia pensado em Gregory Bridgerton – comentou Sarah, tentando ajudar – e Neville Berbrooke.

– Boas escolhas – concordou a Sra. Royle, atravessando a sala até a escrivaninha. – São de boa família, os dois. – Ela pegou vários papéis cor de creme e contou-os. – Preciso escrever os convites imediatamente – falou, quando já tinha o número correto de folhas. Ela se virou para Honoria, o braço estendido, com um dos papéis na mão. – A não ser por este.

– Perdão? – disse Honoria, embora soubesse qual era a intenção da Sra. Royle. Só não queria aceitar a verdade.

– Convide lorde Chatteris. Exatamente como havíamos planejado. Não para se hospedar por todos os dias, apenas para uma tarde. Sábado ou domingo, o que ele preferir.

– Tem certeza de que o convite não deveria partir da senhora? – perguntou Cecily à mãe.

– Não, é melhor que seja enviado por lady Honoria – declarou a Sra. Royle. – Ele terá mais dificuldade para declinar do convite se for enviado por uma amiga da família, tão próxima. – A mulher deu outro passo à frente, até Honoria não ter outra escolha senão pegar o papel. – Somos bons vizinhos, é claro – acrescentou a Sra. Royle. – Não ache que não somos.

– É claro – murmurou Honoria.

Não havia mais nada que pudesse dizer. E, pensou, enquanto baixava os olhos para a folha em sua mão, nada mais que pudesse fazer. Mas então sua sorte virou. A Sra. Royle se sentou à escrivaninha, portanto Honoria precisaria se retirar para o próprio quarto a fim de redigir o convite.

Logo, ninguém além da própria Honoria – e de Marcus, é claro – saberia que o convite na verdade dizia:

Marcus,

A Sra. Royle me pediu para estender a você um convite para ir a Bricstan neste fim de semana. Ela está planejando um final de semana festivo, com as quatro damas que mencionei a você, junto com quatro jovens cavalheiros da universidade. Eu imploro: não aceite. Você se sentiria péssimo e, por consequência, eu me sentiria péssima por assistir à sua infelicidade.

Com afeto, etc., etc.,

Honoria

Outro tipo de cavalheiro encararia um “convite” daquele como um desafio e aceitaria imediatamente. Mas não Marcus – Honoria estava certa disso. Ele podia ser presunçoso e crítico, mas *não* era vingativo. E não iria querer se sentir péssimo apenas para que ela sentisse o mesmo.

Às vezes, Marcus era uma maldição na vida de Honoria, porém, no fundo, tratava-se de uma boa pessoa. E era sensato, também. Logo se daria conta de que a reunião da Sra. Royle era exatamente o tipo de evento que o fazia querer sumir da face da Terra. Honoria sempre se perguntava por que ele ia a Londres para a temporada social, já que sempre parecia tão entediado.

Honoria lacrou ela mesma a carta, desceu e a entregou a um criado para que levasse a Marcus. A Sra. Royle estava ocupada com os preparativos e, assim, prestou pouca atenção em Honoria até a resposta de Marcus chegar, algumas horas mais tarde. Dessa vez, a carta era endereçada à dona da casa.

– O que diz? – perguntou Cecily, ofegante, correndo para o lado da mãe, que abria a carta.

Iris também foi até lá e olhou por cima do ombro da amiga. Honoria ficou para trás e aguardou. Sabia o que a carta diria.

A Sra. Royle rompeu o lacre e desdobrou o papel, os olhos se movendo rapidamente enquanto lia o que estava escrito.

– Ele diz que lamenta não poder comparecer – respondeu em uma voz desanimada.

Cecily e Sarah deixaram escapar lamentos desesperados. A Sra. Royle levantou os olhos para Honoria, que esperou estar fazendo um bom trabalho ao se fingir chocada.

– Eu realmente o convidei. Acho que ele não é do tipo que aprecia esses eventos. Não é uma pessoa das mais sociáveis.

– Ora, isso é bem verdade – resmungou a Sra. Royle. – Não consigo me lembrar de mais de três bailes na última temporada social em que o vi dançando. E com tantas jovens damas sem par. Foi bastante rude.

– Mas ele é um bom dançarino – comentou Cecily.

Todos os olhos se voltaram para a jovem.

– É mesmo – insistiu, parecendo um pouco surpresa por sua declaração ter chamado tanta atenção. – Ele dançou comigo no baile dos Mottrams. – Ela se virou para as outras moças, como se estivesse se justificando. – Somos vizinhos, afinal. Foi apenas por educação.

Honoria assentiu. Marcus era um bom dançarino. Melhor do que ela, com certeza. Honoria nunca conseguira compreender as complexidades do ritmo. Sarah já tentara inúmeras vezes lhe explicar a diferença entre uma valsa e um compasso comum, mas ela nunca conseguira aprender.

– Devemos insistir – disse a Sra. Royle em voz alta, levando uma das mãos ao peito. – Dois dos quatro jovens cavalheiros já aceitaram e estou certa de que receberemos notícias dos outros pela manhã.

Mais tarde, quando Honoria subia para se deitar, a Sra. Royle a puxou de lado e perguntou baixinho:

– Acha que há alguma chance de lorde Chatteris mudar de ideia?

Honoria engoliu em seco.

– Temo que não, madame.

A Sra. Royle balançou a cabeça e estalou a língua.

– É uma pena. Ele realmente teria sido meu trunfo. Bem, boa noite, querida. Bons sonhos.

A mais de 30 quilômetros, sentado sozinho em seu escritório com uma xícara de sidra quente nas mãos, Marcus meditava sobre a recente carta de Honoria. Ele caíra na gargalhada ao lê-la, o que imaginava ter sido a intenção dela. Talvez não a intenção prioritária – que certamente era impedi-lo de comparecer ao evento da Sra. Royle –, mas com certeza Honoria se dera conta de que suas palavras o fariam rir.

Ele baixou os olhos para o papel e sorriu ao reler o que estava escrito. Só mesmo Honoria escreveria um bilhete daqueles, implorando para que ele declinasse do convite que ela havia feito duas frases antes.

Fora bom revê-la. Já fazia muito tempo. Ele não contava as várias vezes em que os caminhos dos dois tinham se cruzado em Londres. Aquelas ocasiões jamais poderiam se assemelhar aos momentos despreocupados que passara com a família dela em Whipple Hill. Em Londres, ou Marcus driblava mães ambiciosas, certas de que suas filhas haviam nascido para ser a próxima lady Chatteris, ou tentava ficar de olho em Honoria. Ou ambos.

Era impressionante que ninguém achasse que ele estava interessado em Honoria, pois passava bastante tempo se metendo discretamente na vida dela. Havia espantado quatro pretendentes no ano anterior: dois eram

caçadores de fortuna, outro tinha um traço de crueldade e o último era um idiota pomposo e velho demais. Sem dúvida Honoria teria recusado o último, mas o cruel disfarçava bem e os caçadores de fortunas eram conhecidos como encantadores – o que ele supunha ser um pré-requisito para a função.

Honoria provavelmente estava interessada em um dos cavalheiros que compareceriam ao evento e não queria Marcus lá para arruinar seus planos. Ele também não desejava comparecer, assim os dois estavam de acordo.

Mas ele precisava saber em quem Honoria estaria interessada. Se fosse alguém que ele não conhecia, precisaria fazer algumas indagações. Não seria difícil obter a lista de convidados; os criados sempre sabiam quem estava a cargo desse tipo de tarefa.

E, se o tempo estivesse bom, talvez ele saísse para cavalgar. Ou para dar uma caminhada. Havia uma trilha do bosque que passava pelos limites entre as propriedades de Fensmore e Bricstan. Não conseguia se lembrar da última vez em que andara por ali – uma irresponsabilidade da sua parte, já que um dono de terras devia conhecer a propriedade nos mínimos detalhes.

Daria uma caminhada, então. Se por acaso esbarrasse com Honoria e seus amigos, conversaria com eles por tempo o bastante para conseguir a informação de que precisava. Poderia evitar participar do evento, mas ainda assim descobrir em quem Honoria estava interessada.

Marcus terminou sua sidra e sorriu. Não conseguia imaginar uma solução mais agradável.

CAPÍTULO 3

No domingo à tarde, Honoria estava convencida de que fizera a escolha certa. Gregory Bridgerton seria o marido ideal. Alguns dias antes, haviam se sentado um ao lado do outro no jantar, na casa dos Royles na cidade, e ele fora absolutamente encantador. Era verdade que não demonstrara qualquer interesse especial por ela, mas também não se mostrara interessado em mais ninguém. Era gentil, cortês e tinha um senso de humor que combinava com o dela.

Honoria achava que, se fizesse o esforço necessário, tinha mais do que uma chance passageira de fisgar a atenção dele. Gregory Bridgerton era um dos filhos mais novos, não, era o caçula, logo as damas que desejavam um título não o considerariam interessante. E ele devia precisar de dinheiro. Sua família era razoavelmente abastada, e era bem provável que lhe garantisse uma renda, porém filhos mais novos sempre necessitavam de dotes.

E isso Honoria tinha. Nada descomunal, mas Daniel lhe revelara a soma antes de deixar o país – e era mais do que respeitável. Ela não entraria em um casamento de mãos vazias.

Só faltava fazer o Sr. Bridgerton perceber que os dois combinavam à perfeição. E Honoria tinha um plano.

Ocorrera a ela naquela manhã, quando estava na igreja. (As damas iam; os cavalheiros de algum modo conseguiam se safar.) Não era um plano muito complicado: só precisaria de um dia ensolarado, de um senso de direção razoável e de uma pá.

A primeira parte já era uma realidade. Quando Honoria entrou na pequena igreja da paróquia, o sol brilhava com intensidade, e provavelmente fora esse tempo que lhe dera a ideia. E o melhor: ainda

estava brilhando quando ela saiu da missa – dados os caprichos do clima inglês, não era algo com que sempre se pudesse contar.

O segundo item seria mais complicado, mas os dois já haviam passeado pelo bosque antes e Honoria tinha quase certeza de que conseguiria encontrar o caminho de novo. Talvez não fosse capaz de diferenciar o norte do sul, mas conseguia seguir uma trilha bem marcada.

Teria que resolver a questão da pá só mais tarde.

Quando as damas voltaram a Bricstan, depois da igreja, foram informadas de que os cavalheiros haviam saído para caçar e que voltariam para um almoço tardio.

– Eles estarão famintos – anunciou a Sra. Royle. – Devemos ajustar nossos preparativos de acordo.

Aparentemente, Honoria foi a única que não percebeu que, ao dizer aquilo, a matriarca estava requisitando uma assistente. Cecily e Sarah se apressaram em ir para o andar de cima escolher os vestidos que usariam à tarde, e Iris reclamou de alguma besteira sobre uma dor de estômago e fugiu. Honoria logo foi arrastada para fazer parte do comitê de duas pessoas da Sra. Royle.

– Eu havia planejado servir tortinhas de carne – começou a mulher mais velha. – É muito fácil servi-las ao ar livre, mas acredito que vamos precisar de outro prato de carne. Acha que eles gostarão de rosbife frio?

– É claro – respondeu Honoria, seguindo a anfitriã até a cozinha. Todos gostavam, não?

– Com mostarda?

Honoria abriu a boca para replicar, mas a Sra. Royle não esperava uma resposta, porque continuou a falar:

– Devemos servir três tipos de carne. E uma conserva.

Honoria demorou-se um instante e, então, quando ficou claro que dessa vez a Sra. Royle *esperava* que ela comentasse, disse:

– Tenho certeza de que será uma delícia.

Não era o exemplo mais vibrante de seus talentos para a conversa, mas, dado o assunto em questão, era o melhor que Honoria poderia fazer.

– Ah! – A Sra. Royle parou e se virou tão de repente que Honoria quase trombou com ela. – Esqueci de avisar Cecily!

– De avisar o quê? – perguntou Honoria, mas a Sra. Royle já estava a seis passos de distância, atravessando o corredor, chamando uma camareira.

Quando voltou, ela explicou:

– É muito importante que ela use azul esta tarde. Ouvi dizer que é a cor favorita de dois dos nossos convidados.

Como ela descobrira isso, Honoria não tinha a menor ideia.

– E combina com os olhos dela – acrescentou a Sra. Royle.

– Cecily tem olhos adoráveis – concordou Honoria.

A Sra. Royle a encarou com uma expressão estranha.

– Você também deveria considerar a possibilidade de usar azul com mais frequência. Fará seus olhos parecerem menos incomuns.

– Gosto dos meus olhos – replicou Honoria com um sorriso.

– Tem uma cor muito particular.

– É um traço de família. Os do meu irmão são assim também.

– Ah, sim, seu irmão... – A Sra. Royle suspirou. – Que pena.

Honoria assentiu. Três anos antes, ela teria ficado ofendida com o comentário, mas era menos impetuosa agora, mais pragmática. Além disso, não deixava de ser verdade: *era* uma pena.

– Esperamos que ele possa retornar algum dia.

A Sra. Royle bufou.

– Só depois que Ramsgate morrer. Eu conheço o marquês desde que ele mal sabia andar e sempre foi teimoso como o diabo.

Honoria ficou surpresa. Não esperava que a Sra. Royle usasse um linguajar tão informal.

– Bem – disse a Sra. Royle com um suspiro –, não há nada que possamos fazer a respeito, por mais que lamentemos. Agora, então, a cozinheira fará tortas individuais para a sobremesa, de morangos e creme de baunilha.

– É uma ideia maravilhosa – comentou Honoria, que àquela altura já percebera que o trabalho dela era concordar com a anfitriã sempre que possível.

– Talvez ela também devesse assar biscoitos – cogitou a Sra. Royle, franzindo a testa. – A cozinheira é bem talentosa, e os cavalheiros estarão muito famintos. Caçar é uma atividade extenuante.

Havia bastante tempo, Honoria achava que o esporte da caça era muito mais extenuante para os pássaros do que para os humanos, mas guardou a opinião para si. No entanto, não pôde evitar indagar:

– Não é interessante que eles tenham ido caçar esta manhã, em vez de ir à igreja?

– Não cabe a mim dizer a jovens cavalheiros como devem conduzir suas vidas – retrucou a Sra. Royle com recato. – Exceto se forem meus filhos. Nesse caso, devem se comportar como eu determinar.

Honoria tentou detectar alguma ironia na declaração, mas não conseguiu, por isso apenas assentiu. Tinha a sensação de que o futuro marido de Cecily seria incluído no grupo do "como eu determinar".

Ela torcia para que o pobre homem – não importava quem viesse a ser – soubesse no que estava se metendo. Daniel uma vez dissera a Honoria que o melhor conselho que já recebera na vida a respeito de casamento viera (sem que ele solicitasse, é claro) de lady Danbury, uma velha matrona aterrorizante que parecia gostar de oferecer conselhos a qualquer um que estivesse disposto a ouvir.

E para alguns poucos que não estivessem dispostos também.

Ao que parecia, Daniel decorara as palavras dela. Segundo a senhora, um homem devia compreender que, quando se casava, estava se unindo à sogra tanto quanto à noiva.

Bem, *quase* tanto. Daniel rira com malícia ao dar seu adendo. Honoria apenas o encarara sem entender, o que o fizera rir ainda mais.

Ele era mesmo um cretino às vezes. Ainda assim, Honoria sentia saudades do irmão.

Na verdade, a Sra. Royle não era má pessoa. Tratava-se apenas de uma mulher determinada e Honoria sabia por experiência própria que mães determinadas podiam ser muito aterrorizantes. A própria mãe de Honoria já fora assim. As irmãs dela contavam histórias de seus tempos como jovens damas solteiras, quando a mãe fora a mais ambiciosa que a aristocracia inglesa já vira. Margaret, Henrietta, Lydia e Charlotte Smythe-Smith haviam se vestido com as melhores roupas, eram sempre vistas nos lugares certos, nas horas certas, e todas tinham feito bons casamentos. Não brilhantes, mas bons. E alcançaram o objetivo em duas temporadas sociais, ou menos.

Honoria, por outro lado, via a terceira temporada surgir à sua frente, e o interesse da mãe em vê-la bem estabelecida era morno, no máximo. Não que ela *não* quisesse que a filha se casasse. A verdade era que simplesmente parecia não se importar muito.

A mãe não se importava muito com nada desde que Daniel deixara o país.

Assim, se a Sra. Royle estava disposta a servir mais doces e a forçar a filha a trocar de vestido baseada em algo que pudesse ter ouvido sobre a cor favorita de alguém, fazia isso por amor, e Honoria jamais a culparia.

– Você é um anjo por estar me ajudando com os preparativos – disse a Sra. Royle, dando um tapinha carinhoso no braço de Honoria. – Qualquer tarefa fica mais fácil com um par de mãos extras, era o que a minha mãe sempre falava.

Honoria achava que apenas estava fornecendo um par extra de ouvidos, mas murmurou um agradecimento e seguiu a Sra. Royle até o jardim, onde a anfitriã desejava supervisionar os preparativos do piquenique.

– Parece que o Sr. Bridgerton está bastante inclinado pela minha Cecily – comentou a Sra. Royle, saindo para o dia já não tão ensolarado. – Não acha?

– Não percebi – respondeu Honoria. Ela *não* percebera, mas... Maldição, *seria verdade?*

– Ah, sim – continuou a Sra. Royle com toda a determinação –, no jantar da noite passada. Ele estava sorrindo largamente.

Honoria pigarreou.

– Ele é o tipo de cavalheiro que sorri bastante.

– Sim, mas sorrindo de uma forma *diferente*.

– Imagino que sim.

Honoria ergueu os olhos para o céu. As nuvens se acumulavam. Mas não parecia que iria chover.

– Sim, eu sei – disse a Sra. Royle, seguindo o olhar de Honoria e interpretando-o de forma errada. – Não está uma manhã tão ensolarada. Espero que o clima permaneça bom para o piquenique.

E por pelo menos duas horas depois dele, esperava Honoria. Tinha planos. Planos que – ela olhou ao redor, afinal estavam no jardim – exigiam uma pá.

– Será uma tragédia se tivermos que ficar dentro de casa – continuou a Sra. Royle. – Nesse caso, dificilmente poderia ser chamado de piquenique.

Honoria aquiesceu, distraída, ainda analisando as nuvens. Havia uma que era um pouco mais cinzenta do que as outras, mas ela estaria se aproximando ou se afastando?

– Bem, suponho que não há nada que eu possa fazer a não ser esperar para ver – concluiu a anfitriã. – E não será um grande problema. Um cavalheiro pode se apaixonar por uma dama dentro ou fora de casa. Se o

Sr. Bridgerton estiver de olho em Cecily, pelo menos ela será capaz de impressioná-lo ao piano.

– Sarah também tem muito talento – comentou Honoria.

A Sra. Royle se deu ao trabalho de parar e se virar.

– É mesmo?

Honoria não ficou surpresa com o espanto da mulher. Sabia que a Sra. Royle havia comparecido ao recital da família no ano anterior.

– De qualquer modo, provavelmente não precisaremos transferir a refeição para dentro de casa – continuou a matriarca antes que Honoria pudesse tecer qualquer comentário. – O céu não parece tão ameaçador. Humpf. Devo admitir que venho esperando que o Sr. Bridgerton mostre interesse em Cecily... Ah, espero que aquela camareira a encontre a tempo de avisá-la para usar o vestido azul; Cecily ficará aborrecida se precisar trocar de roupa... Mas é claro que lorde Chatteris seria ainda mais empolgante.

Alarmada, Honoria se virou para encarar a mulher.

– Mas ele não virá.

– Não, é claro que não, mas lorde Chatteris é nosso vizinho. E, como Cecily comentou outro dia, isso significa que ele dançará com ela em Londres e é preciso aproveitar as oportunidades quando elas aparecem...

– Sim, é claro, mas...

– Ele não concede sua atenção a muitas damas – interrompeu a Sra. Royle com orgulho. – A você, suponho, graças ao longo tempo que se conhecem, e talvez a mais uma ou duas outras. Isso tornará mais fácil para Cecily capturar a atenção dele. Por aqui, lady Honoria – falou ela, gesticulando na direção de uma fileira de arranjos de flores em uma mesa próxima. – Além do mais, nossa propriedade é quase um pedaço das terras dele. Com certeza lorde Chatteris irá querê-la.

Honoria pigarreou, sem saber como responder.

– Não que possamos dar tudo a ele – continuou a Sra. Royle. – Nada disso é transmitido por herança, mas eu poderia, quem sabe, influenciar Georgie a respeito.

– Georgie?

– Meu filho mais velho. – Ela se virou para Honoria com uma expressão avaliadora, então acenou com a mão, descartando a ideia. – Não, você é velha demais para ele. Uma pena.

Honoria decidiu que não teria como responder adequadamente àquele comentário.

– Mas poderíamos acrescentar alguns poucos acres ao dote de Cecily – prosseguiu a Sra. Royle. – Valeria a pena, para ter uma condessa na família.

– Não sei se o conde já está procurando uma esposa – arriscou Honoria.

– Bobagem. Todo homem solteiro está procurando uma esposa. Só que eles nem sempre sabem disso.

Honoria conseguiu dar um sorrisinho.

– Devo me certificar de me lembrar disso.

A Sra. Royle se virou de novo e encarou Honoria com mais atenção.

– Deve mesmo – disse por fim, aparentemente tendo decidido que Honoria não estava zombando dela. – Ah, aqui estamos. O que você acha desses arranjos de flores? A quantidade de açafrão está exagerada?

– Acho que estão lindos – afirmou Honoria, admirando os de lavanda em particular. – Além do mais, ainda estamos no início da primavera. Apenas os açafrões estão desabrochando.

A Sra. Royle deixou escapar um suspiro pesado.

– Acho que sim. Mas eu os considero tão comuns...

Honoria sorriu, sonhadora, e correu os dedos pelas pétalas. Algo nos açafrões fez com que sentisse uma alegria absurda.

– Prefiro pensar neles como pastoris.

A Sra. Royle inclinou a cabeça para o lado, considerando o comentário de Honoria. Deve ter decidido que não merecia resposta, porque apenas se empertigou e disse:

– Acho que vou, *sim*, pedir à cozinheira para preparar biscoitos.

– Teria problema se eu permanecesse aqui? – perguntou Honoria depressa. – Gosto muito de cuidar de arranjos.

A Sra. Royle olhou para as flores, que já estavam perfeitamente arrumadas, e voltou a encarar Honoria.

– Só para dar um último toque – explicou a jovem.

– Se é o que deseja. Mas não se esqueça de se trocar antes que os cavalheiros retornem. E não use nada azul. Quero que Cecily se destaque.

– Acho que nem trouxe um vestido azul – respondeu Honoria, diplomática.

– Ora, isso tornará tudo mais fácil – disse a Sra. Royle bruscamente. – Divirta-se... ahn... dando seu toque.

Honoria sorriu e esperou até que a anfitriã desaparecesse nos fundos da casa. Então, aguardou um pouco mais, porque várias criadas passavam por ali, lidando com garfos, facas e coisas do tipo. Honoria mexeu nas flores, olhando de um lado para outro até ver um lampejo prateado perto de uma roseira. Certificou-se de que as criadas estavam ocupadas e atravessou o gramado para investigar.

Era uma pá pequena, que aparentemente havia sido esquecida pelos jardineiros.

– Obrigada – disse a si mesma.

Não era uma pá grande, mas serviria. Além disso, Honoria ainda não descobrira como seria possível usar as palavras “pá grande” e “discreta” na mesma frase.

Mesmo aquela pequena pá ainda exigiria certa dose de planejamento da parte dela. Nenhum de seus vestidos tinha bolsos e, mesmo se tivessem, ela não imaginava que conseguiria disfarçar ali um pedaço de metal do tamanho de seu braço. Mas poderia escondê-la em algum lugar e pegá-la mais tarde, no momento certo.

Era exatamente o que faria.

CAPÍTULO 4

O que ela estava fazendo?

Marcus tentara se manter escondido, mas, quando deparara com Honoria cavando, não conseguiu se conter. Teve que recuar e observar.

Ela estava trabalhando com uma pá e, fosse qual fosse o tipo de buraco que cavava, não poderia ser muito grande, porque após um minuto Honoria se levantou, examinou o resultado primeiro com os olhos, depois com os pés. Olhou ao redor até encontrar um monte de folhas secas sob as quais poderia camuflar a pá, e foi nesse momento que Marcus se escondeu melhor atrás de uma árvore.

Àquela altura, ele quase anunciou sua presença. Mas então Honoria retornou ao buraco, encarou-o com a testa franzida e voltou ao monte de folhas para pegar novamente a pá.

Agachou-se e fez alguns ajustes ao próprio trabalho. Mas o corpo de Honoria bloqueava a visão de Marcus, por isso só depois que ela voltou até as folhas para se livrar do que agora era a prova do crime, ele percebeu que a jovem empilhara terra solta em um anel ao redor do buraco que cavara.

Ela cavara um buraco de toupeira.

Marcus se perguntou se Honoria sabia que a maior parte dos buracos de toupeira não existiam isoladamente. Se havia um, costumava haver outro bem visível por perto. Mas talvez aquilo não importasse. A intenção dela – a julgar pelo número de vezes que testara o buraco com o pé – era fingir uma queda. Ou talvez fazer com que outra pessoa caísse. De qualquer modo, era pouco provável que alguém fosse procurar por outro buraco de toupeira após torcer o tornozelo.

Ele a observou por vários minutos. Alguém poderia considerar aquela uma atividade bastante tola – observar uma dama que nada fazia além de

ficar parada acima de um falso buraco de toupeira –, mas Marcus achava tudo divertido. Talvez porque Honoria estivesse se esforçando tanto para não se sentir entediada. Primeiro, pareceu recitar algo baixinho, sem conseguir se lembrar do final, pois se deteve um instante de nariz franzido. Então fez uma dancinha. Depois, valsou, os braços esticados para um parceiro invisível.

Ela era surpreendentemente graciosa, ali, no bosque. Valsou muito melhor sem música do que nos bailes. No vestido verde-pálido que usava, parecia-se um pouco com um espírito da floresta. Marcus quase podia vê-la em um vestido feito de folhas, saltitando pelo bosque.

Honoria sempre fora uma moça do campo. Costumava correr solta por Whipple Hill, subindo em árvores e descendo as colinas rolando. Sempre tentava acompanhar Marcus e Daniel, porém, mesmo quando os dois recusavam sua companhia, ela sempre encontrava um modo de se entreter, normalmente ao ar livre. Marcus se lembrava da vez que Honoria dera cinquenta voltas ao redor da casa em uma tarde, só para ver se era possível.

Era uma casa bem grande. Ela ficara dolorida durante todo o dia seguinte. Até Daniel acreditou em seus lamentos.

Marcus se lembrou da própria casa, Fensmore. Era monstruosamente grande. Ninguém em sã consciência a rodearia dez vezes em um dia, muito menos cinquenta. Ele pensou por um momento... Honoria já o visitara? Marcus não conseguia imaginar em que ocasião ela poderia ter ido... Com certeza nunca convidara ninguém para lá quando era criança. O pai nunca fora conhecido por sua hospitalidade e a última coisa que Marcus teria desejado seria convidar seus amigos para o silencioso mausoléu da infância.

No entanto, após dez minutos, Honoria ficou entediada, assim como Marcus, porque ela agora estava sentada ao pé da árvore, sem fazer nada, os cotovelos apoiados nos joelhos, o queixo apoiado nas mãos.

Entretanto, ele logo ouviu alguém se aproximando. Honoria também, porque se colocou de pé em um pulo, correu para o buraco de toupeira e enfiou o pé nele. Então, em um movimento desajeitado, abaixou-se no chão e se ajeitou na posição mais graciosa possível para alguém com o pé preso.

Honoria esperou um instante, claramente alerta. Quando quem quer que estivesse no bosque se aproximou o bastante, deixou escapar um

gritinho bastante convincente.

Todas aquelas pantomimas familiares tinham lhe servido para alguma coisa. Se Marcus não a houvesse visto planejando a própria queda, teria se convencido de que Honoria se machucara.

Ele esperou para ver quem apareceria.

E esperou.

E esperou.

Honoria também, mas aparentemente aguardou demais antes de soltar o segundo grito de "dor". Porque ninguém apareceu para resgatá-la.

Ela deixou escapar um último grito, ainda que sem muito empenho.

– Maldição! – exclamou, puxando o pé do buraco.

Marcus começou a rir. Honoria arquejou.

– Quem está aí?

Maldição, ele não tivera a intenção de rir tão alto. Marcus se adiantou. Não queria assustá-la.

– Marcus?

Ele levantou a mão em uma saudação. Marcus teria dito alguma coisa, mas Honoria ainda estava no chão e seu sapatinho se encontrava coberto de terra. E a expressão dela... Ah, ele nunca vira nada tão divertido. Era ao mesmo tempo indignada e envergonhada. Honoria parecia não conseguir decidir qual emoção a dominava.

– Pare de rir!

– Desculpe – falou ele, sem arrependimento algum.

Ela ergueu as sobrancelhas em uma expressão feroz e terrivelmente engraçada.

– O que está fazendo aqui?

– Eu moro aqui.

Marcus se adiantou e lhe ofereceu a mão; parecia a atitude mais cavalheiresca a tomar.

Honoria estreitou os olhos. Ficou claro que não acreditava nele nem por um instante.

– Ora, moro perto – emendou. – Esta trilha cruza os limites da propriedade.

Ela aceitou a mão de Marcus e permitiu que ele a ajudasse. Então, quando já estava de pé, limpou a terra da saia. Mas o solo estava úmido e alguns pedaços se colaram ao tecido, provocando grunhidos e sussurros de Honoria. Por fim, ela desistiu, levantou os olhos e perguntou:

– Há quanto tempo está aqui?

Ele sorriu.

– Há mais tempo do que você desejaria.

Honoria deixou escapar um gemido exausto e falou:

– Não imagino que vá guardar segredo.

– Não direi uma palavra – prometeu ele. – Mas quem exatamente você estava tentando atrair?

Ela deixou escapar um som zombeteiro.

– Ah, por favor. Você é a última pessoa a quem eu contaria.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– É mesmo? A última?

Honoria o encarou com impaciência.

– Depois da rainha, do primeiro-ministro... – começou ele.

– Pare – interrompeu-o ela, contendo um sorriso. Então, voltou a parecer desanimada. – Incomoda-se se eu me sentar?

– De forma alguma.

– Meu vestido já está imundo mesmo – disse Honoria, encontrando um lugar para se acomodar na base da árvore. – Mais alguns minutos na terra não farão diferença. – Ela se sentou e lhe lançou um olhar irônico. – Este é o momento em que você deve me dizer que pareço fresca como uma margarida.

– Acho que depende da margarida...

Honoria o encarou com uma expressão da mais pura incredulidade, tão conhecida de Marcus que era quase cômica. Havia quantos anos ela revirava os olhos para ele? Catorze? Quinze? Não ocorrera a Marcus até aquele momento, mas Honoria era a única mulher conhecida que falava francamente com ele, inclusive com algumas saudáveis doses de sarcasmo.

Era por isso que detestava ir a Londres, para a temporada social. As mulheres sorriam com afetação, enfeitavam-se e lhe diziam o que achavam que ele desejava ouvir.

Os homens também.

A ironia era que tanto homens quanto mulheres quase sempre estavam errados. Marcus não queria estar cercado por bajuladores. Odiava que cada palavra sua fosse venerada. Não queria que o colete absolutamente comum que usava, idêntico ao dos outros homens, fosse elogiado pelo suposto corte e caimento impressionantes.

Depois da partida de Daniel, não sobrara ninguém que de fato o conhecesse. Ninguém da família, a não ser que se quisesse voltar quatro gerações para encontrar um ancestral em comum. Marcus era filho único de um filho único. Os Holroyds não eram conhecidos por seu talento procriador.

Ele se apoiou numa árvore próxima e observou Honoria, que parecia exausta e infeliz, sentada no chão.

– Este fim de semana festivo não está sendo o sucesso que você previu, então?

Ela ergueu os olhos, parecendo não entender.

– Você fez o evento parecer tão atraente em sua carta... – lembrou ele.

– Ora, eu sabia que *você* odiaria.

– Talvez eu achasse divertido – comentou ele, embora ambos soubessem que isso não era verdade.

Honoria lhe dirigiu mais um daqueles olhares.

– Teriam sido quatro jovens damas solteiras, quatro jovens cavalheiros universitários, a Sra. Royle e o marido, e você. – Enquanto esperava que ele absorvesse a situação, Honoria acrescentou: – E provavelmente um cão.

Ele abriu um sorriso sarcástico.

– Gosto de cães.

Honoria riu. Ela pegou um galho que estava perto do quadril e começou a desenhar círculos na terra. Parecia muito desolada, com mechas de cabelo se soltando do penteado. Os olhos também transmitiam cansaço e... mais alguma coisa. Algo de que Marcus não gostou.

Dava a impressão de se sentir derrotada.

Aquilo era errado. Honoria Smythe-Smith jamais deveria se sentir derrotada.

– Honoria... – começou Marcus.

Ela lhe lançou um olhar irritado.

– Tenho 21 anos, Marcus.

Ele ficou em silêncio, tentando calcular.

– Não é possível.

Ela comprimiu os lábios, contrariada.

– Posso lhe assegurar que é verdade. Ano passado, achei que poderia me interessar por alguns poucos cavalheiros, mas nenhum deles se adiantou. – Honoria deu de ombros. – Não sei por quê.

Marcus pigarreou e subitamente sentiu necessidade de ajeitar a gravata.

– Acho que foi melhor assim – continuou ela. – Não adorei nenhum deles. E vi um desses homens... bem, eu o vi chutando um cachorro. – Ela franziu a testa. – Portanto, eu nunca poderia considerar... bem, você sabe.

Marcus assentiu.

Honoria se empertigou e sorriu, com uma animação determinada. Talvez determinada demais.

– Mas este ano estou decidida a me sair melhor.

– Tenho certeza de que se sairá – disse ele.

Ela o encarou com desconfiança.

– O que foi?

– Nada. Mas não precisava ser tão condescendente.

De que diabos ela estava falando?

– Não estava sendo condescendente.

– Ah, por favor, Marcus. Você é *sempre* condescendente.

– Explique-se – exigiu ele.

Honoria o encarou como se não acreditasse que ele não percebia por si só.

– Ah, você sabe o que quero dizer.

– Não, eu *não* sei.

Ela bufou e voltou a ficar de pé.

– Você está sempre olhando para as pessoas assim. – Ela exibiu uma expressão que Marcus não conseguiria nem começar a descrever.

– Se algum dia eu tive *essa* expressão – disse ele secamente –, deixarei que atire em mim.

– Isso – falou Honoria, triunfante. – Exatamente isso.

Marcus já se perguntava se os dois estavam falando a mesma língua.

– Exatamente o quê?

– *Isso!* O que você acabou de dizer.

Ele cruzou os braços. Parecia a única reação aceitável. Se Honoria não conseguia se comunicar em frases completas, Marcus não via razão sequer para falar.

– Você passou toda a última temporada me observando com severidade. Toda vez que eu o via, você parecia tão desaprovador...

– Asseguro-lhe que não era essa a minha intenção.

Ao menos não em relação a *ela*. Desaprovava os homens que a cortejavam, mas nunca Honoria.

Ela também cruzou os braços e o encarou com uma expressão irritada. Marcus tinha a clara impressão de que ela tentava decidir se aceitava as palavras dele como um pedido de desculpas. Não importava que ele *não* tivesse a intenção de pedir desculpas.

– Há algo em que eu possa ajudá-la? – perguntou Marcus, escolhendo as palavras e o tom com grande cuidado.

– Não – respondeu Honoria, seca, e acrescentou: – Obrigada.

Ele suspirou fundo; talvez fosse hora de mudar a abordagem.

– Honoria, você não tem pai, seu irmão está em algum lugar da Itália... ou ao menos é o que achamos... e sua mãe quer se recolher a Bath.

– Aonde quer chegar? – perguntou ela, zangada.

– Você é sozinha no mundo – retrucou Marcus, quase tão zangado quanto a moça. Não conseguia se lembrar da última vez que alguém se dirigira a ele naquele tom. – Ou poderia muito bem ser.

– Tenho irmãs – protestou ela.

– Alguma delas se ofereceu para recebê-la?

– É claro que não. Elas sabem que moro com mamãe.

– Que quer se mudar para Bath – lembrou Marcus.

– Não sou sozinha no mundo – rebateu Honoria com ardor, e ele ficou horrorizado ao perceber a voz embargada. Mas se ela chegara perto das lágrimas, logo as controlou, porque prosseguiu com raiva e indignação: – Tenho um monte de primos. Um monte. E quatro irmãs que me acolheriam em suas casas em um piscar de olhos se achassem necessário.

– Honoria...

– E tenho um irmão também, mesmo que não saibamos onde ele está. Não preciso...

Ela se interrompeu, e pareceu surpresa com as palavras que estava prestes a enunciar. Mas continuou:

– Não preciso de você.

Seguiu-se um terrível silêncio. Marcus poderia pensar em todas as vezes em que se sentara à mesa de jantar com ela. Ou nas pantomimas de família em que sempre fazia o papel de uma árvore. Haviam sido apresentações horrorosas, mas ele amara cada momento, cada galho, cada folha. Nunca desejara os papéis principais – ficava muito satisfeito por

não precisar pronunciar uma única palavra –, mas adorava fazer parte daquilo. Adorara estar lá. Com eles. Como uma família.

Contudo, ele não pensou em nada disso. Estava quase certo de que não pensava em nada daquilo enquanto encarava a menina que dizia não precisar dele.

E talvez não precisasse mesmo.

E talvez ela também já não fosse mais uma menina.

Maldição.

Marcus soltou a respiração que vinha prendendo e lembrou a si mesmo que não importava o que Honoria achava. Daniel lhe pedira para olhar pela irmã e era isso que Marcus faria.

– Você precisa... – Ele suspirou, tentando pensar em um modo de falar que não a deixasse furiosa. Não havia nenhum, concluiu, por isso continuou: – Você precisa de ajuda.

Honoria recuou.

– Está se oferecendo para ser meu guardião?

– Não – retrucou Marcus com veemência. – Não. Acredite em mim, essa é a última coisa que eu iria querer.

Ela cruzou os braços.

– Porque sou uma provação.

– *Não!* – Santo Deus, como aquela conversa se arruinara tão rapidamente? – Estou só tentando ajudar.

– Não preciso de outro irmão – retrucou ela, ainda irritada.

– Não quero *ser* seu irmão.

Então a viu de novo, ou melhor, a viu de *forma diferente* de novo. Talvez fossem os olhos de Honoria ou a pele dela, muito ruborizada. Ou o modo como ela estava respirando. Ou o formato de seu rosto. Ou o pequeno sinal onde a...

– Há terra em seu rosto – disse Marcus, estendendo o lenço.

Não era verdade, mas ele precisava de uma desculpa para mudar de assunto.

Naquele mesmo instante.

Honoria esfregou o rosto com o lenço e baixou os olhos para o tecido ainda branco como a neve. Franziu a testa e voltou a esfregar o rosto.

– Saiu.

Ela devolveu o lenço e ficou parada, encarando-o com uma expressão mal-humorada e obstinada. Parecia ter 12 anos de novo, ou pelo menos

exibia a expressão de uma menina dessa idade, o que estava ótimo para Marcus.

– Honoria – começou ele com cuidado –, como amigo de Daniel...

– Não.

Nada mais. Apenas não.

Ele respirou fundo e usou aquele tempo para escolher as palavras.

– Por que é tão difícil aceitar ajuda?

– Responda-me você.

Marcus a fitou sem compreender.

– *Você* gosta de aceitar ajuda? – esclareceu Honoria.

– Depende de quem está oferecendo.

– Eu. – Ela cruzou os braços, parecendo de algum modo contente com a própria resposta, embora Marcus não tivesse a menor ideia do porquê. – Apenas imagine. Imagine os papéis invertidos.

– Presumindo que fosse um tema sobre o qual você tivesse algum conhecimento, então sim, eu ficaria feliz em aceitar sua ajuda.

Ele cruzou os braços também, bastante satisfeito consigo mesmo. Era uma frase perfeita, pacificadora e agradável, e não significava nada.

Marcus esperou pela resposta dela, mas, depois de alguns momentos, Honoria apenas balançou a cabeça brevemente e avisou:

– Preciso voltar.

– Vão sentir a sua falta?

– Já devem estar sentindo – murmurou ela.

– O tornozelo torcido – lembrou Marcus, e meneou a cabeça com simpatia.

Ela lhe lançou um olhar furioso e saiu pisando firme. Na direção errada.

– Honoria!

Ela se voltou. Marcus tomou todo o cuidado para não sorrir e apontou para a direção correta.

– Bricstan é por ali.

Honoria retesou o maxilar, mas disse apenas:

– Obrigada.

Porém, ela se voltou rápido demais e tropeçou. Deixando escapar um gritinho, tentou recuperar o equilíbrio. Marcus, por sua vez, fez o que qualquer cavalheiro instintivamente faria: adiantou-se, apressado, para ampará-la.

Só que acabou pisando no maldito buraco.

O grito seguinte de surpresa foi de Marcus – um tanto profano, envergonhava-se de admitir. Ele se desequilibrou e os dois caíram, aterrissando na terra úmida com um baque, Honoria de costas e Marcus bem em cima dela.

Ele imediatamente se apoiou nos cotovelos, tentando tirar o máximo de peso de cima dela, e olhou para baixo. Disse a si mesmo que era para ver se Honoria estava bem. Iria lhe perguntar isso assim que recuperasse o fôlego. Mas, quando a encarou, ela também tentava se recompor. Seus lábios estavam entreabertos, os olhos com uma expressão atordoada. E Marcus fez o que qualquer cavalheiro instintivamente faria: baixou a cabeça para beijá-la.

CAPÍTULO 5

Em um momento, Honoria estava aprumada – ah, tudo bem, não estava tão aprumada assim. Quis tão desesperadamente se afastar de Marcus que se virara rápido demais, escorregara na terra úmida e perdera o equilíbrio.

Porém, *teria* se aprumado em instantes se Marcus não houvesse praticamente voado em cima dela.

Isso já teria sido desorientador o bastante, mas o ombro dele bateu direto na sua barriga. Honoria perdeu o ar e os dois desabaram, Marcus aterrissando bem em cima dela.

Foi nesse momento que Honoria parou de pensar por completo.

Ela nunca sentira um corpo masculino contra o dela – santo Deus, quando isso poderia ter acontecido, afinal? Era verdade que valsara, muitas vezes mais próxima do parceiro do que mandava o decoro, porém não fora nada semelhante ao que acontecia naquele momento. O peso dele, o calor... A sensação era primitiva, e até mesmo estranha, e havia algo quase prazeroso nela.

Honoria moveu os lábios para falar, mas enquanto permanecia prostrada, encarando-o, não conseguiu encontrar palavras. Marcus parecia diferente aos seus olhos. Conhecia aquele homem desde que se entendia por gente – como era possível que nunca houvesse percebido direito o formato da boca dele? Ou dos olhos? Sempre soubera que eram castanhos, mas agora notava a intensidade da cor, com toques de âmbar perto da borda da íris. E essa cor parecia mudar conforme ele chegava mais perto...

Mais perto?

Ah, meu Deus, ele iria *beijá-la*? Marcus?

Honoria prendeu a respiração. E entreabriu os lábios. Algo dentro dela ficou tenso de expectativa, tudo em que conseguia pensar era...

Nada. Ou ao menos isso devia ser o que ela estava pensando, porque Marcus com certeza não planejava beijá-la. Ele disparou uma série de impropérios, alguns dos quais Honoria não ouvia desde que Daniel deixara o país. Então ele se levantou, desvencilhando-se dela, deu um passo atrás e...

– Que inferno!

Houve uma agitação frenética, seguida por um grunhido e outra série de blasfêmias. Honoria foi sensata o bastante para não se sentir ofendida. Ela deixou escapar um arquejo horrorizado e se apoiou nos cotovelos. Marcus estava de volta ao chão e, a julgar por sua expressão, dessa vez realmente se machucara.

– Você está bem? – perguntou ela, em frenesi, embora estivesse claro o contrário.

– Foi o buraco – respondeu ele, trincando os dentes. Então, como se fosse necessário esclarecer mais, acrescentou: – De novo.

– Sinto muito – falou Honoria rapidamente, pondo-se de pé. Como a situação exigia um pedido de desculpas mais substancial, enfatizou: – Sinto muito, muito mesmo.

Ele permaneceu em silêncio.

– Você precisa saber que não era a minha intenção...

Honoria não terminou a frase. Ficar tagarelando não iria ajudá-la em nada; além do mais, ele não parecia nem um pouco interessado em ouvir a sua voz.

Ela engoliu em seco, nervosa, dando um minúsculo passo na direção dele. Marcus ainda estava no chão, meio de costas, meio de lado. Havia lama nas botas dele, nos calções... e no casaco.

Honoria se encolheu. Ele não iria gostar nada daquilo. Marcus nunca fora muito vaidoso, mas aquele era um casaco bem bonito.

– Marcus? – chamou ela, hesitante.

Ele fez uma carranca. Não a estava encarando, mas foi o bastante para confirmar a decisão de Honoria de não comentar sobre as folhas secas nos cabelos dele.

Marcus rolou até ficar de costas e fechou os olhos.

Ela entreabriu os lábios, prestes a falar, mas preferiu esperar. Ele respirou uma vez, então outra, e uma terceira. Quando abriu os olhos, a expressão dele mudara. Estava mais calmo.

Graças a Deus.

Honoria se inclinou um pouco para a frente. Ainda achava mais prudente se aproximar dele com cuidado, mas achou que Marcus houvesse se acalmado o bastante para que se aventurasse a perguntar:

– Posso ajudá-lo?

– Em um instante – grunhiu ele.

Marcus ergueu o corpo, ficando praticamente sentado. Segurou a perna na altura da panturrilha e a retirou do buraco de toupeira, que, percebeu Honoria, estava bem maior agora que o amigo pisara nele duas vezes.

Ela o observou girar o tornozelo com cautela. Marcus flexionou o pé para a frente e para trás, então de um lado para outro. Foi esse último movimento que pareceu lhe causar mais dor.

– Você acha que está quebrado? – perguntou Honoria.

– Não.

– Torcido?

Ele grunhiu assentindo.

– Você...

Marcus relanceou um olhar tão furioso na direção dela que Honoria se calou imediatamente. Depois de quinze segundos vendo-o se encolher de dor, ela não conseguiu se conter.

– Marcus?

Marcus continuou sem encará-la. No entanto, parou de se mover.

– Acha que deveria descalçar a bota?

Ele não respondeu.

– No caso de o tornozelo estar inchado.

– Eu *sei*... – Marcus se interrompeu, soltou o ar e continuou em um tom de voz mais controlado –... por que deveria descalçar a bota. Estava apenas pensando.

Honoria aquiesceu, embora ele ainda permanecesse de costas para ela.

– É claro, só me avise, ahn...

Ele parou de se mover de novo.

Honoria recuou.

– Não importa.

Marcus estendeu a mão para tocar o tornozelo machucado através da bota, aparentemente para testar o inchaço. Honoria deu a volta para poder ver o rosto dele. Tentou calcular a extensão da dor por sua expressão, mas era difícil. Marcus parecia tão furioso que não era possível detectar muito além disso.

Homens eram ridículos. Honoria tinha consciência de que Marcus torcera o tornozelo por culpa dela e compreendia que ele ficaria ao menos um pouquinho irritado, mas ainda assim era óbvio que o amigo precisaria de ajuda. Ele não parecia capaz de se erguer sozinho, quanto mais andar todo o caminho de volta até Fensmore. Se Marcus pensasse com sensatez, perceberia isso e permitiria que ela o ajudasse logo. Mas não, ele precisava se enfurecer como um tigre ferido, como se isso o deixasse no domínio da situação.

– Ahn... – Honoria pigarreou. – Só para eu ter certeza de que estou fazendo a coisa certa... Posso ajudá-lo de algum modo ou é melhor eu ficar de boca fechada?

Houve uma pausa longa e aflitiva, até que Marcus falou:

– Poderia, por favor, descalçar a minha bota?

– É claro! – Honoria avançou às pressas. – Aqui, deixe-me, ahn...

Ela já não fazia aquilo havia muito tempo, desde que era uma menininha ajudando o pai. E com certeza nunca o fizera com um homem que estivera em cima dela dois minutos antes.

O rosto dela ardia. De onde viera aquele pensamento, santo Deus? Aquilo tinha sido um *acidente*. E aquele era Marcus. Ela precisava se lembrar disso. Marcus. Era só Marcus.

Honoria sentou-se diante dele e segurou a bota com uma das mãos na parte de trás do tornozelo e a outra na sola.

– Está pronto?

Ele assentiu, sombrio.

Honoria puxou com a mão que segurava o tornozelo e empurrou com a outra, mas Marcus deixou escapar um grito tão alto de dor que ela soltou o pé na mesma hora.

– Você está bem? – Ela quase não reconheceu a própria voz. Parecia apavorada.

– Apenas tente de novo – disse ele, rude.

– Tem certeza? Porque...

– Apenas faça – grunhiu Marcus.

– Muito bem.

Ela voltou a levantar o pé dele, cerrou os dentes e puxou. Com força. Marcus não gritou dessa vez, mas estava fazendo um barulho terrível, do tipo que um animal fazia antes de ser abatido. Finalmente, quando Honoria já não suportava mais, ela soltou a perna.

– Acho que não está funcionando. – Ela o encarou. – E com isso quero dizer que *nunca* vou conseguir tirar.

– Tente de novo. Essas botas são sempre difíceis de remover.

– Desse jeito? – perguntou ela, incrédula. E as pessoas diziam que os adereços das damas é que não eram práticos...

– *Honoria.*

– Está certo. – Ela tentou de novo, com os mesmos resultados. – Lamento, mas acho que você precisará cortá-la quando chegar em casa.

Um lampejo de dor atravessou o rosto dele.

– É só uma bota – murmurou Honoria com simpatia.

– Não é isso – falou ele, irritado. – É que dói como o diabo.

– Ah. – Ela pigarreou. – Sinto muito.

Marcus deixou escapar um suspiro longo e trêmulo.

– Você terá que me ajudar a ficar de pé.

Ela assentiu e se levantou.

– Venha, deixe-me pegar sua mão.

Foi o que Honoria fez. Ela o puxou, mas Marcus não conseguiu se equilibrar. Depois de um momento, ele se desvencilhou.

Honoria abaixou os olhos para a própria mão. Parecia vazia. E fria.

– Você terá que me segurar por debaixo dos braços – disse ele.

O pedido talvez a houvesse chocado antes, mas, depois de tentar descalçar a bota dele, não via por que isso seria mais impróprio.

Honoria assentiu de novo, abaixou-se e passou os braços ao redor dele.

– Lá vamos nós.

Ela deixou escapar um grunhido baixo de esforço enquanto tentava colocá-lo de pé. Era estranho e terrivelmente constrangedor abraçá-lo. Irônico, também. Se Marcus não tivesse pisado no buraco e caído em cima dela, aquilo seria o mais perto que Honoria estivera dele.

É claro que, se ele não houvesse pisado *de novo* no buraco, não estariam naquela posição.

Com algumas manobras e um xingamento entrecortado da parte de Marcus, ela enfim conseguiu levantá-lo. Honoria se afastou, pondo uma distância mais decorosa entre os dois, embora pousasse a mão dele sobre o seu ombro para equilibrá-lo.

– Consegue colocar algum peso sobre a perna? – perguntou ela.

– Não sei – respondeu Marcus, e testou. Deu um passo completo, mas seu rosto se contorceu de dor.

– Marcus?

– Vou ficar bem.

Ele parecia péssimo.

– Tem certeza? – perguntou Honoria. – Porque acho...

– Eu disse que estou b... Ai!

Ele tropeçou e agarrou com força o ombro dela para evitar cair.

Honoria esperou pacientemente que Marcus se recompusesse, oferecendo a outra mão para equilibrá-lo melhor. Ele a segurou com força. Naquele momento, ela se deu conta mais uma vez de como a mão de Marcus era bela, grande e quente. E transmitia segurança também, embora Honoria não soubesse direito se isso fazia algum sentido.

– Talvez eu precise de ajuda – confessou Marcus, obviamente contrariado por se ver obrigado a admitir isso.

– É claro. Eu só... ah...

Honoria se aproximou mais, então se afastou um pouco e reajustou a posição.

– Fique parada ao meu lado – orientou Marcus. – Terei que me apoiar em você.

Ela assentiu e deixou-o passar o braço ao redor do seu ombro. Era pesado. E agradável.

– Pronto – disse Honoria, enlaçando-lhe a cintura. – Agora, para que lado fica Fensmore?

– Para lá. – Ele indicou com a cabeça.

Honoria se virou com ele até que estivessem na direção certa.

– Na verdade, acho que a pergunta mais pertinente deveria ser *a que distância* fica Fensmore?

– Cerca de 5 quilômetros.

– *Cinco...* – Ela se controlou e baixou a voz, que saíra muito aguda, para um tom quase normal: – Desculpe, você disse 5 quilômetros?

– Aproximadamente.

Ele tinha ficado louco?

– Marcus, não posso apoiar você por 5 quilômetros. Teremos que ir para a casa dos Royles.

– Ah, não – retrucou ele, mortalmente sério. – Não vou aparecer na porta deles nestas condições.

Honoria concordava com ele. Um conde machucado, solteiro, dependente do apoio dela? A Sra. Royle com certeza veria isso como um

presente dos céus. Marcus seria levado a um leito de doente antes que pudesse protestar. E Cecily ficaria como sua enfermeira.

– De qualquer modo, você não vai precisar me ajudar durante todo o caminho – disse ele. – Vou melhorar conforme for caminhando.

Honoria o encarou.

– Isso não faz sentido.

– Apenas me ajude, por favor?

Ele parecia exausto. Talvez exasperado. Provavelmente ambas as coisas.

– Vou tentar – afirmou Honoria, mas só porque sabia que não ia adiantar. Estava dando no máximo cinco minutos até que ele admitisse a derrota.

Eles seguiram andando pesadamente por alguns metros, até que Marcus comentou:

– Um buraco de toupeira seria muito menor.

– Eu sei. Mas precisava conseguir encaixar o meu pé nele.

Ele deu outro passo, então saltou em um pé só no seguinte.

– O que você achava que iria acontecer?

Honoria suspirou. Já passara do ponto de ficar envergonhada. Não havia mais por que fingir que lhe restava qualquer orgulho.

– Não sei – respondeu em um tom cansado. – Pensei que meu príncipe encantado se adiantaria para me salvar. Talvez ele me ajudasse a chegar em casa, exatamente como estou ajudando você.

Marcus a olhou de relance.

– E o príncipe encantado é...

Honoria o encarou como se ele estivesse louco. Com certeza Marcus não acreditava que ela revelaria um nome.

– Honoria... – insistiu ele.

– Não é da sua conta.

Marcus deu uma risadinha.

– O que acha que farei com a informação?

– Só não quero...

– Você me deixou inválido, Honoria.

Era covardia, mas funcionou.

– Ah, está certo... – disse ela, desistindo da luta. – Se quer tanto saber, era Gregory Bridgerton.

Marcus parou de andar e olhou para ela com certa surpresa.

– Greg...

– O mais novo – interrompeu-o Honoria. – O filho mais novo, quero dizer. O que é solteiro.

– Sei quem é.

– Muito bem, então. Qual é o problema com ele?

Ela inclinou a cabeça para o lado e ficou esperando. Marcus pensou por um momento.

– Nenhum.

– Você... Espere. – Ela o encarou, confusa. – Nenhum?

Marcus balançou a cabeça, então redistribuiu o peso do corpo; o pé bom estava começando a ficar dormente.

– Nada me veio à mente agora.

Era verdade. Honoria poderia ter feito uma escolha muito pior do que Gregory Bridgerton.

– É mesmo? – perguntou ela, desconfiada. – Não achou nada para objetar?

Marcus fingiu pensar a respeito um pouco mais. Era claro que ele deveria desempenhar um papel, provavelmente o de vilão. Ou o de velho rabugento.

– Suponho que ele seja um pouco jovem demais. – Então Marcus indicou uma árvore caída a cerca de 5 metros. – Me ajude até ali, por favor? Preciso me sentar.

Juntos, eles seguiram com dificuldade até o tronco largo. Honoria tirou com cuidado o braço de Marcus de seu ombro e o ajudou a se sentar.

– Ele não é assim tão jovem – retrucou.

Marcus baixou os olhos para o pé. Parecia tão normal dentro da bota, no entanto era como se alguém houvesse prendido grilhões ao redor dele e enfiado tudo no calçado.

– Ele ainda está na universidade – lembrou Marcus.

– É mais velho do que eu.

Marcus a encarou.

– Ele andou chutando algum cachorro recentemente?

– Não que eu saiba.

– Muito bem, então. – Ele gesticulou com a mão livre de uma forma expansiva muito pouco característica. – Você tem a minha bênção.

Honoria estreitou os olhos.

– Por que preciso da sua bênção?

Meu Deus, ela era difícil mesmo.

– Você não precisa. Mas seria assim tão complicado recebê-la?

– Não – respondeu ela lentamente –, mas...

Ele esperou. E acabou perguntando:

– Mas o quê?

– Não sei. – Ela pronunciou cada palavra com cuidado, os olhos nunca se afastando dos dele.

Marcus abafou uma risada.

– Por que está tão desconfiada dos meus motivos?

– Ah, não sei... – respondeu ela, com todo o sarcasmo que conseguiu reunir. – Talvez porque você tenha passado toda a última temporada me observando com severidade.

– Eu não fiz isso.

Ela bufou.

– Ah, fez, sim.

– Talvez eu tenha olhado com severidade para um ou dois de seus pretendentes – maldição, ele não pretendia ter dito isso –, mas não para você.

– Então você *estava* me espionando – concluiu Honoria, triunfante.

– É claro que não – mentiu Marcus. – Mas eu não teria como *não notá-la*.

Ela arquejou, horrorizada.

– O que isso significa?

Maldição, ele agora tinha se complicado.

– Não significa nada. Você estava em Londres. Eu estava em Londres. – Como Honoria permaneceu em silêncio, Marcus acrescentou: – Notei todas as outras damas também. – Então, antes que percebesse que aquela era a pior coisa que poderia ter dito, completou: – Mas você é a única de que me lembro.

Honoria ficou absolutamente imóvel, encarando-o com aquela expressão assombrada e solene tão típica dela. Marcus odiava quando a moça fazia isso. Significava que estava pensando demais, ou vendo demais, e ele se sentiu exposto. Mesmo quando ainda era criança, Honoria parecia vê-lo mais profundamente do que o resto da família. Isso não fazia sentido. Na maior parte do tempo, era a menina feliz e animada, mas então o encarava daquele jeito, com aqueles impressionantes olhos cor de

lavanda, e Marcus se dava conta do que a família dela nunca se dera: de que Honoria compreendia as pessoas.

Ela o compreendia.

Marcus balançou a cabeça, tentando afastar as recordações. Não queria pensar na família dela, em como se sentira à mesa deles, fazendo parte do mundo deles. E também não queria pensar em Honoria. Não queria encará-la e lembrar que seus olhos eram da cor exata dos jacintos-uva que haviam acabado de desabrochar por toda parte. As flores eram típicas daquela época do ano e sempre lhe vinha à mente o pensamento – apenas por um instante, antes de se afastar – de que eram a flor *dela*. Mas não as pétalas, que eram escuras demais. Os olhos de Honoria combinavam com a parte mais nova da base da flor, onde a cor ainda não se tornara completamente azul.

Ele sentiu o peito apertado e tentou respirar. Não queria encarar o fato de que podia olhar para uma flor e determinar o ponto exato onde a pétala combinava com os olhos de Honoria.

Marcus desejou que ela dissesse algo, mas não foi o que aconteceu. Não naquele momento em que ele acharia bem-vinda sua tagarelice.

Então, por fim, Honoria disse baixinho:

– Eu poderia apresentá-lo.

– O quê? – Ele não fazia ideia do que ela estava falando.

– Eu poderia apresentá-lo a algumas das damas mais jovens. As que você disse que não conhecia.

Ah, pelo amor de Deus, ela achava que *aquele* era o seu problema? Marcus já fora apresentado a todas as damas de Londres, apenas não conhecia de verdade nenhuma delas.

– Eu ficaria feliz em fazer isso – insistiu Honoria com gentileza.

Gentileza?

Ou piedade?

– Desnecessário – retrucou Marcus em um tom de voz brusco.

– Não, é claro, você foi apresentado...

– Eu só não gosto...

– Você nos acha tolas...

– Elas não falam sobre nada...

– Até eu ficaria entediada...

– A verdade – anunciou Marcus, ansioso para acabar com aquela conversa – é que odeio Londres.

A voz saíra mais alta do que ele pretendia e Marcus se sentiu um tolo. Um tolo que provavelmente teria que abrir com uma faca seu segundo melhor par de botas.

– Isso não vai funcionar – sentenciou ele.

Honoria pareceu confusa.

– Nunca vamos conseguir voltar para Fensmore assim. – Marcus podia ver que ela se continha para não soltar um "eu avisei" e decidiu poupar a ambos da indignidade: – Você precisa voltar a Bricstan. É mais perto e você sabe o caminho. – Então ele se lembrou da pessoa com quem estava falando: – Você sabe o caminho, não sabe?

Honoria nem se ofendeu com a pergunta.

– Só preciso permanecer na trilha até chegar ao pequeno lago. Então subo a colina e estarei quase lá.

Ele assentiu.

– Você vai precisar mandar alguém para me buscar. Não de Bricstan. Mande instruções a Fensmore. Para Jimmy.

– Jimmy?

– O chefe dos meus cavalariços. Basta dizer a ele que estou na trilha de Bricstan, a cerca de 5 quilômetros de casa. Ele saberá o que fazer.

– Você vai ficar bem aqui, sozinho?

– Desde que não chova – gracejou ele.

Os dois olharam para o céu. Um denso manto cinzento se espalhava como um mau presságio.

– Maldição.

– Vou correr – garantiu Honoria.

– Não. – Era provável que ela pisasse em um buraco de toupeira de verdade e, assim, como eles se ajeitariam? – Não seria bom você tropeçar e cair também.

Ela se virou para ir embora, então parou e disse:

– Mandará me avisar quando estiver a salvo em casa?

– É claro.

Ele não conseguia se lembrar da última vez que mandara avisar a alguém sobre seu bem-estar. Havia algo um tanto desconcertante nisso. Mas também agradável.

Marcus a observou se afastar e ficou ouvindo até o som dos passos dela desaparecer. Quanto tempo demoraria até que chegasse ajuda? Honoria precisava voltar a Bricstan, que ficava a menos de 2 quilômetros,

presumindo que não se perdesse no caminho. Então, teria que escrever uma carta e mandar alguém entregar em Fensmore. Ciente do acontecido, Jimmy selaria dois cavalos e faria todo o caminho através do bosque em uma trilha que era muito mais adequada à caminhada.

Uma hora? Não, uma hora e meia. Provavelmente mais.

Marcus deslizou para o chão, a fim de apoiar as costas no tronco caído. Deus, estava cansado. O tornozelo doía demais para que ele conseguisse dormir, mas fechou os olhos assim mesmo.

Foi quando caiu a primeira gota de chuva.

CAPÍTULO 6

Quando Honoria chegou a Bricstan, estava encharcada até os ossos. A chuva começara cerca de cinco minutos depois que ela deixara Marcus junto ao tronco. Caíra leve a princípio, apenas algumas gotas pesadas aqui e ali – o bastante para irritar, mas não para causar danos.

Porém, assim que ela alcançara o fim da trilha, a chuva tinha começado a cair com uma intensidade furiosa. Honoria tentou se lembrar do terreno em que deixara Marcus. As árvores o abrigariam? Ainda era primavera e os galhos não estavam cheios de folhas.

Primeiro tentou entrar em Bricstan por uma porta lateral, mas estava trancada e Honoria precisou dar a volta até a frente da casa. A porta foi aberta antes mesmo que batesse e ela cambaleou para dentro.

– Honoria! – exclamou Sarah, adiantando-se, apressada, para ajudar a prima a se equilibrar. – Eu a vi pela janela. Onde se meteu? Eu estava frenética. Já íamos mandar um grupo procurá-la. Você disse que iria colher flores, só que não voltou mais.

Honoria tentou interromper Sarah várias vezes, mas só conseguiu recuperar o fôlego o bastante para dizer:

– Pare.

Ela baixou os olhos. Poças de água haviam se formado aos seus pés e um filete lentamente escorria rumo ao saguão.

– Precisamos secá-la – disse Sarah, e tomou as mãos de Honoria. – Você está congelando.

– Sarah, chega. – Honoria se desvencilhou e segurou o ombro da prima. – Por favor. Preciso de papel. Tenho que escrever uma carta.

Sarah a encarou como se ela estivesse louca.

– *Agora*. Tenho que...

– Lady Honoria! – A Sra. Royle entrou apressada no saguão. – A senhorita nos deixou tão preocupados! Onde estava, pelo amor de Deus?

– Estava só procurando flores – mentiu Honoria –, mas, por favor, preciso escrever uma carta.

A Sra. Royle pousou a mão na testa dela.

– Não parece estar febril.

– Ela está tremendo – comentou Sarah, e olhou para a Sra. Royle. – Deve ter se perdido. Honoria tem uma péssima orientação espacial.

– Sim, sim – assentiu Honoria, pronta para concordar com qualquer insulto se isso levasse ao fim daquela conversa. – Mas, por favor, apenas me escutem por um momento. Preciso agir rápido. Lorde Chatteris está estendido no bosque e eu disse a ele que iria...

– O quê? – guinchou a Sra. Royle. – Do que está falando?

Honoria relatou brevemente a história que inventara enquanto corria de volta para casa. Ela havia se afastado do grupo e se perdido. Lorde Chatteris estava caminhando no bosque. Ele lhe falara que a trilha cortava as duas propriedades. Então, o conde torcera o tornozelo.

Era quase verdade.

– Vamos trazê-lo para cá – disse a Sra. Royle. – Mandarei alguém imediatamente.

– Não – reagiu Honoria, ainda um pouco ofegante. – Ele quer ir para casa. E me pediu para mandar uma mensagem ao chefe dos cavalariços. Lorde Chatteris me falou exatamente o que quer que eu escreva.

– Não – insistiu a Sra. Royle com firmeza. – Acho que ele deveria vir para cá.

– Sra. Royle, *por favor.* Enquanto discutimos aqui, ele está lá estirado na chuva.

A anfitriã claramente estava em conflito, mas enfim assentiu.

– Siga-me.

No fim do corredor, havia um recanto com uma escrivaninha. A Sra. Royle pegou papel, pena e tinta e se afastou para que Honoria pudesse se sentar. Mas os dedos da jovem estavam dormentes e ela mal conseguia segurar a pena. Além disso, seus cabelos encharcados pingavam no papel.

Sarah se adiantou.

– Gostaria que eu escrevesse para você?

Honoria assentiu, agradecida, e ditou para a prima enquanto tentava ignorar a anfitriã, que pairava atrás dela, interrompendo às vezes com o

que achava serem comentários úteis.

Sarah terminou a carta, assinou o nome de Honoria e então, depois de um aceno da prima, entregou-a à Sra. Royle.

– Por favor, mande com seu cavaleiro mais rápido – implorou Honoria.

A Sra. Royle pegou a mensagem e se afastou, apressada. Sarah imediatamente se levantou e pegou a prima pela mão.

– Você precisa se aquecer – disse em uma voz que não admitia protesto. – Venha comigo agora mesmo. Já pedi à camareira para lhe preparar um banho quente.

Honoria assentiu. Fizera o que precisava fazer. Agora poderia enfim desmoronar.

O dia seguinte amanheceu debochadamente claro. Honoria dormira por doze horas seguidas, aconchegada debaixo de mantas, com um tijolo aquecido sob os pés. Sarah entrara em silêncio no quarto em algum momento para dizer que haviam recebido notícias de Fensmore: Marcus chegara em segurança em casa e devia estar também na cama, com o próprio tijolo quente sob os pés.

Entretanto, enquanto se vestia, Honoria ainda estava preocupada. Ao chegar a Bricstan na véspera, sentira-se congelada, e Marcus ficara exposto à chuva por muito mais tempo do que ela. E também ventara – Honoria ouvira as árvores se agitando e estalando durante o banho. Marcus devia ter pegado um resfriado. E se o tornozelo não estivesse apenas torcido, mas quebrado? Será que eles já tinham mandado chamar um médico? Saberiam dessa necessidade?

Aliás, quem eram “eles”? Pelo que ela sabia, Marcus não tinha família. Quem tomaria conta dele se ficasse doente? Havia alguém em Fensmore além dos criados?

Ela teria que se certificar do bem-estar dele. Caso contrário, não conseguiria suportar.

Quando desceu para o café da manhã, os outros convidados ficaram surpresos ao vê-la. Os cavalheiros haviam todos retornado a Cambridge, mas as damas estavam reunidas ao redor da mesa, comendo seus ovos com torradas.

– Honoria! – exclamou Sarah. – Pelo amor de Deus, o que está fazendo fora da cama?

– Estou perfeitamente bem. Não estou nem fungando.

– Os dedos dela estava congelados na noite passada – informou Sarah a Cecily e Iris. – Ela não conseguia nem segurar uma pena.

– Nada que um banho quente e uma boa noite de sono não pudessem curar – tranquilizou-as Honoria. – Mas eu gostaria de ir a Fensmore esta manhã. Foi por minha culpa que lorde Chatteris torceu o tornozelo e realmente gostaria de ver como ele está.

– Como assim, foi por culpa sua? – perguntou Iris.

Honoria quase mordeu o lábio. Havia se esquecido de que aquele era um dos elementos que faltavam na história que contara.

– Na verdade não foi nada – improvisou. – Tropecei na raiz de uma árvore e ele se adiantou para me amparar. Deve ter pisado em um buraco de toupeira.

– Ah, detesto toupeiras – comentou Iris.

– Acho que são bem bonitinhas – opinou Cecily.

– Tenho que encontrar sua mãe – disse Honoria. – E preciso arranjar uma carruagem. Ou talvez pudesse cavalgar até lá. Não está mais chovendo.

– Você precisa tomar café da manhã antes – lembrou Sarah.

– Ela jamais a deixará ir sozinha – avisou Cecily. – Fensmore é o lar de um solteiro.

– Dificilmente Marcus estará sozinho – replicou Iris. – Deve ter hordas de criados.

– Pelo menos uns cem, eu diria – palpitou Cecily. – Já viram aquela casa? É enorme. Mas isso não importa. – Ela se virou para Honoria. – Ainda assim, ele mora sozinho. Não há ninguém que possa ser um acompanhante adequado.

– Levarei alguém comigo – falou Honoria com impaciência. – Realmente não me importo. Só quero ir logo.

– Levará alguém com você aonde? – perguntou a Sra. Royle, entrando na sala do café da manhã.

Honoria fez o pedido à Sra. Royle, que concordou na mesma hora.

– Com certeza devemos nos certificar do bem-estar do conde. Não seria nada cristão da nossa parte se não fizéssemos isso.

Honoria ficou confusa. Não contara que seria tão fácil.

– Eu vou com você – declarou a Sra. Royle.

Uma xícara se chocou contra o pires. Quando Honoria olhou na direção da mesa, Cecily estava com um sorriso tenso e seus dedos quase esmagavam a xícara.

– Mamãe – disse ela –, se a senhora for, terei que ir também.

A Sra. Royle parou para pensar a respeito, mas, antes que pudesse responder, Sarah falou:

– E se Cecily for, também terei que ir.

– Por quê? – perguntou Cecily.

– Tenho absoluta certeza de que eu não devo ir sob nenhuma circunstância – falou Iris, irônica.

– Sinceramente, não me importo com quem vai me acompanhar – replicou Honoria, tentando não parecer tão irritada quanto se sentia. – Eu só gostaria de partir o mais rápido possível.

– Cecily vai com você – anunciou a Sra. Royle. – Ficarei aqui com Iris e Sarah.

Sarah estava visivelmente aborrecida com o rumo dos eventos, mas não argumentou. Cecily, por outro lado, colocou-se de pé de um pulo, com um largo sorriso.

– Cecily, suba e diga a Frances para rearrumar seus cabelos – falou a Sra. Royle. – Não podemos...

– Por favor – interrompeu Honoria. – Eu preferia partir logo.

A Sra. Royle parecia em conflito, mas nem mesmo ela conseguiu ter coragem de argumentar que o penteado da filha era mais importante do que o bem-estar do conde de Chatteris.

– Muito bem – disse bruscamente. – Vão vocês duas, então. Mas quero que me entendam bem: se ele estiver muito doente, vocês devem insistir para que venha se recuperar aqui.

Honoria tinha absoluta certeza de que isso não iria acontecer, mas não falou nada. Saiu apressada em direção à porta da frente, com Cecily e a Sra. Royle em seus calcanhares.

– E lhe avise que ainda vamos ficar aqui por várias semanas – continuou a Sra. Royle.

– Vamos? – questionou Cecily.

– Vamos. E, como você está completamente livre de qualquer obrigação, pode visitá-lo todos os dias para cuidar de sua recuperação. – A Sra. Royle fez uma pausa. – Ahn, se for isso que lorde Chatteris desejar.

– É claro, mamãe – concordou Cecily, mas parecendo constrangida.

– E mande lembranças minhas a ele – continuou a Sra. Royle.

Honoria desceu apressada os degraus da entrada para esperar que a carruagem fosse trazida.

– E diga que eu e o Sr. Royle rezamos para sua pronta recuperação.

– Ele talvez não esteja doente, mamãe – lembrou Cecily.

A Sra. Royle encarou a filha com severidade.

– Mas se ele estiver...

– Devo transmitir seus melhores votos – completou Cecily.

– A carruagem chegou – avisou Honoria, desesperada para escapar.

– Lembrem-se! – gritou a Sra. Royle, enquanto um criado ajudava Honoria e Cecily a subirem na carruagem. – Se ele estiver doente, tragam-no...

Mas elas já se afastavam.

Marcus ainda estava na cama quando seu mordomo entrou silenciosamente no quarto e informou que lady Honoria Smythe-Smith e a Srta. Royle haviam chegado e aguardavam na sala de visitas amarela.

– Devo dizer a elas que está indisposto? – perguntou o mordomo.

Por um momento, Marcus ficou tentado a aceitar a sugestão. Sentia-se péssimo e tinha certeza de que sua aparência era ainda pior. Quando Jimmy enfim o encontrara na noite anterior, ele batia tanto os dentes, trêmulo, que se surpreendeu por não ter perdido nenhum. Então, quando chegaram em casa, tiveram que cortar a bota para tirá-la do pé. Por si só, já era algo lamentável – ele realmente gostava daqueles calçados – e, ainda por cima, o valete fora mais agressivo do que o necessário. Agora, Marcus tinha um corte de uns 10 centímetros na perna esquerda.

Se a situação fosse inversa, ele insistiria em ver Honoria com os próprios olhos, portanto deveria permitir a visita. Quanto à outra jovem – Srta. Royle, ele achava ter ouvido o mordomo dizer –, Marcus torcia para que não fosse uma mulher de sensibilidades delicadas, pois, na última vez em que se olhara no espelho, podia jurar que sua pele estava verde.

Ele recebeu a ajuda do valete tanto para se vestir quanto para descer a escada. Quando se adiantou para cumprimentar as duas damas, Marcus achou que estava razoavelmente apresentável.

– Santo Deus, Marcus! – exclamou Honoria, levantando-se. – Você parece um cadáver.

Bem, ele se enganara.

– Também é um prazer vê-la, Honoria. – Ele indicou um sofá próximo. – As senhoritas se importam se eu me sentar?

– Não, por favor, faça isso. Seus olhos estão tão fundos... – Ela fez uma careta enquanto o observava tentar contornar uma mesa. – Posso ajudá-lo?

– Não, não, estou perfeitamente bem.

Ele saltitou duas vezes até alcançar a extremidade do sofá e quase se jogou nele. Dignidade não tinha lugar no cômodo de um doente.

– Srta. Royle – cumprimentou Marcus, meneando a cabeça para a outra dama. Ele tinha quase certeza de que já a encontrara uma ou duas vezes ao longo dos anos.

– Lorde Chatteris – disse ela com educação. – Meus pais mandam lembranças e desejam sua pronta recuperação.

– Obrigado – agradeceu ele, assentindo fracamente.

De repente, sentia-se muito, muito cansado. A viagem do quarto até o andar de baixo fora mais difícil do que previra. E também não dormira bem na noite anterior. Tinha começado a tossir no momento em que sua cabeça tocara o travesseiro e não parara desde então.

– Com licença – disse às damas, colocando uma almofada sobre a mesa em frente a ele e pousando o pé em cima dela. – Falaram que devo mantê-lo elevado.

– Marcus – começou Honoria, dispensando logo qualquer pretensão de uma conversa educada –, você não deveria estar fora da cama.

– Era lá que eu estava até ser informado de que tinha visitas – retrucou ele secamente.

Marcus recebeu um olhar de tamanha reprovação que lhe trouxe à mente a Srta. Pimm, sua ama de tantos e tantos anos antes.

– Você deveria ter dito ao mordomo que não nos receberia.

– É mesmo? – murmurou ele. – Estou certo de que você teria aceitado pacificamente e voltado para casa, segura de que eu passava bem. – Marcus olhou para a outra dama, inclinando a cabeça ironicamente. – O que acha, Srta. Royle? Lady Honoria teria partido sem discutir?

– Não, milorde – respondeu a jovem, os lábios se curvando em um sorriso divertido. – Ela estava muito determinada em seu desejo de vê-lo por si mesma.

– Cecily! – exclamou Honoria, indignada.

Marcus resolveu ignorá-la.

– É mesmo, Srta. Royle? – falou, virando-se mais na direção da moça. – Meu coração se aquece diante de tamanha preocupação.

– Marcus – falou Honoria –, pare agora mesmo.

– Ela é uma coisinha muito determinada.

– Marcus Holroyd – disse Honoria com firmeza –, se não parar de zombar de mim neste exato instante, informarei à Sra. Royle que você gostaria de ser levado a Bricstan para permanecer lá durante a sua convalescença.

Marcus ficou paralisado, tentando não rir. Ele olhou para a Srta. Royle, que também se continha. Os dois perderam a batalha.

– A Sra. Royle está muito ansiosa para exibir seus dotes como enfermeira – acrescentou Honoria com um sorriso maldoso.

– Você venceu, Honoria – capitulou Marcus, recostando-se nas almofadas do sofá.

Porém, sua risada logo deu lugar a um acesso de tosse e ele demorou quase um minuto para se recuperar.

– Quanto tempo você ficou na chuva na noite passada? – quis saber Honoria.

Ela se levantou e tocou a testa dele. Cecily arregalou os olhos diante da intimidade.

– Estou com febre? – murmurou Marcus.

– Creio que não. – Entretanto, Honoria tinha o cenho franzido. – Talvez esteja um pouco quente. Acho que é melhor cobri-lo com uma manta.

Marcus fez menção de dizer que não era necessário, mas logo se deu conta de que, na verdade, uma manta parecia uma boa ideia. Sentiu-se estranhamente grato por ela ter sugerido isso. Portanto, assentiu.

– Vou pegá-la – falou a Srta. Royle, levantando-se. – Vi uma criada no corredor.

Quando ela saiu, Honoria voltou a se sentar e encarou Marcus com uma expressão preocupada.

– Desculpe. Eu me sinto péssima pelo que aconteceu com você.

Ele gesticulou como se descartasse o pedido de desculpas.

– Vou ficar bem.

– Você não chegou a dizer quanto tempo ficou na chuva – lembrou ela.

– Uma hora? – arriscou ele. – Provavelmente duas.

Honoria deixou escapar um suspiro triste.

– Lamento tanto...

Ele deu um sorrisinho.

– Você já disse isso.

– Ora, lamento *mesmo*.

Marcus tentou sorrir de novo, porque aquela era mesmo uma conversa absurda, mas foi dominado por outro ataque de tosse.

Honoria franziu a testa, preocupada.

– Talvez você *devesse* ir para Bricstan.

Ele ainda não conseguia falar, mas a olhou com irritação.

– Fico preocupada com você aqui, totalmente só.

– Honoria – conseguiu dizer Marcus, tossindo mais duas vezes antes de continuar –, você logo voltará para Londres. Estou certo de que a Sra. Royle é a mais gentil das vizinhas, mas prefiro me recuperar na minha própria casa.

– Sim – respondeu Honoria, balançando a cabeça –, para não mencionar que ela provavelmente o faria se casar com Cecily antes do fim do mês.

– Alguém disse o meu nome? – perguntou a Srta. Royle, animada, voltando para a sala com uma manta azul-escura.

Marcus teve outro ataque de tosse, esse apenas levemente forçado.

– Aqui está – falou a moça. Ela se adiantou com a manta, então pareceu não saber como agir. – Talvez seja melhor você ajudá-lo – sugeriu a Honoria.

Honoria pegou a manta e foi até Marcus enquanto a desdobrava.

– Pronto – disse baixinho, inclinando-se para envolver o corpo dele com a lã macia. Ela sorriu com gentileza, prendendo a coberta nos cantos. – Está apertado demais?

Marcus negou. Era estranho alguém cuidar dele daquele jeito.

Quando Honoria concluiu sua tarefa, endireitou o corpo e respirou fundo antes de anunciar que ele precisava de chá.

– Ah, sim – concordou a Srta. Royle. – Seria perfeito.

Dessa vez Marcus nem tentou protestar. Tinha certeza de que parecia patético, todo enrolado em uma manta, com o pé esticado em cima de uma mesa, e não conseguia nem imaginar o que elas pensavam toda vez que ele começava a tossir. Mas achava bem reconfortante ser tratado. Se Honoria insistia que ele precisava de chá, ficaria contente em fazê-la feliz.

Ele disse onde encontrar a corda da campainha e Honoria a puxou. Então voltou a se acomodar diante dele depois que a criada veio saber o que queriam.

– O médico esteve aqui para examinar seu tornozelo?

– Não é necessário – retrucou Marcus. – Não está quebrado.

– Tem certeza? Esse não é o tipo de coisa que se deve arriscar.

– Tenho certeza.

– Eu me sentiria melhor se...

– Honoria, chega. Não está quebrado.

– E sua bota?

– A bota dele? – perguntou a Srta. Royle. Ela parecia perplexa.

– Essa infelizmente está arruinada.

– Ah, que lástima... – disse Honoria. – Achei mesmo que precisariam cortá-la.

– Precisaram cortar a sua bota? – indagou a Srta. Royle. – Ah, mas isso é *terrível*.

– O tornozelo dele estava inchado demais – explicou Honoria. – Era o único modo.

– Mas uma *bota*.

– Não era uma das minhas favoritas – disse Marcus, tentando animar a moça. Ela parecia ter acabado de ver alguém decapitar um cachorrinho.

– Fico me perguntando se é possível encomendar apenas um pé de bota – ponderou Honoria. – Para combinar com o outro. Então não seria um completo desperdício.

– Ah, não, isso nunca daria certo – interveio a Srta. Royle, aparentemente uma especialista nesse assunto. – O couro nunca combinaria por completo.

Marcus foi salvo da discussão pela chegada da Sra. Wetherby, sua governanta de longo tempo.

– Eu já estava começando a preparar o chá antes de ser pedido – anunciou ela, entrando com uma bandeja.

Marcus sorriu, nada surpreso. A Sra. Wetherby sempre fazia coisas assim. Ele a apresentou às jovens. Quando a governanta cumprimentou Honoria, seus olhos brilharam.

– Ah, a senhorita deve ser a irmã do Sr. Daniel! – exclamou, pousando a bandeja.

– Sou – respondeu Honoria, abrindo um sorriso. – A senhora o conheceu, então?

– Sim. Ele visitou esta casa algumas vezes, normalmente quando o conde anterior não estava na cidade. E é claro que veio uma ou duas vezes depois que o Sr. Marcus se tornou conde.

Marcus sentiu-se enrubescer ao ser chamado como na infância. Mas nunca a corrigia. Quando era menino, a Sra. Wetherby tinha sido como uma mãe para ele, normalmente o único sorriso cálido, a única palavra encorajadora em toda Fensmore.

– É um prazer conhecê-la – continuou a governanta. – Ouvi falar muito a seu respeito.

Honoria pareceu surpresa.

– É mesmo?

Marcus também demonstrou espanto. Não conseguia se lembrar de ter mencionado Honoria para alguém, muito menos para a governanta.

– Ah, sim – disse a Sra. Wetherby. – Quando eles eram crianças, é claro. Devo confessar que ainda penso nos dois como crianças, mas já estão bem crescidos, não é mesmo?

Honoria sorriu e assentiu.

– Agora, como preferem o chá? – perguntou a governanta.

Ela serviu leite em todas as três xicaras depois que Honoria e a Srta. Royle revelaram suas preferências.

– Faz muito tempo desde a última vez que vi o Sr. Daniel – continuou ela, erguendo o bule para servir. – É um pouco travesso, mas gosto dele. Ele passa bem?

Instalou-se um silêncio constrangedor e Honoria olhou para Marcus em busca de ajuda. Na mesma hora, ele pigarreou e falou:

– Não devo ter lhe contado, Sra. Wetherby: lorde Winstead saiu do país há muitos anos.

Ele explicaria o restante mais tarde, não na frente de Honoria e da amiga dela.

– Entendo – falou a governanta, interpretando corretamente o silêncio como uma pista para não continuar o assunto. Ela pigarreou algumas vezes, então estendeu a primeira xícara com o pires para Honoria. – E uma para a senhorita também – murmurou, estendendo a segunda para a Srta. Royle.

As duas agradeceram e a Sra. Wetherby se levantou para entregar a bebida de Marcus. Mas então se virou para Honoria.

– A senhorita se certificará de que ele beberá tudo, certo?

Honoria deu um sorriso de viés.

– Com certeza.

A Sra. Wetherby se inclinou e sussurrou de modo teatral:

– Os homens são péssimos pacientes.

– Ouvi isso – avisou Marcus.

A governanta lhe dirigiu um olhar maroto.

– Era para ouvir mesmo.

Ela fez uma mesura e deixou a sala.

O resto da visita se passou sem incidentes. Eles tomaram o chá (duas xícaras para Marcus, por insistência de Honoria), comeram biscoitos e conversaram sobre amenidades até Marcus começar a tossir de novo, dessa vez por tanto tempo que Honoria insistiu que ele voltasse para a cama.

– De qualquer modo, está na hora de irmos embora – falou, levantando-se junto com a amiga. – Estou certa de que a Sra. Royle está ansiosa por nosso retorno.

Marcus assentiu e sorriu em agradecimento quando as duas insistiram para que ele não se erguesse por causa delas. Realmente se sentia péssimo e desconfiava de que talvez engolisse seu orgulho e pedisse para ser carregado até o quarto.

Depois que as duas damas partissem, é claro.

Marcus abafou um gemido. Detestava ficar doente.

Já na carruagem, Honoria se permitiu se recostar e relaxar. Marcus parecia doente, mas nada que uma semana de descanso e uma boa sopa não curassem. No entanto, seu momento de paz foi abruptamente interrompido quando Cecily anunciou:

– Um mês.

Honoria a encarou.

– Perdão?

– É a minha previsão. – Cecily levantou o indicador, girou-o em um pequeno círculo e apontou-o para a frente. – Um mês até que lorde Chatteris faça o pedido de casamento.

– A quem? – perguntou Honoria, tentando esconder o choque.

Marcus não demonstrara nenhuma preferência clara por Cecily; além do mais, não era do feitio dela ser tão prepotente.

– A você, sua tonta.

Honoria quase engasgou.

– *Oh* – disse, com grande sentimento. – Oh. Oh. Oh. Oh, não.

Cecily deu um risinho afetado.

– Não, não. – Honoria estava parecendo uma monossilábica idiota. – Não. Ah, não.

– Eu estaria até disposta a apostar – continuou Cecily com malícia. – Você se casará até o fim da temporada social.

– Espero que sim – replicou Honoria, finalmente reencontrando seu vocabulário –, mas não com lorde Chatteris.

– Ah, então agora é lorde Chatteris, não é? Acha que não percebi que você o chamou pelo primeiro nome durante todo o tempo em que estivemos lá?

– É assim que o conheço. E o conheço desde que tinha 6 anos.

– Por mais que seja verdade, vocês dois estavam... Ah, como posso dizer? – Cecily franziu os lábios e ergueu os olhos para o teto da carruagem. – Agindo como se já fossem casados, talvez?

– Não seja ridícula.

– Estou falando a verdade – retrucou Cecily, parecendo muito satisfeita consigo mesma. Ela deu uma risadinha. – Espere até eu contar às outras.

Honoria quase saltou para o outro lado da carruagem.

– Não ouse!

– Parece-me que a dama faz protestos demasiados.

– Por favor, Cecily, eu lhe asseguro que não há amor entre mim e lorde Chatteris e garanto que nunca iremos nos casar. Espalhar rumores sobre isso só vai transformar a minha vida em um inferno.

Cecily inclinou a cabeça para o lado.

– *Não* há amor?

– É claro que *gosto* dele. Marcus era como um irmão para mim.

– Muito bem – cedeu Cecily. – Não direi nada.

– Obrig...

– *Até* vocês estarem noivos. Então vou gritar “eu já sabia!” para todo mundo que puder ouvir.

Honoria nem se importou em responder. Não haveria noivado, portanto Cecily não gritaria nada para ninguém. Porém, o que ela não percebeu até bem mais tarde foi que, pela primeira vez, dissera que Marcus *era* como um irmão para ela.

Verbo no pretérito.

Se ele não era mais um irmão, então o que era?

CAPÍTULO 7

Honoria voltou a Londres no dia seguinte. A temporada social só começaria dali a um mês, mas havia muitos preparativos a serem feitos. De acordo com Marigold – sua prima recém-casada, que fora vê-la na primeira tarde de seu retorno à cidade –, rosa era a cor da moda. Porém, ao visitar a modista, devia-se ter cuidado para determinar se o tom era de rubi, papoula ou prímula. Além disso, uma dama simplesmente *precisava* ter uma coleção de braceletes. Não se podia passar sem eles, assegurou Marigold.

Como esse foi apenas o início dos conselhos de moda da prima, Honoria fez planos de visitar a modista ainda naquela semana. Contudo, antes que pudesse fazer mais do que escolher seu tom favorito de rosa (que era prímula só para manter as coisas simples), recebeu uma carta de Fensmore.

Honoria presumiu que fosse de Marcus e abriu-a na expectativa, surpresa por ele ter se disposto a escrever para ela. Mas, quando desdobrou a única folha pautada, a letra era feminina demais.

Com o cenho franzido, sentou-se para ler a carta.

Minha cara lady Honoria,

Perdoe minha ousadia em lhe escrever, porém não sabia a quem mais poderia recorrer. Lorde Chatteris não está bem. Ele se encontra febril há três dias e, na noite passada, demonstrou-se completamente apático. O médico aparece toda tarde, mas não recomenda nada além de esperar e observar.

Como sabe, o conde não tem família. Sinto que devo avisar a alguém e ele sempre falou muito bem da sua.

Sra. Wetherby
Governanta do conde de Chatteris

– Ah, não – murmurou Honoria, mantendo os olhos fixos na carta até ficar vesga.

Como aquilo era possível? Quando ela deixara Fensmore, Marcus estava, sim, com uma tosse terrível, mas não mostrara nenhum sinal de febre. Nada no aspecto dele indicava que pudesse piorar tanto.

E o que a Sra. Wetherby pretendia ao lhe mandar aquela carta? Simplesmente lhe informar sobre o estado de saúde de Marcus ou pedir, de forma velada, que Honoria voltasse a Fensmore? No caso da última opção, isso queria dizer que Marcus estava muito mal?

– Mamãe! – chamou Honoria.

Levantou-se sem pensar e começou a atravessar a casa. Seu coração batia disparado. Ela acelerou o passo e elevou a voz:

– Mamãe!

– Honoria? – Lady Winstead apareceu no topo da escada, abanando-se com seu leque preferido, de seda chinesa. – O que houve? Algum problema com a modista? Pensei que planejava ir até lá com Marigold.

– Não, não, não é isso – respondeu Honoria, subindo a escada às pressas. – É Marcus.

– Marcus Holroyd?

– Sim. Recebi uma carta da governanta dele.

– Da governanta dele? Por que ela iria...

– Eu o vi em Cambridge, lembra-se? Contei à senhora sobre...

– Ah, sim, sim. – A mãe sorriu. – Que adorável coincidência ter esbarrado com ele. A Sra. Royle me escreveu um bilhete a respeito. Acho que ela torce para que ele peça a mão de Cecily.

– Mamãe, por favor, leia isto. – Honoria estendeu a carta da Sra. Wetherby. – Ele está muito doente.

Lady Winstead leu rapidamente a mensagem e seus lábios se cerraram, demonstrando uma preocupação crescente.

– Ah, querida... De fato as notícias são péssimas.

Honoria pousou a mão com força no braço da mãe, tentando enfatizar a gravidade da situação.

– Precisamos partir para Fensmore. Imediatamente.

Lady Winstead ergueu os olhos, surpresa.

– Nós?

– Ele não tem mais ninguém.

– Ora, isso não pode ser verdade.

– É verdade – insistiu Honoria. – Não lembra que Marcus costumava se hospedar conosco quando estudava no Eton com Daniel? Era porque ele não tinha nenhum outro lugar para onde pudesse ir. Acho que Marcus e o pai não se davam muito bem.

– Não sei, isso parece muito pretensioso. – A mãe franziu a testa. – Não somos parte da família dele.

– Ele não tem família!

Lady Winstead mordeu o lábio inferior.

– Ele era um menino tão adorável, mas só não acho...

Honoria plantou as mãos no quadril.

– Se a senhora não for comigo, vou sozinha.

– Honoria! – Lady Winstead recuou, chocada, e pela primeira vez naquela conversa uma chama cintilou em seus olhos pálidos. – Não fará nada disso. Sua reputação ficará destruída.

– Ele pode estar *morrendo*.

– Tenho certeza de que a situação não é assim tão séria.

Honoria entrelaçou as mãos, que haviam começado a tremer, os dedos muito frios.

– Dificilmente a governanta teria escrito para mim se o estado de saúde dele não fosse crítico.

– Ah, está certo – disse lady Winstead com um breve suspiro. – Partiremos amanhã.

Honoria balançou a cabeça.

– Hoje.

– Hoje? Honoria, você sabe que essas viagens exigem planejamento. Eu não teria como...

– Hoje, mamãe. Não há tempo a perder. – Honoria desceu correndo as escadas, gritando por sobre o ombro: – Pedirei que preparem a carruagem! Esteja pronta em uma hora!

Mostrando parte do ardor que tinha antes de o filho único ser banido do país, lady Winstead fez melhor do que isso: ficou pronta em 45 minutos, as malas em ordem, acompanhada pela camareira, já esperando por Honoria na sala de visitas da frente.

Cinco minutos depois, estavam a caminho.

A viagem para o norte de Cambridgeshire poderia ser feita em um (longo) dia, portanto já era perto da meia-noite quando a carruagem quase parou diante de Fensmore. Lady Winstead havia adormecido um pouco ao norte de Saffron Walden, mas Honoria permanecera completamente desperta. No instante em que entraram no longo caminho que levava a Fensmore, sua postura se tornara tensa e alerta e ela teve que se controlar para não agarrar a maçaneta da porta. Quando a carruagem enfim parou, não esperou que ninguém viesse ajudá-la a descer. Em segundos já havia aberto a porta e saltado e subia correndo os degraus da frente.

A casa estava silenciosa e Honoria passou pelo menos cinco minutos batendo a aldrava antes de finalmente ver o brilho de uma vela em uma janela e de ouvir passos apressados se aproximando.

O mordomo abriu a porta – Honoria não conseguia lembrar o nome dele – e, antes que o homem pudesse dizer uma palavra, ela falou:

– A Sra. Wetherby me escreveu contando sobre o estado de saúde do conde. Preciso vê-lo neste momento.

O mordomo recuou ligeiramente, os modos tão orgulhosos e aristocráticos quanto os do patrão.

– Lamento, mas é impossível.

Honoria teve que segurar no batente da porta para se apoiar.

– O que quer dizer? – sussurrou.

Com certeza Marcus não poderia ter sucumbido à febre tão pouco tempo depois de a Sra. Wetherby ter lhe enviado a carta.

– O conde está dormindo – retrucou o mordomo com irritação. – Não o acordarei a esta hora da noite.

O alívio fluiu pelo corpo de Honoria como o sangue voltando a circular em um membro dormente.

– Ah, obrigada – falou com ardor, tomando a mão do homem. – Agora, por favor, preciso ver o conde. Prometo não perturbá-lo.

O mordomo pareceu vagamente alarmado com o toque dela.

– Não posso permitir que o veja a esta hora. Devo lembrá-la que nem mesmo se apresentou.

Honoria ficou confusa. As visitas eram tão comuns em Fensmore que o homem não conseguia lembrar que ela estivera ali havia menos de uma

semana? Então percebeu que o mordomo estreitava os olhos na escuridão. Santo Deus, ele provavelmente não conseguia vê-la direito.

– Por favor, aceite as minhas desculpas – disse ela, em uma voz mais apaziguadora. – Sou lady Honoria Smythe-Smith, e minha mãe, a condessa de Winstead, está esperando na carruagem com a camareira. Talvez alguém possa ajudá-la a descer.

Uma enorme mudança ocorreu no rosto enrugado do mordomo.

– Lady Honoria! Peço que me perdoe. Não a reconheci na escuridão. Por favor, por favor, entre.

Ele a pegou pelo braço e a levou para dentro. Honoria permitiu que o homem a conduzisse, diminuindo ligeiramente o passo apenas para se virar e olhar para a carruagem.

– Minha mãe...

– Farei com que um criado a atenda o mais rápido possível – assegurou o mordomo. – Mas precisamos conseguir um quarto logo. Não preparamos nenhum, mas alguns podem ficar prontos em um instante. – Ele parou diante de uma porta, inclinou-se e puxou várias vezes uma corda. – As criadas logo estarão em atividade.

– Por favor, não as acorde por minha causa – pediu Honoria, embora, pelo vigor com que o homem puxara a corda da campainha, ela suspeitasse de que já era tarde demais para protestar. – Posso falar com a Sra. Wetherby? Detesto acordá-la, mas é da maior importância.

– É claro, é claro – garantiu o mordomo, ainda se adiantando com Honoria mais para dentro da casa.

– E minha mãe... – começou ela, olhando, nervosa, para trás.

Depois dos protestos iniciais, lady Winstead exibira um incrível espírito esportivo o dia todo. Honoria não queria deixá-la dormindo dentro de uma carruagem. O cocheiro e os cavalariços jamais a abandonariam ali, e é claro que a camareira dela estava sentada à sua frente, também profundamente adormecida, mas ainda assim não parecia certo.

– Eu a receberei assim que levar a senhorita à Sra. Wetherby – garantiu o mordomo.

– Obrigada, senhor, ahn... – Ela se sentiu constrangida por não saber o nome dele.

– Springpeace, milady.

O mordomo tomou a mão de Honoria nas suas e apertou-as. As mãos do homem eram reumáticas, e o aperto, trêmulo, mas havia uma urgência

em seu toque. E gratidão também. Ele levantou a cabeça e seus olhos escuros encontraram os de Honoria.

– Devo dizer, milady, que estou muito feliz com a presença da senhorita.

Dez minutos mais tarde, a Sra. Wetherby estava parada com Honoria do lado de fora do quarto de Marcus.

– Não sei se o conde vai gostar de ser visto em seu estado atual – comentou a governanta –, mas como a senhorita veio de tão longe...

– Não vou perturbá-lo. Só preciso ver por mim mesma que ele está bem.

A Sra. Wetherby engoliu em seco e encarou Honoria com uma expressão sincera.

– Ele não está bem. A senhorita deve estar preparada para isso.

– Eu-eu não quis dizer "bem" – corrigiu-se Honoria, hesitante. – Quero dizer, ah, não sei o que quero dizer, só que...

A governanta pousou a mão com gentileza sobre o braço da jovem.

– Eu compreendo. Ele está um pouco melhor do que ontem, quando lhe escrevi.

Honoria assentiu, mas o movimento pareceu tenso e desajeitado. Ela não achava que Marcus estava às portas da morte, mas não se tranquilizou, porque isso significava que ele *estivera*. E se a afirmação fosse verdadeira, ele poderia piorar de novo.

A Sra. Wetherby levou um dedo aos lábios, sinalizando para que Honoria ficasse em silêncio, enquanto as duas entravam no quarto. A mulher girou lentamente a maçaneta e a porta abriu sem barulho.

– Ele está dormindo – sussurrou a Sra. Wetherby.

Honoria aquiesceu e se adiantou, piscando em meio à luz mortiça. Estava muito quente ali dentro, o ar denso e pesado.

– Ele não está com calor? – murmurou para a governanta.

Ela mal conseguia respirar no cômodo abafado e Marcus parecia estar enterrado sob uma montanha de mantas e colchas.

– Segundo o médico, sob nenhuma circunstância poderíamos deixar que ele sentisse frio – respondeu a Sra. Wetherby.

Honoria repuxou a gola do vestido leve que usava, desejando que houvesse um modo de abri-lo um pouco. Meu Deus, se ela se sentia desconfortável, Marcus devia estar em agonia. Não podia ser saudável ficar sufocado.

Mas ao menos ele estava dormindo e sua respiração parecia normal. Ela não tinha ideia do que alguém ouviria diante do leito de um doente; supunha que qualquer coisa fora do comum. Honoria se aproximou um pouco mais e se inclinou. Marcus estava bastante suado. Ela só conseguia ver um lado do rosto dele, mas sua pele cintilava de um modo nada natural e o ar estava carregado de suor.

– Sinceramente, não acho que deveríamos mantê-lo sob tantas cobertas... – sussurrou Honoria.

A Sra. Wetherby deu de ombros, impotente.

– O médico foi muito claro.

Honoria chegou ainda mais perto, até suas pernas tocarem a lateral da cama.

– Ele não parece confortável.

– Eu sei – concordou a governanta.

Honoria estendeu a mão, hesitante, para ver se conseguia afastar um pouco as cobertas, mesmo que apenas alguns centímetros. Ela segurou a beira da colcha que estava por cima, puxou muito de leve, então...

– Aaaaaaai!

Honoria deu um gritinho e um pulo para trás, agarrando o braço da Sra. Wetherby. Marcus se sentara na cama de supetão e agora olhava ao redor com uma expressão desvairada.

E ele parecia não usar nenhuma peça de roupa. Pelo menos não da cintura para cima, que era o que ela conseguia ver.

– Está tudo bem, está tudo bem – disse Honoria, mas faltava confiança em sua voz. Nada estava bem, mas ela não sabia como fazer parecer o contrário.

Marcus respirava com dificuldade e se encontrava muito agitado. Seus olhos não pareciam focalizar. Na verdade, Honoria não tinha certeza se ele percebia que ela estava ali. Marcus mexia a cabeça para a frente e para trás, como se procurasse algo, então o movimento ficou mais acelerado e a cabeça começou a estremecer de um modo estranho.

– Não – disse Marcus, embora não com muita determinação. Ele não parecia furioso, apenas aborrecido. – Não.

– Ele não está acordado – comentou a Sra. Wetherby, baixinho.

Honoria assentiu lentamente, enfim se dando conta da enormidade da tarefa que assumira. Não entendia nada de doenças e com certeza não sabia como cuidar de alguém com febre.

Fora até ali para isso? Para cuidar dele? Ficara tão louca de preocupação depois de ler a mensagem da Sra. Wetherby que tudo em que conseguiu pensar foi em vê-lo por si mesma. Não refletira além disso.

Como tinha sido idiota. O que achara que faria depois que o visse? Que daria as costas e voltaria para casa?

Teria que cuidar dele. Estava ali agora e qualquer outra possibilidade era impensável. Mas a perspectiva a aterrorizava. E se fizesse alguma coisa errada? E se piorasse o estado dele?

Contudo, o que mais poderia fazer? Marcus não tinha ninguém. Ele precisava dela e Honoria ficou surpresa – e um pouco envergonhada – por não ter percebido isso antes.

– Vou me sentar com ele – disse à Sra. Wetherby.

– Ah, não, senhorita, não pode fazer isso. Não seria...

– Alguém precisa ficar com ele – interrompeu Honoria com determinação. – Marcus não deve ficar sozinho.

Ela pegou a governanta pelo braço e conduziu a mulher até o outro extremo do quarto. Era impossível manter uma conversa tão perto de Marcus. Ele havia voltado a se deitar, mas estava se virando e se agitando com tamanha violência que Honoria se encolhia cada vez que o olhava.

– Eu ficarei – disse a Sra. Wetherby. Mas não parecia estar realmente com vontade de fazer isso.

– Desconfio de que a senhora já tenha passado muitas horas ao lado dele. Assumirei seu lugar. A senhora precisa descansar.

A governanta assentiu, grata. Quando as duas chegaram à porta que dava para o corredor, ela garantiu:

– Ninguém comentará nada sobre a senhorita estar no quarto dele. Prometo que nenhuma alma em Fensmore dirá uma palavra a respeito.

Honoria abriu o que esperava ser um sorriso tranquilizador.

– Minha mãe está aqui. Não neste quarto, mas está aqui em Fensmore. Isso deve ser o bastante para evitar maledicências.

A Sra. Wetherby assentiu novamente e saiu do aposento. Honoria ouviu o som de seus passos se afastando até restar apenas o silêncio.

– Ah, Marcus... – disse ela, baixinho, aproximando-se devagar da beirada da cama. – O que aconteceu com você?

Honoria estendeu a mão para tocá-lo, então pensou que era melhor não. Não seria adequado e, além disso, não queria perturbá-lo mais do que já havia perturbado.

Ele tirou um dos braços de baixo das cobertas e rolou até estar deitado de lado, o braço livre pousado na colcha. Honoria não se dera conta de que Marcus era tão musculoso. É claro que sabia que ele era forte. Óbvio. Ele... Ela parou por um instante, refletindo. Na verdade, não era óbvio. Honoria não conseguia se lembrar da última vez em que o vira erguer algo. Mas Marcus parecia forte. Passava essa impressão. De ser capaz fisicamente. Nem todos os homens tinham essa característica. Na verdade, a maioria não tinha, pelo menos os que Honoria conhecia.

Ainda assim, ela não percebera que os músculos do braço de um homem podiam ser tão bem definidos.

Interessante.

Honoria se inclinou um pouco mais para a frente, inclinou a cabeça para o lado e aproximou um pouco a vela. Como era chamado aquele músculo no ombro? O dele era mesmo uma beleza.

Ela arquejou, horrorizada diante do rumo inapropriado que seus pensamentos tomavam, e recuou um passo. Não estava ali para lançar olhares desejosos para o pobre homem e, sim, para cuidar dele. Além do mais, se fosse lançar olhares desejosos para alguém, com certeza não seria para Marcus Holroyd.

Havia uma cadeira próxima e Honoria puxou-a mais para a frente, próxima o bastante da cama para que pudesse se inclinar e atendê-lo em um instante, mas não o suficiente para ser atingida por algum dos movimentos descontrolados dele.

Marcus parecia mais magro. Ela não sabia como conseguira perceber isso em meio a tantas colchas e cobertas, mas ele com certeza perdera peso. O rosto estava mais fino e, mesmo sob a luz mortiça da vela, Honoria podia ver sombras escuras sob seus olhos, que não existiam antes.

Ela ficou sentada por vários minutos, sentindo-se um tanto tola, na verdade. Deveria estar *fazendo* algo. Provavelmente velar o seu sono já era alguma coisa, mas nada de mais, até porque precisava se esforçar para não olhar certas partes do corpo dele. Marcus parecia ter se acalmado; de vez

em quando se agitava embaixo das cobertas, mas na maior parte do tempo dormia tranquilo.

Mas, Deus, como estava quente ali. Honoria ainda usava seu vestido diurno, muito bonitinho, abotoado nas costas. Era uma dessas peças absurdas do vestuário feminino, nas quais não se conseguia entrar (ou sair) sozinha.

Ela sorriu. Um pouco como as botas de Marcus. Era interessante saber que os homens podiam ser devotados à moda de uma forma tão pouco prática quanto as mulheres.

Ainda assim, aquele vestido era a roupa errada para se usar no quarto de um doente. Honoria conseguiu abrir alguns botões do topo e praticamente ofegou por mais ar.

– Isso não pode ser saudável – disse em voz alta, segurando a gola com dois dedos e sacudindo-a na tentativa de arejar o pescoço suado.

Honoria olhou para Marcus. Ele não pareceu se perturbar com a sua voz. Ela descalçou os sapatos e então, como já estava despida o bastante para arruinar a própria reputação caso alguém a visse, aproveitou para tirar também as meias.

– Argh.

Ela baixou os olhos para as pernas, desanimada. As meias já estavam quase empapadas de suor.

Com um suspiro resignado, estendeu as meias nas costas da cadeira, então pensou melhor. Provavelmente era mais inteligente não as deixar tão à mostra. Assim, enrolou-as e enfiou-as dentro dos sapatos. De pé, segurou a saia com as duas mãos e balançou-as, tentando refrescar as pernas.

Aquele calor era insuportável. Não se importava com o que o médico dissera. Não conseguia acreditar que aquilo pudesse ser saudável. Honoria voltou à cama de Marcus e espiou-o de novo, mantendo uma distância segura para o caso de ele se agitar.

Com muito cuidado, estendeu a mão. Não o tocou, mas chegou perto disso. O ar próximo ao ombro de Marcus estava pelo menos 10 graus mais quente do que o resto do cômodo.

Ela podia estar exagerando um pouco, dado o seu estado de extremo calor. Mas ainda assim...

Honoria olhou ao redor, procurando algo com que pudesse abaná-lo. Maldição, adoraria ter um dos leques de seda chinesa da mãe naquele momento. A mãe vivia se abanando nos últimos tempos. Nunca ia a lugar

algum sem ter ao menos três daqueles leques na bagagem – o que era uma boa ideia, já que ela tendia a esquecê-los por toda a cidade.

Porém, nada ali podia fazer as vezes de um leque. Assim, Honoria se inclinou e assoprou delicadamente o rosto de Marcus. Ele não se mexeu. Para ela, isso era um bom sinal. Animada com seu sucesso (se é que fora mesmo um sucesso), tentou de novo, com um pouco mais de força. Dessa vez ele estremeceu ligeiramente.

Honoria franziu a testa, sem saber se aquilo era bom ou não. Se Marcus estava suando como parecia, ela corria o risco de deixá-lo com frio, exatamente o que o médico mandara evitar.

Ela se sentou, então se levantou, e voltou a se acomodar, e tamborilou na coxa. O movimento se tornou cada vez mais frenético até ser obrigada a prender a mão agitada para mantê-la quieta.

Aquilo era um absurdo. Honoria se ergueu de um pulo e retornou até a beira da cama de Marcus. Ele estava agitado de novo, debatendo-se sob as cobertas, embora não com força o bastante para se descobrir.

Precisava tocá-lo. Realmente precisava. Era a única forma de determinar a temperatura da pele dele. Honoria não sabia bem o que faria com essa informação, mas isso não importava. Se era a enfermeira de Marcus – e parecia que era –, tinha que observar melhor o estado de saúde dele.

Honoria estendeu a mão e o tocou de leve nos ombros com as pontas dos dedos. A pele não parecia tão quente quanto ela imaginara, mas isso talvez tivesse a ver com o calor que sentia. Mas ele estava suado e, ao se aproximar, Honoria percebeu que os lençóis estavam ensopados.

Deveria tentar tirá-los? Marcus ainda tinha todas as outras cobertas. Ela puxou o lençol enquanto segurava a colcha de cima com a outra mão para mantê-la no lugar. Só que não deu certo. Todas as cobertas acabaram deslizando na direção dela, revelando uma perna longa e ligeiramente dobrada.

Os lábios de Honoria se entreabriram. Ele também era bem musculoso ali.

Não, não, não, não, não, não, não. Ela não estava olhando para Marcus. Não estava. Não para ele. Com certeza não para ele. Além do mais, precisava devolver uma das cobertas ao lugar antes que Marcus rolasse o corpo e ficasse todo exposto, porque Honoria não sabia se ele

estava usando alguma roupa de baixo. Não tinha nada cobrindo os braços nem as pernas, portanto restava...

Honoria baixou os olhos para o meio do corpo dele. Não conseguiu evitar. Ele ainda estava coberto, é claro, mas se ela esbarrasse acidentalmente na cama...

Segurou uma parte da colcha e puxou-a para cima, tentando cobri-lo de novo. Outra pessoa teria que trocar os lençóis. Santo Deus, como ela estava com calor! Como poderia ter ficado ainda mais quente ali? Talvez pudesse sair do quarto por um instante. Ou abrir uma fresta da janela e ficar perto dela.

Abanou o rosto com a mão. Deveria voltar a se sentar. Havia uma cadeira adequada para isso e poderia se acomodar com as mãos discretamente no colo até de manhã. Só daria uma última olhada em Marcus, para se certificar de que ele estava bem.

Ela ergueu a vela e a aproximou do rosto dele.

Os olhos de Marcus estavam abertos.

Honoria deu um passo cauteloso para trás. Ele abrira os olhos antes. Aquilo não significava que estava acordado.

– Honoria? O que está fazendo aqui?

Isso, no entanto, significava.

CAPÍTULO 8

Marcus sentia-se péssimo.

Não, sentia-se como se tivesse ido ao inferno. E voltado. E talvez ido de novo, só porque não estivera quente o bastante da primeira vez.

Ele não tinha ideia de quanto tempo estava doente. Um dia, talvez? Dois? A febre havia começado... na terça-feira? Sim, na terça, embora isso não significasse grande coisa, já que ele não sabia que dia era agora.

Ou noite. Devia ser de noite. Parecia estar escuro... Maldição, como estava quente! Na verdade, era difícil pensar em qualquer outra coisa que não aquele calor absurdo.

Talvez ele houvesse trazido o inferno para casa. Ou talvez ainda estivesse lá. Se esse fosse o caso, as camas no inferno eram bem confortáveis, o que parecia contradizer tudo o que aprendera na igreja.

Marcus bocejou e esticou o pescoço para a direita e para a esquerda antes de voltar a repousá-lo no travesseiro. Conhecia aquele travesseiro. Era macio, de penas de ganso, e da densidade certa. Ele estava na própria cama, no próprio quarto. E com certeza era de noite. Estava escuro. Sabia disso, embora não conseguisse reunir energia para abrir os olhos.

Podia ouvir a Sra. Wetherby se agitando pelo quarto. Imaginou que a governanta ficara ao lado da cama durante todo o tempo. Isso não o surpreendeu, mas sentia-se grato pelos cuidados. Ela levara sopa quando começara a se sentir mal, e Marcus se recordava vagamente de vê-la conversando com um médico. As poucas vezes em que ele emergira da bruma da febre, ela estava no quarto, velando-o.

A mulher tocou seu ombro, os dedos leves e suaves. Mas não foi o bastante para arrancá-lo do estupor. Não conseguia se mexer. Estava tão cansado... Não tinha lembrança de tamanho cansaço na vida. Todo o corpo

doía e a perna lhe dava agonia. Só queria voltar a dormir. Mas estava muito quente. Por que alguém manteria o quarto tão quente?

Como se ouvisse seus pensamentos, a Sra. Wetherby puxou-lhe os lençóis e Marcus rolou para o lado, tirando a perna boa de baixo das cobertas. Ar! Santo Deus, que sensação boa! Talvez ele devesse se livrar delas de vez. A governanta ficaria muito escandalizada se o visse seminu? Provavelmente, mas se fosse para o bem da saúde dele...

Porém, ela começou a jogar as cobertas de volta em cima dele, e Marcus quase teve vontade de chorar. Reuniu toda a sua reserva de energia, abriu os olhos e...

Não era a Sra. Wetherby.

– Honoria? – disse ele, rouco. – O que está fazendo aqui?

Ela deu um pulo para trás, de quase meio metro, e deixou escapar um gritinho que furou os tímpanos dele. Marcus voltou a fechar os olhos. Não tinha energia para conversar, embora a presença dela ali fosse bastante curiosa.

– Marcus? – chamou Honoria, a voz estranhamente urgente. – Consegue falar? Está acordado?

Ele fez um brevíssimo meneio de cabeça.

– Marcus?

Honoria estava mais perto agora e ele conseguiu sentir o hálito quente no pescoço. Era terrível. Quente demais, próximo demais.

– Por que você está aqui? – perguntou Marcus de novo, as palavras saindo desarticuladas, como se envolvidas em um melado. – Você deveria estar...

Onde ela deveria estar? Londres, ele achava. Não era isso?

– Ah, graças a Deus.

Honoria tocou-lhe a testa. A pele dele estava quente, mas, enfim, *tudo* estava quente.

– Hon... Honor...

Ele não conseguiu pronunciar o resto do nome dela. Tentou. Moveu os lábios e respirou fundo algumas vezes. Mas era muito esforço, até porque ela parecia não responder à pergunta dele. Por que ela estava ali?

– Você ficou muito doente – falou Honoria.

Ele assentiu. Provavelmente. Pelo menos pensou em assentir.

– A Sra. Wetherby escreveu para mim, em Londres.

Ah, então era isso. Ainda assim, muito estranho.

Honoria pegou a mão dele e começou a dar tapinhas nela, em um gesto nervoso e agitado.

– Vim assim que pude. Minha mãe também está aqui.

Lady Winstead? Marcus tentou sorrir. Gostava de lady Winstead.

– Acho que você ainda está com febre – falou Honoria, parecendo insegura. – Sua testa está quente. Embora este quarto esteja um forno. Não sei se consigo precisar quanto do calor vem de você e quanto está no ar.

– Por favor – grunhiu Marcus, esticando um dos braços e batendo no dela sem querer. Ele abriu os olhos, piscando contra a luz mortiça. – A janela.

Ela balançou a cabeça.

– Lamento. Gostaria de poder abri-la. Mas a Sra. Wetherby disse que o médico...

– *Por favor.*

Ele estava implorando... Diabos, parecia próximo às lágrimas. Só queria que ela abrisse a maldita janela.

– Marcus, não posso... – Honoria parecia dividida.

– Não consigo respirar – interrompeu ele, e não estava exagerando.

– Ah, está certo – concordou ela, indo na direção da janela. – Mas não conte a ninguém!

– Eu prometo – murmurou ele.

Marcus não conseguia erguer o corpo para virar a cabeça e observá-la, mas ouviu cada movimento de Honoria em meio ao silêncio pesado da noite.

– A Sra. Wetherby foi bastante firme – comentou ela, afastando a cortina. – Era para o quarto permanecer quente.

Marcus grunhiu de novo e tentou gesticular para descartar a preocupação dela.

– Não sei nada sobre cuidar de inválidos – *ah, agora, sim, o som da janela sendo aberta...* –, mas imagino que não seja saudável ficar nesta sauna quando se está com febre.

Marcus sentiu os primeiros sopros de ar fresco tocarem sua pele e quase chorou de felicidade.

– Nunca tive febre – revelou Honoria, voltando para o lado dele. – Ou ao menos não que consiga me lembrar. Não é estranho?

Marcus podia visualizar seu sorriso pela voz dela. Sabia até que tipo de sorriso era aquele – um tanto encabulado, com apenas um leve toque de

admiração. Honoria costumava sorrir daquele jeito. E toda vez que isso acontecia, o lado direito da boca se curvava apenas um pouquinho mais do que o esquerdo.

E agora ele conseguia reconhecer esse sorriso. Era adorável. E estranho. Como era esquisito que a conhecesse tão bem... Ele a conhecia melhor do que quase qualquer outra pessoa, é claro. Mas isso não era o mesmo que conhecer o sorriso de alguém.

Ou era?

Honoria puxou uma cadeira mais para perto e se sentou.

– Isso nunca me ocorreu até eu vir para cá cuidar de você... Quero dizer, que eu nunca tivera uma febre. Minha mãe diz que são terríveis.

Ela fora até lá para cuidar dele? Marcus não sabia por que achava esse fato tão incrível. Não havia mais ninguém em Fensmore por quem Honoria pudesse ter vindo, e ali estava ela, ao lado do leito dele, mas ainda assim, de algum modo aquilo parecia.... Bem, não estranho. Também não surpreendente. Apenas...

Inesperado.

Marcus tentou ajustar a mente cansada. Uma coisa podia não ser surpreendente *e* ser inesperada? Porque era esse o caso. Ele nunca havia esperado que Honoria largasse tudo e fosse para Fensmore cuidar dele. Ainda assim, ali estava ela, e isso não era nada surpreendente.

Parecia quase normal.

– Obrigado por abrir a janela – agradeceu ele, baixinho.

– De nada. – Honoria abriu um sorriso, porém não conseguiu disfarçar a expressão preocupada. – Não foi preciso muito para me convencer. Acho que nunca senti tanto calor na vida.

– Nem eu – tentou brincar Marcus.

Dessa vez ela deu um sorriso de verdade.

– Ah, Marcus... – falou Honoria, estendendo a mão para afastar os cabelos da testa dele.

Ela balançou a cabeça, mas parecia não saber por que estava fazendo aquilo. Os próprios cabelos caíam-lhe sobre o rosto, lisos como sempre. Honoria soprou-os, tentando tirá-los da boca, mas eles voltaram a cair. Por fim, afastou-os com os dedos e os prendeu atrás da orelha.

E eles voltaram a cair.

– Você parece cansada – comentou Marcus com a voz rouca.

– Diz o homem que não consegue manter os olhos abertos.

– *Touché* – falou ele, de algum modo conseguindo ilustrar a declaração com um leve movimento do dedo indicador.

Honoria ficou em silêncio por um instante, então teve um leve sobressalto.

– Gostaria de beber alguma coisa?

Marcus assentiu.

– Desculpe. Eu deveria ter perguntado no momento em que você acordou. Imagino que esteja morrendo de sede.

– Só um pouco – mentiu ele.

– A Sra. Wetherby deixou uma jarra de água – informou Honoria, esticando o braço para pegar algo na mesa atrás dela. – Não está fria, mas acho que será refrescante.

Marcus assentiu de novo. Qualquer coisa que não estivesse fervendo seria refrescante.

Honoria estendeu um copo, então percebeu que ele não conseguiria segurá-lo deitado como estava.

– Venha, deixe-me ajudá-lo a erguer o corpo – ofereceu ela, voltando a pousá-lo na mesa.

Honoria passou os braços ao redor dele e, com mais determinação do que força, auxiliou-o a se sentar.

– Pronto – disse, parecendo tão eficiente quanto uma governanta. – Só, ahn, precisamos prender essa coberta ao seu redor e tomar um pouco de água.

Marcus piscou algumas vezes, cada movimento tão lento que ele não tinha certeza se conseguiria voltar a abrir os olhos. Não estava usando uma camisa. Era engraçado só ter percebido isso agora. E mais engraçado ainda que parecesse não se preocupar com as sensibilidades da dama solteira.

Honoria devia estar ruborizada. Ele não tinha como saber: estava escuro demais para enxergar. Mas isso não importava. Era Honoria. Ela era de boa estirpe. Era sensata. Não ficaria apavorada para sempre por causa da visão do peito dele.

Marcus tomou um gole d'água, então outro, mal percebendo quando parte da água escorreu pelo queixo. Meu Deus, que sensação deliciosa a da água na boca. A língua dele estava muito inchada e seca.

Honoria murmurou alguma coisa, inclinou-se para a frente e secou-lhe o queixo com a mão.

– Sinto muito, não tenho um lenço.

Marcus assentiu, algo dentro dele memorizando a sensação dos dedos dela contra o rosto.

– Você estava aqui antes.

Ela o olhou sem entender.

– Você me tocou. No ombro.

Os lábios dela se curvaram em um leve sorriso.

– Foi há poucos minutos.

– Foi? – Ele pensou a respeito. – Ah.

– Estou aqui há muitas horas.

Ele ficou ligeiramente boquiaberto.

– Obrigado.

Aquela era a voz dele? Nossa, parecia tão fraca...

– Não consigo expressar quanto me sinto aliviada por vê-lo acordado. Quero dizer, você parece péssimo, mas está muito melhor do que antes. Está falando. E falando coisas que fazem sentido.

Ela levantou as mãos e juntou-as, o gesto nervoso e um tanto frenético.

– O que é mais do que eu poderia dizer de mim mesma no momento.

– Não seja tola.

Honoria balançou rapidamente a cabeça, então desviou os olhos. Mas ele a viu secar o rosto às pressas.

Ele a fizera chorar. Sentiu a cabeça pender um pouco para o lado. Só a ideia já o deixava cansado. Triste. Nunca quisera levar Honoria às lágrimas.

Ela... Ela não deveria... Marcus engoliu em seco. Não queria que ela chorasse. Estava tão cansado... Não sabia de muita coisa, mas disso ele sabia.

– Você me assustou – disse Honoria. – Aposto que não achava que conseguiria.

Ela parecia tentar brincar com ele, mas Marcus percebeu que era tudo fingimento. E apreciou o esforço.

– Onde está a Sra. Wetherby? – perguntou ele.

– Eu a mandei dormir. Ela estava exausta.

– Ótimo.

– Ela vem cuidando de você com toda a dedicação.

Marcus voltou a assentir, um movimento muito breve que torceu para que ela tivesse visto. Também fora a governanta que cuidara dele na última vez em que tivera febre, aos 11 anos. O pai não entrara no quarto

nem uma vez, mas a Sra. Wetherby não saiu do lado dele. Marcus quis contar a Honoria a respeito, ou talvez sobre a vez que o pai saíra de casa antes do Natal e a Sra. Wetherby tomara para si a tarefa de enfeitar a casa com visco em tal quantidade que o lugar cheirara a floresta por semanas. Tinha sido o melhor Natal de Marcus, até o ano em que ele foi convidado a passar a data com os Smythe-Smiths.

Aquele fora o melhor Natal de todos. Sempre seria o melhor.

– Quer mais água? – perguntou Honoria.

Ele queria, mas não sabia se tinha energia para engolir adequadamente.

– Eu o ajudarei – garantiu ela, pousando o copo nos lábios dele.

Marcus deu um golinho, então deixou escapar um suspiro cansado.

– Minha perna dói.

– Provavelmente ainda é por causa da torção.

Ele bocejou.

– Parece... estar ardendo um pouco. Queimando um pouco.

Ela arregalou os olhos. Marcus não poderia culpá-la. Também não tinha ideia do que queria dizer exatamente.

Honoria se inclinou para a frente, o cenho franzido de preocupação, e mais uma vez levou a mão à testa dele.

– Você está começando a ficar quente de novo.

Ele tentou sorrir. Talvez houvesse conseguido curvar ao menos um lado da boca.

– Não sou sempre... caloroso?

– Não – respondeu ela com franqueza. – Mas parece mais quente agora.

– Vem e vai.

– A febre?

Ele assentiu.

Honoria cerrou os lábios e pareceu mais velha do que ele já vira. Não velha... não havia como ela parecer velha. Só que demonstrava preocupação. Seus cabelos estavam do mesmo jeito, presos para trás no coque frouxo de costume. E ela se movia com aquele andar animado e ligeiramente saltitante que lhe era tão típico.

Mas os olhos estavam diferentes. Mais escuros de algum modo. Mais fundos. Ele não gostou nada disso.

– Posso beber um pouco mais de água? – perguntou.

Não se lembrava de já ter sentido tanta sede.

– É claro – disse Honoria rapidamente, e serviu mais água.

Ele virou a água, de novo depressa demais, mas dessa vez secou o que transbordou com as costas da mão.

– Provavelmente vai voltar – avisou a ela.

– A febre.

Agora não se tratava de uma pergunta.

Marcus assentiu.

– Achei que você deveria saber.

– Não entendo – falou ela, pegando o copo da mão trêmula dele. – Você estava bem na última vez em que o vi.

Ele tentou erguer uma sobrancelha. Não soube se teve êxito.

– Ah, certo – emendou Honoria. – Não totalmente bem, mas sem dúvida melhorando.

– Eu estava tossindo.

– Eu sei. Só acho... – Ela bufou, zombando de si mesma, e balançou a cabeça. – O que estou dizendo? Não sei nada sobre doenças. E por que achei que seria capaz de tomar conta de você? Na verdade, acho que não sou.

Marcus não entendia o que ela estava falando, mas, por alguma razão inexplicável, aquilo o deixou feliz.

Honoria voltou a se sentar na cadeira perto dele.

– Eu simplesmente vim. Recebi a carta da Sra. Wetherby e não parei para pensar sobre o fato de que não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-lo. Apenas vim.

– Você está ajudando – sussurrou Marcus.

E ela estava mesmo.

Ele já se sentia melhor.

CAPÍTULO 9

As dores acordaram Honoria na manhã seguinte. O pescoço dela estava rígido, as costas ardiam e o pé esquerdo se encontrava dormente. E ela estava com calor e suada. Além de desconfortável, sentia-se feia. E provavelmente fedia. E com isso queria dizer...

Ah, pelo amor de Deus, qualquer pessoa que chegasse a menos de 2 metros dela saberia.

Honoria havia fechado a janela depois de Marcus ter cochilado. E quase a matara fazer isso, ia contra todo o bom senso. Mas não se sentia segura o bastante para desafiar as instruções do médico.

Ela sacudiu o pé e se encolheu com a sensação de minúsculas agulhas espetando sua pele. Diabos, detestava quando o pé ficava dormente. Honoria estendeu a mão para apertá-lo, tentando restaurar a circulação, porém a parte inferior de sua perna parecia pegar fogo.

Com um bocejo e um gemido, ela se levantou, tentando ignorar o sinistro ranger das juntas. Havia um motivo para seres humanos não dormirem em cadeiras, concluiu Honoria. Se ainda estivesse ali na noite seguinte, tentaria se acomodar no chão.

Meio andando, meio mancando, ela foi até a janela, ansiosa para afastar as cortinas e permitir que ao menos um pouco de luz do sol entrasse. Marcus ainda dormia, por isso Honoria não queria deixar o quarto muito claro, só que sentia uma necessidade urgente de vê-lo. A cor da pele dele, as manchas escuras sob os olhos. Ela não sabia bem o que faria com essa informação, mas a verdade era que não sabia bem o que faria com nada desde que entrara naquele quarto na noite anterior.

E precisava de uma razão para sair daquela maldita cadeira.

Honoria afastou um dos lados da cortina, piscando diante da luz do início da manhã. O dia devia ter nascido havia pouco tempo: o céu ainda

exibia faixas de rosa e pêssego, e a bruma matinal pairava suavemente sobre o gramado.

Parecia tão agradável lá fora, tão tranquilo e fresco, que Honoria voltou a abrir uma fresta da janela e chegou a pressionar o rosto contra a abertura, só para aspirar a umidade fresca.

Entretanto, tinha um trabalho a fazer. Assim, afastou-se da janela e se virou com toda a intenção de pousar a mão na testa de Marcus para checar se a febre voltara. Porém, antes que Honoria pudesse dar mais de dois passos, ele rolou no sono e...

Santo Deus, o rosto de Marcus estava vermelho daquele jeito na noite anterior?

Ela correu para o lado dele, tropeçando por causa do pé ainda pinicando. A aparência de Marcus era terrível: vermelho e inchado. Quando tocou sua pele, sentiu-a quente e ressecada.

E quente. Terrivelmente quente.

Honoria correu para a jarra de água. Ela não vira nenhuma toalha ou lenço, logo molhou as mãos e pousou-as no rosto dele, tentando esfriar a pele. Contudo, era evidente que aquela não seria uma solução possível. Por isso, Honoria foi até uma cômoda e abriu as várias gavetas até encontrar o que achou serem lenços. Só quando os sacudiu para mergulhá-lo na jarra foi que percebeu.

Ai, meu Deus, ela estava prestes a colocar a roupa de baixo de Marcus no rosto dele.

Honoria sentiu-se corar enquanto a torcia para tirar o excesso de água, e voltou correndo para o lado dele. Murmurou um pedido de desculpas – não que ele estivesse consciente o bastante para compreender o que ela dizia ou para se dar conta da indignidade por vir – e pressionou o tecido úmido na testa dele.

No mesmo instante, Marcus começou a se virar e a se debater, deixando escapar sons estranhos e preocupantes: grunhidos e palavras incompletas, frases sem começo ou fim. Ela ouviu “pare” e “não”, mas também pensou ter escutado “facilitar”, “peixe-sapo” e “ponte”.

E com certeza “Daniel”.

Ela conteve as lágrimas e se afastou por um instante para colocar a jarra de água mais perto. Marcus havia arrancado o tecido fresco do rosto quando Honoria retornou à beira da cama, e ao tentar recolocá-lo, ele a afastou.

– Marcus – disse ela com firmeza, embora soubesse que ele não a ouviria –, você precisa me deixar ajudá-lo.

Marcus lutou contra ela, virando-se de um lado para outro, até Honoria estar praticamente sentada sobre ele, apenas para mantê-lo quieto.

– Pare com isso – disse, irritada, quando ele voltou a empurrá-la. – Você. Não. Vai. Vencer. Aliás – ela se apoiou com força num dos ombros de Marcus com o antebraço –, se eu vencer, você vence.

Ele ergueu o corpo de repente e as cabeças dos dois se chocaram. Honoria deixou escapar um gemido, mas não o soltou.

– Ah, não, você não vai vencer – insistiu ela, aproximando o rosto do dele. Você não vai morrer.

Usando todo o peso do corpo para mantê-lo deitado, Honoria esticou o braço na direção da jarra de água, tentando molhar o pano de novo.

– Você vai me odiar amanhã, quando se der conta do que estou colocando em seu rosto – comentou ela, voltando a pressionar com força a roupa de baixo na testa dele.

Não pretendera ser tão rude, mas Marcus não lhe dera muita chance de ser mais gentil.

– Acalme-se – disse Honoria, baixinho, passando o pano no pescoço dele. – Prometo que, se você se acalmar, vai se sentir muito melhor. – Ela molhou o pano mais uma vez. – Será pouco em comparação com quanto *eu* vou me sentir.

Na tentativa seguinte, Honoria conseguiu colocar o pano úmido sobre o peito de Marcus, que havia muito ela deixara de reparar que estava nu. Mas ele pareceu não gostar e empurrou-a com força, fazendo-a cair da cama e aterrissar com um baque no tapete.

– Ah, não, você não vai vencer – resmungou ela, pronta para voltar ao ataque.

Porém, antes que pudesse dar a volta na cama para se aproximar da jarra, Marcus acertou-a na barriga com a perna.

Honoria cambaleou e se debateu, tentando recuperar o equilíbrio. Sem pensar, agarrou a primeira coisa em que suas mãos esbarraram.

Marcus gritou.

O coração de Honoria passou a bater com o triplo da velocidade e ela soltou o que então percebeu ser a perna dele. Sem nada em que se agarrar, Honoria caiu e bateu o cotovelo direito com força no chão.

– Aaauuu! – gritou enquanto sentia espasmos elétricos se irradiarem até as pontas dos dedos.

De algum modo, conseguiu se colocar de pé e segurou o cotovelo ao lado do corpo. O barulho que Marcus fizera...

Não havia sido humano.

Ele ainda estava gemendo muito quando Honoria retornou para o lado da cama, e também respirava com dificuldade – o tipo de respiração própria de quem está morrendo de dor.

– O que aconteceu? – sussurrou Honoria. Não era a febre. Era algo muito mais agudo.

A perna dele. Ela agarrara a perna dele.

Foi quando percebeu que sua mão estava pegajosa.

Ainda segurando o próprio cotovelo, Honoria virou a mão até ver a palma.

Sangue.

– *Ai, meu Deus*.

Ela se adiantou até ele com o estômago embrulhado. Não queria assustá-lo, já o nocauteara duas vezes. Mas o sangue.... não era dela.

Como Marcus recolhera a perna de novo para debaixo das cobertas, Honoria levantou cuidadosamente a manta para expô-la até o joelho.

– *Ai, meu Deus*.

Um longo e feio corte se estendia pela lateral da panturrilha, pingando sangue e algo mais que Honoria preferia nem imaginar o que era. A perna estava terrivelmente inchada e pálida, a pele perto do ferimento vermelha e brilhando. A aparência era péssima, como de alguma coisa podre. Horrorizada, Honoria se perguntou se ele estaria apodrecendo.

Ela deixou cair a coberta e se afastou, mal conseguindo conter a ânsia de vômito.

– Ai, meu Deus – disse de novo, incapaz de falar outra frase, incapaz de pensar em qualquer outra coisa.

Aquela só podia ser a causa da febre. Não tinha nada a ver com o frio ou com a tosse.

A cabeça de Honoria girava. Marcus tinha um ferimento infeccionado, provavelmente causado quando ele cortara a bota. Mas ele não contara que havia se cortado. Por que não mencionara? Deveria ter dito a alguém. Deveria ter dito a *ela*.

Honoria ouviu uma batidinha na porta e a Sra. Wetherby enfiou a cabeça por uma fresta.

– Está tudo bem? Ouvi um barulho alto.

– Não – respondeu Honoria, a voz trêmula, em pânico. Tentou controlar o horror crescente. Precisava ser racional. Se continuasse daquele jeito, não seria de valia para ninguém. – A perna dele. A senhora sabia de alguma coisa sobre a perna dele?

– Do que está falando? – perguntou a Sra. Wetherby, chegando rapidamente ao lado de Honoria.

– A perna de Marcus. Está muito infeccionada. Tenho certeza de que essa é a causa da febre. Só pode ser.

– O médico falou que era a tosse. Ele... Oh! – A governanta se encolheu quando Honoria levantou a coberta para mostrar a perna de Marcus. – Santo Deus. – A mulher recuou um passo e cobriu a boca. Ela parecia prestes a passar mal. – Eu não fazia ideia. Nenhum de nós. Como não vimos isso?

Honoria se perguntava exatamente o mesmo, mas aquela não era hora de acusar ninguém. Marcus precisava que elas trabalhassem juntas para ajudá-lo, não que ficassem discutindo de quem era a culpa.

– Precisamos chamar o médico – disse à governanta. – Imagino que o ferimento precise ser limpo.

A Sra. Wetherby assentiu rapidamente.

– Vou mandar chamá-lo.

– Quanto tempo ele levará para chegar?

– Depende se estiver fora, vendo outros pacientes. Se estiver em casa, o criado pode voltar com ele em menos de duas horas.

– Duas horas?!

Honoria mordeu o lábio em uma tentativa atrasada de abafar o gritinho que dera. Nunca vira nada daquele jeito, mas ouvira histórias. Aquele era o tipo de infecção que matava um homem. Bem rápido.

– Não podemos esperar duas horas. Ele precisa de cuidados médicos agora.

A Sra. Wetherby se voltou para Honoria com um olhar assustado.

– A senhorita sabe como limpar um ferimento?

– É claro que não. E a senhora?

– Não um assim – respondeu a mulher, olhando apreensiva para a perna de Marcus.

– Bem, como a senhora cuidaria de um menor? De um ferimento menor, quero dizer.

A Sra. Wetherby juntou as mãos, uma expressão de pânico nos olhos que iam de Honoria para Marcus.

– Não sei. Com uma compressa, imagino. Algo para puxar o veneno.

– O veneno? – repetiu Honoria. Meu Deus, isso soava medieval. – Chame o médico – pediu, tentando parecer mais confiante do que se sentia. – Agora. Depois volte imediatamente. Com água quente. E toalhas. E qualquer outra coisa em que conseguir pensar.

– Devo trazer a sua mãe?

– Minha mãe? – perguntou Honoria, espantada. Não porque houvesse algo errado em ter a mãe no quarto do doente, mas... por que pensar nela naquele momento? – Não sei. Faça o que achar melhor. Mas depressa.

A governanta assentiu e saiu correndo do cômodo.

Honoria voltou a olhar para Marcus. A perna dele ainda estava exposta, o terrível ferimento encarando-a como um cenho franzido.

– Ah, Marcus... – sussurrou. – Como isso pôde ter acontecido?

Ela pegou a mão dele e, ao menos daquela vez, Marcus não a recolheu. Ele parecia ter se acalmado um pouco, a respiração mais tranquila do que apenas alguns minutos antes. E seria possível que sua pele também não estivesse mais tão vermelha?

Ou ela estava tão desesperada por qualquer sinal de melhora que começava a ver coisas inexistentes?

– Talvez – disse em voz alta –, mas aceitarei qualquer sinal de esperança.

Honoria se forçou a examinar a perna de Marcus com mais atenção. Seu estômago se contorceu perigosamente, mas ela afastou o nojo. Precisava limpar o ferimento. Só Deus sabia quanto tempo levaria até o médico chegar. Embora uma compressa fosse melhor com água quente, não parecia haver nenhuma razão para que não começasse a trabalhar com o que tinha.

Marcus havia jogado do outro lado do quarto o pano molhado que Honoria usara para refrescá-lo. Assim, ela foi até a cômoda e pegou outra roupa de baixo, tentando não reparar em nada nela além do tecido razoavelmente macio.

Honoria dobrou-a em um formato cilíndrico e mergulhou uma das pontas na água.

– Sinto muito, Marcus – sussurrou, então pousou o tecido úmido com a maior gentileza possível no ferimento.

Ele não reclamou.

Ela soltou o ar que vinha prendendo e fitou o pano. Estava vermelho em certos pontos, além de amarelado, devido ao sangue e ao pus.

Sentindo-se um pouco mais confiante em suas habilidades como enfermeira, Honoria dobrou o pano de forma a usar uma área limpa e pressionou-o mais uma vez contra o machucado, agora fazendo um pouco mais de força. Ele não pareceu se incomodar muito, assim ela repetiu o procedimento, e de novo, até quase não restar mais nenhuma área limpa no tecido.

Honoria olhou para a porta, preocupada. Onde estava a Sra. Wetherby? Havia progredido sozinha, mas tinha certeza de que poderia fazer um serviço melhor com água quente. Só que não se dispunha a parar, não enquanto Marcus permanecesse relativamente calmo.

Ela voltou à cômoda e pegou outra roupa de baixo de Marcus.

– Não sei o que você vai usar quando eu terminar – disse a ele, as mãos no quadril. – De volta à água – falou para si mesma, mergulhando o pano. – E de volta a você.

Dessa vez, pressionou com mais força. Supostamente se devia pressionar cortes e ferimentos para que parassem de sangrar. Marcus não estava sangrando naquele momento, mas com certeza aquilo não faria mal.

– Quero dizer, não fará mal de forma permanente – disse Honoria para Marcus, que permanecia em abençoada inconsciência. – É bem provável que, neste momento, está lhe fazendo mal, deve estar doendo.

Ela voltou a mergulhar o pano, encontrando um ponto ainda limpo, e passou para a parte do ferimento que sabia estar evitando. Havia uma área na região de cima que estava mais feia do que o resto: um pouco mais amarelada, também mais inchada.

Honoria encostou o pano de leve ali e, então, como Marcus não reagiu além de murmurar no sono, pressionou um pouco mais forte.

– Um passo de cada vez – sussurrou, forçando-se a respirar fundo para se acalmar. – Só um.

Ela podia fazer aquilo. Podia ajudá-lo. Não, podia *consertá-lo*. Era como se tudo em sua vida houvesse levado àquele momento.

– Foi por isso que não me casei no ano passado. Se tivesse me casado, não estaria aqui para cuidar de você. – Honoria pensou a respeito por um

instante. – É claro que você não estaria nesta situação se não fosse por minha causa. Mas não vamos nos prender a isso.

Ela continuou a trabalhar, limpando o ferimento com todo o cuidado, e parou apenas para alongar o pescoço. Então olhou para o pano em suas mãos. Ainda era nojento, porém Honoria já não se importava mais.

– Está vendo? Isso deve significar que estou ficando melhor neste trabalho.

Honoria tentava ser muito prática e objetiva, mas, do nada, logo depois de ter feito uma declaração tão animada, um som alto e engasgado escapou de sua garganta. Era parte arquejo, parte um horrível chiado, e a surpreendeu completamente.

Marcus poderia *morrer*. Essa possibilidade a atingiu com violência. Então ela ficaria realmente só. Eles nem se viam muito nos últimos anos, a não ser nas últimas semanas, é claro, mas Honoria sempre soubera que ele estava ali. O mundo era um lugar melhor só por saber que Marcus estava nele.

E agora ele poderia morrer. Ela se sentiria perdida sem ele. Como não percebera isso?

– Honoria!

Ela se virou. Era a mãe, entrando apressada.

– Vim o mais rápido que pude. – Ela atravessou rapidamente o quarto e viu a perna de Marcus. – Ah, meu Deus.

Honoria sentiu outro daqueles sons engasgados crescendo em seu peito. Tinha relação com a presença da mãe ali, com a reação da mãe a Marcus. Era como quando tinha 12 anos e caíra do cavalo. Pensara que estava bem e andara todo o caminho até em casa, machucada e dolorida, o rosto com um arranhão sangrento provocado por uma pedra.

Então, Honoria vira a expressão da mãe e começara a chorar, desesperada.

Agora acontecia a mesma coisa. Sentia vontade de se entregar ao pranto. Meu Deus, tudo o que desejava fazer era se afastar e chorar, chorar, chorar.

Mas não podia. Marcus precisava dela. Ele precisava que se mantivesse calma. E lúcida.

– A Sra. Wetherby está trazendo água quente – avisou à mãe. – Ela deve voltar logo.

– Ótimo. Vamos precisar de muita água quente. E de conhaque. E de uma faca.

Honoria encarou a mãe, surpresa. Ela parecia saber o que dizia.

– O médico vai querer amputar a perna dele – declarou lady Winstead, em um tom sinistro.

– *O quê?* – Honoria nem sequer havia considerado isso.

– E ele pode ter razão.

O coração de Honoria parou de bater. Até a mãe continuar:

– Mas não ainda.

Honoria não conseguia se lembrar da última vez em que a ouvira falar com tanta determinação. Quando Daniel fugira do país, levara consigo um pedaço da mãe deles. Lady Winstead ficara perdida, incapaz de se importar com nada, nem com ninguém, nem mesmo com a filha. Era quase como se não conseguisse tomar qualquer decisão, porque fazer isso significaria aceitar a vida como era no momento, com o único filho homem longe, provavelmente para sempre.

Porém, quem sabe tudo o que ela precisava era de uma razão para acordar. Um momento crítico.

Talvez ela precisasse que precisassem dela.

– Afaste-se – ordenou lady Winstead, arregaçando as mangas.

Honoria se afastou para o lado, tentando ignorar a pequena pontada de ciúmes. *Ela* não necessitara da mãe?

– Honoria?

Ela olhou para a mãe, que a observava na expectativa.

– Desculpe – murmurou, entregando o pano que tinha nas mãos. – Quer isso?

– Um limpo, por favor.

– É claro.

Honoria correu para obedecer, diminuindo ainda mais o estoque de roupas de baixo de Marcus.

A mãe pegou o pano e o examinou com uma expressão confusa.

– O que é...

– Foi tudo o que consegui encontrar. E achei que o tempo era precioso.

– É verdade. – A mãe ergueu os olhos e encontrou os de Honoria com uma expressão séria e direta. – Já vi um ferimento assim – revelou ela, e a respiração trêmula era a única coisa que traía o nervosismo. – Seu pai. O ombro dele. Foi antes de você nascer.

– O que aconteceu?

A mãe voltou a olhar para a perna de Marcus e estreitou os olhos enquanto examinava o ferimento.

– Veja se consegue deixar mais claro aqui. – Enquanto Honoria ia até a janela abrir mais as cortinas, a mãe continuou: – Nem sei como seu pai se cortou, só sei que estava terrivelmente infeccionado. – Muito baixinho, acrescentou: – Quase tão ruim quanto este.

– Mas ele ficou bem – disse Honoria, retornando para o lado da mãe.

Era uma história que sabia como terminava: o pai tivera dois braços perfeitos e fortes até a morte.

A mãe assentiu.

– Tivemos muita sorte. O primeiro médico quis amputá-lo. E eu... – A voz dela falhou e houve um momento de silêncio antes que prosseguisse: – Eu o teria deixado amputar. Estava tão preocupada com a vida do seu pai... – Ela usou o pano limpo para secar a perna de Marcus, em uma tentativa de enxergar melhor. Quando voltou a falar, seu tom era gentil: – Eu teria feito qualquer coisa que me mandassem.

– Por que não amputaram o braço dele? – perguntou Honoria em voz baixa.

A mãe soltou o ar, como se estivesse expulsando uma lembrança ruim.

– Seu pai exigiu ver outro médico. Se o segundo concordasse com o primeiro, ele faria o que estavam querendo. Mas não iria perder o braço porque um único homem lhe dissera para fazer isso.

– O segundo médico disse que não era necessário amputar?

A mãe deixou escapar um risinho sem humor.

– Não, ele falou que a amputação era quase certa, mas que poderiam tentar limpar o ferimento antes. Limpar de verdade.

– Era o que eu estava fazendo – apressou-se em dizer Honoria. – Acho que já limpei bastante a infecção.

– É um bom começo. Mas... – Ela se interrompeu.

– Mas o quê?

Lady Winstead manteve a atenção firme no ferimento de Marcus, pressionando-o levemente com o pano. Ela não olhou para Honoria quando continuou, em uma voz muito baixa:

– O médico afirmou que, se seu pai não gritasse, era por que não estávamos limpando bem o suficiente.

– A senhora se lembra do que ele fez? – sussurrou Honoria.

A mãe assentiu.
– De tudo – respondeu baixinho.
Honoria esperou por mais. Então desejou não ter feito isso.
A mãe enfim levantou os olhos.
– Teremos que amarrá-lo.

CAPÍTULO 10

Levaram menos de dez minutos para transformarem o quarto de Marcus em uma sala de operação improvisada. A Sra. Wetherby voltou com a água quente e um estoque de panos limpos. Dois criados receberam instruções de amarrar Marcus firmemente à cama. Eles obedeceram, apesar do horror evidente em suas expressões.

Lady Winstead pediu tesouras, a menor e mais afiada que tivessem.

– Preciso cortar a pele morta – explicou a Honoria, pequenas linhas de determinação surgindo nos cantos de sua boca. – Vi o médico fazer isso com o seu pai.

– Mas a *senhora* também fez?

A mãe a encarou, então se virou.

– Não.

– Ah.

Honoria engoliu em seco. Não havia mais nada a falar.

– Não é difícil, desde que a pessoa responsável pela tarefa consiga controlar os próprios nervos – afirmou a mãe. – Não é necessário ser absolutamente preciso.

Honoria olhou para Marcus, então voltou a encarar a mãe, boquiaberta.

– Não é necessário ser preciso? Como assim? É a perna dele!

– Sei disso. Mas prometo que não vou machucá-lo se cortar demais.

– Não vai machucá...

– Ora, é claro que vai doer. – Lady Winstead baixou os olhos para Marcus com uma expressão de arrependimento. – Por isso o amarramos. Mas não causarei nenhum dano permanente. É melhor cortar demais do que de menos. É absolutamente essencial que eliminemos toda a infecção.

Honoria assentiu. Fazia sentido. Era pavoroso, mas fazia sentido.

– Vou começar gora – avisou a mãe. – Mesmo sem tesouras, posso fazer muita coisa.

– É claro. – Honoria a observou se sentar ao lado de Marcus e mergulhar um pano na água fervente. – Posso ajudar de alguma forma? – perguntou, sentindo-se inútil aos pés da cama.

– Sente-se do outro lado. Perto da cabeça dele. Converse com ele. Marcus talvez encontre algum conforto nisso.

Honoria não tinha certeza se Marcus encontraria conforto em algo que ela dissesse, mas sabia que *ela* encontraria conforto em falar com ele. Qualquer coisa seria melhor do que ficar parada como uma idiota.

– Olá, Marcus – disse, puxando a cadeira para perto da cama.

Ela não esperava que ele respondesse, e foi o que aconteceu.

– Sabe, você está bem doente – continuou Honoria, tentando manter a voz animada, mesmo se suas palavras não fossem. Engoliu em seco, então prosseguiu no tom de voz mais contente possível: – Mas, por acaso, minha mãe é meio que uma especialista nesse tipo de coisa. Isso não é fantástico? – Ela olhou para a mãe com uma crescente sensação de orgulho. – Devo confessar que não imaginava que ela soubesse dessas coisas. – Honoria se inclinou para a frente e murmurou no ouvido dele: – Na verdade, eu achava que ela era do tipo que desmaiaria ao ver sangue.

– Eu ouvi isso – avisou a mãe.

Honoria deu um sorrisinho constrangido.

– Desculpe, mas...

– Não precisa se desculpar. – A mãe lhe deu um olhar de relance com um sorriso cauteloso antes de voltar ao trabalho. Sem encará-la, acrescentou: – Eu nem sempre fui tão...

Houve uma breve pausa, o bastante para que Honoria percebesse que a mãe não sabia exatamente o que dizer.

– Tão determinada quanto você talvez tenha precisado que eu fosse – completou lady Winstead.

Honoria permaneceu imóvel, mordendo o lábio inferior, enquanto digeria as palavras da mãe. Era um pedido de desculpas, por mais que a mãe não houvesse dito “Sinto muito”.

Ao mesmo tempo, era outro pedido. A mãe não queria discutir mais aquilo. Já fora difícil o bastante dizer o que dissera. Portanto, Honoria aceitou as desculpas da maneira como a mãe esperava. Ela se virou para Marcus.

– De qualquer modo, acho que ninguém pensou em verificar sua perna. A tosse, você sabe. O médico achou que era ela a causa da febre.

Marcus deixou escapar um grito baixo de dor. Honoria olhou rapidamente para a mãe, que agora trabalhava com a tesoura que a Sra. Wetherby trouxera. Lady Winstead abrira toda a tesoura e usava uma ponta na perna de Marcus, como um bisturi. Em um movimento fluido, fez um corte longo, bem no meio do ferimento.

– Ele nem se encolheu – comentou Honoria, surpresa.

A mãe não levantou os olhos.

– Essa não é a parte dolorosa.

– Ah – fez Honoria, virando-se de novo para Marcus. – Ora, está vendo, não é tão ruim assim.

Ele gritou.

Honoria levantou rapidamente a cabeça, bem a tempo de ver a mãe pegar uma garrafa de conhaque de um criado.

– Muito bem, *isso* foi ruim. Mas a boa notícia é que não deve piorar.

Ele gritou de novo.

Honoria voltou a engolir em seco. A mãe ajustara a tesoura e agora realmente cortava pedaços de pele.

– Muito bem – disse ela, dando um tapinha carinhoso no ombro dele. – Talvez não melhore ainda. A verdade é que não faço ideia. Mas ficarei aqui com você o tempo todo. Prometo.

– Está pior do que eu pensava – comentou a mãe de Honoria, mais para si mesma.

– Consegue resolver?

– Não sei. Posso tentar. É só que... – Lady Winstead fez uma pausa e deixou escapar um suspiro longo e baixo através dos lábios cerrados. – Alguém pode secar a minha testa?

Honoria começou a se levantar, mas a Sra. Wetherby logo entrou em ação e secou a testa da mãe com um pano fresco.

– Está muito quente aqui – comentou lady Winstead.

– O médico insistiu que deveríamos manter as janelas fechadas – explicou a governanta.

– O mesmo médico que não percebeu esse enorme ferimento na perna dele?

A Sra. Wetherby não respondeu, mas foi até a janela e a abriu parcialmente.

Honoria observava a mãe com atenção, mal conseguindo reconhecer a mulher concentrada e determinada.

– Obrigada, mamãe – sussurrou.

A mãe levantou os olhos.

– Não vou deixar esse menino morrer.

Marcus não era mais um menino, mas Honoria não ficou surpresa por a mãe ainda pensar nele assim.

Lady Winstead voltou ao trabalho e murmurou:

– Devo isso a Daniel.

Honoria ficou absolutamente imóvel. Era a primeira vez que ouvia a mãe pronunciar o nome do filho desde que ele deixara o país.

– Daniel? – repetiu ela, a voz neutra e atenta.

A mãe não a encarou.

– Já perdi um filho.

Honoria fitou a mãe, chocada, então baixou os olhos para Marcus e voltou a olhar para a mãe. Ela não percebera que a mãe pensava nele dessa forma. E se perguntou se Marcus sabia disso, pois...

Ela voltou a encará-lo, tentando conter as lágrimas o mais silenciosamente possível. Marcus passara a vida toda ansiando por uma família. Será que algum dia percebera que a família dela já era dele também?

– Precisa descansar um pouco? – perguntou a mãe.

– Não. – Honoria balançou a cabeça, embora a mãe não estivesse olhando para ela. – Não. Estou bem. – Ela levou um instante para se recompor, então se inclinou para sussurrar no ouvido de Marcus: – Ouviu isso? Mamãe está muito determinada. Portanto, não a desaponte. – Ela acariciou os cabelos dele, afastando uma mecha escura e grossa da testa. – Nem me desaponte.

– Aaaargh!

Honoria se encolheu com o grito dele. De vez em quando a mãe fazia algo que doía mais do que o normal e todo o corpo de Marcus forçava as faixas de tecido que haviam usado para amarrá-lo. Era terrível de ver, e pior ainda de sentir. Era como se a dor dele se irradiasse por Honoria.

É claro que não doía nela. Apenas fazia com que se sentisse muito mal. Nauseada. Mal consigo mesma. Por culpa dela Marcus tinha pisado naquele falso buraco idiota, por culpa dela torcera o tornozelo, por culpa dela estava tão mal.

Se ele morresse, também seria culpa dela.

Honoria engoliu em seco, tentando suavizar o nó na garganta, e se inclinou um pouco mais para dizer:

– Desculpe. Nunca conseguirei exprimir quanto lamento.

Marcus ficou imóvel e, por um momento, Honoria prendeu a respiração, achando que ele a ouvira. Então percebeu que a mãe fizera uma pausa no trabalho. Fora a mãe que ouvira as palavras dela, e não Marcus. Se lady Winstead ficara curiosa, não o demonstrou. Ela não perguntou o motivo das desculpas, apenas assentiu brevemente e voltou ao trabalho.

– Quando você estiver melhor, deveria ir a Londres – continuou Honoria, firmando a voz em um arremedo de animação. – Ao menos para comprar botas. Talvez dessa vez um pouco mais largas. Não é a moda, eu sei, mas talvez você possa lançar uma tendência.

Ele se encolheu.

– Ou poderíamos permanecer no campo. Esquecer a temporada social. Sei que estava desesperada para casar este ano, mas... – Ela lançou um olhar de soslaio para a mãe, então se aproximou mais do ouvido dele e sussurrou: – Minha mãe parece completamente diferente. Acho que consigo passar outro ano na companhia dela. Aos 22 anos, não estarei tão velha para casar.

– Você tem 21 anos – comentou a mãe, sem levantar os olhos.

Honoria ficou paralisada.

– Quanto do que eu disse a senhora ouviu?

– Só o finalzinho.

Honoria não sabia se a mãe estava dizendo a verdade. Mas elas pareciam ter chegado a um acordo tácito de não fazer perguntas, por isso Honoria decidiu apenas replicar ao que ela falara:

– Quis dizer que, se eu não me casar até o próximo ano, terei 22 anos, e não devo me incomodar.

– Isso significará outro ano com o quarteto da família – lembrou a mãe com um sorriso, mas sem malícia. Pelo contrário, era um sorriso absolutamente sincero e encorajador.

Honoria se perguntou, não pela primeira vez, se a mãe não seria um pouco surda.

– Tenho certeza de que suas primas vão ficar felizes por ter você por outro ano – continuou lady Winstead. – Quando você sair, Harriet terá que

tomar seu lugar e ela ainda é um pouco jovem. Acho que não tem nem 16 anos.

– Faz 16 só em setembro – confirmou Honoria.

A prima Harriet, irmã mais nova de Sarah, provavelmente era a pior musicista dos Smythe-Smiths. E isso não era pouca coisa.

– Talvez ela precise de um pouco mais de prática – continuou lady Winstead com uma careta. – Pobre moça... Parece não pegar o jeito. Deve ser difícil para Harriet, com uma família tão musical.

Honoria tentou não ficar boquiaberta ao ouvir isso.

– Bem – comentou, em um tom talvez um pouco desesperado –, ela parece preferir pantomimas.

– É difícil acreditar que mais ninguém toque violino além de você e Harriet.

A mãe franziu a testa, examinando melhor a perna de Marcus, então voltou ao trabalho.

– Apenas Daisy – retrucou Honoria, referindo-se a mais uma prima, essa de outro ramo da família –, mas ela já foi convocada agora que Viola se casou.

– Convocada? – repetiu a mãe com uma risadinha. – Você faz parecer um fardo.

Honoria ficou em silêncio por um instante, tentando não rir. Ou talvez chorar.

– É claro que não – conseguiu dizer por fim. – Adoro o quarteto.

O final era verdade. Ela amava ensaiar com as primas, mesmo se, com o tempo, houvesse passado a tampar os ouvidos com chumaços de algodão. O único problema era que as apresentações eram terríveis.

Ou, como Sarah descreveria, assustadoras.

Medonhas.

Apocalípticas.

(Sarah sempre teve certa tendência à hipérbole.)

Por alguma razão, Honoria nunca levou o constrangimento das apresentações para o lado pessoal e era capaz de manter um sorriso no rosto o tempo todo. E, quando tocava o arco de seu instrumento, o fazia com gosto. Afinal, a família assistia a ela e aqueles momentos significavam muito para eles.

– Bem, de qualquer modo – prosseguiu Honoria, tentando levar a conversa para o assunto anterior, que agora era tão “anterior” que precisou

de um instante para lembrar –, não irei faltar à temporada social. Estava só falando. Arrumando assunto para conversa. – Ela fez uma pausa. – Tagarelando, na verdade.

– É melhor se casar com um bom homem do que se apressar e acabar tendo um casamento desastroso – alertou a mãe, parecendo muito sábia. – Todas as suas irmãs conseguiram bons maridos.

Honoria concordou, embora os cunhados não fossem o tipo de homem por quem pudesse se sentir atraída. Mas tratavam as esposas com respeito.

– Elas também não se casaram todas na primeira temporada de que participaram – acrescentou lady Winstead, sem desviar os olhos do trabalho.

– É verdade, mas acredito que todas já estavam casadas no fim da segunda temporada delas.

– É mesmo? – A mãe ergueu os olhos, surpresa. – Acho que você está certa. Até Henrietta...? Ora, acho que sim, bem no fim da temporada. – Ela voltou a se concentrar na perna de Marcus. – Você vai encontrar alguém. Não estou preocupada.

Honoria bufou baixinho.

– Fico feliz porque *a senhora* não está preocupada.

– Não sei bem o que aconteceu no ano passado. Achei que Travers a pediria em casamento. Ou, se não ele, lorde Fotheringham.

Honoria balançou a cabeça.

– Não faço ideia. Também achei que isso fosse acontecer. Lorde Bailey, em particular, parecia muito inclinado. Mas então, de repente... nada. Como se eles perdessem o interesse do dia para a noite. – Ela deu de ombros e baixou os olhos para Marcus. – Talvez tenha sido melhor assim. O que acha, Marcus? Parece que você não gostou muito deles. – Ela suspirou. – Não que isso tenha a ver com a situação, mas acho que valorizo sua opinião. – Honoria deixou escapar uma risadinha. – Dá para acreditar que acabei de dizer isso?

Ele virou a cabeça.

– Marcus?

Ele estava acordado? Honoria o encarou mais de perto, procurando no rosto dele algum... sinal.

– O que foi? – perguntou a mãe.

– Não sei bem. Ele mexeu a cabeça. Quero dizer, é claro que já fez isso antes, mas agora foi diferente. – Ela apertou o ombro de Marcus, rezando

para que ele pudesse sentir seu toque através da bruma da febre. – Marcus? Pode me ouvir?

Os lábios dele, secos e rachados, moveram-se levemente.

– Hono... Hono...

Ah, graças a Deus.

– Não fale – pediu ela. – Está tudo bem.

– Dói – disse ele, arquejando. – Como o... diabo.

– Eu sei. Eu sei. Sinto muito.

– Ele está consciente? – indagou a mãe.

– Não muito. – Honoria esticou o braço e entrelaçou os dedos com os dele, apertando-lhe a mão com força. – Você tem um corte horrível na perna. Estamos tentando limpá-lo. Vai doer. Muito, eu temo, mas precisa ser feito.

Ele assentiu levemente.

Honoria olhou para a Sra. Wetherby.

– Tem láudano? Talvez devêssemos dar um pouco a ele enquanto é capaz de engolir.

– Acredito que sim – respondeu a governanta. Ela não tinha parado de torcer as mãos desde que voltara com a água quente e as toalhas, e pareceu aliviada por ter alguma coisa para fazer. – Posso procurar agora mesmo. Só pode estar em um lugar.

– Boa ideia – elogiou lady Winstead, então se levantou e foi em direção à cabeceira da cama. – Consegue me ouvir, Marcus?

Ele moveu o queixo. Não muito, apenas um pouco.

– Você está muito doente.

Marcus sorriu.

– Sim, sim – falou ela, sorrindo também –, estou dizendo o óbvio, eu sei. Mas garanto que você vai ficar perfeitamente bem. Só vai doer um pouco antes.

– Um pouco?

Honoria sentiu um sorriso vacilante curvar seus lábios. Não acreditava que Marcus fosse capaz de brincar em um momento daquele. Sentia-se tão orgulhosa dele...

– Você vai se recuperar dessa, Marcus – assegurou Honoria, então, antes que se desse conta do que fazia, inclinou-se para a frente e beijou a testa dele.

Marcus se virou para encará-la, os olhos quase totalmente abertos. Sua respiração era dificultosa e a pele estava muito quente. Mas, quando Honoria o fitou, viu Marcus além da febre, sob toda a dor.

Ele ainda era Marcus e ela não deixaria que nada lhe acontecesse.

Trinta minutos mais tarde, os olhos de Marcus estavam fechados de novo, o sono consideravelmente melhor depois de uma dose de láudano. Honoria ajeitara o corpo dele de modo que pudesse lhe dar a mão, e se mantivera conversando. Não parecia importar o que ela dizia, mas não foi a única a perceber que o som de sua voz o acalmava.

Ou pelo menos esperava que o acalmasse, porque, caso contrário, ela seria absolutamente inútil ali – uma ideia insuportável.

– Acho que já estamos quase terminando – avisou Honoria a Marcus. Ela deu um olhar de relance para a mãe, que trabalhava com afinco na perna dele. – Só podemos estar terminando, porque não consigo imaginar o que restou para limpar.

A mãe deu um suspiro frustrado e se afastou, aproveitando para secar a testa.

– Algum problema? – perguntou Honoria.

Lady Winstead balançou a cabeça e voltou ao trabalho, mas depois de um instante se afastou de novo.

– Não consigo enxergar.

– O quê? Não, isso é impossível. – Honoria respirou fundo, tentando manter a calma. – Aproxime-se mais.

Lady Winstead balançou a cabeça.

– Não é esse o problema. É como quando eu leio. Tenho que segurar o livro a certa distância dos olhos. Eu apenas... não consigo... – Ela deixou escapar um suspiro impaciente, mas resignado. – Não consigo enxergar bem o bastante. Não as áreas menores.

– Deixe que eu faço – disse Honoria, a voz soando muito mais segura do que de fato estava.

A mãe olhou para ela, mas não com surpresa.

– Não é fácil.

– Eu sei.

– Ele pode gritar.

– Ele já gritou – lembrou Honoria, mas a garganta estava apertada, e o coração, acelerado.

– É mais angustiante ouvir os gritos quando é você que está com a tesoura na mão – afirmou a mãe com gentileza.

Honoria queria dizer algo elegante, heroico, sobre como seria muito mais angustiante se ele morresse e ela não tivesse feito tudo o que pudesse para salvá-lo. Mas não conseguiu. Não lhe restava muita energia e não desperdiçaria a pouca que ainda tinha com palavras.

– Consigo cortar.

Ela olhou para Marcus, ainda amarrado com firmeza à cama. Em algum momento na última hora, a pele dele passara de um vermelho ardente a uma palidez mortal. Aquilo era um bom sinal? Ela só não perguntou à mãe porque lady Winstead não saberia responder.

– Consigo cortar – repetiu, embora a mãe já houvesse lhe entregado a tesoura.

Lady Winstead se levantou da cadeira. Honoria ocupou o lugar dela e respirou fundo.

– Um passo de cada vez – disse a si mesma, examinando o ferimento com atenção antes de começar a trabalhar.

A mãe já lhe mostrara como identificar que tipo de pele deveria ser removida. Tudo o que precisava fazer era analisar uma área e cortar o que fosse necessário. Quando houvesse terminado, passaria para outra.

– Corte o mais próximo possível da pele saudável – orientou a mãe.

Honoria assentiu e subiu mais com a tesoura no ferimento. Então cerrou os dentes e cortou.

Marcus deixou escapar um gemido, mas não acordou.

– Muito bem – elogiou a mãe, baixinho.

Honoria meneou a cabeça e pestanejou para afastar as lágrimas. Como palavras tão curtas podiam deixá-la tão comovida?

– Havia um pouco na parte de baixo que não consegui tirar – avisou a mãe. – Não pude ver bem as bordas.

– Estou vendo – garantiu Honoria, desanimada.

Ela cortou parte da pele morta, mas a área ainda estava inchada. Então, usou a ponta da tesoura como vira a mãe fazer, encostou-a na pele e furou-a, deixando o pus da infecção sair. Marcus se debateu contra as amarras e Honoria sussurrou um pedido de desculpas, mas não se deteve. Pegou um pano e pressionou com força.

– Água, por favor.

Alguém lhe entregou um copo de água e ela a derramou sobre o ferimento, tentando, com todas as forças, não se influenciar pelos gemidos de dor. A água estava quente, muito quente, mas a mãe jurou que fora aquilo que salvara o pai de Honoria anos antes. O calor drenava a infecção.

Honoria rezou para que ela estivesse certa.

Ela pressionou o pano na perna de Marcus, torcendo-o depois. Marcus deixou escapar um barulho estranho de novo, embora não tão agoniado quanto os anteriores. Só que então ele começou a tremer.

– Ai, meu Deus! – gritou Honoria, afastando rapidamente o pano. – O que eu fiz?

A mãe fitou Marcus com uma expressão confusa.

– Parece que ele está rindo...

– Podemos lhe dar mais láudano? – perguntou a Sra. Wetherby.

– Acho que não devemos – comentou Honoria. – Ouvi falar de pessoas que não acordaram depois de tomarem láudano em excesso.

– Ele parece mesmo estar rindo – insistiu a mãe.

– Ele não está rindo – rebateu Honoria, decidida.

Meu Deus, como ele iria rir em um momento daquele? Ela deu um leve cutucão na mãe para que voltasse a prestar atenção e derramou mais água sobre a perna de Marcus, repetindo a operação até estar satisfeita por ter limpado o ferimento o melhor possível.

– Acho que terminei – disse Honoria, e sentou-se.

Ela respirou fundo. Sentia-se terrivelmente tensa, cada músculo do corpo rígido. Honoria pousou a tesoura e tentou espalmar as mãos, mas elas pareciam garras.

– E se colocássemos um pouco de láudano direto no ferimento? – perguntou a Sra. Wetherby.

Lady Winstead pareceu hesitante.

– Não tenho ideia.

– Não poderia fazer mal, não é? – perguntou Honoria. – Não deve irritar a pele dele, já que pode ser tomado. E se servir para anestesiar um pouco a dor...

– Tenho o láudano bem aqui – avisou a governanta, e levantou o frasco pequeno e marrom.

Honoria o pegou e tirou a rolha.

– Mamãe?

– Só um pouco – concordou lady Winstead, sem parecer muito segura da decisão.

Honoria jogou um pouco de láudano na perna de Marcus e, na mesma hora, ele urrou de dor.

– Ah, Deus! – gemeu a Sra. Wetherby. – Sinto muito. A ideia foi minha.

– Não, não – disse Honoria. – É por causa do conhaque. Usam na fórmula.

Ela não fazia ideia de como sabia disso, mas tinha quase certeza de que o frasco agourento ("VENENO" estava escrito em letras muito maiores do que "láudano") também continha canela e açafrão. Ela enfiou o dedo no vidro e provou um pouco.

– Honoria! – exclamou a mãe.

– Ai, meu Deus, é horrível – comentou Honoria, passando a língua no céu da boca em uma tentativa infrutífera de se livrar do sabor. – Mas com certeza leva conhaque na fórmula.

– Não acredito que você tenha provado isso – falou lady Winstead. – É perigoso.

– Eu só estava curiosa. Marcus fez uma careta horrível quando demos a ele. E obviamente doeu quando derramamos na ferida. Além do mais, foi só uma gota.

A mãe suspirou, parecendo muito mais abatida.

– Gostaria que o médico chegasse.

– Ainda vai demorar algum tempo – disse a Sra. Wetherby. – Pelo menos uma hora, imagino. E isso se ele estiver em casa. Se estiver fora... – Ela deixou as palavras morrerem.

Por um longo tempo, ninguém falou. O único som era o da respiração de Marcus, estranhamente dificultosa e arquejante. Por fim, Honoria não conseguiu mais suportar o silêncio e perguntou:

– O que fazemos agora? – Ela baixou os olhos para a perna de Marcus, esfolada e ainda sangrando em alguns lugares. – Devemos fazer um curativo?

– Acho que não – respondeu a mãe. – De qualquer modo, teríamos que removê-lo quando o médico chegasse.

– Estão com fome? – perguntou a governanta.

– Não – disse Honoria, embora estivesse. Faminta. Só achava que não conseguiria comer.

– Lady Winstead? – indagou a Sra. Wetherby em voz baixa.

– Talvez uma refeição leve – murmurou a mãe de Honoria, sem tirar os olhos preocupados de Marcus.

– Um sanduíche, talvez? – sugeriu a governanta. – Ou café da manhã, pelo amor de Deus! Não tomaram café da manhã ainda. Eu poderia pedir à cozinheira para preparar ovos e bacon.

– O que for mais fácil – falou lady Winstead. – E, por favor, algo para Honoria também. – Ela olhou para a filha. – Você deveria tentar comer.

– Eu sei. Só...

Ela não concluiu a frase. Tinha certeza de que a mãe sabia exatamente como se sentia.

Sentiu a mão dela pousar gentilmente no seu ombro.

– Você também deveria se sentar.

Honoria obedeceu.

E esperou.

Foi a coisa mais difícil que já fez na vida.

CAPÍTULO 11

Láudano era uma coisa excelente.

Marcus normalmente evitava a droga. Na verdade, costumava olhar com certo desprezo para as pessoas que a usavam, mas agora se perguntava se talvez não devesse um pedido de desculpas a todas elas. Talvez um pedido de desculpas para o mundo todo. Porque nunca sentira dor de verdade antes. Não como aquela.

Não tanto porque o ferimento estava sendo cutucado e cortado. Claro que era doloroso ter partes do corpo sendo furadas, como um pica-pau bica o tronco de uma árvore, mas não era assim tão ruim. Doía, só que não de forma insuportável.

O que o matou (ou pelo menos lhe deu essa sensação) foi lady Winstead aplicar conhaque à ferida. De vez em quando ela encharcava o ferimento aberto com o que parecia ser um litro de conhaque. Ela poderia ter queimado o local e, ainda assim, não doeria tanto.

Marcus nunca mais tomaria conhaque. A menos que fosse um da melhor qualidade e, por princípio, precisasse ser bebido.

Ele pensou a respeito por um momento. A ideia fizera sentido antes. Não, ainda fazia sentido. Não fazia?

Bom, algum tempo depois de lady Winstead ter entornado o que ele esperava que não fosse o melhor conhaque da casa, elas fizeram uma dose de láudano descer por sua garganta. E, precisava admitir, era realmente incrível. A perna dele ainda parecia assar em fogo brando em um espeto – a maior parte das pessoas consideraria uma sensação desagradável –, mas, após suportar o "tratamento" de lady Winstead sem anestesia, Marcus estava satisfeito por ser esfaqueado sob a influência de um opiáceo.

Era quase relaxante.

Além disso, sentia-se incrivelmente feliz.

Ele sorriu para Honoria, ou ao menos sorriu na direção do lugar onde achava que ela estava. Suas pálpebras pesavam como pedras.

Na verdade, ele *pensou* ter sorrido. Sua boca também parecia pesada.

Mas queria sorrir. Teria feito isso se pudesse. Com certeza era a coisa mais importante a fazer.

As facadas em sua perna pararam por um instante, então recomeçaram. Houve uma pausa curta e deliciosa e então...

Maldição, aquilo doía.

Só que não o bastante para fazê-lo gritar. Embora talvez houvesse gemido. Não tinha certeza. Elas derramaram água quente no machucado. Muita água quente. Marcus se perguntou se estariam tentando escaldar a perna dele.

Carne cozida. Terrivelmente britânico da parte delas.

Marcus riu. Ele era bem-humorado. Quem poderia imaginar que era *tão* bem-humorado?

– Ai, meu Deus! – ouviu Honoria gritar. – O que eu fiz?

Marcus riu um pouco mais. Porque Honoria soava ridícula. Quase como se falasse através de uma buzina de neblina: *Aaaaaaaaiii meeeeeuuuu Deeeeeus*.

Ele se perguntou se ela também conseguia se ouvir desse modo.

Espere um momento... Honoria estava perguntando o que havia feito? Isso significava que agora era *ela* no comando da tesoura? Marcus não sabia bem como devia se sentir a esse respeito.

Por outro lado... carne cozida!

Ele riu de novo, decidindo que não se importava. Meu Deus, ele era bem-humorado. Como ninguém nunca dissera que ele era bem-humorado?

– Podemos lhe dar mais láudano? – perguntou a Sra. Wetherby.

Ah, sim, por favor.

Porém, elas não deram. Em vez disso, tentaram escaldá-lo de novo, cutucaram-no e furaram-no um pouco mais só para garantir. Depois de mais alguns minutos, pararam.

As damas voltaram a conversar sobre láudano, o que acabou se mostrando uma grande crueldade da parte delas, porque ninguém lhe serviu um copo ou uma colher: jogaram-no direto na perna dele!

– Aaaargh!

Aparentemente doía mais do que o conhaque.

As damas enfim decidiram que bastava de torturá-lo, porque, depois de alguma discussão, elas o desamarraram e o moveram para o outro lado da cama, que não estava todo molhado.

Então, bem... Talvez ele tivesse dormido um pouco. Na verdade, torcia para estar dormindo, porque tinha quase certeza de que vira um coelho de 1,80 metro pulando em seu quarto. Se não era um sonho, eles estavam muito encrencados.

Na realidade, o coelho não parecia tão perigoso quanto a cenoura gigante que ele balançava como uma clava.

Aquela cenoura alimentaria um vilarejo inteiro.

Ele gostava de cenouras. Embora laranja nunca houvesse sido uma de suas cores favoritas. Marcus sempre a achara um pouco irritante. Parecia saltar à sua frente quando ele menos esperava, e ele preferia sua vida sem surpresas.

Azul. Essa, sim, era uma cor adequada. Bela e relaxante. Um azul-claro. Como o céu. Em um dia de verão.

Ou como os olhos de Honoria. Ela chamava a cor de lavanda – fazia isso desde criança. Mas não eram, não na opinião dele. Antes de mais nada, eram cintilantes demais para ser lavanda, tão insípida. Quase tão cinza quanto roxa. E um tanto espalhafatosa. Ela o fazia lembrar de velhas damas de luto. Com turbantes na cabeça. Marcus nunca entendera por que, no luto, essa cor era considerada a gradação mais apropriada depois do preto. Marrom não teria sido mais adequado? Algo em um tom mais mediano?

E por que velhas damas usavam turbantes?

Aquilo tudo era muito interessante. Ele achava que nunca havia dedicado tanto tempo a pensar em cores. Talvez devesse ter prestado mais atenção quando o pai o fizera ter aquelas aulas de pintura anos antes. Mas, sinceramente, qual garoto de 10 anos quer passar quatro meses dedicado a uma tigela de frutas?

Ele voltou a se concentrar nos olhos de Honoria. Eram mesmo um pouco mais azuis do que lavanda. Embora tivessem aquele toque arroxeado que os tornava tão incomuns. Era verdade... Ninguém tinha olhos exatamente como os dela. Nem mesmo os de Daniel eram do mesmo tom. Os dele eram mais escuros. Não muito, mas Marcus conseguia ver a diferença.

Honoria não concordaria com tal afirmação. Quando ela era criança, costumava comentar com frequência como tinha os mesmos olhos do irmão. Marcus sempre achara que Honoria na verdade procurava um vínculo entre os dois, algo que os ligasse de modo especial.

Ela só queria participar das situações. Era tudo o que desejava. Não era de estranhar que estivesse tão ansiosa para se casar e ir embora da casa vazia e silenciosa em que morava. Honoria precisava de barulho. De risadas.

Precisava de companhia. Sempre.

Ela estava no quarto? Estava tão quieto ali... Marcus tentou abrir os olhos. Sem sucesso.

Ele rolou para o lado, feliz por se ver livre daquelas malditas amarras. Sempre gostara de dormir de lado.

Alguém tocou seu ombro, então puxou as mantas para cobri-lo. Marcus tentou soltar um murmúrio para demonstrar quanto estava grato e imaginou que tivera êxito, pois ouviu Honoria perguntar:

– Você está acordado?

Ele repetiu o ruído. Parecia ser a única coisa que conseguia fazer.

– Bem, talvez um pouco acordado – continuou ela. – O que é melhor do que nada, imagino.

Marcus bocejou.

– Ainda estamos esperando o médico – explicou ela. – Achava que ele já estaria aqui a esta altura. – Honoria ficou em silêncio por um instante, então acrescentou em uma voz animada: – Sua perna parece muito melhor. Ou pelo menos é o que a minha mãe diz. Vou ser honesta: para mim ainda parece horrível. Mas com certeza não tanto quanto esta manhã.

Esta manhã? Isso significava que já era de tarde? Marcus desejou abrir os olhos.

– Ela foi para o quarto dela. Minha mãe, quero dizer. Falou que precisava se refrescar um pouco. – Outra pausa. – Está quente mesmo aqui. Abrimos a janela, mas só um pouco. A Sra. Wetherby tem medo de que você pegue uma friagem. Eu sei, é difícil imaginar que possa pegar com esse calor, mas ela garantiu que é possível. Gosto de dormir em quartos frios com uma coberta pesada. Não que você se importe com isso...

Ele se importava. Bom, não tanto com o que ela dizia, mas gostava de ouvir a voz de Honoria.

– E mamãe vive com calor ultimamente. Isso me deixa louca. Ela sente calor, então sente frio, e calor de novo. Juro que não há nenhuma coerência. Mas parece sentir mais calor do que frio. Se algum dia você quiser lhe comprar um presente, recomendo um leque. Ela está sempre precisando de um.

Honoria voltou a tocar o ombro dele, então a testa, assoprando-lhe de leve os cabelos para longe do rosto. Era gostoso. Suave, delicado e carinhoso de um modo que não parecia nada familiar a ele. Um pouco como na sua visita, quando ela o forçara a tomar chá.

Gostava de ser mimado. Veja só...

Marcus deixou escapar um suspiro suave. Pareceu um som feliz aos próprios ouvidos. Esperava que Honoria tivesse notado.

– Você dormiu por um bom tempo – comentou ela. – Acho que sua febre baixou. Não desapareceu, mas você parece tranquilo. No entanto... você sabia que fala durante o sono?

É mesmo?

– É verdade. Hoje mais cedo eu poderia jurar que você falou algo sobre um peixe-sapo. E então, há pouco tempo, acho que algo sobre cebolas.

Cebolas? Não cenouras?

– Eu me pergunto no que você está pensando... Em comida? Peixe-sapo com cebolas? Não é o que eu iria querer comer se estivesse doente, mas cada um com seu gosto. – Ela acariciou novamente os cabelos dele, então, para absoluta surpresa de Marcus, deu um beijinho suave no rosto do amigo. – Você não é tão terrível, sabia? – disse com um sorriso.

Marcus não conseguia ver o sorriso, mas sabia que ele estava lá.

– Você gosta de fingir que é distante e casmurro, mas não é. Embora seja um pouco carrancudo.

Era? Não tinha essa intenção. Não com ela.

– Você quase me enganou, sabia? Lá em Londres, eu estava começando a não gostar de você. Mas foi só porque eu havia me esquecido de você. De quem você costumava ser, quero dizer. De quem provavelmente ainda é.

Marcus não fazia ideia do que ela estava falando.

– Você não gosta que as pessoas vejam quem de fato é.

Ela ficou em silêncio de novo e ele pensou tê-la ouvido se mover, talvez se remexendo na cadeira. Quando Honoria voltou a falar, dava para ouvir o sorriso em sua voz.

– Acho que você é tímido.

Ora, pelo amor de Deus, isso ele mesmo poderia ter lhe dito. Odiava conversar com pessoas que não conhecia. Sempre odiara.

– É estranho pensar isso de você – continuou Honoria. – Ninguém pensa num homem como tímido.

Ele não conseguia entender por que não.

– Você é alto – continuou ela em um tom pensativo –, atlético, inteligente e todas essas coisas que os homens devem ser.

Marcus percebeu que ela não falara que ele era bonito.

– Para não mencionar absurdamente abastado. Ah, e esse título também, é claro. Se você tivesse a intenção de se casar, com certeza poderia escolher quem quisesse.

Ela o achava feio?

Honoria cutucou o ombro dele com o dedo.

– Você não imagina quantas pessoas adorariam estar em seu lugar.

Não, naquele momento, elas não adorariam.

– Mas você é tímido – relembrou ela, quase espantada. Marcus percebeu que a jovem se aproximara mais, o hálito aquecendo ligeiramente seu rosto. – Gosto do fato de você ser tímido.

Sério? Ele sempre odiara. Todos aqueles anos na escola observando Daniel conversar com todo mundo sem sequer um momento de hesitação. Sempre precisando de um pouco mais de tempo para descobrir como poderia se encaixar. Era por isso que adorara passar tanto tempo com os Smythe-Smiths. A casa deles era sempre tão caótica e louca que Marcus passava quase despercebido naquela vida sem rotina e acabara se tornando membro da família.

A única família que conhecera na vida.

Honoria tocou o rosto dele de novo, passando o dedo por seu nariz.

– Você seria perfeito demais se não fosse tímido – prosseguiu Honoria. – Seria parecido com um herói típico de folhetim. Estou certa de que nunca leu esse tipo de história, mas sempre achei que minhas amigas o viam como um personagem de um dos romances da Sra. Gorely.

Ele sabia que havia uma razão para nunca ter gostado das amigas dela.

– Mas nunca tive certeza se você era o herói ou o vilão.

Marcus resolveu não se sentir ofendido com a declaração. Dava para captar o sorriso tímido dela.

– Você precisa melhorar – sussurrou Honoria. – Não sei o que farei se você não melhorar. – Então, tão baixinho que ele mal a escutou, acrescentou: – Talvez você seja meu porto seguro.

Marcus tentou mover os lábios, tentou falar, porque aquilo era o tipo de coisa que não se podia deixar passar sem uma resposta. Mas seu rosto parecia denso, pesado, e tudo o que conseguiu foi emitir alguns sons engasgados.

– Marcus? Quer um pouco de água?

Para dizer a verdade, ele queria.

– Está acordado?

Mais ou menos.

– Tome – disse ela. – Experimente isto.

Marcus sentiu algo tocar seus lábios. Uma colher derramando água morna em sua boca. Porém, era difícil engolir e Honoria só conseguiu fazê-lo tomar algumas gotas.

– Acho que você não está acordado – falou ela.

Marcus ouviu-a voltar a se acomodar na cadeira. E suspirar. Parecia cansada. Ele odiava pensar nisso.

Só que estava feliz por ela estar ali. Tinha a sensação de que Honoria também era um porto seguro para ele.

CAPÍTULO 12

– Doutor! – Honoria ficou de pé em um pulo cerca de vinte minutos depois, quando um homem surpreendentemente jovem entrou no quarto. Ela achava que nunca havia conhecido um médico que não tivesse cabelos grisalhos. – É a perna dele. Creio que o senhor não a viu...

– Não fui eu que o examinei antes – interrompeu o médico, em um tom brusco. – Foi meu pai.

– Ah.

Honoria deu um passo respeitoso para trás enquanto o homem se inclinava sobre a perna de Marcus. A mãe dela, que entrara logo atrás do médico, ficou parada ao lado da filha.

Então, lady Winstead pegou a mão de Honoria, que apertou de volta, como se agarrasse uma tábua de salvação, grata pelo contato.

O médico examinou a perna por um tempo muito menor do que Honoria achava necessário, depois se inclinou mais e colou o ouvido ao peito do doente.

– Quanto láudano deram a ele?

Honoria olhou para a mãe, que ministrara o remédio.

– Uma colher – respondeu lady Winstead. – Talvez duas.

O médico comprimiu os lábios enquanto endireitava o corpo e as encarava.

– Foi uma ou foram duas?

– É difícil dizer. Ele não engoliu tudo.

– Eu tive que secar o rosto dele – comentou Honoria.

O homem ficou em silêncio. Voltou a colar o ouvido no peito de Marcus e seus lábios se moveram, quase como se estivesse contando para si mesmo. Honoria esperou pelo máximo de tempo que conseguiu suportar, então falou:

– Doutor, ahn...

– Winters – ajudou a mãe.

– Ah, sim, Dr. Winters, por favor, diga, demos láudano em excesso a ele?

– Acho que não – respondeu o médico, mas manteve o ouvido sobre o peito de Marcus. – O ópio afeta os pulmões. Por isso a respiração dele está tão superficial.

Honoria levou a mão à boca, horrorizada. Nem notara isso. Na verdade, até achou que ele estava melhor. Mais tranquilo.

O médico se empertigou e voltou sua atenção para a perna de Marcus.

– É essencial que eu tenha todas as informações sobre o caso – afirmou ele, de novo em um tom brusco. – Eu ficaria muito mais preocupado se não soubesse que ele tomou láudano.

– O senhor não está preocupado? – perguntou Honoria, incrédula.

O Dr. Winters lhe lançou um olhar duro.

– Eu não disse que não estava preocupado. – Ele se virou para a perna de Marcus e a examinou com atenção. – Se a respiração dele estivesse superficial assim sem o láudano, deduziria que a infecção era muito séria.

– A infecção então não é séria?

O médico dirigiu outro olhar irritado a ela. Estava claro que não gostava das perguntas de Honoria.

– Peço a gentileza de que guarde os seus comentários até que eu termine de examiná-lo.

Honoria sentiu-se tensa de raiva, mas recuou. Seria educada com o Dr. Winters mesmo a contragosto, afinal, só aquele homem poderia salvar a vida de Marcus.

– Expliquem-me exatamente o que fizeram para limpar o ferimento – pediu o médico, levantando os olhos por um breve instante. – Também quero saber qual era a aparência do ferimento antes do procedimento.

Honoria e a mãe se revezaram contando o que haviam feito. Ele pareceu aprovar ou, no mínimo, não desaprovar. Quando elas terminaram de falar, o médico voltou-se para a perna de Marcus, examinou-a mais uma vez e soltou um longo suspiro.

Honoria aguardou por um instante. O Dr. Winters parecia pensar. Mas, que diabo, estava levando muito tempo para pensar. Por fim, Honoria não aguentou mais esperar:

– Qual é a sua opinião?

O médico respondeu lentamente, quase como se pensasse em voz alta:

– Talvez ele consiga manter a perna.

– Talvez?

– É cedo demais para afirmar com certeza. Mas se ele não a perder de fato – o homem encarou Honoria e a mãe –, será graças ao bom trabalho da senhorita e da senhora.

Honoria o encarou, surpresa. Não esperava um elogio. Então fez a pergunta cuja resposta mais temia ouvir:

– Mas ele vai sobreviver?

O médico encontrou Honoria com uma firmeza sincera.

– Com certeza, sim, se amputarmos a perna dele.

Os lábios de Honoria tremeram.

– O que quer dizer? – sussurrou.

Mas sabia exatamente; só precisava ouvir do próprio médico.

– Se eu amputar a perna do Sr. Holroyd neste momento, ele sobreviverá. – O Dr. Winters voltou a olhar para Marcus, como se outro olhar pudesse lhe dar mais uma pista. – Se eu não amputar, talvez ele se recupere plenamente. Ou morra. Não tenho como prever agora como a infecção pode progredir.

Honoria ficou paralisada. Apenas seus olhos se moviam, do rosto do Dr. Winters para a perna de Marcus e de volta para o médico.

– Como saberemos? – perguntou baixinho.

O médico inclinou a cabeça para o lado.

– Como saberemos quando tomar a decisão? – explicou ela, erguendo a voz.

– Devemos ficar atentos a alguns sinais. Se começarmos a ver faixas vermelhas que subam ou desçam pela perna dele, por exemplo, será necessário amputar.

– E se isso não acontecer, significa que ele está se curando?

– Não necessariamente – admitiu o médico –, mas, se não houver mudança na aparência do ferimento, podemos assumir como um bom sinal.

Honoria assentiu devegar, tentando entender tudo.

– O senhor permanecerá aqui em Fensmore?

– Não posso – respondeu ele, virando-se para pegar a bolsa. – Preciso visitar outro paciente. Mas estarei de volta esta noite. Acho que não precisaremos tomar qualquer decisão antes disso.

– O senhor *acha*? – questionou Honoria, irritada. – Então não tem certeza?

O Dr. Winters suspirou e, pela primeira vez desde que entrara no quarto, pareceu cansado.

– Na medicina nunca se pode ter certeza, milady. Gostaria que não fosse assim. – Ele olhou pela janela. As cortinas haviam sido afastadas e revelavam o verde infinito do jardim sul de Fensmore. – Talvez um dia não seja mais desse jeito, porém temo que isso não vá acontecer enquanto estivermos vivos. Até lá, meu trabalho continua sendo tanto uma arte quanto uma ciência.

Não era o que Honoria queria ouvir, mas ela reconheceu a verdade no que ele dizia. Aquiesceu e agradeceu ao médico pela atenção.

O Dr. Winters fez uma mesura, então deu instruções a Honoria e à mãe e partiu, prometendo voltar mais tarde. Lady Winstead o acompanhou e deixou a filha mais uma vez sozinha com Marcus, que permanecia deitado, terrivelmente imóvel.

Por vários minutos, Honoria ficou parada no meio do quarto, sentindo-se fraca e perdida. Não havia nada a fazer. Ela estivera tão assustada de manhã quanto estava naquele momento, mas pelo menos fora capaz de se concentrar em cuidar da perna de Marcus. Agora tudo o que lhe restava era esperar. Sem uma tarefa específica para executar, em sua mente só resistia o medo.

Que escolha: a vida ou a perna dele. E talvez ela é que precisasse tomar a decisão.

Não queria essa responsabilidade. Santo Deus, não queria.

– Ah, Marcus... – falou Honoria, suspirando, indo até a cadeira ao lado da cama dele. – Como isso pôde acontecer? *Por que* isso aconteceu? Não é justo.

Ela sentou-se e apoiou os braços dobrados no colchão, pousando a cabeça na curva do cotovelo.

Iria, é claro, sacrificar a perna dele para salvar sua vida. Isso era o que Marcus escolheria se conseguisse falar por si mesmo. Era um homem orgulhoso, mas não tanto a ponto de preferir a morte a uma deficiência. Honoria sabia disso. Eles nunca haviam conversado a respeito, é claro... Quem conversava sobre essas coisas? Ninguém se sentava a uma mesa de jantar para falar se preferia ser amputado ou morrer.

Contudo, Honoria sabia o que Marcus escolheria. Ela o conhecia havia quinze anos. Não precisava perguntar para saber qual seria sua decisão.

Só que ele ficaria furioso. Não com ela. Nem mesmo com o médico. Mas com a vida. Talvez com Deus. Porém, perseveraria. Honoria se encarregaria de garantir isso. Não sairia do lado de Marcus até ele... até ele...

Ah, meu Deus. Ela não conseguia nem imaginar.

Honoria respirou fundo, tentando se controlar. Uma parte dela queria sair correndo do quarto e implorar ao Dr. Winters para amputar a perna direita de Marcus naquele exato instante. Se era isso que garantiria a sobrevivência dele, então ela mesma seguraria a maldita serra. Ou pelo menos pousaria a mão sobre a do médico.

Honoria não podia lidar com a ideia de um mundo sem Marcus. Mesmo se ele não fizesse parte constante da vida dela, mesmo se permanecesse ali em Cambridgeshire e ela se casasse e fosse morar em Yorkshire, no País de Gales ou nas Órcades e nunca mais o visse, ainda saberia que Marcus estava vivo e bem, cavalgando, lendo um livro ou talvez sentado em uma cadeira junto ao fogo.

Só que ainda não era o momento de tomar aquela decisão, por mais que ela detestasse a incerteza. Não podia ser egoísta. Precisava mantê-lo inteiro pelo maior tempo possível. Mas e se acabasse esperando demais?

Honoria fechou os olhos com força. Sentiu as lágrimas ardendo contra as pálpebras, ameaçando se derramar com todo o terror e frustração que cresciam dentro dela.

– Por favor, não morra – sussurrou ela.

Honoria esfregou o rosto, tentando afastar as lágrimas, então voltou a apoiar a cabeça nos braços. Talvez devesse se dirigir à perna de Marcus, não a ele. Ou talvez a Deus, ao diabo, a Zeus ou a Thor. Imploraria a qualquer pessoa se achasse que poderia fazer alguma diferença.

– Marcus... – disse novamente, porque pronunciar o nome dele parecia lhe trazer algum conforto. – Marcus...

–... noria.

Ela ficou paralisada, então levantou o corpo.

– Marcus?

Ele não tinha aberto os olhos, mas ela podia ver o movimento sob as pálpebras e o queixo dele se mexeu ligeiramente para cima e para baixo.

– Ah, Marcus... – Honoria soluçou. As lágrimas vieram. – Ah, sinto muito, não devia estar chorando.

Ela buscou em vão por um lenço e acabou secando os olhos no lençol.

– Estou só feliz por ouvir sua voz, embora não se pareça nada com ela.

– Á-á-á...

– Quer água?

Mais uma vez, o queixo dele se moveu.

– Aqui está, deixe-me erguer um pouco o seu corpo. Ficará mais fácil.

Honoria passou o braço sob os dele e conseguiu levantá-lo uns poucos centímetros. Não foi muito, mas já era alguma coisa. Havia um copo d'água na mesa de cabeceira, a colher dentro desde a última vez que tinham tentado lhe dar de beber.

– Vou lhe dar algumas gotas. Só um pouquinho de cada vez. Tenho medo de que você se engasgue se for muito.

Porém, Marcus se saiu melhor dessa vez e Honoria conseguiu que bebesse grande parte das oito colheres dadas antes que ele sinalizasse estar satisfeito e voltasse a se esticar na cama.

– Como se sente? – perguntou ela, tentando afofar o travesseiro dele. – Além de péssimo, quero dizer.

Marcus moveu a cabeça ligeiramente para o lado. Parecia ser uma fraca interpretação de um dar de ombros.

– É claro que você está se sentindo terrível – continuou Honoria –, mas houve alguma mudança? Mais terrível? Menos terrível?

Ele não respondeu.

– Terrível do mesmo jeito? – Ela riu. Gargalhou. Impressionante. – Estou soando ridícula...

Marcus assentiu. Foi um movimento mínimo, só que menos débil do que os anteriores.

– Você me ouviu – disse Honoria, incapaz de conter o sorriso largo e trêmulo. – Zombou de mim, mas me ouviu.

Marcus assentiu de novo.

– Isso é bom. Fique à vontade. Quando você melhorar... pois você vai... não terá permissão para fazer isso, e estou me referindo a zombar de mim. Mas por enquanto fique à vontade. Ah! – Ela ficou de pé em um pulo, subitamente tomada por uma energia nervosa. – Preciso examinar sua perna. Não faz muito tempo que o Dr. Winters foi embora, eu sei, mas não há problema em olhar.

Levou apenas dois passos e um segundo para ela ver que a perna estava do mesmo jeito. O ferimento ainda era de um vermelho vivo e cintilante, porém não havia mais os pontos amarelos, horríveis. E o mais importante: nenhuma faixa vermelha.

– Está do mesmo jeito. Não que fosse se alterar, mas, como eu disse, não há problema... Bem, você sabe. – Ela deu um sorriso envergonhado. – Eu já falei isso.

Honoria ficou em silêncio por um instante, satisfeita em apenas fitá-lo. Os olhos de Marcus estavam fechados e ele não parecia nada diferente de quando o Dr. Winters o examinara, mas Honoria ouvira sua voz e lhe dera água, e isso foi o bastante para encher seu coração de esperança.

– Sua febre! – exclamou de repente. – Preciso verificá-la. – Honoria tocou a testa dele. – Parece estar do mesmo jeito, ou seja, mais quente do que deveria. Mas melhor do que já esteve. Você sem dúvida melhorou. – Ela fez uma pausa, se perguntando se estaria falando com o vento. – Ainda consegue me ouvir?

Marcus moveu a cabeça.

– Ah, ótimo, porque sei que pareço tola e não faz sentido parecer tola sem uma audiência.

Ele moveu a boca. Honoria pensou enxergar um sorriso. Em algum lugar na mente dele, Marcus estava sorrindo.

– Fico feliz por bancar a tola para você.

Ele aquiesceu.

Honoria levou a mão à boca e apoiou o cotovelo no outro braço, que estava passado ao redor da cintura.

– Gostaria de saber o que você está pensando.

Ele encolheu os ombros de leve.

– Não está pensando muito a respeito de nada? – Honoria apontou o dedo para ele. – Não acredito. Conheço você bem demais.

Ela esperou por outra reação, mesmo que mínima. Como nada aconteceu, continuou a falar:

– Você deve estar pensando na melhor forma de maximizar sua colheita de milho do ano. Não, ponderando se está cobrando aluguéis muito baixos. – Honoria pensou a respeito por um momento. – Aliás, muito *altos*. Tenho certeza absoluta de que você é um senhorio de coração mole. Não iria querer que ninguém passasse por dificuldades para lhe pagar.

Marcus balançou a cabeça. Só o bastante para que ela entendesse o que ele queria dizer.

– Não, você não quer que ninguém passe por dificuldades, ou não, não é isso que você está pensado.

– Você – disse ele com uma voz áspera.

– Está pensando em mim? – sussurrou Honoria.

– Obrigado.

A voz de Marcus era baixa, quase inaudível, mas ela o ouviu. E precisou de todas as forças para não começar a chorar.

– Não vou deixá-lo – garantiu Honoria, tomando a mão dele. – Não até que você esteja melhor.

– Obr-obri...

– Está tudo bem. Não precisa repetir. Não precisava nem ter dito da primeira vez.

Mas Honoria estava feliz por ele ter agradecido. Não sabia qual das duas declarações a tocara mais: “Obrigado” ou o solitário e simples “Você”.

Marcus estava pensando nela. Deitado ali, correndo risco de vida ou de uma amputação, estava pensando nela.

Pela primeira vez desde que chegara a Fensmore, Honoria não se sentia apavorada.

CAPÍTULO 13

Quando voltou a acordar, Marcus percebeu que algo havia mudado. Em primeiro lugar, sua perna voltara a doer bastante. Mas, por algum motivo, ele desconfiava de que isso não era ruim. Em segundo lugar, estava com fome. Com muita fome, como se não comesse havia dias. O que provavelmente era verdade. Não fazia ideia de quanto tempo se passara desde que caíra doente.

E, em terceiro e último lugar, conseguia abrir os olhos. Excelente.

Não sabia que horas eram. Estava escuro, mas tanto podia ser quatro da manhã quanto dez da noite. Era desorientador ficar doente.

Marcus engoliu, tentando umedecer a garganta. Seria bom tomar um pouco mais de água. Ele virou a cabeça na direção da mesinha de cabeceira. Seus olhos ainda não haviam se adaptado ao escuro, mas percebeu que alguém estava adormecido em uma cadeira perto da cama. Honoria? Provavelmente. Ele tinha a sensação de que ela não deixara o quarto durante toda aquela agonia.

Marcus piscou, tentando lembrar como Honoria chegara ali. Ah, sim, a Sra. Wetherby lhe escrevera. Não conseguia imaginar por que a governanta pensara em fazer isso, mas seria eternamente grato à mulher pela ideia.

Suspeitava que teria morrido se não fosse pelo tormento que Honoria e a mãe haviam infligido à sua perna.

Contudo, esse não era o único motivo. Sabia que alternara entre a consciência e a inconsciência, com enormes lapsos de memória, porém tinha noção de que Honoria estava sempre ali por perto. Ela segurara sua mão, conversara com ele, a voz baixa tocando a alma de Marcus mesmo quando ele não era capaz de articular uma única palavra.

E saber que ela estava ali... fora bem mais fácil. Ele não tinha ficado só. Pela primeira vez na vida.

Marcus bufou baixinho. Estava sendo dramático demais. Não era como se andasse por aí com um escudo invisível, mantendo todos os outros afastados. Poderia haver mais pessoas em sua vida. Muito mais. Era um conde, pelo amor de Deus. Bastaria estalar os dedos para encher a casa.

Só que nunca quisera companhia apenas para ficar tagarelando sobre futilidades. E em tudo na vida dele que tivera algum significado, estivera sozinho.

Fora escolha dele.

Ou o que achara que era uma escolha.

Marcus piscou mais algumas vezes e o quarto começou a entrar em foco. As cortinas não haviam sido inteiramente fechadas e o luar iluminava o cômodo o bastante para que ele divisasse algumas mínimas gradações de cor. Ou talvez fosse só porque soubesse que as paredes eram vinho e a gravura acima da lareira era verde em sua maior parte. As pessoas viam o que esperavam ver – essa era uma das verdades mais básicas da vida.

Ele voltou a virar a cabeça, espiando a pessoa na cadeira. Com certeza era Honoria, e não apenas por que era quem ele esperava ver. Os cabelos dela estavam desarrumados e eram castanho-claros, nem de perto escuros o bastante para serem os de lady Winstead.

Imaginou quanto tempo Honoria já se encontraria ali. Sem dúvida estaria desconfortável.

Mas não devia incomodá-la. Ela certamente precisava dormir.

Marcus tentou ficar sentado, mas descobriu que estava fraco demais para se erguer mais do que poucos centímetros. Ainda assim, conseguia ver um pouco melhor, talvez até pudesse estender o braço para pegar o copo d'água sobre a mesa.

Ou talvez não. Marcus levantou o braço uns 15 centímetros, mas então o deixou pender. Maldição, estava cansado. E sedento. Parecia que haviam esfregado uma lixa na boca dele.

Aquele copo parecia o paraíso. O paraíso fora de alcance.

Maldição.

Ele suspirou, então desejou não ter feito isso, porque as costelas doeram. Todo o corpo doía. Como era possível que um corpo doesse em absolutamente todos os lugares ao mesmo tempo?

Porém, Marcus achava que a febre tinha ido embora. Ou pelo menos não estava mais tão alta. Era difícil dizer. Ele com certeza se sentia mais

lúcido.

Observou Honoria por um instante. Ela não se movia nem um milímetro em meio ao sono. Sua cabeça estava caída para o lado em um ângulo nada natural e era bem provável que ela acordasse com um terrível torcicolo.

Talvez devesse despertá-la. Era a coisa mais bondosa a se fazer.

– Honoria – chamou ele, rouco.

Ela não se mexeu.

– Honoria – procurou falar mais alto, mas saiu do mesmo jeito, um som que lembrava um inseto se batendo contra a janela. Além disso, o esforço era exaustivo.

Marcus tentou cutucá-la de novo. O braço dele parecia um peso morto, porém, de algum modo, conseguiu afastá-lo da cama. Queria só tocar Honoria de leve, mas sua mão acabou caindo pesadamente sobre a perna estendida dela.

– Aaaaai! – Ela acordou com um grito e levantou a cabeça tão rápido que bateu na coluna da cama. – Au! – gemeu, esfregando o ponto dolorido.

– Honoria – repetiu Marcus, tentando chamar a atenção dela.

A jovem murmurou algo e deixou escapar um enorme bocejo enquanto passava a mão no rosto.

– Marcus?

Ela soou sonolenta. E maravilhosa.

– Posso beber um pouco de água, por favor? – perguntou ele.

Talvez devesse ter dito algo mais profundo, afinal, praticamente voltara do mundo dos mortos. Mas estava com sede. Uma sede digna de um deserto. E pedir por água era o mais profundo a que um homem em suas condições podia chegar.

– É claro. – As mãos dela buscaram na escuridão até baterem no copo. – Ah, maldição. Um instante.

Ele a observou se levantar e ir até outra mesa, onde pegou uma jarra.

– Não sobrou muito – avisou, grogue. – Mas deve ser o bastante.

Honoria serviu um pouco de água no copo e pegou a colher.

– Eu consigo tomar – garantiu Marcus.

Ela o encarou, surpresa.

– Sério?

– Pode me ajudar a sentar?

Honoria assentiu e passou os braços ao redor dele, quase em um abraço.

– Lá vamos nós – murmurou ela, erguendo-o.

As palavras de Honoria tocaram suavemente a base da nuca dele, quase como um beijo. Marcus suspirou e ficou imóvel, deleitando-se por um momento com o calor do hálito dela contra a sua pele.

– Você está bem? – perguntou Honoria, afastando-se.

– Sim, sim, é claro – respondeu Marcus, abandonando o devaneio com o máximo de rapidez que seu estado lhe permitia. – Desculpe.

Graças ao esforço conjunto, ele conseguiu sentar. Depois, pegou o copo e bebeu sem ajuda. Foi impressionante a sensação de triunfo.

– Você parece muito melhor – comentou Honoria, piscando para afastar o sono. – Eu... eu... – Ela piscou de novo, mas dessa vez Marcus achou que era para afastar as lágrimas. – É tão bom vê-lo assim de novo...

Ele assentiu e estendeu o copo.

– Mais, por favor.

– É claro.

Honoria serviu mais água e lhe entregou o copo. Marcus bebeu com vontade, parando para respirar apenas depois de terminar a última gota.

– Obrigado – agradeceu, devolvendo o copo.

Honoria o pegou, pousou-o na mesa e voltou a se sentar na cadeira.

– Fiquei muito preocupada com você – confessou ela.

– O que aconteceu?

Marcus se lembrava de algumas partes: a mãe dela e a tesoura, o coelho gigante. E de Honoria chamando-o de seu porto seguro. Nunca se esqueceria disso.

– O médico veio vê-lo duas vezes – contou ela. – O Dr. Winters mais jovem. O pai dele... Bem, não sei o que aconteceu com o pai dele, mas sinceramente nem quero saber. O homem nem examinou a sua perna quando esteve aqui. Não fazia ideia de que você estava com um ferimento infeccionado. Se o tivesse visto antes de piorar tanto... ora, acho que tudo acabaria saindo do mesmo jeito. – Ela comprimiu os lábios, parecendo frustrada. – Mas talvez não.

– O que o Dr. Winters disse? – perguntou Marcus, para logo esclarecer: – O filho.

Honoria sorriu.

– Ele acha que você vai conseguir manter a perna.

– O quê?

Marcus sacudiu a cabeça, tentando entender.

– Ficamos com medo de que fosse necessário amputá-la.

– Ai, meu Deus. – Marcus sentiu como se afundasse nos travesseiros. – Ai, meu Deus.

– Provavelmente foi melhor que você não soubesse dessa possibilidade – falou Honoria com delicadeza.

– Ai, meu Deus.

Ele não conseguia imaginar a vida sem uma perna. Supunha que ninguém conseguiria, até ser preciso tirá-la.

– Minha perna... – sussurrou Marcus.

Ele sentia uma urgência irracional de se sentar direito e olhar para a perna, para se certificar de que ainda estava ali. Mas forçou-se a permanecer parado... Honoria com certeza iria achá-lo mais do que tolo por querer ver por si mesmo. Só que a perna doía, doía muito, e Marcus sentia-se grato pela dor. Pelo menos assim sabia que ela ainda estava onde deveria.

Honoria desvencilhou a mão para conter um enorme bocejo.

– Ah, desculpe – disse ao terminar. – Acho que não tenho dormido muito.

Culpa dele, percebeu Marcus. Outra razão para ter uma dívida de gratidão com ela.

– Essa cadeira não é confortável – declarou ele. – Você deveria ficar no outro lado da cama.

– Ah, eu não poderia.

– Não seria mais impróprio do qualquer outra coisa que aconteceu aqui hoje.

– Não – insistiu Honoria, como se fosse rir caso não estivesse tão cansada. – Quero dizer, realmente não seria possível. O colchão ainda está úmido de quando limpamos a sua perna.

– Ah.

Então ele riu. Porque era engraçado. E porque rir era muito bom.

Honoria se contorceu um pouco, tentando ficar mais confortável na cadeira.

– Talvez eu pudesse me deitar em cima da coberta... – comentou ela, esticando o pescoço para olhar além dele, para a região vazia na cama.

– Como você achar melhor.

Ela soltou um suspiro exausto.

– Meu pé talvez fique molhado. Mas acho que não me importo.

Um instante depois, ela estava na cama, deitada em cima da manta. Na verdade, Marcus também estava, embora a maior parte dele estivesse embaixo de uma segunda colcha – ele imaginou que quisessem que sua perna ficasse para fora das cobertas.

Honoria voltou a bocejar.

– Honoria... – sussurrou Marcus.

– Hummm?

– Obrigado.

– Uhumm.

Um instante se passou, então Marcus disse, porque *precisava* dizer:

– Fico feliz por você estar aqui.

– Eu também – afirmou ela, sonolenta. – Eu também.

A respiração dela foi se acalmando lentamente, assim como a dele. E os dois dormiram.

Honoria acordou na manhã seguinte deliciosamente aconchegada e aquecida. Com os olhos ainda fechados, esticou os dedos dos pés, então os flexionou e girou os tornozelos para um lado, depois para outro. Aquele era o seu ritual matinal, espreguiçar-se na cama. As mãos vinham em seguida. E lá foram elas, primeiro como pequenas estrelas-do-mar, então encurvadas como garras. Depois o pescoço, para a frente e para trás e em um círculo.

Ela bocejou. Cerrou os punhos enquanto esticava os braços para a frente e...

Esbarrou em alguém.

Ela ficou paralisada. E abriu os olhos. E se lembrou de tudo.

Meu Deus, estava na cama com Marcus. *Não*. Aquela não era a forma certa de descrever a situação. Ela estava na cama de Marcus.

Mas não estava *com* ele.

Sim, era impróprio, mas com certeza podia-se abrir uma exceção nas regras de decoro para jovens damas que se encontravam na cama com cavalheiros que estavam doentes demais para comprometê-las.

Aos poucos, tentou se afastar alguns centímetros. Não havia necessidade de acordá-lo. Marcus provavelmente não tinha nem ideia de que ela estava ali, ou seja, bem perto dele, lado a lado, seus pés tocando os dele. Não se achava mais no extremo da cama, onde se deitara na noite anterior.

Honoria dobrou os joelhos e plantou os pés no colchão para se firmar. Primeiro levantou o quadril, movendo-os um pouquinho para a direita. Então, os ombros. E o quadril de novo, depois os pés para ficarem no mesmo nível. Era hora dos ombros mais uma vez...

Tum!

Um dos braços de Marcus foi abaixado pesadamente por cima do corpo dela.

Honoria ficou paralisada. Santo Deus, o que deveria fazer agora? Talvez se ela esperasse um minuto ou dois, Marcus rolaria de volta para a posição anterior.

Ela esperou. E esperou. E ele se moveu.

Na direção dela.

Honoria engoliu em seco, nervosa. Não tinha ideia de que horas eram – algum momento depois do amanhecer, talvez – e não queria que a Sra. Wetherby entrasse e a encontrasse com o corpo pressionado contra o de Marcus na cama. Ou, pior, que a mãe entrasse.

Com certeza ninguém pensaria mal dela, principalmente após tudo o que acontecera na véspera. Mas Honoria era solteira, assim como Marcus, aquilo era uma cama, ele estava usando muito pouca roupa e...

Ela iria sair da cama. Se Marcus acordasse, paciência. Pelo menos não acordaria com um revólver às costas, forçando-o a se casar com ela.

Honoria se contorceu para cima e para fora da cama, tentando ignorar os sons muito agradáveis que Marcus emitia enquanto rolava o corpo de novo e se aconchegava embaixo da colcha. Quando já estava com os pés firmemente apoiados no tapete, ela deu uma olhada rápida na perna dele. Parecia estar se curando bem, sem sinal daquelas terríveis faixas vermelhas sobre as quais o Dr. Winters alertara.

– Obrigada – sussurrou Honoria, fazendo uma rápida prece para que ele continuasse a se recuperar.

– De nada – murmurou Marcus.

Honoria deixou escapar um gritinho de surpresa e deu um salto de quase meio metro.

– Desculpe – disse ele, mas estava rindo.

Era o som mais adorável que Honoria já ouvira na vida.

– Eu não estava agradecendo a você – retrucou ela, impertinente.

– Eu sei.

Ele sorriu.

Honoria tentou alisar as saias, terrivelmente amassadas. Estava usando o mesmo vestido azul da viagem, que ocorrera – ah, meu Deus – dois dias antes. Não conseguia imaginar quanto deveria estar medonha.

– Como está se sentindo? – perguntou ela.

– Muito melhor – respondeu Marcus, sentando-se.

Honoria percebeu que ele puxara as cobertas ao se sentar, por isso o rubor que tomou conta do rosto dela foi apenas rosado, e não de um vermelho profundo. Engraçado... Aliás, quase engraçado. Ela vira o peito nu de Marcus uma centena de vezes na véspera, cutucara e espetara a perna nua dele e até mesmo – não que jamais fosse lhe contar isso – vira de relance uma de suas nádegas enquanto ele se debatia. Porém, naquele momento, com os dois totalmente despertos e Marcus não mais às portas da morte, Honoria não conseguia nem encará-lo.

– Ainda sente muita dor? – perguntou ela, apontando para a perna dele que estava para fora das cobertas.

– É mais uma dor surda.

– Você vai ficar com uma terrível cicatriz.

Ele deu um sorriso irônico.

– Vou exibi-la com orgulho e desonestidade.

– Desonestidade? – repetiu ela, incapaz de conter o tom divertido.

Marcus inclinou a cabeça para o lado enquanto examinava o enorme machucado em sua perna.

– Eu estava pensando em atribuir minha cicatriz a uma luta contra um tigre.

– Um tigre. Em Cambridgeshire.

Ele deu de ombros.

– É mais convincente do que um tubarão.

– Um javali – decidiu Honoria.

– Não, muito indigno.

Honoria pressionou os lábios e soltou uma risadinha. Marcus fez o mesmo, e foi só então que ela se permitiu acreditar: ele iria ficar bem. Era um milagre. Não conseguia pensar em nenhuma outra palavra para

descrever. A cor voltara ao rosto de Marcus e, mesmo que ele talvez parecesse um pouco magro demais, não era nada comparado ao brilho em seus olhos.

Ele iria ficar bem.

– Honoria?

Ela levantou os olhos.

– Você cambaleou – comentou ele. – Eu a ajudaria, mas...

– Realmente me sinto um pouco instável – admitiu ela, indo até a cadeira perto da cama dele. – Acho...

– Você comeu?

– Sim. Não. Bem, um pouco. Devo ter comido. Acho que estou só... aliviada.

Então, para seu horror, ela se pôs a chorar descontroladamente. Começou de repente, atingindo-a como uma enorme onda do oceano. Cada pedacinho dela estivera muito tenso. Ela se controlara ao máximo e, agora que sabia que ele ficaria bem, desmoronara.

Como uma corda de violino esticada demais que arrebentara.

– Desculpe – disse Honoria, tentando respirar entre os soluços. – Não sei... Não pretendia... É só que estou muito feliz.

– Shhh – sussurrou Marcus, pegando a mão dela. – Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

– Eu sei. – Ela soluçou. – Eu sei. É por isso que estou chorando.

– É por isso que estou chorando também – falou ele baixinho.

Honoria se virou. Não havia lágrimas rolando pelo rosto de Marcus, mas seus olhos estavam marejados. Ela nunca o vira demonstrar tamanha emoção, nunca sequer pensara que isso fosse possível. Com a mão trêmula, Honoria tocou o rosto de Marcus, então o canto do olho dele, recolhendo os dedos quando uma das lágrimas deslizou para a pele dela. Em seguida, fez algo tão inesperado que pegou ambos de surpresa.

Honoria jogou os braços ao redor de Marcus, enfiou o rosto na dobra do pescoço dele e abraçou-o com força.

– Fiquei tão assustada... – sussurrou. – Acho que nem eu sabia quanto estava assustada.

Marcus passou os braços em torno dela, hesitante a princípio, mas, como se precisasse daquele pequeno estímulo, relaxou no abraço, segurando-a delicadamente contra si, acariciando seus cabelos.

– Eu não sabia – disse Honoria. – Não me dei conta.

Agora aquilo eram apenas palavras, com significados que nem ela entendia. Não tinha ideia de sobre o que estava falando... o que não sabia ou do que não se dera conta. Ela só... Ela só...

Honoria levantou os olhos. Precisava ver o rosto de Marcus.

– Honoria – sussurrou ele, encarando-a como se nunca a tivesse visto antes.

Os olhos dele eram cálidos, de um castanho cor de chocolate, e carregados de emoção. Algo se acendeu no íntimo deles, algo que Honoria não reconheceu direito, e lentamente, muito lentamente, os lábios de Marcus vieram ao encontro dos dela.

Marcus nunca conseguiria explicar por que beijara Honoria. Estava abraçando-a enquanto ela chorava e aquilo parecera a coisa mais natural e inocente a fazer. Mas a princípio não houvera intenção de beijá-la, nenhuma urgência.

Só que então ela o encarara. Os olhos de Honoria – ah, aqueles olhos incríveis – cintilando por causa das lágrimas e os lábios cheios e trêmulos. Ele havia parado de respirar. De pensar. Algo o dominara. Algo profundo dentro dele, que sentira a mulher em seus braços e o fizera se perder.

Mudar.

Precisava beijá-la. Tinha que fazer isso. Era tão básico e elementar quanto sua respiração, seu sangue, sua alma.

E quando a beijou...

A Terra parou de girar.

Os pássaros pararam de cantar.

Tudo no mundo ficou em suspenso, a não ser por ele, ela e o beijo muito leve que os unia.

Algo desabrochou dentro de Marcus, uma paixão, um desejo. E ele percebeu que, se não estivesse tão fraco, tão debilitado, teria levado aquela situação além. Não teria sido capaz de se controlar. Teria pressionado o corpo dela contra o dele, deleitando-se com a suavidade de Honoria, com seu perfume.

Ele a teria beijado mais intensamente. E a teria tocado. Em toda parte.

Teria implorado por ela. Para que ficasse, para que recebesse a paixão dele, para que o recebesse dentro dela.

Marcus desejava Honoria. E nada poderia tê-lo apavorado mais.

Aquela era Honoria. Ele jurara protegê-la e, em vez disso...

Afastou os lábios, mas não conseguiu se afastar completamente. Ele descansou a testa contra a dela e, saboreando aquele último toque, sussurrou:

– Perdoe-me.

Ela o deixou, então. Saiu do quarto em disparada. Marcus a observou partir, viu as mãos e os lábios trêmulos.

Ele era um selvagem. Honoria salvara sua vida e era daquele jeito que ele retribuía?

– Honoria – sussurrou.

Tocou os lábios com os dedos, como se de algum modo pudesse senti-la ali.

E sentiu. Era a coisa mais incrível. Ainda sentia o beijo dela. Sua boca ainda pulsava com o toque dos lábios dela.

Honoria ainda estava com ele.

E Marcus tinha a estranha sensação de que sempre estaria.

CAPÍTULO 14

Felizmente, Honoria não teve que passar o dia seguinte agonizando por causa do breve beijo.

Em vez disso, ela dormiu.

Era uma curta caminhada do quarto de Marcus para o dela, assim Honoria se dedicou à tarefa incumbida – em outras palavras, colocar um pé na frente do outro e permanecer aprumada o bastante para chegar ao aposento. Quando teve êxito, deitou-se na cama e só se levantou 24 horas depois.

Nem se lembrou de ter sonhado.

Já amanhecera quando Honoria enfim acordou, ainda com a mesma roupa que vestira em Londres – quantos dias haviam se passado? Um banho pareceu ser o mais necessário, uma muda de roupas limpas e o café da manhã, é claro. Honoria insistiu com alegria para que a Sra. Wetherby se juntasse a ela à mesa e conversasse sobre qualquer coisa que não tivesse relação com Marcus.

Os ovos estavam muito interessantes, assim como o bacon, e as hortênsias do lado de fora da janela eram fascinantes.

Hortênsias... Quem teria imaginado?

Honoria evitou muito bem não apenas Marcus, mas todos os pensamentos a respeito dele até a Sra. Wetherby perguntar:

– Já foi ver o patrão esta manhã?

Honoria fez uma pausa, o muffin a meio caminho da boca.

– Ahn, ainda não.

A manteiga que passara no bolinho pingava na mão dela. Honoria pousou-o e limpou os dedos.

– Estou certa de que ele adoraria vê-la – continuou a Sra. Wetherby.

Portanto, Honoria precisava ir ao quarto. Depois de todo o tempo e esforço que dedicara a Marcus quando ele estava nas profundezas da febre, teria parecido muito estranho acenar com desdém e dizer: “Ah, não é necessário.”

A caminhada da sala do café da manhã até o quarto de Marcus levava aproximadamente três minutos, tempo de mais para pensar sobre um beijo de três segundos.

Beijara o melhor amigo do irmão. Beijara *Marcus*... que ela achava que havia se tornado também um de seus melhores amigos.

Como aquilo acontecera? Marcus sempre fora amigo de Daniel, não dela. Ou melhor, fora amigo de Daniel primeiro, depois dela. O que não queria dizer...

Honoria parou. Estava ficando zonza.

Ah, não importava. Marcus provavelmente nem sequer pensara a respeito. Talvez ele até estivesse ainda um pouco delirante quando a beijara. Talvez nem conseguisse se lembrar.

E aquilo poderia mesmo ser chamado de beijo? Fora tão, tão breve. E deveria ser levado em conta caso o beijador se sentisse grato à beijada e provavelmente até em dívida com ela?

Afinal, Honoria salvara a vida dele. Um beijo não chegava a ser nenhum absurdo.

Além do mais, Marcus dissera “Perdoe-me”. O que acontecera contava como um beijo se o beijador pedia perdão?

Honoria achava que não.

Ainda assim, a última coisa que ela desejava era conversar com ele a respeito, por isso, quando a Sra. Wetherby avisou que Marcus ainda estava dormindo, Honoria resolveu fazer logo a visita antes que ele acordasse.

Como a porta do quarto estava entreaberta, Honoria pousou a mão na madeira escura e empurrou bem devagar. Era inconcebível que uma casa tão bem administrada quanto Fensmore tivesse dobradiças rangentes nas portas, mas não custava ter cuidado. Quando a abriu o bastante para passar a cabeça, Honoria espiou dentro, inclinou-se para que pudesse vê-lo e...

Marcus se virou para encará-la.

– Ah, você está acordado! – As palavras escaparam da boca de Honoria como o piado surpreso de um passarinho.

Maldição.

Marcus estava sentado na cama, as cobertas presas com cuidado ao redor da cintura. Honoria percebeu com alívio que ele finalmente vestira um camisolão de dormir.

Ele ergueu um livro.

– Estou tentando ler.

– Ah, não vou incomodá-lo – disse Honoria rapidamente, embora o tom da voz dele fosse mais do tipo “estou tentando ler mas não consigo”.

Então Honoria fez uma reverência.

Uma reverência!

Por que diabos? Nunca fizera uma mesura para Marcus. Já meneara a cabeça e até chegara a curvar um pouco os joelhos em alguns momentos, mas, santo Deus, Marcus teria um ataque de riso se ela fizesse uma reverência. Na verdade, era bem possível que ele estivesse rindo naquele momento. Mas Honoria jamais saberia, pois fugiu do quarto antes que ele emitisse qualquer som.

No entanto, quando encontrou com a mãe e com a Sra. Wetherby na sala de visitas, mais tarde, pôde dizer com toda a honestidade que visitara Marcus e que o encontrara muito melhor.

– Ele estava até lendo – comentou ela, soando alegre. – Isso deve ser um bom sinal.

– O que ele estava lendo? – perguntou a mãe por educação enquanto servia uma xícara de chá à filha.

– Ahn... – Honoria ficou confusa, não se lembrava de nada além da capa de couro vermelho-escura. – Na verdade, não sei.

– Provavelmente devemos lhe levar mais livros para que tenha variedade de escolha – disse lady Winstead, entregando o chá a Honoria. – Está quente e é tedioso ficar confinado a uma cama. Falo por experiência própria. Fiquei quatro meses de cama quando estava esperando você, e três quando esperava Charlotte.

– Não sabia.

Lady Winstead fez um gesto despreocupado.

– Não havia nada a ser feito. Não tive escolha. Mas os livros salvaram a minha sanidade. Pode-se ler ou bordar na cama, e não consigo imaginar Marcus pegando agulha e linha.

– Não mesmo – concordou Honoria, sorrindo.

A mãe deu outro gole no chá.

– Você deve investigar a biblioteca de Marcus e ver o que consegue encontrar para ele. E Marcus pode ficar com meu romance quando partirmos. – Ela pousou a xícara. – Trouxe aquele de Sarah Gorely. Estou quase terminando. Até agora está maravilhoso.

– *Miss Butterworth e o Barão Louco?* – perguntou Honoria, em dúvida.

Ela também lera o livro e o achara muito divertido, mas era comicamente melodramático e não achava que Marcus fosse gostar. Se Honoria se lembrava direito, havia muitas pessoas penduradas em penhascos. E em árvores. E em parapeitos de janelas.

– Será que ele não iria preferir algo um pouco mais sério?

– Tenho certeza de que ele *acha* que iria preferir algo mais sério. Mas aquele menino já é muito sério. Precisa de mais leveza na vida.

– Marcus dificilmente pode ser chamado de menino.

– Para mim, ele sempre será um menino. – Lady Winstead se virou para a Sra. Wetherby, que permanecera em silêncio durante toda a conversa. – Não concorda?

– Ah, sem dúvida. É que o conheço desde que ele usava fraldas.

Honoria tinha certeza de que Marcus não aprovaria aquela conversa.

– Talvez você possa escolher alguns livros para ele, Honoria – disse a mãe. – Você conhece o gosto de Marcus melhor do que eu.

– Na verdade, acho que não – replicou Honoria, baixando os olhos para o chá. Por algum motivo, aquilo a perturbava.

– Temos uma biblioteca bem abrangente aqui em Fensmore – informou a Sra. Wetherby com orgulho.

– Sem dúvida encontrarei alguma coisa – garantiu Honoria, colocando um sorriso animado no rosto.

– Terá que encontrar – falou a mãe –, a menos que queira ensiná-lo a bordar.

Honoria a encarou, horrorizada, então viu o riso em seu olhar.

– Ah, pode imaginar? – perguntou lady Winstead com uma risadinha. – Sei que homens podem ser alfaiates maravilhosos, mas devem ter equipes de bordadeiras escondidas nos quartos dos fundos.

– Os dedos dos homens são grandes demais – concordou a Sra. Wetherby. – Não conseguem segurar as agulhas direito.

– Ora, Marcus não poderia ser muito pior do que Margaret. – Lady Winstead se virou para a Sra. Wetherby. – Minha filha mais velha. Nunca vi ninguém com menos talento para trabalhos com agulha.

Honoria olhou para a mãe com interesse. Nunca havia percebido que Margaret era tão ruim. Mas a verdade era que a irmã era dezessete anos mais velha. Já tinha se casado e saído de casa mesmo antes de Honoria ter idade o bastante para guardar lembranças.

– É bom que ela tenha tanto talento com o violino – continuou lady Winstead.

Honoria ergueu os olhos para a mãe, chocada. Ouvira Margaret tocar. Não usaria a palavra "talento" associada àquele desempenho.

– Todas as minhas filhas tocam violino – contou lady Winstead com orgulho.

– Até a senhorita? – perguntou a governanta para a jovem.

Honoria assentiu.

– Até eu.

– Gostaria que a senhorita tivesse trazido seu instrumento. Eu teria adorado ouvi-la.

– Não sou tão talentosa quanto minha irmã.

Tragicamente, isso era verdade.

– Ah, não seja boba – retrucou a mãe, dando um tapinha brincalhão no braço da filha. – Achei que estava magnífica no ano passado. Só precisa praticar um pouco mais. – Ela se virou para a Sra. Wetherby. – Nossa família faz um recital todo ano. É um dos convites mais cobiçados da cidade.

– Que maravilha fazer parte de uma família tão musical.

– Ah – fez Honoria, porque não tinha certeza se conseguiria dizer muito mais. – Sim.

– Espero que suas primas estejam ensaiando na sua ausência – falou a mãe, com uma expressão preocupada.

– Não sei como poderiam – rebateu Honoria. – Somos um quarteto. Não é possível ensaiar adequadamente com um violino faltando.

– Sim, imagino que seja verdade. É só que Daisy ainda está tão verde...

– Daisy? – indagou a Sra. Wetherby.

– Minha sobrinha. Ela é muito jovem e... – a voz da mãe agora era apenas um sussurro, embora Honoria não entendesse o porquê –... não é muito talentosa.

– Ah, meu Deus. – A Sra. Wetherby arquejou, levando a mão ao peito. – O que poderão fazer? Seu recital será arruinado.

– Estou certa de que Daisy conseguirá ficar à altura do resto de nós – afirmou Honoria com um sorrisinho fraco.

Para ser sincera, Daisy era muito ruim, mas era difícil imaginá-la tornando o quarteto pior. E a jovem prima acrescentaria um entusiasmo necessário ao grupo. Sarah ainda alegava que preferia ter os dentes arrancados a se apresentar novamente.

– Lorde Chatteris já assistiu ao concerto? – perguntou a Sra. Wetherby.

– Ah, ele comparece todo ano – respondeu lady Winstead. – E senta-se na primeira fileira.

Era um santo, pensou Honoria. Ao menos por uma noite a cada ano.

– Ele realmente adora música – comentou a governanta.

Um santo. Um mártir, mesmo.

– Imagino que ele perderá o recital este ano – disse sua mãe com um suspiro triste. – Talvez possamos dar um jeito de as moças virem até aqui para uma apresentação especial.

– Não! – exclamou Honoria, alto o bastante para que as duas mulheres se voltassem para ela. – Quero dizer, tenho certeza de que Marcus não gostaria. Ele não acha justo que as pessoas mudem suas rotinas por causa dele. – A jovem percebeu que lady Winstead não achava o argumento forte o suficiente, por isso acrescentou: – E Iris nunca se sente bem em viagens.

Uma mentira deslavada, mas a melhor que Honoria conseguiu inventar tão rapidamente.

– Ora, acredito que seja verdade – cedeu a mãe. – Mas sempre há o ano seguinte. – Com um lampejo de pânico nos olhos, completou: – Embora você não vá tocar, estou certa. – Como se tornou óbvio que precisaria explicar, lady Winstead virou-se para a Sra. Wetherby. – As Smythe-Smiths devem deixar o quarteto quando se casam. É uma tradição.

– E você está noiva, lady Honoria? – perguntou a governanta, com o cenho franzido, confusa.

– Não, e eu...

– O que ela quer dizer – interrompeu-a a mãe – é que esperamos que esteja noiva no fim da temporada social.

Honoria ficou apenas encarando lady Winstead. A mãe não havia demonstrado tamanha determinação ou estratégia durante as duas primeiras temporadas de que Honoria participara.

– Espero sinceramente que não seja tarde demais para procurarmos madame Brovard – murmurou a mãe.

Madame Brovard? A modista mais exclusiva de Londres? Honoria estava estupefata. Apenas alguns dias antes, a mãe lhe dissera para fazer compras com a prima Marigold e “encontrar alguma coisa cor-de-rosa”. Agora queria que Honoria fosse atendida por madame Brovard?

– Ela não usa o mesmo tecido duas vezes se for marcante demais – explicou a mãe para a Sra. Wetherby. – Por isso é considerada a melhor.

A governanta assentiu, aprovando, claramente apreciando a conversa.

– Mas o lado ruim é que, se a pessoa a procura tarde demais na temporada social – lady Winstead levantou as mãos em um gesto dramático –, todos os bons tecidos já foram usados.

– Ah, isso é terrível – comentou a Sra. Wetherby.

– Eu sei, eu sei. E quero me certificar de que encontraremos as cores certas para Honoria este ano. Para destacar os olhos dela, a senhora entende.

– Honoria tem lindos olhos – concordou a governanta, e se virou para a moça. – Tem mesmo.

– Ahn, obrigada – agradeceu Honoria automaticamente. Era estranho ver a mãe agir como... bem, como a Sra. Royle, para ser honesta. Era desconcertante. – Acho que vou até a biblioteca agora.

As duas mulheres haviam iniciado uma conversa animada sobre a diferença entre lavanda e pervinca.

– Divirta-se, querida – falou a mãe, sem sequer olhar para Honoria. – Estou dizendo, Sra. Wetherby, se for um tom *mais claro* de pervinca...

Honoria apenas balançou a cabeça. Precisava de um livro. E talvez de outra soneca. E de um pedaço de bolo. Não necessariamente nessa ordem.

O Dr. Winters passou por lá naquela tarde e declarou que Marcus estava se recuperando bem. A febre desaparecera inteiramente, a perna vinha se curando de modo esplêndido e até mesmo o tornozelo torcido – do qual eles haviam esquecido por completo – já não mostrava mais sinais de inchaço.

Com a vida de Marcus fora de perigo, lady Winstead anunciou que ela e Honoria arrumariam seus pertences e partiriam para Londres o mais rápido possível.

– Antes de mais nada, essa viagem foi anormal – disse ela a Marcus em particular. – Duvido que haverá comentários por causa de nossos laços de tantos anos e da precariedade de sua saúde, mas sabemos que a sociedade não será tão leniente se nos demorarmos.

– É claro – murmurou Marcus.

Era o melhor mesmo. Ele estava terrivelmente entediado e sentiria falta de tê-las por perto, porém a temporada logo começaria e Honoria precisava voltar para Londres. Ela era a filha solteira de um conde, portanto procurava um marido adequado. Não havia outro lugar em que devesse estar àquela época do ano.

Marcus teria que ir também, para manter o juramento que fizera a Daniel e se certificar de que Honoria não se casasse com um idiota, mas estava preso à cama – ordens do médico – e permaneceria assim por pelo menos mais uma semana. Depois, ficaria confinado em casa por outra semana, talvez duas, até que o Dr. Winters tivesse certeza de que a infecção tinha sarado. Lady Winstead o obrigara a prometer que seguiria as orientações médicas.

– Não salvamos sua vida para que você a desperdice.

Demoraria cerca de um mês até que as pudesse encontrar em Londres. E Marcus achou que isso era inexplicavelmente frustrante.

– Honoria está por perto? – perguntou a lady Winstead, embora soubesse que não era adequado inquirir sobre uma jovem solteira à mãe dela, mesmo no caso daquelas duas.

Porém, estava muito entediado e sentia falta da companhia de Honoria – o que não era de modo algum o mesmo que sentir falta *dela*.

– Tomamos chá há pouco – respondeu lady Winstead. – Honoria mencionou que o viu esta manhã. Acho que ela planeja pegar alguns livros para você na biblioteca da casa. Imagino que passará por aqui mais tarde para trazê-los.

– Ficarei muito grato. Quase terminei com... – Ele olhou para a mesinha de cabeceira. O que estava lendo mesmo? – *Dúvidas filosóficas sobre a essência da liberdade humana.*

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Está gostando?

– Não, não muito.

– Devo dizer a Honoria para se apressar com os livros, então – comentou lady Winstead com um sorriso de divertimento.

– Esperarei ansioso.

Ele fez menção de sorrir, então se recompôs e assumiu feições mais sérias.

– Estou certa de que ela também – falou lady Winstead.

Disso Marcus não tinha tanta certeza, mas, se Honoria não mencionara o beijo, ele também não mencionaria. Na verdade, era uma coisa insignificante. Ou, se não fosse, deveria ser. Facilmente esquecível. Eles logo voltariam à antiga amizade.

– Acho que ela ainda está cansada – comentou lady Winstead –, embora não consiga imaginar por quê. Honoria dormiu por 24 horas, sabia?

Marcus não sabia.

– Ela não saiu do seu lado até sua febre ceder. Eu me ofereci para substituí-la, mas ela não permitiu.

– Estou em grande dívida com Honoria – falou Marcus baixinho. – E com a senhora, também, pelo que entendi.

Por um momento, lady Winstead ficou calada. Então, entreabriu os lábios, como se estivesse decidindo o que falar. Marcus esperou, sabendo que o silêncio com frequência era o maior encorajador e, alguns segundos depois, a mãe de Honoria pigarreou.

– Não teríamos vindo a Fensmore se Honoria não houvesse insistido.

Marcus não sabia bem como responder.

– Eu disse a ela que não deveríamos vir, que não era adequado – continuou lady Winstead –, já que não somos da família.

– Eu não tenho família – explicou Marcus em um tom tranquilo.

– Sim, foi o que Honoria disse.

Ele sentiu uma estranha pontada no íntimo. É claro que Honoria sabia que ele não tinha família... Todos sabiam. Mas, de algum modo, ouvi-la falar isso ou simplesmente ouvir alguém lhe contar que ela falara...

Doía. Só um pouco. E ele não entendia por quê.

Honoria vira além de tudo aquilo, além do isolamento dele, dentro da solidão de Marcus. Ela vira isso – não, vira a *ele* – de um modo que nem o próprio Marcus compreendia.

Marcus não percebera quanto sua vida era solitária até Honoria voltar a fazer parte dela.

– Ela foi muito insistente – enfatizou lady Winstead, interrompendo os pensamentos de Marcus. Então, tão baixo que ele mal conseguiu escutá-la,

acrescentou: – Só achei que você deveria saber.

CAPÍTULO 15

Horas mais tarde, Marcus estava sentado na cama, nem sequer fingindo ler *Dúvidas filosóficas sobre a essência da liberdade humana*, quando Honoria apareceu para outra visita. Ela carregava cerca de meia dúzia de livros nos braços e estava acompanhada por uma criada que trazia uma bandeja com o jantar.

Marcus não ficou surpreso por Honoria ter esperado para entrar só quando outra pessoa também fosse ao aposento.

– Eu trouxe alguns livros – avisou ela, com um sorriso determinado. Honoria esperou até que a criada pousasse a bandeja na cama, então empilhou os volumes sobre a mesinha de cabeceira. – Mamãe comentou que você provavelmente precisaria de alguma distração.

Honoria sorriu de novo, mas sua expressão era resoluta demais para ser espontânea. Ela deu um breve aceno de cabeça, virou-se de costas e começou a seguir a criada para fora do quarto.

– Espere! – chamou Marcus.

Não podia deixá-la partir. Não ainda.

Ela parou e se voltou na direção dele, encarando-o com uma expressão questionadora.

– Sente-se comigo, por favor? – pediu ele, indicando a cadeira com a cabeça. Honoria hesitou e Marcus acrescentou: – Só tive a mim mesmo por companhia durante a maior parte dos últimos dois dias. – Como ela ainda não parecia convencida, ele deu um sorriso irônico. – Temo estar me achando meio tedioso.

– Só *meio* tedioso? – perguntou ela, provavelmente antes de se lembrar que tentava não engatar uma conversa.

– Estou desesperado, Honoria.

Ela suspirou, mas exibia um sorriso melancólico, e voltou a adentrar o quarto. Deixou a porta aberta – agora que ele não estava mais à beira da morte, havia certas regras de decoro que deveriam ser obedecidas.

– Odeio essa palavra.

– "Desesperado"? – indagou Marcus. – Acha que é muito usada?

– Não – Honoria suspirou de novo, sentando-se na cadeira perto da cama –, acho que ela é apropriada por vezes de mais. É uma sensação terrível.

Marcus assentiu, embora, para dizer a verdade, achasse que não compreendia bem o que era desespero. Solidão, com certeza; desespero, não.

Honoria ficou sentada ao lado dele, as mãos cruzadas no colo. Houve um longo silêncio, não exatamente constrangido, mas também não confortável, e então ela falou de repente:

– A sopa é de carne.

Ele baixou os olhos para a pequena terrina de porcelana na bandeja, ainda coberta com uma tampa.

– A cozinheira o chamou de *boeuf consommé* – continuou Honoria, falando um pouco mais rápido do que o habitual –, mas é uma sopa, pura e simplesmente. A Sra. Wetherby insiste que tem poderes curativos incomparáveis.

– Acho que não há mais nada para eu comer além de sopa – comentou Marcus, desanimado, encarando a bandeja quase vazia.

– Torrada seca – disse Honoria, em um tom solidário. – Lamento.

Ele sentiu a cabeça pender um pouco mais para a frente. O que não daria por um pedaço do bolo de chocolate da Flindle's. Ou por uma torta de maçã cremosa. Ou por um biscoito amanteigado. Ou ainda por um pão doce, ou por qualquer coisa que contivesse uma grande quantidade de açúcar.

– Está com um aroma delicioso – comentou Honoria. – A sopa.

Realmente estava, mas não tanto quanto algo de chocolate.

Ele suspirou e tomou uma colherada, soprando antes de saborear.

– Está bom.

– Sério? – Honoria parecia desconfiada.

Ele assentiu e tomou mais. Ou melhor, bebeu mais. As pessoas tomavam ou bebiam aquela sopa tão líquida? E, o mais importante, não poderia haver um pouco de queijo derretido?

– O que você comeu no jantar? – perguntou Marcus.

Ela balançou a cabeça.

– Você não vai querer saber.

Marcus sorveu outra colher.

– Provavelmente não. – Então não conseguiu se controlar: – Tinha presunto?

Honoria não disse nada.

– Ah, *tinha* – falou Marcus em um tom acusador.

Ele fitou o pouco que sobrara da sopa e imaginou se poderia usar a torrada seca para pegar aquele restinho. Mas não sobrara líquido o bastante e, depois de duas mordidas, a torrada se mostrou seca demais.

Seca como serragem. Como se ele vagasse no deserto. Marcus parou para pensar por um instante. Não estivera com uma sede desértica poucos dias antes? Ele deu uma mordida na torrada indigesta. Nunca passara por um deserto e provavelmente nunca passaria, mas no que dizia respeito a biomas, o deserto parecia oferecer uma grande variedade de semelhanças com a vida dele nos últimos tempos.

– Por que está sorrindo? – perguntou Honoria, curiosa.

– Estou? Era um sorriso muito, muito triste, posso lhe assegurar. – Marcus olhou para a torrada. – Você comeu presunto mesmo? – Então, embora tivesse consciência de que não queria saber a resposta: – E pudim?

Ele olhou para Honoria, que estava com uma expressão muito culpada.

– De chocolate? – sussurrou ele.

Honoria balançou a cabeça.

– Frutas vermelhas? Torta... Ah, Deus, a cozinheira fez torta de melado?

Ninguém fazia torta de melado como a cozinheira de Fensmore.

– Estava deliciosa – admitiu Honoria, com um daqueles suspiros incrivelmente felizes reservados às lembranças das melhores sobremesas. – Foi servida com chantilly e morangos.

– Sobrou alguma coisa? – perguntou Marcus, melancólico.

– Imagino que tenha sobrado. Foi servida em uma enorme... Espere um instante. – Ela estreitou os olhos e o encarou, desconfiada. – Você não quer que eu roube um pedaço para você, certo?

– Você faria isso?

Marcus esperava que sua expressão fosse tão patética quanto sua voz. Realmente precisava que Honoria sentisse pena dele.

– Não! – exclamou ela, mas seus lábios comprimiam-se em uma óbvia tentativa de não rir. – Torta de melado não é uma comida apropriada para quem está de cama.

– Não vejo motivo – retrucou Marcus, com a mais absoluta honestidade.

– Porque você deve tomar sopa. E óleo de fígado de bacalhau. E comer geleia de mocotó. Todo mundo sabe disso.

Marcus forçou o estômago a não se revirar.

– Alguma dessas iguarias já a fez se sentir melhor?

– Não, mas acho que não é esse o objetivo.

– Como pode não ser?

Honoria entreabriu os lábios para uma resposta rápida, mas permaneceu comicamente imóvel. Ela levantou os olhos e desviou-os para a esquerda, como se buscasse uma réplica adequada. Por fim, falou com uma lentidão deliberada:

– Não sei.

– Então vai roubar uma fatia de torta para mim?

Marcus abriu seu melhor sorriso, que dizia "Eu quase morri, portanto você não pode me negar". Ou ao menos era o que ele esperava que parecesse. A verdade é que não tinha muitos talentos para o flerte, portanto o sorriso poderia ter saído mais como "Estou um pouco demente, portanto será melhor você fingir que concorda comigo".

Não havia como saber.

– Você tem ideia de como isso poderia me encrencar? – perguntou Honoria.

Ela se inclinou para a frente em um movimento furtivo, como se alguém os estivesse espiando.

– Não muito – retrucou ele. – Esta é a minha casa.

– Isso tem pouquíssima importância se comparado à fúria da Sra. Wetherby, do Dr. Winters e da minha mãe.

Ele deu de ombros.

– Marcus...

Porém, Honoria não protestou de novo. Marcus insistiu:

– Por favor.

Ela o encarou. Ele tentou parecer patético.

– Ah, está certo. – Ela bufou, capitulando com uma notável falta de graciosidade. – Tenho que ir agora?

Marcus juntou as mãos, implorando.

– Eu ficaria extremamente grato.

Honoria não mexeu a cabeça, mas virou os olhos para um lado, depois para outro. Ele não sabia dizer se ela estava tentando agir de modo furtivo. Então Honoria se levantou e alisou o tecido verde-pálido das saias.

– Já volto.

– Mal posso esperar.

Ela caminhou decidida até a porta e se virou.

– Com a torta.

– Você é minha salvadora.

Honoria estreitou os olhos.

– Vai ficar me devendo.

– Eu já lhe devo muito mais do que uma torta de melado – replicou Marcus, com toda a seriedade.

Ela saiu do quarto em silêncio, deixando Marcus com sua terrina vazia e migalhas de torradas. E com os livros. Ele olhou para a mesinha, onde Honoria os deixara. Com muito cuidado, para não derramar o copo de água quente com limão que a Sra. Wetherby preparara, empurrou a bandeja para o outro lado da cama. Ele se inclinou para a frente, pegou o primeiro volume e deu uma olhada: *Descrição pitoresca e formidável do grande, lindo, maravilhoso e interessante cenário ao redor do lago Earn.*

Santo Deus, ela encontrara aquilo na biblioteca dele?

Marcus examinou o livro seguinte. *Miss Butterworth e o Barão Louco.* Não era um título que ele fosse escolher normalmente, mas comparado ao *Descrição pitoresca e formidável do grande, lindo, etc., etc., em algum lugar nas profundezas da Escócia e que deve me matar de tédio*, parecia mais substancial.

Ele se recostou nos travesseiros e o folheou até chegar ao primeiro capítulo, e acomodou-se para ler.

Era uma noite escura e tempestuosa...

Ele já não ouvira isso antes?

... e Miss Priscilla Butterworth estava certa de que, a qualquer momento, a chuva desabaria com força...

Quando Honoria voltou, Miss Butterworth havia sido abandonada à porta de uma casa, sobrevivera a uma praga e fora perseguida por um javali.

Era muito ligeira, Miss Butterworth.

Marcus virou a página para o capítulo três, ansioso por continuar, porque imaginava que Miss Butterworth esbarraria com uma praga de gafanhotos. Encontrava-se profundamente entretido quando Honoria apareceu à porta, ofegante e segurando uma tolha de chá embrulhada nas mãos.

– Não conseguiu, então? – perguntou ele, encarando-a por cima do exemplar de *Miss Butterworth.*

– É claro que consegui – retrucou ela, com desdém.

Honoria pousou a toalha de chá e desdobrou-a para revelar uma torta de melado um tanto quanto destruída, mas ainda assim reconhecível.

– Trouxe uma torta *inteira*.

Marcus arregalou os olhos. Sua pele formigava de expectativa. De verdade. Miss Butterworth e seus gafanhotos não eram nada comparados àquilo.

– Você é minha heroína.

– Para não mencionar que salvei a sua vida – lembrou ela.

– Ora, isso também.

– Um dos criados tentou me seguir. – Honoria olhou por cima do ombro na direção da porta aberta. – Ele deve ter pensado que eu era uma ladra, embora, se eu viesse a Fensmore para roubar, dificilmente começaria por uma torta de melado.

– É mesmo? – perguntou Marcus, a boca já cheia do sabor do paraíso. – Eu começaria justamente por ela.

Honoria partiu um pedaço da torta e colocou-o na boca.

– Ai, como é gostosa – disse em um suspiro. – Mesmo sem os morangos e o chantilly.

– Não consigo pensar em nada melhor – comentou Marcus com um suspiro feliz. – A não ser, talvez, em bolo de chocolate.

Honoria se encarapitou na beira da cama e pegou outro pedaço pequeno.

– Desculpe – falou, engolindo antes de continuar –, não sabia onde ficavam os garfos.

– Não importa.

E era verdade. Estava muito feliz por ingerir comida de verdade, com sabor de verdade. Que era preciso ser mastigada de verdade. Por que as pessoas achavam que líquidos eram a chave para a recuperação de uma febre, ele jamais saberia.

Marcus começou a fantasiar com uma torta de carne com batatas. Sobremesa era uma coisa incrível, mas ele iria precisar de algo com sustância. Carne moída. Batatas fatiadas e assadas, ligeiramente crocantes. Quase conseguia sentir o sabor.

Ele olhou para Honoria. Por algum motivo, não achava que ela seria capaz de tirar aquilo da cozinha enrolado em uma toalha de chá.

Honoria estendeu a mão para outro pedaço de torta.

– O que está lendo?

– *Miss Butterworth e o*... ahn... – Ele fitou o livro, que estava virado para baixo sobre a cama, aberto na página em que parara. –... *e o Barão Louco*, aparentemente.

– É mesmo? – Ela parecia estupefata.

– Não consegui me obrigar a abrir *Reflexões e esclarecimentos de uma pequena e despovoada área da Escócia.*

– O quê?

– Este aqui – disse Marcus, estendendo-lhe o livro.

Honoria baixou os olhos para o volume e Marcus percebeu que ela precisou se afastar um pouco para conseguir ler todo o título.

– Parece bastante descritivo – comentou Honoria, encolhendo os ombros. – Achei que você iria gostar.

– Só se eu estivesse preocupado que a febre não houvesse me matado – replicou com uma risadinha irônica.

– Parece interessante.

– Você deveria lê-lo, então – sugeriu Marcus com um gesto gracioso. – Não vou sentir falta dele.

Honoria comprimiu os lábios, irritada.

– Você olhou para algum outro livro que eu trouxe?

– Na verdade, não. – Ele ergueu o exemplar de Miss Butterworth. – Este é realmente intrigante.

– Não consigo acreditar que você esteja gostando desse livro.

– Você já o leu?

– Sim, mas...

– Terminou?

– Sim, mas...

– E gostou?

Honoria parecia não ter uma resposta pronta, assim Marcus se aproveitou da distração dela e puxou a toalha de chá mais para perto. Mais alguns centímetros e o doce estaria totalmente fora do alcance da jovem.

– Gostei, sim – respondeu Honoria por fim –, embora tenha achado algumas partes bastante improváveis.

Ele fitou o livro e o folheou.

– É mesmo?

– Você ainda está no começo – explicou Honoria, puxando a toalha de chá em sua direção. – A mãe dela é bicada até a morte por pombos.

Marcus olhou para o livro com um respeito renovado.

– É mesmo?

– É bem macabro.

– Mal posso esperar.

– Ah, por favor, não é possível que você queira ler isso.

– Por que não?

– É tão... – Ela gesticulou, como se buscasse a palavra certa. – Não é nem um pouco sério.

– Não posso ler algo pouco sério?

– Ora, é claro que pode. Só nunca imaginaria que você escolheria esse.

– Por quê?

Honoria ergueu as sobrancelhas.

– Por que você está na defensiva assim?

– Fico curioso. Por que eu não escolheria ler algo que fosse pouco sério?

– Não sei. Você é *você*.

– Por que isso está parecendo um insulto? – comentou ele, mas com uma ponta de curiosidade.

– Não é um insulto.

Ela pegou outro pedaço da torta de melado e o mordiscou. E foi quando a coisa mais estranha aconteceu. No momento em que os olhos dele pousaram nos lábios dela, Honoria lambeu um farelo perdido. Foi um movimento muito rápido, que durou menos de um segundo, mas provocou uma reação elétrica no corpo dele. Espantado, Marcus se deu conta de que era desejo. Um desejo ardente, que revirava as suas entranhas.

Por Honoria.

– Você está bem? – perguntou ela.

Não.

– Sim, ahn, por quê?

– Fiquei com medo de tê-lo magoado. Se esse for o caso, por favor, aceite as minhas desculpas. Sinceramente, não tive a intenção de insultá-lo. Você é uma pessoa agradável do jeito que é.

– Agradável?

Que palavra sem graça...

– É melhor do que desagradável.

Seria nesse ponto que outro homem qualquer talvez a houvesse agarrado e lhe mostrado como ele poderia ser "desagradável". Na verdade, Marcus era "desagradável" o bastante para imaginar a cena em detalhes. Mas também ainda sofria as consequências de sua febre quase fatal, isso para não mencionar a porta aberta e a mãe de Honoria, que provavelmente estava mais adiante no corredor. Por isso, disse apenas:

– O que mais você trouxe para eu ler?

Aquele era um tema de conversa mais seguro, sobretudo depois de ele passar o dia tentando se convencer de que o beijo em Honoria não tivera *nada* a ver com desejo. Fora uma completa aberração, um surto momentâneo de loucura provocado por uma emoção extrema.

Aquele argumento, infelizmente, estava sendo destroçado naquele instante. Honoria mudara de posição para conseguir alcançar os livros sem se levantar, e aquilo significava mover o traseiro um pouco mais para perto de... bem, do traseiro dele, ou do quadril dele, se quisesse colocar as coisas de uma forma mais elegante. Havia um lençol e uma manta entre os dois, para não mencionar seu camisolão de dormir e o vestido dela, e só Deus sabia o que mais por baixo das saias de Honoria. Ele nunca estivera tão consciente da presença de outro ser humano quanto estava dela naquele momento.

E Marcus ainda não sabia bem como aquilo acontecera.

– *Ivanhoé* – respondeu Honoria.

Do que ela estava falando?

– Marcus? Está ouvindo? Eu trouxe *Ivanhoé*. De sir Walter Scott. Olhe, não parece interessante?

Marcus ficou confuso, certo de que havia perdido alguma coisa. Honoria abrira o livro e folheava o início.

– O nome dele não está no livro. Não o vejo em parte alguma. – Ela virou o exemplar e levantou-o. – Diz apenas “Do autor de *Waverley*”. Veja, até na lombada.

Marcus assentiu, porque foi o que pensou que era esperado dele. Não conseguia afastar os olhos dos lábios dela, que estavam comprimidos naquele jeitinho de botão de rosa tão típico de Honoria ao pensar.

– Eu não li *Waverley*. Você leu?

Ela ergueu a cabeça, os olhos cintilando.

– Não.

– Talvez eu devesse... – murmurou ela. – Minha irmã disse que gostou. De qualquer modo, não lhe trouxe *Waverley*, mas *Ivanhoé*. Ou melhor, o primeiro volume. Não vi motivo em trazer os três.

– Eu já li *Ivanhoé*.

– Ah. Bem, vamos deixar este de lado, então.

Ela fitou o próximo. Marcus continuou a encará-la.

Os cílios dela... Como nunca percebera que eram tão longos? Era estranho, porque Honoria não tinha a cor de pele que costumava acompanhar cílios longos. Talvez fosse por isso que não houvesse percebido: eram longos, mas não escuros.

– Marcus? Marcus?

– Hein?

– Você está bem? – Ela se inclinou para a frente, observando-o com certa preocupação. – Está um pouco ruborizado.

Marcus pigarreou.

– Talvez eu aceite um pouco mais de água com limão. – Ele deu um gole, então outro, só para garantir. – Está achando quente aqui?

– Não. – Ela franziu a testa.

– Tenho certeza de que não é nada. Eu...

Honoria já estava com a mão na testa dele.

– Você não parece febril.

– O que mais você trouxe? – perguntou ele rapidamente, indicando os livros com um gesto de cabeça.

– Ah, ahn, temos aqui... – Ela pegou outro e leu o título: – *História das Cruzadas para recuperação e posse da Terra Santa*. Ah, Deus.

– O que foi?

– Trouxe apenas o volume dois. Você não pode começar por ele. Perderá o cerco a Jerusalém e tudo sobre os noruegueses.

Digamos que nada esfria mais o ardor de um homem do que as Cruzadas, pensou Marcus com sarcasmo. Ainda assim...

Ele a encarou, confuso.

– Noruegueses?

– Uma Cruzada pouco conhecida no princípio – explicou Honoria, afastando com um aceno de mão o que provavelmente era uma boa década de história. – Quase ninguém fala sobre o assunto. – Ela o fitou e viu o que devia ser uma expressão de completo espanto. – Gosto das Cruzadas – revelou com um dar de ombros.

– Isso é... excelente.

– Que tal *A vida e a morte do cardeal Wolsey*? – perguntou ela, exibindo outro livro. – Não? Também tenho *História da ascensão, do progresso e do fim da Revolução Americana.*

– Você realmente me acha tedioso.

Ela o encarou, acusadora.

– As Cruzadas *não* são tediosas.

– Mas você só trouxe o volume dois.

– Com certeza posso voltar à biblioteca e procurar o primeiro.

Marcus resolveu interpretar aquilo como uma ameaça.

– Ah, aqui está. Olhe só para isso. – Honoria ergueu, triunfante, um livro de bolso muito fino. – Tenho um de Byron. O homem menos tedioso do mundo. Ou ao menos foi o que eu soube. Nunca o encontrei. – Ela abriu o volume na primeira página. – Já leu *O corsário*?

– No dia em que foi publicado.

– Ah. – Honoria franziu o cenho. – Aqui está outro de sir Walter Scott. É bem longo. Deve mantê-lo ocupado por algum tempo.

– Acho que vou continuar com *Miss Butterworth*.

– Se você prefere... – Ela o encarou como se dissesse "Não é possível que você vá gostar desse livro". – É da minha mãe. Mas ela falou que você pode ficar com ele.

– Ao menos acho que vou renovar meu gosto por torta de pombo.

Honoria riu.

– Vou pedir à cozinheira para preparar depois que formos embora, amanhã. – Ela ergueu os olhos de repente. – Você sabe que partimos para Londres amanhã?

– Sim, sua mãe me contou.

– Não iríamos se não tivéssemos certeza de sua recuperação – assegurou Honoria.

– Eu sei. E, sem dúvida, vocês têm muito a fazer na cidade.

Ela fez uma careta.

– Ensaios, na verdade.

– Ensaios?

– Para o...

Ah, não.

–... recital – completou ela.

O recital das Smythe-Smiths acabou com o serviço que as Cruzadas tinham iniciado. Não havia um homem vivo que conseguisse manter um pensamento romântico diante da lembrança – ou da ameaça – desse evento.

– Você ainda está tocando violino? – perguntou Marcus por educação.

Ela o encarou com uma expressão divertida.

– Eu dificilmente teria passado ao violoncelo desde o ano passado.

– Não, não, é claro que não. – Fora uma pergunta tola. Mas provavelmente a única pergunta gentil que poderia ter feito. – Ahn, você já sabe para quando o recital está agendado este ano?

– Dia 14 de abril. Não falta muito. Pouco mais de duas semanas.

Marcus pegou outro pedaço de torta de melado e mastigou, tentando calcular de quanto tempo precisaria para se recuperar. Duas semanas parecia ser o período apropriado.

– Lamento que eu vá perder.

– Está falando sério?

Ela parecia incrédula. Marcus não soube bem como interpretar isso.

– Ora, é claro – disse Marcus, gaguejando um pouco. Nunca mentira bem. – Há anos não perco uma apresentação do quarteto.

– Eu sei – afirmou Honoria, balançando a cabeça. – Tem sido um magnífico esforço da sua parte.

Marcus e Honoria se encararam. Ele a observou mais detidamente.

– O que quer dizer? – perguntou Marcus com cautela.

O rosto dela ficou um pouco mais ruborizado.

– Ora – respondeu Honoria, desviando o olhar para uma parede absolutamente vazia –, tenho consciência de que não somos as mais... ahn... – Ela pigarreou. – Qual é o antônimo de dissonante?

Ele a encarou, incrédulo.

– Está dizendo que sabe que vocês... ahn, quero dizer...

– Que somos péssimas? É claro que sei. Achou que eu fosse idiota? Ou surda?

– Não – disse Marcus, demorando-se na palavra para ganhar tempo para pensar, embora não adiantasse. – Só achei...

Ele deixou a frase morrer.

– Somos terríveis – declarou Honoria, dando de ombros. – Mas não serve de nada fazer drama ou ficar emburrada. Não há nada que possamos fazer a respeito.

Marcus não imaginava que uma pessoa poderia soar ao mesmo tempo zombeteira e divertida, mas Honoria tivera êxito.

– Se eu achasse que a prática nos tornaria melhor – continuou ela, os lábios se curvando apenas levemente acompanhados pelo olhar risonho e dançante –, acredite em mim, eu seria a mais dedicada aluna de violino que o mundo já viu.

– Talvez se...

– Não – interrompeu ela com bastante firmeza. – Somos terríveis. É só o que há a dizer. Não temos nenhum mísero talento musical.

Marcus não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Comparecera a tantos recitais das Smythe-Smiths que o espantava ainda ser capaz de apreciar música. E no último ano, quando Honoria estreara ao violino, ela se mostrara radiante, tocando com um sorriso tão largo que qualquer pessoa presumira estar arrebatada.

– Na verdade – prosseguiu ela –, acho tudo muito terno, de certo modo.

Marcus achava que Honoria não conseguiria encontrar outro ser humano que fosse concordar com aquela declaração, mas não viu razão para dizer isso em voz alta.

– Assim, sorrio e finjo que estou me divertindo – continuou Honoria. – E até que estou. As Smythe-Smiths vêm apresentando recitais desde 1807. Já é uma tradição de família. – Então, em uma voz mais baixa e contemplativa, acrescentou: – Eu me considero muito afortunada por ter tradições familiares.

Marcus pensou em sua própria família, ou melhor, no grande vácuo onde ela estivera.

– Sim – sussurrou ele –, você é.

– Por exemplo, eu uso sapatos da sorte.

Marcus tinha quase certeza de que não ouvira direito.

– Durante o recital – explicou Honoria com um leve dar de ombros. – É um hábito específico do meu ramo da família. Henrietta e Margaret costumam debater quem começou, mas sempre usamos sapatos vermelhos.

Sapatos vermelhos. A pequena pontada de desejo que fora arrancada dos pensamentos de Marcus pela conversa sobre musicistas amadoras voltou à vida. De repente, nada no mundo poderia ter sido mais sedutor do que sapatos vermelhos. Santo Deus.

– Você tem certeza de que está bem? – perguntou Honoria. – Está um tanto ruborizado.

– Estou bem – respondeu ele com a voz rouca.

– Minha mãe não sabe.

O quê? Se ele já não estivesse ruborizado, agora ficou.

– Perdão?

– Sobre os sapatos vermelhos. Ela não faz ideia de que os usamos.

Marcus pigarreou.

– Há alguma razão em particular para que mantenham segredo?

Honoria pensou por um momento, então estendeu a mão e pegou outro pedaço de torta de melado.

– Não sei. Acho que não. – Ela comeu o doce e deu de ombros. – Na verdade, agora que estou pensando a respeito, não sei por que são sapatos vermelhos. Poderiam muito bem ser verdes. Ou azuis. Bem, azuis, não. Teria sido no mínimo banal. Mas verde funcionaria. Ou rosa.

Nada funcionaria tão bem quanto vermelho, disso Marcus tinha certeza.

– Acho que vamos começar a ensaiar assim que voltarmos a Londres – informou Honoria.

– Lamento.

– Ah, não, *gosto* dos ensaios. Ainda mais agora que todas as minhas irmãs já não moram comigo e não há mais nada em casa além do tique-taque dos relógios e das refeições servidas em bandejas. É ótimo me reunir com as outras e ter alguém com quem conversar. – Ela olhou para ele com uma expressão encabulada. – Conversamos pelo menos tanto quanto ensaiamos.

– Não me surpreende – murmurou Marcus.

Ela o encarou, deixando claro que percebera a pequena ironia. Mas não se ofendeu, Marcus sabia que não se ofenderia.

Então ele percebeu... que gostava de saber que ela não teria se ofendido. Havia algo de maravilhoso em conhecer tão bem outra pessoa.

– Pois bem – continuou Honoria, determinada a encerrar o assunto –, Sarah vai tocar piano outra vez este ano, e ela é mesmo a minha amiga mais próxima. Nós nos divertimos muito juntas. E Iris vai se juntar a nós no violoncelo. Ela é quase da minha idade e sempre desejei que pudéssemos passar mais tempo juntas. Iris também estava na casa dos Royles e eu... – Ela se deteve.

– O que foi? – perguntou Marcus. Honoria parecia quase preocupada.

– Acho que ela pode ser realmente boa – disse, espantada.

– No violoncelo?

– Sim. Consegue imaginar?

Ele decidiu encarar a pergunta como retórica.

– De qualquer modo – prosseguiu ela –, Iris vai tocar, assim como a irmã dela, Daisy, que, lamento dizer, é péssima.

– Ahn... – Como perguntar aquilo de forma educada? – Péssima quando comparada com a maior parte da humanidade ou terrível para os padrões das Smythe-Smiths?

Honoria se continha para não sorrir.

– Péssima até mesmo para os nossos padrões.

– Isso é mesmo *muito* grave – comentou Marcus, conseguindo manter o rosto inexpressivo, para a própria surpresa.

– Eu sei. Acho que a pobre Sarah está torcendo para ser atingida por um raio em algum momento nas próximas três semanas. Ela mal se recuperou do ano passado.

– Presumo que ela não sorriu nem exibiu uma expressão corajosa?

– Você não estava lá?

– Eu não estava olhando para Sarah.

Honoria entreabriu os lábios, só que a princípio não de surpresa. Os olhos ainda estavam iluminados de expectativa, do tipo que alguém sente quando está prestes a fazer um comentário brilhante e espirituoso. Mas então, antes de emitir qualquer som, pareceu se dar conta do que ele dissera.

Nesse momento, o próprio Marcus também percebeu.

Lentamente, Honoria inclinou a cabeça para o lado. Ela o encarava como se... como se...

Ele não sabia. Não sabia o que significava aquele olhar. Poderia jurar que os olhos de Honoria ficavam mais escuros a cada momento. Mais escuros e mais profundos. Tudo em que Marcus conseguia pensar era que ela era capaz de ver dentro dele, no fundo do seu coração.

No fundo da sua alma.

– Eu estava olhando para você – continuou Marcus, a voz tão baixa que mal se ouvia. – Estava olhando só para você.

Mas aquilo fora antes...

Honoria pousou a mão sobre a dele. Parecia tão pequena e delicada, e pálida com tons róseos.

Perfeita.

– Marcus? – sussurrou ela.

Então ele finalmente soube... Aquilo fora antes de ele amá-la.

CAPÍTULO 16

Era extraordinário, pensou Honoria, mas o mundo realmente havia parado de girar.

Ela tinha certeza disso. Não poderia haver outra explicação para a força, a vertigem, a absoluta singularidade do momento, bem ali, no quarto de Marcus, com uma bandeja de jantar e uma torta de melado roubada, e a ânsia por um beijo único e perfeito que lhe tirava o fôlego.

Honoria se virou e sentiu a cabeça inclinar para o lado, como se de algum modo, caso mudasse de ângulo, fosse vê-lo mais claramente. E, por incrível que pareça, vira mesmo. Ele entrou em foco, o que era estranho demais, porque Honoria jurava que sua visão estivera clara apenas um momento antes.

Era como se nunca o houvesse visto antes. Honoria o encarou nos olhos e viu mais do que cor, mais do que forma. Não importava que a íris fosse castanha e a pupila, negra. Era o fato de *ele* estar ali e de ela poder vê-lo, cada mínima parte dele, e Honoria pensou...

Eu o amo.

A frase ecoou em sua mente.

Eu o amo.

Nada poderia ter sido mais espantoso e, ao mesmo tempo, mais simples e verdadeiro. Honoria tinha a sensação de que algo dentro dela estivera fora do lugar havia anos, e que Marcus, com seis palavras inocentes – *Eu não estava olhando para Sarah* –, tinha encaixado esse "algo" no local certo.

Ela o amava. Sempre o amaria. Isso fazia tanto sentido... Quem não amaria Marcus Holroyd?

– Eu estava olhando para você – disse ele, tão baixo que Honoria não teve certeza de ter ouvido. – Estava olhando só para você.

Honoria baixou os olhos. A mão dela estava sobre a dele. Não se lembrava de tê-la colocado ali.

– Marcus? – sussurrou, e não sabia por que aquilo soara como uma pergunta. Mas não conseguiria dizer qualquer outra palavra.

– Honoria – sussurrou ele.

– Milorde! Milorde!

Honoria deu um pulo para trás e quase caiu da cadeira. Havia uma pequena comoção no corredor, o som de passos apressados na direção deles. Honoria se levantou rapidamente e ficou de pé atrás da cadeira.

Um momento mais tarde, a mãe e a Sra. Wetherby entravam correndo no quarto.

– Chegou uma carta – avisou lady Winstead, ofegante. – De Daniel.

Honoria cambaleou ligeiramente, então se agarrou às costas da cadeira para se apoiar. Não tinham notícias do irmão havia um ano. Bom, talvez Marcus houvesse recebido, mas *ela* não. Fazia muito tempo que Daniel parara de tentar escrever para a mãe.

– O que diz? – perguntou a mãe, embora Marcus ainda estivesse rompendo o lacre.

– Deixe-o abri-la primeiro – retrucou Honoria.

Estava prestes a sugerir que as três saíssem do quarto, dando privacidade a Marcus para ler a carta, mas não seguiu em frente. Daniel era o seu único irmão e Honoria sentia uma falta imensa dele. Conforme os meses se passavam sem receber nem um bilhete, ela convencera a si mesma que Daniel não tinha a intenção de ignorá-la. As cartas dele certamente haviam se perdido e todos sabiam que o correio internacional não era confiável.

Porém, naquele momento, ela não se importava de não ter recebido notícias; só queria saber o que Daniel dizia em sua carta para Marcus.

Assim, ficaram todas ali paradas, encarando o conde com a respiração suspensa. Apesar de ser uma atitude muito grosseira, ninguém se moveu.

– Ele está bem? – aventurou-se a perguntar lady Winstead, depois de Marcus terminar a primeira página.

– Sim – murmurou ele, como se não conseguisse acreditar direito no que lia. – Sim. Na verdade, ele está vindo para casa.

– O quê?

Lady Winstead ficou pálida e Honoria correu para o lado da mãe, para o caso de ela precisar de apoio.

Marcus pigarreou.

– Ele escreve que recebeu alguma correspondência de Hugh Prentice. Ramsgate enfim concordou em deixar o dito pelo não dito.

Honoria não podia deixar de pensar que aquele fora um dito grave. E, na última vez em que encontrara o marquês de Ramsgate, o homem quase tivera um ataque apoplético só de vê-la. É verdade que isso acontecera havia mais de um ano, mas ainda assim...

– Poderia ser uma armadilha? – perguntou Honoria. – Para atrair Daniel de volta ao país?

– Acho que não – respondeu Marcus, fitando a segunda página da carta. – Ele não é do tipo que faz uma coisa dessas.

– Não é do tipo? – repetiu lady Winstead, e sua voz se elevou devido à incredulidade. – Ele arruinou a vida do meu filho!

– Isso foi o que tornou tudo tão estranho. – Marcus ainda fitava o papel enquanto falava. – Hugh Prentice sempre foi um homem bom. Excêntrico, sim, mas não sem honra.

– Daniel disse quando voltará? – indagou Honoria.

Marcus balançou a cabeça.

– Ele não foi específico. Menciona que precisa resolver alguns assuntos na Itália e que, então, começará a jornada de volta.

– Ah, meu Deus – falou lady Winstead, desabando em uma cadeira próxima. – Nunca imaginei que veria esse dia. Nunca sequer me permiti pensar a respeito... o que obviamente significa que eu não pensava em outra coisa.

Por um momento, Honoria não conseguiu fazer nada além de encarar a mãe. Por três anos, lady Winstead não mencionara o nome de Daniel. E agora afirmava que só pensara nele?

Honoria balançou a cabeça. Não adiantava nada ficar zangada com a mãe. Não importava o que ela tivesse feito ou sido nos últimos anos; agora ela havia mais do que se redimido. Honoria sabia, sem sombra de dúvida, que Marcus não teria sobrevivido se não fosse pelos talentos de enfermagem da mãe.

– Quanto tempo demora a viagem da Itália para a Inglaterra? – indagou Honoria, porque com certeza essa era a pergunta mais importante.

Marcus levantou os olhos.

– Não faço ideia. Nem sei direito em que parte da Itália ele está.

Honoria assentiu. O irmão sempre tivera a mania de contar histórias e deixar de fora os detalhes mais relevantes.

– Isso é muito empolgante – comentou a Sra. Wetherby. – Sei que todos vocês sentiram uma falta terrível dele.

Por um momento, o quarto permaneceu em silêncio. Aquele era o tipo de comentário tão óbvio que nem se sabia como concordar com ele. Por fim, lady Winstead falou:

– Ainda bem que já planejávamos partir para Londres amanhã. Odiaria estar longe de casa quando ele chegasse. – Ela olhou para Marcus e continuou: – Vamos nos recolher para a noite. Estou certa de que você deseja descansar um pouco. Venha, Honoria. Temos muito a conversar, você e eu.

Lady Winstead queria conversar sobre como comemorariam o retorno de Daniel. Mas o debate não se alongou muito, pois Honoria lembrou sensatamente que não havia o que fazer se não sabiam a data da chegada dele. A mãe conseguiu ignorar esse fato por pelo menos dez minutos enquanto discutia as vantagens de uma pequena reunião em comparação com uma festa maior, ponderando se lorde Ramsgate e lorde Hugh deveriam ser convidados. E, caso fossem, declinariam do convite, certo? Qualquer pessoa razoável faria isso, mas no caso de lorde Ramsgate nunca se podia afirmar nada.

– Mamãe – insistiu Honoria –, não há nada a fazer até que Daniel chegue. Ele talvez nem queira uma comemoração.

– Bobagem. É claro que vai querer. Daniel...

– Ele deixou o país em desgraça – interrompeu Honoria. Odiava ser tão objetiva, mas era a única saída.

– Sim, mas não foi justo.

– Não importa se não foi justo. As coisas são o que são e Daniel talvez não deseje lembrar o acontecido.

A mãe não pareceu convencida, porém deixou o assunto de lado e, então, não havia o que fazer a não ser ir para a cama.

Na manhã seguinte, Honoria despertou com o sol. Elas iriam partir cedo, era a única forma de chegar a Londres sem precisar parar e passar a noite na estrada. Depois de um rápido café da manhã, foi até o quarto de Marcus

para se despedir.

E talvez para mais alguma coisa.

Quando ela chegou lá, Marcus não estava na cama e uma criada recolhia os lençóis.

– Sabe onde se encontra lorde Chatteris? – perguntou Honoria, torcendo para que nada houvesse acontecido.

– Ele está no cômodo aqui bem ao lado – respondeu a criada. Então corou um pouco. – Com o valete.

Honoria engoliu em seco e provavelmente também ficou ruborizada, pois aquilo significava que Marcus estava tomando banho. A criada partiu com sua trouxa de roupa de cama e Honoria ficou sozinha por um instante no quarto, perguntando-se o que deveria fazer. Precisaria se despedir por escrito. Não poderia esperá-lo ali, era mais do que inadequado, ia além de todas as impropriedades que os dois haviam cometido na última semana.

Certas regras de decoro podiam ser flexíveis quando alguém estava mortalmente enfermo, mas naquele momento Marcus já estava bem e, ao que parecia, despido de algum modo. A presença de Honoria no quarto só levaria à completa ruína de sua reputação.

Além do mais, a mãe dela queria partir quanto antes.

Honoria correu os olhos pelo quarto, em busca de papel e pena. Havia uma pequena escrivaninha perto da janela e, sobre a mesinha de cabeceira dele, ela viu...

A carta de Daniel.

Estava onde Marcus a deixara na noite anterior, duas folhas um tanto amassadas, preenchidas com a letra pequena e espremida que as pessoas costumavam usar quando queriam economizar no valor da postagem. Marcus não comentara sobre mais nada da carta, apenas o fato de Daniel voltar para casa. Essa era a coisa mais importante, é claro, mas Honoria estava ávida por mais notícias. Fazia muito tempo desde que recebera qualquer notícia do irmão. Não se importava se ele só havia mencionado o que comera no café da manhã... Seria o café da manhã servido na Itália e, portanto, bem exótico. O que Daniel continuava fazer? Estaria entediado? Será que sabia falar italiano?

Honoria encarou os papéis. Seria assim tão terrível se desse uma espiada?

Não. Não poderia fazer isso. Constituiria uma violação grosseira da confiança de Marcus, uma completa invasão da privacidade dele. E da

privacidade de Daniel.

Contudo, que assuntos eles poderiam ter que não fossem do interesse dela?

Honoria se virou, relanceou o olhar na direção da porta para a qual a criada apontara. Não ouvia nenhum som vindo de lá. Se Marcus houvesse terminado o banho, com certeza ela o escutaria se movendo. Honoria voltou a fitar a carta.

Ela conseguia ler muito rápido.

No fim das contas, Honoria não chegou a tomar a decisão de ler a carta que Daniel mandara para Marcus. Ou melhor, ela não se permitiu decidir não ler. Existia uma pequena diferença, mas que de certo modo a levou a ignorar o próprio código moral e fazer algo que a teria enfurecido se a carta fosse endereçada a ela.

Honoria foi rápida, como se a velocidade da ação pudesse diminuir o tamanho do pecado, e pegou as folhas. *Querido Marcus* etc., etc. Daniel falava sobre o apartamento que alugara, descrevendo todas as lojas da vizinhança em detalhes adoráveis, mas omitindo o nome da cidade em que estava. Ele seguia falando sobre a comida, que insistia ser superior à inglesa. Depois, havia um breve parágrafo sobre os planos de voltar para casa.

Sorrindo, Honoria passou à segunda folha. Daniel escrevia do mesmo modo que falava e ela quase conseguia ouvir a voz do irmão.

No parágrafo seguinte, Daniel pedia a Marcus para informar à mãe dele sobre seu retorno. Honoria deu um sorriso mais largo. O irmão nunca imaginaria que elas estariam ao lado de Marcus quando ele lesse a correspondência.

Então, no fim, Honoria viu o próprio nome mencionado:

> *Não recebi nenhuma notícia sobre um possível casamento de Honoria, por isso presumo que ela ainda esteja solteira. Devo agradecer a você novamente por espantar Fotheringham no ano passado. Ele é um canalha, e me enfurece que tenha até mesmo tentado cortejá-la.*

O que significava aquilo? Honoria piscou, como se de algum modo isso fosse capaz de mudar as palavras na página. Marcus tivera algo a ver

com a desistência de lorde Fotheringham? Ela decidira que não gostava do homem e que não o aceitaria, mas...

Travers também teria gerado uma união ruim. Espero que você não tenha precisado lhe pagar para que ele a deixasse em paz, mas, se foi esse o caso, devo reembolsá-lo.

O quê? Pessoas estavam sendo pagas para... para o quê? Para não cortejá-la? Aquilo nem fazia sentido.

Agradeço que você esteja tomando conta dela. Sei que foi pedir demais e que não lhe dei muita escolha, pois falei com você na noite da minha partida. Assumirei a responsabilidade quando voltar e você estará livre para deixar Londres, já que sei como detesta a cidade.

E era assim que Daniel encerrava a carta. Liberando Marcus do terrível fardo que, aparentemente, *ela* era.

Honoria deixou as folhas sobre a mesa, então arrumou-as para que ficassem como estavam quando ela as pegara.

Daniel pedira a Marcus para tomar conta dela? Por que Marcus não comentara nada? Na verdade, como era estúpida por não ter percebido... Fazia todo o sentido. Todas aquelas festas em que flagrara Marcus olhando para ela com uma expressão severa... não porque desaprovava o comportamento dela e, sim, porque estava de mau humor por se ver preso em Londres até que Honoria recebesse um bom pedido de casamento. Não era de espantar que Marcus parecesse tão infeliz o tempo todo.

E todos aqueles pretendentes que misteriosamente haviam desistido – Marcus os *espantara*. Ele decidira que não eram o que Daniel iria querer para ela e os espantara pelas costas de Honoria.

Ela deveria estar furiosa.

Mas não estava. Não por causa daquilo.

Tudo em que conseguia pensar era no que Marcus dissera na noite anterior. *Eu não estava olhando para Sarah.*

Era óbvio que não estava! Olhava para ela, Honoria, porque fora forçado. Marcus a observava porque o melhor amigo o fizera prometer. Porque Honoria era uma obrigação.

E agora ela estava apaixonada por ele.

Honoria sentiu uma terrível vontade de rir. Precisava sair do quarto. A única coisa que poderia intensificar a vergonha era ser pega lendo a correspondência de Marcus.

Porém, não poderia ir sem deixar um bilhete. Seria muito estranho e Marcus saberia com certeza que havia algo errado.

Assim, Honoria encontrou papel e pena e escreveu um bilhete de despedida perfeitamente comum e tedioso.

Então partiu.

CAPÍTULO 17

Na semana seguinte,
no salão de música recém-arejado da
Casa Winstead, em Londres

— Mozart este ano! – anunciou Daisy Smythe-Smith. Ela ergueu o violino novo com tanto vigor que seus cachos louros quase se soltaram todos do penteado. – Não é lindo? É um Ruggieri. Papai me presenteou pelos meus 16 anos.

– É um lindo instrumento – concordou Honoria –, mas tocamos Mozart no ano passado.

– Na verdade, tocamos Mozart todo ano – disse Sarah em uma voz arrastada, diante do piano.

– Mas eu não toquei no ano passado – argumentou Daisy. Ela lançou um olhar irritado na direção de Sarah. – E essa é apenas sua segunda vez no quarteto, portanto você dificilmente poderia reclamar do que toca *todo* ano.

– Talvez eu mate você antes que a temporada termine – observou Sarah, no mesmo tom que usava para dizer "Talvez eu prefira limonada a chá".

Daisy estalou a língua.

– Iris? – Honoria olhou para a prima, no violoncelo.

– Tanto faz – respondeu Iris, sem muita empolgação.

Honoria suspirou.

– Não podemos repetir o que tocamos no ano passado.

– Não vejo por que não – replicou Sarah. – Com a nossa interpretação, não acredito que alguém vá mesmo ser capaz de reconhecer a música.

Iris curvou os ombros para a frente.

– Mas estará impressa no programa – retrucou Honoria.

– Você acha mesmo que alguém guarda os nossos programas? – questionou Sarah.

– Minha mãe guarda – disse Daisy.

– A minha também – revelou Sarah –, mas não acredito que vá compará-los.

– Minha mãe faz isso – afirmou Daisy.

– Santo Deus – gemeu Iris.

– O Sr. Mozart não escreveu apenas uma peça – comentou Daisy com insolência. – Temos muitas opções. Acho que deveríamos tocar *Eine Kleine Nachtmusik*. É a minha favorita absoluta. É tão jovial, alegre...

– Mas não tem uma parte para o piano – lembrou Honoria.

– Não faço objeções – garantiu Sarah rapidamente.

– Se eu tenho que participar, você também tem – sibilou Iris.

Sarah chegou a recuar no assento.

– Não sabia que você era capaz de ser tão perversa, Iris.

– É porque ela não tem cílios – explicou Daisy.

Iris se virou para a irmã com toda calma e falou:

– Odeio você.

– Que coisa terrível de se dizer, Daisy – repreendeu Honoria, virando-se para a outra com uma expressão severa.

Iris era mesmo bastante pálida, com o tipo de cabelo louro-avermelhado que fazia de seus cílios e sobrancelhas praticamente invisíveis. Mas ela sempre considerara sua beleza incrível, sua aparência quase etérea.

– Se ela não tivesse cílios, estaria morta – comentou Sarah.

Honoria se virou para ela, sem conseguir acreditar no rumo que a conversa tomara. Bem, não, aquilo não era exatamente verdade. Acreditava, sim (infelizmente). Apenas não compreendia.

– Ora, é sério – insistiu Sarah, na defensiva. – Ou, no mínimo, estaria cega. Cílios mantêm a poeira longe dos olhos.

– Por que estamos tendo esta conversa? – perguntou-se Honoria em voz alta.

Daisy respondeu no mesmo instante:

– Porque Sarah disse que não achava que Iris poderia ser tão perversa, e então eu falei...

– Eu sei – cortou-a Honoria. Como percebeu que Daisy continuava com a boca aberta, parecendo esperar o momento certo para completar a

frase, repetiu: – Eu *sei*. Foi uma pergunta retórica.

– Que ainda tem uma resposta absolutamente válida – replicou Daisy com uma fungadinha.

Honoria se virou para Iris, que também tinha 21 anos, mas não fizera parte do quarteto até aquele ano. A irmã dela, Marigold, mantivera-se agarrada ao violoncelo até se casar no outono anterior.

– Tem alguma sugestão, Iris? – perguntou Honoria, em um tom animado.

Iris cruzou os braços e curvou o corpo na cadeira. Para Honoria, parecia que tentava se dobrar até sumir.

– Algo que não tenha violoncelo – resmungou.

– Se eu tenho que participar, você também tem – disse Sarah, com um sorrisinho irônico.

Iris encarou a outra com toda a fúria de uma artista incompreendida.

– Você não compreende.

– Ah, acredite, compreendo, sim – rebateu Sarah, exaltada. – Toquei no ano passado, caso não se lembre. Tive um ano inteiro para compreender.

– Por que estão todas reclamando? – perguntou Daisy com impaciência. – É tão empolgante! Vamos nos apresentar. Sabem há quanto tempo espero por esse dia?

– Infelizmente, sim – respondeu Sarah, em uma voz inexpressiva.

– Mais ou menos pelo mesmo tempo que venho temendo esse dia – murmurou Iris.

– É impressionante que vocês duas sejam irmãs – comentou Sarah.

– Isso também me impressiona diariamente – afirmou Iris, ainda em uma voz inexpressiva.

– Poderia ser um quarteto de piano – apressou-se em falar Honoria, antes que Daisy percebesse que havia sido insultada. – Infelizmente, não há muitos para escolher.

Ninguém emitiu qualquer opinião.

Honoria reprimiu um gemido. Estava claro que precisaria assumir as rédeas daquela apresentação, caso contrário se transformaria numa anarquia musical – embora imaginasse que seria uma melhora na situação das Smythe-Smiths.

Essa era uma triste conclusão.

– *Quarteto para piano nº 1* de Mozart, ou o nº 2 – anunciou, erguendo as duas peças musicais. – Qual preferem?

– Qualquer uma que não tivermos apresentado no ano passado – respondeu Sarah, suspirando.

Ela apoiou a cabeça na madeira do piano, depois deixou-a pender sobre as teclas.

– Gostei do resultado – disse Daisy com surpresa.

– Pareceu um peixe vomitando – retrucou Sarah, ainda com a cara no piano.

– Que imagem encantadora – comentou Honoria.

– Não acho que peixes realmente vomitem – argumentou Daisy. – E, se vomitam, não acho que soariam...

– Não podemos ser o primeiro grupo de primas a nos rebelarmos? – interrompeu Sarah, erguendo a cabeça. – Não podemos apenas dizer não?

– Não! – bradou Daisy.

– Não – concordou Honoria.

– Sim? – falou Iris em uma voz fraca.

– Não acredito que você queira fazer isso de novo – disse Sarah para Honoria.

– É uma tradição.

– É uma tradição desgraçada, e precisarei de seis meses para me recuperar.

– Eu talvez nunca me recupere – lamentou Iris.

Daisy parecia estar prestes a bater o pé, porém Honoria a deteve com um olhar duro. Ela pensou em Marcus, e logo se forçou a não pensar em Marcus.

– É uma tradição – repetiu –, e temos sorte por pertencermos a uma família que valoriza a tradição.

– Do que você está falando? – perguntou Sarah, balançando a cabeça.

– Algumas pessoas não têm – disse Honoria em um tom apaixonado.

A prima a encarou por um longo tempo, então voltou a falar:

– Desculpe, mas do que você está falando?

Honoria olhou para todas elas, ciente de que a emoção a fazia erguer a voz, mas totalmente incapaz de se controlar:

– Eu posso não gostar de me apresentar nos recitais, mas adoro ensaiar com vocês três.

As três primas a encararam, momentaneamente desconcertadas.

– Não percebem a sorte que temos? – indagou Honoria. Então, sem dar tempo para que concordassem, acrescentou: – Por termos umas às outras?

– Não poderíamos ter umas às outras jogando cartas? – sugeriu Iris.

– Somos Smythe-Smiths e é isso que fazemos. – Antes que Sarah pudesse protestar, continuou: – Você também, apesar do último sobrenome. Sua mãe era uma Smythe-Smith, é o que conta.

Sarah deixou escapar um suspiro alto, longo e cansado.

– Vamos pegar nossos instrumentos e tocar Mozart – anunciou Honoria. – E faremos isso com sorrisos abertos.

– Não faço ideia do que vocês estão falando – disse Daisy.

– Eu tocarei – garantiu Sarah –, mas não prometo o sorriso. – Ela encarou o piano. – E não vou *pegar* meu instrumento.

Iris riu. Então seus olhos brilharam.

– Eu poderia ajudá-la.

– A pegá-lo?

O sorriso de Iris tornou-se definitivamente maquiavélico.

– A janela não fica muito longe...

– Eu sabia que amava você – falou Sarah, com um largo sorriso.

Enquanto as duas faziam planos para destruir o piano novinho de lady Winstead, Honoria tentava escolher a peça.

– Tocamos o *Quarteto nº 2* no ano passado – disse, embora apenas Daisy estivesse escutando –, mas estou hesitando em optar pelo nº 1.

– Por quê? – perguntou Daisy.

– Ele é muito difícil.

– Por quê?

– Não sei. Só ouvi dizer que é, e com frequência o bastante para me deixar cautelosa.

– Existe um *Quarteto nº 3*?

– Temo que não.

– Então acho que devemos tocar o nº 1 – opinou Daisy, ousada. – Quem não arrisca não petisca.

– Sim, mas sábio é aquele que conhece seus limites.

– Quem disse isso?

– *Eu* disse – respondeu Honoria, impaciente. Ela ergueu a partitura do *Quarteto nº 1*. – Não acho que conseguiríamos aprendê-lo, mesmo se tivéssemos três vezes mais tempo para ensaiar.

– Não precisamos aprendê-lo. Teremos as partituras na nossa frente.

Aquilo ia ser muito pior do que Honoria temera...

– Acho que devemos tocar o nº 1 – insistiu Daisy. – Seria embaraçoso se apresentássemos a mesma peça do ano passado.

A apresentação seria embaraçosa não importava qual música escolhessem, mas Honoria não teve coragem de dizer isso para a prima.

Com certeza a mutilariam até que ficasse irreconhecível. Uma peça difícil tocada terrivelmente seria assim tão pior do que uma peça um pouco mais fácil também tocada pessimamente?

– Ah, por que não? – cedeu Honoria. – Tocaremos o nº 1, então.

Ela balançou a cabeça. Sarah ficaria furiosa. A parte do piano era bastante difícil. Por outro lado, a prima nem se dignara a tomar parte no processo de seleção.

– Uma escolha sábia! – exclamou Daisy com grande convicção. – Vamos tocar o *Quarteto nº 1*! – gritou por sobre o ombro.

Honoria olhou além da prima mais nova, na direção de Sarah e Iris, que haviam empurrado o piano por alguns metros.

– O que estão fazendo?! – quase gritou.

– Ah, não se preocupe – disse Sarah com uma risada. – Não vamos jogá-lo pela janela.

Iris desabou sobre o banco do piano, o corpo todo se sacudindo em gargalhadas.

– Não tem graça nenhuma – retrucou Honoria, embora tivesse.

Ela adoraria se juntar à prima em sua tolice, mas alguém precisava assumir o controle da situação, e Honoria sabia que, se não fizesse isso, Daisy o faria.

Meu Deus.

– Escolhemos o *Quarteto para piano nº 1* de Mozart – repetiu Daisy.

Iris ficou profundamente pálida, ou seja, parecendo um fantasma.

– Você está brincando.

– Não – replicou Honoria, já um tanto farta, para dizer a verdade. – Se você tinha uma opinião tão forte a respeito, deveria ter se juntado à conversa.

– Mas você faz ideia de como essa peça é difícil?

– É por isso que queremos apresentá-la! – declarou Daisy.

Iris encarou a irmã por um momento, então se virou novamente para Honoria, que julgava ser a mais sensata das duas.

– Honoria, não podemos tocar o *Quarteto nº 1*. É impossível. Você já ouviu a peça?

– Só uma vez – admitiu Honoria –, mas não lembro muito bem.

– É impossível. Não é para amadores.

Honoria não era tão pura de coração assim a ponto de não se divertir com o desespero da prima, só um pouquinho. Iris passara a tarde reclamando.

– Escute – voltou a dizer a prima –, se tentarmos tocar essa peça, seremos massacradas.

– Por quem? – perguntou Daisy.

Iris apenas olhou para a irmã, completamente incapaz de articular uma resposta.

– Pela música – interveio Sarah.

– Ah, você decidiu se juntar à discussão – ironizou Honoria.

– Não seja sarcástica – retrucou Sarah, irritada.

– Onde vocês duas estavam enquanto eu tentava escolher alguma coisa?

– Elas estavam empurrando o piano.

– Daisy! – gritaram as três.

– O que foi?

– Tente não ser tão literal – foi a vez de Iris dizer, zangada.

Daisy deixou escapar um muxoxo e começou a folhear a partitura.

– Venho tentando manter todas animadas – continuou Honoria, as mãos no quadril, encarando Sarah e Iris. – Temos uma apresentação para ensaiar, e não importa quanto vocês reclamem, não há como escapar disso. Portanto, parem de tentar tornar a minha vida tão difícil e façam o que eu estou mandando.

Sarah e Iris ficaram encarando-a, chocadas.

– Ahn... por favor – acrescentou Honoria.

– Talvez esse seja um bom momento para um breve intervalo – sugeriu Sarah.

Honoria gemeu.

– Nós nem começamos.

– Eu sei. Mas precisamos de um intervalo.

Honoria ficou imóvel por um momento, sentindo o corpo murchar. Aquilo era exaustivo. Sarah estava certa: elas precisavam de um intervalo. Um intervalo apesar de não terem feito absolutamente nada.

– Além do mais – voltou a falar Sarah, com um olhar travesso para Honoria –, estou morrendo de sede.

Honoria ergueu uma sobrancelha.

– Reclamar tanto a deixou com sede?

– Exatamente – respondeu Sarah com um sorriso. – Haveria limonada para nós, prima querida?

– Não sei – disse Honoria, suspirando –, mas acho que posso perguntar.

Limonada parecia uma boa ideia. E, para ser sincera, não ensaiar também. Ela se levantou para tocar a campainha chamando a empregada. Quando mal voltara a se sentar, Poole – mordomo da Casa Winstead havia muito tempo – apareceu à porta.

– Foi rápido – comentou Sarah.

– Uma visita para a senhorita, lady Honoria – avisou ele, muito pomposo.

Marcus?

O coração de Honoria se acelerou até ela se dar conta de que não poderia ser Marcus. Ele ainda estava confinado a Fensmore. O Dr. Winters insistira.

Poole se aproximou com a bandeja e estendeu-a para que Honoria pudesse pegar o cartão de visita.

Conde de Chatteris

Santo Deus, *era* Marcus. Que diabos ele estava fazendo em Londres? Honoria se esqueceu completamente de se sentir mortificada, ou zangada, ou o que quer que fosse que estivesse sentindo (não conseguira se decidir), e logo ficou furiosa. Como ele ousava arriscar a própria saúde? Ela não trabalhara como uma condenada ao lado da cama dele, enfrentando calor, sangue e delírio, apenas para vê-lo ter um colapso em Londres porque fora tolo demais para ficar em casa.

– Deixe-o entrar logo – disse, irritada, ao mordomo, provavelmente soando bastante dura porque as três primas se viraram para encará-la com expressões de curiosidade idênticas.

Honoria fitou a todas, furiosa. Daisy chegou mesmo a recuar um passo.

– Ele não deveria estar andando por aí – grunhiu Honoria.

– Lorde Chatteris – disse Sarah, com absoluta confiança.

– Fiquem aqui – ordenou Honoria às outras. – Voltarei logo.

– Precisamos ensaiar em sua ausência? – quis saber Iris.

Honoria revirou os olhos e se recusou a responder.

– O conde já está esperando na sala de visitas – informou-lhe Poole.

É claro. Nenhum mordomo insultaria um conde forçando-o a colocar o cartão de visita na bandeja de prata e deixá-lo esperando à porta.

– Voltarei logo – repetiu Honoria para as primas.

– Você já disse isso – lembrou Sarah.

– Não me sigam.

– Você também já disse isso. Ou algo parecido.

Honoria lançou um último olhar irritado para as primas antes de sair da sala. Não contara muito a Sarah sobre o tempo que passara em Fensmore, apenas que Marcus adoecera e que ela e a mãe o haviam ajudado em sua convalescença. Mas Sarah a conhecia melhor do que ninguém. Ficaria curiosa, ainda mais agora que Honoria quase perdera a cabeça só de ver o cartão de Marcus.

Honoria atravessou a casa pisando firme, a raiva aumentando a cada passo. Em que diabos ele estava pensando? O Dr. Winters não poderia ter sido mais claro. Marcus deveria ficar na cama por uma semana e permanecer em casa por mais outra, provavelmente duas. Com base em nenhum universo matemático ele estaria em Londres naquele momento.

– Que raios você...

Ela entrou tempestuosamente na sala de visitas, mas se deteve de repente ao vê-lo parado perto da lareira, a saúde em pessoa.

– Marcus?

Ele sorriu e o coração de Honoria – aquele órgão miserável e traidor – se derreteu.

– Honoria, é um prazer vê-la também.

– Você parece... – Ela o encarou, confusa, sem conseguir acreditar direito no que via. A cor de sua pele estava ótima, os olhos já não estavam mais fundos e, aparentemente, ele havia recuperado peso –... bem – concluiu, incapaz de esconder a surpresa.

– O Dr. Winters me declarou em forma para viajar. Disse que nunca viu ninguém se recuperar de uma febre com tanta rapidez.

– Deve ter sido a torta de melado.

O olhar dele se tornou cálido.

– É verdade.

– O que o traz à cidade? – perguntou Honoria, desejando acrescentar: “Já que você não precisa mais se assegurar que eu não me case com um idiota.”

Ela talvez estivesse se sentindo só um pouco amarga.

Mas não zangada. Não havia razão para se irritar com Marcus. Ele só fizera o que Daniel lhe solicitara. E, afinal de contas, não destruíra nenhum romance verdadeiro. Honoria não se apaixonara de verdade por nenhum de seus pretendentes; se algum deles a houvesse pedido em casamento, ela provavelmente não teria aceitado.

Contudo, era embaraçoso. Por que ninguém lhe contara que Marcus vinha interferindo em seus assuntos? Talvez ficasse aborrecida – ah, está certo, com certeza ficaria, mas não tanto. E se soubesse, não interpretaria mal as atitudes de Marcus em Fensmore. Não acharia que ele estivesse se apaixonando um pouquinho por ela.

E não teria cedido à paixão.

Mas Honoria estava determinada: não o deixaria presumir que se passava algo fora do comum. Até onde Marcus sabia, ela ainda não tinha ideia das maquinações dele.

Assim, Honoria abriu seu melhor sorriso, certa de que parecia interessada em tudo o que ele tinha a dizer.

– Eu não queria perder o recital – respondeu Marcus.

– Ah, agora sei que você está mentindo.

– Não, é sério. Agora que conheço seus verdadeiros sentimentos a respeito, assistirei ao evento sob uma nova perspectiva.

Ela revirou os olhos.

– Por favor, não importa quanto você pense que está rindo comigo, e não de mim... não vai conseguir escapar da cacofonia.

– Estou cogitando a possibilidade de usar discretas bolinhas de algodão nos ouvidos.

– Se minha mãe descobrir, ficará mortalmente magoada. E logo ela, que salvou *você* de um ferimento fatal.

Ele a encarou com certa surpresa.

– Sua mãe ainda acha que você tem talento?

– Que todas nós temos – confirmou Honoria. – Acho que ela está um pouco triste porque sou a última de suas filhas a se apresentar. Mas acredito que logo a tocha será passada a uma nova geração. Tenho várias sobrinhas treinando os dedinhos em seus violinos minúsculos.

– É mesmo? Violinos minúsculos?

– Não. Apenas soa melhor descrevê-los dessa maneira.

Ele riu e então se calou. Os dois permaneceram em silêncio, apenas parados na sala de visitas, estranhamente constrangidos.

Foi estranho. Não se parecia em nada com o jeito de eles serem um com o outro.

– Você se incomodaria de dar um passeio? – perguntou Marcus de repente. – O clima está bom.

– Não – respondeu Honoria, mais bruscamente do que desejava. – Obrigada.

Uma sombra perpassou os olhos dele e se foi tão depressa que Honoria pensou ter imaginado.

– Muito bem – disse ele em um tom rígido.

– Não posso – acrescentou Honoria, porque não tivera a intenção de ferir os sentimentos dele. Ou talvez tivera, e agora se sentia culpada. – Minhas primas estão todas aqui. Estamos ensaiando.

Uma breve expressão de alarme cruzou o rosto dele.

– Você provavelmente vai arranjar algo para se afastar de Mayfair – continuou ela. – Daisy ainda não alcançou o pianíssimo. – Diante do olhar inexpressivo dele, Honoria explicou: – Ela é barulhenta.

– E o resto de vocês não é?

– *Touché*. Não como ela.

– Então, no recital, devo garantir um lugar no fundo?

– Na sala ao lado se for possível.

– É mesmo? – Marcus pareceu incrivelmente... não, comicamente... esperançoso. – Haverá assentos na sala ao lado?

– Não – respondeu Honoria, revirando os olhos mais uma vez. – Mas não acho que a última fileira irá salvá-lo. Não de Daisy.

Ele suspirou.

– Você deveria ter considerado isso antes de acelerar sua recuperação.

– É o que comecei a perceber.

– Bem – disse Honoria, tentando soar como uma jovem dama muito ocupada, com vários compromissos e algumas tarefas, sendo que nenhuma delas era devanear com ele. – Realmente preciso ir.

– É claro – falou ele, com um aceno educado de cabeça em despedida.

– Adeus.

Mas ela não se moveu.

– Adeus.
– Foi muito bom vê-lo.
– E a você também. Por favor, mande lembranças à sua mãe.
– É claro. Ela ficará encantada em saber que você se recuperou bem.
Marcus assentiu. E ficou parado. Por fim, voltou a falar:
– Bem, então...
– Sim – concordou Honoria apressadamente. – Preciso ir.
Dessa vez Honoria deixou a sala. E nem mesmo olhou por sobre o ombro – um feito maior do que ela poderia ter sonhado.

CAPÍTULO 18

A verdade era, pensou Marcus, sentado no escritório de sua casa de Londres, que ele sabia muito pouco sobre como cortejar jovens damas. Sabia muito sobre como evitá-las, e talvez um pouco mais ainda sobre como evitar as mães delas. Também sabia bastante sobre investigar com discrição outros homens que cortejassem jovens damas (em especial, Honoria) e, mais do que tudo, como ser silenciosamente ameaçador enquanto os convencia a abandonar seu objetivo.

Mas o que fazer ele mesmo, não tinha ideia.

Dar flores? Ele vira outros homens com flores. Mulheres gostavam de flores. Diabo, ele também gostava. Quem não gostava?

Marcus apreciaria encontrar alguns jacintos-uva que o faziam lembrar dos olhos de Honoria, mas só havia botões pequenos e ele achou que não funcionariam bem em um buquê. Além disso, deveria entregar as flores e dizer a Honoria que elas o faziam se lembrar dos olhos dela? Porque então teria que explicar que estava se referindo a uma parte muito específica da flor, na base da pétala, bem perto do caule.

Não conseguia imaginar nada que o fizesse se sentir mais tolo.

E o problema final era que Marcus nunca dera flores a Honoria. Ela ficaria imediatamente curiosa, então desconfiada, e se não retribuísse os sentimentos dele (Marcus não tinha nenhuma razão particular para achar que era recíproco), ele ficaria parado na sala de visitas de Honoria parecendo um idiota completo.

Levando tudo em consideração, aquele era um cenário que preferia evitar.

Seria mais seguro cortejá-la em público, decidiu. Lady Bridgerton daria um baile de aniversário no dia seguinte e Marcus sabia que Honoria estaria lá. Mesmo se ela não quisesse ir, ainda assim iria. Haveria bons

partidos de mais lá para que declinasse do convite, inclusive Gregory Bridgerton, a respeito de quem Marcus revira sua opinião – o rapaz era jovem e ingênuo demais para ter uma esposa. Se Honoria decidisse que estava interessada no jovem Sr. Bridgerton, Marcus teria que interceder.

Do seu jeito tranquilo e nos bastidores, é claro. Ainda assim, era outra razão para comparecer ao baile.

Marcus baixou os olhos para a escrivaninha. À esquerda estava um convite impresso da Casa Bridgerton. À direita, o bilhete que Honoria deixara para ele em Fensmore, quando partira, na semana anterior. Um cumprimento, uma assinatura, duas frases banais entre eles. Nada indicava uma vida salva, um beijo dado ou uma torta de melado roubada...

Era o tipo de bilhete que se escrevia ao agradecer a uma anfitriã por uma festa ao ar livre absolutamente perfeita e elegante. Não o tipo que uma pessoa escrevia para alguém com quem considerava a hipótese de se casar.

Porque era isso que Marcus pretendia. Assim que Daniel colocasse os pés na Inglaterra, ele pediria a mão de Honoria ao amigo. Mas, até lá, teria que cortejá-la.

Portanto, esse era o dilema em que se encontrava.

Marcus suspirou. Alguns homens sabiam instintivamente como conversar com as mulheres. Teria sido muito conveniente.

Mas ele não sabia. Na verdade, era um homem que só sabia conversar com Honoria. E, nos últimos tempos, nem mesmo isso estava funcionando muito bem.

Assim, na noite seguinte, Marcus se viu em um dos lugares de que menos gostava no mundo: um salão de baile em Londres.

Ele assumiu sua posição de sempre, na lateral, as costas contra a parede, onde poderia observar melhor o que acontecia e fingir não se importar. Mais uma vez lhe ocorreu que era extraordinariamente afortunado por não ter nascido mulher. A jovem dama ao lado tomava chá de cadeira, mas Marcus se manteve soturno, reservado e carrancudo.

A festa estava lotada – lady Bridgerton era bastante popular e Marcus não sabia se Honoria se encontrava lá. Ele não a viu, no entanto também não conseguia enxergar a porta por onde entrara. Nunca iria entender como alguém se divertia em meio a tanto calor, suor e gente.

Ele lançou um olhar furtivo para a jovem ao lado. Ela parecia familiar, mas Marcus não se lembrava de onde. Na verdade, talvez a dama não

estivesse no desabrochar da juventude, porém duvidava que fosse muito mais velha do que ele. Ela soltou um suspiro longo e cansado, e Marcus pensou que estava parado ao lado de um espírito afim. A dama também observava a multidão, tentando fingir que não procurava por alguém em particular.

Marcus pensou em dizer "boa noite" ou perguntar se conhecia Honoria – e, caso conhecesse, se a vira. Porém, no instante em que ia cumprimentá-la, ela se virou para o lado oposto e Marcus poderia jurar que a ouviu resmungar: "Dane-se tudo, vou pegar uma bomba de chocolate."

A dama se afastou, abrindo caminho na multidão. Marcus a observou com interesse, pois ela parecia saber exatamente aonde estava indo. Portanto, se a ouvira bem...

Ela sabia onde conseguir um doce.

Ele partiu imediatamente em seu encalço. Se iria ficar preso naquele salão de baile, sem sequer ver Honoria – que era a única razão para se submeter àquela provação –, iria atrás de uma bomba.

Há muito, Marcus aperfeiçoara a arte de se deslocar com determinação, mesmo quando não tinha um objetivo definido, e conseguiu evitar conversas desnecessárias apenas mantendo o queixo erguido, fixando o olhar determinado acima da multidão.

Até algo atingi-lo na perna.

Ai.

– Por que essa expressão, Chatteris? – indagou uma voz feminina autoritária. – Eu mal o toquei.

Marcus ficou paralisado, porque conhecia aquela voz e sabia que não havia como escapar. Ele se obrigou a abrir um sorrisinho e fitou o rosto enrugado de lady Danbury, que vinha aterrorizando as Ilhas Britânicas desde a época da Restauração.

Ou era o que parecia. Ela era tia-avó da mãe de Marcus, e ele poderia jurar que a mulher tinha 100 anos.

– Um ferimento na minha perna, milady – respondeu Marcus, dobrando o corpo em sua mesura mais respeitosa.

Ela bateu com a arma no chão – outros poderiam chamá-la de bengala, mas Marcus já a conhecia muito bem.

– Caiu do cavalo?

– Não, eu...

– Rolou na escada? Deixou uma garrafa cair no pé? – A expressão dela agora era travessa. – Ou o acontecido envolve uma mulher?

Ele lutou contra a vontade de cruzar os braços. Lady Danbury o encarava com um sorrisinho afetado. Ela gostava de zombar de seus interlocutores; certa vez dissera a Marcus que a melhor parte de envelhecer era poder falar qualquer coisa que desejasse e se manter impune.

Marcus se inclinou para a frente e respondeu, muito sério.

– Na verdade, fui esfaqueado por meu valete.

Talvez pela primeira vez na vida, ele a deixou tão perplexa que emudeceu. Lady Danbury ficou boquiaberta, com os olhos arregalados. Marcus gostaria de pensar que até empalidecera, mas a pele dela era de um tom tão estranho que não se podia afirmar com certeza. Depois de um momento de choque, ela deu uma gargalhada e falou:

– Não, é sério. O que aconteceu?

– Exatamente o que eu disse: fui esfaqueado. – Ele esperou um momento, então acrescentou: – Se não estivéssemos no meio de um baile, eu lhe mostraria.

– Não diga? – Ela agora estava de fato interessada. Lady Danbury se inclinou para a frente, os olhos animados por uma curiosidade macabra. – Está horrível?

– Já esteve pior.

Ela cerrou os lábios, e seus olhos se estreitaram quando perguntou:

– E onde está seu valete agora?

– Na Casa Chatteris, provavelmente roubando um copo do meu melhor conhaque.

Ela soltou outra de suas gargalhadas estridentes.

– Você sempre me divertiu. Acho que é mesmo meu segundo sobrinho favorito.

– Sério? – Marcus não conseguiu pensar em outra resposta.

– Sabe que a maior parte das pessoas acha que você não tem humor, não é?

– A senhora realmente gosta de ser direta – murmurou ele.

Ela deu de ombros.

– Você é meu sobrinho-bisneto. Posso ser direta quanto quiser.

– Parentesco nunca pareceu ser um dos seus pré-requisitos para falar diretamente.

– *Touché* – admitiu ela, fazendo um breve meneio de aprovação com a cabeça. – Apenas afirmei que você mantém oculto seu bom humor. E aplaudo isso de coração.

– Estou trêmulo de alegria.

Lady Danbury sacudiu o dedo para ele.

– É exatamente o que estou falando. Você é mesmo muito divertido, só não deixa ninguém enxergar isso.

Marcus pensou em Honoria. Ele conseguia fazê-la rir. Era o som mais adorável que conhecia.

– Bem – declarou a velha senhora, batendo com a bengala no chão –, basta. Por que você está aqui?

– Acredito que tenha sido convidado.

– Ah, tolice. Você detesta essas coisas.

Marcus deu de ombros ligeiramente.

– Veio tomar conta daquela garota Smythe-Smith, imagino – disse ela.

Marcus olhava por cima do ombro, tentando localizar a bomba de chocolate, mas então a encarou de supetão.

– Ah, não se preocupe – contemporizou lady Danbury, com um revirar de olhos. – Não acho que está interessado naquela senhorita. Ela é uma das que tocam violino, não é? Santo Deus, você ficaria surdo em uma semana.

Marcus abriu a boca para defender Honoria, para dizer que ela também riria da brincadeira, mas lhe ocorreu que aquilo não era uma brincadeira para Honoria. Ela sabia perfeitamente bem que o quarteto era terrível, só que continuava a tocar devido à importância para a família. Honoria precisava ter uma tremenda coragem para assumir seu lugar no palco e fingir que se considerava uma virtuose no violino.

E também precisava ter amor.

Honoria amava tão profundamente, e tudo o que Marcus conseguiu pensar foi: *É isso que quero para mim.*

– Você sempre foi próximo daquela família – comentou lady Danbury, interrompendo os pensamentos dele.

Marcus ficou confuso e precisou de um instante para voltar à conversa.

– Sim, estudei com o irmão dela.

– Ah, sim – falou lady Danbury, com um suspiro. – Que absurdo o que aconteceu. Aquele rapaz nunca deveria ter sido banido do país. Eu sempre disse que Ramsgate era um jumento.

Marcus a encarou, chocado.

– Como você disse – prosseguiu ela, atrevida –, parentesco nunca foi um pré-requisito para que eu falasse algo com franqueza.

– Ao que parece, não mesmo.

– Ah, veja, lá está ela.

Lady Danbury inclinou a cabeça para a direita e Marcus seguiu seu olhar até Honoria, que conversava com outras duas jovens damas que ele não conseguiu identificar a distância. Ela ainda não o vira e Marcus aproveitou a vantagem para se deliciar com a visão de Honoria. Seus cabelos pareciam diferentes... Ele não conseguiu identificar o que ela mudara – nunca compreendera as sutilezas dos penteados femininos –, mas achou encantador. Tudo nela era encantador. Talvez devesse ter pensado em outro modo, mais poético, de descrevê-la, porém às vezes as palavras mais simples são as mais sinceras.

Honoria era encantadora. E Marcus ansiava por ela.

– Você a ama mesmo – sussurrou lady Danbury.

Ele se voltou rapidamente para ela.

– Do que está falando?

– Está escrito em seu rosto, por mais clichê que possa ser a expressão. Ah, vá em frente e convide-a para dançar – insistiu ela, erguendo a bengala e apontando-a na direção de Honoria. – Poderia ser bem pior, não é mesmo?

Ele hesitou. Era difícil saber como interpretar até a mais simples frase de lady Danbury. Para não mencionar que ela ainda estava com a bengala levantada. Precisava ter muito cuidado quando aquela bengala era brandida.

– Vá, vá – animou ela. – Não se preocupe comigo. Encontrarei outro pobre tolo desprevenido para torturar. E, sim, antes que você precise protestar, acabo de chamá-lo de tolo.

– Esse, acredito, talvez seja o único privilégio que o parentesco lhe permite.

Ela deu uma gargalhada com gosto.

– Você é o príncipe dos meus sobrinhos.

– Seu segundo favorito – murmurou Marcus.

– Você subirá ao topo da lista se encontrar um modo de destruir o violino dela.

Marcus não deveria ter rido, mas não se conteve.

– É uma maldição, de verdade – afirmou lady Danbury. – Sou a única pessoa da minha idade que tem a audição perfeita.

– A maioria das pessoas acharia isso uma bênção.

Ela bufou.

– Não com aquele recital pairando no horizonte.

– Por que a senhora comparece? Não é próxima da família. Poderia facilmente declinar do convite.

Lady Danbury suspirou e, por um momento, seu olhar se suavizou.

– Não sei – admitiu. – Alguém precisa aplaudir aquelas pobres criaturas.

Ele observou o rosto dela voltar à expressão normal, desprovida de sentimentos.

– A senhora é mais bondosa do que faz supor – disse Marcus, sorrindo.

– Não conte a ninguém. Humpf. – Ela bateu com a bengala no chão. – Acabamos por aqui.

Ele fez uma reverência com todo o devido respeito a uma tia-bisavó aterrorizante e se afastou na direção de Honoria. Ela usava um vestido azul-pálido com babados que Marcus não conseguiria descrever, exceto dizer que deixavam os ombros nus – algo que ele aprovou, e muito.

– Lady Honoria – cumprimentou Marcus quando chegou ao lado dela.

Honoria se virou e ele fez uma mesura polida.

Um lampejo de felicidade iluminou os olhos dela. Honoria logo se inclinou educadamente e murmurou:

– Lorde Chatteris, que prazer em vê-lo.

Era por isso que Marcus detestava aquelas situações. A vida toda, Honoria o chamara pelo primeiro nome, mas bastava colocá-la em um baile em Londres e, de repente, ele se tornava lorde Chatteris.

– Lembra-se da Srta. Royle, é claro – disse Honoria, indicando a jovem dama à direita dela, vestida em um tom mais escuro de azul. – E de minha prima, lady Sarah.

– Srta. Royle, lady Sarah.

Ele fez uma reverência para cada uma.

– Que surpresa vê-lo aqui – comentou Honoria.

– Surpresa?

– Não achei... – Ela se interrompeu e seu rosto ficou curiosamente ruborizado. – Não é nada – emendou Honoria, o que era uma óbvia mentira.

Só que ele não poderia pressioná-la em um ambiente público daqueles, por isso fez uma constatação estonteante:

– Está muito cheio aqui esta noite, não acha?

– Ah, sim – murmuraram as três, as vozes em volumes diferentes. Uma delas talvez até tivesse dito: – Realmente.

Houve um breve período de silêncio, até que Honoria perguntou de súbito:

– Recebeu alguma notícia de Daniel?

– Não – respondeu Marcus. – Torço para que isso signifique que ele já iniciou a viagem de volta.

– Então não sabe quando ele retornará.

– Não.

Curioso... Ele imaginou que isso ficara claro na resposta anterior.

– Entendo – disse Honoria, e abriu um daqueles sorrisos que expressavam "estou sorrindo porque não tenho nada para falar", o que era ainda mais curioso. – Tenho certeza de que mal pode esperar pelo retorno dele – comentou ela, após vários segundos sem que ninguém contribuísse para a conversa.

Era óbvio que havia um subtexto nas declarações dela, mas Marcus não fazia ideia de qual era. Com certeza não era o subtexto *dele* – esperava que o irmão dela voltasse a fim de pedir permissão para se casar com ela.

– Sim, estou ansioso para vê-lo – murmurou Marcus.

– Como estamos todos – interveio a Srta. Royle.

– Ah, sim – concordou a até então silenciosa prima de Honoria.

Houve outra longa pausa, até que Marcus se virou para Honoria.

– Espero que tenha guardado uma dança para mim.

– É claro.

Ela parecia satisfeita, mas ele achava estranhamente difícil decifrá-la naquela noite.

As outras damas ficaram imóveis, com os olhos arregalados, sem piscar. Elas o faziam lembrar dois avestruzes. Foi só então que Marcus percebeu o que era esperado dele.

– Espero que todas as três tenham guardado uma dança para mim – completou educadamente.

Cartões de dança logo foram estendidos. Um minueto foi marcado com a Srta. Royle, uma quadrilha com lady Sarah, e com Honoria garantiu uma

valsa. Que os fofoqueiros falassem o que quisessem; ele já tinha valsado com ela.

Depois de combinarem as danças, ficaram parados de novo. Um quarteto silencioso (todos os quartetos deveriam ser silenciosos assim, pensou Marcus), até que Sarah pigarreou e comentou:

– Acho que as danças estão começando neste momento.

Isso significava que era hora do minueto.

A Srta. Royle olhou para ele e sorriu. Tarde demais, Marcus lembrou que a mãe dela queria unir os dois.

Honoria o encarou como se dissesse "Tenha muito medo".

E tudo em que Marcus conseguiu pensar foi: *Maldição, acabei não conseguindo uma bomba.*

– Ele gosta de você – sentenciou Sarah, no momento em que Marcus e Cecily seguiram para o minueto.

– O quê? – perguntou Honoria.

Ela precisou piscar para enxergar direito, pois seus olhos haviam ficado desfocados de tanto encarar as costas de Marcus enquanto ele se afastava.

– Ele gosta de você – repetiu Sarah.

– É claro que gosta. Somos amigos desde sempre.

Isso não era bem verdade. Eles se *conheciam* desde sempre. Haviam se tornado amigos, amigos de verdade, muito recentemente.

– Não, ele *gosta* de você – frisou Sarah com exagero.

– O quê? – indagou Honoria, parecendo reduzida à estupidez. – Ah. Não. Não, é claro que não.

Ainda assim, seu coração disparou.

Sarah balançou a cabeça devagar, como se percebesse enquanto falava:

– Cecily me contou que desconfiou disso quando vocês duas foram a Fensmore para ver como ele estava depois da exposição à chuva, mas achei que era só imaginação dela.

– Você deveria se manter fiel à sua primeira impressão – replicou Honoria bruscamente.

Sarah fez um som de deboche.

– Não percebeu o modo como ele a encarava?

Praticamente implorando para que a prima a contradissesse, Honoria falou:

– Ele não estava me encarando.

– Ah, sim, ele estava. E, a propósito, no caso de você estar preocupada: não estou interessada nele.

Honoria só conseguiu piscar várias vezes.

– Quando estávamos na casa dos Royles e levantei a possibilidade de o conde de Chatteris se apaixonar rapidamente por mim, lembra? – perguntou Sarah.

– Ah, sim – lembrou Honoria, fingindo não perceber o embrulho no estômago ao pensar em Marcus se apaixonando por outra pessoa. Ela pigarreou. – Eu havia esquecido.

Sarah deu de ombros.

– Era só desespero. – Ela olhou para o aglomerado de pessoas e murmurou: – Fico me perguntando se há algum cavalheiro aqui que esteja disposto a se casar comigo antes de quarta-feira.

– Sarah!

– Estou brincando. Meu Deus, você deveria saber. – Então ela acrescentou: – Ele está olhando para você de novo.

– O quê? – Honoria chegou a dar um pulinho de surpresa. – Não, não pode estar. Marcus está dançando com Cecily.

– Está dançando com ela e olhando para *você* – retrucou Sarah, parecendo bastante satisfeita com sua percepção.

Honoria desejava acreditar que ele se importava, mas depois de ler a carta de Daniel, sabia que isso não era verdade.

– Não é porque ele gosta de mim – falou, balançando a cabeça.

– É mesmo? – Sarah a encarou, questionadora. – Então, por favor, me explique o motivo.

Honoria engoliu em seco e olhou furtivamente ao redor.

– Consegue guardar um segredo?

– É claro.

– Daniel pediu a ele para “tomar conta de mim” enquanto estivesse fora.

Sarah não pareceu impressionada.

– Por que isso é um segredo?

– Não é, imagino. Bem, é, sim. Porque ninguém me contou.

– Então como você soube?

Honoria sentiu o rosto arder.

– Talvez eu tenha lido algo que não deveria – murmurou.

Sarah arregalou os olhos.

– Sério? – Ela se inclinou para a frente. – Isso não é típico de você.

– Foi em um momento de fraqueza.

– E agora se arrepende?

Honoria pensou a respeito por um momento.

– Não.

– Honoria Smythe-Smith – falou Sarah, sorrindo abertamente –, estou tão orgulhosa de você!

– Eu perguntaria o motivo – replicou Honoria, em um tom cauteloso –, mas não estou certa de que desejo saber a resposta.

– Essa deve ser a coisa mais imprópria que você já fez.

– Isso não é verdade.

– Ah, talvez então você tenha se esquecido de me contar da vez que correu nua pelo Hyde Park?

– Sarah!

A jovem riu.

– Todo mundo já leu algo que não deveria em determinado momento da vida. Só estou feliz por você enfim ter resolvido se juntar ao resto da humanidade.

– Não sou tão rígida e correta – protestou Honoria.

– É claro que não. Mas não a chamaria de aventureira.

– Eu também não a chamaria de aventureira.

– Não. – Sarah deixou os ombros caírem. – Não sou.

Elas ficaram paradas um instante, um pouco tristes, um pouco pensativas.

– Bem – disse Honoria, tentando injetar certa dose de leveza na conversa –, você não vai correr nua pelo Hyde Park, certo?

– Não sem você – respondeu Sarah, em um tom malicioso.

Honoria riu, então, num impulso, abraçou a prima com força.

– Amo você, sabe disso.

– É claro que sei – retrucou Sarah.

Honoria aguardou.

– Ah, sim, também amo você – acrescentou Sarah.

Honoria sorriu e, por um momento, tudo pareceu certo no mundo. Ou, se não certo, pelo menos normal. Ela estava em Londres, em um baile,

parada ao lado da prima favorita. Nada poderia ser mais normal. Honoria inclinou um pouco a cabeça e examinou a multidão. O minueto era mesmo uma dança adorável de se observar, tão imponente e elegante. Talvez fosse imaginação de Honoria, mas as damas pareciam estar vestidas em cores semelhantes, cintilando pelo salão de baile com azuis, verdes e prateados.

– Quase uma caixinha de música – murmurou.

– É verdade – concordou Sarah, mas logo estragou o momento completando: – Odeio minueto.

– É mesmo?

– Sim. Não sei por quê.

Honoria continuou a olhar para os dançarinos. Quantas vezes ela e Sarah já haviam ficado paradas daquele jeito? Lado a lado, observando as pessoas à sua frente, enquanto seguiam com uma conversa sem nem sequer olhar uma para a outra. Nem precisavam; conheciam-se tão bem que não era necessário ver a expressão da prima para entender o que sentia.

Marcus e Cecily enfim surgiram e Honoria os viu bailar para a frente e para trás.

– Acha que Cecily está jogando charme para ele? – perguntou.

– Você acha? – devolveu Sarah.

Honoria manteve os olhos nos pés de Marcus. Ele era mesmo muito gracioso para um homem tão grande.

– Não sei – murmurou.

– Você se importa?

Honoria pensou por um momento sobre quanto dos seus sentimentos estava disposta a compartilhar.

– Acho que sim.

– Na verdade, isso não importa – comentou Sarah. – Ele não está interessado nela.

– Eu sei – retrucou Honoria, baixinho –, mas acho que ele também não está interessado em mim.

– Espere para ver – disse Sarah, enfim se virando para encarar a prima. – Espere para ver.

Mais ou menos uma hora mais tarde, Honoria estava parada perto de um

prato vazio na mesa de sobremesas, feliz consigo mesma por ter conseguido capturar a última bomba de chocolate, quando Marcus veio chamá-la para a valsa.

– Comeu uma? – perguntou ela.

– Uma o quê?

– Uma bomba. Estavam divinas. Ah. – Ela se esforçou para não sorrir. – Desculpe. Pela sua expressão, posso ver que não conseguiu.

– Venho tentando chegar até elas a noite toda.

– Deve haver mais – disse Honoria, em sua melhor imitação de otimismo.

Ele a encarou com uma sobrancelha erguida.

– Mas provavelmente não – admitiu Honoria. – Sinto muito. Talvez eu possa perguntar a lady Bridgerton onde ela as encomendou. Ou – ela tentou parecer diabólica –, se o próprio cozinheiro dela as preparou, talvez possamos sequestrá-lo.

Marcus sorriu.

– Ou poderíamos dançar.

– Ou poderíamos dançar – concordou Honoria, contente.

Ela pousou a mão no braço de Marcus e permitiu que ele a conduzisse ao centro do salão. Os dois já haviam dançado juntos, até mesmo valsas, uma ou duas vezes, mas aquela parecia diferente. Mesmo antes de a música começar, Honoria sentia como se já deslizasse, movendo-se sem esforço pelo piso de madeira encerado. E quando a mão de Marcus descansou em suas costas, e seus olhos encontraram os dele, algo ardente começou a percorrer o corpo dela.

Sentia-se leve. Sem fôlego. Faminta. Carente. Desejava algo que não conseguia definir e com tanta intensidade que deveria ficar assustada.

Mas não estava. Não com a mão de Marcus em suas costas. Nos braços dele, Honoria se sentia segura, mesmo enquanto o corpo dela se agitava em frenesi. O calor da pele de Marcus emanava até a pele dela através das roupas como um combustível, uma mistura inebriante que a fazia ter vontade de se erguer na ponta dos pés e alçar voo.

Ela o desejava. Isso lhe ocorreu de repente. Aquilo era desejo.

Não era de estranhar que as moças se arruinassem. Honoria já ouvira falar de algumas que haviam “cometido erros”. As pessoas sussurravam que eram devassas, que tinham se desencaminhado. Honoria nunca

entendera aquilo muito bem. Por que alguém jogaria fora uma vida segura por uma única noite de paixão?

Agora ela sabia. E queria fazer o mesmo.

– Honoria? – A voz de Marcus era como estrelas cadentes em seus ouvidos.

Ela ergueu os olhos e viu que ele a encarava com curiosidade. A música começara e ela não movera os pés.

Marcus inclinou a cabeça para o lado, como se lhe fizesse uma pergunta. Mas ele não precisou falar e ela não precisou responder. Honoria apertou-lhe a mão e os dois se puseram a dançar.

A música os envolveu e se intensificou ao redor deles, e Honoria seguiu a condução de Marcus, sem nunca tirar os olhos do seu rosto. A música a elevou, carregou-a e, pela primeira vez na vida, ela sentiu que compreendia o que significava dançar. Seus pés se moviam em compasso perfeito com a valsa – *um-dois-três um-dois-três* – e o coração se encheu de prazer.

Honoria sentia os violinos atravessarem sua pele. Os instrumentos de sopro faziam cócegas em seu nariz. Ela se incorporou à música e, quando a valsa acabou e eles se separaram, Honoria se inclinou em resposta à mesura dele e sentiu-se desolada.

– Honoria? – chamou Marcus, baixinho.

Ele parecia preocupado. Não uma preocupação do tipo "o que posso fazer para que ela me adore". Não, definitivamente era mais no estilo "santo Deus, ela vai passar mal".

Marcus não parecia um homem apaixonado, mas preocupado com a possibilidade de estar ao lado de alguém com um estômago sensível.

Honoria dançara com ele e se sentira profundamente transformada. Ela, que não conseguia seguir um tom ou bater os pés no ritmo, tornara-se mágica nos braços dele. A dança havia sido paradisíaca e ela morria um pouco por saber que Marcus não se sentira da mesma forma.

Ele não poderia ter se sentido. Ela mal conseguia se manter de pé e Marcus parecia tão...

Tão ele mesmo.

O mesmo velho Marcus, que a via como um fardo. Não um totalmente desagradável, mas ainda assim um fardo. Honoria sabia por que ele ansiava pelo retorno de Daniel. Isso significaria uma autorização para deixar Londres e voltar para o campo, onde era mais feliz.

Significaria sua liberdade.

Ele voltou a chamá-la e, de algum modo, Honoria conseguiu se arrancar dos devaneios.

– Marcus – perguntou ela abruptamente –, por que você está aqui?

Por um momento, ele a encarou como se houvesse despontado uma segunda cabeça nela.

– Fui convidado – respondeu em um tom um pouco indignado.

– Não. – A cabeça de Honoria doía e ela sentiu vontade de esfregar os olhos. Mais do que tudo, queria chorar. – Não aqui neste baile: aqui em Londres.

Ele estreitou os olhos, desconfiado.

– Por que a pergunta?

– Porque você odeia Londres.

Ele ajustou a gravata.

– Ora, não odeio...

– Você odeia a temporada social – interrompeu-o Honoria. – Já me contou isso.

Marcus fez menção de falar algo, mas se deteve após meia sílaba. Foi então que Honoria se lembrou: ele era um péssimo mentiroso. Sempre fora. Na infância, Marcus e Daniel uma vez haviam arrancado um lustre do teto. Mesmo passado tanto tempo, Honoria ainda se perguntava como tinham feito aquilo. Quando lady Winstead exigira que confessassem, Daniel mentira descaradamente e de um modo tão encantador que Honoria percebeu que a mãe estava quase acreditando.

Marcus, por outro lado, ficara com o rosto muito vermelho e puxara o colarinho como se o pescoço coçasse.

Exatamente o que acontecia naquele momento.

– Tenho... responsabilidades aqui – disse, sem jeito.

Responsabilidades.

– Entendo – falou Honoria, quase se engasgando com as palavras.

– Honoria, você está bem?

– Estou ótima – respondeu ela com rispidez, e se odiou por ter o pavio tão curto.

Não era culpa de Marcus que Daniel o houvesse impingido com... bem, com *ela*. Não era nem mesmo culpa dele ter aceitado. Qualquer cavalheiro faria o mesmo.

Marcus permaneceu imóvel, mas desviou os olhos para os lados, quase como se procurasse alguma explicação para ela agir tão estranhamente.

– Você está zangada... – começou ele, num tom um pouco conciliador, talvez até mesmo condescendente.

– Não estou zangada – rebateu ela.

A maioria das pessoas teria comentado que ela parecia zangada, mas Marcus apenas a encarou com aquele seu jeito muito contido e irritante.

– Não estou zangada – murmurou Honoria mais uma vez, porque o silêncio dele praticamente exigia que ela dissesse algo.

– É claro que não.

Ela levantou a cabeça de repente. Aquilo fora condescendente. O resto ela talvez houvesse imaginado, mas não aquilo.

Marcus não disse nada. Não diria nada. Marcus nunca faria uma cena.

– Não estou me sentindo bem – comentou Honoria de súbito.

Isso, ao menos, era verdade. A cabeça doía, ela estava com calor, zonza. Tudo o que queria era ir para casa, se enfiar na cama e se cobrir toda.

– Eu a levarei para tomar um pouco de ar – ofereceu Marcus, tenso, e pousou a mão nas costas dela para guiá-la até as portas francesas que se abriam para o jardim.

– Não – recusou Honoria, e a palavra saiu alta e dissonante demais. – Quero dizer, não, obrigada. – Ela engoliu em seco. – Acho que vou para casa.

Ele assentiu.

– Vou buscar sua mãe.

– Eu farei isso.

– Ficarei feliz em...

– Posso fazer as coisas sozinha – cortou Honoria.

Meu Deus, ela odiava o som da própria voz. Sabia que estava na hora de calar a boca. Não conseguia enunciar as palavras certas. E também não conseguia parar de falar.

– Não preciso ser responsabilidade sua.

– Do que está falando?

Ela não poderia responder aquela pergunta, por isso repetiu:

– Quero ir para casa.

Marcus a encarou pelo que pareceu uma eternidade, então fez uma mesura rígida.

– Como desejar – disse, e se afastou.

E, assim, Honoria foi para casa. Como desejava. Conseguiu exatamente o que queria.

E como foi terrível.

CAPÍTULO 19

O dia do recital
Seis horas antes da apresentação

— Onde está Sarah?

Honoria levantou os olhos da partitura. Estivera rabiscando anotações na margem. Nada que escrevera tinha sentido, mas lhe dava a ilusão de que sabia um pouco sobre o que fazia, assim se certificava de anotar alguma coisa qualquer em cada página.

Iris estava parada no meio do salão de música e voltou a perguntar:

– Onde está Sarah?

– Não sei – respondeu Honoria, e olhou para os dois lados. – Onde está Daisy?

Iris gesticulou com impaciência na direção da porta.

– Ela parou para se arrumar depois que chegamos. Não se preocupe com ela. Daisy não perderia isso por nada no mundo.

– Sarah não está aqui?

Iris parecia prestes a explodir.

– Você a está vendo?

– Iris!

– Desculpe. Não tive a intenção de ser grosseira, mas onde diabos ela está?

Honoria bufou, irritada. Iris não tinha nada mais importante com que se preocupar? Ela não fizera papel de tola na frente do homem por quem percebera estar apaixonada.

Três dias haviam se passado e Honoria se sentia mal só de pensar a respeito.

Não conseguia se lembrar exatamente do que dissera. Mas se recordava perfeitamente bem do terrível som da própria voz, balbuciante e

engasgada. E do cérebro implorando à boca para *parar de falar*, e também da boca não atendendo ao pedido. Havia sido completamente irracional e, se Marcus a havia considerado uma responsabilidade antes, agora devia pensar que era um fardo muito pesado.

Mesmo antes disso – antes de ter começado a dizer bobagens e a agir de um modo tão emotivo que os homens do mundo se achariam no direito de considerarem as mulheres o sexo caprichoso –, fizera papel de tola. Dançara com Marcus como se ele fosse sua salvação, o fitara com o coração nos olhos, e Marcus dissera...

Nada. Ele não dissera nada. Apenas chamara o nome dela. Então Marcus a encarara como se ela tivesse ficado verde. Ele provavelmente pensara que ela iria colocar para fora tudo o que tinha no estômago e arruinar seu excelente par de botas.

Aquilo tinha acontecido três dias antes. Três dias. Sem uma palavra.

– Ela deveria ter chegado há pelo menos vinte minutos – murmurou Iris.

– *Ele* deveria ter vindo aqui dois dias atrás – sussurrou Honoria.

Iris se virou rapidamente para ela.

– O que você disse?

– Talvez tenha sido o trânsito? – perguntou Honoria, recuperando-se depressa.

– Ela mora a menos de um quilômetro.

Honoria assentiu, distraída. Então baixou os olhos para as anotações que fizera na página dois da partitura e percebeu que escrevera o nome de Marcus. Duas vezes. Não, três vezes. Havia um pequeno *M.H.* em uma letra curvilínea escondido perto de uma mínima pontuada. Santo Deus. Como ela era patética...

– Honoria! Honoria! Você está me escutando?

Iris de novo. Honoria tentou não gemer.

– Tenho certeza de que ela chegará logo – disse, conciliadora.

– Sério mesmo? – comentou Iris, sarcástica. – Porque eu não. Sabia que Sarah iria fazer isso comigo.

– Fazer o quê?

– Não entende? Ela não vem.

Honoria finalmente ergueu os olhos.

– Ah, não seja tola. Sarah jamais faria isso.

– Tem certeza? – Iris a encarou com uma expressão de absoluta incredulidade. E pânico. – *Tem certeza?*

Honoria a encarou de volta por longo momento.

– Ai, meu Deus.

– Eu avisei que você não deveria ter escolhido o *Quarteto nº 1*. Na verdade, Sarah não é assim tão ruim no piano, mas a peça é muito difícil.

– É difícil para nós também – retrucou Honoria, sem muita energia. Começava a se sentir nauseada.

– Não tão difícil quanto a parte do piano. Além do mais, não importa quanto as partes do violino são difíceis, porque...

Iris se interrompeu. Então engoliu em seco e corou.

– Você não vai ferir meus sentimentos – garantiu Honoria. – Sei que sou terrível. E sei que Daisy é ainda pior. Faríamos um trabalho igualmente ruim com qualquer peça de música.

– Não consigo acreditar – falou Iris, e começou a andar agitada de um lado para outro. – Não consigo acreditar que ela tenha feito isso.

– Não sabemos se Sarah não vai tocar – argumentou Honoria.

Iris girou e a questionou:

– Não?

Honoria engoliu em seco, sentindo-se desconfortável. Iris estava certa. Sarah nunca se atrasara vinte minutos – não, já eram vinte e cinco – para um ensaio.

– Isso não teria acontecido se você não tivesse escolhido uma peça tão difícil – acusou Iris.

Honoria ficou de pé num rompante.

– Não tente me culpar! Não fui eu que passei a última semana reclamando... Ah, não importa. Eu estou aqui e ela não, então não vejo como isso pode ser culpa minha.

– Não, não, é claro – cedeu Iris, balançando a cabeça. – É só que... Ah! – Ela deixou escapar um grito furioso de frustração. – Não consigo acreditar que ela fez isso comigo.

– Conosco – lembrou Honoria em voz baixa.

– Sim, mas era eu que não queria me apresentar. Você e Daisy não se importavam.

– Não vejo o que uma coisa tem a ver com a outra.

– Não sei – uivou Iris. – É só que deveríamos estar todas juntas. Foi o que você disse. Você repetiu isso todos os dias. E se eu vou engolir meu

orgulho e me humilhar diante de todas as pessoas que conheço, então Sarah também tem que fazer o mesmo.

Nesse exato momento, Daisy chegou.

– O que aconteceu? Por que Iris está tão aborrecida?

– Sarah não chegou – explicou Honoria.

Daisy consultou o relógio na lareira.

– Que grosseria da parte dela! Já está quase meia hora atrasada.

– Ela não vem – afirmou Iris em um tom inexpressivo.

– Não temos certeza disso.

– Como assim? – indagou Daisy. – Ela não pode não vir. Como vamos apresentar um quarteto de piano sem um piano?

Um longo silêncio se abateu sobre a sala, então Iris arquejou.

– Daisy, você é brilhante.

A irmã pareceu satisfeita, mas ainda assim perguntou:

– Sou?

– Podemos cancelar a apresentação!

– Não – disse Daisy, balançando rapidamente a cabeça. Ela se virou para Honoria. – Não quero fazer isso.

– Não teremos escolha – continuou Iris, os olhos brilhando de prazer. – É exatamente como você disse. Não podemos apresentar um quarteto de piano sem um piano. Ah, Sarah é *brilhante*.

Honoria, no entanto, não estava convencida. Adorava Sarah, mas era difícil imaginar a prima planejando algo tão generoso, ainda mais sob aquelas circunstâncias.

– Acha mesmo que ela fez isso em uma tentativa de cancelar a apresentação?

– Não me importo com o motivo – afirmou Iris com sinceridade. – Estou tão feliz que poderia... – Por um instante, ela ficou sem palavras. – Estou livre! Estamos livres! Estamos...

– Meninas! Meninas!

Iris interrompeu a comemoração e todas se viraram para a porta. A mãe de Sarah – tia Charlotte para elas, conhecida pelo resto do mundo como lady Pleinsworth – entrou apressada na sala, seguida por uma mulher jovem de cabelos escuros que usava uma roupa muito bem-feita, mas terrivelmente sem graça, o que logo a identificou como uma governanta.

Honoria teve um péssimo pressentimento.

Não sobre a mulher. Ela parecia agradável, embora talvez um pouco desconfortável por ter sido arrastada para uma confusão familiar. Porém, tia Charlotte tinha um brilho assustador nos olhos.

– Sarah caiu doente – anunciou.

– Ah, não – reagiu Daisy, desabando dramaticamente em uma cadeira. – O que vamos fazer?

– Vou matá-la – murmurou Iris para Honoria.

– É claro que eu não permitiria o cancelamento da apresentação – continuou tia Charlotte. – Não conseguiria suportar uma tragédia dessas.

– Nem ela – disse Iris bem baixinho.

– Minha primeira ideia foi quebrar a tradição e colocar uma das antigas musicistas para tocar com o grupo, mas não temos uma pianista no quarteto desde que Philippa tocou em 1816.

Honoria encarou a tia, perplexa. Tia Charlotte realmente se lembrava de detalhes como aquele ou anotara tudo?

– Philippa não está saindo de casa – lembrou Iris.

– Eu sei. Falta menos de um mês para a pobrezinha dar à luz e ela está enorme. Talvez até conseguisse tocar violino, mas nunca poderia se acomodar diante de um piano.

– Quem tocou antes de Philippa? – perguntou Daisy.

– Ninguém.

– Ora, isso não pode ser verdade – retrucou Honoria. Dezoito anos de recitais e os Smythe-Smiths geraram apenas duas pianistas?

– É verdade – confirmou tia Charlotte. – Fiquei tão surpresa quanto você. Consultei todos os nossos programas só para ter certeza. Na maior parte dos anos, eram dois violinos, uma viola e um violoncelo.

– Um quarteto de cordas – concluiu Daisy, sem necessidade. – O conjunto clássico de quatro instrumentos.

– Cancelamos, então? – perguntou Iris, e Honoria se viu obrigada a relancear um olhar de alerta para a prima. Iris soava um pouco animada demais com a possibilidade.

– De forma alguma – respondeu tia Charlotte, e indicou a mulher ao seu lado. – Esta é a Srta. Wynter. Ela substituirá Sarah.

Todas se viraram para a mulher de cabelos escuros, parada em silêncio, ligeiramente escondida atrás de tia Charlotte. Ela era linda. Tudo na jovem era perfeito, dos cabelos brilhantes à pele branca como leite. O rosto tinha formato de coração, os lábios eram cheios e rosados, os cílios tão longos

que deveriam tocar as sobrancelhas se a jovem abrisse muito os olhos, pensou Honoria.

– Bem – murmurou Honoria para Iris –, pelo menos ninguém olhará para nós.

– Ela é nossa governanta – explicou tia Charlotte.

– E ela toca? – perguntou Daisy.

– Eu não a teria trazido se não tocasse – retrucou tia Charlotte com impaciência.

– É uma peça difícil – declarou Iris, o tom beirando a truculência. – Uma peça muito difícil. Muito, *muito*...

Honoria cutucou-a nas costelas.

– A Srta. Wynter já a conhece – informou tia Charlotte.

– Conhece? – perguntou Iris. Ela se voltou para a governanta com uma expressão incrédula e desesperada. – A senhorita conhece?

– Não muito bem – respondeu a Srta. Wynter em uma voz suave –, mas já toquei partes dela antes.

– Os programas já foram impressos – insistiu Iris. – E Sarah aparece como a pianista.

– Mantenham o programa – disse tia Charlotte, irritada. – Anunciaremos a troca no início da apresentação. Fazem isso o tempo todo no teatro. – Ela gesticulou na direção da Srta. Wynter, batendo sem querer no ombro da jovem. – Considerem-na a substituta de Sarah.

Houve um momento de silêncio ligeiramente deselegante. Então Honoria se adiantou.

– Seja bem-vinda – falou, com firmeza o bastante para que Iris e Daisy entendessem que deveriam seguir a sua deixa. – É um prazer conhecê-la.

A Srta. Wynter fez uma brevíssima mesura.

– Também é um prazer conhecê-la, ahn...

– Ah, mil desculpas. Sou lady Honoria Smythe-Smith, mas, por favor, se vai tocar conosco, deve usar nossos primeiros nomes. – Ela indicou as primas. – Essas são Iris e Daisy. Também Smythe-Smiths.

– Como eu já fui – lembrou tia Charlotte.

– Sou Anne – apresentou-se a Srta. Wynter.

– Iris toca violoncelo – continuou Honoria – e Daisy e eu somos as violinistas.

– Vou deixá-las para que possam ensaiar – anunciou tia Charlotte, seguindo para a porta. – Estou certa de que vocês têm uma tarde muito

ocupada à frente.

As quatro musicistas esperaram até ela sair, então Iris atacou:

– Ela não está realmente doente, não é verdade?

Anne se mostrou surpresa pelo fervor na voz de Iris.

– Perdão?

– Sarah – disse Iris, de um modo nada gentil. – Ela está fingindo. Eu sei.

– Eu não saberia dizer – respondeu Anne, com diplomacia. – Nem sequer a vi.

– Talvez ela esteja com uma erupção cutânea – arriscou Daisy. – E não iria querer que ninguém a visse com a pele toda marcada.

– Nada menos do que a desfiguração me deixaria satisfeita – grunhiu Iris.

– Iris! – repreendeu Honoria.

– Não conheço lady Sarah muito bem – comentou Anne. – Só fui contratada este ano e ela não precisa de governanta.

– Ela não a escutaria, de qualquer modo – afirmou Daisy. – Aliás, você chega a ser mais velha do que Sarah?

– Daisy! – ralhou Honoria. Meu Deus, era uma repreensão atrás da outra.

A prima deu de ombros.

– Se ela nos trata pelo primeiro nome, acho que posso perguntar sua idade.

– Ela é mais velha do que você – replicou Honoria –, portanto não, você não pode perguntar.

– Não há problema – manifestou-se Anne, dando um sorrisinho para Daisy. – Tenho 24 anos. Sou responsável por Harriet, Elizabeth e Frances.

– Que Deus a ajude – murmurou Iris.

Honoria não conseguiu contradizê-la. As três irmãs mais novas de Sarah eram, quando separadas, absolutamente encantadoras. Juntas, no entanto... Havia motivos para que nunca faltasse drama na casa dos Pleinsworths.

Honoria suspirou.

– Acho que deveríamos ensaiar.

– Devo avisá-las que não sou muito boa – disse Anne.

– Está tudo certo. Nenhuma de nós é.

– Isso não é verdade! – protestou Daisy.

Honoria se inclinou um pouco para a frente, de modo que as outras não conseguissem ouvi-la, e sussurrou para a Srta. Wynter:

– Na verdade, Iris é bem talentosa e Sarah era adequada, mas Daisy e eu somos terríveis. Meu conselho é que você coloque um sorriso no rosto e siga em frente como for possível.

Anne pareceu ligeiramente alarmada. Honoria respondeu com um dar de ombros. A jovem logo descobriria o que significava se apresentar em um recital das Smythe-Smiths.

Caso contrário, enlouqueceria tentando.

Marcus chegou cedo naquela noite, embora não soubesse se era para garantir um lugar na frente ou bem atrás. Ele levara flores. Não jacintos-uva – ninguém os tinha, de qualquer modo –, mas duas dúzias de tulipas da Holanda, de aparência vívida.

Nunca dera flores a uma mulher... O que diabos fizera com a própria vida até ali?

Cogitara a hipótese de não comparecer ao recital. Honoria agira de um modo muito estranho no baile de aniversário de lady Bridgerton. Ela ficara zangada com ele por algum motivo. E Marcus não tinha ideia de qual seria, porém nem sabia se isso importava. E Honoria parecera estranhamente distante quando a procurara, logo que ele retornara a Londres.

Mas então, quando os dois dançaram...

Havia sido mágico. E Marcus poderia jurar que Honoria sentira o mesmo. O resto do mundo parecera deixar de existir. Eram apenas os dois em meio a um borrão de cor e som, e ela não pisara nos pés dele nem uma vez – o que já era uma façanha por si só.

Entretanto, talvez ele houvesse imaginado tudo. Ou talvez houvesse sido uma emoção só dele. Porque, quando a música tinha parado, Honoria fora seca e breve. E, mesmo dizendo que não se sentia bem, recusou todas as ofertas de ajuda dele.

Marcus jamais compreenderia as mulheres. Pensara que Honoria seria a exceção a essa regra, mas, ao que parecia, isso não era verdade. E ele passara os últimos três dias tentando descobrir a razão.

No fim, no entanto, Marcus percebeu que não poderia perder o recital. Era uma tradição, como Honoria explicara com tanta eloquência. Ele havia comparecido a todos desde que tivera idade para permanecer sozinho em Londres. Se não fosse ao daquele ano, depois de alegar que aquela fora a razão para voltar a Londres tão rapidamente após a doença... Honoria veria sua atitude como uma bofetada.

Não poderia fazer uma coisa daquelas. Não importava se ela estava zangada com ele. Não importava se ele estava zangado com ela, e Marcus achava que tinha todo o direito de estar. Honoria se comportara do modo mais estranho e hostil... e não lhe dera a menor pista do motivo.

Ela era amiga dele. Mesmo se não o amasse, sempre seria sua amiga. E Marcus não teria coragem de magoá-la de propósito, do mesmo modo que não teria coragem de arrancar a própria mão direita.

Só se apaixonara por Honoria recentemente, mas a conhecia havia quinze anos. Quinze anos em que aprendera a conhecer o tipo de coração que batia no peito dela. E não mudaria de opinião por causa de uma única noite em que Honoria parecera estranha.

Ele seguiu até o salão de música, que estava tomado pela agitação dos criados que o preparavam para a apresentação. Na verdade só queria dar uma olhada em Honoria e talvez lhe oferecer algumas palavras de encorajamento antes do concerto.

Diabos, Marcus achava que era ele quem precisava de encorajamento. Seria doloroso ficar sentado ali e assisti-la fingir que fazia o recital mais importante da vida apenas para agradar à família.

Marcus permaneceu parado em uma das laterais da sala, muito rígido, desejando não ter chegado tão cedo. Parecera uma boa ideia antes, mas agora não sabia o porquê. Honoria não estava em nenhum lugar à vista. Deveria ter imaginado; ela e as primas com certeza afinavam os instrumentos em algum outro lugar da casa. E os criados relanceavam olhares curiosos na direção dele, como se perguntando: “O que está fazendo aqui?”

Ele ergueu o queixo e examinou o salão do mesmo modo que fazia nos eventos mais formais. Provavelmente parecia entediado, sem dúvida parecia orgulhoso, mas nenhuma das duas coisas era uma verdade absoluta.

Marcus desconfiava de que os outros convidados só chegariam no mínimo meia hora antes e começava a se perguntar se deveria esperar na

sala de visitas, que com certeza estaria vazia. Foi quando viu de relance algo rosa passando e percebeu que era lady Winstead, atravessando a sala em uma pressa fora do comum. Ela o viu e correu na direção dele.

– Ah, graças aos céus que você está aqui.

Marcus percebeu sua expressão frenética.

– Algum problema?

– Sarah caiu doente.

– Lamento ouvir isso – comentou ele, com educação. – Ela ficará bem?

– Não faço ideia – retrucou lady Winstead, um tanto acidamente, considerando-se que falava da saúde da sobrinha. – Não a vi. Tudo o que sei é que ela não está aqui.

Marcus tentou controlar a euforia que sentiu.

– Então vocês terão que cancelar o concerto?

– Por que todos perguntam isso? Ah, não importa. É claro que não podemos cancelar. A governanta dos Pleinsworths aparentemente sabe tocar e assumirá o lugar de Sarah.

– Então está tudo bem – concluiu Marcus, e pigarreou. – Não está?

Ela o encarou como se ele fosse uma criança com raciocínio lento.

– Não sabemos se essa governanta é boa.

Marcus não conseguia compreender como o talento da novata ao piano poderia fazer qualquer diferença na qualidade da apresentação como um todo, mas optou por não comentar isso em voz alta. Preferiu dizer algo como “Ah, sim” ou talvez “Entendo bem”. De qualquer modo, sua resposta serviu ao propósito de emitir um som sem falar nada significativo. O melhor que conseguiu naquelas circunstâncias.

– Esse é o nosso décimo oitavo recital, sabia? – perguntou lady Winstead.

Ele não sabia.

– Todos foram um sucesso, e agora acontece isso.

– Talvez a governanta seja muito talentosa – sugeriu Marcus, tentando confortá-la.

Lady Winstead o encarou com impaciência.

– Talento não faz muita diferença quando se teve apenas seis horas para ensaiar.

Marcus percebeu que não havia outro rumo para aquela conversa; ela só seguiria em círculos. Assim, perguntou educadamente se poderia fazer algo para ajudar com a apresentação, mas certo de que lady Winstead

negaria, deixando-o livre para desfrutar de um solitário copo de conhaque na sala de visitas.

Mas, para sua completa surpresa e – é preciso ser honesto – horror, ela segurou a mão dele com ardor e exclamou:

– Sim!

Ele ficou paralisado.

– Como assim?

– Você poderia levar limonada para as moças?

Ela queria que ele...

– *O quê?*

– Todos estão ocupados. Todos. – Ela gesticulou ao redor como se para demonstrar. – Os criados já rearrumaram as cadeiras três vezes.

Marcus relanceou o olhar pela sala, se perguntando o que poderia ser tão complicado em organizar doze fileiras retas.

– A senhora quer que eu leve limonada para elas.

– Elas devem estar com sede.

– Elas não estão *cantando*, certo?

Meu Deus, isso seria o pior horror.

A mãe de Honoria cerrou os lábios, irritada.

– É claro que não. Mas ensaiaram o dia todo. É um trabalho extenuante. Você toca?

– Algum instrumento? Não. – Aquela fora uma das poucas habilidades que o pai de Marcus não vira necessidade que ele desenvolvesse.

– Então não conseguiria entender – replicou ela, muito dramática. – Aquelas pobres garotas devem estar morrendo de sede.

– Limonada – repetiu Marcus, perguntando-se se lady Winstead desejava que ele servisse as moças em uma bandeja. – Muito bem.

Ela franziu a testa e pareceu um pouco aborrecida com a lentidão dele.

– Presumo que você esteja forte o bastante para carregar a jarra?

Aquele insulto foi tão absurdo que nem o aborreceu.

– Acredito que consigo carregar a jarra, sim – respondeu, seco.

– Ótimo. Está ali. – Ela apontou para uma mesa na lateral da sala. – E Honoria está bem ali, depois daquela porta. – Ela indicou os fundos do cômodo.

– Só Honoria?

Lady Winstead estreitou os olhos.

– Claro que não. Elas são um quarteto.

Com isso, ela se afastou para orientar os criados e interrogar as criadas, em uma tentativa de supervisionar um trabalho que já vinha correndo muito bem, na opinião de Marcus.

Ele foi até uma das mesas onde se encontravam petiscos e bebidas e pegou uma jarra de limonada. Ao que parecia, ainda não haviam colocado os copos ali. Imaginou se lady Winstead esperava que ele despejasse limonada pela garganta das moças.

Marcus sorriu. Era uma imagem divertida.

Com a jarra na mão, passou pela porta que lady Winstead indicara, movendo-se silenciosamente para não perturbar qualquer ensaio que ainda pudesse estar em curso.

Não havia ensaio algum.

Marcus viu quatro mulheres discutindo como se o destino da Grã-Bretanha dependesse da decisão. Bem, não, na verdade, apenas três mulheres brigavam. A que se sentava ao piano – presumiu ser a governanta – se mantinha sabiamente à parte da altercação.

O mais impressionante era que as três Smythe-Smiths conseguiam debater sem erguer as vozes. Marcus supôs que fosse um acordo tácito em razão dos convidados que, elas sabiam, logo estariam chegando e se acomodando no salão ao lado.

– Se você apenas sorrisse, Iris – disse Honoria, irritada –, tornaria tudo tão mais fácil!

– Para quem? Para você? Porque lhe asseguro que não tornaria nada mais fácil para mim.

– Não me importo se ela não sorrir – falou a outra. – Não me importo se ela nunca mais voltar a sorrir. Ela é cruel.

– Daisy! – exclamou Honoria.

A garota estreitou os olhos e encarou Iris com raiva.

– Você é cruel.

– E você é uma idiota.

Marcus olhou para a governanta, que descansava a cabeça no piano. Havia quanto tempo as Smythe-Smiths estariam naquela discussão?

– Pode *tentar* sorrir? – perguntou Honoria, parecendo cansada.

Iris esticou os lábios em uma expressão tão assustadora que Marcus quase abandonou a sala.

– Santo Deus, não – murmurou Honoria. – Não faça isso.

– É difícil fingir bom humor quando tudo o que mais desejo é me jogar pela janela.

– A janela está fechada – informou Daisy, séria.

O olhar de Iris era veneno puro.

– Exatamente.

– Por favor – implorou Honoria. – Podemos apenas seguir em frente?

– Acho que estamos fantásticas – opinou Daisy, fungando. – Ninguém imaginaria que tivemos apenas seis horas para ensaiar com Anne.

A governanta levantou os olhos ao ouvir o próprio nome, então baixou-os de novo ao perceber que não precisava responder.

Iris se virou na direção da irmã com algo que beirava a maldade.

– Você não saberia diferenciar... Ai! Honoria!

– Desculpe. Foi meu cotovelo?

– Nas minhas costelas.

Honoria sibilou algo para Iris que Marcus supôs que fosse apenas para a moça ouvir, mas claramente era sobre Daisy, porque Iris dirigiu um olhar de desprezo à irmã mais nova, revirou os olhos e falou:

– Está bem.

Marcus voltou a fitar a governanta, que agora parecia contar as manchas no teto.

– Vamos tentar uma última vez? – perguntou Honoria, com uma determinação cansada.

– Não consigo imaginar de que adiantaria. – A observação foi feita por Iris, naturalmente.

Daisy a encarou com um olhar devastador e disparou:

– A prática leva à perfeição.

Marcus pensou ter visto a governanta abafar uma risadinha. Ela enfim levantou os olhos e o viu parado com a jarra de limonada. Marcus levou o dedo aos lábios, a governanta assentiu brevemente, sorriu e se voltou de novo para o piano.

– Estamos prontas? – indagou Honoria.

As violinistas ergueram seus instrumentos.

As mãos da governanta pairaram sobre as teclas do piano.

Iris deixou escapar um gemido de infelicidade, mas ainda assim levou o arco ao violoncelo.

Então o horror começou.

CAPÍTULO 20

Marcus não conseguiria de modo algum descrever o som produzido pelos quatro instrumentos na sala de ensaio das Smythe-Smiths. Não sabia nem se havia palavras para descrevê-lo, ao menos não de forma educada. Abominava a ideia de chamar aquilo de música; na verdade, era mais uma tortura do que qualquer outra coisa.

Ele encarou cada uma das jovens. A governanta estava um pouco frenética, a cabeça balançando para a frente e para trás. Daisy tinha os olhos fechados e oscilava o corpo como se estivesse tomada pela glória da... bem, Marcus supôs que precisaria chamar aquilo de música. Iris parecia ter vontade de chorar. Ou, mais provavelmente, de matar Daisy.

E Honoria...

Ela estava tão encantadora que *ele* quis chorar. Ou, talvez, de destruir seu violino.

Honoria não exibia a mesma expressão do recital anterior: o sorriso beatífico e os olhos radiantes de paixão. Agora, atacava o violino com uma determinação implacável, os olhos semicerrados, os dentes trincados, como se guiasse suas tropas em uma batalha.

Era ela que unia aquele quarteto absurdo e Marcus não poderia tê-la amado mais.

Ele não sabia se as jovens tinham a intenção de ensaiar toda a peça musical, mas Iris ergueu os olhos, o viu e deixou escapar um "Oh!" alto o bastante para fazer com que todas se detivessem.

– Marcus! – exclamou Honoria.

Ele teria jurado que ela parecia feliz em vê-lo, apesar de não ter mais tanta certeza se ainda poderia confiar no próprio julgamento nessa questão.

– Por que está aqui? – perguntou ela.

Marcus ergueu a jarra.

– Sua mãe me mandou trazer a limonada.

Por um momento, Honoria apenas o encarou, então caiu na gargalhada. Iris seguiu a deixa e a governanta chegou até a esboçar um sorriso. Daisy ficou parada, desconcertada.

– O que é tão engraçado? – quis saber.

– Nada – disse Honoria às pressas. – É só que... meu Deus, o dia todo... e agora minha mãe manda um conde nos servir limonada.

– Não acho isso engraçado – comentou Daisy –, mas extremamente inapropriado.

– Não lhe dê atenção – replicou Iris. – Daisy não tem senso de humor.

– Isso não é verdade!

Marcus ficou imóvel e permitiu que apenas seus olhos se desviassem para Honoria em busca de orientação. Ela assentiu bem de leve, confirmando a declaração de Iris.

– Diga, milorde – indagou Iris, com exagero –, o que achou de nossa apresentação?

Marcus não responderia essa pergunta sob nenhuma circunstância.

– Estou aqui apenas para servir limonada.

– Boa saída – murmurou Honoria, levantando-se para juntar-se a ele.

– Espero que vocês tenham copos – falou Marcus –, porque não havia nenhum para eu trazer.

– Temos – informou Honoria. – Por favor, poderia servir primeiro a Srta. Wynter? Ela foi a que trabalhou mais duro, já que só se juntou ao quarteto esta tarde.

Marcus concordou em um murmúrio e foi até o piano.

– Ahn, aqui está – disse um tanto rígido, pois, como era de esperar, não estava acostumado a servir bebidas.

– Obrigada, milorde – agradeceu a jovem, estendendo um copo.

Ele a serviu e se inclinou em uma cortesia educada.

– Já nos conhecemos? – perguntou. Ela parecia familiar.

– Acho que não – respondeu a governanta, e rapidamente deu um gole na limonada.

Marcus resolveu não pensar mais naquilo e seguiu para onde estava Daisy. Se ainda a Srta. Wynter tivesse um desses rostos comuns... mas esse não era o caso. Ela era belíssima, só que de modo tranquilo e sereno. Não era de forma alguma o tipo de pessoa que uma mãe costumaria contratar

como governanta. Marcus imaginou que lady Pleinsworth se sentira segura para fazer isso, afinal não tinha filhos homens e, pelo que ele sabia, o marido nunca saía da casa em Dorset.

– Obrigada, milorde – disse Daisy quando ele a serviu. – É muito democrático de sua parte assumir essa tarefa.

Marcus não tinha a menor ideia de como responder àquilo, por isso apenas assentiu, constrangido, e se virou para Iris, que revirava os olhos, zombando abertamente da irmã. Ela sorriu em agradecimento quando ele a serviu e Marcus enfim pôde se voltar para Honoria.

– Obrigada – disse ela, dando um gole.

– O que vai fazer?

Ela o encarou com uma expressão questionadora.

– A respeito do quê?

– A respeito do concerto – esclareceu Marcus, achando óbvio.

– Como assim? Vou tocar. O que mais posso fazer?

Ele fez um gesto sutil com a cabeça na direção da governanta.

– Você tem uma desculpa perfeita para cancelar.

– Não posso fazer isso – replicou Honoria, mas havia um toque de arrependimento em sua voz.

– Você não precisa se sacrificar por sua família – comentou ele em voz baixa.

– Não é nenhum sacrifício. É... – Honoria deu um sorriso envergonhado, talvez um pouco melancólico – Não sei o que é, mas não é um sacrifício. – Ela ergueu os olhos enormes e cálidos. – É o que eu faço.

– Eu...

Honoria esperou um instante, então perguntou:

– O que foi?

Marcus quis dizer que ela provavelmente era a pessoa mais corajosa e abnegada que ele conhecia. Quis dizer que assistiria a milhares de recitais das Smythe-Smiths se fosse o necessário para estar com ela.

Quis dizer que a amava. Mas não poderia fazer nada disso ali.

– Não é nada. É só que admiro você.

Honoria deu uma risadinha.

– Talvez você mude de ideia até o fim da noite.

– Eu não conseguiria fazer o que você faz – sussurrou Marcus.

Honoria o encarou, surpresa com a gravidade na voz dele.

– Do que você está falando?

Marcus não sabia muito bem como organizar as palavras, por isso acabou só respondendo, a duras penas:

– Não gosto de estar no centro das atenções.

Ela inclinou a cabeça para o lado e o observou por um longo momento antes de comentar:

– Não, você não gosta. Sempre foi uma árvore.

– Perdão?

A expressão dela se tornou comovida.

– Estou me referindo àquelas terríveis pantomimas que apresentávamos na infância. Você sempre era uma árvore.

– Nunca tive que dizer nada.

– E sempre ficou parado no fundo.

Marcus se deu conta de que abrira um sorriso torto e sincero.

– Eu gostava muito de ser uma árvore.

– Você era uma boa árvore. – Honoria deu um sorriso também... lindo e radiante. – O mundo precisa de mais árvores.

No fim do recital, o rosto de Honoria doía de tanto sorrir. Ela abrira um sorrisinho durante o primeiro movimento, alargara-o no segundo e, já no terceiro, parecia até estar no consultório de um dentista.

A apresentação fora tão terrível quanto ela temera. Na verdade, era bem possível que tivesse sido a pior na história dos concertos das Smythe-Smiths, e isso não era pouco. Anne era razoavelmente talentosa ao piano e, caso houvesse treinado por mais de seis horas, quem sabe pudesse até fazer um trabalho decente. No fim das contas, ela permaneceu o tempo todo um compasso e meio atrás do resto do quarteto.

Para complicar, Daisy estava sempre um compasso e meio *à frente*.

Iris tocou brilhantemente, ou melhor, poderia ter tocado. Honoria a ouvira praticando sozinha e ficara tão surpresa com o talento da prima que não se surpreenderia se Iris se levantasse de repente e anunciasse que fora adotada.

Contudo, Iris estava tão arrasada por ser forçada a subir naquele palco improvisado que movia o arco do violoncelo sem o mínimo vigor. Seus ombros estavam curvados, a expressão sofrida, e toda vez que Honoria

relanceava o olhar na direção dela, a prima parecia à beira de desabar sobre o instrumento.

Quanto a Honoria... Bem, ela havia sido terrível. Mas sabia que seria. Na verdade, achou que conseguira ser ainda pior do que o normal. Estava tão concentrada em manter a boca esticada naquele sorriso enlevado que frequentemente se perdia na partitura.

Porém, tinha valido a pena. A maior parte da primeira fila da plateia estava ocupada pela família dela. A mãe se encontrava lá, e todas as tias. Várias irmãs e uma grande quantidade de primos... Todos sorriam encantados para ela, muito orgulhosos e felizes de darem continuidade à tradição.

Os outros espectadores pareciam ligeiramente nauseados, mas, ora, deveriam saber no que estavam se metendo. Depois de quase duas décadas de concertos das Smythe-Smiths, nenhuma pessoa comparecia a um deles sem ter alguma pista dos horrores que a aguardavam.

Houve uma bela rodada de aplausos – Honoria tinha quase certeza de que celebravam o fim do concerto. Quando as palmas cessaram, ela manteve o sorriso, cumprimentando os convidados que tiveram coragem bastante para se aproximar do palco.

Desconfiava de que a maioria deles duvidava da própria capacidade de manter o rosto impassível enquanto parabenizava as musicistas.

Então, quando Honoria achou que não precisaria mais disfarçar que acreditava em todos os que estavam presentes e fingiam ter gostado do recital, a última pessoa se aproximou.

Não era Marcus, maldição. Ele parecia estar muito entretido em uma conversa com Felicity, que todos sabiam ser a mais bela das quatro irmãs Featheringtons.

Com o maxilar já meio travado, Honoria tentou alargar o sorriso enquanto cumprimentava...

Lady Danbury. Ai, meu Deus.

Honoria se esforçou para não parecer apavorada, mas, que se danasse tudo, aquela mulher a apavorava.

Tump tump, fez a bengala.

– Você não é uma das novatas, certo?

– Desculpe, madame? – idnagou Honoria, porque sinceramente não tinha ideia do que a mulher queria dizer.

Lady Danbury se inclinou para a frente, o rosto tão enrugado que os olhinhos apertados quase desapareciam.

– Você tocou no ano passado. Não tenho como verificar o programa porque não o guardo. É papel de mais.

– Ah, entendo. Sim, madame, aliás, não, não sou uma das novatas.

Ela tentou manter o autocontrole e enfim resolveu que não importava se havia falado corretamente, porque lady Danbury parecia ter compreendido o que quisera dizer.

Pelo menos metade do cérebro de Honoria estava concentrada em Marcus e no fato de que ele ainda conversava com Felicity Featherington. Não pôde deixar de notar que a moça estava excepcionalmente bela naquela noite, em um vestido do tom exato da prímula que ela, Honoria, tivera a intenção de comprar antes de partir de Londres para cuidar de Marcus.

Havia tempo e lugar para tudo, decidiu Honoria, até mesmo para mesquinharia.

Lady Danbury se inclinou para a frente e olhou para o instrumento nas mãos de Honoria.

– Violino?

Honoria voltou o olhar para a senhora.

– Ahn, sim, madame.

A velha condessa encarou a jovem com uma expressão arguta.

– Você teve vontade de comentar que não podia ser um piano, deu para notar.

– Não, madame. – Então, como a noite tinha sido terrível, decidiu completar: – Eu ia comentar que não era um violoncelo.

O rosto enrugado de lady Danbury se abriu em um sorriso e ela riu alto o bastante para a mãe de Honoria olhar na direção das duas, alarmada.

– Acho difícil distinguir entre um violino e uma viola – comentou a senhora. – Você não acha?

– Não – respondeu Honoria, sentindo-se um pouco mais corajosa agora –, mas talvez seja porque eu toco violino.

Bem, acrescentou mentalmente, *“tocar” talvez seja um verbo ambicioso demais*. Guardou o pensamento para si mesma.

Lady Danbury bateu com a bengala.

– Não reconheci a moça ao piano.

– Aquela é a Srta. Wynter, governanta dos Pleinsworths. Minha prima Sarah ficou doente e precisou ser substituída. – Honoria franziu a testa. – Achei que haveria um comunicado a respeito.

– Deve ter havido. Eu com certeza não estava ouvindo.

Honoria esperava que lady Danbury também não tivesse ouvido nada da apresentação, mas se conteve e não comentou nada. Precisava manter uma fachada de animação e culpava inteiramente Marcus – e, em menor extensão, Felicity Featherington – por estar tão irritada.

– Para quem você está olhando? – perguntou lady Danbury em um tom malicioso.

– Para ninguém – respondeu Honoria depressa demais.

– Então quem você está *procurando*?

Meu Deus, a mulher parecia um carrapato.

– Ninguém, madame – disse Honoria, esperando ter soado doce.

– Humpf. Ele é meu sobrinho, você sabe.

Honoria tentou não parecer alarmada.

– Desculpe?

– Chatteris. Meu sobrinho-bisneto, para ser mais exata, mas a palavra faz com que eu me sinta uma anciã.

Honoria olhou para Marcus, então de volta para lady Danbury.

– Mar... quero dizer, lorde Chatteris é seu sobrinho?

– Não que ele me visite com a frequência que deveria.

– Ora, ele não gosta de Londres – comentou Honoria sem pensar.

Lady Danbury deixou escapar uma gargalhada travessa.

– Você sabe disso, não é mesmo?

Honoria odiou sentir o rosto arder.

– Convivi com ele por quase toda a minha vida.

– Sim, sim – concordou lady Danbury, um tanto distraída –, foi o que ouvi dizer. Eu... – Algo pareceu chamar sua atenção e ela se inclinou com um olhar terrível. – Vou lhe fazer um *enorme* favor.

– Eu gostaria que não fizesse – retrucou Honoria com a voz fraca, porque com certeza nada de bom poderia vir daquela expressão.

– Bobagem. Deixe tudo comigo. Tenho um bom histórico com esse tipo de coisa. – Ela fez uma pausa. – Bem, na verdade houve resultados positivos e negativos, mas sou otimista.

– O quê? – perguntou Honoria, já desesperada.

Lady Danbury a ignorou.

– Sr. Bridgerton! Sr. Bridgerton! – chamou com entusiasmo.

Ela acenou, mas infelizmente segurava a bengala e Honoria precisou desviar para evitar ter a orelha arrancada.

Quando Honoria conseguiu se empertigar de novo, elas tinham a companhia de um belo homem, com um brilho malicioso nos olhos verdes. Demorou um instante, mas pouco antes de ele ser apresentado, ela o reconheceu como Colin Bridgerton, um dos irmãos mais velhos de Gregory. Honoria nunca o encontrara, mas tinha ouvido as irmãs mais velhas suspirarem sem parar por causa do rapaz quando estavam livres e solteiras. O encanto dele era quase tão lendário quanto o sorriso.

E, no momento, o sorriso de Colin Bridgerton se dirigia a ela. Honoria sentiu um sobressalto no estômago, mas logo o controlou. Se não estivesse desesperadamente apaixonada por Marcus (cujo sorriso era muito mais sutil e, portanto, mais significativo), aquele seria um homem perigoso.

– Estive fora do país – comentou o Sr. Bridgerton em uma voz suave, logo depois de beijar a mão de Honoria –, logo não sei se fomos apresentados.

Honoria assentiu e estava prestes a dizer algo banal quando viu que a mão dele estava enfaixada.

– Espero que seu ferimento não tenha sido grave – comentou com educação.

– Ah, isso? – Ele ergueu a mão; apenas os dedos estavam livres da bandagem. – Não foi nada. Um desentendimento com um abridor de cartas.

– Bem, tome cuidado para não infeccionar – disse Honoria, num tom mais vigoroso do que era *de rigueur*. – Se ficar vermelho, inchado ou, ainda pior, amarelo, deve procurar rapidamente um médico.

– E verde? – brincou ele.

– Como?

– É que a senhorita listou duas cores com as quais eu deveria me preocupar.

Por um momento, Honoria só conseguiu encará-lo. Um ferimento infeccionado não era motivo para brincadeira.

– Lady Honoria? – murmurou o Sr. Bridgerton.

Ela decidiu agir como se ele não houvesse dito nada.

– Mais importante ainda: precisa observar se há faixas vermelhas se irradiando a partir do ferimento. Isso é o pior.

Ele piscou, mas, se estava surpreso com o rumo da conversa, não demonstrou. Em vez disso, fitou a mão com uma expressão curiosa e perguntou:

– Vermelho em que medida?

– Como?

– Com qual grau de vermelhidão devo me preocupar?

– Como você sabe tanto de medicina? – interrompeu lady Danbury.

– Entenda, não tenho certeza do grau de vermelhidão – respondeu Honoria ao Sr. Bridgerton. – Eu diria que qualquer mancha é motivo para alarme. – Então, virou-se para lady Danbury e explicou: – Ajudei uma pessoa recentemente, que estava com um ferimento e uma infecção terrível.

– Na mão? – questionou a senhora.

Honoria não tinha a menor ideia do que ela estava falando.

– O ferimento era na mão? No braço? Na perna? Detalhes fazem a diferença, menina. – Lady Danbury bateu a bengala, errando por pouco o pé do Sr. Bridgerton. – Caso contrário, a história é fraca.

– Desculpe. Ahn... na perna.

Lady Danbury ficou em silêncio por um momento, então soltou de novo uma gargalhada gostosa. Honoria não entendeu o motivo. Nesse momento, a senhora disse algo sobre precisar conversar com a outra violinista e saiu, deixando Honoria sozinha com o Sr. Bridgerton – ou tão sozinha quanto duas pessoas poderiam ficar em uma sala cheia.

Honoria só pôde observar lady Danbury abrindo caminho na direção de Daisy.

– Não se preocupe, na maior parte do tempo ela é inofensiva – comentou o Sr. Bridgerton.

– Minha prima Daisy? – perguntou, em dúvida.

– Não – respondeu ele, desconcertado por um instante. – Lady Danbury.

Honoria olhou para além dele, para Daisy e a senhora.

– Ela é surda?

– Sua prima Daisy?

– Não, lady Danbury.

– Acredito que não.

– Ah. – Honoria se encolheu. – Isso é péssimo. Deve passar a ser depois que Daisy terminar com ela.

O Sr. Bridgerton não resistiu e olhou por sobre o ombro. Foi recompensado com a visão – ou, mais corretamente, com o som – de Daisy enunciando todas as frases bem alto e devagar para lady Danbury. Ele também se retraiu.

– Isso não vai terminar bem – murmurou ele.

Honoria não conseguiu fazer nada além de balançar a cabeça e murmurar:

– Não.

– Sua prima gosta de ter os dedos dos pés?

Honoria o encarou, confusa.

– Acredito que sim.

– É melhor ela ficar atenta àquela bengala, então.

Honoria olhou para a prima bem a tempo de vê-la escapar um gritinho enquanto tentava recuar, sem êxito, e a bengala de lady Danbury a prendeu no lugar com firmeza.

Honoria e o Sr. Bridgerton ficaram ali por um momento, tentando não sorrir, então ele comentou:

– Soube que esteve em Cambridge no mês passado.

– Sim. Tive o prazer de jantar com seu irmão.

– Gregory? É mesmo? A senhorita classificaria isso como um prazer?

Colin sorria ao falar e, no mesmo instante, Honoria imaginou como deveria ser a vida na casa dos Bridgertons: cheia de implicâncias e amor.

– Ele foi muito gentil comigo – afirmou Honoria com um sorriso.

– Posso lhe contar um segredo? – murmurou o Sr. Bridgerton.

Honoria decidiu que, no caso dele, era certo e adequado ouvir um mexerico – o homem era um sedutor incrível.

– Devo guardar segredo? – perguntou ela, inclinando-se só um pouco mais para a frente.

– Com certeza não.

Honoria abriu um largo sorriso.

– Então, sim, por favor.

O Sr. Bridgerton se aproximou mais, quase da mesma forma como fizera Honoria.

– Ele ficou conhecido por catapultar ervilhas através da mesa de jantar.

Honoria assentiu, muito séria.

– Ele tem feito isso recentemente?

– Não, não muito recentemente.

Honoria cerrou os lábios, tentando não sorrir. Era tão agradável testemunhar aquele tipo de brincadeira entre irmãos... Houvera muito disso na casa dela, embora, na maior parte do tempo, Honoria tivesse sido apenas uma testemunha. Era muito mais jovem do que o resto dos irmãos e, para dizer a verdade, quase sempre se esqueciam de implicar com ela.

– Tenho apenas uma pergunta, Sr. Bridgerton.

Ele inclinou a cabeça, aguardando.

– Como essa catapulta foi construída?

Ele sorriu.

– Com uma simples colher, lady Honoria. Mas, nas mãos diabólicas de Gregory, não havia nada de simples nela.

Honoria riu. Então, de repente, sentiu uma mão em seu cotovelo.

Era Marcus, e parecia furioso.

CAPÍTULO 21

Marcus não conseguia se lembrar da última vez que se vira inclinado à violência, mas, enquanto permanecia parado, observando o sorrisinho afetado de Colin Bridgerton, sentiu-se terrivelmente tentado a ser agressivo.

– Lorde Chatteris – murmurou Bridgerton, cumprimentando-o com um aceno de cabeça educado.

Um aceno de cabeça educado e um *olhar*. Se Marcus estivesse mais bem-humorado, talvez compreendesse o que naquele olhar o irritara tanto, mas não estava de bom humor. *Estivera* de bom humor, aliás, de ótimo humor, apesar de ter suportado o que devia ser a pior interpretação de Mozart já conhecida pela humanidade.

Não importava que uma trágica porção de seus ouvidos houvesse morrido naquela noite: o resto de seu corpo se inundara de felicidade. Marcus tinha se acomodado em seu lugar e observado Honoria. Durante o último ensaio ela fora uma guerreira severa, mas no recital se tornara um alegre membro do corpo militar. Honoria havia sorrido ao longo de toda a apresentação e Marcus sabia que ela não estava sorrindo para a plateia, ou mesmo devido à música. Honoria sorria para as pessoas que amava. E ele pôde, mesmo que por um brevíssimo instante, imaginar que era uma dessas pessoas.

No coração de Marcus, Honoria sorria para ele.

Mas agora ela estava sorrindo para Colin Bridgerton, famoso pelo charme e pelos cintilantes olhos verdes. Aquilo até havia sido tolerável, mas, quando Colin Bridgerton começara a sorrir para Honoria...

Algumas coisas não podiam ser suportadas.

Porém, antes que pudesse interceder, precisou se desembaraçar da conversa com Felicity Featherington – ou melhor, com a mãe dela, que o

prendia no equivalente verbal de um torno. Marcus provavelmente fora mal-educado. Não, com certeza fora, mas escapar das Featheringtons não era algo que se conseguisse com tato ou sutileza.

Por fim, depois de arrancar o braço da mão da Sra. Featherington, Marcus foi até onde estava Honoria, que se mostrava muito animada, rindo feliz com o Sr. Bridgerton.

Marcus tivera toda a intenção de ser educado. De verdade. Mas, bem no momento em que se aproximava, Honoria deu um passinho para o lado e ele viu, aparecendo por baixo da saia dela, um lampejo de cetim vermelho.

Ela estava usando os sapatos vermelhos da sorte.

E, de repente, Marcus sentiu-se arder.

Não queria que outro homem visse aqueles sapatos. Não queria que outro homem nem *soubesse* a respeito deles.

Marcus observou-a retornar para onde estivera, o sedutor relance de vermelho voltando a se ocultar sob a saia. Ele se adiantou e disse, talvez em um tom mais glacial do que pretendera:

– Lady Honoria.

– Lorde Chatteris – replicou ela.

Marcus odiava quando ela o chamava assim.

– Que prazer vê-lo. – O tom de Honoria era o de uma conhecida educada ou talvez de uma prima bem distante. – Já foi apresentado ao Sr. Bridgerton?

– Sim – foi a resposta sucinta de Marcus.

Bridgerton assentiu e Marcus fez o mesmo; ao que parecia, aquele seria o máximo de comunicação que ambos pretendiam travar.

Marcus esperou que Bridgerton inventasse alguma desculpa para se afastar, porque com certeza entendera que era o que se esperava dele. Contudo, o camarada inconveniente permaneceu ali, sorrindo, como se não tivesse uma única preocupação no mundo.

– O Sr. Bridgerton estava dizendo... – começou Honoria.

No mesmo instante, Marcus disse:

– Se puder nos dar licença... Preciso falar em particular com lady Honoria.

Marcus ergueu a voz e foi mais direto, assim conseguiu terminar a frase, ao contrário de Honoria, que fechou a boca com firmeza e se recolheu a um silêncio sepulcral.

Bridgerton encarou Marcus com uma expressão avaliativa, mantendo-se onde estava apenas por tempo suficiente para fazer o outro cerrar o maxilar. Então, como se aquele momento nunca houvesse ocorrido, numa fração de segundos Bridgerton se tornou encantador e fez uma reverência elegante e jovial.

– Mas é claro. Estava mesmo ansiando por um copo de limonada.

Ele fez mais uma mesura, sorriu e se foi.

Honoria esperou até que o Sr. Bridgerton já não pudesse mais ouvi-los, então se virou para Marcus com uma expressão furiosa.

– Isso foi incrivelmente rude da sua parte.

Ele a encarou com firmeza.

– Ao contrário do Sr. Bridgerton mais jovem, esse não é nada ingênuo.

– Do que está falando?

– Você não deveria estar flertando com ele.

Honoria ficou boquiaberta.

– Eu não estava!

– É claro que sim – retorquiu Marcus. – Eu a estava observando.

– Nada disso. Você estava conversando com Felicity Featherington!

– Que é bem mais baixa do que eu. Assim, conseguia ver acima da cabeça dela.

– Se quer saber – atacou Honoria, sem conseguir acreditar que ele estava ofendido –, foi a sua tia que o chamou. Espera que eu seja rude e o destrate aqui, na minha própria casa? Em um evento para o qual, devo acrescentar, ele recebeu um convite?

Honoria não tinha certeza absoluta da última parte, mas imaginou que a mãe não deixaria de convidar um dos Bridgertons.

– Minha tia? – perguntou Marcus.

– Lady Danbury. Sua tatatatatata... – ele a fuzilou com os olhos, mas ela continuou, só para irritá-lo –... tatatatataravó.

Marcus disse algo bem baixinho, então, em um tom ligeiramente mais apropriado, falou:

– Ela é uma ameaça.

– Gosto dela – desafiou Honoria.

Marcus permaneceu em silêncio, mas parecia furioso. Tudo em que Honoria conseguia pensar era... *Por quê?* Era ela, Honoria, que estava apaixonada por um homem que claramente a via como um fardo. Os dois cultivavam uma amizade agradável, mas ainda assim era um fardo.

Mesmo ali, naquele momento, ele ainda estava sendo guiado pela promessa idiota que fizera a Daniel, espantando cavalheiros que lhe pareciam inadequados.

Se ele não estava disposto a amá-la, ao menos poderia parar de arruinar as chances dela com todos os outros.

– Estou indo – declarou Honoria, porque não conseguia mais suportar aquilo.

Não queria mais vê-lo, não queria ver Daisy, Iris ou a mãe, nem mesmo o Sr. Bridgerton, que naquele momento estava em um canto, com sua limonada, jogando charme para a irmã mais velha de Felicity Featherington.

– Aonde você vai? – quis saber Marcus.

Ela não respondeu. Não via por que seria da conta dele.

Honoria saiu do salão sem olhar para trás.

Maldição.

Marcus sentiu vontade de ir atrás de Honoria, mas nada teria causado uma cena maior. Ele também gostaria de pensar que ninguém percebera a discussão dos dois, mas Colin Bridgerton tinha um sorrisinho debochado acima do copo de limonada. Além disso, lady Danbury exibia aquela expressão que Marcus normalmente ignorava, que lhe dizia: "Sou onisciente, sou onipotente."

Daquela vez, no entanto, desconfiava de que, de algum modo, ela orquestrara a queda dele.

Por fim, quando o irritante Sr. Bridgerton ergueu a mão enfaixada em um cumprimento zombeteiro, Marcus decidiu que já bastava para ele e saiu pisando duro pela mesma porta por onde Honoria passara pouco antes. Ao diabo com os mexericos. Se alguém percebesse que ambos haviam saído e desejasse provocar uma confusão, que exigissem que Marcus a pedisse em casamento.

Ele não via nenhum problema.

Depois de procurar no jardim, na sala de visitas, no salão de música, na biblioteca, até mesmo nas cozinhas, Marcus enfim encontrou Honoria no quarto dela, um lugar que ele se obrigara a não considerar. Entretanto, passara tempo suficiente na Casa Winstead para saber onde ficavam os

aposentos particulares. Após buscar em todos os cômodos, bem, ela realmente esperava que ele não a encontraria ali?

– Marcus! – ela quase guinchou. – O que está fazendo aqui?

Bem, ao que parecia, ela não esperava que ele a encontrasse ali.

As primeiras palavras que saíram da boca de Marcus foram infelizes.

– O que há de errado com você?

– O que há de errado comigo?! – Honoria sentou-se rapidamente e arrastou o corpo na direção da cabeceira da cama. – O que há de errado com você?

– Foi você que saiu tempestuosamente de uma festa para ficar emburrada em um canto.

– Não é uma festa. É um concerto.

– É o *seu* concerto.

– E ficarei emburrada se quiser – resmungou ela.

– O quê?

– Nada. – Honoria o encarou, irritada, com os braços cruzados. – Você não deveria estar aqui.

Marcus ergueu a mão para o ar como se dissesse (com grande sarcasmo): *É sério isso?*

Ela olhou para a mão dele, então para o seu rosto.

– O que você quer dizer?

– Você acabou de passar quase uma semana inteira no *meu* quarto.

– Você estava quase morto!

O argumento dela de fato era bom, mas Marcus não estava preparado para admitir.

– Agora, escute aqui – continuou ele, voltando ao ponto que importava –, eu estava lhe fazendo um favor quando pedi a Bridgerton para nos dar licença.

Ela ficou boquiaberta de novo, ultrajada.

– Você...

– Ele não é o tipo de pessoa com quem você deva conviver – concluiu Marcus, interrompendo-a.

– *O quê?*

– Pode manter a voz baixa? – sibilou ele.

– Eu não estava fazendo barulho algum até você entrar – rebateu ela.

Marcus se adiantou um passo, incapaz de manter o corpo inteiramente sob controle.

– Ele não é o homem certo para você.

– Eu nunca disse que era! Foi lady Danbury que o chamou.

– Ela é uma ameaça.

– Você já disse isso.

– Vale a pena repetir.

Honoria – *finalmente!* – saiu da cama.

– O que diabos é tão "ameaçador" no fato de ela me apresentar a Colin Bridgerton?

– Porque ela estava tentando me deixar com ciúmes! – praticamente gritou Marcus.

Os dois ficaram em silêncio. Então, depois de um rápido olhar na direção da porta, ele se apressou até lá e a fechou.

Quando voltou a encarar Honoria, ela estava tão imóvel que ele pôde vê-la engolir em seco. Seus olhos estavam muito arregalados – com aquela expressão sábia e solene que sempre o enervara. Sob a luz bruxuleante das velas, pareciam quase prateados, e Marcus sentiu-se hipnotizado.

Honoria era linda. Ele já sabia disso, mas a realidade voltou a atingi-lo com tamanha força que quase o derrubou.

– Por que ela iria fazer isso? – perguntou Honoria em voz baixa.

Marcus cerrou os dentes, tentando não responder, mas por fim falou:

– Não sei.

– Por que ela acha que *conseguiria* fazer isso? – pressionou Honoria.

– Porque ela acha que pode tudo – retrucou Marcus em um tom desesperado.

Faria tudo para evitar a verdade. Não que ele não quisesse dizer a Honoria que a amava, mas aquele não era o momento. Não era o modo como queria fazer aquilo.

Ela voltou a engolir em seco, o movimento dolorosamente exagerado pela imobilidade total do corpo.

– E por que acha que é seu dever escolher com que homens devo ou não conviver?

Ele não disse nada.

– Por quê, Marcus?

– Daniel me pediu – respondeu ele em uma voz tensa, rígida.

Não se envergonhava disso. Não estava constrangido por não ter contado a ela. Mas não gostava de ficar acuado.

Honoria respirou fundo e soltou um suspiro longo e trêmulo. Ela levou a mão à boca, capturando o fim do suspiro, então fechou os olhos com força. Por um momento, Marcus pensou que ela fosse chorar, mas percebeu que Honoria apenas tentava controlar suas emoções. Tristeza? Raiva? Ele não conseguiu decifrar e, por algum motivo, isso o atingiu como uma estaca no coração.

Queria conhecê-la. Queria conhecê-la totalmente.

– Bem – disse Honoria por fim –, Daniel logo estará de volta, portanto você está liberado de suas responsabilidades.

– Não. – A palavra saiu como um juramento, emergindo do fundo do ser dele.

Ela o encarou com um misto de impaciência e confusão.

– O que quer dizer?

Marcus se adiantou. Não tinha certeza do que estava fazendo. Sabia apenas que não conseguia se deter.

– Não quero ser liberado.

Honoria entreabriu os lábios.

Ele se adiantou outro passo. O coração de Marcus batia disparado e algo dentro dele ardeu, ávido. Naquele momento, se havia mais alguma coisa no mundo além de Honoria, além dele... desconhecia.

– Quero você – disse Marcus, as palavras saindo de repente, quase duras, mas de uma verdade absoluta, inegável. – Quero você – repetiu, e estendeu a mão para pegar a da jovem. – *Eu quero você.*

– Marcus, eu...

– Quero beijá-la – continuou ele, e levou um dedo aos lábios dela. – Quero abraçá-la. – Então, porque não conseguiria manter aquilo dentro de si por mais nem um segundo, acrescentou: – Estou ardendo por você.

Marcus tomou o rosto dela nas mãos e a beijou. Beijou-a com tudo o que vinha crescendo dentro dele, com cada anseio, com a voracidade nascida do desejo. Desde o momento em que se dera conta de que a amava, aquela paixão se intensificava. Provavelmente estivera lá o tempo todo, apenas esperando que ele percebesse.

Ele a amava.

Ele a queria.

Ele precisava dela.

E precisava dela naquele instante.

Passara a vida toda sendo um perfeito cavalheiro. Nunca flertara. Nunca fora um libertino. Odiava ser o centro das atenções, mas, por Deus, desejava ser o centro da atenção de Honoria. Queria fazer o que era errado, o que era maligno. Queria puxá-la para seus braços e levá-la para a cama. Queria despir cada peça de roupa dela e adorá-la. Queria mostrar a Honoria todas as coisas que nem saberia como descrever.

– Honoria – falou Marcus, porque podia ao menos enunciar o nome dela. E talvez ela ouvisse em sua voz o que ele sentia.

– Eu... eu...

Honoria tocou-lhe a face, seus olhos se movendo pelo rosto dele, inquisitivos. Ela entreabriu os lábios, apenas o bastante para que ele pudesse ver a ponta da língua umedecendo-os.

Então Marcus não aguentou mais. Precisava beijá-la de novo. Precisava abraçá-la e sentir o corpo dela pressionado contra o dele. Se Honoria tivesse dito que não, se tivesse sacudido a cabeça ou dado qualquer indicação de que não queria aquilo, ele teria saído do quarto.

Mas ela não fez nada disso. Ficou apenas encarando-o, os olhos bem abertos, plenos de encantamento. Assim, Marcus a puxou para si, abraçou-a e a beijou de novo, dessa vez se livrando das últimas amarras.

Ele se deleitou com as curvas e vales do corpo dela. Honoria deu um gemido baixo – de prazer, de desejo? –, que foi o combustível para as labaredas que o faziam arder por dentro.

– Honoria – gemeu Marcus, as mãos se movendo freneticamente ao longo das costas dela, descendo até a curva deliciosa do traseiro, que ele apertou.

E logo pressionou a barriga macia de Honoria contra sua ereção. Ela soltou um arquejo baixo, surpresa pelo contato, mas ele não tinha condições de se afastar e explicar. Honoria era inocente, Marcus sabia disso, e provavelmente não tinha ideia do que significava o corpo dele reagir daquela forma.

Deveria ir mais devagar, guiá-la naquele momento, porém não conseguiria. Havia limites para o controle de um homem e Marcus passara desse ponto quando Honoria se adiantara e tocara o rosto dele.

Ela era suave e dócil, a boca inexperiente retribuindo com ardor aos beijos de Marcus. Ele a carregou às pressas para a cama. Então, deitou-a com o máximo de ternura que conseguiu. Ainda vestido, deitou-se por cima dela, quase explodindo com a sensação do corpo sob o seu.

O vestido de Honoria tinha as manguinhas bufantes que as damas pareciam adorar. Puxou uma delas para baixo, desnudando totalmente o ombro leitoso.

Com a respiração entrecortada, ele se afastou e baixou os olhos para ela.

– Honoria – disse Marcus.

Se não estivesse tão envolvido no momento, teria rido. O nome dela parecia ser o único som que ele era capaz de pronunciar.

Talvez fosse a única palavra que importava.

Honoria o encarou, os lábios cheios com a intimidade que compartilharam. Ela era a coisa mais linda que ele já vira, os olhos cintilando de desejo, o peito subindo e descendo a cada respiração acelerada.

– Honoria – repetiu Marcus e, dessa vez, havia uma pergunta em seu tom ou talvez um pedido.

Ele se sentou e tirou o casaco e a camisa. Precisava sentir o ar sobre a pele, precisava sentir Honoria sobre a pele. Quando as roupas de Marcus caíram no chão, ela o tocou, pousando a mão macia no seu peito. Então sussurrou o nome dele e Marcus perdeu o controle de vez.

Honoria não estava certa de quando tomara a decisão de se entregar a Marcus. Talvez quando ele dissera seu nome e ela estendera a mão e tocara-lhe o rosto. Ou talvez quando Marcus a fitara, os olhos plenos de calor e desejo e dissera: “Estou ardendo por você.”

Na verdade, Honoria tinha a sensação de que havia sido no momento em que ele entrara subitamente no quarto. Naquele instante, algo dentro dela sabia que aquilo iria acontecer, que se Marcus fizesse algo que indicasse que a amava, ou mesmo que a desejava, estaria perdida. Estivera sentada na cama, tentando descobrir como a noite inexplicavelmente entrara em colapso e, de repente, lá estava Marcus, como se ela o houvesse invocado.

Eles tinham discutido e, se houvesse alguém ali para questioná-la, Honoria insistiria que sua única intenção era expulsá-lo do quarto e trancar a porta. Contudo, no fundo, alguma coisa dentro dela começava a despertar

e a brilhar. Eles estavam no quarto dela. Honoria, na cama. E a intimidade do momento era irresistível.

Então, Marcus se aproximara e dissera “Estou ardendo por você”, e Honoria não conseguira mais negar o desejo que sentia, como não conseguiria parar de respirar. Quando ele a deitara na cama, a única coisa em que ela pensava era que aquele era o lugar a que pertencia, e ao qual Marcus também pertencia, junto a ela.

Ele era dela. Simples assim.

Marcus despiu a camisa, desnudando o peito musculoso e firme. Ela já o vira sem camisa antes, é claro, mas não daquele jeito. Não com ele pairando acima dela, os olhos cheios de um desejo primitivo, reivindicando-a.

E Honoria queria aquilo. Ah, como queria. Se ele era dela, então ela seria dele com toda a felicidade. Para sempre.

Honoria estendeu a mão e o tocou, maravilhando-se com o calor do corpo dele. Conseguia sentir o coração de Marcus batendo e ouviu-se sussurrar seu nome. Ele era tão belo, tão sério, e tão... bom.

Marcus era um bom homem, com um bom coração. E, meu Deus, o que ele estava fazendo com os lábios na base do pescoço dela... era muito bom aquilo, também.

Honoria já havia tirado as sapatilhas antes de Marcus entrar no quarto, e agora correu os dedos dos pés, calçados apenas com as meias finas, pela...

Ela caiu na gargalhada.

Marcus recuou. Sua expressão era questionadora, mas também de grande divertimento.

– Suas botas – explicou Honoria.

Ele ficou imóvel, então virou a cabeça lentamente para os próprios pés.

– Maldição.

Ela riu com mais vontade ainda.

– Não é engraçado – resmungou ele. – É...

Honoria prendeu a respiração.

–... engraçado – admitiu Marcus.

Ela voltou a rir tanto que toda a cama se sacudia.

– Consegue descalçá-las? – perguntou Honoria em um arquejo.

Ele a encarou com a sobrancelha erguida e se sentou na beira da cama.

Depois de respirar fundo algumas vezes, ela conseguiu dizer:

– Sob nenhuma hipótese vou pegar uma faca para cortá-las.

A resposta dele foi um baque alto quando a bota direita caiu no chão.

– Não será necessária nenhuma faca.

Honoria tentou exibir uma expressão séria.

– Fico muito feliz por ouvir isso.

Marcus deixou cair a outra bota e se virou para ela com um olhar tão repleto de desejo que Honoria se sentiu derreter por dentro.

– Eu também – murmurou ele, deitando-se ao lado dela. – Eu também.

Os dedos de Marcus encontraram a pequena fileira de botões na parte de trás do vestido de Honoria e a seda rosa pareceu se dissolver, escorregando pelo corpo dela com um suspiro. As mãos de Honoria se ergueram instintivamente para cobrir os seios. Marcus não discutiu nem as afastou. Em vez disso, beijou-a de novo, a boca quente e apaixonada contra a dela. Quanto mais o beijo se aprofundava, mais relaxada Honoria ficava nos braços dele, até perceber que não eram as mãos dela que lhe cobriam os seios.

E ela adorou.

Honoria nunca se dera conta de que seu corpo – qualquer parte dele – poderia ser tão sensível, tão pleno de desejo.

– Marcus! – exclamou, arfante, e arqueou as costas para trás, chocada, quando os dedos dele encontraram o bico rosado de seus seios.

– Você é tão linda... – sussurrou ele.

E Honoria se sentiu linda. Quando Marcus a olhava, quando a tocava, ela se sentia a mulher mais linda que já existira.

Os dedos de Marcus deram lugar à sua boca e Honoria deixou escapar um gemido baixo de surpresa. Ela esticou as pernas e correu as mãos pelos cabelos dele. Precisava se agarrar a algo. Caso contrário, achava que iria despencar. Ou flutuar. Ou apenas desaparecer, explodindo com o calor e a energia que a consumiam.

O próprio corpo parecia tão estranho a Honoria, tão diferente do que ela imaginara... E, ao mesmo tempo, era tudo muito natural. As mãos pareciam saber exatamente aonde ir, o quadril sabia como se mover e, quando os lábios de Marcus desceram pela barriga dela, seguindo a costura do vestido que ele afastava com tanto ardor, Honoria soube que aquilo era certo, bom e que desejava mais. E logo, por favor.

As mãos dele seguraram as coxas dela e as afastaram com delicadeza. Honoria se sentiu derreter mais uma vez e só conseguiu gemer “Sim”,

“Por favor” e “Marcus!”.

Então ele a beijou. Honoria não esperava por aquilo e achou que fosse morrer de prazer. Quando Marcus abriu suas pernas, ela prendeu a respiração, preparando-se para a invasão íntima. No entanto, em vez disso, ele a venerou com a boca, a língua, os lábios, até ela se contorcer, arfar, incoerente de desejo.

– Por favor, Marcus – implorou, e desejou saber pelo que implorava.

Fosse o que fosse, sabia que ele lhe daria. Marcus saberia saciar aquela ânsia intensa que a queimava por dentro. Ele poderia enviá-la ao paraíso e trazê-la de volta à Terra para que pudesse passar o resto da vida em seus braços.

Marcus a afastou de si por um instante e Honoria quase chorou ao perder o contato físico. Ele estava praticamente arrancando os calções e, quando voltou a se aproximar, ele se deitou por cima dela, o rosto dele perto do dela, as mãos de ambos juntas, os quadris dele se acomodando com urgência entre as pernas dela.

Honoria entreabriu os lábios, tentando respirar com mais calma. Quando encarou Marcus, os olhos dele estavam fixos no rosto dela e tudo o que ele disse foi:

– Receba-me.

A ponta do membro dele pressionou a entrada do corpo dela, então a abriu, e Honoria compreendeu. Era muito difícil, porque tudo o que desejava era contrair cada músculo do corpo, mas de algum modo conseguiu relaxar o bastante para que, a cada arremetida, ele a penetrasse mais profundamente, até que, com um arquejo de surpresa, Honoria percebeu que Marcus estava todo dentro dela.

Ele estremeceu de prazer e começou a se mover em um novo ritmo, deslizando para a frente e para trás. Honoria começou a dizer coisas, não sabia bem o quê. Talvez estivesse implorando a ele, pedindo ou tentando fazer algum tipo de acordo para que ele levasse aquilo adiante e a carregasse com ele e fizesse acabar, e fizesse nunca parar, e...

Algo aconteceu.

Cada célula de Honoria pareceu se juntar em uma pequena bola apertada e, então, explodir, como os fogos de artifício que vira sobre Vauxhall. Marcus também gritou e arremeteu uma última vez, derramando-se dentro dela, antes de desmoronar.

Por vários minutos, Honoria só conseguiu ficar deitada onde estava, maravilhando-se com o calor do corpo de Marcus perto. Ele puxara uma manta leve por cima dos dois e, juntos, haviam feito ali um paraíso próprio. A mão dele estava sobre a dela, os dedos entrelaçados, e Honoria não conseguiria imaginar um momento mais tranquilo, mais fantástico. Que permaneceria com ela. Pelo resto da vida.

Marcus não mencionara casamento, mas isso não a preocupava. Era Marcus. Ele jamais abandonaria uma mulher depois de um momento como aquele. E provavelmente estava só esperando a hora certa para pedir sua mão. Ele gostava de fazer as coisas do modo certo; esse era o Marcus dela.

O Marcus *dela*.

Honoria gostava de como isso soava.

É claro, pensou ela com um brilho nos olhos, que ele não havia sido nem um pouco decoroso aquela noite. Assim, talvez...

– No que está pensando? – perguntou Marcus.

– Em nada – mentiu Honoria. – Por que a pergunta?

Ele mudou de posição, apoiou-se nos cotovelos e a fitou.

– Você está com uma expressão terrível no rosto.

– Terrível?

– Dissimulada.

– Não tenho certeza de qual das duas descrições prefiro.

Marcus deu uma risadinha gostosa que reverberou pelo corpo dela. Então ele ficou sério.

– Precisamos voltar.

– Eu sei – disse Honoria com um suspiro. – Vão sentir a nossa falta.

– A minha, não, mas a sua, sim.

– Sempre posso alegar à minha mãe que fiquei doente. Que acabei pegando seja lá o que abateu Sarah. O que é o mesmo que nada, mas ninguém sabe disso além de Sarah. – Ela comprimiu os lábios, irritada. – E de mim. E de Iris. E provavelmente da Srta. Wynter também. Ainda assim...

Marcus riu de novo, então se inclinou e deu um beijinho no nariz dela.

– Se eu pudesse, ficaria aqui para sempre.

Honoria sorriu enquanto o calor das palavras dele se irradiava sobre ela como um beijo.

– Eu estava pensando que este momento é simplesmente o paraíso.

Ele ficou em silêncio por um instante, depois sussurrou, tão baixo que Honoria não teve certeza se ouvira direito:

– O paraíso não poderia se comparar a este momento.

CAPÍTULO 22

Para sorte de Honoria, seus cabelos não tinham sido arrumados em um penteado muito elaborado – com os ensaios extras naquela tarde, não houvera tempo para isso. Assim, não foi difícil rearrumá-los.

A gravata de Marcus era outra história: não importava o que fizessem, os dois não conseguiam refazer o nó intrincado e perfeito.

– Você nunca poderá dispensar seu valete – disse Honoria, depois da terceira tentativa. – Na verdade, talvez precise aumentar o salário dele.

– Já contei a lady Danbury que ele me esfaqueou – murmurou Marcus.

Honoria cobriu a boca.

– Estou tentando não sorrir, porque não é engraçado.

– Mas é.

Ela se conteve o máximo possível.

– É.

Marcus sorriu para Honoria, e parecia tão contente, tão despreocupado que fez o coração dela bater alegre. Como era estranho, e ainda assim esplêndido, que a felicidade dela pudesse depender tanto da felicidade de outra pessoa.

– Deixe-me tentar – disse Marcus.

Ele segurou as pontas da gravata e se posicionou na frente do espelho. Honoria o observou por cerca de dois segundos antes de declarar:

– Você terá que ir embora.

Os olhos dele não abandonaram o reflexo da gravata no espelho.

– Ainda não consegui passar do primeiro nó.

– E nem vai conseguir.

Ele arqueou a sobrancelha para ela.

– Você nunca fará isso direito – declarou Honoria. – Devo dizer que, entre isso e as suas botas, estou revendo a minha opinião sobre qual dos

vestuários é menos prático, o feminino ou o masculino.

– É mesmo?

Ela fitou as botas dele, brilhantes de tão engraxadas.

– Ninguém nunca teve que enfiar uma faca para tirar um calçado meu.

– Eu não uso nada que abotoe nas costas – contra-atacou Marcus.

– É verdade, mas posso escolher um vestido que abotoe na frente. Já você não pode sair por aí sem uma gravata.

– Em Fensmore eu posso – murmurou Marcus, os dedos tentando lidar com o tecido já terrivelmente amassado.

– Mas não estamos em Fensmore – lembrou Honoria com um sorriso torto.

– Eu me rendo – falou Marcus, arrancando de vez a gravata. Ele a enfiou no bolso, balançou a cabeça e completou: – É melhor assim, na verdade. Mesmo se eu conseguisse dar o nó direito nessa, não faria sentido eu voltar ao salão de música. Estou certo de que todos acham que fui para casa. – Ele fez uma pausa. – Se é que pensaram em mim em algum momento.

Havia várias jovens damas solteiras na plateia e, talvez o que era mais importante, todas estavam acompanhadas pelas mães. Portanto, Honoria tinha certeza de que a ausência de Marcus fora notada.

Ainda assim, o plano dele era bom, e os dois se esgueiraram juntos pela escada dos fundos. Honoria pretendia cortar caminho por vários cômodos até chegar a um que ficasse perto de onde acontecera a apresentação, enquanto Marcus iria escapulir da casa pela porta dos empregados. No ponto em que precisavam se separar, Marcus olhou para Honoria e tocou gentilmente o rosto dela.

Ela sorriu. Era tanta felicidade que não conseguia impedir que transbordasse.

– Eu a visitarei amanhã – avisou Marcus.

Ela assentiu. Então, porque não pôde se conter, sussurrou:

– Vai me dar um beijo de despedida?

Marcus não precisou de mais incentivo. Inclinou-se para a frente, tomou o rosto dela entre as mãos e capturou sua boca em um beijo apaixonado. Honoria se sentiu arder, então derreter e quase evaporar. Teve que se controlar para não rir alto de tanta alegria e se ergueu na ponta dos pés para tentar chegar mais perto. Então...

Ele se foi.

Ela ouviu um grito terrível. Marcus saiu voando pelo pequeno espaço do saguão e bateu na parede oposta.

Honoria deu um gritinho e correu até ele. Um invasor agarrava Marcus pela garganta. Ela não teve nem tempo de ficar apavorada. Sem pensar duas vezes, jogou-se em cima do intruso e pulou nas costas dele.

– Solte-o – grunhiu, tentando agarrar o braço do homem para impedir que ele desse outro soco em Marcus.

– Pelo amor de Deus – disse o homem, irritado. – Saia de cima de mim, Carrapato.

Carrapato?

Honoria sentiu-se fraquejar.

– Daniel?

– Quem diabos poderia ser?

Ela podia dar algumas respostas àquela pergunta, considerando que o irmão passara mais de três anos fora do país. Mesmo que houvesse escrito avisando que planejava voltar, não estivera disposto a dizer *quando*.

– Daniel – disse Honoria de novo e saltou das costas dele.

Ela se afastou um passo e ficou só encarando-o. Ele parecia mais velho – o que obviamente estava mesmo –, porém mais do que deveria. Talvez mais cansado, talvez mais desanimado. Ou talvez fosse apenas por causa das viagens recentes. Ainda estava empoeirado e amassado, pois qualquer um pareceria cansado e desanimado depois do longo percurso da Itália para Londres.

– Você voltou – constatou Honoria tolamente.

– Isso mesmo – falou ele, ainda irritado –, e que diabos está acontecendo?

– Eu...

Daniel ergueu a mão.

– Fique fora disso, Honoria.

Ele não acabara de lhe fazer uma pergunta?

– Santo Deus, Daniel – disse Marcus, ficando de pé. Ele estava um pouco cambaleante e esfregou a parte de trás da cabeça, onde batera na parede. – Da próxima vez, considere a possibilidade de nos avisar...

– Seu desgraçado – sibilou Daniel, e acertou Marcus no queixo.

– Daniel! – gritou Honoria.

Ela voltou a pular nas costas dele, ou pelo menos tentou: o irmão se sacudiu como se ela fosse um...

Ora, como se fosse um carrapato, irritante assim.

Ela tentou ficar de pé a tempo de evitar que ele atacasse de novo, mas Daniel sempre fora ágil e, naquele momento, estava furioso. Antes mesmo que Honoria conseguisse levantar, o irmão socou Marcus outra vez.

– Não quero brigar com você, Daniel – disse Marcus, secando o sangue do queixo com a manga da camisa.

– Que diabos você estava fazendo com a minha irmã?

– Você está... uff! ... louco – grunhiu Marcus, a voz parecendo engolida pela força do golpe poderoso que atingiu seu estômago.

– Eu pedi a você para tomar conta dela! Para. Tomar. Conta. Dela! – berrou Daniel, pontuando cada palavra com um golpe na barriga de Marcus.

– Pare, Daniel! – implorou Honoria.

– Ela é minha irmã – bradou Daniel.

– Eu sei – respondeu Marcus com um grunhido. Ele pareceu estar recuperando o equilíbrio, então recuou e acertou um soco no queixo de Daniel. – E você...

Mas Daniel não queria conversar, pelo menos não até que Marcus respondesse a perguntas bem específicas. Antes que Marcus pudesse terminar a frase, Daniel o segurou pelo pescoço e o encostou na parede.

– O que você estava fazendo com a minha irmã? – sibilou.

– Você vai matá-lo – disse Honoria com a voz esganiçada.

Ela se adiantou de novo e tentou puxar o irmão, mas Marcus parecia ser capaz de cuidar de si, porque levantou o joelho e atingiu Daniel entre as pernas. O outro deixou escapar um ruído que certamente não era humano e caiu, levando Honoria com ele.

– Vocês dois são loucos – praguejou ela, arfante, tentando se desvencilhar das pernas do irmão.

Só que os dois não a ouviam; ela poderia muito bem estar falando com as paredes.

Marcus levou as mãos ao pescoço e se encolheu enquanto esfregava o lugar onde Daniel o estrangulara.

– Pelo amor de Deus, Daniel, você quase me matou.

Daniel o encarou com ódio, e mesmo arquejando por causa da dor, repetiu mais uma vez:

– O que você estava fazendo com Honoria?

– Isso não...

Ela tentou interceder, tentou dizer que não importava, mas Marcus a interrompeu:

– O que você viu?

– Não importa o que eu vi – retrucou Daniel, ainda furioso. – Eu pedi a você para tomar conta dela, não para se aprovei...

– Você me *pediu* – cortou-o Marcus, também zangado. – Sim, vamos refletir sobre isso. Você me pediu para tomar conta de sua irmã jovem e solteira. Eu! Que diabos eu sei sobre cuidar de uma jovem dama?

– Ao que parece, mais do que deveria. Você estava com a língua dentro da...

Honoria ficou de queixo caído e acertou um tapa na lateral da cabeça do irmão. Ela o teria golpeado de novo, nem que fosse por causa do empurrão que Daniel lhe deu em retorno, mas, antes que pudesse fazer qualquer movimento, Marcus voou para cima do amigo.

– Hhhhhhhhhhrrrrrrrrrcccchhhh!

Um ruído absolutamente ininteligível emergiu da boca de Marcus. Era um som de fúria e Honoria mal conseguiu sair do caminho antes que ele se atirasse no homem que sempre considerara seu único amigo verdadeiro.

– Pelo amor de Deus, Marcus – falou Daniel, arquejante, entre os golpes. – Que diabos está acontecendo com você?

– Nunca mais fale dela desse jeito – retrucou Marcus com fervor.

Daniel saiu de baixo dele e ficou de pé, cambaleante.

– De que jeito? Eu estava insultando *você*.

– É mesmo? – replicou Marcus em uma voz arrastada, também se levantando. – Ora, então isto – o punho dele acertou um dos lados do rosto de Daniel – é pelo insulto, e isto – outro soco, no lado oposto – é por abandoná-la.

Sua atitude era muito doce, mas Honoria não estava certa de ser a verdade.

– Ora, ele não exatamente...

Daniel segurou a boca, que agora pingava sangue.

– Eu ia ser enforcado!

Marcus empurrou o ombro do amigo duas vezes.

– Você poderia ter voltado há muito tempo.

Honoria arquejou. Aquilo era verdade?

– Não – retrucou Daniel, empurrando Marcus de volta. – Eu não poderia. Ou você nunca percebeu que Ramsgate é insano?

Marcus cruzou os braços.

– Você não escreve para ela há mais de um ano.

– Isso não é verdade.

– É verdade, sim – interveio Honoria.

Foi então que percebeu: eles não iriam escutá-la. Ao menos não naquela briga.

– Sua mãe ficou arrasada – continuou Marcus.

– Não havia nada que eu pudesse fazer.

– Estou indo – avisou Honoria.

– Você poderia ter escrito para ela.

– Para a minha mãe? Eu escrevi! Ela nunca me respondeu.

– Estou indo – repetiu Honoria, mas eles quase encostavam os narizes, sussurrando xingamentos e só Deus sabia mais o quê.

Ela deu de ombros. Pelo menos não tentavam mais se matar. Tudo ficaria bem. Eles já haviam brigado antes, e sem dúvida brigariam de novo. Honoria precisava admitir que uma pequena parte dela – está bem, não tão pequena – ficara empolgada porque os dois tinham trocado socos por sua causa. Não tanto pelo irmão, mas por Marcus...

Ela suspirou, lembrando-se da expressão ardente no rosto dele quando a defendera. Ele a amava. Não revelara ainda, mas a amava, sim, e confessaria depois. Marcus e Daniel acertariam o que fosse preciso acertar, e aquela história de amor – a história de amor *dela*, pensou Honoria, sonhadora – teria um abençoado final feliz. Eles se casariam, teriam um monte de bebês que cresceriam e formariam juntos a família feliz e brincalhona que ela já tivera um dia. A família feliz e brincalhona que Marcus sempre merecera. E haveria torta de melado na casa deles pelo menos uma vez por semana.

Seria incrível.

Honoria relanceou um último olhar para os homens, que empurravam o ombro um do outro, embora felizmente já sem tanta força quanto antes. Ela poderia muito bem voltar ao salão de música. Precisava dizer à mãe que Daniel retornara.

– Para onde Honoria foi? – perguntou Daniel, alguns minutos mais tarde.

Eles estavam sentados no chão, um ao lado do outro. Marcus tinha as pernas dobradas e Daniel as esticara. A certa altura, os dois haviam parado de se empurrar e se provocar e, em um acordo silencioso, deixaram o corpo deslizar pela parede, gemendo de dor, enquanto as mentes enfim registravam o que os corpos tinham sofrido e percebiam o que haviam feito um ao outro.

Marcus levantou a cabeça e olhou ao redor.

– Voltou para a festa, imagino.

Ele esperava sinceramente que Daniel não pretendesse se tornar agressivo de novo, porque não sabia se teria energia para reagir.

– Você está com uma aparência péssima – comentou Daniel.

Marcus deu de ombros.

– Você está pior. – Ao menos ele esperava que sim.

– Você a estava beijando.

Marcus o encarou com irritação.

– E daí?

– E o que pretende fazer?

– Eu ia pedir a mão dela em casamento antes de você me dar um soco no estômago.

Daniel pareceu surpreso.

– Ah...

– Que diabos você pensou? Que eu ia seduzi-la e jogá-la aos lobos?

Daniel ficou tenso no mesmo instante, os olhos cintilando de fúria.

– Você a sedu...

– Não – interrompeu-o Marcus, erguendo a mão. – Não faça essa pergunta.

Daniel segurou a língua, mas olhou desconfiado para o amigo.

– Não – repetiu Marcus, só para deixar claro.

Ele tocou o queixo. Maldição, doía muito. Olhou para Daniel, que flexionava os dedos e examinava as juntas machucadas.

– A propósito, seja bem-vindo de volta.

Daniel o encarou, a sobrancelha erguida.

– Da próxima vez, avise o dia de sua chegada.

Daniel pareceu que ia dizer algo, mas então apenas revirou os olhos.

– Sua mãe não mencionou seu nome por três anos – comentou Marcus, baixinho.

– Por que está me falando isso?

– Porque você partiu. Partiu e...

– Eu não tive escolha.

– Você poderia ter voltado – insistiu Marcus, em um tom desdenhoso. – Sabe que...

– Não – cortou-o Daniel. – Eu não poderia. Ramsgate mandou alguém me seguir.

Marcus ficou em silêncio por um momento.

– Desculpe. Eu não sabia.

– Tudo bem. – Daniel suspirou, então apoiou a cabeça na parede. – Ela nunca respondeu minhas cartas.

Marcus ergueu os olhos.

– Minha mãe – esclareceu Daniel. – Não fico surpreso por ela nunca ter mencionado meu nome.

– Foi muito difícil para Honoria – comentou Marcus, em voz baixa.

Daniel engoliu em seco.

– Há quanto tempo vocês, ahn...

– Só nesta primavera.

– O que aconteceu?

Marcus sentiu um sorriso se abrir em seu rosto... ou melhor, em um dos lados da boca, já que o outro começava a inchar.

– Não sei bem – admitiu.

Não parecia certo contar ao amigo sobre o buraco de toupeira, ou o tornozelo torcido, ou a infecção na perna, ou a torta de melado. Aqueles haviam sido apenas fatos. Não representavam o que acontecera no coração dele.

– Você a ama?

Marcus assentiu.

– Muito bem, então.

Daniel encolheu apenas um dos ombros.

Foi tudo o que precisaram dizer. Foi tudo o que diriam, percebeu Marcus. Eram homens, que assim agiam. Mas era o bastante. Ele começou a estender a mão para dar um tapinha na perna ou talvez no ombro de Daniel. Em vez disso, acabou dando um cutucão camarada na costela do amigo com o cotovelo.

– Estou feliz por você estar em casa.

Daniel ficou em silêncio por um tempo.

– Eu também, Marcus. Eu também.

CAPÍTULO 23

Depois de deixar Marcus e Daniel, Honoria se esgueirou silenciosamente para a sala de ensaio. Estava vazia, como esperava, e ela notou uma faixa de luz se estendendo pelo piso, vindo da porta aberta que dava para o salão principal. Honoria verificou seu reflexo no espelho uma última vez. Estava escuro, portanto não podia ter certeza, mas achou que parecia apresentável.

Ainda havia alguns convidados espalhados pelo salão, o bastante para que Honoria contasse com que não tivessem sentido a sua falta – sem levar em consideração seus parentes. Daisy se encontrava em meio a admiradores no centro do salão, explicando a quem quisesse ouvir como fora construído seu violino Ruggieri. Lady Winstead se mantinha parada de um lado, muito feliz e satisfeita, e Iris estava...

– Onde você se meteu? – sibilou a prima.

Bem perto, ao que parecia.

– Eu não estava me sentindo bem – respondeu Honoria.

Iris bufou com desprezo.

– Ah, sim, você logo vai me dizer que pegou seja qual for a doença que Sarah tem.

– Ahn, talvez.

Iris suspirou.

– Tudo o que desejo é ir embora, mas mamãe não quer nem ouvir falar a respeito.

– Lamento.

Era difícil soar simpática quando ela mesma se sentia prestes a explodir de alegria, mas Honoria tentou.

– O pior é aguentar Daisy – comentou Iris maldosamente. – Ela está se pavoneando... Ei, isso é sangue na sua manga?

– O quê?

Honoria virou a cabeça para verificar. Havia uma mancha do tamanho de uma moeda na parte bufante da manga. Só Deus sabia a qual dos homens pertencia, já que os dois estavam sangrando quando ela os deixara.

– Ah. Ahn, não, não sei o que é isso.

Iris franziu a testa e examinou a mancha mais de perto.

– Acho que é sangue.

– Posso garantir que não é – mentiu Honoria.

– Ora, então o que é...

– O que Daisy fez? – cortou-a Honoria às pressas. Como Iris apenas a encarou, surpresa, ela explicou: – Você disse que o pior era aguentá-la.

– Ora, e é – declarou Iris com ardor. – Ela não precisa fazer nada especificamente. Só...

Iris foi interrompida por uma risada alta e trinada. De Daisy.

– Eu poderia chorar – anunciou Iris.

– Não, Iris, você...

– Permita-me a infelicidade.

– Desculpe – murmurou Honoria, contrita.

– Esse foi com certeza o dia mais humilhante da minha vida. – Iris balançou a cabeça, a expressão quase estupefata. – Não vou conseguir fazer isso de novo, Honoria. Estou dizendo, não vou conseguir. Não me importo se não houver outra violoncelista esperando para ocupar meu lugar. Não consigo mais.

– Se você se casar...

– Sim, sei disso – retrucou Iris, quase ríspida. – Não pense que isso não passou pela minha mente no ano passado. Quase aceitei lorde Venable só para não ter que me juntar ao quarteto.

Honoria se retraiu. Lorde Venable era velho o bastante para ser avô delas. No mínimo.

– Por favor, só não desapareça de novo – pediu Iris, a voz embargada, quase em um soluço. – Não consigo suportar quando as pessoas vêm me cumprimentar pela apresentação. Não sei o que dizer.

– É claro – concordou Honoria, e pegou a mão da prima.

– Honoria, aí está você! – Era a mãe, aproximando-se, apressada. – Onde esteve?

Honoria pigarreou.

– Subi para me deitar por alguns minutos. Subitamente me senti exausta.

– Sim, bem, foi um longo dia – admitiu a mãe com um aceno de cabeça.

– Não sei como acabou se passando tanto tempo. Devo ter adormecido – completou Honoria, em tom de desculpa.

Quem poderia imaginar que ela mentia tão bem? Primeiro o sangue, agora aquilo.

– Não há problema – garantiu a mãe, antes de se virar para Iris. – Você viu a Srta. Wynter?

Iris balançou a cabeça.

– Charlotte está pronta para ir embora e não consegue encontrá-la em lugar algum.

– Talvez ela tenha ido ao toalete? – sugeriu Iris.

Lady Winstead pareceu em dúvida.

– Ela já não é vista há *muito* tempo.

– Ahn, mamãe – lembrou Honoria, pensando em Daniel no corredor –, posso dar uma palavrinha com a senhora?

– Isso terá que esperar – retrucou lady Winstead. – Estou começando a ficar preocupada com a Srta. Wynter.

– Talvez ela também tenha precisado se deitar um pouco – arriscou Honoria.

– Imagino que sim. Espero que Charlotte pense em lhe dar mais um dia de folga esta semana. – Lady Winstead assentiu ligeiramente com a cabeça, como se concordasse consigo mesma. – Acho que vou procurá-la agora mesmo e dar essa sugestão. É o mínimo que podemos fazer. A Srta. Wynter salvou o dia.

As duas jovens a observaram se afastar, então Iris comentou:

– Acho que isso depende da definição da palavra “salvou”.

Honoria soltou uma risadinha e deu o braço à prima.

– Venha comigo. Devemos dar uma volta pelo salão, parecendo felizes e orgulhosas.

– Parecer feliz e orgulhosa está além da minha capacidade, mas...

Iris foi interrompida pelo som de um baque violento. Não exatamente um baque. Era mais como algo se partindo. Com alguns estalos. E vibrações.

– O que foi isso? – perguntou Iris.

– Não sei. – Honoria esticou o pescoço. – Pareceu...

– Ah, Honoria! – Elas ouviram o gritinho de Daisy. – Seu violino!

– O quê?

Honoria caminhou devagar em direção à aglomeração, sem conseguir entender.

– Ah, meu Deus – disse Iris de repente, levando a mão à boca.

Ela pousou a outra mão no braço de Honoria, contendo-a, como se dissesse "É melhor você não olhar".

– O que está acontecendo? Eu... – Honoria ficou boquiaberta.

– Lady Honoria! – exclamou lady Danbury. – Sinto tanto por seu violino...

Honoria ficou imóvel, perplexa, encarando os destroços de seu instrumento.

– O quê? Como...?

Lady Danbury balançou a cabeça com o que Honoria desconfiou ser um arrependimento exagerado.

– Não faço ideia. A bengala, sabe... Eu devo tê-lo empurrado de cima da mesa.

Honoria abriu e fechou a boca, mas nenhum som foi emitido. O violino dela não parecia ter caído da mesa. Para ser sincera, não sabia como ele poderia ter ficado em tal estado. Absolutamente destruído. Todas as cordas arrebentadas, todos os pedaços de madeira soltos, e o apoio para o queixo não estava nem à vista.

Fora pisoteado por um elefante.

– Eu insisto em lhe comprar um novo – anunciou lady Danbury.

– Ah. Não – replicou Honoria, com uma estranha falta de inflexão. – Não é necessário.

– Mais do que isso – continuou lady Danbury, ignorando-a por completo –, será um Ruggieri.

Daisy arquejou.

– Não é necessário, sinceramente – insistiu Honoria.

Ela não conseguia afastar os olhos do violino. Algo na cena a tornava hipnotizante.

– Eu causei o estrago – declarou lady Danbury, magnânima. Ela acenou com o braço no ar, o gesto mais dirigido à multidão do que a Honoria. – Devo repará-lo.

– Mas um Ruggieri! – exclamou Daisy, quase em um lamento.

– Eu sei – disse lady Danbury, levando a mão ao coração. – Eles são caríssimos, mas, nesse caso, só o melhor servirá.

– Há uma grande lista de espera – comentou Daisy, fungando.

– É verdade. Você mencionou isso mais cedo.

– Seis meses. Talvez até mesmo um ano.

– Ou mais? – indagou lady Danbury, com um toque de alegria, talvez.

– Não preciso de outro violino – assegurou Honoria.

E não precisava mesmo. Iria se casar com Marcus. Nunca mais na vida tocaria em uma daquelas apresentações.

É claro que não poderia dizer aquilo para ninguém.

E, antes, Marcus precisava pedi-la em casamento.

Mas parecia um assunto resolvido. Honoria estava certa de que ele faria isso.

– Ela pode usar meu violino antigo – disse Daisy. – Eu não me importo.

Enquanto lady Danbury discutia com a garota sobre o assunto, Honoria se inclinou na direção de Iris e, ainda encarando o violino destruído no chão, comentou:

– É mesmo impressionante. Como você acha que ela fez isso?

– Não sei – respondeu Iris, também pasma. – É preciso mais do que uma bengala. Acho que seria necessário um elefante.

Honoria arquejou de prazer e enfim afastou os olhos da carnificina.

– Era exatamente o que eu estava pensando!

Elas olharam uma nos olhos da outra e caíram na gargalhada com tanto gosto que lady Danbury e Daisy pararam de discutir para encará-las.

– Acho que ela está em choque – comentou Daisy.

– Ora, é claro, sua tola! – bradou lady Danbury. – Ela acaba de perder o violino.

– Graças a Deus – disse alguém com muito fervor.

Honoria olhou ao redor. Não sabia bem quem era. Um cavalheiro elegante, de meia-idade, com uma dama tão elegante quanto ao lado. Ele a lembrava das ilustrações que vira de Beau Brummel, considerado o homem mais sofisticado do mundo na época em que as irmãs mais velhas debutaram.

– A moça não precisa de um violino – acrescentou ele. – Precisa ter as mãos atadas para que nunca mais volte a tocar um instrumento.

Algumas poucas pessoas riram. Outras pareceram muito desconfortáveis.

Honoria não tinha ideia do que fazer. Segundo uma regra tácita em Londres, era permitido zombar do recital das Smythe-Smiths, só que jamais para que uma delas escutasse. Nem mesmo os colunistas de fofoca mencionavam como eram péssimas.

Onde estava a mãe dela? Ou tia Charlotte? Elas haviam escutado o homem? Aquilo iria matá-las.

– Ah, vamos – disse ele, dirigindo-se ao grupo que se reunira ao seu redor. – Por que temos tanta dificuldade de falar a verdade? Elas são terríveis. Uma abominação da natureza.

Algumas poucas pessoas riram. Por trás das mãos, mas riram.

Honoria tentou abrir a boca, emitir algum som, qualquer um que pudesse servir como defesa de sua família. Iris agarrava o braço dela como se quisesse morrer ali mesmo e Daisy estava perplexa.

– Eu imploro – prosseguiu o cavalheiro, encarando Honoria. – Não aceite o violino novo da condessa. Nunca mais toque *em* um violino. – Então, depois de uma risadinha, virou-se na direção da acompanhante como se dissesse "Espere até ouvir o que vou falar a seguir", acrescentou para Honoria: – A senhorita é péssima. Faz os pássaros chorarem. Quase me fez chorar.

– Eu talvez ainda chore – replicou a acompanhante dele.

Os olhos dela cintilaram e a mulher fitou a aglomeração ao redor, radiante. Estava orgulhosa do insulto, satisfeita por sua crueldade ter chegado àquele ponto.

Honoria engoliu em seco e piscou para afastar as lágrimas de fúria. Sempre pensara que, se alguém a atacasse publicamente, ela responderia de forma rápida e incisiva. Que seria precisa e atacaria com tamanho estilo e desenvoltura que seu oponente não teria escolha senão se afastar com o rabo entre as pernas.

Mas agora que estava de fato sendo insultada, sentia-se paralisada. Só conseguia encarar o homem, as mãos trêmulas enquanto se esforçava para manter a compostura. Mais tarde, Honoria saberia como rebater, mas naquele momento sua mente girava, vazia. Não conseguiria pronunciar uma frase decente mesmo se alguém colocasse a obra completa de Shakespeare em suas mãos.

Honoria ouviu uma pessoa rir, e mais outra. Ele estava em vantagem. Aquele homem horrível, de quem não sabia nem o nome, viera à casa dela, a insultava na frente de todos os seus conhecidos, e estava ganhando. Aquilo era errado por muitas razões, a não ser pela mais básica: ela era mesmo terrível ao violino. Mas com certeza – *com certeza* – as pessoas não deveriam agir daquela maneira. Sem dúvida alguém se adiantaria para defendê-la.

Então, acima das gargalhadas abafadas e dos comentários sussurrados, ouviu-se o inconfundível som de botas no piso de madeira. Lentamente, como se em uma onda, as pessoas viraram a cabeça na direção da porta. E o que viram...

Honoria se apaixonou de novo.

Marcus, o homem que sempre quisera ser a árvore nas pantomimas. Marcus, o homem que preferia agir em silêncio, nos bastidores. Marcus, o homem que odiava ser o centro das atenções...

Estava prestes a fazer uma cena e tanto.

– O que disse a ela? – quis saber Marcus, atravessando o salão como um deus furioso.

Um deus furioso, ensanguentado e ferido, que por acaso estava sem gravata, mas, ainda assim, definitivamente furioso. E, na opinião de Honoria, definitivamente um deus.

O cavalheiro parado diante dela se encolheu. Na verdade, outras pessoas também se encolheram – Marcus parecia um pouco fora de si.

– O que disse a ela, Grimston? – repetiu Marcus, só parando bem em frente ao algoz de Honoria.

Ela teve um relance de memória. Aquele era Basil Grimston. Ele ficara longe da cidade por anos, mas, quando estava em seu auge, fora conhecido por seu senso de humor brutal. As irmãs de Honoria o odiavam.

O Sr. Grimston ergueu o queixo e falou:

– Apenas a verdade.

Marcus cerrou um dos punhos e segurou-o com a outra mão.

– O senhor não seria a primeira pessoa que levaria um soco meu esta noite – anunciou, com calma.

Foi quando Honoria enfim deu uma boa olhada em Marcus. Ele parecia definitivamente selvagem: os cabelos despontavam em todas as direções, a pele ao redor de um dos olhos exibia vários tons de azul e preto, a boca começava a inchar no lado esquerdo. A camisa dele estava rasgada,

manchada de sangue e poeira, e se Honoria não estava enganada, havia uma pena minúscula presa no ombro do casaco.

Era o homem mais belo que já vira na vida.

– Honoria? – sussurrou Iris, cravando os dedos no braço da prima.

Honoria apenas balançou a cabeça. Não queria conversar com Iris. Não queria desviar os olhos de Marcus nem por um segundo.

– O que disse a ela? – insistiu Marcus.

O Sr. Grimston se voltou para as pessoas.

– Ele tem que ser retirado daqui. Onde está nossa anfitriã?

– Bem aqui – respondeu Honoria, adiantando-se.

Não era exatamente a verdade, mas, como a mãe não estava em nenhum lugar visível, Honoria achou que era a melhor opção.

Porém, quando olhou para Marcus, ele balançou a cabeça bem de leve e ela voltou para onde estava.

– Se não se desculpar com lady Honoria – avisou Marcus, a voz tão tranquila que era apavorante –, vou matá-lo.

Ouviu-se um arquejo coletivo e Daisy fingiu um desmaio, deslizando o corpo com elegância contra Iris, que prontamente se afastou para o lado e a deixou cair no chão.

– Ah, vamos – disse Grimston. – Com certeza não chegaremos a um duelo ao amanhecer.

– Não estou falando de um duelo. Estou dizendo que vou matá-lo aqui, agora.

– O senhor está louco – retrucou o Sr. Grimston, arfando.

Marcus deu de ombros.

– Talvez.

O Sr. Grimston olhou de Marcus para a amiga, então para as pessoas aglomeradas, e de volta para a acompanhante. Ninguém parecia disposto a lhe oferecer apoio, silencioso ou não. Assim, como qualquer dândi prestes a ter o rosto socado faria, ele pigarreou, virou-se para Honoria e disse, sem fitá-la nos olhos:

– Sinto muito, lady Honoria.

– Faça isso do modo adequado – grunhiu Marcus.

– Desculpe-me – falou o Sr. Grimston, cerrando os dentes.

– Grimston... – alertou Marcus.

Por fim, o Sr. Grimston baixou os olhos até que encontrassem os de Honoria.

– Por favor, aceite as minhas desculpas. – Ele parecia arrasado e furioso.

– Obrigada – respondeu Honoria rapidamente, antes que Marcus pudesse achar que o pedido não valera.

– Agora vá embora – ordenou Marcus.

– Como se eu fosse sonhar em ficar – retrucou o Sr. Grimston, com um risinho zombeteiro.

– Vou ter que bater no senhor – falou Marcus, balançando a cabeça, como se não acreditasse.

– Isso não será necessário – disse logo a amiga do Sr. Grimston, com um olhar cauteloso na direção de Marcus.

Ela pegou no braço do acompanhante e o arrastou para a saída.

– Obrigada – dirigiu-se a Honoria – pela noite adorável. Pode ter certeza de que, se alguém perguntar, direi que ela se passou sem incidentes.

Honoria ainda não sabia quem ela era, mas assentiu de qualquer modo.

– Graças a Deus eles se foram – murmurou Marcus quando os dois partiram. Ele estava esfregando os nós dos dedos. – Não queria ter que bater em mais ninguém. Seu irmão tem uma cabeça dura.

Honoria se pegou sorrindo. Era um absurdo sorrir por causa daquilo, e em um momento ainda mais absurdo. Daisy ainda estava deitada no chão, gemendo em seu falso desmaio, lady Danbury bradava para quem quisesse escutar que não havia "nada para ver, nada para ver" e Iris não parava de fazer perguntas a Honoria sobre só Deus sabia o quê.

Mas Honoria não estava escutando.

– Amo você – declarou ela, assim que os olhos de Marcus pousaram em seu rosto. Ela não tivera a intenção de dizer aquilo naquele momento, mas não havia como guardar para si. – Amo você. Sempre amarei.

Uma pessoa deve tê-la ouvido, e deve ter dito a outra, que disse a uma terceira, porque, em segundos, todo o salão estava agitado. E, mais uma vez, Marcus se descobriu no centro absoluto das atenções.

– Também amo você – afirmou ele, com a voz firme e clara. Então, com os olhos de metade da nobreza sobre ele, pegou as mãos dela, apoiou-se sobre um dos joelhos e perguntou: – Lady Honoria Smythe-Smith, me daria a enorme honra de se tornar minha esposa?

Honoria tentou responder que sim, mas sua garganta parecia fechada de tanta emoção. Então ela assentiu. Assentiu através das lágrimas.

Assentiu tão rápido e com tanto vigor que quase perdeu o equilíbrio e não teve escolha senão se jogar nos braços de Marcus quando ele voltou a ficar de pé.

– Sim – sussurrou finalmente. – Sim.

Mais tarde, Iris contou que todo o salão aplaudiu, mas Honoria não ouviu nada. Naquele momento perfeito, havia apenas Marcus e ela, e o modo como ele sorria quando encostou o nariz no dela.

– Eu ia me declarar, mas você falou primeiro – explicou Marcus.

– Não pretendia – admitiu ela.

– Eu estava esperando o momento certo.

Honoria ficou na ponta dos pés e o beijou. Dessa vez, ouviu os aplausos ao redor.

– Acho que este *é* o momento certo – sussurrou.

Ele deve ter concordado, porque a beijou de novo. Na frente de todo mundo.

EPÍLOGO

— Não estou certo se a primeira fila é a melhor – comentou Marcus, relanceando um olhar melancólico para o resto das cadeiras vazias.

Ele e Honoria haviam chegado cedo ao recital das Smythe-Smiths daquele ano. Ela insistira para que garantissem os “melhores” lugares.

– Não se trata de ser um lugar melhor ou não – replicou ela, examinando a primeira fila com uma expressão exigente. – Trata-se de escutar.

– Eu sei – retrucou Marcus, em um tom soturno.

– Aliás, não se trata exatamente de escutar, mas de mostrar nosso apoio.

Ela abriu um sorriso cintilante e se acomodou no lugar escolhido: primeira fila, bem no centro. Com um suspiro, Marcus se sentou à sua direita.

– Está confortável? – perguntou ele.

Honoria esperava um bebê, e em estado adiantado o bastante para não aparecer em público, mas ela insistira que o concerto era uma exceção.

– É uma tradição familiar.

Para ela, a explicação bastava.

Para ele, era o motivo para amá-la.

Era tão estranho fazer parte de uma família de verdade. Não apenas as hordas de Smythe-Smiths, tantos que Marcus ainda não conseguia memorizar. Toda noite, quando se deitava ao lado da esposa, não conseguia acreditar que Honoria lhe pertencia. E ele a ela. Uma família.

E logo seriam três.

Impressionante.

– Sarah e Iris ainda estão muito insatisfeitas com a apresentação – sussurrou Honoria, embora não houvesse mais ninguém por perto.

– Quem ocupou seu lugar?

– Harriet – respondeu ela, e acrescentou: – A irmã mais nova de Sarah. Ela tem só 15 anos, só que não havia ninguém mais velha.

Marcus pensou em perguntar se Harriet era boa, então decidiu que não queria saber.

– São dois pares de irmãs no quarteto este ano – continuou Honoria, ao que parecia só tendo notado o fato naquele momento. – Eu me pergunto se isso já aconteceu antes.

– Sua mãe com certeza sabe a resposta – comentou Marcus, distraído.

– Ou tia Charlotte. Ela acabou se tornando a historiadora da família.

Alguém passou por eles para se sentar no canto e Marcus olhou ao redor, percebendo que o salão se enchia aos poucos.

– Estou tão nervosa... – confessou Honoria, dando um sorrisinho animado para ele. – Você sabe, essa é a minha primeira vez na plateia.

Marcus a encarou, confuso.

– E quanto aos anos anteriores à sua participação no quarteto?

– É diferente – replicou ela, com um olhar que significava "você com certeza não compreenderia". – Ah, lá vamos nós, lá vamos nós. Já vai começar.

Marcus deu um tapinha carinhoso na mão da esposa e se acomodou no assento para assistir a Iris, Sarah, Daisy e Harriet assumirem seus lugares. Ele pensou ter ouvido Sarah gemer.

Então elas começaram a tocar.

Foi terrível.

Marcus sabia que seria terrível, é claro. Sempre era. Mas de algum modo seus ouvidos haviam conseguido esquecer como era horrível. Ou talvez estivesse ainda pior do que o normal naquele ano. Harriet deixou cair o arco duas vezes. Aquilo não podia ser bom.

Marcus olhou de relance para Honoria, certo de que veria uma expressão de solidariedade em seu rosto. Afinal, estivera ali. Sabia exatamente qual era a sensação de estar naquele palco, produzindo aquele barulho.

Porém, Honoria não parecia nem um pouco aborrecida por causa das primas. Ao contrário, mantinha os olhos nelas com um sorriso radiante, quase como uma mãe orgulhosa que se deleita com o brilho da cria.

Marcus teve que encará-la duas vezes para ter certeza de que não era imaginação sua.

– Não são fantásticas? – murmurou Honoria, inclinando a cabeça na direção dele.

Marcus entreabriu os lábios, chocado, sem saber o que responder.

– Elas melhoraram muito – sussurrou Honoria.

Aquilo podia muito bem ser verdade. Se fosse, Marcus sentia-se imensamente feliz por não ter assistido a nenhum dos ensaios do quarteto.

Ele passou o resto do concerto observando Honoria. Ela sorriu encantada, suspirou, chegou a levar a mão ao coração uma vez. Quando as primas pousaram os instrumentos (já Sarah revirou os olhos ao erguer os dedos das teclas do piano), Honoria foi a primeira a ficar de pé, aplaudindo loucamente.

– Não vai ser maravilhoso quando tivermos filhas que possam tocar no quarteto? – comentou ela, dando um beijo impulsivo no rosto do marido.

Marcus abriu a boca para falar e, com toda honestidade, não tinha ideia do que pretendia dizer. Mas sem dúvida não o que acabou respondendo:

– Mal posso esperar.

Parado com a mão descansando nas costas da esposa, ouvindo-a tagarelar com as primas, Marcus desviou os olhos para a barriga de Honoria, em que uma nova vida tomava forma. E percebeu que era verdade. Mal podia esperar. Por tudo aquilo.

Ele se inclinou na direção dela.

– Amo você – sussurrou no ouvido da esposa. Só porque teve vontade.

Honoria não ergueu os olhos, mas sorriu.

E Marcus sorriu também.

Julia Quinn
Uma noite como esta
Quarteto Smythe-Smith 2
ARQUEIRO

Uma noite como esta

Julia Quinn

Uma noite como esta

Quarteto Smythe Smith 2

Arqueiro

Título original: *A Night Like This*

Copyright © 2012 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Luiza Conde e Suelen Lopes

diagramação: Abreu's System

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: © Lee Avison/ Trevillion Images

foto da autora: © Rex Rystedt/ seattlephoto.com

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64u

Quinn, Julia
Uma noite como esta [recurso eletrônico]/ Julia Quinn; tradução de Ana Rodrigues. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital (Quarteto Smythe-Smith; 2)

Tradução de: A night like this
Sequência de: Simplesmente o paraíso
Continua com: A soma de todos os beijos
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-85-8041-665-17 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título III. Série.

16-38443 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Iana, uma das pessoas mais fortes que conheço.
E para Paul, apesar de eu ainda não entender por que
alguém pode precisar de sete sacos de dormir.

PRÓLOGO

— Winstead, seu trapaceiro desgraçado!

Daniel Smythe-Smith piscou, confuso. Estava um pouco bêbado, mas *pensou* ter ouvido alguém acusá-lo de trapacear nas cartas. Demorou um instante para ter certeza – não fazia nem um ano que era o conde de Winstead, e às vezes ainda se esquecia de virar quando alguém o chamava pelo título.

Mas, não, ele era Winstead, ou melhor, Winstead era ele e...

Daniel balançou a cabeça. O que estava pensando mesmo?

Ah, certo.

– Não – disse lentamente, ainda confuso com toda aquela história.

Levantou a mão em sinal de protesto, porque tinha certeza de que não trapaceara. Na verdade, depois daquela última garrafa de vinho, essa era provavelmente a única coisa da qual tinha certeza. Mas não conseguiu falar mais nada. E mal conseguiu sair do caminho quando a mesa surgiu, vindo em sua direção.

A mesa? Diabos, quanto ele havia bebido?

Mas era verdade, a mesa agora estava tombada, as cartas espalhadas no chão, e Hugh Prentice gritava como um louco.

Hugh também devia estar bêbado.

– Não trapaceei – afirmou Daniel.

Ergueu as sobrancelhas e piscou com força, como se assim pudesse afastar o embotamento provocado pelo álcool que parecia estar obscurecendo... bem, tudo. Daniel olhou para Marcus Holroyd, seu amigo mais próximo, e deu de ombros.

– Eu não trapaceio.

Todo mundo sabia que ele não trapaceava.

Mas Hugh claramente estava fora de si, e Daniel não conseguiu fazer nada além de ficar olhando para ele enquanto o homem se inflamava, acenando com os braços, a voz cada vez mais alta. Hugh lembrava um chipanzé, pensou Daniel, achando graça. Exceto por não ter todos aqueles pelos.

– Do que ele está falando? – perguntou a ninguém em particular.

– Não havia possibilidade de você ter aquele ás – acusou Hugh. Então se lançou na direção de Daniel, um braço esticado em um gesto não muito firme de acusação. – O ás deveria estar... deveria estar... – Acenou com a mão para algum ponto ao redor onde antes estivera a mesa. – Ora, você não deveria estar com ele – murmurou.

– Mas eu estava – retrucou Daniel.

Não falou com raiva. Não falou nem mesmo de maneira defensiva. Só como um fato consumado, e com um dar de ombros que significava *o-que-mais-posso-dizer*.

– Não poderia estar – disparou Hugh. – Sei onde está cada carta.

Era verdade. Hugh sempre sabia onde estava cada carta do baralho. A mente dele era aguçada de um jeito assustador. E ele também sabia fazer contas de cabeça muito bem. Contas complexas, com mais de três dígitos, com empréstimos e passagens de uma coluna para outra, e toda aquela porcaria que eles haviam sido obrigados a praticar inúmeras vezes na escola.

Em retrospecto, Daniel provavelmente não deveria ter desafiado o outro para um jogo. Mas ele estava buscando algum divertimento e, para ser sincero, achara que fosse perder.

Ninguém jamais ganhara um jogo de cartas contra Hugh Prentice.

A não ser, ao que parecia, Daniel.

– Incrível – murmurou Daniel, olhando para as cartas.

Era verdade que elas agora estavam espalhadas pelo chão, mas ele sabia quais eram as suas. Ficara tão surpreso quanto qualquer um quando abaixara a mão vencedora.

– Eu ganhei – anunciou, embora tivesse a sensação de que já dissera isso. Virou-se para Marcus. – Imagine só...

– Você está escutando o que ele está dizendo? – sussurrou Marcus, e em seguida bateu palmas na frente do rosto de Daniel. – Acorde!

Daniel encarou o amigo, irritado, e franziu o nariz por causa do zumbido nos ouvidos. Francamente, aquilo fora desnecessário.

– Estou acordado – falou.

– Vou vingar minha honra – grunhiu Hugh.

Daniel o encarou, surpreso.

– O quê?

– Escolha seu padrinho.

– Está me desafiando para um duelo?

Era isso que estava parecendo. Mas ele estava bêbado outra vez. E achava que Prentice também.

– Daniel – grunhiu Marcus.

Daniel se virou.

– Acho que ele está me desafiando para um duelo.

– Daniel, *cale a boca*.

– Humpf. – Daniel desdenhou Marcus com um gesto de mão. Amava o amigo como um irmão, mas às vezes ele era bastante enfadonho. – Hugh – disse, dirigindo-se ao homem furioso à sua frente –, não seja idiota.

Hugh avançou.

Daniel deu um pulo para o lado, mas não foi rápido o bastante e os dois acabaram caindo no chão. Daniel era uns bons 5 quilos mais pesado, mas Hugh contava com a fúria a seu favor, enquanto Daniel tinha apenas uma confusão mental. Assim, Hugh já havia acertado pelo menos quatro socos antes que Daniel desferisse o primeiro.

E foi em vão, porque Marcus e algumas outras pessoas se colocaram entre os dois, afastando-os.

– Você é um maldito trapaceiro – esbravejou Hugh, debatendo-se enquanto dois homens o continham.

– E você é um idiota.

A expressão no rosto de Hugh era sombria.

– Vou vingar minha honra.

– Ah, mas não vai mesmo – bradou Daniel. Em algum momento, provavelmente quando Hugh acertara o primeiro soco no queixo dele, a confusão mental de Daniel evaporara, dando lugar à raiva. – *Eu* vingarei a minha honra.

Marcus grunhiu.

– No Campo Verde? – disse Hugh friamente, referindo-se a um lugar isolado no Hyde Park onde os cavalheiros acertavam suas diferenças.

Daniel o encarou.

– Ao amanhecer.

As vozes foram abafadas e o silêncio se instalou, enquanto todos esperavam que um dos dois recuperasse o bom senso.

Mas isso não aconteceu. É claro que não aconteceu.

Hugh ergueu o canto do lábio.

– Que seja.

– Ah, maldição – gemeu Daniel. – Minha cabeça está doendo.

– É mesmo? – comentou Marcus, com sarcasmo. – Não consigo imaginar o motivo...

Daniel engoliu em seco e esfregou o olho bom, o que Hugh não deixara roxo na noite anterior.

– O sarcasmo não combina com você.

Marcus o ignorou.

– Você ainda pode colocar um ponto final nessa história.

Daniel olhou de relance as árvores em volta da clareira, a grama muito verde que se estendia à sua frente até chegar a Hugh Prentice e o homem ao lado dele, que examinava a pistola. O sol nascera menos de dez minutos antes, e o orvalho da manhã ainda cobria todas as superfícies.

– Agora é um pouco tarde, não acha?

– Daniel, isso é uma idiotice. Você não está em condições de atirar com uma pistola. Provavelmente ainda está embriagado depois de ontem à noite. – Marcus olhou para Hugh com uma expressão alarmada. – Assim como ele.

– Ele me chamou de trapaceiro.

– Não vale a pena morrer por isso.

Daniel revirou os olhos.

– Ah, pelo amor de Deus, Marcus. Ele não vai atirar em mim de verdade.

Marcus voltou a olhar para Hugh com preocupação.

– Eu não estaria tão certo disso.

Daniel descartou as preocupações do amigo com outro revirar de olhos.

– Ele vai errar o tiro de propósito.

Marcus balançou a cabeça e foi encontrar o padrinho de Hugh no meio da clareira. Daniel observou enquanto os dois examinavam as armas e

conversavam com o médico.

Quem diabo pensara em levar um médico até ali? Ninguém atirava de verdade no oponente naquele tipo de duelo.

Marcus voltou, com a expressão soturna, e entregou a arma a Daniel.

– Tente não se matar – murmurou. – Ou matar Hugh.

– Deixe comigo – disse Daniel, mantendo a voz animada o bastante para que Marcus ficasse louco de irritação.

Ele assumiu seu lugar, levantou o braço e esperou pela contagem até três.

Um.

Dois.

Tr...

– Maldição! Você atirou em mim! – exclamou Daniel, erguendo os olhos para Hugh em uma mistura de fúria e choque.

Fitou o próprio ombro, que sangrava. Fora só um ferimento superficial, mas, por Deus, doía! E era o braço com o qual Daniel atirava.

– Que diabo estava pensando? – gritou.

Hugh ficou apenas parado, encarando Daniel como um idiota, como se não percebesse que uma bala podia arrancar sangue.

– Seu maldito idiota – murmurou Daniel, erguendo a pistola para atirar também.

Mirou para o lado, onde havia uma bela árvore, de tronco grosso, que poderia muito bem suportar um tiro, mas então o médico veio correndo em sua direção, falando algo que ele não entendeu. Quando Daniel se virou na direção do homem, acabou escorregando na relva úmida e seu dedo pressionou o gatilho. A arma disparou antes do que ele pretendia.

Maldição, o coice da pistola machucava. Idiota...

Hugh gritou.

Daniel gelou e, com o horror crescendo no peito, ergueu os olhos para o lugar onde estava Hugh.

– Ah, meu Deus.

Marcus já estava correndo para lá, assim como o médico. Havia sangue por toda parte, tanto que Daniel, mesmo do outro lado da clareira, podia vê-lo tingir a grama. A arma escorregou de seus dedos e ele deu um passo à frente, como se em transe.

Santo Deus, acabara de matar um homem?

– Tragam minha maleta! – gritou o médico, e Daniel deu mais um passo à frente.

O que deveria fazer? Ajudar? Marcus já estava fazendo isso junto com o padrinho de Hugh e, além do mais, Daniel não acabara de atirar no homem?

Como um cavalheiro deveria agir em uma situação dessas? Socorrer a pessoa depois de acertar uma bala nela?

– Aguente firme, Prentice! – suplicou alguém, e Daniel deu mais um passo, e outro, até o cheiro acre de sangue atingi-lo como um soco.

– Amarre isso com força – disse uma voz.

– Ele vai perder a perna.

– Melhor do que perder a vida.

– Temos que estancar o sangramento.

– Aperte com mais força.

– Fique acordado, Hugh!

– Ele ainda está sangrando!

Daniel ficou atento. Ele não sabia quem estava dizendo o quê, e isso não importava. Hugh estava morrendo, bem ali, na relva, e fora ele, Daniel, o responsável.

Tinha sido um acidente. Hugh atirara nele. E a relva estava molhada.

Ele havia escorregado. Santo Deus, eles sabiam que ele havia escorregado?

– Eu... Eu... – Daniel tentou falar, mas não encontrou palavras e, de qualquer modo, apenas Marcus o ouviu.

– É melhor você ficar afastado – disse Marcus em um tom soturno.

– Ele está...? – Daniel tentou perguntar a única coisa que importava, mas se engasgou com as palavras.

E desmaiou.

Quando Daniel voltou a si, estava na cama de Marcus, com uma atadura presa com força ao redor do braço. Marcus estava sentado em uma cadeira próxima, olhando pela janela, que cintilava ao sol do meio-dia. Assim que ouviu o gemido de Daniel ao despertar, Marcus se virou na direção do amigo.

– E Hugh? – perguntou Daniel com a voz rouca.

– Está vivo. Ou ao menos foi a última notícia que tive.

Daniel fechou os olhos.

– O que eu fiz? – sussurrou.

– A perna dele está péssima – disse Marcus. – Você atingiu uma artéria.

– Foi sem querer.

A declaração soava patética, mas era verdade.

– Eu sei. – Marcus voltou a se virar para a janela. – Você tem uma mira terrível.

– Eu escorreguei. O chão estava molhado.

Daniel não sabia nem por que estava dizendo aquilo. Não tinha importância. Não se Hugh morresse.

Maldição, eles eram amigos. Aquilo era o mais estúpido de tudo. Os dois se conheciam fazia anos, desde o primeiro ano em Eton.

Mas Daniel bebera demais, Hugh também, todo mundo, na verdade, a não ser por Marcus, que nunca tomava mais do que um copo.

– Como está seu braço? – perguntou Marcus.

– Doendo.

Marcus assentiu.

– É bom que esteja – comentou Daniel, desviando o olhar.

Marcus provavelmente assentiu de novo.

– Minha família sabe?

– Não sei – respondeu Marcus. – Se ainda não sabem, logo saberão.

Daniel engoliu em seco. Não importava o que acontecesse, seria um pária, e isso se refletiria na família dele. As irmãs mais velhas já estavam casadas, mas Honoria acabara de debutar. Quem iria querê-la agora?

E Daniel não queria nem pensar no estado em que a mãe ficaria por causa daquela situação.

– Terei que deixar o país – declarou, sem rodeios.

– Ele ainda não está morto.

Daniel se virou para Marcus, sem conseguir acreditar na objetividade do amigo.

– Se Hugh sobreviver, você não precisará ir embora – continuou Marcus.

Era verdade, mas Daniel não conseguia acreditar que Hugh escaparia. Vira o sangramento. Vira a ferida. Diabos, vira até mesmo o osso, exposto à vista de todos.

Ninguém sobrevivia a um ferimento daquele. Se a perda de sangue não matasse Hugh, a infecção o faria.

– Tenho que ir visitá-lo – decidiu Daniel finalmente, recostando-se na cama.

Começou a se levantar quando Marcus o alcançou.

– Não é uma boa ideia – alertou Marcus.

– Preciso dizer a Hugh que não fiz de propósito.

Marcus ergueu as sobrancelhas.

– Não acho que isso vá importar.

– Para mim, importa.

– O magistrado pode estar lá.

– Se o magistrado quisesse me pegar, já teria me encontrado aqui.

Marcus considerou a declaração, então finalmente se afastou, dando um passo para o lado, e disse:

– Você está certo.

Ele estendeu o braço e Daniel segurou-o para que se firmasse.

– Eu estava jogando cartas porque é isso que um cavalheiro faz – comentou Daniel em uma voz inexpressiva. – E quando ele me chamou de trapaceiro, eu reagi, porque é isso que um cavalheiro faz.

– Não se torture assim – disse Marcus.

– Não – retrucou Daniel, em um tom sério. Iria terminar. Havia coisas que precisavam ser ditas. Ele se virou para Marcus com os olhos ardentes. – Atirei para o lado, que é o que um cavalheiro faz – continuou, agora furioso. – *E errei*. Eu errei e acertei Hugh. E agora, maldição, vou fazer o que um *homem* faz e vou até ele, para dizer que lamento.

– Eu o levarei lá – disse Marcus.

Era só o que havia a dizer.

Hugh era o segundo filho do marquês de Ramsgate, e fora levado para a casa do pai, em St. James. Não demorou muito para Daniel perceber que não era bem-vindo.

– Você! – bradou lorde Ramsgate, apontando para Daniel como se estivesse vendo o diabo em pessoa. – Como ousa aparecer aqui?

Daniel ficou imóvel. Ramsgate tinha o direito de estar furioso. Estava em choque. Sofrendo.

– Vim para...

– Dar os pêsames? – interrompeu lorde Ramsgate em um tom sarcástico. – Sinto muito por decepcioná-lo, mas é um pouco cedo para isso.

Daniel se permitiu um lampejo de esperança.

– Então ele está vivo?

– A duras penas.

– Gostaria de me desculpar – acrescentou Daniel, rígido.

Os olhos de Ramsgate, que já eram saltados, se arregalaram de um modo que parecia quase impossível.

– Desculpar-se? Está falando sério? Você acha que um pedido de desculpas vai salvá-lo da forca se meu filho morrer?

– Não foi por isso que eu...

– Eu o verei ser *enforcado*. Não pense que não verei.

Daniel não duvidou disso nem por um segundo.

– Foi Hugh quem desafiou Daniel para o duelo – lembrou Marcus em voz baixa.

– Não me importa quem desafiou quem – disse Ramsgate, ríspido. – Meu filho fez o que devia: mirou para errar. Mas você... – Ele se virou para Daniel, então, o veneno e a dor se derramando. – Você atirou nele. Por que fez isso?

– Não tive a intenção.

Por um momento, Ramsgate não fez nada além de encará-lo.

– Você não teve a intenção. *Essa* é a sua explicação?

Daniel ficou em silêncio. A justificativa parecia débil a seus próprios ouvidos. Mas era a verdade. E era terrível.

Ele olhou para Marcus, esperando algum tipo de conselho silencioso, algo que lhe desse uma ideia do que dizer, de como proceder. Mas Marcus também parecia perdido, e Daniel imaginou que eles teriam se desculpado mais uma vez e se despedido se o mordomo não houvesse entrado na sala naquele exato momento, anunciando que o médico estava descendo, vindo do quarto de Hugh.

– Como ele está? – perguntou Ramsgate.

– Vai sobreviver – respondeu o médico –, desde que consiga evitar a infecção.

– E a perna?

– Vai ficar boa. Mais uma vez, se conseguir evitar a infecção. Mas vai ficar manco, e talvez fique com a perna fraca. O osso foi estilhaçado. Eu fiz o melhor que pude... – O médico deu de ombros. – Foi o máximo que pude fazer.

– Quando saberá se ele escapou da possibilidade de infecção? – perguntou Daniel.

Ele precisava saber.

O médico se virou.

– Quem é você?

– O demônio que atirou no meu filho – sibilou Ramsgate.

O médico recuou, chocado a princípio, então para se proteger, quando Ramsgate atravessou a sala.

– Escute bem – disse o marquês em uma voz cruel, avançando até estar com o nariz quase colado ao de Daniel. – Você vai pagar por isso. Acabou com a vida do meu filho. Mesmo que ele sobreviva, estará arruinado, com a perna e a vida arruinadas.

Uma pontada fria de inquietude atingiu Daniel. Sabia que Ramsgate estava furioso – tinha todo o direito de estar, aliás. Mas havia algo mais acontecendo ali. O marquês parecia desequilibrado, possuído.

– Se ele morrer – sussurrou Ramsgate –, você será enforcado. E se ele não morrer, se de algum modo você conseguir escapar da lei, eu matarei você.

Os dois estavam tão próximos que Daniel conseguiu sentir o hálito úmido escapando da boca de Ramsgate a cada palavra. E, ao olhar bem dentro dos olhos verdes do marquês, Daniel soube o que significava ter medo.

Lorde Ramsgate o mataria. Era só uma questão de tempo.

– Senhor – começou a dizer, porque precisava dizer alguma coisa. Não poderia simplesmente ficar parado ali, ouvindo aquelas palavras. – Devo pontuar que...

– Não, eu estou garantindo – cuspiu Ramsgate. – Não me importa quem você é ou que título seu bendito pai lhe passou. Você vai morrer. Entendeu?

– Acho que está na hora de irmos embora – interveio Marcus. Colocou o braço entre os dois homens e cuidadosamente aumentou o espaço entre eles. – Doutor – disse, acenando com a cabeça em despedida na direção do médico, enquanto apressava Daniel para a saída. – Lorde Ramsgate.

– Saiba que está com os dias contados, Winstead – avisou lorde Ramsgate. – Ou, melhor ainda, com as horas contadas.

– Senhor – disse Daniel mais uma vez, tentando demonstrar respeito. Queria fazer aquilo da forma certa. Precisava tentar. – Tenho que lhe dizer...

– Não se dirija a mim – interrompeu-o Ramsgate. – Não há nada que você possa dizer que vá salvá-lo agora. Não vai conseguir se esconder em lugar nenhum.

– Se o senhor o matar, também será enforcado – argumentou Marcus. – E, se Hugh sobreviver, vai precisar do senhor.

Ramsgate olhou para Marcus como se ele fosse um idiota.

– Acha que eu o matarei com as próprias mãos? É fácil contratar um assassino. Na verdade, o preço por uma vida é bem baixo. – Ele fez um gesto com a cabeça na direção de Daniel. – Até mesmo a dele.

– Preciso ir – disse o médico, e saiu apressadamente.

– Lembre-se disso, Winstead – falou lorde Ramsgate, pousando os olhos em Daniel com um desprezo cruel. – Você pode fugir, pode tentar se esconder, mas meus homens o encontrarão. E você não vai saber quem são. Portanto, não os verá chegando.

Aquelas foram as palavras que assombraram Daniel pelos três anos seguintes. Da Inglaterra à França, da França à Prússia e da Prússia à Itália. Ele as ouvia durante o sono, no farfalhar das folhas das árvores e em cada passo atrás de si. Aprendeu a manter a retaguarda protegida, a não confiar em ninguém, nem mesmo nas mulheres com quem ocasionalmente buscava prazer. E aceitou o fato de que nunca mais voltaria a colocar os pés em solo inglês ou a ver a família, até que, certo dia, para sua grande surpresa, Hugh Prentice foi até ele, mancando, em uma pequena cidade italiana.

Daniel sabia que Hugh sobrevivera. De tempos em tempos, recebia uma carta de casa. Mas não esperara vê-lo de novo, e com certeza não ali, sob o sol mediterrâneo que tostava a praça da cidade antiga e aos gritos de *arrivederci* e de *buon giorno* que se erguiam como música no ar.

– Eu o encontrei – disse Hugh, e estendeu a mão. – Sinto muito.

Então, pronunciou as palavras que Daniel nunca imaginou que ouviria:

– Pode voltar para casa agora. Eu prometo.

CAPÍTULO 1

Para uma dama que passara os últimos oito anos tentando *não* ser notada, Anne Wynter estava em uma posição delicada.

Em aproximadamente um minuto, seria forçada a subir em um palco improvisado, fazer uma cortesia para pelo menos oitenta membros da alta sociedade londrina, sentar-se diante de um piano e tocar.

Servia de consolo, até certo ponto, o fato de que estaria dividindo o palco com mais três jovens. As outras musicistas – membros do deplorável Quarteto Smythe-Smith – tocavam violino ou violoncelo e teriam que ficar de frente para a plateia. Anne, pelo menos, poderia se concentrar nas teclas de marfim e manter a cabeça baixa. Com alguma sorte, a plateia estaria focada demais na terrível qualidade da música e não prestaria atenção na mulher de cabelos escuros que fora forçada a assumir no último minuto o lugar da pianista, que caíra terrivelmente – não, catastroficamente – doente (como declarava a mãe da moça em questão para qualquer um que pudesse ouvir).

Anne não acreditou nem por um minuto que lady Sarah Pleinsworth estivesse doente, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito – não se quisesse manter sua posição como governanta das três irmãs mais novas de lady Sarah.

Mas o fato era que lady Sarah *havia* convencido a mãe, que decidira que o espetáculo deveria continuar. Então, depois de contar em detalhes impressionantes a história de dezessete anos de concertos Smythe-Smiths, lady Pleinsworth declarara que Anne assumiria o lugar de sua filha. "Certa vez você me disse que havia tocado um pouco do *Quarteto para piano Nº 1* de Mozart", lembrou-a lady Pleinsworth.

Anne agora se arrependia profundamente disso.

Aparentemente não importava que fizesse oito anos que Anne não tocava a peça musical em questão ou que nunca a houvesse tocado inteira. Lady Pleinsworth não aceitaria questionamentos, e Anne fora levada à casa da cunhada dela, onde o concerto seria realizado, para ensaiar durante oito horas.

Era ridículo.

A única bênção foi o fato de o resto do quarteto ser tão ruim que os erros de Anne mal eram perceptíveis. Na verdade, o único objetivo que ela buscava naquela noite era *não* ser notada. Porque realmente não queria aquilo: ser percebida. Por uma variedade de razões.

– Está quase na hora – sussurrou Daisy Smythe-Smith, entusiasmada.

Anne deu um sorrisinho. Daisy não parecia perceber que tocava muito mal.

– Que alegria a minha... – disse Iris, irmã de Daisy, com a voz infeliz e fria.

Iris compreendia.

– Por favor! – exclamou lady Honoria Smythe-Smith, prima das outras duas. – Esse concerto precisa ser maravilhoso. Somos uma família.

– Bem, ela não – argumentou Daisy, indicando Anne com a cabeça.

– Esta noite, ela é, sim – declarou Honoria. – E, mais uma vez, obrigada, Srta. Wynter. Sinceramente, a senhorita nos salvou.

Anne murmurou algumas palavras sem sentido, já que não conseguiu se obrigar a dizer que não havia problema, ou que o prazer era dela. Na verdade, gostava de lady Honoria. Ao contrário de Daisy, lady Honoria *percebia* como elas eram péssimas, mas, ao contrário de Iris, ainda desejava se apresentar. Era tudo pela família, insistia Honoria. Família e tradição. Dezessete grupos de primas Smythe-Smiths haviam se apresentado antes delas e, se as coisas saíssem como Honoria desejava, dezessete outros se seguiriam. Não importava a qualidade da música.

– Ah, importa, sim – murmurou Iris.

Honoria cutucou a prima delicadamente com o arco do violino.

– Família e tradição – lembrou. – *Isso* é o que importa.

Família e tradição. Anne não se importaria em ter um pouco das duas. Embora, para ser sincera, as coisas não houvessem dado muito certo para ela na primeira vez em que lidara com ambas.

– Consegue ver alguma coisa? – perguntou Daisy.

Ela pulava de um pé para o outro, como um passarinho frenético, e Anne já recuara duas vezes para proteger os dedos dos pés.

Honoria, que estava mais perto do local por onde entrariam, assentiu.

– Há alguns lugares vazios, não muitos.

Iris gemeu.

– É assim todo ano? – perguntou Anne, sem conseguir se conter.

– Assim como? – perguntou Honoria.

– Bem, hã...

Havia coisas que simplesmente não se diziam às sobrinhas da sua patroa. Por exemplo, não se fazia nenhum comentário explícito sobre a falta de talento musical de outra jovem dama. Nem se perguntava em voz alta se os concertos eram sempre terríveis assim ou se naquele ano estava particularmente ruim. E, com certeza, não se perguntava: *Se os concertos são sempre tão terríveis, por que as pessoas continuam vindo assistir?*

Bem naquele momento, Harriet Pleinsworth, de 14 anos, entrou derrapando por uma porta lateral.

– Srta. Wynter!

Anne se virou para a menina, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Harriet anunciou:

– Estou aqui para virar as páginas de sua partitura.

– Obrigada, Harriet. Vai ser de grande ajuda.

Harriet sorriu para Daisy, que a encarou com desdém.

Anne se virou, para que ninguém a visse revirando os olhos. Aquelas duas nunca haviam se dado bem. Daisy se levava a sério demais, e Harriet não levava nada a sério.

– Está na hora! – anunciou Honoria.

Então elas entraram no palco e, depois de uma breve apresentação, começaram a tocar.

Anne, por outro lado, começou a rezar.

Santo Deus, nunca fizera nada tão difícil na vida. Seus dedos corriam pelas teclas, tentando desesperadamente acompanhar Daisy, que tocava violino como se estivesse em uma corrida.

Isso é um absurdo, um absurdo, um absurdo, cantarolava Anne mentalmente. Era muito estranho, mas a única forma de suportar aquela apresentação era continuar a falar consigo mesma. A peça musical escolhida era muito difícil, quase impossível, mesmo para músicos talentosos.

Absurdo, absurdo... Ai! Dó sustenido! Anne esticou o dedo mínimo bem a tempo de acertar a tecla. O que significava dois segundos depois do que deveria.

Ela deu uma rápida olhada na plateia. Uma mulher na fileira da frente parecia nauseada.

Volte ao trabalho, volte ao trabalho. Ah, Deus, nota errada. Não tinha importância. Ninguém perceberia, nem mesmo Daisy.

E Anne continuou a tocar, cogitando se não devia simplesmente inventar sua parte. Isso não conseguiria de forma alguma tornar a música ainda pior. Daisy passava voando pela própria parte, o volume variando entre alto e altíssimo; Honoria tocava de forma lenta e bem pensada, cada nota como um passo determinado; e Iris...

Bem, na verdade Iris era ótima. Não que isso importasse.

Anne respirou fundo e alongou os dedos durante uma breve pausa na parte do piano. Então, estava de volta à partitura e...

Vire a página, Harriet.

Vire a página, Harriet.

– Vire a página, Harriet! – sibilou.

A menina obedeceu.

Anne acertou o primeiro acorde, então percebeu que Iris e Honoria já estavam dois compassos à frente. Daisy estava... ora, santo Deus, Anne não tinha ideia de onde estava Daisy.

Pulou para o ponto no qual esperava que as outras estivessem. De qualquer modo, deveriam estar em algum lugar no meio do caminho.

– A senhorita pulou uma parte – sussurrou Harriet.

– Não importa.

E, de fato, não importava.

Então, enfim, ah, *enfim*, elas chegaram a um trecho em que Anne não precisaria tocar por três páginas inteiras. Ela endireitou o corpo, deixou escapar o ar que vinha prendendo por, ah, aparentemente dez minutos, e...

E viu alguém.

Ficou paralisada. Alguém as estava observando do fundo do palco. A porta pela qual elas haviam entrado – a mesma que Anne tinha certeza de ter fechado com um clique – estava agora entreaberta. E como ela era a integrante do grupo que estava mais perto da porta, e a única que não se encontrava de costas para ela, pôde ver parte do rosto de um homem espiando.

Pânico.

Anne sentiu uma onda de pânico dominá-la, comprimindo seus pulmões, queimando sua pele. Conhecia aquela sensação. Não acontecia muito, graças a Deus, mas acontecia com certa frequência. Toda vez que via alguém em um lugar onde não devia ter ninguém...

Pare.

Ela se obrigou a respirar. Estava na casa da nobre condessa de Winstead. Não poderia estar mais segura. O que precisava fazer era...

– Srta. Wynter! – sibilou Harriet.

Anne se sobressaltou e voltou a prestar atenção à música.

– Perdeu sua entrada.

– Onde estamos agora? – perguntou Anne freneticamente.

– Não sei. Não sei ler partituras.

Sem conseguir evitar, Anne ergueu os olhos.

– Mas você toca violino.

– Eu sei – respondeu Harriet, com uma expressão infeliz.

Anne examinou as notas na página o mais rápido que conseguiu, os olhos seguindo com agilidade de compasso em compasso.

– Daisy está olhando irritada para nós – sussurrou a menina.

– Shhh – fez Anne.

Ela precisava se concentrar. Virou a página, fez sua melhor aposta e abaixou os dedos em um sol menor.

Então, passou para o sol maior. Foi melhor. *Melhor* sendo um termo bastante relativo.

Pelo restante da apresentação, Anne manteve a cabeça baixa. Não ergueu os olhos nem para a plateia nem para o homem que as observava do fundo do salão. Percorreu as notas com tanta classe quanto o restante das Smythe-Smiths. Quando terminaram, levantou-se e fez uma cortesia de agradecimento, com a cabeça ainda abaixada. Então, murmurou alguma coisa a Harriet sobre precisar se arrumar e desapareceu.

Daniel Smythe-Smith não planejara voltar a Londres no dia do concerto anual da família e, para ser sincero, seus ouvidos desejavam fortemente que ele não tivesse ido, mas seu coração... bem, essa era outra história.

Era um bom momento para voltar para casa. Até mesmo com a cacofonia.

Sobretudo com a cacofonia. Nada era mais sinônimo de “lar” para um homem da família Smythe-Smith do que música mal tocada.

Ele não quis que ninguém o visse antes da apresentação. Afinal, passara três anos longe e sabia que seu retorno a ofuscaria. A plateia provavelmente teria agradecido a ele, mas a última coisa que Daniel queria era cumprimentar a família diante de uma multidão de lordes e damas, sendo que a maior parte deles devia achar que seria melhor Daniel ter permanecido no exílio.

Mas ele queria ver a família, assim, logo que ouviu a música começar, esgueirou-se em silêncio para dentro da sala de ensaios, foi pé ante pé até a porta que dava para o palco do salão de música e abriu apenas uma fresta.

Sorriu. Lá estava Honoria, com aquele grande sorriso estampado no rosto, enquanto atacava o violino com o arco. Honoria não fazia ideia de que não sabia tocar, pobrezinha. O mesmo acontecia com as outras irmãs dele. Mas Daniel as amava por tentarem.

No outro violino estava... santo Deus, aquela era Daisy? Ela não deveria estar no banco da sala de estudos? Não, na verdade ela já devia estar com 16 anos, pensou. Ainda não debutara, mas também não era mais uma menininha.

E lá estava Iris, no violoncelo, parecendo extremamente infeliz. E ao piano...

Daniel parou. Quem diabo estava ao piano? Ele se inclinou um pouco mais para a frente. Como a jovem estava com a cabeça baixa, ele não conseguia ver bem o seu rosto, mas uma coisa era certa: ela definitivamente *não* era uma de suas primas.

Ora, ora, *aquilo* era um mistério. Daniel sabia (porque a mãe lhe dissera várias vezes) que o Quarteto Smythe-Smith era composto de jovens damas Smythe-Smiths solteiras, e ninguém mais. A família, na verdade, tinha muito orgulho disso, de produzir tantas moças com talento musical (palavras da mãe de Daniel, não dele). Quando uma delas se casava, já havia outra esperando para assumir a posição. Nunca haviam precisado que alguém não pertencente à família ocupasse um lugar no quarteto.

Na verdade, a questão principal era: que pessoa não pertencente à família iria *querer* ocupar um lugar no quarteto?

Era provável que uma das primas tivesse ficado doente. Aquela era a única explicação possível. Daniel tentou lembrar quem deveria estar ao piano. Marigold? Não, ela tinha se casado. Viola? Ele achava que havia recebido uma carta dizendo que ela também se casara. Sarah? Sim, deveria ser Sarah ao piano.

Daniel balançou a cabeça. Tinha mesmo uma enorme quantidade de primas...

Observou a dama ao piano com certo interesse. Ela estava se esforçando muito para acompanhar as outras. Abaixava e levantava a cabeça enquanto olhava a partitura de relance e, de vez em quando, se encolhia. Harriet estava perto dela, virando as páginas nos momentos errados.

Daniel deu uma risadinha. Fosse quem fosse a pobre moça, ele esperava que a família dele a estivesse pagando bem.

Então, finalmente, a jovem ergueu os dedos das teclas, enquanto Daisy começava o penoso solo de violino. Daniel observou a moça deixar o ar escapar, alongar os dedos e...

Ela levantou os olhos.

O tempo parou. Simplesmente parou. Era o modo mais piegas e clichê de descrever, mas aqueles poucos segundos em que o rosto dela se ergueu na direção dele... pareceram se esticar e se estender, dissolvendo-se na eternidade.

Ela era linda. Mas isso não explicava a reação dele. Já tinha visto mulheres lindas. Já havia até dormido com uma grande quantidade delas. Mas aquela... Ela...

Até mesmo os pensamentos de Daniel pareciam ter emudecido.

Os cabelos dela eram cheios, negros e brilhantes, e não importava que estivessem presos para trás em um coque prático. Aquela jovem não precisava de cachos ou fitas de veludo. Poderia estar com os cabelos esticados para trás como uma bailarina ou ter a cabeça toda raspada que, ainda assim, seria a criatura mais maravilhosa que ele já vira.

Era o rosto dela, só podia ser. Em formato de coração, claro, com as mais incríveis sobrancelhas escuras e arqueadas. À meia-luz, Daniel não saberia dizer a cor dos olhos dela, e isso lhe pareceu trágico. Mas os lábios...

Ele esperava sinceramente que aquela mulher não fosse casada, porque *iria* beijá-la. A questão era apenas quando.

Então – Daniel percebeu o instante em que aconteceu –, ela o viu. O rosto da jovem se contorceu, ela deixou escapar um arquejo baixo e ficou paralisada, com os olhos arregalados. Daniel deu um sorrisinho irônico e balançou a cabeça. Será que a moça achava que ele era um louco varrido, esgueirando-se para dentro da Casa Winstead daquele jeito para espiar o concerto?

Bem, Daniel supunha que fazia sentido. Passara bastante tempo sendo cauteloso em relação a estranhos para reconhecer a mesma atitude em outra pessoa. A jovem não sabia quem ele era, e com certeza não deveria haver ninguém nos fundos do palco durante a apresentação.

O mais impressionante foi que ela não desviou os olhos. Manteve-os fixos nos de Daniel, e ele não se moveu – nem sequer respirou – até o momento ser interrompido pela prima dele, Harriet, que cutucou a mulher provavelmente para informá-la de que havia perdido sua entrada na música.

Depois a jovem não ergueu mais o olhar.

Mas Daniel continuou a observá-la. A cada virada de página da partitura, a cada *fortissimo*. Ele a observou com tanta atenção que, em determinado momento, deixou de ouvir a música. Sua mente passou a tocar uma sinfonia própria, sensual e plena, evoluindo em direção a um clímax perfeito e inevitável.

Clímax que nunca aconteceu. O encanto foi quebrado quando o quarteto chegou às notas finais, e as damas se levantaram e se curvaram em agradecimento. A beldade de cabelos negros disse alguma coisa a Harriet, que sorria aos aplausos como se ela mesma tivesse tocado. Então, a mulher se afastou tão rápido que Daniel ficou surpreso por ela não ter deixado marcas no chão.

Não importava. Ele a encontraria.

Atravessou em disparada o corredor dos fundos da Casa Winstead. Já se esgueirara várias vezes por ali quando era mais jovem; sabia exatamente o caminho que alguém tomaria se quisesse escapar sem ser visto. E, como esperava, conseguiu interceptá-la antes que ela virasse a última esquina em direção à entrada dos criados. Mas ela não o viu de imediato, não o viu até...

– Aí está a senhorita – disse Daniel, sorrindo como se estivesse cumprimentando uma amiga que não via fazia muito tempo.

Não havia nada como um sorriso inesperado para tirar alguém do prumo.

Ela se afastou para o lado, chocada, e um grito incontido escapou de seus lábios.

– Santo Deus – falou Daniel, cobrindo a boca da moça com a mão. – Não faça *isso*. Alguém vai ouvi-la.

Ele a puxou para si – era a única maneira de manter a mão firme sobre os lábios dela. O corpo da jovem era pequeno e delgado e tremia como uma folha. Ela estava aterrorizada.

– Não vou machucá-la – garantiu Daniel. – Só quero saber o que está fazendo aqui. – Ele esperou por um instante, então se ajeitou para poder ver melhor o rosto dela. Os olhos da jovem encontraram os dele, escuros e assustados. – Muito bem, se eu a soltar, ficará em silêncio?

Ela assentiu.

Daniel pensou a respeito.

– Está mentindo.

Ela revirou os olhos, como se dissesse *O que esperava*, e ele riu.

– Quem é a senhorita? – perguntou.

Então, a coisa mais estranha aconteceu. A mulher relaxou nos braços dele. Um pouco, pelo menos. Daniel percebeu parte da tensão do corpo dela desaparecer e sentiu o hálito e o suspiro em sua mão.

Interessante. A jovem não estava preocupada por ele não saber quem era ela. A preocupação era que ele *soubesse*.

Lentamente, e com movimentos precisos o bastante para deixar claro que ele poderia mudar de ideia a qualquer momento, Daniel afastou a mão dos lábios dela. Mas não soltou sua cintura. Sabia que era um gesto egoísta, mas não conseguiu se obrigar a libertá-la.

– Quem é a senhorita? – sussurrou no ouvido da jovem.

– Quem é *o senhor*? – retrucou ela.

Daniel deu um sorrisinho.

– Perguntei primeiro.

– Não falo com estranhos.

Ele riu ao ouvir isso, então a girou para que ficassem frente a frente. Daniel sabia que seu comportamento era abominável, interpelando daquele

jeito a pobre mulher. Ela não estava fazendo nada reprovável. Tocara no quarteto da família dele, pelo amor de Deus. Deveria *agradecer* a ela.

Mas Daniel estava se sentindo zonzo – quase cambaleante, na verdade. Havia algo naquela mulher que fazia o sangue dele se inflamar, e ele já estava um pouco tonto ao finalmente chegar à Casa Winstead depois de semanas de viagem.

Estava em casa. *Em casa*. E havia uma linda mulher em seus braços, que Daniel tinha certeza quase absoluta de que *não* planejava matá-lo.

Já havia algum tempo que ele não saboreava aquela sensação em particular.

– Acho... – disse ele em um tom perplexo. – Acho que preciso beijá-la.

Ela recuou de forma abrupta, não parecendo exatamente assustada, mas sim confusa. Ou talvez preocupada.

Mulher esperta. Sem dúvida ele parecia um louco.

– Um beijo rápido – assegurou Daniel. – Só preciso lembrar a mim mesmo...

Ela permaneceu em silêncio, então, como se não pudesse se conter, perguntou:

– O quê?

Ele sorriu. Gostou da voz dela. Era reconfortante e agradável, como um bom conhaque. Ou um dia de verão.

– O que é bom – respondeu.

Em seguida, levou a mão ao queixo dela e ergueu seu rosto na direção do dele. Ela prendeu a respiração – Daniel percebeu o ar escapando com dificuldade por seus lábios –, mas não lutou para se soltar. Ele esperou, só por um momento, porque se ela tentasse se libertar sabia que precisaria deixá-la ir. Mas não foi o que aconteceu. A mulher manteve os olhos encarando os de Daniel, tão hipnotizada pelo momento quanto ele.

Então Daniel a beijou. Hesitante a princípio, quase com medo de que ela desaparecesse de seus braços. Mas não foi o bastante. A paixão ganhou vida dentro dele e Daniel puxou-a mais para perto, deleitando-se com a pressão suave do corpo da jovem junto ao seu.

Ela era pequenina, com um corpo do tipo que faz um homem querer lutar contra dragões. Mas também era um corpo de mulher, quente e sensual em todos os lugares certos. A mão de Daniel ansiava por se fechar ao redor do seio dela, ou para se encaixar na curva perfeita do traseiro.

Mas nem mesmo ele seria tão ousado, não com uma dama desconhecida e na casa da mãe dele.

Ainda assim, não estava pronto para soltá-la. A jovem tinha o cheiro da Inglaterra, da chuva suave e das planícies beijadas pelo sol. E sentir seu corpo era como estar no paraíso. Daniel queria envolvê-la por completo, se enterrar nela e permanecer ali pelo resto dos seus dias. Não tomara uma gota de álcool em três anos, mas estava inebriado, transbordando de uma leveza que jamais imaginara voltar a sentir.

Era loucura. Só podia ser.

– Como a senhorita se chama? – perguntou em um sussurro.

Precisava saber. Queria saber *tudo* sobre ela.

Mas a mulher não respondeu. Talvez, se tivessem mais tempo, ele conseguisse fazê-la falar. No entanto, os dois ouviram alguém descer as escadas dos fundos e aparecer mais à frente, no mesmo corredor onde Daniel e a mulher ainda estavam presos em um abraço.

Ela balançou a cabeça, os olhos arregalados, tensos.

– Não posso ser vista assim – sussurrou em um tom urgente.

Daniel a soltou, mas não porque ela pedira. A verdade é que viu quem tinha descido as escadas – e o que estavam fazendo – e se esqueceu completamente de sua beldade de cabelos negros.

Um grito furioso escapou de sua garganta e ele disparou pelo corredor como um louco.

CAPÍTULO 2

Quinze minutos mais tarde, Anne estava no mesmo lugar em que se encontrava quinze minutos antes, quando descera desabaladamente o corredor e se enfiara na primeira porta destrancada por que passara. Com a sorte que tinha (péssima), acabou em algum tipo de depósito, escuro e sem janelas. Uma exploração breve, às cegas, revelou um violoncelo, três clarinetes e possivelmente um trombone.

Havia algo conveniente naquilo. Ela acabara no cômodo onde os instrumentos musicais dos Smythe-Smiths eram guardados e esquecidos. E ficaria presa ali até que a insanidade que se desenrolava no corredor acabasse. Não tinha ideia do que estava acontecendo, mas conseguia ouvir uma grande quantidade de gritinhos, muitos grunhidos e alguns barulhos que pareciam de um punho acertando alguma parte do corpo de alguém.

Anne não viu nenhum lugar seguro para se sentar a não ser o chão. Assim, acomodou-se no piso frio de madeira, apoiou as costas na parede perto da porta e se preparou para esperar o fim da briga. Fosse lá o que estivesse acontecendo, Anne não pretendia fazer parte daquilo, mas o mais importante era que não queria estar nem *perto* quando aquelas pessoas fossem descobertas. E com certeza seriam, dado o enorme barulho que estavam fazendo.

Homens... Eram uns idiotas, todos eles. Embora parecesse haver também uma mulher no meio da confusão – era ela a responsável pelos gritinhos. Anne pensou ter ouvido o nome Daniel, então talvez Marcus, que imaginou ser o conde de Chatteris, a quem fora apresentada mais cedo e que ficara enfeitiçado por lady Honoria.

Aliás, a voz dos gritinhos lembrava bastante a de lady Honoria.

Anne balançou a cabeça. Não era problema dela. Ninguém a culparia por se manter longe de confusão. Ninguém.

Alguém bateu na parede bem atrás dela, fazendo com que Anne se sobressaltasse e desse um pulo. Ela gemeu e enterrou o rosto nas mãos. Nunca mais sairia dali. Seu corpo seco e sem vida seria encontrado anos mais tarde, caído sobre uma tuba, com duas flautas formando uma cruz.

Balançou a cabeça. Precisava parar de ler os melodramas de Harriet antes de dormir. A jovem pupila de Anne se achava uma escritora, e suas histórias ficavam mais horripilantes a cada dia.

Finalmente os socos no corredor pararam e os homens deslizaram para o chão (Anne sentiu isso através da parede). Um deles encontrava-se bem atrás dela, e os dois estariam com as costas coladas se não fosse a parede entre eles. Ela ouviu as respirações aceleradas, então uma conversa típica de homens – curta e concisa. Não tinha a intenção de bisbilhotar, mas dificilmente conseguiria evitar, presa ali daquele jeito.

E foi nesse momento que se deu conta.

O homem que a beijara... era o irmão mais velho de lady Honoria, o conde de Winstead! Ela vira o retrato dele antes; deveria tê-lo reconhecido. Ou talvez não. O quadro tinha reproduzido as características básicas – os cabelos castanho-escuros e os olhos azul-claros –, mas não o retratara verdadeiramente. Era um homem lindo, não havia como negar, mas não havia tinta ou pincelada que pudesse reproduzir a autoconfiança natural e elegante de um homem que conhecia seu lugar no mundo e que o achava plenamente satisfatório.

Ah, Deus, agora ela estava encrencada. Beijara o infame Daniel Smythe-Smith. Anne sabia tudo sobre ele – todo mundo sabia. Daniel participara de um duelo vários anos antes e fora caçado até no exterior pelo pai do oponente. Mas, ao que parecia, eles haviam chegado a alguma trégua. Lady Pleinsworth mencionara que o conde enfim voltaria para casa, e Harriet contara todas as fofocas a respeito do caso a Anne.

A menina era muito útil sob esse ponto de vista.

Mas se lady Pleinsworth descobrisse o que acontecera naquela noite... Bem, seria o fim da carreira de Anne como governanta, fosse das meninas Pleinsworths ou de qualquer outra. Anne já tivera muita dificuldade para conseguir aquele emprego; ninguém a contrataria se corresse a história de que andara se envolvendo com um conde. Mães ansiosas em geral não contratavam governantas de retidão moral questionável.

E não fora culpa dela. Dessa vez, com certeza não fora.

Anne suspirou. O corredor agora estava em silêncio. Teriam finalmente ido embora? Ela ouvira passos, mas era difícil dizer de quantos pés. Anne esperou por mais alguns minutos e, depois que teve certeza de que nada além do silêncio a aguardava do outro lado, abriu a porta e saiu com cautela para o corredor.

– Aí está a senhorita – disse ele, pela segunda vez naquela noite.

O susto fez Anne dar um pulo de quase meio metro. Não porque lorde Winstead a surpreendera, embora isso houvesse acontecido. Na verdade, o que a espantara fora o fato de ele ter permanecido por tanto tempo no mais absoluto silêncio. Francamente, ela não ouvira nada.

Mas não foi isso que a deixou de queixo caído.

– O senhor está horrível – comentou Anne, antes de conseguir se conter.

Ele estava sozinho, sentado no chão, com as pernas esticadas no corredor. Anne não pensara que uma pessoa poderia parecer tão instável estando sentada, mas tinha quase certeza de que o conde teria caído se não estivesse apoiado na parede.

Ele ergueu uma das mãos em uma saudação fraca.

– Marcus está pior.

Anne observou um dos olhos dele, que estava ficando roxo na área ao redor, e a camisa, manchada de sangue de só Deus sabia onde. Ou de quem.

– Não sei bem como isso pode ser possível.

Lorde Winstead deixou escapar o ar.

– Ele estava beijando a minha irmã.

Anne esperou que ele continuasse, mas o conde claramente considerava aquela uma explicação suficiente.

– Hã... – hesitou ela, porque não existia um guia de etiqueta com instruções para uma noite como aquela. Por fim, Anne decidiu que sua melhor aposta seria perguntar sobre a conclusão da briga, em vez de querer saber o que a havia motivado. – Está tudo resolvido, então?

O conde ergueu o queixo em uma inclinação magnânima.

– Felicitações muito em breve estarão na ordem do dia.

– Ah. Bem... Que ótimo.

Anne sorriu, então assentiu e juntou as mãos na frente do corpo, em uma tentativa de se manter imóvel. Toda aquela situação era terrivelmente constrangedora. O que se deveria fazer com um conde machucado que

acabara de voltar após três anos de exílio e que tinha uma péssima reputação, mesmo antes de fugir do país?

Para não mencionar toda a história do beijo, alguns minutos antes.

– Conhece a minha irmã? – perguntou ele, parecendo extremamente cansado. – Ora, é claro que conhece. Estava tocando com ela.

– Sua irmã é lady Honoria? – Pareceu prudente confirmar.

Ele assentiu.

– Sou Winstead.

– Sim, é claro. Fui informada de seu retorno iminente. – Ela deu outro sorriso forçado e constrangido, mas não adiantou muito para deixá-la à vontade. – Lady Honoria é extremamente gentil e agradável. Fico muito feliz por ela.

– Minha irmã é uma péssima musicista.

– Ela era a melhor violinista no palco – declarou Anne, com absoluta sinceridade.

O conde riu alto ao ouvir isso.

– Se sairia muito bem como diplomata, Srta... – Ele fez uma pausa, pensou e disse: – Não chegou a me falar seu nome.

Anne hesitou, porque sempre hesitava quando lhe perguntavam isso, mas então lembrou a si mesma que ele era o conde de Winstead, e portanto sobrinho da patroa dela. Não tinha nada a temer. Desde que ninguém visse os dois juntos.

– Sou a Srta. Wynter – disse ela, e pegou o lenço. – Governanta de suas primas.

– De quais? Das Pleinsworths?

Anne assentiu.

Ele a encarou.

– Ah, coitada da senhorita. Coitada mesmo.

– Pare! Elas são encantadoras! – protestou Anne.

Adorava suas três pupilas. Harriet, Elizabeth e Frances podiam ser mais agitadas do que a maioria das meninas, mas tinham o coração bom e generoso. E sempre demonstravam boas intenções.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Encantadoras, sim. Bem-comportadas, nem tanto.

Aquilo era verdade, e Anne não conseguiu conter um sorrisinho.

– Tenho certeza de que elas amadureceram bastante desde a última vez que esteve com as três – comentou Anne, em um tom formal.

O conde a encarou com um olhar de dúvida, então perguntou:

– Como foi parar ao piano no concerto de hoje?

– Lady Sarah ficou doente.

– Ah. – Havia um mundo de significados naquele “ah”. – Transmita a ela meus mais sinceros votos de uma rápida recuperação.

Anne tinha certeza de que lady Sarah havia começado a se sentir melhor no momento em que a mãe a liberara de participar do concerto, mas apenas assentiu e disse que, sim, transmitiria os votos do conde. Embora não fosse fazer isso. Não podia dizer a ninguém que esbarrara no conde de Winstead.

– Sua família já sabe que retornou? – perguntou, então o examinou com mais atenção. O conde se parecia um pouco com a irmã. Ela imaginou se ele teria os mesmos olhos impressionantes, de um azul-claro muito vivo. Era impossível dizer com certeza à luz fraca do corredor. Para não mencionar que um dos olhos estava se fechando rapidamente por causa do inchaço. – Além de lady Honoria, é claro – acrescentou.

– Ainda não. – O conde olhou de relance na direção da área social da casa e fez uma careta. – Por mais que eu adore cada alma que estava naquela plateia por se forçar a comparecer ao concerto, preferi não tornar minha volta ao lar um evento tão público. – Olhou para baixo, para seu estado de desalinho. – Ainda mais nestas condições.

– É claro – concordou Anne rapidamente.

Ela não conseguia nem começar a imaginar a comoção que tomaria conta de todos se ele aparecesse na recepção que se seguira ao concerto todo machucado e ensanguentado.

O conde deixou escapar um gemido baixo quando mudou de posição no chão, então resmungou alguma coisa entredentes, que Anne tinha certeza de que não deveria ter ouvido.

– Preciso ir – disse ela em um rompante. – Lamento terrivelmente, e... hã...

Anne disse a si mesma para se afastar. Cada parte de seu cérebro gritava para que ela tivesse bom senso e saísse dali antes que alguém aparecesse, mas tudo em que conseguia pensar era que ele estava naquelas condições porque defendera a irmã.

Como poderia abandonar um homem que fizera aquilo?

– Deixe-me ajudá-lo – falou, mesmo sabendo que não deveria.

Ele deu um sorrisinho fraco.

– Se não se importar.

Anne se abaixou para examinar melhor os machucados dele. Já cuidara de cortes e arranhões na vida, mas nada como aquilo.

– Onde dói? – perguntou. Então, pigarreou. – Além dos lugares óbvios.

– Óbvios?

– Bem... – Anne apontou com cautela para o olho dele. – Há um hematoma aqui. E aqui... – acrescentou, gesticulando para o lado esquerdo do maxilar dele, antes de passar ao ombro, visível através do rasgo na camisa ensanguentada – ... e aqui também.

– Marcus está pior – garantiu lorde Winstead.

– Sim – retrucou Anne, reprimindo um sorriso. – Já mencionou isso.

– É um detalhe importante.

O conde deu um sorriso torto, então se encolheu e levou a mão ao rosto.

– Seus dentes? – perguntou ela, preocupada.

– Parecem estar todos no lugar – murmurou ele. Então, abriu a boca, como se estivesse testando uma dobradiça, e fechou-a com um gemido. – Eu acho.

– Há alguém que eu possa chamar para ajudá-lo?

O conde ergueu as sobrancelhas.

– Quer que alguém saiba que a senhorita estava sozinha aqui comigo?

– Ah. É claro que não. Eu não estava pensando direito.

Lorde Winstead sorriu de novo, aquele meio sorriso seco que fazia parecer que estava se contorcendo por dentro.

– Tenho esse efeito nas mulheres.

Várias respostas passaram pela mente de Anne, mas ela as reprimiu.

– Eu poderia ajudá-lo a ficar de pé – sugeriu.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Ou poderia se sentar e conversar comigo.

Anne o encarou.

Mais uma vez, aquele meio sorriso.

– Foi só uma ideia.

Uma ideia imprudente, pensou ela na mesma hora. Pelo amor de Deus, tinha praticamente acabado de beijá-lo. Não deveria chegar nem perto dele, quanto mais se sentar a seu lado no chão, onde seria muito fácil virar o corpo e inclinar o rosto na direção dele...

– Talvez eu pudesse pegar um pouco de água – disse Anne de súbito, as palavras saindo tão rápido que ela quase teve que tossir. – Tem um lenço? Imagino que vá querer limpar o rosto.

Ele enfiou a mão no bolso e pegou um lenço amarrotado.

– O mais fino linho italiano – respondeu em tom sarcástico, a voz cansada. Franziu a testa. – Ou ao menos foi, um dia.

– Tenho certeza de que servirá perfeitamente – garantiu Anne.

Pegou o lenço da mão dele e dobrou do modo que achou melhor. Então estendeu a mão e pressionou o pedaço de pano no rosto dele.

– Dói?

Ele balançou a cabeça.

– Gostaria de ter um pouco de água. O sangue já secou. – Foi a vez de Anne franzir a testa. – Tem um pouco de conhaque com o senhor? Em uma garrafinha, talvez?

Cavalheiros sempre levavam garrafinhas de conhaque. O pai dela levava. Raramente saía de casa sem uma.

Mas lorde Winstead respondeu:

– Não tomo bebidas alcoólicas.

Algo no tom dele impressionou Anne, e ela ergueu os olhos. Encontrou o olhar dele e perdeu o ar. Não tinha percebido como estavam próximos.

Anne entreabriu os olhos e desejou...

O que não poderia ter. Sempre desejara o que não poderia ter.

Anne recuou, perturbada com a facilidade com que se inclinara na direção dele. O conde era um homem que sorria com facilidade e com frequência. Não foram necessários mais do que poucos minutos na companhia dele para perceber isso. Assim, o tom sério e intenso dele a espantou.

– Mas provavelmente vai encontrar conhaque no fim do corredor – acrescentou lorde Winstead de repente, e o estranho e cativante feitiço foi quebrado. – Terceira porta à direita. Era o escritório do meu pai.

– Nos fundos da casa?

Parecia um lugar improvável.

– Há duas entradas. A outra porta dá para o salão principal. Não deve encontrar ninguém lá, mas é melhor ser cuidadosa ao entrar.

Anne se levantou e seguiu as instruções dele até chegar ao escritório. O luar entrava pela janela e a jovem logo encontrou o que procurava. Levou a garrafa inteira e fechou a porta com cuidado ao sair.

– Estava na prateleira perto da janela? – perguntou lorde Winstead.

– Sim.

Ele deu um sorrisinho.

– Certas coisas nunca mudam.

Anne tirou a tampa, encostou o lenço na boca da garrafa e virou uma boa dose de conhaque no tecido. O aroma da bebida era intenso e penetrante.

– O cheiro o incomoda? – perguntou ela, subitamente preocupada.

Em seu último emprego, antes de ir trabalhar para os Pleinsworths, o tio de seu jovem pupilo era um homem que bebia demais antes de conseguir parar totalmente. Era dificílimo ficar perto dele. Seu temperamento se tornava ainda mais irascível quando ele não bebia, e se sentisse o mínimo cheiro de álcool ficava quase louco.

Anne tivera que se demitir. Por essa e por outras razões.

Mas lorde Winstead apenas balançou a cabeça.

– Não é que eu *não possa* tomar bebidas alcoólicas. Escolhi não tomar.

O semblante de Anne deve ter deixado claro que ela ficara confusa, porque ele acrescentou:

– Não tenho anseio pelo álcool, mas desprezo.

– Entendo – murmurou ela.

Ao que parecia, o conde também tinha os próprios segredos.

– Provavelmente vai arder – alertou.

– *Com certeza* vai doe... ai!

– Sinto muito – falou Anne, esfregando o lenço com delicadeza no machucado.

– Espero que *derramem* essa maldita coisa em cima de Marcus – resmungou ele.

– Ora, ele está muito pior que o senhor – lembrou ela.

O conde ergueu o olhar, confuso, então um sorriso se abriu lentamente em seu rosto.

– Está mesmo.

Anne passou para os arranhões nos nós dos dedos dele.

– Eu soube pela fonte mais confiável – murmurou.

Ele deu uma risadinha, mas ela não olhou. Havia algo muito íntimo em estar debruçada sobre a mão dele, limpando os ferimentos. Anne não o conhecia bem, apenas sabia quem ele era, e ainda assim odiava a ideia de

que aquele momento passaria. Não por causa *dele*, disse a si mesma. Era só que... fazia tanto tempo...

Sentia-se solitária. Sabia disso. Não era nenhuma surpresa.

Anne passou para o corte no ombro dele e estendeu o lenço. O rosto e as mãos tudo bem, mas não poderia de forma alguma tocar no *corpo* do conde.

– Talvez fosse melhor...

– Ah, não, não pare. Estou adorando seus cuidados tão ternos.

Anne o encarou.

– O sarcasmo não combina com o senhor.

– Não – concordou ele com um sorriso divertido. – Nunca combinou. – Lorde Winstead derramou mais conhaque no lenço. – E, de qualquer modo, eu não estava sendo sarcástico.

Aquela era uma declaração que ela não poderia se permitir analisar, portanto pressionou o pano molhado no ombro dele e disse em um tom brusco:

– Isso definitivamente vai doer.

– *Aaaaai-aaaaaaai* – cantarolou ele, e Anne teve que rir.

O conde soou como um péssimo cantor de ópera, ou como uma marionete desafinada.

– A senhorita deveria fazer isso com mais frequência – comentou ele. – Rir, quero dizer.

– Eu sei. – Mas isso soou triste e Anne não queria se sentir triste, então acrescentou: – Mas a verdade é que não tenho o hábito de torturar homens adultos.

– É mesmo? – murmurou o conde. – Poderia jurar que faz isso o tempo todo.

Ela o encarou.

– Quando a senhorita entra em um cômodo – comentou ele, baixinho –, o ar se altera.

A mão dela ficou imóvel, pairando a alguns centímetros da pele dele. Anne voltou a encará-lo – não conseguiu evitar – e viu o desejo em seus olhos. Ele a desejava. Queria se inclinar para a frente e beijá-la. Seria tão fácil, bastaria ela inclinar um pouco o corpo. Poderia até dizer a si mesma que não tivera a intenção, que perdera o equilíbrio, e pronto.

Mas sabia que não deveria fazer isso. Não era seu momento. E não era seu mundo. Ele era um conde e ela era... Bem, era a pessoa que se obrigara

a ser. Ou seja, alguém que não dava intimidade a condes, ainda mais condes com escândalos em seu passado.

Todas as atenções em breve estariam concentradas nele, e Anne não queria estar nem perto quando isso acontecesse.

– Realmente preciso ir agora – falou.

– Para onde?

– Para casa. – Então, porque parecia que precisava dizer mais alguma coisa, Anne acrescentou: – Estou muito cansada. Foi um dia bastante longo.

– Eu a acompanharei.

– Não é necessário.

O conde levantou os olhos e apoiou o corpo na parede, o rosto franzido de dor enquanto se erguia.

– Como pretende chegar em casa?

Aquilo era um interrogatório?

– Caminhando.

– Até a Casa Pleinsworth?

– Não é longe.

Ele a encarou muito sério.

– É longe demais para uma dama desacompanhada.

– Sou uma *governanta*.

Aquilo pareceu diverti-lo.

– Uma governanta não é uma dama?

Anne não disfarçou um suspiro de frustração.

– Estarei em perfeita segurança – garantiu a ele. – O trajeto de volta é bem iluminado. Provavelmente haverá carruagens ao longo de todo o caminho.

– Isso não me deixa mais tranquilo.

Nossa, como ele era teimoso.

– Foi uma honra conhecê-lo – disse ela, com firmeza. – Tenho certeza de que sua família está muito ansiosa para vê-lo de novo.

A mão dele se fechou ao redor do pulso dela.

– Não posso permitir que volte para casa desacompanhada.

Anne entreabriu os lábios. A pele dele estava quente, e agora a dela também, onde ele a tocara. Uma sensação estranha, mas vagamente familiar, se acendeu dentro dela, e Anne ficou chocada ao reconhecer que era empolgação.

– Com certeza a senhorita compreende isso – murmurou o conde, e ela quase cedeu.

Queria ceder. A moça que costumava ser queria desesperadamente ceder, e já fazia tanto tempo que ela abrira o coração a alguém a ponto de revelar essa moça...

– Não pode ir a lugar nenhum com essa aparência – argumentou Anne.

E era verdade. Ele parecia ter fugido da prisão. Ou talvez do inferno.

Lorde Winstead deu de ombros.

– A melhor forma de não ser reconhecido.

– Milorde...

– Daniel – corrigiu ele.

Ela arregalou os olhos, chocada.

– O quê?

– Meu nome é Daniel.

– Eu *sei*. Mas não vou chamá-lo assim.

– Bem, é uma pena. Mas valeu a pena tentar. Vamos, então... – Ele estendeu o braço, e ela ficou impassível. – Vamos indo? – insistiu.

– Não irei com o senhor.

Ele deu um vago sorriso. Mesmo com um dos lados da boca vermelho e inchado, o homem parecia um demônio.

– Isso significa que vai *ficar* comigo?

– Acho que o senhor bateu com a cabeça – disse Anne. – É a única explicação.

Lorde Winstead riu ao ouvir isso, mas ignorou completamente.

– Trouxe um casaco?

– Sim, mas deixei na sala de ensaio. Eu... não tente mudar de assunto!

– Como?

– Vou embora – declarou ela, e levantou a mão. – O senhor fica.

Mas ele bloqueou o caminho de Anne, estendendo o braço na frente dela e apoiando a mão na parede.

– Talvez eu não tenha sido claro – falou.

Naquele momento, Anne percebeu que o havia subestimado. Lorde Winstead podia ser simpático, mas não era só isso. E agora estava incrivelmente sério. Com a voz baixa e determinada, ele disse:

– Há certas coisas sobre as quais não faço concessões. E a segurança de uma dama é uma delas.

Era isso. Ele não cederia. Assim, com um alerta de que os dois deviam permanecer nas sombras e em cantos onde não seriam vistos, Anne permitiu que o conde a acompanhasse até a entrada dos criados na Casa Pleinsworth. Ele beijou a mão dela, e Anne tentou fingir que não adorou o gesto.

Talvez tivesse conseguido enganá-lo. Mas não enganou a si mesma.

– Virei visitá-la amanhã – avisou o conde, ainda segurando a mão dela.

– O quê? Não! – Anne puxou a mão de volta. – Não pode fazer isso.

– Não?

– Não. Sou uma governanta. Não posso permitir que homens me procurem. Perderei meu emprego.

Ele sorriu, como se a solução não pudesse ser mais fácil.

– Virei visitar as minhas primas, então.

O conde não tinha a menor noção de comportamento apropriado? Ou era apenas egoísta?

– Não estarei em casa – retrucou ela, a voz firme.

– Farei uma nova visita.

– Não estarei em casa novamente.

– Que falta de responsabilidade. Quem dará aula às minhas primas?

– Não serei *eu*, se o senhor ficar aparecendo aqui. Sua tia com certeza me demitirá.

– Demitirá? – Ele riu. – Que coisa terrível.

– É terrível.

Santo Deus, ela precisava fazê-lo compreender. Não importava quem era ele, ou como a fazia se sentir. A empolgação da noite... o beijo que haviam trocado... aquilo era efêmero.

O que importava era que ela tivesse um teto sobre a cabeça. E comida. Pão, queijo, manteiga, açúcar e todas as coisas maravilhosas que tivera todos os dias durante a infância. E que tinha agora, com os Pleinsworths, além de estabilidade, um emprego e amor-próprio.

Anne não subestimava essas coisas.

Ergueu os olhos para lorde Winstead. Ele a examinava com atenção, como se achasse que poderia ler sua alma.

Mas o conde não a conhecia. Ninguém conhecia. Assim, recorrendo à formalidade como proteção, Anne retirou a mão da dele e fez uma reverência.

– Obrigada por me acompanhar, milorde. Agradeço sua preocupação com a minha segurança.

Então deu as costas e passou pelo portão dos fundos.

Depois que entrou, Anne levou algum tempo para se recompor. Os Pleinsworths chegaram poucos minutos depois dela, então Anne precisou se desculpar e, com a pena na mão, explicar que estava prestes a deixar um bilhete dizendo por que havia saído correndo depois do concerto. Harriet não conseguia parar de falar sobre a grande emoção da noite – ao que parecia, lorde Chatteris e lady Honoria haviam mesmo ficado noivos, e da maneira mais empolgante possível –, e logo Elizabeth e Frances desceram correndo as escadas, porque obviamente nenhuma das duas chegara a dormir.

Passaram-se duas horas antes que Anne enfim conseguisse ir para o próprio quarto, vestir a camisola e se deitar. E mais duas horas antes que tentasse dormir. Tudo o que conseguira fazer tinha sido ficar olhando para o teto. Pensando, divagando e sussurrando.

– Annelise Sophronia Shawcross – disse ela para si mesma, por fim –, no *que* você se meteu?

CAPÍTULO 3

Na tarde seguinte, apesar da insistência da nobre condessa de Winstead de que não queria deixar o filho recém-chegado fora de sua vista, Daniel foi até a Casa Pleinsworth. Não contou à mãe *aonde* estava indo, já que ela com certeza teria insistido em acompanhá-lo. Preferiu dizer que tinha alguns assuntos judiciais para resolver, o que era verdade. Um cavalheiro não podia voltar de uma viagem de três anos ao exterior sem ter que visitar pelo menos um advogado. Mas, por acaso, o escritório de advocacia dos senhores Streatham e Ponce ficava *apenas* 3 quilômetros na direção contrária à Casa Pleinsworth. Uma distância mínima, na verdade, e quem poderia estranhar se ele subitamente decidisse visitar as jovens primas? Era uma ideia que poderia muito bem ocorrer a qualquer homem tanto dentro de uma carruagem ao percorrer a cidade quanto em qualquer outro lugar.

Como, por exemplo, na entrada dos fundos da Casa Pleinsworth.

Ou durante o percurso inteiro de Daniel ao voltar para casa.

Ou na cama, onde ele passara metade da noite acordado, pensando na misteriosa Srta. Wynter – na curva do queixo dela, no perfume de sua pele. Estava declaradamente encantado, e disse a si mesmo que era por conta de sua felicidade por ter voltado para casa. Fazia todo o sentido que se visse fascinado por uma mulher inglesa tão encantadora.

E depois de uma exaustiva reunião de duas horas com os cavalheiros Streatham, Ponce *e* Beaufort-Graves (que aparentemente ainda não havia conseguido colocar seu nome na porta), Daniel orientou o cocheiro a seguir até a Casa Pleinsworth. Queria mesmo ver as primas.

Só que queria ainda mais ver a governanta delas.

A tia dele não estava em casa, mas Sarah, a prima, sim, e ela o cumprimentou com um gritinho de alegria e com um abraço caloroso.

– Por que ninguém me contou que você voltou? – perguntou ela. Então afastou-se para examinar melhor o rosto do primo. – E o que *aconteceu* com você?

Daniel abriu a boca para responder, mas, antes que ele começasse, ela o interrompeu:

– E não me diga que foi atacado por salteadores, porque já soube tudo sobre os olhos roxos de Marcus na noite passada.

– Ele está pior que eu – confirmou Daniel. – E quanto à sua família não ter lhe contado que eu voltei, eles não sabiam. Eu não quis que minha chegada interrompesse o concerto.

– Muito atencioso da sua parte – comentou Sarah, com ironia.

Ele olhou para ela com afeição. Sarah tinha a mesma idade que a irmã dele e, conforme as duas cresciam, muitas vezes pareceu que a prima passava tanto tempo na casa dele quanto na própria.

– É verdade – murmurou. – Eu assisti da sala de ensaios. Imagine a minha surpresa ao ver uma estranha ao piano.

Sarah levou a mão ao peito.

– Eu estava doente.

– Fico feliz em ver que se recuperou rapidamente da iminência da morte.

– Eu mal conseguia me manter de pé ontem – insistiu ela.

– É mesmo?

– Sim. Tonteiras, você entende. – Ela acenou com a mão no ar, como se afastando a sensação. – É um fardo terrível.

– Tenho certeza de que as pessoas que sofrem desse mal pensam assim.

Sarah cerrou os lábios por um momento, então disse:

– Mas chega de falar de mim. Imagino que já saiba da fantástica novidade de Honoria.

Ele a seguiu até a sala de visitas.

– Que ela logo será lady Chatteris? Sim, já sei.

– Ora, eu estou feliz por ela, mesmo que você não esteja – disse Sarah com uma fungadinha de desprezo. – E não diga que está feliz, porque seus machucados contam outra história.

– Estou felicíssimo pelos dois – retrucou Daniel, com firmeza. – Isto – ele indicou o rosto com a mão – foi apenas um mal-entendido.

Ela o encarou com desconfiança, mas disse apenas:

– Chá?

– Adoraria. – Daniel se levantou enquanto a prima tocava a campainha para solicitar o chá. – Agora me diga, suas irmãs estão em casa?

– Na sala de aula. Gostaria de vê-las?

– É claro – respondeu ele imediatamente. – Devem ter crescido muito enquanto eu estava fora.

– Elas logo estarão aqui embaixo – afirmou Sarah, voltando para o sofá. – Harriet tem espiões por toda a casa. Tenho certeza de que alguém vai avisá-la de sua chegada.

– Mas me conte uma coisa – disse Daniel, voltando a se sentar em uma postura relaxada. – Quem estava ao piano ontem à noite?

Ela o encarou com curiosidade.

– No seu lugar – acrescentou ele, sem necessidade. – Porque você estava doente.

– A Srta. Wynter – respondeu Sarah. Os olhos dela se estreitaram com desconfiança. – É a governanta das minhas irmãs.

– Que providencial ela saber tocar.

– Uma feliz coincidência, realmente – concordou ela. – Temi a possibilidade de o concerto ter que ser cancelado.

– Suas primas teriam ficado muito desapontadas – murmurou Daniel. – Mas essa... qual é mesmo o nome dela? Srta. Wynter?

– Sim.

– Ela conhecia a peça musical?

Sarah o encarou mais diretamente.

– Ao que parece, sim.

Ele assentiu.

– Acredito que a família deva os mais sinceros agradecimentos à talentosa Srta. Wynter.

– Ela com certeza conquistou a gratidão da minha mãe.

– É governanta das suas irmãs há muito tempo?

– Cerca de um ano. Por que quer saber?

– Por nada. Apenas curiosidade.

– Engraçado – comentou Sarah, falando devagar –, você nunca teve nenhuma curiosidade em relação às minhas irmãs antes.

– Não é verdade – retrucou Daniel, se fingindo de ofendido. – Elas são minhas primas.

– Você tem uma porção de primas.

– E senti falta de todas enquanto estava fora. Na verdade, a ausência me fez ter ainda mais carinho por elas.

– Ah, pare com isso – disse Sarah finalmente, parecendo prestes a jogar as mãos para o alto com enfado. – Você não está enganando ninguém.

– Não entendi – murmurou Daniel, embora tivesse a sensação de que havia sido desmascarado.

Sarah revirou os olhos.

– Você acha que é a primeira pessoa a notar que nossa governanta é incrivelmente bela?

Ele já se preparava para dar uma resposta seca, mas percebeu que Sarah estava prestes a dizer "E não diga que não percebeu...". Por isso, disse apenas:

– Não.

Porque não adiantaria dizer o contrário. A Srta. Wynter tinha o tipo de beleza que paralisava os homens. Não era uma beleza discreta como a da irmã dele, ou a da própria Sarah. Ambas eram lindas, mas não se percebia isso até conhecê-las melhor. A Srta. Wynter, por outro lado...

Um homem teria que estar morto para não a notar. Mais do que morto, se é que isso era possível.

Sarah suspirou, ao mesmo tempo exasperada e resignada.

– Seria terrivelmente cansativo se ela não fosse tão agradável.

– Beleza não precisa vir acompanhada por um caráter ruim.

Sarah bufou.

– Alguém se tornou muito filosófico enquanto estava fora do país.

– Ah, você conhece aqueles gregos e romanos. Eles realmente acabam nos contaminando.

Sarah riu.

– Daniel, se quiser me perguntar sobre a Srta. Wynter, apenas pergunte.

Ele se inclinou para a frente.

– Fale-me sobre a Srta. Wynter.

– Bem... – Sarah também se inclinou para a frente. – Não há muito a dizer.

– Eu poderia esganá-la – ameaçou Daniel, em um tom delicado.

– Não, é verdade. Sei muito pouco sobre ela. Afinal, a Srta. Wynter não é a *minha* governanta. Acho que ela veio do norte, recomendada por uma família de Shropshire. E por outra da Ilha de Man.

– Da Ilha de Man? – repetiu Daniel, surpreso.

Achava que não conhecia ninguém que tivesse sequer *visto* a Ilha de Man. Era um lugar terrivelmente remoto, de difícil alcance e com um clima péssimo. Ou ao menos fora o que ouvira dizer.

– Perguntei isso a ela uma vez – disse Sarah, dando de ombros. – Ela me falou que é um lugar bastante lúgubre.

– Posso imaginar.

– A Srta. Wynter não fala sobre a família, embora eu ache que já a ouvi mencionar uma irmã, certa vez.

– Ela recebe correspondências?

Sarah balançou a cabeça.

– Não que eu saiba. E, se envia cartas a alguém, não o faz daqui.

Daniel a encarou com uma ponta de surpresa.

– Ora, eu teria percebido em algum momento – explicou ela, na defensiva. – E de forma alguma vou permitir que você importune a Srta. Wynter.

– Não vou importuná-la.

– Ah, vai. Posso ver em seus olhos.

Daniel voltou a se inclinar para a frente.

– Você está sendo dramática demais para alguém que inventou toda aquela história para não subir ao palco.

Sarah estreitou os olhos, desconfiada.

– O que quer dizer com isso?

– Simplesmente que você é a imagem da saúde.

Ela deu um risinho de desdém bem feminino.

– Está pensando em me chantagear? Desejo-lhe boa sorte. Ninguém acreditou mesmo que eu estivesse doente.

– Nem mesmo a sua mãe?

Sarah recuou.

Xeque-mate.

– O que você quer? – perguntou ela.

Daniel fez uma pausa, para valorizar o momento. Os dentes de Sarah estavam cerrados de um modo *esplêndido*, e ele pensou que, se esperasse um pouco mais, sairia fumaça dos ouvidos dela.

– Daniel... – disse Sarah, tentando manter a dignidade.

Ele inclinou a cabeça para o lado, como se refletisse.

– Tia Charlotte ficaria tão desapontada se achasse que a filha estava fugindo aos seus deveres musicais...

– Eu já lhe perguntei, o que você... Ah, não importa. – Sarah revirou os olhos e balançou a cabeça, como se estivesse lidando com uma criança de 3 anos. – Talvez eu tenha ouvido a Srta. Wynter hoje de manhã, planejando levar Harriet, Elizabeth e Frances para uma caminhada no Hyde Park.

Ele sorriu.

– Já lhe disse que você é uma das minhas primas favoritas?

– Agora estamos quites – alertou-o Sarah. – Se disser uma palavra à minha mãe...

– Eu nem sonharia em fazer isso.

– Ela já ameaçou me levar para o campo por uma semana. Para descansar e me recuperar.

Daniel abafou uma risada.

– Ela está preocupada com você.

– Acho que poderia ser pior – comentou Sarah com um suspiro. – Na verdade, prefiro o campo à cidade, mas mamãe quer ir para *Dorset*. Passarei tanto tempo dentro da carruagem que *realmente* ficarei doente.

Sarah não se sentia bem em viagens. Nunca havia se sentido.

– Qual é o primeiro nome da Srta. Wynter? – perguntou Daniel.

Parecia inacreditável que ele não soubesse isso.

– Você pode descobrir por si mesmo – retorquiu Sarah.

Ele resolveu permitir que a prima ganhasse aquela, mas, antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Sarah virou a cabeça rapidamente na direção da porta.

– Ah, no momento certo – disse ela. – Acho que ouvi alguém descendo a escada. E me pergunto quem poderia ser...

Daniel se levantou.

– Minhas queridas priminhas, tenho certeza. – Esperou até ver a primeira delas passar direto pela porta aberta e falou alto: – Ah, Harriet! Elizabeth! Frances!

– Não se esqueça da Srta. Wynter – murmurou Sarah.

A jovem que passara direto pela porta voltou e espiou para dentro da sala. Era Frances, mas ela não reconheceu Daniel.

Ele sentiu uma pontada no peito. Não esperara aquilo. E, se houvesse esperado, não teria imaginado que o faria se sentir tão melancólico.

Mas Harriet era mais velha. Já tinha 11 anos quando Daniel saíra da Inglaterra e, quando enfiou a cabeça na sala de visitas, gritou o nome dele e entrou correndo.

– Daniel! – exclamou. – Você voltou! Ah, você voltou, você voltou, você voltou.

– Eu voltei.

– É tão maravilhoso vê-lo! Frances, esse é o primo Daniel. Você se lembra dele.

Frances, que parecia ter cerca de 10 anos, pareceu começar a se recordar.

– Aaaaah. Você está tão diferente...

– Não, não está – declarou Elizabeth, entrando na sala atrás das outras.

– Estou tentando ser educada – disse Frances pelo canto da boca.

Daniel riu.

– Bem, *você* está diferente, com certeza. – Ele se inclinou para a frente e fez um afago rápido no queixo dela. – Está quase uma adulta.

– Ah, bem, eu não diria isso – retrucou a menina, com modéstia.

– Mas ela diria qualquer outra coisa – comentou Elizabeth.

Frances virou rapidamente a cabeça.

– Pare com isso!

– O que aconteceu com seu rosto? – perguntou Harriet.

– Foi um mal-entendido – respondeu Daniel com calma, enquanto se perguntava quanto tempo os hematomas levariam para desaparecer.

Ele não se considerava particularmente vaidoso, mas as perguntas estavam se tornando cansativas.

– Um mal-entendido? – repetiu Elizabeth. – Com uma bigorna?

– Ah, pare com isso – repreendeu Harriet. – Acho que ele está muito elegante.

– Sim, como se tivesse enfrentado uma bigorna.

– Não lhe dê atenção – disse Harriet a Daniel. – Ela não tem imaginação.

– Onde está a Srta. Wynter? – perguntou Sarah.

Daniel deu um sorrisinho na direção da prima. A boa e velha Sarah.

– Não sei – respondeu Harriet, olhando primeiro por cima de um ombro e depois por cima do outro. – Ela estava bem atrás de nós quando descemos.

– Alguma de vocês deveria ir chamá-la – disse Sarah. – Ela vai querer saber por que estão demorando.

– Vá você, Frances – falou Elizabeth.

– Por que eu?

– Porque *sim*.

Frances saiu pisando firme e resmungando.

– Quero saber tudo sobre a Itália – disse Harriet, os olhos cintilando com uma empolgação juvenil. – É incrivelmente romântica? Você viu a torre que todos dizem estar prestes a cair?

Daniel sorriu.

– Não, mas me contaram que ela é mais estável do que parece.

– E a França? Esteve em Paris? – Harriet deixou escapar um suspiro sonhador. – Adoraria conhecer Paris.

– Eu adoraria fazer compras em Paris – comentou Elizabeth.

– Ah, sim... – Harriet parecia prestes a desmaiar diante da perspectiva. – *Os vestidos*.

– Não fui a Paris – disse Daniel.

Não havia necessidade de acrescentar que ele não *poderia* ir a Paris. Lorde Ramsgate tinha muitos amigos lá.

– Talvez não precisemos sair para a nossa caminhada agora – comentou Harriet, esperançosa. – Eu gostaria muito mais de ficar aqui, com o primo Daniel.

– Ah, mas eu prefiro aproveitar o calor do sol – retrucou Daniel. – Talvez vá com vocês ao parque.

Sarah bufou.

Ele a encarou.

– Algum problema na garganta, Sarah?

A expressão nos olhos dela era de puro sarcasmo.

– Sem dúvida tem a ver com o que me abateu ontem.

– A Srta. Wynter disse que vai nos esperar perto dos estábulos – anunciou Frances, entrando correndo de volta na sala.

– Nos estábulos? – repetiu Elizabeth. – Não vamos cavalgar.

Frances deu de ombros.

– Ela disse nos estábulos.

Harriet deixou escapar um arquejo de prazer.

– Talvez a Srta. Wynter tenha um envolvimento romântico com um dos cavalariços.

– Ah, pelo amor de Deus – desdenhou Elizabeth. – Um dos cavalariços? Francamente.

– Ora, você tem que admitir que seria muito empolgante se isso acontecesse.

– Para quem? Não para ela. Acho que nenhum deles sequer sabe ler.

– O amor é cego – disse Harriet, com sarcasmo.

– Mas não analfabeto – retorquiu Elizabeth.

Daniel não conseguiu evitar uma risada abafada.

– Vamos indo? – perguntou, inclinando-se em uma cortesia elegante para as meninas.

Então estendeu o braço para Frances, que aceitou e arqueou as sobrancelhas na direção das irmãs.

– Façam um ótimo passeio! – disse Sarah, sem um pingo de sinceridade.

– O que há de errado com ela? – perguntou Elizabeth a Harriet, a caminho dos estábulos.

– Acho que ela ainda está aborrecida por ter perdido o concerto – sugeriu Harriet. Olhou para Daniel. – Soube que Sarah perdeu o concerto?

– Soube. Tonteira, não foi?

– Pensei que havia sido um resfriado – comentou Frances.

– Problemas no estômago – afirmou Harriet. – Mas não importa. A Srta. Wynter – virou-se para Daniel –, nossa governanta – tornou a se virar para as irmãs –, foi brilhante.

– Ela tocou no lugar de Sarah – explicou Frances.

– Acho que ela não queria tocar – acrescentou Elizabeth. – Mamãe teve que ser bastante incisiva.

– Tolice – interferiu Harriet. – A Srta. Wynter foi uma heroína desde o princípio. E fez um excelente trabalho. Perdeu uma das entradas, mas mesmo assim foi fantástica.

Fantástica? Daniel se permitiu um suspiro mental. Havia vários adjetivos para descrever a atuação da Srta. Wynter ao piano, mas *fantástica* não era um deles. E se Harriet pensava assim...

Bem, ela se adaptaria perfeitamente quando chegasse sua vez de tocar no quarteto.

– Eu me pergunto o que a Srta. Wynter está fazendo nos estábulos... – comentou Harriet, quando eles chegaram à parte de trás da casa. – Vá buscá-la, Frances.

Frances bufou, indignada.

– Por que eu?

– Porque *sim*.

Daniel soltou o braço de Frances. Ele não discutiria com Harriet; não tinha certeza se conseguiria falar com rapidez suficiente para vencer uma disputa com ela.

– Esperarei aqui, Frances – disse à menina.

Frances saiu mais uma vez pisando firme, e voltou um instante depois. Sozinha.

Daniel franziu a testa. Aquilo não estava funcionando.

– Ela disse que estará conosco em um instante – informou Frances.

– Você avisou à Srta. Wynter que o primo Daniel vai conosco? – perguntou Harriet.

– Não, esqueci. – A menina deu de ombros. – Ela não vai se importar.

Daniel não tinha tanta certeza disso. Estava quase certo de que a Srta. Wynter o vira na sala de visitas (daí sua fuga rápida para os estábulos), mas achava que ela não sabia que ele as acompanharia até o parque.

Seria um passeio adorável. Alegre de verdade.

– Por que acha que ela está demorando tanto? – perguntou Elizabeth.

– Só faz um minuto – retrucou Harriet.

– Ora, isso não é verdade. A Srta. Wynter já estava lá há cinco minutos antes de chegarmos.

– Dez – corrigiu Frances.

– Dez? – repetiu Daniel.

As meninas o estavam deixando zonzo.

– Minutos – explicou Frances.

– Não foram dez minutos.

Ele não sabia quem falara agora.

– Ora, não foram cinco.

Ou agora.

– Podemos concordar com oito, mas, para ser sincero, não acho um tempo preciso.

– Por que vocês falam tão rápido? – teve que perguntar Daniel.

As três pararam e o encararam com uma expressão solene idêntica.

– Não estamos falando rápido demais – disse Elizabeth.

– Sempre falamos assim – acrescentou Harriet.

– Todo mundo nos entende – informou-o Frances, por fim.

Era impressionante, pensou Daniel, como três meninas tão novas conseguiam deixá-lo sem palavras.

– Gostaria de saber o que está retendo a Srta. Wynter por tanto tempo – murmurou Harriet.

– Dessa vez eu irei chamá-la – declarou Elizabeth, lançando um olhar para Frances que dizia que achava a irmã terrivelmente incompetente.

Frances apenas deu de ombros.

Mas no momento em que Elizabeth chegou à entrada dos estábulos, a Srta. Wynter surgiu, parecendo mesmo uma governanta, com seu vestido cinza e a touca da mesma cor. Ela estava calçando as luvas, franzindo a testa para o que Daniel imaginou que só poderia ser um furo no tecido.

– Essa deve ser a Srta. Wynter – comentou ele em voz alta, antes que ela o visse.

A Srta. Wynter ergueu os olhos rapidamente, mas disfarçou o alarme.

– Ouvi coisas esplêndidas a seu respeito – disse Daniel, adiantando-se para oferecer o braço a ela. Quando ela aceitou, com relutância, ele tinha certeza, Daniel se abaixou e murmurou, de modo que só ela ouvisse:

– Surpresa?

CAPÍTULO 4

Ela não estava surpresa

Por que estaria? Ele dissera que apareceria ali, mesmo ela tendo afirmado que não se encontraria em casa quando ele chegasse. Daniel dissera que voltaria, mesmo quando ela *repetira* que não estaria em casa.

Mais uma vez.

Ele era o conde de Winstead. Homens naquela posição faziam o que queriam. Aliás, no que dizia respeito às mulheres, pensou ela com irritação, homens em posições *abaixo* da dele faziam o que queriam.

O conde não era um homem maldoso, nem mesmo egoísta de fato. Anne gostava de pensar que havia se tornado uma boa juíza de caráter ao longo dos anos, com certeza melhor do que era aos 16 anos. Lorde Winstead não seduziria nenhuma mulher que não soubesse o que estava fazendo, e não arruinaria, ameaçaria ou chantagearia ninguém, pelo menos não de propósito.

Se a vida dela virasse de cabeça para baixo por causa daquele homem, não seria por má intenção dele. Simplesmente aconteceria, porque ele se interessara por ela, e queria que ela se interessasse por ele. Nunca ocorreria ao conde que ele não deveria se permitir persegui-la.

Todo o resto lhe era permitido. Por que isso não seria?

– Não deveria ter vindo – disse ela em voz baixa, enquanto eles caminhavam pelo parque, com as três meninas vários metros à frente deles.

– Quis ver minhas primas – retrucou ele, com inocência.

Anne olhou de relance para ele.

– Então por que está ficando para trás comigo?

– Olhe para elas – disse o conde, indicando as primas com a mão. – Iria querer que eu acabasse empurrando uma delas para a rua?

Era verdade. Harriet, Elizabeth e Frances estavam caminhando lado a lado na calçada, a mais velha na ponta, a mais nova mais para dentro, como a mãe gostava. Anne não conseguia acreditar que as meninas haviam escolhido exatamente aquele dia para enfim obedecerem às instruções.

– Como está seu olho? – perguntou ela.

Parecia pior à luz do dia, quase como se o hematoma estivesse se espalhando pela parte de cima do nariz dele. Mas pelo menos agora Anne sabia de que cor eram seus olhos: de um intenso azul-claro. Era quase absurdo quanto ela ficara curiosa com aquilo.

– Não está tão ruim, desde que eu não toque – respondeu Daniel. – Se pudesse fazer a gentileza de não jogar pedras no meu rosto, eu ficaria muito grato.

– Todos os meus planos para a tarde... arruinados – brincou ela. – Simples assim.

Ele riu e Anne foi tomada por uma lembrança. Não de algo específico, mas de si mesma, e de como já fora maravilhoso flertar, rir e se deleitar com o olhar de um cavalheiro.

O flerte havia sido ótimo. Mas não as consequências. Por essas, ela ainda estava pagando.

– O tempo está ótimo – comentou Anne depois de um momento.

– Já ficamos sem assunto?

A voz dele era leve e provocadora e, quando Anne se virou para olhá-lo de relance, o conde estava com o olhar fixo à frente, com um sorrisinho nos lábios.

– O tempo está *realmente* ótimo – voltou a dizer ela.

O sorriso dele se alargou. E o dela também.

– Vamos ao The Serpentine? – perguntou Harriet, lá da frente.

– Iremos aonde você quiser – concordou Daniel, indulgente.

– Vamos ao Rotten Row – corrigiu Anne. Quando ele a encarou com as sobrancelhas erguidas, ela disse: – Ainda estou no comando das meninas, não estou?

Ele assentiu e avisou às primas:

– Aonde a Srta. Wynter quiser.

– Não vamos estudar matemática de novo, não é? – lamentou-se Harriet.

Lorde Winstead olhou para Anne sem disfarçar a curiosidade.

– Matemática? No Rotten Row?

– Estávamos estudando medidas – explicou ela. – Elas já mediram o comprimento das próprias passadas. Agora vão contar os passos que cobrem a extensão do lugar para ter a medida exata.

– Muito bom – comentou o conde. – E elas se mantêm ocupadas e quietas enquanto contam.

– O senhor não as ouviu contar – retrucou Anne.

Ele se virou para ela com certa preocupação.

– Não diga que elas não sabem como fazer.

– É claro que sabem. – Anne não conseguiu evitar um sorriso. Ele estava muito engraçado com apenas um dos olhos arregalados de surpresa. O outro ainda estava inchado demais para registrar qualquer tipo de emoção. – Suas primas fazem tudo com grande talento – afirmou. – Inclusive contar.

Ele pensou a respeito.

– Então o que a senhorita está dizendo é que, em cerca de cinco anos, quando as Pleinsworths assumirem o Quarteto Smythe-Smith, devo me esforçar para estar muito, muito longe?

– Eu jamais diria uma coisa dessas – retrucou ela. – Mas devo lhe informar que Frances resolveu romper a tradição e tocar contrabaixo.

O conde se encolheu.

– Francamente...

Então eles começaram a rir. Juntos.

Era um som maravilhoso.

– Ah, meninas! – chamou Anne, porque não conseguiu resistir. – Lorde Winstead vai se juntar a vocês.

– Vou?

– Vai, sim – afirmou Anne, quando as três correram na direção deles. – Seu primo me disse que está muito interessado nos estudos de vocês.

– Mentirosa – murmurou ele.

Anne ignorou-o, mas, quando se permitiu um meio sorriso zombeteiro, fez questão de erguer o canto da boca que ele podia ver.

– Vamos fazer o seguinte – explicou ela. – Vocês devem medir o comprimento do caminho, como já aprendemos, e devem multiplicar o número de passos que derem pelo comprimento das passadas.

– Mas o primo Daniel não sabe a medida do passo dele.

– Exatamente. É isso que torna a aula ainda melhor. Quando vocês tiverem determinado o comprimento do caminho, devem fazer as contas

inversas para descobrir a medida da passada dele.

– *De cabeça?*

Era como se Anne houvesse dito que elas deveriam aprender a lutar com um polvo.

– É a única maneira de vocês aprenderem – respondeu.

– Eu mesmo tenho um grande carinho pela pena e pela tinta – comentou lorde Winstead.

– Não deem ouvidos a ele, meninas. É extremamente útil saber fazer somas e multiplicações de cabeça. Apenas pensem no que conseguirão fazer sabendo isso.

Os quatro ficaram encarando a governanta, sem entender. Ao que parecia, nenhuma delas conseguia pensar em alguma utilidade.

– Para fazer compras – disse Anne, esperando convencê-las. – Saber fazer contas de cabeça é de grande ajuda quando fazemos compras. Vocês não vão levar papel e pena quando forem ao chapeleiro, não é verdade?

Os quatro continuaram a encará-la com a mesma expressão. Anne teve a sensação de que as meninas nunca haviam perguntado o preço de nada no chapeleiro, ou em qualquer outro estabelecimento, na verdade.

– E quanto aos jogos? – disse Anne, tentando outra abordagem. – Se afiarem seus conhecimentos de aritmética, isso fará uma enorme diferença em um jogo de cartas.

– Vocês não têm ideia... – murmurou lorde Winstead.

– Acho que nossa mãe não vai querer que a senhorita nos ensine a apostar – disse Elizabeth.

Ao lado dela, Anne ouviu o conde abafar uma risada divertida.

– Como pretende verificar nossos resultados? – quis saber Harriet.

– Essa é uma ótima pergunta – elogiou Anne –, e eu a responderei amanhã. – Ela fez uma pausa de precisamente um segundo. – Quando eu tiver descoberto como farei isso.

As três meninas riram, o que fora a intenção de Anne. Não havia nada como um pouco de humor autodepreciativo para recuperar o controle da conversa.

– Terei que voltar para saber os resultados – falou lorde Winstead.

– Não há necessidade – retrucou Anne rapidamente. – Podemos informá-los ao senhor por um mensageiro.

– Ou poderíamos fazer uma caminhada até a sua casa – sugeriu Frances. Ela se virou para lorde Winstead com esperança nos olhos. – Não

moramos tão longe assim da Casa Winstead, e a Srta. Wynter adora nos fazer caminhar.

– Caminhar é saudável para o corpo e para a mente – lembrou Anne em um tom sério.

– Mas é muito mais agradável quando se tem companhia – comentou lorde Winstead.

Anne respirou fundo – essa era a melhor forma de conter uma resposta desagradável – e se virou para as meninas.

– Vamos começar – disse bruscamente, levando-as para o topo da trilha. – Comecem a descer daqui. Estarei esperando naquele banco.

– A senhorita não vem? – perguntou Frances.

Ela lançou a Anne o tipo de olhar em geral reservado aos culpados de alta traição.

– Não quero atrapalhar o caminho de vocês – retrucou Anne.

– Ah, mas a senhorita não atrapalharia em nada – intrometeu-se lorde Winstead. – A trilha é bem larga e há espaço para todos.

– Ainda assim.

– Ainda assim? – repetiu ele.

Ela assentiu rigidamente.

– Duvido que essa seja uma resposta digna de uma das melhores governantas de Londres – falou o conde.

– Sem dúvida um elogio adorável – retrucou ela –, mas que dificilmente me convencerá a entrar na batalha.

Ele se aproximou mais dela e murmurou:

– Covarde.

– Longe disso – disse Anne, sem sequer mover os lábios. Então, continuou com um sorriso animado: – Vamos, meninas, animem-se. Vou ficar aqui por um instante para ajudá-las no início.

– Não preciso de ajuda – resmungou Frances. – Só preciso não *ter* que fazer isso.

Anne apenas sorriu. Sabia que Frances estaria se gabando de seus passos e de seus cálculos mais tarde naquela noite.

– O senhor também, lorde Winstead. – Anne o encarou com sua expressão mais benevolente.

As meninas já estavam se adiantando, infelizmente em velocidades diferentes, o que significava uma cacofonia de números enchendo o ar.

– Ah, mas eu não posso – retrucou ele, levando uma das mãos ao peito.

– Por quê? – perguntou Harriet.

No mesmo instante, Anne dizia:

– É claro que pode.

– Estou tonto – disse o conde, e com um exagero tão óbvio que Anne não pôde evitar revirar os olhos. – É verdade – insistiu ele. – Estou com... hã, o que foi que abateu a pobre Sarah...? Sim, tonteira.

– Foi uma indisposição estomacal – corrigiu Harriet, e deu um discreto passo para trás.

– Você não pareceu tonto antes – comentou Frances.

– Ora, foi porque eu não estava com o olho fechado.

Isso silenciou todas elas.

Então, finalmente:

– Como assim? – perguntou Anne, que estava mesmo interessada em saber o que fechar os olhos tinha a ver com aquilo.

– Sempre fecho o olho quando conto – explicou ele, com uma expressão que esbanjava serenidade.

– O senhor sempre... Espere um instante – disse Anne, desconfiada. – O senhor sempre fecha *um* dos olhos quando conta?

– Ora, eu dificilmente poderia fechar os dois.

– Por quê? – perguntou Frances.

– Eu não conseguiria ver nada – respondeu ele, como se fosse óbvio.

– Não precisa *ver* para contar – retrucou Frances.

– Eu preciso.

Ele estava mentindo. Anne não conseguia acreditar que as meninas não iriam gritar em protesto. Mas não gritaram. Na verdade, Elizabeth parecia fascinada.

– Que olho? – perguntou.

Lorde Winstead pigarreou e então Anne teve quase certeza de que piscou, como se para lembrar qual de seus olhos estava realmente machucado.

– O direito – decidiu finalmente.

– É claro – concordou Harriet.

Anne a encarou.

– O quê?

– Ora, ele é destro, não é? – Harriet olhou para o primo. – Não é?

– Sou.

Anne olhou de lorde Winstead para Harriet e de volta para ele.

– E isso é relevante porque...?

Lorde Winstead deu de ombros ligeiramente e foi salvo de ter que responder por Harriet, que disse:

– Porque é.

– Tenho certeza de que poderei aceitar o desafio na semana que vem – falou lorde Winstead –, depois que o meu olho estiver curado. Não sei por que não me ocorreu que eu perderia meu senso de equilíbrio se pudesse manter apenas o olho inchado aberto.

Anne estreitou os olhos. Os dois.

– Achei que o senso de equilíbrio de uma pessoa estivesse relacionado à audição, não à visão.

Frances arquejou.

– Não me diga que ele vai ficar *surdo*.

– Ele não vai ficar surdo – respondeu Anne. – Embora *eu* possa acabar ficando, se você gritar desse jeito de novo. Agora, vocês três, andem logo. Vou me sentar.

– E eu também – acrescentou lorde Winstead, alegremente. – Mas estarei com vocês três em espírito.

As meninas começaram a contar e Anne se dirigiu ao banco. Lorde Winstead estava bem atrás dela e, quando os dois se sentaram, ela disse:

– Não posso crer que elas acreditaram naquela bobagem sobre o seu olho.

– Ah, elas não acreditaram – respondeu ele, despreocupado. – Mais cedo eu disse a elas que daria uma libra a cada uma se nos permitissem alguns momentos a sós.

– O quê? – perguntou Anne com um tom que mais pareceu um guincho.

O conde chorou de tanto rir.

– É claro que não fiz isso. Santo Deus, a senhorita me acha mesmo um completo idiota? Não, não responda.

Ela balançou a cabeça, irritada consigo mesma por ter sido tão fácil de enganar. Mas não conseguia ficar zangada; o riso dele era muito contagiante.

– Estou surpresa por ninguém ter se aproximado para cumprimentá-lo – comentou Anne.

O parque não estava mais cheio do que o normal para aquela hora do dia, mas eles certamente não eram as únicas pessoas passeando ali. Anne

sabia que lorde Winstead fora um cavalheiro muito popular quando morava em Londres, e era difícil acreditar que ninguém havia notado a presença dele no Hyde Park.

– Acho que não era de conhecimento geral minha intenção de retornar – respondeu o conde. – As pessoas veem o que esperam ver, e ninguém no parque espera me ver. – Ele deu um meio sorriso melancólico e indicou o olho inchado. – Ainda mais nestas condições.

– E comigo – acrescentou ela.

– Estou me perguntando *quem* é a senhorita.

Ela se virou rapidamente para ele.

– Essa foi uma reação bastante intensa para uma pergunta tão simples – murmurou o conde.

– Eu me chamo Anne Wynter – disse Anne em um tom firme. – E sou governanta de suas primas.

– Anne – repetiu lorde Winstead baixinho, e ela percebeu que ele saboreava seu nome como uma iguaria. O conde inclinou a cabeça para o lado. – Wynter com i ou com y?

– Com y. Por quê?

E ela não pôde evitar um risinho diante do que acabara de dizer.

– Por nenhuma razão especial – retrucou ele. – Apenas minha curiosidade natural. – Lorde Winstead ficou em silêncio por mais algum tempo e acrescentou: – Não combina com a senhorita.

– Como assim?

– Seu sobrenome. Wynter. Winter. Inverno. Não combina com a senhorita. Mesmo com y.

– Raramente temos a possibilidade de escolher nosso sobrenome – argumentou ela.

– Tem toda a razão, é claro, mas, ainda assim, já me peguei várias vezes achando interessante como o sobrenome de algumas pessoas combina com elas.

Anne não conseguiu conter um sorriso brincalhão.

– O que, então, significa ser um Smythe-Smith?

Ele suspirou, de um modo talvez um pouco dramático *demais*.

– Acho que estamos fadados a apresentar o mesmo concerto até a eternidade...

O conde pareceu tão desalentado que Anne teve que rir.

– Como assim?

– É um pouco repetitivo, não acha?

– Smythe-Smith? Acho um sobrenome bastante simpático, na verdade.

– Discordo. Seria de imaginar que se um Smythe se casasse com uma Smith, eles acertariam suas diferenças e escolheriam um único sobrenome, em vez de impingir os dois ao resto de nós.

Anne riu.

– Há quanto tempo o sobrenome foi hifenizado?

– Há muitos séculos.

Lorde Winstead se virou e, por um momento, Anne esqueceu os machucados e arranhões dele. Viu apenas o homem à sua frente, encarando-a como se ela fosse a única mulher do mundo.

Anne tossiu, tentando disfarçar enquanto recuava ligeiramente para longe dele no banco. Aquele homem era perigoso. Mesmo os dois estando sentados em um parque público, conversando sobre assuntos inocentes, ela conseguia *senti-lo*.

Algo dentro dela fora despertado, e Anne precisava desesperadamente voltar a trancar essa sensação.

– Ouvi histórias conflitantes – continuou ele, parecendo não perceber a agitação dela. – Os Smythes tinham o dinheiro, e os Smiths a posição social. Ou a versão romântica: os Smythes tinham o dinheiro *e* a posição social e os Smiths tinham a bela filha.

– Com cabelos dourados e olhos azul-celeste? Parece mais uma lenda arturiana.

– Longe disso. A bela filha acabou se transformando em uma mulher rabugenta. – Ele inclinou a cabeça na direção dela, com um sorriso sarcástico. – Que não envelheceu bem.

Anne não conseguiu evitar o riso.

– Por que a família não se livrou do sobrenome dela, então, e voltou a ser apenas Smythe?

– Não faço ideia. Talvez tenham assinado um contrato. Ou alguém achou que o sobrenome parecia mais digno com o acréscimo de outro. De qualquer modo, nem sei se essa história é verdadeira.

Anne riu de novo e olhou para o parque para ver como estavam as meninas. Harriet e Elizabeth discutiam por algum motivo, provavelmente nada mais sério do que uma folha de grama, e Frances dava passos gigantescos que arruinariam o resultado. Anne sabia que deveria corrigi-la, mas estava tão agradável ficar ali sentada com o conde...

– Gosta de ser governanta? – perguntou ele.

– Se eu gosto? – Ela o encarou com a testa franzida. – Que pergunta estranha.

– Não consigo imaginar por que seja estranha, considerando a sua profissão.

O que mostrava bem o conhecimento dele sobre ter um emprego.

– Ninguém pergunta a uma governanta se ela gosta do próprio trabalho – respondeu Anne. – Aliás, não se faz essa pergunta a ninguém.

Ela pensara que isso encerraria a questão, mas quando olhou de relance para o rosto dele, viu que o conde a observava com uma curiosidade sincera.

– Já perguntou a um criado se ele gosta de ser criado? – disse Anne. – Ou a uma camareira?

– Uma governanta dificilmente pode ser comparada a um criado ou a uma camareira.

– Somos mais próximos do que pensa. Recebemos uma remuneração, vivemos na casa de outra pessoa e estamos sempre sujeitos a sermos colocados na rua. – E enquanto ele pensava a respeito, Anne virou o jogo e perguntou: – O *senhor* gosta de ser um conde?

Ele pensou por um momento.

– Não tenho ideia. – Diante do olhar de surpresa dela, acrescentou: – Não tive muitas chances de saber o que significa. Herdei o título pouco mais de um ano antes de sair da Inglaterra, e me envergonho em dizer que não fiz muita coisa útil durante esse tempo. Se o condado está se desenvolvendo bem, é graças à excelente administração do meu pai e à sua capacidade de contratar inúmeros gerentes competentes.

Anne insistiu:

– Mesmo assim, o senhor *era* conde. Não importava em que país estava. Quando conhecia alguém, dizia “Sou o conde de Winstead”, não “Sou o Sr. Winstead”.

Ele a encarou.

– Conheci muito pouca gente enquanto estava fora do país.

– Ah. – Era sem dúvida uma declaração estranha, e Anne não soube o que responder. Lorde Winstead não disse mais nada, e ela achou que não conseguiria suportar o toque de melancolia que pairava sobre os dois, por isso acrescentou: – Eu gosto, *sim*, de ser governanta. Delas, ao menos – esclareceu, sorrindo e indicando as meninas.

– Presumo que não seja seu primeiro emprego – arriscou ele.

– Não. É o terceiro. E também já fui dama de companhia.

Anne não sabia muito bem por que estava contando aquilo a ele. Era mais do que costumava compartilhar a respeito de si mesma. Mas não era nada que o conde não pudesse descobrir caso perguntasse à tia. Todos os empregos anteriores de Anne haviam sido revelados quando ela se candidatara à vaga de governanta das meninas Pleinsworths, mesmo o que não havia terminado bem. Anne optava pela honestidade sempre que possível, provavelmente porque com frequência *não era* possível. E sentia-se muito grata por lady Pleinsworth não ter pensado mal dela por deixar um emprego em que todos os dias ela precisava fazer uma barricada na porta do próprio quarto para evitar a entrada do pai das pupilas.

Lorde Winstead a encarou com um olhar estranhamente penetrante, então enfim disse:

– Ainda acho que Wynter não combina com a senhorita.

Como era estranho ele se apegar tanto a essa ideia... Mas Anne deu de ombros.

– Não há muito que eu possa fazer a respeito, a não ser me casar.

O que, como ambos sabiam, era uma perspectiva improvável. Governantas raramente tinham a oportunidade de conhecer cavalheiros adequados de sua própria posição social. E, de qualquer modo, Anne não queria se casar. Era difícil se imaginar dando a um homem controle completo da vida e do corpo dela.

– Olhe para aquela dama, por exemplo – falou o conde, indicando com a cabeça uma mulher que lançava olhares furtivos e desdenhosos para Frances e Elizabeth, enquanto as duas pulavam pelo caminho. – Ela parece um inverno, uma Winter, com ou sem y. Loura, gelada, de temperamento frio.

– Como pode julgar o caráter da dama daqui de longe?

– Estou sendo um pouco dissimulado – admitiu ele. – Eu a conheço.

Anne não queria nem pensar o que aquilo significava.

– Acho que a senhorita é um outono.

– Eu preferiria ser primavera – comentou Anne baixinho.

Para si mesma, na verdade.

Ele não perguntou o motivo. E Anne nem sequer pensou no silêncio do conde até mais tarde, quando estava em seu quarto, relembrando os

detalhes do dia. Era o tipo de declaração que implorava por uma explicação, mas ele não pedira. Sabia que não deveria.

Mas Anne gostaria que ele *tivesse* perguntando. Porque, se houvesse sido esse o caso, ela não gostaria tanto dele.

E Anne tinha a sensação de que gostar de Daniel Smythe-Smith, o famoso e infame conde de Winstead, só poderia levá-la à ruína.

Quando voltava para casa naquela noite, depois de ter parado na casa de Marcus para oferecer suas congratulações oficiais pelo noivado, Daniel se deu conta de que não se lembrava da última vez que aproveitara tanto uma tarde.

Imaginava que não fosse um feito tão difícil, afinal passara os últimos três anos no exílio, frequentemente fugindo dos bandidos contratados por lorde Ramsgate. Não era uma existência que permitisse passeios relaxantes e agradáveis, ou conversas descontraídas.

Mas fora isso que aquela tarde acabara sendo. Enquanto as meninas contavam os passos ao longo do Rotten Row, ele e a Srta. Wynter ficaram sentados conversando sobre nada em particular. E durante todo aquele tempo, Daniel não conseguia parar de pensar em como gostaria de pegar a mão dela.

Só isso. Apenas a mão dela.

Ele a levaria aos lábios e inclinaria a cabeça em uma saudação terna. E saberia que aquele beijo simples e cavalheiresco seria o começo de algo fantástico.

Por isso teria sido o bastante. Porque seria uma promessa.

Agora que ele estava sozinho com os próprios pensamentos, sua mente divagou por tudo o que aquela promessa significaria. A curva do pescoço dela, a intimidade sensual dos cabelos desgrenhados. Daniel não se lembrava de já ter desejado uma mulher daquele modo romântico. Ia além do mero desejo. A necessidade que sentia por ela era mais profunda do que o corpo dele. Queria venerá-la, queria...

O golpe surgiu do nada, acertou-o abaixo da orelha e o jogou contra o poste de luz.

– Que diabo...? – grunhiu Daniel, levantando os olhos bem a tempo de ver dois homens vindo em sua direção.

– Sim, esse foi bom, amigo – disse um deles enquanto se movia, serpenteando como uma cobra na neblina.

Daniel viu o lampejo da lâmina de uma faca brilhando à luz do poste.

Ramsgate.

Eram homens mandados por ele. Só podiam ser.

Maldição, Hugh havia prometido a ele que era seguro retornar. Teria sido um tolo por acreditar? Estaria tão desesperado para voltar para casa que não se permitira ver a verdade?

Daniel aprendera a lutar sujo nos últimos três anos e, enquanto o primeiro de seus agressores caiu na calçada depois de um chute entre as pernas, o outro foi obrigado a lutar pelo controle da faca.

– Quem os mandou? – grunhiu Daniel.

Eles estavam cara a cara, os narizes quase encostados, os braços esticados no alto enquanto ambos tentavam dominar a arma.

– Só quero dinheiro – disse o agressor, com um modo de falar informal. Ele sorriu, os olhos cintilando de pura crueldade. – Me dá o dinheiro e nós vamos embora.

Ele estava mentindo. Daniel tinha tanta certeza disso quanto sabia que ainda respirava. Se soltasse os pulsos do homem, mesmo que por um momento, aquela faca seria cravada entre suas costelas. Assim, tinha pouco tempo antes que o homem que estava no chão conseguisse se levantar.

– Ei, vocês! O que está acontecendo aqui?

Daniel olhou de relance para o outro lado da rua por tempo suficiente apenas para ver dois homens saindo de uma taberna. O bandido também os viu e, girando a mão, jogou a faca na rua. Ele se debateu e conseguiu se livrar de Daniel. Então, saiu em disparada, com o amigo claudicando atrás.

Daniel saiu correndo atrás deles, determinado a capturar pelo menos um. Seria o único modo de obter qualquer resposta. Mas antes que conseguisse fazer a curva, um dos homens da taberna o atacou, tomando-o por um dos criminosos.

– Maldição – grunhiu Daniel.

Mas não adiantava praguejar contra o sujeito que o derrubara na rua. Sabia que poderia muito bem estar morto se não fosse pela intervenção dele.

Se queria respostas, teria que encontrar Hugh Prentice.

Imediatamente.

CAPÍTULO 5

Hugh morava em um pequeno conjunto de apartamentos no The Albany, um prédio elegante muito procurado por cavalheiros de berço, mas com meios de sobrevivência modestos. Sem dúvida Hugh poderia ter permanecido na mansão do pai, e na verdade lorde Ramsgate tentara de tudo, à exceção de chantagem, para forçar o filho a ficar, mas, como Hugh contara a Daniel na longa jornada da Itália para casa, ele já não falava mais com o pai.

Mas o pai, infelizmente, ainda falava com ele.

Hugh não estava em casa quando Daniel chegou, mas seu valete abriu a porta e o conduziu até a sala de estar, garantindo que o patrão deveria voltar logo.

Daniel ficou andando de um lado para outro por quase uma hora, relembrando todos os detalhes do ataque. Não acontecera na rua mais bem iluminada de Londres, mas com certeza o lugar também não era considerado um dos mais perigosos da cidade. Ao mesmo tempo, se um ladrão quisesse roubar uma bolsa cheia de dinheiro, precisaria ir além dos antros que eram as regiões de St. Giles e Old Nichol. Daniel não teria sido o primeiro cavalheiro a ser roubado tão perto de Mayfair e de St. James.

Poderia ter sido um simples assalto. Não poderia? Os homens disseram que queriam o dinheiro dele. Talvez fosse verdade.

Mas Daniel passara muito tempo olhando por sobre o ombro para aceitar uma explicação simples para alguma coisa. Assim, quando Hugh enfim entrou em seus aposentos, Daniel ainda estava esperando.

– Winstead – disse Hugh imediatamente. Não parecia surpreso, mas a verdade era que Daniel achava que nunca o tinha visto surpreso com nada.

Hugh sempre tivera o rosto mais inexpressivo que ele já vira, e essa era uma das razões para ser tão imbatível nos jogos de cartas. Isso e o

talento apaixonado para os números.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ele.

Fechou a porta e entrou mancando, apoiando-se pesadamente na bengala. Quando os dois haviam se encontrado, ainda na Itália, fora difícil ver o modo de andar doloroso de Hugh e saber que ele, Daniel, fora a causa. Agora, Daniel tolerava a visão como uma espécie de penitência, embora, depois do que acontecera com ele naquela mesma noite, já não tivesse mais tanta certeza de que merecia essa penitência.

– Fui atacado – disse Daniel, objetivamente.

Hugh ficou imóvel. Então, virou-se devagar, avaliou Daniel de cima a baixo e voltou a olhar para seu rosto.

– Sente-se – falou abruptamente, e indicou uma cadeira.

O sangue de Daniel estava correndo rápido demais para que ele conseguisse se sentar.

– Estou bem em pé.

– Com licença, então, porque *eu* preciso me sentar – retrucou Hugh, torcendo os lábios de modo autodepreciativo.

Ele foi até uma cadeira com seu andar desajeitado e arriou o corpo nela. Quando enfim parou de se apoiar com a perna ruim, deixou escapar um suspiro de alívio.

Aquilo não era fingimento. Talvez ele estivesse mentindo sobre outras coisas, mas não sobre aquilo. Daniel vira a perna de Hugh. Estava retorcida e enrugada, e sua própria existência parecia um improvável feito da medicina. E ele ainda conseguir se apoiar com ela certamente era um milagre.

– Se importa se eu tomar um drinque? – perguntou Hugh. Ele apoiou a bengala sobre uma mesa e começou a massagear os músculos da perna com os nós dos dedos. E não se importou em esconder a expressão de dor. – Está ali – disse, gemendo e indicando um armário com a cabeça.

Daniel atravessou a sala e pegou uma garrafa de conhaque.

– Dois dedos? – perguntou.

– Três. Por favor. Foi um longo dia.

Daniel serviu o drinque e entregou a Hugh. Ele mesmo não bebera nem uma gota de álcool desde aquela fatídica noite de embriaguez, mas a verdade era que não tinha uma perna estraçalhada que, para não sentir, precisasse se entorpecer.

– Obrigado – disse Hugh, a voz uma mistura de gemido e sussurro. Deu um longo gole, então outro, e fechou os olhos enquanto a bebida descia queimando sua garganta. – Pronto – falou, assim que recuperou a compostura. Pousou o copo e olhou para Daniel. – Me disseram que seus machucados foram infligidos por lorde Chatteris.

– Isso foi outra coisa – retrucou Daniel, sem se estender no assunto. – Fui atacado por dois homens quando estava voltando para casa hoje à noite.

Hugh endireitou o corpo, os olhos atentos.

– Eles disseram alguma coisa?

– Exigiram dinheiro.

– Mas sabiam seu nome?

Daniel balançou a cabeça.

– Não me chamaram por ele.

Hugh ficou em silêncio por um longo momento, então disse:

– Talvez fossem assaltantes comuns.

Daniel cruzou os braços e o encarou.

– Eu lhe disse que consegui fazer meu pai prometer – lembrou Hugh em uma voz calma. – Ele não tocará em você.

Daniel queria acreditar nele. Na verdade, acreditava. Hugh nunca fora mentiroso, nem tinha uma natureza vingativa. Mas era possível que houvesse sido ludibriado pelo pai?

– Como posso saber que é possível confiar no seu pai? – perguntou Daniel. – Ele passou os últimos três anos tentando me matar.

– E eu passei os últimos três anos convencendo-o de que isto – Hugh torceu os lábios e indicou a perna arruinada com a mão – aconteceu tanto por culpa minha como sua.

– Ele nunca acreditaria nisso.

– Não – concordou Hugh. – É um grande teimoso. Sempre foi.

Não era a primeira vez que Daniel ouvia Hugh se referir ao pai em tais termos, mas ainda assim ficou espantado. Havia algo no tom direto de Hugh que era enervante.

– Como posso saber que estarei seguro? – disse Daniel, incisivo. – Voltei à Inglaterra confiando na sua palavra, já que você acreditava que seu pai honraria a promessa. Se algo acontecer comigo, ou, que Deus o ajude, com algum membro da minha família, irei atrás de você até o fim do mundo.

Hugh não precisava argumentar que, se Daniel fosse morto, não teria como ir atrás dele.

– Meu pai assinou um contrato – disse Hugh. – Você viu o documento.

Daniel tinha inclusive uma cópia, assim como Hugh, lorde Ramsgate e o advogado de Hugh, que tinha ordens estritas de manter o documento trancado a sete chaves. Mas ainda assim...

– Ele não seria o primeiro homem a descumprir os termos de um acordo assinado – retrucou Daniel em voz baixa.

– É verdade. – O rosto de Hugh estava contraído, e havia grandes olheiras sob seus olhos. – Mas ele não descumpriria esse contrato. Eu me certifiquei disso.

Daniel pensou na própria família, na mãe e na irmã, e nas primas Pleinsworths, tão alegres e risonhas, com quem ele tinha acabado de voltar a se relacionar. Pensou também na Srta. Wynter, e o rosto dela ocupou sua mente. Se algo acontecesse a ele antes que tivesse oportunidade de conhecê-la melhor...

Se alguma coisa acontecesse a *ela*...

– Preciso saber como você pode ter tanta certeza – exigiu, a voz agora baixa e furiosa.

– Bem... – Hugh levou o copo aos lábios e deu um longo gole. – Se quer mesmo saber, eu disse a ele que se algo acontecesse a você, eu me mataria.

Se Daniel estivesse segurando alguma coisa, qualquer coisa, ela certamente teria caído no chão. Na verdade, era impressionante que *ele* não tivesse caído.

– Meu pai me conhece bem o bastante para saber que eu não diria uma coisa dessas à toa – acrescentou Hugh em um tom leve.

Daniel não conseguiu responder nada.

– Então, se você... – Hugh tomou outro gole e dessa vez seus lábios mal tocaram o copo. – Eu agradeceria se você se esforçasse para não morrer em algum acidente infeliz. Eu com certeza culparia meu pai e, sinceramente, prefiro não me matar sem necessidade.

– Você é louco – sussurrou Daniel.

Hugh deu de ombros.

– Às vezes também acho que sou. Meu pai com certeza concordaria.

– Por que você faria uma coisa dessas?

Daniel não conseguia imaginar mais ninguém, nem mesmo Marcus, que era um verdadeiro irmão para ele, fazendo o mesmo tipo de ameaça.

Hugh ficou em silêncio por um longo tempo, com o olhar vazio. Finalmente, quando Daniel já estava certo de que ele não responderia, o homem se virou e disse:

– Fui um idiota quando o chamei de trapaceiro. Estava bêbado. Acredito que você também estava, e não acreditei que tivesse a capacidade de ganhar de mim.

– Não tenho – disse Daniel. – Foi sorte.

– Sim – concordou Hugh. – Mas não acredito em sorte. Nunca acreditei. Acredito em talento, e mais ainda em bom senso. Mas não tive bom senso naquela noite. Nem com as cartas, nem com as pessoas.

Hugh olhou para o próprio copo, agora vazio. Daniel pensou em se oferecer para servir mais uma dose, então decidiu que Hugh pediria se quisesse.

– Foi culpa minha você ter sido obrigado a deixar o país – disse Hugh, pousando o copo na mesa, perto dele. – Não conseguiria mais me olhar no espelho sabendo que havia arruinado a sua vida.

– Mas eu também arruinei a sua – retrucou Daniel, baixinho.

Hugh sorriu, mas um sorriso forçado que levantou apenas um dos lados de sua boca.

– É só uma perna.

Mas Daniel não acreditava nele. E achava que o próprio Hugh também não acreditava em si mesmo.

– Vou ver o meu pai – falou Hugh, com uma brusquidão que sinalizava que o encontro dos dois estava chegando ao fim. – Não acredito que ele seja tolo o bastante para ser responsável pelo que aconteceu com você hoje, mas, por via das dúvidas, lembrarei a ele a minha ameaça.

– E pode me informar sobre o resultado desse encontro?

– É claro.

Daniel foi até a porta e quando se virou para se despedir, viu que Hugh se esforçava para se levantar. Ele estava prestes a dizer que aquilo não era necessário, mas engoliu as palavras. Um homem precisava do seu orgulho.

Hugh esticou o braço e pegou a bengala. Então, atravessou a sala lenta e dolorosamente para cumprimentar Daniel.

– Obrigado por ter vindo – falou, então estendeu a mão e Daniel a apertou.

– Tenho orgulho de chamá-lo de amigo – afirmou Daniel.

Em seguida foi embora, mas não antes de ver Hugh se virar rapidamente, com os olhos marejados.

Na tarde seguinte, depois de ter passado a manhã no Hyde Park refazendo três vezes a medida do comprimento do Rotten Row, Anne se sentou diante da escrivaninha na sala de estar da Casa Pleinsworth e ficou batendo com a pena no queixo, enquanto considerava o que deveria colocar em sua lista de coisas a fazer. Era a tarde de folga dela, e esperara ansiosa a semana toda para resolver algumas pendências e fazer compras. Não que pudesse comprar muita coisa, mas gostava de espiar as lojas. Era ótimo ter alguns momentos só para si, sem ser responsável por ninguém a não ser ela mesma.

Seus preparativos, no entanto, foram interrompidos pela chegada de lady Pleinsworth, que entrou como um furacão na sala em um vestido de musselina verde-clara.

– Partimos amanhã! – anunciou.

Anne ergueu os olhos, muito confusa, e se levantou.

– Como assim?

– Não podemos permanecer em Londres – disse lady Pleinsworth. – Os boatos estão se espalhando.

– Boatos? Sobre o quê?

– Margaret me contou que ouviu falar que Sarah na verdade não estava doente na noite do concerto, que estava só tentando estragar a apresentação.

Anne não sabia quem era Margaret, mas não se podia negar que era uma dama bem informada.

– Como se Sarah fosse fazer uma coisa dessas... – continuou lady Pleinsworth. – Ela é uma musicista de alto nível. E uma filha dedicada. Anseia durante o ano todo pelo concerto.

Não havia nenhum comentário que Anne pudesse fazer sobre isso, mas, felizmente para ela, lady Pleinsworth não parecia mesmo esperar uma resposta.

– Só há um modo de combater essas mentiras cruéis – prosseguiu –, e é deixar a cidade.

– Deixar a cidade? – repetiu Anne.

Parecia tão extremo... Estavam em plena temporada e ela achara que o principal objetivo da família era encontrar um marido para Sarah. O que era improvável de acontecer em Dorset, onde os Pleinsworths haviam vivido por sete gerações.

– Exatamente. – Lady Pleinsworth deixou escapar um suspiro exagerado. – Sei que Sarah *parece* ter melhorado de saúde, e talvez tenha mesmo. Mas no que diz respeito ao resto do mundo, ela precisa estar às portas da morte.

Anne piscou, confusa, tentando seguir a lógica da condessa.

– Isso não exigiria os serviços de um médico?

Lady Pleinsworth afastou a ideia com um aceno de mão.

– Não, apenas do saudável ar do campo. Todos sabem que não se consegue convalescer de forma adequada na cidade.

Anne assentiu, intimamente aliviada. Preferia a vida no campo. Não conhecia ninguém no sudoeste da Inglaterra, e preferia assim. Além do mais, havia a complicação de seu interesse tolo por lorde Winstead. Cabia a ela cortar aquele mal pela raiz, e 300 quilômetros de distância entre os dois – ela no campo, ele em Londres – parecia a melhor maneira de fazer isso. Abaixou a pena e perguntou a lady Pleinsworth:

– Quanto tempo vamos ficar em Dorset?

– Ah, não iremos para Dorset. Graças a Deus. É uma viagem terrível. Se fôssemos para lá, teríamos que passar pelo menos duas semanas longe, para que as pessoas acreditassem que Sarah teve o mínimo de descanso e tranquilidade.

– Então, onde...

– Vamos para Whipple Hill – anunciou lady Pleinsworth. – Fica bem perto de Windsor. Não levaremos nem um dia inteiro para chegar lá.

Whipple Hill? Por que aquele nome soava familiar?

– Lorde Winstead sugeriu.

Anne subitamente começou a tossir.

Lady Pleinsworth a encarou com certa preocupação.

– Está bem, Srta. Wynter?

– É só... cof... uma... cof cof... poeira na minha garganta. Eu acho.

– Ora, sente-se, então, se acha que isso pode ajudar. Não há necessidade de ficar de pé, toda cerimoniosa comigo. Ao menos não no momento.

Anne assentiu, agradecida, e voltou a se sentar. Lorde Winstead. Ela deveria ter imaginado.

– É a solução ideal para todos nós – continuou a condessa. – Lorde Winstead também quer deixar Londres. A notoriedade, a senhorita entende. A notícia da volta dele está começando a se espalhar, e ele será inundado de visitas. Quem pode culpar o homem por desejar ficar em paz, apenas com a família?

– Então ele irá nos acompanhar? – perguntou Anne, com cautela.

– É claro. A propriedade é dele. Seria estranho viajarmos para lá sem ele, ainda que eu seja a tia favorita de Daniel. Acredito que a mãe e a irmã dele também irão, mas não tenho certeza. – Lady Pleinsworth parou para respirar, e parecia muito satisfeita com o recente rumo dos acontecimentos. – A babá Flanders vai cuidar da bagagem das meninas, já que esta é sua tarde de folga. Mas se puder checar tudo quando voltar, eu ficaria muito grata. A babá é um amor, mas a idade já começa a lhe pesar.

– É claro – murmurou Anne.

Ela adorava a babá das meninas, mas já havia algum tempo que a mulher estava um pouco surda. Anne sempre admirara lady Pleinsworth por continuar com Flanders, mas a verdade era que ela fora babá da própria lady Pleinsworth *e* da mãe de lady Pleinsworth.

– Vamos ficar fora uma semana – continuou a condessa. – Por favor, certifique-se de levar material de aula suficiente para manter as meninas ocupadas.

Uma semana? Na casa de lorde Winstead? Com o próprio lorde Winstead na residência?

O coração de Anne afundou no peito, mas ao mesmo tempo inflou de prazer.

– Tem certeza de que está se sentindo bem? – perguntou lady Pleinsworth. – Está terrivelmente pálida. Espero que não tenha sido contagiada pelo que abateu Sarah.

– Não, não – assegurou Anne. – Isso seria impossível.

Lady Pleinsworth a encarou.

– O que quero dizer é que não estive em contato com lady Sarah – apressou-se em explicar Anne. – Estou ótima. Só preciso de um pouco de ar fresco. É como a senhora disse. Cura tudo.

Se lady Pleinsworth achou todo aquele falatório pouco característico da governanta, não fez nenhum comentário.

– Ora, que bom então que você tem a tarde livre. Planeja sair?

– Sim. – Anne se levantou e se apressou em direção à porta. – Aliás, é melhor eu ir logo. Tenho várias coisas para resolver.

Ela se inclinou em uma cortesia rápida, então subiu correndo para o quarto a fim de pegar suas coisas e sair: um xale leve para o caso de esfriar, uma bolsinha com uma pequena quantia em dinheiro e – Anne abriu a gaveta de baixo da cômoda e enfiou a mão embaixo de uma pilha de roupas – lá estava. Cuidadosamente selada e pronta para ser postada. Anne havia incluído meia coroa em sua última carta, e acreditava que Charlotte fosse conseguir pagar a postagem quando aquela nova correspondência chegasse. A única questão era se certificar de que mais ninguém soubesse quem de fato mandara a carta.

Anne engoliu em seco, surpresa ao perceber a garganta apertada de emoção. Era de se imaginar que, àquela altura, já estivesse acostumada com a situação, com a necessidade de usar um nome falso nas cartas para a irmã, pois era a única maneira possível de se corresponder com ela. Um nome duplamente falso, na verdade. Ela nem assinava como Anne Wynter, que supostamente era seu nome tanto quanto Annelise Shawcross fora.

Anne colocou a carta com cuidado na bolsinha e desceu as escadas. Perguntou-se se o resto de sua família já vira uma de suas cartas e, em caso afirmativo, quem achariam que era Mary Philpott. Charlotte sem dúvida precisara inventar uma boa história para justificar aquela correspondência.

Era um belo dia de primavera, com uma brisa leve, mas que a fez desejar ter prendido melhor a touca. Anne passou pela Berkeley Square na direção de Piccadilly. Havia ali uma agência dos correios mais afastada da rua principal, onde ela gostava de postar suas cartas. Não era a mais próxima da Casa Pleinsworth, mas era uma região mais movimentada, e ela preferia aquela proteção que o anonimato oferecia. Além disso, Anne gostava de caminhar, e era sempre um prazer poder fazer isso em seu próprio passo.

Piccadilly estava cheia como sempre, e ela virou uma esquina na direção leste, passando por várias lojas antes de levantar a bainha da saia alguns centímetros para atravessar a rua. Meia dúzia de carruagens estavam passando, mas a uma velocidade baixa, e Anne conseguiu atravessar pelas pedras do calçamento, subir na outra calçada, e...

Ah, santo Deus.

Era mesmo...? Não, não podia ser. Ele nunca vinha a Londres. Ou pelo menos não costumava vir. Quer dizer...

O coração de Anne estava disparado e, por um instante, ela sentiu a visão escurecer um pouco. Precisou forçar o ar a entrar nos pulmões. *Pense*. Precisava pensar.

Os mesmos cabelos louro-avermelhados, o mesmo perfil devastadoramente belo. A aparência dele sempre fora única; era difícil imaginar que houvesse um gêmeo desconhecido na capital, andando à toa por Piccadilly.

Anne sentiu lágrimas quentes e furiosas arderem nos olhos. Não era justo. Fizera tudo o que se esperava dela. Cortara os laços com tudo e com todos que conhecera. Mudara de nome, arrumara um emprego e prometera nunca, jamais falar do que acontecera em Northumberland tanto tempo atrás.

Mas George Chervil não cumprira sua parte do trato. E se realmente fosse ele, parado do lado de fora do armarinho Burnell's...

Ela não podia ficar parada ali como um alvo, à espera de ser descoberta. Com um grito abafado de frustração, Anne se virou e correu... para dentro da primeira loja que viu.

CAPÍTULO 6

Oito anos antes...

Esta noite, pensou Annelise com uma empolgação crescente. Aquela noite seria *a* noite.

Seria um certo escândalo ela ficar noiva antes de qualquer uma das irmãs mais velhas, mas não seria exatamente uma surpresa. Charlotte nunca mostrara grande interesse pela sociedade local, e Marabeth estava sempre tão irritada que era difícil imaginar alguém querendo se casar com ela.

Mas Marabeth daria um chilique, e os pais teriam que consolá-la. Porém, ao menos daquela vez, não forçariam a filha mais nova a desistir de algo especial por causa da mais velha. Quando Annelise se casasse com George Chervil, os Shawcrosses estariam para sempre ligados à família mais importante da região de Northumberland. Até mesmo Marabeth acabaria percebendo que o casamento de Annelise seria bom para ela também.

Afinal, a maré alta ergue todos os barcos, mesmo os irritadinhos como Marabeth.

– Você está parecendo satisfeita demais consigo mesma – comentou Charlotte, observando Annelise, que estava diante do espelho, experimentando brincos.

Não eram joias verdadeiras, é claro – as únicas joias verdadeiras da família Shawcross pertenciam à mãe delas, e tudo o que a Sra. Shawcross tinha além da aliança de casamento era um pequeno broche com três diamantes minúsculos e um topázio grande. E nem sequer era bonito.

– Acho que George vai me pedir em casamento – sussurrou Annelise.

Ela não conseguia guardar segredos da irmã. Ao menos não até recentemente. Charlotte sabia quase todos os detalhes do relacionamento secreto de um mês de Annelise, não *todos*.

– Não diga! – arquejou Charlotte, encantada, e segurou as mãos da irmã nas suas. – Estou tão feliz por você!

– Eu sei, eu sei.

Annelise não conseguiu evitar um sorriso. Suas maçãs do rosto ficariam doendo até o fim da noite, tinha certeza. Mas estava tão feliz... George era tudo o que sempre quisera em um marido. Tinha tudo o que *qualquer* moça desejaria – era bonito, forte e elegante. Sem contar que era muito bem-nascido. Como Sra. George Chervil, Annelise moraria na casa mais bela em quilômetros. Os convites para suas festas seriam cobiçados, e sua amizade, desejada. Talvez eles até fossem passar a temporada em Londres. Annelise sabia que essas viagens eram caras, mas George um dia seria um baronete. Em algum momento ele precisaria assumir seu devido lugar na sociedade, não era verdade?

– Ele deu alguma pista de que vai fazer isso? – quis saber Charlotte. – Está lhe dando presentes?

Annelise inclinou a cabeça para o lado. Gostava da própria aparência quando a luz se refletia sobre sua pele daquele jeito.

– Ele não fez nada tão óbvio. Mas há muita história por trás do Baile do Verão. Você sabia que os pais dele ficaram noivos em um desses bailes? E agora que George completou 25 anos... – Ela se virou para a irmã com os olhos arregalados de empolgação. – Ouvi o pai dele dizer que era a hora certa para George se casar.

– Ah, Annie... – suspirou Charlotte. – Que romântico...

O Baile do Verão da família Chervil era *o* baile do ano, todo ano. Se havia um momento em que o solteiro mais cobiçado do vilarejo anunciaria seu noivado, era aquele.

– Qual deles? – perguntou Annelise, levantando os dois pares de brincos.

– Ah, o azul, sem dúvida – disse Charlotte, sorrindo. – Porque eu preciso usar o verde, para combinar com os meus olhos.

Annelise riu e abraçou a irmã.

– Estou tão feliz... – falou.

Fechou os olhos com força, como se mal conseguisse conter os sentimentos. A felicidade parecia ter vida própria, borbulhando dentro

dela. Conhecia George havia anos e, como qualquer moça do vilarejo, havia desejado secretamente que ele a notasse. E isso acontecera! Naquela primavera, ela percebera que George a olhava de um modo diferente e, no início do verão, ele começara a cortejá-la em segredo. Ela abriu os olhos, encarou a irmã e sorriu.

– Nunca imaginei que fosse possível ser tão feliz.

– E só ficará melhor – previu Charlotte. Elas se levantaram de mãos dadas e foram em direção à porta. – Depois que George a pedir em casamento, sua felicidade não conhecerá limites.

Annelise riu enquanto as duas saíam dançando pela porta. O futuro a aguardava, e ela mal podia esperar para alcançá-lo.

Annelise viu George no instante em que ele chegou. Era o tipo de homem que não passava despercebido – muito belo, com um sorriso que fazia qualquer moça se derreter. Todas as jovens eram apaixonadas por ele. Sempre tinham sido.

Annelise sorriu para si mesma enquanto entrava quase flutuando no salão de baile. As outras moças talvez estivessem apaixonadas por George, mas *ela* era a única que tinha esse amor retribuído.

George lhe dissera isso.

Mas depois de uma hora observando-o cumprimentar os convidados da família, Annelise estava ficando impaciente. Ela dançara com outros três cavalheiros – dois deles muito cobiçados –, e George não tentara interferir em nenhum momento. Não que Annelise tivesse feito aquilo para deixá-lo enciumado – bem, talvez um pouco. Mas ela sempre aceitava convites para dançar, de qualquer cavalheiro.

Sabia que era linda. Seria impossível crescer com tantas pessoas repetindo isso todo santo dia e não saber. Todos diziam que seus cachos escuros e brilhantes eram herança de algum ancestral galês invasor. Os cabelos do pai dela – quando ele ainda os tinha – também eram escuros, mas as pessoas afirmavam que não eram como os dela, com cachos tão delicados, reluzentes e com tanto movimento.

Marabeth sempre tivera inveja da irmã mais nova. Na verdade, ela era muito parecida com Annelise, mas não era tão... bela. A pele não era tão clara, os olhos não eram tão azuis. Marabeth sempre se referia a Annelise

como uma menina chatinha e mimada, e talvez tivesse sido por isso que, já em sua estreia na sociedade local, Annelise decidira que dançaria com todos os homens que a convidassem. Ninguém a acusaria de ser esnobe; ela seria a beldade de bom coração, a moça que todos adoravam amar.

Agora, é claro, todos os homens a convidavam – que homem não iria querer dançar com a jovem mais linda do baile, e sobretudo sem correr o risco de ser rejeitado?

Provavelmente era por isso que George não estava mostrando nenhum sinal de ciúme, pensou Annelise. Ele sabia que ela tinha um bom coração. Sabia que as danças dela com outros homens não significavam nada. Que ninguém tocaria o coração dela como ele.

– Por que ele não me chamou para dançar? – sussurrou para Charlotte. – Vou morrer de tanta ansiedade, sei que vou.

– É o baile dos pais dele – disse Charlotte, em um tom tranquilizador. – Ele tem responsabilidades como anfitrião.

– Eu sei, eu sei. É só que... *eu o amo tanto*!

Annelise tossiu, sentindo o rosto quente de vergonha. A declaração saíra mais alto do que ela pretendera, mas felizmente ninguém parecera perceber.

– Venha – chamou Charlotte, com a súbita determinação de quem acabara de ter uma ideia. – Vamos dar uma volta pelo salão. Chegaremos tão perto do Sr. Chervil que ele não suportará o desejo de pegar sua mão.

Annelise riu e deu o braço à irmã.

– Você é a melhor irmã do mundo – disse, muito séria.

Charlotte deu um tapinha carinhoso na mão dela.

– Agora, sorria – sussurrou. – Ele já está vendo você.

Annelise olhou e, de fato, George a estava fitando, os olhos verde-acinzentados ardendo de desejo.

– Ai, meu Deus – falou Charlotte. – Veja como ele olha para você...

– Me faz até estremecer – admitiu Annelise.

– Vamos chegar mais perto – decidiu Charlotte.

E foi o que elas fizeram, até não haver mais como serem ignoradas por George e pelos pais dele.

– Boa noite – disse o pai de George, exalando jovialidade. – Ora, se não é a adorável Srta. Shawcross. E outra adorável Srta. Shawcross.

Ele inclinou levemente a cabeça na direção de cada uma delas, que retribuíram com uma reverência.

– Sir Charles – murmurou cordialmente Annelise, que estava ansiosa para que ele a visse como uma jovem dama educada e dócil, que daria uma excelente nora. Ela se virou para a mãe de George com a mesma deferência. – Lady Chervil.

– Onde está a *outra* adorável Srta. Shawcross? – perguntou sir Charles.

– Não vejo Marabeth há algum tempo – respondeu Charlotte.

Isso foi bem no instante em que George disse:

– Acho que está ali, perto das portas que dão para o jardim.

Para Annelise a oportunidade perfeita para cumprimentá-lo com uma cortesia e dizer:

– Sr. Chervil.

Ele lhe deu um beijo na mão, e Annelise achou que não era fruto de sua imaginação que ele tivesse demorado mais do que o necessário.

– Está encantadora como sempre, Srta. Shawcross. – Ele soltou a mão dela e endireitou o corpo. – Estou enfeitiçado.

Annelise tentou falar, mas não conseguiu. Sentia-se quente, trêmula, e seus pulmões estavam estranhos, como se não houvesse ar o bastante no mundo para enchê-los.

– Lady Chervil – disse Charlotte –, estou encantada com a decoração. Conte-me, como a senhora e sir Charles conseguiram encontrar o tom de amarelo exato para traduzir o verão?

Era a pergunta mais banal possível, mas Annelise amou a irmã por isso. Os pais de George começaram a conversar com Charlotte no mesmo instante, e Annelise e George puderam se afastar um pouco do grupo.

– Não o vi a noite toda – começou ela, sem ar.

Só estar perto dele já a fazia estremecer de expectativa. Quando eles se encontraram, três noites antes, ele a beijara apaixonadamente. O momento ardia na lembrança de Annelise e a fazia ansiar por mais.

O que ele fizera depois do beijo não fora tão prazeroso, mas fora empolgante mesmo assim. Saber que ela o afetava de forma tão profunda, que era capaz de fazê-lo perder o controle...

Era inebriante. Nunca imaginara ter tal poder.

– Estava ocupado com os meus pais – explicou George, mas os olhos dele diziam que preferia ter passado aquele tempo com ela.

– Senti saudades – ousou dizer Annelise.

O comportamento dela era escandaloso, mas ela se *sentia* escandalosa, como se pudesse tomar as rédeas da própria vida e guiar o próprio destino.

Era maravilhoso ser jovem e estar apaixonada. O mundo seria deles. Só precisavam esticar a mão e agarrá-lo.

Os olhos de George ardiam de desejo, e ele olhou de relance furtivamente por sobre o ombro.

– A sala de visitas da minha mãe. Sabe onde é?

Annelise assentiu.

– Encontre-me lá em quinze minutos. Não deixe ninguém a ver.

Ele foi, então, convidar outra moça para dançar – a melhor forma de evitar qualquer especulação sobre a conversa sussurrada deles. Annelise encontrou Charlotte, que finalmente terminara sua conversa sobre todas as coisas amarelas, verdes e douradas do baile.

– Vou encontrá-lo em dez minutos – falou baixinho para a irmã. – Pode cuidar para que ninguém fique imaginando onde estou?

Charlotte assentiu, apertou a mão de Annelise em um gesto de apoio e indicou a porta com a cabeça. Ninguém estava olhando. Era o momento perfeito para deixar o salão.

Annelise demorou mais do que esperara para chegar à sala de visitas de lady Chervil. Era do outro lado da casa – e provavelmente por isso George a escolhera. Além disso, ela precisara fazer um caminho mais longo, para evitar outros convidados que também tivessem escolhido celebrar em particular. Quando enfim entrou no cômodo escuro, George já estava lá, esperando.

Ele a agarrou antes mesmo que ela pudesse falar e começou a beijá-la como um louco, as mãos no traseiro dela, apertando-a com a intimidade de um proprietário.

– Ah, Annie – gemeu –, você é maravilhosa. Vir aqui no meio da festa... Que mocinha levada!

– George – murmurou Annelise.

Os beijos dele eram deliciosos, e era emocionante que a desejasse com tamanho desespero, mas ela não sabia muito bem se gostava de ser chamada de levada. Não era isso que ela era, certo?

– George? – chamou de novo, dessa vez como uma pergunta.

Mas ele não respondeu. Estava ofegante, tentando levantar as saias dela enquanto a empurrava para um sofá próximo.

– George! – exclamou ela.

Foi difícil, porque Annelise também estava excitada, mas enfiou as mãos entre os dois e o afastou.

– O que foi? – quis saber ele, encarando-a com desconfiança.

E com mais alguma coisa. Raiva?

– Não vim aqui para isso – disse ela.

Ele deu uma gargalhada.

– O que você achou que fosse acontecer? – George deu um passo na direção dela, os olhos ferozes, com uma expressão predadora. – Estou duro por sua causa há dias.

Annelise sentiu que ruborizava terrivelmente, porque agora sabia o que aquilo significava. E por mais que fosse excitante saber que George a desejava tanto, aquilo também era constrangedor. Não sabia por que, mas não estava mais tão certa se queria ficar ali com ele, naquela sala escura e isolada.

George a agarrou pela mão e puxou-a para si com força suficiente para que Annelise cambaleasse contra ele.

– Vamos, Annie, só um pouquinho – murmurou ele. – Você sabe que quer.

– Não, eu... eu só... – Ela tentou se soltar, mas George não deixou. – É o Baile de Verão. Eu pensei...

A voz dela falhou.

Não conseguiria dizer aquilo. Não conseguiria porque um único olhar para o rosto dele deixou claro que George nunca tivera a intenção de pedi-la em casamento. Ele a beijara, então a seduzira, tirando dela algo que deveria ser guardado para seu futuro marido, e achou que faria a mesma coisa outra vez?

– Ah, meu Deus – disse ele, parecendo prestes a cair na gargalhada. – Você achou que eu a pediria em casamento.

Então, George riu com vontade, e Annelise teve certeza de que algo dentro dela morria.

– Você é linda – falou ele, em um tom zombeteiro –, isso eu lhe garanto. E passei ótimos momentos no meio das suas pernas, mas por favor, Annie. Você não tem dinheiro algum, e sua família com certeza não acrescentaria nada à minha.

Annelise quis dizer alguma coisa. Quis bater em George. Mas só conseguiu ficar parada ali, em um horror crescente, incapaz de acreditar nas palavras que saíam dos lábios dele.

– Além do mais – acrescentou ele, com um sorriso cruel –, eu já tenho uma noiva.

Os joelhos de Annelise ameaçaram ceder, e ela se apoiou na escrivaninha da mãe dele.

– Quem? – conseguiu sussurrar.

– Fiona Beckwith. A filha de lorde Hanley. Eu a pedi em casamento ontem à noite.

– E ela aceitou? – sussurrou Annelise.

Ele riu. Alto.

– É claro que aceitou. E o pai dela, o *visconde*, se declarou encantado com a perspectiva. Fiona é a filha mais nova, mas é a favorita dele, e não tenho dúvidas de que o visconde será muito generoso conosco.

Annelise engoliu em seco. Estava ficando difícil respirar. Precisava sair daquela sala, daquela casa.

– Ela também é bastante atraente – comentou George, chegando mais perto. Ele sorriu e o estômago de Annelise se revirou quando ela percebeu que era o mesmo sorriso que usara quando a seduzira. Era um desgraçado bonito, e sabia disso. – Mas duvido – murmurou ele, passando um dos dedos por toda a extensão do rosto dela – que vá ser tão bem-disposta quanto *você* foi.

– Não – tentou dizer Annelise, mas a boca de George já capturara a dela de novo, e as mãos dele corriam por todo o seu corpo.

Ela tentou se desvencilhar, mas aquilo só pareceu diverti-lo.

– Ah, você gosta de lutar, não é? – disse George com uma risada.

Ele a beliscou com força, mas Annelise gostou da dor. Despertou-a do estado de estupor, de choque, que a dominara, e com um vigor que veio do mais íntimo do seu ser, ela rugiu e o empurrou para longe.

– Fique longe de mim! – gritou, mas ele apenas riu. Desesperada, Annelise agarrou a única arma que conseguiu encontrar: um antigo abridor de cartas que estava fora da bainha, sobre a escrivaninha de lady Chervil. Acenando com o objeto, ela ameaçou: – Não chegue perto de mim. Estou avisando!

– Ah, Annie... – disse George em um tom condescendente, e se adiantou, bem no momento em que ela agitou o abridor no ar.

– Sua bruxa! – gritou ele, levando a mão ao rosto. – Você me cortou.

– Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. Eu não tive a intenção. – A arma caiu das mãos de Annelise, que recuou até a parede, quase como se estivesse tentando se afastar de si mesma. – Eu não tive a intenção – repetiu.

Mas talvez tivesse tido.

– Vou matá-la – sibilou ele. O sangue pingava por entre seus dedos, manchando o branco imaculado da camisa. – Está me ouvindo? – gritou. – Verei você no inferno!

Annelise empurrou-o para passar e saiu correndo.

Três dias depois, ela se viu parada na frente de seu pai e do pai de George, e escutou enquanto os dois concordavam em várias questões.

Ela era uma perdida.

Poderia ter arruinado a vida de George.

Ainda poderia muito bem arruinar a vida das irmãs.

Se aparecesse grávida, seria por culpa dela mesma, e era melhor não pensar que George tinha qualquer obrigação de se casar com ela.

Como se ele fosse se casar com a mulher que o marcara com uma cicatriz para o resto da vida.

Annelise ainda se sentia mal por causa daquilo. Mas não por se defender. Só que ninguém parecia concordar com ela. Todos pareciam achar que, se ela se entregara uma vez, George tinha todo o direito de acreditar que o faria de novo.

Mas Annelise ainda conseguia sentir o terrível movimento do abridor de cartas, a resistência macia da carne dele quando a lâmina o atingira. Não esperara aquilo. Só balançara o abridor de cartas no ar para assustá-lo e fazê-lo se afastar.

– Está combinado – disse o pai dela, tenso. – E você deveria agradecer de joelhos a sir Charles por ter sido tão generoso.

– Você deixará esta cidade – avisou sir Charles, ríspido –, e nunca mais voltará. Não fará contato com meu filho ou com qualquer membro da minha família. Não fará contato com a sua família. Será como se você nunca houvesse existido. Está entendendo?

Ela balançou a cabeça devagar, sem conseguir acreditar. Não compreendia. Jamais compreenderia aquilo. Sir Charles, talvez, mas a própria família dela? Desonrando-a completamente?

– Conseguimos um emprego para você – avisou o pai de Annelise, a voz baixa, cheia de desprezo. – A irmã da esposa do primo de sua mãe precisa de uma dama de companhia.

Quem? Annelise balançou a cabeça, tentando desesperadamente acompanhar o que estava sendo dito. De quem ele estava falando?

– Ele mora na Ilha de Man.

– O quê? Não! – Ela vacilou para a frente, e tentou segurar as mãos do pai. – É longe demais! Não quero ir!

– Silêncio! – rugiu o pai, e desferiu uma bofetada no rosto dela com as costas da mão.

Annelise cambaleou para trás, o choque pela agressão mais agudo do que a dor. O pai batera nela. Ele *batera* nela. Em todos os 16 anos da vida de Annelise, ele nunca levantara a mão para ela, e agora...

– Você já está arruinada aos olhos de todos que a conhecem – sibilou ele, sem um pingo de compaixão. – Se não fizer o que dissermos, cobrirá sua família de mais vergonha e destruirá qualquer chance que suas irmãs ainda tenham de se casar com quem quer que seja.

Annelise pensou em Charlotte, que ela adorava mais do que qualquer outra pessoa no mundo. E em Marabeth, de quem nunca fora próxima mas que, ainda assim, era irmã dela. Nada poderia ser mais importante.

– Eu irei – sussurrou.

E tocou o rosto. A bofetada do pai ainda ardia.

– Você partirá em dois dias – avisou ele. – Temos...

– *Onde está ela*?

Annelise arquejou quando George irrompeu na sala, os olhos alucinados e a pele coberta por uma camada de suor. Ele respirava com dificuldade; provavelmente atravessara a sala correndo quando soubera que ela estava lá. Um dos lados de seu rosto estava coberto de ataduras, cujas pontas já começavam a se soltar. Annelise ficou apavorada com a possibilidade de elas caírem. Não queria ver o que havia embaixo.

– Vou matar você – rugiu ele, partindo para cima dela.

Annelise deu um pulo para trás e correu instintivamente para o pai em busca de proteção. Era provável que ele ainda conservasse algum vestígio de amor pela filha, porque ficou parado diante dela quando George atacou, e levantou um braço para bloquear o avanço do rapaz, até sir Charles puxar o filho para trás.

– Você vai pagar por isso – esbravejou George. – Olhe o que fez comigo. Olhe para isto!

Ele arrancou as ataduras do rosto e Annelise se encolheu ao ver o ferimento, feio e vermelho, um rasgo longo e diagonal, da maçã do rosto

até o queixo.

Aquilo deixaria marcas. Até mesmo ela conseguia ver isso.

– Pare – ordenou sir Charles. – Controle-se.

Mas George não estava disposto a ouvir.

– Será enforcada por isso. Está me ouvindo? Vou procurar o magistrado e...

– *Cale a boca* – ordenou o pai dele, rispidamente. – Você não fará nada disso. Se denunciá-la ao magistrado, a história se espalhará e a moça Hanley desistirá de você mais rápido do que um raio.

– Ah – começou George, virando-se para o pai, indicando o próprio rosto em um gesto de desprezo –, e o senhor acha que a história não vai se espalhar quando as pessoas virem *isto*?

– Haverá rumores. Sobretudo quando essa aqui deixar a cidade. – Sir Charles dirigiu outro olhar desdenhoso para Annelise. – Mas serão apenas rumores. Denunciá-la ao magistrado terá o mesmo efeito que colocar essa situação sórdida nos jornais.

Por um longo instante, Annelise pensou que George talvez não fosse recuar. Mas ele enfim desviou os olhos e virou a cabeça tão rápido que o ferimento começou a sangrar de novo. O rapaz tocou o rosto e olhou para o sangue em seus dedos.

– Você vai pagar por isto – disse, caminhando lentamente na direção de Annelise. – Talvez não hoje, mas vai pagar.

Correu os dedos pelo rosto dela, deixando uma trilha de sangue da bochecha ao queixo.

– Vou encontrá-la – garantiu George, e naquele momento ele parecia quase feliz. – E será um dia maravilhoso quando isso acontecer.

CAPÍTULO 7

Daniel não se considerava um dândi, nem mesmo um homem vaidoso, mas era preciso admitir: não havia nada como um par de botas bem-feito.

Recebera um recado de Hugh junto com a correspondência da tarde:

Winstead,

Como prometido, fui ver meu pai hoje de manhã. Na minha opinião, ele ficou sinceramente surpreso, tanto por me ver (não estamos nos falando), quanto ao saber sobre o infeliz episódio com você ontem à noite. Em resumo, não acredito que ele seja responsável pelo ataque.

Concluí o encontro com uma reiteração da minha ameaça. É sempre bom relembrar a alguém as consequências de suas ações, mas talvez o mais interessante tenha sido o meu prazer ao ver o sangue sumir do rosto dele.

Atenciosamente etc...
H. Prentice (vivo desde que você também esteja)

Então, sentindo-se o mais tranquilo possível em relação à própria segurança, Daniel seguiu para a loja do famoso sapateiro Hoby, em St. James, onde seus pés e suas pernas foram medidos com uma precisão que teria impressionado o próprio Galileu.

– Não se mexa – exigiu o Sr. Hoby.

– Não estou me mexendo.

– Está, sim.

Daniel olhou para os pés calçados apenas com meias, e eles não estavam se movendo.

A expressão no rosto do Sr. Hoby era de desdém.

– Sua Graça, o duque de Wellington, consegue ficar parado por horas, sem mover um só músculo.

– Mas ele respira? – murmurou Daniel.

O Sr. Hoby não se deu ao trabalho de olhar para ele ao falar:

– Não achamos engraçado.

Daniel não pôde deixar de se perguntar se o verbo no plural se referia ao Sr. Hoby e ao duque ou se a famosa vaidade do sapateiro finalmente se expandira a ponto de ele se ver forçado a falar de si mesmo no plural.

– Precisamos que o senhor fique imóvel – grunhiu o Sr. Hoby.

Era a segunda opção, então. Um hábito irritante, não importava quão grandioso o personagem fosse, mas Daniel estava inclinado a tolerar aquilo, dada a perfeição abençoada das botas do Sr. Hoby.

– Vou me empenhar em fazer a sua vontade – disse Daniel em sua voz mais alegre.

O Sr. Hoby não demonstrou qualquer sinal de bom humor. Ao contrário, bradou a um de seus assistentes que lhe entregasse um lápis com que pudesse traçar o pé de lorde Winstead.

Daniel se manteve completamente imóvel (superando o duque de Wellington, que ele tinha certeza de que respirava, *sim*, enquanto tiravam suas medidas), mas antes que o Sr. Hoby pudesse enfim terminar a medição, a porta da loja se abriu de repente e bateu na parede com tanta força que o vidro tilintou. Daniel deu um pulo, o Sr. Hoby praguejou, o assistente se encolheu e, quando Daniel olhou para baixo, viu que o desenho do seu pé tinha um dedo mínimo projetado para fora, como a garra de um réptil.

Impressionante.

O barulho da porta batendo já teria atraído bastante atenção, mas logo em seguida os três constataram que fora uma *mulher* que entrara no estabelecimento onde se faziam botas masculinas, uma mulher que parecia abalada, uma mulher que...

– *Srta. Wynter?*

Não poderia ser outra pessoa, não com aqueles cachos negros escapando da touca, ou com aquelas longas e incríveis pestanas. Mas havia

mais... Era estranho, mas Daniel pensou tê-la reconhecido pelo modo como ela se movia.

A Srta. Wynter deu um salto de quase meio metro, provavelmente mais, só com o susto de ouvir a voz dele, e esbarrou nas prateleiras atrás dela, o que teria provocado um desabamento de sapatos se o pobre assistente do Sr. Hoby não tivesse tido a presença de espírito de saltar atrás dela e salvar o dia.

– Srta. Wynter – repetiu Daniel, se apressando até ela –, vamos, qual é o problema? Parece que viu um fantasma.

Ela balançou a cabeça, mas o movimento foi abrupto demais, rápido demais.

– Não foi nada. Eu... hã... Havia... – A Srta. Wynter piscou muito rápido e olhou ao redor, como se só então tivesse percebido que entrara em uma loja de cavalheiros. – Ah... – falou, praticamente um murmúrio. – Sinto muito. E-eu... parece que entrei na loja errada. Hã... façam o favor de me desculpar... – Ela espiou pela vitrine antes de levar a mão à maçaneta da porta. – Eu estou indo – acrescentou, por fim.

Girou então a maçaneta, mas não chegou a abrir a porta. A loja ficou em silêncio, e todos pareciam esperar que ela fosse embora, ou que voltasse a falar, ou que fizesse *alguma* coisa. Mas ela só ficou paralisada.

Com muito cuidado, Daniel tomou-a pelo braço e afastou-a da vitrine.

– Posso ajudá-la?

A Srta. Wynter se virou e Daniel percebeu que era a primeira vez que olhava diretamente para ele desde que entrara na loja. Mas o contato visual foi rápido; ela logo voltou a atenção para a vitrine, mesmo que seu corpo parecesse estar instintivamente querendo fugir dali.

– Vamos ter que continuar em outro momento – disse Daniel ao Sr. Hoby. – Tenho que acompanhar a Srta. Wynter até em casa...

– Foi um rato – deixou escapar ela.

Alto demais.

– Um *rato*? – repetiu um dos outros clientes, quase em um gritinho agudo.

Daniel não conseguiu lembrar o nome do homem, mas estava vestido de modo pomposo, com um colete de brocado rosa, as fivelas do sapato combinando.

– Lá fora – acrescentou a Srta. Wynter, estendendo o braço na direção da porta da frente.

O indicador dela tremia, como se o espectro do roedor fosse tão grotesco que ela não conseguisse se obrigar a apontar para ele diretamente.

Daniel achou aquilo estranho, mas ninguém mais pareceu perceber que a história dela havia mudado. Como assim, ela tinha entrado na loja errada, se estava tentando escapar de um rato?

– Ele passou correndo por cima do meu sapato – continuou a Srta. Wynter, e aquilo foi o bastante para fazer o homem de fivelas cor-de-rosa cambalear.

– Permita-me acompanhá-la até em casa – ofereceu Daniel, e então acrescentou em um tom mais alto, já que todos os estavam observando. – A pobre dama levou um grande susto.

Daniel considerou que aquilo era explicação suficiente, ainda mais quando acrescentou que a jovem trabalhava para a tia dele. Então, calçou rapidamente as botas com que chegara e tentou levar a Srta. Wynter para fora. Mas os pés dela pareciam se arrastar e, quando eles chegaram à porta, Daniel se inclinou para a frente e disse bem baixinho, de modo que mais ninguém conseguisse ouvir:

– Tem certeza de que está tudo bem?

Ela engoliu em seco, o lindo rosto perturbado e pálido.

– O senhor está com uma carruagem?

Ele assentiu.

– Está ali mais à frente.

– É fechada?

Que pergunta estranha. Não chovia, e o céu nem sequer estava nublado.

– Pode ser.

– O senhor poderia pedir para trazerem o veículo até aqui? Não sei muito bem se consigo caminhar.

Ela ainda parecia muito trêmula. Daniel assentiu de novo e mandou um dos assistentes do Sr. Hoby buscar a carruagem. Poucos minutos depois, eles estavam acomodados lá dentro, com a capota levantada. Daniel esperou passar alguns minutos para que a Srta. Wynter se recompusesse, então perguntou em voz baixa:

– O que realmente aconteceu?

Ela o encarou com aqueles olhos de um incrível tom azul-escuro e Daniel viu um toque de surpresa neles.

– Deve ter sido um rato e tanto – murmurou ele. – Quase do tamanho da Austrália, imagino.

Ele não falara aquilo para fazê-la sorrir, mas foi o que aconteceu, um movimento muito discreto nos cantos dos lábios. O coração de Daniel deu um salto, e ele achou difícil entender como uma mudança tão mínima na expressão dela era capaz de causar um abalo emocional tão grande nele.

Não gostara de vê-la tão perturbada. Só agora se dava conta de quanto aquilo o aborrecera.

Ele a observou tentando decidir o que fazer. A Srta. Wynter claramente não sabia se poderia confiar nele – Daniel viu isso em seu rosto. Ela deu uma espiada rápida pela janela, então se recostou no assento, ainda olhando para a frente. Seus lábios tremiam e, enfim, em uma voz tão baixa e triste que quase partiu o coração dele, disse:

– Foi alguém... que eu não desejo ver.

Nada mais. Nenhuma explicação, nenhuma informação adicional, nada a não ser uma única frase que levantava mil outras perguntas. Mas Daniel não perguntou mais nada. Ele *faria* isso, só que não naquele momento. E, de qualquer modo, ela não responderia. Daniel já ficara surpreso por ela ter dito alguma coisa.

– Vamos sair daqui, então – retrucou ele, e ela assentiu, agradecida.

Eles seguiram para leste por Piccadilly, a direção contrária de onde ficava a Casa Pleinsworth, mas fora precisamente o que Daniel instruíra o cocheiro a fazer. A Srta. Wynter precisava de tempo para se recompor antes de voltar à casa.

E ele também não estava pronto para abdicar da companhia dela.

Anne olhou pela janela enquanto os minutos passavam. Ela não sabia bem a localização deles e, sinceramente, não se importava. Lorde Winstead poderia muito bem estar levando-a para Dover que ela não se importaria, desde que ficassem muito, muito longe de Piccadilly.

De Piccadilly e do homem que provavelmente era George Chervil.

Sir George Chervil, ela supunha que ele devia ser sir àquela altura. As cartas de Charlotte não chegavam com a regularidade por que Anne ansiava, mas eram animadas e cheias de novidades, e o único laço dela com sua antiga vida. O pai de George morrera no ano anterior, contara Charlotte em uma das cartas, e o filho herdara o título de baronete. A notícia fez o sangue de Anne gelar nas veias. Ela desprezava o falecido sir

Charles, mas também precisava dele. O pai de George fora a única coisa que impedira que o filho manifestasse sua natureza vingativa. Sem sir Charles, não havia ninguém para incutir bom senso em George. Até mesmo Charlotte expressara preocupação – ao que parecia, George fizera uma visita aos Shawcrosses no dia seguinte ao funeral do pai. Tentara fingir que era uma visita social, mas fizera uma porção de perguntas sobre Anne.

Annelise.

Às vezes, ela precisava lembrar a si mesma da pessoa que já fora.

Soubera que havia a possibilidade de George estar em Londres. Quando aceitara o emprego na casa dos Pleinsworths, achara que passaria o ano todo em Dorset. Lady Pleinsworth levaria Sarah a Londres para a temporada, e as três meninas mais novas passariam o verão no campo, com a governanta e a babá. E com o pai, é claro. Lorde Pleinsworth nunca saía do campo. Interessava-se muito mais por seus cães de caça do que por qualquer pessoa, o que era perfeito para Anne. Quando ele não estava ausente, estava distraído, e era quase como se ela trabalhasse em uma casa só de mulheres.

O que era *maravilhoso*.

Mas então lady Pleinsworth decidira que não poderia ficar longe das outras filhas. Lorde Pleinsworth ficou com seus cães e todos os outros fizeram as malas e partiram para Londres. Anne passara a viagem inteira tentando se tranquilizar, dizendo a si mesma que, ainda que George estivesse na cidade, os caminhos dos dois jamais se cruzariam. Londres era uma cidade grande. A maior da Europa. Talvez do mundo. Ele provavelmente se casara com a filha de um visconde, mas os Chervils não frequentavam os mesmos altos círculos que os Pleinsworths ou os Smythe-Smiths. E mesmo que as famílias acabassem se encontrando em algum evento, Anne com certeza não estaria junto. Era apenas uma governanta. Com sorte, uma governanta invisível.

Ainda assim, havia perigo. Se a informação de Charlotte fosse verdadeira, George recebia uma generosa pensão do sogro, e tinha dinheiro mais do que necessário para financiar uma temporada na cidade. Talvez pudesse até mesmo comprar sua entrada em alguns círculos sociais elevados.

Ele sempre gostara da animação da cidade. Anne se lembrava disso a respeito de George. Conseguira esquecer muitas coisas, mas disso ela se

recordava. E também do sonho que tivera de passear pelo Hyde Park de braços dados com seu belo marido.

Anne suspirou, com saudade da jovem que fora, mas *não* do sonho tolo. Que idiota ela tinha sido. Que terrível juíza de caráter.

– Há algo que eu possa fazer para deixá-la mais confortável? – perguntou lorde Winstead em voz baixa.

Ele permanecera em silêncio por algum tempo. Anne gostava dessa característica do conde. Era um homem simpático, de conversa fácil, mas parecia saber quando não falar.

Ela balançou a cabeça, sem olhar para ele. Não estava tentando evitá-lo. Bem, não a *ele* especificamente. Teria evitado qualquer um naquele momento. Mas então lorde Winstead se moveu. Foi um movimento discreto, mas Anne sentiu a almofada se ajustando embaixo dele e aquilo foi o bastante para lembrar-lhe de que ele a salvara naquela tarde. Percebera a perturbação dela e a ajudara sem fazer sequer uma pergunta, até chegarem à carruagem.

Ele merecia um agradecimento. Não importava que as mãos dela ainda tremessem, ou que sua mente estivesse em disparada, avaliando todas as possibilidades assustadoras. Lorde Winstead nunca saberia como a ajudara, ou como ela estava em dívida com ele, mas Anne sabia que podia, ao menos, agradecer-lhe.

Mas quando ela se virou para olhá-lo, algo inteiramente diferente saiu de sua boca. Anne pretendera dizer “obrigada”. Mas em vez disso...

– Esse hematoma é novo?

Era. Anne tinha certeza. Bem ali, no rosto dele. Meio rosado, nem de longe escuro como os que estavam próximos ao olho.

– O senhor se machucou – afirmou ela. – O que aconteceu?

Ele a encarou, parecendo confuso, e levou uma das mãos ao rosto.

– Do outro lado – disse Anne, e, mesmo ciente do risco terrível, estendeu os dedos e tocou delicadamente a maçã do rosto dele. – Não estava aqui ontem.

– A senhorita notou – murmurou ele, e deu um sorriso experiente.

– Não é uma lisonja – retrucou Anne, tentando não pensar no que significava o fato de o rosto dele já ter se tornado tão familiar que ela percebera um novo machucado em meio aos tantos outros que haviam sido resultado da briga do conde com lorde Chatteris.

Era ridículo, na verdade. Ele *parecia* ridículo.

– Apesar de tudo, não posso evitar me sentir lisonjeado pelo fato de a senhorita ter reparado no último hematoma adicionado à minha coleção – comentou o conde.

Ela revirou os olhos.

– Porque machucados são mesmo algo muito digno para se colecionar...

– Todas as governantas são tão sarcásticas assim?

Se viesse de qualquer outra pessoa, Anne teria entendido a pergunta como uma repreensão, um lembrete de qual era o lugar dela. Mas não fora essa a intenção dele. E lorde Winstead estava sorrindo ao dizer aquilo.

Ela o encarou.

– O senhor está se esquivando da pergunta.

Anne achou que ele ficou um pouco envergonhado. Era difícil dizer, porque qualquer rubor em seu rosto teria sido obscurecido pelos hematomas.

O conde deu de ombros.

– Dois assaltantes tentaram roubar a minha bolsa ontem à noite.

– Ah, não! – exclamou Anne, surpreendendo-se com a força da própria reação. – O que aconteceu? O senhor está bem?

– Não foi tão ruim quanto poderia ter sido – afirmou ele. – Marcus causou mais danos na noite do concerto.

– Mas criminosos profissionais! O senhor poderia ter sido assassinado.

O conde se inclinou na direção dela. Só um pouco.

– A senhorita sentiria a minha falta?

Anne sentiu o rosto ficar quente e levou alguns instantes para conseguir assumir uma expressão devidamente grave.

– Muitas pessoas sentiriam – respondeu Anne com firmeza.

Incluindo ela.

– Onde o senhor estava na hora? – perguntou. *Detalhes*, lembrou a si mesma. Detalhes eram importantes, objetivos e não tinham nada a ver com emoções como saudade, preocupação ou qualquer outro sentimento. Tinha a ver apenas com saber os fatos. – Foi em Mayfair? Nunca imaginei que pudesse ser um lugar perigoso.

– Não foi em Mayfair – respondeu o conde. – Mas não era muito longe de lá. Eu estava voltando da Casa Chatteris. Não estava prestando atenção ao meu redor.

Anne não sabia onde o conde de Chatteris morava, mas sem dúvida não seria muito longe da Casa Winstead. Todas as famílias nobres residiam mais ou menos próximo umas das outras. E, mesmo que lorde Chatteris morasse numa região mais elegante, lorde Winstead dificilmente teria precisado passar por bairros pobres para chegar em casa.

– Não havia me dado conta de que a cidade se tornou tão perigosa – comentou Anne.

E ficou preocupada, pois se perguntou se o ataque a lorde Winstead poderia ter alguma coisa a ver com o fato de ela ter visto George Chervil em Piccadilly. Não... como isso seria possível? Ela e lorde Winstead só haviam aparecido juntos em público uma vez – na véspera, no Hyde Park –, e sem dúvida ficara claro para qualquer um que os tivesse visto que ela era a governanta das primas dele.

– Suponho que devo lhe agradecer por ter insistido em me acompanhar até em casa na outra noite.

Lorde Winstead se virou para ela e a intensidade de seu olhar a deixou sem fôlego.

– Eu não permitiria que a senhorita andasse sequer dois passos sozinha à noite, muito menos quase um quilômetro.

Anne entreabriu os lábios, e achou que tinha a intenção de falar, mas tudo o que conseguiu fazer foi encará-lo. Seu olhar ficou preso ao dele, e foi impressionante, porque não se dera conta da cor daqueles olhos, de um azul claro e intenso, perturbador. Mas Anne viu além, nas profundezas de... alguma coisa. Ou talvez não fosse nada disso. Talvez fosse apenas ela se expondo. Talvez ele visse todos os segredos dela, os medos.

Os desejos.

Anne voltou a respirar, então – finalmente –, e desviou o olhar do dele. O que era aquilo? Ou, mais precisamente, *quem* era ela? Porque Anne não conhecia a mulher que encarara o conde como se estivesse olhando para o próprio futuro. Ela não era dada a fantasias. Não acreditava em destino. E *jamais* acreditara que os olhos eram a janela da alma. Não depois do modo como George Chervil um dia olhara para ela.

Anne engoliu em seco e esperou um instante para recuperar o equilíbrio.

– O senhor fala como se esse cuidado fosse exclusivo para mim – disse ela, satisfeita com a relativa normalidade da própria voz –, mas sei que insistiria em fazer o mesmo por qualquer dama.

O conde a encarou com um sorriso tão sedutor que Anne se perguntou se a intensidade nos olhos dele apenas alguns segundos antes fora fruto de sua imaginação.

– A maioria das damas fingiria estar lisonjeada.

– Acho que este é o momento em que devo dizer que não sou como a maioria das damas – retrucou ela, em um tom sarcástico.

– Sem dúvida seria uma boa fala, se estivéssemos no palco.

– Vou informar isso a Harriet – falou Anne, com uma risada. – Ela gosta de se imaginar como dramaturga.

– É mesmo?

Anne assentiu.

– Acho até que começou uma nova obra. E parece ser terrivelmente depressiva. Algo sobre Henrique VIII.

Ele se encolheu.

– Que coisa sombria.

– Ela está tentando me convencer a fazer o papel de Ana Bolena.

Lorde Winstead abafou uma risada.

– Não existe possibilidade de minha tia estar lhe pagando o suficiente para se submeter a isso.

Em vez de comentar a respeito, Anne preferiu dizer:

– Agradeço sinceramente sua preocupação na outra noite. Mas quanto a me sentir lisonjeada, me impressiona muito mais um cavalheiro que valoriza a segurança e a proteção de *todas* as mulheres.

Ele demorou um instante para refletir sobre isso, então assentiu e inclinou um pouco a cabeça para o lado. Estava constrangido, percebeu Anne, surpresa. Não estava acostumado a ser elogiado por esse tipo de coisa.

Anne sorriu para si mesma. E não pôde evitar sentir uma certa ternura ao vê-lo se ajeitar, desconfortável, no assento. Supôs que ele estivesse acostumado a ser elogiado por seu charme, ou por sua boa aparência.

Mas por seu comportamento? Anne tinha a sensação de que havia muito isso não acontecia.

– Dói? – perguntou.

– Meu rosto? – Ele balançou a cabeça, então se contradisse: – Bem, um pouco.

– Mas os assaltantes estão bem piores? – brincou Anne com um sorriso.

– Ah, muito piores – retrucou o conde. – Muito, muito piores.

– É esse o objetivo das brigas? Fazer com que o oponente termine em pior estado?

– Sabe de uma coisa? Acho que deve ser. Uma tolice, não é mesmo? – Ele a encarou com uma expressão estranha, pensativa. – Foi o que me obrigou a sair do país.

Anne não conhecia todos os detalhes do duelo dele, mas...

– O quê? – perguntou.

Porque, sinceramente, nem mesmo homens jovens demais poderiam ser tão tolos.

– Bem, não exatamente – falou lorde Winstead –, mas foi o mesmo tipo de tolice. Alguém me chamou de trapaceiro e eu quase o matei por isso. – Ele se virou para ela, o olhar penetrante. – Por quê? Por que eu faria isso?

Anne não respondeu.

– Não que eu tenha *tentado* matá-lo. – Lorde Winstead se recostou no assento, o movimento estranhamente forçado e repentino. – Foi um acidente. – Ficou em silêncio por um instante, e Anne observou sua expressão. O conde não olhou para ela ao acrescentar: – Achei que a senhorita deveria saber.

Na verdade, ela sabia. Ele jamais seria o tipo de homem que mataria de forma tão banal. Mas também percebeu que ele não queria falar mais sobre a questão. Assim, preferiu perguntar:

– Para onde estamos indo?

Ele não respondeu de imediato. Pareceu confuso, então olhou pela janela e admitiu:

– Não sei. Disse ao cocheiro para seguir sem rumo até eu lhe dar novas instruções. Achei que talvez a senhorita precisasse de uns minutos extras antes de retornar à Casa Pleinsworth.

Anne assentiu.

– É minha tarde de folga. Não estão me esperando tão cedo.

– Precisa resolver mais alguma coisa?

– Não, eu... Sim! – exclamou ela. Santo Deus, como podia ter esquecido? – Sim, preciso.

Ele inclinou a cabeça na direção dela.

– Ficarei feliz em levá-la aonde precisar.

Anne segurou a bolsa com força e se sentiu mais calma com o farfalhar baixo do envelope lá dentro.

– Não é nada, só uma carta que preciso postar.

– Posso colocar meu selo nela? Não cheguei a assumir meu assento na Câmara dos Lordes, mas presumo que tenha privilégios de isenção de porte postal. Meu pai certamente usava o privilégio dele.

– Não – respondeu ela com rapidez.

Isso lhe pouparia uma ida aos correios, sem mencionar a despesa, mas se os pais dela vissem a carta com o selo do conde de Winstead...

A curiosidade deles não teria limites.

– É muito gentil da sua parte – disse Anne –, mas não poderia de forma alguma aceitar sua generosidade.

– A generosidade não é minha. Pode agradecer ao Correio Real.

– Ainda assim, não poderia abusar de seus privilégios dessa forma. Se puder apenas me levar a uma agência dos correios... – Ela olhou pela janela, para localizar onde estavam. – Acho que há uma na Tottenham Court Road. Ou, se não for lá, então... Ah, eu não havia percebido que estávamos tão a leste. Talvez seja melhor irmos para High Holborn. Logo antes de Kingsway.

Houve uma pausa.

– A senhorita conhece bem a localização das agências de correios de Londres – comentou ele.

– Ah. Bem. Não exatamente. – Ela deu um pontapé imaginário em si mesma e tentou pensar em uma desculpa apropriada. – É só que sou fascinada pelo sistema postal. É realmente maravilhoso.

Ele a encarou com curiosidade e Anne percebeu que não acreditou em sua explicação. Para sorte dela, era verdade, ainda que tivesse dito aquilo para encobrir uma mentira. Achava mesmo o Correio Real bastante impressionante. Era incrível a rapidez com que uma pessoa podia mandar uma mensagem através do país. Três dias de Londres para Northumberland. Parecia um milagre.

– Eu gostaria de acompanhar a entrega de uma carta um dia – comentou Anne –, só para ver aonde vai.

– Para o endereço escrito na frente do envelope, eu imagino – disse o conde.

Ela cerrou os lábios, indicando que percebera a brincadeira, então retrucou:

– Mas *como*? Esse é o milagre.

Lorde Winstead deu um sorrisinho.

– Devo confessar que não havia pensado no sistema postal em termos tão bíblicos, mas fico sempre feliz em aprender coisas novas.

– É difícil imaginar uma carta sendo entregue mais rápido do que acontece atualmente – comentou Anne, animada –, a menos que aprendamos a voar.

– Sempre há os pombos – lembrou ele.

Ela riu.

– Pode imaginar um bando inteiro erguendo-se no céu para entregar nossa correspondência?

– É uma perspectiva aterradora. Sobretudo para os que estiverem caminhando abaixo deles.

Aquilo provocou mais risos. Anne não conseguia se lembrar da última vez que se sentira tão alegre.

– Para High Holborn, então – disse o conde –, já que eu jamais permitiria que a senhorita confiasse sua missiva aos pombos de Londres. – Ele se inclinou para a frente para abrir a aba que os separava do cocheiro e lhe passar instruções, e voltou a se sentar. – Há mais alguma coisa em que eu possa ajudá-la, Srta. Wynter? Estou inteiramente à sua disposição.

– Não, obrigada. Se pudesse apenas me levar de volta à Casa Pleinsworth...

– Tão cedo? No seu dia de folga?

– Há muito a ser feito hoje à noite – comentou ela. – Nós vamos para... Ah, mas é claro que o senhor sabe. Vamos para Berkshire amanhã, para...

– Whipple Hill – completou ele.

– Sim. Por sugestão sua, imagino.

– Pareceu mais sensato do que vocês fazerem o longo caminho até Dorset.

– Mas o senhor... – Ela se interrompeu e desviou o olhar. – Não importa.

– Está querendo perguntar se eu já pretendia ir para lá? – Lorde Winstead esperou um pouco, então disse: – Não.

Anne umedeceu os lábios com a ponta da língua, mas não olhou para ele. Seria perigoso demais. Não devia desejar coisas que estavam fora do seu alcance. Não *podia* fazer isso. Já tentara uma vez e ainda pagava o preço disso.

E lorde Winstead era possivelmente o sonho mais inalcançável de todos. Se ela se permitisse desejá-lo, isso a destruiria.

Mas, ah, como queria desejá-lo.

– Srta. Wynter?

A voz dele chegou até ela como uma brisa morna.

– Isso é... – Ela pigarreou, tentando reencontrar a própria voz, a voz que realmente soava como a dela. – É muita gentiliza da sua parte adaptar sua agenda pela sua tia.

– Não fiz isso pela minha tia – disse o conde em voz baixa. – Mas imagino que a senhorita saiba disso.

– Por quê? – perguntou ela, também em voz baixa.

Sabia que não precisaria explicar a pergunta, que ele saberia a que ela se referia.

Não por que ele tinha feito aquilo. Por que *ela*?

Mas ele não respondeu. Ao menos não de imediato. Então, finalmente, quando Anne pensou que teria que encará-lo, lorde Winstead disse:

– Não sei.

Nesse momento, ela o fitou. A resposta dele fora tão franca e inesperada que ela não conseguiria *não* olhar para ele. E, quando o fez, sentiu o estranho e intenso anseio de simplesmente estender a mão e tocar a dele. Para se *conectar* ao conde de algum modo.

Mas ela se conteve. Não podia fazer aquilo e sabia disso, ainda que ele não soubesse.

CAPÍTULO 8

Na noite seguinte, Anne desceu do coche de viagem dos Pleinsworths e ergueu os olhos para ver Whipple Hill pela primeira vez. Era uma casa adorável, sólida e imponente, situada entre colinas que desciam até um lago grande e cercado por árvores. Havia algo muito aconchegante no lugar, pensou Anne, o que lhe pareceu muito interessante, já que era a propriedade ancestral dos condes de Winstead. Não que ela estivesse tão familiarizada assim com grandes propriedades da aristocracia, mas as que já vira eram altivas e ornamentadas demais.

O sol já se pusera, mas o brilho alaranjado do crepúsculo ainda pairava no horizonte, emprestando um toque de calor à noite que caía rapidamente. Anne estava ansiosa para ver o quarto em que ficaria e, talvez, tomar uma tigela de sopa no jantar, mas na noite anterior à partida delas a babá Flanders tivera uma indisposição estomacal e acabara ficando em Londres. Com isso, Anne se vira obrigada a assumir a função dupla de babá e governanta, o que significava que teria que acomodar as meninas no quarto delas antes de poder cuidar das próprias necessidades. Lady Pleinsworth lhe prometera uma tarde extra de folga enquanto estavam no campo, mas não determinara uma data, e Anne temia que a ideia acabasse esquecida.

– Vamos, meninas – disse ela bruscamente.

Harriet tinha corrido para a carruagem que trouxera Sarah e lady Pleinsworth, e Elizabeth correra para outra, mas Anne não tinha ideia do que a menina poderia estar falando com as camareiras.

– Estou bem aqui – disse Frances, animada.

– É verdade – retrucou Anne. – Uma estrelinha dourada para você.

– É mesmo muito ruim que a senhorita não tenha estrelinhas douradas *de verdade*. Eu não precisaria economizar tanto o dinheiro que recebo para

as minhas coisas.

– Se eu tivesse estrelas douradas de verdade – retrucou Anne, erguendo uma sobrancelha –, não precisaria ser sua governanta.

– *Touché* – disse Frances com admiração.

Anne piscou para ela. Havia uma estranha satisfação em receber um elogio de uma menina de 10 anos.

– Onde estão suas irmãs? – resmungou ela, então chamou: – Harriet! Elizabeth!

Harriet se aproximou, animada.

– Mamãe disse que posso comer com os adultos enquanto estivermos aqui.

– Aaaah, Elizabeth não vai ficar nada feliz com isso... – previu Frances.

– Não vou ficar feliz com o quê? – perguntou Elizabeth. – E vocês não vão acreditar no que Peggy acabou de me dizer.

Peggy era a camareira de Sarah. Anne gostava bastante da moça, embora ela fosse uma terrível fofoqueira.

– O que ela disse? – quis saber Frances. – E Harriet vai comer com os adultos enquanto estivermos aqui.

Elizabeth arquejou, ultrajada.

– Isso é terrivelmente injusto. E Peggy me contou que Sarah falou que Daniel disse que a Srta. Wynter também vai comer com a família.

– Não, não vou – intrometeu-se Anne, com veemência.

Seria algo muito fora do comum. Uma governanta em geral só acompanhava a família nas refeições quando havia a necessidade de aumentar o número de pessoas à mesa. E, além disso, Anne tinha trabalho a fazer. Ela pousou a mão levemente sobre a cabeça de Frances.

– Vou comer com vocês.

A bênção inesperada do mal-estar da babá Flanders. Anne não conseguia imaginar o que lorde Winstead estava pensando, ao sugerir que ela se juntasse a eles para o jantar. Se a intenção fosse colocá-la em uma posição constrangedora, havia conseguido. O dono da casa convidando a governanta para jantar com a família? Era quase o mesmo que assumir que estava tentando levá-la para a cama.

E Anne tinha a sensação de que isso era verdade. Não seria a primeira vez que precisaria repelir avanços indesejados de seus empregadores.

Mas seria a primeira vez que uma parte dela sentira vontade de ceder.

– Boa noite! – Era lorde Winstead, saindo pelo pórtico para recepcioná-las.

– Daniel! – exclamou Frances.

A menina deu um giro de 180 graus, erguendo uma nuvem de pó que quase cobriu as irmãs, e saiu correndo na direção do primo, por pouco não o fazendo cair ao se jogar em seus braços.

– Frances! – repreendeu lady Pleinsworth. – Você está grande demais para ficar pulando em cima do seu primo.

– Não me importo – falou lorde Winstead com uma risada.

Ele bagunçou os cabelos de Frances, que o brindou com um sorriso largo e depois virou a cabeça para trás para perguntar à mãe:

– Se estou crescida demais para pular em cima de Daniel, isso quer dizer que estou crescida o suficiente para comer com os adultos?

– Nem perto disso – retrucou lady Pleinsworth, em um tom enérgico.

– Mas Harriet...

– ... é quatro anos mais velha que você.

– Vamos nos divertir muito no quarto das crianças – anunciou Anne, adiantando-se para tirar a menina de cima de lorde Winstead.

Ele se virou para encará-la, os olhos ardendo com uma familiaridade que aqueceu a pele dela. Anne percebeu que ele estava prestes a falar alguma coisa sobre ela se juntar à família para o jantar, por isso acrescentou rapidamente, em uma voz que todos podiam ouvir:

– Costumo jantar no quarto, mas como a babá Flanders está doente, ficarei feliz em assumir seu lugar com Elizabeth e Frances no quarto das crianças.

– Mais uma vez você é a nossa salvadora, Srta. Wynter – disse lady Pleinsworth, alegre. – Não sei o que faríamos sem a senhorita.

– Primeiro o concerto, e agora isso – comentou lorde Winstead, em um tom de aprovação.

Anne olhou de relance para ele, tentando descobrir o motivo para o conde apontar uma coisa daquelas, mas ele já voltara a atenção para Frances.

– Quem sabe podemos organizar um concerto enquanto estivermos aqui? – sugeriu Elizabeth. – Seria muito divertido.

Era difícil dizer sob a luz do crepúsculo, mas Anne pensou ter visto lorde Winstead empalidecer.

– Eu não trouxe a sua viola – disse Anne rapidamente. – Nem o violino de Harriet.

– E quanto...

– Nem o seu contrabaixo – informou a Frances, antes que a menina pudesse sequer perguntar.

– Ah, mas estamos em Whipple Hill – interveio lady Pleinsworth. – Nenhuma casa Smythe-Smith estaria completa sem uma generosa seleção de instrumentos musicais.

– Até um contrabaixo? – perguntou Frances, esperançosa.

Lorde Winstead pareceu em dúvida, mas disse:

– Acho que você pode dar uma olhada.

– Farei isso! Pode me ajudar, Srta. Wynter?

– É claro – murmurou Anne.

Parecia uma maneira tão boa quanto qualquer outra para tirá-la do caminho da família.

– E como Sarah já está se sentindo muito melhor, a senhorita não terá que tocar piano desta vez – comentou Elizabeth.

Era ótimo que lady Sarah já houvesse entrado na casa, pensou Anne, porque ela teria que encenar uma elaborada recaída ali mesmo.

– Vamos entrar todos, então – falou lorde Winstead. – Não há necessidade de trocarem suas roupas de viagem. A Sra. Barnaby vai servir uma refeição informal da qual todos poderemos participar, inclusive Elizabeth e Frances.

E a senhorita também, Srta. Wynter.

Ele não disse isso. Nem mesmo olhou para ela, mas Anne sentiu as palavras.

– Se vocês vão jantar em família – falou Anne, dirigindo-se a lady Pleinsworth –, ficarei grata se puder me recolher ao meu quarto. Estou bastante cansada da viagem.

– É claro, minha querida. Precisa guardar sua energia para a semana que virá. Temo que possamos acabar esgotando-a. Pobre babá.

– Não está querendo dizer pobre Srta. Wynter? – perguntou Frances.

Anne sorriu do comentário da menina. Era verdade.

– Não se preocupe, Srta. Wynter – disse Elizabeth. – Não vamos lhe dar muito trabalho.

– Ah, não vão, não é mesmo?

Elizabeth assumiu uma expressão da mais pura inocência.

– Estou disposta a esquecer qualquer coisa relacionada a matemática enquanto estivermos aqui.

Lorde Winstead riu e se virou para Anne.

– Devo pedir a alguém para lhe mostrar o seu quarto?

– Por favor, milorde.

– Venha comigo. Vou providenciar. – Ele se virou para a tia e as primas. – Quanto a vocês, podem ir seguindo para a sala de café da manhã. A Sra. Barnaby pedirá a um criado que sirva a refeição lá, já que teremos uma noite tão informal.

Anne não teve escolha a não ser segui-lo pelo saguão principal, então para dentro de uma longa galeria de retratos. Ao que parecia, tinham entrado pelo lado em que ficavam os quadros mais antigos, a julgar pelo babado elisabetano que enfeitava o homem corpulento que a encarava de um dos retratos.

Anne olhou ao redor, procurando uma criada, ou um criado, ou quem quer que fosse que o conde estivesse planejando que lhe mostrasse o quarto, mas os dois estavam completamente sozinhos.

A não ser por mais de vinte antepassados Winsteads observando-os das paredes.

Annie parou e juntou as mãos com recato à frente do corpo.

– Bem, tenho certeza de que o senhor deseja se juntar à sua família. Talvez uma criada...

– Que tipo de anfitrião eu seria entregando-a para ser levada como uma peça de bagagem? – perguntou ele em um tom suave.

– Como assim? – murmurou Anne, com certo alarme.

Com certeza ele não poderia estar querendo dizer...

O conde sorriu. Como um lobo.

– Eu mesmo a levarei ao seu quarto.

Daniel não sabia que diabo o possuíra, mas a Srta. Wynter parecera tão insuportavelmente atraente quando estreitou os olhos para o terceiro conde de Winstead (coxas de peru em excesso divididas com Henrique VIII, isso estava claro). Ele de fato tivera a intenção de chamar uma criada para mostrar o quarto a ela, mas ao que parecia não era capaz de resistir ao modo como ela franzia o nariz.

– Lorde Winstead – começou a dizer a Srta. Wynter –, com certeza sabe como é inadequado tal... tal...

– Ah, não se preocupe – retrucou ele, satisfeito em salvá-la das suas dificuldades de articulação. – Sua virtude está a salvo comigo.

– Mas não a minha reputação!

O argumento dela era bom.

– Serei rápido como... – Ele fez uma pausa. – Ora, qualquer coisa que seja rápida e não seja terrivelmente pouco atraente.

Ela o encarou como se houvessem brotado chifres na cabeça dele. E chifres nada atraentes.

O conde sorriu com entusiasmo.

– Preciso descer tão rápido para o jantar que ninguém jamais perceberá que fui com a senhorita.

– Não é essa a questão.

– Não? A senhorita disse que estava preocupada com a sua reputação.

– Estou, mas...

– Então vamos logo – interrompeu ele, dando um fim a qualquer forma de protesto que ela pudesse estar prestes a apresentar. – Eu dificilmente teria tempo para violentá-la, mesmo se *fosse* a minha intenção. E posso lhe garantir que não é.

A Srta. Wynter arquejou.

– Lorde Winstead!

Coisa errada a se dizer. Mas tão divertida...

– Era uma brincadeira – disse ele.

Ela o encarou em silêncio.

– O que eu disse foi uma brincadeira – explicou ele rapidamente. – Não o sentimento.

Anne continuou em silêncio. E então:

– Acho que o senhor enlouqueceu.

– Sem dúvida isso é possível – concordou Daniel em um tom jovial. Fez um gesto em direção a um corredor que levava às escadas da ala oeste. – Vamos, venha por aqui. – Ele esperou por um momento, então acrescentou: – A senhorita não tem escolha.

Ela enrijeceu o corpo e Daniel percebeu que dissera algo terrivelmente errado. Errado por conta de algo que acontecera a ela em outra época, em algum momento em que ela não tivera escolha.

Mas talvez também errado simplesmente por ser errado, não importava qual fosse o passado dela. Ele não beliscava criadas ou emboscava jovens nas festas. Sempre tentara tratar as mulheres com respeito. Não havia justificativa para oferecer menos que isso à Srta. Wynter.

– Peço que me perdoe – disse, inclinando a cabeça em um gesto de respeito. – Eu me comportei de uma forma terrível.

Anne entreabriu os lábios e piscou várias vezes. Não sabia se devia acreditar nele, e Daniel percebeu em um silêncio estupefato que a indecisão da Srta. Wynter estava partindo seu coração.

– Meu pedido de perdão é sincero – garantiu ele.

– É claro – retrucou ela rapidamente, e Daniel achou que estava falando sério.

Torceu para que estivesse. Sabia que ela diria a mesma coisa ainda que não acreditasse nele, só para ser educada.

– Mas devo explicar – acrescentou Daniel – que disse que a senhorita não tinha escolha não por causa de sua posição como empregada da minha tia, mas porque a senhorita simplesmente não saberia achar o caminho para o seu quarto sozinha.

– É claro – repetiu ela.

Mas Daniel se sentiu impelido a dizer mais, porque... porque... Ora, porque não conseguia suportar a ideia de a Srta. Wynter pensar mal dele.

– Qualquer hóspede estaria na mesma posição – continuou ele, esperando não soar defensivo.

Anne começou a dizer alguma coisa, mas se deteve, provavelmente porque seria outro "É claro." Daniel esperou pacientemente – ela ainda estava parada perto do quadro do terceiro conde –, satisfeito em apenas observá-la, até ouvir:

– Obrigada.

Ele assentiu. Foi um movimento gracioso, elegante e refinado, o mesmo gesto de reconhecimento que já fizera milhares de vezes. Mas, por dentro, Daniel foi varrido por uma onda de alívio. Foi humilhante. Ou melhor, enervante.

– O senhor não é o tipo de homem que se aproveita de uma mulher – disse ela.

E, naquele momento, Daniel *soube.*

Alguém a magoara. Anne Wynter sabia o que significava estar à mercê de alguém mais forte e mais poderoso.

Daniel sentiu algo dentro dele se enrijecer de fúria. Pela primeira vez na vida, os pensamentos dele se chocavam, se reviravam e se sobrepunham, como uma história infinitamente editada. A única certeza que tinha era de que precisaria de todas as suas forças para não encurtar o espaço que os separava e puxar Anne para si. O corpo dele se lembrava do dela, do perfume, das curvas, até da temperatura exata da pele da Srta. Wynter junto à dele.

Ele a queria. E a queria por inteiro.

Mas a família dele o estava esperando para o jantar, e seus ancestrais o observavam daqueles quadros. E *ela* – a mulher em questão – o observava com uma cautela que mais uma vez partiu o coração dele.

– Se puder esperar bem aqui – disse ele baixinho –, vou chamar uma criada para lhe mostrar seu quarto.

– Obrigada.

Daniel começou a caminhar em direção ao outro extremo da galeria, mas parou depois de alguns passos. Quando se virou, a Srta. Wynter estava exatamente onde ele a deixara.

– Algum problema? – perguntou ela.

– Eu só queria que a senhorita soubesse... – começou Daniel abruptamente.

O quê? *O que* ele queria que ela soubesse? Nem mesmo ele sabia por que dissera aquilo.

Era um tolo. Mas já sabia disso. Tinha se transformado num tolo no instante em que a conhecera.

– Lorde Winstead – chamou ela, depois que um minuto inteiro se passou sem que ele completasse o raciocínio.

– Não é nada – murmurou Daniel, e virou-se de novo, desejando com todas as forças que seus pés o levassem para fora da galeria.

Mas não foi o que aconteceu. Ele ficou imóvel, ofegante, enquanto sua mente gritava para que apenas... se movesse. Desse um passo. *Vá!*

Só que, em vez de se virar, alguma parte traidora dele ainda estava desesperada para olhar uma última vez para ela.

– Como desejar – disse Anne em voz baixa.

Então, antes que ele tivesse a chance de pensar no que fazia, voltou para perto dela.

– Exatamente – falou.

– Como?

Ela o encarou confusa, parecendo desconfortável.

– Como eu desejar – repetiu ele. – Foi o que a senhorita disse.

– Lorde Winstead, eu não acho...

Ele parou a cerca de um metro dela, mas a uma distância maior do que o comprimento de seus braços. Confiava em si mesmo, mas não completamente.

– Não deve fazer isso – sussurrou a Srta. Wynter.

Mas ele já perdera o controle.

– *Desejo* beijar a senhorita. É isso que quero que saiba. Porque, se não vou beijá-la, e parece que não vou, porque não é o que a senhorita quer, ao menos não neste momento... se não vou fazer isso, a senhorita precisa saber que eu queria beijá-la. – Daniel fez uma pausa e fitou a boca de Anne, seus lábios carnudos e trêmulos. – Ainda quero.

Ele ouviu um sussurro sair pelos lábios dela, mas quando a olhou nos olhos, que eram de um azul tão escuro que poderiam muito bem ser negros, soube que ela o queria. Ele a deixara perplexa, isso era óbvio, mas ainda assim ela o desejava.

Daniel não iria beijá-la naquele momento – já se dera conta de que não era o momento certo. Mas precisara dizer a ela. A Srta. Wynter precisava *saber* exatamente o que ele queria.

E, se ela ao menos se permitisse ver, perceberia que também o queria.

– Esse beijo – continuou Daniel, a voz ardendo de desejo contido. – Esse beijo... Eu o desejo com um fervor que abala a minha alma. Não tenho ideia de por que o desejo, mas foi o que senti no instante em que a vi ao piano, e isso só aumentou desde então.

Anne engoliu em seco e a luz das velas bruxuleou em seu pescoço delicado. Mas não disse nada. Não havia problema – Daniel não esperara que ela dissesse alguma coisa.

– Quero o beijo – continuou ele, com a voz rouca – e quero mais. Quero coisas que a senhorita nem pode imaginar.

Eles permaneceram em silêncio, os olhos de um presos nos do outro.

– Mas, acima de tudo – sussurrou Daniel –, quero beijá-la.

Então, em uma voz tão baixa que era pouco mais do que um suspiro, ela disse:

– Eu também quero.

CAPÍTULO 9

Eu também quero.

Ela enlouquecera.

Não podia haver outra explicação. Passara os dois últimos dias se convencendo de todas as razões pelas quais não podia se permitir querer aquele homem. E agora, naquele primeiro momento em que estavam realmente a sós e isolados, dizia *aquilo*?

Anne levou a mão à boca, sem saber se havia feito isso devido à perplexidade ou porque seus dedos tinham mais bom senso do que o restante de seu corpo e estavam tentando, a todo custo, evitar que cometesse um erro terrível.

– Anne – sussurrou o conde, encarando-a com uma intimidade intensa.

Não Srta. Wynter. *Anne*. Ele estava tomando liberdades. Ela não lhe dera permissão para chamá-la pelo primeiro nome. Mas, ao mesmo tempo, não conseguiria fingir o ultraje que sabia que deveria aparentar. Porque quando lorde Winstead a chamara de Anne, fora a primeira vez que ela sentira que aquele nome era realmente seu. Por oito anos, ela chamara a si mesma de Anne Wynter, mas para o resto do mundo era sempre Srta. Wynter. Não havia ninguém em sua vida íntimo o suficiente para chamá-la de Anne. Nem uma única pessoa.

Não sabia se havia se dado conta disso até aquele momento.

Sempre pensara que queria ser Annelise de novo, que queria voltar a uma vida em que sua maior preocupação era que vestido usar a cada manhã. Mas agora, quando ouviu lorde Winstead sussurrar seu nome, percebeu que gostava da mulher que se tornara. Podia não gostar dos acontecimentos que a haviam levado àquele ponto, ou do medo que ainda sentia de que George Chervil pudesse encontrá-la um dia e tentasse destruí-la, mas gostava de *si mesma*.

Era uma constatação maravilhosa.

– Pode me beijar apenas uma vez? – sussurrou ela. Porque *realmente* queria aquilo. Queria um sabor de perfeição, mesmo se soubesse que não poderia desejar mais. – Pode me beijar uma única vez, e nunca mais voltar a fazer isso?

Os olhos dele se enevoaram e, por um momento, Anne achou que ele talvez não fosse dizer nada. O conde estava se controlando com tanta dificuldade que seu maxilar tremia, e o único som era o ruído da respiração pesada dele.

O desapontamento a abateu. Não sabia o que estava pensando, para pedir uma coisa daquelas. Um beijo e nada mais? Um beijo, quando ela também sabia que queria muito mais? Estava...

– Eu não sei – respondeu ele, abruptamente.

Anne havia olhado para baixo, mas nesse instante ergueu os olhos rapidamente. O conde ainda a estava observando com uma intensidade inabalável, encarando-a como se ela pudesse ser sua salvação. O rosto dele ainda não estava curado – havia cortes e arranhões em sua pele, e o hematoma ao redor do olho –, mas naquele momento era a coisa mais linda que Anne já vira.

– Não acredito que uma vez vá ser o bastante – confessou lorde Winstead.

As palavras dele eram eletrizantes. Que mulher não queria ser tão desejada? Mas a parte cautelosa e sensata dela percebeu que seguia por um caminho perigoso. Já fizera isso antes, já se permitira se apaixonar por um homem que jamais se casaria com ela. A única diferença era que, desta vez, Anne compreendia isso. Lorde Winstead era um conde – que caíra recentemente em desgraça, era verdade, mas ainda assim um conde, e com sua aparência e seu charme, a sociedade logo reabriria os braços para ele.

E ela era... o quê? Uma governanta? Uma falsa governanta cuja história de vida começara em 1816, quando ela saíra da barca, nauseada e petrificada, e colocara os pés no solo rochoso da Ilha de Man.

Anne Wynter nascera naquele dia, e Annelise Shawcross...

Bem, ela desaparecera. Desaparecera de repente, como uma das ondas ao redor.

Mas na verdade não importava quem ela era. Anne Wynter... Annelise Shawcross... Nenhuma das duas era um par adequado para Daniel Smythe-

Smith, conde de Winstead, visconde Streathermore e barão de Touchton de Stoke.

Ele tinha mais nomes do que ela precisara inventar para si. Era quase engraçado.

Mas, no fundo, não era. Os dele eram todos verdadeiros. Ele poderia manter todos. Além disso, eram um indicativo da posição de conde, de todos os motivos pelos quais ela não deveria estar ali em sua companhia, inclinando a cabeça na direção da dele.

Ainda assim, Anne desejava aquele momento. Queria beijá-lo, sentir os braços dele ao seu redor, se perder em seu abraço, se perder na noite que os cercava. Suave e misteriosa, ardendo de promessas.

Como uma noite podia parecer tão especial?

Lorde Winstead estendeu a mão para pegar a dela, e Anne permitiu. Os dedos dele envolveram os dela, e mesmo ele não a puxando em sua direção, Anne sentiu a tensão, quente e pulsante, atraindo-a. O corpo dela sabia o que fazer. Sabia o que queria.

Teria sido fácil negar isso se não fosse o que o coração dela também desejava.

– Não posso fazer aquela promessa – começou ele, baixinho –, mas vou lhe dizer uma coisa. Mesmo se eu não a beijar agora, mesmo se eu me virar, me afastar e for jantar, fingindo que nada disso aconteceu, não posso prometer que jamais irei beijá-la de novo.

Ele levou a mão dela à boca. Anne descalçara as luvas na carruagem, e sua pele nua se arrepiou e pareceu queimar de desejo no ponto em que os lábios dele a tocaram.

Ela engoliu em seco. Não sabia o que dizer.

– Posso beijá-la agora – prosseguiu lorde Winstead –, sem a promessa. Ou podemos não fazer nada, também sem a promessa. A escolha é sua.

Se ele houvesse soado confiante demais, Anne teria encontrado forças para afastá-lo. Se houvesse arrogância na postura dele, ou se houvesse algo em sua voz que lembrasse sedução, teria sido diferente.

Mas lorde Winstead não estava fazendo ameaças. Nem promessas. Estava simplesmente dizendo a verdade.

E lhe dando uma escolha.

Anne respirou fundo. Ergueu a cabeça na direção dele e sussurrou:

– Beije-me.

Ela se arrependeria daquilo no dia seguinte. Ou talvez não. Mas naquele exato momento, não se importava. O espaço entre eles se dissolveu e os braços de lorde Winstead, tão fortes e seguros, a envolveram. E quando os lábios dele tocaram os dela, Anne pensou tê-lo ouvido dizer seu nome de novo.

– Anne...

Como um suspiro. Uma súplica. Uma bênção.

Sem hesitar, ela estendeu a mão e o tocou, os dedos afundando suavemente nos cabelos escuros. Agora que fizera aquilo, que pedira que ele a beijasse, Anne queria tudo. Queria assumir o controle da própria vida, ou ao menos daquele momento.

– Diga meu nome – murmurou ele, correndo os lábios do rosto dela até o lóbulo da orelha.

A voz dele era cálida, derramando-se sobre a pele de Anne como um bálsamo.

Mas ela não poderia. Era íntimo demais. Por que, Anne não fazia ideia, afinal já se encantara com o som do próprio nome nos lábios dele, e já estava nos braços dele, e queria desesperadamente ficar ali para sempre.

Mas não estava pronta para chamá-lo de Daniel.

Em vez disso, deixou escapar um suspiro baixo, ou talvez um gemido baixo, e se permitiu encostar ainda mais o corpo ao dele. O corpo do conde era cálido, e o dela estava tão quente que Anne achou que os dois poderiam entrar em combustão.

As mãos dele deslizaram pelas costas dela, uma parando na altura da lombar, a outra descendo para envolver seu traseiro. Anne se sentiu ser erguida, pressionada com força contra ele, contra a evidência do desejo dele por ela. E embora soubesse que deveria ficar chocada, ou ao menos se lembrar de que não deveria estar ali com ele, a única coisa que conseguiu fazer foi estremecer de desejo.

Era maravilhoso ser tão desesperadamente desejada. Ter alguém que queria a *ela*. Não que queria alguma governanta bonitinha que qualquer um poderia encostar em um canto e apalpar. Não alguma dama cujo sobrinho achava que ela devia ser grata pela atenção. Nem mesmo uma jovenzinha que na verdade era apenas uma presa fácil.

Era *ela* que lorde Winstead queria. E quisera antes mesmo de saber sua identidade. Naquela noite, na Casa Winstead, quando ele a beijara... Até onde o conde sabia, ela poderia ser a filha de um duque, com quem ele se

veria obrigado a casar só por ter ficado sozinho com ela em um corredor escuro. E talvez isso não fosse tão significativo, porque na verdade eles não haviam trocado mais do que algumas frases, mas lorde Winstead ainda a queria ali, naquele momento, e Anne não achava que tivesse sido só por achar que poderia se aproveitar dela.

Mas a sanidade acabou voltando, ou talvez tivesse sido apenas o espectro da realidade, e ela se forçou a recuar.

– Precisa voltar – disse Anne, e desejou que a voz estivesse um pouco mais firme. – Estão esperando o senhor.

Ele assentiu, e seus olhos pareciam um tanto selvagens, como se o conde não soubesse exatamente o que acabara de acontecer com ele.

Anne compreendeu. Sentia-se da mesma forma.

– Fique aqui – disse ele por fim. – Mandarei uma criada lhe mostrar seu quarto.

Ela fez que sim com a cabeça e observou enquanto ele atravessava a galeria, o andar não tão decidido quanto ela estava acostumada a ver.

– Mas isto... – falou, virando-se com um dos braços estendido. – Isto não terminou. – Então, com a voz repleta de desejo, determinação e perplexidade, acrescentou: – Não pode ter terminado.

Dessa vez, Anne não assentiu. Um dos dois precisava ser sensato. A única coisa que *aquilo* podia estar era terminado.

O clima inglês não tinha muitos admiradores, mas quando o sol e o clima estavam em uma boa fase, não havia lugar mais perfeito, sobretudo pela manhã, quando a luz rosada incidia suavemente e a grama molhada de orvalho cintilava com a brisa.

Daniel sentia-se particularmente bem enquanto descia para o café da manhã. O sol entrava por todas as janelas, banhando a casa com um brilho celestial, o aroma divino de bacon entrava pelas narinas dele e – não que tivesse havido qualquer motivo assim *tão* oculto para isso – na noite anterior ele sugerira que Elizabeth e Frances tomassem o café da manhã com o restante da família, e não no quarto das crianças.

Era tolice que elas tivessem que comer separadas dos outros pela manhã. Além de ser um trabalho a mais para todos os envolvidos. E claro que ele não queria ser privado da companhia das primas. Acabara de

retornar ao país depois de três longos anos. Aquele, dissera a elas, era o momento de estar com a família, principalmente com as jovens primas, que haviam mudado tanto durante a ausência dele.

Sarah talvez tivesse lançado um olhar sarcástico na direção de Daniel quando ele disse isso, e a tia talvez houvesse se perguntado em voz alta por que, então, ele não ficara com a mãe e com a irmã. Mas Daniel era excelente em ignorar suas parentes do sexo feminino quando lhe convinha. E, além do mais, ele dificilmente conseguiria ter respondido em meio a todas as palmas e os gritos das duas Pleinsworths mais jovens.

Então ficou combinado. Elizabeth e Frances não tomariam o café da manhã no quarto das crianças, e sim com o resto da família. Dessa forma, a Srta. Wynter também estaria presente e o café da manhã seria realmente fantástico.

Com uma animação tola, Daniel atravessou o salão principal até o salão de café da manhã, parando por um instante para espiar através da sala de estar pela janela que algum criado dedicado deixara aberta para deixar entrar o ar cálido da primavera. Que dia, que dia. Os pássaros cantavam, o céu estava azul, a relva verde (como sempre, mas ainda assim era excelente), e ele beijara a Srta. Wynter.

Daniel quase começou a saltitar só de pensar a respeito.

Fora esplêndido. Maravilhoso. Um beijo que anulava todos os beijos que já tinha dado na vida. Na verdade, Daniel não tinha ideia do que estivera fazendo com todas as outras mulheres, porque fosse lá o que tivesse acontecido quando seus lábios tocaram os delas, *não* fora um beijo.

Não como o da noite anterior.

Quando chegou ao salão de café da manhã, Daniel ficou encantado ao ver a Srta. Wynter parada ao lado do aparador. Mas qualquer ideia de flerte foi afastada quando também viu Frances, que estava sendo orientada a colocar mais comida no prato.

– Mas eu não gosto de peixe defumado – disse a menina.

– Não precisa comer – retrucou a Srta. Wynter com enorme paciência. – Mas não vai sobreviver até a próxima refeição com apenas um pedaço de bacon no prato. Pegue alguns ovos.

– Não gosto deles desse jeito.

– Desde quando? – perguntou a Srta. Wynter, parecendo desconfiada.

Ou talvez apenas exasperada.

Frances torceu o nariz e se inclinou sobre a bandeja.

– Estão parecendo moles demais.

– O que pode ser corrigido imediatamente – anunciou Daniel, decidindo que aquele era um momento tão bom quanto outro qualquer para se fazer perceber.

– Daniel! – exclamou Frances, os olhos se iluminando de prazer.

Ele deu uma olhada rápida para a Srta. Wynter – ao que parecia, só conseguia pensar nela como Anne quando estava em seus braços. A reação dela não foi tão efusiva, mas seu rosto ficou encantadoramente ruborizado.

– Vou pedir à cozinheira que prepare uma porção fresca para você – disse ele a Frances, estendendo a mão para bagunçar os cabelos dela.

– Não vai, não – adiantou-se a Srta. Wynter com severidade. – Esses ovos estão ótimos. Seria um terrível desperdício de comida fazer outra porção.

Ele olhou para Frances e deu de ombros de forma compassiva.

– Acho que não vale a pena aborrecer a Srta. Wynter. Por que não procura alguma outra coisa de que goste?

– Não gosto de peixe defumado.

Daniel lançou um olhar para o prato rejeitado e fez uma careta.

– Eu também não. Não conheço ninguém que goste, para ser franco, a não ser minha irmã, e preciso lhe dizer que, sempre que come, ela passa o dia cheirando a peixe.

Frances arquejou com um horror exultante.

Daniel olhou para a Srta. Wynter.

– A senhorita gosta de peixe defumado?

Ela o encarou de volta.

– Muito.

– Uma pena. – Ele suspirou e se voltou para Frances. – Aliás, preciso alertar lorde Chatteris a esse respeito, agora que ele e Honoria vão se casar. Imagino que ele não vá querer beijar alguém com hálito de peixe.

Frances levou a mão à boca para abafar risadinhas extasiadas. A Srta. Wynter o fitou com uma expressão muito severa e disse:

– Não acho que esta seja uma conversa adequada para crianças.

Daniel não teve outra alternativa a não ser retrucar:

– Mas é para adultos?

A Srta. Wynter quase sorriu. Daniel percebeu que ela queria rir. Mas, por fim, respondeu:

– Não.

Ele acenou tristemente com a cabeça.

– Que pena.

– Acho que vou querer torrada – anunciou Frances. – Com um monte de geleia.

– Apenas uma colher, por favor – instruiu a Srta. Wynter.

– A babá Flanders me deixa colocar duas.

– Não sou a babá Flanders.

– Isso é verdade – declarou Daniel, baixinho.

A Srta. Wynter lhe dirigiu um olhar significativo.

– Na frente das crianças, francamente... – murmurou ele, fingindo seriedade, enquanto passava por ela, de modo que Frances não pudesse ouvir. – Onde está todo mundo? – perguntou Daniel, agora em voz alta, pegando um prato e indo direto para o bacon.

Tudo ficava melhor com bacon.

A vida era melhor com bacon.

– Elizabeth e Harriet vão descer logo – respondeu a Srta. Wynter. – Não sei sobre lady Pleinsworth e lady Sarah. O quarto delas não é aqui perto.

– Sarah morre de preguiça de levantar de manhã – comentou Frances, olhando de relance para a Srta. Wynter enquanto se servia de geleia.

Anne a encarou de volta e a menina parou na primeira colher, parecendo um pouco decepcionada quando se sentou.

– Sua tia também não costuma acordar cedo – disse a Srta. Wynter para Daniel, enquanto se servia.

Bacon, ovos, torrada, geleia, pastelão... Ela gostava muito do café da manhã, percebeu ele.

Uma grande porção de manteiga, outra porção mais moderada de geleia de laranja, e então...

Não o peixe defumado, mentalizou ele.

Mas ela pegou. Pelo menos três vezes mais do que um ser humano normal deveria consumir.

– Peixe defumado? – perguntou ele. – Há mesmo necessidade disso?

– Eu lhe disse que gostava.

Ou, mais precisamente, ele dissera a ela como o peixe servia bem como escudo contra um beijo.

– É praticamente o prato nacional da Ilha de Man – comentou ela, colocando no prato uma última fatia fina do peixe.

– Estudamos a Ilha de Man na aula de geografia – informou Frances, com desânimo. – As pessoas que moram lá são chamadas manesas. Há gatos da raça manesa. É a única coisa boa sobre o lugar. A palavra *manês*.

Daniel não conseguiu nem pensar em um comentário. Em vez disso, pigarreou e seguiu a Srta. Wynter de volta à mesa.

– Não é uma ilha muito grande – comentou ele. – Eu não teria imaginado que houvesse o que estudar a respeito do lugar.

– Pelo contrário – argumentou ela, sentando-se na diagonal de Frances. – A ilha é muito rica em história.

– E em peixe, ao que parece.

– Sim – admitiu a Srta. Wynter, pegando um pedaço de peixe com o garfo –, é a única coisa de que sinto falta do tempo que passei lá.

Daniel a encarou com curiosidade enquanto se acomodava ao lado dela, bem em frente a Frances. Era uma declaração muito estranha, vinda de uma mulher tão discreta em relação ao próprio passado.

Mas a menina interpretou o comentário de um modo completamente diferente. Com a torrada meio comida pendendo dos dedos, ela ficou paralisada, encarando a governanta com absoluto espanto.

– Então por que está *nos* fazendo estudar o lugar? – perguntou, por fim.

A Srta. Wynter olhou para ela com uma tranquilidade impressionante.

– Ora, eu dificilmente conseguiria preparar uma aula sobre a Ilha de Wight. – Ela se virou para Daniel. – Sinceramente, não sei nada sobre o lugar.

– Ela tem um argumento muito bom – disse ele a Frances. – Vai ser difícil a Srta. Wynter ensinar o que não sabe.

– Mas não tem a menor utilidade – protestou a menina. – Pelo menos a Ilha de Wight é perto. Podemos até um dia *ir* lá. A Ilha de Man é no meio do *nada*.

– No mar da Irlanda, na verdade – comentou Daniel.

– Nunca sabemos onde a vida pode nos levar – disse a Srta. Wynter, baixinho. – Posso lhe assegurar que, na sua idade, tinha absoluta certeza de que nunca colocaria os pés na Ilha de Man.

Havia uma solenidade na voz dela que prendia a atenção e nem Daniel nem Frances disseram uma palavra. Por fim, a Srta. Wynter deu de ombros de leve, tornou a se concentrar na comida e espetou outro pedaço de peixe com o garfo.

– Acho que eu nem teria conseguido localizar a Ilha de Man no mapa – comentou.

Houve outro momento de silêncio, dessa vez mais constrangido do que o anterior. Daniel decidiu que era hora de quebrá-lo e disse:

– Bem... – O que, como sempre, lhe deu tempo suficiente para pensar em algo minimamente mais inteligente para dizer. – Tenho balas de hortelã no meu escritório.

A Srta. Wynter se virou para ele com uma expressão confusa.

– O que disse?

– Ótimo! – comemorou Frances, a Ilha de Man completamente esquecida. – Adoro balas de hortelã.

– E a senhorita? – perguntou ele.

– Ela gosta também – adiantou-se Frances.

– Talvez possamos caminhar até o vilarejo para comprar algumas – sugeriu Daniel.

– Achei que você tivesse dito que havia aqui – Frances lembrou a ele.

– E há. – Ele olhou de relance para as fatias de peixe no prato da Srta. Wynter, as sobrancelhas se erguendo em alarme. – Mas tenho a impressão de que não o bastante.

– Por favor – disse a Srta. Wynter, pegando outro pedaço de peixe com o garfo e parando no meio do caminho. – Não por minha causa.

– Ah, acho que pode ser por causa de todos.

Frances encarou o primo, então Anne e novamente o primo, franzindo a testa.

– Não estou entendendo do que estão falando – afirmou, por fim.

Daniel deu um sorriso plácido para a Srta. Wynter, que optou por não responder.

– Vamos ter aula ao ar livre hoje – comentou Frances com Daniel. – Gostaria de nos acompanhar?

– Frances – intrometeu-se a Srta. Wynter, com rapidez –, estou certa de que lorde...

– Eu *adoraria* acompanhá-las – respondeu Daniel com grande elegância. – Estava mesmo pensando como o dia está maravilhoso. Tão ensolarado e quente...

– Não era ensolarado e quente na Itália? – perguntou Frances.

– Era, mas não é a mesma coisa.

Ele comeu um pedaço grande de bacon, que também não era tão saboroso na Itália. Todos os outros alimentos podiam ser melhores, mas não o bacon.

– Como assim? – disse Frances.

Ele pensou a respeito por um instante.

– A resposta mais óbvia seria que estava sempre quente demais para uma pessoa aproveitar.

– E a resposta menos óbvia? – perguntou a Srta. Wynter.

Ele sorriu, absurdamente feliz por ela ter desejado entrar na conversa.

– Temo que seja menos óbvio para mim também, mas se eu tivesse que colocar em palavras, diria que tem algo a ver com sentirmos que pertencemos a algum lugar. Ou não pertencermos, suponho.

Frances assentiu com uma expressão inteligente.

– Os dias podiam ser adoráveis – continuou Daniel. – Perfeitos, na realidade, mas nunca seriam o mesmo que um dia adorável na Inglaterra. Os cheiros eram diferentes, o ar era mais seco. A paisagem era linda, é claro, principalmente perto do mar, mas...

– Estamos perto do mar – interrompeu Frances. – Fica a uns... 15 quilômetros de Whipple Hill?

– Bem mais que isso – disse Daniel –, mas jamais se poderia comparar o canal da Mancha com o mar Tirreno. Um é verde-acinzentado e amplo e o outro é de um azul plácido.

– Adoraria ver um mar azul plácido – comentou a Srta. Wynter com um suspiro.

– É espetacular – admitiu ele. – Mas não é como um verdadeiro lar.

– Ah, mas imagine como seria divino estar no meio do mar e não se sentir horrivelmente nauseado – continuou ela.

Ele não pôde evitar uma risada.

– A senhorita enjoa muito no mar, então?

– Terrivelmente.

– Nunca sinto enjoo no mar – disse Frances.

– Você nunca esteve em alto-mar – lembrou a Srta. Wynter em um tom brincalhão.

– E por isso, nunca sinto enjoo no mar – retrucou Frances, triunfante. – Ou talvez eu devesse dizer que nunca *senti* enjoo no mar.

– Sem dúvida seria mais preciso.

– A senhorita é uma governanta e tanto – comentou Daniel, afetuosamente.

Mas o rosto dela assumiu uma expressão esquisita, como se ela não quisesse ser lembrada desse fato. Era uma clara dica para mudar de assunto, então Daniel disse:

– Já não me lembro como nossa conversa chegou ao mar Tirreno. Eu ia...

– Foi porque eu estava perguntando sobre a Itália – falou Frances, prestativa.

– ... ia dizer – continuou Daniel tranquilamente, já que sabia muito bem por que haviam chegado àquele assunto – que adoraria me juntar a vocês em sua aula *en plein air*.

– Isso significa ao ar livre – disse Frances à Srta. Wynter.

– Eu sei – murmurou ela.

– Eu sei que sabe – retrucou Frances. – Só queria me certificar de que soubesse que *eu* sei.

Elizabeth apareceu, então, e, enquanto Frances se certificava de que *a irmã* sabia o significado de *en plein air*, Daniel se virou para a Srta. Wynter e comentou:

– Espero não ser invasivo se acompanhá-las na aula de hoje à tarde.

Ele sabia muito bem que ela não poderia dizer nada além de "É claro que não" (que foi exatamente o que disse). Mas parecia uma frase tão boa quanto qualquer outra para começar uma conversa. Daniel esperou até ela terminar de comer os ovos e acrescentou:

– Eu ficaria feliz em ajudar de qualquer modo que puder.

Ela limpou a boca delicadamente com o guardanapo e disse:

– Estou certa de que as meninas achariam muito mais interessante se o senhor participasse das lições.

– E a senhorita? – perguntou ele, com um sorriso caloroso.

– Eu também acharia interessante – respondeu ela, com um toque de malícia.

– Então, será isso que farei – disse Daniel. Em seguida franziu a testa. – Não planeja fazer nenhuma dissecção hoje, não é mesmo?

– Fazemos apenas vivissecções em minhas aulas – falou ela, com a expressão absolutamente séria.

Ele riu, alto o bastante para que Elizabeth, Frances e Harriet, que também descera, se virassem em sua direção. Foi impressionante, porque

as três não se pareciam muito fisicamente, mas naquele momento, com a mesma expressão de curiosidade, pareciam idênticas.

– Lorde Winstead estava perguntando sobre nosso plano de aula de hoje – explicou a Srta. Wynter.

Houve um momento de silêncio. Então as meninas devem ter decidido que o assunto não era animador o bastante e voltaram a atenção para a comida.

– O que vamos estudar esta tarde? – quis saber Daniel.

– Esta tarde? – ecoou a Srta. Wynter. – Espero que todos estejam prontos para a aula às dez e meia da manhã.

– Essa manhã, então – consertou ele, devidamente repreendido.

– Primeiro geografia... – disse ela, e quando as três cabecinhas se voltaram revoltadas em sua direção, acrescentou: – Não a Ilha de Man. Depois, um pouco de aritmética, e por fim vamos nos concentrar em literatura.

– Minha matéria favorita! – comemorou Harriet, enquanto se sentava perto de Frances.

– Eu sei – retrucou a Srta. Wynter, sorrindo com indulgência para a menina. – É por isso que vamos guardar para o final. É o único modo de eu conseguir garantir sua atenção durante o dia inteiro.

Harriet sorriu, envergonhada, então se animou subitamente.

– Podemos ler uma das minhas histórias?

– Você sabe que estamos estudando as histórias de Shakespeare – disse a Srta. Wynter em um tom de desculpas –, e... – Ela parou de repente. De repente demais.

– E o quê? – perguntou Frances.

A Srta. Wynter olhou para Harriet, depois para Daniel e, bem no momento em que ele começou a se sentir como um cordeiro indo para o sacrifício, ela se virou para Harriet e perguntou:

– Você trouxe as suas peças?

– É claro. Não vou a lugar nenhum sem elas.

– Porque nunca se sabe quando pode aparecer a oportunidade de encenarem uma delas? – comentou Elizabeth, com certa maldade.

– Ora, isso também – retrucou Harriet, ignorando a implicância da irmã, ou (e Daniel achava que essa era a hipótese mais provável) simplesmente não se dando conta. – Mas meu grande medo – continuou – é de um incêndio.

Ele *sabia* que não deveria perguntar, mas não conseguiu se controlar.

– Incêndio?

– Em casa – afirmou a menina. – E se a Casa Pleinsworth pegar fogo até não sobrar nada enquanto estivermos aqui em Berkshire? O trabalho da minha vida estará perdido.

Elizabeth bufou.

– Se a Casa Pleinsworth queimar até não sobrar nada, eu lhe asseguro de que haverá preocupações muito maiores do que a perda de seus rabiscos.

– Já eu tenho medo de chuva de granizo – anunciou Frances. – E de gafanhotos.

– Já leu alguma peça da sua prima? – perguntou a Srta. Wynter a Daniel, em um tom inocente.

Ele balançou a cabeça.

– São muito semelhantes a esta conversa, na verdade – comentou ela, então, enquanto Daniel ainda absorvia *aquela* informação, Anne mudou de assuntou e anunciou: – Boas notícias, meninas! Hoje, em vez de *Henrique VI Parte II*, estudaremos uma das peças de Harriet.

– *Estudaremos*? – perguntou Elizabeth, horrorizada.

– Leremos – corrigiu a Srta. Wynter, e em seguida virou-se para Harriet. – Pode escolher qual delas.

– Ah, meu Deus, isso vai ser difícil – retrucou Harriet, pousando o garfo e levando a mão ao peito.

– *Não* a do sapo – exigiu Frances. – Porque você sabe que eu terei que ser o sapo.

– Você faz um sapo ótimo – comentou a Srta. Wynter, solidária.

Daniel se manteve quieto, observando a conversa com interesse. E pavor.

– Mesmo assim – retrucou Frances, dando uma fungadinha.

– Não se preocupe, Frances – disse Harriet, dando um tapinha carinhoso na mão da irmã –, não vamos encenar *O pântano dos sapos*. Escrevi essa peça há anos. Meu trabalho mais recente é muito mais sutil.

– Até que ponto já avançou na peça que estava escrevendo sobre Henrique VIII? – perguntou a Srta. Wynter.

– Algum desejo de ver sua cabeça cortada? – murmurou Daniel. – Ela quer escalá-la para viver Ana Bolena, não quer?

– Não está pronta – retrucou Harriet. – Preciso revisar o primeiro ato.

– Eu disse a ela que precisa de um unicórnio – comentou Frances.

Daniel manteve o olhar nas primas, mas inclinou-se na direção da Srta. Wynter.

– Terei que fazer o papel de um unicórnio?

– Se tiver sorte.

Ele se virou para encará-la.

– O que *isso* signifi...

– Harriet! – chamou Anne. – *Temos* que escolher uma peça.

– Muito bem – disse Harriet, sentando excepcionalmente ereta na cadeira. – Acho que deveríamos encenar...

CAPÍTULO 10

— *A triste e estranha tragédia de lorde Finstead*???????

A reação de Daniel poderia ser resumida em duas palavras: *Oh* e *não*.

– O final é realmente muito auspicioso – garantiu Harriet a ele.

A expressão do conde, que ele tinha certeza de que era algo entre *estupefata* e *horrorizada*, se tornou também *desconfiada*.

– Existe a palavra *tragédia* no título.

Harriet franziu a testa.

– Talvez eu tenha que mudar isso.

– Não acho que vá funcionar muito bem como *A triste e estranha comédia* – intrometeu-se Frances.

– Não, não – refletiu Harriet. – Eu teria que retrabalhá-la completamente.

– Mas *Finstead* – insistiu Daniel. – Tem certeza?

Harriet olhou para ele.

– Acha que lembra demais o nome de um peixe?

Nesse momento a Srta. Wynter não conseguiu mais segurar o riso, e ele escapou em um jato de ovos e bacon.

– Ah! – exclamou ela, mas foi difícil sentir qualquer empatia por seu constrangimento. – Desculpem, ah, meu Deus, isso foi tão grosseiro... Mas...

Ela talvez pretendesse dizer mais alguma coisa. Daniel não pôde saber, já que o riso dominou-a de novo, impossibilitando qualquer discurso inteligível.

– Ainda bem que você está usando amarelo – disse Elizabeth a Frances.

Frances olhou para o vestido, deu de ombros, então limpou-o ligeiramente com o guardanapo.

– É uma pena que o tecido não tenha raminhos de flores vermelhas – acrescentou Elizabeth. – Para fazer as vezes de bacon, você sabe.

Ela se virou para Daniel, como se esperasse algum tipo de confirmação, mas ele não queria fazer parte de nenhuma conversa que incluísse a origem de bacon parcialmente digerido, por isso virou-se para a Srta. Wynter e disse:

– Ajude-me. Por favor.

Ela assentiu com certo embaraço (mas nem perto do embaraço que deveria demonstrar) e se virou para Harriet.

– Acho que lorde Winstead está se referindo às rimas possíveis com o título.

Harriet piscou algumas vezes, confusa.

– Ah, pelo amor de Deus – impacientou-se Elizabeth. – *Finstead... Winstead...*

O arquejo de Harriet quase sugou todo o ar do cômodo.

– Ah! Eu não havia percebido! – exclamou ela.

– Obviamente – comentou a irmã com uma voz arrastada.

– Eu devia estar pensando em você quando escrevi a peça – disse Harriet para Daniel.

Pela expressão dela, ele percebeu que deveria se sentir lisonjeado, por isso tentou sorrir.

– O senhor estava sempre nos pensamentos delas – comentou a Srta. Wynter.

– Vamos precisar trocar o nome – afirmou Harriet com um suspiro exausto. – Vai dar um trabalho enorme. Terei que copiar novamente toda a peça. Lorde Finstead está em quase todas as cenas, sabe? – Ela se virou para Daniel. – Ele é o protagonista.

– Já havia imaginado – retrucou ele com certo sarcasmo.

– Terá que fazer o papel dele.

Daniel se virou para a Srta. Wynter.

– Não há como escapar disso, há?

Ela parecia estar se divertindo terrivelmente, a traidorazinha.

– Temo que não.

– Há um unicórnio na peça? – perguntou Frances. – Eu faço um excelente unicórnio.

– Acho que *eu* preferia ser o unicórnio – falou Daniel em um tom melancólico.

– Bobagem! – exclamou a Srta. Wynter em um tom animado. – O senhor tem que interpretar o nosso herói.

Ao que Frances naturalmente retrucou:

– Unicórnios podem ser heróis.

– Vamos parar de falar de unicórnios! – implorou Elizabeth.

Frances segurou a língua.

– Harriet – chamou a Srta. Wynter. – Como lorde Winstead ainda não leu a sua peça, talvez você possa contar a ele sobre o personagem que vai interpretar.

A menina virou-se ofegante de animação para o primo.

– Ah, você vai adorar ser lorde Finstead. Ele já foi muito belo.

Daniel pigarreou.

– Já foi?

– Houve um incêndio – explicou Harriet, terminando com um suspiro triste que Daniel presumiu ser normalmente reservado para vítimas de incêndios de verdade.

– Espere um momento – disse ele, virando-se para a Srta. Wynter com um alarme crescente. – O incêndio não ocorre no palco, não é?

– Ah, não – respondeu Harriet antes que Anne tivesse chance de falar. – Lorde Finstead já está gravemente desfigurado quando a peça começa. – Então, em um arrojo de prudência que foi ao mesmo tempo tranquilizador e surpreendente, acrescentou: – Seria perigoso demais criar um incêndio no palco.

– Bem, isso é...

– Além do mais – interrompeu Harriet –, isso dificilmente seria necessário para ajudá-lo com seu personagem. Você já está... – Ela indicou o próprio rosto com a mão, traçando um círculo.

Daniel não tinha ideia do que a prima estava fazendo.

– Seus machucados – disse Frances em um sussurro bem alto.

– Ah, sim – respondeu Daniel. – Sim, é claro. Infelizmente, sei mesmo um pouco sobre rostos desfigurados no momento.

– Pelo menos não vai precisar de maquiagem – comentou Elizabeth.

Daniel estava agradecendo a Deus pelas pequenas bênçãos, mas então Harriet disse:

– Bem, a não ser pela verruga.

A gratidão de Daniel desapareceu de imediato.

– Harriet – falou à prima, olhando-a nos olhos como faria com um adulto –, preciso lhe dizer que nunca tive qualquer talento dramático.

A menina descartou o comentário com um aceno da mão, como faria para espantar um mosquito.

– É isso que é tão maravilhoso em minhas peças. Qualquer um pode se divertir.

– Não sei – disse Frances. – Não gostei de fazer aquele sapo. Minhas pernas ficaram doendo no dia seguinte.

– Talvez *devêssemos* escolher *O pântano dos sapos* – comentou a Srta. Wynter em um tom inocente. – Aquele tom específico de verde é a última moda no guarda-roupa masculino este ano. Sem dúvida lorde Winstead deve ter algo dessa cor em seu guarda-roupa.

– *Não* vou interpretar um sapo. – Os olhos dele se estreitaram maldosamente. – A menos que a senhorita faça o mesmo.

– Há apenas um sapo na peça – esclareceu Harriet em um tom despreocupado.

– Mas o título não é *O pântano dos sapos*? – perguntou ele, embora devesse ter evitado. – No plural?

Santo Deus, toda aquela conversa o estava deixando zonzo.

– Essa é a ironia – explicou a menina, e Daniel conseguiu se conter antes de perguntar o que ela queria dizer com aquilo, porque não preenchia nenhum requisito de ironia que ele conhecesse.

O cérebro dele doía.

– Acho que seria melhor se o primo Daniel lesse a peça por si mesmo – sugeriu Harriet, e o encarou. – Vou pegá-la logo depois do café da manhã. Você pode ler enquanto assistimos às nossas aulas de geografia e aritmética.

Ele tinha a sensação de que teria preferido estudar geografia e aritmética. E nem sequer *gostava* de geografia. *Ou* de aritmética.

– Terei que pensar em um novo nome para lorde Finstead – continuou Harriet. – Se não, todos vão presumir que é mesmo você, Daniel. O que, é claro, não é verdade. A menos que...

Ela se interrompeu, muito possivelmente para garantir um efeito dramático.

– A menos que o quê? – perguntou ele, embora estivesse quase certo de que não queria ouvir a resposta.

– Bem, você nunca cavalgou um garanhão de costas, não é mesmo?

Ele abriu a boca, mas não saiu nem um som. Sem dúvida ele seria perdoado por isso, porque, sinceramente... Um garanhão? De costas?

– Daniel? – instou-o Elizabeth.

– Não – conseguiu enfim dizer ele. – Nunca.

Harriet balançou a cabeça, lamentando.

– Não achei mesmo que teria cavalgado.

E Daniel teve a sensação de não estar à altura, de certa forma. O que era ridículo. E incômodo.

– Tenho certeza de que não há um só homem neste mundo que consiga montar um garanhão de costas – disse ele.

– Bem, acho que isso depende – comentou a Srta. Wynter.

Daniel não podia acreditar que ela estava encorajando aquilo.

– Não consigo imaginar do quê.

Ela girou uma das mãos no ar, até a palma estar virada para cima, como se esperasse que uma resposta caísse do céu.

– O homem está sentado de costas no cavalo ou é o cavalo que está andando de costas?

– As duas coisas – retrucou Harriet.

– Bem, então não acho que seja possível – retrucou a Srta. Wynter, e Daniel quase achou que ela estava levando a conversa a sério.

No último momento, ela se virou e ele viu os cantos de sua boca rígidos na tentativa de não rir. A malvada estava zombando dele.

Ah, mas ela tinha escolhido o oponente errado. Ele era um homem com cinco irmãs. A Srta. Wynter não tinha chance.

Daniel virou-se para Harriet.

– Que papel a Srta. Wynter vai interpretar? – perguntou.

– Ah, não representarei nenhum papel – interveio Anne. – Nunca represento.

– E por quê?

– Eu supervisiono.

– Eu posso supervisionar – ofereceu-se Frances.

– Ah, não, você não pode – disse Elizabeth, com a velocidade e a veemência de uma verdadeira irmã mais velha.

– Se alguém vai supervisionar, deve ser eu – afirmou Harriet. – Eu escrevi a peça.

Daniel descansou o cotovelo sobre a mesa, apoiou o queixo na mão e examinou a Srta. Wynter de um modo cuidadosamente estudado por tempo

o bastante para fazê-la se inquietar, nervosa, no assento. Por fim, incapaz de suportar o olhar dele por nem mais um segundo, ela falou:

– O que é?

– Ah, nada, nada – disse Daniel, suspirando. – Estava só pensando que a senhorita não parecia uma covarde.

As três meninas Pleinsworths arquejaram de forma idêntica e arregalaram os olhos, indo de Daniel para a Srta. Wynter e voltando, como se estivessem acompanhando uma partida de tênis.

O que, de certa forma, era o que estava acontecendo. E com certeza era a vez da Srta. Wynter de sacar.

– Não é covardia – retrucou ela. – Lady Pleinsworth me contratou para guiar essas três meninas até a idade adulta, de modo que sejam capazes de se juntar à companhia de mulheres educadas. – E enquanto Daniel tentava acompanhar aquele raciocínio incoerente, Anne acrescentou: – Estou apenas fazendo o trabalho para o qual fui contratada.

As três meninas demoraram o olhar por mais um instante na Srta. Wynter, então se voltaram para Daniel.

– Um nobre empreendimento, sem dúvida – disse ele –, mas com certeza o aprendizado das meninas só ganhará ao observarem seu ótimo exemplo.

E os olhos delas estavam de novo grudados na Srta. Wynter.

– Ah – disse ela, e Daniel teve certeza de que estava tentando ganhar tempo –, mas em meus muitos anos como governanta, aprendi que meus talentos não residem em atividades teatrais. Não gostaria de poluir a cabecinha delas com um talento tão deplorável quanto o meu.

– Seus talentos dramáticos dificilmente podem ser piores do que os meus.

A Srta. Wynter estreitou os olhos.

– Isso talvez seja verdade, mas o senhor não é a governanta delas.

Foi a vez dele de estreitar os olhos.

– Isso com certeza é verdade, mas nem um pouco relevante.

– *Au contraire* – disse ela, com um prazer óbvio. – Como primo delas, não é esperado que o senhor seja um exemplo de comportamento feminino.

Daniel se inclinou para a frente.

– Está se divertindo, não está?

Ela sorriu. Talvez um pouco.

– Muito.

– Acho que isso talvez seja melhor do que a peça de Harriet – comentou Frances, os olhos seguindo junto com os das irmãs de volta para Daniel.

– Estou anotando tudo – garantiu Harriet.

Daniel olhou para a prima. Não conseguiu evitar. Tinha certeza de que o único objeto que Harriet estava segurando era um garfo.

– Bem, estou guardando tudo de memória, para escrever em uma oportunidade futura – corrigiu ela.

Daniel virou-se mais uma vez para a Srta. Wynter. Ela parecia tão terrivelmente correta, sentada na cadeira em sua postura perfeita. Os cabelos escuros estavam presos para trás no coque obrigatório, todas as mechas firmes no lugar. Não havia nada nela que fosse nem de longe fora do comum, e ainda assim...

Ela era radiante.

Aos olhos dele, pelo menos. Provavelmente aos olhos de todos os homens da Inglaterra. Se Harriet, Elizabeth e Frances não conseguiam ver isso era por serem, ora, mulheres. E como ainda eram muito meninas, não a viam como rival. Intocadas pela inveja ou pelo preconceito, elas enxergavam a governanta do modo como Daniel achava que ela queria ser vista – como uma pessoa leal, inteligente, com uma personalidade firme e sagaz.

E bonita, é claro. Era estranho, e Daniel não sabia como lhe surgira a ideia, mas ele tinha a sensação de que a Srta. Wynter gostava de ser linda na mesma medida em que odiava.

E Daniel a achava ainda mais fascinante por isso.

– Diga-me, Srta. Wynter – falou ele, finalmente, escolhendo as palavras com lentidão deliberada –, já *tentou* atuar em uma das peças de Harriet?

Ela cerrou os lábios. Fora encurralada com uma pergunta de resposta sim ou não, e não estava satisfeita com isso.

– Não – retrucou.

– Não acha que está na hora?

– Na verdade, não.

Ele manteve os olhos fixos nos dela.

– Se eu participar da peça, a senhorita também participará.

– Seria muito útil – garantiu Harriet. – Há vinte personagens, Srta. Wynter, e sem a senhorita, cada uma de nós teria que fazer cinco papéis.

– Se a senhorita também participar – acrescentou Frances –, só teríamos que fazer quatro personagens cada.

– O que – concluiu Elizabeth, triunfante – é uma redução de vinte por cento!

Daniel ainda estava com o queixo pousado na mão, e inclinou a cabeça muito ligeiramente para o lado, para dar a impressão de uma admiração crescente.

– Nenhum elogio para a excelente aplicação dos talentos delas em aritmética, Srta. Wynter?

Ela olhou ao redor, pronta para entrar em combustão espontânea – não que Daniel pudesse culpá-la, já que todas estavam conspirando contra ela. Mas a governanta dentro dela foi incapaz de resistir e comentou:

– Eu disse a vocês que ainda achariam útil saber somar e multiplicar de cabeça.

Os olhos de Harriet brilharam de empolgação.

– Então isso significa que a senhorita vai se juntar a nós?

Daniel não sabia como ela reagiria a essa interpretação, mas não deixaria a oportunidade passar, por isso demonstrou seu apoio imediatamente:

– Muito bem, Srta. Wynter. Todos devemos nos aventurar fora de nossa zona de conforto uma vez ou outra. Estou muito orgulhoso da senhorita.

O olhar que ela lhe dirigiu dizia claramente: *Vou arrancar suas tripas, seu desgraçado pomposo.* Mas é claro que ela jamais diria uma coisa dessas na frente das crianças, o que significava que Daniel poderia observar feliz enquanto ela fervia de raiva.

Xeque-mate!

– Srta. Wynter, acho que deveria ser a rainha má – sugeriu Harriet.

– Há uma rainha má? – perguntou Daniel, obviamente encantado.

– É claro que há – retrucou Harriet. – Toda boa peça tem uma rainha má.

Frances chegou a erguer a mão.

– E um unic...

– Não diga isso – grunhiu Elizabeth.

Frances ficou vesga, colocou a faca diante da testa, imitando um chifre, e relinchou.

– Está combinado, então – disse Harriet, decidida. – Daniel será lorde Finstead – ela levantou a mão, detendo qualquer comentário –, que não será lorde Finstead, terá algum outro nome em que pensarei mais tarde. A Srta. Wynter será a rainha má, Elizabeth será... – A menina estreitou os olhos e encarou a irmã, que sustentou seu olhar com enorme desconfiança. – Elizabeth será a linda princesa – anunciou finalmente, para grande deleite da irmã.

– E quanto a mim? – perguntou Frances.

– O açougueiro – respondeu Harriet sem um segundo de hesitação.

Frances imediatamente abriu a boca para protestar.

– Não, não – interrompeu Harriet. – É o melhor papel, eu juro. Você consegue interpretar tudo.

– A não ser um unicórnio – murmurou Daniel.

Frances inclinou a cabeça para o lado com uma expressão resignada.

– Na próxima peça – cedeu Harriet, finalmente. – Vou encontrar um modo de incluir um unicórnio na peça em que estou trabalhando no momento.

Frances ergueu os dois punhos no ar.

– Viva!

– Mas só se você parar de falar sobre unicórnios agora.

– Eu apoio – disse Elizabeth para ninguém em particular.

– Muito bem – concordou Frances. – Chega de unicórnios. Pelo menos não onde vocês possam me ouvir.

Harriet e Elizabeth pareciam prestes a reclamar disso, mas a Srta. Wynter intercedeu e disse:

– Acho mais do que justo. Vocês não podem impedi-la totalmente de falar sobre eles.

– Então está combinado – disse Harriet. – Mais tarde precisaremos decidir os papéis secundários.

– E quanto a você? – quis saber Elizabeth.

– Ah, eu vou ser a deusa do sol e da lua.

– Essa história fica cada vez mais estranha – comentou Daniel.

– Espere só até o sétimo ato – disse a Srta. Wynter a ele.

– Sétimo? – Daniel levantou rapidamente a cabeça. – A peça tem sete atos?

– Doze – corrigiu Harriet. – Mas não se preocupe, você só aparecerá em onze deles. Agora, Srta. Wynter, quando propõe que comecemos os

ensaios? Há uma clareira perto do coreto que seria o lugar ideal.

A Srta. Wynter se virou para Daniel esperando sua autorização. Ele apenas deu de ombros.

– Harriet é a dramaturga.

Ela assentiu e se voltou para as meninas.

– Eu ia dizer que poderíamos começar depois das outras aulas, mas como são doze atos para ensaiar, lhes darei um dia de folga de geografia e aritmética.

As meninas aplaudiram entusiasmadas e até mesmo Daniel se deixou contagiar pela alegria geral.

– Bem, não é todo dia que se consegue ser estranho *e* triste – comentou ele com a Srta. Wynter.

– Ou má.

Ele riu.

– Ou má. – Então algo lhe ocorreu. Um pensamento triste e estranho. – Eu não morro no fim, não é?

Ela balançou a cabeça.

– Devo dizer que isso é um alívio. Sou péssimo interpretando cadáveres.

A Srta. Wynter riu, ou melhor, manteve os lábios firmemente cerrados enquanto tentava não rir. As meninas não paravam de tagarelar enquanto acabavam de tomar o café da manhã, e logo saíram em disparada da sala. Restaram apenas ele e a Srta. Wynter, sentada a seu lado, os dois com o prato à frente, o sol quente entrando pelas janelas.

– Estou me perguntando se devemos ser atrevidos também – disse Daniel.

O garfo dela caiu sobre o prato.

– O que disse?

– Triste, estranho e mau são boas características, mas eu gostaria de ser atrevido. A senhorita não?

Anne entreabriu os lábios e ele ouviu o ar escapando em um arquejo baixo. O som fez a pele de Daniel se arrepiar, e o levou a querer beijá-la.

Mas tudo parecia levá-lo a querer beijá-la. Daniel se sentia como um adolescente de novo, sempre excitado – só que, no momento, o objeto do seu desejo era mais específico. Na época da universidade, ele flertara com todas as mulheres que conhecera, roubando beijos ou, melhor dizendo, aceitando-os quando eram livremente oferecidos.

Agora era diferente. Não queria uma mulher. Queria *aquela* mulher. E achou que se tivesse que passar a tarde sendo estranho, triste e desfigurado só para estar na companhia dela, valeria muito a pena.

Então Daniel se lembrou da verruga.

Ele se virou para a Srta. Wynter e disse com firmeza:

– Não vou colocar uma verruga.

Francamente, um homem precisava estabelecer limites em algum momento.

CAPÍTULO 11

Seis horas mais tarde, enquanto Anne ajustava a faixa negra que supostamente indicaria que ela era a rainha má, teve que admitir que não conseguia se lembrar de uma tarde mais agradável.

Absurda, sim. Sem nenhum valor acadêmico, com certeza. Mas, ainda assim, completa e absolutamente deliciosa.

Ela se divertira.

Não conseguia se lembrar da última vez que isso acontecera.

Eles passaram o dia todo ensaiando (não que planejassem realmente apresentar *A triste e estranha tragédia do lorde que não era Finstead* diante de uma plateia), e Anne não conseguiria nem começar a contar o número de vezes que tivera que parar, o corpo todo curvado de tanto rir.

– Tu jamais ferirás minha filha! – exclamou em uma voz impostada, acenando com um graveto no ar.

Elizabeth se abaixou.

– Ah! – Anne se encolheu. – Sinto muito. Você está bem?

– Estou ótima – garantiu Elizabeth. – Eu..

– Srta. Wynter, está saindo de novo do personagem! – repreendeu Harriet.

– Eu quase acertei Elizabeth – explicou Anne.

– Não importa.

Elizabeth bufou, indignada.

– *Eu* me importo.

– Talvez a senhorita não devesse usar um graveto – comentou Frances.

Harriet lançou um olhar de desdém para a irmã antes de se virar para o resto do grupo.

– Podemos retornar ao roteiro? – disse ela em uma voz tão empertigada que resvalou rapidamente no sarcasmo.

– É claro – disse Anne, olhando para o roteiro. – Onde estamos? Ah, sim, não ferir minha filha e tudo mais.

– *Srta. Wynter*.

– Ah, não, eu não estava dizendo a fala. Estava só tentando encontrá-la. – Ela pigarreou e acenou com o graveto no ar, a uma boa distância de Elizabeth. – Tu jamais ferirás minha filha!

Anne jamais saberia como conseguiu dizer isso sem rir.

– Não quero feri-la – disse lorde Winstead, em um tom dramático o bastante para fazer uma plateia do teatro Drury Lane chorar. – Quero me casar com ela.

– Nunca.

– Não, não, não, Srta. Wynter! – exclamou Harriet. – A senhorita não está parecendo nada aborrecida.

– Ora, não estou mesmo – admitiu Anne. – A filha é um tanto tola. Acho que a rainha má ficaria feliz por se ver livre dela.

Harriet deixou escapar um suspiro muito sofrido.

– Seja como for, a *rainha* má não acha a filha uma tola.

– Eu a acho tola – declarou Elizabeth.

– Mas você é a filha – apontou Harriet.

– Eu sei! Passei o dia lendo as falas dela. A moça é uma idiota.

Enquanto as duas discutiam, lorde Winstead se aproximou mais de Anne e disse:

– Sinceramente, sinto-me como um velho lascivo, tentando me casar com Elizabeth.

Ela riu.

– Acho que a senhorita não consideraria a hipótese de trocar de papéis.

– Com o senhor?

Ele fez uma careta.

– Com Elizabeth.

– Depois de o senhor ter dito que eu daria uma rainha má perfeita? Acho que não.

Ele se inclinou um pouco mais para perto.

– Não quero discutir por bobagens, mas acho que disse que a senhorita faria *perfeitamente* uma rainha má.

– Ah, sim. Isso é muito melhor. – Ela franziu a testa. – Viu Frances?

Ele inclinou a cabeça para a direita.

– Acho que ela está fuçando os arbustos.

Anne seguiu o olhar dele, inquieta.

– Fuçando?

– Ela me disse que estava treinando para a próxima peça.

Anne o encarou sem entender.

– Para quando conseguir ser um unicórnio.

– Ah, é claro. – Ela riu. – Ela é bastante tenaz, nossa Frances.

Lorde Winstead sorriu e Anne sentiu um frio na barriga. Ele tinha um sorriso tão encantador... Travesso e malicioso, mas com... Anne não tinha ideia de como descrever, a não ser dizendo que ele era um bom homem, um homem honrado que sabia discernir o certo do errado, e não importava quão travessos seus sorrisos fossem...

Ela sabia que ele não a magoaria.

Mesmo que o próprio pai dela não tivesse se provado tão confiável.

– A senhorita ficou muito séria de repente – comentou lorde Winstead.

Anne piscou várias vezes para sair do devaneio.

– Ah, não é nada – disse rapidamente, esperando não estar ruborizada.

Às vezes precisava lembrar a si mesma de que ele não tinha a capacidade de ler seus pensamentos. Ela olhou para Harriet e Elizabeth, que ainda discutiam, embora agora houvessem abandonado o assunto da inteligência (ou da ausência dela) da linda princesa e começado a falar de...

Santo Deus, elas estava discutindo sobre javalis?

– Acho melhor fazermos um intervalo – sugeriu Anne.

– Vou lhe dizer uma coisa – falou lorde Winstead. – Eu *não* vou interpretar o javali.

– Acho que não precisa se preocupar com essa possibilidade – tranquilizou-o Anne. – Frances certamente agarrará esse papel com unhas e dentes.

O conde a encarou, ela devolveu o olhar e os dois caíram na gargalhada. Riram tanto que Harriet e Elizabeth até pararam de discutir.

– O que é tão engraçado? – perguntou Harriet.

Logo em seguida, Elizabeth acrescentou, extremamente desconfiada:

– Estão rindo de mim?

– Estamos rindo de todo mundo – esclareceu lorde Winstead, secando as lágrimas de riso. – Até de nós mesmos.

– Estou faminta – anunciou Frances, emergindo dos arbustos.

Havia algumas folhas presas ao vestido dela e um pequeno graveto projetando-se da lateral de sua cabeça. Anne não achava que aquilo servisse como um chifre de unicórnio, mas, de qualquer modo, o efeito era absolutamente encantador.

– Também estou faminta – disse Harriet, com um suspiro.

– Por que uma de vocês não corre até a casa e pede uma cesta de piquenique na cozinha? – sugeriu Anne. – Todos estamos precisando de um pouco de sustância.

– Eu irei – ofereceu-se Frances.

– Irei com você – disse Harriet. – Minhas melhores ideias surgem quando estou caminhando.

Elizabeth olhou para as irmãs, então para os adultos.

– Bem, não vou ficar aqui sozinha – disse.

Ao que parecia, os adultos não contavam como uma companhia adequada. Assim, as três meninas seguiram em direção à casa, a princípio num passo rápido, então muito rápido, até se transformar em uma corrida.

Anne observou-as sumirem depois de uma elevação. Ela provavelmente não deveria estar ali sozinha com lorde Winstead, mas era difícil apresentar qualquer objeção. Estavam no meio do dia, ao ar livre e, além disso, ela se divertira tanto naquela tarde que achava que não conseguiria fazer qualquer objeção a nada naquele momento.

Anne estava sorrindo, e queria continuar com aquele sorriso no rosto.

– Acho que a senhorita poderia remover a faixa – sugeriu lorde Winstead. – Ninguém precisa ser mau o tempo todo.

Anne riu e deslizou os dedos pela fita negra.

– Não sei... Acho que estou até gostando de ser má.

– E com razão. Devo confessar que sinto bastante inveja de suas maldades. O pobre lorde Finstead, ou seja qual for o nome que ele venha a ter, poderia ser um pouco mais malévolo. Ele é um camarada bastante sem sorte.

– Ah, mas ele fica com a princesa no final – lembrou Anne –, e a rainha má terá que passar o resto da vida em um sótão.

– O que levanta uma questão – disse ele, virando-se na direção dela com a testa franzida. – Por que a história de lorde Finstead é triste? A parte do estranho está muito clara, mas se a rainha má termina em um sótão...

– No sótão *dele* – interrompeu Anne.

– Ah. – Ele parecia estar tentando não rir. – Ora, isso muda tudo.

Então eles não conseguiram mais se controlar e começaram a rir. Juntos.

De novo.

– Nossa, também estou com fome – comentou Anne, depois que sua crise de riso passou. – Espero que as meninas não demorem.

Então ela sentiu lorde Winstead pegar sua mão.

– Espero que demorem bastante – murmurou ele.

O conde puxou-a para junto de si, e Anne deixou, feliz demais no momento para se lembrar de todos os motivos pelos quais ele certamente partiria seu coração.

– Eu lhe disse que a beijaria de novo – sussurrou ele.

– O senhor me disse que tentaria.

Os lábios dele tocaram os dela.

– Eu sabia que teria sucesso.

Ele a beijou de novo, e Anne o afastou, mas só alguns centímetros.

– O senhor é muito seguro de si.

– Aham...

Os lábios de lorde Winstead encontraram os cantos da boca de Anne, então deslizaram suavemente pela pele dela até que a jovem não conseguiu mais se conter e inclinou a cabeça para trás, para lhe dar acesso ao seu pescoço.

A peliça dela escorregou, expondo mais um pedaço da pele de Anne ao ar frio da tarde, e ele a beijou ao longo do decote do vestido, antes de voltar a capturar sua boca.

– Santo Deus, eu a quero tanto – disse ele, a voz muito rouca.

O conde a abraçou com mais força, com as mãos encaixadas no traseiro dela, puxando-a para si... até ela ser dominada por uma urgência desesperada de passar as pernas ao redor dele. Era o que ele queria e, que Deus a ajudasse, era o que Anne também queria.

Ela deu graças aos céus pela saia que usava, que provavelmente era a única coisa que a impedia de se comportar com a mais absoluta falta de decoro. Mas ainda assim, quando o conde enfiou uma das mãos em seu decote, ela não recuou. E quando a palma da mão dele roçou gentilmente o mamilo dela, tudo o que Anne fez foi gemer.

Aquilo precisava parar. Só que não naquele instante.

– Sonhei com a senhorita ontem à noite – sussurrou ele junto à pele dela. – Quer saber como foi?

Ela balançou a cabeça, embora quisesse, sim, desesperadamente. Mas conhecia seus limites. Não poderia ir mais além naquele caminho. Se ouvisse os sonhos dele, se ouvisse as palavras saírem de seus lábios como uma chuva morna e suave sobre ela, iria desejar tudo o que ele dissesse.

E doía demais querer algo que jamais poderia ter.

– Com o que a senhorita sonha? – perguntou ele.

– Não sonho – retrucou Anne.

Ele ficou imóvel, então se afastou para encará-la. Os olhos dele – daquele fantástico azul cintilante – estavam cheios de curiosidade. E talvez um toque de tristeza.

– Não sonho – repetiu ela. – Há anos.

Anne deu de ombros. Era uma coisa muito normal para ela agora, e até aquele momento nunca lhe ocorrera como poderia soar estranho para os outros.

– Mas sonhava quando era criança?

Ela assentiu. Não pensara realmente naquilo antes, ou talvez apenas nunca tivesse querido pensar. Mas se sonhara desde que deixara Northumberland, oito anos antes, não se lembrava. Toda manhã, antes de abrir os olhos, não havia nada além do negro da noite. Um espaço absolutamente vazio, preenchido com o mais absoluto nada. Nenhuma esperança. Nenhum sonho.

Mas também não havia pesadelos.

Parecia um pequeno preço a pagar por isso. Anne passava várias de suas horas despertas preocupando-se com George Chervil e com sua busca insana por vingança.

– Não acha isso estranho? – perguntou o conde.

– O fato de não sonhar?

Anne tinha entendido o que ele queria dizer, mas por alguma razão precisava declarar o fato em voz alta.

Lorde Winstead assentiu.

– Não – afirmou ela.

Sua voz saiu inexpressiva, mas firme. Talvez fosse estranho, mas também era seguro.

Daniel não disse nada, mas seus olhos buscaram os dela com uma intensidade penetrante até Anne ter que desviar o olhar. Ele estava vendo

de mais dela. Em menos de uma semana aquele homem descobrira mais sobre Anne do que ela revelara a qualquer pessoa nos últimos oito anos. Era inquietante.

E perigoso.

Anne se afastou do abraço dele com relutância, mantendo-se a uma distância mínima em que o conde não conseguisse alcançá-la. Então, abaixou-se para pegar a peliça que continuava caída sobre a relva e, ainda em silêncio, voltou a colocá-la ao redor dos ombros.

– As meninas logo estarão de volta – disse, por fim, embora soubesse que aquilo não era verdade.

Elas não retornariam antes de pelo menos quinze minutos, provavelmente mais.

– Vamos dar um passeio, então – sugeriu ele, oferecendo o braço a ela.

Anne o encarou com desconfiança.

– Nem tudo o que eu faço tem uma intenção lasciva – disse ele com uma risada. – Pensei em lhe mostrar um dos meus lugares favoritos aqui em Whipple Hill. – Quando Anne pousou a mão sobre o braço dele, o conde acrescentou: – Estamos a apenas uns 400 metros do lago.

– O lago tem peixes? – perguntou ela.

Não conseguia se lembrar da última vez que pescara, mas, ah... como gostava de fazer isso quando criança. Ela e Charlotte haviam sido a cruz da mãe delas, que queria que as duas se dedicassem a atividades mais femininas – o que acabaram fazendo em algum momento. Mas mesmo depois de Anne se tornar obcecada com babados e vestidos e de computar cada vez que um cavalheiro qualificado olhava para uma jovem dama também qualificada... Ela continuara adorando pescar. Gostava até de eviscerar e limpar os peixes. E, é claro, de comer. Não se pode subestimar a satisfação de caçar a própria comida.

– Deve ter – respondeu lorde Winstead. – Sempre teve antes de eu partir, e não acho que meu capataz teria tido motivos para tirá-los de lá. – Os olhos dela deviam estar brilhando de prazer, pois ele sorriu com indulgência e perguntou: – Gosta de pescar, então?

– Ah, muito – disse Anne com um suspiro. – Quando eu era criança...

Mas ela não terminou a frase. Esquecera que não falava da própria infância.

No entanto, se o conde ficou curioso – e provavelmente ficara –, não demonstrou. Quando desciam a suave inclinação na direção de um

conjunto de árvores, ele disse apenas:

– Eu também adorava pescar na infância. Vinha aqui o tempo todo com Marcus... lorde Chatteris – acrescentou ele, já que, é claro, ela não conhecia o conde pelo primeiro nome.

Anne olhou para o cenário ao redor. Era um glorioso dia de primavera, e parecia haver uma centena de tons de verde ondulando ao longo das folhas e da relva. O mundo parecia totalmente novo e enganadoramente cheio de esperança.

– Lorde Chatteris o visitava com frequência quando criança? – perguntou ela, ansiosa para manter a conversa em assuntos neutros.

– Bastante – retrucou lorde Winstead. – Ou pelo menos em todas as férias escolares. Desde que tínhamos 13 anos, não me lembro de uma só vez em que tenha vindo para casa sem ele.

Eles caminharam um pouco mais, então ele levantou a mão para arrancar uma folha baixa. Depois ele ficou olhando para a folha, franziu a testa e, finalmente, jogou-a para o alto em um movimento rápido. A folha saiu espiralando pelo ar, e algo naquela flutuação deve ter sido fascinante, porque tanto Anne quanto o conde pararam de caminhar para observá-la pousar na relva.

Então, como se o momento nunca houvesse acontecido, lorde Winstead retomou tranquilamente a conversa de onde havia parado.

– Marcus não tem família. Não tem irmãos nem irmãs, e a mãe dele morreu quando ainda era muito jovem.

– E o pai?

– Ah, Marcus quase nunca falava com ele – respondeu lorde Winstead.

Mas ele disse isso com tanta naturalidade que era como se não houvesse nada peculiar no fato de um pai e um filho não se falarem. Não era do feitio do conde, pensou Anne. Não a indiferença exatamente, mas... Bem, ela não sabia por que, mas a verdade é que ficara surpresa. E então Anne também ficou surpresa por conhecê-lo bem o bastante para perceber uma coisa dessas.

Surpresa e talvez um pouco alarmada, porque *não deveria* conhecê-lo tão bem. Não cabia a ela, e uma ligação daquele tipo só poderia levar a um coração partido. Anne sabia disso, e ele deveria saber também.

– Eles não se davam bem? – perguntou, ainda curiosa sobre lorde Chatteris.

Só estivera com o conde uma vez, muito brevemente, mas eles pareciam ter algo em comum.

Lorde Winstead balançou a cabeça.

– Não é isso. Acho que o antigo lorde Chatteris simplesmente não tinha nada a dizer.

– Ao próprio filho?

Ele deu de ombros.

– Na verdade, não é tão incomum. Metade dos meus colegas de escola provavelmente não saberia me dizer a cor dos olhos dos pais.

– Azuis – sussurrou Anne, tomada de repente por uma enorme saudade de casa. – E verdes.

Os olhos de suas irmãs também eram azuis e verdes, mas ela recuperou a compostura antes de deixar escapar mais essa informação.

Lorde Winstead inclinou a cabeça na direção dela, mas não fez nenhuma pergunta, e Anne ficou profundamente grata por isso.

– Meu pai tinha os olhos da mesma cor que os meus – disse ele, apenas.

– E sua mãe?

Anne conhecera a mãe dele, mas não tivera motivo para se deter nos olhos dela a ponto de lembrar a cor. E queria manter a conversa concentrada em lorde Winstead. Tudo era mais fácil dessa forma.

Sem falar que era um assunto no qual Anne parecia ter grande interesse.

– Os olhos da minha mãe também são azuis – respondeu ele –, mas de um tom mais escuro. Não tão escuro quanto o dos seus olhos... – O conde virou a cabeça e fitou-a com intensidade. – Mas preciso dizer que acho que jamais vi olhos como os seus. São quase violeta. – Ele inclinou a cabeça um pouco mais para o lado. – Mas não são. Ainda são azuis.

Anne sorriu e desviou o olhar. Sempre tivera orgulho dos próprios olhos. Era a única vaidade que se permitia.

– De longe eles parecem castanhos – disse ela.

– Mais uma razão para valorizar o tempo que se passa próximo a eles – murmurou o conde.

Anne prendeu a respiração e olhou de relance para ele, mas lorde Winstead não estava mais fitando-a. Ele agora apontava para a frente com o braço livre.

– Consegue ver o lago? Está logo depois daquelas árvores.

Anne esticou o pescoço apenas o necessário para distinguir uma cintilação prateada entre os troncos das árvores.

– No inverno é possível vê-lo muito bem, mas quando as árvores se enchem de folhas ele fica escondido.

– É lindo – comentou Anne, e estava sendo sincera. Mesmo naquele momento, quando não era possível ver quase nada da água, era idílico. – A água chega a esquentar o bastante para se poder nadar?

– Não muito, mas todos os membros da minha família acabaram caindo dentro do lago em um momento ou outro.

Anne sentiu um sorriso se insinuar em seus lábios.

– Ah, céus...

– Alguns de nós mais do que outros – confessou lorde Winstead com certa timidez.

Ela olhou para ele e o conde parecia tão adoravelmente travesso que Anne ficou sem fôlego. Como teria sido a vida dela se o houvesse conhecido aos 16 anos no lugar de George Chervil? Ou, se não ele – já que ela nunca poderia ter se casado com um conde, mesmo quando ainda atendia pelo nome de Annelise Shawcross –, então alguém exatamente como ele. Alguém chamado Daniel Smythe, ou Daniel Smith. Mas teria sido Daniel. O Daniel *dela*.

Ele seria herdeiro de um baronato, ou herdeiro de nada, ou então só um proprietário de terras, com uma casa confortável e de bom tamanho, com 4 hectares de terra e um bando de cães de caça preguiçosos.

E Anne teria adorado isso. Cada momento mundano.

Já ansiara mesmo por empolgação? Aos 16 anos, pensara que queria ir para Londres e frequentar o teatro, a ópera e todas as festas às quais fosse convidada. Uma jovem matrona elegante – fora isso que dissera a Charlotte que queria ser.

Mas aquilo fora tolice da juventude. Sem dúvida, mesmo se tivesse se casado com um homem que a levasse para a capital e a inserisse na vida glamorosa da aristocracia, ela teria acabado se cansando de tudo aquilo e iria querer retornar a Northumberland, onde o tempo parecia passar mais devagar e o ar se tornava cinza pela neblina, em vez de cheio de fuligem.

Todas as coisas que aprendera, o fizera tarde demais.

– Que tal pescarmos esta semana? – sugeriu lorde Winstead quando chegaram à beira do lago.

– Ah, nada me deixaria mais feliz. – As palavras saíram apressadas dos lábios dela, num fluxo feliz. – Vamos ter que trazer as meninas, é claro.

– É claro – murmurou ele, o perfeito cavalheiro.

Eles ficaram parados em silêncio por algum tempo. Anne poderia ter permanecido ali o dia todo, olhando para a água parada e tranquila. De vez em quando, um peixe saltava na superfície, espalhando minúsculos círculos, como marcas em um alvo.

– Se eu fosse criança – comentou Daniel, tão hipnotizado pela água quanto ela –, teria que jogar uma pedra na água. Teria.

Daniel. Quando ela começara a pensar nele assim?

– Se eu fosse uma criança – disse ela –, já teria tirado os sapatos e as meias.

Ele assentiu, então admitiu com um meio sorriso divertido:

– Eu provavelmente a teria empurrado para dentro do lago.

Anne manteve os olhos na água.

– Ah, eu o teria levado comigo.

Ele riu, então ficou em silêncio, satisfeito só em observar a água, e os peixes e algumas penugens de dentes-de-leão que flutuavam na superfície.

– O dia está sendo perfeito – comentou Anne, baixinho.

– Quase – sussurrou Daniel, e ela se viu de novo nos braços dele.

Ele a beijou, mas dessa vez foi diferente. Menos urgente. Menos exaltado. O toque dos lábios dele era dolorosamente delicado, e talvez não a tenha feito se sentir enlouquecida, com vontade de pressionar o corpo contra o dele, de recebê-lo dentro de si. Em vez disso, ele a fez se sentir muito leve, como se ela pudesse pegar a mão dele e flutuar, desde que ele nunca parasse de beijá-la. Anne sentiu todo o corpo vibrar quando ficou na ponta dos pés, quase esperando o momento em que se elevaria do chão.

Então, Daniel interrompeu o beijo e se afastou apenas o suficiente para encostar a testa na dela.

– Pronto – falou, segurando o rosto de Anne entre as mãos. – *Agora* o dia está perfeito.

CAPÍTULO 12

Quase 24 horas depois, Daniel estava sentado na biblioteca de Whipple Hill, uma sala forrada com painéis de madeira, perguntando-se como *aquele* dia acabara sendo tão menos perfeito do que o anterior.

Depois que beijara a Srta. Wynter perto do lago, os dois haviam retornado à clareira onde o pobre lorde Finstead estivera cortejando sua linda mas estúpida princesa. Chegaram apenas alguns instantes antes de Harriet, Elizabeth e Frances, acompanhadas por dois criados que traziam as cestas de piquenique. Depois da farta refeição, eles haviam continuado a ler *A triste e estranha tragédia de lorde Finstead* por várias horas, até Daniel ter implorado por compaixão, alegando que a lateral do seu corpo doía demais de tanto rir.

Nem mesmo Harriet, que passara o tempo todo tentando lembrá-los de que sua obra-prima não era uma comédia, se ofendeu.

Eles voltaram para casa e Daniel descobriu que a mãe e a irmã haviam chegado. Enquanto todos se cumprimentavam como se não tivessem se visto apenas dois dias antes, a Srta. Wynter se retirara disfarçadamente para seu quarto.

Ele não a vira desde então.

Nem mesmo no jantar – já que ela precisava fazer a refeição com Elizabeth e Frances no quarto das crianças – ou durante o café da manhã, porque... Bem, ele não sabia por que ela não descera para o café da manhã. Tudo o que sabia era que já passava do meio-dia e ele ainda se sentia bastante desconfortável por ter se demorado à mesa por duas horas esperando vê-la nem que fosse de relance.

Daniel estava no segundo café da manhã completo quando Sarah resolveu informá-lo de que lady Pleinsworth dera folga à Srta. Wynter pela maior parte do dia. Era compensação, ao que parecia, pelo trabalho extra

que a moça vinha desempenhando. Primeiro, o concerto, e agora a dupla função como governanta e babá. A Srta. Wynter mencionara que queria ir ao vilarejo, comentara Sarah, e com o sol brilhando tanto do lado de fora, parecia um dia ideal para um passeio.

E, assim, Daniel se conformara em fazer todas as tarefas que o dono da casa devia fazer quando não estava loucamente apaixonado pela governanta. Reuniu-se com o mordomo. Examinou os livros de contabilidade dos últimos três anos, lembrando-se tarde demais de que não gostava muito de fazer somas e que, de qualquer modo, nunca fora bom nisso.

Sem dúvida havia milhares de coisas a fazer, mas toda vez que se sentava para completar uma tarefa, sua mente divagava para *ela*. O sorriso dela. Sua boca quando sorria, os olhos quando estava triste.

Anne.

Gostava do nome dela. Combinava com a pessoa que ela era, simples e direta. Leal até o fim. Quem não a conhecia muito bem talvez pensasse que sua beleza pedia um nome mais dramático – talvez Esmeralda, ou Melissande.

Mas *ele* a conhecia. Não conhecia o passado dela, nem seus segredos, mas *a* conhecia. E ela era uma Anne sem tirar nem pôr.

Uma Anne que no momento se encontrava em um lugar distante dele.

Santo Deus, aquilo era ridículo. Era um homem adulto e ali estava, lastimando-se porque sentia falta da companhia da governanta na própria casa (grande como era). Não conseguia ficar sentado quieto, não parecia conseguir nem sentar direito, empertigado. Chegara a mudar de cadeira no salão sul, porque estava de frente para o espelho e, quando fitava seu reflexo, se via tão derrotado e patético que não conseguia tolerar.

Finalmente, Daniel saiu para tentar encontrar alguém que pudesse estar disposto a um jogo de cartas. Honoria gostava de jogar, Sarah também. E, se a infelicidade não gostava de companhia, ao menos poderia ser distraído por ela. Mas quando ele chegou à sala de visitas azul, todas as suas parentes do sexo feminino (até mesmo as crianças) estavam reunidas ao redor da mesa, envolvidas em uma profunda discussão sobre o iminente casamento de Honoria.

Daniel começou a voltar para a porta no maior silêncio possível.

– Ah, Daniel! – exclamou a mãe dele, antes que ele conseguisse fugir. – Venha se juntar a nós. Estamos tentando resolver se a cor do vestido de

Honoria deve ser lavanda-azulada ou azul-lavanda.

Ele abriu a boca para perguntar qual era a diferença, mas achou melhor não fazer isso.

– Azul-lavanda – disse com firmeza, sem ter a menor ideia do que estava falando.

– Acha mesmo? – respondeu a mãe, franzindo a testa. – Acho sinceramente que lavanda-azulada seria melhor.

A pergunta óbvia seria por que, antes de mais nada, ela pedira a opinião dele. No entanto, mais uma vez, Daniel decidiu que um homem sábio não faz esse tipo de pergunta. Preferiu se inclinar na direção das damas em uma cortesia educada e informou-as de que iria catalogar as recentes aquisições para a biblioteca.

– A biblioteca? – disse Honoria. – É mesmo?

– Gosto de ler – retrucou ele.

– Eu também, mas o que isso tem a ver com catalogar?

Ele se abaixou e murmurou no ouvido da irmã:

– Eu deveria dizer em voz alta que estou tentando escapar de um bando de mulheres tagarelas?

Honoria sorriu, esperou até ele endireitar o corpo e falou:

– Acredito que agora é a hora que você diz que há muito tempo não lê um livro na sua língua.

– É verdade.

E, com isso, ele saiu.

Mas depois de cinco minutos na biblioteca, Daniel já não aguentava mais. Não era um homem que gostava de ficar sem fazer nada. Assim, finalmente, após perceber que passara pelo menos um minuto com a testa apoiada na mesa, ele se sentou, considerou todas as razões pelas quais talvez precisasse ir até o vilarejo (isso levou cerca de meio segundo) e decidiu sair.

Era o conde de Winstead. Aquela era a sua casa e ele passara três anos longe. Tinha o dever moral de visitar o vilarejo. Lá morava o povo dele.

Daniel lembrou a si mesmo para nunca pronunciar aquelas palavras em voz alta, para não correr o risco de fazer Honoria e Sarah morrerem de tanto rir. Vestiu o paletó e saiu em direção aos estábulos. O tempo não estava tão bom quanto no dia anterior, e o céu estava cheio de nuvens. Daniel achava que não choveria, pelo menos não nas próximas horas, por isso pediu para prepararem o cabriolé, que tinha apena uma meia capota,

para a jornada de cerca de 7 quilômetros. Uma carruagem seria grandiosa demais para uma ida ao vilarejo, e parecia não haver razão para que ele mesmo não conduzisse o veículo. Além do mais, gostava de sentir o vento no rosto.

E sentia falta de conduzir o cabriolé. Era pequeno, rápido – não tão vistoso como uma carruagem, mas também não tão instável. E, quando se vira forçado a deixar o país, ele o possuía havia apenas dois meses. Não era necessário dizer que cabriolés pequenos e elegantes não estavam disponíveis em grande quantidade para jovens ingleses exilados e em fuga.

Quando chegou ao vilarejo, Daniel entregou as rédeas a um menino na entrada da estalagem, que tinha um estacionamento para os veículos em passagem, e foi fazer as visitas necessárias. Ele precisaria visitar todos os estabelecimentos, para que ninguém se sentisse preterido, por isso começou na parte de baixo da rua alta, no fabricante de velas, e foi subindo. A notícia da presença dele na aldeia se espalhou rapidamente e, quando Daniel entrou no terceiro estabelecimento, a loja de chapéus e toucas Percy's, o Sr. e a Sra. Percy estavam esperando na porta com sorrisos largos e idênticos no rosto.

– Milorde – cumprimentou a Sra. Percy, inclinando-se na cortesia mais profunda que seu corpo robusto permitiu. – Posso ser uma das primeiras a lhe dar as boas-vindas? Estamos muito honrados por vê-lo de novo.

Ela pigarreou e o marido disse:

– Certamente.

Daniel dirigiu um gracioso aceno de cabeça a ambos, enquanto disfarçava para observar o estabelecimento em busca de outros clientes. Ou melhor, de *uma* outra cliente.

– Obrigado, Sra. Percy, Sr. Percy – disse ele. – É um prazer estar em casa.

A volumosa mulher assentiu com entusiasmo.

– Nunca acreditamos em nada que disseram a seu respeito. Nada.

O que levou Daniel a se perguntar que tipo de coisa havia sido dita. Até onde ele sabia, todas as histórias espalhadas sobre ele tinham sido verdadeiras. Ele *realmente* duelara com Hugh Prentice, e realmente o atingira com um tiro na perna. Quanto à sua fuga do país, Daniel não sabia que tipo de adornos aquela história poderia ter adquirido. Seria de imaginar que as juras violentas de vingança teriam sido empolgantes o suficiente.

Mas se Daniel não quisera debater os méritos do azul-lavanda e do lavanda-azulado com a mãe, *definitivamente* não desejava discutir a própria vida com a Sra. Percy.

O estranho e triste conto de lorde Winstead. Seria essa a história.

Por isso, ele disse apenas:

– Obrigado.

E se dirigiu em seguida à vitrine de chapéus, esperando que seu interesse pelas mercadorias da loja obscurecesse o interesse da Sra. Percy por sua vida.

O que aconteceu. Ela imediatamente começou a listar as qualidades da cartola mais nova de todas, assegurando-lhe que ela serviria à perfeição em sua cabeça.

– Certamente – disse o Sr. Percy.

– Gostaria de experimentar uma, milorde? – perguntou a Sra. Percy. – Acredito que vá achar a curva da aba muito lisonjeira.

Ele de fato precisava de uma cartola nova, por isso aceitou-a da mão dela, mas antes que pudesse colocá-la na cabeça, a porta da loja foi aberta, fazendo o sino soar alegremente. Daniel se virou, mas não precisou vê-la para saber quem era.

Anne.

O ar se alterou quando ela entrou na loja.

– Srta. Wynter – disse ele –, que adorável surpresa.

Ela pareceu perplexa, mas só por um momento, e, enquanto a Sra. Percy a encarava com óbvia curiosidade, Anne inclinou-se em uma cortesia e disse:

– Lorde Winstead.

– A Srta. Wynter é a governanta das minhas primas – explicou Daniel à dona da loja. – Elas estão passando uns dias na minha casa.

A Sra. Percy disse que era um prazer conhecer a Srta. Wynter e o Sr. Percy contribuiu com outro “Certamente”. Anne foi arrastada para a parte da loja dedicada às damas, onde a Sra. Percy tinha uma touca azul-escura com fitas listradas que ficaria *perfeita* nela. Daniel seguiu-as, ainda segurando a cartola preta.

– Ah, Vossa Senhoria – exclamou a Sra. Percy, depois que percebeu que Daniel a seguira –, pode dizer à Srta. Wynter como ela está adorável?

Ele a preferia sem a touca, com os raios de sol reluzindo em seus cabelos. Mas quando Anne ergueu os olhos para ele, os cílios espessos

emoldurando os olhos de um azul tão, tão escuro, Daniel achou que não haveria um só homem no mundo que discordaria dele ao dizer:

– Realmente adorável.

– Está vendo? – falou a Sra. Percy com um sorriso encorajador, dirigindo-se a Anne. – Parece uma bela paisagem.

– Gostei muito dela – falou Anne, com a voz melancólica. – Muito. Mas é muito cara.

Ela desamarrou as fitas com relutância, tirou-a da cabeça e olhou-a com anseio óbvio.

– Um trabalho dessa qualidade lhe custaria o dobro em Londres – observou a Sra. Percy.

– Eu sei – disse Anne com um sorriso triste –, mas governantas não são pagas em dobro em Londres. Assim, raramente me sobra o bastante para toucas, mesmo uma tão adorável quanto a sua.

Daniel de repente se sentiu um pouco grosseiro, parado ali com a cartola mais cara da loja na mão, uma cartola que todos sabiam que ele poderia comprar aos montes sem sequer sentir no bolso.

– Com licença – disse ele, pigarreando de modo constrangido.

Voltou à parte masculina da loja, entregou a cartola ao Sr. Percy, que disse "Certamente" de novo, e voltou à companhia das damas, que ainda tinham os olhos fixos na touca azul.

– Tome de volta, por favor – disse a Srta. Wynter, finalmente devolvendo-a à Sra. Percy. – Direi a lady Pleinsworth como suas toucas são adoráveis. Tenho certeza de que ela desejará trazer as filhas às compras enquanto estiver por aqui.

– Filhas? – ecoou a Sra. Percy, parecendo se iluminar diante da perspectiva.

– Quatro – comentou Daniel em um tom amável. – E minha mãe e minha irmã também estão em Whipple Hill.

Enquanto a Sra. Percy se abanava, ruborizada de animação diante da possibilidade de receber sete damas da aristocracia em sua loja, Daniel aproveitou a oportunidade para oferecer o braço a Anne.

– Posso acompanhá-la ao seu próximo compromisso? – perguntou a ela, sabendo muito bem como seria constrangedor que ela recusasse a oferta na frente da Sra. Percy.

– Já praticamente terminei o que precisava fazer no vilarejo – disse ela. – Falta apenas comprar um pouco de cera para lacre.

– Sorte a sua eu saber exatamente onde comprar.

– Na papelaria, imagino.

Santo Deus, ela estava tornando aquilo difícil.

– Sim, mas eu sei onde *fica* a papelaria – disse ele.

Ela apontou com o dedo algum lugar vagamente à esquerda.

– Do outro lado da rua, eu acho, mais acima.

Daniel mudou de posição de modo que o Sr. e a Sra. Percy não pudessem observar a conversa deles com facilidade.

– Vai parar de dificultar tanto as coisas e me deixar acompanhá-la para comprar cera de lacre? – sussurrou.

A Srta. Wynter fechou os lábios com força, o que significava que a risadinha que ele ouvira só podia ter saído pelo nariz. Ainda assim, ela ainda parecia muito digna quando disse:

– Ora, colocando dessa forma, não vejo como poderia recusar.

Daniel pensou em várias respostas, mas tinha a sensação de que nenhuma delas seria tão espirituosa em voz alta como eram em sua mente, por isso apenas assentiu e estendeu o braço, que ela aceitou com um sorriso.

Quando saíram da loja, no entanto, Anne se virou para ele com os olhos semicerrados.

– Está me seguindo? – perguntou, sem rodeios.

Ele tossiu.

– Ora, eu não diria exatamente *seguindo*.

– Não exatamente?

Os lábios dela estavam fazendo um bom trabalho em não sorrir, mas os olhos não.

– Ora – acrescentou ele, adotando sua expressão mais inocente –, eu estava na chapelaria *antes* de a senhorita entrar. Alguém até poderia dizer que a *senhorita* estava me seguindo.

– Sim, alguém – concordou ela. – Mas não eu. Ou o senhor.

– Não – retrucou Daniel, disfarçando um sorriso. – Com certeza, não.

Eles começaram a subir a ladeira na direção da papelaria, e mesmo a Srta. Wynter não tendo insistido no assunto, Daniel estava gostando demais da conversa para deixá-la morrer, por isso falou:

– Se quer mesmo saber, soube de sua possível presença no vilarejo.

– É claro que quero saber – murmurou ela.

– E também fui incumbido de resolver algumas pendências...

– O senhor? – interrompeu ela. – Incumbido?

Ele decidiu ignorar o comentário.

– E como me pareceu que talvez fosse chover, achei que meu dever como cavalheiro era vir ao vilarejo hoje, para o caso de a senhorita ser surpreendida por um clima inclemente, sem um meio adequado de voltar para casa.

A Srta. Wynter ficou em silêncio apenas por tempo suficiente para dirigir um olhar desconfiado na direção dele, então disse (não perguntou, *disse*):

– É mesmo.

– Não – admitiu Daniel com um sorriso –, eu basicamente estava procurando a senhorita. Mas precisava mesmo visitar alguns comerciantes em algum momento, e eu... – Ele parou e levantou os olhos. – Está chovendo.

Anne estendeu a mão e, de fato, uma pesada gota de chuva caiu na ponta de um de seus dedos.

– Bem, suponho que eu não deveria estar surpresa. As nuvens estiveram se juntando o dia todo.

– Podemos comprar sua cera para lacre, então? Vim em meu cabriolé e ficarei mais do que satisfeito em levá-la para casa.

– Seu cabriolé? – perguntou ela, erguendo as sobrancelhas.

– A senhorita ainda se molhará – revelou ele –, mas sem dúvida parecerá mais elegante. – Diante do sorriso que recebeu como resposta, Daniel acrescentou: – E chegará mais rápido em Whipple Hill.

Finalmente compraram a cera dela, que escolheu uma azul-escura do tom exato da touca que deixara para trás. Os pingos caíam leves, mas constantes. Daniel ofereceu-se para esperar com ela no vilarejo até a chuva passar, mas Anne lhe disse que a aguardavam para a hora do chá. Além disso, como saber se a chuva passaria? As nuvens cobriam o céu como um manto espesso, e poderia muito bem chover até a próxima terça-feira.

– E não está chovendo assim *tão* forte – disse ela, franzindo a testa ao olhar para fora pela vitrine da papelaria.

Era verdade, mas quando eles passaram na frente do Percy's, Daniel parou.

– A senhorita se lembra se eles vendem guarda-chuvas? – perguntou.

– Acho que sim.

Ele ergueu um dedo, sinalizando para que ela esperasse, e depois de um instante voltou com um guarda-chuva, ficando dentro da loja apenas o tempo necessário para pedir aos donos que mandassem a conta para Whipple Hill e para o Sr. Percy dizer: “Certamente.”

– Milady – disse Daniel, de uma forma galante o suficiente para fazê-la sorrir.

Ele abriu o guarda-chuva e segurou-o acima da cabeça dela enquanto os dois seguiam em direção ao estacionamento da estalagem.

– O senhor deve se proteger da chuva também – falou a Srta. Wynter, saltando as poças com cuidado.

A bainha do vestido estava ficando molhada, mesmo que ela tentasse erguê-la.

– Estou fazendo isso – mentiu ele.

Mas Daniel não se importava de se molhar. E, de qualquer modo, o chapéu dele resistiria à chuva muito melhor do que a touca dela.

O estacionamento não era muito longe, mas, quando eles chegaram, a chuva estava um pouco mais forte, por isso Daniel voltou a sugerir que esperassem que estiasse.

– A comida aqui é bastante saborosa – disse ele. – Não há peixe defumado a esta hora do dia, mas estou certo de que podemos encontrar alguma coisa do seu gosto.

Ela riu e, para grande surpresa de Daniel, respondeu:

– Estou com certa fome.

Ele olhou de relance para o céu.

– Acho que não chegará em casa a tempo para o chá.

– Tudo bem. Não imagino que alguém vá esperar que eu volte a pé para casa com esse tempo.

– Devo ser completamente honesto – disse Daniel. – Estão todas imersas em conversas sobre o casamento iminente da minha irmã. Com toda a sinceridade, duvido que alguém sequer tenha se dado conta de que a senhorita saiu.

Anne sorriu enquanto eles entravam na sala de refeições da estalagem.

– É assim que deve ser. Sua irmã deve ter o casamento de seus sonhos.

E quanto aos sonhos *dela*?

A pergunta chegou à ponta da língua, mas Daniel se conteve. Ela teria se sentido desconfortável e arruinaria a convivência fácil e deliciosa que haviam estabelecido.

E, de qualquer forma, Daniel duvidava que ela fosse responder.

Ele passara a valorizar cada pequena informação do passado da Srta. Wynter que ela deixava escapar. A cor dos olhos dos pais, o fato de ter uma irmã, de ambas adorarem pescar... Essas tinham sido as poucas coisas que a jovem revelara e Daniel não saberia dizer se fizera isso de propósito ou por acidente.

A questão era que ele queria mais. Quando a fitou nos olhos, sentiu vontade de compreender tudo, cada momento que a levara à*quele* momento. Não queria chamar aquilo de obsessão – parecia um nome sombrio demais para o que ele sentia.

Uma paixão louca, era disso que se tratava. Uma fantasia estranha e vertiginosa. Com certeza não era o primeiro homem a se ver tão rapidamente arrebatado por uma linda mulher.

Mas enquanto se acomodavam em seus assentos, na sala de refeições cheia da estalagem, Daniel a fitou do outro lado da mesa e não foi sua beleza que viu. Foi seu coração. Sua alma. E teve a profunda sensação de que sua vida nunca mais seria a mesma.

CAPÍTULO 13

— Nossa – disse Anne, permitindo-se um ligeiro estremecimento quando se sentaram. Ela estava de casaco, mas os punhos não estavam bem ajustados, e a chuva entrara pelas mangas. – É difícil imaginar que estamos quase em maio.

– Chá? – ofereceu Daniel, sinalizando para chamar o estalajadeiro.

– Por favor. Ou qualquer outra coisa quente.

Ela descalçou as luvas, parando para franzir a testa diante de um pequeno furo que vinha aumentando na ponta do indicador direito. Aquilo tinha que ser resolvido. Anne precisava de toda a dignidade que pudesse reunir naquele dedo. Deus sabia que ela o balançava com muita frequência para as meninas.

– Algum problema? – perguntou Daniel.

– O quê? – Ela o olhou, distraída. Ah, ele devia tê-la visto encarando a luva. – É só a minha luva. – Anne ergueu-a. – Um furinho na costura. Preciso remendá-lo hoje à noite.

Ela examinou melhor a costura antes de deixar a luva a seu lado na mesa. Um par de luvas suportava um certo limite de remendos, e Anne suspeitava que aquela estava chegando ao fim de sua vida útil.

Daniel pediu ao estalajadeiro duas xícaras de chá, então voltou-se de novo para ela.

– Correndo o risco de soar completamente ignorante da realidade de alguém que precisa trabalhar, devo dizer que acho difícil que minha tia não lhe pague o bastante para comprar um novo par de luvas.

Anne tinha certeza de que ele ignorava mesmo a realidade de quem precisava trabalhar para sobreviver, mas ficava grata por ele ao menos ser consciente e ter reconhecido isso. Ela também desconfiava de que ele ignorava por completo o *custo* de um par de luvas, ou de qualquer outra

coisa, para falar a verdade. Anne fazia compras com as classes mais abastadas com frequência suficiente para saber que jamais perguntavam o preço de absolutamente nada. Se gostavam de alguma coisa, compravam e pediam que a conta fosse entregue em sua casa, onde outra pessoa se certificaria de que fosse paga.

– Sim – respondeu. – Ela me paga o bastante, é verdade. Mas a parcimônia é uma grande virtude, não concorda?

– Não se isso significar que seus dedos vão acabar congelando.

Ela sorriu, talvez de forma um tanto condescendente.

– Dificilmente chegaria a isso. Essas luvas ainda aguentam mais um ou dois remendos.

Ele ficou sério.

– Quantas vezes já as remendou?

– Ah, nossa... não sei. Cinco? Seis?

A expressão dele era de certo ultraje agora.

– Isso é totalmente inaceitável. Vou informar tia Charlotte de que ela deve providenciar um guarda-roupa decente para a senhorita.

– Não fará nada disso – apressou-se em dizer Anne.

Santo Deus, ele enlouquecera? Mais uma demonstração de atenção indevida da parte dele e ela estaria na rua. Já era ruim o bastante estar sentada com Daniel ali na estalagem, na frente de todo o vilarejo, mas ao menos tinha a desculpa da chuva. Dificilmente alguém poderia culpá-la por procurar abrigo em um tempo daquele.

– Eu lhe asseguro que elas estão em melhores condições do que as luvas da maioria das pessoas – disse ela. Anne olhou para a mesa, onde as luvas dele, lindas, feitas de um couro luxuoso, repousavam uma sobre a outra. Pigarreou. – A não ser as da minha presente companhia.

Daniel se remexeu no assento, desconfortável.

– É claro que é perfeitamente possível que as suas luvas já tenham sido remendadas várias vezes também – acrescentou ela, sem pensar. – A diferença é que seu valete as afasta de suas vistas antes mesmo que o senhor perceba que elas requerem atenção.

Ele não disse nada, e Anne no mesmo instante se sentiu envergonhada pelo comentário. Esnobismo reverso não era nem de perto tão ruim quando esnobismo real, mas ainda assim ela devia ser melhor do que aquilo.

– Me desculpe – falou.

Ele a encarou por um longo momento.

– Por que estamos falando sobre luvas?

– Não tenho a menor ideia – respondeu Anne.

Mas aquilo não era exatamente verdade. Talvez tivesse sido ele a levantar o assunto, mas ela não precisaria ter seguido adiante. Anne se deu conta de que quisera lembrá-lo da diferença de suas posições sociais. Ou talvez tenha querido lembrar a si mesma.

– Chega desse assunto – disse bruscamente, dando um tapinha no acessório que gerara tanta discussão.

Em seguida olhou para ele de novo, prestes a fazer algum comentário inofensivo sobre o tempo, mas Daniel estava sorrindo para ela de um modo que criava ruguinhas nos cantos de seus olhos, e...

– Acho que o senhor está ficando curado – disse Anne.

Ela não percebera como o olho dele estivera inchado por causa do hematoma, mas, agora que tinha melhorado, o sorriso de Daniel estava diferente. Talvez ainda mais alegre.

Ele levou a mão à face.

– Minha bochecha?

– Não, seu olho. Ainda está um pouco escuro, mas não está mais tão inchado. – Ela o encarou com uma expressão de pesar. – Mas sua bochecha está a mesma coisa.

– É?

– Bem, na verdade está pior, sinto dizer, mas isso era de se esperar. Essas coisas costumam piorar antes de melhorar.

Ele ergueu a sobrancelha.

– E como tem tanta experiência em hematomas e ferimentos?

– Sou governanta – respondeu Anne.

Porque, sinceramente, aquilo era explicação suficiente.

– Sim, mas a senhorita é governanta de três meninas...

Ela riu ao ouvir isso, interrompendo-o com elegância.

– Acha que essas meninas nunca aprontam nenhuma travessura?

– Ah, sei que aprontam. – Ele bateu com uma das mãos no peito, na altura do coração. – Cinco irmãs. Sabia disso? Cinco.

– Sua intenção é inspirar pena?

– Com certeza *deveria* inspirar – disse ele. – Ainda assim, não me lembro de elas terem chegado aos socos.

– Frances passa metade do tempo achando que é um unicórnio – explicou Anne tranquilamente. – Acredite em mim quando digo que ela

costuma aparecer com muito mais do que sua cota justa de hematomas e arranhões. E, além disso, também já fui governanta de dois meninos. Alguém precisava instruí-los antes de eles começarem a frequentar o colégio.

– Imagino que sim – disse ele, dando ligeiramente de ombros. Então, com um erguer de sobrancelhas atrevido, Daniel se inclinou para a frente e murmurou: – Seria impróprio da minha parte admitir que estou muito lisonjeado por sua atenção aos detalhes do meu rosto?

Anne abafou uma risada.

– Impróprio *e* absurdo.

– É verdade que nunca me senti tão colorido – disse ele, com um suspiro claramente fingido.

– O senhor está um verdadeiro arco-íris – concordou ela. – Vejo vermelho e... bem... não mais laranja e amarelo, mas com certeza verde, azul e violeta.

– Esqueceu-se do índigo.

– Não esqueci – disse Anne em sua melhor voz de governanta. – Sempre achei o índigo uma adição tola ao espectro. O senhor já olhou um arco-íris com atenção?

– Uma ou duas vezes – retrucou ele, parecendo achar o discurso inflamado dela bastante divertido.

– Já é bastante difícil perceber a diferença entre azul e violeta, pior ainda encontrar o índigo entre eles.

Daniel ficou em silêncio por um momento, tentando não rir, até que disse:

– A senhorita tem pensado bastante sobre isso...

Anne cerrou os lábios, também prendendo o riso.

– É verdade – respondeu, por fim, então caiu na risada.

Aquela era a mais absurda das conversas, e ao mesmo tempo tão deliciosa...

Daniel riu com ela e os dois se recostaram no assento enquanto a atendente se aproximava com duas xícaras fumegantes de chá. No mesmo instante, Anne passou as mãos ao redor da xícara e suspirou de prazer, enquanto sua pele absorvia o calor.

Daniel bebeu um gole do chá, estremeceu quando o líquido quente desceu por sua garganta e deu outro gole.

– Sei que pareço muito elegante – comentou ele –, todo cheio de feridas e hematomas. Talvez deva começar a inventar histórias sobre como me machuquei. Uma briga com Marcus não parece nem de longe empolgante o bastante.

– Não se esqueça dos assaltantes – lembrou Anne.

– E isso não parece nem de longe digno – retrucou ele em um tom sarcástico.

Ela sorriu. Era raro um homem que conseguia rir de si mesmo.

– O que acha? – perguntou Daniel, virando o rosto com vaidade fingida. – Devo dizer que enfrentei um javali? Ou que afugentei piratas com um facão?

– Ora, depende. Quem tinha o facão, o senhor ou os piratas?

– Ah, os piratas, imagino. É muito mais impressionante tê-los enfrentado desarmado.

Ele gesticulou com as mãos, como se praticasse alguma técnica oriental ancestral.

– Pare – pediu Anne, gargalhando. – Estão todos olhando para o senhor.

Ele deu de ombros.

– Olhariam de qualquer maneira. Não venho aqui há três anos.

– Sim, mas vão pensar que enlouqueceu.

– Ah, mas tenho permissão para ser excêntrico. – Ele deu um meio sorriso espirituoso e fez um ar engraçadinho levantando e abaixando as sobrancelhas. – É um dos bônus do título de nobreza.

– Não o dinheiro e o poder?

– Ora, isso também – admitiu Daniel –, mas neste momento estou apreciando mais a excentricidade. Os hematomas ajudam, não acha?

Ela revirou os olhos e deu outro gole no chá.

– Talvez uma cicatriz – refletiu ele, virando-se para mostrar um dos lados do rosto. – O que acha? Bem aqui. Eu poderia...

Mas Anne não ouviu o resto das palavras. Só viu a mão dele deslizando no ar, da têmpora ao queixo. Uma diagonal longa e furiosa, exatamente como...

Como o rosto de George quando ele arrancara as ataduras no escritório do pai.

E Anne também sentiu a terrível resistência da pele dele quando o abridor penetrara em seu rosto.

Ela virou rapidamente para o outro lado, tentando respirar. Mas não conseguiu. Era como se tivesse visgo ao redor dos pulmões, um grande peso no peito. Estava sufocando e se afogando ao mesmo tempo, desesperada por ar. Ah, Deus, por que aquilo estava acontecendo agora? Havia anos que ela não sentia aquele tipo de terror espontâneo. Pensara que havia ficado no passado.

– Anne – chamou Daniel, preocupado, estendendo a mão por cima da mesa para pegar a dela. – O que houve?

Foi como se o toque dele rompesse a faixa que a apertava, porque todo o corpo dela sofreu um súbito espasmo e Anne começou a respirar profunda e convulsivamente. As bordas negras que estreitavam sua visão estremeceram e se dissolveram e aos poucos, bem devagar, ela sentiu o corpo voltar ao normal.

– Anne – repetiu Daniel, mas ela não olhou para ele.

Não queria ver a preocupação em seu rosto. Fora uma brincadeira, Anne sabia. Como poderia explicar sua reação exagerada?

– O chá – disse ela, esperando que Daniel não lembrasse que ela já havia pousado a xícara quando ele fizera o comentário. – Acho... – Ela tossiu, e não estava fingindo. – Acho que não desceu bem.

Ele a observou com atenção.

– Tem certeza?

– Ou talvez ele esteja quente demais – arriscou ela, os ombros estremecendo ligeiramente de nervoso. – Mas posso lhe assegurar que já estou quase restabelecida. – Anne sorriu, ou ao menos tentou. – Na verdade, é muito constrangedor.

– Posso ajudá-la de algum modo?

– Não, é claro que não. – Ela se abanou. – Minha nossa, de repente fiquei com tanto calor... O senhor não?

Ele balançou a cabeça, os olhos fixos no rosto dela.

– O chá – disse Anne, tentando parecer animada. – Como eu disse, está muito quente.

– Está.

Ela engoliu em seco. Daniel estava percebendo a encenação, Anne tinha certeza. Não sabia qual era a verdade, mas sabia que não era o que ela estava dizendo. E, pela primeira vez desde que saíra de casa, oito anos antes, Anne sentiu uma pontada de remorso por seu silêncio. Não tinha a

obrigação de compartilhar seus segredos com aquele homem, mas, ainda assim, ali estava, sentindo-se evasiva e culpada.

– Acha que o tempo já melhorou? – perguntou, virando-se para a janela.

Era difícil dizer – o vidro era antigo e ondulado, e a grande marquise da estalagem protegia o prédio do impacto direto da chuva.

– Não, ainda não – retrucou Daniel.

Ela se virou para ele e murmurou:

– Não, é claro que não. – Então se forçou a sorrir. – De qualquer modo, preciso terminar meu chá.

Ele a encarou com curiosidade.

– Não está mais tão quente?

Anne ficou confusa e precisou de um momento para se lembrar de que estava se abanando apenas alguns momentos antes.

– Não – respondeu. – Que engraçado...

Sorriu de novo e levou a xícara aos lábios. Mas foi salva de ter que descobrir um modo de retomar a conversa tranquila de antes por um barulho alto de algo se quebrando bem do lado de fora do salão.

– O que pode ser? – perguntou Anne, mas Daniel já tinha se levantado.

– Fique aqui – ordenou ele, e saiu rapidamente pela porta.

Parecia tenso, e Anne viu algo familiar em seu olhar. Algo que já vira em si mesma algumas vezes. Era quase como se estivesse esperando problemas. Mas aquilo não fazia sentido. Ela ouvira dizer que o homem que o obrigara a deixar o país havia abandonado sua ideia de vingança.

Mas Anne acreditava que velhos hábitos custavam a morrer, e se perguntou quanto tempo ela mesma levaria para parar de olhar por cima do ombro caso George Chervil engasgasse subitamente com um osso de galinha ou se mudasse para as Índias Orientais.

– Não foi nada – disse Daniel, voltando para a mesa. – Só um bêbado que conseguiu derrubar tudo no caminho entre a estalagem e os estábulos. – Ele pegou a xícara de chá, deu um longo gole e acrescentou: – Mas a chuva diminuiu. Ainda está chuviscando, mas acho que logo poderemos partir.

– É claro – disse Anne, ficando de pé.

– Já pedi para trazerem o cabriolé – disse Daniel, acompanhando-a até a porta.

Ela assentiu e saiu. O ar fresco era revigorante, e Anne não se importava com o frio. Havia uma sensação de limpeza na bruma fresca que a fez se sentir mais dona de si.

E, naquele momento, naquele exato instante, não era uma sensação ruim.

Daniel ainda não tinha ideia do que acontecera com Anne no restaurante da estalagem. Imaginou que poderia ser exatamente o que ela dissera, que se engasgara com o chá. Ele mesmo já passara por isso e, sem dúvida, era o suficiente para fazer alguém começar a tossir, ainda mais quando o chá estava quase fervendo.

Mas ela ficara terrivelmente pálida, e seus olhos – naquela fração de segundo antes que se virasse – pareceram assombrados. Aterrorizados.

Aquilo o fez lembrar da vez que a encontrara em Londres, quando Anne entrara cambaleando na loja do Sr. Hoby, apavorada. Ela dissera que vira alguém que não queria ver.

Mas aquilo fora em Londres. No novo ataque de pânico dela eles estavam em Berkshire, mais precisamente sentados em uma estalagem cheia de moradores da cidade que Daniel conhecia desde que nascera. Não havia uma alma naquele salão que fosse ser capaz de tocar em um só fio de cabelo dela.

Talvez tivesse sido mesmo o chá. Talvez ele tivesse imaginado todo o resto. Anne sem dúvida parecia normal agora, sorrindo para Daniel enquanto ele a ajudava a subir no cabriolé. A meia capota havia sido erguida contra a chuva, mas mesmo se o tempo se mantivesse como estava, os dois chegariam a Whipple Hill totalmente congelados.

Daniel pediria para que fosse providenciado um banho quente para ambos assim que entrasse em casa.

Embora, para sua tristeza, não fossem compartilhar o mesmo banho.

– Nunca andei em um cabriolé – comentou Anne, sorrindo enquanto apertava as fitas da touca.

– Nunca?

Daniel não sabia por que isso o surpreendia. Sem dúvida uma governanta não teria motivo para andar em um veículo daquele, mas tudo nela remetia a um nascimento abastado. Em algum momento da vida,

Anne devia ter sido uma dama de boa família. E Daniel não conseguia acreditar que não tivesse havido filas de cavalheiros implorando por sua companhia em seus cabriolés.

– Bem, já andei em uma charrete pequena, para duas pessoas – contou ela. – Minha antiga patroa tinha uma, e tive que aprender a conduzi-la. Era uma senhora bastante idosa e ninguém confiava nela com as rédeas.

– Isso foi na Ilha de Man? – perguntou Daniel, mantendo a voz propositalmente leve.

Era tão raro ela oferecer pistas do próprio passado que ele teve medo de que Anne se retraísse caso ele perguntasse de modo muito afoito.

Mas ela não pareceu perturbada.

– Foi. Antes eu só havia conduzido uma carroça. Meu pai não teria uma carruagem onde só cabiam duas pessoas. Sempre foi um homem prático.

– A senhorita monta? – perguntou ele.

– Não – respondeu ela sucintamente.

Outra pista. Se os pais dela tivessem um título de nobreza, ela com certeza teria tido aulas de montaria antes mesmo que aprendesse a ler.

– Quanto tempo viveu lá? – quis saber Daniel, em um tom descontraído. – Na Ilha de Man?

Ela não respondeu logo, e ele já tinha desistido quando, em uma voz suave, carregada de lembranças, Anne disse:

– Três anos. Três anos e quatro meses.

– Não parece ter lembranças felizes – comentou ele, mantendo os olhos fixos na estrada à frente.

– Não tenho. – Ela voltou a ficar em silêncio por cerca de dez segundos, então acrescentou: – Não foi terrível. Foi só... não sei. Eu era jovem. E lá não era o meu lar.

Lar. Algo que Anne nunca mencionara. Um assunto em que Daniel sabia que não devia tocar, por isso preferiu perguntar:

– A senhorita era dama de companhia lá?

Ela assentiu. Ele mal viu o gesto pelo canto do olho – Anne parecia ter esquecido que ele estava olhando para a frente, não para ela.

– Não era um trabalho pesado – continuou Anne. – A dama a quem eu fazia companhia gostava que lessem para ela, e eu fazia muito isso. Também fazia pequenos reparos de costura e escrevia toda a correspondência dela. As mãos dela tremiam muito.

– Presumo que tenha partido quando ela faleceu.

– Sim. Tive muita sorte por ela ter uma sobrinha-neta em Birmingham que estava precisando de uma governanta. Acho que minha patroa sabia que sua hora estava chegando e, antes de falecer, deixou tudo arranjado para o meu novo emprego. – Anne ficou em silêncio por um instante, então Daniel percebeu que ela enrijeceu o corpo, quase como se estivesse afastando as brumas da memória. – Trabalho como governanta desde então.

– A senhorita parece gostar.

– Na maior parte das vezes, sim.

– Acho que...

Daniel parou de repente. Havia algo errado com os cavalos.

– O que foi? – perguntou Anne.

Ele balançou a cabeça. Não podia falar naquele momento. Precisava se concentrar. A parelha estava puxando para a direita, o que não fazia sentido. Algo se rompeu e os cavalos tomaram a rédea nos dentes e dispararam, puxando o cabriolé junto até...

– Santo Deus – sussurrou Daniel.

Enquanto observava horrorizado, ainda lutando para recuperar o controle da parelha, os arreios se soltaram do eixo e os cavalos viraram para a esquerda.

Sem o cabriolé.

Anne deixou escapar um gritinho de surpresa e horror quando o veículo ganhou velocidade colina abaixo, inclinando-se em duas rodas.

– Se curve para a frente! – gritou Daniel.

Se conseguissem manter o cabriolé equilibrado, conseguiriam terminar de descer a colina e então ir diminuindo a velocidade. Mas a capota fazia peso para trás, e os buracos e elevações na estrada tornavam quase impossível que mantivessem o corpo inclinado para a frente.

Então Daniel se lembrou da curva. A meio caminho da colina, a estrada fazia uma curva fechada para a esquerda. Se eles continuassem reto, seriam jogados para fora da colina, dentro de um bosque fechado.

– Escute – disse ele para Anne com urgência. – Quando chegarmos à base da colina, incline-se para a esquerda. Com todas as suas forças, incline-se para a esquerda.

Ela assentiu freneticamente. Seus olhos estavam apavorados, mas ela não estava histérica. Faria o que fosse preciso. Assim que...

– Agora! – gritou ele.

Os dois se jogaram para a esquerda e o corpo de Anne ficou colado ao de Daniel. O cabriolé inclinou-se sobre uma das rodas, a madeira rangendo em protesto, com um estalo terrível por causa do peso extra.

– Para a frente! – ordenou Daniel.

Os dois jogaram o peso do corpo nessa direção, fazendo a carruagem virar à esquerda e escapando por pouco de serem cuspidos para fora da estrada.

Mas, enquanto eles viravam, a roda da esquerda – a única em contato com o solo – prendeu em alguma coisa e o cabriolé foi jogado para a frente, elevando-se no ar antes de aterrissar de volta sobre as rodas com um estalo assustador. Daniel se agarrou ao veículo com todas as forças, e pensou que Anne estivesse fazendo o mesmo, mas viu horrorizado quando ela foi cuspida para fora, e a roda... Ah, santo Deus, a roda! Se passasse por cima dela...

Daniel não parou para pensar. Jogou-se para a direita, fazendo o cabriolé tombar antes que pudesse atingir Anne, que estava em algum lugar no chão, em algum ponto à esquerda.

O cabriolé bateu no solo e deslizou por vários metros antes de parar na lama. Por um instante Daniel não conseguiu se mover. Já fora nocauteado antes, já caíra de cavalos... diabos, já até levara um tiro. Mas nunca o ar fora tão completamente expulso de seus pulmões como quando o cabriolé acertou o chão.

Anne. Precisava ir até ela. Mas tinha que voltar a respirar primeiro, e no momento só conseguia arquejar. Finalmente, ainda ofegante, Daniel rastejou para fora do veículo virado.

– Anne! – tentou gritar, mas tudo o que conseguiu fazer foi sussurrar o nome dela.

Suas mãos afundaram na lama, depois seus joelhos e, então, usando a lateral quebrada do cabriolé como apoio, Daniel conseguiu ficar de pé, cambaleante.

– Anne! – chamou de novo, dessa vez mais alto. – Srta. Wynter!

Não houve resposta. Nenhum som, a não ser o da chuva caindo no chão alagado.

Ainda mal conseguindo se manter de pé, Daniel procurou freneticamente algum sinal de Anne, girando para um lado e para outro,

ainda apoiado no cabriolé tombado. O que ela estava usando? Trajes marrons, do tom perfeito para se confundir com a lama.

Ela só podia estar atrás dele. O veículo rodara e derrapara por alguns metros depois que ela fora arremessada para fora. Daniel tentou chegar à parte de trás do cabriolé, com as botas escorregando na lama funda. Ele derrapou, perdeu o equilíbrio e se inclinou para a frente, as mãos tateando em busca de qualquer coisa que pudesse mantê-lo de pé. No último momento antes de cair, ele sentiu uma tira fina de couro.

A rédea.

Abaixou os olhos para o couro em suas mãos. Era o arreio que devia ligar o cavalo ao eixo do cabriolé. Fora cortado. Só a pontinha parecia desgastada, como se tivesse ficado pendurada por um fio, pronta para arrebentar à menor pressão.

Ramsgate.

Daniel sentiu o corpo se retesar de raiva e, enfim, encontrou energia para seguir além do cabriolé quebrado, em busca de Anne. Por Deus, se algo tivesse acontecido a ela... se estivesse gravemente ferida...

Ele mataria lorde Ramsgate. Arrancaria as entranhas dele com as próprias mãos.

– Anne! – gritou, girando como um louco na lama à procura dela.

Então... aquilo era uma bota? Ele correu adiante, na chuva, tropeçando, até vê-la claramente, caída no chão, metade do corpo na estrada, metade no bosque.

– Santo Deus – sussurrou Daniel, e correu, o horror esmagando seu coração. – Anne – chamou freneticamente. Chegou ao lado dela e tentou sentir sua pulsação. – Responda. Maldição, me responda agora.

Ela continuou em silêncio, mas a pulsação estável foi o bastante para dar esperança a ele. Estavam a menos de um quilômetro de Whipple Hill. Ele poderia carregá-la até lá. Estava tremendo, machucado, e provavelmente sangrando, mas conseguiria.

Com cuidado, ergueu-a nos braços e começou a traiçoeira caminhada para casa. A lama tornava cada passo um ato de equilibrista, e ele mal conseguia ver através dos cabelos colados a seu rosto pela chuva, tapando-lhe os olhos. Mas continuou a andar, o corpo exausto encontrando forças no terror que sentia.

E na fúria.

Ramsgate pagaria por aquilo, e talvez Hugh também. E, por Deus, o mundo todo pagaria se Anne nunca mais voltasse a abrir os olhos.

Um pé depois do outro. Foi o que ele fez, até que Whipple Hill surgiu à vista. Então, Daniel chegou à entrada da propriedade, ao caminho circular que levava à casa. Finalmente, quando seus músculos já tremiam e pareciam gritar, quando seus joelhos ameaçavam dobrar, ele conseguiu subir os três degraus da frente e chutou a porta com força.

E mais uma vez.

E outra.

E mais uma, e outra, e outra, até ouvir passos se apressando em direção à porta.

Então ela foi aberta e o mordomo apareceu.

– Milorde! – exclamou.

Logo três criados correram para aliviá-lo de seu fardo, e Daniel desabou no chão, exausto e apavorado.

– Cuide dela – arquejou. – Ela precisa ser aquecida.

– Agora mesmo, milorde – assegurou o mordomo –, mas o senhor...

– Não! – ordenou Daniel. – Cuide dela primeiro.

– É claro, milorde. – O mordomo se apressou na direção dos criados apavorados que seguravam Anne, ignorando a enxurrada que escorria pelas mangas de suas camisas. – Vão! – ordenou. – Vão! Levem-na para cima, e você – acrescentou, dirigindo-se a uma criada que aparecera no saguão para assistir à cena, aparvalhada –, comece a aquecer água para um banho. Agora!

Daniel fechou os olhos, tranquilizado pela agitação que se desenrolava ao seu redor. Fizera tudo o que precisava fazer. Fizera tudo o que podia fazer.

Por enquanto.

CAPÍTULO 14

Quando Anne enfim voltou a si, o breu em sua mente dando lugar aos poucos a nuvens cinzas ondulantes, a primeira coisa que sentiu foram mãos a pegando e puxando, tentando tirar suas roupas.

Ela quis gritar, mas sua voz não saiu. Anne tremia incontrolavelmente, os músculos doloridos e exaustos, e não tinha certeza se conseguiria abrir a boca, menos ainda emitir qualquer som.

Já fora encurralada antes, por rapazes autoconfiantes demais, que viam a governanta como uma presa a que tinham direito, por um patrão que achava que, afinal, estava pagando um salário a ela, e até mesmo por George Chervil, que aliás fora quem colocara a vida dela naquele rumo.

Mas Anne sempre fora capaz de se defender. Sempre tivera força, determinação e, no caso de George, até uma arma. Agora não tinha nenhuma dessas coisas. Não conseguia nem abrir os olhos.

– Não – gemeu, se contorcendo e tentando se desvencilhar no que pareceu ser um chão frio de madeira.

– Shhh – fez uma voz que não lhe era familiar. Mas era uma mulher, o que fez Anne se sentir mais tranquila. – Deixe-nos ajudá-la, Srta. Wynter.

Sabiam seu nome. Anne não conseguia decidir se isso era uma coisa boa ou não.

– Pobrezinha – falou a mulher. – Está gelada. Vamos colocá-la em um banho quente.

Um banho. Um banho soava como o paraíso. Ela estava com tanto frio... não conseguia se lembrar de já ter sentido tanto frio. Tudo parecia tão pesado... seus braços, suas pernas, até mesmo seu coração.

– Estamos aqui, querida – tranquilizou-a a mesma voz feminina. – Só me deixe abrir todos esses botões.

Anne se esforçou mais uma vez para abrir os olhos. A sensação era de que alguém estava colocando pesos sobre as pálpebras dela, ou que a haviam submergido em alguma gosma densa da qual ela não conseguia sair.

– Você está segura agora – disse a mulher.

A voz dela era gentil, e ela parecia querer ajudar.

– Onde estou? – sussurrou Anne, ainda tentando se forçar a abrir os olhos.

– Em Whipple Hill. Lorde Winstead trouxe-a no colo até aqui, na chuva.

– Lorde Winstead... Ele...

Anne arquejou e finalmente conseguiu abrir os olhos. Viu que estava em um banheiro, muito mais elegante e ornamentado do que o que usava no quarto das crianças. Havia duas criadas com ela, uma acrescentando água quente à banheira e outra tentando despir as roupas encharcadas de Anne.

– Ele está bem? – perguntou Anne, freneticamente. – Lorde Winstead?

Lampejos de memória a atingiram. A chuva. Os cavalos correndo soltos. O som horroroso da madeira se partindo. E então o cabriolé seguindo em frente em apenas uma roda. E logo... nada. Anne não conseguia se lembrar de mais nada. Eles deviam ter batido... por que ela não se lembrava disso?

Santo Deus, o que acontecera com eles?

– Sua Senhoria passa bem – assegurou a criada. – Está absolutamente exausto, mas só precisa descansar. – Os olhos dela reluziram de orgulho enquanto ela posicionava Anne de modo a tirar seu braço de dentro de uma manga. – Ele é um herói. Um verdadeiro herói.

Anne esfregou o rosto com a mão.

– Não consigo me lembrar do que aconteceu. Tenho algumas lembranças vagas, mas só isso.

– Sua Senhoria nos disse que a senhorita foi arremessada do cabriolé – informou a criada, passando para a outra manga. – Lady Winstead acredita que a senhorita provavelmente bateu com a cabeça.

– Lady Winstead?

Quando ela vira lady Winstead?

– A mãe de Sua Senhoria – explicou a criada, interpretando equivocadamente a pergunta de Anne. – Ela entende um pouco de

ferimentos e tratamentos. E examinou a senhorita lá no saguão.

– Ah, santo Deus.

Anne não sabia por que aquilo era tão mortificante, mas era.

– Lady Winstead disse que a senhorita estava com um inchaço bem aqui – acrescentou a criada, tocando a própria cabeça, uns 5 centímetros acima da orelha esquerda.

A mão de Anne, ainda esfregando a própria têmpora, moveu-se pelos cabelos. Ela encontrou o inchaço na mesma hora, protuberante e sensível.

– Ai – disse, afastando os dedos.

Ela olhou para a mão. Não havia sangue. Ou talvez tivesse sangrado e a chuva houvesse lavado.

– Lady Winstead disse que a senhorita poderia desejar alguma privacidade – continuou a criada, finalmente despindo o vestido de Anne. – Devemos aquecê-la, banhá-la e colocá-la na cama. Ela mandou chamar um médico.

– Ah, tenho certeza de que não preciso de um médico – apressou-se em afirmar Anne.

Ela ainda se sentia péssima – dolorida, com frio e um inchaço que explicava a terrível dor de cabeça. Mas eram desconfortos temporários, que ela sabia instintivamente que só precisavam de uma cama macia e uma sopa quente para melhorar.

Mas a criada apenas deu de ombros.

– Ela já mandou chamar o médico. Acho que a senhorita não tem muita escolha.

Anne assentiu.

– Todos estão muito preocupados com a senhorita. A pequena lady Frances estava chorando, e...

– Frances – interrompeu Anne. – Mas ela nunca chora.

– Dessa vez, chorou.

– Ah, por favor, *por favor*, peça para alguém avisar a ela que estou bem – implorou Anne, aflita de preocupação.

– Um criado logo aparecerá com mais água quente. Vamos pedir a ele que diga a lady...

– Um criado? – arquejou Anne, as mãos instintivamente cobrindo o corpo quase nu.

Ela ainda vestia a camisola, mas o tecido estava molhado e praticamente transparente.

– Não se preocupe – tranquilizou-a a criada com uma risadinha. – Ele deixa a água na porta. É só para que Peggy não tenha que subir as escadas com o peso.

Peggy, que estava derramando mais um balde de água na banheira, se virou e sorriu.

– Obrigada – disse Anne, baixinho. – Muito obrigada a vocês duas.

– Meu nome é Bess – apresentou-se a primeira criada. – Acha que consegue se levantar? Só por um instante? Essa roupa de baixo precisa sair pela sua cabeça.

Anne assentiu e, com a ajuda de Bess, ficou de pé, tentando se segurar na lateral da grande banheira de porcelana para se equilibrar. Depois que a roupa de baixo foi tirada, Bess ajudou-a a entrar na banheira e Anne afundou na água, agradecida. Estava quente demais, mas ela não se importou nem um pouco. Era muito bom sentir alguma outra coisa que não entorpecimento.

Anne ficou mergulhada na banheira até a água ficar morna, então Bess a ajudou a vestir a camisola de lã que fora buscar no quarto de Anne no aposento das crianças.

– Pronto – disse Bess, conduzindo Anne pelo carpete macio até uma linda cama de baldaquino.

– Que quarto é este? – perguntou Anne, reparando na elegância que a cercava.

O teto era ornado de arabescos e as paredes eram cobertas de tecido adamascado em um delicado tom de azul-prateado. Era de longe o maior cômodo em que já dormira.

– É o quarto de hóspedes azul – respondeu Bess, afofando os travesseiros. – É um dos mais elegantes de Whipple Hill. Fica no mesmo corredor dos aposentos da família.

Junto com a família? Anne olhou para Bess, surpresa.

A criada deu de ombros.

– Sua Senhoria insistiu nisso.

– Ah – retrucou Anne em um arquejo baixo, se perguntando o que o resto da família estaria pensando daquilo.

Bess observou Anne se acomodar sob as cobertas pesadas e perguntou:

– Devo dizer a todos que está bem para receber visitas? Sei que vão querer vê-la.

– Não lorde Winstead, não é? – disse Anne, horrorizada.

Com certeza não permitiriam que ele entrasse no quarto dela. Bem, o quarto não era *dela*, mas ainda assim era um quarto. Com ela dentro.

– Ah, não – tranquilizou-a Bess mais uma vez. – Ele está na própria cama, dormindo, eu espero. Não acho que iremos vê-lo por pelo menos um dia. O pobre coitado está exausto. Imagino que a senhorita pese um pouco mais com as roupas molhadas no corpo.

Bess riu da própria piada e saiu do quarto.

Menos de um minuto depois, lady Pleinsworth entrou.

– Ah, minha pobre, pobre moça! – exclamou. – Que susto nos deu. Mas, nossa, está com uma aparência muito melhor do que há uma hora.

– Obrigada – disse Anne, não se sentindo tão confortável assim com tamanha efusão da parte da patroa.

Lady Pleinsworth sempre fora gentil, mas nunca tentara fazer Anne se sentir um membro da família. Nem Anne contara com isso. Era a parte estranha de ser governanta – não era exatamente uma criada, mas sem dúvida não pertencia à família. A primeira patroa de Anne – a idosa na Ilha de Man – a alertara sobre isso. Trabalhar como governanta era estar eternamente presa entre os andares de cima e os de baixo, e era melhor que ela se acostumasse o mais rápido possível com essa realidade.

– A senhorita devia ter se visto quando Daniel chegou trazendo-a – disse lady Pleinsworth, enquanto se acomodava em uma cadeira perto da cama. – Pobre Frances, pensou que a senhorita estava morta.

– Ah, não, ela ainda está preocupada? Alguém...

– Ela está bem – tranquilizou-a lady Pleinsworth com um aceno brusco de mão. – No entanto, insiste em ver a senhorita com os próprios olhos.

– Isso seria muito agradável – disse Anne, tentando abafar um bocejo. – Eu adoraria a companhia dela.

– A senhorita precisa descansar primeiro – falou lady Pleinsworth com firmeza.

Anne assentiu e afundou um pouco mais nos travesseiros.

– Estou certa de que a senhorita deseja saber como está lorde Winstead – continuou lady Pleinsworth.

Anne assentiu de novo. Queria desesperadamente saber como ele estava, mas vinha se forçando a não perguntar.

Lady Pleinsworth se inclinou para a frente, e havia algo na expressão dela que Anne não conseguiu decifrar por completo.

– A senhorita precisa saber que ele quase teve um colapso depois de carregá-la até em casa.

– Sinto muito – sussurrou Anne.

Mas, se lady Pleinsworth a ouviu, não deu indicação.

– Na verdade, acho que ele *realmente* teve um colapso. Dois criados precisaram ajudá-lo a se levantar e quase o carregaram até o quarto. Juro que nunca vi nada igual.

Anne sentiu as lágrimas ardendo em seus olhos.

– Ah, sinto muito. Sinto tanto...

Então lady Pleinsworth a encarou com uma expressão realmente estranha, quase como se tivesse se esquecido por completo de com quem estava falando.

– Não há necessidade disso. Não é sua culpa.

– Eu sei, mas...

Anne balançou a cabeça. Ela não tinha certeza do que sabia. Não sabia de mais nada.

– Mas a senhorita deveria se sentir grata – prosseguiu lady Pleinsworth com um aceno de mão. – Ele a carregou por cerca de um quilômetro, sabia? E também estava machucado.

– Sou grata – garantiu Anne em voz baixa. – Muito mesmo.

– As rédeas arrebentaram – informou lady Pleinsworth. – Devo dizer que estou estarrecida. É um absurdo que equipamentos em estado tão ruim sejam liberados para sair dos estábulos. Alguém vai perder o emprego por causa disso, tenho certeza.

As rédeas, pensou Anne. Aquilo fazia sentido. Tudo acontecera tão de repente...

– De qualquer modo, dada a gravidade do acidente, devemos ser gratos por nenhum de vocês dois ter se ferido mais seriamente – continuou lady Pleinsworth. – Embora tenham me dito que devemos observar com atenção esse inchaço em sua cabeça.

Anne tocou de novo o inchaço e se encolheu.

– Dói?

– Um pouco – admitiu Anne.

Lady Pleinsworth pareceu não saber o que fazer com aquela informação. Ela se remexeu um pouco no assento, inquieta, então endireitou os ombros, até finalmente dizer:

– Bem...

Anne forçou um sorriso. Era um absurdo, mas de certa forma achava que era papel *dela* tentar fazer lady Pleinsworth se sentir melhor. Provavelmente era resultado de todos aqueles anos de trabalho, sempre querendo agradar aos patrões.

– O médico logo estará aqui – continuou lady Pleinsworth –, mas nesse meio tempo mandarei alguém avisar a lorde Winstead que a senhorita acordou. Ele estava muito preocupado.

– Obrigada... – começou a dizer Anne, mas ao que parecia lady Pleinsworth não havia terminado.

– Mas é curioso – seguiu ela, cerrando os lábios por um instante. – Como a senhorita acabou no cabriolé dele? Na última vez em que o vi, ele estava aqui em Whipple Hill.

Anne engoliu em seco. Aquele era o tipo de conversa com o qual se precisava ter o máximo de cuidado.

– Eu o vi no vilarejo – disse Anne. – Começou a chover e ele se ofereceu para me trazer de volta a Whipple Hill. – Ela esperou por um instante, mas lady Pleinsworth não disse nada, por isso acrescentou: – Fiquei imensamente grata.

Lady Pleinsworth demorou algum tempo considerando a resposta de Anne, então falou:

– Sim, bem, ele é mesmo muito generoso. Embora, considerando o modo como as coisas terminaram, teria sido melhor vir andando. – Ela se levantou de repente e ajeitou a cama. – Agora a senhorita precisa descansar. Mas não durma. Me disseram que não deve dormir até o médico chegar e examiná-la. – Lady Pleinsworth franziu a testa. – Acho que vou mandar Frances vir lhe visitar, afinal. No mínimo, ela a manterá acordada.

Anne sorriu.

– Talvez ela possa ler para mim. Frances já não pratica leitura em voz alta há algum tempo, e vou gostar de ver o progresso dela com a dicção.

– Sempre pensando como uma professora – comentou lady Pleinsworth. – Mas é isso que esperamos de uma governanta, não é?

Anne assentiu, sem saber se aquilo fora um elogio ou um recado para que se lembrasse do seu lugar.

Lady Pleinsworth foi até a porta, então se virou.

– Ah, não precisa se preocupar com os estudos das meninas. Lady Sarah e lady Honoria vão dividir suas funções até a senhorita estar

recuperada. Estou certa de que, entre elas, conseguirão chegar a um plano de aula.

– Aritmética – avisou Anne com um bocejo. – Elas precisam ter aula de aritmética.

– Aritmética, claro. – Lady Pleinsworth abriu a porta e saiu para o corredor. – Tente descansar um pouco. Mas não durma.

Anne assentiu e fechou os olhos, embora soubesse que não devia. Mas não achava que conseguiria dormir. Seu corpo estava exausto, mas seus pensamentos corriam soltos. Todos lhe diziam que Daniel estava bem, mas ela ainda continuaria preocupada até vê-lo por si mesma. No entanto, não havia nada que pudesse fazer a respeito naquele momento, não quando mal conseguia andar.

Então Frances entrou animada, subiu na cama ao lado de Anne e começou a tagarelar. O que era, como Anne percebeu depois, exatamente do que precisava.

O resto do dia transcorreu tranquilamente. Frances ficou no quarto até o médico chegar. Ele orientou Anne a permanecer acordada até a noite cair. Então chegou Elizabeth, com uma bandeja de bolos e doces, e enfim Harriet, trazendo uma pequena pilha de papéis – sua obra em andamento, *Henrique VIII e o unicórnio do mal*.

– Não sei se Frances vai ficar satisfeita com um unicórnio malvado – disse Anne à menina.

Harriet a olhou com uma das sobrancelhas arqueadas.

– Ela não especificou que deveria ser um unicórnio *bom*.

Anne fez uma careta.

– Você terá uma batalha nas mãos, isso é tudo o que vou dizer sobre o assunto.

Harriet deu de ombros.

– Vou começar o segundo ato. O primeiro ato está um desastre completo. Tive que rasgar tudo.

– Por causa do unicórnio?

– Não – falou Harriet com uma careta. – Coloquei as esposas na ordem errada. É divorciada, degolada, morta, divorciada, degolada, viúva.

– Que alegre.

Harriet a encarou com certo ultraje, então disse:

– Troquei uma das divorciadas por uma degolada.

– Posso lhe dar um conselho? – perguntou Anne.

Harriet a encarou.

– Nunca deixe ninguém ouvi-la dizer isso fora de contexto.

A menina deu uma gargalhada, então sacudiu os papéis na mão, indicando que estava pronta para começar.

– Segundo ato – falou, com um floreio. – E não se preocupe, a senhorita não vai ficar confusa, ainda mais agora que revisamos todas as esposas mortas.

Mas antes que Harriet chegasse ao terceiro ato, lady Pleinsworth entrou no quarto, a expressão grave e urgente.

– Preciso falar com a Srta. Wynter – disse para Harriet. – Por favor, deixe-nos a sós.

– Mas nós nem sequer...

– *Agora*, Harriet.

A menina encarou Anne com uma expressão de *o-que-ela-pode-querer*, à qual a governanta não reagiu. Não com lady Pleinsworth parada diante dela, parecendo tão tensa.

Harriet reuniu seus papéis e saiu do quarto. Lady Pleinsworth foi até a porta e, quando se certificou de que Harriet não estava escondida, ouvindo, se virou para Anne e disse:

– As rédeas foram cortadas.

Anne arquejou.

– O quê?

– As rédeas. Do cabriolé de lorde Winstead. Foram cortadas.

– Não. Isso é impossível. Por que...

Mas ela sabia o motivo. E sabia quem fizera aquilo.

George Chervil.

Anne sentiu que empalidecia. Como ele a havia encontrado ali? E como teria descoberto...

A estalagem. Ela e lorde Winstead ficaram lá dentro por pelo menos meia hora. Qualquer um que a estivesse observando teria percebido que ela voltaria para casa no veículo do conde.

Anne já aceitara que o tempo não diminuiria o ardor de George Chervil por vingança, mas nunca pensara que ele seria tão inconsequente a ponto de ameaçar a vida de outra pessoa, ainda mais alguém na posição de

Daniel. Pelo amor de Deus, o homem era o conde de Winstead. A morte de uma governanta provavelmente nem seria investigada, mas a de um conde?

George estava louco. Mais louco do que já era. Não podia haver outra explicação.

– Os cavalos voltaram há horas – continuou lady Pleinsworth. – Os cavalariços foram mandados para recuperar o cabriolé, e foi então que viram. Foi um ato claro de sabotagem. O couro, quando gasto, não arrebenta em uma linha reta e uniforme.

– Não – concordou Anne, tentando assimilar tudo.

– Não imagino que a senhorita tenha algum inimigo nefasto em seu passado sobre o qual não tenha nos informado – disse lady Pleinsworth.

Anne sentiu a garganta seca. Teria que mentir. Não havia outra...

Mas lady Pleinsworth provavelmente estivera apenas gracejando, porque não esperou uma resposta.

– Foi Ramsgate – declarou ela. – Santo Deus, *maldito seja*, o homem perdeu o juízo.

Anne ficou apenas encarando a patroa, sem saber se estava aliviada por ter sido poupada do pecado da mentira, ou chocada por lady Pleinsworth ter invocado tão furiosamente o nome do Senhor em vão.

E talvez lady Pleinsworth estivesse certa. Talvez aquilo não tivesse nada a ver com ela, Anne, e o vilão de fato fosse o marquês de Ramsgate. Ele expulsara Daniel do país três anos antes, e não seria de espantar que tentasse matá-lo agora. E sem dúvida o homem não se importaria de levar junto a vida de uma governanta.

– Ele prometeu a Daniel que o deixaria em paz – falou lady Pleinsworth, furiosa, andando de um lado para outro no quarto. – Essa é a única razão para meu sobrinho ter voltado, a senhorita sabe. Daniel pensou que estaria seguro. Lorde Hugh foi até a Itália para dizer a ele que o pai prometera colocar um fim em toda essa sandice. – Ela deixou escapar um arquejo frustrado, as mãos cerradas com firmeza ao lado do corpo. – Foram três anos. Três anos no exílio. Não é o suficiente? Daniel nem sequer matou o filho dele. Foi apenas um ferimento.

Anne se manteve em silêncio, já que não sabia se deveria fazer parte daquela conversa.

Mas então a patroa se virou e encarou-a diretamente.

– Presumo que conheça a história.

– A maior parte dela, acredito.

– Sim, é claro. As meninas devem ter lhe contado tudo. – Ela cruzou os braços, então descruzou-os, e ocorreu a Anne que nunca a vira tão perturbada. Lady Pleinsworth balançou a cabeça e disse: – Não sei como Virginia vai suportar isso. Ela quase morreu ao ver o filho deixar o país.

Virginia devia ser lady Winstead, mãe de Daniel. Anne não sabia o primeiro nome dela.

– Bem – falou lady Pleinsworth –, suponho que possa dormir agora. O sol já se pôs.

– Obrigada – disse Anne. – Por favor, dê...

Mas ela parou no meio da frase.

– Disse alguma coisa? – perguntou lady Pleinsworth.

Anne balançou a cabeça. Teria sido inapropriado pedir a lady Pleinsworth que enviasse seus cumprimentos a lorde Winstead. Se não fosse inapropriado, teria sido pouco inteligente.

Lady Pleinsworth deu um passo na direção da porta, então parou.

– Srta. Wynter.

– Sim?

Lady Pleinsworth virou-se lentamente.

– Há mais uma coisa.

Anne esperou. Não era típico da patroa deixar aqueles silêncios no meio da conversa. Não era um bom presságio.

– Não me escapou o fato de que meu sobrinho...

Ela parou de falar mais uma vez, provavelmente procurando as palavras certas.

– Por favor – disse Anne em um rompante, certa de que seu emprego atual estava por um fio. – Lady Pleinsworth, eu lhe asseguro...

– Não me interrompa – disparou lady Pleinsworth, embora em um tom ainda gentil. Ergueu a mão, indicando que Anne deveria esperar até que ela organizasse as ideias. Por fim, quando a jovem teve certeza de que não conseguiria suportar por mais tempo, ela voltou a se manifestar: – Lorde Winstead parece muito empolgado com a senhorita.

Anne torceu para que a patroa não esperasse uma resposta.

– Posso confiar em seu bom senso, certo? – acrescentou lady Pleinsworth.

– É claro, milady.

– Há momentos em que uma mulher precisa mostrar uma sensatez que falta aos homens. Acredito que esse é um desses momentos.

Ela parou e encarou Anne diretamente, indicando que dessa vez esperava, *sim*, uma resposta. Então Anne disse:

– Sim, milady.

E rezou para que fosse o bastante.

– A verdade, Srta. Wynter, é que sei muito pouco a seu respeito.

Anne arregalou os olhos.

– Suas referências são impecáveis e, é claro, seu comportamento desde que se juntou a nós tem sido acima de qualquer crítica. A senhorita é, com certeza, a melhor governanta que já contratamos.

– Obrigada, milady.

– Mas não sei nada sobre a sua família. Não sei quem é seu pai, ou sua mãe, ou que tipo de vínculos possui. A senhorita teve boa criação, isso está bem claro, mas além disso... – Ela levantou as mãos, então olhou Anne nos olhos mais uma vez. – Meu sobrinho deve se casar com alguém com uma posição social clara e imaculada.

– Eu compreendo – retrucou Anne em voz baixa

– Essa moça quase com certeza virá de uma família nobre.

Anne engoliu em seco, tentando não deixar qualquer emoção transparecer em seu rosto.

– Isso não é estritamente necessário, é claro. É possível que ele venha a se casar com uma moça apenas bem-nascida. Mas isso seria muito fora do comum. – Lady Pleinsworth deu um passo na direção de Anne e inclinou a cabeça de leve para o lado, como se tentasse ver no íntimo dela. – Gosto da senhorita – falou devagar –, mas não a conheço. Compreende?

Anne assentiu.

Lady Pleinsworth voltou a caminhar até a porta e pousou a mão na maçaneta.

– Suspeito que a senhorita não quer que eu a conheça – disse em voz baixa.

Em seguida, se retirou, deixando Anne sozinha com a vela bruxuleante e seus pensamentos tortuosos.

Não havia como interpretar errado o significado dos comentários de lady Pleinsworth. Ela fora avisada de que deveria se manter longe de lorde Winstead, ou melhor, de que deveria se certificar de que *ele* se mantivesse longe *dela*. Mas fora uma conversa amarga e doce ao mesmo tempo. Lady

Pleinsworth deixara uma pequena e triste porta aberta, dando a dica de que Anne *talvez* pudesse ser considerada uma esposa adequada se revelasse mais sobre seu passado.

Mas é claro que aquilo era impossível.

Como dizer a lady Pleinsworth a verdade sobre seu passado?

Bem, a questão é que não sou virgem.

E meu nome na verdade não é Anne Wynter.

Ah, e apunhalei um homem que agora está me caçando como um louco, para me matar.

Uma risada desesperada e horrorizada escapou da garganta de Anne. Que histórico aquele...

– Sou mesmo um ótimo partido... – disse a si mesma no escuro, então riu um pouco mais.

Ou talvez tenha chorado. Depois de algum tempo, foi difícil diferenciar uma coisa e outra.

CAPÍTULO 15

Na manhã seguinte, antes que qualquer membro feminino de sua família pudesse deter o que Daniel sabia ser um comportamento impróprio, ele desceu o corredor pisando firme e bateu com força na porta do quarto de hóspedes azul. Já estava com seus trajes de viagem, pois planejava partir para Londres dali a uma hora.

Não escutou nenhum som dentro do quarto, por isso bateu de novo. Dessa vez, ouviu um farfalhar, seguido de uma voz grogue.

– Pode entrar.

Ele o fez, fechando a porta atrás de si bem a tempo de ouvir Anne arquejar:

– Milorde!

– Preciso falar com a senhorita – disse ele, sucintamente.

Ela assentiu, puxando as cobertas até o queixo, o que ele achou um absurdo, considerando o saco nada atraente que ela parecia usar no lugar de uma camisola.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ela, agitada.

Sem preâmbulos, Daniel falou:

– Estou partindo para Londres agora de manhã.

Anne não disse nada.

– A esta altura a senhorita já sabe que as rédeas foram cortadas.

Ela assentiu.

– Foi lorde Ramsgate – disse ele. – Um de seus homens. Provavelmente o mesmo de quem fui atrás, para investigar, na estalagem. O que eu lhe disse que estava embriagado.

– O senhor falou que ele quebrou tudo, dos estábulos até a estalagem – sussurrou ela.

– Exatamente – concordou ele, todos os músculos do corpo tensos.

Se ele se movesse um milímetro que fosse, caso baixasse a guarda por um momento sequer, não sabia o que aconteceria. Talvez gritasse. Talvez socasse as paredes. Tudo o que sabia era que uma fúria incontrolável vinha crescendo dentro dele, e toda vez que achava que havia chegado a um limite, que aquela raiva não poderia crescer mais, algo dentro dele estalava e rangia. A pele ficava muito rígida, e o ódio, a fúria... lutavam para se libertar.

Era algo quente. Algo escuro. Espremendo a alma dele.

– Lorde Winstead? – chamou Anne em voz baixa, e Daniel não conseguia imaginar até que ponto a raiva que sentia aparecera em seu rosto, porque os olhos dela estavam arregalados, com uma expressão alarmada. Então, em um sussurro quase inaudível, ela disse: – Daniel?

Era a primeira vez que ela o chamava pelo primeiro nome.

Ele engoliu em seco e cerrou os dentes enquanto se esforçava para manter o controle.

– Essa não seria a primeira vez que ele tentou me matar – disse, por fim. – Mas é a primeira vez que quase mata outra pessoa em sua tentativa.

Daniel a observou com atenção. Ela ainda estava com as cobertas sob o queixo, os dedos apertando as bordas. A boca de Anne se moveu, como se ela quisesse dizer alguma coisa. Ele esperou.

Ela continuou em silêncio.

Daniel permaneceu na mesma posição, perto da cama, o corpo rígido, as mãos juntas nas costas. Havia algo tão insuportavelmente formal naquela cena, apesar de Anne estar na cama, com os cabelos desalinhados pelo sono, uma única trança grossa caindo pelo ombro direito.

Eles não costumavam conversar com tanta formalidade. Talvez devesse ter sido assim, talvez isso o tivesse poupado de tamanha paixão, o que por sua vez a teria poupado de estar na companhia dele no dia em que Ramsgate escolhera agir.

Com certeza, teria sido melhor para ela se os dois nunca tivessem se conhecido.

– O que o senhor fará? – perguntou ela, por fim.

– Quando o encontrar?

Ela assentiu.

– Não sei. Se ele tiver sorte, não o estrangularei imediatamente. É provável que o marquês também esteja por trás do ataque de Londres. O

ataque que todos nós pensamos que houvesse sido apenas má sorte, dois ladrõezinhos em busca de uma bolsa cheia de dinheiro.

– Pode ter sido – argumentou Anne. – O senhor não tem como saber. Pessoas são assaltadas o tempo todo em Londres. É...

– A senhorita o está defendendo? – perguntou ele, incrédulo.

– Não! É claro que não. É só que... Bem... – Ela engoliu em seco. Quando voltou a falar, sua voz era muito baixa. – O senhor não tem todas as informações.

Por um momento, Daniel apenas encarou-a, não confiando em si mesmo para falar.

– Passei os últimos três anos fugindo dos homens dele na Europa – disse finalmente. – Sabia disso? Não? Pois foi o que aconteceu. E estou cansado disso. Se Ramsgate queria se vingar de mim, com certeza conseguiu. Três anos da minha vida roubados. Tem ideia do que é isso? Três anos de sua vida lhe sendo arrancados?

Anne entreabriu os lábios e, por um momento, Daniel achou que ela talvez fosse dizer que sim. Anne parecia zonza, quase hipnotizada, até que enfim respondeu:

– Lamento. Continue.

– Falarei com o filho dele primeiro. Posso confiar em lorde Hugh. Ou ao menos sempre achei que podia. – Daniel fechou os olhos e apenas respirou, tentando, com dificuldade, manter o equilíbrio. – Não sei mais em quem ainda posso confiar.

– O senhor pode... – Ela parou. Engoliu as palavras. Estivera prestes a dizer que ele podia confiar nela? Daniel a encarou com atenção, mas Anne virou o rosto, os olhos fixos na janela próxima. As cortinas estavam fechadas, mas ela continuou a olhar naquela direção, como se houvesse algo para ver. – Desejo-lhe uma boa viagem – sussurrou.

– A senhorita está zangada comigo – disse ele.

Anne voltou-se rapidamente para encará-lo.

– Não. Não, é claro que não. Eu jamais...

– A senhorita jamais teria se machucado se não estivesse em meu cabriolé – interrompeu Daniel. Jamais se perdoaria pelos ferimentos que lhe causara. Precisava que Anne soubesse disso. – Foi minha culpa a senhorita...

– Não! – gritou ela. Anne pulou da cama e correu na direção dele, mas parou abruptamente a menos de um metro. – Não, isso não é verdade. Eu...

eu só... Não – disse, erguendo o queixo com determinação. – Não é verdade.

Daniel a encarou. Ela estava ao alcance de sua mão. Se ele se inclinasse para a frente, se esticasse o braço, poderia segurar a manga da camisola dela. Poderia puxá-la para si, e juntos eles se dissolveriam, ele nela e ela nele, até não saberem mais onde um começava e o outro terminava.

– Não foi culpa sua – insistiu Anne.

– Fui eu que suscitei o desejo de vingança de lorde Ramsgate – lembrou ele, baixinho.

– Não somos... – Ela desviou o olhar, mas não antes de secar um dos olhos com as costas da mão. – Não somos responsáveis pelas ações dos outros. – A voz dela tremia de emoção, mas ela não conseguiu encará-lo. – Ainda mais pelas ações de um louco – acrescentou.

– Não – disse Daniel, a voz se destacando no ar suave da manhã. – Mas temos responsabilidade pelos que estão ao nosso redor. Harriet, Elizabeth e Frances... Não gostaria que eu as mantivesse seguras?

– Não – retrucou Anne, franzindo a testa, perturbada. – Não é isso que quero dizer. O senhor sabe que não foi...

– Sou responsável por todas as pessoas nestas terras – interrompeu ele. – Pela senhorita também, enquanto estiver aqui. E, a partir do momento em que sei que alguém me deseja mal, é meu dever e minha obrigação me certificar de que não arraste uma única pessoa para o perigo comigo.

Anne o encarou com os olhos arregalados, sem piscar, e Daniel se perguntou o que ela viu. *Quem* ela viu. As palavras que saíram da boca dele lhe eram familiares. Ele soara como o pai, e como o avô antes disso. Era isso que significava ter herdado um título de nobreza ancestral? Tornar-se responsável pela vida de todas as pessoas que residiam em suas terras? Ele fora feito conde muito jovem, e havia sido forçado a abandonar a Inglaterra apenas um ano depois.

Sim, era isso que significava, Daniel finalmente se deu conta. Era isso que tudo aquilo significava.

– Não permitirei que lhe façam mal – afirmou ele, a voz quase trêmula.

Anne fechou os olhos, mas então os franziu e a pele de suas têmporas também se enrugou, numa expressão de dor.

– Anne – falou Daniel, adiantando-se.

Mas ela balançou a cabeça quase violentamente e um estranho choro engasgado escapou de sua garganta.

E quase partiu o coração de Daniel ao meio.

– O que foi? – perguntou ele, cruzando a distância que os separava.

Pousou as mãos nos braços dela, talvez para ampará-la... talvez para amparar a si mesmo. Então precisou parar, simplesmente para respirar. A urgência de puxá-la mais para perto era avassaladora. Quando entrara naquele quarto, alguns minutos mais cedo, Daniel dissera a si mesmo que não tocaria nela, que não se aproximaria a ponto de conseguir sentir o ar se movendo ao redor dela. Mas aquilo... ele não conseguiria suportar.

– Não – disse ela, girando o corpo, mas não o bastante para fazê-lo acreditar que tinha mesmo a intenção de se afastar. – Por favor. Vá. Só vá embora.

– Não, até a senhorita dizer...

– Não posso – gritou Anne, então ela se desvencilhou dele e recuou até os dois estarem mais uma vez separados pelo ar frio da manhã. – Não posso lhe dizer o que quer ouvir. Não posso ficar com o senhor, e não posso nem mesmo vê-lo de novo. Compreende?

Daniel não respondeu. Porque compreendia. Mas não concordava.

Anne calou-se e ergueu as mãos para cobrir o rosto, esfregando e esticando a pele com tamanha angústia que Daniel quase se aproximou de novo, para fazê-la parar.

– Não posso ficar com o senhor – disparou Anne, as palavras saindo com tanta urgência e firmeza que ele se perguntou a quem ela estava tentando convencer. – Não sou... a pessoa... Não sou uma mulher adequada para o senhor – falou, olhando na direção da janela. – Não sou de sua posição social, e não sou...

Daniel esperou. Ela quase dissera outra coisa. Ele tinha certeza.

Mas quando Anne voltou a falar, sua voz mudara de tom e ela parecia determinada demais.

– O senhor vai me arruinar. – Nesse momento ela o encarou e Daniel quase se encolheu diante do vazio que viu em seu rosto. – Não será sua intenção, mas é o que irá acontecer, e perderei meu emprego e tudo o que me é caro.

– Anne, eu a protegerei.

– Não quero sua proteção. Não entende? Aprendi a tomar conta de mim mesma, a me sustentar... – Ela parou, e depois de algum tempo

acrescentou: – Não posso ser responsável pelo senhor também.

– Não precisa ser – respondeu Daniel, tentando compreender o significado do que ela dissera.

Anne se afastou.

– O senhor não entende.

– Não – disse ele bruscamente. – Não entendo.

Como poderia? Ela guardava segredos como se fossem pequenos tesouros, obrigando-o a implorar pelas lembranças dela como se fosse um maldito cão.

– Daniel... – chamou ela, baixinho.

E lá estava de novo. O primeiro nome dele. Foi como se Daniel nunca tivesse ouvido o próprio nome antes. Porque quando Anne falou, ele sentiu o som de cada letra como uma carícia. Cada sílaba pousou sobre a pele dele como um beijo.

– Anne – disse ele, e não reconheceu a própria voz. Estava áspera, rouca de anseio e desejo, e... e...

Então, antes que se desse conta do que estava prestes a fazer, Daniel puxou-a com força para os braços e no instante seguinte a beijava como se ela fosse ar, água, a própria salvação dele. Precisava de Anne com um desespero que, se parasse para pensar nisso, o abalaria no âmago do seu ser.

Mas Daniel não estava pensando. Não naquele momento. Estava cansado de pensar, cansado de se preocupar. Queria apenas sentir, deixar a paixão dominar seus sentidos, e seus sentidos dominarem seu corpo.

E queria que ela o desejasse do mesmo modo.

– Anne... Anne – arquejou, as mãos tateando freneticamente a lã horrível da camisola dela. – O que você faz comigo...

Ela o interrompeu, não com palavras, mas com o próprio corpo, pressionando-o no dele com a mesma urgência que dominava Daniel. As mãos dela estavam na camisa dele, rasgando a frente, abrindo até que ela pudesse sentir a pele dele na sua.

Era mais do que ele conseguiria suportar.

Com um gemido gutural, ele meio a ergueu, meio a virou, até os dois irem cambaleando para a cama. Enfim Daniel a tinha onde a desejara pelo que parecia ser toda uma vida. Embaixo dele, as pernas envolvendo-o suavemente.

– Quero você – disse ele, embora não houvesse dúvida em relação a isso. – Quero você agora, de todos os modos que um homem pode querer uma mulher.

As palavras dele eram grosseiras, mas ele gostou de pronunciá-las. Aquilo não era romance, era puro desejo. Anne quase morrera. Ele mesmo poderia morrer no dia seguinte. E se isso acontecesse, se o fim chegasse e ele não houvesse saboreado o paraíso antes disso...

Daniel quase rasgou a camisola dela para afastá-la do corpo.

Então... parou.

Parou para respirar, para apenas olhar para ela e se deleitar com a gloriosa perfeição do corpo feminino. Os seios de Anne se erguiam a cada respiração e, com as mãos trêmulas, Daniel envolveu um deles, quase estremecendo de prazer com aquele simples toque.

– Você é tão linda... – sussurrou. Anne provavelmente já ouvira essas palavras milhares de vezes, mas Daniel queria que as ouvisse *dele*. – É tão...

Mas não terminou, porque Anne estava muito acima de sua beleza. E não havia como ele dizer aquilo, não havia como colocar em palavras todas as razões pelas quais sua respiração acelerava cada vez que a via.

Anne cobriu a nudez com as mãos e ruborizou, lembrando a Daniel que aquilo devia ser novo para ela. Era novo para ele também. Já fizera amor com outras mulheres, provavelmente com mais mulheres do que gostaria de admitir, mas aquela era a primeira vez... ela era a primeira...

Nunca fora daquela forma. Ele não conseguiria explicar a diferença, mas nunca fora daquela forma.

– Beije-me – sussurrou ela –, por favor.

Ele obedeceu e arrancou a camisa pela cabeça antes de acomodar o corpo sobre o de Anne, colando a pele à dela. Beijou-a profundamente na boca e depois passou para o pescoço, a clavícula e, enfim, com um prazer que deixou cada músculo de seu corpo tenso, o seio. Ela deixou escapar um grunhido e arqueou o corpo na direção dele, o que Daniel interpretou como um convite para passar para o outro seio, então sugou-o e mordiscou-o até achar que perderia a sanidade ali mesmo.

Santo Deus, ela nem sequer o tocara. Daniel ainda estava com os calções fechados e já quase perdera o controle. Aquilo não acontecera nem quando ele ainda era um rapaz sem experiência.

Precisava estar dentro dela. Naquele instante. O que sentia ia além do desejo, além do anseio. Era primitivo, uma urgência que crescia em seu íntimo, como se a própria vida dele dependesse de fazer amor com aquela mulher. Se aquilo era loucura, então ele era louco.

Louco por ela, e tinha a sensação de que jamais deixaria de ser.

– Anne – gemeu, parando por um momento para tentar recuperar o fôlego. O rosto dele descansava suavemente sobre a barriga dela, e ele inalou o perfume de Anne, enquanto lutava para se controlar. – Anne, eu preciso de você. – Daniel levantou os olhos. – *Agora*. Você compreende?

Ele ficou de joelhos e levou as mãos aos calções. Então ela disse:

– Não.

As mãos dele ficaram imóveis. *Não, ela não compreendia? Não, não naquele momento?* Ou não, não...

– Não posso – sussurrou Anne, e puxou o lençol em uma tentativa desesperada de se cobrir.

Santo Deus, não *aquele* não.

– Desculpe – disse ela em um arquejo agoniado. – Lamento tanto... Ah, meu Deus, desculpe. – Com movimentos frenéticos, ela saiu da cama, tentando levar o lençol junto. Mas Daniel ainda estava prendendo o lençol, por isso Anne tropeçou e acabou caindo de novo em cima da cama. Ainda assim, ela se manteve determinada, puxando com força o lençol e dizendo sem parar: – Desculpe.

Daniel tentava apenas respirar, torcendo para que cada inspiração acalmasse o que naquele momento era uma dolorosa ereção. Estava tão dominado pelo desejo que não conseguia nem pensar direito, quanto mais organizar uma frase coerente.

– Eu não deveria... – continuou Anne, ainda tentando se cobrir.

Ela não conseguiria sair pela lateral da cama, não se quisesse se manter coberta. Daniel poderia esticar a mão para detê-la – seus braços eram longos o bastante. Poderia passar as mãos ao redor dos ombros dela e a puxar de volta, seduzindo-a de novo. Poderia fazê-la se contorcer de prazer até que ela não conseguisse mais lembrar o próprio nome. Daniel sabia como fazer isso.

Mas ele não se moveu. Ficou parado como uma maldita estátua, de joelhos ali em cima da cama, com as mãos prontas para abrir os calções.

– Desculpe – repetiu Anne, no que provavelmente era a quinquagésima vez. – Desculpe, eu só... não posso. É a única coisa que eu tenho. Entende?

É a única coisa que eu tenho.

A virgindade dela.

Daniel nem pensara nisso. Que tipo de homem ele era?

– Desculpe.

Dessa vez foi ele que disse, então quase riu do absurdo da situação. Era uma sinfonia de desculpas, desconfortáveis e absolutamente discordantes.

– Não, não – retrucou ela, ainda balançando a cabeça. – Eu não deveria. Não deveria ter permitido a você, e não deveria ter *me* permitido. Sei disso. *Sei* muito bem.

Daniel também sabia.

Ele praguejou baixinho e desceu da cama, esquecendo-se de que estava prendendo-a no lugar com o lençol. Anne saiu cambaleando e girando, tropeçando nos próprios pés, até aterrissar em uma poltrona próxima, enrolada em uma toga romana rústica e improvisada.

Teria sido engraçado se Daniel não se sentisse tão perto de explodir.

– Desculpe – voltou a dizer Anne.

– *Pare* de dizer isso – quase implorou Daniel.

Havia exasperação na voz dele... não, desespero... e ela provavelmente percebeu, porque se calou e ficou encarando-o, nervosa, enquanto ele vestia a camisa.

– De qualquer modo, preciso partir para Londres – falou Daniel, não que *aquilo* fosse detê-lo se ela não o tivesse feito.

Anne assentiu.

– Falaremos sobre isso mais tarde – acrescentou ele em um tom firme.

Não tinha ideia do que diria, mas *iria* conversar com ela a respeito. Só não naquele momento, com toda a casa acordando.

Toda a casa. Santo Deus, ele realmente perdera a cabeça. Determinado em mostrar consideração e respeito por Anne na noite anterior, havia pedido às criadas que a acomodassem no quarto de hóspedes mais elegante, no mesmo corredor do resto da família. Qualquer um poderia ter entrado pela porta. A *mãe* dele poderia tê-los visto. Ou, pior, uma de suas primas. Daniel não conseguia imaginar o que elas pensariam que ele estava fazendo. Ao menos a mãe dele saberia que ele não estava matando a governanta.

Anne assentiu de novo, mas não estava olhando para ele. Uma pequena parte de Daniel achou aquilo curioso, mas então uma parte maior prontamente deixou aquilo para lá. Ele estava preocupado demais com os

resultados dolorosos de seu desejo não satisfeito para pensar sobre o fato de Anne não o ter olhado nos olhos quando assentiu.

– Eu a procurarei quando voltar à cidade – disse ele.

Anne disse alguma coisa em resposta, tão baixo que Daniel não conseguiu compreender.

– O que disse? – perguntou.

– Eu disse... – Ela pigarreou. Então voltou a falar. – Disse que não acho que seja sensato.

Ele a encarou, muito sério.

– Prefere que eu finja mais uma vez que vou visitar minhas primas?

– Não. Eu... – Anne se virou, mas Daniel viu o lampejo de angústia em seus olhos, seguido por raiva, talvez, e por fim resignação. Quando ela voltou a fitá-lo, olhou direto em seus olhos, mas aquele brilho que tantas vezes o atraía para ela parecia ter desaparecido. – Eu preferiria apenas que não aparecesse – disse ela, a voz tão cuidadosa que era quase monótona.

Ele cruzou os braços.

– É mesmo?

– Sim.

Daniel se debateu por um momento... consigo mesmo. Finalmente perguntou, com certa agressividade:

– Por causa do que aconteceu aqui?

Os olhos dele pousaram no ombro dela, de onde o lençol escorregara, revelando um pequeno pedaço de pele rosada e suave à luz da manhã. Eram pouquíssimos centímetros quadrados de pele, mas naquele momento Daniel a desejou com tanta força que mal conseguia falar.

Ele *queria* Anne.

Ela o encarou e seguiu o olhar dele, até ver que estava fixo em seu ombro. Com um pequeno arquejo, Anne puxou o lençol para voltar a se cobrir.

– Eu... – Ela engoliu em seco, talvez tentando reunir coragem, então continuou: – Não vou mentir para você e dizer que não quis isso.

– Que não quis a mim – interrompeu Daniel, irritado. – A *mim*.

Ela fechou os olhos.

– Sim, você.

Uma parte de Daniel queria interrompê-la de novo, queria lembrá-la de que ela ainda o queria, que aquilo não estava e nunca estaria no passado.

– Mas não posso tê-lo – continuou Anne, baixinho. – Por causa disso, *você* não pode *me* ter.

Então, para seu mais absoluto assombro, Daniel se viu perguntando:

– E se eu me casasse com você?

Anne o encarou, perplexa e então aterrorizada, porque Daniel parecia tão surpreso quanto ela. Anne tinha certeza de que se ele pudesse voltar atrás, seria o que faria.

E rápido.

Mas a pergunta dele – Anne não poderia pensar nela de forma alguma como um pedido de casamento – ficou pairando no ar, enquanto os dois se encaravam, imóveis, até finalmente Anne voltar a si. Ela se levantou de um salto e recuou até conseguir colocar a poltrona entre os dois.

– Você não pode fazer isso – falou em um rompante.

A frase pareceu provocar aquela típica reação masculina *não-me-diga-o-que-fazer*.

– Por que não? – disparou Daniel.

– Porque não pode – retrucou ela no mesmo tom, puxando o lençol, que havia se agarrado ao canto da poltrona. – Deve saber disso. Pelo amor de Deus, você é um conde. Não pode se casar com uma ninguém.

Especialmente uma ninguém com uma identidade falsa.

– Ora, eu posso me casar com quem bem entender.

Ah, pelo amor de Deus. Agora ele parecia um menino de 3 anos cujo brinquedo havia quebrado. Daniel não entendia que *ela* não podia fazer aquilo? Ele podia se enganar se quisesse, mas ela nunca seria tão ingênua. Ainda mais depois da conversa que tivera com lady Pleinsworth na noite anterior.

– Você está sendo tolo – acusou Anne, puxando mais uma vez o maldito lençol. Santo Deus, era pedir muito só querer se livrar daquilo? – E nada prático. Além disso, não quer realmente se casar comigo. Só me quer na sua cama.

Ele recuou, visivelmente irritado com a declaração dela. Mas não a contradisse.

Anne bufou, impaciente. Não tivera a intenção de insultá-lo, e ele deveria ter percebido isso.

– Não acho que planeje me seduzir e depois me abandonar – disse ela, porque não importava quanto Daniel a deixasse furiosa, ela não conseguia suportar a ideia de que ele achasse que ela o considerava um canalha. – Conheço esse tipo de homem, e você não é assim. Mas dificilmente tinha a intenção verdadeira de me pedir em casamento, e eu com certeza não o prenderei a esse pedido.

Ele estreitou os olhos, e Anne notou que tinham um brilho perigoso.

– Quando você passou a me conhecer melhor do que eu mesmo?

– Quando você parou de *pensar*. – Ela voltou a puxar o lençol, dessa vez com tanta violência que a cadeira se inclinou para a frente e quase virou, e Anne quase ficou nua. – Aaargh! – exclamou, frustrada a ponto de querer socar alguma coisa. Ao erguer os olhos, viu Daniel parado, apenas observando-a, e quase gritou, de tão furiosa que estava. Com ele, com George Chervil, com o maldito lençol que não parava de se enroscar entre suas pernas. – Pode simplesmente ir embora? – pediu ela. – Agora, antes que alguém entre?

Daniel sorriu, mas não foi nada parecido com os sorrisos que ela conhecia. Era frio, zombeteiro, e partiu o coração de Anne.

– O que aconteceria, então? – murmurou ele. – Você, vestida apenas com um lençol. Eu, todo amarrotado.

– Ninguém insistiria em um casamento – retrucou Anne, ríspida. – Isso eu posso lhe garantir. Você voltaria à sua vida agradável e eu seria demitida sem referências.

Ele a encarou com severidade.

– Imagino que agora você vá dizer que esse era o meu plano o tempo todo. Arruiná-la para que você não tivesse outra escolha a não ser se tornar minha amante.

– Não – disse ela rapidamente. Porque não poderia mentir para ele, não sobre isso. Então, em uma voz mais baixa, acrescentou: – Eu jamais pensaria isso de você.

Daniel ficou em silêncio, os olhos examinando-a intensamente. Ele estava magoado, Anne podia ver. Não a pedira em casamento a sério, mas ainda assim ela, de certa maneira, o rejeitara. E *odiava* saber que ele estava sofrendo. Odiava a expressão dele, o modo rígido como seus braços caíam ao lado do corpo e, mais do que tudo, odiava saber que as coisas nunca mais seriam como antes entre eles. Não conversariam. Não ririam.

Não se beijariam.

Por que o detivera? Estivera nos braços dele, pele contra pele, e o desejara. Anne o desejara com um ardor que nunca sonhara ser possível. Quisera trazê-lo para dentro de si, e quisera amá-lo com seu corpo como já o amava com seu coração.

Ela o amava.

Santo Deus.

– Anne?

Ela não respondeu.

Daniel franziu a testa, preocupado.

– Anne, você está bem? Ficou pálida.

Ela não estava bem. Aliás, não sabia se algum dia voltaria a ficar bem.

– Estou bem – respondeu.

– Anne...

Agora Daniel parecia preocupado, e começou a caminhar na direção dela. Mas, se ele a tocasse, se sequer encostasse nela, Anne sabia que abandonaria sua determinação.

– Não – praticamente urrou ela, detestando o modo como sua voz saiu.

Doeu. A palavra doeu. Em sua garganta, em seus ouvidos, e também em Daniel.

Mas ela precisava fazer aquilo.

– Por favor, não – pediu. – Preciso que me deixe só. Esse... Esse... – Ela se esforçou para encontrar uma palavra, e não conseguiria suportar chamar de "coisa". – Esse *sentimento* entre nós... – resolveu dizer por fim. – Isso não nos levará a nada. Você tem que ser capaz de perceber isso. E se você se importa comigo de algum modo, vai sair daqui.

Mas ele não se moveu.

– Vai sair agora – quase gritou Anne, e soou como um animal ferido.

Que era exatamente como se sentia.

Por vários segundos, Daniel ficou parado onde estava, imóvel. Então, finalmente, em uma voz tão baixa quanto determinada, disse:

– Vou sair, mas não por qualquer uma das razões que você apresentou. Vou a Londres para resolver o assunto com Ramsgate. Então... *então* – falou ele, com maior ênfase –, vamos conversar.

Anne balançou a cabeça, em uma negativa silenciosa. Não conseguiria passar por aquilo de novo. Era doloroso demais ouvi-lo desfiando histórias com finais felizes que jamais seriam dela.

Daniel saiu pisando firme em direção à porta.

– Vamos conversar – repetiu.
Só depois de vê-lo sair foi que Anne sussurrou:
– Não. Não vamos.

CAPÍTULO 16

Londres
Uma semana depois

Ela estava de volta.

Daniel soubera pela irmã, que soubera pela mãe deles, que soubera diretamente pela tia dele.

Não conseguiria imaginar uma cadeia de informação mais eficiente.

Daniel realmente não esperara que as Pleinsworths permanecessem em Whipple Hill por tanto tempo depois que ele partiu. Ou talvez o mais certo fosse dizer que ele não pensara muito no assunto, não até vários dias terem se passado e elas continuarem no campo.

Mas, no fim, provavelmente foi melhor que elas ficassem fora da cidade (e, por elas, ele estava na verdade se referindo a Anne). Fora uma semana cheia de compromissos – e frustrante –, e saber que a Srta. Wynter estava à distância de uma caminhada seria uma distração que ele não poderia se permitir.

Conversara com Hugh. De novo. E Hugh conversara com o pai. De novo. E quando Hugh voltara e dissera a Daniel que ainda não acreditava que o pai estivesse envolvido nos ataques recentes, Daniel perdera o controle. Então Hugh fizera o que Daniel deveria ter insistido para que fizesse semanas antes.

Levou-o para conversar direto com lorde Ramsgate.

Agora Daniel estava completamente perdido, porque também não achava que lorde Ramsgate tentara matá-lo. Talvez fosse um tolo, talvez quisesse apenas acreditar que aquele capítulo horrível de sua vida enfim estava encerrado, mas não vira fúria nos olhos de Ramsgate. Não como na última vez em que haviam se encontrado, logo depois de Hugh ter sido baleado.

Além disso, Hugh reafirmou sua ameaça de suicídio. Daniel não sabia se o amigo era brilhante ou louco, mas, fosse como fosse, fora assustador vê-lo reiterando a promessa de se matar se alguma coisa acontecesse a Daniel. Lorde Ramsgate ficara visivelmente abalado, embora com certeza não fosse a primeira vez que ouvira o filho falar aquilo. Até Daniel se sentira mal, ao testemunhar uma promessa tão ímpia.

E acreditara no amigo. O olhar de Hugh... O modo frio, quase inexpressivo como falara... Tinha sido horrível.

Tudo aquilo significava que quando lorde Ramsgate praticamente cuspira em Daniel, jurando que não lhe faria mal, Daniel acreditara no homem.

Isso acontecera dois dias antes, dois dias durante os quais Daniel tivera pouco a fazer a não ser pensar em quem mais poderia querê-lo morto. Pensar sobre o que Anne poderia ter querido dizer quando falara que não poderia ser responsável por ele. Sobre que segredos ela escondia, e por que dissera que Daniel não tinha todas as informações.

Que diabo ela quisera dizer com aquilo?

O ataque poderia ter sido dirigido a *ela*? Não era impossível alguém ter deduzido que ela voltaria para casa no cabriolé dele. Os dois sem dúvida haviam passado tempo suficiente dentro da estalagem para que alguém pudesse sabotar os arreios.

Daniel se lembrou novamente do dia em que Anne entrara correndo na loja do Sr. Hoby, de olhos arregalados e apavorada. Ela dissera que havia alguém que não desejava ver.

Quem?

E será que não percebia que Daniel poderia ajudá-la? Era verdade que retornara recentemente do exílio, mas tinha posição social, e com isso vinha poder, com certeza poder o bastante para mantê-la a salvo. Sim, ele passara três anos fugindo, mas enfrentara o marquês de Ramsgate.

Ele era o conde de Winstead. Havia poucos homens acima dele na sociedade. Apenas um punhado de duques, alguns marqueses e a realeza. Sem dúvida Anne não teria conseguido fazer um inimigo entre essa gente de classe tão alta.

Mas quando Daniel subira os degraus da Casa Pleinsworth e pedira para vê-la, fora informado de que Anne não se encontrava lá.

E quando repetira o pedido na manhã seguinte, recebera a mesma resposta.

Agora, várias horas mais tarde, ele estava de volta e, dessa vez, a tia em pessoa veio dizer que a governanta não o receberia.

– Você precisa deixar a pobre menina em paz – disse ela, ríspida.

Daniel não estava com humor para ser repreendido por sua tia Charlotte, por isso ignorou o que ela disse e foi direto ao ponto:

– Preciso falar com ela.

– Bem, ela não está aqui.

– Ah, pelo amor de Deus, tia, sei que ela...

– Admito que ela estava lá em cima quando você apareceu hoje de manhã – interrompeu lady Pleinsworth. – Ainda bem que a Srta. Wynter teve o bom senso de interromper esse flerte, já que você não teve. Mas ela realmente não está em casa agora.

– Tia Charlotte... – disse Daniel, em tom de alerta.

– Não está! – Ela ergueu ligeiramente o queixo. – É a tarde de folga dela, e a Srta. Wynter sempre sai em sua tarde de folga.

– Sempre?

– Até onde eu sei. – A tia agitou a mão com impaciência no ar. – Ela tem coisas a resolver e... e seja lá o que quer que faça.

Seja lá o que quer que faça. Que declaração.

– Muito bem – disse Daniel em um tom seco. – Vou esperá-la.

– Ah, não vai, não.

– A senhora vai proibir minha presença em sua sala de estar? – perguntou Daniel, encarando-a com incredulidade.

A tia cruzou os braços.

– Se for preciso.

Daniel também cruzou os braços.

– Sou seu sobrinho.

– E, por incrível que pareça, isso parece não o ter imbuído de bom senso.

Ele a encarou.

– Isso foi um insulto – esclareceu ela –, caso você não tenha entendido.

Santo Deus.

– Se você se importa um pouco que seja com a Srta. Wynter – continuou lady Pleinsworth, altivamente –, vai deixá-la em paz. Ela é uma dama sensata, e só a mantive trabalhando para mim porque tenho certeza absoluta de que foi você quem a importunou, e não o contrário.

– A senhora falou com ela a meu respeito? – quis saber Daniel. – Chegou a ameaçá-la?

– É claro que não – respondeu a tia, irritada. Mas desviou os olhos por uma fração de segundo e Daniel soube que ela estava mentindo. – Como se eu fosse ameaçá-la... – continuou, bufando. – Além do mais, não é com *ela* que preciso ter uma conversa. A Srta. Wynter sabe como funciona o mundo, mesmo que você não saiba. O que aconteceu em Whipple Hill pode ser ignorado...

– *O que aconteceu?* – ecoou Daniel, apavorado, enquanto se perguntava a que exatamente a tia estava se referindo.

Será que alguém descobrira alguma coisa sobre a visita dele ao quarto de Anne? Não, era impossível. Anne teria sido expulsa da casa se isso tivesse acontecido.

– O tempo que você passou sozinho com ela – esclareceu lady Pleinsworth. – Não pense que não sei. Por mais que eu fosse ficar muito satisfeita em saber que você de repente passou a se interessar pela companhia de Harriet, Elizabeth e Frances, qualquer tolo poderia ver que você estava babando como um cachorrinho atrás da Srta. Wynter.

– Outro insulto, eu presumo – disse Daniel.

Ela cerrou os lábios, mas, a não ser por isso, ignorou o comentário.

– Não quero ter que dispensá-la – avisou a tia –, mas se você insistir nesse contato, não terei escolha. E posso lhe assegurar que nenhuma família de boa posição contrataria uma governanta que permite liberdades a um conde.

– Que *permite liberdades*? – repetiu ele, a voz uma mistura de incredulidade e desprezo. – Não a insulte com essas palavras.

A tia recuou e o encarou com certa pena.

– Não sou *eu* que a insulto. Na verdade, aplaudo a Srta. Wynter por ter tanto bom senso, quando você não tem nenhum. Fui alertada para não contratar uma jovem tão bonita como governanta, mas, apesar da aparência, ela é extremamente inteligente, e as meninas a adoram. Preferiria que eu a discriminasse por sua beleza?

– Não – retrucou Daniel, irritado, prestes a subir pelas paredes de frustração. – E que diabo isso tem a ver com o assunto? Só quero falar com ela. – O tom dele se elevou no fim da frase, chegando perigosamente perto de um rugido.

Lady Pleinsworth o encarou por um longo tempo.

– Não – disse por fim.

Daniel quase mordeu a língua para não faltar ao respeito com ela. O único modo de a tia deixá-lo ver Anne seria se ele lhe contasse que desconfiava de que fora *Anne* o alvo do ataque em Whipple Hill. Mas qualquer coisa que sequer sugerisse um passado escandaloso teria como consequência imediata a demissão da governanta, e Daniel não poderia se permitir ser o culpado do desemprego dela.

Por fim, com a paciência já por um fio, ele exalou por entre os dentes e disse:

– Preciso falar com ela mais uma vez. Só mais uma vez. Pode ser na sua sala de estar, com a porta aberta, mas insisto em ter privacidade.

A tia olhou-o com desconfiança.

– Uma vez?

– Sim.

Não era exatamente verdade; Daniel desejava muito mais do que isso, mas era tudo o que iria pedir.

– Vou pensar – retrucou ela, torcendo o nariz.

– Tia Charlotte!

– Ah, muito bem, só uma vez, e apenas porque quero acreditar que sua mãe criou um filho que tem um mínimo de noção de certo e errado.

– Ora, pelo amor de...

– Não blasfeme na minha frente – alertou ela –, caso contrário reconsiderarei minha decisão.

Daniel calou-se, cerrando os dentes com tanta força que achou que eles fossem se quebrar.

– Você pode visitá-la amanhã – disse lady Pleinsworth. – Às onze da manhã. As meninas planejam ir às compras com Sarah e Honoria. Prefiro que elas não estejam em casa enquanto você estiver...

Ela pareceu não saber como descrever a situação, e preferiu acenar com a mão em um gesto de insatisfação.

Ele assentiu, então se inclinou em uma cortesia e partiu.

Mas, assim como a tia, Daniel não viu Anne espiando-os pela fresta da porta do cômodo ao lado, ouvindo cada palavra que diziam.

Anne esperou até Daniel sair irritado da casa e olhou para a carta em suas

mãos. Lady Pleinsworth não mentira. Anne *realmente* saíra para resolver pendências. Mas voltara e entrara pela porta dos fundos, como costumava fazer quando não estava com as meninas. E, a caminho do próprio quarto, percebera que Daniel estava no saguão de entrada. Não deveria ter escutado a conversa às escondidas, mas não conseguiu se conter. Não tanto pelo que ele dizia, e sim por querer apenas ouvir a voz dele.

Seria a última vez que ouviria aquela voz.

A carta era de Charlotte, sua irmã, e já a estava aguardando havia algum tempo, desde bem antes de Anne partir para Whipple Hill, na agência do correio onde ela preferia recolher sua correspondência. A agência a que Anne *não fora* naquele dia em que acabara entrando correndo na sapataria, em pânico. Se ela tivesse lido aquela carta antes de ter achado que vira George Chervil, não teria ficado assustada.

Teria ficado apavorada.

De acordo com Charlotte, ele fora novamente à casa da família de Anne, dessa vez quando o Sr. e a Sra. Shawcross não estavam. Primeiro, tentara bajulá-la para revelar o paradeiro de Anne, então enlouquecera e gritara até os criados aparecerem, preocupados com a segurança de Charlotte. Então ele fora embora, mas não antes de revelar que sabia que Anne estava trabalhando como governanta para uma família aristocrática e que, como estavam na primavera, era provável que se encontrasse em Londres. Charlotte achava que ele não sabia para *qual* família Anne trabalhava, caso contrário não gastaria tanta energia tentando arrancar respostas dela. Mesmo assim, sua irmã estava preocupada, e implorou a Anne para ser cautelosa.

Anne amassou a carta e olhou para o fogo baixo queimando na lareira. Sempre queimava as cartas de Charlotte depois de lê-las. Era doloroso fazer isso – aquelas frágeis folhas de papel eram a única ligação de Anne com sua antiga vida, e mais de uma vez se sentara diante de sua escrivaninha e reprimira as lágrimas enquanto traçava com o indicador as curvas tão conhecidas da letra da irmã. Mas Anne não nutria ilusões de ter privacidade como governanta, e não tinha ideia de como explicaria as cartas de Charlotte caso fossem descobertas. Dessa vez, no entanto, foi com prazer que Anne jogou a carta no fogo.

Bem, não com prazer. Não sabia se algum dia na vida voltaria a fazer qualquer coisa com prazer. Mas gostou de destruir o papel, por mais sombrio e furioso que tenha sido aquele prazer.

Ela fechou os olhos com força para conter as lágrimas. Tinha quase certeza de que teria que ir embora da casa da família Pleinsworth. E estava furiosa por isso. Era o melhor emprego que já tivera. Não estava presa em uma ilha, com uma senhora idosa, sofrendo de um tédio infinito. Não precisava trancar a porta de seu quarto à noite para se proteger de um velho grosseiro que parecia achar que *ele* deveria ensinar coisas a *ela* enquanto os filhos dele dormiam. Anne gostava de morar com as Pleinsworths. Era o mais perto que já sentira de ter um lar, desde... desde...

Desde que tivera um lar.

Ela se forçou a respirar, então secou as lágrimas como pôde com as costas da mão. Mas então, quando estava prestes a se dirigir ao saguão principal e subir as escadas, ouviu uma batida na porta da frente. Provavelmente era Daniel, que esquecera alguma coisa.

Anne correu de volta para a sala de estar e deixou uma pequena fresta aberta da porta. Sabia que deveria tê-la fechado por completo, mas aquela poderia muito bem ser a última vez que o veria, mesmo que de relance. Com o olho colado à pequena abertura, Anne viu o mordomo vir atender. Mas quando Granby abriu a porta, não era Daniel que estava lá, mas um homem que ela nunca vira antes.

Era um sujeito de aparência bastante comum, com trajes que davam a entender que precisava trabalhar para ganhar a vida. Mas não era um trabalhador braçal – estava limpo e arrumado demais para isso. No entanto, havia algo rude nele, e, quando falou, seu sotaque revelou a cadência dura do East End londrino.

– Entregas são nos fundos – informou Granby.

– Não estou aqui para fazer uma entrega – disse o homem com um aceno de cabeça.

O sotaque dele podia ser rude, mas seus modos eram educados, e o mordomo não fechou a porta em seu rosto.

– O que deseja, então?

– Estou procurando uma mulher que talvez more aqui. Srta. Annelise Shawcross.

Anne parou de respirar.

– Não há ninguém aqui com esse nome – respondeu Granby. – Agora, se me der licença...

– Ela pode ter dado outro nome – interrompeu o homem. – Não sei que nome está usando, mas tem cabelos pretos, olhos azuis, e me disseram

que é muito bonita. – Ele deu de ombros. – Eu mesmo nunca a vi. Talvez ela esteja trabalhando como criada. Mas é de boa família, não há dúvida disso.

O corpo de Anne ficou tenso, pronto para a fuga. Não havia como Granby não reconhecê-la pela descrição.

Mas o mordomo respondeu:

– Não há ninguém nesta casa que corresponda à descrição. Tenha um bom dia, senhor.

O rosto do homem se enrijeceu e ele enfiou o pé na porta antes que Granby pudesse fechá-la.

– Se mudar de ideia, senhor – falou, estendendo alguma coisa –, aqui está meu cartão.

Os braços de Granby permaneceram rigidamente parados ao lado do corpo.

– Não é uma questão de mudar de ideia.

– Se é o que diz...

O homem voltou a guardar o cartão no bolso da camisa, esperou mais um instante e deixou a casa.

Anne levou a mão ao peito e tentou respirar fundo e silenciosamente. Se tinha alguma dúvida de que o ataque em Whipple Hill fora obra de George Chervil, a dúvida havia desaparecido naquele momento. E se ele estava disposto a arriscar a vida do conde de Winstead para seguir adiante com sua vingança, não pensaria duas vezes antes de fazer mal às meninas Pleinsworths.

Anne arruinara a própria vida quando deixara que ele a seduzisse, aos 16 anos, mas preferia morrer a permitir que George Chervil destruísse a vida de mais alguém. Teria que desaparecer. Imediatamente. George sabia onde ela estava, e sabia *quem* ela era.

Mas não podia deixar a sala de estar até Granby sair do saguão, e ele continuava ali, paralisado, com a mão na maçaneta. Então o mordomo se virou e... Anne deveria ter se lembrado de que nada escapava ao homem. Se fosse Daniel no saguão, ele não teria percebido que a porta da sala de estar estava ligeiramente aberta, mas Granby? Era como acenar com uma bandeira vermelha na frente de um touro. A porta deveria estar aberta, ou fechada. Nunca encostada, com uma fresta de poucos centímetros.

E é claro que ele a viu.

Anne não tentou se esconder. Devia isso a ele, depois do que o mordomo acabara de fazer por ela. Abriu a porta e saiu para o saguão.

O olhar dos dois se encontrou e Anne esperou, a respiração suspensa, mas Granby apenas assentiu e disse:

– Srta. Wynter.

Ela assentiu em resposta, então inclinou-se em uma breve cortesia respeitosa.

– Sr. Granby.

– Está um belo dia, não?

Ela engoliu em seco.

– Lindo.

– Foi sua tarde de folga, imagino.

– Exatamente, senhor.

Ele assentiu mais uma vez, como se nada de extraordinário tivesse acabado de acontecer.

– Vá em frente.

Vá em frente.

Não era isso que ela sempre fazia? Fora o que fizera por três anos na Ilha de Man, sem nunca ver ninguém da própria idade, a não ser o sobrinho da Sra. Summerlin, que achava divertido persegui-la ao redor da mesa de jantar. E por nove meses nos arredores de Birmingham, só para ser dispensada sem referências quando a Sra. Barraclough flagrara o marido socando a porta do quarto da governanta. Então, por três anos em Shropshire, que não fora tão ruim. A patroa era uma viúva cujos filhos passavam quase o tempo todo na universidade. Mas então as meninas da família haviam feito a afronta de crescer e Anne fora informada de que seus serviços não eram mais necessários.

Mas ela fora em frente. Conseguira uma segunda carta de referência, que era do que precisava para garantir o emprego na casa dos Pleinsworths. E agora que estava indo embora, seguiria em frente de novo.

Embora não tivesse a menor ideia de para onde.

CAPÍTULO 17

No dia seguinte, Daniel chegou à Casa Pleinsworth exatamente às cinco para as onze. Preparara uma lista mental de perguntas que precisava fazer a Anne, mas quando o mordomo abriu a porta da casa da tia para ele, Daniel se deparou com um grande alvoroço. Harriet e Elizabeth gritavam uma com a outra no fim do corredor, enquanto a mãe delas gritava com as duas, e no banco sem encosto perto da porta da sala de estar, três criadas soluçavam.

– O que está acontecendo? – perguntou ele a Sarah, que tentava levar uma Frances visivelmente perturbada para dentro da sala de estar.

Ela o encarou com impaciência.

– É a Srta. Wynter. Ela desapareceu.

O coração de Daniel parou de bater.

– O quê? Quando? O que aconteceu?

– Não sei – retrucou Sarah, ríspida. – Como eu poderia estar a par das intenções dela?

A prima lançou um olhar irritado para ele antes de se voltar para Frances, que chorava tanto que mal conseguia respirar.

– Ela foi embora antes das aulas de hoje de manhã – disse a menina, entre soluços.

Daniel fitou a priminha. Os olhos dela estavam vermelhos, injetados, o rosto marcado pelas lágrimas, e seu corpinho tremia incontrolavelmente. Frances parecia se sentir exatamente como ele, percebeu Daniel. Forçando-se a conter o pânico, ele se agachou diante dela para olhá-la nos olhos.

– A que horas começam as suas aulas? – perguntou.

Frances arquejou em busca de ar, então respondeu:

– Nove e meia da manhã.

Daniel virou-se rapidamente de volta para Sarah.

– Ela se foi há quase duas horas e ninguém me informou?

– Frances, por favor, você precisa parar de chorar– suplicou Sarah. – E, não, ninguém o informou – disse a Daniel, furiosa, virando a cabeça para encarar o primo. – Aliás, se posso lhe perguntar, por que deveríamos?

– Não brinque comigo, Sarah.

– Parece que estou brincando? – retrucou ela, mais uma vez com rispidez, antes de suavizar a voz para se dirigir à irmã. – Frances, por favor, querida, tente respirar fundo.

– Deviam ter me avisado – disse Daniel, irritado. Ele estava perdendo a paciência. Ninguém ali sabia, mas era muito possível que o inimigo de Anne... e agora ele tinha certeza de que havia um inimigo... a tivesse arrancado da cama. Ele precisava de respostas, não de olhares severos e hipócritas de Sarah. – Ela se foi há pelo menos uma hora e meia. Vocês deviam...

– O quê? – interrompeu Sarah. – O que deveríamos ter feito? Perdido um tempo valioso avisando *você*? Você, que não tem nenhuma ligação com a Srta. Wynter, ou qualquer direito em relação a ela? Você, cujas intenções são...

– Vou me casar com ela – atalhou Daniel.

Frances parou de chorar e olhou para ele, o rosto cheio de esperança. Até mesmo as criadas, ainda arriadas no banco, ficaram em silêncio.

– O que você disse? – perguntou Sarah em um sussurro.

– Eu amo a Srta. Wynter – confessou Daniel, percebendo a verdade no momento em que as palavras saíram de seus lábios. – Quero me casar com ela.

– Ah, Daniel – falou Frances entre lágrimas, afastando-se de Sarah e indo abraçar o primo. – Você precisa encontrá-la. Precisa!

– O que aconteceu? – perguntou ele a Sarah, que ainda o encarava, estupefata. – Conte-me tudo. Ela deixou algum bilhete?

Sarah assentiu.

– Mamãe está com ele. Mas não diz muito. Só que ela lamenta, mas teve que partir.

– Ela pediu para me mandar um abraço – disse Frances, as palavras abafadas pelo casaco de Daniel.

Ele deu um tapinha carinhoso nas costas da menina, enquanto continuava encarando Sarah.

– A Srta. Wynter deu alguma indicação de que poderia não ter ido embora por vontade própria?

Sarah arquejou.

– Acha que alguém pode tê-la sequestrado?

– Não sei o que pensar – admitiu Daniel.

– Não havia desordem nenhuma no quarto dela – informou Sarah. – Os pertences da Srta. Wynter não estavam mais lá, mas não faltava nada. E a cama dela tinha sido arrumada com esmero.

– Ela sempre arruma a cama – fungou Frances.

– Alguém sabe exatamente quando ela partiu? – perguntou Daniel.

Sarah balançou a cabeça.

– Ela não tomou café da manhã, então deve ter sido antes disso.

Daniel praguejou baixinho, então se desvencilhou cuidadosamente do abraço de Frances. Ele não tinha ideia de como procurar por ela, não sabia nem por onde começar. Anne deixara tão poucas pistas sobre seu passado... Seria engraçado se não fosse tão assustador. Ele sabia... o quê? A cor dos olhos dos pais dela? Nossa, isso realmente o ajudaria muito a encontrá-la...

Não tinha nada. Nada.

– Milorde?

Ele levantou os olhos. Era Granby, o mordomo de longa data da Casa Pleinsworth, que parecia atipicamente perturbado.

– Posso dar uma palavra com o senhor? – perguntou Granby.

– É claro. – Daniel se afastou de Sarah, que observava os dois com uma expressão ao mesmo tempo confusa e curiosa, e indicou a Granby que o acompanhasse até a sala de estar.

– Eu o ouvi falando com lady Sarah – disse o mordomo, parecendo desconfortável. – Não tive a intenção de escutar a conversa.

– É claro – disse Daniel bruscamente. – Continue.

– O senhor... se importa com a Srta. Wynter?

Daniel encarou o mordomo com atenção e assentiu.

– Um homem apareceu aqui ontem – contou Granby. – Eu devia ter mencionado isso a lady Pleinsworth, mas não tinha certeza, e não queria criar uma situação embaraçosa para a Srta. Wynter caso não fosse nada. Mas agora que parece certo que ela se foi...

– O que aconteceu? – perguntou Daniel, interrompendo-o.

O mordomo engoliu em seco, nervoso.

– Esse homem perguntou por uma tal Srta. Annelise Shawcross. Eu o mandei embora na mesma hora, mas ele insistiu, dizendo que a Srta. Shawcross poderia estar usando um nome diferente. Não gostei dele, milorde. Era... – Granby balançou um pouco a cabeça, quase como se estivesse tentando afastar uma lembrança ruim. – Não gostei dele – repetiu.

– O que ele disse?

– Descreveu-a. A tal Srta. Shawcross. Disse que tinha cabelos pretos e olhos azuis, e que era muito bonita.

– Srta. Wynter – falou Daniel, baixinho.

Ou melhor... *Annelise Shawcross*. Aquele seria o nome verdadeiro dela? E por que ela usaria outra identidade?

Granby assentiu.

– É exatamente como eu a teria descrito.

– E o que disse ao homem? – perguntou Daniel, tentando disfarçar a urgência que sentia.

O mordomo já se sentia culpado o bastante por não ter falado mais cedo.

– Que não havia ninguém nesta casa que correspondesse a essa descrição. Como falei, não gostei dele, e não comprometeria o bem-estar da Srta. Wynter. – Ele fez uma pausa. – Gosto da nossa Srta. Wynter.

– Eu também – afirmou Daniel, baixinho.

– É por isso que estou lhe contando – continuou Granby, a voz enfim reencontrando parte do vigor que costumava ter. – Precisa encontrá-la.

Daniel respirou fundo, com dificuldade, e olhou para as mãos, que tremiam. Aquilo acontecera várias vezes antes, na Itália, quando os homens de Ramsgate haviam chegado perto dele. Sentia o corpo abalado, como se uma espécie de terror corresse por suas veias, e sempre demorava horas para voltar ao normal. Mas dessa vez era pior. O estômago dele queimava, seus pulmões pareciam apertados e, mais do que tudo, tinha vontade de vomitar.

Conhecia o medo. O que estava sentindo ia além disso.

Olhou para Granby.

– Acha que esse homem a levou?

– Não sei. Mas depois que ele se foi, eu a vi. – O mordomo se virou e desviou o olhar para a direita. Daniel se perguntou se ele estaria recriando

a cena na mente. – Ela estava na sala de estar, bem ali, perto da porta, e ouviu a conversa toda.

– Tem certeza?

– Estava escrito em seus olhos – falou Granby, baixinho. – Ela é a mulher que aquele homem procura. E sabia que eu sabia.

– O que disse a ela?

– Acho que comentei algo sobre o tempo, ou alguma outra coisa sem importância. Então disse a ela para ir em frente. – Granby pigarreou. – Acredito que ela tenha compreendido que eu não tinha a intenção de expô-la.

– Tenho certeza de que compreendeu – falou Daniel, muito sério. – Mas talvez tenha achado que deveria partir mesmo assim.

Ele não fazia ideia de até que ponto Granby sabia do acidente com a charrete em Whipple Hill. Como todos, o mordomo também devia achar que havia sido trabalho de Ramsgate. Mas Anne obviamente suspeitava de outra pessoa, e estava claro que quem quer que tivesse tentado fazer mal a ela não se importaria em prejudicar outra pessoa junto. Anne jamais colocaria as meninas Pleinsworths em risco. Ou...

Ou a ele. Daniel fechou os olhos por um momento. Anne provavelmente achou que o estava protegendo. Mas se alguma coisa acontecesse a ela...

Nada o destruiria mais completamente.

– Vou encontrá-la – garantiu a Granby. – Pode ter certeza disso.

Anne já se sentira solitária antes. Na verdade, passara a maior parte dos últimos oito anos se sentindo assim. Mas quando se sentou na cama dura da pensão, usando o casaco sobre a camisola para se aquecer, percebeu que nunca experimentara tamanha infelicidade.

Não daquele jeito.

Talvez devesse ter ido embora do país. Seria mais definitivo. Provavelmente menos perigoso. Mas Londres era enorme. As ruas cheias a engoliam, a tornavam invisível.

Mas também a deixavam ansiosa.

Não havia emprego para uma mulher como ela. Damas com o sotaque dela não trabalhavam como costureiras ou vendedoras de loja. Anne subiu

e desceu as ruas de seu novo bairro, um lugar respeitável que se espremia entre áreas de comércio de classe média e distritos muito pobres. Ela entrara em todos estabelecimentos que tinham uma placa de “Precisa-se de funcionários” e em mais alguns sem placa. Em todos, a resposta fora que ela não aguentaria muito tempo no emprego, que as mãos dela eram macias demais, os dentes brancos demais. Mais de um homem a olhara atravessado e rira, e logo lhe oferecera um outro tipo de trabalho.

Anne não conseguiria obter uma posição reservada às damas de boa família, como governanta, ou dama de companhia, sem uma carta de referência, mas as duas preciosas recomendações que tinha em seu poder estavam em nome de Anne Wynter. E ela não poderia mais ser Anne Wynter.

Apertou ainda mais as pernas junto ao corpo, enterrou o rosto nos joelhos e fechou os olhos com força. Não queria ver aquele quarto, não queria ver como seus pertences pareciam escassos até mesmo naquele quarto minúsculo. Não queria ver a noite úmida pela janela e, mais do que tudo, não queria se ver.

Não tinha nome de novo, e isso doía como uma punhalada em seu coração. Era terrível, um horror que recaía sobre ela toda manhã, e a única coisa que podia fazer era pousar os pés no chão e se levantar da cama.

E agora era diferente de quando a família a colocara para fora de casa. Ao menos, naquela época, tinha para onde ir. Tinha um plano. Não que tivesse escolhido seu destino, mas soubera o que deveria fazer, e quando. Agora tinha dois vestidos, um casaco, onze libras e nenhuma perspectiva que não a prostituição.

Não poderia fazer aquilo, claro. Santo Deus, não poderia. Já se entregara uma vez, por vontade própria, e não cometeria o mesmo erro de novo. Além do mais, seria muito, muito cruel ter que se submeter a um estranho após ter impedido Daniel quando eles quase completaram sua união física.

Ela se negara porque... Não sabia bem. Por hábito, provavelmente. Medo. Não queria correr o risco de carregar um filho ilegítimo, e não queria forçar um homem a se casar com ela, uma mulher a quem, em outras circunstâncias, não escolheria.

Mas, acima de tudo, sentira necessidade de se preservar. Não seu orgulho, exatamente; era outra coisa, mais profunda.

Seu coração.

Era a única coisa que ainda mantinha pura, que ainda era só dela. Entregara o corpo a George, mas, apesar do que pensara na época, ele nunca tivera seu coração. E quando Daniel começara a abrir os calções, preparando-se para fazer amor com ela, Anne soubera que caso permitisse, caso *se* permitisse, ele teria o coração dela para sempre.

Mas a ironia da situação era que Daniel já era dono de seu coração. Ela acabara cometendo a maior de todas as tolices. Se apaixonara por um homem que nunca poderia ter.

Daniel Smythe-Smith, conde de Winstead, visconde de Streathermore, barão de Touchton de Stoke. Anne não queria pensar nele, mas isso acontecia toda vez que fechava os olhos. O sorriso dele, sua risada, o ardor em seus olhos quando a fitava.

Anne não achava que Daniel a amava, mas o que ele sentia devia chegar perto. Ele se importara com ela, pelo menos. E talvez, se Anne fosse outra pessoa, uma mulher com um bom nome, uma boa posição social, que não tivesse atrás de si um louco querendo matá-la... Talvez, então, quando ele dissera tão tolamente: "E se eu me casar com você?", ela tivesse jogado os braços ao redor dele e gritado: "Sim! Sim! Sim!"

Mas Anne não tinha o tipo de vida em que se podia dizer *sim*. A vida dela se resumia a uma série de nãos. E isso enfim a levara aonde estava naquele momento: sozinha fisicamente, como já era havia tantos anos em espírito.

O estômago de Anne roncou e ela suspirou. Esquecera-se de comprar o jantar antes de voltar para a pensão e agora estava faminta. Provavelmente era melhor assim, já que teria que fazer seus centavos durarem o máximo que pudesse.

Sua barriga roncou de novo, dessa vez com mais raiva, e Anne passou as pernas pela lateral da cama.

– *Não* – disse para si mesma.

Mas o que realmente queria dizer era *sim*. Estava com fome, maldição, e iria conseguir alguma coisa para comer. Ao menos uma vez na vida, diria sim, ainda que fosse apenas para uma torta de carne e meia caneca de sidra.

Anne olhou para o vestido estendido com zelo sobre a cadeira. Não sentia a menor vontade de voltar a colocá-lo. O casaco a cobria da cabeça aos tornozelos. Se calçasse sapatos e meias e prendesse os cabelos para o alto, ninguém diria que estava de camisola.

Ela riu, pela primeira vez em dias. Que maneira estranha de ser atrevida...

Alguns minutos depois, Anne estava na rua, seguindo em direção à pequena taberna por onde passava todo dia. Nunca entrara, mas os cheiros que escapavam dali cada vez que a porta era aberta... ah, eram divinos. Pastéis de forno, tortas de carne, pãezinhos quentes e só Deus sabia o que mais.

Voltando para o quarto com sua refeição quente nas mãos – o dono da taberna a embrulhara para viagem –, Anne sentiu-se quase feliz. Alguns hábitos custavam a morrer, e ela ainda era por demais uma dama para comer na rua, não importava o que o resto da humanidade parecia estar fazendo ao seu redor. Poderia parar e comprar a sidra em frente à pensão onde estava hospedada, e quando voltasse ao quarto...

– Você!

Anne continuou a caminhar. As ruas daquele bairro eram tão movimentadas, havia sempre tantas vozes, que nunca teria lhe ocorrido que um "Você!" tão direto pudesse na verdade ser dirigido a ela. Mas então ouviu de novo, mais perto:

– Annelise Shawcross!

Anne nem se virou para olhar. Conhecia aquela voz e, mais importante, a voz sabia seu nome verdadeiro. Ela correu.

Seu precioso jantar escorregou de seus dedos e ela correu mais rápido do que já se imaginara capaz. Dobrou esquinas, abriu caminho a cotoveladas entre as pessoas sem nem pedir desculpas. Correu até seus pulmões arderem e sua camisola estar colada à pele, mas, no fim, não foi páreo para a simples frase gritada por George:

– Segurem-na! Por favor! É minha esposa!

Alguém obedeceu, talvez porque George soava como se fosse ser *eternamente* grato à pessoa. Então, quando ele chegou ao lado dela, disse ao homem que a segurava com força:

– Ela não está bem.

– Não sou sua esposa! – gritou Anne, se debatendo nos braços de seu captor. Por mais força que tenha feito, o homem não a soltou. – Não sou esposa dele! – disse ao homem, tentando parecer sã e sensata. – Ele é louco. Vem me perseguindo há anos. Não sou esposa dele, eu juro.

– Por favor, Annelise – pediu George em uma voz tranquila. – Você sabe que não é verdade.

– Não! – urrou Anne, tentando atingir os dois homens agora. – Não sou esposa dele! – gritou de novo. – Ele vai me matar!

Finalmente, o homem que a agarrara começou a parecer inseguro.

– Ela diz que não é sua mulher – falou ele, franzindo a testa.

– Eu sei – retrucou George com um suspiro. – Ela está assim há anos. Tivemos um bebê...

– O quê? – voltou a urrar Anne.

– Ele nasceu morto – disse George ao homem. – Ela nunca se recuperou.

– Ele está mentindo! – berrou Anne.

Mas George só suspirou, e seus olhos enganadores estavam marejados.

– Tive que aceitar que ela jamais voltará a ser a mulher com quem me casei.

O homem olhou do rosto triste e nobre de George para o de Anne, que estava contorcido de raiva, e deve ter decidido que, dos dois, George provavelmente era o mais são, por isso entregou-a a ele.

– Que Deus os abençoe – falou.

George agradeceu profusamente a ele, então aceitou a ajuda do homem e o lenço dele, que juntou ao próprio lenço, para amarrar as mãos de Anne. Quando terminaram, George puxou-a para si com brutalidade e Anne cambaleou contra ele, estremecendo de nojo quando sentiu o corpo pressionado ao dele.

– Ah, Annie – disse George –, é tão bom vê-la de novo...

– Você cortou os arreios – falou ela em voz baixa.

– Sim – confirmou ele com um sorriso orgulhoso. Então franziu a testa. – Pensei que você houvesse se ferido mais seriamente.

– Poderia ter matado lorde Winstead!

George apenas deu de ombros e, naquele momento, confirmou todas as suspeitas mais sombrias de Anne. Estava louco. Completa, absoluta e estupidamente louco. Não poderia haver outra explicação. Nenhuma pessoa sã se arriscaria a matar um membro da realeza apenas para chegar a *ela*.

– E quanto ao ataque? – quis saber Anne. – Quando pensamos que eram apenas simples assaltantes?

George a encarou como se ela estivesse falando outra língua.

– Do que está falando?

– De quando lorde Winstead foi assaltado! – praticamente gritou Anne. – Por que você faria uma coisa daquelas?

George recuou, os lábios se curvando em uma expressão de condescendência e desprezo.

– Não sei do que você está falando – disse ele –, mas seu precioso lorde Winstead tem seus próprios inimigos. Ou você não sabe *daquela* história sórdida?

– Você não tem dignidade para pronunciar o nome dele – sibilou Anne.

Mas George apenas riu, então vociferou:

– Tem ideia de há quanto tempo espero este momento?

O mesmo tempo que ela vivia à margem da sociedade.

– Tem? – grunhiu ele, agarrando o nó dos lenços e girando-a com violência.

Anne cuspiu no rosto dele.

George ficou transtornado de raiva, a pele tão vermelha que as sobrancelhas louras quase cintilavam.

– Isso foi um erro – murmurou ele, e puxou-a furiosamente na direção de um beco escuro. – É conveniente que tenha escolhido um bairro de reputação tão duvidosa – falou, rindo. – Ninguém vai sequer olhar duas vezes quando eu...

Anne começou a berrar.

Mas ninguém prestou atenção a ela e, de qualquer modo, só conseguiu gritar por um instante. George deu-lhe um soco no estômago e ela cambaleou na direção da parede, arquejando.

– Tive oito anos para imaginar este momento – disse ele em um murmúrio aterrorizante. – Oito anos para me lembrar de você cada vez que me olhava no espelho. – George pressionou o rosto contra o dela, enlouquecido de raiva. – Olhe bem para o meu rosto, Annelise. Tive oito anos para me curar, mas olhe! *Olhe!*

Anne tentou escapar, mas suas costas estavam coladas à parede de tijolos. Além disso, George agarrara seu queixo e a forçava a olhar para seu rosto marcado. A cicatriz estava melhor do que Anne teria imaginado, branca em vez de vermelha, mas ainda franzida e saltada, distorcendo a face dele e dividindo a pele de um modo estranho.

– Eu havia pensado em me divertir um pouco com você primeiro – disse ele –, já que não consegui fazer isso naquele dia, mas não pensei que

estaríamos em um beco sujo. – Os lábios dele se contorceram em um esgar terrível e perverso. – Nem mesmo eu achei que você desceria tão baixo.

– O que quer dizer com *primeiro*? – sussurrou Anne.

Mas ela não sabia por que havia perguntado. Sabia a resposta. Soubera o tempo todo e, quando George puxou uma faca, os dois sabiam exatamente o que ele pretendia fazer.

Anne não gritou. Nem pensou. Não saberia dizer o que fez, mas o fato era que, dez segundos depois, George estava caído no chão, em posição fetal, incapaz de emitir um som sequer. Anne ficou parada acima dele por um último momento, arquejando em busca de ar, então chutou-o, com força bem no lugar onde já o havia atingido com o joelho uma vez. Depois, ainda com as mãos amarradas, saiu correndo.

Daquela vez, no entanto, sabia exatamente para onde estava indo.

CAPÍTULO 18

Às dez horas daquela noite, Daniel voltava para casa depois de mais um dia de buscas infrutíferas. Caminhava de cabeça baixa, contando os passos, enquanto colocava um pé na frente do outro com dificuldade.

Contratara investigadores particulares. Ele mesmo vasculhara as ruas, parando em todas as agências de correio com a descrição de Anne e os dois nomes que usava. Encontrou dois homens que disseram se lembrar de alguém com aquela descrição postando cartas, mas não lembravam para onde as cartas tinham sido enviadas.

Então, finalmente, achou um terceiro homem que afirmou que ela correspondia à descrição de uma outra pessoa, uma jovem chamada Mary Philpott. Uma dama adorável, segundo o proprietário da agência. Nunca postava cartas, mas aparecia ali uma vez por semana, com a pontualidade de um relógio, para ver se havia recebido alguma correspondência. Exceto por aquela vez... fora duas semanas antes? Ele ficara surpreso quando não a vira, ainda mais porque a jovem não havia recebido nenhuma carta na semana anterior, e quase nunca se passavam mais de duas semanas sem que lhe chegasse alguma.

Duas semanas. Aquilo correspondia ao dia em que Anne entrara correndo na loja do Sr. Hoby, parecendo ter visto um fantasma. Será que estava a caminho de pegar a correspondência quando esbarrara na pessoa misteriosa que não queria ver? Daniel a levara a uma agência de correio para que Anne postasse a carta que levava na bolsinha, mas não tinha sido no mesmo lugar em que a tal “Mary Philpott” costumava receber suas cartas.

De qualquer modo, continuara o homem da agência, ela voltara na semana seguinte, na terça-feira. Sempre terça-feira.

Daniel franziu a testa. Anne desaparecera na quarta-feira.

Ele deixara seu nome para contato nas três agências de correio, assim como uma promessa de recompensa caso ele fosse avisado quando ela reaparecesse. Mas, além disso, não sabia mais o que fazer. Como conseguiria encontrar uma mulher em uma cidade tão grande quanto Londres?

Assim, apenas caminhou, caminhou e caminhou, sem parar de examinar os rostos na multidão. Era pior do que tentar encontrar uma agulha num palheiro. Ao menos a agulha *estava* no palheiro. Até onde Daniel sabia, Anne poderia ter ido embora de Londres.

Mas agora já estava escuro e ele precisava dormir, por isso se arrastou de volta a Mayfair, torcendo para que a mãe e a irmã não estivessem em casa quando chegasse. Elas não haviam perguntado o que ele vinha fazendo todo dia, do amanhecer ao anoitecer, e Daniel não lhes dissera nada, mas elas sabiam. E era mais fácil para ele não ter que ver a pena no rosto das duas.

Finalmente, Daniel chegou à sua rua. Estava abençoadamente silenciosa e o único som era o do seu próprio gemido enquanto erguia o pé para subir o primeiro degrau de pedra da entrada da Casa Winstead. O único som... até alguém sussurrar o nome dele.

Daniel ficou paralisado.

– Anne?

Uma figura surgiu das sombras, tremendo na noite.

– Daniel – chamou ela, de novo, e, se disse mais alguma coisa, ele não ouviu.

Daniel desceu os degraus em um segundo, e logo a tinha nos braços. E, pela primeira vez em quase uma semana, o mundo parecia de volta ao eixo.

– Anne – disse ele, tocando as costas dela, os braços, os cabelos. – Anne, Anne, Anne. – Parecia a única coisa que ele conseguia pronunciar. Então, beijou seu rosto, o topo de sua cabeça. – Onde você...

Então parou, percebendo subitamente que as mãos dela estavam amarradas. Com muito cuidado, para não a apavorar com a extensão da fúria que o dominou, ele começou a tentar desfazer os nós em seus pulsos.

– Quem fez isso com você? – perguntou Daniel.

Ela apenas engoliu em seco e umedeceu nervosamente os lábios, enquanto estendia as mãos.

– Anne...

– Foi alguém que eu já conhecia – disse ela, enfim. – Ele... eu... contarei a você mais tarde. Só não agora. Não posso... preciso...

– Está tudo bem – disse Daniel, procurando tranquilizá-la. Apertou uma das mãos dela e voltou a tentar desfazer os nós. Eram muito fortes e ela provavelmente piorara a situação se debatendo para se libertar. – Vai demorar só um instante.

– Eu não sabia para onde mais poderia ir – falou Anne, com a voz trêmula.

– Você fez a coisa certa – garantiu Daniel, enfim conseguindo arrancar os lenços dos pulsos dela e jogando-os para o lado.

Anne começara a tremer de tal forma que até sua respiração saía irregular.

– Não consigo fazê-las parar de tremer – disse ela, olhando para as mãos como se não as reconhecesse.

– Você vai ficar bem – falou Daniel, cobrindo as mãos dela com as dele, segurando-as com força e tentando acalmá-las. – É só nervosismo. Acontecia o mesmo comigo.

Anne o encarou, curiosa, com os olhos arregalados.

– Quando os homens de Ramsgate estavam me caçando pela Europa – explicou ele. – Sempre que eu escapava e tinha a certeza de que estava seguro. Algo dentro de mim relaxava e eu começava a tremer.

– Vai parar, então?

Daniel lhe dirigiu um sorriso tranquilizador.

– Prometo que sim.

Anne assentiu, e parecia tão terrivelmente frágil que Daniel precisou recorrer a todo o seu autocontrole para abraçá-la com força e tentar protegê-la do mundo inteiro. Mas se permitiu passar um braço ao redor dos ombros dela e guiá-la na direção da casa.

– Vamos entrar – falou.

Ele estava completamente exausto – com o alívio, o medo, a fúria –, mas, não importava o que acontecesse, tinha que a levar para dentro. Anne precisava de cuidados – entre outras coisas, devia estar faminta. Todo o resto poderia ser resolvido mais tarde.

– Podemos entrar pelos fundos? – pediu ela, detendo-se. – Não estou... Não posso...

– Você vai sempre usar a porta da frente – retrucou Daniel com firmeza.

– Não, não é isso, é que... por favor – implorou ela. – Estou deplorável. Não quero que ninguém me veja assim.

Daniel pegou a mão dela.

– Eu estou vendo você – disse baixinho.

O olhar de Anne encontrou o dele e Daniel poderia jurar ter visto parte da desolação dela se desfazer.

– Eu sei – sussurrou ela.

Daniel levou a mão de Anne aos lábios.

– Fiquei apavorado – contou, abrindo a alma. – Não sabia onde encontrá-la.

– Desculpe. Não farei isso de novo.

Mas algo no pedido de desculpas dela o deixou desconfortável. O tom dócil demais, nervoso demais.

– Preciso lhe pedir uma coisa – acrescentou ela.

– Logo – prometeu ele. Então, guiou-a pelos degraus e levantou a mão. – Espere um momento. – Espiou para dentro do saguão, certificou-se de que não havia ninguém por ali e gesticulou para que ela entrasse. – Por aqui – sussurrou, e juntos eles subiram as escadas até o quarto de Daniel, em silêncio.

No entanto, ao fechar a porta depois de entrarem, ele se viu perdido. Queria saber tudo. Quem fizera aquilo com ela? Por que ela fugira? Quem *era* ela? Daniel queria respostas, e queria imediatamente.

Ninguém a trataria daquela forma. Não enquanto ele respirasse.

Mas primeiro Anne precisava se aquecer, precisava poder simplesmente respirar e se permitir perceber que estava a salvo. Daniel já estivera no lugar dela. Sabia o que era fugir.

Ele acendeu um lampião, depois outro. Os dois necessitavam de luz.

Anne ficou parada perto da janela, constrangida, esfregando os pulsos, e, pela primeira vez naquela noite, Daniel realmente olhou para ela. Já havia percebido que estava desarrumada, mas em seu alívio por enfim tê-la encontrado, não notara quanto. Os cabelos estavam presos para o alto de um lado, mas soltos do outro, faltava um botão em seu casaco e havia um hematoma em seu rosto que fez o sangue dele gelar.

– Anne... Hoje à noite... Quem quer que tenha sido... Ele...?

Daniel não conseguiu terminar a pergunta, que ficou presa em sua garganta, com um sabor ácido de ódio.

– Não – respondeu Anne, com uma dignidade tranquila. – Ele teria feito isso, mas, quando me encontrou, eu estava na rua, e... – Então ela afastou os olhos e fechou os olhos com força ante a lembrança. – Ele me disse que... Me disse que ia...

– Você não precisa continuar – interrompeu Daniel.

Pelo menos não naquele momento, quando estava tão abalada.

Mas Anne balançou a cabeça, e seus olhos mostravam tamanha determinação que ele não poderia impedi-la.

– Quero lhe contar tudo.

– Mais tarde – retrucou ele, com delicadeza. – Depois que você tomar um banho.

– Não – murmurou Anne. – Você tem que me deixar falar. Fiquei horas lá fora, e não me resta mais muita coragem.

– Anne, você não precisa de coragem para falar com...

– Meu nome é Annelise Shawcross – disse ela em um rompante. – E eu gostaria de ser sua amante. – Então, enquanto ele a encarava, incrédulo e estupefato, Anne acrescentou: – Se me aceitar.

Quase uma hora depois, Daniel estava parado perto da janela, esperando que Anne terminasse o banho. Ela não quisera que ninguém soubesse de sua presença na casa, então ele a escondera dentro de um guarda-roupa enquanto vários homens cuidavam da tarefa de encher uma banheira, na qual ela agora estava mergulhada, esperando que o frio do medo deixasse seu corpo.

Anne tentara convencê-lo a aceitar sua proposta, insistindo que era a única opção que tinha, mas Daniel não conseguira nem ouvir. Porque, para ter se oferecido daquele jeito para ele, ela só poderia estar completamente sem esperança.

E isso era algo que Daniel não conseguia suportar imaginar.

Ele ouviu a porta do banheiro se abrir e, quando se virou, a viu, limpa e fresca, os cabelos molhados penteados para trás e caindo sobre o ombro direito. Ela os enrolara de algum modo, não em uma trança exatamente, mais como uma espiral que mantinha as mechas juntas em um cordão firme.

– Daniel?

Anne chamou o nome dele baixinho enquanto voltava para o quarto, os pés descalços afundando no tapete macio. Ela estava usando o roupão dele, de um azul-escuro profundo quase da mesma cor de seus olhos. Ficava enorme nela, descendo quase até seus tornozelos, e Anne passara os braços ao redor da cintura para mantê-lo no lugar.

Ele achou que nunca a vira tão linda.

– Estou bem aqui – falou, ao perceber que ela não o vira parado perto da janela.

Ele despira o colete enquanto ela tomava banho, e também o lenço de pescoço e as botas. O valete ficara contrariado quando soubera que o patrão não precisaria de sua ajuda, por isso Daniel deixara as botas do lado de fora do quarto, esperando que o homem encarasse aquilo como um convite para pegá-las e levá-las para os próprios aposentos, para engraxá-las.

Aquela não era uma noite para interrupções.

– Espero que não se importe por eu ter pego seu roupão – disse Anne, apertando os braços com mais força ao redor do corpo. – Não havia mais nada...

– É claro que não me importo – retrucou ele, gesticulando para nada em particular. – Você pode usar qualquer coisa que quiser.

Ela assentiu e, mesmo a 3 metros de distância, Daniel a viu engolir em seco, nervosa.

– Ocorreu-me que você provavelmente já sabia o meu nome – voltou a falar Anne, as palavras saindo de sua boca com dificuldade.

Daniel a encarou.

– Por Granby – acrescentou ela.

– Sim. Ele me contou sobre o homem que apareceu procurando você. Seu nome verdadeiro era a única informação que eu tinha para tentar encontrá-la.

– Imagino que não tenha sido de muita ajuda.

– Não. – Os lábios dele se contraíram em um sorriso sardônico. – Mas encontrei Mary Philpott.

Anne entreabriu a boca em uma surpresa momentânea.

– Era o nome que eu usava para me corresponder com minha irmã, Charlotte, para que meus pais não descobrissem que estávamos em contato. Foi através dessas cartas que eu soube que George ainda estava... – Ela se interrompeu. – Estou me adiantando.

Daniel cerrou os punhos ao ouvir o nome de outro homem. Quem quer que fosse esse George, havia tentado fazer mal a Anne. Havia tentado matá-la. E a ânsia de erguer os braços e socar alguma coisa era quase incontrolável. Queria encontrar aquele sujeito, machucá-lo, deixar claro que se qualquer coisa – *qualquer coisa* – voltasse a acontecer a Anne, Daniel o rasgaria ao meio com as próprias mãos.

E ele nunca se considerara um homem violento.

Daniel olhou para Anne. Ela ainda estava parada no meio do quarto, os braços em volta do corpo.

– Meu nome é... Meu nome *era* Annelise Shawcross – começou ela. – Cometi um erro terrível quando tinha 16 anos, e venho pagando por ele desde então.

– Seja lá o que você... – tentou dizer Daniel, mas ela ergueu a mão.

– Não sou mais virgem – disparou Anne, e as palavras ficaram pairando entre eles.

– Não me importo – garantiu Daniel, e percebeu que realmente não se importava.

– Deveria.

– Mas não me importo.

Anne sorriu para ele – um sorriso triste, como se estivesse preparada para perdoá-lo caso ele mudasse de ideia.

– O nome dele era George Chervil – continuou. – Sir George Chervil, agora que o pai dele morreu. Fui criada em Northumberland, em um vilarejo de tamanho médio, na parte oeste do condado. Meu pai é um cavalheiro do campo. Sempre vivemos com conforto, mas nunca fomos especialmente abastados. Ainda assim, todos nos respeitavam. Éramos convidados para todos os eventos, e era de se esperar que minhas irmãs e eu fizéssemos bons casamentos.

Daniel assentiu. Era fácil imaginar o que ela estava lhe contando.

– Os Chervils eram muito ricos, pelo menos em comparação com o resto do vilarejo. Quando olho para isto tudo...

Ela fez um gesto em direção ao quarto elegante, com todos os luxos que Daniel sempre subestimara. Agora, como ele não tivera tantos confortos materiais quando estava na Europa, jamais deixaria de apreciar tudo aquilo.

– Eles não têm uma posição social tão elevada quanto a sua – prosseguiu Anne –, mas para nós, e para todos no vilarejo, eram a família

mais importante que conhecíamos. E George era filho único. Era muito bonito, me disse coisas lindas, e eu cheguei a pensar que o amava. – Ela deu de ombros, um gesto desolado, e olhou para o teto, quase como se implorasse o perdão de seu eu mais jovem. – Ele disse que me amava... – sussurrou.

Daniel sentiu um nó na garganta e teve uma sensação estranha, quase como uma premonição de como devia ser a paternidade. Algum dia, se fosse da vontade de Deus, ele teria uma filha, e ela se pareceria com a mulher parada à frente dele. E, se ela algum dia o olhasse com aquela expressão desnorteada e sussurrasse "Ele disse que me amava...". Nada menos do que assassinato seria uma resposta aceitável para o desgraçado.

– Achei que ele se casaria comigo – disse Anne. Ela parecia ter recuperado um pouco da compostura e sua voz agora saía rápido, quase metódica. – Mas a verdade é que ele nunca falou isso. Nunca nem mencionou a palavra casamento. Assim, suponho que, de certo modo, a culpa seja minha...

– Não – interrompeu Daniel com determinação, porque fosse lá o que tivesse acontecido, ele sabia que não poderia ser culpa dela.

Era fácil demais imaginar o que acontecera a seguir. O homem rico e bonito, a jovem impressionável... Era uma situação terrível, e muito comum.

Anne o encarou com um sorriso agradecido.

– Não quis dizer que me culpo, porque não culpo. Não mais. Mas eu deveria ter sido mais esperta.

– Anne...

– Não. Eu *deveria* ter sido mais esperta. Ele nunca falou em casamento. Nem uma vez. Eu presumi que ele pediria minha mão, porque... Não sei. Apenas presumi. Venho de uma boa família. Nunca me ocorreu que ele não iria querer se casar comigo. E... Ah, isso soa tão horrível agora... Eu era jovem, bonita, e tinha consciência disso. Meu Deus, parece tão tolo agora...

– Não, não parece – disse Daniel, baixinho. – Todos já fomos jovens.

– Deixei que ele me beijasse – falou Anne. Depois, acrescentou em um tom mais baixo: – Então deixei que fizesse muito mais.

Daniel se manteve muito quieto, esperando pela onda de ciúme que não veio. Estava furioso com o homem que se aproveitara da inocência

dela, mas não sentiu ciúme. Não precisava ser o primeiro, percebeu. Precisava apenas ser o último.

O único a partir dali.

– Você não precisa me contar nada disso – falou.

Anne suspirou.

– Preciso, sim. Não pelo fato em si, mas pelo que aconteceu depois. – Ela atravessou o quarto em um rompante de nervosismo e agarrou as costas de uma cadeira. Enterrou os dedos no estofado, e isso lhe deu algo para fazer enquanto continuava: – Preciso ser honesta, até certo ponto gostei do que ele fez comigo, e depois foi... bem, foi horrível. Constrangedor, na verdade, e um pouco desconfortável.

Anne encarou Daniel e nos olhos dela residia uma honestidade surpreendente.

– Mas gostei do efeito que causei *nele*, que fez com que *eu* me sentisse poderosa. Então, quando estive com ele depois, estava pronta para deixá-lo fazer tudo de novo.

Anne fechou os olhos e Daniel praticamente conseguiu ver a lembrança inundando o rosto dela.

– Era uma noite muito agradável – sussurrou Anne. – No meio do verão, portanto muito clara. Era possível ficar contando as estrelas eternamente.

– O que aconteceu? – perguntou Daniel, baixinho.

Ela piscou, quase como acordasse de um sonho, e, quando falou, foi com uma espontaneidade desconcertante.

– Eu descobri que ele havia pedido outra em casamento. Um dia depois que me entreguei a ele, na verdade.

A fúria que crescia dentro de Daniel começou a sair do controle. Ele nunca, jamais, sentira tanta raiva de alguém. Era aquilo que significava o amor? Sofrer mais pela dor de outra pessoa do que pela nossa?

– Ele tentou repetir o que havíamos feito no dia anterior – continuou Anne. – E me disse que eu era... não consigo me lembrar das palavras exatas, mas fez com que eu me sentisse uma perdida. E talvez eu fosse mesmo, mas...

– Não – disse Daniel com determinação.

Ele concordava que ela poderia ter sido mais esperta, mais sensata. Mas jamais permitiria que Anne pensasse uma coisa daquelas de si mesma. Atravessou o quarto e pousou as mãos nos ombros dela. Anne

levantou a cabeça para encará-lo, e aqueles olhos de um azul tão profundo que parecia não ter fim fizeram com que Daniel quisesse se perder neles. Para sempre.

– Ele se aproveitou de você – afirmou ele. – Deveria ter sido estripado e esquartejado por...

Uma risada horrorizada escapou da boca de Anne.

– Ah, meu Deus, espere até ouvir o resto da história.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Eu o apunhalei – continuou ela, e Daniel demorou um instante para entender a informação. – George veio para cima de mim e eu fiquei tentando escapar a todo custo, até que agarrei a primeira coisa em que minha mão esbarrou. Era um abridor de cartas.

Ah, santo Deus.

– Eu estava tentando me defender, e só queria afastá-lo balançando o abridor na direção dele. Mas George se atirou em cima de mim, e então... – Anne estremeceu e seu rosto ficou muito pálido. – Daqui até aqui – sussurrou, deslizando o dedo da têmpora ao queixo. – Foi terrível. E é claro que não havia como esconder aquilo. Eu estava arruinada – acrescentou, com um leve dar de ombros. – Fui mandada embora, obrigada a mudar de nome e a cortar todos os laços com a minha família.

– Seus pais permitiram isso? – perguntou Daniel, incrédulo.

– Era o único modo de proteger as minhas irmãs. Ninguém se casaria com elas se a notícia de que eu tinha me deitado com George Chervil se espalhasse. Consegue imaginar? Que eu tinha dormido com ele e, então, o *apunhalado*?

– O que não consigo imaginar é uma família dar as costas a uma filha – disse Daniel com amargura.

– Está tudo bem – falou Anne, ainda que os dois soubessem que não estava. – Minha irmã e eu nos correspondemos escondidas durante todo esse tempo, por isso não me senti completamente sozinha.

– As agências de correio – murmurou ele.

Ela deu um sorrisinho.

– Sempre me certifiquei de saber onde ficavam. Parecia mais seguro enviar e receber minha correspondência em lugares mais anônimos.

– O que aconteceu naquela noite? – perguntou ele. – Por que você foi embora da casa da minha tia?

– Há oito anos, quando parti da casa da minha família... – Ela engoliu em seco várias vezes e desviou o olhar do dele, concentrando-se em um ponto aleatório no chão. – George estava furioso. Queria me denunciar ao magistrado, para que eu fosse enforcada, ou extraditada, ou coisa parecida. Mas o pai dele foi muito firme. Se George fizesse um escândalo a respeito do assunto, seu noivado com a Srta. Beckwith estaria arruinado. E ela era filha de um visconde... – Anne olhou para Daniel com uma expressão sarcástica. – Era um casamento precioso.

– O casamento aconteceu?

Ela assentiu.

– Mas ele nunca abandonou seu juramento de vingança. A cicatriz acabou ficando com uma aparência melhor do que eu teria imaginado, mas ainda existe, e é bem visível. E George era muito bonito. Antes eu achava que ele queria me matar, mas agora...

– O quê? – perguntou Daniel, quando ela não terminou a frase.

– Ele quer me cortar – disse Anne, em uma voz muito baixa.

Daniel praguejou. Não importava que estivesse na presença de uma dama. Não conseguiu controlar a linguagem chula que escapou de sua boca.

– Vou matá-lo – afirmou.

– Não, não vai. Depois do que aconteceu com Hugh Prentice...

– Ninguém vai se incomodar se eu remover Chervil da face da terra – interrompeu ele. – Não tenho a menor preocupação quanto a isso.

– Você não vai matá-lo – disse Anne com firmeza. – Já o feri gravemente...

– Você não está arrumando *desculpas* para ele, não é?

– Não – retrucou ela, com firmeza suficiente para tranquilizá-lo. – Mas acho, sim, que naquela noite ele pagou pelo que me fez passar. George nunca esquecerá o que fiz com ele.

– E não deveria mesmo – completou Daniel, furioso.

– Eu quero que isso *pare* – afirmou Anne. – Quero viver a minha vida sem ter que ficar olhando por sobre o ombro. Mas não quero vingança. Não preciso disso.

Daniel pensou que talvez *ele* precisasse se vingar por ela, mas sabia que a decisão era de Anne. Demorou um instante para controlar a raiva, mas conseguiu, e finalmente perguntou:

– Como Chervil explicou o ferimento?

Anne pareceu aliviada por ele ter parado de falar em vingança.

– Disse que foi um acidente a cavalo. Charlotte me falou que ninguém acreditou, mas eles disseram que ele havia sido arremessado do cavalo e cortado o rosto no galho de uma árvore. Acho que ninguém desconfiou da verdade... Tenho certeza de que as pessoas pensaram o pior de mim quando desapareci tão de repente, mas não consigo imaginar que alguém tenha imaginado que cortei o rosto dele.

Para sua própria surpresa, Daniel se pegou sorrindo.

– Fico feliz por você ter feito isso.

Ela o encarou com surpresa.

– E deveria tê-lo cortado em outro lugar.

Anne arregalou os olhos, mas logo deixou escapar uma risadinha.

– Pode me chamar de sanguinário – murmurou Daniel.

A expressão dela se tornou um pouco travessa.

– Você vai ficar satisfeito em saber que hoje, para escapar dele...

– Ah, diga-me que você precisou lhe dar um chute nas partes baixas – implorou Daniel. – Por favor, por favor, *por favor* me diga que fez isso.

Anne cerrou os lábios, tentando não rir de novo.

– Talvez eu tenha feito isso.

Ele a puxou mais para perto.

– Com força?

– Menos força do que usei para chutá-lo no mesmo lugar quando ele estava caído no chão.

Daniel beijou uma das mãos dela, depois a outra.

– Posso dizer que tenho muito orgulho de conhecer você?

Anne ficou ruborizada de prazer.

– E tenho muito, *muito* orgulho de chamá-la de minha. – Ele lhe deu um beijo rápido. – Mas você nunca será minha amante.

Ela recuou.

– Dan...

Ele a deteve, levando um dedo aos seus lábios.

– Já anunciei que planejo me casar com você. Quer fazer de mim um mentiroso?

– Daniel, você não pode!

– Sim, eu posso.

– Não, você...

– *Eu posso* – repetiu ele, com firmeza. – E farei.

Os olhos de Anne buscaram o rosto dele com uma agitação frenética.

– Mas George ainda está solto por aí. E se ele lhe fizer mal...

– Posso cuidar dos George Chervil deste mundo – assegurou Daniel –, desde que você possa tomar conta de mim.

– Mas...

– Eu amo você – disse ele, e foi como se o mundo todo se encaixasse no lugar só porque ele finalmente falou aquilo. – Amo você e não posso suportar a ideia de passar um instante sem a sua companhia. Eu a quero ao meu lado e na minha cama. Quero que seja a mãe dos meus filhos, e quero que cada maldita pessoa neste mundo saiba que você é minha.

– Daniel – falou Anne, e ele não conseguiu definir se ela estava protestando ou desistindo de discutir.

Mas os olhos dela se encheram de lágrimas, e ele soube que estava quase conseguindo convencê-la.

– Não ficarei satisfeito com nada menos do que tudo – sussurrou Daniel. – Temo que você vá ter que se casar comigo.

O queixo dela tremeu. Talvez tivesse sido um aceno de concordância.

– Eu amo você, Daniel – sussurrou Anne. – Eu também amo você com todo meu coração.

– E... – insistiu ele.

Porque estava determinado a fazê-la pronunciar as palavras.

– Sim – disse Anne. – Se você é corajoso o bastante para me querer, eu me casarei com você.

Daniel a puxou para si e beijou-a com toda a paixão, o medo e a emoção que vinha guardando desde que ela desaparecera.

– Coragem não tem nada a ver com isso – declarou ele, e quase riu pela felicidade que sentia. – É autopreservação.

Ela franziu a testa.

Daniel a beijou de novo. Parecia não conseguir parar.

– Acho que eu morreria sem você – murmurou.

– Acho... – sussurrou Anne, mas não concluiu imediatamente. – Acho que antes... com George... acho que não conta. – Ela ergueu o rosto para ele, os olhos brilhando de amor e promessas. – Esta noite será minha primeira vez. Com você.

CAPÍTULO 19

Então, Anne disse apenas duas palavras. Só duas.

– Por favor.

Ela não sabia *por que* dissera aquilo – certamente não fora resultado de um pensamento racional. Mas é que havia passado os últimos anos lembrando às pessoas que ter boas maneiras não dói e que se deve dizer "por favor" para conseguir qualquer coisa na vida.

E Anne queria muito aquilo.

– Então... – murmurou Daniel, inclinando a cabeça em um gesto cortês – só posso dizer "obrigado".

Anne sorriu, mas não foi um sorriso divertido. Foi algo completamente diferente, o tipo de sorriso que surge de maneira inesperada, que hesita nos lábios até encontrar seu ângulo certo. Era um sorriso de pura felicidade, e veio tão do íntimo dela que Anne teve que lembrar a si mesma de respirar.

Uma lágrima escorreu por seu rosto. Ela ergueu a mão para secá-la, mas o dedo de Daniel a encontrou primeiro.

– Uma lágrima de felicidade, eu espero – disse ele.

Ela assentiu.

Daniel segurou o queixo de Anne e acariciou delicadamente o hematoma perto da têmpora.

– Ele a feriu.

Anne vira a mancha roxa quando se olhara no espelho do banheiro. Não estava doendo muito e ela não conseguia nem se lembrar direito de como acontecera. A briga com George era como um borrão em sua mente, e ela decidiu que era melhor assim.

Por isso, abriu um sorriso malicioso e murmurou:

– Ele está pior que eu.

Daniel demorou um instante, mas logo seus olhos brilharam de divertimento.

– Está?

– Ah, sim.

Ele a beijou com suavidade atrás da orelha, o hálito quente acariciando a pele dela.

– Bem, isso é muito importante.

– Aham. – Anne arqueou o pescoço para que os lábios dele pudessem descer lentamente até sua clavícula. – Uma vez me disseram que a parte mais importante de uma briga é se certificar de que seu oponente esteja pior do que você no final.

– Você tem conselheiros muito sábios.

Anne prendeu a respiração. As mãos dele haviam alcançado a faixa de seda do roupão e ela sentiu o tecido ficando mais frouxo no corpo enquanto Daniel desfazia o nó.

– Só um – sussurrou ela, tentando não se perder completamente quando sentiu as mãos grandes dele deslizarem pela pele sensível de sua barriga, e logo ao redor de suas costas.

– Só um? – repetiu ele, segurando-a pelo traseiro e apertando a carne macia.

– Um conselheiro, mas ele é... Ai, nossa!

Ele apertou de novo.

– "Ai, nossa" foi por *isso*? – Então Daniel fez algo completamente diferente, algo que envolvia apenas um dedo muito ousado. – Ou isso?

– Ah, Daniel...

Os lábios dele encontraram a orelha dela mais uma vez, e sua voz soou quente e rouca sobre a pele de Anne:

– Até o fim da noite, vou fazê-la gritar de prazer.

– Não. Você não pode fazer isso – disse Anne, com o pouco de bom senso que lhe restava.

Daniel ergueu-a do chão, não lhe dando outra alternativa que não passar as pernas ao redor de sua cintura.

– Eu lhe garanto que posso.

– Não, não... Eu não...

O dedo dele, que vinha desenhando círculos lentamente no caminho que levava à parte mais íntima de Anne, foi ainda mais fundo.

– Ninguém sabe que estou aqui – ofegou ela, agarrando-se desesperadamente aos ombros dele. Daniel agora se movia com ela, de forma lânguida e vagarosa, mas cada toque parecia provocar arrepios de desejo bem no centro do corpo dela. – Se acordarmos alguém...

– Ah, isso é verdade – murmurou ele, mas Anne percebeu o sorriso travesso em sua voz. – Acho que devemos ser prudentes e guardar algumas coisas para quando estivermos casados.

Anne não conseguia nem começar a imaginar do que ele estava falando, mas as palavras de Daniel causavam o mesmo efeito que suas mãos, enlouquecendo-a de paixão.

– Por essa noite – disse Daniel, carregando-a até a beira da cama –, não terei outra escolha a não ser me certificar de que você é de fato uma boa moça.

– Uma boa moça? – ecoou ela.

Anne estava apoiada na beirada da cama pecaminosamente grande, usando um roupão masculino que pendia aberto e revelava a curva de seus seios, e havia um dedo dentro dela, fazendo-a arquejar de prazer.

Não havia nada de boa moça nela naquele momento.

No entanto, as coisas não podiam estar mais maravilhosas.

– Acha que consegue ficar em silêncio? – provocou Daniel, beijando o pescoço dela.

– Não sei.

Ele deslizou outro dedo para dentro dela.

– E se eu fizer isso?

Anne deixou escapar um gritinho e Daniel deu um sorriso diabólico.

– Ou isso? – falou com a voz rouca, afastando o roupão para o lado com o nariz. O tecido deslizou sobre o ombro dela, revelando seus seios, mas apenas por uma fração de segundos, já que a boca dele rapidamente se fechou sobre o mamilo.

– Ah! – O arquejo foi um pouco mais alto dessa vez, e Anne o ouviu rindo junto à pele dela. – Você é muito atrevido.

Ele a provocou com a língua, então ergueu os olhos com uma expressão voraz.

– Nunca disse que não era.

Daniel passou para o outro seio, que era ainda mais sensível do que o primeiro, e Anne mal percebeu quando o roupão caiu de vez.

Ele voltou a encará-la.

– Espere até ver o que mais posso fazer.

– Ai, meu Deus.

Ela não conseguia imaginar o que poderia ser mais atrevido do que aquilo.

Mas então os lábios de Daniel encontraram o vale entre os seios dela e ele começou a descer... descer... pela barriga, o umbigo, até...

– Ah, meu Deus – arquejou Anne. – Você não pode.

– Não?

– Daniel?

Ela não sabia o que estava perguntando, mas, antes que descobrisse, ele a ergueu e a colocou sentada bem na beirada da cama. Em seguida a boca de Daniel encontrou o lugar onde os dedos dele haviam estado pouco antes, e as coisas que ele começou a fazer com a língua, com os lábios, com a respiração...

Santo Deus, ela ia derreter. Ou explodir. Anne agarrou a cabeça dele com tanta força que Daniel precisou afrouxar um pouco as mãos dela. Então, já não conseguindo mais aguentar, Anne desabou sobre o colchão macio, as pernas penduradas para fora da cama.

Daniel levantou a cabeça e parecia muito satisfeito consigo mesmo.

Ela viu quando ele se ergueu e perguntou, ofegante:

– O que você está fazendo comigo?

Porque ele não poderia ter terminado. Anne ainda ansiava por ele, por alguma coisa, por...

– Quando você chegar lá, será comigo dentro de você – avisou Daniel, arrancando a camisa pela cabeça.

– Chegar lá?

O que ele queria dizer com *chegar* lá?

Então Daniel levou as mãos aos calções e em poucos segundos estava nu. Anne só pôde encará-lo, impressionada, enquanto ele se acomodava entre suas pernas. Era um homem magnífico, mas certamente, *certamente*, ele não achava que aquilo ia...

Daniel voltou a tocá-la, passando as mãos ao redor de suas coxas e puxando-a para recebê-lo.

– Ai, meu Deus – sussurrou Anne.

Ela achava que nunca havia dito aquelas palavras tantas vezes como fizera nos últimos minutos, mas, se já houvera um momento para louvar a criação do Senhor, sem dúvida era aquele.

A ponta do membro dele encostou na abertura dela, mas Daniel não pressionou adiante. Em vez disso, pareceu satisfeito apenas em tocá-la, deixando a marca de sua masculinidade roçar a pele sensível dela, para um lado, em um movimento circular, então para o outro. A cada pequena carícia, Anne sentia que se abria um pouco mais pare ele, até que, de forma natural, a ponta inteira deslizou para dentro dela.

Anne se agarrou à cama, mal sendo capaz de compreender a estranheza da sensação que a dominava. Era como se ele a houvesse rasgado por dentro quando a penetrara, mas ainda assim ela queria mais. Não tinha ideia de como aquilo era possível, mas não parecia capaz de deter os próprios quadris, que se arqueavam em direção a ele.

– Quero você inteiro – sussurrou Anne, chocando-se com as próprias palavras. – Agora.

Ela o ouviu inspirar fundo e, quando o encarou, os olhos de Daniel estavam desfocados e vidrados de desejo. Ele gemeu o nome dela, então penetrou-a um pouco mais – não até o fim, mas o bastante para que ela experimentasse mais uma vez aquela sensação estranha e maravilhosa de estar aberta para ele, de ser aberta *por* ele.

– Quero mais – disse Anne, e não estava implorando.

Estava ordenando.

– Ainda não. – Ele se afastou um pouco e voltou a arremeter. – Você não está pronta.

– Não me importo.

E era verdade. Havia uma pressão crescendo dentro dela que a deixava gulosa. Anne o queria por inteiro, pulsando dentro dela. Queria senti-lo preenchendo-a completamente.

Daniel voltou a se mover, e dessa vez Anne agarrou os quadris dele, tentando forçá-lo mais para dentro do seu corpo.

– Preciso de você – gemeu ela, mas ele enrijeceu o corpo contra o dela, determinado a ditar o ritmo.

Só que o rosto de Daniel estava contorcido com um prazer que ele mal conseguia conter, e Anne sabia que ele desejava aquilo tanto quanto ela. Estava se controlando porque achava que era o que ela precisava.

Mas Anne sabia muito bem o que queria.

Ele provavelmente despertara algo dentro dela, alguma parte feminina da alma dela que era ousada e libertina. Anne não tinha ideia de como sabia o que fazer, não sabia nem o que estava fazendo até acontecer, mas

levou as mãos aos seios e segurou-os, apertando um contra o outro, enquanto Daniel a observava...

Ele a encarava com um desejo tão palpável que Anne conseguia sentir na pele.

– Faça isso de novo – pediu ele com a voz rouca.

E ela obedeceu, comprimindo os seios como um espartilho apertado, até eles parecem frutas grandes, maduras e deliciosas.

– Você gosta? – sussurrou ela, só para provocá-lo.

Daniel assentiu, a respiração tão acelerada que seus movimentos eram espasmódicos. Ainda tentava, com todas as forças, ir devagar, e Anne sabia que o havia levado ao limite. Ele não conseguia parar de olhar para as mãos dela nos seios, e o desejo puro e primitivo nos olhos dele fez com que Anne se sentisse uma deusa, forte e poderosa.

Ela umedeceu os lábios, deixou as mãos vagarem até os mamilos e segurou a ponta rosada de cada um deles entre o indicador e o polegar. A sensação era incrível, quase tão eletrizante como quando Daniel deliciosamente os sugara. Anne sentiu uma nova onda de prazer espalhando-se pelo meio de suas pernas, e percebeu com surpresa que fora ela mesma que provocara aquilo, com os próprios dedos ousados. Jogou a cabeça para trás e gemeu.

Daniel também foi dominado por uma onda incontrolável de desejo e enfim arremeteu com força, rápido, até seus corpos estarem completamente unidos.

– Você vai ter que fazer isso de novo – grunhiu ele. – Toda noite. E vou ficar assistindo... – Ele estremeceu de prazer, enquanto se movia dentro dela. – Vou ficar assistindo toda noite.

Anne sorriu, deleitando-se com aquele poder recém-descoberto, e se perguntou o que mais poderia fazer para deixá-lo tão fraco de desejo.

– Você é a coisa mais linda que eu já vi – continuou Daniel. – Agora. Neste momento. Mas isso é... isso é...

Ele arremeteu de novo, gemendo ao sentir a fricção sensível. Então apoiou as mãos no colchão, uma de cada lado da cabeça dela.

Anne percebeu que Daniel estava tentando se conter.

– Não era isso que eu queria dizer – voltou a falar ele, cada palavra exigindo muito da respiração entrecortada.

Ela o fitou diretamente, bem nos olhos, e sentiu uma das mãos de Daniel pegar a sua, entrelaçando os dedos com os dela.

– Amo você – disse ele. – *Amo você*.

E ele repetiu aquilo tanto com a boca como com cada movimento do corpo. Era avassalador, impressionante e absolutamente transformador se sentir parte de outra pessoa daquele modo tão magnífico.

Anne apertou a mão dele.

– Também amo você – sussurrou. – Você é o primeiro homem... O primeiro homem que eu...

Ela não sabia como dizer aquilo. Queria que Daniel conhecesse cada momento de sua vida, cada vitória e cada decepção. Mais do que tudo, queria que ele soubesse que era o primeiro homem em quem ela já confiara completamente, o único homem a conquistar seu coração.

Daniel pegou a mão dela e levou aos lábios. Naquele momento, no meio da união mais carnal, mais erótica que Anne poderia imaginar, ele beijou os nós dos dedos dela com tanta gentileza e reverência quanto um cavaleiro ancestral.

– Não chore – sussurrou.

Ela não percebera que estava chorando.

Daniel secou as lágrimas com beijos, mas ao se inclinar para fazer isso, moveu-se de novo dentro dela, reabastecendo o fogo turbulento no centro do prazer de Anne. Ela acariciou as panturrilhas dele com os pés, ergueu os quadris em uma contorção extremamente feminina e logo Daniel estava arremetendo, e ela o recebendo, e algo se transformava dentro dela, esticando e tensionando até Anne não conseguir suportar mais, até...

– Aaaaah!

Ela gritou enquanto o mundo explodia ao seu redor e agarrou Daniel, segurando os ombros dele com força enquanto erguia o corpo da cama.

– Ah, meu Deus – arquejou ele. – Ah, meu Deus, ah, meu...

Com uma última investida, Daniel gritou, arremetendo o corpo para a frente e, finalmente, derramando-se dentro dela.

Tinha acabado, pensou Anne, sonhadora. Tinha acabado e, no entanto, a vida dela estava enfim começando.

Mais tarde, Daniel estava deitado de lado, apoiado sobre o cotovelo, a cabeça descansando na mão, enquanto brincava preguiçosamente com

mechas soltas do cabelo de Anne. Ela estava dormindo – ou ao menos era o que ele achava. Do contrário, ela estava sendo bastante indulgente, deixando que ele acariciasse os cachos macios, encantado com o modo como a luz bruxuleante da vela iluminava cada mecha.

Daniel nunca tinha percebido que os cabelos de Anne eram tão longos. Quando ela os prendia para o alto, com os grampos, pentes e o que mais as mulheres usavam, parecia um coque como qualquer outro. Bem, um coque qualquer usado por uma mulher tão linda que fazia o coração dele parar.

Mas, soltos, os cabelos de Anne eram gloriosos. Caíam por sobre os ombros como uma manta de zibelina, as ondas luxuriantes chegando ao topo dos seios.

Daniel se permitiu um sorrisinho travesso. Gostava que os cabelos não cobrissem os seios.

– Do que está rindo? – murmurou ela, a voz pesada e preguiçosa de sono.

– Você está acordada.

Ela ronronou baixinho enquanto se espreguiçava, e Daniel observou, satisfeito, enquanto as cobertas escorregavam e revelavam o corpo feminino.

– Ah! – exclamou ela com um gritinho, puxando-as de volta.

Daniel cobriu a mão dela com a dele e voltou a puxar as cobertas para baixo.

– Gosto de você assim – murmurou ele, com a voz rouca.

Anne enrubesceu. Estava escuro demais para que ele percebesse o rosado em suas faces, mas ela abaixou os olhos por um instante, como sempre fazia quando ficava envergonhada. Então Daniel sorriu de novo, porque não percebera que sabia aquilo sobre ela.

Gostava de saber coisas sobre ela.

– Você não falou do que estava rindo – falou Anne, puxando delicadamente a coberta para cima e prendendo-a debaixo do braço.

– Eu estava pensando que gosto que seus cabelos não sejam compridos o bastante para cobrir seus seios – confessou Daniel.

Dessa vez ele a *viu* enrubescer, mesmo no escuro.

– Você perguntou... – murmurou ele.

Os dois ficaram em um silêncio tranquilo, mas logo Daniel viu linhas de preocupação marcarem a testa de Anne. Não ficou surpreso quando ela perguntou, baixinho:

– O que vai acontecer agora?

Ele sabia a que ela se referia, mas não queria responder. Aconchegados daquela forma na cama de baldaquino dele, com as cortinas fechadas ao redor dos dois, era fácil fingir que o resto do mundo não existia. Mas a manhã logo chegaria e, com ela, todos os perigos e crueldades que a haviam levado até ali.

– Vou fazer uma visita a sir George Chervil – disse Daniel depois de um momento de silêncio. – Acredito que não será difícil descobrir seu endereço.

– Para onde irei? – sussurrou ela.

– Você ficará aqui – respondeu Daniel, com firmeza.

Ele não a deixaria sair dali, e achava inacreditável que ela sequer pensasse que ele seria capaz disso.

– Mas o que você vai dizer a sua família?

– A verdade – falou Daniel, então, quando Anne arregalou os olhos, ele acrescentou: – Parte dela. Não há necessidade de ninguém saber onde exatamente você dormiu esta noite, mas terei que contar à minha mãe e à minha irmã como veio parar aqui sem nem uma muda de roupa. A menos que você consiga pensar em uma história razoável.

– Não – concordou Anne.

– Honoria pode lhe emprestar algumas roupas, e com a minha mãe como acompanhante, não será nada impróprio que você seja instalada em um dos nossos quartos de hóspede.

Por uma fração de segundo, Anne pareceu prestes a protestar, ou talvez a sugerir um plano alternativo. Mas, no fim, assentiu.

– Irei atrás de uma licença especial de casamento logo depois de minha conversa com Chervil – falou Daniel.

– Uma licença especial? – ecoou Anne. – Mas não é algo terrivelmente caro?

Ele se aconchegou um pouco mais próximo a ela.

– Acha mesmo que vou conseguir esperar por um período adequado de noivado?

Anne começou a sorrir.

– Acha mesmo que *você* vai conseguir esperar? – acrescentou ele, a voz rouca.

– Você me transformou em uma libertina.

Daniel puxou-a.

– Não posso reclamar.

Enquanto a beijava, ele a ouviu sussurrar:

– Também não posso.

Tudo ficaria bem. Com uma mulher como aquela nos braços, como poderia ser de outra forma?

CAPÍTULO 20

No dia seguinte, depois de acomodar Anne decentemente em um quarto de hóspedes em sua casa, Daniel saiu para ir ver sir George Chervil.

Como esperado, não fora difícil descobrir o endereço dele. O sujeito morava em Marylebone, não muito longe da casa do sogro, em Portman Square. Daniel sabia quem era o visconde de Hanley – inclusive, estudara em Eton ao mesmo tempo que dois dos filhos dele. A ligação não era muito profunda, mas a família do visconde sabia quem ele era. Se Chervil não mudasse de ideia a respeito de Anne com a rapidez esperada, Daniel tinha certeza de que uma visita ao sogro dele – que sem dúvida era quem controlava os bens da família, incluindo a escritura da pequena e elegante casa em Marylebone cujos degraus Daniel subia naquele momento – resolveria a questão.

Poucos instantes após bater à porta da frente, Daniel foi levado a uma sala de visitas decorada em tons suaves de verde e dourado. Alguns minutos depois, uma mulher entrou. Pela idade e pelos trajes, ele deduziu que fosse lady Chervil, a filha do visconde, com quem George Chervil escolhera se casar no lugar de Anne.

– Milorde – cumprimentou ela, inclinando-se em uma elegante cortesia.

Era muito bonita, com cachos castanho-claros e a pele clara e aveludada. Não se comparava à beleza dramática de Anne, mas a verdade era que poucas se comparavam. E Daniel talvez fosse um pouco parcial.

– Lady Chervil – respondeu ele.

Ela parecia surpresa pela aparição dele, além de bastante curiosa. Como o pai era visconde, devia estar acostumada a receber visitas ilustres, mas Daniel achava que já devia fazer algum tempo desde que um conde

estivera em seu lar de casada, sobretudo porque George só se tornara baronete havia pouco tempo.

– Preciso falar com seu marido – falou Daniel.

– Lamento, mas ele não está em casa. Há algo que eu possa fazer para ajudá-lo? Estou surpresa por meu marido não ter mencionado que o conhecia.

– Não fomos formalmente apresentados – explicou Daniel. Não parecia haver nenhuma razão aparente para fingir o contrário, já que Chervil provavelmente deixaria isso claro quando voltasse para casa e a esposa lhe contasse sobre a visita do conde de Winstead.

– Ah, lamento tanto... – retrucou ela. Não que houvesse algo por que se desculpar, mas lady Chervil parecia ser o tipo de mulher que dizia "lamento" sempre que não sabia mais o que dizer. – Há algo que eu possa fazer para ajudá-lo? Ah, lamento, já perguntei isso, não é mesmo? – Ela indicou os sofás e poltronas. – Gostaria de se sentar? Pedirei um chá imediatamente.

– Não, obrigado – falou Daniel.

Estava sendo difícil manter os modos educados, mas ele sabia que aquela mulher não era culpada pelo que acontecera com Anne. Provavelmente jamais ouvira sequer falar nela.

Ele pigarreou.

– Sabe quando seu marido deve estar de volta?

– Acho que não deve demorar – retrucou ela. – Gostaria de esperar?

Na verdade, não, mas Daniel não viu outra alternativa, então agradeceu e se sentou. O chá chegou e eles começaram a conversar sobre banalidades, intercalando-as com longas pausas e olhares não disfarçados para o relógio sobre o consolo da lareira. Daniel tentou se distrair pensando em Anne, no que ela deveria estar fazendo naquele momento.

Enquanto ele estava ali bebendo chá, Anne estava experimentando as roupas emprestadas por Honoria.

Enquanto ele tamborilava com impaciência os dedos no joelho, ela estava almoçando com a mãe dele, que, para o maior orgulho e alívio de Daniel, nem sequer piscara quando o filho anunciara que se casaria com a Srta. Wynter e que, a propósito, ela ficaria na Casa Winstead como hóspede da família, já que não poderia continuar a ser governanta dos Pleinsworths.

– Lorde Winstead?

Ele levantou os olhos. Lady Chervil estava com a cabeça inclinada para o lado, piscando sem parar, parecendo esperar uma resposta. Ela claramente lhe fizera uma pergunta – que ele não ouvira. Por sorte, era o tipo de mulher em quem as boas maneiras haviam sido incrustadas desde o nascimento, então ela não deu atenção ao lapso dele e disse (provavelmente repetindo):

– O senhor deve estar bastante entusiasmado com o casamento iminente de sua irmã. – Diante do olhar vazio dele, ela acrescentou: – Li a respeito no jornal, e é claro que estive em um dos adoráveis concertos de sua família na temporada em que debutei.

Daniel se perguntou se aquilo significava que ela não estava mais recebendo convites. Esperava que sim. A ideia de George Chervil sentado na Casa Winstead lhe provocava um arrepio de asco.

Ele pigarreou, tentando manter a expressão agradável.

– Sim, estou muito feliz. Lorde Chatteris é um amigo próximo da família desde a nossa infância.

– Que adorável, então, que ele agora vá ser seu irmão.

Ela sorriu e Daniel foi surpreendido por uma discreta sensação de desconforto. Lady Chervil parecia ser uma pessoa bastante agradável, uma dama de quem a irmã dele – ou Anne – poderia ser amiga, caso não fosse casada com sir George. Não era culpada de nada a não ser ter se casado com um patife, e Daniel faria a vida dela virar de cabeça para baixo.

– Ele está na minha casa agora – comentou, tentando aplacar a inquietude de sua anfitriã sendo um pouco mais simpático. – Acredito que tenha sido arrastado para lá para ajudar com os preparativos do casamento.

– Ah, que adorável.

Ele assentiu, e usou a oportunidade para voltar a pensar no que Anne deveria estar fazendo. Esperava que ela estivesse com o resto da família dele, opinando sobre lavanda-azulado e azul-lavanda, sobre flores, rendas e tudo o que envolvia uma celebração em família.

Depois de oito anos, Anne merecia uma família e a sensação de pertencimento que vinha com isso.

Daniel olhou mais uma vez para o relógio no consolo da lareira, tentando ser um pouco mais discreto ao fazer isso. Estava ali havia uma hora e meia. Com certeza lady Chervil começava a ficar inquieta. Ninguém permanecia em uma sala de visitas por uma hora e meia,

esperando que outra pessoa chegasse em casa. Os dois sabiam que as boas maneiras ditavam que ele entregasse seu cartão e partisse.

Mas Daniel não pretendia ir a lugar algum.

Lady Chervil sorriu constrangida.

– Francamente, não achei que sir George demoraria tanto. Não consigo imaginar o que o pode estar retendo.

– Onde ele foi? – perguntou Daniel.

Era uma pergunta invasiva, mas depois de todo aquele tempo jogando conversa fora, não parecia mais inoportuna.

– Acredito que tenha ido ao médico – respondeu lady Chervil. – Por causa da cicatriz dele, o senhor sabe. – Ela olhou para ele. – Ah, o senhor disse que não foi apresentado a ele. Meu marido tem... – A mulher gesticulou para o próprio rosto com uma expressão triste. – Ele tem uma cicatriz. Foi um acidente a cavalo, pouco antes de nos casarmos. Eu acho que o torna vistoso, mas ele está sempre tentando minimizá-la.

Daniel começou a sentir a inquietude revirar seu estômago.

– Ele foi ver um médico? – perguntou.

– Bem, acho que sim. Quando saiu hoje de manhã, me disse que iria ver uma pessoa por conta da cicatriz. Presumi que fosse um médico. Quem mais poderia ser?

Anne.

Daniel se levantou tão rapidamente que esbarrou no bule de chá, derramando gotas mornas por toda a mesa.

– Lorde Winstead? – disse lady Chervil, a voz alarmada. Ela também se levantou e se adiantou na direção de Daniel, que já estava a caminho da porta. – Algum problema?

– Peço que me perdoe – falou ele.

Não tinha tempo para gentilezas. Já estava sentado ali havia mais de uma hora e meia, e só Deus sabia o que Chervil estava planejando.

Ou o que já fizera.

– Posso ajudá-lo de alguma forma? – perguntou ela, correndo atrás de Daniel. – Talvez eu possa dar algum recado ao meu marido.

Daniel se virou para ela.

– Sim – falou, e não reconheceu a própria voz. O terror o deixara instável, a raiva o estava deixando ousado. – Pode dizer a ele que se tocar em um fio de cabelo da minha noiva, cuidarei pessoalmente para que o fígado dele seja arrancado pela boca.

Lady Chervil ficou muito pálida.

– Compreendeu? – disse ele.

Ela assentiu, insegura.

Daniel a encarou com um olhar severo. A mulher estava apavorada, mas aquilo não era nada comparado ao horror de Anne se estivesse nas garras de George Chervil naquele momento. Ele deu outro passo na direção da porta e parou.

– Mais uma coisa. Se seu marido voltar vivo para casa esta noite, sugiro que a senhora tenha uma conversa com ele sobre o futuro de vocês aqui na Inglaterra. Talvez ache a vida mais confortável em outro país. Bom dia, lady Chervil.

– Bom dia – respondeu ela.

E desmaiou.

– Anne! – gritou Daniel, enquanto entrava correndo pelo saguão da Casa Winstead. – Anne!

Poole, o mordomo, materializou-se como se surgisse do nada.

– Onde está a Srta. Wynter? – perguntou Daniel, esforçando-se para recuperar o fôlego.

Sua carruagem ficara presa no tráfego e ele saltara a alguns minutos de casa, correndo pelas ruas como um louco. Era de se espantar que não tivesse sido atropelado.

A mãe dele saiu da sala de visitas, seguida por Honoria e Marcus.

– O que está acontecendo? Daniel, pelo amor de Deus...

– Onde está a Srta. Wynter? – repetiu ele, arquejante, ainda tentando recuperar o fôlego.

– Ela saiu – disse a mãe.

– Saiu? Ela *saiu*?

Por que diabo Anne faria isso? Ela sabia que deveria permanecer na Casa Winstead até a volta dele.

– Bem, foi o que entendi – falou lady Winstead, olhando para o mordomo em busca de auxílio. – Eu não estava aqui.

– A Srta. Wynter recebeu uma visita – esclareceu Poole. – Sir George Chervil. Ela saiu com ele há uma hora. Talvez duas.

Daniel se virou para o homem, apavorado.

– O quê?

– Ela pareceu não gostar muito da companhia dele – começou a dizer Poole.

– Ora, então por que diabo ela iria...

– Ele estava com lady Frances.

Daniel parou de respirar.

– Daniel – disse lady Winstead, em um tom mais preocupado. – O que está acontecendo?

– Lady Frances? – repetiu Daniel, ainda encarando Poole.

– Quem é sir George Chervil? – perguntou Honoria.

Ela olhou para Marcus, mas ele balançou a cabeça.

– Ela estava na carruagem dele – informou Poole.

– Frances?

O mordomo assentiu.

– E a Srta. Wynter acreditou na palavra dele a esse respeito?

– Não sei, milorde – respondeu o mordomo. – Ela não me disse nada. Mas saiu daqui com ele e entrou em sua carruagem. Pareceu fazer isso por vontade própria.

– Maldição – praguejou Daniel.

– Daniel – disse Marcus, a voz firme como uma rocha em um cômodo que estava girando. – O que está acontecendo?

Naquela manhã, Daniel contara à mãe um pouco sobre o passado de Anne. Agora, desvendou tudo a eles.

Lady Winstead ficou muito pálida e, quando agarrou a mão do filho, o gesto era de pânico.

– Precisamos ir contar a Charlotte – disse, mal conseguindo falar.

Daniel assentiu lentamente, tentando pensar. Como Chervil conseguira pegar Frances? E onde ele teria...

– Daniel! – exclamou a mãe, quase gritando. – Precisamos ir contar a Charlotte agora! Aquele louco está com a filha dela!

Daniel voltou subitamente a atenção para a mãe.

– Sim. Sim, vamos agora.

– Eu também vou – falou Marcus. Virou-se para Honoria. – Você fica? Alguém precisa permanecer aqui para o caso de a Srta. Wynter voltar.

Honoria assentiu.

– Vamos – disse Daniel.

Eles saíram correndo e lady Winstead não se deu ao trabalho nem de pegar um casaco. A carruagem que Daniel abandonara cinco minutos antes chegara. Ele instalou a mãe dentro do veículo com Marcus e saiu em disparada. A casa da tia ficava a menos de meio quilômetro de distância e, se as ruas ainda estivessem com muito tráfego, ele chegaria à Casa Pleinsworth mais rápido a pé.

De fato, ele chegou alguns instantes antes da carruagem, e subiu em disparada os degraus da frente enquanto respirava com dificuldade. Bateu com a aldrava três vezes e já ia para a quarta quando Granby abriu a porta e se afastou rapidamente para o lado, antes que Daniel o derrubasse.

– Frances – arquejou Daniel.

– Ela não está – informou Granby.

– Eu sei. Você sabe onde...

– Charlotte! – gritou a mãe de Daniel, levantando as saias bem acima dos tornozelos enquanto subia correndo os degraus. Então se dirigiu a Granby com os olhos arregalados. – Onde está Charlotte?

O mordomo apontou na direção dos fundos da casa.

– Acredito que esteja vendo a correspondência. No...

– Estou bem aqui – disse lady Pleinsworth, saindo apressada de uma sala. – Pelo amor de Deus, o que está acontecendo? Virginia, você está...

– É Frances – interrompeu Daniel em um tom sombrio. – Achamos que ela pode ter sido sequestrada.

– O quê? – Lady Pleinsworth olhou para ele, então para lady Winstead e finalmente para Marcus, que estava parado em silêncio perto da porta. – Não, não pode ser – falou, parecendo mais confusa do que preocupada. – Ela só foi... – Ela se virou para Granby. – Ela não saiu para uma caminhada com a babá Flanders?

– Elas ainda não voltaram, milady.

– Mas com certeza não devem ter ido tão longe a ponto de causar preocupação. A babá Flanders não anda mais muito rápido, então elas vão levar algum tempo para dar a volta no parque.

Daniel trocou um olhar sombrio com Marcus, então disse a Granby:

– Alguém precisa ir procurar a babá.

O mordomo assentiu.

– Agora mesmo.

– Tia Charlotte – começou Daniel, e seguiu contando os eventos da tarde.

Fez apenas um resumo do passado de Anne – haveria tempo para contar a versão completa mais tarde –, mas foi o suficiente para deixá-la pálida.

– Esse homem... – falou ela, a voz trêmula de pavor. – Esse louco... Você acha que ele está com Frances?

– Anne não teria ido com ele se não fosse esse o caso.

– Ah, meu Deus! – Lady Pleinsworth cambaleou e Daniel rapidamente a ajudou a se sentar em uma cadeira. – O que faremos? Como vamos encontrá-las?

– Voltarei à casa de Chervil – respondeu ele. – É o único...

– Frances! – gritou lady Pleinsworth.

Daniel se virou bem a tempo de ver a prima entrar correndo em casa e se jogar no colo da mãe. A menina estava suja, empoeirada, com o vestido rasgado. Mas não parecia ferida, ao menos não com ferimentos infligidos de propósito.

– Ah, minha menina querida – falou lady Pleinsworth entre soluços, abraçando a filha desesperadamente. – O que aconteceu? Ah, meu Deus, você está ferida?

Ela tocou os braços da menina, os ombros e, por fim, encheu o rostinho de Frances de beijos.

– Tia Charlotte? – chamou Daniel, tentando manter a urgência longe da voz. – Desculpe, mas realmente preciso conversar com Frances.

Lady Pleinsworth virou-se para ele com um olhar furioso, protegendo a filha com o corpo.

– Não agora – disse, irritada. – Ela passou por algo terrível. Precisa de um banho, precisa comer, e...

– Ela é minha única esperança...

– Ela é uma criança!

– E Anne pode morrer! – quase rugiu Daniel.

O saguão ficou em silêncio e, por trás da tia, Daniel ouviu a voz de Frances:

– Ele está com a Srta. Wynter.

– Frances – falou Daniel, pegando a mão da prima e puxando-a na direção de um banco. – Por favor, você precisa me contar tudo. O que aconteceu?

A menina respirou fundo algumas vezes e olhou para a mãe, que assentiu brevemente, autorizando-a a falar.

– Eu estava no parque – começou Frances –, e a babá Flanders pegou no sono no banco. Ela faz isso quase todo dia. – A menina olhou para a mãe. – Desculpe, mamãe, eu devia ter lhe contado. Mas ela está ficando muito velha, e se cansa à tarde. Acho que a caminhada até o parque é muito longa para ela.

– Está tudo bem, Frances – disse Daniel, tentando disfarçar a urgência na voz. – Só me conte o que aconteceu depois.

– Eu não estava prestando atenção. Estava brincando de uma das minhas brincadeiras de unicórnio – explicou Frances, e olhou para Daniel como se soubesse que ele entenderia. – Eu havia galopado para bem longe de onde estava a babá. – Ela se virou para a mãe com um olhar ansioso. – Mas ela ainda conseguiria me ver. Se estivesse acordada.

– E então...? – apressou-a Daniel.

A menina o encarou com uma expressão de pura perplexidade.

– Não sei. Quando olhei, ela tinha sumido. Não sei o que aconteceu com a babá. Chamei várias vezes por ela, então fui até o lago onde ela gosta de dar comida para os patos, mas a babá não estava lá. E aí...

Frances começou a tremer incontrolavelmente.

– Já chega – decretou lady Pleinsworth.

Mas Daniel a encarou com uma expressão de súplica. Ele sabia que estava incomodando Frances, mas aquilo precisava ser feito. E sem dúvida a tia sabia que a filha ficaria em um estado muito pior se Anne fosse morta.

– O que aconteceu então? – perguntou em um tom gentil.

Frances engoliu várias vezes em seco e envolveu o próprio corpo com os braços.

– Alguém me agarrou e colocou alguma coisa na minha boca que tinha um gosto horrível... quando vi, estava em uma carruagem.

Daniel trocou um olhar preocupado com a mãe. Perto dela, lady Pleinsworth começou a chorar baixinho.

– Provavelmente foi láudano – disse ele a Frances. – Foi muito, muito errado alguém forçá-la a tomar isso, mas não vai lhe fazer mal.

A menina assentiu.

– Eu me senti esquisita, mas agora já passou.

– Quando viu a Srta. Wynter?

– Fomos à sua casa, Daniel. Eu queria sair, mas o homem... – Ela olhou para o primo como se houvesse acabado de se lembrar de algo muito

importante. – Ele tinha uma cicatriz. Muito grande. Atravessando o rosto.

– Eu sei – disse Daniel baixinho.

Frances voltou a encará-lo com os olhos arregalados e curiosos, mas não perguntou nada.

– Eu não podia sair da carruagem – continuou. – Ele disse que machucaria a Srta. Wynter se eu saísse. E disse para o cocheiro tomar conta de mim, o homem não parecia muito gentil.

Daniel se forçou a engolir a raiva. Tinha que haver um lugar especial no inferno para pessoas que faziam mal a crianças. Mas conseguiu manter a calma ao perguntar:

– Então a Srta. Wynter saiu da casa?

Frances assentiu.

– Ela estava furiosa.

– Imagino que sim.

– Ela gritou com o homem, e ele gritou com ela, e eu não entendi quase nada que eles falaram, a não ser que ela estava com muita, muita raiva por ele ter me colocado na carruagem.

– A Srta. Wynter estava tentando proteger você – disse Daniel.

– Eu sei – retrucou Frances, baixinho. – Mas acho... acho que deve ter sido ela que deixou aquela cicatriz nele. – A menina encarou a mãe com uma expressão suplicante. – Não acho que a Srta. Wynter faria uma coisa dessas, mas ele ficava falando isso sem parar, e estava muito zangado com ela.

– Foi há muito tempo – explicou Daniel. – A Srta. Wynter só estava se defendendo.

– Por quê? – sussurrou Frances.

– Não tem importância – disse ele com firmeza. – O que importa é o que aconteceu hoje, e o que podemos fazer para salvá-la. Você foi muito corajosa. Como escapou?

– A Srta. Wynter me empurrou da carruagem.

– O quê? – disse lady Pleinsworth com um gritinho, mas lady Winstead a segurou quando ela tentou correr na direção da filha.

– Não estava indo muito rápido – garantiu Frances à mãe. – Só doeu um pouco quando caí. A Srta. Wynter me disse que eu deveria me enrolar como uma bola antes de bater no chão.

– Ah, meu Deus... – choramingou lady Pleinsworth. – Ah, meu bebê.

– Estou bem, mamãe – tranquilizou-a Frances, e Daniel ficou impressionado com a força da priminha. A menina fora sequestrada e depois jogada de uma carruagem, e agora era *ela* que consolava a mãe. – Acho que a Srta. Wynter escolheu aquele ponto porque não era muito longe daqui.

– Onde? – perguntou Daniel com urgência. – Onde vocês estavam exatamente?

Frances parou para tentar lembrar.

– Em Park Crescent. Lá no final.

Lady Pleinsworth arquejou por entre as lágrimas.

– E você veio andando por toda essa distância sozinha?

– Não era muito longe, mamãe.

– Mas você precisou atravessar Marylebone inteiro! – Lady Pleinsworth virou-se para lady Winstead. – Ela veio sozinha por Marylebone. É só uma criança!

– Frances – falou Daniel, ainda mais desesperado. – Preciso lhe perguntar. Você tem alguma ideia de para onde sir George estava levando a Srta. Wynter?

A menina balançou a cabeça e seus lábios tremeram.

– Eu não prestei atenção. Estava assustada demais, e eles ficaram gritando um com o outro na maior parte do tempo, então ele bateu na Srta. Wynter...

Daniel teve que se forçar a respirar.

– ... e aí eu fiquei ainda mais transtornada, mas ele disse... – Frances levantou a cabeça de repente, os olhos arregalados de empolgação. – Lembrei de uma coisa! Ele mencionou a charneca.

– Hampstead – falou Daniel.

– Sim, acho que sim. Ele não disse isso especificamente, mas estávamos indo naquela direção, não estávamos?

– Se vocês estavam em Park Crescent, sim.

– Ele também disse alguma coisa sobre um quarto.

– Um quarto? – ecoou Daniel.

Frances assentiu com vigor.

Marcus, que permanecera em silêncio durante todo o interrogatório, pigarreou.

– Ele deve estar levando-a para uma estalagem.

Daniel encarou o amigo, assentiu e se voltou novamente para a priminha.

– Frances, você acha que reconheceria a carruagem?

– Sim! – disse ela, com os olhos ainda arregalados. – Com certeza.

– Ah, não! – exclamou lady Pleinsworth, quase rosnando. – Ela não vai com você atrás daquele louco.

– Não tenho escolha – falou Daniel.

– Mamãe, quero ajudar – suplicou Frances. – Por favor, eu amo a Srta. Wynter.

– Eu também – disse Daniel, baixinho.

– Não! – protestou lady Pleinsworth. – Isso é loucura. O que você acha que vai fazer? Cavalgar com minha filha na sua garupa enquanto perambula por tabernas? Sinto muito, não posso permitir...

– Ele pode levar batedores – interrompeu a mãe de Daniel.

Lady Pleinsworth virou-se para a irmã, chocada.

– Virginia?

– Também sou mãe – disse lady Winstead. – E se alguma coisa acontecer com a Srta. Wynter... – A voz dela agora era apenas um sussurro. – Meu filho vai ficar devastado.

– Quer que eu coloque a minha filha em risco por causa do seu filho?

– Não! – Lady Winstead segurou as duas mãos da irmã com força. – Jamais. Você sabe disso, Charlotte. Mas, se fizermos as coisas do jeito certo, acho que Frances não correrá perigo nenhum.

– Não – disse lady Pleinsworth. – Não, eu não posso concordar. Não arriscarei a vida da minha filha...

– Ela não sairá da carruagem – prometeu Daniel. – E a senhora também pode ir.

Então ele percebeu no rosto da tia que ela estava começando a ceder, e pegou a sua mão.

– Por favor, tia Charlotte.

Ela engoliu em seco para abafar um soluço. E então, finalmente, assentiu.

Daniel quase desmaiou de alívio. Ainda não encontrara Anne, mas Frances era sua única esperança e, se a tia houvesse proibido a filha de acompanhá-lo a Hampstead, tudo estaria perdido.

– Não há tempo a perder – afirmou Daniel. Virou-se para lady Pleinsworth. – Há lugar para quatro na minha carruagem. Em quanto

tempo consegue ter uma carruagem pronta para nos seguir? Vamos precisar de cinco lugares na volta.

– Não – retrucou a tia. – Vamos na nossa carruagem. Ela tem seis lugares, mas o mais importante é que tem lugar para batedores. Não vou permitir que se aproxime daquele louco junto com a minha filha sem guardas armados na carruagem.

– Como desejar – disse Daniel.

Não podia discutir. Se tivesse uma filha, seria tão protetor quanto a tia.

Lady Pleinsworth virou-se para um dos criados que acompanhara toda a cena.

– Mande trazer a carruagem imediatamente.

– Sim, senhora – disse ele, antes de sair apressado.

– Agora haverá espaço para mim – anunciou lady Winstead.

Daniel olhou para a mãe.

– A senhora também virá?

– Minha futura nora está em perigo. Aonde mais eu poderia ir?

– Está bem – concordou Daniel, porque sabia que não adiantaria discutir.

Se era seguro o bastante para Frances, com certeza seria seguro o bastante para a mãe dele. Mas...

– A senhora não vai entrar – disse ele com firmeza.

– Eu nem sonharia em fazer isso. Tenho alguns talentos, mas eles não incluem lutar com loucos armados. Eu só atrapalharia.

No entanto, enquanto saíam apressadamente para esperar a carruagem, uma carruagem descoberta chegou diante da casa em alta velocidade, e só não virou graças à habilidade do condutor. Logo Daniel viu, chocado, que era Hugh Prentice.

– Que diabo está acontecendo? – perguntou Daniel, se adiantando e pegando as rédeas, enquanto Hugh descia de mal jeito.

– Seu mordomo me disse onde você estava – falou Hugh. – Procurei você o dia todo.

– Ele apareceu na Casa Winstead mais cedo – disse a mãe de Daniel. – Antes de a Srta. Wynter sair. Ela disse que não sabia para onde você havia ido.

– O que está acontecendo? – perguntou Daniel a Hugh.

O amigo, cujo rosto costumava ser uma máscara inexpressiva, estava claramente preocupado.

Ele estendeu um pedaço de papel a Daniel.

– Recebi isto.

Daniel leu rápido o recado. A letra era elegante e contida, caracteristicamente masculina. “Temos um inimigo em comum.” Seguiam-se, então, instruções de como deixar uma resposta em uma taberna em Marylebone.

– Chervil – murmurou Daniel.

– Então você conhece quem escreveu isso? – perguntou Hugh.

Daniel assentiu. Era improvável que George Chervil soubesse que ele e Hugh não eram e nunca haviam sido inimigos. Mas circulavam rumores suficientes na cidade para levar uma pessoa a chegar àquela conclusão.

Daniel relatou rapidamente os acontecimentos do dia para Hugh, que olhou para a carruagem dos Pleinsworths, que chegava naquele momento.

– Você tem lugar para mais um – disse Hugh.

– Não há necessidade – falou Daniel.

– Eu vou – declarou Hugh. – Posso não ser capaz de correr, mas sou ótimo atirador.

Ao ouvir isso, tanto Daniel quanto Marcus viraram a cabeça na direção dele, estupefatos.

– Quando estou sóbrio – esclareceu Hugh, que teve a graça de enrubescer.

Só um pouco. Daniel duvidou que as faces dele ficassem mais vermelhas do que aquilo.

– E, agora, estou sóbrio – acrescentou Hugh, obviamente achando que precisava deixar aquilo claro.

– Entre – disse Daniel, indicando a carruagem com a cabeça.

Estava surpreso por Hugh não ter percebido que...

– Colocaremos lady Frances no colo da mãe quando estivermos voltando para casa com a Srta. Wynter – falou Hugh.

Sim, realmente Hugh percebia tudo.

– Vamos – disse Marcus.

As damas já tinham sido acomodadas, e Marcus estava com um pé no degrau.

Era um estranho grupo de resgate, claro, mas quando a carruagem ganhou velocidade, com quatro criados armados servindo como batedores, Daniel não pôde deixar de pensar na família incrível que tinha. A única

coisa que a tornaria ainda melhor seria Anne ao seu lado, com o sobrenome dele.

Só podia rezar para que chegassem a Hampstead a tempo.

CAPÍTULO 21

Anne já tivera momentos de terror na vida. Quando apunhalara George e se dera conta do que fizera. Quando o cabriolé de Daniel perdera o rumo e ela fora arremessada para fora do veículo. Mas nada – *nada* – jamais se comparara, ou se compararia, ao momento em que percebera que os cavalos que puxavam a carruagem de George Chervil haviam diminuído a velocidade, inclinara-se para Frances e dissera "Corra para casa". Então, antes que tivesse a chance de questionar a própria ideia, abrira a porta do veículo e empurrara a menina para fora, gritando para que ela enrolasse o corpo como uma bola quando atingisse o chão.

Ela só tivera um segundo para se certificar de que Frances conseguira ficar de pé, ainda que cambaleante, antes que George a puxasse de volta para dentro da carruagem e a esbofeteasse.

– Não pense que pode me enfrentar – sibilou ele.

– Sua guerra é comigo – disparou ela –, não com aquela criança.

Ele deu de ombros.

– Eu não faria mal a ela.

Mas Anne não acreditava nele. Naquele momento, George estava tão obcecado com a ideia de arruiná-la que não conseguia enxergar direito o futuro. Mas no fim, quando a raiva se dissipasse, ele perceberia que Frances poderia reconhecê-lo. E embora pudesse achar que conseguiria se livrar das consequências da lei se machucasse Anne – ou mesmo se a matasse –, até George sabia que o sequestro da filha de um conde não seria tratado com tanta condescendência.

– Para onde está me levando? – perguntou ela.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Isso tem importância?

Anne cravou os dedos no assento da carruagem.

– Você não vai conseguir escapar, sabe disso – disse ela. – Lorde Winstead vai conseguir a sua cabeça.

– Seu novo protetor? – zombou George. – Ele não vai ser capaz de provar nada.

– Bem, há...

Anne se deteve antes de lembrar a ele que Frances poderia facilmente reconhecê-lo. A cicatriz garantiria isso.

Mas a frase incompleta logo despertou a desconfiança de George.

– Há o quê?

– Eu.

Ele torceu os lábios em um arremedo cruel de sorriso.

– Será?

Ela arregalou os olhos, apavorada.

– Bem, ainda há – murmurou ele. – Mas logo não haverá mais.

Então ele planejava matá-la. Anne imaginou que não deveria ficar surpresa.

– Mas não se preocupe – acrescentou George de forma quase casual. – Não será rápido.

– Você é louco – sussurrou ela.

Ele a agarrou, os dedos cravando-se no corpete do vestido e puxando-a para a frente até estarem com os rostos a poucos milímetros de distância.

– Se sou, é por sua causa – sibilou ele.

– Foi você quem provocou o que aconteceu – retrucou Anne.

– Ah, é mesmo? – falou George, furioso, jogando-a contra o outro extremo da carruagem. – Eu fiz *isso*? – Ele indicou o rosto com sarcasmo. – Peguei um abridor de cartas e me cortei, transformando a mim mesmo em um monstro...

– Sim! – interrompeu Anne. – Foi você! Já era um monstro antes mesmo de eu tocar em você. Eu só estava tentando me defender.

George bufou com desdém.

– Você já havia aberto as pernas para mim. Não podia se negar depois de já ter feito uma vez.

Ela arquejou.

– Realmente acredita nisso?

– Você gostou da primeira vez.

– Achei que você me amasse!

Ele deu de ombros.

– A estupidez foi sua, não minha. – Mas então ele se virou de repente e a encarou com uma expressão quase alegre. – Ah, meu Deus – falou, sorrindo com o prazer de quem gosta de ver o sofrimento dos outros. – Você fez de novo, não foi? Foi para a cama com Winstead. Tsc, tsc, tsc. Ah, Annie, não aprendeu nada?

– Ele me pediu em casamento – disse ela, estreitando os olhos.

George deu uma gargalhada debochada.

– E você acreditou nele?

– Eu aceitei.

– Tenho certeza de que acreditou nisso.

Anne tentou respirar fundo, mas seus dentes estavam batendo com tanta força que ela tremeu quando tentou inspirar. Estava tão... maldição... tão *furiosa*... O medo, a apreensão, a vergonha, tudo já se fora. A única coisa que sentia agora era uma fúria que fazia seu sangue ferver. Aquele homem roubara oito anos de sua vida. Ele a deixara com medo, fizera dela uma solitária. Tirara a inocência do seu corpo e esmagara a inocência do seu espírito. Mas dessa vez não iria vencer.

Ela finalmente estava feliz. Não apenas segura, não apenas satisfeita, mas feliz. Amava Daniel e, por algum milagre, ele retribuía esse sentimento. O futuro dela se descortinava à sua frente em adoráveis tons de pôr do sol alaranjado e cor-de-rosa, e Anne enfim conseguia se reconhecer – com Daniel, com risadas, com filhos. Não iria desistir daquilo. Fossem quais fossem os seus pecados, já pagara por eles.

– George Chervil – disse, a voz estranhamente calma –, você é uma desgraça para a humanidade.

Ele a encarou com certa curiosidade, então deu de ombros e se virou para a janela.

– Para onde estamos indo? – perguntou Anne mais uma vez.

– Já estamos chegando.

Ela olhou pela janela. Estavam indo em uma velocidade muito maior agora do que quando ela empurrara Frances para fora da carruagem. Anne não reconheceu o entorno, mas achou que estavam indo para o norte. Ou ao menos mais para o norte. Já haviam deixado o Regent's Park para trás havia um bom tempo e, embora ela nunca levasse as meninas lá, sabia que o parque ficava ao norte de Marylebone.

A carruagem manteve o passo acelerado, diminuindo a velocidade apenas nos entroncamentos, o suficiente para que Anne lesse algumas

placas de lojas. *Kentish Town*, dizia uma delas. Anne já ouvira falar dali. Era um vilarejo nos arredores de Londres. George dissera que eles já estavam chegando, e talvez fosse verdade. Mas ainda assim Anne não acreditava que alguém conseguiria encontrá-la antes que George tentasse consumar seu plano. Achava que ele não havia dito nada na frente de Frances que pudesse indicar para onde estavam indo e, de qualquer modo, a pobre menina estaria exausta quando chegasse em casa.

Se Anne quisesse ser salva, ela mesma teria que cuidar disso.

– Está na hora de ser sua própria heroína – sussurrou.

– O que disse? – perguntou George, em uma voz entediada.

– Nada.

Mas a mente dela girava. Como faria aquilo? Adiantaria alguma coisa planejar ou teria que esperar para ver como as coisas se desdobrariam? Era difícil saber como poderia escapar sem primeiro ter uma noção exata da situação.

George se virou para ela com uma desconfiança crescente.

– Você parece muito decidida – comentou.

Ela o ignorou. Qual era a fraqueza de George? Ele era vaidoso... Como Anne poderia se aproveitar disso?

– Em que está pensando? – quis saber ele.

Ela sorriu enigmaticamente. Ele não gostava de ser ignorado. Isso também poderia ser útil.

– Por que está sorrindo? – gritou George.

Ela se virou, a expressão cuidadosamente pensada para parecer que apenas não o ouvira.

– Desculpe, você disse alguma coisa?

Ele estreitou os olhos.

– O que está tramando?

– O que *eu* estou tramando? Estou dentro de uma carruagem, sendo sequestrada. O que *você* está tramando?

Um músculo começou a pulsar no lado intocado do rosto dele.

– Não fale comigo nesse tom.

Ela deu de ombros, revirando os olhos. George odiaria aquilo.

– Você está tramando alguma coisa – acusou ele.

Anne deu de ombros de novo, decidindo que, quando se tratava de George, a maioria das coisas que dava certo uma vez funcionava ainda melhor na segunda.

Ela tinha razão. O rosto dele ficou contorcido de raiva, e a cicatriz muito branca fez um contraste profundo com o tom da pele. Era pavoroso de ver, mas ainda assim Anne não conseguiu desviar o olhar.

George viu que Anne o encarava e ficou ainda mais agitado.

– O que está planejando? – insistiu, a mão tremendo de fúria quando apontou para ela com o indicador.

– Nada – respondeu Anne, com honestidade.

Nada específico, ao menos. Naquele momento, a única coisa que ela estava fazendo era levá-lo ao limite. E era óbvio que estava funcionando perfeitamente.

Ela percebeu que George não estava acostumado a que as mulheres o tratassem com desdém. Quando Anne o conhecera, as moças o bajulavam e se derretiam a cada palavra que ele dizia. Ela não sabia que tipo de atenção ele atraía no momento, mas a verdade era que, quando não estava com o rosto quase roxo de raiva, não era um homem feio, mesmo com a cicatriz. Algumas mulheres deviam sentir pena dele, mas outras provavelmente o achavam elegante e misterioso com o que parecia ser um corajoso ferimento de guerra.

Mas desdém? Ele não gostaria disso, ainda mais vindo dela.

– Você está sorrindo de novo.

– Não estou – mentiu ela, a voz quase irônica.

– Não tente me enfrentar – rugiu ele, apontando novamente o dedo para ela. – Não vai conseguir vencer.

Anne deu de ombros.

– O que você está aprontando? – berrou ele.

– Nada – disse ela, porque, àquela altura, já percebera que nada o enfureceria mais do que a calma dela.

Ele queria vê-la acovardada de terror. Queria vê-la tremendo e ouvi-la implorando.

Então, em vez de fazer essas coisas, Anne se virou para o outro lado e manteve os olhos fixos na janela.

– Olhe para mim – ordenou George.

Ela esperou um momento, então disse:

– Não.

A voz dele agora era um grunhido:

– Olhe para mim.

– Não.

– Olhe para mim! – gritou ele.

Dessa vez ela obedeceu. A voz dele alcançara um tom de instabilidade, e Anne percebeu que já estava com os ombros tensos, esperando um golpe. Então o encarou sem dizer nada.

– Você não pode me vencer – disse George entre os dentes.

– Mas vou tentar – retrucou ela, em um tom calmo.

Porque não desistiria sem lutar. E, se George conseguisse destruí-la, ela jurava por Deus que o levaria junto.

A carruagem dos Pleinsworths seguia a uma velocidade alta e incomum pela Hampstead Road. Se eles pareciam deslocados – uma carruagem grande e opulenta em disparada pela rua, com batedores armados nas laterais –, Daniel não se importou. Talvez estivessem atraindo a atenção, mas sem dúvida não a de Chervil. Ele estava pelo menos uma hora na frente, portanto, se seu plano fosse mesmo ir a uma estalagem em Hampstead, àquela altura ele já estaria lá dentro e, consequentemente, incapaz de ver a rua.

A menos que o quarto desse para a rua...

Daniel deixou escapar a respiração trêmula. Lidaria com esse problema quando, e se, ele surgisse. Alcançaria Anne de uma forma ou de outra, tanto correndo como indo mais devagar, mas levando em consideração o que ela lhe contara sobre Chervil, preferia optar pela rapidez.

– Vamos encontrá-la – garantiu Marcus em uma voz tranquila.

Daniel olhou para o amigo. Marcus não irradiava poder e confiança, mas a verdade era que nunca irradiara. Sim, ele era um homem confiável – e confiante –, mas de um modo tranquilo. E naquele exato momento, seus olhos mostravam uma determinação que Daniel achou reconfortante. Daniel assentiu e virou-se de volta para a janela. Ao lado dele, a tia não parava de tagarelar nervosamente enquanto apertava a mão de Frances. A menina, por sua vez, não parava de dizer: “Não estou vendo. Ainda não estou vendo a carruagem dele”, mesmo Daniel tendo dito mais de uma vez que eles ainda não haviam chegado a Hampstead.

– Você tem certeza de que vai conseguir reconhecer a carruagem? – perguntou lady Pleinsworth à filha, franzindo a testa em sinal de dúvida. –

Para mim, todas se parecem. A menos que haja uma insígnia...

– Tem uma barra engraçada nela – disse Frances. – Vou reconhecer.

– O que quer dizer com uma barra engraçada? – indagou Daniel.

– Não sei – respondeu a menina, dando de ombros. – Acho que não serve para nada. É só para decoração. Mas é dourada e em espiral.

Ela fez um movimento com a mão e isso trouxe à mente de Daniel a lembrança dos cabelos de Anne na noite anterior, quando ela enrolara os cachos em um cordão grosso.

– Na verdade – continuou a menina –, me lembra o chifre de um unicórnio.

Daniel se pegou rindo para si mesmo, e se virou para a tia.

– Ela vai reconhecer a carruagem.

Eles passaram em disparada por várias aldeias nos arredores de Londres, até finalmente chegarem ao estranho vilarejo de Hampstead. A distância, Daniel podia ver o verde da famosa charneca. Era uma enorme extensão de terra, muito maior que qualquer parque de Londres.

– Como você quer fazer? – perguntou Hugh. – Talvez seja melhor seguirmos a pé.

– Não! – Lady Pleinsworth virou-se para ele com visível hostilidade. – Frances não vai sair da carruagem.

– Vamos subir a rua – disse Daniel. – Todos devem procurar estalagens e tabernas, qualquer lugar onde Chervil possa ter alugado um quarto. Frances, você procura a carruagem. Se não encontrarmos nada, vamos começar a entrar nos becos menores.

Hampstead parecia ter um impressionante número de estalagens. Eles passaram pela Rei Guilherme IV à esquerda, pela Casa de Palha à direita, e então pela Azevinho à esquerda de novo, mas mesmo depois de Marcus ter descido da carruagem e olhado nos fundos dos estabelecimentos em busca de qualquer coisa semelhante à carruagem de "unicórnio" que Frances descrevera, não encontraram nada. Só para se certificarem, Marcus e Daniel entraram em cada estalagem e perguntaram se haviam visto alguém com as descrições de Anne e George, mas ninguém sabia de nada.

E, dada a descrição que Frances fizera da cicatriz do homem, Daniel achava que ele teria sido notado. E lembrado.

Daniel voltou à carruagem, parada no alto da rua, atraindo certa atenção das pessoas do vilarejo. Marcus já voltara, e ele e Hugh conversavam em tom animado, mas em voz baixa.

– Nada? – perguntou Marcus, olhando para ele.

– Nada – respondeu Daniel.

– Há outra estalagem – informou Hugh. – Fica dentro da charneca, na Spaniards Road. Já estive lá antes. – Ele fez uma pausa. – É mais afastada.

– Vamos – disse Daniel, em um tom sombrio.

Talvez tivessem deixado escapar alguma estalagem perto do fim da rua, mas poderiam voltar depois. E Frances dissera que Chervil mencionara especificamente "a charneca."

A carruagem acelerou e chegou cinco minutos depois à Spaniards Inn, que ficava praticamente dentro da charneca, os tijolos pintados de branco e as janelas pretas se destacando com elegância em meio à natureza.

Frances esticou o braço, apontando, e começou a gritar.

Anne logo descobriu por que George escolhera aquela estalagem em particular. Ficava em uma estrada que seguia direto até a charneca de Hampstead. E, apesar de não ser a única construção na estrada, era consideravelmente mais isolada do que os estabelecimentos no centro de Hampstead. Isso significava que, se ele tivesse um cronograma bem planejado (e ele tinha), poderia arrastá-la para fora da carruagem, entrar por uma porta lateral e subir para o quarto sem ninguém perceber. George teve ajuda, é claro: seu cocheiro ficou vigiando Anne enquanto o patrão ia pegar a chave.

– Não confio que você vá ficar de boca fechada – grunhiu George, enquanto enfiava um pedaço de pano dentro da boca de Anne.

Sem dúvida ele não poderia ter pedido a chave ao estalajadeiro se estivesse acompanhado por uma mulher com um trapo fedorento enfiado na boca, pensou Anne. Sem falar em suas mãos amarradas atrás das costas.

George parecia ansioso para que Anne soubesse de todos os seus planos, por isso engrenou um monólogo prepotente enquanto arrumava o quarto ao seu gosto.

– Aluguei o quarto por uma semana – começou, colocando uma cadeira na frente da porta. – Não era para tê-la encontrado na rua ontem à noite, enquanto estava sem a minha carruagem.

Anne, largada no chão, encarou-o com um fascínio horrorizado. Ele a culparia por aquilo?

– Mais uma coisa que você conseguiu arruinar para mim – resmungou ele.

Ao que parecia, iria.

– Mas não importa – continuou George. – No fim, tudo deu certo. Eu a encontrei na casa do seu amante, exatamente como imaginei que aconteceria.

Anne o viu correr os olhos pelo quarto, procurando algo com que pudesse bloquear a porta. Não havia muito, a não ser que ele movesse a cama inteira.

– Quantos você já teve desde que a conheci? – perguntou George, virando-se lentamente ao redor.

Anne balançou a cabeça. Do que ele estava falando?

– Ah, você vai me dizer – disparou, adiantou-se a passos largos e arrancou em seguida o trapo da boca de Anne. – Quantos amantes?

Por um segundo, ela considerou a possibilidade de gritar. Mas George tinha uma faca na mão. Além disso, trancara a porta e colocara uma cadeira na frente. Se houvesse alguém por perto, e se essa pessoa se desse ao trabalho de tentar salvá-la, George ainda conseguiria cortá-la toda antes que a ajuda chegasse.

– Quantos? – insistiu ele.

– Nenhum – respondeu Anne automaticamente.

Parecia incrível que ela pudesse esquecer a noite com Daniel quando confrontada com uma pergunta daquelas, mas o que primeiro lhe veio à cabeça foram todos aqueles anos de solidão, sem ter sequer um amigo, quanto mais um amante.

– Ah, acho que lorde Winstead não concordaria com isso – zombou George. – A menos que... – Ele deu um sorriso desagradável e satisfeito. – Está me dizendo que ele não conseguiu chegar até o fim?

Era muito tentador contar a George como Daniel o superara de todas as maneiras possíveis, mas Anne preferiu dizer apenas:

– Ele é meu noivo.

George riu ao ouvir isso.

– Sim, isso é o que você acredita. Santo Deus, o homem tem a minha admiração. Que belo truque. E ninguém aceitaria a sua palavra no lugar da dele depois do ato consumado. – Ele fez uma pausa e pareceu quase melancólico. – Deve ser conveniente ser um conde. Eu não conseguiria sair impune disso. – George se animou. – Mas, no fim das contas, nem

precisei pedi-la em casamento. Só precisei dizer que a amava e você não apenas acreditou em mim, como achou que eu estava disposto a me casar com você.

Ele a olhou de cima a baixo.

– Tsc, tsc, tsc. Que moça tola.

– Não discordo de você nesse ponto.

Ele inclinou a cabeça para o lado e a encarou com aprovação.

– Ora, ora, com a idade veio a sabedoria.

Àquela altura, Anne já percebera que deveria mantê-lo falando. Isso retardaria o ataque e lhe daria tempo para se planejar. Isso sem contar que quando George estava falando, normalmente estava se gabando, e quando estava se gabando, acabava se distraindo.

– Tive tempo para aprender com os meus erros – disse Anne, olhando de relance para a janela quando ele foi até o guarda-roupa para pegar alguma coisa.

Em que andar ficava o quarto? Se ela pulasse, conseguiria sobreviver?

Ele se virou depois de aparentemente não ter encontrado o que estava procurando e cruzou os braços.

– Bem, é bom ouvir isso.

Anne piscou, surpresa. Ele a observava com uma expressão quase paternal.

– Você tem filhos? – perguntou ela em um rompante.

A expressão dele ficou gélida.

– Não.

Naquele momento, Anne soube. George nunca consumara seu casamento. Seria impotente? E, se fosse, será que a culpava por isso?

Ela balançou ligeiramente a cabeça. Que pergunta tola. É claro que a culpava. Então Anne enfim compreendeu a extensão da fúria dele. Não fora apenas o rosto – aos olhos de George, ela o emasculara.

– Por que está balançando a cabeça? – perguntou ele.

– Não estou – retrucou ela, então percebeu que estava balançando a cabeça de novo. – Não de propósito, pelo menos. É só um movimento que eu faço enquanto penso.

Ele estreitou os olhos.

– Em que está pensando?

– Em você – respondeu ela, com sinceridade.

– É mesmo? – George pareceu satisfeito por um momento, mas logo ficou desconfiado. – Por quê?

– Ora, você é a única pessoa neste quarto. Faz sentido que eu esteja pensando em você.

George deu um passo na direção dela.

– O que está pensando?

Por Deus, como ela podia não ter percebido como ele era egocêntrico? Era verdade que tinha apenas 16 anos na época, mas deveria ter tido um pouco mais de bom senso.

– O que está pensando? – insistiu George, quando ela ficou em silêncio.

Anne avaliou suas opções. É claro que não podia dizer que estivera cogitando a impotência dele, por isso preferiu responder:

– A cicatriz não é tão horrível quanto eu imagino que você acredite.

Ele bufou e deu as costas ao que quer que estivesse fazendo.

– Só está dizendo isso para cair nas minhas graças.

– Eu *diria* isso para cair nas suas graças – admitiu Anne, esticando o pescoço para ver melhor o que ele estava fazendo. George parecia estar arrumando tudo de novo, o que parecia totalmente inútil, já que não havia muito a ser arrumado no quarto alugado. – Mas, por acaso, acho que é verdade. Você não é mais tão bonito como quando jovem, mas um homem não quer ser bonito, quer?

– Talvez não, mas não conheço uma alma que queira *isto* – retrucou George, indicando o rosto com um gesto abrangente e sarcástico, abarcando da orelha ao queixo.

– Eu sinto muito por tê-lo ferido, sabe? – disse Anne, e, para sua grande surpresa, percebeu que estava sendo sincera. – Não lamento por ter me defendido, mas lamento por você ter se ferido no processo. Se houvesse me deixado ir embora quando lhe pedi, nada disso teria acontecido.

– Ah, então agora a culpa é minha?

Anne se calou. Não deveria ter dito a última parte, e não aumentaria o erro respondendo o que *queria* dizer, que era “Bem, sim”.

Ele ficou esperando e, quando ela continuou em silêncio, murmurou:

– Teremos que mover isto aqui.

Ah, Deus, ele *realmente* queria mover a cama.

Mas era um móvel enorme, pesado, e George não conseguiria movê-lo sozinho. Depois de dois minutos empurrando, grunhindo e praguejando bastante, ele se virou para Anne e disparou:

– Venha ajudar, pelo amor de Deus!

Ela entreabriu os lábios, sem acreditar.

– Minhas mãos estão amarradas.

George praguejou de novo, foi até ela e puxou-a com força para colocá-la de pé.

– Não precisa usar as mãos. Basta encostar o corpo contra a cama e empurrar.

Anne não conseguiu fazer nada além de encará-lo.

– Assim – acrescentou George, apoiando o quadril contra a lateral do móvel.

Ele plantou os pés em um tapete esfarrapado e usou o peso do corpo para empurrar. A cama enorme se moveu cerca de 2 centímetros.

– Acha mesmo que eu vou fazer isso?

– Eu *acho* que ainda estou com a faca.

Anne revirou os olhos e foi até a cama.

– Sinceramente, não acho que isso vá funcionar – disse ela por sobre o ombro. – Primeiro porque minhas mãos estão atrapalhando.

George olhou para as mãos dela amarradas atrás das costas.

– Ah, maldição – resmungou. – Venha aqui. Não faça nenhuma gracinha.

Anne sentiu-o cortar as cordas e esbarrar com a faca no polegar dela enquanto fazia isso.

– Ai! – gritou, levando a mão à boca.

– Ah, dói, não é? – murmurou George, com uma expressão sanguinária.

– Já passou – disse Anne rapidamente. – Vamos empurrar a cama?

Ele riu para si mesmo e se posicionou. Então, enquanto Anne se preparava para fingir que estava tentando mover a cama contra a porta, George de repente endireitou o corpo.

– O que devo fazer primeiro? Cortá-la? – perguntou a si mesmo em voz alta. – Ou me divertir um pouco?

Anne olhou para a frente dos calções dele. Não conseguiu evitar. George *seria* impotente? Ela não viu qualquer sinal de ereção.

– Ah, então é isso que você quer fazer – disse ele, saboreando o momento. Então agarrou a mão de Anne e puxou-a para si, forçando-a a senti-lo através do tecido. – Certas coisas nunca mudam.

Anne tentou controlar a ânsia de vômito quando ele esfregou a mão esquerda dela grosseiramente pelo meio das pernas. Ainda que ele estivesse vestido, ela ficou nauseada, mas era melhor do que ter o rosto cortado.

George começou a gemer de prazer e, para horror de Anne, ela sentiu algo começar a... acontecer.

– Ah, Deus – sussurrou ele. – Ah, como é bom. Faz tanto tempo. Tanto, tanto tempo.

Anne prendeu a respiração enquanto o observava. George estava de olhos fechados e parecia quase em transe. Ela olhou para a mão com a faca. Era imaginação dela ou ele não estava segurando com tanta força? Se ela agarrasse a faca... Será que conseguiria fazer isso?

Anne cerrou os dentes e mexeu um pouco os dedos nos calções dele. Então, bem no momento em que George deixou escapar um longo e profundo gemido de prazer, ela atacou.

CAPÍTULO 22

— É aquela! – gritou Frances. Ela agitava o bracinho magro para a frente como uma louca. – É aquela a carruagem. Tenho certeza.

Daniel se virou para acompanhar a direção em que a menina apontava. De fato, uma carruagem pequena mas vistosa estava estacionada perto da estalagem. Era preta, como a maioria das carruagens, com uma barra decorativa dourada ao redor do topo. Daniel nunca vira nada como aquilo antes, mas entendia por que Frances associava a barra ao chifre de um unicórnio. Se fosse cortada no comprimento correto e afiada na ponta, daria um fantástico adereço para a fantasia dela.

– Vamos permanecer na carruagem – reafirmou lady Winstead, bem no momento em que Daniel se virava para as damas para dar instruções.

Ele assentiu e os três homens desceram.

– Protejam esta carruagem com as suas vidas – disse aos batedores, e se dirigiu à estalagem.

Marcus estava bem atrás dele, e Hugh os alcançou quando Daniel terminava de interrogar o estalajadeiro. Sim, ele vira um homem com uma cicatriz. Ele tinha alugado um quarto por uma semana, mas não o usava toda noite. Tinha passado na recepção para pegar a chave apenas quinze minutos antes, mas não havia nenhuma mulher com ele.

Daniel colocou uma coroa em cima do balcão.

– Qual é o quarto dele?

O estalajadeiro arregalou os olhos.

– Número quatro, senhor. – Ele recolheu a moeda e pigarreou. – Talvez eu tenha uma chave extra.

– Talvez?

– Talvez.

Daniel colocou outra moeda em cima do balcão.

O estalajadeiro colocou a chave.

– Espere – disse Hugh. – Há outra entrada para o quarto que não seja a porta?

– Não. Só a janela.

– A que altura fica do chão?

O estalajadeiro ergueu a sobrancelha.

– Alto demais para que se esgueire para dentro do quarto, a menos que suba pelo carvalho.

Hugh imediatamente se virou para Daniel e Marcus.

– Farei isso – disse Marcus, e seguiu para a porta.

– Provavelmente não será necessário – falou Hugh, enquanto subia as escadas atrás de Daniel –, mas prefiro ser meticuloso.

Daniel não iria contestar o "meticuloso". Ainda mais com Hugh, que prestava atenção em tudo. E não esquecia nada.

Assim que eles viram a porta do quarto quatro, no fim do corredor, Daniel apressou o passo, mas Hugh pousou a mão sobre o ombro do amigo para contê-lo.

– Primeiro escute – aconselhou.

– Você nunca se apaixonou na vida, não é mesmo? – retrucou Daniel.

E, antes que Hugh pudesse responder, enfiou a chave na fechadura e abriu a porta com um chute, fazendo uma cadeira tombar dentro do quarto.

– Anne! – gritou, antes mesmo de vê-la.

Mas, se ela também gritou o nome dele, o som foi abafado pelo som de surpresa que deixou escapar quando a cadeira bateu certeira em seus joelhos e a derrubou.

Assim que caiu, Anne começou a tatear o chão em volta procurando algo que estava segurando e voara de sua mão.

Uma faca.

Daniel voou para pegá-la. Anne também. George Chervil, que até Daniel irromper no quarto estivera lutando com Anne pela posse da faca, se jogou com tudo para tentar recuperá-la.

Enquanto todos se jogavam para cima da faca, Hugh ficou parado na porta, sem ser notado por ninguém, com uma pistola apontada para George, parecendo quase entediado.

– Eu não faria isso se fosse você – disse Hugh, mas George agarrou a faca mesmo assim e pulou para cima de Anne, que perdera a corrida pela arma por meros centímetros e ainda estava tateando o chão.

– Atire e ela morre – ameaçou George, segurando a lâmina perigosamente perto da garganta de Anne.

Daniel, que instintivamente correra na direção de George, parou no mesmo instante. Então, abaixou o revólver e colocou-o no chão atrás de si.

– Afaste-se! – ordenou George, segurando a faca como se fosse um martelo. – Faça o que estou mandando!

Daniel assentiu e levantou as mãos enquanto recuava um passo. Anne estava deitada de bruços no chão, com George montado nas suas costas, uma das mãos no cabo da faca, a outra segurando-a pelos cabelos.

– Não a machuque, Chervil – avisou Daniel. – Você não quer fazer isso.

– Ah, aí é que você se engana. Quero muito fazer isso.

Ele pressionou a lâmina levemente contra o rosto de Anne.

Daniel sentiu o estômago revirar.

Mas George não a cortara. Parecia estar apreciando seu momento de poder, e agarrou os cabelos de Anne com mais força, puxando a cabeça dela para trás e colocando-a em uma posição que parecia terrivelmente desconfortável.

– Você vai morrer – prometeu Daniel.

George deu de ombros.

– Ela também.

– E quanto à sua esposa?

George o encarou.

– Tive uma conversa com ela hoje de manhã – disse Daniel, mantendo o olhar fixo no rosto de George.

Queria desesperadamente olhar para Anne, para lhe dizer que a amava sem precisar de qualquer palavra. Ela saberia – ele só precisava fitá-la.

Mas Daniel não ousou. Enquanto estivesse olhando para George Chervil, o homem estaria olhando para ele. E não para Anne. Ou para a faca.

– O que você disse à minha esposa? – sibilou George, mas um lampejo de inquietude passou por seu rosto.

– Ela parece ser uma mulher adorável – comentou Daniel. – Me pergunto o que acontecerá com ela se você morrer aqui, em uma estalagem, nas mãos de dois condes e do filho de um marquês.

George virou rapidamente na direção de Hugh, e só então ele se deu conta de quem era o homem na porta.

– Mas você o odeia – disse ele a Hugh. – Ele atirou em você.

Hugh apenas deu de ombros.

George empalideceu e começou a dizer alguma coisa, mas logo se interrompeu e perguntou:

– Dois condes?

– Há outro – disse Daniel. – Por via das dúvidas.

George começou a respirar com dificuldade, olhando de Daniel para Hugh e ocasionalmente para Anne. Daniel percebeu que ele estava começando a transpirar. Estava chegando ao limite, e o limite era sempre uma zona perigosa.

Para todos.

– Lady Chervil estará arruinada – falou Daniel. – Banida da sociedade. Nem mesmo o pai dela conseguirá salvá-la.

George começou a tremer. Daniel enfim se permitiu olhar de relance para Anne. Ela estava com a respiração ofegante, obviamente assustada, mas ainda assim, quando os olhares dos dois se encontraram...

Eu amo você.

Foi como se ela tivesse dito as palavras em voz alta.

– O mundo não é gentil com mulheres banidas do lar – disse Daniel, baixinho. – Basta perguntar a Anne.

Daniel viu nos olhos de George que ele estava começando a vacilar.

– Se você a soltar, sairá daqui vivo – prometeu.

Ele sairia dali, mas não poderia viver em canto nenhum das Ilhas Britânicas. Daniel garantiria isso.

– E minha esposa?

– Vou deixar todas as explicações a ela por sua conta.

George remexeu o pescoço, como se o colarinho de repente houvesse ficado muito apertado. Piscou furiosamente e, por um momento, apertou os olhos com força. Então...

– Ele atirou em mim! Ai, meu Deus, ele atirou em mim!

Daniel virou a cabeça rapidamente quando percebeu que Hugh disparara a arma.

– Está louco? – perguntou a ele, furioso, enquanto corria para tirar Anne de perto de George, que agora rolava no chão, uivando de dor e agarrando a mão que sangrava.

Hugh mancou para dentro do quarto e olhou para George.

– Foi só um tiro de raspão – comentou, impassível.

– Anne, Anne – disse Daniel com a voz rouca.

Durante todo o tempo que ela estivera nas garras de George Chervil, Daniel mantivera seu pânico sob controle. Ele se conservara firme, apesar dos músculos tensos, mas naquele momento, com ela a salvo...

– Achei que poderia perdê-la – arquejou, abraçando-a com força. Enterrou o rosto no pescoço dela e logo percebeu que estava ensopando seu vestido de lágrimas. – Eu não sei... Acho que não sabia...

– A propósito, eu não teria atirado nela – esclareceu Hugh, caminhando até a janela.

George gritou quando ele "acidentalmente" pisou em sua mão.

– Você é louco – disse Daniel, indignado mesmo em meio às lágrimas.

– Ou nunca me apaixonei antes – retrucou Hugh em um tom inexpressivo. – Ele olhou para Anne. – O que garantiu que eu pensasse com mais clareza. – Hugh indicou o revólver. – E me possibilitou uma melhor pontaria, também.

– Do que ele está falando? – sussurrou Anne.

– Eu raramente entendo – admitiu Daniel.

– Vou abrir a janela para Chatteris entrar – falou Hugh, e se afastou assoviando.

– Ele é louco – comentou Daniel, afastando-se de Anne apenas o necessário para segurar o rosto dela entre as mãos. Ela estava tão linda, e preciosa, e *viva*. – Completamente louco.

Os lábios dela tremeram e se abriram em um sorriso.

– Mas eficiente.

Daniel sentiu algo começar a se agitar em sua barriga. Riso. Santo Deus, talvez todos eles fossem loucos.

– Precisa de ajuda? – perguntou Hugh, e Daniel e Anne se viraram para a janela.

– Lorde Chatteris está em uma árvore? – perguntou Anne.

– O que em nome de Deus está acontecendo? – quis saber Marcus, antes mesmo de entrar cambaleando no quarto. – Ouvi um tiro.

– Hugh atirou nele – explicou Daniel, indicando Chervil com a cabeça. O homem estava tentando rastejar pelo chão. Marcus se adiantou imediatamente e bloqueou seu caminho. – Enquanto ele estava segurando Anne.

– Ainda não o ouvi agradecer – lembrou Hugh, espiando pela janela por alguma razão que Daniel não conseguiu atinar.

– Obrigada – disse Anne.

Hugh se virou e ela lhe dirigiu um sorriso tão brilhante que ele chegou a se sobressaltar.

– Bem, agora sim – comentou Hugh, constrangido, e Daniel teve que sorrir.

O ar *realmente* se alterava quando Anne estava em um cômodo.

– O que vamos fazer com ele? – perguntou Marcus, sempre vendo as questões práticas em primeiro lugar.

Ele se abaixou, pegou alguma coisa no chão, examinou-a por um momento e se agachou perto de George.

– Ai! – urrou George.

– Primeiro, amarrar as mãos dele – disse Marcus. Em seguida olhou para Anne. – Presumo que tenha sido isso que ele usou para amarrar as suas mãos.

Ela assentiu.

– Isso dói! – resmungou George.

– Você não deveria ter feito com que atirassem em você – comentou Marcus, sem nenhuma compaixão, e virou-se para Daniel. – Temos que resolver o que vamos fazer em seguida.

– Você prometeu que não me mataria – choramingou George.

– Eu prometi que não o mataria se você a soltasse – lembrou Daniel.

– E eu fiz isso.

– Depois que atirei em você – argumentou Hugh.

– Não vale a pena matá-lo – disse Marcus, apertando a corda com força. – Haverá perguntas.

Daniel assentiu, grato pelo bom senso do amigo. Ainda assim, não estava preparado para livrar George do pavor que ele experimentava no momento. Deu um beijo rápido no topo da cabeça de Anne e se levantou.

– Posso? – perguntou a Hugh, a mão estendida.

– Eu já a recarreguei – disse Hugh, estendendo-lhe a arma.

– Eu sabia que faria isso – murmurou Daniel, e em seguida foi até George.

– Você disse que não me mataria! – berrou o homem.

– Não matarei. Não hoje, pelo menos. Mas se você se aproximar de novo de Whipple Hill, eu o matarei.

George assentiu freneticamente.

– Na verdade – continuou Daniel, abaixando-se para pegar a faca que Hugh chutara em sua direção –, se você se aproximar de Londres, eu o matarei.

– Mas eu moro em Londres!

– Agora não morará mais.

Marcus pigarreou.

– Devo dizer que também não o quero em Cambridgeshire.

Daniel olhou para o amigo, assentiu e virou-se novamente para Chervil.

– Se você se aproximar de Cambridgeshire, *ele* o matará.

– Se me permitem dar uma sugestão – falou Hugh, muito calmo –, talvez seja mais fácil para todos os envolvidos se estendêssemos a proibição a todas as Ilhas Britânicas.

– O quê? – gritou George. – Vocês não podem...

– Ou poderíamos simplesmente matá-lo – disse Hugh, e olhou para Daniel. – Você poderia dar alguns conselhos a ele sobre a vida na Itália, não poderia?

– Mas não falo italiano – choramingou George.

– Vai aprender – retrucou Hugh com rispidez.

Daniel olhou para a faca em suas mãos. Era perigosamente afiada, e estivera a pouquíssimos centímetros da garganta de Anne.

– Austrália – falou, determinado.

– Muito bem – concordou Marcus, puxando George para colocá-lo de pé. – Podemos cuidar dele?

– Por favor – respondeu Daniel.

– Vamos levar a carruagem dele – falou Hugh, e deu um raro sorriso. – A que tem o chifre de unicórnio.

– O chifre de... – repetiu Anne, perplexa. Ela se virou para Daniel. – Frances?

– Ela salvou o dia.

– E ela está bem? Não se machucou? Tive que empurrá-la da carruagem e...

– Ela está bem – garantiu Daniel, parando por um momento para se despedir de Marcus e Hugh, que saíram arrastando George. – Um pouco empoeirada, e acho que minha tia deve ter envelhecido uns cinco anos, mas está bem. E quando ela vir você...

Mas ele não conseguiu terminar. Anne começou a chorar.

Daniel ajoelhou-se ao lado dela na mesma hora e puxou-a mais para perto.

– Está tudo bem – murmurou. – Vai ficar tudo bem.

Anne balançou a cabeça.

– Não, não vai. – Ela levantou a cabeça e seus olhos brilhavam de amor. – Vai ser muito melhor.

– Amo você – disse ele.

E teve a sensação de que repetiria aquilo com muita frequência. Pelo resto da vida.

– Também amo você.

Ele pegou a mão dela e levou-a aos lábios.

– Quer se casar comigo?

– Eu já disse que sim – respondeu Anne com um sorriso curioso.

– Eu sei. Mas quis perguntar de novo.

– Então, aceito de novo.

Ele apertou-a nos braços, porque precisava senti-la.

– Provavelmente deveríamos descer. Estão todos preocupados.

Ela assentiu, roçando o rosto de leve no peito dele.

– Minha mãe está na carruagem, e minha tia...

– Sua mãe? – gritou Anne, se afastando. – Ah, meu Deus, o que ela deve pensar de mim?

– Que você deve ser uma mulher incrível e encantadora, e que se ela lhe tratar muito, muito bem, você lhe dará um monte de netos.

Anne sorriu timidamente.

– Se *ela* me tratar bem?

– Bem, acho que não preciso dizer que eu a tratarei muito bem.

– Quantos filhos você acha que caracterizam um monte?

Daniel sentiu a alma mais leve.

– Uma boa quantidade, eu acho.

– Vamos ter que nos dedicar muito a isso.

Ele se espantou por conseguir manter a expressão séria.

– Sou um homem muito esforçado.

– É uma das razões pelas quais amo você. – Anne tocou o rosto dele. – Uma das muitas, muitas razões.

– Tantas assim, é? – Ele sorriu. Não, na verdade já estava sorrindo antes. Mas talvez agora o sorriso estivesse um pouco mais largo. – Centenas?

– Milhares.

– Talvez eu tenha que requisitar a lista completa.

– Agora?

Quem falou que são as mulheres que gostam de provocar elogios estava enganado. Daniel sentiu-se muito feliz com a ideia de se sentar ali e ouvi-la dizer coisas adoráveis a seu respeito.

– Talvez só as cinco primeiras – cedeu ele.

– Bem...

Ela fez uma pausa e Daniel a encarou com uma expressão brincalhona.

– É tão difícil assim encontrar cinco razões para me amar?

Os olhos de Anne estavam tão arregalados e a expressão tão inocente, que Daniel quase acreditou quando ela disse:

– Ah, não, é só que é um desafio ter que escolher minhas favoritas.

– Faça uma escolha aleatória, então – sugeriu ele.

– Muito bem. – Anne fez uma expressão pensativa. – O seu sorriso. Adoro o seu sorriso.

– Também adoro o seu!

– E você tem um senso de humor encantador.

– Você também!

Ela o encarou muito séria.

– O que eu posso fazer se as minhas razões são todas iguais às suas? – defendeu-se ele.

– Você *não* toca um instrumento musical.

Ele a encarou com uma expressão de dúvida.

– Como o resto da sua família – explicou Anne. – Sinceramente, não sei se eu conseguiria aguentar ter que ouvi-lo ensaiar.

Daniel chegou mais para a frente e inclinou a cabeça com um olhar travesso.

– O que a faz pensar que eu *não* toco um instrumento?

– Não toca! – arquejou Anne, e Daniel quase achou que ela poderia reconsiderar a resposta que dera ao pedido de casamento.

– Tem razão, não toco – confirmou ele. – O que não quer dizer que não tenha tido aulas de música.

Ela o encarou com uma interrogação no olhar.

– Os meninos da família não são obrigados a continuar as aulas de música depois que passam a frequentar a escola. A menos que mostrem um talento excepcional.

– E algum dos meninos da família mostrou um talento excepcional?

– Nenhum – confessou ele em um tom alegre.

Então se levantou e estendeu a mão para ela. Estava na hora de irem para casa.

– Eu não deveria lhe dar mais duas razões? – perguntou Anne, aceitando a ajuda dele para se levantar.

– Ah, você pode me dizer mais tarde. Temos muito tempo.

– Mas acabei de pensar em mais uma.

Ele a fitou com a sobrancelha erguida.

– Você diz isso como se fosse necessário um grande esforço.

– Na verdade, é mais um momento – disse Anne.

– Um momento?

Ela assentiu, seguindo-o pela porta até o corredor.

– Na noite em que nos conhecemos. Eu estava prestes a deixá-lo no saguão dos fundos.

– Ferido e sangrando?

Daniel tentou se mostrar ultrajado, mas o sorriso que abriu arruinou o efeito.

– Eu perderia meu emprego se fosse pega com você, e já tinha passado sabe Deus quanto tempo presa naquele depósito. Realmente não tinha tempo para cuidar de seus ferimentos.

– Mas cuidou.

– Sim.

– Por causa do meu sorriso encantador e do meu adorável senso de humor?

– Não. Foi por causa da sua irmã.

– Honoria? – perguntou Daniel, surpreso.

– Você a estava defendendo – explicou Anne, dando de ombros. – Como eu poderia abandonar um homem que estava defendendo a irmã?

Para seu total constrangimento, Daniel sentiu o rosto quente.

– Ora, qualquer um teria feito a mesma coisa – murmurou ele.

Já no meio da escada, Anne exclamou:

– Ah, lembrei-me de outra razão! Quando estávamos ensaiando para a peça de Harriet, você *teria* interpretado o javali se ela tivesse lhe pedido.

– Não, eu não teria.

Ela deu um tapinha carinhoso no braço dele quando os dois saíram da estalagem.

– Sim, teria.

– Tudo bem, eu teria – mentiu ele.

Ela o encarou com um olhar sagaz.

– Você acha que só está dizendo isso para me satisfazer, mas sei que teria tido espírito esportivo.

Santo Deus, era como se os dois já fossem casados havia anos.

– Ah, pensei em outro!

Ele fitou Anne, seus olhos tão brilhantes, tão cheios de amor, de esperança, de promessas.

– Em dois, na verdade – disse ela.

Ele sorriu. Podia pensar em milhares.

EPÍLOGO

Outro ano, outro concerto Smythe-Smith...

— Acho que é melhor Daisy dar um passo para a direita – murmurou Daniel no ouvido da esposa. – Sarah parece prestes a arrancar a cabeça dela.

Anne lançou um olhar nervoso para Sarah, que – já tendo esgotado sua única desculpa possível no ano anterior – estava de volta ao palco, ao piano...

Assassinando as teclas.

Anne só podia deduzir que a jovem decidira que a fúria era preferível à infelicidade abjeta. Só Deus sabia se o piano sobreviveria ao encontro.

Mas ainda pior era Harriet, recrutada naquele ano para substituir Honoria, que, como a nova lady Chatteris, não precisava mais se apresentar.

Casamento ou morte. Aquelas eram as duas únicas rotas de fuga, dissera Sarah em um tom sombrio quando Anne passara para ver como estavam indo os ensaios.

Morte de quem, Anne não sabia. Quando Anne chegara, Sarah havia conseguido, de algum modo, tomar posse do arco do violino de Harriet, e o brandia como uma espada. Daisy dava gritinhos, Iris gemia e Harriet arquejava de prazer enquanto anotava tudo para usar em uma futura peça.

– Por que Harriet está falando sozinha? – perguntou Daniel, em um sussurro, trazendo Anne de volta ao presente.

– Ela não sabe ler partituras.

– *O quê?*

Várias pessoas olharam na direção deles, inclusive Daisy, cuja expressão severa só poderia ser descrita como homicida.

– O quê? – repetiu Daniel, em um tom mais baixo dessa vez.

– Ela não sabe ler partituras – repetiu Anne em um sussurro, mantendo educadamente o olhar no concerto que se desenrolava. – Harriet me contou que nunca conseguiu aprender. Ela pediu a Honoria para escrever as notas e decorou-as.

Anne olhou na direção de Harriet, que dizia as notas baixinho, mas com movimentos tão claros da boca que até mesmo os convidados sentados na última fila com certeza perceberiam que ela só tocava – ou melhor, tentava tocar – em si bemol.

– Por que ela simplesmente não lê as notas que Honoria escreveu?

– Não sei – admitiu Anne.

E deu um sorriso encorajador para Harriet, que retribuiu o gesto.

Ah, Harriet... Era impossível não a amar. E Anne a amava, ainda mais agora que fazia parte da família. Adorava ser uma Smythe-Smith. Adorava o barulho, a presença constante de primas em seu quarto de vestir e a forma como todas haviam sido encantadoras com Charlotte, irmã de Anne, que os visitara no início daquela primavera.

Mas, acima de tudo, Anne adorava ser uma Smythe-Smith que *não* precisava se apresentar no concerto. Porque ao contrário do resto da plateia, cujos resmungos e gemidos Anne conseguia ouvir claramente ao seu redor, ela sabia a verdade:

O concerto era muito, muito pior no palco do que na plateia.

Embora...

– Não consigo deixar de sentir um certo carinho pelo concerto – sussurrou Anne para Daniel.

– É mesmo? – Ele se encolheu quando Harriet fez algo indizível com o violino. – Porque não consigo deixar de sentir um certo carinho pela minha audição.

– Mas se não fosse o concerto, nós não teríamos nos conhecido – lembrou Anne.

– Ah, acho que eu a teria descoberto.

– Mas não em uma noite como esta.

– Não.

Daniel sorriu e pegou a mão dela. Era um gesto bastante inapropriado, algo que casais não deveriam fazer em público de jeito nenhum, mas Anne não se importou. Ela entrelaçou os dedos aos do marido e sorriu. Já não importava mais que Sarah estivesse surrando as teclas do piano, ou que

Harriet houvesse começado a recitar as notas tão alto que quem estava sentado na primeira fila conseguisse ouvi-la falar.

Anne tinha Daniel. E estava de mãos dadas com ele.

Na verdade, aquilo era tudo o que importava.

Julia Quinn
A SOMA DE TODOS OS BEIJOS
Quarteto Smythe-Smith 3
ARQUEIRO

A SOMA DE TODOS OS BEIJOS

Julia Quinn

A SOMA DE TODOS OS BEIJOS

QUARTETO SMYTHE SMITH 3

ARQUEIRO

Título original: *The Sum of All Kisses*
Copyright © 2013 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues e Maria Clara de Biase

preparo de originais: Melissa Lopes Leite e Sheila Til

revisão: Nina Lua, Renata Dib e Roberto Cortes de Lacerda

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: Lee Avison/ Trevillion Images

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64s

Quinn, Julia
A soma de todos os beijos [recurso eletrônico]/ Julia Quinn; tradução de Maria Clara de Biase, Ana Rodrigues. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital (Quarteto Smythe-Smith; 3)

Tradução de: The sum of all kisses
Sequência de: Uma noite como esta
Continua com: Os mistérios de Sir Richard
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-85-8041-667-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Romance americano. 3. Livros eletrônicos. I. Biase, Maria Clara de. II. Rodrigues, Ana. III. Título. IV. Série.

16-38599 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Este é para mim.

E também para Paul.

Mas principalmente para mim.

PRÓLOGO

Londres. Tarde da noite. Primavera de 1821.

— Quem tem boa memória sempre vence no *piquet* – disse o conde de Chatteris para ninguém em particular.

Lorde Hugh Prentice não o ouviu. Estava longe demais, à mesa perto da janela, e – o que era mais relevante – um pouco bêbado. Mas, se tivesse escutado o comentário de Chatteris – e se não estivesse embriagado –, ele teria pensado: "É por isso que eu jogo."

Não teria dito isso em voz alta. Hugh nunca fora dado a falar apenas para que sua voz fosse ouvida. Mas teria pensado isso. E sua expressão teria mudado. Um dos cantos de sua boca teria se curvado e a sobrancelha direita poderia ter se arqueado, apenas um pouco, mas o suficiente para um observador atento considerá-lo presunçoso.

No entanto, verdade seja dita, a sociedade londrina era bastante carente de observadores atentos.

Exceto por Hugh.

Hugh Prentice observava tudo. E também se lembrava de tudo. Se quisesse, podia recitar *Romeu e Julieta* inteiro, palavra por palavra. *Hamlet* também. *Júlio César* não, mas só porque nunca o lera.

Seu talento raro o levara a ser punido seis vezes em seus primeiros meses em Eton por suspeitas de ter trapaceado nas avaliações. Ele logo percebeu que sua vida seria infinitamente mais fácil se errasse uma ou duas questões de propósito nas provas. Não que ele ligasse para as acusações de trapaça – *sabia* que não havia trapaceado e pouco lhe importava alguém pensar o contrário –, mas era uma amolação ser convocado a ficar de pé diante de seus professores regurgitando informações até convencê-los de sua inocência.

Se havia uma área em que sua memória realmente vinha a calhar era nos jogos de cartas. Sendo o filho mais novo da marquesa de Ramsgate, Hugh sabia que não herdaria nada. Esperava-se que os filhos mais novos entrassem para o Exército, o clero ou se tornassem caçadores de fortuna. Como Hugh não levava jeito para nada disso, teria que encontrar outros meios de sustento. E apostar era ridiculamente fácil para quem tinha a capacidade de memorizar cada carta jogada – na ordem – durante toda uma noite.

O difícil era encontrar cavalheiros dispostos a jogar, já que a notável habilidade de Hugh no *piquet* se tornara lendária. Contudo, desde que houvesse jovens bêbados o bastante, sempre haveria alguém tentando uma rodada. Todos queriam vencer Hugh Prentice nas cartas.

O problema era que nesta noite Hugh também estava bêbado "o bastante". Isso não era comum; nunca lhe agradara a perda de controle que advinha de uma garrafa de vinho. Mas ele tinha ido com amigos a uma taberna em que as canecas eram grandes, a multidão era barulhenta e as mulheres eram excepcionalmente curvilíneas.

Quando eles chegaram ao clube e puseram as mãos em um baralho, Daniel Smythe-Smith, que recentemente obtivera seu título de conde de Winstead, já havia bebido muito. Estava fazendo descrições vívidas da mulher com quem acabara de ter relações enquanto Charles Dunwoody prometia voltar à taberna para superar o desempenho do amigo. E até mesmo Marcus Holroyd – o jovem conde de Chatteris, que sempre fora um pouco mais sério do que os outros – ria tanto que quase caiu da cadeira.

Hugh havia preferido a jovem que o servira à de Daniel – um pouco menos exuberante, um pouco mais ágil –, mas se limitou a sorrir quando lhe pediram que revelasse os detalhes. Lembrava-se de cada centímetro dela, é claro, mas nunca falava sobre intimidades sexuais.

– Desta vez vou vencer você, Prentice! – vangloriou-se Daniel.

Ele se encostou de forma relaxada na mesa, exibindo seu sorriso inconfundível, que praticamente cegava os outros. Sempre fora o mais encantador do grupo.

– Pelo amor de Deus, Daniel! – gemeu Marcus. – De novo, não!

– É sério, vou conseguir – garantiu Daniel, brandindo um dedo no ar e caindo na gargalhada quando o movimento o fez perder o equilíbrio. – Desta vez vou conseguir.

– Ele vai! – exclamou Charles Dunwoody. – Sei que vai!

Ninguém se deu ao trabalho de comentar nada. Mesmo sóbrio, Charles Dunwoody parecia saber muitas coisas que não eram verdade.

– Não, sério, vou mesmo – insistiu Daniel. – Porque você – ele apontou para Hugh – bebeu muito.

– Não tanto quanto você – salientou Marcus, mas deu um soluço ao dizer isso.

– Eu contei – disse Daniel, triunfante. – Ele bebeu mais.

– Eu bebi mais que todo mundo – gabou-se Dunwoody.

– Então decididamente *você* deveria jogar – disse Daniel.

A partida teve início, o vinho foi servido e todos estavam se divertindo muito até que...

Daniel ganhou.

Hugh pestanejou, olhando para as cartas na mesa.

– Ganhei – afirmou Daniel, com considerável assombro. – Estão vendo isso?

Hugh reviu mentalmente o baralho, ignorando o fato de que algumas das cartas estavam atipicamente indistintas.

– Ganhei – repetiu Daniel, desta vez para Marcus, seu amigo de longa data.

– Não – retrucou Hugh, principalmente para si mesmo.

Aquilo era impossível. Simplesmente impossível. Ele nunca perdia no baralho. À noite, antes de dormir, era capaz de se lembrar de cada carta que pusera na mesa ao longo do dia. Até mesmo da semana.

– Nem eu sei como consegui – disse Daniel. – Veio um rei, mas depois veio um sete e eu...

– Era um ás! – disparou Hugh.

Não queria ouvir nem mais um segundo que fosse daquela idiotice.

– Hummm. Talvez.

– Deus! – bradou Hugh. – Alguém o faça calar a boca.

Ele precisava de silêncio. Precisava se concentrar e recordar as cartas. Se conseguisse, a história terminaria. Como na vez em que havia voltado tarde para casa com Freddie e o pai os esperara com...

Não, não, não. Isso era diferente. Eram cartas. *Piquet*. Ele nunca perdia. Essa era a única, única, certeza que tinha na vida.

Dunwoody coçou a cabeça e olhou para as cartas, contando em voz alta.

– Acho que ele...

– Winstead, seu trapaceiro desgraçado! – gritou Hugh, as palavras saindo espontaneamente.

Ele não sabia de onde tinham vindo ou o que o levara a dizê-las, mas no momento em que foram pronunciadas elas encheram o ar, uma onda agressiva pairando acima da mesa.

Hugh começou a tremer.

– Não – disse Daniel.

Apenas isso. Apenas *não*, com uma das mãos trêmula e uma expressão confusa. Desconcertado, como...

Mas Hugh não queria saber. Não conseguia pensar, então se levantou de repente, derrubando a mesa enquanto se apegava à única coisa que sabia que era verdade: o fato de que *nunca* perdia um jogo de cartas.

– Não trapaceei – garantiu Daniel, piscando várias vezes.

Ele se virou para Marcus.

– Eu não trapaceio – assegurou.

Mas ele tinha que ter trapaceado. Hugh tentou mais uma vez relembrar as cartas do jogo, mas ignorou o fato de que, em sua mente, o valete de paus estava mesmo segurando um pedaço de pau e perseguia o dez, que bebia vinho de uma taça muito parecida com a que agora estava estilhaçada a seus pés...

Hugh começou a gritar. Não tinha a menor ideia do que estava dizendo, apenas que Daniel havia trapaceado, a rainha de copas tinha atrapalhado tudo e 306 vezes 42 sempre fora 12.852, não que soubesse o que isso tinha a ver com qualquer coisa. Mas agora havia vinho no chão, as cartas estavam por toda parte e Daniel estava balançando a cabeça e dizendo:

– Do que ele está falando?

– Não havia possibilidade de você ter aquele ás – sibilou Hugh. – O ás estava depois do valete, que estava perto do dez...

– Mas eu tinha – disse Daniel, encolhendo os ombros. E deu um arroto.

– Não podia – retrucou Hugh, tropeçando e tentando se equilibrar. – Sei onde está cada carta.

Daniel olhou para as cartas. Hugh olhou também, para a rainha de ouros com vinho madeira cobrindo o pescoço feito sangue.

– Incrível – murmurou Daniel. Ele olhou nos olhos de Hugh. – Eu ganhei. Imagine só!

Estaria Daniel Smythe-Smith, o venerável conde de Winstead, zombando dele?

– Vou vingar minha honra – rugiu Hugh.

Daniel ergueu a cabeça, surpreso.

– O quê?

– Escolha seu padrinho.

– Está me desafiando para um duelo?

Daniel olhou para Marcus, incrédulo.

– Acho que ele está me desafiando para um duelo.

– Daniel, cale a boca – grunhiu Marcus, subitamente parecendo muito mais sóbrio do que os demais.

Mas Daniel o dispensou com um gesto e disse:

– Hugh, não seja idiota.

Hugh não pensou. Lançou-se contra Daniel, que pulou para o lado, mas não rápido o suficiente. Os dois caíram. Hugh bateu com o quadril em uma das pernas da mesa, mas mal sentiu a pancada. Deu um, dois, três, quatro socos em Daniel, até que alguém o puxou, contendo-o com dificuldade enquanto ele dizia, com raiva:

– Você é um maldito trapaceiro!

Porque ele tinha certeza disso. E Winstead *zombara* dele.

– Você é um idiota! – respondeu Daniel, limpando sangue do rosto.

– Vou vingar minha honra!

– Ah, mas não vai mesmo – bradou Daniel. – *Eu* vingarei a minha honra.

– No Campo Verde? – indagou Hugh friamente.

– Ao amanhecer.

Houve um silêncio opressivo enquanto todos esperavam que um dos dois voltasse à razão.

Mas eles não voltaram. Claro que não.

Hugh sorriu. Não podia imaginar um motivo que fosse para sorrir, mas ainda assim sentiu o sorriso surgindo em seu rosto. E, quando olhou para Daniel Smythe-Smith, foi como se enxergasse outro homem.

– Que seja.

– Você não tem que fazer isso – disse Charles Dunwoody com uma careta,

enquanto terminava a inspeção da arma de Hugh.

Hugh não se deu ao trabalho de responder. Sua cabeça doía demais.

– Quero dizer, acredito que ele estava trapaceando. Devia estar porque, bem, é você, e você sempre ganha. Não sei como consegue fazer isso, mas ganha.

Hugh mal moveu a cabeça, mas seus olhos descreveram lentamente um arco na direção do rosto de Dunwoody. Agora *ele* estava sendo acusado de trapaça?

– Acho que é a matemática – continuou Dunwoody, ignorando a expressão sarcástica de Hugh. – Você sempre foi excepcionalmente bom nisso...

Que agradável. É sempre muito bom ser chamado de excepcional.

– E eu *sei* que você nunca trapaceou em matemática. Deus sabe quanto o testamos na escola!

Dunwoody o encarou franzindo a testa.

– Como você faz isso?

Hugh o fitou.

– Está querendo que eu responda *agora*?

– Ah, não. Não, é claro que não.

Dunwoody pigarreou e deu um passo para trás. Marcus Holroyd seguia na direção deles, provavelmente para tentar evitar o duelo. Hugh observou as botas de Marcus pisando na grama úmida. Sua passada esquerda era mais longa que a direita, embora não muito. Provavelmente precisaria de mais quinze passos para alcançá-los, dezesseis se estivesse mal-humorado e quisesse invadir o espaço deles.

Mas aquele era Marcus. Pararia no décimo quinto passo.

Marcus e Dunwoody trocaram armas para inspeção. Hugh ficou perto do médico, que estava *cheio* de informações úteis.

– Aqui – disse o homem, batendo na parte superior da coxa dele. – Já vi isso acontecer. Artéria femoral. Você sangra feito um porco.

Hugh não disse nada. Não ia realmente *atirar* em Daniel. Tivera algumas horas para se acalmar e, embora ainda estivesse furioso, não via motivos para tentar matá-lo.

– Mas se só quiser algo que realmente doa – continuou o médico –, melhor é acertar a mão ou o pé. Os ossos são fáceis de quebrar e têm muitos nervos. Além do mais, não o matará. Não são coisas tão importantes assim.

Hugh era muito bom em ignorar pessoas, mas nem mesmo ele pôde deixar de se contrapor a isso.

– A mão não é importante?

O médico passou a língua pelos dentes e depois fez um som de sucção, na certa para desalojar algum pedaço rançoso de comida. O homem deu de ombros.

– Não é o coração – retrucou.

Ele não deixava de ter razão, o que era irritante. Hugh odiava quando pessoas irritantes tinham razão. Ainda assim, se tivesse juízo, o médico calaria a porcaria da boca.

– Só não mire na cabeça – disse o médico, com um estremecimento. – Ninguém quer isso. E não estou só falando do pobre coitado que será alvejado. Haverá miolos por toda parte, rosto dilacerado... Seria o fim do funeral.

– E foi esse o médico que você escolheu? – questionou Marcus.

Hugh virou a cabeça na direção de Charles Dunwoody e explicou:

– Quem o trouxe foi ele.

– Sou barbeiro – declarou o homem, na defensiva.

Marcus balançou a cabeça e caminhou de volta até Daniel.

– Cavalheiros, preparar!

Hugh não reconheceu quem dera a ordem. Devia ser alguém que ouvira falar do duelo e queria se gabar de tê-lo testemunhado. Não havia muitas frases mais chamativas em Londres do que “Vi com meus próprios olhos”.

– Apontar!

Hugh ergueu o braço e apontou. Dez centímetros à direita do ombro de Daniel.

– Um!

Meu Deus, ele se esquecera da contagem.

– Dois!

Sentiu um aperto no peito. A contagem. A gritaria. Era o momento em que os números se tornavam o inimigo. A voz de seu pai, rouca de triunfo, e Hugh tentando não ouvir...

– Três!

Hugh recuou.

E puxou o gatilho.

– Ahhh!

Ele olhou para Daniel, surpreso.

– Maldição! Você atirou em mim! – gritou Daniel.

Ele apertava o ombro, a camisa branca amarrotada já ficando vermelha.

– O quê? – disse Hugh para si mesmo. – Não.

Ele havia mirado para o lado. Não muito para o lado, mas tinha uma boa pontaria, uma excelente pontaria.

– Ah, meu Deus! – murmurou o barbeiro, correndo pela lateral do campo.

– Você atirou nele – afirmou Charles Dunwoody, arfando. – Por que fez isso?

Hugh ficou sem palavras. Daniel estava ferido, talvez mortalmente, e ele fizera isso. *Ele* fizera isso. Ninguém o forçara. E mesmo agora, enquanto Daniel erguia seu braço ensanguentado...

Hugh gritou ao sentir a perna ser dilacerada.

Por que ele tinha pensado que ouviria o tiro antes de senti-lo? Sabia como isso funcionava. Se Isaac Newton estivesse certo, o som viajava a uma velocidade de 298 metros por segundo. Hugh estava a uns 18 metros de Daniel, o que significava que a bala teria que ter viajado a...

Ele pensou. E pensou.

Não conseguiu encontrar a resposta.

– Hugh! Hugh! – Era Dunwoody, aos brados. – Hugh, você está bem?

Hugh olhou para cima e viu o rosto de Charles Dunwoody em borrões. Se estava olhando para cima, devia estar no chão. Pestanejou, tentando pôr seu mundo novamente em foco. Ainda estava bêbado? Havia consumido uma quantidade descomunal de álcool na noite anterior, antes e depois da discussão com Daniel.

Não, não estava bêbado. Pelo menos não muito. Havia sido baleado. Ou pelo menos achava que sim. Tivera essa sensação, mas na verdade não doía mais. Ainda assim, isso explicava por que estava deitado no chão.

Engoliu em seco, tentando respirar. Por que isso era tão difícil? Não fora atingido na perna? Isso *se* tivesse sido atingido. Não estava certo do que acontecera.

– Ah, meu Deus – disse uma nova voz.

Era Marcus Holroyd, pálido e ofegante.

– Ponha pressão nisso! – vociferou o barbeiro. – E cuidado com esse osso!

Hugh tentou falar.

– Um torniquete – disse alguém. – Deveríamos aplicar um torniquete?

– Tragam minha maleta! – gritou o barbeiro.

Hugh novamente tentou falar.

– Não desperdice suas forças – disse Marcus, segurando a mão dele.

– Mas não durma! – acrescentou Dunwoody, desesperado. – Mantenha os olhos abertos.

– A coxa – resmungou Hugh.

– O quê?

– Diga ao médico...

Hugh fez uma pausa, tentando respirar.

– A coxa. Sangra feito um porco.

– Do que ele está falando? – perguntou Marcus.

– Eu... eu...

Dunwoody estava tentando dizer alguma coisa que ficou presa na garganta.

– O quê? – perguntou Marcus.

Hugh olhou para Dunwoody. Ele não parecia bem.

– Acho que ele está tentando ser engraçado – disse Dunwoody.

– Pelo amor de Deus! – vociferou Marcus, virando-se para Hugh com uma expressão que ele achou difícil de interpretar. – Seu idiota, em vez de... Uma piada. Você está fazendo piada.

– Não chore – disse Hugh, porque parecia que ele ia chorar.

– Aperte mais – ordenou alguém, e Hugh sentiu algo puxando sua perna e depois apertando-a com força.

Em seguida veio a voz de Marcus:

– É melhor você ficar deitadoooooo...

E isso foi tudo.

Quando Hugh abriu os olhos, estava escuro. E ele estava em uma cama. Tinha se passado um dia inteiro? Ou mais? O duelo fora ao amanhecer. O céu ainda estava rosado.

– Hugh?

Freddie? O que Freddie estava fazendo ali? Não se lembrava da última vez em que o irmão pusera os pés na casa de seu pai. Hugh quis pronunciar

o nome dele, dizer quanto estava feliz por vê-lo, mas sentiu a garganta inacreditavelmente seca.

– Não tente falar – pediu Freddie.

Ele se inclinou para a frente, sua cabeça loura familiar entrando na direção da luz da vela. Eles sempre haviam sido parecidos, mais do que a maioria dos irmãos. Freddie era um pouco mais baixo, um pouco mais magro e um pouco mais louro, mas eles tinham os mesmos olhos verdes no mesmo rosto anguloso. E o mesmo sorriso.

Quando sorriam.

– Vou lhe dar um pouco de água – disse Freddie.

Cuidadosamente, levou uma colher aos lábios de Hugh, despejando o líquido na boca do irmão.

– Mais – resmungou Hugh.

Não sobrara nada para engolir. Cada gota fora absorvida por sua língua ressecada.

Freddie lhe serviu mais algumas colheres cheias de água e depois disse:

– Vamos esperar um pouco. Não quero lhe dar muito de uma só vez.

Hugh concordou com a cabeça. Não soube por quê, mas concordou.

– Dói? – perguntou Freddie.

Doía, mas Hugh teve a estranha sensação de que não doera tanto até que o irmão perguntasse.

– Sabe, ainda está aí – informou Freddie, apontando na direção do pé da cama. – Sua perna.

Claro que ainda estava lá. Doía infernalmente. Onde mais estaria?

– Às vezes as pessoas sentem dor mesmo depois de perderem um membro – apressou-se a completar Freddie, nervoso. – Chamam de dor fantasma. Li sobre isso, não sei quando. Algum tempo atrás.

Então provavelmente era verdade. A memória de Freddie era quase tão boa quanto a de Hugh e ele sempre havia gostado de ciências biológicas. Quando eram crianças, Freddie vivia ao ar livre, cavando a terra e coletando espécimes. Algumas vezes Hugh ia com ele, mas ficava muito entediado.

Hugh logo descobriu que seu interesse por besouros não aumentaria à medida que encontrasse mais e mais deles. E que o mesmo valia em relação aos sapos.

– Nosso pai está lá embaixo – comentou Freddie.

Hugh fechou os olhos. Foi o gesto que conseguiu fazer para mostrar que assentia.

– Preciso ir buscá-lo – disse o irmão mais velho, sem convicção.

– Não.

Cerca de um minuto depois, Freddie continuou:

– Beba um pouco mais de água. Você perdeu muito sangue. É por isso que se sente tão fraco.

Hugh tomou mais algumas colheres. Doía engolir.

– E também está com a perna quebrada. O fêmur. O médico pôs a perna no lugar, mas disse que o osso foi estilhaçado. – Freddie pigarreou. – Acho que você vai ficar preso aqui por algum tempo. O fêmur é o maior osso do corpo humano. Levará meses para sarar.

Freddie estava mentindo. Hugh podia perceber isso na voz do irmão. O que significava que o osso demoraria mais do que meses para se consolidar. Ou talvez nem se consolidasse. Talvez ele ficasse aleijado.

Isso não seria divertido?

– Que dia é hoje? – perguntou Hugh com a voz rouca.

– Você ficou inconsciente por três dias – respondeu Freddie, interpretando corretamente a pergunta.

– Três dias – repetiu Hugh. – Meu Deus!

– Cheguei ontem. Corville me avisou.

Hugh assentiu com a cabeça. Não era nenhuma surpresa que seu mordomo tivesse avisado Freddie de que o irmão quase morrera.

– E Daniel? – perguntou Hugh.

– Lorde Winstead? – Freddie engoliu em seco. – Ele se foi.

Hugh arregalou os olhos.

– Não, ele não morreu – apressou-se a completar. – Está com o ombro ferido, mas ficará bem. Só deixou a Inglaterra. Nosso pai tentou fazer com que fosse preso, mas você ainda não estava morto...

Ainda. Engraçado.

–... e então, bem, não sei o que papai disse a ele. Winstead veio vê-lo um dia depois do ocorrido. Eu não estava aqui, mas Corville me disse que ele tentou se desculpar. O pai não foi... bem, você o conhece.

Freddie engoliu em seco e pigarreou.

– Acho que lorde Winstead foi para a França – concluiu.

– Ele deveria voltar – disse Hugh com dificuldade.

Não era culpa de Daniel. Não tinha sido ele quem exigira um duelo.

– Sim, bem, você pode resolver isso com o marquês – disse Freddie desconfortavelmente. – Ele tem falado em caçar Winstead.

– Na *França*?

– Não tentei discutir isso com ele.

– Não, claro que não.

Quem discutiria com um louco?

– Acharam que você poderia morrer – explicou Freddie.

– Eu sei.

E essa era a pior parte. Hugh realmente sabia.

O marquês de Ramsgate não podia escolher seu herdeiro: por ser o mais velho, Freddie obrigatoriamente receberia o título, as terras, a fortuna, tudo o que estivesse vinculado à sucessão legal. Mas, se lorde Ramsgate pudesse escolher, todos sabiam que sua opção seria Hugh.

Freddie tinha 27 anos e ainda era solteiro. Hugh tinha esperança de que ele se casasse, mas sabia que nenhuma mulher no mundo atrairia sua atenção. Aceitava isso em relação ao irmão. Não compreendia, mas aceitava. Só queria que Freddie entendesse que, mesmo assim, poderia se casar, cumprir seu dever e tirar toda aquela terrível pressão dos ombros do caçula. Muitas mulheres adorariam ver o marido fora de suas camas quando o quarto das crianças estivesse suficientemente povoado.

No entanto, o pai de Hugh ficara tão desgostoso que dissera a Freddie que não se desse ao trabalho de arranjar uma noiva. O título poderia lhe pertencer durante alguns anos, mas, segundo os planos de lorde Ramsgate, logo passaria para Hugh ou os filhos dele.

Não que o pai já tivesse demonstrado ter muita afeição por Hugh também.

Lorde Ramsgate não era o único nobre que não via nenhum motivo para tratar os filhos com igualdade. Hugh seria melhor para Ramsgate, portanto Hugh era melhor. Ponto final.

Porque todos sabiam que o marquês amava seu título de nobreza, Hugh e Freddie exatamente nessa ordem.

E provavelmente não restava nenhum amor para Freddie.

– Gostaria de láudano? – perguntou Freddie abruptamente. – O médico disse que eu poderia lhe dar um pouco se você acordasse.

Se. Mais engraçado do que *ainda.*

Hugh fez um gesto afirmativo com a cabeça e deixou o irmão mais velho ajudá-lo a ficar em uma posição mais ereta.

– Meu Deus, é horrível! – disse Hugh, devolvendo a xícara para Freddie depois de esvaziar seu conteúdo.

Freddie cheirou os resíduos.

– Álcool – confirmou. – A morfina é dissolvida nele.

– Exatamente o que me faltava – murmurou Hugh. – Mais álcool.

– O que disse?

Hugh apenas balançou a cabeça.

– Estou feliz por você ter acordado – disse Freddie em um tom que forçou Hugh a notar que ele não voltara a se sentar depois de lhe dar o láudano. – Vou pedir a Corville que avise o nosso pai. Prefiro não fazer isso se não for indispensável...

– É claro – disse Hugh.

O mundo era um lugar melhor quando Freddie evitava o pai. Era um lugar melhor quando Hugh também o evitava, mas naquele momento alguém tinha que interagir com o velho canalha, e ambos sabiam que precisava ser o caçula. O fato de Freddie ter ido lá, ao seu antigo lar em St. James's, era uma prova de seu amor ao irmão.

– Vejo você amanhã – disse Freddie, parando na porta.

– Não é preciso – disse-lhe Hugh.

Freddie engoliu em seco e desviou o olhar.

– Então talvez depois de amanhã.

Ou depois de depois de amanhã. Hugh não o culparia se nunca voltasse.

Freddie provavelmente instruíra o mordomo a esperar para avisar o pai sobre a mudança no estado de Hugh, porque se passou quase um dia inteiro antes de lorde Ramsgate irromper no quarto.

– Está acordado – vociferou.

Era impressionante como isso soava como uma acusação.

– Seu idiota! – sibilou Ramsgate. – Quase se matou. E para quê? Para quê?

– Também estou feliz em vê-lo, pai – respondeu Hugh.

Ele agora estava sentado, sua perna imobilizada esticada para a frente como um tronco de árvore. Sabia bem que parecia melhor do que se sentia, mas com o marquês de Ramsgate nunca se devia demonstrar fraqueza.

Aprendera isso muito cedo.

O pai lhe lançou um olhar desgostoso, ignorando seu sarcasmo.

– Você podia ter morrido.

– Deu para notar.

– Acha isso engraçado? – disparou o marquês.

– Na verdade, não – respondeu Hugh.

– Você *sabe* o que teria acontecido se você morresse.

Hugh esboçou um sorriso.

– Tenho pensado sobre isso, mas alguém realmente sabe o que acontece depois que morremos?

Meu Deus, como era bom ver o rosto de seu pai inchar e ficar vermelho! Desde que ele não começasse a cuspir.

– Não leva nada a sério? – perguntou o marquês.

– Levo muitas coisas a sério, mas não isso.

Lorde Ramsgate prendeu a respiração, com todo o corpo tremendo de raiva.

– Nós dois sabemos que seu irmão nunca se casará.

– Ah, então é *disso* que se trata? – devolveu Hugh, fazendo o possível para fingir surpresa.

– Não vou deixar Ramsgate sair desta família!

Hugh observou essa explosão de raiva por um tempo estudado e depois alegou:

– Ora, vamos, o primo Robert não é tão ruim. Até o deixaram voltar para Oxford! Bem, da primeira vez.

– Então é assim? – cuspiu o marquês. – Está tentando se matar só para me irritar?

– Acho que poderia irritá-lo com muito menos esforço do que isso. E com um resultado muito mais agradável para mim.

– Se quiser se livrar de mim, sabe o que precisa fazer – declarou lorde Ramsgate.

– Matá-lo?

– Seu maldito...

– Se eu soubesse que seria tão fácil, realmente teria...

– Apenas se case com alguma garota idiota e me dê um herdeiro – rugiu o pai.

– Já que o resultado seria o mesmo, prefiro que ela não seja idiota.

O marquês apenas balançou a cabeça, furioso. Um minuto inteiro se passou antes que voltasse a falar:

– Preciso ter certeza de que Ramsgate permanecerá na família.

– Eu nunca disse que não me casaria – observou Hugh, embora não fizesse ideia do que o levara a dizer isso. – Mas não o farei de acordo com a sua programação. Além do mais, não sou seu herdeiro.

– Frederick...

– Ainda pode se casar – interrompeu-o Hugh, destacando cada sílaba.

Mas o pai apenas bufou e encaminhou-se para a porta.

– Ah, pai – chamou Hugh antes que ele saísse. – Quer fazer o favor de avisar à família de lorde Winstead que ele pode voltar em segurança para a Grã-Bretanha?

– É claro que não. Por mim ele pode apodrecer no inferno. Ou na França. – O marquês deu uma risadinha sinistra. – Na minha opinião, dá quase no mesmo.

– Não há nenhum motivo para que ele não volte – ressaltou Hugh, com mais paciência do que se julgava capaz de ter. – Como nós dois podemos notar, ele não me matou.

– Ele atirou em você.

– Eu atirei primeiro.

– No *ombro*.

Hugh cerrou os dentes. Argumentar com o pai sempre fora extenuante. Além disso, o láudano o deixara entorpecido.

– A culpa foi minha – afirmou.

– Não importa – respondeu o marquês. – Ele foi embora andando. E agora você é um aleijado que talvez nem possa gerar filhos.

Hugh arregalou os olhos, alarmado. Ele tinha levado um tiro na perna. Na *perna.*

– Não pensou nisso, não é? – provocou o pai. – Aquela bala atingiu uma artéria. É um milagre que você não tenha sangrado até a morte. O médico acha que sua perna conseguiu permanecer com sangue suficiente para sobreviver, mas só Deus sabe sobre o resto do seu corpo.

Ele abriu a porta e proferiu sua última frase por cima do ombro.

– Winstead arruinou minha vida. Posso muito bem arruinar a dele.

A extensão total das lesões de Hugh só se tornaria conhecida vários meses depois. O fêmur sarou. Um pouco.

Sua musculatura pouco a pouco se recuperou. O que sobrara dela.

O lado bom era que tudo indicava que ele ainda poderia gerar um filho.

Não que ele quisesse. Ou, mais exatamente, que tivesse tido oportunidade.

Mas quando seu pai pediu... ou, melhor, exigiu... ou, melhor ainda, arrancou-lhe as cobertas na presença de um médico alemão com o qual Hugh não teria gostado de deparar em um beco escuro...

Hugh puxou as cobertas de volta, fingiu um constrangimento mortal e deixou o pai pensar que estava irreparavelmente ferido.

E, durante toda a dolorosa recuperação, Hugh ficou confinado na casa do pai, preso à cama, forçado a aceitar a ajuda de uma enfermeira cujo modo especial de cuidar dele o lembrava de Átila, o Huno.

Ela também se parecia com ele. Ou pelo menos tinha um rosto que Hugh imaginou ser compatível com o de Átila. Na verdade, essa não era uma comparação muito lisonjeira.

Para com Átila.

Mas Átila, a Enfermeira, por mais rude e cruel que fosse, era preferível ao pai dele, que aparecia todos os dias às 16h com um conhaque na mão (apenas um, dele próprio) e as notícias mais recentes de sua caçada a Daniel Smythe-Smith.

E todos os dias, às 16h01, Hugh pedia que o pai parasse.

Apenas parasse.

Mas é claro que ele não parava. Lorde Ramsgate jurara caçar Daniel até um deles estar morto.

Finalmente Hugh ficou bem o suficiente para deixar a Casa Ramsgate. Ele não tinha muito dinheiro – apenas o que ganhara no tempo em que jogava –, mas possuía o bastante para contratar um criado pessoal e alugar um pequeno apartamento no Albany, um prédio de primeira classe para cavalheiros de linhagem impecável e fortuna inexpressiva.

Hugh aprendeu sozinho a andar de novo. Precisava de uma bengala para qualquer distância considerável, mas era capaz de atravessar um salão de baile com os próprios pés.

Não que ele frequentasse salões de baile.

Aprendeu a conviver com a dor constante de um osso mal consolidado e o latejar de um músculo distendido.

Ele se forçava a visitar o pai, tentar conversar racionalmente com ele, dizer-lhe que desse um fim à caçada por Daniel Smythe-Smith. Mas nada funcionava. Seu pai se agarrava à própria fúria. Agora nunca teria um neto, vociferava, e tudo por culpa do conde de Winstead.

Não deu atenção quando Hugh salientou que Freddie era saudável e ainda poderia surpreendê-los e se casar. Muitos homens que preferiam ficar solteiros acabavam arranjando esposas. O marquês se limitou a cuspir. Literalmente cuspiu no chão e disse que, mesmo que Freddie ficasse noivo, nunca conseguiria gerar um filho. E, se por algum milagre conseguisse, não seria uma criança digna do nome deles.

Não, a culpa era do conde de Winstead. Hugh deveria dar um herdeiro para Ramsgate, mas, agora, vejam só: era um aleijado inútil. Que provavelmente também não poderia gerar um filho.

Lorde Ramsgate nunca perdoaria Daniel Smythe-Smith, o antes elegante e popular conde de Winstead. Nunca.

E Hugh, cuja única constante na vida era sua capacidade de olhar para um problema de todos os ângulos e encontrar a solução mais lógica, não tinha ideia do que fazer. Mais de uma vez pensara em se casar, mas, apesar do fato de que ele *parecia* estar em boas condições, sempre havia a chance de a bala ter lhe provocado algum dano. Além disso, pensou, olhando para sua perna arruinada, que mulher o desposaria?

E então um dia se lembrou de algo – um momento fugaz daquela conversa com Freddie logo após o duelo.

Freddie dissera que não tentara discutir com o marquês, e Hugh havia pensado: quem discutiria com um louco?

Finalmente encontrara a resposta.

Apenas outro louco.

CAPÍTULO 1

Fensmore. Propriedade da Família Chatteris
Cambridgeshire
Outono de 1824

Lady Sarah Pleinsworth, veterana de três temporadas malsucedidas em Londres, olhou ao redor pela futura sala de estar de sua prima e anunciou:

– Estou sendo assolada por uma epidemia de casamentos.

Estava acompanhada pelas irmãs mais novas, Harriet, Elizabeth e Frances, que – com 16, 14 e 11 anos – não estavam em idade de se preocupar com perspectivas matrimoniais. Ainda assim, era de esperar que expressassem um pouco de solidariedade.

Isso se a pessoa não conhecesse as garotas Pleinsworths.

– Está sendo melodramática – falou Harriet, sentada à escrivaninha, olhando de relance para Sarah antes de mergulhar a caneta na tinta e voltar a suas anotações.

Sarah se virou lentamente em sua direção.

– Você está escrevendo uma peça sobre Henrique VIII e um unicórnio e *eu* é que sou melodramática?

– É uma sátira – rebateu Harriet.

– O que é uma sátira? – perguntou Frances. – É o mesmo que um sátiro?

Elizabeth arregalou os olhos com um prazer perverso.

– Sim! – exclamou.

– Elizabeth! – repreendeu-a Harriet.

Frances estreitou os olhos encarando Elizabeth.

– Não é, é?

– Deveria ser – retorquiu Elizabeth –, já que você a fez colocar um unicórnio maldito na história.

– Elizabeth! – repreendeu-a Sarah.

Não se importava com o fato de a irmã ter praguejado, mas, sendo a mais velha, sabia que *deveria* se importar. Ou pelo menos fingir.

– Eu não estava praguejando – protestou Elizabeth. – Estava apenas fantasiando.

A isso se seguiu um silêncio. Ninguém a compreendera.

– Se o unicórnio é amaldiçoado – explicou Elizabeth –, então a peça tem pelo menos alguma chance de ser interessante.

Frances suspirou.

– Ah, Harriet. Não vai ferir o unicórnio, vai?

Harriet cobriu seu texto com uma das mãos.

– Bem, não muito.

O suspiro de Frances se transformou em um arquejo de terror.

– Harriet!

– É mesmo *possível* haver uma epidemia de casamentos? – perguntou Harriet em voz alta, virando-se para Sarah. – E, nesse caso, *dois* seriam indício de epidemia?

– Sim – respondeu Sarah, mal-humorada. – Se ocorrerem em um intervalo de apenas uma semana *e* você for parente de uma das noivas e um dos noivos e, *principalmente*, se for forçada a ser dama de honra de um casamento em que...

– Você precisará ser dama de honra somente uma vez – interrompeu-a Elizabeth.

– Uma vez basta – murmurou Sarah.

Ninguém deveria andar pelo corredor de uma igreja com um buquê de flores a não ser que fosse a noiva, já tivesse sido a noiva ou fosse jovem demais para ser. Caso contrário, seria crueldade.

– Acho maravilhoso Honoria tê-la convidado para ser dama de honra! – exclamou Frances. – É tão romântico! Talvez você possa incluir uma cena como essa em sua peça, Harriet.

– Boa ideia – aplaudiu Harriet. – Eu poderia introduzir uma nova personagem. Será igualzinha a Sarah.

Sarah nem se deu ao trabalho de se virar para ela.

– Por favor, não faça isso.

– Ah, será muito divertido – insistiu Harriet. – Um trecho especial apenas para nós três.

– Somos quatro – observou Elizabeth.

– Ah, certo. Desculpe, acho que estava me esquecendo de Sarah.

Sarah não achou que isso merecia comentários, mas fez beicinho.

– Desse jeito – continuou Harriet – sempre nos lembraremos de que estávamos bem aqui, juntas, quando pensamos nisso.

– Você poderia fazê-la parecida comigo – disse Frances, esperançosa.

– Não, não – rejeitou Harriet, agitando a mão. – É tarde demais para mudar agora. Já está gravada na minha cabeça. A nova personagem deve ser parecida com Sarah. Deixem-me ver...

Ela começou a escrever freneticamente.

– Cabelos pretos com uma leve tendência a encaracolar.

– Olhos escuros insondáveis – acrescentou Frances, empolgada. – Devem ser insondáveis.

– Com um quê de loucura – disse Elizabeth.

Sarah se virou para encará-la.

– Só estou fazendo a minha parte – alegou Elizabeth. – E certamente vejo esse quê de loucura agora.

– Creio que sim – retorquiu Sarah.

– Nem muito alta nem muito baixa – disse Harriet, ainda escrevendo.

Elizabeth sorriu e se juntou à cantilena.

– Nem muito magra nem muito gorda.

– Ah, eu tenho uma! – exclamou Frances, praticamente pulando no sofá. – Nem muito rosa nem muito verde.

Isso fez a conversa parar.

– Como é que é? – finalmente conseguiu dizer Sarah.

– Você não fica constrangida com facilidade – explicou Frances –, por isso raramente cora. E só a vi vomitar uma vez, quando nós todas comemos aquele peixe horrível em Brighton.

– Por isso o verde – disse Harriet em tom de aprovação. – Muito bem, Frances. Isso foi muito inteligente. As pessoas realmente ficam verdes quando estão enjoadas. Eu gostaria de saber por quê.

– Bile – retrucou Elizabeth.

– Precisamos falar sobre isso? – perguntou Sarah.

– Não sei por que você está de mau humor – disse Harriet.

– Eu não estou de mau humor.

– Você não está de *bom* humor.

Sarah não se deu ao trabalho de contradizê-la.

– Se fosse você – disse Harriet –, eu estaria nas nuvens. Você vai andar pelo corredor central da igreja.

– Eu *sei*.

Sarah se deixou cair no sofá, o lamento de sua última sílaba parecendo forte demais para que ela permanecesse aprumada.

Frances se levantou e foi para o lado de Sarah, olhando-a por cima das costas do sofá.

– Você não quer andar pelo corredor? – perguntou.

Ela lembrava um pouco um pardal preocupado, inclinando a cabeça para um lado e depois para o outro em movimentos curtos.

– Não exatamente – respondeu Sarah.

Pelo menos não se não fosse em seu próprio casamento. Mas era difícil conversar com as irmãs sobre isso. Havia uma grande diferença de idade entre elas. E não podia compartilhar certas coisas com uma menina de 11 anos.

A mãe dela perdera três crianças entre Sarah e Harriet, duas em abortos espontâneos e um menino – o único filho de lorde e lady Pleinsworth –, que morrera no berço antes de completar 3 meses. Sarah não saberia dizer se os pais estavam desapontados por não terem um filho homem, mas eles nunca haviam se queixado. Quando mencionaram que o título iria para William, primo de Sarah, não se lamentaram. Apenas pareciam aceitar as coisas como eram. Houvera algumas conversas sobre Sarah se casar com William para manter tudo "claro, em ordem e em família" (como sua mãe dissera), mas o primo era três anos mais novo do que ela. Com 18 anos, acabara de entrar para Oxford e certamente não se casaria nos cinco anos seguintes.

E não havia a mínima chance de Sarah esperar cinco anos. A mínima. Nem uma fração da mínima...

– Sarah!

Ela ergueu os olhos. Bem na hora em que Elizabeth parecia estar prestes a atirar um livro de poesia em sua direção.

– Não faça isso! – alertou-a Sarah.

Elizabeth franziu as sobrancelhas, decepcionada, e abaixou o livro.

– Eu estava perguntando – repetiu (aparentemente) – se você sabe se todos os convidados já chegaram.

– Acho que sim – respondeu Sarah, embora na verdade não fizesse ideia. – Mas não tenho como saber dos que ficarão no vilarejo.

A prima delas, Honoria Smythe-Smith, se casaria com o conde de Chatteris na manhã seguinte. A cerimônia seria ali em Fensmore, a casa ancestral do nobre, no norte de Cambridgeshire. Mas nem mesmo a enorme residência poderia abrigar todos os convidados que estavam chegando de Londres; alguns tiveram que reservar quartos em hospedarias locais.

Por serem da família, os Pleinsworths foram os primeiros a ocupar quartos em Fensmore, e haviam chegado com quase uma semana de antecedência para ajudar nos preparativos. Ou, talvez mais exatamente, a mãe delas estava ajudando. Sarah fora incumbida de manter as irmãs longe de encrencas.

O que não era fácil.

Normalmente as garotas ficariam aos cuidados de sua governanta, o que permitiria a Sarah cumprir as tarefas de dama de honra de Honoria, mas Anne se casaria dali a duas semanas.

Com o irmão de Honoria.

O que significava que, ao fim dos festejos das núpcias de Honoria Smythe-Smith e do conde de Chatteris, Sarah (junto com metade de Londres, ao que parecia) pegaria a estrada de Fensmore para Whipple Hill, em Berkshire, para ir ao casamento de Daniel Smythe-Smith com a Srta. Anne Wynter. Como Daniel também era conde, seria um grande acontecimento.

Assim como o casamento de Honoria.

Dois grandes acontecimentos. Duas belas oportunidades para Sarah dançar, se divertir e se tornar dolorosamente consciente de que *não* era uma das noivas.

Ela só queria se casar. Isso era tão patético assim?

Não, pensou, endireitando a coluna (mas não a ponto de ficar totalmente reta), não era. Encontrar um marido e ser uma esposa era aquilo que fora educada para fazer, além de tocar piano no infame Quarteto Smythe-Smith.

O que, pensando bem, era parte do motivo de estar tão desesperada para se casar.

Todos os anos, religiosamente, as primas solteiras Smythe-Smith mais velhas eram forçadas a reunir seus talentos musicais inexistentes e tocar juntas, em quarteto.

E fazer uma apresentação.

Para pessoas de verdade. Que não eram surdas.

Um inferno. Sarah não conseguia pensar em um termo melhor para descrever isso. Estava bastante certa de que a palavra apropriada ainda não fora inventada.

O barulho que saía dos instrumentos das Smythe-Smiths também só poderia ser descrito com palavras ainda não inventadas. Mas, por algum motivo, todas as mães Smythe-Smiths (inclusive a mãe de Sarah, que agora era uma Pleinsworth) se sentavam na fileira da frente com sorrisos beatíficos no rosto, inabaláveis em sua ideia maluca de que as filhas eram prodígios musicais. E o restante do público...

Esse era o mistério.

Por que havia um "restante do público"? Sarah nunca conseguira descobrir. Certamente bastava alguém assistir uma única vez para perceber que nada de bom jamais sairia de uma apresentação musical das Smythe-Smiths. Mas ela examinara a lista de convidados e descobrira que algumas pessoas compareciam todos os anos. O que tinham na cabeça? Deveriam saber que seriam submetidas ao que só poderia ser descrito como tortura auditiva.

Bem, aparentemente já *fora* inventada uma expressão para aquilo, afinal.

O único meio de uma prima Smythe-Smith ser liberada do quarteto era o casamento. Bem, isso e fingir uma doença grave, mas Sarah já recorrera a essa estratégia uma vez e não achava que daria certo de novo.

Ou ter nascido menino. *Homens* não tinham que aprender a tocar instrumentos e sacrificar sua dignidade em um altar de humilhação pública.

Era realmente injusto.

Mas voltando ao casamento... Suas três temporadas em Londres não tinham sido fracassos completos. No verão anterior, por exemplo, dois cavalheiros haviam pedido sua mão em casamento. E, embora soubesse que provavelmente estaria se condenando a mais um ano no piano sacrificial, ela recusara ambos.

Não queria uma paixão arrebatadora. Era prática demais para acreditar que todos encontravam o verdadeiro amor – ou que sequer *existia* um verdadeiro amor. Mas uma dama de 21 anos não deveria ter que se casar com um homem de 63.

Quanto à outra proposta... Sarah suspirou. O cavalheiro era excepcionalmente cortês, mas, cada vez que contava até vinte (e parecia fazer isso com estranha frequência), pulava o número doze.

Sarah não precisava se casar com um gênio, mas seria demais esperar um marido que soubesse contar?

– Casamento – disse para si mesma.

– O quê? – perguntou Frances, ainda olhando-a por sobre as costas do sofá.

Harriet e Elizabeth estavam ocupadas com as próprias atividades, o que era bom, porque Sarah de fato não desejava nenhum público além de uma garota de 11 anos quando anunciou:

– Preciso me casar este ano, caso contrário acho que simplesmente vou morrer.

Hugh Prentice parou por um momento à entrada da sala de estar. Depois balançou a cabeça e seguiu em frente no corredor. Sarah Pleinsworth, se seus ouvidos não o estavam enganando, e em geral não o enganavam.

Outro motivo para não querer ir àquele casamento.

Hugh sempre fora uma alma solitária, e havia pouquíssimas pessoas cuja companhia procurava deliberadamente. Mas também havia poucas que evitava.

Como seu pai, é claro.

Assassinos condenados.

E lady Sarah Pleinsworth.

Mesmo que o primeiro encontro deles não tivesse sido um terrível desastre, nunca seriam amigos. Sarah Pleinsworth era uma daquelas mulheres dramáticas dadas a exageros e declarações grandiosas. Normalmente Hugh não estudava os padrões de fala dos outros, mas, quando lady Sarah falava, era difícil ignorá-la.

Ela usava muito advérbios. E pontos de exclamação.

Além disso, ela o desprezava. E isso não era mera suposição da parte dele. Ouvira-a murmurar essas palavras. Não que ele se incomodasse: também não se importava muito com ela. Só queria que aprendesse a ficar calada.

Como nesse momento. Ela ia morrer se não se casasse logo. Francamente!

Hugh balançou a cabeça. Pelo menos seria um casamento ao qual ele *não* teria que ir.

Quase escapara do matrimônio em questão também. Mas Daniel Smythe-Smith insistira em que ele fosse. Hugh salientara que nem mesmo era o casamento de Daniel, mas então o outro se reclinara em sua cadeira e dissera que, realmente, era o casamento da irmã dele, porém, se quisessem convencer a sociedade de que tinham deixado suas diferenças para trás, era melhor Hugh comparecer, e com um sorriso no rosto.

Não fora o mais gracioso dos convites. Hugh, porém, não se importava. Preferia que as pessoas fossem sinceras. Mas Daniel estava certo sobre uma coisa. Nesse caso, as aparências eram importantes.

O duelo entre os dois, três anos e meio antes, havia sido um escândalo de proporções inimagináveis. Daniel tinha sido forçado a fugir do país e Hugh passara um ano inteiro aprendendo a andar de novo. E mais um ano tentando convencer o pai a deixar Daniel em paz, e mais outro tentando *encontrar* Daniel depois de por fim descobrir como fazer o pai dispensar os espiões e assassinos e dar aquilo por encerrado.

Espiões e assassinos. Sua existência realmente se rebaixara a esse nível de melodrama?

Hugh deu um longo suspiro. Havia acalmado o pai, localizado Daniel Smythe-Smith e levado o amigo de volta à Inglaterra. Agora Daniel se casaria, viveria feliz para sempre e tudo seria como deveria ter sido.

Para todos, exceto Hugh.

Ele olhou para a própria perna. Era justo. Fora ele quem começara tudo, portanto era ele quem deveria arcar com as consequências permanentes.

Mas, maldição, estava doendo. Hugh havia passado onze horas em uma carruagem no dia anterior e ainda sentia os efeitos colaterais.

Realmente não entendia por que precisava comparecer *àquele* casamento. Certamente sua ida ao de Daniel, ainda naquele mês, seria o suficiente para convencer a sociedade de que o duelo entre eles era coisa do passado.

Hugh não era orgulhoso a ponto de não admitir que, nesse caso, se importava com o que a sociedade pensava. Não se incomodara quando as pessoas o rotularam de excêntrico e disseram que ele era melhor em lidar

com cartas do que com pessoas. Ou quando ouvira uma dama da sociedade dizer a outra que o achava muito estranho e nunca permitiria que sua filha o considerasse um possível pretendente – isso se sua filha se interessasse por ele, o que nunca aconteceria, afirmara enfaticamente.

Hugh não se incomodara com isso, mas se lembrava de cada palavra.

O que o incomodava de verdade era ser considerado vilão. Era que alguém fosse capaz de imaginar que ele pretendera matar Daniel Smythe-Smith ou que ficara feliz quando ele fora forçado a deixar a Inglaterra. Isso Hugh não podia suportar. E se o único modo de resgatar sua reputação era fazer com que a sociedade percebesse que Daniel o perdoara, então compareceria a este casamento e ao que mais Daniel considerasse apropriado.

– Ah, lorde Hugh!

Hugh parou ao som de uma voz feminina familiar. Era lady Honoria Smythe-Smith, que em breve se tornaria lady Chatteris. Na verdade, dali a 23 horas, se a cerimônia começasse pontualmente, algo em que Hugh não acreditava muito. Ficou surpreso por ela estar ali. As noivas não deviam ficar rodeadas por suas amigas e familiares, preocupando-se com os detalhes de última hora?

– Lady Honoria – cumprimentou-a, mudando a posição da mão na bengala para poder lhe fazer uma mesura.

– Estou tão feliz por ter vindo ao casamento! – disse ela.

Hugh olhou para os olhos azul-claros de Honoria por um momento a mais do que outras pessoas poderiam achar necessário. Avaliou que ela estava sendo sincera.

– Obrigado – respondeu. Então mentiu: – Estou muito contente por estar aqui.

Ela deu um amplo sorriso que iluminou seu rosto de um modo que apenas a verdadeira felicidade poderia fazer. Hugh não se iludiu a ponto de achar que *ele* era responsável pela satisfação dela. Tudo o que havia feito era ser gentil para evitar que qualquer coisa estragasse a alegria do casamento.

Simples feito matemática.

– Gostou de seu café da manhã? – perguntou Honoria.

Hugh teve a sensação de que ela não o fizera parar apenas para perguntar sobre sua refeição matutina, mas, como devia ser óbvio que acabara de comer, respondeu:

– Muito. Lorde Chatteris e sua cozinha estão de parabéns.

– Muito obrigada. Este é o maior evento realizado em Fensmore em décadas e os criados estão muito agitados, apreensivos. E encantados.

Honoria contraiu os lábios timidamente.

– Mas principalmente apreensivos – ressaltou.

Hugh não tinha nada a acrescentar, por isso a deixou prosseguir.

Ela não o desapontou.

– Eu esperava poder lhe pedir um favor.

Ele não podia imaginar qual, mas Honoria era a noiva e, se ela lhe pedisse para ficar de cabeça para baixo, Hugh entendia que era obrigado a tentar.

– Meu primo Arthur ficou doente – disse ela – e deveria sentar-se à mesa principal no café da manhã do casamento.

Ah, não. Não, ela não estava pedindo...

– Precisamos de outro cavalheiro e...

Aparentemente estava.

– Esperava que pudesse ser o senhor. Isso ajudaria muito a deixar tudo bem...

Ela engoliu em seco e olhou por um momento para o teto, tentando encontrar as palavras certas.

– Ou pelo menos fazer parecer que está tudo bem.

Observou-a por um instante. Não que seu coração tivesse saltado para a garganta; corações não faziam isso. No máximo, produziam uma sensação de aperto quando em pânico, e a verdade era que nem isso o dele fazia. Não havia motivo para se preocupar em ser forçado a sentar-se à mesa principal, mas havia todos os motivos para ter horror disso.

– Não, não é *isso* – apressou-se a dizer Honoria. – No que me diz respeito, e à minha mãe também, posso afirmar com muita certeza que o temos em alta conta. Sabemos... Isto é, Daniel nos contou o que o senhor fez.

Ele a encarou com atenção. O que exatamente Daniel havia lhe contado?

– Sei que ele não estaria aqui na Inglaterra se não o tivesse procurado, e sou muito grata por isso.

Hugh achou de uma delicadeza incomum ela não haver salientado que ele era o motivo de seu irmão ter sido obrigado a deixar o país.

Honoria sorriu serenamente.

– Uma pessoa muito sábia certa vez me disse que não são os erros que cometemos que revelam nosso caráter, mas o que fazemos para corrigi-los.

– Uma pessoa muito sábia? – perguntou Hugh.

– Bem, foi minha mãe – confessou ela com um sorriso tímido. – E saiba que ela disse isso para Daniel muito mais do que para mim, mas acabei percebendo, e espero que ele também, que é verdade.

– Acredito que ele percebeu – disse Hugh baixinho.

– Então – continuou Honoria, mudando rapidamente de assunto e humor. – O que me diz? Vai se juntar a mim à mesa principal? Estará me fazendo um enorme favor.

– Eu ficaria honrado em ocupar o lugar de seu primo – declarou Hugh. Era a mais pura verdade.

Ele preferiria nadar na neve a sentar-se à mesa principal diante de todos os convidados para o casamento, mas, ainda assim, era uma honra.

O rosto de Honoria se iluminou de novo como se fosse um farol, e sua felicidade era evidente. Era isso que o casamento fazia com as pessoas?

– Muito obrigada – disse ela, com óbvio alívio. – Se tivesse recusado, eu teria que pedir ao meu outro primo, Rupert, e...

– Tem outro primo? Está me dando um lugar de mais destaque que a ele?

Hugh podia não se importar muito com as inúmeras regras e normas que regiam sua sociedade, mas isso não significava que as desconhecesse.

– Ele é um horror – confessou ela em um sussurro bastante alto. – Com toda a sinceridade, é simplesmente terrível e come cebolas de mais.

– Bem, nesse caso... – murmurou Hugh.

– E... – continuou Honoria – ele e Sarah não se dão bem.

Hugh sempre media as palavras antes de falar, mas nem mesmo ele foi capaz de deixar escapar metade de "*Eu* não me dou bem com lady Sarah..." antes de fechar a boca.

– O que disse? – perguntou Honoria.

Ele se forçou a destravar o maxilar.

– Não vejo por que isso seria um problema – garantiu.

Deus, ele teria que se sentar ao lado de lady Sarah Pleinsworth. Como era possível Honoria Smythe-Smith não perceber que essa era uma péssima ideia?

– Ah, obrigada, lorde Hugh – agradeceu ela efusivamente. – Aprecio muito sua ajuda em relação a esse assunto. Se eu os colocasse juntos... e não haveria outro lugar onde sentá-lo à mesa principal, acredite em mim, eu procurei... só Deus sabe em que contendas poderiam entrar.

– Lady Sarah? – murmurou Hugh. – *Contendas?*

– Eu sei – concordou Honoria, interpretando de modo totalmente errado as palavras dele. – É difícil de imaginar. Nós nunca tivemos uma discussão. Ela tem um senso de humor maravilhoso.

Hugh não fez nenhum comentário.

Honoria lhe dirigiu um grande sorriso.

– Mais uma vez, obrigada. Está me fazendo um enorme favor.

– Como eu poderia recusar?

Ela comprimiu os olhos por uma fração de segundo, mas pareceu não detectar o sarcasmo. O que fazia sentido, porque o próprio Hugh não sabia se estava sendo sarcástico.

– Bem – disse Honoria –, muito obrigada. Vou contar imediatamente a Sarah.

– Ela está na sala de estar – disse Hugh.

Honoria olhou para ele com curiosidade, por isso Hugh acrescentou:

– Eu a ouvi falando quando passei por lá.

Honoria continuou a franzir a testa, então ele completou:

– A voz dela é muito fácil de distinguir.

– Eu não tinha notado – murmurou Honoria.

Hugh decidiu que essa seria uma ótima hora para calar a boca e ir embora.

Mas a noiva tinha outros planos.

– Bem, se ela está lá, por que não vai comigo e lhe damos a boa notícia?

Era a última coisa que ele queria, mas Honoria lhe sorriu e ele se lembrou: *ela é a noiva.* Portanto, seguiu-a.

Nos romances fantasiosos – do tipo que Sarah lia às dezenas e pelos quais se recusava a desculpar-se –, as premissas gerais eram alardeadas, não sugeridas. A heroína levava as mãos à cabeça e dizia algo como: “Ah, se ao menos eu conseguisse encontrar um cavalheiro que pudesse ignorar que

sou uma filha ilegítima e que tenho seis dedos!”

Muito bem, é preciso admitir que ela ainda não tinha encontrado um autor disposto a incluir um dedo extra em sua heroína. Mas isso certamente daria uma boa história. Não havia como negar.

Voltando às premissas. A heroína faria sua súplica apaixonada e então, como se evocado por um talismã antigo, um cavalheiro apareceria.

Ah, se ao menos eu conseguisse encontrar um cavalheiro! E lá estava ele.

Motivo pelo qual, depois de ter feito sua declaração (reconhecidamente ridícula) sobre morrer se não se casasse naquele ano, Sarah olhou para a porta. Afinal, não teria sido engraçado?

Como era de esperar, ninguém apareceu.

– Humpf – resmungou ela. – Até mesmo os deuses da literatura desistiram de mim.

– Disse alguma coisa? – perguntou Harriet.

– Ah, se ao menos eu conseguisse encontrar um cavalheiro! – murmurou para si mesma. – Um que me fizesse infeliz e me envergonhasse até o fim dos meus dias!

E então.

É claro.

Lorde Hugh Prentice.

Deus do céu, haveria um fim para sua angústia?

– Sarah! – disse Honoria alegremente, entrando pela porta ao lado dele. – Tenho uma boa notícia.

Sarah se levantou e olhou para a prima. Então olhou para Hugh Prentice, de quem, verdade fosse dita, *jamais* gostara. Depois olhou de novo para a prima. Honoria, sua melhor amiga no mundo inteiro. E compreendeu que Honoria (sua melhor amiga no mundo inteiro e quem realmente deveria conhecê-la melhor) *não* trazia uma boa notícia. Pelo menos não uma que Sarah considerasse boa.

Ou que Hugh Prentice considerasse, pelo que a expressão dele indicava.

Mas Honoria ainda irradiava um brilho de alegria, quase como uma daquelas lanternas usadas em casamentos. Seus pés estavam praticamente flutuando quando anunciou:

– Primo Arthur ficou doente.

Elizabeth ficou imediatamente atenta.

– Isso *é* uma boa notícia.

– Ora, vamos – disse Harriet. – Ele não é tão ruim quanto Rupert.

– Bem, essa parte não é a boa notícia – apressou-se a esclarecer Honoria, com um olhar nervoso para Hugh, para que ele não as considerasse totalmente cruéis. – A boa notícia é que Sarah teria que se sentar ao lado de Rupert amanhã, mas agora não terá mais.

Frances deu um gritinho e saltitou pela sala.

– Isso significa que eu poderia me sentar à mesa principal? Ah, por favor, diga que posso ocupar o lugar dele! Isso estaria acima de tudo para mim! Ainda mais porque você vai colocar um estrado, não é? Eu realmente *ficaria* acima de todas as coisas.

– Ah, Frances – disse Honoria, sorrindo-lhe com afeto. – Eu gostaria de poder fazer isso, mas você sabe que não deve haver crianças à mesa principal. Além do mais, precisamos de um cavalheiro.

– Então teremos lorde Hugh – completou Elizabeth.

– Ficarei feliz em ser útil – afirmou Hugh, embora estivesse claro para Sarah que não ficaria.

– Não consigo lhe dizer quanto estamos gratas – declarou Honoria. – Principalmente Sarah.

Hugh olhou para Sarah.

Sarah olhou para Hugh. E parecia determinada a deixar claro que, na verdade, não estava grata.

E então ele sorriu, aquele idiota. Aquilo não poderia ser considerado um sorriso no rosto de ninguém, mas Hugh era sempre tão sério que a menor curva nos cantos dos lábios equivalia a pulos de alegria de qualquer outra pessoa.

– Certamente ficarei contentíssima por me sentar ao seu lado e não com o primo Rupert – declarou Sarah.

Contentíssima era exagero, mas Rupert tinha um hálito horrível, e ela evitaria ao menos *isso* ao lado de lorde Hugh.

– Certamente – repetiu lorde Hugh, mantendo na voz a estranha mistura de monotonia e lentidão que fazia Sarah ter vontade de explodir.

Ele estava zombando dela? Ou apenas repetindo uma palavra para enfatizá-la? Não saberia dizer.

Mais uma característica que tornava lorde Hugh o homem mais irritante do reino. Se estivesse sendo ridicularizada, a pessoa não deveria ter o direito de *saber*?

– Não come cebolas cruas com seu chá, come? – perguntou Sarah friamente.

Ele sorriu. Ou talvez não.

– Não.

– Então está tudo certo – disse ela.

– Sarah? – indagou Honoria, hesitante.

Com um sorriso radiante, Sarah se virou para a prima. Nunca se esquecera do momento louco no ano anterior em que conhecera lorde Hugh. Ele havia passado de quente a frio em um piscar de olhos. E, maldição, se ele podia fazer isso, ela também podia.

– Seu casamento será perfeito – garantiu. – Tenho certeza de que lorde Hugh e eu vamos nos dar maravilhosamente bem.

Honoria não acreditou em Sarah nem por um segundo, não que Sarah achasse que acreditaria. A noiva olhou de Sarah para Hugh umas seis vezes no espaço de um segundo.

– Ahhhhh – disse, claramente confusa com o súbito embaraço. – Bem.

Sarah manteve o sorriso no rosto. Por Honoria, tentaria agir de maneira civilizada com Hugh Prentice. Por Honoria, até mesmo sorriria para ele e riria de suas piadas, presumindo que Hugh as fizesse. Mas, ainda assim, como era possível que Honoria não percebesse quanto ela o odiava? Ah, bem, não odiava. Reservaria o ódio para os verdadeiramente maus. Napoleão, por exemplo. Ou a vendedora de flores que tentara enganá-la na semana anterior.

Mas Hugh Prentice era mais do que uma amolação, mais do que irritante. Era a única pessoa (fora suas irmãs) que conseguira enfurecê-la tanto que ela precisara se conter para não o agredir.

Ela nunca havia ficado tão zangada quanto naquela noite...

CAPÍTULO 2

Como eles se conheceram
(do modo como ela se lembra)

Londres, baile comemorativo do noivado do Sr. Charles Dunwoody com a Srta. Nerissa Berbrooke
Dezesseis meses antes

— Você acha o Sr. St. Clair bonito?

Sarah não se deu ao trabalho de se virar para Honoria ao fazer a pergunta. Estava ocupada demais observando o Sr. St. Clair e tentando decidir o que achava dele. Sempre preferira homens com cabelo castanho, mas não tinha tanta certeza de que gostava da cabeleira presa em um rabicho às costas. Isso o fazia lembrar um pirata ou alguém que estava *tentando* parecer um?

Havia uma enorme diferença.

– *Gareth* St. Clair? – perguntou Honoria. – O neto de lady Danbury?

Isso fez Sarah olhar imediatamente para ela.

– Não pode ser! – disse com um suspiro.

– Ah, é. Tenho certeza.

– Bem, isso o tira da minha lista – observou Sarah sem hesitar.

– Sabe, eu admiro lady Danbury – declarou Honoria. – Ela diz exatamente o que pensa.

– Motivo pelo qual nenhuma mulher em seu juízo perfeito desejaria se casar com um membro da família dela. Meu Deus, Honoria, imagine ter que conviver com lady Danbury!

– Você também é conhecida por ser um pouco direta – salientou Honoria.

– Seja como for – disse Sarah –, não sou páreo para lady Danbury.

Ela olhou novamente para o Sr. St. Clair. Pirata ou aspirante a pirata? Achou que isso não importava, agora que sabia do parentesco dele com lady Danbury.

Honoria deu um tapinha no braço de Sarah.

– Dê tempo ao tempo.

Sarah se virou para a prima com um olhar sarcástico.

– Quanto mais? Ela deve ter pelo menos 80 anos.

– Todos nós precisamos de algo a que aspirar – retrucou Honoria.

Sarah não pôde deixar de revirar os olhos.

– Minha vida se tornou tão patética que minhas aspirações devem ser medidas em décadas, em vez de anos?

– Não, é claro que não, mas...

– Mas o quê? – perguntou Sarah, desconfiada, quando a prima não completou o pensamento.

Honoria suspirou.

– Acha que encontraremos um marido este ano?

Sarah não conseguiu formular uma resposta, só exibir um olhar triste.

Honoria assumiu a mesma expressão de tristeza e elas suspiraram em uníssono. Cansadas, esgotadas e pensando em quando aquilo chegaria ao fim.

– Nós somos patéticas – disse Sarah.

– Somos – concordou Honoria.

Elas observaram o salão de baile por mais alguns instantes e então Sarah disse:

– Mas esta noite não estou me importando com isso.

– Com ser patética?

Sarah olhou para a prima com um sorriso descarado.

– Esta noite tenho você.

– E a tristeza adora companhia?

– Engraçado você dizer isso – declarou Sarah, franzindo a testa. – Porque esta noite nem estou triste.

– Nossa, Sarah Pleinsworth – disse Honoria, mal contendo o deboche –, isso pode ser a coisa mais agradável que você já me disse.

Sarah deu uma risadinha, mas ainda assim perguntou:

– Será que seremos solteironas para sempre e vamos tocar na apresentação das Smythe-Smith todos os anos, até quando formos velhas e decrépitas?

Honoria estremeceu.

– Tenho certeza de que essa *não* é a coisa mais agradável que você já me disse. Eu adoro aquela apresentação, mas...

– Não adora nada!

Foi por pouco que Sarah conteve o impulso de cobrir as orelhas com as mãos. Não era possível que alguém adorasse aquilo.

– Eu disse que adorava a apresentação – esclareceu Honoria. – Não a música.

– Por favor, me diga: qual é a diferença? Achei que fosse *morrer*...

– Ah, Sarah – repreendeu-a Honoria. – Não exagere.

– Eu bem que gostaria que fosse exagero.

– Achei muito divertido ensaiar com você, Viola e Marigold. E no ano que vem será ainda melhor. Iris estará conosco tocando violoncelo. Tia Maria me disse que o Sr. Wedgecombe pedirá Marigold em casamento daqui a apenas algumas semanas.

Honoria franziu a testa, pensativa.

– Embora eu não imagine como ela saberia disso – completou.

– Essa não é a questão – disse Sarah com muita seriedade. – E, mesmo que fosse, não vale a humilhação pública. Se você quer passar um tempo com suas primas, convide todas nós para um piquenique. Ou para uma partida de palamalho.

– Não é a mesma coisa.

– Graças a Deus.

Sarah estremeceu, tentando não se lembrar de cada momento de sua estreia no Quarteto Smythe-Smith. Ainda era difícil para ela. Os acordes horríveis, cada um dos olhares de pena...

Era por isso que precisava pensar em *todo* cavalheiro como possível cônjuge. Se tivesse que se apresentar com as primas desafinadas mais uma vez, ela *morreria.*

E isso não era exagero.

– Muito bem – disse Sarah bruscamente, endireitando os ombros para enfatizar o tom. Estava na hora de voltar ao assunto. – O Sr. St. Clair está fora da minha lista. Quem mais está aqui esta noite?

– Ninguém – disse Honoria, melancólica.

– Ninguém? Como isso é possível? E o Sr. Travers? Achava que você e ele... ah.

Sarah engoliu em seco ao ver a expressão desolada no rosto de Honoria.

– Sinto muito. O que aconteceu?

– Não sei. Achava que tudo estava indo bem. E depois... nada.

– Isso é muito estranho – disse Sarah.

O Sr. Travers não teria sido sua primeira escolha para marido, mas ele parecia bastante decidido. Certamente não era do tipo que deixava uma dama sem nenhuma explicação.

– Tem certeza?

– Na *soirée* da Sra. Wemberley, na semana passada, eu sorri para ele e ele fugiu da sala.

– Ah, mas você certamente está imaginando coisas...

– Ele tropeçou em uma mesa ao sair.

– Ah.

Sarah fez uma careta. Não havia como contestar aquilo.

– Sinto muito – disse em solidariedade, e foi sincera.

Por mais que fosse reconfortante ter Honoria ao seu lado como companheira de fracasso no mercado matrimonial, queria muito que a prima fosse feliz.

– Provavelmente foi melhor assim – disse Honoria, sempre otimista. – Temos poucos interesses em comum. Ele de fato é muito musical, e não sei como ele algum dia... Ah!

– O que foi? – perguntou Sarah.

Se elas estivessem mais perto do candelabro, o arquejo de Honoria teria apagado a chama.

– Por que ele está aqui? – sussurrou Honoria.

– Quem? – perguntou Sarah, varrendo o cômodo com os olhos. – O Sr. Travers?

– Não. *Hugh Prentice.*

O corpo de Sarah enrijeceu de raiva.

– Como ele ousa dar as caras? – sibilou ela. – Com certeza sabia que estaríamos presentes.

Mas Honoria estava balançando a cabeça.

– Ele tem todo o direito de estar aqui...

– Não, não tem – interrompeu-a Sarah.

Honoria tendia a ser gentil e indulgente com quem não merecia.

– O que lorde Hugh Prentice precisa é de chibatadas públicas.

– Sarah!

– Caridade cristã tem hora e lugar, e não seria nem aqui nem agora que lorde Hugh Prentice deveria ter a oportunidade de recebê-la.

Os olhos de Sarah se estreitaram, ameaçadores, enquanto a jovem observava o cavalheiro que ela deduzira ser lorde Hugh. Os dois nunca haviam sido formalmente apresentados; o duelo ocorrera antes de Sarah debutar na sociedade e, claro, ninguém ousara apresentá-los depois disso. Ainda assim, ela sabia como ele era.

Incumbira-se de saber.

Só podia ver as costas dele, mas os cabelos eram da cor certa – castanho-claros. Ou talvez louro-escuros, dependendo da disposição do observador. Não dava para ver se estava de bengala. Estaria andando melhor? Na última vez que Sarah o espionara, vários meses antes, ele mancava bastante.

– Ele é amigo do Sr. Dunwoody – disse Honoria, a voz ainda baixa e fraca. – Ia querer vir cumprimentá-lo.

– Não me importa se ele quiser dar ao feliz casal sua própria ilha particular na Índia – disse Sarah com desprezo. – *Vocês* também são amigos do Sr. Dunwoody. Conhecem-no há anos. Certamente lorde Hugh sabe disso.

– Sim, mas...

– Não arranje desculpas para ele. Não ligo para o que lorde Hugh pensa de Daniel...

– Bem, eu ligo. Ligo para o que todos pensam de Daniel.

– A questão não é essa – resmungou Sarah. – *Vocês* são inocentes de qualquer delito e *foram* injustiçados além da conta. Se lorde Hugh tivesse um pingo de decência, ficaria fora de qualquer evento em que houvesse ao menos uma chance de vocês estarem presentes.

– Tem razão – disse Honoria e fechou os olhos por um instante, parecendo insuportavelmente cansada. – Mas neste momento não ligo. Só quero ir embora. Vou para casa.

Sarah continuou encarando o sujeito, ou pelo menos as costas dele.

– Ele não deveria estar aqui – disse ela, mais para si mesma. E então deu um passo para a frente. – Eu vou...

– Não ouse – alertou Honoria, trazendo-a de volta com um rápido puxão no braço. – Se fizer uma cena...

– Eu nunca faria uma cena.

Mas claro que ambas sabiam que ela faria. Por Hugh Prentice, ou melhor, *por causa* de Hugh Prentice, Sarah faria uma cena que se tornaria lendária.

Dois anos antes, Hugh Prentice destroçara sua família. A ausência de Daniel ainda era um vazio nas reuniões familiares. Não se podia nem mesmo mencionar seu nome na frente da mãe dele. Tia Virginia simplesmente fingia que não o ouvira e, depois (segundo Honoria), se trancava no quarto e chorava.

O resto da família também não ficara incólume. O escândalo que se seguira ao duelo fora tão grande que tanto Honoria quanto Sarah se viram forçadas a renunciar ao que teria sido sua primeira temporada em Londres. Não escapou a Sarah (ou a Honoria, porque Sarah o salientou, repetiu, enfureceu-se e depois desabou na cama, desesperada) que a temporada de 1821 fora excepcionalmente produtiva para as mães casamenteiras de Londres. Quatorze bons partidos ficaram noivos naquela temporada. Quatorze! E isso sem contar os que eram mais velhos, estranhos ou gostavam muito de beber.

Quem sabia o que poderia ter acontecido se Sarah e Honoria tivessem circulado pela cidade durante aquela temporada de casamentos espetacular? Podiam chamá-la de superficial, mas, no entendimento de Sarah, Hugh Prentice era o responsável direto por elas estarem se tornando tão rapidamente candidatas a solteironas.

Sarah nunca fora apresentada a lorde Hugh, mas o odiava.

– Sinto muito – disse Honoria abruptamente. Sua voz ficou presa na garganta, e ela pareceu estar contendo um soluço. – Tenho que ir embora. Agora. E precisamos encontrar minha mãe. Se ela o vir...

Tia Virginia. O coração de Sarah deu um pulo. Ela ficaria arrasada. A mãe de Honoria nunca havia se recuperado da desgraça de seu único filho. Ficar cara a cara com o homem que causara aquilo tudo...

Sarah agarrou a mão da prima.

– Venha comigo – encorajou-a. – Vou ajudá-la a encontrar sua mãe.

Honoria assentiu levemente com a cabeça, deixando-se conduzir por Sarah. Elas serpentearam pela multidão, tentando ao mesmo tempo ser velozes e discretas. Sarah não queria que a prima se visse forçada a falar com Hugh Prentice, mas preferia morrer a permitir que alguém pensasse que estavam fugindo da presença dele.

Isso significava que *ela* teria que ficar. Talvez até mesmo falar com ele. Salvar as aparências em prol de toda a família.

– Lá está ela – disse Honoria quando as duas se aproximaram das portas do salão de baile. Lady Winstead estava em pé com um pequeno grupo de matronas, conversando amigavelmente com a Sra. Dunwoody, a anfitriã.

– Ela não deve tê-lo visto – sussurrou Sarah.

Caso contrário não estaria sorrindo.

– O que devo fingir? – perguntou Honoria.

– Fadiga – disse Sarah imediatamente.

Ninguém duvidaria disso. Honoria havia empalidecido ao avistar Hugh Prentice, o que lhe ressaltara as manchas cinzentas sob os olhos.

Honoria fez um rápido aceno com a cabeça e seguiu até a mãe, puxando-a educadamente para o lado antes de lhe sussurrar algumas palavras ao ouvido. Sarah as viu pedir licença e deslizar na direção da porta, para a fila de espera de carruagens.

Sarah deixou escapar um suspiro contido, aliviada por sua tia e sua prima não terem que entrar em contato com lorde Hugh. Mas parecia que todo arco-íris tinha um lado obscuro, e a partida de Honoria significava que Sarah ficaria presa ali por pelo menos uma hora. Não demoraria muito para os fofoqueiros perceberem que lorde Hugh Prentice estava no mesmo salão que uma Smythe-Smyth. Primeiro haveria olhares, depois sussurros e, então, todos ficariam observando para ver se eles cruzariam caminhos, se trocariam alguma palavra e, até mesmo se não o fizessem, qual dos dois iria embora da festa primeiro.

Sarah julgou que precisava permanecer no salão de baile de Dunwoody por pelo menos uma hora, até que não importasse mais quem iria embora primeiro. Mas antes tinha que ser vista divertindo-se muito, o que significava que não poderia ficar sozinha no canto do salão. Precisava encontrar uma amiga com quem conversar, alguém com quem dançar e sorrir como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

E tinha que fazer tudo isso deixando bem claro que sabia que lorde Hugh Prentice havia chegado e que o ignorava totalmente.

Manter as aparências podia ser exaustivo.

Felizmente, segundos após voltar ao salão, ela avistou seu primo Arthur. Ele era bastante enfadonho, mas muito bonito e sempre parecia atrair atenção. O mais importante era que, se Sarah o puxasse pela manga

e dissesse que precisava que dançasse com ela imediatamente, Arthur o faria sem perguntas.

Quando terminou de dançar com Arthur, ela o guiou na direção de um dos amigos dele, que não teve opção além de pedir que Sarah o acompanhasse no minueto seguinte. Antes que percebesse, ela havia dançado quatro vezes em rápida sucessão, três delas com homens do tipo que fazia uma jovem parecer muito popular. O quarto foi sir Felix Farnsworth, que infelizmente não atendia a esse requisito.

Mas àquela altura Sarah estava se tornando o tipo de jovem dama que fazia um *cavalheiro* parecer popular, e ela ficou feliz em emprestar certo brilho a sir Felix, de quem sempre gostara, apesar do lastimável interesse dele por taxidermia.

Sarah não viu lorde Hugh, mas tinha certeza de que ele não teria deixado de *vê-la.* Quando terminou de beber um copo de limonada com sir Felix, decidiu que já havia se mostrado o suficiente, embora não se tivesse passado nem uma hora desde que Honoria saíra.

Vejamos, se cada dança durou uns cinco minutos, com um pouco de tempo de intervalo, mais a breve conversa com Arthur e dois copos de limonada...

Certamente isso equivalia a um nome de família protegido. Pelo menos por uma noite.

– Mais uma vez, obrigada pela dança adorável, sir Felix – disse Sarah. – Desejo-lhe muita sorte com aquele abutre.

– Sim, é muito divertido empalhá-los – respondeu ele, assentindo animadamente com a cabeça. – Tudo tem a ver com o bico, sabe?

– O bico – repetiu ela. – Entendi.

– Então está indo embora? – perguntou ele. – Eu esperava lhe falar sobre meu novo projeto. A víbora.

Sarah sentiu seus lábios se moverem em uma tentativa de formar uma frase. Contudo, quando falou, tudo o que saiu foi:

– Minha mãe.

– Sua mãe é uma víbora?

– Não! Quero dizer, não em geral.

Ah, céus, ainda bem que sir Felix não era fofoqueiro, porque se aquilo chegasse aos ouvidos de sua mãe...

– O que eu quis dizer é que ela não é uma víbora. Nunca. Mas preciso encontrá-la. Ela me disse que queria ir embora antes... de... bem... agora.

– São quase onze – ajudou-a sir Felix.

Ela concordou enfaticamente com a cabeça.

– Isso mesmo.

Sarah se despediu, deixando sir Felix com o primo Arthur, que, se não estava interessado em víboras, pelo menos fingiu estar. Então a jovem saiu em busca da mãe para avisá-la de que queria ir embora antes do planejado. Sua família não morava longe dos Dunwoodys; se lady Pleinsworth não estivesse pronta para ir, não seria difícil a carruagem da família levar Sarah para casa e depois voltar para pegar sua mãe.

No entanto, cinco minutos de busca não revelaram o paradeiro de lady Pleinsworth, e logo Sarah estava resmungando para si mesma enquanto seguia pelo corredor até onde achava que os Dunwoodys tinham uma sala de jogos:

– Se mamãe estiver jogando cartas...

Não que lady Pleinsworth não pudesse se dar ao luxo de perder 1 ou 2 guinéus em qualquer que fosse o jogo de que as matronas gostavam, mas ainda assim parecia injusto ela estar jogando enquanto Sarah tentava salvar a família do constrangimento.

Causado por seu primo, quando *ele* estivera jogando.

– Ah, ironia – murmurou Sarah. – Teu nome é...

Teu nome era...

Teu nome podia ser...

Sarah parou de falar, franzindo a testa. Aparentemente o nome da ironia era uma palavra em que não conseguia pensar.

– Eu *sou* patética – disse em voz baixa, retomando sua busca.

Ela só queria ir para casa. Onde diabos estava sua mãe?

Uma luz suave saía por uma porta entreaberta apenas alguns metros à frente. O local estava bastante silencioso para um jogo de cartas, mas, por outro lado, a porta entreaberta parecia indicar que não seria *tão* inadequado ela entrar.

– Mãe – disse Sarah, entrando na sala.

Mas não era sua mãe.

Pelo visto o novo nome da ironia era Hugh Prentice.

Sarah ficou paralisada na porta, incapaz de fazer outra coisa além de olhar para o homem sentado perto da janela. Mais tarde, ao se lembrar de cada terrível momento daquele encontro, ocorreria a ela que poderia ter

ido embora. Ele não estava de frente, não a vira; não a veria a menos que ela falasse de novo.

O que, é claro, ela fez.

– Espero que esteja satisfeito – disse Sarah friamente.

Lorde Hugh se levantou ao ouvir a voz dela. Seus movimentos eram rígidos, e ele se apoiou pesadamente no braço da cadeira ao se erguer.

– Perdão? – disse educadamente, lançando-lhe um olhar sem emoção.

Ele nem mesmo tinha a decência de parecer desconfortável na presença dela? Sarah sentiu os punhos se cerrarem.

– Não tem vergonha?

Isso provocou um piscar de olhos, mas nada além disso.

– Na verdade, depende da situação – murmurou ele finalmente.

Sarah procurou exclamações adequadas de indignação feminina em seu repertório, até que por fim observou:

– O senhor não é um cavalheiro.

Isso a fez obter toda a atenção de Hugh. Os olhos verdes dele encontraram os dela, estreitando-se levemente enquanto ele refletia, e foi então que Sarah percebeu...

Ele não sabia quem ela era.

Sarah ficou boquiaberta.

– E então...? – murmurou Hugh.

Ele não sabia quem ela era. Tinha arruinado a vida dela e nem sabia quem ela era?

Ironia, teu nome estava prestes a ser amaldiçoado.

CAPÍTULO 3

Como eles se conheceram
(do modo como ele se lembra)

Pensando naquele dia, Hugh imaginou que deveria ter percebido que a jovem em pé na sua frente estava perturbada quando disse que ele não era um cavalheiro. Não que isso não fosse verdade; por mais que tentasse se comportar como um adulto civilizado, Hugh sabia que sua alma era maculada havia anos.

Mas "O senhor não é um cavalheiro" dito depois de "Espero que esteja satisfeito" e "Não tem vergonha?"...

Certamente nenhum adulto de razoável inteligência e sanidade seria tão redundante. Para não dizer banal. Ou a pobre mulher passara tempo de mais no teatro ou estava convencida de que era alguma personagem daqueles melodramas horríveis que todos andavam lendo.

Hugh teve vontade de dar meia-volta e partir, mas, a julgar pelo olhar furioso da jovem, ela provavelmente o seguiria, e ele não era a mais rápida raposa em fuga nos últimos tempos. Era melhor lidar com o problema de frente, por assim dizer.

– Está se sentindo mal? – perguntou com cautela. – Gostaria que eu fosse buscar alguém?

Ela gaguejou, irada. Suas bochechas foram ficando tão vermelhas que ele pôde ver a cor se intensificando mesmo à luz fraca dos candelabros.

– Seu, seu...

Ele deu um passo discreto para trás. Não achou que ela estivesse literalmente cuspindo as palavras, mas, do modo como a jovem contraía os lábios, todo cuidado era pouco.

– Talvez deva se sentar – sugeriu Hugh.

Apontou para um canapé próximo, torcendo para que ela não esperasse a ajuda dele para chegar lá. Seu equilíbrio não era o mesmo de antes.

– Quatorze homens – sibilou ela.

Hugh não tinha a menor ideia de sobre o que ela estava falando.

– Sabia disso? – perguntou Sarah, e ele percebeu que a jovem estava tremendo. – Quatorze.

Hugh pigarreou.

– E apenas um de mim – acrescentou ele.

Houve um momento de silêncio. De abençoado silêncio. Então Sarah indagou:

– Não sabe quem eu sou, sabe?

Hugh a encarou com mais atenção. Ela parecia um tanto familiar, embora isso não significasse nada. Ele não se socializava com muita frequência, mas não havia tantas pessoas na alta sociedade e, no fim, elas não eram tão diferentes.

Se ele tivesse permanecido no baile por mais do que alguns instantes, poderia ter deduzido quem ela era, mas saíra do salão quase tão rápido quanto chegara. Charles Dunwoody tinha empalidecido quando Hugh o felicitara, fazendo com que este último se perguntasse se perdera seu último amigo em Londres. Depois, porém, Charles o puxara para um canto e lhe informara que a mãe e a irmã de Daniel Smythe-Smith estavam presentes.

Charles não lhe pedira para sair, mas ambos sabiam que não seria preciso. Hugh imediatamente havia feito uma mesura e se retirado. Já causara dor suficiente àquelas duas mulheres. Permanecer no baile teria sido nada menos que maldoso.

Sobretudo porque ele não poderia dançar bem.

Mas sua perna doera e ele não estava disposto a passar pela fila de carruagens lá fora para conseguir uma de aluguel, pelo menos não naquele momento. Então tinha ido para uma sala tranquila, onde esperara se sentar e descansar na solidão.

Ou não.

A mulher que invadira seu refúgio ainda estava em pé do lado da porta com uma fúria tão palpável que Hugh quase se preparou para reexaminar suas crenças sobre a possibilidade de combustão espontânea de uma pessoa.

– O senhor arruinou a minha vida – sibilou ela.

Isso ele sabia que não era verdade. Tinha arruinado a vida de Daniel Smythe-Smith e, por extensão, possivelmente a da irmã mais nova dele, que ainda era solteira, mas a morena na sua frente não era Honoria Smythe-Smith. Lady Honoria tinha cabelos muito mais claros e um rosto nem de longe tão expressivo, embora a emoção profunda na mulher diante dele pudesse facilmente ser causada por insanidade. Ou, agora que pensava melhor no assunto, bebida.

Sim, isso era muito mais provável. Hugh não sabia quantas taças de licor seriam necessárias para uma mulher de cerca de 60 quilos se embebedar, mas era óbvio que a jovem tinha conseguido tomá-las.

– Lamento tê-la perturbado – disse –, mas acho que me confundiu com outra pessoa. – Então acrescentou, não porque quisesse, mas porque foi obrigado, já que a mulher bloqueava o corredor e claramente precisava ser persuadida a liberar a passagem: – Se eu puder ajudá-la em mais alguma coisa...

– Pode, sim. Desaparecendo de Londres – disparou ela.

Ele tentou não gemer. Aquilo estava ficando tedioso.

– Ou do mundo – disse ela venenosamente.

– Ah, pelo amor de Deus – protestou ele.

Fosse quem fosse, aquela mulher já tinha sacrificado seu direito de obrigá-lo a falar como um cavalheiro.

– *Por favor* – ele fez uma mesura, com habilidade e sarcasmo –, permita que eu me mate, atendendo ao seu afável pedido, ó mulher sem nome cuja vida eu arruinei.

Sarah ficou boquiaberta. Ótimo. Estava sem fala.

Finalmente.

– Eu ficarei feliz em atender ao seu pedido – continuou Hugh –, quando sair do meu CAMINHO.

A voz dele se tornou um rugido, ou melhor, a versão de Hugh de um rugido, que era mais como um rosnado malévolo. Então ele brandiu a bengala no espaço vazio à esquerda de Sarah, esperando que isso fosse suficiente para convencê-la a dar um passo para o lado.

Ela arquejou, mas se manteve boquiaberta, como se estivesse assistindo a uma peça chocante em Drury Lane.

– Está me atacando?

– Ainda não – murmurou ele.

– Porque eu não ficaria surpresa se tentasse – rosnou Sarah.

– Nem eu.

Ela arquejou de novo, desta vez com mais suavidade, tentando manter seu papel de dama ofendida.

– O senhor não é um cavalheiro.

– Disso já sabemos – retrucou Hugh. – E agora estou com fome, cansado e quero ir para casa. No entanto, a senhorita está bloqueando minha única saída.

Ela cruzou os braços e fechou ainda mais a passagem.

Hugh inclinou a cabeça e pensou na situação.

– Parece que temos duas escolhas – disse finalmente. – A senhorita pode se mover ou posso empurrá-la para fora do caminho.

A cabeça dela pendeu para o lado no que só poderia ser descrito como uma provocação.

– Gostaria de vê-lo tentar.

– Lembre-se de que não sou um cavalheiro.

Ela abriu um sorriso afetado.

– Mas eu tenho duas pernas boas.

Ele deu um tapinha na bengala com certa afeição.

– Eu tenho uma arma.

– Que eu sou rápida o suficiente para evitar.

Ele sorriu entediado.

– Ah, mas quando se mover não haverá mais nenhuma obstrução – observou, então girou no ar a mão livre. – Aí poderei seguir meu caminho e, se há um Deus no céu, nunca mais voltarei a vê-la.

Sarah não saiu exatamente do caminho, mas pareceu se inclinar um pouco para o lado. Hugh aproveitou a oportunidade para usar a bengala como barreira e passar pela mulher. Ele saiu e deveria ter continuado a andar, mas então ela gritou:

– Sei exatamente quem o senhor é, lorde Hugh Prentice.

Ele parou. Expirou lentamente. Mas não se virou.

– Sou lady Sarah Pleinsworth – anunciou ela, e não pela primeira vez Hugh desejou saber interpretar melhor vozes femininas.

Havia algo no tom dela que ele não entendeu muito bem, uma pequena pausa, como se a garganta tivesse se fechado por apenas um milésimo de segundo.

Hugh não sabia o que isso significava.

Mas sabia – e certamente não precisava ver o rosto da mulher para saber – que ela esperava que ele reconhecesse o nome. E, por mais que não quisesse, ele reconheceu.

Lady Sarah Pleinsworth, prima em primeiro grau de Daniel Smythe-Smith. De acordo com Charles Dunwoody, ela verbalizara muito bem sua fúria pelo resultado do duelo. Mais do que a mãe e a irmã de Daniel, que, na opinião de Hugh, tinham um motivo muito maior para sentir raiva.

Hugh se virou. Lady Sarah estava em pé a apenas alguns metros de distância, com uma postura rígida e furiosa. Estava com as mãos fechadas ao lado do corpo e o queixo projetado para a frente, de um modo que lembrava uma criança zangada teimando em um argumento absurdo e determinada a defendê-lo.

– Lady Sarah – disse ele com toda a devida cortesia.

Ela era prima de Daniel e, apesar do que acontecera nos últimos minutos, Hugh estava decidido a tratá-la com respeito.

– Não fomos formalmente apresentados.

– Não precisamos...

– Mas, ainda assim – interrompeu ele antes de ela fazer outra proclamação melodramática –, sei quem a senhorita é.

– Não é o que parece – murmurou ela.

– É prima de lorde Winstead – afirmou ele. – Conheço seu nome, se não seu rosto.

Sarah assentiu, seu primeiro gesto que indicava civilidade. A voz também estava levemente mais calma quando ela falou de novo. Mas apenas levemente.

– O senhor não deveria ter vindo esta noite.

Hugh demorou alguns instantes para voltar a falar.

– Conheço Charles Dunwoody há mais de uma década. Queria felicitá-lo por seu noivado – explicou-se.

Isso não pareceu impressioná-la.

– Sua presença foi muito aflitiva para minha tia e minha prima.

– Sinto muito.

Realmente sentia e estava fazendo tudo ao seu alcance para consertar as coisas. Mas não podia contar isso para os Smythe-Smiths enquanto não tivesse sucesso. Seria cruel alimentar as esperanças da família de Daniel. E, mais precisamente, imaginava que não seria recebido se lhes fizesse uma visita.

– O senhor sente muito? – disse Sarah de um jeito irônico. – Acho difícil acreditar nisso.

Mais uma vez ele não respondeu de imediato. Não gostava de reagir a provocações com uma explosão. Nunca havia gostado, o que tornava seu comportamento com Daniel mais incômodo. Se não tivesse bebido, teria se portado de maneira racional e nada daquilo teria acontecido. Decerto não estaria ali, em um canto escuro da casa dos pais de Charles Dunwoody, na companhia de uma mulher que obviamente o procurara com o único objetivo de insultá-lo.

– Acredite no que quiser – disse por fim.

Não devia explicações a ela.

Por um momento nenhum dos dois falou, e então lady Sarah informou:

– Caso queira saber, elas foram embora.

Ele inclinou a cabeça, sem entender.

– Tia Virginia e Honoria. Foram embora assim que souberam que o senhor estava aqui.

Hugh não compreendeu qual a intenção dela ao fazer aquela revelação. Era para que ele se sentisse culpado? Elas queriam ter continuado na festa? Ou isso era mais um insulto? Talvez lady Sarah estivesse tentando lhe dizer que ele era tão asqueroso que elas não podiam tolerar sua presença.

Na dúvida, não disse nada. Não queria dar uma resposta errada, mas então algo surgiu em sua mente. Uma espécie de quebra-cabeça. Nada mais do que uma pergunta não respondida, mas tão estranho e sem propósito que ele tinha que saber a resposta. Por isso perguntou:

– O que quis dizer antes, com quatorze homens?

Os lábios de lady Sarah se estreitaram em uma linha raivosa. Bem, mais raivosa, se isso era possível.

– Quando me viu – lembrou-a Hugh, embora ele achasse que ela sabia exatamente do que estava falando –, disse algo sobre quatorze homens.

– Não foi nada – respondeu Sarah com desdém, mas seus olhos se moveram um pouquinho para a direita.

Estava mentindo. Ou envergonhada. Provavelmente, ambos.

– Quatorze não é nada.

Hugh sabia que estava sendo pedante, mas ela já havia testado sua paciência de todos os modos, *exceto* o matemático. Ora, $14 \neq 0$, porém, mais exatamente, por que as pessoas mencionavam coisas se não queriam

falar sobre elas? Se ela não quisesse explicar o comentário, poderia tê-lo guardado para si.

Sarah já não parecia querer mantê-lo ali.

– Por favor, vá – disse.

Hugh não se moveu. Ela havia despertado sua curiosidade. E havia poucas pessoas no mundo mais tenazes do que Hugh Prentice diante de uma pergunta não respondida.

– O senhor passou a última hora ordenando que eu saísse do seu caminho – disse Sarah com irritação.

– Cinco minutos – corrigiu-a Hugh. – E, embora eu esteja ansiando pela paz do meu lar, estou curioso sobre seus quatorze homens.

– Não são *meus* quatorze homens – disparou Sarah.

– Espero que não – murmurou ele e acrescentou: – Não que eu fosse julgá-la.

Sarah ficou boquiaberta.

– Fale-me sobre os quatorze homens – encorajou-a Hugh.

– Já falei – insistiu ela, com as bochechas adquirindo um tom agradável de rosa. – Não foi nada.

– Mas estou curioso. Quatorze homens para o jantar? Para o chá? São muitos para um time de críquete, mas...

– Pare! – explodiu ela.

Ele parou. Até mesmo arqueou uma sobrancelha.

– Se quer saber – disse Sarah, a voz cheia de fúria –, quatorze homens ficaram noivos na temporada de 1821.

Houve uma pausa muito longa. Hugh não era burro, mas não tinha a menor ideia da relevância daquela informação.

– Todos os quatorze se casaram? – perguntou polidamente.

Sarah olhou para ele.

– A senhorita disse que quatorze ficaram noivos.

– Isso não importa.

– Imagino que importe para eles.

Hugh achava que o drama havia acabado, mas lady Sarah deixou escapar um gemido de frustração.

– O senhor não entende nada!

– Ah, pelo amor de...

– Não tem a menor ideia do que fez? – indagou ela. – Enquanto está sentado em sua confortável e aconchegante casa em Londres...

– Cale a boca – disse ele, sem perceber que falara em voz alta.

Só queria que ela parasse. Parasse de falar, parasse de discutir, parasse com tudo.

Mas, em vez disso, Sarah deu um passo para a frente e, com um olhar venenoso, perguntou:

– Sabe quantas vidas arruinou?

Hugh tomou fôlego. Ar, precisava de ar. Não queria ouvir aquilo. Não dela. Sabia muito bem quantas vidas arruinara, e a de Sarah não fora uma delas.

Mas ela não dava trégua.

– Não tem consciência? – sibilou.

E finalmente ele perdeu o controle. Sem pensar na sua perna, deu um passo adiante até ficarem juntos o suficiente para ela sentir o calor de sua respiração. Encostou-a na parede, prendendo-a com nada além de sua furiosa presença.

– Não me conhece – esbravejou. – Não sabe o que penso ou sinto, ou o inferno por que passo todos os dias da minha vida. E, da próxima vez que se sentir tão prejudicada, a senhorita, que nem mesmo carrega o sobrenome de lorde Winstead, deveria se lembrar de que uma das vidas que arruinei foi a minha própria.

E então se afastou.

– Boa noite – cumprimentou, animado como um dia de verão.

Por um momento achou que finalmente tinham acabado, mas então ela disse a única coisa que poderia redimi-la.

– Eles são minha família.

Hugh fechou os olhos.

– Eles são minha família – repetiu ela com a voz embargada. – E o senhor os levou ao desespero. Nunca irei perdoá-lo por isso.

– Eu... – murmurou ele, apenas para si mesmo – também não.

CAPÍTULO 4

De volta a Fensmore
Na sala de estar com Honoria, Sarah, Harriet, Elizabeth, Frances e lorde Hugh
Bem onde paramos...

Haver um instante de silêncio quando as primas Smythe-Smiths estavam juntas era algo raro, mas foi exatamente o que aconteceu depois que lorde Hugh fez uma mesura e saiu da sala de estar.

As cinco – as quatro irmãs Pleinsworths mais Honoria – permaneceram mudas por alguns segundos, entreolhando-se, esperando decorrer um tempo adequado.

Quase era possível ouvi-las contando, pensou Sarah. E de fato, assim que contou mentalmente até dez, Elizabeth anunciou:

– Bem, *isso* não foi muito sutil.

Honoria se virou.

– O que quer dizer?

– Está tentando casar Sarah com lorde Hugh, não está?

– É claro que não! – exclamou Honoria, mas o uivo de negação de Sarah foi consideravelmente mais alto.

– Ah, mas deveria! – disse Frances, com um alegre bater de palmas. – Gosto muito de lorde Hugh. É verdade que ele pode ser um pouco excêntrico, mas é muito inteligente. E um ótimo atirador.

Todos os olhares se voltaram para ela.

– Ele atirou no ombro do primo Daniel – lembrou-lhe Sarah.

– Ele é um ótimo atirador quando está sóbrio – esclareceu Frances. – Daniel disse isso.

– Não posso imaginar a conversa que revelou esse fato – disse Honoria. – E nem quero, tão perto do casamento.

Ela se virou para Sarah.

– Tenho um pedido a lhe fazer – anunciou.

– Por favor, diga que não envolve Hugh Prentice.

– Envolve – afirmou Honoria. – Preciso da sua ajuda.

Sarah suspirou ostensivamente. Teria que fazer o que Honoria pedisse. Ambas sabiam disso. Contudo, mesmo sendo obrigada a se render sem lutar, Sarah não deixaria de se queixar.

– Fico muito preocupada com a hipótese de ele não se sentir bem-vindo em Fensmore – declarou Honoria.

Sarah não conseguiu achar nenhum problema nisso. Se Hugh Prentice não se sentia bem-vindo, isso não era problema seu e também não era nada além do que ele merecia. Mas ela era capaz de ser diplomática quando a ocasião o exigia, por isso observou apenas:

– Acho provável que ele se isole. Não é muito amigável.

– Acho mais provável que ele seja tímido – disse Honoria.

Harriet, ainda sentada à escrivaninha, suspirou de prazer.

– Um herói taciturno. O melhor tipo! Vou incluí-lo em minha peça!

– Aquela do unicórnio? – perguntou Frances.

– Não, aquela em que pensei hoje de manhã.

Harriet apontou a ponta da pena com que escrevia para Sarah.

– Da heroína que não é nem muito rosa nem muito verde – contou.

– Ele atirou no seu primo – disse Sarah, virando-se bruscamente para encarar a irmã mais nova. – *Ninguém* se lembra disso?

– Foi há muito tempo – observou Harriet.

– E acho que ele está arrependido – declarou Frances.

– Frances, você tem 11 anos – disse Sarah rispidamente. – Não é capaz de julgar o caráter de um homem.

Frances estreitou os olhos.

– Sou capaz de julgar o *seu.*

Sarah olhou para cada irmã e depois para Honoria. Ninguém percebia que pessoa horrível era lorde Hugh? Mesmo se esquecendo por um momento (como se isso fosse possível) de que lorde Hugh quase destruíra sua família, ele era repulsivo. Bastava falar com o sujeito por dois minutos para...

– Ele me parece desconfortável nos eventos sociais – ressaltou Honoria, interrompendo o monólogo interior de Sarah. – O que é mais um

motivo para nos esforçarmos ao máximo para que se sinta bem-vindo. – Eu...

Honoria parou, olhou ao redor da sala e viu Harriet, Elizabeth e Frances observando-a com grande e visível interesse.

– Por favor, me deem licença.

Ela pegou o braço de Sarah e a conduziu para fora do recinto, passando pelo corredor até outra sala de estar.

– Preciso ser babá de Hugh Prentice? – perguntou Sarah quando Honoria fechou a porta.

– É claro que não. Mas estou lhe pedindo para fazer com que ele se sinta parte das festividades. Talvez hoje à noite, na sala de estar, antes do jantar – sugeriu Honoria.

Sarah gemeu.

– É provável que ele fique em um canto, sozinho.

– Talvez ele goste disso – retrucou Sarah.

– Você é muito boa em conversar com as pessoas – disse Honoria. – Sempre sabe o que dizer.

– Não para ele.

– Você nem o conhece. Como isso poderia ser tão terrível?

– É claro que o conheço. Acho que não há ninguém em Londres que eu não conheça.

Sarah pensou a esse respeito e depois murmurou:

– Embora isso pareça patético.

– Eu não disse que você nunca esteve com ele, disse que não o *conhece* – corrigiu-a Honoria. – Há uma boa diferença.

– Muito bem – disse Sarah com certa relutância. – Se você quer discutir minúcias...

Honoria apenas inclinou a cabeça, forçando Sarah a continuar falando.

– Eu não o *conheço*, mas não gosto do que sei a respeito dele. Eu *tentei* ser amável nesses últimos meses.

Honoria a encarou com descrença.

– Tentei! – protestou Sarah. – Não diria que tentei muito, mas devo lhe dizer, Honoria, que o homem não é um interlocutor brilhante.

Honoria pareceu prestes a rir, o que aumentou a irritação de Sarah.

– Eu tentei conversar com ele – insistiu Sarah –, porque é isso que se espera que as pessoas façam em eventos sociais. Mas ele nunca responde como deveria.

– Como deveria? – repetiu Honoria.

– Ele me deixa desconfortável – disse Sarah, torcendo o nariz. – E estou convencida de que não gosta de mim.

– Não seja boba – rebateu Honoria. – Todos gostam de você.

– Não – contrapôs Sarah com muita franqueza –, todos gostam de *você*. Eu, por outro lado, não tenho seu coração bom e puro.

– Do que está falando?

– Só que, enquanto você procura o melhor em cada um, eu tenho uma visão mais cética do mundo. E... – Ela fez uma pausa. Como dizer aquilo? – Há pessoas que me acham muito irritante.

– Não é verdade – contestou Honoria.

Mas foi uma resposta automática. Sarah estava certa de que, se tivesse mais tempo para pensar, Honoria perceberia que aquilo era verdade.

De um jeito ou de outro, porém, ela iria dizer a mesma coisa. Honoria era maravilhosamente leal.

– Sim, é verdade – continuou Sarah –, mas isso não me incomoda. Bem, pelo menos não muito. Certamente não me incomoda em relação a lorde Hugh, porque meu sentimento é recíproco.

Honoria parou por um instante para assimilar aquelas palavras, depois revirou os olhos. Não muito, mas Sarah a conhecia bem demais para deixar de perceber o movimento. Era o mais perto que sua prima bondosa e gentil chegava de um ataque histérico.

– Acho que você deveria lhe dar uma chance – sugeriu Honoria. – Nunca teve uma conversa decente com ele.

Não houve nada de razoável naquela conversa, pensou Sarah sombriamente. Eles quase tinham se estapeado. E ela certamente não sabia o que dizer a ele. Sentia-se mal sempre que se lembrava do encontro deles na festa de noivado dos Dunwoodys. Ela não fizera nada além de proferir clichês. Só faltou ter batido com os pés. Ele provavelmente a considerava uma imbecil, e a verdade era que ela própria achava que agira como tal.

Não que se importasse com o que ele pensava a seu respeito. Isso seria dar valor demais à opinião dele. Mas, naquele terrível momento na biblioteca dos Dunwoodys – e nas breves palavras que eles tinham trocado desde então –, Hugh Prentice a reduzira a alguém que ela não apreciava muito.

E *isso* era imperdoável.

– Não cabe a mim dizer com quem você se relacionará bem – prosseguiu Honoria, depois que ficou claro que Sarah não faria comentários. – Mas tenho certeza de que poderá encontrar forças para suportar a companhia de lorde Hugh por um dia.

– Você está sendo sarcástica – comentou Sarah, desconfiada. – Como foi que isso aconteceu?

Honoria sorriu.

– Eu sabia que podia contar com você.

– De fato.

– Ele não é tão terrível – disse Honoria, dando-lhe um tapinha no braço. – Acho que na verdade é muito bonito.

– Não importa que seja bonito.

Honoria não deixou isso escapar.

– Então *você* o acha bonito.

– Eu o acho muito estranho – retrucou Sarah. – E se você está tentando bancar a casamenteira...

– Não estou! – garantiu Honoria, erguendo os braços para fingir rendição. – Eu juro. Só estava fazendo uma observação. Acho os olhos dele muito bonitos.

– Eu gostaria mais dele se ele tivesse um sexto dedo – murmurou Sarah.

Talvez ela *devesse* escrever um livro.

– Um... *o quê*?

– Sim, ele tem olhos muito bonitos – emendou Sarah, com rapidez.

Isso era verdade, supôs. Ele tinha olhos lindos, verdes como a grama, penetrantes e inteligentes. Mas olhos bonitos não bastavam para que alguém fosse um bom marido. E não, ela não olhava para cada homem solteiro pensando em casamento – bem, não tanto, e certamente não para *ele* –, mas estava claro que, apesar dos protestos de Sarah, Honoria estava levando os pensamentos dela nessa direção.

– Vou fazer isso por você – prosseguiu Sarah –, porque sabe que eu faria qualquer coisa por você. O que significa que me atiraria na frente de uma carruagem em movimento se fosse preciso.

Ela fez uma pausa, dando tempo a Honoria para assimilar a declaração antes de continuar, com um amplo movimento de braço:

– E, se eu seria capaz de fazer isso, não há nenhum motivo para não concordar com uma atividade que não exige que eu tire minha vida.

Honoria a encarou sem entendê-la.

– Como me sentar ao lado de lorde Hugh Prentice no café da manhã do seu casamento.

Honoria demorou um segundo para absorver as palavras.

– Muito... muito lógico.

– E, a propósito, terei que suportar a companhia dele por dois dias, não um.

Ela torceu o nariz.

– Só para ficar claro.

Honoria sorriu graciosamente.

– Então vai entreter lorde Hugh esta noite, antes do jantar?

– Entreter – repetiu Sarah, com sarcasmo. – Devo dançar? Porque tocar piano você sabe que não vou.

Honoria riu enquanto se dirigia à porta.

– Apenas seja encantadora como sempre – disse ela, voltando o rosto para dentro da sala por um último segundo. – Ele vai amar você.

– Deus me livre.

– Deus trabalha de modos estranhos...

– Não tão estranhos.

– Quem desdenha...

– *Não* diga isso – interrompeu-a Sarah.

Honoria ergueu as sobrancelhas e Sarah atirou uma almofada nela.

Mas errou o alvo.

Mais tarde naquele dia

Chatteris havia programado uma competição de tiro ao alvo para aquela tarde. Como esse era um dos poucos esportes dos quais ainda podia participar, Hugh decidiu se dirigir ao gramado sul na hora marcada. Ou melhor, trinta minutos antes. Sua perna ainda estava irritantemente dolorida e, mesmo com a ajuda da bengala, ele andava devagar. Havia remédios para aliviar a dor, mas o unguento receitado por seu médico

fedia a carniça e ele não queria usar láudano, pois sua mente ficava embotada.

Só restava o álcool. Uma ou duas taças de conhaque pareciam relaxar o músculo e suprimir a dor, mas ele raramente se permitia beber demais depois do que havia acontecido da última vez em que se embebedara. Nas raras vezes em que cedera, passara semanas repreendendo a si mesmo.

Chegara a criar alguns métodos para medir a própria força de vontade. Tornara-se uma questão de honra resistir até o anoitecer usando apenas a inteligência para enfrentar a dor.

Escadas sempre eram o mais difícil, e ele parou no patamar para flexionar e esticar a perna. Talvez não devesse se dar ao trabalho. Não estava nem na metade do caminho para o gramado sul e já sentia um latejamento na coxa. Ninguém o julgaria se ele desse meia-volta e rumasse para o quarto.

Mas, maldição, ele *queria* atirar. Queria segurar uma arma e erguer o braço na posição correta. Queria apertar o gatilho e sentir o coice sacudindo-lhe o ombro. Acima de tudo, queria acertar a porcaria do alvo.

Sim, ele era competitivo. Era homem, era isso que se esperava dele.

Haveria sussurros e olhares furtivos, tinha certeza. Não passaria despercebido que Hugh Prentice estava segurando uma pistola perto de Daniel Smythe-Smith. Mas, um tanto perversamente, Hugh ansiava por isso. Daniel também. Ele o dissera quando haviam conversado no café da manhã.

– Aposto 10 libras que podemos fazer alguém desmaiar – declarara Daniel, logo após ter feito uma imitação bastante boa da voz em falsete de uma dama da alta sociedade, completando a cena com uma das mãos no coração e uma coleção estelar de praticamente todas as expressões femininas de ultraje que um homem conhecia.

– Dez libras? – murmurara Hugh, olhando para ele por cima de sua xícara de café. – Para mim ou para você?

– Para ambos – dissera Daniel com um sorriso insolente. – Marcus paga.

Marcus apenas olhara para o amigo e voltara a comer.

– A velhice está deixando Marcus conservador demais – comentara Daniel para Hugh.

Marcus só revirara os olhos.

Mas Hugh havia sorrido. E percebido que estava se divertindo mais do que em qualquer momento nos últimos tempos. Se os cavalheiros iam atirar, bem que poderia se juntar a eles.

No entanto, levou pelo menos cinco minutos para chegar ao andar térreo e, uma vez lá, decidiu que seria melhor cortar caminho por um dos muitos salões de Fensmore em vez de dar a longa volta para o gramado sul.

Nos últimos três anos e meio, tornara-se especialista em analisar todos os atalhos possíveis.

Terceira porta à direita, entrar, virar à esquerda, atravessar a sala e sair pelas portas francesas. Como benefício extra, poderia descansar um pouco em um dos sofás. A maioria das damas fora ao vilarejo, por isso era improvável que alguém estivesse lá. Pelos seus cálculos, tinha quinze minutos antes do início da competição.

A sala de estar não era muito grande, tendo apenas alguns conjuntos de sofás. De frente para Hugh havia uma poltrona azul que parecia confortável o suficiente. As costas do sofá impediam que ele enxergasse o lado oposto, mas provavelmente havia uma mesa baixa entre eles. Poderia erguer a perna por um momento sem que ninguém percebesse.

Ele se dirigiu para lá, mas não devia estar muito atento, porque sua bengala bateu na extremidade da mesa, o que fez sua canela bater também e, por sua vez, levou a uma criativa série de xingamentos enquanto ele se virava para sentar.

Foi quando viu Sarah Pleinsworth dormindo no sofá.

Ah, inferno!

Estava tendo um dia melhor do que de costume, apesar da dor na perna. A última coisa de que precisava era uma reunião particular com a dramática lady Sarah. Ela provavelmente o acusaria de algo nefasto, faria uma declaração banal de ódio e terminaria com algo como aqueles quatorze homens que ficaram noivos na temporada de 1821.

E ele ainda não sabia o que isso tinha a ver com o que quer que fosse.

Ou o motivo de ter se lembrado disso. Sempre tivera uma boa memória, mas por que seu cérebro não podia se esquecer de algo tão inútil?

Agora precisava atravessar o cômodo sem acordar lady Sarah. Não era fácil andar na ponta dos pés com uma bengala, mas, por Deus, faria o que fosse preciso para não ser notado.

Bem, lá se iam suas esperanças de descansar a perna. Muito cautelosamente, contornou a mesa baixa de madeira, tomando o cuidado de não tocar em nada além do tapete. Mas, como qualquer um que já andara ao ar livre sabia, o ar também se movimentava. E aparentemente Hugh estava respirando com muita força, porque, antes que ele passasse pelo sofá, lady Sarah acordou com um grito que o assustou tanto que ele caiu para trás contra uma poltrona, passando por cima do braço estofado e pousando, completamente sem jeito, no assento.

– Hã? O quê? O que está havendo?

Sarah pestanejou rapidamente antes de fuzilá-lo com os olhos.

– O *senhor*.

Era uma acusação. Sem dúvida.

– Ah, o senhor me deu um susto – disse ela, esfregando os olhos.

– Pelo visto, sim.

Ele praguejou ao tentar passar as pernas para a frente da cadeira.

– Ai!

– O que foi? – perguntou Sarah, impaciente.

– Chutei a mesa.

– Por quê?

Ele fez uma careta.

– Não foi de propósito.

Só então ela pareceu perceber que estava deitada muito à vontade no sofá. Apressou-se em sentar bem ereta, em uma posição mais adequada.

– Desculpe-me – disse, ainda aturdida.

Seus cabelos escuros estavam se soltando do penteado. Hugh achou melhor não avisá-la.

– Por favor, aceite minhas desculpas – disse ele, formalmente. – Não queria assustá-la.

– Eu estava lendo. Devo ter caído no sono. Eu... ah...

Ela pestanejou mais algumas vezes e então seus olhos finalmente pareceram se focar. Nele.

– Estava me espiando?

– *Não* – disse Hugh, talvez com mais rapidez e veemência do que seria educado.

Ele apontou para a porta que levava para fora.

– Só estava cortando caminho. Lorde Chatteris programou uma competição de tiro ao alvo.

– Ah.

Sarah pareceu desconfiada por mais um segundo e, depois, a desconfiança claramente deu lugar ao constrangimento.

– Claro. Não há nenhum motivo para ficar me espiando... quero dizer... – Ela pigarreou. – Bem.

– Bem.

Sarah esperou por um momento e então perguntou de forma incisiva:

– Não ia para o gramado?

Hugh a encarou.

– Para a competição – esclareceu ela.

– Ainda é cedo.

Sarah não pareceu se importar com essa resposta.

– Está bastante agradável lá fora.

Hugh olhou pela janela.

– Sim.

Sarah estava tentando se livrar dele, e Hugh avaliou que ela merecia certo respeito por não procurar esconder isso. Por outro lado, agora que ela acordara e ele estava sentado descansando a perna, parecia não haver motivo para ele se apressar a sair.

Poderia suportar qualquer coisa por dez minutos, até mesmo Sarah Pleinsworth.

– Planeja atirar? – perguntou ela.

– Sim.

– Com uma arma?

– É assim que se costuma fazer.

O rosto de Sarah se tornou tenso.

– E acha que isso é prudente?

– Quer dizer, porque seu primo estará lá? Eu lhe garanto que ele também terá uma arma – disse Hugh, sentindo os lábios se curvarem em um sorriso sem emoção antes de completar: – Será quase como um duelo.

– Por que brinca com essas coisas? – disparou Sarah.

Ele fixou os olhos intencionalmente nos dela.

– Quando a alternativa é desespero, geralmente prefiro o humor. Mesmo que precise fazer piada com algo trágico.

Um brilho surgiu nos olhos de Sarah. Um indício de compreensão, talvez, mas desapareceu rápido demais para ele ter certeza de que o vira. E

então ela contraiu os lábios em uma expressão tão rígida que ficou claro que ele havia imaginado aquele breve momento de solidariedade.

– Quero que saiba que desaprovo isso – disse Sarah.

– Entendido.

– E... – Ela ergueu o queixo e virou ligeiramente o rosto. – Acho que é uma péssima ideia.

– No que isso é diferente de desaprovar?

Sarah se limitou a fazer uma careta.

Hugh teve uma ideia.

– Acha isso ruim o suficiente para desmaiar?

– Como é que é?

– Se desmaiar no gramado, Chatteris terá que pagar 10 libras para Daniel e 10 para mim.

Os lábios dela formaram um O e depois ficaram paralisados naquela posição.

Hugh se recostou e sorriu languidamente.

– Eu poderia lhe dar 20 por cento.

Alguns músculos do rosto de Sarah se moveram, mas ela permaneceu sem palavras. Era muito divertido atormentá-la.

– Não importa – disse Hugh. – Nunca conseguiríamos fazer isso.

Sarah finalmente fechou a boca. Depois a abriu de novo. Claro, ele deveria saber que seu silêncio seria passageiro.

– O senhor não gosta de mim.

– Não, de fato não.

Provavelmente ele deveria ter mentido, mas de algum modo pareceu que isso seria ainda mais ofensivo.

– E eu não gosto do senhor.

– Não – disse ele com calma. – Não achei que gostasse.

– Então por que está aqui?

– No casamento?

– Na *sala*. Nossa, como é obtuso!

A última parte disse para si mesma, mas ele sempre tivera uma ótima audição.

Hugh raramente usava sua lesão como trunfo, mas aquele parecia ser um bom momento para isso.

– Minha perna – disse com lenta deliberação. – Está doendo.

Houve um silêncio delicioso. Delicioso para ele. Para Sarah, ele imaginou ser terrível.

– Sinto muito – murmurou Sarah, olhando para baixo antes que ele pudesse ver a extensão do rubor dela. – Isso foi muito indelicado da minha parte.

– Não se preocupe. Já fez pior.

Os olhos dela chisparam.

Hugh juntou as pontas dos dedos, formando um triângulo com as mãos.

– Eu me lembro de nosso encontro anterior com desagradável exatidão.

Ela se inclinou para a frente, furiosa.

– O senhor expulsou minha prima e minha tia de uma festa.

– Elas *fugiram.* Eu nem sabia que estavam lá.

– Bem, deveria saber.

– Clarividência nunca foi um de meus talentos.

Ele percebeu que Sarah tentava conter a própria irritação. Quando ela falou, seu queixo mal se moveu:

– Sei que o senhor e o primo Daniel se acertaram, mas, sinto muito, não consigo perdoá-lo pelo que fez.

– Ainda que ele tenha me perdoado? – perguntou Hugh com suavidade.

Sarah pareceu desconfortável. Remexeu-se no lugar, sua boca assumindo várias expressões antes que ela por fim dissesse:

– Ele pode se dar ao luxo de ser caridoso. Teve sua vida e sua felicidade recuperadas.

– E a senhorita, não.

Não era uma pergunta. Era uma afirmação. E do tipo cruel.

Sarah ficou de boca fechada.

– Diga-me – perguntou Hugh, porque, pelos céus, estava na hora de chegarem ao fundo daquilo. – O que exatamente eu fiz contra a senhorita? Não contra seu primo, não contra sua prima, mas contra a senhorita, lady Sarah?

Ela o encarou com rebeldia e depois se levantou.

– Vou embora.

– Covarde – murmurou Hugh, mas também se levantou.

Até mesmo ela merecia o respeito de um cavalheiro.

– Muito bem – disse Sarah, a raiva incontida deixando suas bochechas vermelhas. – Era para eu ter debutado na sociedade em 1821.

– O ano em que os quatorze cavalheiros ficaram noivos.

Era verdade. Ele não se esquecia de quase nada.

Sarah o ignorou.

– Depois que começou a caçada a Daniel, minha família teve que se tornar reclusa.

– Foi meu pai – disse Hugh, categórico.

– O quê?

– Foi meu pai. Ele caçou lorde Winstead até fora do país. Mas não tive nada a ver com isso.

– Não importa.

Ele estreitou os olhos e disse sem pressa:

– Importa para mim.

Sarah engoliu em seco, todo o seu corpo retesando-se.

– Por causa do duelo – disse, de um modo que punha a culpa em Hugh –, ficamos um ano inteiro sem ir à cidade.

Hugh conteve uma risada, finalmente entendendo como a cabecinha dela funcionava. Sarah o culpava pela perda de sua temporada em Londres.

– E agora aqueles quatorze cavalheiros estão perdidos para sempre – resumiu ele.

– Não há nenhum motivo para ser tão insolente.

– A senhorita não tem como saber se algum deles a pediria em casamento – salientou.

Ele gostava de coisas lógicas, e aquilo... não era.

– Também não tenho como saber se não pediria – gritou Sarah.

Ela pôs a mão no peito e deu bruscamente um passo para trás, como se estivesse surpresa com a própria reação.

Mas Hugh não se compadeceu. E não pôde evitar a risada cruel que lhe saiu da garganta.

– A senhorita nunca para de me surpreender, lady Sarah. Durante todo esse tempo, *me* culpou por sua condição de solteira. Já lhe ocorreu procurar o culpado em algum lugar mais perto de casa?

Ela deixou escapar um som sufocado e levou a mão à boca, não tanto para cobri-la, e sim para conter algo.

– Desculpe-me – disse Hugh.

Mas ambos sabiam que o que ele dissera era imperdoável.

– Achei que não gostava do senhor pelo que fez contra a minha família – declarou Sarah, tão tensa que tremia. – Mas não era só por isso. O senhor é uma pessoa horrível.

Ele ficou imóvel, como lhe fora ensinado desde o nascimento. Um cavalheiro sempre mantinha o controle de seu corpo. Não gesticulava, não cuspia nem demonstrava nervosismo. Não lhe restara muito na vida, mas ainda tinha seu orgulho, sua boa criação.

– Tentarei não lhe impor minha presença – disse com formalidade.

– É tarde demais para isso – disparou Sarah.

– O que disse?

Ela o encarou.

– Se já se esqueceu, minha prima pediu que nós nos sentássemos lado a lado no café da manhã após o casamento.

Aparentemente ele se esquecia, sim, de algumas coisas. Maldição. Havia feito uma promessa a lady Honoria. Não havia como escapar daquilo.

– Poderei ter um comportamento civilizado, se a senhorita também puder – disse.

Então ela o surpreendeu ao estender a mão para selar o acordo. Ele a pegou e, naquele momento, com a mão dela na sua, teve um estranho desejo de lhe beijar os dedos.

– Então temos uma trégua? – disse Sarah.

Ele ergueu os olhos.

O que foi um erro.

Porque lady Sarah Pleinsworth o olhava com uma expressão de rara clareza e uma objetividade (ele estava bastante certo disso) atípica. O olhar dela, que sempre fora duro e irritado quando dirigido a ele, estava mais suave. Ele percebeu que os lábios de Sarah, agora que não lhe proferiam insultos, eram perfeitos, carnudos, rosados e com o tipo de curva certa. Pareciam dizer a um homem que ela sabia coisas, sabia rir, e, se ele desnudasse sua alma, ela poderia iluminar o mundo inteiro dele com um único sorriso.

Sarah Pleinsworth.

Santo Deus, ele havia perdido o juízo?

CAPÍTULO 5

Mais tarde, naquela mesma noite

Quando Sarah desceu para jantar, sentia-se um pouco melhor em relação a ter que passar a noite com Hugh Prentice. A briga que haviam tido naquela tarde fora horrorosa e ela não podia imaginar que algum dia pudessem se tornar amigos, mas pelo menos tinham posto as cartas na mesa. Já que seria forçada a permanecer ao lado de Hugh durante todo o casamento, pelo menos ele não pensaria que ela estava fazendo isso por querer a companhia dele.

E ele iria se comportar bem. Tinham feito um acordo e, independentemente dos defeitos de Hugh, ele não parecia ser do tipo que voltava atrás em sua palavra. Seria educado, deixaria Honoria e Marcus satisfeitos e, quando aquele mês ridículo de casamentos terminasse, Sarah nunca mais precisaria se dirigir a ele.

No entanto, depois de cinco minutos na sala de estar, ficou deliciosamente claro que lorde Hugh ainda não estava presente. Ninguém poderia acusá-la de fugir do dever.

Sarah jamais gostara de ficar sozinha em reuniões, por isso se juntou à mãe e às tias perto da lareira. Conforme o esperado, elas falavam sobre o casamento. Sarah ouviu sem prestar muita atenção. Depois de cinco dias em Fensmore, não podia imaginar nenhum detalhe de que ainda não soubesse sobre a cerimônia.

– É uma pena que não seja época de hortênsias – dizia tia Virginia. – As que cultivamos na colina Whipple são exatamente do tom de lavanda de que precisamos para a capela.

– É azul-lavanda – corrigiu-a tia Maria. – E você deve entender que hortênsias teriam sido um erro terrível.

– Um erro?

– As cores variam demais – continuou tia Maria –, mesmo em um arbusto cultivado. Nunca se poderia garantir o tom antes do tempo. E se não combinassem perfeitamente com o vestido de Honoria?

– Claro que ninguém esperaria perfeição – respondeu tia Virginia. – Não das flores.

Tia Maria torceu o nariz.

– Eu sempre espero perfeição.

– Principalmente das flores – disse Sarah, com uma risadinha.

Tia Maria pusera nas filhas nomes de flores em inglês: Rose, Lavender, Marigold, Iris e Daisy. O filho dela, que Sarah secretamente pensava ser a criança mais sortuda da Inglaterra, se chamava John.

Mas tia Maria, embora fosse uma pessoa bondosa, nunca tivera muito senso de humor. Ela piscou os olhos algumas vezes na direção de Sarah antes de dar um pequeno sorriso e dizer:

– Ah, sim, claro.

Sarah não podia garantir que a tia entendera a piada, mas achou melhor não insistir no assunto.

– Ah, olhem! Lá está Iris – disse, aliviada por ver a prima entrar na sala.

Sarah nunca havia sido tão próxima de Iris quanto de Honoria, mas as três tinham quase a mesma idade e Sarah sempre apreciara o humor mordaz de Iris. Imaginava que as duas passariam mais tempo juntas agora que Honoria se casaria, principalmente porque partilhavam uma aversão profunda pela apresentação musical da família.

– Vá – disse a mãe de Sarah, apontando com a cabeça para Iris. – Você não quer ficar aqui com as mais velhas.

Ela realmente não queria. Por isso, deu um sorriso de gratidão para a mãe e foi até Iris, que estava em pé perto da porta, obviamente procurando alguém.

– Você viu lady Edith? – perguntou Iris sem rodeios.

– Quem?

– Lady Edith Gilchrist – esclareceu Iris, referindo-se a uma jovem dama que nenhuma das duas conhecia muito bem.

– Não foi ela que recentemente ficou noiva do duque de Kinross?

Iris descartou isso com um gesto de mão, como se a recente baixa de um conde na lista de maridos em potencial não fosse importante.

– Daisy já desceu? – indagou Iris.

Sarah estranhou a súbita mudança de assunto.

– Não que eu tenha visto.

– Graças a Deus.

A facilidade com que Iris usou o nome de Deus fez Sarah arregalar os olhos, mas nunca a criticaria. Não em relação a Daisy.

Daisy era tolerável apenas em doses muito pequenas. Simplesmente não havia como negar isso.

– Se eu conseguir passar por todos esses casamentos sem matá-la, será um pequeno milagre – disse Iris sombriamente. – Ou um grande... Sei lá.

– Eu disse à tia Virginia para não pôr vocês duas no mesmo quarto – comentou Sarah.

Iris respondeu apenas com um gesto de cabeça enquanto continuava a olhar pela sala.

– Não havia nada a fazer a esse respeito. Irmãs ficam juntas. Precisavam economizar quartos. Estou acostumada com isso.

– Então o que há de errado?

Iris se virou para ela, seus grandes olhos azuis furiosos no rosto pálido. Sarah certa vez ouvira um cavalheiro se referir a ela como incolor: tinha olhos azul-claros, cabelos em um tom de louro acobreado e uma pele praticamente translúcida. Suas sobrancelhas eram claras, seus cílios eram pálidos, tudo nela era pálido – até a pessoa conhecê-la.

Iris estava furiosa.

– Ela quer *tocar* – respondeu, fervendo de raiva.

Por um momento Sarah não entendeu. Depois, sim, e entrou em pânico.

– Não!

– Trouxe o violino dela de Londres – confirmou Iris.

– Mas...

– E Honoria já trouxe o violino *dela* para Fensmore. *E claro que toda casa tem um piano.*

Iris cerrou os dentes. Obviamente aquelas tinham sido as palavras de Daisy.

– Mas seu violoncelo! – protestou Sarah.

– Pois é – disse Iris, irritadíssima. – Mas não, ela pensou em tudo. Lady Edith Gilchrist está aqui e trouxe o violoncelo *dela.* Daisy quer que eu o peça emprestado.

Instintivamente, Sarah virou a cabeça à procura de lady Edith.

– Ela ainda não está aqui – afirmou Iris, muito séria. – Mas preciso encontrá-la no momento em que chegar.

– Por que lady Edith traria um violoncelo?

– Bem, ela toca – respondeu Iris, como se Sarah não tivesse considerado essa possibilidade.

Sarah resistiu à vontade de revirar os olhos. Bem, quase.

– Mas por que o traria *para cá*?

– Pelo visto ela toca muito bem.

– O que isso tem a ver?

Iris deu de ombros.

– Acho que ela gosta de praticar todos os dias. Muitos grandes músicos fazem isso.

– Eu não saberia dizer – comentou Sarah.

Iris lhe ofereceu um olhar de compaixão.

– Preciso encontrá-la antes de Daisy – continuou Iris. – Ela não pode conseguir pegar o violoncelo emprestado para mim de jeito nenhum.

– Se lady Edith toca assim tão bem, provavelmente não vai querer emprestar. Pelo menos não para uma de nós.

Sarah fez uma careta. Lady Edith era relativamente nova em Londres, mas com certeza já ouvira falar na apresentação musical da família Smythe-Smith.

– Peço desculpas de antemão por abandoná-la – declarou Iris, mantendo os olhos na porta aberta. – Provavelmente sairei correndo no meio de uma frase no momento em que a vir.

– Talvez eu faça isso primeiro – respondeu Sarah. – Tenho deveres a cumprir esta noite.

Seu tom devia ter revelado seu desagrado, porque Iris se virou para ela com renovado interesse.

– Serei a babá de Hugh Prentice – informou Sarah, parecendo um tanto oprimida.

Mas isso era bom. Se era para ter uma noite terrível, pelo menos poderia se gabar disso antecipadamente.

– Babá de... Ah, meu Deus!

– Não ria – preveniu-a Sarah.

– Eu não ia rir.

Iris estava claramente mentindo.

– Honoria insistiu. Acha que ele não se sentirá bem-vindo se algum de nós não assegurar sua felicidade e participação em tudo.

– E lhe pediu para ser babá dele?

Iris lhe lançou um olhar de dúvida, o que sempre deixava seu interlocutor sem jeito. Havia algo nos olhos dela, com aquele azul pálido e os cílios tão finos que eram quase invisíveis. Ela podia ser um pouco desconcertante.

– Bem, não – admitiu Sarah. – Não com essas palavras.

Para ser sincera, com nenhuma palavra. Na verdade, Honoria havia *negado* aquele termo, mas a história ficaria melhor se ela se descrevesse como babá.

Em funções como aquelas, a pessoa tinha que ter algo bom de que reclamar. Era um pouco como os estudantes de Cambridge que ela havia conhecido na primavera anterior. Eles só pareciam felizes quando podiam se queixar da quantidade de trabalho que precisavam fazer.

– O que ela quer que você faça? – perguntou Iris.

– Ah, algumas coisas. Quer que eu me sente ao lado dele no café da manhã do casamento. Rupert ficou doente – acrescentou.

– Bem, pelo menos isso é bom – murmurou Iris.

Sarah concordou com um breve menear de cabeça e continuou:

– E me pediu especificamente para entreter lorde Hugh antes do jantar.

Iris olhou por cima do ombro.

– Ele já está aqui?

– Não – disse Sarah, com um suspiro de felicidade.

– Não fique feliz demais – preveniu-a Iris. – Lorde Hugh vai descer. Se Honoria lhe pediu que cuidasse dele, pedirá a ele que desça para o jantar.

Sarah olhou para Iris, horrorizada. Honoria *garantira* que não estava tentando juntar eles dois...

– Certamente não acha...

– Não, não – disse Iris com um risinho. – Ela não ousaria bancar a casamenteira. Não com você.

Sarah ia perguntar o que ela queria dizer com *aquilo*, mas, antes que pudesse emitir qualquer som, Iris acrescentou:

– Você conhece Honoria. Ela gosta que tudo esteja em perfeita ordem. Se quer que você cuide de lorde Hugh, se encarregará de fazê-lo estar aqui.

Sarah pensou nisso por um momento e depois concordou, balançando a cabeça. Honoria era mesmo assim.

– Bem – declarou, porque sempre gostara de usar essa palavra, “bem”, em suas declarações –, serão dois dias desoladores, mas fiz uma promessa a Honoria e sempre cumpro o que prometo.

Se Iris estivesse tomando uma bebida, teria sujado a sala.

– *Você?*

– O que quer dizer com “você”?

Iris parecia prestes a explodir em uma gargalhada.

– Ah, por favor – disse Iris, naquele tom zombeteiro que uma pessoa só pode usar com a própria família se quiser que continuem lhe dirigindo a palavra. – Você é a última pessoa que pode dizer que cumpre o que promete.

Sarah recuou, profundamente ofendida.

– O que disse?

Se Iris percebeu sua aflição, não o demonstrou. Ou não se importou.

– Lembra-se de abril passado? – perguntou. – Para ser mais precisa, do dia 14 de abril?

A apresentação musical. Sarah não aparecera naquela tarde.

– Eu estava doente – protestou. – Não tinha como tocar.

Iris não disse nada. Não precisava dizer. Sarah estava mentindo e ambas sabiam disso.

– Muito bem, eu não estava – admitiu Sarah. – Pelo menos não muito.

– É gentil da sua parte finalmente admitir – disse Iris, em um irritante tom de superioridade.

Sarah mudou de posição, desconfortável. Naquela primavera, o quarteto seria formado por elas duas, além de Honoria e Daisy. Honoria ficava feliz em tocar quando estava com a família e Daisy estava convencida de que um dia seria considerada uma virtuose. Iris e Sarah, por outro lado, tinham conversado muitas vezes sobre as várias formas de se morrer por ação de um instrumento musical. Fazer piada da própria desgraça. Fora o único modo de conseguirem enfrentar aquele pavor.

– Eu fiz aquilo por você – disse ela a Iris por fim.

– Ah, com certeza!

– Achei que a apresentação seria cancelada.

Claramente Iris não estava convencida.

– Fiz, sim! – insistiu Sarah. – Quem teria imaginado que mamãe arrastaria a pobre Srta. Wynter para a apresentação? Embora isso tenha dado certo para ela, não é?

A Srta. Wynter – Anne Wynter, que se casaria com o primo Daniel dali a duas semanas e se tornaria a condessa de Winstead – cometera o erro de certa vez dizer para a mãe de Sarah que sabia tocar piano. Aparentemente lady Pleinsworth não se esquecera disso.

– Daniel teria se apaixonado pela Srta. Wynter de qualquer maneira – retorquiu Iris –, portanto não tente tranquilizar sua consciência com isso.

– Não estava tentando. Só estava salientando que eu nunca poderia prever...

Ela suspirou, impaciente. Nada daquilo lhe soava bem.

– Iris, você deve saber que eu estava tentando salvá-la.

– Estava tentando salvar a si mesma.

– Estava tentando salvar nós duas. Só que... as coisas não correram como eu havia planejado.

Iris a encarou com frieza. Sarah esperou que a prima respondesse, mas ela não disse nada. Apenas ficou em pé ali, prolongando o momento. Por fim Sarah não aguentou mais.

– Desembuche – pediu.

Iris ergueu uma sobrancelha.

– Desembuche seja o que for que está tão ansiosa para me falar. Obviamente quer me dizer algo.

Iris piscou repetidamente, como se estivesse ganhando tempo para escolher as palavras. Então disse:

– Você sabe que eu a amo.

Não era o que Sarah esperava. Infelizmente, o que veio depois também não era.

– Sempre a amarei – continuou Iris. – E você sabe que não posso dizer isso em relação à maior parte da minha família. Mas às vezes você é terrivelmente egoísta. E o pior é que nem percebe.

Sarah teve vontade de dizer alguma coisa. *Precisava* dizer alguma coisa, porque era isso que fazia quando deparava com algo de que não gostava. Iris não podia chamá-la de egoísta e esperar que ela apenas ficasse ali ouvindo.

Contudo, foi exatamente isso que fez.

Sarah engoliu em seco e umedeceu os lábios. Não conseguia formar palavras. Tudo o que podia fazer era pensar: *não.* Aquilo não era verdade. Ela amava sua família. Faria qualquer coisa por ela. Iris chamá-la de egoísta...

Doía muito.

Sarah estava observando o rosto da prima com tanta atenção que percebeu o exato momento em que o foco de Iris mudou, em que o fato de que acabara de chamar Sarah de egoísta deixou de ser a coisa mais importante do mundo.

Como se alguma coisa pudesse ser mais importante que isso.

– Lá está ela – apressou-se a dizer Iris. – Lady Edith. Preciso chegar até ela antes de Daisy.

Deu um passo à frente, mas depois se virou e disse:

– Podemos conversar sobre isso mais tarde. Se você quiser.

– Prefiro que não, obrigada – respondeu Sarah com firmeza, deixando sua personalidade ressurgir de onde quer que tivesse se metido.

Mas Iris não a ouviu. Já havia lhe dado as costas e ia na direção de lady Edith. Sarah ficou sozinha em um canto, abatida como uma noiva abandonada.

E foi então – claro – que Hugh Prentice chegou.

CAPÍTULO 6

O estranho foi que Sarah imaginou que estivesse com raiva.

Pensou que estava furiosa com Iris, que a prima deveria ser mais sensível aos sentimentos dos outros. Ainda que Iris houvesse sentido necessidade de chamá-la de egoísta, pelo menos podia tê-lo feito em um local mais reservado.

E sem abandoná-la depois! Sarah compreendia que Iris precisava falar com lady Edith antes de Daisy, mas, de qualquer forma, ela devia ter se desculpado.

Então, de pé em seu canto, imaginando por quanto tempo poderia continuar fingindo não ter notado a chegada de lorde Hugh, Sarah respirou fundo.

E precisou conter o choro.

Aparentemente sentia algo mais do que raiva e corria um grande risco de cair em pranto bem ali, na sala de estar lotada de Fensmore.

Virou-se rapidamente, determinada a examinar o grande e sombrio retrato que estivera lhe fazendo companhia. Se o conhecimento dela sobre moda estivesse certo, a obra mostrava um entediado cavalheiro de Flandres do século XVII. Ela nunca seria capaz de entender como o homem conseguia parecer tão orgulhoso com aquele colarinho pregueado, mas seu olhar de superioridade deixava claro para Sarah que nenhum dos primos *dele* ousaria chamá-lo de egoísta cara a cara. E, se chamasse, ele não choraria.

Sarah observou atentamente o homem. O fato de ele parecer retribuir seu olhar devia comprovar a habilidade do artista.

– O cavalheiro fez algo que a ofendesse?

Era Hugh Prentice. Àquela altura Sarah conhecia muito bem a voz dele. Honoria devia tê-lo enviado. Sarah não podia imaginar nenhum outro

motivo para que ele buscasse sua companhia.

Eles haviam prometido ser civilizados, não entusiasmados.

Sarah se virou. Ele estava em pé a meio metro dela, impecavelmente vestido para o jantar. Exceto pela bengala, gasta e arranhada e com a madeira fosca pelo uso excessivo. Sarah não saberia dizer por que achou isso tão interessante. Certamente Hugh viajava com um criado pessoal. Estava com as botas lustradas e a gravata muito bem atada. Por que negar à bengala o mesmo tratamento cuidadoso?

– Lorde Hugh – disse ela, aliviada por sua voz soar quase normal enquanto fazia uma pequena reverência.

Ele não respondeu de imediato. Virou-se para o retrato, de queixo erguido enquanto o esquadrinhava. Sarah ficou feliz por ele não estar olhando do mesmo modo para ela. Não estava certa de que conseguiria suportar outra dissecação de seus defeitos tão pouco tempo após a primeira.

– Aquele colarinho parece muito desconfortável – comentou lorde Hugh.

– Foi a primeira coisa que pensei também – respondeu Sarah, antes de se lembrar de que não gostava dele e, pior ainda, de que teria que suportá-lo naquela noite.

– Acho que deveríamos ficar felizes por viver nos tempos atuais.

Sarah não falou nada. Não era o tipo de afirmação que exigisse resposta. Lorde Hugh continuou a examinar a pintura e, em determinado momento, se inclinou, presumivelmente para examinar as pinceladas. Talvez ele houvesse percebido que Sarah precisava de tempo para se recompor. Talvez não. Provavelmente não. Ele não parecia o tipo de homem que notaria essas coisas. De qualquer modo, ela ficou grata. Quando lorde Hugh se virou de frente para ela, a sensação de asfixia havia passado e Sarah não corria mais o risco de passar vergonha diante dos muitos convidados importantes da prima.

– Eu soube que o vinho desta noite é ótimo – comentou Sarah.

Foi um modo abrupto de puxar conversa, mas educado e inofensivo e, o que era ainda mais importante, a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

– Soube? – repetiu lorde Hugh.

– Eu não bebi – explicou Sarah.

Houve uma pausa embaraçosa e então ela acrescentou:

– Na verdade, ninguém me disse. Mas lorde Chatteris é famoso por suas adegas. Não posso imaginar que o vinho seja menos do que ótimo.

Meu Deus, que conversa forçada! Mas não importava, ela iria em frente. Não fugiria de seus deveres esta noite. Se Honoria olhasse em sua direção, se *Iris* olhasse em sua direção...

Ninguém poderia dizer que ela não cumpria suas promessas.

– Eu tento não beber na companhia dos Smythe-Smiths – disse lorde Hugh, de maneira espontânea. – Isso raramente acaba bem para mim.

Sarah ficou boquiaberta.

– Estou brincando – disse ele.

– Claro – apressou-se a dizer ela, mortificada por se mostrar tão pouco sagaz.

Deveria ter entendido a piada. Teria entendido, se não estivesse tão perturbada por causa de Iris.

Meu Deus, disse para si mesma (e para Quem Mais pudesse estar ouvindo), *por favor, faça esta noite acabar com incrível rapidez.*

– Não é interessante que tudo isso seja forjado por convenção social? – perguntou lorde Hugh lentamente.

Sarah se virou para ele, embora soubesse que nunca conseguiria interpretar a expressão de Hugh. Ele inclinou a cabeça para o lado, o movimento reorganizando as sombras em seu rosto impassível.

Era bonito, percebeu Sarah de repente. Não era só a cor dos olhos. Era o modo como olhava para uma pessoa, de maneira inabalável e às vezes intimidante. Isso lhe dava uma intensidade difícil de ignorar. E a boca – ele raramente sorria, ou pelo menos raramente sorria para *ela* –, havia um quê de perversão nela. Sarah supôs que alguns poderiam não achar isso atraente, mas ela...

Achava.

Meu Deus, tentou de novo, *esqueça a rapidez incrível. Apenas uma rapidez sobrenatural seria suficiente.*

– Aqui estamos – continuou Hugh, apontando elegantemente para o resto dos convidados –, presos em uma sala com... diria quantas pessoas?

Sarah não tinha a menor ideia de aonde ele queria chegar, mas arriscou um palpite.

– Quarenta?

– Sim – respondeu Hugh, embora ela pudesse dizer, pela rapidez com que os olhos dele varreram a sala, que discordava de sua estimativa. – E a

presença coletiva deles indica que a senhorita – ele se inclinou apenas um centímetro para a frente –, que já sabemos que me detesta, está sendo bastante educada.

– Não estou sendo educada porque há quarenta pessoas na sala – disse Sarah, arqueando as sobrancelhas. – Estou sendo educada porque minha prima me pediu.

O canto da boca de Hugh se moveu. Talvez por divertimento.

– Ela sabia o desafio que isso poderia representar?

– Não – disse Sarah com firmeza.

Honoria sabia que Sarah não gostava da companhia de lorde Hugh, mas parecia desconhecer a extensão de seu desagrado.

– Então devo elogiá-la – disse ele, inclinando a cabeça de um modo zombeteiro – por guardar seus protestos para si mesma.

Algo adorável e familiar se encaixou de volta no lugar e Sarah finalmente começou a se sentir mais ela mesma. Orgulhosa, ergueu o queixo meio centímetro.

– Não guardei.

Para grande surpresa de Sarah, lorde Hugh emitiu um som que podia ter sido uma risada sufocada.

– E assim mesmo ela a atrelou a mim.

– Ela se preocupa com a possibilidade de o senhor não se sentir bem-vindo aqui em Fensmore – confessou Sarah, no tipo de tom que dizia que não compartilhava dessa preocupação.

Hugh ergueu as sobrancelhas e mais uma vez quase sorriu.

– E ela acha que *a senhorita* é a pessoa certa para fazer com que eu me sinta bem-vindo?

– Não contei a ela sobre nosso encontro anterior – admitiu Sarah.

– Ah.

Ele assentiu com a cabeça de maneira condescendente.

– Tudo começa a fazer sentido.

Sarah cerrou os dentes em uma fracassada tentativa de não bufar. Como *odiava* aquele tom de voz! Aquele tom de voz que significava “ah, estou vendo como sua linda e pequena mente feminina funciona”. Hugh Prentice não era o único homem na Inglaterra a usá-lo, mas parecia ter adquirido o dom de torná-lo afiado como uma navalha. Sarah não conseguia imaginar como alguém podia tolerar a companhia dele por mais do que alguns minutos. Sim, ele era bastante agradável aos olhos e, sim,

era (ela soubera) excepcionalmente inteligente, mas, por Deus, o homem era irritante como unhas arranhando a lousa.

Ela se inclinou para a frente.

– É uma prova do meu amor por minha prima o fato de eu ainda não ter encontrado um modo de envenenar seu dentifrício.

Foi a vez dele de se inclinar para a frente.

– O vinho poderia ser um substituto eficaz, se eu estivesse bebendo – disse. – Foi por isso que o sugeriu, não foi?

Ela se recusou a ceder terreno.

– O senhor está louco.

Hugh encolheu os ombros e recuou, como se o momento de tensão entre eles nunca tivesse ocorrido.

– Não fui eu quem falou em veneno.

Sarah ficou boquiaberta. O tom de voz dele era exatamente o que ela poderia usar para discutir o tempo.

– Zangada? – murmurou Hugh com educação.

Não tanto quanto aturdida.

– Está tornando muito difícil ser gentil com o senhor – disse ela.

Ele pestanejou.

– Eu deveria lhe oferecer meu dentifrício?

Deus do céu, que homem enervante! E o pior era que ela nem mesmo poderia afirmar que ele estivesse brincando. Apesar disso, pigarreou e disse:

– O senhor deveria tentar travar uma conversa normal.

– Não estou certo de que nós dois tenhamos conversas normais.

– Posso lhe garantir que *eu* tenho.

– Não comigo.

Desta vez ele realmente sorriu. Sarah teve certeza.

Ela endireitou os ombros. Certamente o mordomo logo os chamaria para o jantar. Talvez devesse começar a oferecer suas orações a *ele*, porque *Ele* não parecia estar ouvindo.

– Ora, vamos, lady Sarah – disse lorde Hugh. – Deve admitir que nosso primeiro encontro foi tudo menos normal.

Sarah contraiu os lábios. Detestava admitir que ele tinha certa razão (na verdade, qualquer razão que fosse), mas tinha.

– E desde então – acrescentou Hugh – nós nos encontramos algumas vezes, sempre de modo muito superficial.

– Eu não notei – garantiu Sarah.

– Que foi superficial?

– Que nos encontramos – mentiu ela.

– Seja como for – continuou Hugh –, essa deve ser apenas a segunda vez que trocamos mais do que duas frases. Na primeira creio que me instruiu a livrar o mundo da minha presença.

Sarah estremeceu. Aquele não fora seu melhor momento.

– E então hoje...

Ele moveu os lábios em um sorriso sedutor.

– Bem, a senhorita mencionou veneno.

Sarah o encarou.

– Deveria tomar cuidado com seu dentifrício.

Hugh riu e ela sentiu uma leve onda de eletricidade percorrer seu corpo. Podia não ter levado a melhor, mas definitivamente marcara um ponto. Verdade fosse dita, estava começando a se divertir. Ainda o detestava, em parte por princípio, mas tinha de admitir que pelo menos estava se distraindo um pouco.

Ele era um adversário à altura.

Ela nunca havia percebido que *queria* um adversário à altura.

O que não significava – meu Deus, se seus pensamentos a fizessem corar, ela se atiraria pela janela – que *o* queria. Qualquer adversário à altura serviria. Mesmo alguém com olhos menos bonitos.

– Há algo errado, lady Sarah? – perguntou lorde Hugh.

– Não – respondeu ela, rápido demais.

– Parece nervosa.

– Não estou.

– É claro – murmurou ele.

– Estou... – Ela se interrompeu e então disse, irritada: – Bem, agora estou.

– E eu nem estava me esforçando para isso – afirmou ele.

Sarah tinha todos os tipos de réplica para isso, mas nenhuma o deixaria sem um óbvio contragolpe. Talvez o que ela *realmente* quisesse fosse um adversário não tão à altura. Um com inteligência suficiente para manter a disputa interessante, mas não a ponto de Sarah nem sempre conseguir vencer.

Hugh Prentice nunca seria *aquele* homem.

Graças a Deus.

– Bem, essa é uma conversa estranha – disse uma nova voz.

Sarah virou a cabeça, não que precisasse disso para reconhecer a dona da voz. Era a condessa de Danbury, o mais velho e assustador dos dragões. Certa vez ela conseguira destruir um violino sem nada além de uma bengala (e, Sarah estava convencida, prestidigitação). Mas, como todos sabiam, a verdadeira arma da condessa era sua sagacidade devastadora.

– É, sim – disse lorde Hugh com uma mesura respeitosa. – Mas está se tornando menos a cada segundo, agora que está aqui.

– Que pena! – disse a idosa, apoiando-se na bengala. – Acho as conversas estranhas muito divertidas.

– Lady Danbury – disse Sarah, fazendo uma reverência. – Que bela surpresa vê-la esta noite.

– Do que está falando? – perguntou lady Danbury. – Isso não deveria ser nenhuma surpresa. Chatteris é meu bisneto. Onde mais eu estaria?

– É... – foi tudo o que Sarah conseguiu dizer antes de a condessa perguntar:

– Sabe por que atravessei a sala só para me juntar a vocês dois?

– Não posso imaginar – respondeu lorde Hugh.

Lady Danbury olhou de esguelha para Sarah, que se apressou a dizer:

– Nem eu.

– Descobri que as pessoas felizes são maçantes. Vocês dois, por outro lado, pareciam prestes a explodir. Então vim imediatamente.

Ela olhou de Hugh para Sarah e depois ordenou:

– Divirtam-me.

Houve um silêncio de espanto. Sarah olhou de relance para lorde Hugh e ficou aliviada ao ver que a costumeira expressão de tédio dele dera lugar a uma de surpresa.

Lady Danbury se inclinou para a frente e sussurrou:

– Decidi apreciá-la, lady Sarah.

Sarah não sabia se isso era bom.

– Decidiu?

– Sim. E por isso lhe darei alguns conselhos.

Ela apontou a cabeça na direção de Sarah como se estivesse concedendo uma audiência a um servo.

– Pode se sentir livre para partilhá-los à vontade.

Sarah olhou rapidamente para lorde Hugh, embora não houvesse motivo para crer que ele iria em seu socorro.

– Independentemente de nossa conversa atual – continuou lady Danbury imperiosamente –, tenho notado que você é uma jovem de razoável inteligência.

Razoável? Sarah sentiu o próprio nariz se franzir enquanto tentava assimilar *aquilo.*

– Obrigada?

– Foi um elogio – confirmou lady Danbury.

– Até mesmo a parte razoável?

Lady Danbury bufou.

– Não a conheço assim *tão* bem.

– Bem, então obrigada – disse Sarah, concluindo que esse era um ótimo momento para ser educada ou, no mínimo, sonsa. Olhou para lorde Hugh, que parecia começar a se divertir, e depois de volta para lady Danbury, que a fitava como se esperasse que ela dissesse algo mais.

Sarah pigarreou.

– É... existe algum motivo para querer me dizer isso?

– O quê? Ah, sim.

Lady Danbury bateu com a bengala no chão.

– Apesar da minha idade avançada, não me esqueço de nada – disse e fez uma pausa antes de emendar: – Exceto, ocasionalmente, do que acabei de falar.

Sarah manteve a expressão do rosto, com um sorriso insondável e um persistente sentimento de pavor.

Lady Danbury deu um suspiro dramático.

– Suponho que não se pode chegar à idade de 70 anos sem fazer algumas concessões a isso.

Sarah calculou que ela havia ultrapassado a marca dos 70 havia pelo menos uma década, mas de modo algum expressaria essa opinião.

– O que eu *ia* dizer – continuou lady Danbury em um tom sofredor de alguém que fora interrompido infinitas vezes (embora tivesse sido a única a falar) – é que, quando você demonstrou surpresa com minha presença, o que ambas sabemos que foi apenas uma débil tentativa de puxar conversa, e eu disse "Onde mais eu estaria?", *você* deveria ter dito: "Aparentemente a senhora não acha conversas educadas muito divertidas."

Sarah ficou boquiaberta por dois segundos antes de dizer:

– Creio que não esteja conseguindo acompanhá-la.

Lady Danbury lhe lançou um olhar vagamente irritado.

– Eu lhe disse que achava as conversas estranhas muito divertidas e *você* disse aquela bobagem de estar surpresa em me ver, e então *eu* imediatamente a chamei de tola.

– Não creio que a chamou de tola – murmurou lorde Hugh.

– Não chamei? Bem, pensei que houvesse chamado.

Lady Danbury bateu com a bengala no tapete e se virou para Sarah.

– Seja como for, eu só estava tentando ajudar. Nunca foi de nenhuma valia proferir chavões inúteis. Isso faz a pessoa parecer um poste de madeira, e não é o que você quer, é?

– Depende da localização do poste – respondeu Sarah, imaginando quantos postes de madeira poderiam ser encontrados em, digamos, Bombaim.

– Muito bem, lady Sarah! – aplaudiu-a lady Danbury. – Mantenha essa língua afiada. Espero que deseje exercitar sua sagacidade esta noite.

– Em geral desejo exercitá-la todas as noites.

Lady Danbury assentiu em aprovação.

– E o senhor...

Para deleite de Sarah, ela se virou para lorde Hugh.

– Não pense que eu o esqueci.

– Creio que disse que não se esquecia de nada – observou ele.

– Sim – respondeu lady Danbury. – Acho que em relação a isso sou um pouco parecida com seu pai.

Sarah ficou perplexa. Isso era audacioso, até mesmo para lady Danbury.

Mas lorde Hugh provou estar mais do que à altura dela. Sua expressão não mudou nem um pouco quando disse:

– Ah, mas não é. A memória de meu pai é implacavelmente seletiva.

– Mas tenaz.

– Também implacável.

– Bem – observou lady Danbury, batendo com a bengala no tapete mais uma vez. – Acho que está na hora de isso mudar.

– Tenho muito pouco controle sobre meu pai, lady Danbury.

– Nenhum homem é totalmente desprovido de recursos.

Ele inclinou a cabeça em um pequeno cumprimento.

– Eu não disse que era.

Sarah estava olhando de um para o outro tão rápido que começou a ficar tonta.

– Essa bobagem foi longe demais – anunciou lady Danbury.

– Nisso estamos de acordo – respondeu Hugh, mas para Sarah eles ainda estavam discutindo.

– É bom vê-lo neste casamento – disse a condessa idosa. – Espero que isso seja um prenúncio de tempos de paz.

– Como lorde Chatteris não é meu bisneto, só posso presumir que fui convidado por amizade.

– Ou para ficarem de olho no senhor.

– Ah – fez lorde Hugh, erguendo um dos cantos da boca em uma curva irônica –, mas isso não seria produtivo. Seria de supor que meu único ato infame que poderia exigir monitoramento envolveria lorde Winstead, que, como ambos sabemos, está aqui para o casamento.

Hugh voltou a usar sua máscara inescrutável e olhou para lady Danbury sem pestanejar até ela dizer:

– Acho que essa foi a frase mais longa que já o ouvi pronunciar.

– Já o ouviu pronunciar frases? – perguntou Sarah.

Lady Danbury se virou para ela com o olhar de um falcão.

– Tinha me esquecido de que está aí.

– Estou atipicamente quieta.

– O que me leva ao ponto inicial – declarou lady Danbury.

– De que somos estranhos? – murmurou lorde Hugh.

– Sim!

Como era de esperar, seguiu-se uma pausa incômoda.

– O senhor, lorde Hugh – continuou lady Danbury –, é anormalmente taciturno desde o dia em que nasceu.

– Estava lá? – perguntou ele.

Lady Danbury fez uma careta, mas era óbvio que apreciava uma excelente réplica, mesmo quando dirigida a ela.

– Como o suporta? – perguntou para Sarah.

– Raramente tenho que fazê-lo – respondeu Sarah, dando de ombros.

– Humpf.

– Ela foi incumbida de me acompanhar – explicou lorde Hugh.

Lady Danbury estreitou os olhos.

– Para alguém tão pouco comunicativo, está bastante expressivo esta noite.

– Deve ser a companhia.

– Tendo a trazer à tona o melhor das pessoas – comentou a senhora.

Lady Danbury deu um sorriso malicioso e se virou para Sarah.

– O que acha? – perguntou.

– Sem dúvida trouxe à tona o melhor de mim – proclamou Sarah.

Sempre soube quando falar o que alguém queria ouvir.

– Devo dizer que estou achando esta conversa divertida – proferiu lorde Hugh em tom seco.

– Bem, não é de admirar – retorquiu lady Danbury. – Não precisa sobrecarregar o cérebro para me acompanhar.

Sarah sentiu seus lábios se afastarem de novo enquanto tentava assimilar aquilo. Lady Danbury acabara de dizer que ele era inteligente? Ou o estava insultando ao afirmar que ele não acrescentava nada de interessante à conversa?

E isso significava que *Sarah* tinha que sobrecarregar seu cérebro para acompanhá-la?

– Parece perplexa, lady Sarah – comentou lady Danbury.

– Espero ansiosamente que logo nos chamem para o jantar – admitiu Sarah.

Lady Danbury riu, divertida.

Encorajada, Sarah disse para lorde Hugh:

– Até comecei a rezar para o mordomo.

– Se algum pedido seu for atendido, certamente será o que fez para ele – foi a resposta.

– Agora melhorou – anunciou lady Danbury. – Olhem para vocês dois. Decididamente, estão gracejando.

– Gracejando – repetiu lorde Hugh, como se não conseguisse entender bem a palavra.

– Isso não é tão divertido para *mim* quanto uma conversa estranha, mas imagino que vocês o prefiram.

Lady Danbury correu os olhos pela sala.

– Acho que agora terei que encontrar outra pessoa para me entreter. Sabem, há um equilíbrio delicado entre estranheza e estupidez.

Ela bateu com a bengala no tapete, bufou e partiu.

Sarah se virou para lorde Hugh.

– Ela é louca.

– Eu poderia salientar que você disse o mesmo a meu respeito.

Sarah estava certa de que havia milhares de respostas diferentes para isso, mas não conseguiu pensar em nenhuma antes que Iris aparecesse de

repente. Sarah cerrou os dentes. Continuava muito irritada com a prima.

– Eu a encontrei – anunciou Iris, o rosto ainda sério e determinado. – Estamos salvas.

Sarah não foi capaz de encontrar benevolência suficiente dentro de si mesma para dizer algo brilhante e elogioso. Mas conseguiu anuir com a cabeça.

Iris lhe lançou um olhar estranho, pontuado com um leve encolher de ombros.

– Lorde Hugh – disse Sarah, talvez com um pouco mais de ênfase do que era necessário. – Posso lhe apresentar minha prima, a Srta. Smythe-Smith? Anteriormente Srta. Iris Smythe-Smith – acrescentou, por nenhum outro motivo além de sua própria irritação. – A irmã mais velha dela se casou há pouco tempo.

Iris tomou um susto, só agora percebendo que ele estava em pé perto de sua prima. Isso não surpreendeu Sarah. Quando se concentrara em alguma coisa, Iris raramente percebia algo que considerava irrelevante.

– Lorde Hugh – disse Iris, recuperando-se rapidamente.

– Fico muito aliviado em saber que estão salvas – disse lorde Hugh.

Sarah obteve certa satisfação com o fato de a prima parecer não saber como responder.

– Da praga? – perguntou lorde Hugh. – Da peste?

Sarah só conseguia olhar para ele.

– Ah, já sei – disse lorde Hugh, no tom mais jovial que Sarah já ouvira dele. – Dos gafanhotos. Não há nada como uma boa infestação de gafanhotos.

Iris pestanejou várias vezes e depois ergueu um dedo, como se tivesse acabado de pensar em algo.

– Vou deixá-los então.

– Claro – murmurou Sarah.

Iris lhe deu um sorrisinho afetado quase imperceptível e se afastou, serpenteando pela multidão.

– Devo confessar minha curiosidade – disse lorde Hugh quando Iris desapareceu de vista.

Sarah apenas olhou para a frente. Ele não era do tipo de deixar que o silêncio dela o detivesse, por isso não parecia haver muita necessidade de responder.

– De que terrível destino sua prima a salvou?

– Aparentemente, não do senhor – murmurou Sarah antes que pudesse evitar.

Ele riu e Sarah chegou à conclusão de que não havia motivo para lhe negar a verdade.

– Minha prima Daisy, a irmã mais nova de Iris, estava tentando organizar uma apresentação especial do Quarteto Smythe-Smith.

– Por que isso seria um problema?

Sarah demorou um instante para formular o que dizer.

– Então ainda não assistiu a nenhuma de nossas apresentações?

– Não tive o prazer.

– Prazer – repetiu Sarah, abaixando o queixo na direção do pescoço como se tentasse engolir a própria incredulidade.

– Há algo de errado? – perguntou lorde Hugh.

Ela abriu a boca para explicar, mas naquele exato momento o mordomo apareceu para chamá-los para o jantar.

– Suas preces foram atendidas – disse lorde Hugh, zombeteiro.

– Nem todas – murmurou Sarah.

Ele lhe ofereceu o braço.

– Sim, ainda está atrelada a mim, não é?

De fato.

CAPÍTULO 7

Na tarde seguinte

E então o conde de Chatteris e lady Honoria Smythe-Smith se uniram no sagrado matrimônio. O sol brilhava, o vinho fluía e, a julgar pelos sorrisos e pelas risadas no café da manhã do casamento (que havia muito se transformara em um almoço), todos estavam se divertindo.

Até mesmo lady Sarah Pleinsworth.

De onde Hugh a observava, sentado à mesa principal (sozinho, porque todos tinham se levantado para dançar), ela era a própria personificação da graciosa feminilidade inglesa. Conversava facilmente com os outros convidados, ria com frequência (mas nunca alto demais) e, quando dançava, irradiava tamanha felicidade que quase iluminava a sala.

Houvera um tempo em que Hugh gostava de dançar.

E fazia isso muito bem. Música não era algo muito diferente de matemática. Era apenas uma questão de padrões e sequências. A única diferença era que pairava no ar, em vez de em uma folha de papel.

Dançar era uma grande equação. Um lado era som; o outro, movimento. O trabalho do dançarino era torná-los iguais.

Hugh podia não *sentir* a música, como o maestro do coral de Eton insistira em que deveria, mas certamente a entendia.

– Olá, lorde Hugh. Gostaria de um pouco de bolo?

Hugh ergueu os olhos e sorriu. Era a pequena lady Frances Pleinsworth, segurando dois pratos. Um continha uma gigantesca fatia de bolo e o outro, uma fatia apenas enorme. Ambas cobertas por uma generosa camada de glacê cor de lavanda e pequenas violetas de açúcar. Hugh vira o bolo em toda a sua glória antes de ser cortado e imediatamente começara a se perguntar quantos ovos a obra teria exigido.

Quando isso se revelara um cálculo impossível, começara a pensar em quanto tempo teria levado para ser confeccionado. E então havia passado para...

– Lorde Hugh? – chamou lady Frances, interrompendo-lhes os pensamentos.

Ela ergueu um dos pratos alguns centímetros no ar, fazendo-o lembrar-se de por que se aproximara.

– Realmente gosto de bolo – disse Hugh.

Ela se sentou perto dele, pondo os pratos na mesa.

– Parecia solitário.

Hugh sorriu de novo. Esse era o tipo de coisa que um adulto nunca diria em voz alta. Exatamente o motivo de ele preferir conversar com ela a fazê-lo com qualquer outra pessoa ali.

– Eu estava sozinho, não solitário.

Frances franziu a testa, pensando nisso. Hugh estava prestes a explicar a diferença quando ela ergueu a cabeça e perguntou:

– Tem certeza?

– Sozinho é uma condição passageira – explicou ele –, enquanto solitário...

– Eu sei – interrompeu-o Frances.

Ele a encarou.

– Então acho que não entendi sua pergunta.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– Só estava me perguntando se uma pessoa sempre sabe quando está solitária.

Ela era uma pequena filósofa.

– Quantos anos tem? – perguntou Hugh, concluindo que não ficaria surpreso se ela abrisse a boca e dissesse que tinha 42.

– Onze – revelou, espetando o garfo no bolo e recolhendo habilmente o glacê entre as camadas. – Mas sou muito precoce.

– Percebe-se.

Frances não disse nada, mas ele a viu sorrir enquanto dava uma mordida.

– Gosta de bolo? – perguntou ela, limpando delicadamente o canto da boca com um guardanapo.

– Quem não gosta? – murmurou Hugh, sem salientar que já dissera que gostava.

Frances olhou para o prato intocado dele.

– Então por que não comeu nada?

– Estou pensando – respondeu ele, os olhos varrendo a sala e se fixando na sorridente irmã mais velha dela.

– Não consegue comer e pensar ao mesmo tempo? – indagou Frances.

Era um desafio, por isso Hugh se concentrou na fatia de bolo à sua frente, deu uma grande mordida, mastigou, engoliu e disse:

– 541 vezes 87 é igual a 47.067.

– Está inventando isso – contrapôs Frances imediatamente.

Hugh deu de ombros.

– Sinta-se à vontade para conferir a resposta.

– Não posso fazer isso *aqui*.

– Então terá que acreditar na minha palavra, não é?

– Desde que saiba que eu *poderia* conferir sua resposta se tivesse os meios adequados – declarou Frances de forma atrevida. A menina franziu a testa, mantendo os olhos nele.

– Fez esse cálculo de cabeça?

– Sim – confirmou Hugh.

Ele comeu outro pedaço do bolo. Realmente estava saboroso. O glacê parecia ter sido aromatizado com lavanda. Marcus sempre gostara de doces, lembrou-se.

– Isso é *brilhante*. Eu queria saber fazer isso.

– Às vezes vem a calhar.

Ele comeu mais bolo.

– E às vezes não – emendou.

– Sou muito boa em matemática – disse Frances sem rodeios –, mas não em fazer cálculos de cabeça. Preciso escrever tudo.

– Não há nada de errado com isso.

– Não, claro que não. Sou muito melhor do que Elizabeth – contou a menina, com um grande sorriso. – Ela detesta que eu seja, mas sabe que isso é verdade.

– Qual delas é Elizabeth?

Hugh provavelmente sabia quem era ela, mas sua memória, que gravava cada palavra de uma página, nem sempre era confiável com nomes e rostos.

– A que é só um pouco mais velha do que eu. De vez em quando ela é desagradável, mas na maioria das vezes nos damos bem.

– Todos são desagradáveis de vez em quando – ressaltou Hugh.

Isso a fez parar.

– Até mesmo o senhor?

– Ah, principalmente eu.

Frances pestanejou algumas vezes. E provavelmente decidiu que preferia o rumo anterior da conversa, porque quando abriu a boca de novo foi para perguntar:

– Tem irmãos ou irmãs?

– Tenho um irmão.

– Qual é o nome dele?

– Frederick. Eu o chamo de Freddie.

– Gosta dele?

Hugh sorriu.

– Muito. Mas não o vejo com frequência.

– Por que não?

Hugh não queria pensar em todos os motivos para isso, então se concentrou no único que era adequado para os ouvidos dela.

– Ele não mora em Londres. E eu, sim.

– Isso é péssimo.

Frances espetou o garfo no bolo, espalhando distraidamente o glacê.

– Talvez possa vê-lo no Natal.

– Talvez – mentiu Hugh.

– Ah, eu me esqueci de perguntar – disse ela. – É melhor em aritmética do que ele?

– Sou, sim – confirmou Hugh. – Mas ele não liga.

– Harriet também não. Ela é cinco anos mais velha do que eu e ainda sou melhor do que ela.

Sem ter nenhuma resposta para dar, Hugh só mexeu a cabeça.

– Ela gosta de escrever peças de teatro – continuou Frances. – Não se interessa por números.

– Deveria se interessar – disse Hugh, relanceando os olhos novamente para a celebração do casamento.

Lady Sarah estava dançando com um dos irmãos Bridgertons. O ângulo não permitia que Hugh soubesse exatamente qual. Ele se lembrou de que três dos irmãos eram casados, mas um, não.

– Ela é muito boa nisso – comentou Frances.

De fato, pensou Hugh, ainda observando Sarah. Ela dançava lindamente. Quase a ponto de fazer com que a pessoa se esquecesse de sua língua ferina.

– Ela vai pôr um unicórnio na próxima.

Um uni...

– O quê?

Hugh se virou de novo para Frances, piscando repetidamente.

– Um unicórnio – repetiu a menina, encarando-o de forma assustadoramente firme. – Já ouviu falar, não é?

Meu Deus, ela estava zombando dele? Teria ficado impressionado se isso não fosse tão ridículo.

– É claro – respondeu.

– Sou louca por unicórnios – disse Frances com um sorriso extasiado. – Eu os acho brilhantes.

– Inexistentemente brilhantes.

– É o que *pensamos* – respondeu ela com adequada dramaticidade.

– Lady Frances – disse Hugh com sua voz mais didática –, deve saber que os unicórnios são criaturas míticas.

– Os mitos têm que vir de algum lugar.

– Eles *vieram* da imaginação dos bardos.

Ela encolheu os ombros e comeu um pedaço de bolo.

Hugh ficou atônito. Estava mesmo debatendo a existência de unicórnios com uma garota de 11 anos?

Ele tentou encerrar o assunto. E descobriu que não conseguia. Aparentemente *estava* debatendo a existência de unicórnios com uma garota de 11 anos.

– Nunca houve um registro de avistamento de unicórnio – disse ele.

Nesse momento, para sua grande irritação, percebeu que parecia tão rígido e formal quanto Sarah parecera ao se irritar com seus planos de praticar tiro ao alvo com o primo dela.

Frances ergueu o queixo.

– Nunca vi um leão, mas isso não quer dizer que os leões não existam.

– Pode nunca ter visto um leão, mas centenas de pessoas os viram.

– Não se pode provar que algo *não* existe – contrapôs Frances.

Hugh parou. Ela o pegara.

– Pois então – disse Frances com orgulho, percebendo que ele fora forçado a recuar.

– Muito bem – disse Hugh, balançando a cabeça em aprovação. – Não posso provar que os unicórnios não existem, mas você *também* não pode provar que eles existem.

– É verdade – reconheceu Frances com delicadeza. – Gosto do senhor, lorde Hugh.

Por um segundo ela soou exatamente como lady Danbury. Hugh se perguntou se deveria ter medo.

– Não fala comigo como se eu fosse uma criança – disse Frances.

– Você *é* uma criança – salientou ele.

– Bem, sim, mas não fala comigo como se eu fosse uma idiota.

– Não é uma idiota.

– Eu *sei*.

Ela começava a parecer um pouco exasperada. Hugh a encarou por um momento.

– Então o que quer dizer?

– Só isso... Ah, olá, Sarah.

– Frances. – Ele ouviu a voz agora familiar de lady Sarah Pleinsworth. – Lorde Hugh.

Hugh se levantou, apesar de isso ter sido difícil por causa da perna.

– Ah, não precisa... – começou Sarah.

– Preciso – interrompeu-a bruscamente o cavalheiro.

No dia em que não pudesse mais se levantar na presença de uma dama... Bem, sinceramente ele não queria pensar nisso.

Ela deu um sorriso tenso (e possivelmente constrangido) e então o contornou para sentar-se na cadeira do outro lado de Frances.

– Do que estavam falando?

– De unicórnios – respondeu a menina de pronto.

Sarah contraiu os lábios no que pareceu uma tentativa de manter o rosto sério.

– É mesmo?

– É – respondeu Hugh.

Ela pigarreou.

– Chegaram a alguma conclusão?

– Só que concordamos em discordar – disse Hugh, dando um plácido sorriso. – Como acontece tantas vezes na vida.

Sarah estreitou os olhos.

– Sarah também não acredita em unicórnios – disse Frances. – Nenhuma das minhas irmãs acredita – falou ela, soltando um triste e pequeno suspiro antes de concluir, tristonha: – Estou sozinha em minhas esperanças e meus sonhos.

Hugh viu Sarah revirar os olhos e então disse:

– Tenho a sensação, lady Frances, de que a única coisa em que está sozinha é na enxurrada de amor e devoção que recebe de sua família.

– Ah, não estou sozinha nisso – disse Frances com alegria. – Embora, por ser a filha mais nova, eu desfrute mesmo de certos benefícios.

Sarah bufou.

– Então é verdade? – murmurou Hugh, olhando para ela.

– Ela seria terrível se não fosse tão naturalmente maravilhosa – disse Sarah, sorrindo para a irmã com óbvia afeição. – Meu pai a mima de uma forma abominável.

– É verdade – confirmou Frances.

– Seu pai está aqui? – perguntou Hugh com curiosidade.

Não achava que já houvesse conhecido lorde Pleinsworth.

– Não – respondeu Sarah. – Ele achou que a viagem de Devon para cá seria muito longa. Raramente sai de casa.

– Ele não gosta de viajar – acrescentou Frances.

Sarah concordou com a cabeça.

– Mas ele comparecerá ao casamento de Daniel.

– Ele vai trazer os cães? – perguntou Frances.

– Não sei – respondeu Sarah.

– Mamãe vai...

–... matá-lo, eu sei, mas...

– Cães? – interrompeu Hugh, porque aquilo realmente tinha que ser perguntado.

As duas irmãs Pleinsworths olharam para Hugh como se tivessem se esquecido de que ele estava ali.

– Cães? – repetiu Hugh.

– Meu pai – disse Sarah, escolhendo delicadamente as palavras – aprecia muito seus cães de caça.

Hugh olhou para Frances, que confirmou com a cabeça.

– Quantos? – indagou.

Parecia uma pergunta lógica.

Lady Sarah pareceu relutante em chegar a um número, mas sua irmã mais nova não tinha tantos escrúpulos.

– Cinquenta e três, na última contagem – respondeu Frances. – Mas provavelmente são mais agora. Estão sempre tendo filhotes.

Hugh não conseguiu encontrar uma resposta adequada.

– É claro que não é possível pôr todos em uma carruagem – acrescentou Frances.

– Não – conseguiu responder Hugh. – Não imagino que seja.

– Ele frequentemente diz que prefere a companhia dos animais à dos humanos – disse Sarah.

– Não posso dizer que discorde disso – observou Hugh.

Ele viu Frances abrir a boca para falar, mas rapidamente a silenciou apontando-lhe um dedo.

– Unicórnios *não* contam.

– Eu *ia* falar – disse ela com fingida indignação – que gostaria que ele *trouxesse* os cães.

– Está louca? – perguntou Sarah, ao mesmo tempo em que Hugh murmurava:

– Todos os 53?

– Ele provavelmente não traria todos – disse Frances para Hugh, virando-se então para Sarah: – E não, não estou louca. Se ele trouxesse os cães, eu teria com quem brincar. Não há outras crianças aqui.

– A senhorita tem a mim – disse Hugh num impulso.

As duas irmãs Pleinsworths ficaram mudas. Hugh teve a impressão de que isso não era uma ocorrência comum.

– Acho que seria difícil me recrutar para brincar de cabo de guerra – concedeu ele, encolhendo os ombros –, mas ficaria feliz em fazer algo que não exija tanto da minha perna.

– Ah – disse Frances, pestanejando algumas vezes. – Obrigada.

– Essa foi a conversa mais divertida que já tive em Fensmore – disse lorde Hugh à menina.

– É mesmo? – perguntou Frances. – Mas Sarah não ficou incumbida de lhe fazer companhia?

Houve um desconfortável silêncio.

Hugh pigarreou, mas Sarah falou primeiro.

– Obrigada, Frances – agradeceu ela com grande dignidade. – Obrigada por ter ocupado meu lugar à mesa enquanto eu dançava.

– Ele parecia solitário – disse Frances.

Hugh tossiu. Não porque estivesse constrangido, mas porque estava... Maldição, não sabia o que estava sentindo naquele momento. Era muito desconcertante.

– Não que ele *estivesse* – apressou-se a dizer Frances, lançando-lhe um olhar conspirador. – Mas parecia estar.

Ela ficou olhando da irmã para Hugh e dele para a irmã, só então percebendo que talvez tivesse se metido em uma situação delicada.

– E ele precisava de bolo.

– Bem, todos precisamos de bolo – interpôs Hugh.

Não se importava com a possibilidade de lady Sarah sentir-se constrangida, mas não havia nenhuma necessidade de que lady Frances também se sentisse.

– Eu preciso de bolo – anunciou Sarah.

Foi a coisa certa para mudar de assunto.

– Ainda não comeu? – perguntou Frances, surpresa. – Ah, mas devia. Está uma maravilha. O criado me deu um pedaço com flores extras.

Hugh sorriu para si mesmo. Flores extras, de fato. Elas tinham deixado a língua de lady Frances roxa.

– Eu estava dançando – lembrou-lhe Sarah.

– Ah, sim, claro.

Frances fez uma careta e se virou para Hugh.

– Essa é outra grande desvantagem de ser a única criança em um casamento. Ninguém dança comigo.

– Eu lhe asseguro que dançaria – disse ele muito sério. – Mas...

Ele apontou para a bengala.

Frances assentiu em solidariedade.

– Bem, então estou muito feliz por ter vindo conversar com o senhor. Não é nada divertido ficar sentada sozinha quando todos estão dançando.

Ela se levantou e perguntou à irmã:

– Quer que eu lhe traga um pouco de bolo?

– Não, obrigada.

– Mas você acabou de dizer que queria.

– Ela disse que *precisava* – observou Hugh.

Sarah o encarou como se tentáculos houvessem acabado de brotar nele.

– Eu me lembro das coisas – disse Hugh apenas.

– Vou buscar seu bolo – decidiu Frances, afastando-se.

Hugh se entreteve contando quanto tempo lady Sarah levaria para romper o silêncio e falar com ele depois da partida da irmã. Quando chegou a 43 segundos (aproximadamente, porque não tinha um relógio para uma contagem exata), percebeu que teria que ser o adulto da dupla e disse:

– A senhorita gosta de dançar.

Sarah se sobressaltou e, quando se virou para ele, Hugh percebeu em sua expressão que, enquanto ele contava o tempo da pausa na conversa, ela apenas ficara sentada num silêncio perfeitamente possível a um evento social.

Achou isso estranho. Talvez até perturbador.

– Gosto – disse ela, ainda pestanejando de surpresa. – A música é ótima. Realmente faz as pessoas se levantarem e... desculpe-me.

Ela corou, como todos faziam quando diziam algo que poderia se referir à perna dele.

– Eu gostava de dançar – disse Hugh, mais para ser do contra.

– Eu... ah...

Ela pigarreou.

– Agora é difícil, claro.

Os olhos de Sarah assumiram uma vaga expressão de preocupação, por isso ele sorriu e tomou um gole de vinho.

– Achei que não bebesse na presença dos Smythe-Smiths – ressaltou ela.

Ele tomou outro gole – o vinho era mesmo muito bom, como Sarah dissera na noite anterior – e se virou para ela na intenção de responder com sarcasmo, mas, ao vê-la sentada ali com a pele ainda rosada e úmida pelos esforços recentes, algo mudou dentro dele e o pequeno nó de raiva que ele se esforçava tanto para manter enterrado se desfez, surgiu à tona e começou a sangrar.

Nunca voltaria a dançar.

Nunca voltaria a cavalgar, subir em árvores ou andar a passos largos por um salão impressionando uma dama. Havia mil coisas que nunca voltaria a fazer, e, quando achava que seria um homem quem o lembraria disso – um capaz de caçar, boxear e fazer todas aquelas malditas coisas masculinas –, era *ela*, lady Sarah Pleinsworth, com seus belos olhos, pés ágeis e todos os sorrisos que dera aos seus parceiros de dança naquela manhã, quem o fizera.

Não gostava dela. Realmente não gostava, mas, por Deus, teria vendido uma parte de sua alma naquele instante para dançar com ela.

– Lorde Hugh?

A voz dela foi baixa, mas com um pequeno traço de impaciência, apenas o suficiente para alertá-lo de que ele havia ficado calado por tempo de mais.

Tomou outro gole de vinho – um maior desta vez – e disse:

– Minha perna está doendo.

Não estava. Pelo menos não muito, mas bem que poderia estar. Sua perna parecia ser a única razão para tudo em sua vida, e certamente uma taça de vinho não era uma exceção.

– Ah – disse ela, desconfortável, mudando de posição na cadeira. – Sinto muito.

– Não sinta – respondeu ele, talvez mais bruscamente do que pretendera. – Não é culpa sua.

– Sei disso. Mas ainda assim sinto muito por estar doendo.

Ele provavelmente lhe lançou um olhar de descrença, porque ela recuou e disse:

– Não sou desumana.

Hugh a observou atentamente, e de algum modo seu olhar desceu pelo pescoço de Sarah até os contornos delicados da clavícula. Dava para notar cada movimento da respiração, cada diminuta variação na pele dela. Ele pigarreou. Ela sem dúvida era humana.

– Perdoe-me – disse Hugh. – Eu achava que a senhorita considerava meu sofrimento mais do que merecido.

Sarah entreabriu os lábios e ele quase pôde ver sua frase lhe atravessar a mente. O desconforto dela era palpável. Por fim, Sarah encontrou algumas palavras e disse:

– Talvez eu tenha me sentido assim, e não posso me imaginar algum dia sendo benevolente com o senhor, mas estou tentando ser um pouco menos...

Ela se interrompeu e se moveu desconfortavelmente enquanto procurava palavras.

– Estou tentando ser uma pessoa melhor – disse enfim. – E não desejo que sinta dor.

Hugh ergueu as sobrancelhas. Essa não era a Sarah Pleinsworth que ele conhecia.

– Mas não gosto do senhor – completou Sarah de súbito.

Ah. Lá estava ela. Hugh obteve algum conforto em sua rudeza. Estava se sentindo inexplicavelmente cansado e não tinha energia para desvendar aquela Sarah Pleinsworth mais profunda e cheia de nuances.

Podia não gostar da jovem dramática que fazia pronunciamentos grandiosos a plenos pulmões, mas naquele momento... a preferia.

CAPÍTULO 8

Da mesa principal, Sarah podia ver todo o cômodo. Isso lhe possibilitava fitar a recém-casada sem a menor dificuldade. Lá estava a noiva feliz, usando seu vestido de seda em um tom claro de lavanda e tendo um sorriso radiante no rosto. Dali, alguém poderia até fulminar a noiva feliz com os olhos (não querendo, claro, que ela percebesse). Mas, afinal, era por culpa de Honoria que Sarah estava presa ali, sentada perto de lorde Hugh Prentice, que, após uma adorável conversa com a irmã mais nova dela, havia se tornado desagradável e carrancudo.

– Eu devo mesmo trazer à tona o melhor do senhor, não? – murmurou Sarah sem olhar para ele.

– Disse alguma coisa? – perguntou Hugh, também sem olhar para ela.

– Não – mentiu.

Ele se mexeu na cadeira e Sarah olhou para baixo por tempo suficiente para perceber que Hugh estava mudando a posição da perna. Parecia muito confortável com ela esticada à sua frente; Sarah havia notado isso no jantar da noite anterior. Mas, se a mesa da véspera estava repleta de convidados, a de agora estava vazia, exceto por eles dois, e havia bastante espaço para...

– Não está doendo – disse Hugh, sem se virar nem um centímetro na direção dela.

– O que disse? – perguntou Sarah, já que *não* estivera olhando para a perna dele.

De fato, depois de ter notado que ele a estava mantendo bem reta, concentrara-se de propósito em pelo menos meia dúzia de outras coisas.

– A perna – disse Hugh. – Não está doendo agora.

– Ah.

Sarah estava com a resposta na ponta da língua sobre não haver perguntado sobre a perna, mas até mesmo ela sabia quando as boas maneiras exigiam moderação.

– O vinho, imagino – comentou por fim.

Ele não havia bebido muito, mas, se dissera que ajudava a combater a dor, quem era ela para duvidar?

– É difícil dobrar – comentou Hugh, olhando direto para ela. – No caso de estar curiosa.

– É claro que não – apressou-se a dizer Sarah.

– Mentirosa.

Ela ficou boquiaberta. É claro que havia mentido, mas fora por *cortesia.* Chamá-la de mentirosa, por sua vez, não tinha sido nem um pouco cortês da parte dele.

– Se quer saber – continuou Hugh, cortando um pequeno pedaço de bolo com o garfo – é só perguntar.

– Muito bem – retrucou Sarah rispidamente. – Chegou a perder grandes pedaços de carne?

Ele engasgou com o bolo. Isso a deixou muito satisfeita.

– Sim – respondeu.

– De que tamanho?

Hugh pareceu prestes a sorrir de novo, e fazê-lo sorrir não fora a intenção dela. Ele olhou para a perna.

– Eu diria que de uns 15 centímetros cúbicos.

Sarah cerrou os dentes. Que tipo de pessoa respondia em centímetros cúbicos?

– Mais ou menos o tamanho de uma laranja pequena – acrescentou ele, de modo bastante condescendente. – Ou um morango bem grande.

– Eu sei o que é centímetro cúbico.

– É claro que sabe.

E o bizarro foi que ele não pareceu nem um pouco condescendente quando disse *isso*.

– Seu joelho foi ferido? – perguntou Sarah, porque, com os diabos, agora estava curiosa. – É por isso que não consegue dobrá-lo?

– Eu consigo dobrá-lo. Só que não muito bem. E não, meu joelho não foi ferido.

Sarah esperou vários segundos e indagou, praticamente por entre os dentes:

– Então por que não consegue dobrá-lo bem?

– Por causa do músculo – retrucou Hugh, erguendo e abaixando um dos ombros. – Acho que não se estica como deveria por causa dos 15 centímetros cúbicos de... do que mesmo chamou? – Sua voz se tornou desagradavelmente cômica. – Ah, sim, pedaços de carne.

– O senhor me disse para perguntar – rebateu ela, irritada.

– Sim.

Sarah sentiu a própria mandíbula travar. Ele estava tentando fazê-la sentir-se mal? Se existiam regras sociais oficiais que ditavam o comportamento de uma dama diante de um homem parcialmente aleijado, Sarah não as conhecia. No entanto, estava bastante certa de que deveria fingir que não notava a debilidade dele.

A menos que lorde Hugh precisasse de ajuda, caso em que ela *deveria* notar a deficiência, porque seria uma imperdoável falta de sensibilidade ficar parada vendo-o tropeçar. Mas, de qualquer maneira, provavelmente não deveria fazer perguntas.

Não deveria indagar por que ele não conseguia dobrar a perna.

Mas, afinal, não era dever dele, um cavalheiro, não fazê-la sentir-se mal por seu erro?

Honoria lhe devia uma por isso. Provavelmente lhe devia três.

Não sabia três do quê, mas seria de algo importante. Muito importante.

Ficaram quietos, sentados ali, por mais cerca de um minuto, e então Hugh disse:

– Não acho que sua irmã vá voltar com o bolo.

Ele apontou muito discretamente com a cabeça. Frances valsava com Daniel. A expressão no rosto da menina era de puro deleite.

– Ele sempre foi o primo favorito dela – observou Sarah.

Ainda não estava olhando diretamente para Hugh, mas o sentiu concordar com a cabeça.

– Ele tem jeito com as pessoas – disse Hugh.

– É um talento.

– De fato.

Hugh tomou um gole de vinho.

– Um que deduzo que a senhorita também possua.

– Não com todo mundo.

Ele sorriu de forma zombeteira.

– Presumo que esteja se referindo a mim.

Ela estava prestes a dizer “É claro que não”, mas ele era inteligente demais para essa resposta. Em vez disso, Sarah ficou em silêncio, sentindo-se uma tola. Uma tola rude.

Ele riu.

– Não deve se criticar por seu fracasso. Sou um desafio até mesmo para a mais afável das pessoas.

Sarah se virou, olhando para o rosto dele totalmente confusa. E incrédula. Que tipo de homem dizia uma coisa dessas?

– O senhor parece se dar bem com Daniel – rebateu, por fim.

Hugh ergueu uma sobrancelha, quase como em desafio.

– E ainda assim – disse, inclinando-se ligeiramente para Sarah – atirei nele.

– Para ser justa, estavam duelando.

Ele quase sorriu.

– Está me defendendo?

– Não – retrucou ela.

Estava? Não, estava apenas puxando conversa. Um talento que, segundo o próprio lorde Hugh, ela devia possuir.

– Diga-me. Teve a intenção de atingi-lo?

Hugh ficou paralisado e por um instante ela achou que fora longe demais. Quando ele falou, foi com calma e perplexidade.

– É a primeira pessoa que me pergunta isso.

– Não é possível.

– Acho que só agora me dei conta disso, mas não, ninguém nunca pensou em me perguntar se tive a intenção de atingi-lo.

Sarah segurou sua língua por alguns segundos. Não mais do que isso.

– Bem, teve?

– Quer dizer, de atingi-lo? Não. É claro que não.

– Deveria dizer isso a ele.

– Daniel sabe.

– Mas...

– Eu disse que ninguém nunca me perguntou – interrompeu-a ele. – Não que nunca dei essa informação.

– Imagino que o tiro dele também tenha sido acidental.

– Nenhum de nós estava em seu juízo perfeito naquela manhã – declarou Hugh, num tom totalmente inexpressivo.

Sarah assentiu. Não soube por quê; não estava concordando com nada, só sentiu que devia responder. Que ele merecia uma resposta.

– No entanto – disse lorde Hugh, olhando diretamente para a frente –, fui eu quem o desafiou para o duelo e quem atirou primeiro.

Ela olhou para a mesa. Não sabia o que dizer.

Hugh se pronunciou de novo, em voz baixa, mas com inconfundível convicção.

– Nunca culpei seu primo por minha lesão.

E então, antes que ela pudesse ao menos pensar em como responder, lorde Hugh se levantou tão abruptamente que bateu com a perna machucada na mesa, derrubando um pouco de vinho de uma taça esquecida por alguém. Quando Sarah ergueu os olhos, viu-o fazer cara de dor.

– O senhor está bem? – perguntou por educação.

– Estou.

– É claro que está – murmurou Sarah.

Os homens sempre estão "bem".

– O que quer dizer com isso? – disparou Hugh.

– Nada – mentiu ela, levantando-se. – Precisa de ajuda?

Os olhos de Hugh brilharam de raiva por ela ter feito aquela pergunta. Mas, quando ele ia dizer que não precisava, a bengala caiu no chão com um estrondo.

– Deixe-me pegá-la.

– Eu posso...

– Já *peguei* – disse Sarah, irritada.

Meu Deus, o homem quase a impedia de ser atenciosa.

Hugh suspirou e então disse, com certa relutância:

– Obrigado.

Ela lhe estendeu a bengala e indagou, com muita cautela:

– Posso acompanhá-lo até a porta?

– Isso não é necessário – respondeu ele bruscamente.

– Talvez não para o senhor – replicou ela.

Isso pareceu despertar a curiosidade de Hugh.

– Creio que está ciente de que fui encarregada do seu bem-estar.

– Deveria parar de me bajular, lady Sarah. Isso vai me subir à cabeça.

– Não fugirei ao meu dever.

Ele a encarou por um longo momento e, depois, fixou o olhar nos cerca de vinte convidados que estavam dançando.

Sarah respirou fundo, tentando não morder a isca. Provavelmente não deveria tê-lo deixado sozinho à mesa, mas tinha se sentido feliz e gostava de dançar. Honoria na certa não esperava que ela ficasse ao lado dele o tempo todo. Além disso, havia várias outras pessoas à mesa quando ela se levantara. E voltara ao perceber que ele estava apenas na companhia de Frances.

Embora, verdade fosse dita, ele parecesse preferir Frances.

– É estranho – murmurou Hugh – ser o dever de uma jovem dama. Não posso dizer que já tive esse prazer.

– Fiz uma promessa para minha prima – rebateu Sarah com voz firme. Para não mencionar o julgamento que Iris fizera dela. – Sendo um cavalheiro, o senhor deveria me permitir ao menos tentar cumprir essa promessa.

– Muito bem – disse Hugh, não com uma voz zangada.

Tampouco foi uma voz resignada, divertida ou algo que ela pudesse discernir.

Ele lhe estendeu o braço como qualquer cavalheiro faria, mas ela hesitou. Deveria aceitar? Isso o faria perder o equilíbrio?

– Não vou cair – disse Hugh.

Ela aceitou.

Hugh inclinou a cabeça na direção dela.

– A menos, é claro, que me empurre.

Ela se sentiu corar.

– Ora, vamos, lady Sarah. Certamente sabe apreciar uma piada. Ainda mais se for a meu respeito.

Sarah se forçou a dar um sorriso, que saiu tenso.

Lorde Hugh riu e eles se dirigiram à porta, andando mais rápido do que ela esperava. Ele mancava bastante, mas parecia ter descoberto o melhor modo de compensar isso. Provavelmente precisara reaprender a andar, percebeu Sarah com espanto. Devia ter demorado meses, talvez anos.

E provavelmente fora doloroso.

Algo parecido com admiração começou a vibrar dentro dela. Lorde Hugh continuava rude e irritante, e ela não gostava da companhia dele, mas pela primeira vez desde aquele fatídico duelo, três anos e meio antes, Sarah percebeu que o admirava. Ele era forte. Não do tipo que se gabaria

dizendo: “Olhe só a facilidade com que ponho uma jovem dama em cima de um cavalo!”, embora pelo visto pudesse fazer isso também. Estavam de braços dados e não havia nada de fraco nele.

Hugh Prentice era forte por dentro, onde realmente importava. Tinha que ser, para se recuperar daquela lesão.

Sarah engoliu em seco, seus olhos tentando focar em qualquer outra coisa enquanto continuava a andar ao lado dele. Sentia-se instável, como se o chão tivesse de repente se inclinado um pouco ou o ar houvesse se tornado rarefeito. Passara os anos anteriores detestando aquele homem e, embora não a tivesse consumido, essa raiva de algum modo a definira.

Lorde Hugh Prentice fora sua desculpa. Sua constante. Quando o mundo mudava ao redor dela, ele continuava a ser seu objeto de repulsa. Era frio, um homem sem coração e sem consciência. Havia arruinado a vida de seu primo e nunca se desculpara por isso. Ele era horrível de um modo que significava que nada na vida poderia ser *tão ruim*.

E agora Sarah havia encontrado algo nele para admirar. Isso não era típico dela. Era Honoria quem via o lado bom das pessoas; Sarah guardava rancor.

E não mudava de ideia.

Exceto às vezes, ao que tudo indicava.

– Quando eu for embora, vai dançar para alegrar seu coração? – perguntou subitamente lorde Hugh.

Sarah se sobressaltou, tão perdida em seus pensamentos que a voz dele soou alta demais.

– Sinceramente, não pensei nisso – respondeu.

– Deveria ter pensado – declarou Hugh em voz baixa. – Dança muitíssimo bem.

Ela entreabriu os lábios, surpresa.

– Sim, lady Sarah. Isso foi um elogio.

– Não sei o que fazer com ele.

– Eu recomendaria que o aceitasse de bom grado.

– Baseado em sua experiência pessoal?

– Certamente não. Quase nunca aceito elogios de bom grado.

Sarah o observou esperando encontrar um olhar astuto, talvez até mesmo travesso, mas seu rosto continuava impassível como sempre. Ele nem sequer estava olhando para ela.

– O senhor é um homem muito estranho, lorde Hugh Prentice – declarou Sarah em voz baixa.

– Eu sei – concordou ele.

Eles passaram pelo corpulento tio-avô de Sarah (e pela notavelmente alta esposa dele) para chegar à porta do salão de baile. Porém, antes de poderem concluir a fuga, foram interceptados por Honoria, que ainda irradiava tanta felicidade que Sarah achou que ela devia estar com as bochechas doendo de tanto sorrir. Frances estava ao seu lado, segurando-lhe a mão e se esbaldando no brilho da noiva.

– Não podem ir embora tão cedo! – exclamou Honoria.

E então, apenas para provar a Sarah e Hugh que era impossível sair de um salão cheio de Smythe-Smiths sem serem notados, Iris subitamente se materializou do outro lado de Honoria, corada e ofegante da dança escocesa que acabara de terminar.

– Sarah – disse Iris, rindo e ligeiramente embriagada. – E lorde Hugh. Juntos. De novo.

– Ainda – corrigiu-a Hugh, para grande mortificação de Sarah.

Ele fez uma gentil mesura para Iris e depois se virou para Honoria, dizendo:

– O casamento está lindo, lady Chatteris, mas devo me recolher ao meu quarto para descansar.

– E eu devo acompanhá-lo – anunciou Sarah.

Iris deu uma risada.

– Não até o quarto dele – emendou Sarah às pressas.

Deus do céu.

– Apenas até a escada. Ou talvez... – continuou ela.

Ele precisava de ajuda na escada? Deveria oferecê-la?

– É... até o alto da escada, se quiser...

– Até onde quiser me levar – disse Hugh, num tom que era ao mesmo tempo benevolente e provocador.

Sarah apertou os dedos no braço dele, esperando que isso doesse.

– Mas eu não quero que vocês vão embora – reclamou Honoria.

– Eles formam mesmo um belo par – comentou Iris com um sorriso.

– Você é muito gentil, Iris – grunhiu Sarah.

– Foi ótimo vê-lo, lorde Hugh – disse Iris com uma reverência um pouco rápida demais. – Receio que tenham que me dar licença. Prometi a

Honoria que encontraria o primo Rupert e dançaria com ele. Sabem como é, devo cumprir meus deveres!

Ela se despediu com um aceno alegre e se afastou.

– Graças a Deus temos Iris – disse Honoria. – Não sei o que Rupert comeu esta manhã, mas ninguém quer ficar perto dele. É tão bom saber que posso contar com minhas primas!

E o punhal que Iris acabara de cravar no coração de Sarah se torceu um pouco. Se achava que logo se livraria de lorde Hugh, estava redondamente enganada.

– Deveria agradecer a ela depois – continuou Honoria, dirigindo-se diretamente a Sarah. – Sei quanto você e o primo Rupert não... ah...

A voz da noiva foi sumindo quando ela se lembrou de que lorde Hugh estava em pé na sua frente. Nunca era educado expor diferenças familiares em público, ainda que já tivesse feito exatamente isso na véspera.

– Bem – declarou, após pigarrear –, agora não precisa dançar com ele.

– Porque Iris vai dançar – completou Frances, prestativa, como se Sarah não tivesse entendido isso.

– Realmente temos que ir – disse Sarah.

– Não, não, não podem – protestou Honoria, segurando as mãos de Sarah. – Quero que você fique aqui. É minha prima mais querida.

– Mas só porque eu sou nova demais – sussurrou Frances para Hugh.

– Por favor, Sarah – disse Honoria e depois virou o rosto na direção de Hugh. – E o senhor também, lorde Hugh. Isso significaria muito para mim.

Sarah cerrou os dentes. Se aquilo tivesse partido de qualquer outra pessoa, ela teria lhe virado as costas e saído a passos largos. Mas Honoria não estava tentando bancar a casamenteira. Não era ardilosa e, mesmo que fosse, nunca agiria de forma tão óbvia. Na verdade, a questão era que sua felicidade era tanta que ela queria que todos se sentissem como ela e simplesmente não conseguia imaginar que alguém pudesse ficar mais feliz em outro lugar que não fosse aquele salão.

– Sinto muito, lady Chatteris – murmurou lorde Hugh –, mas creio que devo descansar a perna.

– Ah, mas então deve ir para a sala de estar – respondeu Honoria de pronto. – Estamos servindo bolo lá para os convidados que não querem dançar.

– Sarah não comeu bolo! – exclamou Frances. – Era para eu ter levado um pedaço para ela.

– Tudo bem, Frances – assegurou-lhe Sarah. – Eu...

– Ah, você tem que comer o bolo – disse Honoria. – A Sra. Wetherby trabalhou com a cozinheira durante semanas para acertar a receita.

Sarah não duvidava disso. Honoria era louca por doces; sempre fora.

– Vou com você – disse Frances.

– Seria ótimo, mas...

– E lorde Hugh também pode vir!

Ao ouvir isso, Sarah se virou para a irmã caçula, desconfiada. Honoria podia estar apenas tentando tornar todo mundo tão feliz quanto ela, mas os motivos de Frances raramente eram tão puros.

– Muito bem – concordou Sarah, antes de se dar conta de que era lorde Hugh quem deveria responder.

– Marcus e eu iremos daqui a pouco até a sala de estar cumprimentar os convidados – declarou Honoria.

– Como quiser, milady – disse Hugh com uma pequena mesura.

Nada em sua voz revelou irritação ou impaciência, mas Sarah não se deixou enganar. Era estranho que o tivesse conhecido bem o suficiente em apenas um dia para perceber que ele estava furioso. Ou, no mínimo, um pouco irritado.

Seu rosto, porém, continuava pétreo como sempre.

– Vamos? – murmurou ele.

Sarah assentiu com a cabeça e eles prosseguiram na direção da porta. Mas, ao chegar ao corredor, ele disse:

– Não precisa me acompanhar até a sala de estar.

– Ah, preciso sim – murmurou ela, pensando em Iris, que ficava esfregando isso na sua cara, em Honoria, que não o fazia, e até mesmo em Frances, que esperava que ela estivesse lá quando chegasse com o bolo. – Mas, se quiser se recolher, me desculparei em seu nome.

– Eu prometi para a noiva.

– Eu também.

Hugh a encarou por um momento a mais do que seria confortável e depois disse:

– Suponho que não seja do tipo que quebra suas promessas.

Foi sorte de Hugh que ela já houvesse soltado o braço dele, caso contrário teria lhe partido o osso em dois naquele instante.

– Não, não sou.

Ele a encarou de novo. Ou talvez não tivesse encarado, mas era muito estranho o modo como ele deixava os olhos se fixarem no rosto dela antes de falar. Fazia isso com outras pessoas também; ela notara isso na noite anterior.

– Muito bem, então – disse Hugh. – Creio que estão à nossa espera na sala de estar.

Sarah olhou de relance para ele e depois voltou a olhar para a frente.

– Realmente gosto de bolo.

– Planejava se negar um pedaço de bolo apenas para me evitar? – perguntou Hugh enquanto eles continuavam a andar pelo corredor.

– Não exatamente.

Ele olhou para Sarah de esguelha.

– "Não exatamente"?

– Eu ia voltar para o baile depois que o senhor fosse embora – admitiu. – Ou pedir que me levassem um pedaço no quarto.

Um momento depois, acrescentou:

– E não estava tentando evitá-lo.

– Não?

– Não, eu...

Ela sorriu para si mesma.

– Não exatamente.

– "Não exatamente"? – repetiu ele, mais uma vez.

Sarah não explicou. Não podia, porque nem mesmo ela sabia o que quisera dizer. Só que talvez já não o detestasse tanto assim. Ou pelo menos não o suficiente para se negar um pedaço de bolo.

– Tenho uma pergunta – disse Sarah.

Ele ergueu a cabeça, indicando que ela deveria prosseguir.

– Ontem, quando estávamos na sala de estar, quando o senhor... é...

– Quando a acordei? – completou Hugh.

– Sim – respondeu Sarah, perguntando-se por que era tão constrangedor dizer aquilo. – Bem, quero dizer depois disso. O senhor falou algo sobre 10 libras.

Ele deu uma risada, um som baixo que pareceu sair do fundo de sua garganta.

– Queria que eu fingisse um desmaio – lembrou-lhe Sarah.

– Poderia ter feito isso?

– Fingir um desmaio? Espero que sim. Esse é um talento que toda dama deveria ter.

Ela lhe deu um sorriso atrevido e perguntou:

– Marcus realmente lhe ofereceu 10 libras se eu desmaiasse no gramado?

– Não – admitiu lorde Hugh. – Seu primo Daniel achou que ver nós dois armados com pistolas poderia ser o suficiente para uma dama desmaiar.

– Não só eu – disse ela, sentindo-se impelida a esclarecer.

– Não. E então Daniel anunciou que lorde Chatteris pagaria 10 libras a cada um de nós se conseguíssemos fazer uma dama desmaiar.

– Marcus concordou com isso?

Sarah não podia pensar em nada menos típico dele, exceto pular em um palco e dançar sozinho diante de todos.

– Claro que não. Pode imaginar uma coisa dessas?

Então lorde Hugh deu um sorriso real e verdadeiro, que se revelou em mais do que nos cantos da boca. Chegou-lhe aos olhos, fazendo aquelas profundezas verdes brilharem, e pelo mais espantoso e *terrível* momento ele se tornou quase bonito. Não, não: sempre fora bonito. Quando sorria se tornava...

Atraente.

– Ah, meu Deus!

Sarah se sobressaltou e deu um pulo para trás. Nunca beijara um homem. Nunca *ao menos* quisera beijar, e estava começando com Hugh Prentice?

– Algo errado?

– Não... não. Quero dizer, sim. Isto é, havia uma aranha!

Ele olhou para o chão.

– Uma aranha?

– Ela foi para lá – garantiu Sarah, apontando para a esquerda. E um pouco para a direita também.

Lorde Hugh franziu a testa e se apoiou na bengala enquanto inclinava o corpo para olhar melhor para o corredor.

– Tenho pavor de aranhas – disse Sarah.

Não era a verdade absoluta, mas quase. Certamente não gostava delas.

– Bem, não a estou vendo agora.

– Devo ir buscar alguém? – perguntou Sarah.

Na verdade, estava pensando que talvez fosse uma boa ideia andar pela casa, talvez até os aposentos dos criados. Se não visse Hugh Prentice, aquela loucura iria passar, certo?

– Para procurá-la, sabe? – continuou, seguindo em frente. – E matá-la. Meu Deus, pode haver um ninho!

– Estou certo de que as criadas de Fensmore nunca deixariam passar uma coisa dessas.

– Mesmo assim – disse Sarah com voz estridente.

E então estremeceu, porque a voz saiu horrível.

– Não seria melhor chamar um lacaio? – sugeriu Hugh.

Ele apontou para a sala de estar, que estava a apenas alguns metros de distância.

Sarah concordou com a cabeça, porque claro que ele tinha razão, e já se sentia voltando ao normal. Seu coração estava batendo mais devagar e, se não olhasse para a boca de Hugh, a vontade de beijá-lo passaria. Quase.

Ela endireitou os ombros. Podia fazer isso.

– Obrigada pela gentil companhia – declarou ela, entrando na sala de estar.

Estava vazia.

– Bem, isso é muito estranho – disse Sarah.

Hugh contraiu os lábios.

– De fato.

– Eu não estou certa... – começou Sarah, mas não precisou pensar no que dizer a seguir, porque lorde Hugh havia se virado para ela com os olhos ligeiramente estreitados.

– Sua prima – começou ele. – Ela não...

– Não! – exclamou Sarah. – Quero dizer, não – continuou, em um tom de voz muito mais apropriado. – Iris talvez, mas não Hon...

Ela se interrompeu. A última coisa que queria era que ele pensasse que qualquer uma das Smythe-Smiths estava tentando uni-los.

– Olhe! – disse, a voz saindo excessivamente clara e alta.

Ela apontou para uma mesa à esquerda.

– Pratos vazios. Havia pessoas aqui. Acabaram de sair.

Hugh não disse nada.

– Devemos nos sentar? – perguntou Sarah, desconfortável.

Ele continuou sem dizer nada. Mas virou a cabeça para olhar para ela de modo mais direto.

– E esperar? – sugeriu Sarah. – Já que dissemos que faríamos isso?

Sentiu-se ridícula. E nervosa. Mas agora achava que tinha de provar algo para si mesma, que podia ficar na mesma sala que ele e se sentir perfeitamente normal.

– Frances espera que estejamos aqui – acrescentou, já que lorde Hugh emudecera.

Sarah supôs que ele estava apenas pensando, mas não podia pensar e conversar ao mesmo tempo? Ela fazia isso sem dificuldade.

– Primeiro a senhorita, lady Sarah – disse ele, por fim.

Ela foi até um sofá azul e dourado, percebendo que era o mesmo em que havia dormido no dia anterior, quando Hugh a acordara. Ficou tentada a olhar para trás enquanto caminhava para se certificar de que ele não precisava de ajuda. O que era absurdo, porque sabia muito bem que ele não precisava, pelo menos não para uma tarefa tão simples como aquela.

Mas queria fazer isso e, quando finalmente chegou ao sofá e se sentou, ficou aliviada por ver Hugh por perto. Ele estava apenas alguns passos atrás e, um momento depois, sentou-se na poltrona azul que ocupara no dia anterior.

Déjà-vu, pensou Sarah, exceto pelo fato de que tudo era diferente agora. Tudo menos os lugares onde estavam sentados. Passara-se apenas um dia, mas seu mundo tinha virado de cabeça para baixo.

CAPÍTULO 9

– Déjà-vu – gracejou Sarah.

Hugh estava pensando o mesmo. Só que não era tudo exatamente igual. A mesa não estava onde estivera no dia anterior. Ao sentar-se, ele avaliou que estava mais perto.

– Algum problema? – perguntou Sarah.

Hugh sentiu que franzia a testa.

– Não, é só...

Ele mudou de posição. Seria muito difícil mover a mesa? Ainda estava coberta de pratos sujos. Ele poderia empurrá-los para o lado...

– Ah! – disse Sarah. – Precisa esticar a perna. É claro.

– Acho que a mesa não está no mesmo lugar de ontem – explicou Hugh.

Sarah olhou para a mesa e depois de volta para ele.

– Eu tinha espaço para estender minha perna – esclareceu.

– Então terá – apressou-se a dizer Sarah.

Ela se levantou e Hugh quase gemeu. Ele se apoiou nos braços da poltrona preparando-se para se levantar, mas lady Sarah pousou uma das mãos sobre a dele e disse:

– Não, por favor, não se sinta obrigado a se levantar.

Ele olhou para a mão de Sarah, mas ela foi retirada tão rápido quanto fora posta ali. Sarah começou a levar os pratos para outra mesa.

– Não – protestou Hugh, nem um pouco satisfeito de vê-la realizando tarefas domésticas por causa dele.

Sarah o ignorou.

– Pronto – disse, pondo as mãos no quadril enquanto examinava a mesa parcialmente limpa.

Ela ergueu os olhos para Hugh.

– É mais confortável pôr seu pé no chão ou em cima da mesa?

Meu Deus! Hugh não podia acreditar que ela estava perguntando aquilo.

– Não vou pôr meu pé em cima da mesa.

– Faz isso na sua casa?

– É claro, mas...

– Então respondeu à minha pergunta – retrucou Sarah alegremente, voltando aos pratos sujos.

– Lady Sarah, pare.

Ela continuou a limpar e não se deu ao trabalho de olhar para Hugh.

– Não.

– Eu insisto.

Aquilo era muito estranho. Lady Sarah Pleinsworth estava retirando pratos sujos e preparando-se para mudar a mobília de lugar. E fazia isso para *ajudá-lo*, o que era ainda mais surpreendente.

– Fique quieto e deixe que eu o ajude – disse ela com uma firmeza um pouco excessiva.

Hugh ficou boquiaberto. O espanto dele deve ter dado certo prazer a Sarah, porque ela esboçou um sorriso e, depois, assumiu uma expressão presunçosa.

– Não sou incapaz – murmurou Hugh.

– Não achei que fosse.

Os olhos escuros de Sarah brilharam e, quando ela se virou para continuar retirando os pratos, Hugh compreendeu algo que foi como um vento quente do deserto a atingi-lo.

Eu a desejo.

Ele prendeu a respiração.

– Algo errado? – perguntou ela.

– Não – resmungou Hugh.

Mas a desejava.

Sarah ergueu os olhos para ele.

– Sua voz soou estranha. Como se... bem, não sei o quê.

Ela voltou a retirar os pratos, falando enquanto trabalhava.

– Talvez como se estivesse com dor.

Hugh permaneceu em silêncio, tentando não observá-la enquanto ela se movia pela sala de estar. Meu Deus, *o que* havia acontecido com ele? Sim, ela era muito bonita e, sim, o corpete de veludo do vestido se ajustava de

tal modo que um homem não teria como não notar as formas exatas – perfeitas – dos seios dela.

Mas ela era Sarah Pleinsworth. Menos de 24 horas antes, Hugh a odiava. Talvez *ainda* a odiasse um pouco.

E não sabia como era um vento quente do deserto. De onde diabos essa ideia surgira?

Sarah pousou o último prato e se virou para ele.

– Acho que precisamos pôr seu pé em cima da mesa e depois empurrá-la na sua direção para que apoie o resto da perna.

Por um momento Hugh não se moveu. Não conseguiu. Ainda tentava descobrir o que diabos estava acontecendo.

– Lorde Hugh – disse Sarah, ansiosa. – Sua perna?

Ele percebeu que não havia como impedi-la. Então, em sua mente, pediu desculpas aos anfitriões, depois apoiou a bota na mesa.

Foi bom esticar a perna.

– Espere – disse Sarah, indo para o lado dele da mesa. – Não está apoiando o joelho.

Ela se aproximou e empurrou a mesa para mais perto, mas o móvel ficou na diagonal.

– Ah, sinto muito.

Então foi até as costas da poltrona dele.

– Só um momento.

Sarah deu um passo de lado, no vão entre o sofá e a poltrona, bem perto de Hugh. Não estavam se tocando, mas ele pôde sentir o calor que emanava da pele dela.

– Com licença – disse Sarah, ofegante.

Hugh virou a cabeça.

Realmente não devia ter feito isso.

Lady Sarah tinha se inclinado para se apoiar e aquele vestido... o decote... tão perto dele...

Hugh mudou de posição em sua poltrona de novo, e dessa vez isso não teve nada a ver com sua lesão.

– Pode levantar um pouco? – perguntou Sarah.

– O quê?

– Sua perna.

Graças a Deus Sarah não estava olhando para ele, porque Hugh não conseguia parar de fitá-la. A fenda entre os seios estava muito próxima e

ele foi envolvido pelo cheiro que emanava dela: limão, madressilva e algo muito mais natural e sensual.

Sarah havia dançado a manhã toda até ficar ofegante de cansaço. Só pensar nisso já o deixava tão desesperado por ela que Hugh achou que poderia parar de respirar.

– Precisa de ajuda? – indagou Sarah.

Por Deus, sim. Não estivera com uma mulher desde sua lesão, e a verdade era que não o quisera. Tinha as mesmas necessidades de qualquer homem, mas era tão difícil imaginar que alguma mulher ainda pudesse desejá-lo mesmo com a perna arruinada que não se permitira desejar ninguém.

Até aquele momento, quando o desejo o atingira como...

Ah, maldição, não como um vento quente do deserto. Tudo menos um vento quente do deserto.

– Lorde Hugh – disse Sarah, com impaciência –, o senhor me ouviu? Se levantar sua perna, será mais fácil eu empurrar a mesa.

– Desculpe-me – murmurou ele, erguendo a perna alguns centímetros.

Sarah empurrou a mesa, que roçou na parte superior da bota e prendeu um pouco, forçando-a a dar um passo para manter o equilíbrio.

Ela estava tão perto que agora ele poderia estender a mão e tocá-la. Seus dedos apertaram os braços da poltrona para não ceder a esse desejo.

Queria pegar a mão de Sarah, sentir os dedos dela se enroscarem nos seus e então trazê-los aos lábios. Ele iria beijar-lhe o pulso, senti-lo bater sob a pele pálida.

E então – ah, meu Deus, aquele não era o momento para um devaneio erótico, mas não podia evitá-lo – ergueria os braços dela acima da cabeça, fazendo-a arquear as costas, e, quando a puxasse para si, sentiria cada curva do corpo dela. E então levaria a mão debaixo da saia e a deslizaria do joelho até o meio das pernas.

Queria saber qual seria a temperatura exata dela ali e depois verificar de novo quando ela estivesse enrubescida de desejo.

– Pronto – disse Sarah, aprumando-se.

Era incrível pensar que ela não notara sua aflição, que não sabia que ele estivera prestes a perder o controle.

Ela sorriu, tendo posto a mesa na posição que queria.

– Assim está melhor?

Hugh concordou com a cabeça, sem confiar em si mesmo para falar.

– O senhor está bem? Parece um pouco corado.

Ah, meu Deus.

– Posso lhe oferecer alguma coisa?

Você.

– Não! – respondeu ele, um pouco alto demais.

Como diabos isso havia acontecido? Estava olhando para Sarah Pleinsworth como um estudante excitado e tudo em que conseguia pensar era na forma e na cor dos lábios dela.

Queria conhecer aquela textura.

Sarah pôs uma das mãos na testa dele.

– Posso? – perguntou, mas já o estava tocando antes mesmo de completar a pergunta.

Hugh fez que sim com a cabeça. O que mais poderia ter feito?

– Realmente não parece muito bem – murmurou ela. – Quando Frances chegar com o bolo, vou pedir que lhe traga um pouco de limonada.

Ele assentiu de novo, forçando sua mente a se concentrar em Frances. Que tinha 11 anos. E gostava de unicórnios.

E que, sob nenhuma circunstância, deveria encontrá-lo naquele estado quando entrasse na sala.

Sarah tirou a mão da testa de Hugh e franziu o cenho.

– Está um pouco quente – declarou –, mas nada de mais.

Hugh não imaginava como isso era possível. Apenas alguns momentos antes, parecia estar prestes a pegar fogo.

– Estou bem – disse, quase interrompendo-a. – Só preciso de mais bolo. Ou de limonada.

Sarah o encarou como se uma orelha extra houvesse acabado de brotar nele. Ou como se Hugh tivesse mudado de cor.

– Algo errado? – perguntou Hugh.

– Não – respondeu ela, mas não soou de todo sincera. – É só que o senhor parece diferente.

Ele tentou manter o tom de voz leve quando disse:

– Não sabia que nos conhecíamos bem o suficiente para a senhorita chegar a essa conclusão.

– É estranho – concordou Sarah, voltando a se sentar. – Acho que é só... não importa.

– Não, diga-me – pediu ele.

Conversar era uma ótima ideia. Tirava sua mente de outras coisas e, ainda mais importante, garantia que ela ficasse no sofá, e não inclinada sobre a poltrona.

– O senhor costuma fazer uma pausa antes de falar – observou Sarah.

– Isso é um problema?

– Não, claro que não. Só é... diferente.

– Talvez eu goste de pensar nas minhas palavras antes de falar.

– Não. Não é isso.

Uma pequena risada escapou dos lábios dele.

– Está dizendo que não penso nas minhas palavras antes de dizê-las.

– Não – disse ela, rindo também. – Estou certa de que pensa. É muito inteligente, como certamente sabe que eu sei.

Isso o fez sorrir.

– Não consigo explicar – continuou ela. – Mas quando o senhor olha para uma pessoa... Não preciso ser tão vaga: quando olha para *mim* antes de falar, muitas vezes há um momento de silêncio, e não acho que seja porque está escolhendo suas palavras.

Hugh a observou com atenção. Agora *ela* havia ficado em silêncio e era *ela* quem estava tentando chegar a uma conclusão sobre o que pensava.

– É algo em seu rosto – disse enfim. – O senhor não parece estar tentando decidir o que falar.

De repente ela ergueu os olhos e sua expressão contemplativa desapareceu.

– Desculpe-me, isso foi muito pessoal.

– Não precisa se desculpar. Nosso mundo é cheio de conversas sem sentido. É uma honra participar de uma que não seja.

As bochechas de Sarah adquiriram um leve rubor de orgulho e ela olhou para o outro lado quase com timidez. Naquele momento Hugh percebeu que ele também a conhecia bem o suficiente para saber que aquela não era uma expressão frequente no rosto dela.

– Bem – disse Sarah, movendo as mãos no colo e pigarreando duas vezes antes de prosseguir: – Talvez devêssemos... Frances!

O nome da irmã foi dito com grande fervor e também algum alívio, pensou Hugh.

– Desculpem-me por ter demorado tanto – declarou Frances ao entrar na sala. – Honoria jogou o buquê e eu não queria perder esse momento.

Sarah se endireitou rápida como um raio.

– Honoria jogou o buquê quando eu não estava lá?

Frances pestanejou algumas vezes.

– Bem, sim. Mas eu não me preocuparia com isso. Nunca conseguiria correr mais do que Iris.

– Iris correu?

Sarah ficou boquiaberta e Hugh só poderia descrever a expressão em seu rosto como uma mistura de horror e divertimento.

– Ela pulou – confirmou Frances. – Harriet foi atirada no chão.

Hugh cobriu a boca.

– Não precisa controlar o riso por minha causa – disse Sarah.

– Eu nem tinha percebido que Iris estava interessada em alguém – comentou Frances, olhando para o bolo. – Posso comer um pedaço do seu bolo, Sarah?

Sarah lhe deu permissão com um gesto e acrescentou:

– Não acho que ela esteja.

Frances lambeu o glacê na ponta do garfo.

– Talvez ela acredite que vá descobrir o verdadeiro amor mais rápido se tiver o buquê da noiva.

– Se fosse assim, eu teria pulado na frente de Iris – brincou Sarah.

– Sabe como surgiu a tradição de jogar o buquê da noiva? – indagou Hugh.

Sarah balançou a cabeça.

– Está me perguntando porque sabe ou porque quer saber?

Hugh ignorou o leve sarcasmo dela e prosseguiu:

– As noivas são consideradas sortudas e, muitos séculos atrás, as jovens que queriam um pouco dessa sorte tentavam obtê-la arrancando pedaços do vestido da noiva.

– Que selvageria! – exclamou Frances.

Hugh riu da explosão dela.

– Só posso deduzir que alguma alma inteligente percebeu que, se a noiva oferecesse um símbolo diferente de seu sucesso romântico, isso seria benéfico para a saúde e o bem-estar dela.

– Eu diria que sim – declarou Frances. – Pense em todas as noivas que devem ter sido *pisoteadas*.

Sarah riu e estendeu a mão para pegar o prato com o que restara de seu bolo. Frances fizera progressos significativos com o glacê. Hugh pensou em dizer a Sarah que ficasse com o dele, já que comera um pedaço

enquanto a observava dançar. Mas, com a perna em cima da mesa, não conseguia se inclinar para a frente o bastante para deslizar seu prato até ela.

Então apenas a observou comer uma garfada e ouviu Frances falar sobre nada em particular. Sentia-se tão incrivelmente satisfeito que chegou a fechar os olhos por alguns segundos, até que a menina disse:

– Tem um pouco de glacê.

Ele abriu os olhos.

– Bem aqui – dizia ela para Sarah, apontando para a própria boca.

Não havia guardanapos; Frances não pensara em pegar nenhum. Sarah pôs a língua para fora e lambeu o canto dos lábios.

A língua dela. Os lábios dela.

A ruína dele.

Hugh tirou o pé de sobre a mesa e se levantou de forma desajeitada.

– Algo errado? – perguntou Sarah.

– Por favor, transmita minhas desculpas a lady Chatteris – solicitou ele rigidamente. – Sei que ela queria que eu a esperasse, mas preciso mesmo descansar a perna.

Sarah pestanejou, confusa.

– Não era isso que estava...

– É diferente – interrompeu-a ele, embora na verdade não fosse.

– Ah – disse ela.

E foi um “ah” muito impreciso. Podia ter sido de surpresa, satisfação ou até decepção. Hugh não conseguiria distinguir. E a verdade era que não deveria fazê-lo, porque não tinha nada que cobiçar uma mulher como lady Sarah Pleinsworth.

Não mesmo.

CAPÍTULO 10

Na manhã seguinte

Uma longa fila de carruagens se formara na entrada para veículos de Fensmore, à espera dos convidados que se preparavam para deixar Cambridgeshire e viajar até Berkshire – mais especificamente, para Whipple Hill, a casa de campo do conde de Winstead. Seria, como Sarah certa vez dissera, a Grande e Terrível Caravana da Aristocracia Britânica. (Harriet, com uma pena na mão, insistira que esse termo tinha que ser grafado com letras maiúsculas.)

Como Londres não ficava muito longe, alguns dos convidados relegados a ficar em hospedarias próximas preferiram voltar para a cidade. Mas a maioria decidira transformar a dupla celebração em uma festa itinerante que duraria três semanas.

– Meu Deus! – exclamara lady Danbury ao receber seus convites para os dois eventos. – Eles realmente acham que vou reabrir minha casa na cidade por dez dias entre os casamentos?

Ninguém ousara salientar que a casa de campo de lady Danbury ficava em Surrey, muito mais distante de Londres que do trajeto entre Fensmore e Whipple Hill.

Mas o raciocínio de lady Danbury era válido. A alta sociedade se encontrava muito dispersa naquela época do ano, com a maioria das pessoas no Norte, no Oeste ou, mais especificamente, em qualquer outro lugar que não fosse Cambridgeshire, Berkshire ou algum ponto entre eles. Dificilmente alguém via motivo para abrir a própria casa em Londres por menos de duas semanas quando podia desfrutar a hospitalidade de outra pessoa.

No entanto, nem todos eram dessa opinião.

– Refresque minha memória – pediu Hugh a Daniel Smythe-Smith enquanto eles andavam pelo hall de entrada de Fensmore. – Por que não vou voltar para casa?

Era uma viagem de três dias de Fensmore para Whipple Hill, dois caso se apressassem, o que ninguém fazia. Hugh avaliou que, dessa forma, passaria menos tempo em uma carruagem do que se voltasse a Londres e, uma semana depois, rumasse para Berkshire. Ainda assim, seria uma viagem insana. Alguém (Hugh não sabia quem, mas certamente não havia sido Daniel, porque ele nunca tivera cabeça para essas coisas) tinha traçado a rota e marcado todas as hospedarias (bem como quantos quartos cada uma oferecia) e indicado onde cada um deveria dormir.

Hugh torcia para que ninguém que não fosse aos casamentos Chatteris-Smythe-Smith-Wynter estivesse nas estradas nessa semana, porque não haveria quartos disponíveis para todos.

– Você não vai voltar porque sua casa é entediante – respondeu Daniel, dando-lhe um tapinha nas costas. – E porque não possui uma carruagem, o que o forçaria a encontrar lugar na de uma das amigas de minha mãe se fosse voltar para Londres.

Hugh abriu a boca para falar, mas Daniel ainda não havia terminado.

– E isso para não falar em como seria ir para Whipple Hill *saindo* de Londres. Talvez houvesse uma vaga junto com a antiga babá de minha mãe, caso contrário você poderia tentar reservar um assento no coche do correio.

– Terminou? – perguntou Hugh.

Daniel ergueu um dedo como se tivesse uma última coisa a dizer e então o baixou de novo.

– Sim.

– Você é um homem cruel.

– Eu falo a verdade – replicou Daniel. – Além disso, por que você não desejaria ir para Whiple Hill?

Hugh até poderia citar um motivo.

– As festividades começarão assim que chegarmos – continuou Daniel. – Deverá haver uma contínua e magnífica frivolidade até o casamento.

Era difícil imaginar um homem com a alma mais leve e cheia de alegria do que Daniel Smythe-Smith. Hugh sabia que parte disso se devia à breve chegada das núpcias dele com a bela Srta. Wynter, mas, na verdade,

Daniel sempre fora um homem que fazia amigos com facilidade e ria com frequência.

Para Hugh, saber que um homem desses fora exilado do país e tivera a vida destruída por sua culpa tornara tudo muito mais difícil para ele. Hugh ainda se surpreendia com o fato de Daniel ter voltado à sua posição na Inglaterra com graça e bom humor. A maioria dos homens teria ansiado por vingança.

Mas Daniel lhe agradecera. Agradecera-lhe por tê-lo encontrado na Itália, depois por ter posto fim à caça às bruxas de seu pai e, finalmente, por sua amizade.

Não havia nada, pensou Hugh, que ele não estivesse disposto a fazer por aquele homem.

– De qualquer maneira, o que você faria em Londres? – perguntou Daniel, gesticulando para que Hugh o seguisse pela entrada de veículos. – Ficaria sentado fazendo contas de cabeça?

Hugh só o encarou.

– Eu o provoco porque o admiro.

– Percebe-se.

– É uma habilidade brilhante – insistiu Daniel.

– Mesmo que isso o tenha feito levar um tiro e ser expulso do país? – perguntou Hugh.

Era verdade o que dissera para lady Sarah: às vezes fazer piada da própria desgraça era a única escolha.

Daniel parou imediatamente e sua expressão se tornou sombria.

– Você entende – disse Hugh – que minha aptidão para números é o motivo de eu sempre ter me destacado nos jogos de cartas.

Os olhos de Daniel pareceram se obscurecer e, quando ele pestanejou, seu rosto assumiu um ar de calma e resignação.

– Já passou, Prentice – disse. – Acabou, e nossas vidas foram recuperadas.

A sua foi, pensou Hugh, e então se odiou por ter pensado isso.

– Nós dois fomos idiotas – afirmou Daniel calmamente.

– Talvez – respondeu Hugh –, mas só um de nós quis o duelo.

– Eu não era obrigado a aceitar.

– Claro que era. Caso contrário não poderia mais aparecer em público.

Era um estúpido código de honra dos jovens cavalheiros de Londres, mas era sagrado. Quando um homem era acusado de trapacear nas cartas,

tinha que se defender.

Daniel pôs a mão no ombro de Hugh.

– Eu o perdoei, e acho que você me perdoou.

Na verdade Hugh não perdoara, mas só porque não havia nada a perdoar.

– O que eu gostaria de saber – continuou Daniel com brandura – é se você *se* perdoou.

Hugh não respondeu e Daniel não insistiu. Em vez disso, voltou ao seu tom jovial e declarou:

– Vamos para Whipple Hill. Comeremos, alguns de nós beberão e todos nós ficaremos felizes.

Hugh assentiu de leve com a cabeça. Daniel não bebia mais. Confessara-lhe que não havia tocado em bebida desde aquela fatídica noite. Talvez Hugh devesse seguir o exemplo do amigo, pensava, mas às vezes precisava de algo para aliviar a dor.

– Além disso – disse Daniel –, você tem que chegar lá cedo. Decidi que vai participar do cortejo do casamento.

Isso fez Hugh parar de imediato.

– O que disse?

– Marcus será meu padrinho, é claro, mas acho que preciso de mais alguns cavalheiros do meu lado. Anne tem uma verdadeira frota de acompanhantes.

Hugh engoliu em seco, desejando não se sentir tão desconfortável para aceitar tamanha honra. Porque *era* uma honra, e ele queria dizer que estava grato e que aquilo significava muito. Porque se esquecera de como era tranquilizador sentir que tinha um amigo verdadeiro.

Mas tudo o que conseguiu foi concordar com a cabeça. O que dissera para Sarah na véspera não era mentira. Não sabia aceitar elogios. Talvez por não acreditar que os merecesse.

– Então está combinado – arrematou Daniel. – Ah! A propósito, encontrei um lugar para você em minha carruagem favorita.

– O que isso significa? – perguntou Hugh, desconfiado.

Eles haviam saído da casa e estavam quase no fim da escada que levava à entrada para veículos.

– Vejamos – disse Daniel, ignorando a pergunta. – Bem... ali.

Ele apontou para uma carruagem preta relativamente pequena na fila. Não tinha nenhum brasão, mas era elegante e bem-cuidada. Provavelmente

era a segunda carruagem de uma das famílias nobres.

– De quem é? – indagou Hugh. – Diga-me que não é de lady Danbury.

– Não é de lady Danbury – respondeu Daniel –, embora, verdade seja dita, ela provavelmente seria uma ótima companheira de viagem.

– Então de quem é?

– Suba e veja.

Hugh havia passado uma tarde inteira e a maior parte da noite convencendo-se de que seu desejo insano por Sarah Pleinsworth resultara de uma loucura momentânea causada por... algo. Talvez mais loucura momentânea. De qualquer modo, passar um dia inteiro perto dela não seria boa ideia.

– Winstead – disse ele em tom de advertência. – Sua prima, não. Estou lhe dizendo, eu já...

– Sabe quantas primas eu tenho? Realmente acha que você poderia evitar todas elas?

– *Winstead.*

– Não se preocupe, posso lhe garantir que o coloquei com o melhor do lote.

– Por que me sinto como se estivesse indo para o matadouro?

– Bem – admitiu Daniel –, você estará em inferioridade numérica.

Hugh se virou.

– O quê?

– Aqui estamos nós!

Hugh ergueu os olhos no exato momento em que Daniel abriu a porta.

– Damas – disse Daniel, cheio de pompa.

Uma cabeça veio para fora.

– Lorde Hugh!

Era lady Frances.

– Lorde Hugh.

– Lorde Hugh.

E suas irmãs, ao que tudo indicava. Embora, até onde Hugh podia dizer, nenhuma delas fosse lady Sarah.

Ele finalmente conseguiu respirar.

– Algumas das minhas melhores horas foram passadas com essas três damas – declarou Daniel.

– Creio que a viagem de hoje será de nove horas – disse Hugh secamente.

– Nove ótimas horas – enfatizou Daniel. Depois se inclinou para mais perto e sussurrou: – Mas, se eu puder lhe dar um conselho, não tente acompanhar tudo o que elas disserem. Ficará com vertigem.

Hugh parou no degrau.

– O quê?

– Entre logo!

Daniel lhe deu um empurrão.

– Nós nos veremos na parada para o almoço.

Hugh chegou a abrir a boca para protestar, mas Daniel já havia fechado a porta.

Ele olhou para o interior da carruagem. Harriet e Elizabeth estavam sentadas viradas para a frente, com uma grande pilha de livros e papéis entre elas no assento. Harriet, com uma caneta de pena atrás da orelha, tentava equilibrar uma mesa de colo nos joelhos.

– Não foi gentil da parte de Daniel colocar o senhor na carruagem conosco? – disse Frances assim que Hugh se acomodou perto dela (ou melhor, um pouco antes que ele pudesse se acomodar).

Ele estava começando a perceber que Frances não era uma criança paciente.

– De fato.

Hugh estava contente com aquele arranjo. Melhor lady Frances do que uma idosa enfadonha ou um cavalheiro com um charuto. E certamente as irmãs dela seriam toleráveis.

– Eu pedi a ele – informou Frances. – Diverti-me tanto ontem, no casamento!

Ela se virou para as irmãs.

– Nós comemos bolo juntos – anunciou.

– Eu vi – disse Elizabeth.

– Importa-se de viajar virado para trás? – perguntou Frances. – Harriet e Elizabeth ficam enjoadas quando fazem isso.

– Frances! – protestou Elizabeth.

– É verdade. O que seria mais constrangedor: contar para lorde Hugh que vocês ficam enjoadas ou realmente ficarem enjoadas?

– Eu iria preferir a primeira opção – comentou Hugh.

– Vai ficar tagarelando durante todo o caminho? – perguntou Harriet.

Das três, ela era a mais parecida com Sarah. O cabelo era alguns tons mais claro, mas o formato do rosto e o sorriso eram os mesmos. Ela olhou

para Hugh um pouco constrangida.

– Desculpe-me, estava me dirigindo à minha irmã, é claro. Não ao senhor.

– Não se preocupe – disse ele com um leve sorriso. – Mas na verdade também não pretendo tagarelar durante todo o caminho.

– Eu planejava escrever – explicou Harriet, pondo um pequeno maço de papéis na mesa de colo.

– Você não pode fazer isso – protestou Elizabeth. – Vai sujar tudo de tinta.

– Não, não vou. Estou desenvolvendo uma nova técnica.

– Para escrever na carruagem?

– Envolve menos tinta. Juro. E alguém se lembrou de trazer biscoitos? Sempre fico com fome antes de pararmos para almoçar.

– Frances trouxe alguns. E sabe que mamãe vai ter um ataque se você deixar cair tinta em...

– Cuidado com os cotovelos, Frances.

– Sinto muito, lorde Hugh. Espero que não tenha doído. E eu não trouxe nenhum biscoito. Achei que Elizabeth ia trazer.

– Você se sentou na minha boneca?

– Ah, puxa! Eu sabia que devia ter comido mais no café da manhã. Pare de olhar para mim desse jeito. Não vou sujar a almofada de tinta...

– Sua boneca está bem aqui. Como se faz para usar menos tinta?

Tudo o que Hugh conseguia fazer era olhar. Parecia haver dezesseis conversas diferentes ao mesmo tempo. Com apenas três participantes.

– Bem, só vou anotar as ideias principais.

– As ideias principais têm unicórnios?

Hugh fora totalmente incapaz de acompanhar quem dizia o que até ouvir *aquilo*.

– Unicórnios de novo, não – gemeu Elizabeth, que depois desviou o olhar para Hugh e disse: – Por favor, perdoe minha irmã. Ela é obcecada por unicórnios.

Hugh olhou para Frances. Ela tinha ficado rígida e encarava a irmã com fúria. Mas ele não podia culpá-la. O tom de Elizabeth fora o de uma irmã mais velha, com dois terços de condescendência e um de zombaria. E, embora não fosse julgá-la por isso, pois teria agido igual na idade dela –, Hugh foi dominado por um súbito desejo de ser o herói de uma garotinha.

Não conseguia se lembrar da última vez em que fora o herói de alguém.

– Eu gosto de unicórnios – afirmou ele.

Elizabeth pareceu estupefata.

– Gosta?

Ele deu de ombros.

– Quem não gosta?

– Sim, mas o senhor não *acredita* neles – disse Elizabeth. – Frances acha que são reais.

Pelo canto do olho, Hugh percebeu que a caçula o observava com certo nervosismo.

– Certamente não posso provar que eles *não* existem – declarou.

Frances deixou escapar um gritinho. Elizabeth pareceu emudecer.

– Lorde Hugh – disse Frances –, eu...

– *Mamãe!*

A menina parou no meio da frase e todos olharam na direção da porta da carruagem. Era a voz de Sarah, bem do lado de fora, e ela não parecia feliz.

– Acha que ela vai conosco? – sussurrou Elizabeth.

– Bem, ela veio conosco – respondeu Harriet.

Lady Sarah. Na carruagem. Hugh não poderia conceber uma tortura mais diabólica.

– É aqui com suas irmãs ou então com Arthur e Rupert. – A voz de lady Pleinsworth chegou até eles. – Sinto muito, mas não temos espaço na...

– Não vou poder me sentar com o senhor – desculpou-se Frances com Hugh. – As três não vão caber do outro lado.

Lady Sarah iria sentar-se ao lado dele. Aparentemente *havia* uma tortura mais diabólica.

– Não se preocupe – disse-lhe Harriet. – Sarah não enjoa quando viaja de costas.

– Não, tudo bem – ouviram Sarah dizer. – Não me importo de ir com elas, mas esperava...

A porta foi aberta. Sarah já estava no degrau do meio, de costas para a carruagem, e continuava a falar com a mãe.

– É só que estou cansada e...

– Hora de partir – interrompeu-a firmemente lady Pleinsworth, que deu um pequeno empurrão na filha. – Não vou ficar atrasando todo mundo.

Sarah deu um suspiro de impaciência, entrou de costas na carruagem, virou-se e...

E o viu.

– Bom dia – disse Hugh.

Ela ficou boquiaberta de surpresa.

– Vou sentar do outro lado – resmungou Frances.

Ela se levantou e foi para o outro lado da carruagem. Tentou roubar de Elizabeth o assento perto da janela, mas acabou de braços cruzados, no meio.

– Lorde Hugh – disse Sarah, claramente perplexa. – Eu... é... O que está fazendo aqui?

– Não seja rude – repreendeu-a Frances.

– Não estou sendo rude. Só estou surpresa.

Ela se sentou no lugar que Frances desocupara.

– E curiosa – emendou Sarah.

Hugh lembrou a si mesmo que ela não tinha a menor ideia do que acontecera no dia anterior. Porque não acontecera *nada.* Tudo estivera na sua cabeça. E talvez em algumas outras partes de seu corpo. Mas o importante era que ela não sabia nem nunca saberia, porque aquilo ia passar.

Loucura momentânea, por definição, era momentânea.

Mesmo assim, era preciso algum esforço para não notar que o quadril dela estava a apenas alguns centímetros do seu.

– A que devemos o prazer de sua companhia, lorde Hugh? – perguntou Sarah, desatando o chapéu.

Ela definitivamente não tinha a menor ideia, caso contrário não teria usado a palavra *prazer*.

– Seu primo me informou que havia reservado um lugar para mim na melhor carruagem da viagem – explicou ele.

– Da caravana – corrigiu-o Frances.

Ele tirou os olhos de Sarah para olhar para a irmã mais nova dela.

– O que disse?

– A Grande e Terrível Caravana da Aristocracia Britânica – respondeu Frances alegremente. – É como a chamamos.

Ele sorriu e sua próxima respiração soou como uma risada.

– Isso é... brilhante – disse, finalmente encontrando uma palavra.

– Foi ideia de Sarah – afirmou Frances, encolhendo os ombros. – Ela é muito inteligente, sabe?

– Frances – advertiu-a Sarah.

– Ela é – insistiu a caçula, na pior imitação de sussurro que Hugh já vira.

Sarah olhou de um lado para o outro, como fazia quando se sentia desconfortável, depois resolveu olhar pela janela.

– Não era para já termos partido?

– A Grande e Terrível Caravana – murmurou Hugh.

Sarah se virou para ele com desconfiança nos olhos.

– Gostei disso – disse Hugh apenas.

Ela entreabriu os lábios e assumiu aquele jeito de quem planeja uma longa frase, mas em vez disso limitou-se a agradecer:

– Obrigada.

– Ah, lá vamos nós! – anunciou Frances com empolgação.

As rodas da carruagem começaram a girar sob eles. Hugh se recostou e deixou que o movimento o embalasse. Antes do acidente, nunca se importara em viajar de carruagem. Isso sempre o fizera dormir. Ainda fazia. O único problema era que raramente havia espaço para estender a perna, que doía de forma infernal no dia seguinte.

– Vai ficar bem? – perguntou-lhe Sarah em voz baixa.

Hugh inclinou a cabeça para ela e murmurou:

– Bem?

Sarah olhou de relance para a perna dele.

– Vou ficar ótimo.

– Não precisa esticá-la um pouco?

– Vamos parar para almoçar.

– Mas...

– Vou ficar bem, lady Sarah – interrompeu-a Hugh, mas, para sua própria surpresa, suas palavras não expressaram uma atitude defensiva.

Ele pigarreou.

– Obrigado por se preocupar – emendou.

Sarah estreitou os olhos e Hugh compreendeu que ela avaliava se deveria acreditar nele. Ele não queria lhe dar motivos para pensar que não estivesse confortável, por isso olhou distraído para as três irmãs Pleinsworths mais novas, espremidas em uma fileira. Harriet batia com a

pena na testa e Elizabeth tinha pegado um livro. Frances estava inclinada sobre ela, tentando olhar pela janela.

– Ainda nem saímos da entrada para veículos – disse Elizabeth, sem tirar os olhos do livro.

– Só quero *ver*.

– Não há nada para ver.

– Haverá.

Elizabeth virou a página com um movimento estudado.

– Você não vai ficar assim durante todo... Ai!

– Foi sem querer – desculpou-se Frances.

– Ela me chutou – disse Harriet para ninguém em particular.

Hugh as observava achando certa graça, consciente de que o que era divertido naquele momento seria torturante se continuasse pela hora seguinte.

– Por que não tenta olhar pela janela de Harriet? – propôs Elizabeth.

Frances suspirou, mas fez o que a irmã sugeria. No entanto, um momento depois eles ouviram o barulho de papel sendo amassado.

– Frances! – gritou Harriet.

– Desculpe-me. Só quero olhar pela janela.

Harriet lançou um olhar de súplica para Sarah.

– Não posso – disse Sarah. – Se acha que está desconfortável agora, pense em como ficaria apertada comigo aí em vez de Frances.

– Frances, fique quieta – ordenou Harriet, voltando aos seus papéis na mesa de colo.

Hugh sentiu Sarah lhe dar uma cotovelada e, quando se virou, ela dirigiu seu olhar para a própria mão.

Um... dois... três...

Estava contando discretamente os segundos, esticando cada dedo.

Quatro... cinco...

– Frances!

– Desculpe-me!

Hugh olhou para Sarah, que agora exibia um inegável sorriso de orgulho.

– Frances, você não pode ficar se inclinando sobre mim desse jeito – disparou Elizabeth.

– Então me deixe sentar do lado da janela!

Todos os olhos se voltaram para Elizabeth, que bufou de irritação, mas no fim permitiu que a caçula passasse à janela. Hugh observou com interesse enquanto ela se movia mais do que o necessário para encontrar uma posição confortável, reabria seu livro e retomava a leitura.

Hugh olhou para Sarah. Ela lhe devolveu o olhar com uma expressão que dizia: *espere só.*

Frances não a desapontou.

– Estou entediada.

CAPÍTULO 11

Sarah suspirou, dividida entre a diversão e o constrangimento por lorde Hugh estar prestes a testemunhar uma briga clássica das Pleinsworths.

– Pelo amor de... Frances! – ralhou Elizabeth, que olhou a irmã mais nova como se fosse capaz de lhe arrancar a cabeça. – Faz menos de cinco minutos que trocamos de lugar!

Frances encolheu os ombros, impotente.

– Mas estou entediada.

Sarah deu uma espiada em Hugh. Ele parecia estar tentando não rir, o que ela imaginou ser a melhor reação possível.

– Não podemos *fazer* alguma coisa? – implorou Frances.

– Eu estou fazendo – grunhiu Elizabeth, exibindo seu livro.

– Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.

– Ah, não! – gritou Harriet.

– Eu sabia que você ia acabar derramando a tinta! – gritou Elizabeth. – Não me suje!

– Pare de se mexer tanto!

– Posso ajudar! – disse Frances com empolgação, pondo-se de pé num salto para entrar na confusão.

Sarah estava prestes a intervir quando lorde Hugh estendeu o braço, agarrou Frances pelo colarinho e puxou a menina, colocando-a sem cerimônia no colo de Sarah.

Foi realmente magnífico.

Frances ficou sem ação.

– É melhor ficar fora disso – aconselhou-a ele.

Enquanto isso, Sarah estava lidando com um cotovelo em seus pulmões.

– Não consigo respirar – disse ela, ofegante.

Frances mudou de posição.

– Está melhor? – perguntou de forma alegre.

A resposta de Sarah foi uma enorme tomada de fôlego. De algum modo ela conseguiu virar a cabeça para o lado, ficando de frente para lorde Hugh.

– Eu o cumprimentaria por sua ótima presença de espírito se não fosse pela impressão de ter perdido toda a sensibilidade das pernas.

– Bem, pelo menos agora está respirando – brincou ele.

E então – Deus do Céu! – ela começou a rir. Era um comentário tão hilariantemente ridículo! Ou talvez fosse apenas porque tinha que rir quando a melhor coisa em uma situação era ainda ser capaz de respirar.

E ela riu. E riu. Riu tanto e por tanto tempo que Frances caiu de seu colo e foi parar no chão. E então Sarah continuou a rir até lágrimas lhe escorrerem pelo rosto e Elizabeth e Harriet pararem de brigar e olharem para ela, atônitas.

– O que houve com Sarah? – perguntou Elizabeth.

– Algo sobre estar com dificuldade em respirar – explicou Frances, do chão.

Sarah deu uma gargalhada e depois pôs a mão no peito, ofegante.

– Não consigo respirar. Rindo muito.

Como toda boa risada, aquilo foi contagiante e logo toda a carruagem estava rindo, até mesmo lorde Hugh, que Sarah nunca havia imaginado ser capaz de rir daquele jeito. Ah, ele sorria e de vez em quando ria, mas naquele momento, enquanto a carruagem dos Pleinsworths seguia para o sul na direção de Thrapstone, estava gargalhando tanto quanto as demais pessoas ali.

Foi um momento glorioso.

– Ah, nossa! – finalmente conseguiu dizer Sarah.

– Nem sei do que estamos rindo – comentou Elizabeth, ainda com um sorriso de orelha a orelha.

Sarah terminou de enxugar as lágrimas e tentou explicar:

– Foi... ele disse... ah, não importa. Nunca ficaria tão engraçado contando.

– Consegui limpar a tinta – informou Harriet, mas estava encabulada ao completar: – Bem, menos das mãos.

Sarah olhou para a irmã e fez uma careta. Apenas um dos dedos de Harriet tinha sido poupado.

– Parece que você pegou a peste – comentou Elizabeth.

– Não, acho que você está exagerando – respondeu Harriet, sem tomar aquilo como ofensa. – Frances, é melhor sair do chão.

Frances ergueu os olhos para Elizabeth, que deslizara para o lado da janela. Elizabeth suspirou e voltou para o meio.

– Vou ficar entediada de novo – reclamou a caçula assim que elas se acomodaram.

– Não vai, não – disse Hugh com firmeza.

Sarah se virou para olhar para ele, divertida e impressionada. O homem tinha que ter coragem para enfrentar as garotas Pleinsworths.

– Encontraremos algo para fazer – anunciou ele.

Porém Sarah sabia que só essa resposta não bastaria. E suas irmãs também, porque, menos de dez segundos depois, Elizabeth perguntou:

– Tem alguma sugestão?

– Ele é brilhante com números – disse Frances. – Consegue fazer cálculos monstruosamente enormes de cabeça. Já o vi fazer isso.

– Não posso imaginar que você ache divertido me fazer perguntas sobre matemática durante nove horas – disse ele.

– Não, mas poderia ser divertido durante dez minutos – rebateu Sarah, muito sincera.

Como era possível ela mesma não saber disso sobre ele? Tinha ciência de que Hugh era muito inteligente, Daniel e Marcus tinham dito. Também ouvira dizer que ele era considerado imbatível nas cartas. Depois de tudo o que acontecera, não havia como Sarah não ter conhecimento daquela habilidade.

– Quão monstruosamente enormes? – perguntou ela, porque de fato queria saber.

– Pelo menos quatro dígitos – disse Frances. – Foi o que ele fez no café da manhã do casamento. Foi incrível.

Sarah olhou para Hugh. Ele pareceu corar. Bem, talvez apenas um pouco. Ou talvez não. Talvez ela quisesse que ele corasse. Havia algo bastante atraente nessa ideia.

Mas então viu algo mais na expressão dele. Não saberia descrever como conseguiu interpretar isso, mas subitamente compreendeu que...

– Consegue fazer isso com mais de quatro dígitos – afirmou, maravilhada.

– É um talento que me trouxe mais problemas do que benefícios – disse Hugh.

– Posso lhe fazer algumas perguntas? – indagou Sarah, tentando não demonstrar ansiedade.

Hugh esboçou um sorriso e se inclinou para a frente.

– Só se eu puder lhe fazer também.

– Desmancha-prazeres.

– Eu poderia chamá-la do mesmo.

– Mais tarde, então – disse Sarah, assertiva. – Mostre-me isso mais tarde.

Ela estava *fascinada* com o recém-revelado talento de lorde Hugh. Certamente ele não se importaria de resolver uma pequena multiplicação. Fizera isso para Frances.

– Podemos ler uma das minhas peças – sugeriu Harriet.

Ela começou a procurar na pilha de papéis em seu colo.

– Tenho uma que comecei ontem à noite. Sabem, aquela com a heroína que não é nem muito rosa...

– Nem muito verde! – completaram Frances e Elizabeth com empolgação.

– Ah – disse Sarah com grande consternação. – Ah, não. *Não.*

Lorde Hugh se virou para ela um tanto divertido.

– Nem muito rosa nem muito verde? – murmurou.

– Temo que isso seja uma descrição da minha pessoa.

– Ah... sei.

Ela o encarou.

– Pode rir. O senhor sabe que quer.

– Ela também não é nem muito gorda nem muito magra – completou Frances, com seu jeitinho prestativo.

– Na verdade, não é a Sarah – explicou Harriet. – É só uma personagem inspirada nela.

– É bem parecida – acrescentou Elizabeth com um sorriso.

– Aqui está – disse Harriet, estendendo-lhes um pequeno maço de papéis. – Só tenho uma cópia, por isso vocês terão que dividir.

– Essa obra-prima tem um nome?

– Ainda não – respondeu Harriet. – Muitas vezes tenho que concluir a peça primeiro para só então saber que nome lhe dar. Mas será algo terrivelmente romântico. É uma história de amor.

Ela fez uma pausa, retorcendo a boca enquanto pensava.

– Embora não esteja certa de que terá um final feliz.

– É um romance? – perguntou lorde Hugh, franzindo a testa de modo dúbio. – E devo interpretar o herói?

– Não podemos usar a Frances – disse Harriet sem nenhum sarcasmo. – E só tenho uma cópia. Por isso, se Sarah for a heroína, o senhor terá que ser o herói, já que está sentado ao lado dela.

Ele olhou para o papel.

– Meu nome é Rudolfo?

Sarah quase deu uma gargalhada.

– O senhor é espanhol – explicou Harriet. – Mas sua mãe era inglesa, por isso fala inglês perfeitamente.

– Tenho algum sotaque?

– Claro.

– Não posso imaginar por que perguntei – murmurou ele. Então disse para Sarah: – Ah, olhe. Seu nome é Mulher.

– Estereotipada de novo – gracejou Sarah.

– Ainda não pensei em um nome apropriado – esclareceu Harriet –, mas não queria atrasar todo o manuscrito. Eu poderia demorar semanas para encontrar o nome certo. E a essa altura teria me esquecido de todas as minhas ideias.

– O processo criativo realmente é uma coisa peculiar – murmurou lorde Hugh.

Enquanto Harriet falava, Sarah havia prosseguido com a leitura e estava com sérias dúvidas.

– Não sei se isso é uma boa ideia – disse, puxando a segunda página do maço para ler mais.

Não, definitivamente não era uma boa ideia.

– Ler em uma carruagem em movimento sempre é um risco – apressou-se a dizer. – Sobretudo quando se viaja de costas.

– Você nunca fica enjoada – lembrou-lhe Elizabeth.

Sarah olhou para a página três.

– Poderia ficar.

– Você não tem que *encenar* a peça – disse Harriet. – Não estamos fazendo uma representação. É só uma leitura.

– Posso ler mais? – perguntou lorde Hugh a Sarah.

Sem dizer nada, ela lhe entregou a página dois.

– Ah.

E a três.

– *Ah.*

– Harriet, nós não podemos fazer isso – determinou Sarah.

– Ah, por favor – implorou Harriet. – Seria tão útil! Esta é uma das grandes dificuldades em escrever peças teatrais. É preciso ouvir as palavras em voz alta.

– Você sabe que nunca atuei bem em suas peças – argumentou Sarah.

Lorde Hugh a encarou com curiosidade.

– É mesmo?

Algo na expressão dele não agradou a Sarah.

– O que quer dizer?

Ele encolheu de leve os ombros.

– Apenas que a senhorita é muito dramática.

– Dramática?

Ela não gostou de como aquilo soou.

– Ora, vamos – disse Hugh, com muito mais condescendência do que era saudável em uma carruagem fechada. – Certamente não se considera calma e dócil.

– Não, mas não sei se chegaria ao ponto de ser *dramática.*

Hugh observou a expressão de Sarah por um momento e então disse:

– Gosta de fazer pronunciamentos.

– Isso é verdade, Sarah – interpôs Harriet. – Você gosta.

Sarah virou a cabeça e lançou um olhar tão fulminante para a irmã que foi um milagre o rosto dela não ter murchado.

– Não vou representar isto – declarou ela, contraindo os lábios.

– É só um beijo – protestou Harriet.

Só um beijo?

Os olhos de Frances se abriram quase tanto quanto sua boca.

– Quer que Sarah beije lorde Hugh?

Só um beijo. Nunca poderia ser só um beijo. Não com ele.

– Eles não se beijariam de verdade – explicou Harriet.

– Dá para fingir um beijo? – questionou Elizabeth.

– Nós não contaríamos para ninguém – tentou Harriet.

– Isso é muito inapropriado – declarou Sarah, firme.

Ela se virou para lorde Hugh, que se mantinha calado havia algum tempo.

– Imagino que concorde comigo.

– Certamente que sim – disse ele, suas palavras estranhamente entrecortadas.

– Pronto. Veja bem, nós não vamos representar a peça.

Sarah empurrou as páginas de volta para Harriet, que as pegou com grande relutância.

– Você representaria se Frances fizesse o papel de Rudolfo? – sugeriu Harriet em voz baixa.

– Você acabou de dizer...

– Eu sei, mas realmente gostaria de ouvir as falas em voz alta.

Sarah cruzou os braços.

– Nós não vamos representar a peça e ponto final.

– Mas...

– Eu disse *não* – explodiu Sarah, sentindo o resto de seu autocontrole desaparecer. – Não vou beijar lorde Hugh. Não aqui. Não agora. Nem nunca!

Um silêncio de absoluto espanto caiu sobre a carruagem.

– Peço perdão – murmurou Sarah.

Ela sentiu um rubor subir do pescoço até a testa. Esperou que lorde Hugh fizesse algum comentário terrivelmente inteligente e mordaz, mas ele não disse nenhuma palavra. Assim como Harriet, Elizabeth ou Frances.

Quem por fim quebrou o silêncio foi Elizabeth, que emitiu um som gutural estranho e disse:

– Então vou ler meu livro.

Harriet reorganizou seus papéis.

Até mesmo Frances se virou para a janela e olhou para fora sem dizer nada sobre tédio.

Quanto a lorde Hugh, Sarah não saberia dizer. Não conseguia olhar para ele. Sua explosão fora horrível, um insulto imperdoável. *Claro* que eles não se beijariam na carruagem. Não se beijariam nem mesmo representando a peça em uma sala de estar. Como Harriet dissera, haveria algum tipo de narração, ou talvez eles se inclinassem para a frente (mas a uma distância respeitável) e beijassem o ar.

Mas já estava tão afetada por ele que de certo modo isso a confundia e enfurecia. Só de ler que seus personagens se beijariam...

Já tinha sido demais.

A viagem continuou em silêncio. Frances acabou dormindo. Harriet olhava para o nada. Elizabeth continuava a ler, embora de vez em quando erguesse a cabeça e olhasse alternadamente de Sarah para Hugh. Depois de uma hora, Sarah achou que lorde Hugh podia ter dormido também; não havia se mexido desde que eles tinham se calado e não podia imaginar que fosse confortável para a perna dele ficar tanto tempo na mesma posição.

Mas, quando se arriscou a olhar, Hugh estava acordado. O único sinal de que a percebeu observando-o foi uma pequena mudança em seus olhos.

Ele não disse nada.

Ela também não.

Finalmente Sarah sentiu as rodas da carruagem girando mais devagar e, quando espiou pela janela, viu que estavam chegando a uma hospedaria com um letreiro alegre onde se lia: A Rosa e a Coroa, desde 1612.

– Frances – chamou, feliz por ter um motivo para falar. – Frances, é hora de acordar. Chegamos.

Frances piscou, sonolenta, e se apoiou em Elizabeth, que não se queixou.

– Frances, você está com fome? – insistiu Sarah.

A carruagem havia parado e tudo em que ela conseguia pensar era escapar. Vinha se esforçando para ficar imóvel e calada fazia tanto tempo que era como se não respirasse havia horas.

– Ah – disse Frances por fim, com um bocejo. – Eu dormi?

Sarah fez que sim com a cabeça.

– Estou com fome – declarou a caçula.

– Devia ter se lembrado de trazer os biscoitos – reclamou Harriet.

Sarah a teria repreendido por esse comentário mesquinho, mas foi um alívio ouvir algo tão perfeitamente normal.

– Eu não sabia que era para trazer – gemeu Frances, levantando-se.

Ela era pequena para sua idade e podia ficar em pé no veículo sem se abaixar.

A porta da carruagem foi aberta. Lorde Hugh pegou a bengala e saiu sem dizer uma só palavra.

– Sabia, sim – afirmou Elizabeth. – Eu lhe disse.

Sarah foi na direção da porta.

– Você está pisando no meu vestido! – berrou Frances.

Sarah olhou para fora. Lorde Hugh lhe estendia a mão para ajudá-la a descer.

– Não estou pisando em nada.

Sarah segurou a mão dele. Não sabia o que mais poderia fazer.

– Saia de cima do meu... Ah!

Houve um grito e alguém tropeçou em Sarah. Ela cambaleou para a frente, balançando a mão livre em busca de equilíbrio, mas em vão. Caiu primeiro no degrau, depois no chão duro, levando lorde Hugh junto.

Ela gritou ao sentir uma dor aguda no tornozelo. *Acalme-se*, disse para si mesma, *foi só um susto.* Como dar uma topada. Seu dedo do pé dói loucamente por um segundo e então você descobre que foi mais do susto do que de outra coisa.

Então ela prendeu a respiração e esperou a dor passar.

O que não aconteceu.

CAPÍTULO 12

Hugh ainda não compreendia o que tinha havido dentro da carruagem, só que ele descera e, assim que Sarah pusera a mão na sua para saltar também, ela dera um grito e caíra em sua direção.

Por um momento ele agira como se o próprio corpo não tivesse limites. Estendera os braços para segurá-la.

Seria o gesto mais natural do mundo, exceto por ele ser um homem com uma perna arruinada, e homens com pernas arruinadas nunca deveriam se esquecer desse detalhe.

Ele a havia pegado, ou pelo menos pensara ter pegado, mas sua perna não conseguira sustentar o peso de ambos – que, além do mais, estava aumentado pela força da queda. Hugh não tivera tempo de sentir dor; seu músculo simplesmente falhara e a perna cedera.

Então no fim não fazia diferença se a pegara ou não. Ambos caíram e, por um instante, ele não conseguiu fazer nada além de ofegar. O impacto lhe tirara o fôlego e sua perna...

Hugh mordeu a parte interna da bochecha. Com força. Era estranho como uma dor podia diminuir a intensidade de outra. Ou pelo menos era o que acontecia na maioria das vezes. Dessa vez não diminuiu nada. Ele chegou a sentir gosto de sangue, mas, ainda assim, teve a sensação de que sua perna estava sendo perfurada por agulhas.

Praguejando para si mesmo, apoiou-se nas mãos e nos joelhos para chegar até Sarah, que estava esparramada no chão perto dele.

– Está bem? – perguntou, preocupado.

Ela assentiu, mas de um modo hesitante e distraído que indicava que não, não estava bem.

– É sua perna?

– Meu tornozelo – gemeu Sarah.

Hugh se ajoelhou ao lado dela, a perna gritando de agonia por estar excessivamente dobrada. Teria que levar Sarah para a A Rosa e a Coroa, mas primeiro precisava verificar se ela não havia fraturado o osso.

– Posso? – disse, suas mãos pairando perto do pé dela.

Sarah concordou mexendo a cabeça, mas, antes mesmo que ele a tocasse, foram cercados. Harriet tinha saltado da carruagem, lady Pleinsworth saíra correndo da hospedaria e Deus sabia quem mais se aproximara de repente, já afastando-o. Por fim, Hugh conseguiu se levantar apoiando-se com dificuldade na bengala.

O músculo de sua coxa parecia ter sido atravessado por uma faca em brasa, mas na verdade aquela dor já lhe era familiar. Nada daquilo era novidade: ele apenas levara a própria perna até o limite.

Dois cavalheiros chegaram ao local – primos de Sarah, deduziu Hugh – e então surgiu Daniel, abrindo caminho.

Assumindo o controle.

Hugh o observou examinar o tornozelo de Sarah e depois percebeu Sarah pondo os braços ao redor do pescoço do primo. Então ficou olhando enquanto Daniel atravessava a multidão, carregando-a até a hospedaria.

Hugh nunca seria capaz de fazer aquilo. Podia esquecer de uma vez por todas o que era cavalgar, dançar e caçar, bem como todas as coisas de que sentia falta desde que uma bala destroçara sua coxa. Nada daquilo importava mais.

Ele nunca iria pegar uma mulher nos braços e carregá-la no colo.

Nunca havia se sentido menos homem.

Hospedaria A Rosa e a Coroa
Uma hora depois

– Quantas?

Hugh ergueu os olhos quando Daniel deslizou para o banco perto dele no bar da hospedaria.

– Quantas canecas – esclareceu Daniel.

Hugh tomou um gole de sua cerveja e depois outro, porque era o que faltava para terminar aquela caneca.

– Não o suficiente.

– Você está bêbado?
– Infelizmente, não.
Ele fez sinal para que o dono da hospedaria lhe trouxesse outra.
O homem olhou para eles e perguntou:
– Uma para o senhor também, milorde?
Daniel balançou a cabeça, negando.
– Chá, se puder – pediu. – Ainda está cedo.
Hugh deu um sorriso forçado.
– Todos estão na sala de jantar – disse-lhe Daniel.
Todos os duzentos, ia dizer Hugh, mas então se lembrou de que os convidados haviam se espalhado por outras hospedarias para almoçar. Supôs que deveria ser grato por aquilo. Apenas um quinto do grupo de viajantes vira sua humilhação.
– Quer se juntar a nós? – convidou Daniel.
Hugh olhou para ele.
– Acho que não.
O dono da hospedaria pôs outra caneca de cerveja na frente de Hugh.
– O chá logo ficará pronto, milorde.
Hugh levou a caneca aos lábios e engoliu um terço do conteúdo de uma só vez. Não havia nem de longe álcool suficiente naquilo. Estava levando muito tempo para dar resultado e anestesiar o cérebro.
– Ela fraturou o tornozelo? – perguntou.
Não pretendera fazer perguntas, mas tinha que saber.
– Não – disse Daniel –, mas foi uma distensão desagradável. Está inchado, e ela está sentindo muita dor.
Hugh assentiu com a cabeça. Entendia de dor.
– Ela pode viajar?
– Acho que sim. Teremos que colocá-la em uma carruagem diferente. Precisará erguer a perna.
Hugh tomou outro longo gole.
– Não vi o que aconteceu – disse Daniel.
Hugh ficou imóvel. Lentamente, virou-se para o amigo.
– O que está me perguntando?
– Apenas o que aconteceu – reiterou Daniel, torcendo a boca em uma expressão de incredulidade diante da reação exagerada de Hugh.
– Ela caiu da carruagem. Não consegui segurá-la.
Daniel o encarou por vários segundos antes de falar:

– Ah, pelo amor de Deus! Não está se culpando, está?

Hugh não respondeu.

Daniel estendeu uma das mãos para a frente de modo indagador.

– Como poderia tê-la segurado?

Hugh agarrou a beirada do balcão.

– Maldição – murmurou Daniel. – Nem tudo tem a ver com sua perna. Provavelmente eu também não teria conseguido.

– Não – retrucou Hugh. – Você teria.

Daniel ficou calado por um momento e então continuou:

– As irmãs dela estavam brigando. Aparentemente uma esbarrou nela na carruagem. Foi por isso que ela caiu.

O motivo da queda não fazia diferença, pensou Hugh dando outro gole.

– Então foi mais como se ela tivesse sido empurrada para fora.

Hugh tirou sua atenção da caneca por tempo suficiente para rosnar:

– Você tem uma teoria?

– Ela deve ter sido empurrada para fora da carruagem com uma força considerável – ressaltou Daniel.

Hugh percebeu que o amigo falava de forma paciente, só que ele não estava nem um pouco interessado. Estava com vontade de beber, sentir pena de si mesmo e arrancar a cabeça de quem fosse estúpido o bastante para se aproximar. Terminou a cerveja, bateu com a caneca no balcão e pediu outra. O dono da hospedaria se apressou a atendê-lo.

– Tem certeza de que quer beber isso? – perguntou Daniel.

– Absoluta.

– Pelo que me lembro – começou Daniel em uma voz irritantemente tranquila – uma vez você me disse que não bebia antes do anoitecer.

Daniel achava que ele havia se esquecido? Achava que ele estaria ali sentado bebendo uma cerveja ruim atrás da outra se não fosse para acabar com a dor? Dessa vez não era só sua perna. Inferno, como podia ser um homem quando sua maldita perna não o sustentava?

Hugh sentiu o coração bater forte de raiva e ouviu a própria respiração se transformar em sopros curtos e irritados. Havia uma centena de coisas diferentes que poderia dizer a Daniel naquele momento, mas apenas uma realmente expressava o que sentia.

– Vá se danar.

Houve um silêncio muito longo e então Daniel desceu do banco.

– Você não está em condições de viajar o resto do dia em uma carruagem com minhas primas mais novas.

Hugh franziu os lábios.

– Por que diabos acha que estou bebendo?

– Vou fingir que você não disse nada disso – falou Daniel, controlado. – E sugiro que faça o mesmo quando ficar sóbrio.

Ele se dirigiu à porta.

– Partiremos daqui a uma hora. Mandarei alguém lhe informar em que carruagem deverá seguir.

– Apenas me deixe aqui – rebateu Hugh.

Por que não? Ele não precisava chegar a Whipple Hill imediatamente. Podia muito bem ficar na A Rosa e a Coroa por uma semana.

Daniel sorriu sem achar graça.

– Você gostaria disso, não é?

Hugh deu de ombros, tentando ser insolente. Mas tudo o que conseguiu foi perder o equilíbrio e quase cair do banco.

– Uma hora – lembrou Daniel, afastando-se.

Hugh se debruçou sobre a caneca, mas sabia que dali a uma hora estaria em pé na frente da hospedaria preparando-se para a próxima etapa da viagem. Se outra pessoa – qualquer uma – tivesse lhe ordenado que estivesse pronto em uma hora, ele teria lhe dado as costas e saído dali para nunca mais voltar.

Mas não Daniel Smythe-Smith. E suspeitava de que Daniel soubesse disso.

Whipple Hill
perto de Thatcham
Berkshire
Seis dias depois

A viagem para Whipple Hill fora nada menos que sofrível, mas agora que Sarah chegara lhe ocorreu que talvez fosse até sorte ter passado seus primeiros três dias de tornozelo inchado presa na carruagem dos Pleinsworths. Ainda que o veículo tivesse chacoalhado bastante e se movido aos solavancos, pelo menos *ela* tinha um motivo para se manter

sentada nele. Porque, de qualquer forma, todas as demais pessoas precisavam fazer o mesmo.

Agora não mais.

Daniel estava determinado a tornar lendária a semana que antecedia seu casamento e planejara todos os tipos imagináveis de diversão para seus convidados. Haveria excursões, charadas, danças, uma caçada e pelo menos mais uma dezena de passatempos que seriam revelados quando necessário. Sarah não ficaria surpresa se Daniel oferecesse aulas de malabarismo no gramado. O que, a propósito, sabia que ele poderia fazer. Ele havia aprendido malabarismo sozinho quando tinha 12 anos e uma feira itinerante passara pela cidade.

Sarah passou seu primeiro dia na propriedade com o pé apoiado em travesseiros, presa no quarto dividido com Harriet. Suas outras irmãs tinham ido visitá-la, assim como Iris e Daisy, mas Honoria ainda estava em Fensmore, desfrutando alguns dias de privacidade com o marido antes de seguir viagem. E, embora Sarah gostasse das visitas de seus parentes para entretê-la, não ficou tão contente ao receber notícias de todas as atividades maravilhosas que ocorreram fora de seu quarto.

Seu segundo dia em Whipple Hill foi muito parecido, exceto que, por pena da irmã, Harriet decidira ler para ela todos os cinco atos de *Henrique VIII e o unicórnio do mal*, que recentemente tivera o título alterado para *A pastorinha, o unicórnio e Henrique VIII*. Sarah não entendia a mudança: não havia menção a nenhuma pastora no texto. Ela havia cochilado por apenas alguns minutos. Certamente não podia ter deixado passar uma personagem importante o suficiente para estar no título da peça.

O terceiro dia foi o pior. Daisy trouxe seu violino.

E Daisy não conhecia peças curtas.

Então, quando Sarah acordou em seu quarto dia em Whipple Hill, jurou para si mesma que desceria a escada e se juntaria ao resto da humanidade – ou morreria tentando.

Realmente jurou isso. E deve tê-lo feito com grande convicção, porque a criada empalideceu e fez o sinal da cruz.

Mas, quando ela desceu, descobriu que metade das damas fora para o vilarejo e a outra metade estava prestes a ir.

Os homens planejavam caçar.

Havia sido humilhante descer para o café da manhã nos braços de um lacaio (ela não havia especificado como desceria a escada). Então, assim

que todos os outros hóspedes partiram, Sarah se levantou e deu um passo cauteloso. Poderia pôr um pouco de peso no tornozelo, desde que tomasse cuidado, imaginou.

Mas teve que se apoiar em uma parede.

Talvez devesse ir para a biblioteca. Poderia encontrar um livro, sentar-se e ler. Não havia nenhuma necessidade de forçar os pés. A biblioteca não ficava longe.

Ela deu outro passo.

Ora, não precisaria atravessar *toda* a casa.

Gemeu. Quem estava tentando enganar? Nesse ritmo, demoraria metade do dia para chegar à biblioteca.

Precisava de uma bengala.

Parou. Isso a fez pensar em lorde Hugh. Não o via fazia quase uma semana. Mas não deveria achar isso estranho. Afinal, eles eram apenas duas das mais de cem pessoas que haviam viajado de Fensmore a Whipple Hill. E obviamente ele não a visitaria enquanto ela estivesse no quarto.

Ainda assim, andava pensando nele. Deitada na cama com os pés apoiados em travesseiros, perguntava-se por quanto tempo ele tivera que fazer o mesmo. Quando se levantara no meio da noite e se arrastara até o penico, começara a se perguntar... e então amaldiçoara a injustiça biológica daquilo tudo. Um homem não precisaria se arrastar até o penico, não? Provavelmente poderia resolver tudo da cama.

Não que estivesse imaginando lorde Hugh na cama.

Ou usando um penico.

Mas, ainda assim, como ele havia conseguido? Como ainda conseguia? Como realizava as tarefas diárias sem ter vontade de arrancar os cabelos e amaldiçoar os céus? Sarah detestava ser tão dependente assim dos outros. Naquela mesma manhã, tivera que pedir a uma criada que encontrasse sua mãe, que então solicitara um lacaio para carregá-la escada abaixo para o café da manhã.

Tudo o que ela queria era ir a algum lugar com os próprios pés. Sem informar ninguém dos seus planos. E, se tivesse que sofrer uma dor aguda sempre que pisasse, paciência. Valia a pena só para sair do quarto.

Mas voltando a lorde Hugh... Sabia que a perna dele o incomodava depois de algum esforço excessivo, mas ele sentia dor sempre que dava um passo? Como era possível ela não ter lhe perguntado isso? Eles tinham

caminhado juntos, certamente não por longas distâncias, mas ainda assim ela deveria saber se ele estava com dor. Deveria ter *perguntado.*

Sarah mancou um pouco mais pelo corredor e finalmente desistiu, desabando em uma poltrona. Alguém acabaria aparecendo. Uma criada... um lacaio... Era uma casa cheia de gente.

Ficou sentada, batucando uma música na perna. Sua mãe teria um ataque se a visse daquele jeito. Uma dama tinha que permanecer quieta. Uma dama tinha que falar baixo, rir musicalmente e fazer todos os tipos de coisas que nunca foram naturais para Sarah. Realmente era incrível que ela amasse tanto a mãe. As duas tinham todos os motivos para querer matar uma à outra.

Alguns minutos depois, Sarah ouviu alguém fazer a curva no corredor. Deveria chamá-lo? Realmente precisava de ajuda, mas...

– Lady Sarah?

Era ele. Sarah não entendeu por que ficou tão surpresa. Ou satisfeita. Mas ficou. A última conversa deles havia sido horrível, mas quando viu lorde Hugh Prentice indo em sua direção, ficou tão feliz em vê-lo que foi espantoso.

Hugh foi para o lado dela e olhou de um lado para outro do corredor.

– O que está fazendo aqui?

– Descansando, eu acho.

Ela empurrou o pé para a frente alguns centímetros.

– Minhas ambições superaram minhas capacidades.

– Não deveria ficar andando por aí.

– Acabei de passar três dias praticamente amarrada à minha cama.

Foi a imaginação dela ou Hugh subitamente pareceu um pouco desconfortável?

Sarah continuou a falar.

– E mais três antes disso presa em uma carruagem.

– Todos nós ficamos.

Ela contraiu os lábios com nervosismo.

– Sim, mas o resto de vocês pôde sair e andar um pouco.

– Ou mancar – ressaltou Hugh de forma áspera.

Sarah olhou para o rosto dele, mas quaisquer que fossem as emoções que Hugh escondia atrás dos olhos, ela não conseguiu identificá-las.

– Devo lhe pedir desculpas – disse ele.

Sarah pestanejou.

– Por quê?

– Eu a deixei cair.

Ela o encarou por um momento, pasma de ele se culpar por algo que tão obviamente fora um acidente.

– Não seja ridículo – disse-lhe. – Eu cairia de qualquer jeito. Elizabeth pisou na bainha do vestido de Frances, e Frances começou a puxá-lo. Então Elizabeth tirou o pé e...

Ela descartou o restante da história com um gesto de mão.

– Bem, não importa. De algum modo Harriet esbarrou em mim. Se tivesse sido apenas Frances, ouso afirmar que eu poderia ter recuperado o equilíbrio.

Hugh não disse nada. Sarah ainda não conseguia interpretar a expressão dele.

– Eu me machuquei quando estava no degrau – prosseguiu ela. – Não quando caí.

Ela não tinha a menor ideia da relevância daquela informação, mas nunca tivera o dom de medir suas palavras quando estava nervosa.

– Também devo lhe pedir desculpas – acrescentou, hesitante.

Hugh olhou para Sarah de modo indagador. Ela engoliu em seco.

– Fui muito indelicada com o senhor na carruagem.

Ele ia dizer algo, provavelmente na linha de "Não seja tola", mas ela o impediu.

– Eu exagerei. A peça de Harriet era muito... constrangedora. E só queria que o senhor soubesse que teria reagido do mesmo modo com qualquer outra pessoa. Por isso não deveria se sentir ofendido. Pelo menos, não pessoalmente.

Meu Deus, estava tagarelando. Nunca havia sido boa em pedir desculpas. Na maioria das vezes, simplesmente se recusava a fazer isso.

– Vai caçar com os cavalheiros? – perguntou ela sem pensar.

O canto da boca de Hugh se contraiu e ele ergueu as sobrancelhas em uma expressão irônica quando disse:

– Não posso.

– Ah. *Ah.*

Tola, estúpida, o que estava pensando?

– Desculpe-me – disse. – Isso foi muito insensível da minha parte.

– Não precisa ficar medindo as palavras, lady Sarah. Eu sou coxo. Isso é um fato. E certamente não é culpa sua.

Ela assentiu.

– Mesmo assim, desculpe-me.

Por uma fração de segundo, Hugh pareceu não saber o que fazer. E então disse em voz baixa:

– Desculpas aceitas.

– Embora eu não goste dessa palavra – disse Sarah.

Hugh ergueu as sobrancelhas.

– Coxo – explicou Sarah, torcendo o nariz. – Ela o faz parecer um cavalo.

– Conhece outra?

– Não. Mas não é minha função resolver os problemas do mundo, apenas expô-los.

Ele a encarou.

– Eu estava *brincando.*

E então Hugh finalmente sorriu.

– Bem – disse Sarah –, acho que estava brincando em parte. Não tenho uma palavra melhor para isso e provavelmente não posso resolver os problemas do mundo, embora, para dizer a verdade, ninguém tenha me dado a oportunidade de fazer isso.

Ela estreitou os olhos de forma maliciosa, quase o desafiando a fazer algum comentário.

Para sua grande surpresa, Hugh apenas riu.

– Diga-me, lady Sarah, o que planeja fazer esta manhã? Por algum motivo, duvido que tenha a intenção de ficar sentada no corredor o dia inteiro.

– Pensei em ler na biblioteca – admitiu Sarah. – É tolice, eu sei, porque é o que tenho feito no quarto ao longo dos últimos dias, mas estou desesperada para ficar em qualquer outro lugar. Acho que leria em um guarda-roupa só para mudar o cenário.

– Seria uma mudança de cenário interessante – comentou ele.

– Escuro – acrescentou Sarah.

– Lanoso.

Sarah tentou em vão conter uma risada.

– Lanoso? – repetiu ela.

– É o que acharia do meu guarda-roupa.

– Estou alarmada por uma visão de ovelhas.

Ela fez uma pausa e depois uma careta.

– E pelo que Harriet poderia fazer com um cenário desses nas peças dela.

Hugh ergueu uma das mãos.

– Vamos mudar de assunto.

Sarah inclinou a cabeça para o lado e depois percebeu que estava sorrindo como se estivesse flertando. Então parou de sorrir. Mas ainda assim se sentiu inexplicavelmente flertando.

Então sorriu de novo, porque gostava de sorrir e gostava de sentir que flertava e, acima de tudo, porque sabia que Hugh entenderia que ela não estava *realmente* flertando com ele. Porque não estava. Só estava sentindo que flertava. Era o resultado de ficar presa naquele quarto durante tanto tempo sem ninguém além das irmãs e primas.

– A senhorita estava a caminho da biblioteca – lembrou Hugh.

– Sim.

– E vinha...

– Da sala do café da manhã.

– Não chegou muito longe.

– Não – admitiu ela. – Não cheguei.

– Ocorreu-lhe que não deveria estar andando com esse pé? – perguntou ele em tom cuidadoso.

– Na verdade, sim.

Hugh arqueou uma sobrancelha.

– Orgulho?

Ela concordou tristemente mexendo a cabeça.

– Em excesso.

– O que faremos agora?

Ela olhou para seu tornozelo traidor.

– Acho que preciso encontrar alguém que me carregue até lá.

Houve uma pausa longa, longa o suficiente para ela erguer os olhos. Mas Hugh havia virado de lado, por isso tudo o que Sarah viu foi o perfil dele. Finalmente Hugh pigarreou e perguntou:

– Gostaria que eu lhe emprestasse minha bengala?

Sarah abriu a boca, surpresa.

– Mas não precisa dela?

– Não para distâncias mais curtas. A bengala ajuda – explicou Hugh antes que Sarah pudesse salientar que nunca o vira sem ela –, mas não é estritamente necessária.

Ela estava prestes a concordar com a sugestão de Hugh. Chegou a estender a mão para a bengala, mas então parou, porque lhe veio à mente que ele era o tipo de homem que faria algo estúpido em nome do cavalheirismo.

– Pode andar sem a bengala – disse, olhando diretamente nos olhos dele –, mas isso não significa que sua perna doerá mais depois?

Hugh ficou calado um instante.

– Provavelmente – admitiu.

– Obrigada por não ter mentido para mim.

– Quase menti.

Sarah se permitiu um leve sorriso.

– Eu sei.

– Agora vai ter que pegá-la.

Ele segurou o centro da bengala e a estendeu de modo que o punho ficasse ao alcance de Sarah.

– Minha honestidade não deve ficar sem recompensa.

Sarah sabia que não deveria deixá-lo fazer aquilo. Hugh poderia querer ajudá-la naquele momento, porém mais tarde a perna dele doeria. Desnecessariamente.

Mas de algum modo sabia que recusar lhe causaria mais dor do que a perna. Percebeu que ele precisava ajudá-la.

Precisava ajudá-la muito mais do que ela precisava de ajuda.

– Lady Sarah?

Ela olhou para cima. Ele a observava com uma expressão curiosa nos olhos. Como era possível os olhos dele ficarem mais bonitos a cada vez que ela os via? Ele não estava sorrindo; a verdade era que não sorria com muita frequência. Mas ela viu em seu olhar um brilho de calor, de felicidade.

Aquele brilho não estava ali naquele primeiro dia em Fensmore. Ela se surpreendeu ao perceber como queria que nunca desaparecesse.

– Obrigada – disse, decidida.

Mas, em vez de segurar a bengala, Sarah estendeu a mão para Hugh.

– Pode me ajudar a levantar?

Nenhum deles estava usando luvas, e a súbita explosão de calor na pele de Sarah a fez estremecer. A mão de Hugh se fechou com firmeza ao redor da mão dela e, com uma pequena puxada, Sarah se viu em pé. Na verdade, apoiada em um dos pés. No que estava bom.

– Obrigada – agradeceu de novo, um pouco alarmada com o fato de parecer ofegante.

Sem dizer nenhuma palavra, Hugh lhe estendeu a bengala. Ela a pegou, curvando os dedos ao redor do punho liso. O ato pareceu quase íntimo, segurar o objeto que se tornara praticamente uma extensão do corpo dele.

– É um pouco alta para a senhorita – observou Hugh.

– Vou dar um jeito.

Ela ensaiou um passo.

– Não, não – disse ele. – Precisa se apoiar um pouco mais nela. Assim.

Ele deu um passo para trás de Sarah e pôs a mão sobre a dela no punho da bengala.

Sarah parou de respirar. Hugh estava tão perto que ela conseguia sentir a expiração dele, quente e fazendo cócegas na ponta de sua orelha.

– Sarah? – murmurou ele.

Ela apenas meneou a cabeça. Precisava de algum tempo para recuperar a voz.

– E-eu acho que agora consigo.

Hugh se afastou e, por um instante, tudo o que Sarah conseguiu sentir foi a ausência dele. Foi surpreendente, desconcertante e...

Frio.

– Sarah?

Ela interrompeu o estranho devaneio.

– Desculpe-me – murmurou. – Estava distraída.

Ele sorriu. Talvez fosse um sorriso malicioso. Amigável, mas ainda assim malicioso.

– O que foi? – indagou ela, que nunca o vira sorrir assim.

– Só estava pensando onde estaria o guarda-roupa.

Ela demorou um momento para entender – estava certa de que teria entendido de imediato se não estivesse tão confusa – e então lhe sorriu e disse:

– O senhor me chamou de Sarah.

Ele parou.

– Sim. Desculpe-me. Foi um lapso.

– Não – apressou-se a dizer Sarah, atropelando as últimas palavras dele. – Tudo bem. Eu gostei, acho.

– Acha?

– Sim – disse ela. – Somos amigos agora, eu acho.

– Acha.

Dessa vez o sorriso foi definitivamente malicioso.

Ela lhe lançou um olhar sarcástico.

– Não conseguiu resistir, não é?

– Não – murmurou ele. – Acho que não.

– Isso foi tão terrível que quase foi bom – zombou Sarah.

– E isso foi um insulto tão grande que quase me sinto elogiado.

Ela estava tentando não sorrir. Aquela era uma batalha de provocações e, de algum modo, Sarah sabia que, se risse, perderia. Se bem que perder não era uma possibilidade tão ruim. Não nesse caso.

– Vamos logo – disse Hugh, com fingida severidade. – Vamos vê-la andar até a biblioteca.

E ela andou. Não foi fácil nem indolor, mas andou.

– Está se saindo muito bem – declarou Hugh quando os dois se aproximaram do destino.

– Obrigada – agradeceu Sarah, ridiculamente feliz com o elogio. – Isso é maravilhoso. Tanta independência! Foi horrível ter que depender de alguém para me carregar.

Ela olhou para Hugh por cima do ombro.

– É assim que se sente?

Ele curvou os lábios em uma expressão irônica.

– Não exatamente.

– Não? Porque...

A garganta de Sarah quase se fechou.

– Não importa – falou ela.

Como ela era *idiota.* Claro que ele não se sentia igual. Ela estava usando a bengala *naquele dia*. Ele a usaria para sempre.

Daquele momento em diante, Sarah não se perguntou mais por que ele não sorria com muita frequência. Em vez disso, passou a se admirar por ele ainda sorrir.

CAPÍTULO 13

Sala de estar azul
Whipple Hill
Oito da noite

Quando se tratava de compromissos sociais, Hugh nunca sabia o que era pior: chegar cedo e ficar exausto de tanto se levantar a cada vez que uma dama aparecia ou chegar tarde e ser o centro das atenções ao entrar na sala mancando. Naquela noite, porém, sua perna doente decidira por ele.

Não estava mentindo quando dissera a Sarah que provavelmente sentiria dor naquela noite. Mas estava feliz por ela ter aceitado a bengala. Tinha sido, pensou com uma surpreendente ausência de amargura, o mais perto que ele chegaria de tomá-la nos braços e levá-la para um lugar seguro.

Patético, mas um homem precisava se apegar aos triunfos que tinha.

Quando Hugh entrou na grande sala de estar em Whipple Hill, a maioria dos outros convidados já estava presente. Umas setenta pessoas, se seus cálculos estivessem certos. Mais da metade da "caravana" estava alojada em hospedarias próximas. Todos se divertiam na casa durante o dia, mas partiam à noite.

Quando entrou pela porta, não se deu ao trabalho de fingir que não procurava Sarah. Os dois haviam passado grande parte do dia na biblioteca, em paz na companhia um do outro, de vez em quando conversando, mas principalmente lendo. Sarah lhe pedira que demonstrasse sua genialidade matemática (palavras dela, não dele), e Hugh o fizera. Sempre detestara se exibir, mas Sarah o tinha ouvido com tanto prazer e divertimento que ele não sentira o desconforto comum a essas situações.

Julgara-a mal, percebeu. Sim, ela era muito dramática e dada a grandes pronunciamentos, mas não era a debutante superficial que um dia ele imaginara. Hugh também começava a perceber que a antipatia que Sarah sentira por ele não fora totalmente sem motivo. Ele a prejudicara – sem querer, mas prejudicara. Era verdade que ela teria participado daquela primeira temporada em Londres se não fosse por seu duelo com Daniel.

Hugh não chegaria ao ponto de concordar que arruinara a vida dela, mas, agora que a conhecia melhor, não parecia improvável que lady Sarah Pleinsworth houvesse conseguido fisgar um daqueles lendários quatorze cavalheiros.

No entanto, ele era incapaz de lamentar que isso não tivesse acontecido.

Quando Hugh a encontrou – na verdade, foi a risada dela que o atraiu –, Sarah estava sentada em uma poltrona no meio da sala com os pés descansando em um pequeno pufe. Estava com uma das primas. A pálida, Iris. Ela e Sarah pareciam ter um relacionamento estranho, um pouco competitivo. Hugh nunca ousaria se considerar um especialista em mulheres, mas estava claro que aquelas duas tinham conversas inteiras com nada além de olhos estreitados e inclinações de cabeça.

Naquele momento, porém, pareciam descontraídas, por isso ele foi até elas e fez educadamente uma mesura.

– Lady Sarah – disse. – Srta. Smythe-Smith.

Ambas as damas sorriram e o cumprimentaram.

– Não quer se juntar a nós? – convidou Sarah.

Hugh se sentou na poltrona à esquerda dela, aproveitando a oportunidade para esticar a perna. Geralmente tentava não atrair atenção para si mesmo fazendo isso em público, mas Sarah sabia que ele ficaria mais à vontade assim e, o que era ainda mais importante, Hugh sabia que Sarah não se acanharia em dizer como ele deveria se sentar.

– Como está seu tornozelo? – indagou-lhe o lorde.

– Ótimo – respondeu ela, e então torceu o nariz. – Não, isso é mentira. Está bem ruim.

Iris deu uma risadinha.

– Está mesmo – disse Sarah com um suspiro. – Acho que o forcei demais de manhã.

– Achei que tivesse passado a manhã na biblioteca – comentou Iris.

– Eu passei. Mas lorde Hugh muito gentilmente me emprestou sua bengala, e cruzei a casa toda sozinha – contou, olhando carrancuda para o pé. – Embora depois disso não tenha feito absolutamente nada. Não sei por que dói tanto.

– Esse tipo de lesão leva tempo para sarar – explicou Hugh. – Pode ter sido mais do que uma simples distensão.

Sarah fez uma careta.

– Meu pé fez um som horrível quando o torci no degrau. Como o de algo sendo rasgado.

– Ah, que horror! – exclamou Iris, estremecendo. – Por que você não disse nada?

Sarah apenas deu de ombros.

– Acredito que isso não seja um bom sinal – comentou Hugh. – Não deve ser nada irreversível, mas a lesão talvez tenha sido mais profunda do que pensávamos.

Sarah deu um suspiro dramático.

– Suponho que terei que conceder audiências em meu quarto de vestir, como uma rainha da França.

Iris olhou para Hugh e comentou:

– E ela está falando sério.

Hugh não duvidava disso.

– Ou – continuou Sarah, os olhos assumindo um brilho perigoso – eu poderia pedir que providenciem uma liteira para me carregarem.

Hugh riu do exagero dela. Aquele era o tipo de coisa que, apenas uma semana antes, o teria irritado muitíssimo. Agora que conhecia Sarah melhor, porém, ele achava graça. Ela tinha um modo único de deixar as pessoas à vontade. Hugh acreditava sinceramente que isso era um talento.

– Deveríamos buscar também um cálice de ouro cheio de uvas para servi-la na boca? – gracejou Iris.

– Mas é claro – respondeu Sarah, mantendo uma expressão arrogante por uns dois segundos antes de dar um sorriso.

Então os três começaram a rir, o que deve ter sido o motivo de não haverem percebido a presença de Daisy Smythe-Smith até que ela estivesse praticamente em cima deles.

– Sarah – chamou Daisy, intrometendo-se no grupo –, posso lhe dar uma palavra?

Hugh se levantou. Ainda não tivera chance de conhecer aquela Smythe-Smith. Ela parecia jovem, ainda na escola, mas com idade suficiente para participar de um jantar em um evento com a família.

– Daisy – cumprimentou-a Sarah. – Boa noite. Já foi apresentada a lorde Hugh Prentice? Lorde Hugh, esta é a Srta. Daisy Smythe-Smith. Ela é irmã de Iris.

Claro. Já ouvira falar daquela família. O Buquê Smythe-Smith, como certa vez alguém as chamara. Não conseguia se lembrar de todos os nomes. Daisy, Iris e talvez Rose e Violet. Torcia para que nenhuma fosse Ambrosia.

Daisy fez uma rápida reverência, mas na certa não tinha nenhum interesse nele, porque logo virou a cabeça loira cacheada de novo para Sarah.

– Como você não pode dançar hoje – disse sem rodeios –, minha mãe decidiu que vamos tocar.

Sarah empalideceu e Hugh se lembrou daquela primeira noite em Fensmore, quando ela ia contar algo sobre as apresentações musicais da família e fora interrompida antes que pudesse concluir a frase. Ele nunca soube o que ela ia dizer.

– Iris não vai poder tocar conosco – continuou Daisy, ignorando a reação de Sarah. – Não trouxemos um violoncelo e lady Edith não foi convidada para *este* casamento. Não que isso fosse nos fazer alguma diferença – disse, torcendo o nariz, ofendida. – Foi muito indelicado da parte dela não nos emprestar o violoncelo em Fensmore.

Hugh viu Sarah lançar um olhar de desespero para Iris, que reagiu apenas demonstrando solidariedade. E horror.

– Mas o piano daqui está afinado – completou Daisy. – E claro que eu trouxe meu violino, por isso podemos fazer um dueto.

Foi a vez de Iris lançar um olhar expressivo para Sarah. As duas estavam tendo outra daquelas conversas silenciosas e intraduzíveis para qualquer pessoa do sexo masculino, pensou Hugh.

– A única questão é o que tocar – prosseguiu Daisy. – Proponho o "Quarteto nº 1" de Mozart, já que não temos tempo para ensaiar.

Ela se virou para Hugh.

– Nós já o tocamos este ano – explicou.

Sarah emitiu um som sufocado.

– Mas...

Porém Daisy não deixaria que a interrompessem.

– Presumo que você se lembre da sua parte – atalhou.

– Não! Não me lembro. Daisy, eu...

– Sei que só há duas de nós, mas não acho que isso fará diferença – continuou Daisy.

– Não? – perguntou Iris, sentindo-se vagamente nauseada.

Daisy olhou para a irmã. Foi um olhar de relance, notou Hugh, mas ainda assim com um grau surpreendente de irritação.

– É só ignorarmos o violoncelo e o segundo violino – anunciou.

– Você toca o segundo violino – observou Sarah.

– Não quando só há uma violinista – respondeu Daisy.

– Isso não faz o menor sentido – interpôs Iris.

Daisy bufou de irritação.

– Mesmo se eu tocar a segunda parte, como fiz na primavera passada, ainda assim serei a única violinista.

Ela esperou pelo apoio de Sarah, que não veio. Então concluiu:

– O que me torna a primeira violinista.

Até mesmo Hugh sabia que não funcionava assim.

– Não se pode tocar um segundo violino sem um primeiro – retrucou Daisy com impaciência. – É numericamente impossível.

Ah, não, pensou Hugh, *ela não vai meter números nisso.*

– Não posso tocar hoje, Daisy – disse Sarah, balançando a cabeça devagar.

– Sua mãe disse que tocaria.

– Minha mãe...

– O que lady Sarah quer dizer – interpôs Hugh com suavidade – é que ela já prometeu dedicar a noite a mim.

Parecia que ele estava desenvolvendo um gosto por bancar o herói. Até mesmo para damas que não tinham 11 anos e paixão por unicórnios.

Daisy olhou para ele com espanto.

– Não entendi.

Pela expressão no rosto de Sarah, ela também não entendera. Hugh deu seu sorriso mais afável e explicou:

– Também não posso dançar, então lady Sarah se ofereceu para me fazer companhia.

– Mas...

– Estou certo de que lorde Winstead já providenciou a música para esta noite – continuou Hugh.

– Mas...

– E raramente tenho alguém que me faça companhia em noites como esta.

– Mas...

Deus, a garota era insistente.

– Temo que eu não possa liberá-la do compromisso – explicou Hugh.

– Ah, eu nunca faria isso – disse Sarah, finalmente fazendo seu papel. Ela encolheu os ombros num gesto de impotência. – Eu prometi.

Daisy parecia enraizada no chão, o rosto contorcendo-se à medida que percebia a derrota.

– Iris... – começou.

– Não vou tocar piano – declarou Iris, quase gritando.

– Como sabia que eu ia lhe pedir isso? – perguntou Daisy, franzindo a testa com petulância.

– Você é minha irmã e eu a conheço desde que nasceu – respondeu Iris, impaciente. – Claro que eu sabia o que ia me pedir.

– Todas nós tivemos que aprender a tocar piano – gemeu Daisy. – E depois todas nós paramos de ter aulas quando passamos a tocar instrumentos de corda.

– O que Iris quer dizer – interveio Sarah, olhando de relance para Hugh antes de se voltar para Daisy e completar: – é que você é muito mais habilidosa ao violino do que ela ao piano.

Iris deixou escapar um ruído como se estivesse engasgando, mas, quando Hugh olhou para ela, a moça estava dizendo:

– É verdade, Daisy. Você sabe disso. Só me deixaria constrangida.

– Muito bem – concedeu Daisy por fim. – Eu poderia tocar algo sozinha.

– Não! – gritaram Sarah e Iris ao mesmo tempo.

E foi realmente um grito. Algumas pessoas se viraram na direção delas e Sarah se viu forçada a sorrir e dizer um “Desculpem-me” envergonhado.

– Por que não? – perguntou Daisy. – Ficarei feliz em fazer isso e não faltam solos de violino para escolher.

– É muito difícil dançar com a música de um único violino – Iris se apressou a contestar.

Hugh não sabia se isso era verdade, mas certamente não iria questioná-la.

– Acho que tem razão – concordou Daisy. – O que é uma tristeza. Afinal de contas, este é um casamento da família e seria muito mais especial se a família tocasse a música.

Essa não foi simplesmente a única coisa altruísta que ela disse; foi *totalmente* altruísta e, quando Hugh arriscou um olhar de relance para Sarah e Iris, ambas estavam com expressões um tanto envergonhadas.

– Haverá outras oportunidades – disse Sarah, sem especificá-las.

– Talvez amanhã – completou Daisy com um pequeno suspiro.

Nem Sarah nem Iris disseram uma só palavra. Seria difícil até afirmar que elas continuavam respirando.

Um sino tocou anunciando o jantar e Daisy partiu. Quando Hugh se levantou, Sarah disse:

– Pode entrar com Iris. Daniel prometeu que me carregaria. E devo dizer que estou grata – confessou ela, franzindo o nariz. – É muito estranho que um lacaio faça isso.

Hugh estava prestes a dizer que esperariam Daniel juntos, mas o amigo, pontual, chegou em seguida. Hugh mal havia oferecido o braço a Iris quando Daniel pegou Sarah no colo e a carregou para a sala de jantar.

– Se não fossem primos – disse Iris naquele tom seco que Hugh estava começando a perceber que era só dela – isso teria sido muito romântico.

Hugh a encarou.

– Eu disse "se não fossem primos" – salientou Iris. – Seja como for, ele está tão apaixonado pela Srta. Wynter que não notaria se um harém de mulheres nuas caísse do teto.

– Ah, ele notaria – disse Hugh, percebendo que Iris tentava provocá-lo. – Só não faria nada em relação a isso.

Quando Hugh entrou na sala de jantar de braço dado com a mulher errada, ocorreu-lhe que ele também não faria nada se um harém caísse do teto.

Mais tarde naquela noite
Depois do jantar

– Está ciente – perguntou Sarah para Hugh – de que está preso a mim pelo resto da noite?

Eles estavam sentados no gramado, sob tochas que de algum modo conseguiam aquecer o ar o suficiente para permitir que as pessoas permanecessem ali fora, desde que tivessem um casaco. E um cobertor.

Não eram os únicos que aproveitavam a bela noite. Uma dezena de cadeiras e poltronas fora posta na grama do lado de fora do salão de baile e metade delas estavam ocupada. Mas Sarah e Hugh eram os únicos que as tinham adotado como residência permanente.

– Se sair do meu lado – continuou Sarah –, Daisy vai me arrastar para o piano.

– Isso seria tão horrível assim? – perguntou ele.

Ela o fitou e disse:

– Vou me certificar de enviar-lhe um convite para nossa próxima apresentação musical.

– Estou ansioso para isso.

– Não – disse ela. – Não está.

– Isso tudo parece muito misterioso – comentou Hugh, recostando-se confortavelmente na poltrona. – Segundo a minha experiência, a maioria das jovens damas anseia por demonstrar suas habilidades ao piano.

– Nós – disse Sarah, parando para dar a ênfase certa ao pronome – somos excepcionalmente horríveis.

– Não é possível que sejam tão ruins – insistiu ele. – Se fossem, não fariam apresentações anuais.

– Supondo que as pessoas sigam a lógica – avaliou ela, com uma careta. – E o bom gosto.

Não havia por que protegê-lo da verdade nua e crua. Ele logo a descobriria de qualquer forma, se estivesse em Londres na época errada do ano.

Hugh riu e Sarah ergueu a cabeça na direção do céu, sem desejar desperdiçar outro pensamento com as apresentações musicais infames de sua família. A noite estava bonita demais para isso.

– Quantas estrelas! – murmurou.

– Gosta de astronomia?

– Na verdade, não – admitiu Sarah. – Mas gosto de olhar para as estrelas em uma noite clara.

– Aquela é Andrômeda – disse Hugh, apontando para uma constelação que Sarah achou que mais parecia um forcado meio torto.

– E aquela? – perguntou ela, mostrando um rabisco que parecia a letra W.

– Cassiopeia.

Ela moveu o dedo um pouco para a esquerda.

– E aquela?

– Não faço ideia – admitiu Hugh.

– Já contou todas? – perguntou Sarah.

– As estrelas?

– O senhor conta tudo – brincou.

– As estrelas são infinitas. Nem mesmo eu seria capaz de contá-las.

– É claro que seria – disse Sarah, sentindo-se encantadora e travessa. – Não poderia ser mais simples. Infinito menos um, infinito, infinito mais um.

Ele a encarou com uma expressão que deixava claro o ridículo daquela teoria, mas disse apenas:

– Não funciona assim.

– Deveria funcionar.

– Mas não funciona. Infinito mais um ainda é infinito.

– Bem, isso não faz *nenhum* sentido.

Ela suspirou alegremente, puxando o cobertor para mais perto do corpo. Adorava dançar, mas não conseguia imaginar por que alguém escolheria permanecer no salão quando poderia estar no gramado, celebrando os céus.

– Sarah! E Hugh! Que bela surpresa!

Sarah e Hugh se entreolharam enquanto Daniel se dirigia a eles, seguido pela sorridente noiva. Sarah ainda não estava totalmente acostumada com a iminente mudança de posição da Srta. Winter – de governanta de suas irmãs a condessa de Winstead e futura prima. Não que Sarah fosse esnobe em relação a isso, ou pelo menos ela não achava que fosse. Esperava não ser. Gostava de Anne. E gostava de como Daniel ficava feliz quando estava com ela.

Só que tudo aquilo era muito estranho.

– Onde está lady Danbury quando precisamos dela? – indagou Hugh.

Sarah se virou para ele com um sorriso curioso.

– Lady Danbury?

– Certamente deveríamos comentar que não é nenhuma surpresa.

– Ah, não tenho tanta certeza – disse Sarah com um sorriso. – Até onde sei, ninguém aqui é meu sobrinho-bisneto.

– Ficaram aqui fora a noite toda? – perguntou Daniel quando ele e Anne se aproximaram dos dois convidados.

– Na verdade, sim – confirmou Hugh.

– Não estão com frio? – perguntou Anne.

– Estamos bem cobertos – disse Sarah. – E a verdade é que, já que não posso dançar, fico feliz em estar aqui fora no ar fresco.

– Vocês dois estão formando um belo par esta noite – comentou Daniel.

– Acho que este é o canto dos aleijados – disse Hugh secamente.

– Pare de dizer isso – repreendeu-o Sarah.

– Ah, desculpe-me.

Hugh olhou para Daniel e Anne.

– Ela vai sarar, é claro, então não pode ser incluída no grupo.

Sarah se inclinou para a frente.

– Não foi isso que eu quis dizer. Bem... foi, mas não totalmente.

Daniel e Anne olhavam um tanto confusos para os dois, então ela explicou:

– Esta é a terceira, não, a quarta vez que ele diz isso.

– Canto dos aleijados? – repetiu Hugh, e mesmo à luz da tocha Sarah pôde ver que ele estava achando graça.

– Se não parar de falar assim, juro que vou embora.

Hugh ergueu uma sobrancelha.

– Não acabou de dizer que estou preso à senhorita pelo resto da noite?

– Não deveria se chamar de aleijado – retrucou Sarah. A voz estava ficando passional demais, mas ela não sabia se conter. – É uma palavra horrível.

Como seria de prever, Hugh avaliou o pensamento dela sem se abalar:

– O termo se aplica.

– Não, não se aplica.

Ele riu.

– Vai me comparar com um cavalo de novo?

– Isto é muito mais interessante do que qualquer coisa que esteja acontecendo lá dentro – comentou Daniel para Anne.

– Não – disse Anne, com firmeza. – Não é. E certamente não é da nossa conta.

Ela puxou o braço de Daniel, mas ele estava com os olhos fixos em Sarah e Hugh.

– Poderia ser – disse.

Anne suspirou e revirou os olhos.

– Você é um fofoqueiro.

Então ela lhe disse algo que Sarah não conseguiu ouvir, e Daniel, ainda que relutante, deixou que a noiva o arrastasse para longe.

Sarah os viu sair de perto, um pouco confusa com o óbvio desejo de Anne de se afastar. Ela achava que os dois precisavam de privacidade? Que estranho. Ainda assim, não tinha acabado aquela conversa, por isso se voltou para Hugh e disse:

– Se quiser, pode se chamar de coxo. Mas eu o proíbo de se chamar de aleijado.

Hugh recuou, surpreso. E talvez divertido.

– Proíbe?

– Sim. Proíbo.

Sarah engoliu em seco, desconfortável com a torrente de emoções que o assaltavam. Pela primeira vez naquela noite, estavam totalmente a sós no gramado. Se ela falasse em um tom de voz mais baixo, Hugh ainda assim a ouviria.

– Eu não gosto de "coxo", mas pelo menos isso dá uma ideia de parte. Quando se chama de aleijado, é como se essa palavra o definisse por inteiro.

Hugh a encarou por um longo momento antes de se levantar e percorrer a curta distância até a poltrona dela. Então se inclinou e, tão suavemente que Sarah não teve certeza de que o ouvira, disse:

– Lady Sarah Pleinsworth, pode me dar o prazer desta dança?

Hugh não estava preparado para o olhar de Sarah. Ela ergueu a cabeça na direção da dele, os lábios abrindo-se como se tomasse fôlego, e naquele momento Hugh teria jurado que o sol nascia e se punha no sorriso dela.

Ele se inclinou, ficando perto o bastante para um sussurro:

– Se, como diz, não sou aleijado, então posso dançar.

– Tem certeza? – sussurrou Sarah.

– Nunca saberei se não tentar.

– Não serei muito graciosa – disse ela com tristeza.

– Por isso é a parceira perfeita.

Ela estendeu o braço e pôs a mão na dele.

– Lorde Hugh, eu ficaria honrada em dançar com o senhor.

Sarah se moveu com cuidado para a beirada da poltrona e, depois, deixou Hugh puxá-la para que ficasse em pé. Ou melhor, em um pé só. Foi quase cômico: ele apoiado na poltrona e ela apoiada nele. Nenhum dos dois pôde impedir que seus sorrisos se transformassem em risadas.

Quando ambos estavam aprumados e razoavelmente equilibrados, Hugh ouviu acordes musicais flutuando na brisa da noite. Uma quadrilha.

– Acho que estou ouvindo uma valsa – disse.

Sarah o encarou, prestes a corrigi-lo. Hugh pôs um dedo nos lábios dela.

– É para ser uma valsa – disse.

E viu o instante em que ela compreendeu. Os dois nunca conseguiriam acompanhar uma dança típica escocesa, um minueto ou uma quadrilha. Até mesmo uma valsa exigiria um esforço considerável.

Hugh estendeu a mão e pegou a bengala, que repousava na lateral da poltrona.

– Se eu apoiar minha mão aqui – disse Hugh, segurando o punho da bengala – e a senhorita puser a sua sobre a minha...

Sarah seguiu o movimento de Hugh e ele pôs a outra mão na base das costas dela. Sem tirar os olhos dos de Hugh, Sarah pousou a mão livre no ombro dele.

– Assim? – sussurrou.

Ele assentiu.

– Assim.

Foi a valsa mais estranha e desajeitada que se poderia imaginar. Em vez de um par de mãos dadas, elegantemente posicionadas, ambos se apoiaram na bengala. Não muito, porque não precisavam de tanto apoio, não quando tinham um ao outro. Hugh cantarolou o ritmo e conduziu Sarah com uma leve pressão nas costas, movendo a bengala sempre que era hora de se virarem.

Ele não dançava fazia quase quatro anos. Durante todo esse tempo não sentira a música fluir através de seu corpo nem o calor da mão de uma

mulher na sua. E essa noite... estava sendo mágica, quase espiritual, e ele soube que jamais poderia agradecer a Sarah o suficiente por isso, por restaurar um pedaço da alma dele.

– Você é muito gracioso – disse Sarah, erguendo os olhos para ele com um sorriso enigmático.

Era o sorriso que ela usava em Londres, Hugh tinha certeza disso. Quando dançava em um baile, quando erguia os olhos para um pretendente e lhe fazia um elogio, era assim que sorria. Isso o fez sentir-se normal. De um jeito bom.

Nunca pensou que ficaria tão grato por um sorriso.

Ele abaixou a cabeça na direção da de Sarah e fingiu contar um segredo.

– Venho treinando há anos. Quer tentar um rodopio?

– Ah, sim. Quero.

Juntos eles ergueram a bengala, balançaram-na suavemente para a direita e depois puseram a ponta novamente na grama.

Ele se inclinou.

– Esperava o momento certo para mostrar meu talento ao mundo.

– O momento certo?

– A parceira certa – corrigiu-se Hugh.

– Eu sabia que havia um motivo para eu ter caído daquela carruagem.

Ela riu e ergueu os olhos, que estavam com um brilho travesso.

– Não vai dizer que sabia que havia um motivo para não ter me segurado?

Mas com isso ele não podia brincar.

– Não – disse com firmeza. – Nunca.

Sarah estava olhando para baixo, mas ele pôde ver pela curva nas bochechas dela que sua resposta a deixara satisfeita. Alguns momentos depois, Sarah disse:

– Você amorteceu minha queda.

– Parece que sou bom em alguma coisa – respondeu Hugh, feliz por voltarem ao território seguro das brincadeiras e provocações.

– Ah, quanto a isso eu não sei, meu lorde. Suspeito de que seja bom em muitas coisas.

– Acabou de me chamar de “meu lorde”?

Dessa vez, Hugh percebeu o sorriso de Sarah na respiração dela, antes mesmo que chegasse aos lábios e ela dissesse:

– Parece que sim.

– Não posso imaginar o que fiz para merecer essa honra.

– Ah, não é uma questão do que fez para merecê-la – disse Sarah –, mas do que eu *acho* que fez.

Por um momento ele parou de dançar.

– Isso pode explicar por que não entendo as mulheres.

Ela riu.

– Estou certa de que é apenas um dos muitos motivos.

– Está fazendo pouco de mim.

– Pelo contrário. Não conheço nenhum homem que realmente queira entender as mulheres. Se entendessem, do que iriam se queixar?

– De Napoleão?

– Ele morreu.

– Do tempo?

– Já fez isso, não que tenha algum motivo de queixa esta noite.

– Não – concordou ele, olhando para as estrelas. – A noite está especialmente linda.

– Sim. Sim, está.

Ele devia ter ficado satisfeito com isso, mas estava se sentindo insaciável e não queria que a dança terminasse, então deixou sua mão pousar mais pesadamente nas costas dela e disse:

– Não me contou o que acha que eu fiz para merecer a honra de ser chamado de “seu lorde”.

Ela o encarou com olhos atrevidos.

– Bem, se eu fosse totalmente sincera, poderia admitir que foi apenas o que saiu da minha boca. Realmente dá um ar de flerte a uma afirmação.

– Essa doeu.

– Ah, mas não vou ser totalmente sincera. Em vez disso, vou recomendar que se pergunte por que senti vontade de flertar.

– Levarei em conta essa recomendação.

Ela cantarolou baixinho enquanto eles giravam.

– Vai me fazer perguntar, não é? – indagou ele.

– Só se você quiser.

Hugh sustentou o olhar dela.

– Eu quero.

– Muito bem, o flerte foi porque...

– Espere um momento – interrompeu-a Hugh, porque ela merecia isso depois de fazê-lo perguntar. – Está na hora de outro rodopio.

Os dois giraram com perfeição, o que, no caso deles, significava que não caíram.

– Você estava dizendo... – encorajou-a.

Sarah ergueu os olhos para ele com fingida severidade.

– Eu *deveria* alegar que perdi o fio da meada.

– Mas não o fará.

Ela fez uma carinha triste.

– Ah, mas acho que perdi.

– *Sarah.*

– Como consegue fazer meu nome soar tão ameaçador?

– Na verdade não importa se soa ameaçador – disse ele. – Só importa se a senhorita *acha* que soa assim.

Ela arregalou os olhos e desatou a rir.

– Você venceu – disse ela.

Hugh estava bem certo de que ela teria erguido as mãos reconhecendo a derrota se os dois não dependessem um do outro para ficar em pé.

– Acho que sim – murmurou Hugh.

Foi a valsa mais estranha e desajeitada que se poderia imaginar, mas também foi o momento mais perfeito da vida dele.

CAPÍTULO 14

Dias depois, tarde da noite,
no quarto de hóspedes compartilhado por
ladies Sarah e Harriet Pleinsworth

— Vai ler a noite toda?

Os olhos de Sarah, que percorriam as páginas de um romance no mais prazeroso abandono, detiveram-se na palavra "madressilva".

– Essa pergunta faz algum sentido? – retrucou ela (com considerável irritação). – É claro que não vou ler a noite toda. Algum ser humano por acaso já foi capaz de ler a noite toda?

Aquela foi uma indagação da qual se arrependeu imediatamente, porque era Harriet quem estava deitada na cama ao seu lado e, se havia uma pessoa no mundo que responderia "provavelmente sim", era ela.

– Bem, não vou – murmurou Sarah, embora já tivesse dito isso.

Era importante ter a última palavra em uma discussão com as irmãs, mesmo que isso significasse se repetir.

Harriet se virou para o lado de Sarah, acomodando o travesseiro debaixo da cabeça.

– O que está lendo?

Sarah conteve um suspiro e deixou que as páginas do livro se fechassem em volta do dedo indicador. Aquela não era uma sequência estranha de acontecimentos. Quando Sarah não conseguia dormir, lia romances. Quando Harriet não conseguia dormir, amolava Sarah.

– *Miss Butterworth e o Barão Louco.*

– Já não tinha lido esse romance?

– Sim, mas às vezes releio. É bobo, mas gosto dele.

Ela tornou a abrir o livro, encontrou de novo a palavra "madressilva" e se preparou para dar continuidade à leitura.

– Você viu lorde Hugh esta noite no jantar?

Sarah pôs o indicador de volta no livro.

– Sim, é claro que vi. Por quê?

– Por nenhum motivo em particular. Achei que ele estava muito bonito.

Harriet havia jantado com os adultos naquela noite, para o desgosto de Elizabeth e Frances.

Agora faltavam três dias para o casamento e Whipple Hill andava a todo vapor. Marcus e Honoria (lorde e lady Chatteris, lembrou-se Sarah) tinham chegado de Fensmore corados, sorridentes e parecendo loucamente felizes. Observá-los teria sido o suficiente para fazer Sarah ter vontade de vomitar, mas ela mesma estava se divertindo bastante, rindo e brincando com lorde Hugh.

Era estranho, mas a primeira coisa em que pensava quando acordava de manhã era no rosto de Hugh. Procurava por ele no café da manhã e sempre parecia encontrá-lo lá, com seu prato quase cheio, como se para indicar que chegara apenas um instante antes dela.

Todas as manhãs eles se demoravam ali. Diziam a si mesmos que era porque não podiam participar das muitas atividades planejadas para o dia – embora, na verdade, o tornozelo de Sarah tivesse melhorado muito. E, mesmo que uma caminhada para o vilarejo ainda estivesse fora de questão, não havia motivo para que ela não participasse dos jogos leves que ocorriam no gramado.

Eles se demoravam ali e Sarah fingia sorver seu chá. Porque, se realmente bebesse o que fingia beber durante as horas em que ficava à mesa, seria forçada a interromper a conversa.

Eles se demoravam ali e a maioria das pessoas parecia não notar. Hóspedes surgiam, pegavam comida no aparador, bebiam café e chá, depois saíam. Às vezes alguém se juntava à conversa de Sarah e Hugh, às vezes não.

E, quando inevitavelmente chegava a hora de os criados limparem a sala do café da manhã, Sarah se levantava e mencionava ao acaso o lugar onde passaria a tarde lendo um livro.

Hugh nunca dizia que planejava se juntar a ela, mas sempre o fazia.

Tinham se tornado amigos, e se de vez em quando Sarah se via olhando para a boca de Hugh e pensando que toda pessoa um dia daria o primeiro beijo e que seria maravilhoso se o dela fosse com ele... Bem, ela guardava essas coisas para si mesma.

Mas estava ficando sem romances para ler. A biblioteca de Whipple Hill era vasta, mas desprovida do tipo de livro que Sarah gostava de ler. *Miss Butterworth* havia sido displicentemente guardado entre *A divina comédia* e *A megera domada.*

Ela olhou para as páginas em seu colo. Miss Butterworth ainda não encontrara seu barão, e Sarah estava ansiosa pelo desenrolar da trama.

Forsythia... forsythia...

– Achou que ele estava bonito?

Sarah deu um gemido de irritação.

– Você achou que lorde Hugh estava bonito? – insistiu Harriet.

– Não sei, só parecia ele mesmo.

A primeira parte era mentira. Sarah sabia bem o que achara: lindo de morrer. A segunda parte era verdade, e provavelmente o motivo de tê-lo considerado tão bonito desde o início.

– Acho que Frances se apaixonou por ele – comentou Harriet.

– Provavelmente – concordou Sarah.

– Ele é muito gentil com ela.

– Sim, é.

– Ele a ensinou a jogar *piquet* esta tarde.

Devia ter sido enquanto ela estava ajudando Anne a fazer a última prova do vestido, pensou Sarah. Não podia imaginar quando mais ele teria tido tempo para isso.

– Ele não a deixou ganhar. Acho que ela pensou que deixaria, mas até gostou de não ter deixado.

Sarah deu um longo e sofrido suspiro.

– Harriet, do que se trata isso tudo?

Harriet recuou, surpresa.

– Não sei. Só estava puxando conversa.

– Às... – Sarah procurou em vão um relógio. – A esta altura da noite?

Harriet ficou calada por um minuto inteiro. Sarah conseguiu ir de "forsythia" até "pombo" antes que a irmã voltasse a abrir a boca.

– Acho que ele gosta de você.

– De quem você está falando?

– De lorde Hugh – disse Harriet. – Acho que ele gosta de você.

– Ele não gosta de mim – retrucou Sarah.

Ela não estava mentindo; contudo, esperava estar. Porque sabia que estava se apaixonando por Hugh e, se ele não sentisse o mesmo por ela,

não imaginava como poderia suportar isso.

– Acho que você está errada – declarou Harriet.

Sarah voltou, determinada, aos pombos de Miss Butterworth.

– Você gosta dele?

Sarah se enfureceu. De modo algum conversaria com a irmã sobre isso. Era um assunto novo demais, particular demais. E, sempre que pensava a esse respeito, ficava tensa.

– Harriet, não vou conversar sobre isso agora.

Harriet parou para pensar.

– E amanhã?

– Harriet!

– Ah, está bem, não vou dizer mais nenhuma palavra.

Harriet virou para o outro lado da cama, levando junto metade das cobertas de Sarah.

Sarah bufou, já que o momento exigia que ela manifestasse sua irritação. Então puxou as cobertas e voltou ao livro.

Só que não conseguiu se concentrar.

Seus olhos se fixaram na página 33 durante o que pareceram horas. Ao seu lado, Harriet finalmente parou de se remexer, a respiração desacelerando até que se transformasse num calmo ressonar.

Sarah se perguntou o que Hugh estava fazendo e se ele já tivera dificuldade para dormir.

Imaginou se a perna dele doía muito quando se deitava. Se doía à noite, será que ainda doía de manhã? Será que a dor já o fizera acordar?

Perguntou-se como ele desenvolvera seu talento para a matemática. Certa vez Hugh lhe explicara, depois de Sarah lhe implorar que fizesse multiplicações ridiculamente longas, que enxergava os números em sua cabeça. Só que na verdade não os *via*, era como se de algum modo eles se organizassem até lhe darem a resposta que buscava. Ela nem tentara fingir que o compreendia, só continuara a fazer perguntas, porque ele era adorável quando ficava frustrado.

Hugh sorria quando estava com ela. Não achava que antes sorria muito.

Era possível se apaixonar por alguém em tão pouco tempo? Honoria conhecia Marcus a vida inteira quando se apaixonou por ele. Daniel tinha dito que fora amor à primeira vista o que sentira pela Srta. Wynter. De algum modo isso quase parecia mais lógico do que a situação de Sarah.

Poderia ficar deitada na cama com suas dúvidas a noite inteira, mas estava inquieta demais. Então se levantou, foi até a janela e afastou as cortinas. A lua não estava cheia, mas com quase metade visível, e a luz prateada brilhava no gramado.

Orvalho, pensou, e percebeu que já calçara os chinelos. A casa estava em silêncio e ela sabia que não deveria ter saído do quarto, e nem fora o luar que a chamara...

Fora a brisa. Havia muito que as folhas tinham caído das árvores, mas os pequenos pontos nas extremidades dos galhos eram leves o suficiente para que a brisa os fizesse balançar e ondular. Ela só precisava de um pouco de ar fresco. Ar fresco e vento agitando seu cabelo. Fazia anos que não podia usá-lo solto fora do próprio quarto. Ela só queria sair e...

E ser.

Na mesma noite
Em outro quarto

O sono nunca viera fácil para Hugh Prentice. Quando era pequeno, isso acontecia porque ele ficava escutando. Não sabia por que o quarto das crianças em Ramsgate não ficava em algum canto distante, como em todas as outras casas em que já estivera. Mas não ficava, e isso significava que às vezes – e nunca quando estavam preparados (o que não era bem verdade, já que viviam na expectativa de que isso ocorresse) – Hugh e Freddie ouviam a mãe gritar.

Na primeira vez Hugh pulou da cama, mas foi contido na hora pela mão de Freddie.

– Mas mamãe...

Freddie balançou a cabeça.

– E papai...

Hugh também ouvira a voz do pai. Ele parecera zangado. E então rira.

Freddie balançou de novo a cabeça e seu olhar bastou para convencer Hugh, cinco anos mais novo, a voltar para a cama e tapar os ouvidos.

Mas Hugh não pregou os olhos. Se tivessem lhe perguntado no dia seguinte, teria jurado que nem mesmo piscara. Tinha 6 anos e ainda jurava

muitas coisas impossíveis.

Quando viu a mãe à noite, antes da ceia, não parecia haver nada de errado com ela. Realmente Hugh tivera a impressão de que ela se machucara, mas a mãe não tinha nenhum hematoma e não parecia doente. Hugh chegou a abrir a boca para lhe perguntar sobre isso, mas Freddie percebeu antes e pisou no pé dele.

Freddie não fazia coisas assim sem um motivo, portanto Hugh se manteve calado.

Nos meses seguintes, Hugh observou os pais com atenção. Só então se deu conta de que raramente os via juntos. Não sabia se jantavam na mesma sala; as crianças comiam em outro lugar.

Quando os via na companhia um do outro, era muito difícil determinar seus sentimentos, já que mal se falavam. Meses se passaram e Hugh começava a imaginar que tudo estava perfeitamente bem.

E então ouviam aquilo de novo. E ele tinha a certeza de que não estava tudo perfeitamente bem. E que não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Quando Hugh tinha 10 anos, a mãe sucumbiu a uma febre causada por uma mordida de cachorro (uma mordida pequena, mas que infeccionara muito rápido). Hugh sofreu por ela tanto quanto poderia sofrer por alguém que via por vinte minutos a cada noite, e finalmente parou de ficar à escuta enquanto tentava dormir.

Mas àquela altura isso não importava. Hugh não conseguia pegar no sono porque ficava pensando. Deitava-se na cama e sua mente se agitava, corria e voava, e geralmente fazia tudo menos se acalmar. Freddie lhe dissera que ele precisava imaginar a mente como uma página em branco, o que fez Hugh rir, porque se havia uma coisa que sua mente nunca seria capaz de imaginar era uma página em branco. Hugh via números e padrões o dia inteiro, nas pétalas de uma flor, na cadência dos cascos de um cavalo ao tocar no chão. Alguns desses padrões atraíam imediatamente sua atenção, mas o resto permanecia nos recônditos de sua mente até ele estar quieto na cama. Era então que ressurgiam e, de repente, tudo estava sendo somado, subtraído e reorganizado. E Freddie achava mesmo que ele podia dormir com isso?

(Na verdade, Freddie não achava. Depois que Hugh lhe contou o que se passava em sua cabeça quando tentava dormir, Freddie nunca mais voltou a mencionar a página em branco.)

Agora havia muitos motivos para ele ter dificuldade em dormir. Às vezes era sua perna, com a irritante contração do músculo. Outras vezes era sua natureza desconfiada, que o forçava a ficar pensando no que o pai faria – e ele nunca confiaria de fato no pai, ainda que nos últimos tempos viesse vencendo as batalhas travadas com ele. E às vezes era a mesma coisa de sempre – sua mente sussurrando números e padrões, incapaz de se calar.

Mas Hugh tinha uma nova hipótese: talvez não dormisse porque simplesmente se acostumara com esse tipo particular de frustração. De algum modo, treinara o corpo a pensar que devia ficar deitado como uma tora durante horas antes de enfim entregar os pontos e descansar. Muitas vezes ele não tinha nenhuma explicação razoável para a insônia. Sua perna parecia quase normal, seu pai nem lhe passava pela mente e, ainda assim, o sono não vinha.

Nos últimos tempos, no entanto, vinha sendo diferente.

Ainda tinha dificuldade para dormir. Provavelmente sempre teria. Mas o motivo pelo qual...

Essa era a diferença.

Desde que se machucara, diversas vezes ele se pegara acordado à noite desejando uma mulher ao lado. Ele era homem, e, fora a porcaria da coxa esquerda, todas as outras partes de seu corpo funcionavam bem. Não havia nada de anormal nisso, apenas incômodo.

Mas agora a mulher tinha um rosto e um nome e, embora Hugh se comportasse com total decoro durante todo o dia, à noite, na cama, sua respiração se tornava irregular e seu corpo ardia. Pela primeira vez na vida ansiava pelos números e padrões que assolavam sua mente. Mas tudo em que conseguia pensar era naquele momento alguns dias antes, quando Sarah havia tropeçado no tapete da biblioteca e ele a segurara antes que caísse. Por um instante de êxtase, roçara os dedos na lateral do seio dela. Ela estava usando veludo – e só Deus sabia o que por baixo. Ele chegara a sentir as curvas, a maciez, a suavidade, e aquilo fizera seu desejo crescente se tornar desenfreado.

Então não ficou particularmente surpreso quando rolou na cama, pegou seu relógio de bolso e viu que eram três e meia da manhã. Havia tentado ler, porque isso às vezes o fazia cochilar, mas não funcionara. Tinha passado uma hora fazendo equações entediantes de cabeça, mas também não adiantara. Por fim, admitiu a derrota e foi até a janela. Se não

conseguia dormir, pelo menos poderia olhar para algo além do interior das próprias pálpebras.

E lá estava ela.

Ficou aturdido, mas não de todo surpreso. Sarah Pleinsworth vinha habitando seus sonhos fazia mais de uma semana; claro que estaria no gramado no meio da noite na única vez em que ele fora até a janela. Havia um tipo de lógica insana nisso.

Piscou para sair de seu estupor. *O que ela estava fazendo?* Eram três e meia da manhã e, se ele podia vê-la de sua janela, pelo menos outras duas dúzias de pessoas podiam também. Hugh proferiu uma série de imprecações que teriam deixado qualquer marinheiro orgulhoso enquanto andava a passos largos até o guarda-roupa e pegava uma calça.

E, sim, ele conseguia andar a passos largos quando isso era absolutamente necessário. Não era agradável e trazia dor mais tarde, mas conseguia.

Alguns momentos depois, estava mais ou menos vestido (as partes de "menos" estavam cobertas por seu casaco) e andando pelos corredores de Whipple Hill o mais rápido que podia sem acordar a casa inteira.

Parou brevemente ao chegar à porta dos fundos. Sentia os espasmos musculares da perna chegando. Se não parasse e a sacudisse, ela perderia a força. O contratempo lhe deu a chance de varrer o gramado com o olhar, procurando por Sarah. Ela estava usando um casaco que não cobria totalmente a camisola branca, de modo que deveria ser fácil avistá-la...

Ele a viu. Sentada na grama, parada como uma estátua. Abraçando os joelhos junto ao peito, olhando para o céu noturno com uma expressão de serenidade que lhe teria tirado o fôlego se já não estivesse ofegante de medo, raiva e agora alívio.

Hugh se aproximou devagar, poupando a perna agora que a rapidez não era mais essencial. Ela devia estar perdida em pensamentos, porque não pareceu ouvi-lo. Contudo, quando estava a uns oito passos de distância, ele ouviu Sarah inspirar profundamente e então ela se virou.

– Hugh?

Ele não disse nada, apenas continuou andando em sua direção.

– O que está fazendo aqui? – perguntou Sarah, tentando se levantar.

– Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta – disparou Hugh.

Ela recuou, surpresa com aquela manifestação de raiva.

– Eu não conseguia dormir e...

– Então pensou em passear aqui fora às três e meia da manhã?

– Sei que isso parece tolice...

– Tolice? – perguntou ele. – Tolice? Está brincando comigo?

– Hugh.

Ela tentou pôr a mão no braço de Hugh, mas ele se esquivou.

– E se eu não a tivesse visto? – perguntou. – E se fosse outra pessoa?

– Eu teria voltado para dentro – disse Sarah, seus olhos procurando os de Hugh com uma expressão de tamanha perplexidade que ele quase recuou.

Ela não podia ser tão ingênua. Ele correra por toda a casa – ele, que em alguns dias mal conseguia andar, correra por toda aquela maldita casa monstruosa sem conseguir afastar a lembrança dos gritos da mãe.

– Acha que todos no mundo querem o seu bem? – indagou.

– Não, mas acho que todos *aqui* sim, e...

– Existem homens no mundo que machucam pessoas, Sarah. Existem homens que machucam *mulheres*.

O rosto de Sarah ficou inexpressivo e ela emudeceu.

E Hugh tentou muito não se lembrar.

– Eu olhei pela minha janela – disse, a voz sufocada. – Olhei pela minha janela às três e meia da manhã e lá estava você, deslizando pelo gramado como um fantasma erótico.

Ela arregalou os olhos, e, ainda que estivessem repletos de espanto, Hugh não notou. Sua mente estava longe demais para isso.

– E se não tivesse sido eu? – continuou, agarrou os braços de Sarah e cravando os dedos na pele dela. – E se outra pessoa a tivesse visto? E se tivesse descido para cá com outras intenções...

O pai de Hugh nunca pedira a permissão de uma mulher.

– Hugh – sussurrou Sarah.

Ela estava olhando para sua boca. Meu Deus, ela estava olhando para sua boca e o corpo dele parecia ter se incendiado.

– E se... e se... – disse Hugh.

Sua língua parecia grossa, sua respiração se tornara irregular e ele nem mesmo sabia ao certo o que estava dizendo.

E então ela mordeu o lábio inferior. Hugh quase pôde senti-lo roçar em seus próprios lábios e então...

Ele se deixou levar.

Apertou-a contra seu corpo, sua boca tomando a dela sem nenhuma sutileza, nenhuma delicadeza, com nada além de pura paixão e carência. Uma de suas mãos se entrelaçou nos cabelos de Sarah e a outra lhe desceu pelas costas, encontrando a curva sensual das nádegas e puxando-a para mais perto.

– Sarah – gemeu, e alguma parte dele percebeu que ela também o tocava.

As mãos de Sarah estavam atrás de sua cabeça, puxando-o para si. Os lábios tinham se suavizado e aberto e ela emitia leves ruídos que o atingiram como raios.

Sem interromper o beijo, Hugh se desvencilhou de seu casaco e o deixou cair no chão. Ambos ficaram de joelhos e então, de repente, Sarah estava deitada de barriga para cima com ele sobre ela. Hugh ainda a beijava, forte e profundamente, como se pudesse fazer esse momento durar para sempre caso seus lábios não deixassem os dela. A camisola de Sarah era de algodão branco, feita para dormir, não provocar, mas deixava o colo à mostra, e logo Hugh estava passando os lábios pela pele macia, perguntando-se quão perto poderia chegar daqueles seios perfeitos sem rasgar o corpete com os dentes e arrancar a peça inteira.

Sarah mexeu o quadril e ele gemeu o nome dela de novo ao se ver acomodado entre as pernas dela. Sua calça o incomodava e ele não tinha a menor ideia de se ela sabia o que isso significava, mas não era capaz de fazer perguntas naquele momento. Arqueou-se contra ela, sabendo muito bem que mesmo através das roupas Sarah sentiria o volume dele.

Sarah ofegou à pressão e suas mãos se tornaram ferozes, afundando no cabelo de Hugh antes de deslizar por suas costas e sob a camisa.

– Hugh – sussurrou, e ele sentiu um dedo passando por sua coluna. – Hugh.

Com uma força de vontade que não sabia que possuía, Hugh se afastou apenas o bastante para olhar nos olhos dela.

– Eu não... eu não...

Meu Deus, era difícil até mesmo pronunciar uma única palavra. Seu coração estava disparado, suas entranhas se retorciam e, na metade do tempo, ele nem sabia se ainda estava respirando.

– Sarah. – Ele tentou de novo. – Não vou possuí-la. Não agora, eu prometo. Mas tenho que saber.

Não planejava beijá-la de novo, mas quando Sarah ergueu os olhos para ele, o pescoço ficou à mostra e foi como se Hugh tivesse sido possuído. Sua língua encontrou a depressão da clavícula dela. Foi lá que ele finalmente conseguiu falar:

– Tenho que saber – repetiu, afastando-se para olhar novamente para o rosto dela. – Você quer?

Ela o encarou, confusa. O desejo estava claro nela, mas ele precisava ouvi-la dizer.

– Você quer? – indagou, sua voz reduzida a uma súplica rouca.

Sarah abriu os lábios, assentiu com a cabeça e sussurrou:

– Sim.

O ar deixou os pulmões de Hugh em uma expiração longa e entrecortada. Subitamente ele se deu conta da magnitude do presente que ela lhe oferecia. Sarah estava se abrindo para ele... e confiando nele. Ele lhe dissera que não a possuiria, e não o faria, pelo menos não naquela noite. Mas desejava aquela mulher mais do que já desejara qualquer coisa na vida e não era cavalheiro o suficiente para cobri-la com o casaco e mandá-la de volta para o quarto.

Desceu uma das mãos até encontrar a bainha da camisola. Sarah ofegou quando ele deslizou o dedo por baixo, mas o som quase foi sufocado pelo gemido dele ao acariciar-lhe a pele quente da perna.

Ninguém jamais a havia tocado ali. Ninguém jamais arrastara a mão até acima de seu joelho. Aquele ponto era dele agora.

– Gosta disto? – sussurrou Hugh, apertando um pouco.

Ela assentiu.

Ele moveu a mão mais para cima, ainda longe do âmago dela, mas mudou um pouco sua pegada de modo que o polegar acariciasse a pele macia da parte interna da coxa.

– E *disto*?

– Sim.

Foi um som sutil, mas ele o ouviu.

– Que tal isto?

A outra mão, a que estivera brincando com os cabelos de Sarah, agora estava em concha no seio, por cima da camisola.

– Ah, meu... Ah, Hugh.

Ele a beijou lenta e profundamente.

– Isso foi um sim?

– Sim.

– Quero vê-la – disse ele, roçando os lábios no ouvido de Sarah. – Quero ver cada centímetro seu e sei que não farei isso agora, mas quero um pouco de você. Está me entendendo?

Ela balançou a cabeça.

– Confia em mim?

Sarah esperou até que os olhos deles se encontrassem.

– Confio minha vida.

Por um momento Hugh não conseguiu sequer se mover. As palavras de Sarah atingiram seu coração e o apertaram. E, quando terminaram de fazer isso, moveram-se mais para baixo. Antes ele pensava que a queria, mas isso não era nada comparado com o desejo primitivo que o dominou ao ouvir aquelas três palavras suaves.

Minha, pensou. *Ela é minha.*

Com dedos trêmulos, desatou o pequeno laço que mantinha fechado o decote de Sarah. Imaginou que pessoa tola pensara em pôr aquilo em uma camisola que não era feita para provocar.

Com um leve puxão, começou a abrir seu pequeno presente e, com outro leve puxão, o tecido deslizou, revelando um seio perfeito. O decote não se abrira o suficiente para revelar os dois seios, mas havia algo de muito erótico em ter apenas um.

Hugh lambeu os lábios e depois lentamente voltou a encará-la. Sem dizer uma só palavra nem desviar o olhar, pôs a mão no mamilo de Sarah.

Não lhe perguntou se ela gostava disso. Não precisou. Ela sussurrou seu nome e, antes que ele pudesse pronunciar alguma palavra, assentiu.

Minha, pensou de novo, e era a coisa mais incrível do mundo porque, até pouco tempo antes, havia presumido – ou, melhor, acreditado – que nunca encontraria alguém, nunca teria uma mulher que pudesse chamar de sua.

Beijou-lhe os lábios com suavidade. Depois beijou o nariz e cada um dos olhos. Era óbvio que estava se apaixonando por ela, mas nunca fora homem de falar sobre seus sentimentos, e as palavras ficaram presas na garganta. Então a beijou uma última vez, verdadeira e profundamente, esperando que ela entendesse o que isso significava: que ele estava lhe oferecendo a própria alma.

Seu, pensou. *Sou seu.*

CAPÍTULO 15

Sarah sabia que não devia ter ido lá fora no meio da noite. Não tinha permissão para sair de sua casa em Londres sem uma dama de companhia e estava bem ciente de que um passeio em Berkshire depois da meia-noite era igualmente proibido.

Mas estivera tão inquieta, tão... aflita. Sentia-se desconfortável na própria pele e, quando havia saído da cama e posto os pés no tapete, o quarto parecera pequeno demais. A *casa* parecera pequena demais. Ela precisava se mover, sentir o ar da noite na pele.

Nunca havia se sentido assim e realmente não tinha nenhuma explicação para isso. Ou, melhor, antes não tinha.

Agora, sim.

Precisava dele. De Hugh.

Só não sabia disso.

Em algum ponto entre a viagem de carruagem, o bolo e a valsa no gramado, Sarah Pleinsworth havia se apaixonado pelo último homem que deveria desejar.

E quando ele a beijou...

Tudo o que ela quis foi mais.

– Você é tão bonita! – murmurou ele, e pela primeira vez na vida Sarah realmente acreditou que era.

Ela tocou na bochecha de Hugh.

– Você também é lindo.

Hugh abriu um sorriso, um meio sorriso bobo que disse a Sarah que ele não acreditava nela nem por um segundo.

– Você é – insistiu Sarah, tentando manter uma expressão séria, mas naquele momento nada poderia tirar o sorriso de seu rosto. – Terá que acreditar em mim.

Ainda assim, ele não falou nada. Ficou olhando para Sarah como se ela fosse algo precioso e a fez *sentir-se* preciosa. Naquele instante a única coisa que ela queria no mundo era que ele sentisse o mesmo.

Porque ele não sentia. Ela sabia que não.

Hugh dissera coisas... pequenas coisas, um comentário estranho aqui, outro ali, que ele certamente não esperava que se fixasse na memória de ninguém. Mas Sarah as ouvira. E guardara. E concluíra que Hugh Prentice não era feliz. Pior ainda, não achava que merecia ser.

Ele não era o tipo de homem que procurava grandes multidões. Não desejava ser um líder. Mas Sarah sabia que Hugh tampouco queria ser um seguidor. Ele tinha uma natureza ferozmente independente e não se importava de ficar sozinho.

No entanto, estivera mais do que sozinho nos últimos anos. Sua única companhia era o sentimento de culpa. Sarah não sabia o que Hugh havia feito para convencer o pai a deixar Daniel voltar para a Inglaterra em paz, nem podia imaginar como tinha sido difícil para Hugh viajar para a Itália para encontrar Daniel e levá-lo de volta.

Mas Hugh Prentice fizera isso. Fizera tudo o que era humanamente possível para consertar as coisas, e ainda assim não estava em paz.

Ele era um *bom* homem. Defendia garotinhas e unicórnios. Valsava de bengala. Não merecia ter a vida definida por um único erro.

Sarah Pleinsworth nunca fora de meias medidas e sabia que, se realmente amava aquele homem, dedicaria a vida a fazê-lo entender este simples fato: ele era precioso. E merecia cada gota de felicidade em seu caminho.

Ela ergueu a mão e tocou nos lábios de Hugh. Eram macios, maravilhosos, e Sarah ficou honrada só de sentir a respiração dele na pele.

– Às vezes, no café da manhã – sussurrou Sarah –, não consigo parar de olhar para sua boca.

Hugh estremeceu e Sarah adorou ter aquele poder sobre ele.

– E seus olhos... – continuou, encorajada pela reação dele. – As mulheres matariam por olhos dessa cor, sabia?

Ele balançou a cabeça e algo em sua expressão, tão confusa, fez com que Sarah sorrisse de pura alegria.

– Eu o acho lindo – sussurrou ela. – E acho... – O coração de Sarah bateu mais rápido e ela mordeu o lábio inferior. –... *espero* que minha opinião seja a única que importe.

Ele se inclinou e tocou de leve nos lábios de Sarah. Beijou-lhe o nariz, a testa e, depois de um longo momento focando os olhos dela, beijou-a de novo, dessa vez sem se conter.

Sarah deixou escapar um gemido, o som rouco ficando aprisionado na boca de Hugh. O beijo dele foi voraz e, pela primeira vez na vida, ela conheceu a paixão.

Não, era mais do que paixão.

Era necessidade.

Ele precisava dela. Sarah pôde sentir isso em cada movimento de Hugh. Pôde senti-lo na respiração ofegante. E, com cada toque de mão, cada movimento de língua, ele atiçava essa mesma necessidade nela. Sarah não sabia que era possível desejar outro ser humano com tanta intensidade.

Seus dedos encontraram a bainha da camisa de Hugh e deslizaram por baixo dela, tocando suavemente a pele. Os músculos de Hugh se contraíram ao toque e ele respirou fundo, soprando o ar na bochecha de Sarah como um beijo.

– Você não sabe – disse Hugh, a voz rouca. – Não sabe o que faz comigo.

Sarah enxergou a paixão nos olhos dele e se sentiu feminina e forte.

– Então me diga – sussurrou ela, arqueando o pescoço para um beijo suave e fugaz.

Por um momento Sarah achou que ele iria dizer. Mas Hugh apenas balançou a cabeça e murmurou:

– Isso seria a morte para mim.

Então a beijou de novo, e Sarah não se importou com o que fazia com ele, desde que Hugh continuasse a fazer o mesmo com ela.

– Sarah – disse ele, interrompendo o beijo apenas por tempo suficiente para sussurrar o nome dela.

– Hugh – murmurou Sarah em resposta, ouvindo o sorriso na própria voz.

Ele recuou.

– Você está sorrindo.

– Não consigo parar – admitiu Sarah.

Hugh tocou na bochecha dela, olhando-a com tanta emoção que por um momento Sarah se esqueceu de respirar. Era amor que via nos olhos dele? Parecia ser, ainda que não fosse expresso em palavras.

– Temos que parar – disse Hugh, puxando delicadamente a camisola dela de volta para o lugar.

Sarah sabia que ele tinha razão, mas ainda assim sussurrou:

– Eu gostaria que pudéssemos continuar.

Hugh deixou escapar um gemido rouco, quase como se estivesse com dor.

– Ah, você não faz ideia de quanto eu desejo isso também.

– Ainda faltam horas para o amanhecer.

– Não vou arruinar sua reputação – retrucou Hugh, levando a mão dela aos lábios. – Não dessa maneira.

Sarah sentiu uma onda de felicidade formar-se dentro de si.

– Isso significa que pretende arruiná-la de outra maneira?

Hugh abriu um sorriso cálido enquanto a puxava, ajudando-a a se levantar.

– Adoraria fazer isso. Mas não chamaria de arruinar. Ruína é o que acontece com uma reputação, não o que acontece entre um homem e uma mulher. Ou, pelo menos – acrescentou, abaixando sensualmente a voz –, não o que acontece entre nós.

Sarah estremeceu de prazer. Seu corpo parecia muito vivo; *ela* se sentia muito viva. Não saberia dizer como conseguiu voltar para a casa. Os pés dela queriam correr, os braços queriam envolver o homem ao seu lado, a voz queria rir e, lá no fundo...

Lá no fundo...

Estava zonza. Zonza de amor.

Ele a levou até a porta do quarto dela. Ninguém estava por perto. Desde que mantivessem silêncio, não havia nada a temer.

– Eu a verei amanhã – disse Hugh, beijando-lhe a mão.

Sarah fez que sim, mas não disse nada. Não podia pensar em uma palavra completa o suficiente para descrever tudo o que havia em seu coração.

Estava apaixonada. Lady Sarah Pleinsworth estava apaixonada.

E isso era maravilhoso.

Na manhã seguinte

– Tem algo errado com você.

Sarah piscou para afastar o sono e olhou para Harriet, que estava sentada na beira da cama, observando-a com considerável desconfiança.

– Do que está falando? – resmungou Sarah. – Não tem nada de errado comigo.

– Você está sorrindo.

Isso a pegou desprevenida.

– E eu não sorrio?

– Não assim que acorda.

Sarah concluiu que não haveria uma resposta apropriada para isso, então voltou à rotina matinal. Harriet, no entanto, estava muito curiosa e a seguiu até o lavatório com os olhos estreitados, a cabeça inclinada e pronunciando pequenos e dúbios "hummms" a intervalos irregulares.

– Algum problema? – perguntou Sarah.

– Eu que pergunto.

Meu Deus! E as pessoas diziam que *ela* era dramática.

– Estou tentando lavar meu rosto – disse Sarah.

– Deveria mesmo fazer isso.

Sarah mergulhou as mãos na bacia, mas, antes que pudesse fazer qualquer coisa com a água, Harriet aproximou ainda mais o próprio rosto, ficando bem entre as mãos e o nariz de Sarah.

– Harriet, o que há de errado com você?

– O que há de errado com *você*? – contrapôs Harriet.

Sarah deixou a água escorrer pelos dedos.

– Não sei do que está falando.

– Você está sorrindo – acusou-a Harriet.

– Que tipo de pessoa você acha que eu sou para não ter o direito de acordar de bom humor?

– Ah, você tem. Só não acredito que seja fisicamente capaz disso.

Sarah realmente não era do tipo que acordava bem-humorada.

– E você está corada – acrescentou Harriet.

Sarah resistiu à vontade de jogar água na irmã. Em vez disso, lavou o próprio rosto. Enxugou-se com uma pequena toalha branca e depois disse:

– Talvez seja porque fui forçada a discutir com você.

– Não, não acho que seja isso – disse Harriet, ignorando totalmente o sarcasmo da outra.

Sarah passou por ela. Se seu rosto não estava corado antes, com certeza agora estaria.

– Tem algo errado com você – gritou Harriet, correndo atrás dela.

Sarah parou, mas não se virou.

– Vai me seguir até o penico?

Houve um silêncio muito satisfatório seguido por:

– É... não.

Com os ombros erguidos, Sarah marchou para a pequena sala de banho e fechou a porta.

E a trancou. Não duvidava de que Harriet contasse até dez, concluísse que ela tivera tempo suficiente para usar o penico e entrasse.

No momento em que a porta foi seguramente fechada contra uma invasão, Sarah se virou, encostou-se nela e deu um longo suspiro.

Ah, meu Deus.

Ah, meu Deus.

Estaria mesmo tão diferente depois da noite anterior, a ponto de a irmã poder ver isso em seu *rosto*?

E, se estava tão diferente depois de uma noite de beijos roubados, o que aconteceria quando...

Bem, supôs que, tecnicamente, era "se".

Mas seu coração lhe dizia que era "quando".

Passaria o resto da vida com lorde Hugh Prentice. Simplesmente não deixaria nada impedir isso.

Quando Sarah desceu para o café da manhã (com Harriet em seus calcanhares questionando cada sorriso), ficou claro que o tempo havia virado. O sol, que passara a última semana repousando amigavelmente no céu, tinha se escondido atrás de nuvens cinza-azuladas, e o vento assobiava com a ameaça de uma tempestade próxima.

O passeio matinal dos cavalheiros (uma cavalgada para o sul até o rio Kennet) fora cancelado e Whipple Hill fervilhava com a energia acumulada dos aristocratas entediados. Sarah havia se acostumado a ter grande parte da casa só para ela durante o dia e, para sua surpresa, ressentiu-se do que parecia uma intromissão.

Para complicar ainda mais as coisas, Harriet aparentemente decidira que sua missão do dia era acompanhar – e questionar – cada movimento da irmã. Whipple Hill era grande, mas não o suficiente quando se tinha uma irmã mais nova curiosa, determinada e, o que talvez fosse ainda mais importante, conhecedora de todos os cantos da casa.

Como sempre, Hugh estava presente no café da manhã, mas Sarah não conseguiu falar com ele sem que a irmã se intrometesse na conversa. Quando Sarah foi para a pequena sala de estar (como casualmente mencionara que faria no café da manhã), lá estava a irmã à escrivaninha com as páginas da obra que estava escrevendo espalhadas à sua frente.

– Sarah! – exclamou Harriet alegremente. – Que bom encontrá-la aqui!

– Ora, ora – disse Sarah, sem nenhuma inflexão de voz.

Sua irmã nunca fora versada na arte do subterfúgio.

– Você vai ler? – perguntou Harriet.

Sarah só olhou para o romance que tinha nas mãos.

– Você disse que ia – apontou Harriet. – No café da manhã.

Sarah olhou na direção da porta, considerando as outras opções para aquela manhã.

– Frances está procurando alguém para jogar Laranjas e Unicórnios – disse Harriet.

Isso encerrou a questão. Sarah sentou no sofá e abriu *Miss Butterworth e o Barão Louco*. Folheou algumas páginas procurando o ponto onde havia parado e depois franziu a testa.

– Isso é um jogo? – perguntou. – Laranjas e Unicórnios?

– Ela disse que é uma versão daquela parlenda *Laranjas e limões*, que fala dos sinos das igrejas – disse Harriet.

– Como se substituem limões por unicórnios?

Harriet deu de ombros.

– Ninguém precisa de limões de verdade para brincar.

– Ainda assim, estraga a rima – falou Sarah e balançou a cabeça, lembrando-se do poema infantil. – Laranjas e unicórnios, dizem os sinos de...

Ela olhou para Harriet em busca de inspiração.

– Clunicórnios?

– Acho que não.

– Municórnios?

Sarah inclinou a cabeça para o lado.

– Melhor – avaliou.

– Espunicórnios? Zunicórnios?

E... já era o bastante. Sarah voltou ao livro.

– Já chega, Harriet.

– Parunicórnios.

Sarah nem podia imaginar de onde viera tudo aquilo. Ainda assim, viu-se cantarolando enquanto lia.

Nesse meio-tempo, Harriet murmurava para si mesma à escrivaninha ainda em busca da palavra certa:

– Pontunicórnios, silunicórnios... Ah, ah, ah, já sei! Hughnicórnios!

Sarah ficou paralisada. Aquilo ela não podia ignorar. Com grande determinação, pôs o dedo indicador no livro para marcar a página e olhou para cima.

– O que você acabou de dizer?

– Hughnicórnios – respondeu Harriet, como se nada pudesse ser mais comum. Ela dirigiu um olhar travesso para a irmã mais velha. – Por causa de lorde Hugh, é claro. Ele parece ser um tema frequente de conversas.

– Não para mim – apressou-se a dizer Sarah.

Lorde Hugh Prentice podia estar ocupando todos os seus pensamentos, mas ela não se lembrava de algum dia ter conversado sobre ele com a irmã.

– Talvez o que eu tenha *tentado* dizer – continuou Harriet – é que lorde Hugh é frequente nas suas conversas.

– Não é a mesma coisa?

– Ele é um *participante* frequente de suas conversas – corrigiu-se Harriet.

– Gosto de conversar com ele – admitiu Sarah, porque nada de bom poderia resultar da negação desse fato. Harriet sabia das coisas.

– De fato – disse Harriet, os olhos estreitados como os de um detetive. – Isso me leva a imaginar se ele também seria a fonte de seu atípico bom humor.

Sarah bufou.

– Estou começando a ficar ofendida, Harriet. Desde quando sou conhecida por meu mau humor?

– Todas as manhãs desde que você nasceu.

– Isso é muito injusto – retrucou Sarah, porque, de novo, estava bem certa de que nada de bom poderia resultar da negação desse fato.

Em geral, nunca era bom negar algo indiscutivelmente verdadeiro. Não com Harriet.

– *Eu* acho que você gosta de lorde Hugh – declarou Harriet.

E como estava lendo *Miss Butterworth e o Barão Louco*, em que os barões (loucos ou não) sempre apareciam à porta no momento em que alguém dizia o nome deles, Sarah ergueu os olhos.

Nada.

– Essa é nova – murmurou.

Harriet olhou na direção dela.

– Você disse alguma coisa?

– Só estou maravilhada com o fato de lorde Hugh não ter aparecido na porta no momento em que você disse o nome dele.

– Você não é tão sortuda – rebateu Harriet com um sorriso malicioso.

Sarah revirou os olhos.

– E só para ressaltar, creio que eu disse que você *gosta* de lorde Hugh.

Sarah se virou para a porta. Porque agora já estavam testando a sorte duas vezes.

Ainda nada de Hugh.

Ela bateu com os dedos no livro por um momento e depois disse em voz baixa:

– Ah, como eu gostaria de encontrar um cavalheiro que não se importasse com minhas três irmãs irritantes e meu... – *por que não?* – "sexto dedo"!

Sarah olhou para a porta.

E lá estava ele.

Ela sorriu. Devia parar com aquele negócio de sexto dedo. Acabaria tendo um bebê com um dedinho extra.

– Estou interrompendo? – perguntou Hugh.

– É claro que não – disse Harriet com grande entusiasmo. – Sarah está lendo e eu estou escrevendo.

– Então eu *estou* interrompendo.

– Não – apressou-se a dizer Harriet.

Ela olhou para a irmã em busca de ajuda, mas Sarah não viu nenhum motivo para interceder.

– Não preciso de silêncio para escrever – explicou Harriet.

Hugh ergueu as sobrancelhas, curioso.

– Não pediu que suas irmãs ficassem quietas na carruagem?

– Ah, aquilo foi diferente. – E então, antes que os dois pudessem perguntar *por quê*, Harriet se virou para Hugh e convidou: – Não quer se sentar conosco?

Ele assentiu educadamente e entrou na sala. Sarah o observou contornar uma poltrona. Estava dependendo da bengala mais do que de costume. Dava para ver isso em seu modo de andar. Ela franziu a testa e então se lembrou de que ele havia corrido por todo o caminho até o andar de baixo na noite anterior. Sem bengala.

Esperou até Hugh sentar-se e então perguntou em voz baixa:

– Sua perna o está incomodando?

– Só um pouco.

Hugh pôs a bengala de lado e massageou distraidamente o músculo. Sarah se perguntou se ele ao menos notava quando fazia isso.

Subitamente Harriet se levantou.

– Acabei de me lembrar de uma coisa – disse.

– De quê? – perguntou Sarah.

– É... algo sobre... Frances!

– O que tem Frances?

– Ah, nada de mais, só...

Ela juntou e pegou seus papéis, dobrando algumas folhas no processo.

– Cuidado – avisou-a Hugh.

Harriet olhou para ele sem compreendê-lo.

– Está amassando – completou ele, apontando para o papel.

– Ah! Certo. Mais um motivo para eu ir – disse ela e deu um passo de lado para a porta, depois outro. – Então, estou indo...

Sarah e Hugh se viraram para vê-la partir, mas, apesar de todas as justificativas, Harriet pareceu indecisa ao lado da porta.

– Você precisa encontrar Frances? – perguntou Sarah.

– Sim – disse Harriet, então revirou os olhos, voltou e emendou: – Certo. Então adeus.

E finalmente foi embora.

Sarah e Hugh se entreolharam por vários segundos antes de rir.

– O que foi is... – começou a dizer Hugh.

– Desculpem-me! – gritou Harriet, voltando correndo para a sala. – Eu me esqueci de uma coisa.

Ela foi até a escrivaninha, pegou absolutamente nada que Sarah pudesse ver (embora, para ser justa, Sarah não tivesse uma linha clara de

visão de onde estava) e se apressou a sair, fechando a porta atrás de si.

Sarah ficou boquiaberta.

– O que foi isso?

– Aquela pequena atrevida. Só fingiu ter se esquecido de alguma coisa para poder fechar a porta.

Hugh ergueu uma sobrancelha.

– Isso a incomoda?

– Não, é claro que não. Só que nunca pensei que ela pudesse ser tão ardilosa.

Sarah parou para reconsiderar o que acabara de falar e acrescentou:

– Não importa. O que eu estava dizendo? Claro que ela é ardilosa.

– O que eu acho interessante – disse Hugh – é sua irmã estar tão determinada a nos deixar a sós. Com a porta fechada – acrescentou com expressividade.

– Ela me disse que eu gostava de você.

– Ah, é? E qual foi sua resposta?

– Acho que evitei dar qualquer uma.

– Bem pensado, lady Sarah, mas não sou vencido tão facilmente.

Sarah se aproximou um pouco dele e perguntou:

– É mesmo?

– Ah, não – respondeu Hugh, estendendo o braço para segurar a mão dela. – Se *eu* lhe perguntasse se você gosta de mim, posso lhe garantir que você não escaparia tão facilmente da resposta.

– Se *você* me perguntasse se eu gosto de você – disse Sarah, permitindo que ele a puxasse mais para perto –, talvez eu não desejasse escapar.

– Talvez? – repetiu Hugh, a voz transformando-se em um sussurro rouco.

– Bem, talvez eu precisasse de um pouco de estímulo...

– Só um pouco?

– Um pouco poderia ser suficiente – respondeu Sarah, dando um pequeno suspiro quando seu corpo entrou em contato com o dele –, mas na verdade talvez eu fosse *querer* muito.

Os lábios de Hugh roçaram nos dela.

– Posso ver que tenho um trabalho perfeito para mim.

– Sorte minha você não parecer o tipo de homem que foge de um trabalho árduo.

Ele sorriu com malícia.

– Posso lhe garantir, lady Sarah, que trabalharei arduamente para garantir o seu prazer.

Sarah achou que aquilo soava muito agradável.

CAPÍTULO 16

Sarah não saberia dizer por quanto tempo eles se beijaram. Talvez cinco minutos, talvez dez. Tudo o que sabia era que a boca de Hugh era muito devassa e, embora ele não tivesse removido e nem sequer afastado uma única peça de roupa dela, mostrara como tinha mãos hábeis e ousadas.

Hugh a fazia sentir coisas impróprias, que começavam na barriga e se espalhavam como lava derretida. Quando lhe beijava o pescoço, Sarah tinha vontade de se esticar e se arquear como um gato até que cada músculo de seu corpo ficasse quente e relaxado. Queria chutar os sapatos para longe e correr os dedos dos pés pelas panturrilhas dele. Apertar os quadris contra os de Hugh e depois enlaçá-lo com as pernas para que ele se encaixasse entre elas.

Hugh lhe provocava desejos sobre os quais nenhuma dama jamais falaria, em que nenhuma dama sequer pensaria.

E ela adorava isso. Não cedera a nenhum desses impulsos, mas adorava o fato de tê-los. Adorava a sensação de abandono, aquela vontade louca de puxá-lo cada vez para mais perto até que se fundissem. Nunca nem mesmo quisera beijar um homem e agora só conseguia pensar em como fora perfeito sentir as mãos de Hugh em sua pele nua na noite anterior.

– Ah, Hugh – suspirou quando ele passou os dedos pela curva de sua coxa e a apertou por cima da musselina macia do vestido.

Ele movimentou o polegar em círculos preguiçosos, cada giro deixando-o mais próximo da região íntima dela.

Meu Deus, se Hugh podia fazê-la ficar assim tocando-a por cima do vestido, o que aconteceria quando realmente encostasse em sua pele?

Sarah estremeceu ao pensar nisso, surpresa com a intensidade com que esse simples *pensamento* a excitava.

– Você não faz ideia – murmurou Hugh entre beijos – de como eu gostaria que estivéssemos em outro lugar que não esta sala.

– Outro lugar? – perguntou Sarah, provocadora.

Ela passou uma das mãos pelos cabelos castanho-claros dele, deliciando-se em desgrenhá-los.

– Um lugar com uma cama – Hugh lhe beijou a bochecha, o pescoço e a pele macia na base da garganta, em seguida acrescentou: – E uma porta trancada.

O coração de Sarah disparou ao ouvir essas palavras, mas ao mesmo tempo o comentário lhe despertou um pouco de bom senso. A porta da pequena sala de estar estava apenas fechada, não trancada. Sarah nem pensava na possibilidade de trancá-la – na verdade, sabia que *não deveria* fazer isso. Qualquer um que tentasse entrar e a encontrasse trancada imediatamente desejaria saber o que estava acontecendo lá dentro. Isso significava que, a menos que um deles estivesse disposto a enfrentar uma queda de três metros da janela, haveria tanto escândalo quanto se alguém simplesmente entrasse pela porta destrancada.

E, embora Sarah tivesse toda a intenção de se casar com lorde Hugh Prentice (quando ele a pedisse em casamento, o que faria – por vontade própria ou porque ela o convenceria), não lhe agradava a ideia de um enlace induzido por um escândalo poucos dias antes do casamento de sua prima.

– Temos que parar – disse ela sem muita convicção.

– Eu sei.

Mas ele não parou de beijá-la. Foi um pouco mais devagar, mas não parou.

– Hugh...

– Eu sei – repetiu ele.

Contudo, antes que se afastasse, a maçaneta da porta girou de repente e Daniel entrou a passos largos dizendo algo sobre procurar Anne.

Sarah ficou boquiaberta, mas não havia como consertar a situação a tempo. Hugh estava com mais da metade do corpo em cima dela, havia pelo menos três grampos de cabelo no chão e...

E, bem, Hugh *estava com mais da metade do corpo em cima dela.*

– O que diabo...? – disse Daniel, que ficou paralisado de choque antes que seu raciocínio entrasse em ação e ele fechasse a porta com o pé.

Hugh se levantou mais rápido do que Sarah teria imaginado possível naquelas circunstâncias. Livre do peso dele, ela se sentou, cobrindo instintivamente os seios com os braços, embora nenhum botão de seu vestido estivesse aberto.

Mas se sentia exposta. Ainda tinha a sensação do calor do corpo de Hugh contra o seu e agora Daniel olhava para ela com uma expressão de fúria e decepção tão grandes que Sarah não conseguia encará-lo.

– Eu confiei em você, Prentice – disse Daniel, com uma voz baixa e ameaçadora.

– Não em relação a isto – respondeu Hugh, e até mesmo Sarah ficou surpresa com a falta de gravidade no tom dele.

Daniel ameaçou investir contra Hugh, mas Sarah se levantou de um pulo.

– Pare! Não é o que você está pensando!

Afinal de contas, era isso que sempre se dizia nos romances.

– Muito bem – disse ela, vendo as expressões incrédulas dos dois homens –, é o que você está pensando. Mas não pode bater nele.

– Ah, não? – rosnou Daniel.

Sarah plantou a mão no peito dele.

– Não – disse com firmeza, depois se virou e apontou um dedo para Hugh. – E você também não.

Hugh encolheu os ombros.

– Eu não estava tentando fazer isso.

Sarah pestanejou. Considerando a situação, ele parecia surpreendentemente calmo.

Ela se virou outra vez para o primo.

– Isso não é da sua conta – declarou.

O corpo de Daniel ficou rígido de raiva e ele mal pôde controlar a voz quando disse:

– Vá para o seu quarto, Sarah.

– Você não é meu pai – retrucou ela.

– Enquanto ele não chegar, eu faço o papel dele aqui – disse Daniel, quase cuspindo.

– Ah, quem é *você* para falar? – zombou ela.

Afinal, a noiva de Daniel havia morado com os Pleinsworths e Sarah sabia muito bem que a perseguição romântica dele a Anne não fora totalmente casta.

Daniel cruzou os braços.

– Não estamos falando sobre mim.

– Não *estávamos* até você entrar.

– Se isso fizer você se sentir melhor – disse Hugh –, eu planejava pedir a mão dela em casamento assim que lorde Pleinsworth chegasse.

– *Esse* é meu pedido de casamento?

– A culpa é dele – respondeu Hugh, apontando com a cabeça para Daniel.

Mas então Daniel fez algo inesperado. Deu um passo na direção de Hugh, encarou-o firmemente e disse:

– Você não vai pedir a mão dela a lorde Pleinsworth. Não dirá uma só palavra a ele até contar a verdade a Sarah.

A verdade? Sarah olhou alternadamente de Daniel para Hugh. Várias vezes. Mas foi como se ela não estivesse ali, porque os dois a ignoraram. E, pela primeira vez na vida, ela manteve a boca fechada.

– O que – disse Hugh, finalmente perdendo a calma – você quer dizer com isso?

– Você sabe muito bem – retrucou Daniel, fervendo de raiva. – Acho que não se esqueceu do contrato que fez com o demônio.

– Está se referindo à negociação que salvou sua vida? – contrapôs Hugh.

Sarah deu um passo para trás, alarmada. Não sabia o que estava acontecendo, mas aquilo a aterrorizava.

– Sim – confirmou Daniel com uma voz sedosa. – Não acha que uma mulher deveria saber *disso* antes de aceitar seu pedido de casamento?

– Saber do quê? – perguntou Sarah, desconfortável. – Do que estão falando?

Mas nenhum dos homens se dignou a olhar para ela.

– O casamento é um compromisso para a vida toda – disse Daniel em uma voz odiosa. – *A vida toda.*

O maxilar de Hugh se enrijeceu.

– Este não é o momento, Winstead.

– Não é o momento? – repetiu Daniel. – Não é o momento? Quando diabo seria, então?

– Modere seu linguajar! – disparou Hugh.

– Ela é minha prima.

– Ela é uma *dama.*

– Ela está bem aqui – disse Sarah, levantando uma das mãos.

Daniel se virou para a prima.

– Eu a ofendi?

– Alguma vez? – perguntou Sarah, desesperada para quebrar a tensão.

Daniel fechou a cara diante da tentativa dela de fazer graça e se voltou para Hugh.

– Vai contar a ela? – perguntou. – Ou devo contar?

Todos ficaram em silêncio.

Vários segundos se passaram e então Daniel se dirigiu a Sarah com uma rapidez que quase a deixou tonta.

– Você se lembra – disse em um horrível tom de voz – de como o pai de lorde Hugh ficou furioso depois do duelo?

Sarah assentiu, embora não estivesse certa de que ele esperasse uma resposta. Ela não frequentava eventos sociais na época do duelo, mas ouvira a mãe e as tias cochicharem sobre o assunto. Lorde Ramsgate estava louco, comentaram. Definitavamente desequilibrado.

– Já se perguntou – continuou Daniel, naquele tom horrível que agora Sarah percebia ser dirigido a Hugh, ainda que o primo estivesse falando com ela – como lorde Hugh conseguiu convencer o pai dele a me deixar em paz?

– Não... – disse Sarah lentamente.

E era verdade. Ou pelo menos fora até algumas semanas antes.

– Eu presumi... não, não sei – balbuciou ela. – Você voltou. Isso era tudo que importava.

Ela se sentiu idiota. Por que não havia se perguntado o que Hugh fizera para resgatar Daniel? E devia ter se perguntado, afinal?

– Você conheceu lorde Ramsgate? – indagou-lhe Daniel.

– Estou certa de que sim, em algum momento – respondeu Sarah, olhando nervosamente de Hugh para Daniel. – Mas eu...

– Ele é um rato filho da mãe – rosnou Daniel.

– Daniel! – exclamou Sarah.

Nunca o ouvira usar aquelas palavras. Nem aquele tom. Ela olhou para Hugh, mas ele apenas deu de ombros e disse:

– Não me oponho a essa descrição.

– Mas...

Sarah tentou encontrar palavras. Não via o próprio pai com muita frequência. Ele raramente deixava Devon, e com bastante frequência Sarah

era levada para o sul da Inglaterra pela mãe, na incansável busca por um marido adequado. Mas ele era seu *pai* e ela o amava. Não podia sequer imaginar alguém chamando-o daqueles nomes terríveis.

– Nem todos têm pais geniais e bondosos que possuem 53 cães de caça – disse Hugh.

Sarah esperou ter interpretado errado o tom de condescendência nas palavras dele.

– O que isso tem a ver com o assunto? – perguntou ela, irritada.

– Significa que meu pai é um idiota. Significa que ele é um doente filho da mãe que gosta de machucar as pessoas. Significa... – Hugh deu um passo para mais perto, a voz tornando-se fria de raiva – que ele é louco, não importa como se mostre para o resto da humanidade. E não há, eu repito, *não* há como argumentar quando ele persegue alguém.

– A mim – esclareceu Daniel.

– Ou qualquer coisa – disparou Hugh –, mas, sim, inclusive você. De você, por outro lado – disse para Sarah, a voz tornando-se desconfortavelmente normal –, ele iria gostar.

Ela se sentiu enojada.

– O título de sua família data dos Tudors e você provavelmente tem um dote decente.

Hugh apoiou o quadril no braço do sofá e estendeu a perna lesada para a frente.

– E, o que é ainda mais importante, você tem boa saúde e está em idade fértil.

Sarah apenas o encarava.

– Meu pai vai adorá-la – completou ele com um encolher de ombros.

– Hugh – começou Sarah –, eu não...

Mas ela não soube como terminar a frase. Não reconhecia aquele homem. Ele era duro e irritadiço, e o modo como a descreveu fez com que ela se sentisse suja.

– Nem mesmo sou o herdeiro dele – disse Hugh.

Nesse momento Sarah notou algo vibrando na voz dele. Algo raivoso, pronto para atacar.

– Ele nem deveria se importar com o fato de minha noiva ser fértil ou não – prosseguiu Hugh, cada sílaba menos pronunciada do que a anterior. – Ele tem Freddie. Deveria depositar as esperanças nele, e sempre lhe digo...

Subitamente Hugh virou de costas, mas não antes de Sarah ouvi-lo praguejar baixinho.

– Não conheço seu irmão – falou Daniel depois de quase um minuto de silêncio na sala.

Sarah olhou para ele. Daniel estava com a testa franzida, mais por curiosidade que por surpresa, ela percebeu.

Hugh não se virou. Mas disse, em um estranho tom monocórdio:

– Ele não frequenta os mesmos círculos que você.

– Te-tem algo errado com ele? – perguntou Sarah, hesitante.

– Não! – trovejou Hugh, virando-se tão rápido que perdeu o equilíbrio e quase caiu no chão.

Sarah se precipitou adiante a fim de segurá-lo, mas ele estendeu o braço para afastá-la.

– Estou bem – grunhiu.

Porém não estava. Sarah podia ver isso claramente.

– Não tem nada errado com meu irmão – disse Hugh, a voz baixa e precisa, mesmo tendo prendido a respiração em sua quase queda. – Ele é perfeitamente saudável, perfeitamente capaz de gerar filhos. Mas... – ele dirigiu um olhar expressivo para Daniel – não tende a se casar.

Os olhos de Daniel se anuviaram e ele assentiu, sinalizando que compreendia.

Mas Sarah, não.

– O que isso significa? – explodiu ela, porque, que diabos!, parecia que eles estavam falando em uma língua diferente.

– Não é para seus ouvidos – rebateu Daniel.

– Ah, não? – perguntou ela. – E rato filho da mãe é?

Se não estivesse tão furiosa, teria ficado um tanto satisfeita pelo modo como os dois homens se encolheram.

– Ele prefere homens – explicou Hugh sucintamente.

– Não sei o que isso significa – disparou Sarah.

Daniel soltou uma imprecação amarga.

– Ah, pelo amor de Deus, Prentice, ela é uma dama. E minha *prima.*

Sarah não podia imaginar o que isso tinha a ver com o assunto, mas, antes que pudesse perguntar, Daniel deu um passo na direção de Hugh e rosnou:

– Se disser mais alguma coisa, juro que vou esquartejá-lo.

Hugh o ignorou, continuando a olhar para Sarah.

– Assim como eu prefiro você – disse com lenta deliberação –, meu irmão prefere homens.

Primeiro Sarah olhou para ele sem entender, mas depois:

– *Ah.*

Ela olhou para Daniel, embora não soubesse por quê.

– Isso é possível?

Ele desviou o olhar, as bochechas ardendo de tão vermelhas.

– Não posso afirmar que entenda Freddie – comentou Hugh, escolhendo cada palavra – ou por que ele é como é. Mas ele é meu irmão e eu o amo.

Sarah não sabia o que dizer. Olhou para Daniel em busca de orientação, mas o primo estava virado para o outro lado.

– Freddie é um bom homem – continuou Hugh – e ele foi...

Sarah se virou de novo para Hugh. Nunca o vira tão arrasado.

– Ele foi a única razão de eu ter sobrevivido à minha infância – Hugh pestanejou e então sorriu com tristeza. – Imagino que Freddie diria o mesmo em relação a mim – completou.

Meu Deus, pensou Sarah, que tipo de homem era o pai dele?

– Freddie... não é como eu – disse Hugh, engolindo em seco –, mas é um bom homem, o mais honrado e gentil que poderá conhecer.

– Tudo bem – falou Sarah, pronunciando as palavras lentamente enquanto tentava assimilar aquilo tudo. – Se você diz que ele é bom e que eu deveria amá-lo como a um irmão, eu o amarei. Mas o que isso tem a ver com... com qualquer coisa?

– Foi por isso que meu pai esteve tão determinado a se vingar do seu primo – respondeu Hugh, apontando com a cabeça para Daniel. – E ainda está.

– Mas você disse...

– Posso mantê-lo sob controle – interrompeu-a Hugh. – Mas não posso mudar o modo como ele pensa.

Hugh mudou a perna de apoio e Sarah pensou ter visto uma centelha de dor em seus olhos. Ela seguiu o olhar dele até a bengala, que estava sobre o tapete, perto do sofá. Hugh deu um passo na direção dela, mas Sarah foi mais rápida em entregá-la a ele.

A expressão no rosto de Hugh diante desse gesto não foi de gratidão. Mas, fosse o que fosse que ele quisesse lhe dizer, Hugh engoliu amargamente e falou para a sala em geral:

– Disseram-me que, no dia do duelo, não sabiam se eu sobreviveria.

Sarah olhou para Daniel. Ele assentiu com gravidade.

– Meu pai acredita... – Hugh parou de falar e deu um suspiro cansado e resignado –... que Freddie nunca vai se casar. E talvez tenha razão. Eu sempre achei que poderia, embora...

Mais uma vez sua voz falhou.

– Hugh? – disse Sarah suavemente, quase um minuto depois.

Ele se virou e olhou para ela, e então sua expressão endureceu.

– Não importa o que eu penso – declarou. – Tudo o que importa é o que meu pai pensa, e ele está convencido de que devo ser eu a lhe fornecer um herdeiro para a próxima geração. Quando Winstead quase me matou...

Ele encolheu os ombros, deixando Sarah e Daniel tirarem as próprias conclusões.

– Mas ele não o matou – completou Sarah. – Então você ainda pode...

Ninguém falou.

– Você pode, não pode? – finalmente perguntou Sarah.

Não era a hora de ser ingênua e recatada.

Hugh sorriu com amargura.

– Não tenho nenhum motivo para supor que não, embora deva confessar que não tranquilizei meu pai a esse respeito.

– Bem, não acha que deveria ter tranquilizado? – indagou Sarah. – Ele teria deixado Daniel em paz e...

– Meu pai – interrompeu-a Hugh – não desiste facilmente de uma vingança.

– De fato – concordou Daniel.

– Ainda não entendo – disse Sarah.

O que tudo aquilo tinha a ver com a forma como Hugh trouxera Daniel de volta da Itália?

– Se você quiser se casar com ele – disse Daniel para ela –, não vou ficar em seu caminho. Gosto de Hugh. Sempre gostei, mesmo quando nos encontramos naquele maldito campo de duelo. Mas não vou permitir que se case com ele sem saber a verdade.

– Que verdade? – perguntou Sarah, farta de evasivas.

Daniel a encarou por um longo momento e então voltou sua atenção para Hugh.

– Conte para ela como convenceu seu pai – disse em uma voz entrecortada.

Sarah fitou Hugh. Ele estava olhando para algum ponto acima do ombro dela, como se Sarah não estivesse ali.

– *Conte para ela.*

– Não há nada de que meu pai goste tanto quanto do título de Ramsgate – explicou Hugh em um tom estranhamente monocórdio. – Não sou nada além de um meio para atingir um fim, mas ele acredita que sou seu único meio, o que me torna valioso.

– O que isso *significa*? – quis saber Sarah.

Ele se virou de novo para ela, pestanejando como se quisesse focalizá-la.

– Não entende? – disse com suavidade. – Quando se trata do meu pai, a única coisa que tenho para negociar sou eu mesmo.

O desconforto de Sarah começou a aumentar.

– Redigi um contrato explicando exatamente o que aconteceria se seu primo sofresse algum dano – informou-lhe Hugh.

O olhar de Sarah deslizou para Daniel e depois de volta para Hugh.

– O quê? – disse ela, o medo em sua voz ameaçando tirar todo o ar de seu corpo. – O que aconteceria?

Hugh encolheu os ombros.

– Eu me mataria.

CAPÍTULO 17

— Não pode ser – disse Sarah com uma voz sufocada e olhos cautelosos. – O que você disse de verdade que aconteceria?

Hugh lutou contra o desejo de cravar os polegares nas têmporas. A cabeça começara a latejar, e ele estava certo de que o único remédio para isso seria a alegria de estrangular Daniel Smythe-Smith. Pela primeira vez em sua vida tudo estava melhorando – tornando-se *perfeito* –, mas Daniel se intrometera onde não era chamado.

Não era assim que Hugh pretendera ter aquela conversa.

Ou talvez nem pretendesse tê-la, alegou uma vozinha dentro dele. Não havia pensado muito no assunto. Estava tão apaixonado por lady Sarah, tão extasiado com isso, que nem mesmo pensara naquele "acordo" com seu pai.

Mas ela certamente podia ver que ele não tivera opção.

– Isso é uma piada? – perguntou Sarah. – Porque, se for, não tem graça. O que você realmente disse que aconteceria?

– Ele não está mentindo – afirmou Daniel.

– Não – falou Sarah, balançando a cabeça, horrorizada. – Isso não pode ser verdade. É absurdo. É loucura, é...

– A única coisa que convenceria meu pai a deixar Daniel em paz – completou Hugh, categoricamente.

– Mas você não estava falando sério – disse Sarah com desespero na voz. – Mentiu para ele, não é? Foi só uma ameaça. Uma ameaça vazia.

Hugh não respondeu. Não fazia ideia se falara sério. Ele tinha um problema – não, fora *golpeado* por um problema – e finalmente vira um modo de resolvê-lo. Com toda a sinceridade, ficara satisfeito consigo mesmo. Achara seu plano brilhante.

O pai nunca se arriscaria a perdê-lo antes que ele lhe garantisse uma nova geração de Prentices do sexo masculino vagando pela Terra. No entanto, pensou Hugh, no momento em que isso acontecesse, todas as apostas estariam encerradas. Se o marquês tivesse um ou dois netos saudáveis sob seu domínio, provavelmente sequer piscaria caso Hugh se matasse.

Bem, poderia piscar uma vez só para manter as aparências. Mas depois Hugh seria esquecido.

Ah, havia sido *ótimo* apresentar aquele contrato ao pai. Talvez tivesse sido doentio, mas vê-lo encurralado, tão sem alternativas, até mesmo sem palavras...

Fora magnífico.

Havia vantagens em ser considerado imprevisível. O marquês tinha vociferado e derrubado a bandeja de chá enquanto Hugh apenas o observava com aquele ar divertido e alienado que sempre conseguia enfurecer o pai.

E então, depois de declarar que Hugh nunca cumpriria aquela ameaça absurda, lorde Ramsgate finalmente olhara para o filho. Pela primeira vez, pelo que Hugh podia se lembrar. Então vira o sorriso vazio e insolente, o queixo firme e decidido, e ficara tão pálido que seus olhos pareceram murchar nas órbitas.

E assinara o contrato.

Depois disso, Hugh não havia pensado muito no ocorrido. Ocasionalmente fazia alguma brincadeira sobre o assunto (sempre tendera a fazer piada de desgraças), mas, no que lhe dizia respeito, ele e o pai estavam em um estável impasse de destruição mutuamente assegurada.

Em outras palavras, não havia nada com que se preocupar. E Hugh não entendia por que ninguém mais parecia perceber isso.

Claro que os únicos que sabiam do contrato eram Daniel e Sarah, mas eles eram pessoas inteligentes, raramente ilógicas em suas decisões.

– Por que não me responde? – perguntou Sarah, o pânico elevando sua voz. – Hugh? Diga-me que não estava falando sério.

Hugh a fitou. Estava pensando, lembrando-se, e era quase como se uma parte dele tivesse saído da sala e encontrado um canto tranquilo onde pudesse refletir sobre o triste estado de seu mundo.

Iria perdê-la. Sarah não entenderia. Ele enxergava isso agora, nos olhos frenéticos e nas mãos trêmulas dela. Por que Sarah não podia entender que

ele fizera uma escolha heroica? Estava se sacrificando – ou pelo menos ameaçando fazê-lo – pelo bem do amado primo dela. Isso não valia nada?

Hugh havia trazido Daniel de volta para a Inglaterra, garantido sua segurança, e seria punido por isso?

– Diga alguma coisa, Hugh – implorou Sarah.

Ela olhou para Daniel e depois de volta para Hugh, sua cabeça fazendo movimentos abruptos e estranhos.

– Não entendo por que você não diz nada.

– Ele assinou um contrato – informou Daniel com cuidado. – Tenho uma cópia.

– Você lhe deu uma *cópia*?

Hugh não sabia como isso mudava as coisas, mas Sarah pareceu horrorizada. A cor se esvaiu de sua pele, e suas mãos, que ela tentava tanto manter sob controle, tremiam.

– Você tem que rasgá-la – disse ela para Daniel. – Agora. Tem que rasgá-la.

– Mas não...

– Está em Londres? – interrompeu-o Sarah. – Porque, se estiver, vou para lá agora. Não me importo se perder seu casamento. Isso não será problema. Posso voltar, pegá-la e...

– Sarah! – Daniel praticamente berrou. Quando obteve a atenção dela, continuou: – Isso não faria nenhuma diferença. Não é a única cópia. E, se ele estiver certo – falou, apontando para Hugh –, é a única coisa que me mantém seguro.

– Mas isso poderia *matá-lo* – gritou ela.

Daniel cruzou os braços.

– Isso cabe totalmente a lorde Hugh.

– Na verdade, a meu pai – contestou Hugh.

Porque tinha sido com o marquês que a cadeia de acontecimentos insanos começara.

O corpo de Sarah ficou imóvel, mas sua cabeça balançava, quase como se ela estivesse tentando sacudir o cérebro para compreender melhor.

– Por que você faria isso? – perguntou, embora Hugh já tivesse deixado seus motivos perfeitamente claros. – É errado. É... *contra as leis da natureza.*

– É lógico – declarou Hugh.

– Lógico? *Lógico?* Você está louco? Essa é a coisa mais ilógica, irresponsável, egoísta...

– Sarah, pare! – disse Daniel, pondo uma das mãos no ombro dela. – Você está transtornada.

Mas Sarah apenas se afastou.

– Não banque o superior – disparou.

Ela se virou para Hugh. Ele havia achado que dissera a coisa certa. Ficaria convencido se estivesse no lugar dela.

– Pensou em alguém além de si mesmo ao fazer isso? – indagou Sarah.

– Pensei em seu primo.

– Mas agora é diferente – gritou Sarah. – Quando você fez aquela ameaça, era apenas você. Mas agora...

Hugh esperou, mas ela não completou a frase. Não disse *não é*. Não disse *somos nós*.

– Bem, você não tem que fazer isso – anunciou Sarah, como se assim todos os problemas se resolvessem. – Se algo acontecesse com Daniel, não teria que realmente fazer isso. Ninguém o faria cumprir esse contrato, ninguém. Certamente não seu pai, e Daniel estaria morto.

A sala ficou em silêncio até Sarah pôr a mão na boca, horrorizada.

– Sinto muito – disse, dirigindo o olhar para o primo. – Sinto muito. Ah, meu Deus, sinto muito.

– Terminamos aqui – declarou Daniel, irritado, olhando para Hugh quase com ódio.

Ele pôs o braço ao redor da prima e lhe murmurou algo ao ouvido. Hugh não conseguiu entender o que era, mas, o que quer que fosse, não ajudou a conter o fluxo das lágrimas que agora escorriam pelo rosto dela.

– Vou arrumar minhas coisas – disse Hugh.

Ninguém tentou impedi-lo.

Sarah deixou Daniel conduzi-la para fora da sala, só protestando quando ele se ofereceu para carregá-la escada acima.

– Por favor, não – disse em uma voz sufocada. – Não quero que ninguém perceba quanto estou perturbada.

Perturbada. Que patético! Ela não estava perturbada, estava arrasada.

Despedaçada.

– Deixe-me acompanhá-la até seu quarto – disse ele.

Sarah assentiu, mas depois disparou:

– Não! Harriet pode estar lá. Não quero que ela faça perguntas, e você sabe que fará.

Daniel acabou levando-a para o quarto dele, deduzindo que era um dos poucos lugares da casa, talvez o único, em que ela poderia ter privacidade. Perguntou-lhe uma última vez se Sarah queria que ele chamasse a mãe dela, Honoria ou outra pessoa, mas ela só balançou a cabeça e se deitou em posição fetal sobre a colcha. Daniel encontrou uma manta, cobriu-a e então, quando teve certeza de que ela de fato queria ficar sozinha, saiu do quarto e fechou a porta silenciosamente.

Dez minutos depois, Honoria chegou.

– Daniel me disse que você queria ficar sozinha – disse Honoria antes de Sarah fitá-la com uma expressão exausta –, mas achamos que está errada.

A própria definição de família. As pessoas que se julgam no direito de decidir se você está errada. Sarah supôs que ela mesma era tão culpada disso quanto qualquer um. Provavelmente, até mais.

Honoria sentou ao lado de Sarah na cama e lhe afastou os cabelos do rosto com delicadeza.

– Como posso ajudá-la?

Sarah não ergueu a cabeça do travesseiro. Tampouco se virou para a prima.

– Não pode.

– Deve haver algo que eu possa fazer – insistiu Honoria. – Recuso-me a acreditar que tudo esteja perdido.

Sarah sentou por um instante e encarou a prima, incrédula.

– Daniel lhe contou alguma coisa?

– Contou – respondeu Honoria, sem reagir ao tom indelicado de Sarah.

– Então como pode dizer que nem tudo está perdido? Eu pensei que o amava. Pensei que ele me amava. E agora descubro...

Sarah sentiu seu rosto se contorcer com uma raiva que Honoria não merecia, mas não conseguia se controlar.

– Não me diga que nem tudo está perdido!

Honoria mordeu o lábio inferior.

– Talvez se você falasse com ele...

– Eu falei! Como acha que acabei assim?

Sarah balançou o braço na frente dela como se dissesse...

Como se dissesse: *estou com raiva e magoada e não sei o que fazer.*

Como se dissesse: *não há nada que eu possa fazer além de balançar meu braço feito uma idiota.*

Como se dissesse: *ajude-me porque não sei como pedir.*

– Não estou certa de que sei da história toda – disse Honoria em uma voz cuidadosa. – Daniel estava muito perturbado, falou que você estava chorando, e então eu corri...

– O que ele contou?

– Ele explicou que lorde Hugh... – falou Honoria com uma careta, como se não conseguisse acreditar no que diria. – Bem, ele me contou como lorde Hugh conseguiu convencer o pai a deixá-lo em paz. É...

Mais uma vez, o rosto de Honoria encontrou pelo menos três expressões de incredulidade diferentes antes que ela conseguisse continuar.

– Na verdade, achei muito inteligente da parte dele, embora um pouco...

– *Insano?*

– Bem, não. Só seria insano se não houvesse nenhum raciocínio por trás disso, e não acho que lorde Hugh faça nada sem raciocinar.

– Ele disse que *se mataria*, Honoria. Sinto muito, não posso... Meu Deus, e as pessoas dizem que *eu* sou dramática.

Honoria conteve um pequeno sorriso.

– Isso é... um pouco... irônico.

Sarah olhou para a prima.

– Não estou dizendo que seja engraçado – apressou-se a explicar Honoria.

– Eu achava que o amava.

– Achava?

– Não sei se ainda amo.

Sarah lhe deu as costas, deixando a cabeça cair outra vez na cama. Olhar para a prima doía. Honoria estava muito feliz e *merecia* estar, mas Sarah nunca seria suficientemente pura de coração para não odiá-la apenas um pouquinho. Apenas naquele momento.

Honoria ficou calada por alguns segundos e depois perguntou em voz baixa:

– É possível deixar de amar tão rápido?

– Eu me apaixonei rápido – rebateu Sarah e engoliu em seco. – Talvez nunca tenha sido amor verdadeiro. Talvez eu só quisesse que fosse. Com todos esses casamentos e você, Marcus, Daniel e Anne parecendo tão felizes, talvez eu só quisesse isso para mim também. Talvez fosse só isso.

– Você realmente acha isso?

– Como eu poderia estar apaixonada por alguém que fez tal ameaça? – perguntou Sarah em uma voz entrecortada.

– Ele a fez para garantir a felicidade de outra pessoa – lembrou-lhe Honoria. – Meu irmão.

– Eu sei – respondeu Sarah. – E poderia admirá-lo por isso. Sinceramente poderia, mas, quando lhe perguntei se era apenas uma ameaça vazia, ele não respondeu que era.

Ela engoliu em seco convulsivamente, tentando acalmar a respiração.

– Ele não me disse que... se isso fosse *necessário* – engasgou com a palavra –, não o faria. Perguntei olhando nos olhos dele, mas Hugh não respondeu.

– Sarah – começou Honoria –, você precisa...

– Você ao menos entende como esta conversa é horrível? – gritou Sarah. – Estamos discutindo algo que só aconteceria se seu irmão fosse *assassinado.* Como se... como se... o que Hugh poderia ter feito de *pior*?

Com cuidado, Honoria pôs uma das mãos no ombro da prima.

– Eu sei – disse Sarah, a voz sufocada, como se o gesto de Honoria tivesse sido uma pergunta. – Você vai me dizer que preciso perguntar de novo. Mas e se eu perguntar e ele responder que realmente falou sério e que, se o pai mudar de ideia e algo acontecer com Daniel, pegará uma pistola e a enfiará na boca?

Houve um terrível momento de silêncio. Em seguida, Sarah tentou conter um soluço.

– Respire fundo – disse Honoria de forma tranquilizadora, mas com os olhos cheios de pavor.

– Como posso ao menos falar sobre isso? – lamentou-se Sarah. – Sobre quanto eu me sentiria péssima em relação a Hugh e quanto ficaria com raiva dele, quando obviamente isso significaria que Daniel já estaria morto? E não deveria ser *isso* a me arrasar? E... Deus do céu, Honoria, isso é contra a natureza humana. Não posso... não posso...

Ela caiu nos braços da prima, chorando e ofegando.

– Não é justo – soluçou no ombro de Honoria. – Simplesmente não é justo.

– Não. Não é.

– Eu o amo.

Honoria não parou de esfregar as costas da prima.

– Eu sei.

– E me sinto um monstro, ficando perturbada porque ele falou... – Sarah arfou, os pulmões inspirando uma golfada inesperada de ar. – Porque ele falou que se mataria e então eu lhe implorei que me dissesse que não faria isso, mas na verdade deveria ficar devastada mesmo com o fato de isso significar que algo teria acontecido com Daniel.

– Mas você entende por que lorde Hugh fez esse acordo, não entende?

Sarah assentiu. Seus pulmões doíam. O corpo inteiro doía.

– Mas agora deveria ser diferente – sussurrou. – Ele deveria se sentir diferente. *Eu* deveria significar alguma coisa para ele.

– E significa – afirmou Honoria. – Sei que sim. Vi o modo como vocês olham um para o outro quando acham que ninguém está vendo.

Sarah se afastou apenas o suficiente para fitar o rosto da prima. Honoria a encarava com um sorriso tímido, e seus maravilhosos olhos cor de lavanda, que Sarah sempre invejara, estavam límpidos.

Qual era a diferença entre elas? Honoria vivia cada dia como se o mundo fosse feito de mares verdes e brisas oceânicas. O mundo de Sarah era uma tempestade após a outra. Ela nunca tivera um dia sereno na vida.

– Eu vi o modo como ele olha para você – disse Honoria. – Está apaixonado.

– Ele não disse isso.

– Você disse?

Sarah deixou o silêncio responder. Honoria segurou a mão dela.

– Talvez você tenha que ser corajosa e se abrir primeiro.

– É fácil para você falar – contestou Sarah, pensando em Marcus, sempre tão honrado e reservado. – Apaixonou-se pelo homem mais tranquilo, adorável e menos complicado da Inglaterra.

Honoria encolheu os ombros.

– Não podemos escolher por quem nos apaixonamos. E você não é a mulher mais tranquila e menos complicada da Inglaterra, sabe?

– Você deixou de fora o “adorável”.

– Bem, você poderia ser a mais adorável – disse Honoria com um sorriso torto, antes de cutucar Sarah com o cotovelo e emendar: – Ouso dizer que lorde Hugh a considera a mulher mais adorável.

Sarah enterrou o rosto nas mãos.

– O que vou fazer?

– Acho que deveria ir falar com ele.

Sarah sabia que Honoria tinha razão, mas não podia impedir sua mente de pensar em tudo o que aquela conversa poderia causar.

– E se ele disser que manterá o acordo? – finalmente indagou em uma voz baixa e assustada.

Vários segundos se passaram até que Honoria falou:

– Então pelo menos você terá alguma certeza. Mas, se não perguntar, nunca saberá o que ele poderia ter dito. Apenas pense: e se Romeu e Julieta realmente tivessem *falado* um com o outro?

Sarah olhou para cima, momentaneamente pasma.

– Essa é uma comparação terrível.

– Sinto muito. Você tem razão.

Honoria pareceu envergonhada, mas, logo em seguida, mudou de ideia e, animada, apontou um dedo para Sarah.

– No entanto, fez você parar de chorar – ressaltou.

– Apenas para repreendê-la.

– Pode me repreender quanto quiser se isso trouxer um sorriso de volta ao seu rosto. Mas deve me prometer que falará com ele. Não quer que um terrível mal-entendido estrague sua chance de felicidade.

– Quer dizer que, já que minha vida está prestes a ser arruinada, eu mesma tenho que fazer isso? – perguntou Sarah com uma voz seca.

– Não foi bem o que eu disse, mas sim.

Sarah ficou calada por um longo momento e então perguntou, quase distraidamente:

– Você sabia que ele consegue multiplicar números muito grandes de cabeça?

Honoria sorriu.

– Não, mas isso não me surpreende.

– E faz isso muito rápido. Uma vez Hugh tentou me explicar como a cabeça dele funciona quando faz isso, mas não consegui entender nada.

– A aritmética funciona de modos misteriosos.

Sarah revirou os olhos.

– Ao contrário do amor?

– O amor é totalmente incompreensível – afirmou Honoria. – A aritmética é apenas misteriosa.

Ela deu de ombros, levantou-se e estendeu a mão para Sarah.

– Ou talvez seja o contrário. Vamos descobrir?

– Você vai comigo?

– Apenas para ajudá-la a encontrar Hugh. A casa é grande.

Sarah ergueu uma sobrancelha, desconfiada.

– Está com medo de que eu perca a coragem.

– Sem dúvida – confirmou Honoria.

– Não vou perder – garantiu Sarah.

Apesar do frio na barriga e do medo no coração, sabia que isso era verdade. Não era do tipo que se deixava vencer pelo medo. E nunca poderia viver em paz consigo mesma se não fizesse tudo ao seu alcance para garantir a própria felicidade.

E a de Hugh. Porque, se alguém no mundo merecia um final feliz, era ele.

– Mas não agora – disse. – Preciso me arrumar. Não quero que ele perceba que andei chorando.

– Ele deveria saber que a fez chorar.

– Honoria Smythe-Smith, essa talvez seja a coisa mais dura que já a ouvi dizer.

– Agora é Honoria Holroyd – anunciou a prima, contente. – E é verdade. A única coisa pior do que um homem fazer uma mulher chorar é fazê-la chorar e não se sentir culpado por isso.

Sarah olhou para a prima com respeito renovado.

– A vida de casada lhe faz bem.

O sorriso de Honoria foi levemente presunçoso.

– Faz mesmo, não é?

Sarah se arrastou para fora da cama. Suas pernas estavam rígidas e ela as alongou, uma de cada vez, curvando-se e esticando-se.

– Ele já sabe que me fez chorar.

– Ótimo.

Sarah se encostou na lateral da cama e olhou para as próprias mãos. Os dedos estavam inchados. Como isso havia acontecido? Quem ficava com dedos de linguiça por chorar?

– Algo errado? – perguntou Honoria.

Sarah a olhou tristemente.

– Acho que eu preferiria que lorde Hugh me achasse o tipo de mulher que fica linda chorando, com os olhos brilhantes e tudo o mais.

– Ao contrário da que fica com os olhos vermelhos e inchados?

– Esse é seu modo de dizer que estou desarrumada?

– Vai ter que refazer seu penteado – apontou Honoria, sempre cheia de tato.

Sarah assentiu.

– Sabe onde está Harriet? Estamos dividindo um quarto e não quero que ela me veja assim.

– Ela nunca a julgaria – garantiu-lhe Honoria.

– Eu sei. Mas não estou disposta a ouvir as perguntas dela. E você sabe que ela as fará.

Honoria conteve um sorriso. Conhecia Harriet.

– É o seguinte: vou me certificar de que ela fique distraída para que você possa voltar ao quarto e...

Ela moveu as mãos perto do rosto, no sinal universal para melhorar a aparência.

Sarah fez que sim, concordando.

– Obrigada. E, Honoria...

Ela esperou até que a prima se voltasse para ela.

– Eu amo você.

Honoria deu um sorriso vacilante.

– Também amo você, Sarah – disse, afastando uma lágrima inexistente. – Gostaria que eu mandasse um recado para lorde Hugh pedindo-lhe que a encontrasse daqui a trinta minutos? – ofereceu.

– Talvez uma hora?

Sarah era corajosa, mas nem tanto. Precisava de mais tempo para reforçar sua confiança.

– No conservatório? – sugeriu Honoria, indo na direção da porta. – Lá terão privacidade. Acho que ninguém usou a sala a semana inteira. Imagino que as pessoas temam nos encontrar ensaiando para alguma apresentação.

Sarah não pôde conter o sorriso.

– Está bem. No conservatório, daqui a uma hora. Vou...

Alguém a interrompeu com uma batida forte na porta.

– Que esquisito – comentou Honoria. – Daniel sabe que nós...

Ela deu de ombros, sem se preocupar em concluir a frase.

– Entre!

A porta se abriu e um dos lacaios entrou.

– Milady – disse para Honoria, pestanejando de surpresa. – Eu estava procurando milorde.

– Ele teve a gentileza de nos deixar usar o quarto dele – disse Honoria. – Há algum problema?

– Não, mas trago uma mensagem dos estábulos.

– Dos estábulos? – repetiu Honoria. – Que estranho.

Ela olhou para Sarah, que esperara pacientemente durante toda a conversa.

– O que poderia ser tão importante a ponto de mandarem George vir procurar Daniel no quarto?

Sarah deu de ombros, supondo que George era o lacaio. Honoria havia crescido em Whipple Hill. Claro que sabia o nome dele.

– Muito bem – disse Honoria, voltando-se para o lacaio. Ela estendeu a mão. – Se me entregar a mensagem, farei com que lorde Winstead a receba.

– Desculpe-me, milady. Não está escrita. Só me pediram para transmiti-la.

– Eu a retransmitirei a ele – garantiu Honoria.

O lacaio pareceu indeciso, mas apenas por um instante.

– Obrigado, milady. Pediram-me para dizer a milorde que lorde Hugh pegou uma das carruagens para Thatcham.

Isso imediatamente chamou a atenção de Sarah.

– Lorde Hugh?

– Sim – confirmou George. – Ele é o cavalheiro que manca, não é?

– Por que ele iria para Thatcham?

– Sarah! – repreendeu-a Honoria. – Estou certa de que George não sabe...

– Na verdade... – começou a dizer George. – Isto é, desculpe-me, milady. Não tive a intenção de interrompê-la.

– Por favor, continue – pediu Sarah com certa urgência.

– Disseram-me que ele foi para a Cervo Branco ver o pai.

– O *pai*?

George não chegou a se encolher, mas quase.

– Por que ele iria ver o pai? – perguntou Sarah.

– E-e-eu não sei, milady.

Ele lançou um olhar desesperado para Honoria.

– Não estou gostando disso – declarou Sarah.

George pareceu mortificado.

– Pode ir, George – disse Honoria.

O lacaio fez uma rápida mesura e se apressou a sair.

– Por que o pai dele está em Thatcham? – indagou Sarah no momento em que elas ficaram a sós de novo.

– Não sei – respondeu Honoria, parecendo tão confusa quanto a prima. – O marquês com certeza não foi convidado para o casamento.

– Isso não pode ser bom.

Sarah se virou para a janela. A chuva ainda caía pesadamente.

– Preciso ir ao vilarejo.

– Não pode, não com este tempo – ponderou Honoria.

– Hugh foi.

– É diferente. Ele foi encontrar o pai.

– Que quer *matar* Daniel!

– Ah, meu Deus! – exclamou Honoria, balançando a cabeça. – Isso tudo é uma grande loucura.

Sarah a ignorou, disparando para o corredor e gritando por George, que felizmente ainda não descera.

– Preciso de uma carruagem – disse-lhe. – Agora.

Assim que George se foi, ela se virou para Honoria, que estava em pé à porta.

– Eu a encontrarei na entrada para veículos – declarou Honoria. – Vou com você.

– Não, você não pode – rebateu Sarah. – Marcus nunca me perdoaria.

– Então o levaremos junto. E Daniel também.

– Não!

Sarah agarrou a mão de Honoria e a puxou de volta, embora a prima não tivesse dado mais do que um passo.

– Em nenhuma circunstância Daniel deve se encontrar com lorde Ramsgate.

– Você não pode deixá-lo fora disso – insistiu Honoria. – Ele está tão envolvido quanto...

– Está bem – concordou Sarah, apenas para interrompê-la. – Vá buscar Daniel. Eu não me importo.

Mas se importava. No momento em que Honoria saiu correndo para buscar os dois cavalheiros, Sarah vestiu o casaco e disparou para os estábulos. Podia chegar ao vilarejo mais rápido do que qualquer carruagem, mesmo naquela chuva. *Principalmente* naquela chuva.

Daniel, Marcus e Honoria a seguiriam até a Cervo Branco. Sarah tinha certeza disso. Mas, se conseguisse chegar lá bem antes deles, poderia... bem, para ser sincera, não sabia o que poderia fazer, só que faria alguma coisa. Encontraria um modo de acalmar lorde Ramsgate antes que Daniel aparecesse, irado e ansioso por uma briga.

Talvez não conseguisse traçar um final feliz para todos; na verdade, estava bastante certa de que não conseguiria. Mais de três anos de ódio e amargura não poderiam ser superados em um único dia. Mas se de algum modo pudesse impedir que os ânimos se acirrassem, que socos fossem dados e – Deus do céu! – que alguém fosse morto...

Talvez não houvesse um final totalmente feliz, mas, por Deus, teria que ser feliz o bastante.

CAPÍTULO 18

Uma hora antes
Whipple Hill
Em outro quarto

Se Hugh um dia se tornasse marquês de Ramsgate, a primeira coisa que faria seria mudar o lema da família. Porque *Com o orgulho vem a bravura* não fazia nenhum sentido no contexto das gerações atuais de Prentices do sexo masculino. Não. Se pudesse, mudaria o maldito lema para *As coisas sempre podem piorar.*

Exemplo disso era o bilhete entregue em seu quarto em Whipple Hill enquanto ele estava na pequena sala de estar partindo o coração de Sarah, fazendo-a chorar e revelando-se uma pessoa horrível.

O bilhete enviado por seu pai.

Seu pai.

Já fora ruim o suficiente ver aquela caligrafia familiar. Então Hugh lera o texto e descobrira que lorde Ramsgate estava ali. Em Berkshire, logo adiante na estrada que passava por Whipple Hill, na Cervo Branco, a mais elegante das hospedarias locais.

Hugh não conseguia imaginar como o pai conseguira um quarto quando todas as hospedarias estavam cheias de convidados para o casamento. Mas o marquês sempre dava um jeito de conseguir o que queria. Se quisesse um quarto, teria um, e Hugh só podia lamentar pela sucessão de hóspedes que seriam deslocados para o melhor quarto seguinte, até um pobre coitado parar no celeiro.

O que o bilhete não explicava, porém, era *por que* o pai tinha viajado para Berkshire. Hugh não ficou particularmente surpreso com essa omissão. O marquês nunca fora dado a explicações. Estava na Cervo Branco e queria falar com Hugh imediatamente.

Era tudo o que escrevera.

Geralmente Hugh fazia o possível para evitar qualquer interação com o pai, mas não era estúpido a ponto de ignorar uma intimação direta. Instruiu o criado pessoal a arrumar suas coisas e esperar mais orientações e, então, partiu para o vilarejo. Não achava que Daniel ficaria feliz ao saber que tinha usado uma carruagem dos Winsteads, mas como a chuva ainda caía implacavelmente e ele usava bengala... bem, achou que não tinha escolha.

Sem falar que era com o *pai* que ele tinha sido forçado a ir se encontrar. Por mais que ficasse furioso – e Hugh suspeitava de que ficaria *muito* –, Daniel entenderia a necessidade dele de ver o marquês.

– Meu Deus, como odeio isso! – disse Hugh para si mesmo, entrando desajeitadamente na carruagem.

E então se perguntou se um pouco da propensão de Sarah ao drama fora passada para ele, porque tudo em que conseguia pensar era...

Estou indo ao encontro do meu fatídico destino.
Hospedaria Cervo Branco
Thatcham
Berkshire

– O que está fazendo aqui? – perguntou Hugh, cuspindo as palavras antes de ter dado mais de dois passos para dentro de uma das salas de jantar particulares da hospedaria.

– Não vai me cumprimentar? – disse o marquês, sem se dar ao trabalho de se levantar. – Nem dizer algo afável, como: "Pai, o que o trouxe a Berkshire neste lindo dia?"

– Está chovendo.

– O que renova a terra – comentou lorde Ramsgate em uma voz alegre.

Hugh lançou um olhar frio ao pai. Odiava quando ele fingia ser paternal.

O marquês apontou para uma cadeira do outro lado da mesa.

– Sente-se.

Hugh preferia ficar em pé, nem que fosse só para contrariá-lo, mas a perna doía e o desejo de frustrar lorde Ramsgate não era forte o bastante

para que sacrificasse o próprio conforto. Ele se sentou.

– Vinho? – ofereceu o pai.

– Não.

– Não é mesmo dos melhores – comentou o marquês, engolindo o resto do conteúdo de sua taça. – Eu deveria trazer minha própria bebida nas viagens.

Hugh se manteve em silêncio, esperando que o pai fosse direto ao assunto.

– O queijo é tolerável – disse lorde Ramsgate.

Ele pegou uma fatia de pão na tábua de queijo à mesa.

– Pão? – ofereceu também. – Não creio que alguém consiga fazer um pão ruim.

– Do que diabo isso se trata? – explodiu Hugh por fim.

O marquês estivera claramente esperando esse momento. O rosto do velho se esticou em um sorriso presunçoso e ele se recostou na cadeira.

– Não consegue adivinhar?

– Nem ousaria tentar.

– Estou aqui para parabenizá-lo.

Hugh o encarou sem esconder a desconfiança.

– Pelo quê?

O pai apontou para ele.

– Não seja tímido. Ouvi um boato de que ficou noivo.

– *Ouviu de quem?*

Hugh havia beijado Sarah pela primeira vez na noite anterior. Como, em nome de Deus, o pai sabia que ele planejava pedi-la em casamento?

Lorde Ramsgate balançou a mão ao dizer:

– Tenho espiões em toda parte.

Disso Hugh não tinha a menor dúvida. Mas ainda assim... Ele estreitou os olhos.

– A quem estava espionando? – perguntou. – A Winstead ou a mim?

O marquês deu de ombros.

– Isso importa?

– Muito.

– Ambos, eu suponho. Você tornou muito fácil matar dois coelhos com uma cajadada só.

– Seria de bom tom não usar tais metáforas na minha presença – sugeriu Hugh com uma sobrancelha erguida.

– Sempre tão literal! – provocou lorde Ramsgate. – Nunca soube apreciar uma piada, *tsc, tsc*.

Hugh ficou boquiaberto. *Ele* o estava acusando de não ter senso de humor? Inacreditável!

– Não estou noivo – declarou Hugh, cada palavra um dardo rápido e preciso saindo da boca. – E nem ficarei em um futuro próximo. Então pode arrumar suas coisas e voltar para o inferno.

O marquês riu, o que Hugh achou irritante. Lorde Ramsgate nunca era atingido por insultos. Agarrava-os e comprimia até se tornarem pequenas bolas, que ele enchia de espinhos e pregos e atirava de volta na direção de quem os lançara.

E então ria.

– Terminamos? – perguntou Hugh friamente.

– Por que tanta pressa?

Hugh deu um sorriso enojado.

– Porque o detesto.

Mais uma vez, o marquês riu.

– Ah, Hugh, quando você vai aprender?

Hugh não disse nada.

– Não importa que você me deteste. Nunca importará. Sou seu pai – falou, inclinando-se para a frente com um sorriso falso para concluir: – Não pode se livrar de mim.

– Não – disse Hugh, olhando dentro dos olhos do pai. – Mas o senhor pode se livrar de mim.

O maxilar de lorde Ramsgate se contraiu.

– Presumo que se refira àquele documento profano que me forçou a assinar.

– Ninguém o forçou – disse Hugh, dando de ombros de forma insolente.

– Acredita realmente nisso?

– Eu coloquei a pena em sua mão? – retorquiu Hugh. – O contrato era uma formalidade. Sabia disso tão bem quanto eu.

– Não sei de...

– Eu lhe disse o que aconteceria se fizesse algum mal a lorde Winstead – disse Hugh com uma calma mortal. – Isso vale sendo escrito ou não.

Era verdade. Hugh havia redigido o contrato e mostrado ao pai e ao advogado dele porque queria que soubessem que estava falando sério.

Queria que o pai o assinasse – com o nome completo e o título que significava tanto para ele –, reconhecendo tudo o que perderia se não desistisse de se vingar de Daniel.

– Eu cumpri minha parte do acordo – rosnou lorde Ramsgate.

– Na medida em que lorde Winstead ainda está vivo, sim.

– Eu...

– Devo ressaltar – interrompeu-o Hugh, tendo grande prazer em fazer isso – que não peço muito do senhor. A maioria das pessoas acharia bastante fácil conduzir a própria vida sem matar outro ser humano.

– Ele o deixou aleijado – sibilou o pai.

– Não – disse Hugh, lembrando-se daquela noite mágica no gramado de Whipple Hill.

Ele tinha valsado. Pela primeira vez desde que a bala de Daniel lhe dilacerara a coxa, havia segurado uma mulher nos braços e dançado.

Sarah o proibira de se referir a si mesmo como aleijado. Tinha sido esse o momento em que se apaixonara por ela? Ou esse fora apenas mais um de uma centena de momentos?

– Prefiro ser chamado de coxo – murmurou Hugh, com um sorriso.

– Qual é a diferença?

– Quando alguém se refere a uma pessoa como aleijado, é como se isso a definisse por completo...

Hugh ergueu os olhos. O rosto do pai estava vermelho, o tipo de vermelho venoso e manchado que provinha de muita raiva ou muita bebida.

– Não importa. O senhor nunca entenderia – concluiu.

Mas antes Hugh também não entendia. Precisara de lady Sarah para saber a diferença.

Sarah. Ela era Sarah agora. Não lady Sarah Pleinsworth, nem mesmo lady Sarah. Apenas Sarah. Ela tinha sido dele, e Hugh a perdera. Ainda não entendia bem por quê.

– Você se subestima, filho.

– Acabou de me chamar de aleijado – disse Hugh –, e está *me* acusando de me subestimar?

– Não me refiro à sua capacidade atlética – retrucou o pai –, embora seja verdade que toda dama deseja um marido capaz de cavalgar, esgrimir e caçar.

– Porque o senhor é ótimo nessas coisas – provocou Hugh, olhando para a pança do pai.

– Eu *era* – respondeu o marquês, aparentemente sem se ofender. – E pude escolher na ninhada quando decidi me casar.

Ninhada. Era realmente assim que seu pai via as mulheres?

Claro que era.

– Duas filhas de duques, três de marqueses e uma de um conde. Eu poderia ter ficado com qualquer uma delas.

– Que sorte da minha mãe! – comentou Hugh.

– De fato – disse lorde Ramsgate, ignorando totalmente o sarcasmo. – O pai dela pode ter sido o duque de Farringdon, mas ela era uma entre seis filhas e não tinha um dote muito grande.

– Maior do que o da filha do outro duque, eu presumo.

– Não. Mas os Farringdons descendem dos barões de Veuveclos, o primeiro dos quais, como você sabe...

Ah, ele sabia. Deus, como sabia.

–... lutou ao lado de Guilherme, o Conquistador.

Hugh fora forçado a decorar as árvores genealógicas da família quando tinha 6 anos. Felizmente era talentoso para essas coisas. Freddie não tivera nem de longe a mesma sorte. Ficara com as mãos inchadas durante semanas depois da surra.

– O outro ducado – completou o marquês com desdém – era relativamente novo.

Hugh apenas balançou a cabeça.

– O senhor realmente eleva o esnobismo a novos níveis.

Seu pai o ignorou.

– Como eu estava dizendo, acho que você se subestima. Pode ser aleijado, mas tem seus encantos.

Hugh quase engasgou.

– Meus encantos?

– Você pode não ser o primeiro na linha de sucessão ao título, porém, por mais que isso me desagrade, qualquer um que se dê ao trabalho de investigar um pouco verá que, mesmo que você nunca se torne o marquês de Ramsgate, seu filho se tornará.

– Freddie é mais discreto do que o senhor pensa – Hugh se sentiu compelido a salientar.

Lorde Ramsgate bufou.

– Fui capaz de descobrir que você deseja a filha de Pleinsworth. Acha que o pai dela não descobrirá a verdade sobre Freddie?

Como lorde Pleinsworth ficava enterrado em Devon com 53 cães de caça, Hugh achava que não, mas entendia o ponto de vista do pai.

– Eu não chegaria ao ponto de dizer que você poderia ter qualquer mulher que quisesse – prosseguiu lorde Ramsgate –, mas não vejo nenhum motivo para não poder ter aquela Pleinsworth atrevida. Especialmente depois de passarem a semana inteira embevecidos um com o outro no café da manhã.

Hugh mordeu a bochecha para não responder.

– Notei que você não me contradisse.

– Seus espiões, como sempre, são ótimos – declarou Hugh.

O pai dele se recostou na cadeira e juntou as pontas dos dedos.

– Lady Sarah Pleinsworth – disse com admiração. – Devo parabenizá-lo.

– Não faça isso.

– Ah, meu caro. Está sendo modesto?

Hugh agarrou a borda da mesa. O que aconteceria se ele pulasse por cima do móvel e agarrasse o pai pelo pescoço? Certamente ninguém choraria pelo velho.

– Eu a conheço, sabe? – continuou o marquês. – Não muito, é claro. Fui apenas apresentado a ela em um baile, vários anos atrás. Mas o pai dela é um conde. Nossos caminhos se cruzam de vez em quando.

– Não fale sobre ela – preveniu-o Hugh.

– Ela é muito bonita, de um modo não convencional. Os cabelos cacheados, aquela adorável boca grande...

Lorde Ramsgate ergueu os olhos e mexeu as sobrancelhas.

– Um homem poderia se acostumar com um rosto daqueles no travesseiro ao lado.

Hugh sentiu o sangue ferver nas veias.

– Cale a boca. *Agora.*

O marquês fingiu compreensão.

– Posso ver que você não quer discutir seus assuntos pessoais.

– Estou tentando me lembrar de quando isso o impediu de fazê-lo.

– Ah, mas se você for se casar, a escolha da noiva também será assunto meu.

Hugh se levantou de um pulo.

– Seu filho da...

– Ah, pare com isso – disse o pai, rindo. – Não estou falando sobre *aquilo*, embora agora eu ache que poderia ter sido um modo de contornar o problema de Freddie.

Ah, meu Deus. Hugh estava enojado. Não duvidava de que seu pai fosse capaz de forçar Freddie a se casar e depois violentasse a esposa dele.

Tudo em nome da dinastia.

Não, isso não funcionaria. Apesar do jeito tranquilo, Freddie nunca se permitiria ser forçado a um falso casamento. E mesmo que de algum modo...

Bem, Hugh sempre poderia impedi-lo. Tudo o que tinha que fazer era se casar. Dar ao pai um motivo para esperar que um herdeiro de Ramsgate estivesse próximo.

O que agora, finalmente, ficaria feliz em fazer.

Só que com uma mulher que já não o queria.

Por causa do pai.

A ironia disso tudo o estava matando.

– O dote dela é respeitável – disse o marquês, comentando a questão casualmente, como se Hugh não tivesse se levantado com um olhar assassino. – Por favor, sente-se. É difícil ter uma conversa racional com você inclinado para um lado dessa maneira.

Hugh respirou fundo, tentando se firmar. Estava poupando a perna. Nem mesmo percebera que fazia isso. Lentamente, sentou-se.

– Como eu estava dizendo – continuou o pai –, pedi ao meu advogado que verificasse essa questão, e é uma situação muito parecida com a minha com sua mãe. Os dotes dos Pleinsworths não são muito grandes, mas são grandes o suficiente, considerando a linhagem e as conexões de lady Sarah.

– Ela não é um cavalo.

Lorde Ramsgate esboçou um sorriso.

– Não?

– Vou matá-lo – rosnou Hugh.

– Não, não vai.

O marquês pegou outra fatia de pão.

– E você realmente deveria comer alguma coisa. Há mais do que eu...

– Quer parar de comer? – rugiu Hugh.

– Você está de mau humor hoje.

Hugh forçou sua voz a voltar a um tom normal.

– Conversas com meu pai geralmente têm esse efeito sobre mim.

– Acho que mereci essa.

Mais uma vez Hugh olhou para o pai, chocado. O velho estava admitindo que o filho o vencera? Nunca fazia isso, nem mesmo com algo tão pequeno, como uma troca de farpas.

– Pelos seus comentários – prosseguiu lorde Ramsgate –, só posso deduzir que ainda não pediu lady Sarah em casamento.

Hugh não disse nada.

– Meus espiões, como gostamos de chamá-los, me garantiram que ela seria receptiva a isso.

Hugh continuou sem dizer nada.

– Então só tenho uma pergunta.

Lorde Ramsgate mudou de posição, apoiando os cotovelos na mesa.

– O que posso fazer para ajudá-lo nisso?

– Fique fora da minha vida.

– Ah, mas eu não posso.

Hugh deixou escapar um suspiro exausto. Detestava demonstrar fraqueza na frente do pai, mas estava muito cansado.

– Por que não me deixa em paz?

– Precisa me fazer essa pergunta? – retorquiu o marquês, embora Hugh tivesse falado para si mesmo.

Hugh pôs uma das mãos na testa e apertou as têmporas.

– Freddie ainda poderia se casar – disse, agora mais por hábito do que qualquer outra coisa.

– Ah, pare com isso – rebateu o pai. – Ele não saberia o que fazer com uma mulher se ela lhe tirasse o pênis para fora e...

– Pare! – rugiu Hugh, quase derrubando a mesa ao se levantar de novo. – Cale a boca! Apenas cale a maldita boca!

O marquês pareceu quase perplexo com a explosão.

– É a mais pura verdade. Uma verdade comprovada, eu poderia acrescentar. Sabe quantas prostitutas eu...

– Sim – disparou Hugh. – Sei exatamente quantas prostitutas o senhor trancou no quarto com ele. Por causa do meu maldito cérebro. Não consigo parar de contar, lembra?

Lorde Ramsgate explodiu em uma gargalhada. Hugh o encarou, perguntando-se o que diabo poderia ser tão engraçado naquele momento.

– Eu também contei – confessou lorde Ramsgate, quase se dobrando de tanto rir.

– Eu sei – disse Hugh sem nenhuma emoção.

O quarto dele sempre fora ao lado do de Freddie. Ouvira tudo. Quando lorde Ramsgate levava as prostitutas para Freddie, ficava para assistir.

– Foi inútil – continuou lorde Ramsgate. – Achei que poderia ajudar. Estabelecer um ritmo, sabe?

– Ah, meu Deus! – Hugh quase gemeu. – Chega.

Ainda podia ouvir aquilo. Na maioria das vezes era apenas o pai, mas de vez em quando uma das mulheres entrava no espírito e participava também.

Lorde Ramsgate ainda estava rindo enquanto contava.

– Uma... – disse, fazendo um gesto obsceno para acompanhar a contagem. – Duas...

Hugh recuou. Uma lembrança surgiu em sua mente.

– Três...

O duelo. A contagem. Vinha tentando não se lembrar da voz do pai. Vinha tentando tanto apagar essa lembrança que se encolhera.

E puxara o gatilho.

Nunca tivera a intenção de atirar em Daniel. Apontara para o lado, mas então alguém começara a contar e subitamente Hugh voltara a ser um garoto, encolhido na cama ouvindo Freddie implorar ao pai que o deixasse em paz.

Freddie, que havia ensinado Hugh a nunca interferir.

A contagem não era apenas das prostitutas. Lorde Ramsgate gostava muito de sua bengala de mogno lindamente polida. E não via nenhum motivo para poupá-la quando os filhos o desagradavam.

Freddie sempre o desagradava. Lorde Ramsgate gostava de contar as bengaladas.

Hugh encarou o pai.

– Eu o odeio.

Lorde Ramsgate o encarou também.

– Eu sei.

– Vou embora.

O pai balançou a cabeça.

– Não vai, não.

Hugh se enrijeceu.

– O que...

– Eu não queria ter que fazer isso – disse o pai, quase se desculpando.

Quase.

Então ele chutou com a bota a perna lesada de Hugh.

Hugh urrou de dor ao cair. Sentiu o corpo se encolhendo, tentando conter a dor.

– Maldito! – exclamou, ofegante. – Por que fez isso?

Lorde Ramsgate se ajoelhou ao lado dele.

– Precisava que você ficasse.

– Vou matá-lo – murmurou Hugh, ainda ofegante de dor. – Com toda a certeza vou...

– Não – disse o pai, pondo um pano úmido e com cheiro adocicado no rosto dele –, não vai.

CAPÍTULO 19

Suíte do duque de York
Hospedaria Cervo Branco

Quando Hugh abriu os olhos, estava em uma cama. A perna doía intensamente.

– O que diabo...? – gemeu, estendendo a mão para massagear o músculo dolorido. Só que...

Inferno! O canalha o havia amarrado.

– Ah, você está acordado – falou seu pai. – Um pouco... entediado?

– Vou matá-lo – rosnou Hugh.

Ele se contorceu até ver o marquês sentado em uma cadeira no canto, observando-o por cima de um jornal.

– É possível – disse lorde Ramsgate. – Mas não hoje.

Hugh se contorceu de novo. E de novo, mas tudo o que conseguiu foi um pulso esfolado e uma forte vertigem. Fechou os olhos por um momento, tentando recuperar o equilíbrio.

– Qual é o motivo disso tudo?

Lorde Ramsgate fingiu pensar.

– Estou preocupado.

– Com o quê? – perguntou Hugh por entre os dentes.

– Temo que você esteja indo muito devagar com a adorável lady Sarah. Quem sabe quando encontraremos outra mulher disposta a tolerar – ele franziu o rosto em desagrado – você.

Hugh não registrou o insulto. Estava acostumado com farpas desse tipo e, em algum momento, começara a sentir orgulho delas. Mas o comentário sobre estar indo "muito devagar" o incomodou.

– Conheço lady Sarah – *pelo menos nesta encarnação,* pensou – há apenas duas semanas.

– Só? Pareceu-me um pouco mais. Talvez tenha sido pela ansiedade da espera, eu acho.

Hugh afundou na cama. O mundo estava claramente de cabeça para baixo. Seu pai, que em geral vociferava enquanto Hugh mantinha uma atitude distante e desdenhosa, o olhava com nada mais que sobrancelhas erguidas. Hugh, por outro lado, estava pronto para cuspir pregos.

– Eu esperava que a esta altura você tivesse ido mais longe em sua corte – disse lorde Ramsgate, parando para virar uma página do jornal. – Quando foi mesmo que tudo isso começou? Ah, sim, naquela noite em Fensmore. Com lady Danbury. Deus, ela é uma velha coroca.

Hugh se sentiu mal.

– Como sabe disso?

Lorde Ramsgate ergueu a mão e esfregou os dedos.

– Tenho pessoas a meu serviço.

– Quem?

O marquês inclinou a cabeça, como se refletisse sobre a conveniência de fornecer essa informação. Então encolheu os ombros e contou.

– Seu criado pessoal. Posso muito bem lhe dizer. Você iria imaginar mesmo.

Hugh olhou para o teto, pasmo.

– Ele está comigo há dois anos.

– Qualquer um pode ser subornado.

Lorde Ramsgate abaixou o jornal e espiou por cima do papel.

– Não lhe ensinei nada?

Hugh respirou fundo e tentou permanecer calmo.

– Precisa me soltar agora.

– Ainda não.

O marquês ergueu o jornal de novo.

– Ah, maldição, isto não foi passado a ferro!

Ele voltou a abaixar o jornal e examinou, irritado, as mãos, agora manchadas de tinta preta.

– Odeio viajar.

– Preciso voltar para Whipple Hill – disse Hugh com a voz mais moderada possível.

– É mesmo? – falou o marquês, sorrindo. – Porque eu soube que você ia embora de lá.

Hugh cerrou o punho. Seu pai estava bem informado.

– Recebi um bilhete de seu criado pessoal enquanto você estava indisposto – continuou lorde Ramsgate. – Ele escreveu que você tinha lhe pedido que arrumasse suas coisas. Devo dizer que isso me preocupa.

Hugh tentou se soltar das amarras, mas elas não se afrouxaram nem um milímetro. O pai claramente sabia dar nós.

– Espero que isso não demore muito.

Lorde Ramsgate se levantou, andou até uma pequena bacia e mergulhou as mãos. Pegou um pequeno pano branco, olhou para Hugh por cima do ombro e disse:

– Só estamos esperando pela chegada da adorável lady Sarah.

Hugh olhou boquiaberto para o pai.

– O que disse?

O marquês enxugou as mãos com meticulosa precisão e depois pegou o relógio de bolso e o abriu.

– Creio que será em breve.

Ele olhou para Hugh com uma expressão irritantemente calma.

– A esta altura, ela já foi informada de seu paradeiro.

– Por que diabo está tão certo de que ela virá? – rosnou Hugh.

Soou desesperado ao fazer a pergunta. Pôde ouvir isso na própria voz, o que o aterrorizou ainda mais.

– Não estou – respondeu o pai. – Mas é o que espero.

Ele encarou Hugh.

– Você também deveria esperar. Só Deus sabe por quanto tempo ficará preso nesta cama se ela não vier.

Hugh fechou os olhos e gemeu. Como podia ter deixado o pai levar a melhor sobre ele?

– O que havia naquele pano? – perguntou.

Ainda se sentia zonzo. E cansado, como se tivesse corrido quilômetros sem parar. Não, não era isso. Não estava ofegante, só...

Seus pulmões pareciam ocos. Esvaziados. Não sabia como explicar isso de outra forma.

Hugh repetiu a pergunta, a impaciência elevando-lhe a voz.

– O que havia naquele pano?

– Hein? Ah, isso. Óleo doce de vitríolo. Inteligente, não?

Hugh piscou para afastar os pontos que ainda flutuavam diante de seus olhos. *Inteligente* não era bem a palavra que ele teria escolhido.

– Ela não virá à Cervo Branco – disse Hugh, tentando manter a voz desdenhosa. Sarcástica. Qualquer coisa que pudesse levar o pai a duvidar da eficácia do plano.

– É claro que virá – rebateu lorde Ramsgate. – Ela ama você, embora só Deus saiba por quê.

– Sua ternura paternal nunca deixa de me surpreender.

Hugh puxou levemente as amarras para ilustrar o que dizia.

– Você não iria atrás dela se ela tivesse fugido para uma hospedaria?

– Isso é diferente – disparou Hugh.

Lorde Ramsgate apenas sorriu.

– Sabe que há inúmeros motivos para isso não dar certo – insinuou Hugh, tentando parecer razoável.

O pai olhou para ele com ar cético.

– Por exemplo, está chovendo muito – improvisou Hugh, tentando apontar com a cabeça para a janela. – Seria loucura sair com um tempo desses.

– Você saiu.

– O senhor não me deixou muita escolha – falou Hugh com voz firme. – Além disso, Sarah não tem nenhum motivo para se preocupar com o fato de eu ter vindo aqui vê-lo.

– Ora, vamos. Nossa aversão mútua não é nenhum segredo. Ouso dizer que, a esta altura, todos sabem dela.

– De nossa aversão mútua, sim – disse Hugh, consciente de que suas palavras estavam saindo rápido demais dos lábios. – Mas ela não sabe o nível de nossa animosidade.

– Não contou a lady Sarah do nosso – lorde Ramsgate o fitou sarcasticamente – contrato?

– Claro que não – mentiu Hugh. – Acha que ela aceitaria meu pedido se soubesse?

O marquês pensou nisso por um momento e então disse:

– Mais um motivo para eu realizar meu plano.

– Qual?

– Garantir seu casamento, é claro.

– Amarrando-me em uma *cama*?

O pai sorriu, presunçoso.

– E permitindo que seja ela a libertá-lo.

– Está louco – sussurrou Hugh, mas, para seu horror, sentiu algo se mexendo na própria virilha.

A ideia de Sarah curvada, arrastando-se sobre ele para alcançar o nó na coluna da cama...

Ele fechou os olhos com força, tentando pensar em tartarugas, olhos de peixe e no vigário gordo do vilarejo onde havia crescido. Tudo, menos Sarah.

– Pensei que você fosse ficar grato – disse lorde Ramsgate. – Não é ela que você quer?

– Não assim – resmungou Hugh por entre os dentes.

– Deixarei vocês dois trancados aqui por pelo menos uma hora – continuou o pai. – Ela ficará comprometida independentemente de você cometer o ato ou não.

Lorde Ramsgate se inclinou e olhou de soslaio para o filho.

– Tudo ficará bem. Você terá o que quer e eu terei o que quero.

– E quanto ao que *ela* quer?

Lorde Ramsgate arqueou uma sobrancelha, inclinou a cabeça para o lado e depois deu de ombros. Aparentemente, seria o único instante que dedicaria aos sonhos e esperanças de Sarah.

– Ela ficará grata – concluiu.

Ia dizer algo mais, mas então parou e inclinou a cabeça de modo a apontar a orelha para a porta.

– Acho que ela chegou – murmurou.

Hugh não ouviu nada, mas de fato um instante depois houve uma batida insistente à porta.

Ele se debateu furiosamente em suas amarras. Queria Sarah Pleinsworth. Ah, Deus, queria aquela mulher com todo o seu ser. Queria ficar com Sarah diante de Deus e dos homens, deslizar uma aliança pelo dedo dela e lhe jurar devoção eterna. Queria levá-la para a cama e, com seu corpo, mostrar-lhe tudo o que estava em seu coração. E queria acalentá-la quando ela carregasse o peso do filho deles.

Mas somente se Sarah também quisesse tudo isso. Nunca a forçaria a nada.

– Isso é tão empolgante! – disse lorde Ramsgate, seu tom irônico perfeitamente calibrado para irritar Hugh. – Meu caro, sinto-me como um colegial.

– Não toque nela – rosnou Hugh. – Por Deus, se encostar a mão nela...

– Ora, ora – disse o pai. – Lady Sarah será a mãe dos meus netos. Eu nunca ousaria machucá-la.

– Não faça isso! – alertou Hugh, sua voz falhando antes que ele conseguisse acrescentar: – *por favor*.

Não queria implorar. Não achava que tinha estômago para isso, mas *por Sarah* o faria. Ela não queria se casar com ele; isso havia ficado claro depois de tudo o que acontecera com Daniel mais cedo naquela manhã. Se ela entrasse no quarto, lorde Ramsgate a trancaria e selaria seu destino. Hugh obteria a mão da mulher que amava, mas a que custo?

– Pai – disse Hugh, e seus olhos se encontraram, chocados.

Nenhum deles se lembrava da última vez em que Hugh o chamara de algo mais que *senhor*.

– Eu lhe imploro, *não faça isso*.

Mas lorde Ramsgate apenas esfregou as mãos alegremente e foi até a porta.

– Quem é? – perguntou.

A voz de Sarah veio através da porta.

Hugh fechou os olhos, angustiado. Aquilo de fato aconteceria. Não tinha como impedi-lo.

– Lady Sarah – disse lorde Ramsgate no momento em que abriu a porta. – Nós a estávamos esperando.

Hugh se virou e se forçou a olhar para a porta, mas o pai ainda bloqueava sua visão.

– Estou aqui para ver lorde Hugh – anunciou Sarah na voz mais fria que Hugh já ouvira. – Seu filho.

– Não entre, Sarah – berrou Hugh.

– Hugh? – disse ela, com pânico na voz.

Hugh se debateu. Sabia que não conseguiria se libertar, mas não podia simplesmente ficar deitado como um inútil.

– Ah, meu Deus. O que fez com ele? – gritou Sarah, empurrando lorde Ramsgate com força suficiente para arremessá-lo contra o batente da porta.

Estava ensopada, com os cabelos colados no rosto e a bainha do vestido enlameada e rasgada.

– Apenas o deixei pronto para você, minha cara – declarou lorde Ramsgate com uma risada.

E então, antes que Sarah conseguisse pronunciar uma palavra, o marquês saiu do quarto batendo a porta.

– Hugh, o que aconteceu? – perguntou Sarah, correndo para o lado dele. – Ah, meu Deus, ele o amarrou na cama. Por que faria uma coisa dessas?

– A porta – Hugh praticamente gritou. – Verifique a porta.

– A porta? Mas...

– *Faça isso.*

Ela arregalou os olhos, mas fez o que ele pediu.

– Está trancada – informou Sarah, virando-se para olhar para ele.

Hugh praguejou furiosamente para si mesmo.

– O que está acontecendo?

Sarah correu de volta para a cama, indo imediatamente para as amarras nos tornozelos de Hugh.

– Por que ele o amarrou na cama? Por que você veio vê-lo?

– Quando meu pai faz uma intimação – disse Hugh em uma voz tensa –, não a ignoro.

– Mas você...

– Principalmente na véspera do casamento de seu primo.

– Claro – concluiu ela, os olhos transparecendo compreensão.

– Quanto às amarras – acrescentou Hugh com a voz cheia de raiva –, foram por sua causa.

– O quê? – indagou Sarah, boquiaberta. E depois: – Ah, maldição, ai! – resmungou e enfiou o indicador na boca. – Quebrei minha unha. Esses nós são monstruosos. Como ele conseguiu apertá-los tanto?

– Eu não tive chance de lutar – explicou Hugh, sem conseguir afastar da voz o ódio de si mesmo.

Sarah fitou o rosto dele.

Mas Hugh olhou para o outro lado, incapaz de encará-la ao dizer:

– Ele fez isso enquanto eu estava inconsciente.

Os lábios de Sarah sussurraram algo, mas Hugh não entendeu se eram palavras ou apenas um som.

– Óleo doce de vitríolo – disse ele em uma voz monótona.

Sarah balançou a cabeça.

– Não sei...

– Quando um pano encharcado com esse óleo é pressionado contra o rosto de uma pessoa, pode deixá-la inconsciente – explicou Hugh. – Tinha

lido sobre isso, mas foi a primeira vez que tive o prazer de prová-lo.

– Mas por que ele faria uma coisa dessas?

Seria uma pergunta sensata se eles estivessem falando de alguém que não fosse o pai de Hugh. Hugh fechou os olhos por um momento, totalmente mortificado com o que seria forçado a revelar.

– Meu pai acredita que, se ficarmos trancados no quarto juntos, você estará comprometida.

Ela ficou em silêncio.

– E, assim, forçada a se casar comigo – acrescentou Hugh, não que achasse que isso não estava claro.

Sarah ficou paralisada, continuando a olhar para o nó que tanto tentara desfazer. Hugh sentiu algo pesado e sombrio se instalar no coração.

– Não sei bem por quê – finalmente disse ela.

A voz dela saiu lenta e muito cautelosa, como se Sarah temesse que a palavra errada pudesse provocar uma avalanche de acontecimentos desagradáveis.

Hugh não tinha a menor ideia de como responder a isso. Ambos conheciam as regras que governavam a sociedade. Eles seriam descobertos juntos em um quarto com uma cama e Sarah teria duas escolhas: casamento ou ruína. E, apesar de tudo o que ela soubera sobre ele naquela manhã, Hugh acreditava ainda ser a melhor opção disponível.

– Você não poderia me comprometer estando amarrado na cama – disse Sarah, ainda sem olhar para ele.

Hugh engoliu em seco. Seus gostos nunca tinham ido nessa direção, mas agora era impossível não pensar em todos os modos pelos quais ela poderia ser comprometida com ele amarrado em uma cama.

Sarah mordeu o lábio inferior e sugeriu:

– Talvez eu simplesmente devesse deixá-lo assim.

– Deixar-me... assim?

– Bem, sim.

Ela franziu a testa, levando uma das mãos à boca em um gesto de preocupação.

– Dessa forma, quando alguém chegar, e chegará... Daniel não deve estar muito longe... ele verá que nada poderia ter acontecido.

– Seu primo sabe que você está aqui?

Sarah assentiu.

– Honoria insistiu em contar a ele. Mas eu pensei... seu pai... eu não queria...

Ela afastou os cabelos molhados dos olhos.

– Pensei que, se eu chegasse aqui primeiro, poderia... sei lá, acalmar tudo.

Hugh gemeu.

– Eu sei – disse ela, a expressão em seus olhos combinando com o sorriso amargo dele. – Não esperava...

– Isto? – completou Hugh para ela.

Teria apontado sarcasticamente para si mesmo se não estivesse com as mãos bem amarradas nas colunas da cama.

– A coisa vai fica feia quando Daniel chegar – sussurrou Sarah.

Hugh não se deu ao trabalho de confirmar.

– Sei que você disse que seu pai não vai machucar meu primo, mas...

Ela se virou abruptamente, os olhos iluminados por uma ideia.

– Adiantaria alguma coisa se eu esmurrasse a porta? Eu poderia gritar por ajuda. Se alguém chegasse antes de Daniel...

Hugh balançou a cabeça.

– Isso dará a ele exatamente o que quer. Uma testemunha de sua suposta ruína.

– Mas você está amarrado na cama!

– Creio que não lhe ocorreu que alguém poderia deduzir que *você* me amarrou.

Sarah ficou boquiaberta.

– Exatamente.

Ela deu um pulo para longe da cama, como se a madeira pudesse queimá-la.

– Mas isso... isso é...

Dessa vez ele decidiu não completar a frase dela.

– Ah, meu Deus!

Hugh tentou não notar o horror na expressão dela. Maldição! Se Sarah não havia ficado totalmente revoltada com ele depois das revelações daquela manhã, certamente agora estava. Hugh deixou escapar um suspiro trêmulo.

– Vou dar um jeito – disse ele, embora não fizesse ideia de como poderia cumprir essa promessa. – Você não terá que... vou dar um jeito.

Sarah olhou para cima. Os olhos dela estavam fixos na parede, e Hugh pôde ver seu rosto de perfil. Ela estava com uma expressão rígida, desconfortável.

– Se explicarmos para Daniel...

Sarah engoliu em seco e Hugh seguiu o leve movimento descendente no pescoço dela. Ele a tinha beijado ali uma vez. Mais de uma vez. Tinha gosto de limão e sal, cheiro de mulher. Ele ficara tão excitado que temera passar vergonha.

E agora ali estava ele, com esse mesmo sonho lhe sendo entregue de bandeja, e tudo em que conseguia pensar era que precisava encontrar um modo de impedir isso. O que mais queria era ser marido de Sarah, mas não conseguiria viver consigo mesmo se ela fosse forçada a se casar.

– Acho que ele entenderá – disse Sarah, hesitante. – E não forçará nada. Não quero...

Ela desviou os olhos totalmente, e Hugh não pôde ver o rosto dela.

– Não quero que ninguém se sinta obrigado... – começou Sarah.

Ela não terminou. Hugh assentiu, pensando em como interpretar as palavras dela. Havia planejado pedi-la em casamento e Sarah sabia disso. Aquele era o modo dela de sugerir que não pedisse? Depois de tudo o que acontecera, ainda tentava poupá-lo da humilhação.

– Claro que não – disse Hugh finalmente.

Três palavras sem sentido, ditas apenas para preencher o silêncio. Não sabia mais o que fazer.

Ela mordeu o lábio de novo e ele observou a língua umedecendo suavemente o ponto onde os dentes haviam estado. Isso bastou para que seu corpo se incendiasse. Era a reação mais imprópria que se poderia imaginar, mas ele não conseguia parar de pensar em deslizar a língua pelo lábio de Sarah no ponto sensível. Então a moveria para baixo, para a curva do pescoço dela e...

– Por favor, solte-me – praticamente gemeu.

– Mas...

– Não consigo sentir minhas mãos – disse ele, usando a primeira desculpa em que pôde pensar.

Isso não era nem de longe verdade, mas seu corpo estava reagindo a Sarah e, caso não se libertasse logo, não haveria como esconder seu desejo.

Sarah hesitou, mas apenas por um momento. Foi na direção da cabeceira da cama e começou a desatar o nó do pulso direito.

– Acha que ele está do lado de fora da porta? – sussurrou ela.

– Sem dúvida.

O rosto de Sarah se contorceu de nojo.

– Isso é...

– Doentio? – completou Hugh. – Bem-vinda à minha infância.

Lamentou as palavras no momento em que as disse. Os olhos de Sarah se encheram de pena e ele sentiu a bile subindo pela garganta. Não queria a compaixão dela, nem da sua perna, nem da sua infância, nem de nenhum dos modos pelos quais não poderia protegê-la. Só queria ser um *homem* e que ela soubesse que era, que o *sentisse.* Queria pairar sobre Sarah na cama sem nada entre eles além de calor e queria que ela soubesse que fora escolhida, que era dele e que nenhum outro homem jamais conheceria sua pele quente e sedosa.

Mas era um tolo. Sarah merecia alguém que pudesse protegê-la, não um aleijado que fora tão facilmente vencido. Chutado, drogado e amarrado a uma cama. Como ela poderia respeitá-lo depois disso?

– Acho que consegui soltar este – declarou Sarah, puxando com força a corda. – Espere, espere... Pronto!

– Um quarto do caminho – comentou Hugh, tentando inútil e desesperadamente parecer alegre.

– Hugh – falou Sarah, e ele não soube dizer se isso antecedia uma afirmação ou uma pergunta.

E nunca descobriria. Houve uma comoção terrível no corredor, seguida de um gemido de dor e de uma série de imprecações proferidas em voz alta.

– Daniel – disse Sarah com um leve estremecimento.

E eu estou aqui, pensou Hugh desgraçadamente, *ainda amarrado à maldita cama.*

CAPÍTULO 20

Sarah mal teve tempo de levantar os olhos antes que a porta se abrisse de supetão e o som da madeira se partindo reverberasse no ar, as farpas voando ao redor da fechadura inutilizada.

– Daniel! – gritou ela, sem saber por que soava surpresa.

– Que *diabos...!*

Mas o grito de Daniel foi interrompido pelo marquês de Ramsgate, que surgiu correndo do salão, passou pela porta arrombada e se jogou nas costas de Daniel.

– Saia de cima de mim, seu maldito...

Sarah tentou se colocar entre eles, mas Hugh a puxou de volta com a mão que ela libertara fazia tão pouco tempo. Sarah se soltou dele e correu na direção do primo, mas logo foi derrubada na cama pelo ombro de lorde Ramsgate, enquanto Daniel girava com o homem, tentando arrancá-lo das costas.

– Sarah! – gritou Hugh.

Ele forçava tanto as amarras restantes que a cama começou a se mover pelo piso.

Sarah ficou de pé, cambaleante. Hugh girou o braço em um arco fora do normal e agarrou a saia encharcada dela.

– Solte-me – rosnou Sarah, caindo de volta na cama.

Hugh passou o braço ao redor dela, os dedos ainda segurando a saia como se nunca mais fossem soltá-la.

– Nem morto.

Enquanto isso, Daniel, que não conseguira arrancar lorde Ramsgate das costas, agora batia o corpo do homem contra a parede.

– Seu louco desgraçado – grunhiu. – Solte-me!

Sarah agarrou a saia e começou a puxá-la na direção oposta.

– Ele vai matar o seu pai.

Os olhos de Hugh encontraram os dela com um desdém frio.

– Deixe-o.

– Ah, você gostaria disso, não é mesmo? Daniel seria enforcado!

– Não se houver apenas nós dois como testemunhas – retrucou Hugh.

Sarah arquejou e puxou mais uma vez a saia, mas Hugh a segurava com uma força impressionante. Ela tentou girar para escapar do alcance dele, e foi quando viu o rosto de Daniel ficando assustadoramente roxo.

– Ele está sufocando! – berrou ela.

Hugh deve ter levantado os olhos para conferir, porque soltou a saia dela tão de repente que Sarah saiu escorregando pelo quarto, mal conseguindo manter o equilíbrio.

– Largue-o! – gritou ela, agarrando a camisa de lorde Ramsgate.

Sarah olhou ao redor em busca de alguma coisa – qualquer coisa – com que pudesse bater na cabeça dele. A única cadeira era pesada demais para ser erguida. Assim, depois de uma rápida prece, ela cerrou o punho e bateu com força.

– Ai! – Sarah uivou de dor e balançou o punho.

Ninguém lhe contara que dar um murro no rosto de um homem *doía*.

– Jesus Cristo, Sarah!

Era Daniel, arquejando em busca de ar e com a mão no olho.

Ela socara o homem errado.

– Ah, desculpe! – disse Sarah com um gritinho.

Mas ao menos ela desequilibrara a torre humana. Lorde Ramsgate fora forçado a soltar o pescoço de Daniel, já que os dois homens caíram no chão.

– Vou matá-lo – grunhiu o marquês, arrastando-se de volta para cima de Daniel, que não estava em condições de se defender.

– Pare – ordenou Sarah com a voz ríspida, pisando com força na mão de lorde Ramsgate. – Se matar Daniel, estará matando Hugh.

Lorde Ramsgate a fitou, e ela não soube dizer se ele estava confuso ou furioso.

– Eu menti – veio a voz de Hugh de cima da cama. – Contei a ela sobre a nossa barganha.

– Já parou para pensar sobre isso? – quis saber Sarah. Porque já estava farta daqueles homens. – Parou?

Lorde Ramsgate ergueu a mão – a que não estava sendo esmagada pela bota de Sarah – em um gesto de súplica. Lentamente, Sarah retirou o peso de cima da mão em que pisava, sem tirar os olhos do marquês, até ele ter se afastado vários metros de Daniel.

– Você está bem? – perguntou ela a Daniel retoricamente.

A pele embaixo do olho dele estava ficando roxa. O primo não estaria com a melhor das aparências no próprio casamento.

Ele grunhiu em resposta.

– Ótimo – disse Sarah, decidindo que o grunhido parecia saudável o bastante. Até que lhe ocorreu: – Onde estão Marcus e Honoria?

– Em algum lugar atrás de mim, em uma carruagem – respondeu ele, furioso. – Vim a cavalo.

É claro, pensou Sarah. Não sabia por que não lhe ocorrera que ele insistiria em ir a cavalo atrás dela depois que descobrisse que ela partira sem eles.

– Acho que você quebrou a minha mão – resmungou lorde Ramsgate em um gemido.

– Não está quebrada – disse Sarah, hesitante. – Eu teria ouvido o estalo.

De cima da cama, Hugh deixou escapar uma risada abafada. Sarah o encarou, carrancuda. Aquilo não era engraçado. Nada daquilo era engraçado. E, se não conseguia perceber isso, ele não era o homem que pensara ser. Humor mórbido só é aceitável quando a pessoa *não* está em uma situação mórbida.

Sarah se virou rapidamente para o primo.

– Tem uma faca?

Daniel arregalou os olhos.

– Para as amarras dele – esclareceu ela.

– Ah.

Daniel enfiou a mão na bota e pegou uma pequena adaga. Sarah a pegou com certa surpresa.

– Na Itália, adquiri o hábito de andar com uma arma – explicou Daniel em uma voz sem expressão.

Sarah assentiu. Claro que ele teria feito isso. Tinha sido na época em que lorde Ramsgate mandara assassinos para caçá-lo.

– Não se mova – disse ela para o marquês, em tom ríspido, e atravessou o quarto até onde Hugh estava. – Eu recomendaria que você

também não se mexesse.

Ela foi até o outro lado da cama, para cortar a corda que imobilizava a mão esquerda dele. Sarah estava no meio do trabalho quando viu lorde Ramsgate começar a se levantar.

– Ei, ei, ei! – gritou, apontando a faca na direção dele. – De volta para o chão.

Ele obedeceu.

– Você está me apavorando – murmurou Hugh. Mas soou como um elogio.

– Você poderia ter sido morto – sibilou ela.

– Não – retrucou ele, os olhos sérios. – Sou o único em quem ele nunca tocaria, lembra-se?

Sarah entreabriu os lábios, mas o que quer que estivesse prestes a dizer evaporou quando a mente dela começou a girar.

– Sarah? – chamou Hugh, preocupado.

Ele não era o único, ela se deu conta. *Ele não era o único*.

A última amarra foi cortada, e Hugh puxou o braço para o lado do corpo, gemendo enquanto massageava os músculos doloridos do ombro.

– Você mesmo pode soltar seus tornozelos – disse Sarah, mal se lembrando de entregar a faca pelo punho quando a passou para ele.

Ela voltou para onde estava lorde Ramsgate.

– Levante-se – ordenou.

– Você acabou de me mandar sentar – retrucou ele em um tom arrastado.

A voz de Sarah se transformou em um grunhido ameaçador.

– O senhor não vai querer discutir comigo agora.

– Sarah – arriscou Hugh.

– Quieto! – disse Sarah, ainda ríspida, sem nem sequer se dar ao trabalho de se virar.

Lorde Ramsgate ficou de pé e Sarah caminhou na direção dele, obrigando-o a colar as costas na parede.

– Quero que me escute com muita atenção, lorde Ramsgate, porque só vou falar uma vez. Vou me casar com seu filho e, em troca, o senhor vai jurar que deixará meu primo em paz.

Lorde Ramsgate abriu a boca para falar, mas Sarah ainda não havia terminado.

– Além disso, o senhor não vai tentar entrar em contato comigo nem com qualquer membro da minha família... e isso inclui lorde Hugh e os filhos que possamos vir a ter.

– Agora, veja bem...

– O senhor *quer* que eu me case com ele? – interrompeu-o Sarah em um tom de voz alto.

O rosto de lorde Ramsgate ficou vermelho de raiva.

– O que a senhorita acha...

– Hugh? – chamou Sarah, estendendo a mão atrás do corpo. – A faca.

Ele provavelmente já libertara os pés, porque, quando falou, estava bem mais perto, e não na cama. Ela se virou para olhar e o viu parado alguns metros às suas costas.

– Não acho que seja uma boa ideia, Sarah – disse Hugh.

Ele provavelmente estava certo, maldição. Ela não tinha ideia de que diabos a possuíra, mas estava com tanta raiva naquele momento que quase poderia esganar lorde Ramsgate com as próprias mãos.

– O senhor quer um herdeiro? – grunhiu Sarah. – Ótimo. Eu lhe darei um ou morrerei tentando.

Hugh pigarreou, provavelmente numa tentativa de lembrar a ela que toda a confusão daquele dia começara com a ameaça de morte *dele*.

– Também não quero ouvir nem uma palavra da sua parte – disse ela, furiosa, virando-se para apontar um dedo irritado na direção de Hugh.

Ele permanecia a apenas alguns metros de distância, segurando frouxamente a bengala.

– Estou cansada de você, de você e dele... – Sarah virou a cabeça na direção de Daniel, que ainda estava sentado com as costas apoiadas na parede e, a mão protegendo o olho que rapidamente ficava preto –... tentarem resolver as coisas. Vocês são uns inúteis, todos vocês. Já se passaram três anos, e o único modo como *você* conseguiu manter a paz foi ameaçando se matar.

Ela virou o corpo para voltar a encarar Hugh, os olhos perigosamente semicerrados.

– O que não fará – ressaltou.

Hugh ficou encarando-a até perceber que deveria falar alguma coisa.

– Não farei.

– Lady Sarah – disse lorde Ramsgate –, preciso lhe dizer...

– Cale-se – ordenou ela. – Disseram-me, lorde Ramsgate, que o senhor deseja um herdeiro. Ou melhor: um herdeiro além dos dois que já tem.

O marquês assentiu brevemente.

– E, na verdade, está tão ansioso por esse herdeiro que lorde Hugh conseguiu barganhar pela segurança do meu primo com a própria vida.

– Foi uma barganha profana – retrucou lorde Ramsgate, com raiva.

– Nisso estamos de acordo – afirmou Sarah –, mas acho que o senhor se esqueceu de um detalhe importante. Se, na verdade, tudo o que lhe importa é a procriação, a vida de lorde Hugh não vale nada sem a minha.

– Ah, então agora a senhorita me dirá que também vai ameaçar se suicidar.

– Nem pensar – retrucou Sarah, com um risinho de desprezo. – Mas pense no seguinte, lorde Ramsgate. O único modo de o senhor conseguir seu precioso neto é se eu e seu filho permanecermos saudáveis e felizes. E, veja bem, se o senhor me fizer infeliz de qualquer maneira, manterei seu filho longe da minha cama.

Houve um longo momento de silêncio, para a satisfação de Sarah.

Lorde Ramsgate falou, por fim, em um tom zombeteiro.

– Ele será seu senhor e mestre. Não vai poder mantê-lo longe de lugar algum.

Hugh pigarreou.

– Eu não sonharia em contrariar os desejos dela – murmurou.

– Seu inútil...

– O senhor está me deixando infeliz, lorde Ramsgate – avisou Sarah.

O marquês bufou, furioso, e Sarah percebeu que levara a melhor sobre o futuro sogro.

– Se meu primo vier a sofrer qualquer prejuízo físico permanente – alertou ela –, eu juro que caçarei o senhor onde estiver e o destruirei com as minhas próprias mãos.

– Eu acreditaria na palavra dela – ressaltou Daniel, ainda apalpando com cuidado a área ao redor do olho.

Sarah cruzou os braços.

– Todos nós estamos de acordo com esses termos?

– Eu com certeza estou – declarou Daniel.

Sarah o ignorou e se aproximou mais de lorde Ramsgate.

– Estou certa de que o senhor vai chegar à conclusão de que é a solução mais benéfica para todas as partes envolvidas. O senhor conseguirá o que

deseja, um eventual herdeiro para Ramsgate. E eu conseguirei o que quero, paz para a minha família. E Hugh...

Ela se interrompeu bruscamente, enquanto se forçava a engolir a bile que ameaçava subir pela garganta.

– Ora, Hugh não terá que se matar.

Lorde Ramsgate se manteve anormalmente imóvel. Por fim, disse:

– Se a senhorita concordar em se casar com o meu filho e em não expulsá-lo de sua cama... e espero que acredite em mim quando digo que terei espiões em sua casa e *saberei* se não está cumprindo a sua parte do trato... então deixarei seu primo em paz.

– Para sempre – acrescentou Sarah.

Lorde Ramsgate deu um aceno de concordância rápido e mal-humorado.

– E não tentará entrar em contato com os meus filhos.

– Não posso concordar com isso.

– Muito bem – aquiesceu Sarah, já que nunca esperara vencer nesse ponto. – Permitirei que os veja, mas apenas na minha presença ou na do pai das crianças, em hora e local da nossa escolha.

Lorde Ramsgate balançou a cabeça com raiva, mas declarou:

– A senhorita tem a minha palavra.

Sarah se virou e olhou para Hugh em busca de confirmação.

– Nisso, você pode confiar nele – disse Hugh em voz baixa. – Apesar de toda a crueldade, ele não quebra promessas.

Então, Daniel acrescentou:

– Por tudo o que sei, ele não mente.

Sarah encarou o primo horrorizada.

– Ele disse que iria tentar me matar e foi o que fez – continuou ele.

– Esse é o seu endosso? – indagou ela, pasma.

Daniel deu de ombros.

– E depois ele disse que *não iria* tentar me matar e, até onde eu sei, não tentou.

– Com quanta força você bateu nele? – perguntou Hugh.

Sarah abaixou os olhos para as próprias mãos. Os nós dos dedos estavam ficando roxos. Santo Deus, o casamento do primo seria dali a dois dias. Anne nunca a perdoaria.

– Valeu a pena – afirmou Daniel, balançando a mão perto do rosto.

A cabeça dele pendeu como a de um bêbado para o lado e ele levantou a sobrancelha na direção de Hugh.

– Ela conseguiu o que você e eu nunca conseguimos.

– E tudo o que ela teve que fazer foi se sacrificar – comentou lorde Ramsgate com um sorriso falso.

– Vou matá-lo – rosnou Hugh, e Sarah teve que se colocar na frente dele e forçá-lo a recuar.

– Volte para Londres – ordenou Sarah ao marquês. – Eu o verei no batizado de nosso primeiro filho, e nem um momento antes.

Lorde Ramsgate deu apenas uma risadinha.

– Está tudo claro? – quis saber ela.

– Como água, minha querida dama.

O marquês caminhou na direção da porta e se virou.

– Se tivesse nascido mais cedo – disse ele –, eu teria me casado com a senhorita.

– Seu *desgraçado*!

Sarah foi empurrada para o lado e Hugh se jogou na direção do pai. O punho dele acertou o rosto do marquês com um barulho terrível.

– Você não é digno de falar o nome dela! – sibilou Hugh enquanto permanecia parado ameaçadoramente sobre o pai, que caíra no chão com o nariz sangrando, provavelmente quebrado.

– E você é o melhor dos dois... – comentou lorde Ramsgate com um ligeiro estremecimento de repulsa. – Deus do céu, não sei o que fiz para merecer filhos assim.

– Nem eu – retrucou Hugh com amargura.

– Hugh – disse Sarah, pousando a mão no braço dele. – Afaste-se. Ele não vale o esforço.

Mas Hugh estava fora de si. Ele não afastou o braço, nem deu qualquer indicação de tê-la escutado. Inclinou-se, recuperou a bengala que havia caído no chão durante a briga, mas não tirou os olhos do rosto do pai.

– Se tocar nela – disse Hugh, a voz terrivelmente serena –, eu o matarei. Se disser uma palavra inconveniente, eu o matarei. Se ao menos *respirar* na direção errada, eu...

– Você me matará – completou o pai em um tom zombeteiro. E indicou a perna ruim de Hugh com a cabeça. – Continua achando que é capaz, seu aleijadinho estú...

Hugh se moveu como um raio, a bengala erguida à sua frente como uma espada. Ele era lindo em movimento, pensou Sarah. Era assim que havia sido... antes?

– Se incomodaria de repetir? – vociferou Hugh, pressionando a ponta da bengala contra a garganta do pai.

Sarah parou de respirar.

– Por favor – disse Hugh, em um tom que era ainda mais devastador por sua calma. – Fale mais.

Ele moveu a bengala pelo pescoço de lorde Ramsgate, diminuindo a pressão, mas sem perder o contato.

– Alguma coisa? – murmurou.

Sarah umedeceu os lábios enquanto o observava com cautela. Não saberia dizer se Hugh estava absolutamente controlado ou a um passo de ficar fora de si. Ela observou o peito dele subir e descer com as batidas do coração e ficou hipnotizada. Hugh Prentice era mais do que um homem naquele momento, era uma força da natureza.

– Solte-o – disse Daniel em um tom cauteloso, finalmente ficando de pé. – Ele não vale um passeio à forca.

Sarah fitou a ponta da bengala, ainda colada ao pescoço de lorde Ramsgate. Parecia estar pressionando com mais força, pensou ela. *Não, ele não iria*... Então, com um movimento muito rápido, a bengala foi jogada para o alto, saindo da mão de Hugh por um instante antes que ele voltasse a pegá-la e se afastasse. Ele estava poupando a perna lesionada, mas havia um toque de elegância em sua forma irregular de caminhar... era quase gracioso.

Ele ainda era belo em movimento. Bastava prestar atenção.

Sarah sentiu que finalmente soltava o ar. Não sabia quando fora a última vez que respirara. Observou em silêncio enquanto lorde Ramsgate ficava de pé e deixava o quarto. Então ficou encarando a porta aberta, como se à espera de que o marquês retornasse.

– Sarah?

Ao longe, ela pôde ouvir a voz de Hugh. Mas não conseguia afastar os olhos da porta. Além disso, suas mãos tremiam. Talvez seu corpo inteiro tremesse.

– Sarah, você está bem?

Não. Ela não estava.

– Deixe-me ajudá-la.

Sarah sentiu o braço de Hugh ao redor do seu ombro, e subitamente o tremor se intensificou, e suas pernas... O que estava acontecendo com as pernas dela? Escutou um som terrível, agudo e, quando tentou respirar, percebeu que fora ela que deixara escapar aquele gemido. Então, de repente, se viu nos braços de Hugh, e ele a carregava para a cama.

– Está tudo bem – disse ele. – Vai ficar tudo bem.

Mas Sarah não era tola. E não se sentia bem.

CAPÍTULO 21

Whipple Hill
Mais tarde, naquela noite

A mão de Hugh pairou no ar por um longo momento antes de dar uma batida rápida na porta. Ele não sabia que tipo de reorganização fora feita entre os hóspedes, mas Sarah tinha sido transferida para um quarto só para ela depois da volta deles a Whipple Hill. Honoria, que chegara à Cervo Branco com Marcus pouco após a partida de lorde Ramsgate, dera a desculpa de que Sarah havia machucado o tornozelo e precisava repousar. Se alguém se perguntou por que ela não poderia fazer isso no quarto que antes dividia com Harriet, a pessoa preferiu não se manifestar. Provavelmente, ninguém sequer percebera.

Hugh só não tinha ideia de como Daniel explicaria o olho roxo.

– Entre!

Era a voz de Honoria. Aquilo não foi surpresa, já que ela não saíra de perto de Sarah desde que retornaram.

– Estou atrapalhando? – perguntou Hugh, dando apenas dois passos para dentro do quarto.

– Não – respondeu Honoria, mas não se virou para fitá-lo.

Hugh só conseguia olhar para Sarah, que estava sentada na cama com uma montanha de travesseiros empilhados às costas. Ela usava a mesma camisola branca que... santo Deus, aquilo tudo tinha acontecido na noite anterior?

– Você não deveria estar aqui – comentou Honoria.

– Eu sei – retrucou ele, mas não fez menção de sair.

Sarah passou a língua nos lábios para umedecê-los.

– Estamos noivos agora, Honoria.

Honoria ergueu as sobrancelhas.

– Sei tão bem quanto qualquer um que isso não significa que ele deva vir ao seu quarto.

Hugh sustentou o olhar de Sarah. Aquela deveria ser uma decisão dela. Ele não a forçaria.

– Hoje foi um dia bastante incomum – comentou Sarah, em voz baixa. – E este momento dificilmente seria o mais escandaloso dele.

Ela parecia exausta. Hugh a abraçara durante todo o caminho para casa, até os soluços dela darem lugar a uma imobilidade que apavorara. Quando ele olhara nos olhos dela, estavam sem expressão.

Choque. Ele conhecia muito bem.

Mas Sarah parecia mais recuperada agora. Se não melhor, ao menos melhorando.

– Por favor – disse ele, dirigindo essa única expressão à prima dela.

Honoria hesitou por um momento, então se levantou.

– Muito bem – aquiesceu –, mas voltarei em dez minutos.

– Uma hora – disse Sarah.

– Mas...

– O que de pior pode acontecer? – indagou Sarah com uma expressão incrédula. – Poderíamos ser forçados a nos casar? Isso já está resolvido.

– Não é essa a questão.

– Então qual é a questão?

Honoria abriu a boca e logo voltou a fechá-la enquanto olhava de Sarah para Hugh e novamente para Sarah.

– Eu deveria ser sua acompanhante.

– Não acredito que essa tenha sido a palavra exata que saiu da boca de minha mãe quando ela esteve aqui mais cedo.

– Onde está sua mãe? – perguntou Hugh.

Não que ele estivesse planejando fazer qualquer avanço inconveniente, mas, como iria passar a hora seguinte sozinho com Sarah, era melhor saber onde estava a futura sogra.

– Jantando – respondeu Sarah.

Hugh passou os dedos pelo nariz.

– Nossa, já é tão tarde?

– Daniel contou que você também tirou um cochilo – revelou Honoria com um sorriso gentil.

Hugh assentiu com um movimento breve de cabeça. Ou talvez fosse um tremor. Ou mesmo um revirar de olhos. Ele se sentia tão abalado que

nem conseguia ter certeza. Quisera permanecer com Sarah quando haviam chegado de volta a Whipple Hill, mas até ele compreendera que tamanha liberdade não seria tolerada pelos primos dela. E, para ser mais preciso, estava tão exausto que tudo o que conseguiu fazer foi subir as escadas e se arrastar para a própria cama.

– Não o estão aguardando para o jantar – acrescentou Honoria. – Daniel disse... ahn, não sei o que ele disse, mas Daniel sempre foi ótimo em arrumar boas desculpas para essas coisas.

– E o olho dele? – quis saber Hugh.

– Ele disse que estava com o olho roxo quando conheceu Anne, portanto combinava perfeitamente que estivesse da mesma forma quando se casasse com ela.

Hugh piscou, confuso.

– E Anne aceitou bem isso?

– Posso lhe dizer honestamente que não tenho a menor ideia – respondeu Honoria em um tom prudente.

Sarah bufou e revirou os olhos.

– Mas – continuou Honoria, o sorriso voltando ao rosto enquanto ela ficava de pé – também posso lhe dizer honestamente que estou muito feliz por não estar presente quando ela o viu daquele jeito.

Hugh se afastou para o lado quando Honoria caminhou até a porta.

– Uma hora – disse ela, caminhando em direção ao corredor antes de completar: – É melhor trancar a porta.

Hugh a encarou, surpreso.

– O quê?

Honoria engoliu em seco, parecendo desconfortável, e o rosto dela mostrou um rubor revelador.

– Irão presumir que Sarah está descansando e que não deseja ser perturbada.

Hugh permaneceu encarando-a, agora em choque. Honoria estava lhe dando permissão para violar a prima?

Honoria levou apenas um instante para perceber o rumo que os pensamentos dele haviam tomado.

– Não quis dizer... Ah, pelo amor de Deus. Não imagino que nenhum de vocês esteja *em condições* de fazer alguma coisa.

Hugh relanceou o olhar para Sarah, que estava boquiaberta.

– Ora, vocês não vão querer que ninguém entre enquanto estiverem sozinhos – explicou Honoria, a pele agora da cor de um morango quase maduro.

Ela estreitou os olhos para Hugh.

– Você ficará apenas sentado na cadeira. Mas imóvel.

Hugh pigarreou.

– Imóvel.

– Ou seria altamente impróprio – declarou ela. E logo completou: – Estou indo agora.

E saiu apressada do quarto.

Hugh se virou novamente para Sarah.

– Isso foi constrangedor.

– É melhor você trancar a porta – lembrou Sarah. – Depois de tudo.

Ele estendeu a mão e virou a chave.

– Realmente.

No entanto, sem Honoria no quarto, eles não tinham um intermediário em que se apoiar para manter uma impressão de normalidade, portanto Hugh se viu parado perto da porta, como uma estátua em pose ruim, incapaz de se decidir para onde ir.

– O que quis dizer – perguntou Sarah de repente – quando falou que "existem homens que machucam mulheres"?

Hugh franziu o cenho.

– Desculpe, não sei...

– Na noite passada – interrompeu-o Sarah –, quando me encontrou, você estava muito aborrecido e disse algo sobre homens que machucam pessoas, homens que machucam *mulheres*.

Ele entreabriu os lábios, mas foi como se sua garganta se fechasse, impedindo a passagem de qualquer palavra. Como ela poderia não ter compreendido o que ele quisera dizer? Com certeza não era tão inocente assim. Sarah levara uma vida protegida, mas sabia o que acontecia entre um homem e uma mulher.

– Às vezes... – começou a falar Hugh lentamente, já que não previra aquela conversa – um homem pode...

– Por favor – interrompeu Sarah. – Sei que homens machucam mulheres, que fazem isso todo dia.

Hugh sentiu vontade de se encolher. Gostaria de ter ficado chocado com a declaração dela, mas não ficou. Era apenas a verdade.

– Você não estava falando de forma generalizada – continuou Sarah. – Pode ter pensado que estava, mas não estava. A quem se referia?

Hugh ficou muito quieto e, quando finalmente falou, não olhou para Sarah.

– A minha mãe. Sem dúvida você percebeu que meu pai não é um homem bom.

– Sinto muito.

– Ele a machucava *na cama* – disse Hugh e, subitamente, não se sentiu bem.

Percebeu o pescoço muito rígido e o inclinou para o lado, tentando se livrar do peso das lembranças.

– Ele nunca a machucou fora da cama. Só lá.

Hugh engoliu em seco. E respirou fundo.

– À noite, eu ouvia os gritos dela.

Sarah não disse nada. Hugh ficou muito grato por isso.

– Eu nunca vi nada – prosseguiu ele. – Se meu pai deixava alguma marca nela, sempre teve o cuidado de fazer isso em uma parte do corpo que não ficasse exposta. Ela nunca mancava, nunca tinha hematomas. Mas... – Hugh levantou os olhos para Sarah... finalmente levantou os olhos para Sarah – eu podia ver nos olhos dela.

– Sinto muito – repetiu Sarah, mas havia cautela em sua expressão e, depois de um instante, ela desviou os olhos.

Hugh a observou encostar o queixo no ombro, sombras brincando em seu pescoço, mostrando que também ela engolia em seco. Nunca a vira tão desconfortável.

– Sarah – começou a dizer, então se amaldiçoou por ser tão idiota...

Porque, quando ela levantou os olhos, esperando que ele continuasse, Hugh não tinha ideia do que deveria dizer. Ficou encarando-a, mudo, até ela finalmente abaixar os olhos de novo para o colo, onde as mãos brincavam nervosamente com as cobertas.

– Sarah, eu... – recomeçou Hugh.

E então? *Então?* Por que ele não conseguia terminar a frase?

Ela levantou os olhos, esperando novamente que ele prosseguisse.

– Eu nunca... faria isso.

As palavras saíram engasgadas, mas Hugh precisava dizê-las. Tinha que se certificar de que ela compreendera. Ele não era igual ao pai. Jamais seria um homem daqueles.

Sarah balançou a cabeça, o movimento tão discreto que Hugh quase não o percebeu.

– Nunca machucaria você – explicou ele. – Jamais poderia...

– Eu sei – disse ela, felizmente interrompendo o desabafo constrangido dele. – Você nunca... Nem precisa dizer isso.

Hugh assentiu e se virou de costas quando ouviu o suspiro curto e torturado que não conseguira controlar. Era o tipo de som que se fazia pouco antes de se perder completamente o controle, e ele não poderia ceder, não... depois de tudo o que acontecera naquele dia.

Não seguiria por esse caminho. Não naquele momento. Assim, Hugh deu de ombros, como se um movimento despreocupado pudesse afastar o que sentia. Mas isso só fez intensificar o silêncio. E ele acabou se vendo na mesma posição em que se encontrava antes de Sarah perguntar sobre a mãe dele, paralisado perto da porta, sem saber como agir.

– Você dormiu? – perguntou Sarah por fim.

Hugh assentiu e encontrou força para se adiantar e se sentar na cadeira que Honoria ocupara. Pendurou a bengala no braço da cadeira e se virou para encará-la.

– E você?

– Dormi. Estava exausta. Não, estava destruída.

Ela tentou sorrir, e Hugh percebeu que estava constrangida.

– Está tudo bem – começou ele a dizer.

– Não – Sarah se apressou a falar –, na verdade não está. Quero dizer, vai ficar, mas...

Ela piscou muito rápido, como um coelho acuado, então continuou:

– Estava tão cansada... Acho que nunca me senti tão cansada.

– É compreensível.

Ela o encarou por um longo momento.

– Não sei o que deu em mim – justificou-se.

– Eu também não – admitiu ele –, mas estou feliz por ter acontecido.

Sarah ficou em silêncio por um longo tempo.

– Agora você tem que se casar comigo.

– Eu planejava pedi-la em casamento – lembrou Hugh.

– Eu sei...

Ela ainda segurava a barra da coberta.

– Mas ninguém gosta de ser forçado.

Ele estendeu a mão e pegou a dela.

– Eu sei.

– Eu...

– *Você* foi forçada – disse Hugh com veemência. – Não é justo, e se você quiser desistir...

– Não!

Ela levantou a cabeça, parecendo surpresa com a própria reação.

– Quero dizer, não, não quero desistir. Não posso, na verdade.

– Você não pode – ecoou ele, a voz sem expressão.

– Bem, *não* – disse Sarah, os olhos cintilando com impaciência. – Você ouviu tudo o que foi dito hoje?

– O que eu ouvi – retrucou Hugh com o que esperou ser a paciência adequada – foi uma mulher se sacrificando.

– E não foi isso o que você fez? – devolveu ela. – Quando foi até o seu pai e ameaçou se matar?

– Não pode comparar as duas situações. Eu causei toda aquela confusão. Cabia a mim consertá-la.

– Você está zangado porque não foi você?

– Não! Pelo amor de...

Ele passou a mão pelos cabelos.

– Não coloque palavras na minha boca – pediu.

– Eu nem sonharia com isso – garantiu ela. – Você vem fazendo um ótimo trabalho sozinho.

– Você jamais deveria ter ido à Cervo Branco – falou Hugh em uma voz muito baixa.

– Não vou nem me dignar a responder.

– Você não sabia que tipo de perigos a aguardavam.

Sarah deu um risinho sem humor.

– Ao que parece, nem você!

– Meu Deus, mulher, precisa ser tão teimosa? Não compreende? Não posso protegê-la!

– Eu não lhe pedi que fizesse isso.

– Vou ser seu marido – retrucou Hugh, cada palavra arranhando a garganta a caminho dos lábios. – É meu dever.

Os dentes de Sarah estavam cerrados com tanta força que o queixo dela tremia.

– Sabia – comentou ela – que desde a última tarde ninguém, nem você, nem seu pai, nem mesmo meu primo, me *agradeceu*?

Hugh levantou rapidamente os olhos para encontrar os dela.

– Não, não faça isso agora – disse Sarah, irritada. – Acha que há alguma possibilidade de eu acreditar em você? Fui até a hospedaria porque estava muito assustada, porque você e Daniel haviam pintado a imagem de um louco, e tudo em que conseguia pensar era que ele ia machucar você...

– Mas...

– Não diga que ele nunca o machucaria. Aquele homem é completamente insano, desvairado. Ele cortaria seu braço fora desde que tivesse a garantia de que você ainda permaneceria capaz de fazer filhos.

Hugh ficou pálido. Ele sabia que isso era verdade, mas odiava que ela tivesse pensado a respeito.

– Sarah, eu...

– Não – interrompeu-o, apontando um dedo para ele. – Agora é minha vez. Estou falando. Você vai ficar em silêncio.

– Perdoe-me – disse Hugh, as palavras tão baixas que saíram dos lábios dele como um sussurro.

– Não – voltou a falar Sarah, balançando a cabeça como se houvesse acabado de ver um fantasma. – Você não vai ser gentil agora. Não pode implorar meu perdão e esperar que eu... que eu...

Ela tentou reprimir um soluço engasgado.

– Tem consciência do que me fez passar? – falou. – Em um único dia?

As lágrimas agora escorriam livremente pelo rosto dela, e Hugh precisou de todas as suas forças para não se inclinar e secá-las com beijos. Queria implorar que ela não chorasse, queria se desculpar por aquele momento e pelo futuro, porque ele sabia que aquilo aconteceria de novo. Poderia devotar a vida a conseguir um dos sorrisos dela, mas em algum momento fracassaria e a faria chorar de novo, e isso o arrasaria.

Hugh pegou a mão de Sarah e a levou aos lábios.

– Por favor, não chore – pediu.

– Não estou chorando – arquejou ela, secando as lágrimas com a manga da camisola.

– Sarah...

– Não estou chorando!

Ele não discutiu. Em vez disso, sentou-se ao lado dela na cama, abraçou-a, acariciou seus cabelos e murmurou sons sem sentido para confortá-la, até sentir o corpo dela frouxo contra o dele. Ela estava absolutamente exausta.

– Não consigo imaginar o que você pensa de mim – sussurrou Sarah.

– Acho você magnífica – declarou Hugh com todo o empenho de sua alma.

E também achava que não a merecia...

Ela aparecera e salvara a todos. Resolvera de maneira perfeita o que ele e Daniel não haviam conseguido sanar em quase quatro anos, e fizera isso enquanto Hugh estava amarrado àquela maldita cama. Talvez a libertação de Hugh nem fosse o maior triunfo dela, mas, se ele fora libertado, fora apenas porque *ela* fizera isso.

Sarah o salvara. E, apesar de ter consciência de que as circunstâncias daquela situação em particular eram únicas, Hugh ficava dilacerado só de pensar que jamais seria capaz de proteger Sarah como um marido deveria proteger a esposa.

Era nesse momento de absoluta consciência que qualquer homem de valor se afastaria e permitiria que ela se casasse com outra pessoa, com alguém melhor.

Alguém inteiro.

No entanto, nenhum homem de valor estaria naquela situação, para começo de conversa. Hugh tinha sido a causa de todo aquele desastre. Fora ele que ficara bêbado e desafiara um homem inocente para um duelo. Era ele que tinha um pai tão louco que Hugh julgara que a ameaça de suicídio seria a única saída para que deixasse Daniel em paz. Mas era Sarah que estava pagando o preço. E Hugh – mesmo se fosse aquele homem de valor – não poderia se afastar. Porque fazer isso seria colocar Daniel em perigo. E Sarah ficaria mortificada.

E Hugh a amava demais para deixá-la.

Sou um desgraçado egoísta.

– O quê? – murmurou Sarah, sem afastar a cabeça do peito dele.

Ele falara em voz alta?

– Hugh? – Ela mudou de posição, erguendo o queixo para poder ver o rosto dele.

– Não posso deixá-la – sussurrou ele.

– Do que está falando?

Ela voltou a se mexer, afastando-se apenas o bastante para poder olhar nos olhos dele.

Sarah estava com o cenho franzido de preocupação. Hugh não queria lhe causar preocupação.

– Não posso deixá-la – repetiu ele, balançando a cabeça em um movimento lento, quase imperceptível.

– Vamos nos casar – disse Sarah, cautelosa, como se não estivesse certa de por que dizia aquilo. – Você não precisa me deixar.

– Eu deveria. Não posso ser o homem de que você necessita.

Ela tocou o rosto dele.

– Não sou eu que devo decidir isso?

Hugh respirou fundo, trêmulo, e fechou os olhos tentando apagar a lembrança que a atormentava.

– Odeio que você tenha tido que ver meu pai.

– Eu também, mas acabou.

Ele a encarou, perplexo. Quando ela se tornara tão calma? Afinal, cinco minutos antes, Sarah estava soluçando e ele a acalmava, e agora ela estava com os olhos muito enxutos, observando-o com uma expressão de tanta serenidade e sabedoria que ele quase conseguia acreditar que o futuro deles seria iluminado e sem complicações.

– Obrigado – disse Hugh.

Sarah inclinou a cabeça para o lado.

– Por hoje. Por muito mais do que hoje. Mas por agora vou me ater a este dia.

– Eu...

Ela o encarou boquiaberta, a expressão hesitante, e então prosseguiu:

– Parece muito estranho responder a isso com um *de nada*.

Hugh examinou a expressão dela, embora não soubesse dizer o que buscava ali. Talvez quisesse apenas olhar para Sarah, para os olhos cálidos cor de chocolate, para a boca larga e sensual que sabia sorrir de um jeito simplesmente maravilhoso. Ele a encarou, fascinado, encantado, enquanto se lembrava de como fora guerreira naquela tarde. Se Sarah o defendera tão bem, Hugh não conseguia imaginar como ela seria como mãe, tendo a própria prole para proteger.

– Amo você – disse Hugh, as palavras escapando-lhe dos lábios.

Ele não estava certo de que pretendera dizê-las, mas não conseguiria parar agora.

– Eu não a mereço, mas amo você. Sei que nunca pensou em se casar com alguém sob essas circunstâncias, mas juro que dedicarei o resto da minha vida a fazê-la feliz.

Ele levou as mãos dela aos lábios e as beijou com ardor, quase sucumbindo à força das próprias emoções.

– Sarah Pleinsworth – disse Hugh –, aceita se casar comigo?

As lágrimas cintilavam nos cílios dela e seus lábios tremiam quando ela disse:

– Nós já...

– Mas eu não a pedi em casamento – interrompeu ele. – E você merece ser pedida em casamento. Não tenho um anel de noivado comigo, mas posso conseguir um mais tarde e...

– Não preciso de anel – disse ela em um rompante. – Só preciso de você.

Hugh tocou o rosto dela, a mão acariciando suavemente a pele macia, então...

Beijou-a. Aconteceu sem que ele se desse conta... aquela urgência, aquela voracidade. Hugh afundou a mão nos cabelos cheios de Sarah enquanto seus lábios devoravam os dela.

– Espere! – pediu ela em um arquejo.

Ele se afastou, mas só um pouquinho.

– Eu também amo você – sussurrou Sarah. – Você não me deu oportunidade de dizer isso.

Se tinha qualquer esperança de controlar o próprio desejo, ele a abandonou naquele instante. Hugh beijou a boca de Sarah, a orelha, o pescoço. De repente ela estava deitada e ele, acima dela, segurando entre os dentes o laço delicado que mantinha a camisola fechada, depois desfazendo-o.

Sarah riu, uma risada rouca e maravilhosa, que ainda assim o surpreendeu, mesmo em um momento tão ardente.

– O laço se desfez com tanta facilidade... – comentou ela, com um sorrisinho. – Acabei me lembrando dos nós do seu pai esta manhã. E também estamos na cama!

Hugh não pôde deixar de sorrir, embora a cama fosse o último lugar em que desejaria pensar no pai.

– Desculpe – pediu Sarah com uma risadinha. – Não consegui evitar.

– Eu não a amaria tanto se você conseguisse – provocou ele.

– O que quer dizer com isso?

– Apenas que você tem a maravilhosa habilidade de encontrar humor nos lugares mais inesperados.

Ela tocou o nariz dele.

– Encontro humor em *você*.

– Exatamente.

Ela abriu um sorriso muito satisfeito.

– Eu acho... Oh!

Ela acabara de notar a mão de Hugh subindo por sua perna.

– Você estava dizendo... – murmurou ele.

Sarah deixou escapar um som baixo de prazer quando ele chegou à carne macia da coxa, e ela então falou, em uma voz arquejante:

– Eu ia dizer que acho que não deveríamos ter um noivado muito longo.

A mão dele subiu mais.

– É mesmo?

– Pelo bem de... Daniel... é claro, e... Hugh!

– Pelo *meu* bem, sem dúvida – disse ele, tomando o lóbulo da orelha dela com delicadeza entre os dentes.

Mas Hugh achou que a exclamação de Sarah tinha mais a ver com o calor suave que ele acabara de descobrir entre as pernas dela.

– Precisamos mostrar que temos a intenção de manter o nosso lado do trato – disse Sarah, as palavras interrompidas por gritinhos e gemidos.

– Aham... Aham.

Hugh deixou os lábios correrem suavemente pelo pescoço dela enquanto ponderava sobre o bom senso de permitir ou não que seu dedo deslizasse para o interior do corpo úmido. Ele teve presença de espírito o bastante para estimar que os dois tinham cerca de trinta minutos antes que a prima dela retornasse, o que com certeza não era tempo bastante para fazer amor de forma adequada com Sarah.

Mas era tempo de sobra para dar prazer a ela.

– Sarah? – murmurou Hugh.

– Sim?

Ele tocou com os dedos o centro do prazer dela.

– Hugh!

Ele sorriu contra a pele dela enquanto deslizava os dedos para o interior quente. Sarah arqueou o corpo, mas não para longe dele, e, quando Hugh começou a mover os dedos dentro dela, seu polegar encontrou o ponto mais sensível e pressionou de leve a protuberância existente ali, antes de começar a levá-la em uma espiral crescente de prazer.

– O que é isso... Eu não...

Ela já não estava sendo coerente, e Hugh também não queria que fosse. Queria que Sarah sentisse o prazer do toque dele, que soubesse quanto ele a *venerava*.

– Relaxe – murmurou Hugh.

– Impossível.

Ele riu. Sarah não tinha ideia de quanto ele estava controlando as próprias necessidades. Seu membro estava rígido como uma rocha, mas permaneceria nos calções. Hugh sabia que aquela não era a hora ou o lugar para que ele saísse dali.

Mas ele achava... Não, ele tinha consciência de que o motivo real era outro: ele só queria dar prazer a *ela*.

Sarah.

Sua Sarah.

Hugh queria observar o rosto de Sarah quando ela atingisse o clímax. Queria abraçá-la conforme ela retornasse do paraíso. Qualquer alívio que desejasse para si mesmo poderia esperar. Aquele momento era para Sarah.

Mas, quando isso aconteceu, quando observou o rosto dela e a abraçou no momento em que o corpo dela se entregou ao prazer, Hugh se deu conta de que aquele momento também fora para ele.

– Sua prima logo estará de volta – disse Hugh, assim que a respiração dela voltou ao normal.

– Mas você trancou a porta – argumentou Sarah, sem se incomodar em abrir os olhos.

Hugh sorriu para ela. Sarah era adorável quando estava sonolenta.

– Você sabe que preciso ir embora.

– Eu sei – falou ela, abrindo um dos olhos. – Mas não tenho que ficar feliz por isso.

– Eu me sentiria terrivelmente magoado se você ficasse.

Hugh saiu da cama, grato por ainda estar completamente vestido, e recuperou a bengala.

– Eu a verei amanhã – disse, inclinando-se para dar um último beijo no rosto dela.

Então, antes que voltasse a cair em tentação, atravessou o quarto em direção à porta.

– Ah, Hugh?

Ele se virou e a viu sorrindo para ele com uma expressão travessa.

– Sim, meu amor.
– Eu disse que não precisava de um anel de noivado.
Hugh arqueou uma sobrancelha.
– Mas preciso.
Ela balançou os dedos.
– Preciso de um anel de noivado. Só para você saber.
Ele jogou a cabeça para trás e riu.

CAPÍTULO 22

Ainda mais tarde naquela noite
Tecnicamente, no dia seguinte
Mas por muito pouco

A casa estava em total silêncio quando Sarah atravessou na ponta dos pés os corredores escuros. Ela não crescera em Whipple Hill, mas, se somasse todos os dias que passara ali em suas visitas, com certeza o resultado seria mais de um ano.

Não seria exagero dizer que Sarah Pleinsworth conhecia aquela casa como a palma da própria mão.

Quando alguém brinca numa casa durante toda a sua infância, jamais se esquece dela. Graças à brincadeira de esconde-esconde, Sarah sabia onde ficavam todas as portas de ligação e todas as escadas dos fundos. No entanto, o mais importante, isso significava que, quando alguém mencionara, vários dias antes, que lorde Hugh Prentice ficaria no quarto verde da ala norte, ela sabia exatamente onde se localizava.

E qual a melhor maneira de chegar lá.

Quando Hugh deixara o quarto dela naquela noite, apenas cinco minutos antes de Honoria retornar, Sarah achou que cairia em um sono lânguido e delicioso. Ela nem compreendia direito o que ele fizera com seu corpo, mas achara quase impossível erguer até mesmo um dedo por algum tempo depois que ele partira. Sentia-se tão... saciada!

Mas, apesar da absoluta satisfação física, Sarah não conseguiu dormir. Talvez porque já houvesse cochilado bastante mais cedo, talvez como consequência da mente muito acelerada (afinal, ela de fato tinha muito em que pensar), mas, quando o relógio acima do console da lareira marcou uma da manhã, Sarah se viu obrigada a aceitar que passaria aquela noite em claro.

Essa constatação deveria tê-la deixado frustrada – ela não era do tipo que mantinha o bom humor quando estava cansada demais, e não queria estar irritadiça na hora do café da manhã. Mas, em vez de se frustrar, Sarah só conseguia pensar naquele tempo extra acordada como um presente, ou ao menos que devia considerá-lo assim.

E presentes não podiam ser desperdiçados.

E foi por isso que, à uma e nove da manhã, ela pousou os dedos ao redor da maçaneta da porta do quarto verde, na ala norte, e girou-a com o máximo de cuidado até ouvir o clique que indicava que a porta se abrira – e, por sorte, as dobradiças estavam muito bem lubrificadas e garantiram o silêncio.

Com movimentos muito cuidadosos, Sarah entrou e fechou a porta, então a trancou e seguiu na ponta dos pés em direção à cama. O luar projetava uma faixa pálida de luz no carpete, garantindo iluminação suficiente para que ela conseguisse divisar a silhueta do corpo de Hugh adormecido.

Sarah sorriu. Não era uma cama grande, mas era grande o bastante.

Ele estava espalhado mais para o lado direito do colchão. Assim, ela deu a volta até o lado esquerdo, respirou fundo para ganhar coragem e subiu. Lenta e cuidadosamente, Sarah foi se aproximando de Hugh, até estar perto o bastante para sentir o calor que emanava do corpo dele. Ela se aproximou ainda mais e pousou a mão de leve nas costas de Hugh. Ficou encantada ao descobrir que estavam nuas...

Ele acordou em um sobressalto e deixou escapar um som tão engraçado que Sarah não conseguiu conter uma risadinha.

– Sarah?

Ela sorriu de um jeito sedutor, embora Hugh provavelmente não pudesse vê-la na escuridão.

– Boa noite.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele, ainda grogue.

– Está reclamando?

Houve um instante de silêncio. Então, no mesmo tom rouco que Sarah reconheceu de mais cedo, Hugh disse:

– Não.

– Senti saudade de você – sussurrou ela.

– É o que parece.

Ela fincou o indicador no peito de Hugh, embora tivesse ouvido o sorriso na voz dele.

– Você deveria dizer que também sentiu saudade de mim.

Hugh passou os braços ao redor dela e, antes que Sarah pudesse pronunciar mais uma palavra, puxou-a para cima do seu corpo, as mãos segurando-lhe de leve o traseiro por cima da camisola.

– Também senti saudade de você – disse ele.

Sarah beijou suavemente os lábios dele.

– Vou me casar com você – afirmou ela, com um sorriso bobo.

Ele também ficou com uma expressão boba, então fez os dois rolarem na cama, de modo que ficassem de lado, encarando-se.

– Vou me casar com você – repetiu Sarah. – Gosto mesmo de dizer isso, sabe?

– Eu poderia ouvir isso o dia todo.

– Mas a questão é que... – ela apoiou a cabeça nos braços e, lentamente, esticou o pé, deixando os dedos correrem suavemente pela perna dele, que, para seu grande prazer, também estava nua –... parece que não consigo incorporar a retidão moral exigida de uma mulher na minha posição.

– Uma escolha interessante de palavras, considerando sua atual posição na minha cama.

– Como eu estava dizendo, eu *vou* me casar com você.

A mão de Hugh encontrou a curva do quadril de Sarah, e a bainha da camisola começou a subir pela perna, enquanto os dedos dele lentamente erguiam o tecido.

– Será um noivado curto.

– Muito curto – concordou ele.

– Tão curto, na verdade, que...

Sarah arquejou.

Hugh conseguira erguer a camisola dela até a cintura, e agora a mão dele apertava seu traseiro de uma forma deliciosa.

– Você estava dizendo...? – murmurou Hugh, um dos dedos desviando-se maliciosamente para o exato ponto que dera tanto prazer a Sarah mais cedo naquela noite.

– É só que... talvez...

Ela tentou respirar, mas, com tudo o que Hugh estava fazendo, teve dificuldade de se lembrar como.

– Que não seria assim tão impróprio se nos adiantássemos um pouco em relação aos nossos votos.

Ele a puxou mais para perto.

– Ah, seria impróprio. Seria muito impróprio.

Ela sorriu.

– Você é terrível.

– Posso lembrá-la de que foi a senhorita que se esgueirou para a minha cama?

– Posso lembrá-lo de que sou o monstro que *você* criou?

– Um monstro, é?

– É uma forma de dizer.

Ela o beijou suavemente no canto da boca.

– Eu não sabia que poderia me sentir assim.

– Nem eu – admitiu ele.

Sarah ficou imóvel. Certamente ele não estava dizendo que nunca fizera aquilo antes.

– Hugh? Essa não é... É a sua primeira vez?

Ele sorriu enquanto a tomava nos braços e a deitava de costas.

– Não – respondeu ele, baixinho –, mas poderia muito bem ser. Com você, é tudo novo.

Então, enquanto Sarah ainda estava se deleitando com a beleza daquela declaração, Hugh a beijou com intensidade.

– Amo você – disse ele, as palavras quase se perdendo dentro da boca de Sarah. – Amo muito você.

Ela quis devolver as palavras, quis sussurrar o próprio amor contra a pele dele, mas sua camisola parecia ter simplesmente desaparecido e, no momento em que o corpo dele tocou o dela, as peles unidas, Sarah não conseguiu pensar em mais nada.

– Consegue sentir quanto quero você? – indagou Hugh, os lábios dele se movendo pelo rosto dela até as têmporas.

Ele pressionou o quadril contra o dela, o membro duro avolumando-se no ventre de Sarah.

– Toda noite – grunhiu ele. – Sonhava com você toda noite e toda noite eu me via neste estado, sem alívio. Mas esta noite... – a boca de Hugh desceu em uma trilha lenta e enlouquecedora pelo pescoço dela – será diferente.

– Sim – concordou Sarah em um suspiro, arqueando o corpo contra o dele.

Hugh segurava os seios dela nas mãos, então os ergueu. Ele umedeceu os lábios...

Sarah quase caiu da cama quando Hugh os tomou na boca.

– Ah, Deus, ah, Deus, ah, Deus, ah, Deus – arquejou ela, agarrando os lençóis para se manter firme.

Sarah mal prestara atenção naquela parte do próprio corpo antes. Pareciam bonitos em um vestido, e ela fora alertada de que os homens gostavam de olhar para eles, mas... Santo Deus... ninguém lhe contara que seus seios poderiam lhe proporcionar tanto prazer.

– Tenho a impressão de que você gostou disso – comentou Hugh com um sorriso satisfeito.

– Por que tenho essa sensação... por toda parte?

– Por toda parte? – murmurou ele, os dedos se movendo entre as pernas dela. – Ou aqui?

– Ah, sim, por toda parte – respondeu Sarah, ofegante –, mas principalmente aí.

– Sinceramente, não sei bem... – disse Hugh em uma voz provocante. – Devemos investigar o assunto, não acha?

– Espere – pediu ela, pousando a mão no braço dele.

Hugh abaixou os olhos para ela, as sobrancelhas erguidas em uma pergunta silenciosa.

– Quero tocá-lo – disse Sarah, timidamente.

Ela viu o momento em que ele compreendeu o que aquilo significava.

– Sarah – murmurou Hugh com a voz rouca –, essa talvez não seja uma boa ideia.

– Por favor.

Ele respirou fundo, pegou a mão dela e guiou lentamente para baixo. Sarah observou o rosto dele enquanto deixava os dedos deslizarem pelas suas costelas, por seu abdômen... Hugh quase parecia estar sentindo dor. Os olhos dele estavam fechados e, quando os dedos de Sarah chegaram à pele rígida e macia do membro dele, gemeu alto, a respiração saindo em arquejos curtos e ardentes.

– Estou machucando você? – perguntou ela em um sussurro.

Aquilo não era de forma alguma o que Sarah imaginara. Ela sabia o que acontecia entre um homem e uma mulher, tinha uma quantidade maior

de primas mais velhas do que conseguiria contar, e várias delas eram bastante indiscretas. Mas não esperava que ele fosse tão... tão sólido. A pele era macia e suave como veludo, mas debaixo dela...

Sarah o envolveu com a mão, tão concentrada na exploração que fazia que nem percebeu o suspiro trêmulo que abalou o corpo dele.

Sob a pele, Hugh era rígido como pedra.

– É sempre assim? – perguntou.

Porque não parecia confortável, e ela não conseguia imaginar como os homens cabiam nos calções.

– Não – arquejou ele. – Muda... Com o desejo.

Ela pensou a respeito enquanto os dedos continuavam a acariciá-lo até Hugh fechar a mão ao redor da dela e afastá-la de seu membro.

Sarah levantou os olhos para ele, apreensiva. Será que o desagradara?

– É bom demais – explicou Hugh, arquejante. – Não consigo controlar...

– Então não controle – sussurrou ela.

Ele estremeceu e voltou a colar os lábios aos dela, mordiscando, provocante. Os movimentos dele, antes lânguidos e sedutores, se tornaram mais ardentes e ansiosos, e Sarah arquejou quando Hugh espalmou as mãos sobre as coxas dela e as afastou.

– Não consigo esperar mais – grunhiu ele.

Sarah o sentiu na entrada do corpo dela.

– Por favor, diga que está pronta.

– E-eu acho que sim – respondeu ela.

Sabia que queria alguma coisa. Quando ele introduzira os dedos nela mais cedo, fora a sensação íntima mais incrível que Sarah já tivera, mas o membro dele era tão grande...

Hugh deslizou a mão entre os corpos dos dois e tocou-a da mesma forma que fizera antes, embora não tão profundamente.

– Meu Deus, você está tão úmida – disse ele em um gemido.

Hugh afastou a mão e se ergueu acima dela.

– Tentarei ser gentil – prometeu ele, então seu membro voltou à entrada de Sarah, pressionando lentamente.

Sarah prendeu a respiração e ficou tensa conforme a fricção aumentava. Doía. Não muito, mas o bastante para enfraquecer o fogo que queimava dentro dela.

– Você está bem? – perguntou Hugh, ansioso.

Ela assentiu.

– Não minta.

– Estou quase bem.

Ela deu um sorrisinho fraco.

– Sério.

Hugh começou a sair de dentro dela.

– Talvez seja melhor...

– Não! – pediu Sarah e passou os braços com força ao redor dele. – Não saia.

– Mas você...

– Todo mundo me disse que dói na primeira vez – garantiu ela, para tranquilizá-lo.

– Todo mundo?

Hugh conseguiu dar um sorriso trêmulo.

– Com quem você andou conversando?

Uma risada nervosa escapou dos lábios dela.

– Tenho muitas primas. *Não* Honoria – acrescentou ela rapidamente, porque podia perceber que era o que ele estava pensando. – Algumas das mais velhas gostam de falar. Bastante.

Ainda acima dela, Hugh se apoiou nos braços, para não esmagá-la com seu peso. Mas não disse nada. Pela intensa expressão de concentração em seu rosto, Sarah não tinha certeza de que ele conseguiria falar.

– Mas depois fica melhor – murmurou ela. – É o que elas dizem. Que, se o marido é gentil, fica muito melhor.

– Não sou seu marido – disse Hugh em uma voz rouca.

Ela enfiou uma das mãos nos cabelos cheios dele e puxou-o para que seus lábios se encontrassem. Então, sussurrou:

– Mas será.

Foi demais para Hugh. Qualquer ideia de parar foi colocada de lado enquanto ele a beijava com ardor renovado. Hugh se moveu lentamente, mas com grande determinação, até que, de algum modo – Sarah não saberia explicar bem como eles conseguiram fazer aquilo –, os quadris dos dois se encontraram e Hugh ficou todo dentro dela.

– Amo você – disse Sarah, antes que Hugh pudesse perguntar se ela estava bem.

Ela não queria mais perguntas, apenas paixão.

Hugh começou a se mover de novo, e os dois alcançaram um ritmo que os levou à beira do precipício.

Então, em um momento de pura beleza, Sarah estremeceu e seu corpo se contraiu ao redor do dele. Hugh enfiou o rosto no pescoço dela para abafar o grito que soltou e arremeteu uma última vez, derramando-se dentro dela.

Os dois respiraram. Foi tudo o que conseguiram fazer. Respiraram... e dormiram.

Hugh acordou primeiro e, quando se certificou de que ainda faltavam horas para o amanhecer, permitiu-se o luxo singelo de ficar deitado de lado, observando Sarah dormir. No entanto, depois de um tempo, não conseguiu mais ignorar a cãibra na perna. Já fazia um bom tempo que não usava os músculos daquela maneira e, apesar de o esforço ter sido prazeroso, as consequências não eram.

Ele se moveu lentamente para não acordar Sarah e sentou-se, esticando a perna machucada à frente do corpo. Começou a massagear o músculo com os dedos, tentando diminuir a rigidez. Ele fizera isso vezes sem conta; sabia exatamente como localizar o nó de tensão e apertá-lo com o polegar – *com força* – até o músculo estremecer e relaxar. Doía como o diabo, mas era uma dor estranhamente boa.

Quando os dedos de Hugh se cansaram, ele passou a fazer a massagem com a base do punho, forçando-a contra a perna em um movimento firme e circular, que era seguido por outro movimento rápido e também firme, então...

– Hugh?

Ele se virou na direção da voz sonolenta de Sarah.

– Está tudo bem – disse com um sorriso. – Pode voltar a dormir.

– Mas...

Ela bocejou.

– Ainda vai demorar a amanhecer.

Hugh se abaixou e beijou o topo da cabeça dela, então voltou a massagear o músculo, tentando desfazer os nós de tensão.

– O que você está fazendo?

Sarah voltou a bocejar e ergueu ligeiramente o corpo.

– Nada.

– Sua perna está doendo?

– Só um pouco – mentiu Hugh. – Mas já está muito melhor agora.

O que não era mentira. A perna estava quase boa o bastante para que ele considerasse até a possibilidade de voltar a exercitá-la da exata maneira que o levara àquele estado.

– Posso tentar? – perguntou ela em voz baixa.

Ele se virou, surpreso. Nunca ocorrera a Hugh que Sarah pudesse desejar cuidar dele daquela forma. A perna dele não era bonita – entre a fratura e a bala (e a intervenção nada delicada do médico para remover a bala), o que sobrara fora a pele franzida, cheia de cicatrizes, esticada sobre um músculo que já não tinha a forma longa e suave com que ele havia nascido.

– Talvez eu possa ajudá-lo – disse Sarah em um tom suave.

Hugh entreabriu os lábios, mas as palavras não saíram. As mãos dele estavam cobrindo o pior das cicatrizes, e ele parecia não conseguir afastá-las da perna. Estava escuro, sabia que Sarah não conseguiria ver as marcas mais traumáticas. Ao menos não muito bem.

Mas eram marcas feias. E eram uma lembrança do erro mais egoísta que Hugh já cometera na vida.

– Diga-me o que fazer – pediu ela, pousando as mãos perto das dele.

Hugh assentiu em um movimento brusco de cabeça e cobriu uma das mãos dela com a dele.

– Aqui – disse, guiando-a na direção do nó mais difícil.

Sarah pressionou os dedos no lugar, mas com muito menos intensidade do que o necessário.

– Assim?

Ele usou a mão para empurrar a dela para baixo com mais força.

– Assim.

Sarah mordeu o lábio inferior e tentou de novo, dessa vez alcançando aquele ponto terrível, fundo, no que restara do músculo. Hugh gemeu e ela parou imediatamente.

– Eu...

– Não – disse ele –, é bom.

– Está bem.

Sarah o encarou com certa hesitação e voltou a trabalhar, parando de vez em quando para esticar os dedos.

– Às vezes uso meu cotovelo – falou Hugh, ainda se sentindo um pouco constrangido.

Ela o encarou com curiosidade, encolheu os ombros e tentou o que ele sugeria.

– Ai, meu Deus – gemeu Hugh, deixando o corpo cair nos travesseiros.

Por que era tão melhor quando outra pessoa fazia?

– Tenho uma ideia – disse Sarah. – Deite-se de lado.

Sinceramente, Hugh achou que não conseguiria se mover. Ele foi capaz de erguer uma das mãos, mas só por um segundo. Estava sem forças, era a única explicação.

Sarah riu e ela mesma rolou o corpo dele, virando-o de costas para ela, de modo que a perna machucada dele ficasse para cima.

– Você precisa alongá-la – disse Sarah.

Segurou o joelho de Hugh enquanto puxava o tornozelo dele na direção do traseiro. Ou ao menos a meio caminho disso.

– Você está bem? – perguntou ela.

Hugh assentiu, estremecendo de dor. Mas era... ora, talvez não uma dor boa, mas uma dor útil. Ele podia sentir alguma coisa afrouxando na perna, e quando voltou a ficar de costas, com Sarah massageando gentilmente o músculo dolorido, foi quase como se alguma coisa furiosa o estivesse abandonando, erguendo-se através da pele e saindo de sua alma. A perna latejava, mas o coração de Hugh parecia mais leve. E, pela primeira vez em anos, o mundo lhe pareceu cheio de possibilidades.

– Amo você – disse ele.

E pensou consigo mesmo: *com essa, são cinco.* Cinco vezes que ele dissera aquilo. Não era nem de perto o bastante.

– E eu amo você.

Ela se inclinou e beijou a perna dele. Hugh tocou o próprio rosto e sentiu as lágrimas. Não percebera que estava chorando.

– Amo você – disse Hugh de novo.

Seis.

– Amo você.

Sete.

Sarah levantou os olhos com um sorriso perplexo.

Hugh tocou o nariz dela.

– Amo você.

– O que está fazendo?

– Oito – disse ele em voz alta.

– O quê?

– Já foram oito vezes que eu disse isso. Eu amo você.

– Está contando?

– São nove agora, e... – ele deu de ombros – sempre conto. Você já deveria saber disso a esta altura.

– Você não acha que deveria terminar a noite arredondando para dez?

– Era manhã antes de você chegar aqui, mas, sim, está certa. E amo você.

– Você já disse isso dez vezes – falou Sarah, aproximando-se mais para um beijo lento e suave. – Mas o que eu quero saber é... quantas vezes *pensou* isso?

– É impossível contar – respondeu Hugh contra os lábios dela.

– Até mesmo para você?

– Infinitas – murmurou ele, puxando o corpo dela para o colchão. – Ou talvez...

Infinitas mais um.

EPÍLOGO

Casa Pleinsworth
Londres
Na primavera seguinte

Casamento ou morte: as únicas maneiras de evitar a participação obrigatória no Quarteto Smythe-Smith. Ou talvez, mais precisamente, as únicas maneiras de escapar das garras dele.

E foi por isso que ninguém conseguia entender (a não ser Iris, mas isso será esclarecido mais tarde) como dali a três horas o Quarteto Smythe-Smith ocuparia o "palco" para seu número musical anual, tendo lady Sarah Prentice, recém-casada e muito viva, sentada diante do piano, com os dentes cerrados e pronta para tocar.

A ironia, comentara Honoria com Sarah, era requintada.

Não, dissera Sarah a Hugh, a ironia não era requintada. A ironia deveria ter sido derrubada com um bastão de críquete e pisoteada no chão com vigor.

Se a ironia tivesse uma forma física, é claro. O que não tinha, para absoluto desapontamento de Sarah. A ânsia de pegar um bastão de críquete e acertar alguma coisa (que certamente não seria uma bola) era monumental.

Mas não havia bastões disponíveis no salão de música dos Pleinsworths, portanto ela se apropriara do arco do violino de Harriet e o estava usando do modo como Deus certamente pretendera.

Para ameaçar Daisy.

– Sarah! – gritou Daisy.

Sarah rosnou. Realmente rosnou.

Daisy correu para se proteger sob o piano.

– Iris, faça-a parar!

Iris ergueu a sobrancelha como se quisesse dizer: *Você realmente acha que vou me levantar desta cadeira para ajudá-la, minha insuportavelmente irritante irmã mais nova, e logo hoje?*

E, sim, Iris sabia como dizer tudo isso com um erguer de sobrancelhas. Era um incrível talento, na verdade.

– Tudo o que eu fiz – resmungou Daisy – foi dizer que ela poderia se comportar um pouco melhor. Quero dizer, sinceramente!

– Olhando em retrospecto – comentou Iris em uma voz muito sarcástica –, talvez não tenha sido a melhor escolha de palavras.

– Ela vai passar uma má impressão sobre nós!

– *Ela* – disse Sarah de forma ameaçadora – é o único motivo por que você tem um quarteto.

– Ainda acho difícil acreditar que realmente não tenhamos ninguém disponível para ocupar o lugar de Sarah ao piano – comentou Daisy.

Iris a encarou, boquiaberta.

– Você diz isso como se Sarah fosse suspeita de algum crime.

– Ah, ela tem boas razões para pensar em crime – disse Sarah, avançando com o arco do violino.

– Estamos ficando sem primas – declarou Harriet, levantando brevemente os olhos de suas anotações.

Ela passara a discussão inteira anotando tudo.

– Depois de mim, há apenas Elizabeth e Frances antes de precisarmos passar a uma nova geração.

Sarah encarou Daisy com fúria uma última vez antes de devolver o arco de Harriet.

– Não vou fazer isso de novo – avisou. – Não me importo se tiverem que se transformar em um trio. A única razão para eu tocar este ano é...

– Porque se sente culpada – completou Iris. – Ora, você se sente – acrescentou ela quando seu comentário encontrou apenas o silêncio como resposta. – Ainda se sente culpada por ter nos abandonado no último ano.

Sarah abriu a boca. Sua tendência natural era discutir sempre que era acusada de alguma coisa, tivesse razão ou não. (E, naquele caso, não tinha.) Mas, quando viu o marido parado na porta com um sorriso no rosto e uma rosa na mão, acabou dizendo:

– Sim. Sim, eu me sinto.

– É mesmo? – perguntou Iris.

– Sim. Peço desculpas a você e a você... – ela acenou com a cabeça na direção de Daisy – e provavelmente a você também, Harriet.

– Ela nem tocou no ano passado – reclamou Daisy.

– Sou a irmã mais velha de Harriet. Estou certa de que lhe devo um pedido de desculpas por *alguma* coisa. E, se todas vocês me derem licença, estou indo embora com Hugh.

– Mas estamos ensaiando! – protestou Daisy.

Sarah deu um aceno alegre.

– Adeusinho!

– "Adeusinho?" – murmurou Hugh no ouvido dela enquanto saíam do salão de música. – Você diz "adeusinho"?

– Só para Daisy.

– Você é mesmo uma boa pessoa – comentou ele. – Não precisava tocar este ano.

– É, acho que não.

Ela jamais admitiria em voz alta, mas, quando percebera que era a única pessoa capaz de salvar o musical anual... Ora, ela não poderia deixar aquele evento *morrer*.

– A tradição é importante – disse Sarah.

Quase nem acreditava que aquelas palavras estivessem saindo de sua boca. Mas ela mudara desde que se apaixonara. E, além do mais...

Ela pegou a mão de Hugh e pousou-a sobre a barriga.

– Pode ser uma menina.

Ele demorou um instante para entender. Então:

– Sarah?

Ela assentiu.

– Um bebê?

Sarah assentiu de novo.

– Para quando?

– Para novembro, imagino.

– Um bebê – repetiu Hugh, como se não conseguisse acreditar.

– Você não deveria ficar tão surpreso – provocou ela. – Afinal...

– Ela vai precisar tocar um instrumento – interrompeu ele.

– *Ela* pode ser um menino.

Hugh abaixou os olhos para a esposa com um humor sarcástico.

– Isso seria muito fora do comum.

Ela riu. Só Hugh faria uma piada daquelas.

– Amo você, Hugh Prentice.

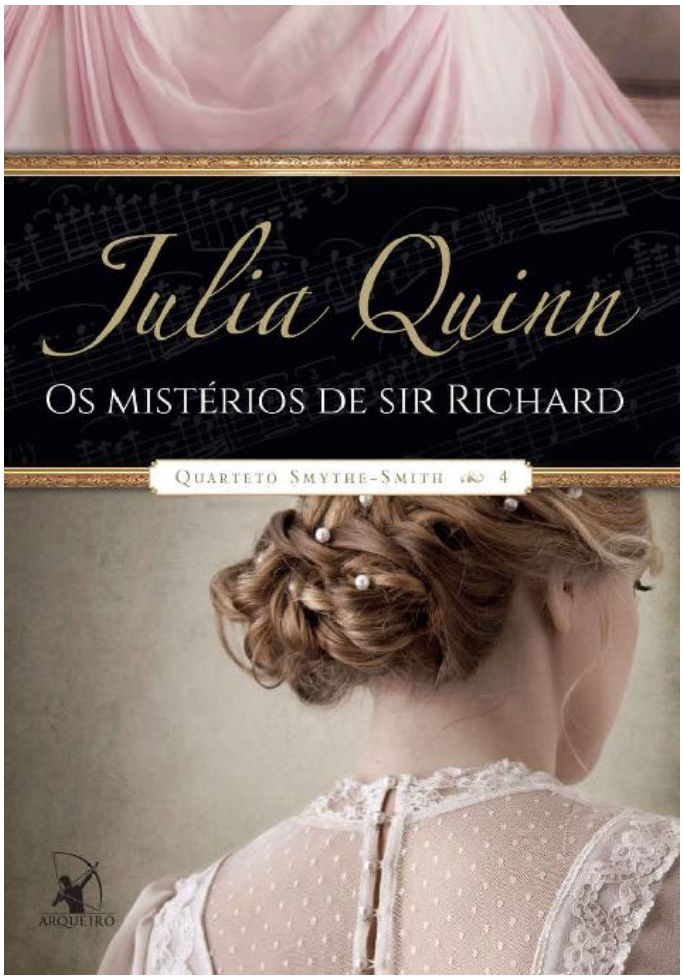
– E eu amo você, Sarah Prentice.

Eles voltaram a caminhar na direção da porta da frente, mas, depois de apenas dois passos, Hugh abaixou a cabeça e murmurou no ouvido dela:

– Duas mil.

E Sarah, porque era Sarah, riu e disse:

– Só?


Julia Quinn
Os mistérios de sir Richard
Quarteto Smythe-Smith 4
ARQUEIRO

Os mistérios de sir Richard

Julia Quinn

Os mistérios de sir Richard

Quarteto Smythe Smith 1

ARQUEIRO

Título original: *The Secrets of Sir Richard Kenworthy*
Copyright © 2015 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Simone Lemberg Reisner

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Flávia Midori e Taís Monteiro

diagramação: DTPhoenix Editorial

capa: Raul Fernandes

imagens de capa: mulher: © Victoria Davies/ Trevillion;
tecido: © Lee Avison/ Trevillion

foto da autora: © Rex Rystedt/ seattlephoto.com

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64m

Quinn, Julia
Os mistérios de sir Richard [recurso eletrônico]/ Julia Quinn; tradução de Simone Reisner. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital (Quarteto Smythe-Smith; 4)

Tradução de: The secrets of sir Richard Kenworthy
Sequência de: A soma de todos os beijos
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-85-8041-669-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Romance americano. 3. Livros eletrônicos. I. Reisner, Simone. II. Título III. Série.

16-38441 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Tillie, minha irmã do coração.

E também para Paul,
apesar de ainda achar que ele daria um excelente Jedi.

CAPÍTULO 1

Casa Pleinsworth
Londres
Primavera de 1825

De acordo com aquele livro que sua irmã já lera mais de vinte vezes, é uma verdade universalmente aceita que um homem solteiro, possuidor de boa fortuna, necessita de uma esposa.

Sir Richard Kenworthy não tinha uma grande fortuna, mas era solteiro. Quanto à esposa...

Bem, *isso* era complicado.

"Necessitar" não era a palavra correta. Quem *necessitava* de uma esposa? Homens apaixonados, talvez, porém não se tratava do seu caso. Além disso, nunca ficara enamorado nem pretendia ficar em nenhum momento próximo.

Não que ele fosse fundamentalmente contrário à ideia. Apenas não tinha tempo para isso.

A esposa, por outro lado...

Ele se acomodou melhor na cadeira, baixando os olhos para o programa que tinha em mãos:

O senhor está cordialmente convidado
para o 19º Recital Anual das Smythe-Smiths,
com a apresentação de um competente quarteto
de dois violinos, violoncelo e piano.

Ele teve um mau pressentimento.

– Muito obrigado, *mais uma vez*, por me acompanhar – disse Winston Bevelstoke.

Richard lançou um olhar cético para o amigo.

– Estou achando inquietante você me agradecer tanto.

– Sou conhecido por meus modos impecáveis – respondeu Winston, dando de ombros.

Winston sempre tivera esse hábito. A maior parte das lembranças que Richard guardava do amigo envolvia algum tipo de movimento com os ombros, como se dissesse “o que posso fazer?”.

“Na realidade, não importa se eu me esqueço de fazer meu teste de latim. Sou o segundo filho, não cobram tanto de mim.” *Um dar de ombros.*

“O bote já estava virado quando cheguei à beira do rio.” *Um dar de ombros.*

“Como em quase tudo na vida, a melhor solução é culpar minha irmã.” *Um dar de ombros (além de um sorriso maligno).*

No passado, Richard já havia sido tão despreocupado quanto Winston. Adoraria voltar a ser assim.

Mas não tinha tempo para isso. Só tinha duas semanas. Três, supôs. Quatro seriam o limite máximo.

– Você conhece alguma delas? – indagou ele a Winston.

– Alguma delas?

Richard ergueu o programa.

– As musicistas.

Winston pigarreou, desviando o olhar com certa culpa.

– Não tenho certeza se posso chamá-las assim...

Richard olhou para a área do salão dos Pleinsworths onde se daria a apresentação.

– Você as conhece? – insistiu. – Já lhe foram apresentadas?

Tudo bem, Winston podia fazer seus comentários enigmáticos, mas Richard tinha seus motivos para estar ali.

– As garotas Smythe-Smiths? – Winston deu de ombros. – A maioria. Deixe-me ver, quem vai tocar este ano? – Ele consultou o programa. – Lady Sarah Prentice ao piano... Que estranho, ela é casada.

Maldição.

– Em geral, são apenas as solteiras que tocam no quarteto – explicou Winston. – Quando se casam, não participam mais.

Richard sabia muito bem disso. Inclusive, essa fora a principal razão para ter aceitado aquele convite. Na verdade, isso era até um tanto óbvio. Quando um cavalheiro de 27 anos, ainda solteiro, reaparecia em Londres após três anos fora... não era preciso ser uma casamenteira para saber as intenções dele.

Só não esperava ser obrigado a agir com tanta pressa.

Franzindo a testa, Richard olhou para o piano. Parecia de boa qualidade. Caro. Definitivamente, melhor do que o seu em Maycliffe Park.

– Quem mais? – murmurou Winston, lendo os nomes impressos com letras elegantes no programa. – Srta. Daisy Smythe-Smith ao violino. Ah, sim, eu já a conheci. É terrível.

Dupla maldição.

– O que há de errado com ela? – indagou Richard.

– Não tem senso de humor. Isso até poderia não ser tão ruim... nem todo mundo vive rindo... Mas ela é tão... óbvia nesse aspecto.

– Como alguém pode ser óbvio em relação à *falta* de humor?

– Não faço a menor ideia – admitiu Winston. – Mas ela é. Só que é muito bonita. Tem cabelos louros, cheios de cachos saltitantes.

Ele gesticulou com as mãos junto às orelhas, representando o movimento de mola dos cachos louros. Richard não sabia explicar por quê, mas a pantomima conseguia frisar que eram cabelos louros, não castanhos.

– Lady Harriet Pleinsworth, também ao violino – prosseguiu Winston. – Acho que não a conheço. Deve ser a irmã mais nova de lady Sarah. Creio que seja recém-saída da sala de estudos, na verdade. Não deve ter mais que 16 anos.

Tripla maldição. Talvez fosse melhor Richard ir embora.

– E, ao violoncelo... – Winston deslizou o dedo pelo papel grosso do programa até encontrar o nome que procurava. – A Srta. Iris Smythe-Smith.

– O que ela tem de errado? – indagou Richard, pois provavelmente haveria algo errado com ela também.

Winston deu de ombros.

– Nada. Pelo menos não que eu saiba.

Isso significava que ela devia cantar como uma tirolesa no seu tempo livre. Quando não estava praticando taxidermia.

Em crocodilos.

Richard costumava ser um sujeito de sorte. *Costumava*.

– Ela é muito pálida – acrescentou Winston.

Richard encarou o amigo.

– Isso é um defeito?

– É claro que não. É que... – Winston fez uma pausa, franzindo profundamente a testa, concentrado. – Bem, para falar a verdade, é só

disso que eu me lembro dela.

Richard assentiu devagar, pousando o olhar no violoncelo que estava apoiado em um suporte. Parecia um exemplar caro – embora ele não soubesse nada sobre manufatura de instrumentos.

– Por que tanta curiosidade? – perguntou Winston. – Sei que está em busca de um casamento, mas, sinceramente, você pode conseguir coisa melhor do que uma Smythe-Smith.

Isso teria sido verdade duas semanas antes.

– Além do mais, você precisa de alguém que tenha um dote, não é mesmo?

– Todos nós precisamos de alguém que tenha um dote – retrucou Richard, num tom sombrio.

– Verdade, verdade.

Winston era filho do conde de Rudland, mas apenas o *segundo* filho. Não herdaria nenhuma fortuna espetacular. Não com um irmão mais velho saudável, que, por sua vez, tinha dois filhos.

– A mocinha Pleinsworth deve ter umas 10 mil libras – disse Winston, fitando de novo o programa. – Mas, como eu falei, ela é muito nova.

Richard fez uma careta. Até ele tinha limites.

– As flores...

– As flores? – interrompeu-o Richard.

– Sim, as moças com nomes de flor. Iris e Daisy: íris e margarida. E as irmãs delas, Rose e Marigold: rosa e calêndula. E... não lembro quem mais. Tulip? Jasmine? Espero que a pobrezinha não se chame Chrysanthemum.

– O nome da minha irmã é Fleur, que é "flor" em francês... – Richard sentiu-se compelido a mencionar.

– E é uma moça encantadora – comentou Winston, embora nunca a tivesse conhecido.

– Mas você estava dizendo... – Richard induziu o amigo a continuar.

– O quê? Ah, sim, lembrei. As flores. Não sei o valor de seus dotes, mas não devem ser vultosos. Acho que são cinco filhas ao todo. – Winston torceu os lábios enquanto calculava. – Talvez mais.

Isso não significava necessariamente que os dotes fossem baixos, pensou Richard, com mais esperança do que qualquer outra coisa. Ele não conhecia muito aquele ramo da família Smythe-Smith – para falar a verdade, nenhum ramo dela; só sabia que, uma vez por ano, todos se

juntavam, escolhiam quatro musicistas e organizavam um recital ao qual a maioria de seus amigos relutava em comparecer.

– Pegue isto – disse Winston de repente, segurando dois chumaços de algodão. – Você vai me agradecer mais tarde.

Richard encarou o amigo como se ele tivesse enlouquecido.

– Para os seus ouvidos – explicou Winston. – Confie em mim.

– *Confie em mim.* Vindas de você, essas palavras me dão um frio na espinha.

– Neste caso, não estou exagerando.

Richard olhou discretamente ao redor. Winston não estava fazendo o menor esforço para ocultar suas ações; por certo era uma grosseria tapar os ouvidos em um recital. Mas as poucas pessoas que pareciam observá-lo exibiam uma expressão de inveja, não de censura.

Richard deu de ombros e fez o que o amigo sugeriu.

– Que bom que você está aqui – comentou Winston, inclinando-se para que Richard pudesse ouvi-lo apesar do algodão. – Não sei se teria suportado o concerto sem um reforço.

– Reforço?

– A pesarosa companhia de solteiros sitiados – gracejou Winston.

A pesarosa companhia de solteiros sitiados? Richard revirou os olhos.

– Imagine você tentando formar frases embriagado.

– Ah, você terá esse prazer em breve – replicou Winston, mantendo aberto o bolso do casaco com o dedo indicador, mas apenas o suficiente para revelar um pequeno frasco de metal.

Richard arregalou os olhos. Embora não fosse uma pessoa tão correta, até ele sabia que não era apropriado beber abertamente durante uma apresentação musical de adolescentes do sexo feminino.

E, então, começou.

Depois de um minuto, Richard se viu ajustando o algodão nos ouvidos. Ao fim do primeiro movimento, ele podia sentir uma veia pulsando dolorosamente em sua testa. Mas foi quando chegaram a um longo solo de violino que ele se deu conta da verdadeira gravidade da situação.

– O frasco – pediu, quase arquejando.

Winston nem mesmo deu um sorrisinho.

Richard tomou um bom gole do que ele percebeu ser vinho, mas não conseguiu aplacar sua dor.

– Podemos ir embora no intervalo? – sussurrou para Winston.

– Não há intervalo.

Richard olhou para o programa com uma expressão de horror. Ele não era músico, mas, sem dúvida, as Smythe-Smiths deveriam saber que o que estavam fazendo... que o pretenso recital...

Era uma verdadeira afronta à dignidade humana.

Segundo o programa, as quatro jovens no palco improvisado interpretavam um concerto para piano de Wolfgang Amadeus Mozart. Mas, pelo que Richard sabia, alguém deveria estar realmente tocando piano. A mulher sentada diante do requintado instrumento tocava apenas metade das notas requeridas, talvez menos. Ele não conseguia enxergar seu rosto, porém, pelo modo como se encurvava sobre as teclas, parecia ser uma musicista de grande concentração.

Embora não de grande habilidade.

– Aquela ali é a que não tem senso de humor – avisou Winston, indicando com a cabeça uma das violinistas.

Ah, a Srta. Daisy, dos cachos louros saltitantes. Dentre as quatro, era claramente a que mais se considerava uma musicista. Ela se inclinava e oscilava como se fosse a mais competente virtuose, seguindo o arco que voava pelas cordas. Seus movimentos eram quase hipnotizantes, e Richard imaginou que um surdo a descreveria como uma garota com música na alma.

Na verdade, estava mais para desafinação.

Quanto à outra violinista... só ele percebia que ela não sabia ler música? Ela olhava para todos os lugares, menos para o suporte da partitura, e não havia movido uma só página desde o início do recital. Passava todo o tempo mordendo os lábios e lançando olhares frenéticos para a Srta. Daisy, tentando imitar seus movimentos.

Assim, sobrava apenas a violoncelista. Richard sentiu os olhos pousarem na moça que movia o arco pelas longas cordas do instrumento. Era extraordinariamente difícil ouvir o som que ele produzia sob o barulho dos dois violinos, mas, de vez em quando, uma baixa nota lúgubre escapava de toda aquela loucura, e Richard não pôde evitar pensar...

Ela é muito boa.

Ficou fascinado pela moça, por aquela pequena mulher que tentava se esconder atrás de um grande violoncelo. Ela, pelo menos, tinha consciência de que o conjunto era horrível. Sua tristeza era intensa, quase

palpável. Cada vez que a jovem chegava a uma pausa na partitura, parecia se encurvar, como se pudesse se encolher até desaparecer com um *puff*.

Era a Srta. Iris Smythe-Smith, uma das flores. Era assombroso que fosse parente de Daisy, que estava alegremente alheia a tudo e seguia se contorcendo com o violino.

Iris. Era um nome estranho para uma garota tão pálida. Ele sempre havia pensado na flor de íris como a mais brilhante, com profundos tons de roxo e azul. Entretanto, aquela moça era extremamente pálida, para não dizer quase incolor. Seus cabelos não podiam ser descritos como louros de verdade porque eram um tanto ruivos, mas "louro-avermelhados" tampouco os definia com total precisão. Como estava mais ou menos no meio do salão, Richard não conseguia enxergar os olhos da jovem, porém, levando em conta suas outras características, só podiam ser claros.

Ela era o tipo de garota que não chamava atenção.

Entretanto, Richard não conseguia tirar os olhos dela.

Porém, para onde mais poderia olhar? Estava num recital.

Além disso, havia algo tranquilizador em focar um ponto fixo qualquer. A música era tão desentoada que ele ficava tonto cada vez que olhava para outra direção.

Quase riu. A Srta. Iris Smythe-Smith, a moça com pele brilhante e pálida, com um violoncelo grande demais para seu tamanho, acabara se tornando a sua salvadora.

Sir Richard Kenworthy não acreditava em presságios, mas em relação àquele, ele ficaria atento.

Por que aquele homem a observava tanto?

O recital já era uma tortura, Iris sabia muito bem – era a terceira vez que a empurravam até o palco e a obrigavam a fazer papel de ridículo diante de um seleto grupo da elite londrina. O público das Smythe-Smiths era sempre uma interessante mescla. Em primeiro lugar, havia a família, embora fosse preciso dividi-la em duas partes distintas: as mães e todo o resto.

As mães contemplavam a apresentação com um sorriso beatífico, seguras de que todas as outras mulheres invejavam o raro talento musical de suas filhas.

– Tão habilidosas... – cantarolava a mãe de Iris, ano após ano. – Tão serenas...

“Tão cega...” era a resposta que Iris guardava para si mesma. “Tão surda...”

Já os outros Smythe-Smiths – os homens em geral e a maioria das mulheres que já haviam se sacrificado no altar da incapacidade musical – trincavam os dentes e faziam o possível para preencher todos os assentos, a fim de limitar o ciclo de mortificação.

A família era incrivelmente fecunda e Iris rezava para que um dia tivesse tantos membros a ponto de impedir que as mães convidassem pessoas que não fossem parentes. “Não há lugares suficientes”, ela já podia se ouvir dizendo.

Infelizmente, também imaginava que a mãe pediria que o secretário do pai pesquisasse o aluguel de salas de concertos.

Um bom número de pessoas de fora da família vinha todos os anos. Uns poucos, suspeitava Iris, por bondade. Alguns, sem dúvida, só para zombar das meninas. E havia também os inocentes despreparados, que claramente viviam isolados em cavernas. No fundo do oceano.

Em outro planeta.

Iris não podia *conceber* que nunca tivessem ouvido falar do concerto anual das Smythe-Smiths, ou melhor, que ninguém os houvesse advertido a respeito, mas, todos os anos, havia algumas infelizes caras novas.

Como aquele homem sentado na quinta fileira. Por que ele a estava encarando?

Iris tinha certeza absoluta de que nunca o vira. O cabelo dele era escuro, do tipo que anelava quando a umidade do ar aumentava, e o rosto parecia esculpido, elegante e bastante agradável. Era um homem bonito, embora não lindo.

Provavelmente não tinha título. A mãe dela sempre tivera muito cuidado com a educação social das filhas. Dificilmente existiria um nobre solteiro com menos de 30 anos que Iris e as irmãs não pudessem reconhecer de imediato.

Mas quem sabe seria um baronete. Ou um cavalheiro recém-chegado. Ele devia ser bem-relacionado, já que Iris identificou seu companheiro: o filho mais novo do conde de Rudland. Ela já o havia encontrado em várias ocasiões – mas isso não significava nada além do fato de que o honorável

Sr. Bevelstoke podia convidá-la para dançar caso estivesse inclinado a fazê-lo.

Só que nunca estava.

Iris não ficava ofendida por causa disso, pelo menos não muito. Não costumava ser convidada para dançar nem metade das músicas nos bailes e gostava de ter a oportunidade de observar todos rodopiando. Frequentemente, imaginava se as estrelas da alta sociedade de fato *notavam* o que acontecia a seu redor. Se uma pessoa estava sempre no centro de uma tormenta, perceberia a inclinação da chuva, sentiria o fustigar do vento?

Realmente ela não era muito convidada para dançar. Não havia nenhuma vergonha nisso. Sobretudo porque ela gostava de ficar à parte. Ora, alguns dos...

– *Iris* – sibilou alguém.

Era sua prima Sarah, inclinando-se sobre o piano com uma expressão urgente.

Ah, maldição, ela perdera a hora de entrar.

– Sinto muito – murmurou Iris, apesar de ninguém poder ouvi-la.

Isso nunca acontecera antes. Não importava que o resto das musicistas fosse tão horrível que não faria nenhuma diferença entrar ou não na hora certa – tratava-se de uma questão de princípios.

Alguém precisava tentar interpretar bem.

Iris tocou violoncelo ao longo das páginas seguintes da partitura, fazendo todo o possível para ignorar Daisy, que vagava pelo palco com seu violino. Entretanto, quando chegou à outra pausa longa da sua parte, acabou olhando para a plateia.

Ele ainda a encarava.

Haveria algo em seu vestido? No cabelo? Sem pensar, ergueu a mão para mexer no penteado, meio que esperando encontrar ali um graveto.

Nada.

Iris se enfureceu. Ele estava tentando perturbá-la. Não poderia haver outra explicação. Que camponês grosseiro! Além de idiota. O homem achava que era capaz de irritá-la mais do que a própria irmã? Seria necessário aparecer o Minotauro tocando acordeão para superar Daisy na escala de incômodo e atingir o sétimo círculo do inferno.

– Iris! – sussurrou Sarah.

– Arrrrgh – grunhiu Iris.

Ela havia perdido a entrada de novo. Bom, ora essa, quem era Sarah para se queixar? Ela pulara duas páginas do segundo movimento.

Iris localizou o ponto certo na partitura e recomeçou a tocar, aliviada ao perceber que estavam se aproximando da conclusão do recital. Ela só precisava tocar as notas finais, fazer uma reverência como se realmente estivesse agradecida e tentar sorrir em meio aos constrangidos aplausos.

Então, poderia alegar uma dor de cabeça, voltar para casa, fechar a porta do quarto, ler um livro, ignorar Daisy e fingir que não precisaria fazer tudo de novo no ano seguinte.

A menos, é claro, que se casasse.

Era a única forma de escapar. Todas as mulheres solteiras da família Smythe-Smith eram obrigadas a participar do quarteto quando surgia uma possibilidade de tocar o instrumento eleito. Permaneciam no grupo até caminhar pelo corredor da igreja direto para os braços do noivo.

Só uma prima conseguira se casar antes de ser forçada a subir ao palco. Fora uma incrível convergência de sorte e astúcia. Frederica Smythe-Smith, agora Frederica Plum, aprendera violino, assim como a irmã mais velha, Eleanor.

Mas Eleanor não havia sido "arrebatadora", segundo a mãe de Iris. A jovem fizera parte do quarteto por sete anos, um verdadeiro recorde, antes de se apaixonar perdidamente por um amável clérigo, que teve o incrível bom senso de amá-la com igual entrega. Iris gostava de Eleanor, mesmo quando ela se definia como uma musicista de talento – o que não era.

Quanto a Frederica... O atrasado êxito de Eleanor no mercado matrimonial significou que a cadeira de violinista já estava ocupada quando a irmã menor debutou. E se Frederica se assegurasse de encontrar um marido com a maior rapidez possível...

Ela era uma lenda. Pelo menos aos olhos de Iris.

Frederica agora vivia no sul da Índia, e Iris suspeitava que, de algum modo, isso estava relacionado com sua fuga do recital. Fazia muitos anos que ninguém da família a via, embora às vezes uma carta chegasse a Londres trazendo notícias sobre o calor, as especiarias e um ocasional elefante.

Iris odiava o calor e não gostava muito de comida picante, mas, quando se sentava no salão de baile de suas primas tentando fingir que não havia cinquenta pessoas observando-a fazer papel de ridículo, não podia deixar de pensar que a Índia era uma ideia bastante agradável.

Ela não tinha nenhuma opinião formada sobre elefantes.

Talvez pudesse encontrar um marido ainda naquele ano. Para falar a verdade, não havia se esforçado tanto em suas duas temporadas sociais. Mas achava difícil ter ânimo quando se era uma garota invisível – um fato que ninguém poderia negar.

Exceto por aquele estranho homem da quinta fileira. Ela fitou a plateia e, imediatamente, baixou o olhar outra vez. *Por que* ele a estava encarando?

Aquilo não fazia nenhum sentido. Iris *odiava* coisas sem sentido, até mais do que a vergonha de ser ridicularizada.

CAPÍTULO 2

Estava claro para Richard que Iris Smythe-Smith planejava fugir do recital assim que pudesse. Não era algo muito evidente, mas ele já a observava havia uma hora, pelo menos era o que parecia, e se considerava capaz de compreender as expressões e os gestos da relutante violoncelista.

Teria que agir com rapidez.

– Apresente-nos – pediu a Winston, fazendo um sinal discreto com a cabeça na direção dela.

– Sério?

Richard assentiu.

Winston deu de ombros, obviamente surpreso pelo interesse do amigo na pálida Srta. Iris Smythe-Smith. Mas, além da pergunta inicial, não demonstrou nenhuma curiosidade. Ele foi atravessando o aglomerado da plateia com seu jeito suave de sempre. Embora a jovem em questão estivesse ao lado da porta com uma postura constrangida, seus olhos aguçados observavam o salão, as pessoas ali presentes e suas interações.

Ela estava calculando o momento certo para escapar, Richard não tinha dúvida.

Entretanto, sua tentativa seria frustrada. Winston parou de repente diante dela, antes que a moça pudesse se mover.

– Srta. Smythe-Smith – disse, bem-humorado e amável. – Que maravilha vê-la de novo.

Ela fez uma reverência desconfiada. Era evidente que não tinha nenhum nível de intimidade com Winston que justificasse uma saudação tão afetuosa.

– Sr. Bevelstoke – murmurou ela.

– Posso lhe apresentar meu bom amigo, sir Richard Kenworthy?

Richard fez uma mesura.

– É um prazer conhecê-la.

– O prazer é todo meu.

Os olhos da moça eram tão claros quanto ele imaginara, embora, apenas à luz de velas agora, não fosse possível discernir a cor exata. Cinza, talvez, ou azul, emoldurados por cílios muito claros, que só não eram invisíveis por serem tão longos.

– Minha irmã envia suas desculpas – comunicou Winston.

– Sim, ela costuma vir, não? – murmurou a Srta. Smythe-Smith, com apenas um esboço de sorriso. – Ela é muito amável.

– Ah, não acredito que isso tenha a ver com amabilidade – replicou ele cordialmente.

A Srta. Smythe-Smith arqueou uma sobrancelha pálida e encarou Winston.

– Na verdade penso que a amabilidade tem tudo a ver.

Richard estava inclinado a concordar. Não conseguia imaginar por que outro motivo a irmã de Winston se submeteria àquela apresentação mais de uma vez. Ele admirou a perspicácia da Srta. Smythe-Smith.

– Ela me enviou em seu lugar – acrescentou Winston. – Disse que nossa família não poderia ficar sem representante este ano. – Ele olhou para Richard. – Ela foi inflexível.

– Por favor, transmita-lhe a minha gratidão – pediu a jovem. – Mas, se me derem licença, preciso...

– Posso lhe fazer uma pergunta? – interrompeu-a Richard.

Iris ficou imóvel, já meio virada na direção da porta. Ela o encarou com certa surpresa, assim como Winston.

– É claro que pode – murmurou ela, o olhar nem de longe tão sereno quanto o tom de voz.

A Srta. Smythe-Smith era uma jovem bem-educada, e ele, um baronete. Ela não poderia dar outra resposta, e ambos sabiam disso.

– Há quanto tempo a senhorita toca violoncelo? – questionou Richard de supetão.

Foi a primeira pergunta que lhe veio à mente e, só depois que ela saiu de seus lábios, ele se deu conta de que fora bastante rude. A jovem sabia que o quarteto era horrível e que ele devia compartilhar da opinião geral. Indagar sobre sua formação chegava a ser cruel. Mas ele estava sob pressão. Não podia deixá-la ir embora. Não sem ao menos uma rápida conversa.

– Eu... – balbuciou ela por um momento.

Richard sentiu um conflito interno. Não tivera a intenção de... Mas que inferno!

– Foi uma atuação encantadora – comentou Winston, olhando para Richard como se quisesse lhe dar um chute.

Richard falou rapidamente, ansioso para se redimir aos olhos dela:

– O que eu quis dizer foi que a senhorita parecia um pouco mais preparada do que suas primas.

Iris piscou várias vezes. Maldição, agora ele acabara de insultar as primas dela, mas supôs que era melhor isso do que insultá-la.

– Eu estava sentado no lado do salão mais perto da senhorita – continuou Richard – e, de vez em quando, podia ouvir o som do violoncelo acima dos outros instrumentos.

– Entendo – disse ela lentamente, e talvez com certa cautela.

Ela não sabia o que pensar sobre aquele interesse repentino, isso estava bem claro.

– A senhorita é muito talentosa – completou Richard.

Winston olhou para o amigo com incredulidade. Richard podia imaginar muito bem o porquê. Não teria sido fácil discernir as notas do violoncelo em meio àquele estardalhaço e, para um ouvido não treinado, Iris devia parecer tão ruim quanto o resto. Para Winston, o fato de Richard dizer o contrário soava como o pior tipo de falsa adulação.

Entretanto, a Srta. Smythe-Smith tinha plena consciência de que tocava melhor do que as primas. Ele percebeu isso em seus olhos, pela maneira como ela reagiu às suas palavras.

– Nós todas estudamos desde muito jovens – explicou Iris.

– É evidente – concordou ele.

É claro que ela não diria nada diferente disso. Não insultaria a própria família na frente de um estranho.

Um silêncio incômodo se abateu sobre o trio e a Srta. Smythe-Smith abriu mais um sorriso amável, com a evidente intenção de pedir licença para sair.

– A violinista é sua irmã? – quis saber Richard, antes que ela pudesse falar qualquer coisa.

Winston lançou um olhar curioso ao amigo.

– Uma delas, sim – respondeu ela. – A loura.

– Sua irmã mais nova?

– Quatro anos mais jovem, sim – respondeu ela, a voz cada vez mais áspera. – É sua primeira temporada, apesar de já ter atuado no quarteto no ano passado.

– Por falar nisso – interrompeu-a Winston, livrando Richard de pensar em outra pergunta inoportuna –, por que lady Sarah estava ao piano? Pensei que o quarteto fosse formado apenas por moças solteiras.

– Falta-nos uma pianista. Se Sarah não tivesse participado, o recital teria sido cancelado.

A pergunta óbvia pairava no ar: teria sido tão ruim?

– O cancelamento partiria o coração de minha mãe – esclareceu a Srta. Smythe-Smith, e era impossível dizer exatamente que emoção sua voz expressava. – E o de minhas tias.

– Muito amável da parte dela ceder seu talento – afirmou Richard.

E então a Srta. Smythe-Smith murmurou algo surpreendente:

– Ela nos devia.

– O que disse? – perguntou Richard.

– Nada – respondeu ela, exibindo um sorriso alegre... e falso.

– Não, devo insistir – falou ele, intrigado. – Não há como fazer tal declaração e deixá-la sem um esclarecimento.

Os olhos dela se desviaram para a esquerda. Talvez para se assegurar de que a família não pudesse ouvir. Ou talvez apenas estivesse se contendo para não revirar os olhos.

– Não é nada, de verdade. Ela não tocou ano passado. Retirou-se no dia da apresentação.

– O recital foi cancelado? – quis saber Winston, franzindo a testa enquanto tentava se lembrar.

– Não. A governanta das irmãs dela tocou conosco em seu lugar.

– Ah, é verdade – disse Winston, assentindo. – Agora me lembro. Quanta gentileza. De fato é impressionante que a governanta conhecesse a peça tocada.

– Sua prima estava doente? – indagou Richard.

A Srta. Smythe-Smith abriu a boca para responder, mas, no último instante, mudou de ideia a respeito do que ia dizer – Richard estava certo disso.

– Sim – falou ela. – Estava enferma. Agora, se me dão licença, há um assunto que preciso resolver.

Os três fizeram uma reverência e ela se foi.

– O que foi tudo isso? – perguntou Winston no mesmo instante.

– O quê? – indagou Richard, fingindo ignorância.

– Você praticamente se lançou contra a porta para evitar que ela fosse embora.

Richard deu de ombros.

– Eu a achei interessante.

– Ela? – Winston olhou para a porta pela qual a Srta. Smythe-Smith acabara de sair. – Por quê?

– Não sei – mentiu Richard.

Winston se voltou para o amigo, olhou de novo para a porta e, em seguida, outra vez para Richard.

– Devo dizer que ela não é o tipo que você costuma apreciar.

– Não – concordou Richard, apesar de nunca ter refletido sobre suas preferências. – Não, não é.

Mas a questão é que ele nunca fora obrigado a encontrar uma esposa. Agora seu prazo era de apenas duas semanas, nem um dia a mais.

No dia seguinte, Iris estava na sala com a mãe e Daisy, esperando a inevitável fila de visitantes. Por insistência da mãe, elas eram *obrigadas* a ficar em casa para receber as pessoas que desejavam felicitá-las por seu desempenho.

Iris imaginou que as irmãs casadas também apareceriam e, muito provavelmente, algumas poucas damas. As mesmas que assistiam ao recital todos os anos por pura bondade. O restante evitaria a casa das Smythe-Smiths – qualquer uma das casas – como se fugissem de uma praga. A última coisa que um ser humano queria fazer era ter uma conversa educada sobre um desastre sonoro.

Era como se os penhascos de Dover despencassem sobre o mar e todo mundo se sentasse em volta para tomar chá e comentar: “Ah, sim, que maravilhoso espetáculo. Uma lástima, porém, o que aconteceu à casa do vigário.”

Porém, era cedo e elas ainda não tinham sido agraciadas com nenhuma visita. Iris havia levado algo para ler, mas Daisy continuava radiante de alegria e triunfo.

– Acho que estávamos esplêndidas – anunciou ela.

Iris tirou os olhos do livro por tempo suficiente para dizer:

– Não estávamos esplêndidas.

– Talvez você não, escondida atrás do violoncelo, mas eu nunca me senti tão viva e em tanta sintonia com a música.

Iris mordeu o lábio. Havia muitas maneiras de responder. Era como se a irmã mais nova lhe *implorasse* para que fizesse uso de todas as palavras de seu arsenal de sarcasmos. Mas ela permaneceu em silêncio. O recital sempre a deixava irritada e, por mais enervante que Daisy fosse – e ela era, ah, como era –, não tinha culpa do mau humor de Iris. Bem, não inteiramente.

– Havia muitos cavalheiros bonitos na apresentação – comentou Daisy. – A senhora reparou, mamãe?

Iris revirou os olhos. É claro que a mãe tinha reparado. Era sua função observar todos os cavalheiros adequados do salão. Não, mais que isso: era sua vocação.

– O Sr. St. Clair estava lá – continuou Daisy. – Tão elegante com aquele rabo de cavalo...

– Ele nunca vai olhá-la duas vezes – afirmou Iris.

– Não seja cruel, Iris – ralhou a mãe, e logo se voltou para Daisy. – Mas ela tem razão. E nós também não o desejamos. Ele é muito devasso para uma senhorita decente.

– Ele estava conversando com Hyacinth Bridgerton – observou Daisy.

Iris encarou a mãe, ansiosa – e, para falar a verdade, divertindo-se – para ver como ela reagiria. Ninguém era mais popular ou respeitável do que os Bridgertons, mesmo que Hyacinth, a caçula, fosse conhecida como uma garota terrível.

A Sra. Smythe-Smith fez o que sempre fazia quando não queria responder: ergueu as sobrancelhas, baixou o queixo e bufou com desdém.

Fim da conversa. Pelo menos fim daquele assunto.

– Winston Bevelstoke não é libertino – disse Daisy, girando um pouco para a direita. – Ele estava sentado quase na frente.

Iris bufou.

– Ele é deslumbrante! – exclamou Daisy.

– Eu nunca disse que não era – retrucou Iris. – Mas deve ter quase 30 anos. E estava na quinta fileira.

A precisão pareceu desconcertar a mãe:

– Na quinta...?

– Certamente não era na frente – interveio Iris.

Que inferno, ela odiava quando as pessoas se enganavam nos pequenos detalhes.

– Ora, pelo amor de Deus – retrucou Daisy. – Não importa onde ele estava sentado. Tudo o que importa é que ele estava *lá*.

Isso era verdade, mas, ainda assim, não se tratava do cerne da questão.

– Winston Bevelstoke nunca se interessaria por uma garota de 17 anos – insistiu Iris.

– Por que não? – questionou Daisy. – Acho que você está com inveja.

Iris revirou os olhos.

– Isso está tão longe de ser verdade que nem sei por onde começar a explicar.

– Ele ficou me olhando – garantiu Daisy. – O fato de ainda estar solteiro demonstra a sua seletividade. Talvez esteja esperando que a moça perfeita apareça.

Iris inspirou profundamente, contendo a réplica que já coçava em seus lábios.

– Se você se casar com Winston Bevelstoke – afirmou, com muita calma –, serei a primeira a felicitá-la.

Os olhos de Daisy se estreitaram.

– Ela está sendo sarcástica de novo, mamãe.

– Não seja sarcástica, Iris – pediu Maria Smythe-Smith, sem afastar os olhos de seu bordado.

Iris fechou a cara.

– Quem era o cavalheiro que acompanhava o Sr. Bevelstoke ontem à noite? – perguntou a Sra. Smythe-Smith. – Aquele de cabelos escuros.

– Ele falou com Iris depois da apresentação – informou Daisy.

A mãe lançou um olhar perspicaz para a filha mais velha.

– Eu sei.

– Era sir Richard Kenworthy – respondeu Iris.

As sobrancelhas de sua mãe se levantaram.

– Tenho certeza de que estava apenas sendo educado – acrescentou Iris.

– Estava sendo educado por um tempo bem longo – observou Daisy, rindo.

Iris a encarou, incrédula.

– Nós conversamos durante cinco minutos. Se tanto.

– É mais tempo do que os cavalheiros costumam lhe reservar.

– Daisy, não seja cruel – pediu a mãe. – Mas devo concordar. Acredito que foram mais de cinco minutos.

– Não foram – murmurou Iris.

Só que a mãe não a ouviu. Ou, mais provavelmente, optou por ignorá-la.

– Teremos que investigá-lo.

A boca de Iris se abriu em uma expressão indignada. Ela havia passado cinco minutos em companhia de sir Richard e sua mãe já começara a tramar o destino do pobre homem.

– Você não vai ser jovem para sempre – comentou a Sra. Smythe-Smith.

Daisy sorriu com malícia.

– Ótimo – afirmou Iris. – Vou tratar de captar o interesse dele por um quarto de hora da próxima vez. Isso deve ser suficiente para obter uma licença especial de matrimônio.

– Ah, você acha? – perguntou a irmã. – Seria muito romântico.

Iris só fez encará-la. *Agora* Daisy resolvera não entender o sarcasmo?

– Qualquer pessoa pode contrair matrimônio em uma igreja – acrescentou a mais jovem. – Mas uma licença especial é mesmo especial.

– Daí o nome – resmungou Iris.

– Custa muito caro e não a concedem a qualquer um.

– Suas irmãs se casaram adequadamente na igreja, e com vocês acontecerá assim também – sentenciou a mãe.

Isso pôs fim à conversa durante pelo menos cinco segundos, que era todo o tempo que Daisy conseguia ficar sentada em silêncio.

– O que você está lendo? – perguntou ela, esticando o pescoço para Iris.

– *Orgulho e preconceito*.

Ela nem ergueu a vista, mas resolveu marcar a página com o dedo só para garantir.

– Mas você já não leu esse livro?

– É um bom livro.

– Como um livro pode ser tão bom para dar vontade de lê-lo duas vezes?

Iris deu de ombros, um gesto que uma pessoa menos obtusa teria interpretado como um sinal de que ela não desejava continuar a conversa.

Mas não Daisy.

– Eu também já o li.

– É mesmo?

– Sinceramente, não achei tão bom.

Iris enfim levantou os olhos.

– Perdão?

– É muito pouco realista – opinou Daisy. – Devo acreditar que a Srta. Elizabeth rechaçaria a proposta matrimonial do Sr. Darcy?

– Quem é a Srta. Elizabeth? – quis saber a mãe, a atenção finalmente arrancada de seu bordado. Ela olhou de uma filha para a outra. – E quem é esse tal de Sr. Darcy?

– Era evidente que ela nunca teria uma oferta melhor que a do Sr. Darcy – insistiu Daisy.

– Foi isso que o Sr. Collins disse quando propôs casamento a ela – replicou Iris. – E então o Sr. Darcy propôs também.

– *Quem é o Sr. Collins?*

– São personagens fictícios, mamãe – explicou Iris.

– Muito tolos e idiotas, se quer saber minha opinião – retrucou Daisy, com altivez. – O Sr. Darcy é muito rico. E a Srta. Elizabeth não tem dote. Que coragem a dele de propor a ela...

– Ele a amava!

– É obvio que sim – concordou Daisy, zangada. – Por que motivo ele iria pedi-la em casamento? E ela o rejeitou!

– Elizabeth tinha suas razões.

Daisy revirou os olhos.

– Ela teve sorte de ele ter insistido. Isso é tudo o que tenho a dizer sobre o assunto.

– Acredito que eu deveria ler esse livro – disse a Sra. Smythe-Smith.

– Pode pegar – falou Iris, sentindo-se repentinamente desanimada. Ela estendeu o volume para a mãe. – Leia este.

– Mas você está na metade.

– Já o li antes.

A Sra. Smythe-Smith pegou o livro, folheou até a primeira página e leu a primeira frase, que Iris sabia de cor:

> *É uma verdade universalmente aceita que um homem solteiro, possuidor de boa fortuna, necessita de uma esposa.*

– Bom, isso é verdade mesmo – comentou a mãe para si mesma.

Iris suspirou, perguntando-se como iria se manter ocupada agora. Imaginou que poderia buscar outro livro, mas estava muito bem acomodada no sofá para pensar em se levantar. Ela suspirou.

– O quê? – quis saber Daisy.

– Nada.

– Você suspirou.

Iris lutou contra o impulso de gemer.

– Nem todos os suspiros têm a ver com você.

Daisy fungou e se virou.

Iris fechou os olhos. Talvez pudesse tirar uma soneca. Não havia dormido bem, algo normal na noite que se seguia ao recital. Sempre dizia a si mesma que conseguiria descansar, pois teria um ano inteiro pela frente antes de se aterrorizar com outra apresentação.

Porém, o sono não era seu amigo, não quando o cérebro repetia cada momento passado, cada nota mal tocada. Os olhares de zombaria, piedade, choque e surpresa... Ela quase podia perdoar a prima Sarah por fingir uma enfermidade no ano anterior só para não se apresentar. Dava para entender. Por Deus, ninguém compreenderia a situação melhor do que ela.

E, então, sir Richard Kenworthy havia pedido para falar com ela. O que fora aquilo? Iris não era tola para pensar que ele estava interessado. Ela não era nenhum diamante de alto quilate. É verdade que esperava se casar algum dia, mas, quando isso ocorresse, não seria porque um cavalheiro a vira e se apaixonara.

Ela não tinha encantos. Segundo Daisy, nem tinha cílios.

Não, quando Iris se casasse, seria por uma proposta sensata. Um cavalheiro comum iria considerá-la uma moça agradável e decidiria ser vantajoso ter a neta de um conde na família, mesmo com um dote modesto.

E ela tinha cílios, sim, pensou, zangada. Só que eram muito claros.

Precisava saber mais sobre sir Richard. Porém, mais importante ainda, precisava encontrar uma maneira de fazer isso sem chamar atenção. Não seria bom que a vissem correndo atrás dele. Especialmente quando...

– Chegaram algumas visitas, madame – anunciou o mordomo.

Iris se sentou. *Hora de adotar uma boa postura*, pensou ela, com falsa alegria. Ombros retos, costas eretas...

– O Sr. Winston Bevelstoke.

Daisy se endireitou e se pavoneou, mas não antes de lançar à irmã um olhar que declarava “eu não disse?”.

– E sir Richard Kenworthy.

CAPÍTULO 3

– Sabe – disse Winston, enquanto se detinham no pé da escada da casa dos Smythe-Smiths –, não é bom alimentar as esperanças da jovem.

– E eu pensando que visitar uma jovem era um costume bem-visto... – falou Richard.

– E é, mas essas são as Smythe-Smiths.

Richard tinha começado a subir as escadas, mas parou.

– Há algo excepcional a respeito dessa família? – perguntou ele, num tom suave. – Além de seus talentos musicais únicos?

Ele precisava se casar logo, mas também precisava que as intrigas e – que Deus não permitisse – os escândalos repercutissem o mínimo possível. Se os Smythe-Smiths tinham segredos obscuros, Richard deveria saber.

– Não – respondeu Winston, balançando a cabeça, distraído. – Não. É só... Bem, suponho que se poderia dizer...

Richard aguardou. Winston acabaria revelando.

– Esse ramo particular da família Smythe-Smith é um tanto...

Winston suspirou, incapaz de terminar a frase. Era mesmo um sujeito agradável, pensou Richard com um sorriso. Ele podia até tapar os ouvidos com algodão e tomar vinho durante um recital, mas não se atrevia a falar mal de uma dama, mesmo que o único insulto fosse chamá-la de impopular.

– Se você cortejar uma das jovens Smythe-Smiths – continuou Winston por fim –, as pessoas vão ficar curiosas.

– Porque sou um bom partido? – indagou Richard, com a voz seca.

– E não é?

– Não – respondeu Richard. Só mesmo Winston para ficar alheio a isso. – Não sou, não.

– Ora, as coisas não podem estar tão ruins.

– Mal consegui salvar as terras de Maycliffe da negligência e má gestão de meu pai, uma ala inteira da casa está inabitável e sou o tutor de minhas duas irmãs. – Richard deu um sorriso gentil. – Não, eu não diria que sou um grande partido.

– Richard, você sabe que eu... – Winston franziu a testa. – Por que Maycliffe está inabitável?

Richard balançou a cabeça e subiu os degraus.

– Não, sério, estou curioso. Eu...

Mas Richard já tinha batido à porta com a aldrava.

– Inundação – explicou ele. – Insetos. Talvez um fantasma.

– Se é tão grave – disse Winston rapidamente, fitando a porta –, você vai precisar de um dote maior do que o que encontrará aqui.

– Talvez – murmurou Richard.

Mas ele tinha outras razões para procurar Iris Smythe-Smith. Ela era inteligente – não precisara passar muito tempo em sua companhia para se assegurar disso. E valorizava a família. Só podia. Caso contrário, por que teria participado daquele terrível recital?

Será que ela poderia valorizar a família *dele* tanto quanto a própria? Seria necessário se o casamento se confirmasse.

A porta foi aberta de repente por um mordomo corpulento, que tomou os cartões de Winston e Richard com uma rígida reverência. Pouco depois, eles foram conduzidos até uma sala pequena, mas elegante, decorada em tons de creme, dourado e verde. Richard percebeu imediatamente que Iris estava no sofá, olhando-o em silêncio através dos longos cílios. Em outra mulher, a expressão poderia ter parecido coquete; em Iris, era mais vigilante. Avaliadora.

Ela o estava examinando. Richard não tinha certeza de como se sentia a respeito disso. Ele *precisava* se mostrar deleitado.

– O Sr. Winston Bevelstoke e sir Richard Kenworthy – anunciou o mordomo.

As damas se levantaram para saudá-los e eles dedicaram sua atenção, em primeiro lugar, à Sra. Smythe-Smith, como era apropriado.

– Sr. Bevelstoke – disse ela, sorrindo para Winston. – Já se passou muito tempo. Como está sua querida irmã?

– Muito bem. Ainda está no período de resguardo, quase no fim, caso contrário teria ido ao recital ontem à noite. – Ele gesticulou na direção de

Richard. – Acredito que não conheça meu bom amigo, sir Richard Kenworthy. Estudamos juntos em Oxford.

Ela sorriu educadamente.

– Sir Richard.

Ele inclinou a cabeça numa reverência.

– Sra. Smythe-Smith.

– Minhas duas filhas mais jovens – apresentou ela, apontando para as duas moças atrás de si.

– Tive a honra de conhecer a Srta. Smythe-Smith ontem à noite – disse Richard, cumprimentando Iris com uma leve mesura.

– Sim, é claro que sim.

A Sra. Smythe-Smith abriu um sorriso que não chegou a se irradiar para os olhos. Uma vez mais, Richard teve a clara impressão de que estava sendo analisado. Com que critérios, entretanto, não tinha como saber. Era algo bastante incômodo. Não pela primeira vez, pegou-se pensando que Napoleão poderia ter sido derrotado antes de Waterloo se tivessem enviado as mães londrinas para cuidar das estratégias.

– Minha filha mais nova – disse a Sra. Smythe-Smith, inclinando a cabeça para Daisy –, a Srta. Daisy Smythe-Smith.

– Srta. Daisy – falou Richard, inclinando-se sobre a mão da moça.

Winston fez o mesmo.

Feitas as apresentações, os dois cavalheiros se sentaram.

– O senhor gostou do recital? – perguntou a Srta. Daisy.

Ela parecia dirigir sua pergunta a Winston, e Richard ficou imensamente agradecido.

– Muito – respondeu Winston, depois de pigarrear seis vezes. – Não me recordo da última vez que, ahn...

– Imagino que o senhor nunca tenha ouvido Mozart ser tocado com tanto fervor – interveio Iris em seu socorro.

Richard sorriu. Havia uma astúcia bastante atraente nela.

– É verdade – concordou Winston rapidamente, com evidente alívio. – Foi uma experiência singular.

– E quanto ao senhor, sir Richard? – perguntou Iris.

Ele a olhou nos olhos – como finalmente pôde perceber, eram de um tom de azul bem claro – e, para sua surpresa, viu ali um brilho de impertinência. Estaria tentando provocá-lo?

– Fiquei muito satisfeito por ter comparecido.

– Isso não é resposta – replicou ela, a voz baixa para não ser ouvida com clareza pela mãe.

Ele arqueou a sobrancelha.

– É a única a que vai obter.

Iris abriu a boca como se fosse ofegar, mas ao final disse apenas:

– Muito bem, sir Richard.

A conversa descambou para temas previsíveis – o clima, o rei, o clima outra vez –, até que Richard se aproveitou da banalidade geral para sugerir um passeio pelo Hyde Park, que ficava bem perto dali.

– Porque o clima está agradável – concluiu.

– Sim, exatamente como eu disse – exclamou Daisy. – O sol está brilhando de forma extraordinária. Está quente lá fora, Sr. Bevelstoke? Ainda não saí de casa.

– Um calor tolerável – respondeu Winston, antes de lançar a Richard um olhar rápido, porém letal.

Estavam empatados agora, ou talvez Richard ainda estivesse em dívida com ele. O recital das Smythe-Smiths não poderia ser tão desagradável quanto passar uma hora de braço dado com a Srta. Daisy. E ambos sabiam que Winston não seria o acompanhante de Iris.

– Fiquei surpresa por voltar a vê-lo tão pouco tempo depois do concerto – comentou Iris quando já tinham saído, dirigindo-se ao parque.

– E eu estou surpreso por ouvi-la dizer isso. Não dei a impressão de estar desinteressado.

Os olhos dela se arregalaram. Normalmente ele não seria tão ousado, mas não havia tempo para uma corte sutil.

– Não tenho certeza do que possa ter feito para ganhar sua consideração – falou Iris com cautela.

– Nada. Mas consideração nem sempre é obtida por meio de atitudes.

– Não? – Ela pareceu assustada.

– Não de imediato. – Ele sorriu, satisfeito porque a aba do chapéu que ela usava era estreita o suficiente para que ele visse seu rosto. – Não é esse o propósito da corte? Não é para determinar se vale a pena a consideração inicial?

– Acredito que o que o senhor chama de consideração eu chamo de atração.

Ele riu.

– A senhorita tem razão, é claro. Por favor, aceite minhas desculpas e meu esclarecimento.

– Então estamos de acordo. Não tenho a sua consideração.

– Mas me atraiu – murmurou ele, com audácia.

Richard percebeu que, quando Iris Smythe-Smith enrubescia, cada centímetro da pele ficava corado.

– O senhor sabe que não foi isso que eu quis dizer – murmurou ela.

– A senhorita tem minha consideração – garantiu ele com firmeza. – Se não a tivesse conquistado ontem à noite, isso aconteceria esta manhã.

O olhar de Iris exibiu uma expressão de surpresa e ela balançou um pouco a cabeça antes de voltar a fitar o caminho à frente.

– Não sou um homem que valoriza mulheres tolas – comentou Richard, quase como se comentasse sobre algo exposto em uma vitrine.

– O senhor não me conhece bem o suficiente para medir minha inteligência.

– Conheço-a bem o suficiente para saber que não é tola. Se sabe falar alemão ou fazer cálculos de cabeça, isso eu vou descobrir em breve.

Ela pareceu se conter para não sorrir, então disse:

– Sim para um, não para outro.

– Alemão?

– Não, cálculos.

– Mas que lástima. – Ele a encarou com um ar de cumplicidade. – O alemão seria muito prático para conversar com a família real.

Iris tornou a rir.

– Acho que agora todos falam inglês.

– Sim, mas continuam a se casar com alemães, certo?

– Sendo mais objetiva: não espero ter nenhuma audiência com o rei em breve.

Richard deu uma risadinha, desfrutando do raciocínio rápido da moça.

– Mas sempre nos resta a pequena princesa Vitória.

– Que provavelmente *não* fala inglês – admitiu Iris. – A mãe dela sem dúvida não fala.

– A senhorita a conhece? – perguntou Richard, seco.

– É evidente que não.

Iris o fitou e ele teve a sensação de que, caso se conhecessem melhor, ela teria lhe dado uma amistosa cotovelada nas costelas.

– Muito bem, estou convencida. Preciso encontrar bem depressa um professor de alemão.

– A senhorita tem facilidade com idiomas?

– Não, mas todas nós fomos obrigadas a estudar francês até mamãe decidir que era antipatriótico.

– Ela ainda pensa assim?

Meu Deus, a guerra terminara havia quase uma década.

Iris lhe lançou um olhar atrevido.

– Ela é muito rancorosa.

– Lembre-me de nunca deixá-la zangada.

– Eu não recomendaria – murmurou ela distraidamente. Sua cabeça se inclinou um pouco para o lado e ela fez uma careta. – Temo que esteja na hora de resgatar o Sr. Bevelstoke.

Richard olhou para Winston, que caminhava uns 5 metros à frente. Daisy agarrava seu braço e falava com tanta animação que seus cachos louros ricocheteavam.

Winston mantinha uma fisionomia relaxada, mas parecia vagamente enjoado.

– Eu amo Daisy – disse Iris com um suspiro –, só que demora um tempo até se chegar a esse ponto. Ah, Sr. Bevelstoke!

Ela soltou o braço de Richard e correu para Winston e a irmã. Richard apertou o passo e a seguiu.

– Queria saber qual é sua opinião sobre o Tratado de São Petersburgo – comentou Iris.

Winston a olhou como se ela estivesse falando outro idioma. Alemão, talvez.

– Saiu no jornal de ontem – prosseguiu Iris. – Com certeza o senhor leu.

– É claro que sim – afirmou Winston, demonstrando claramente que mentia.

Iris abriu um largo sorriso, ignorando a expressão zangada da irmã.

– Parece que todos ficaram satisfeitos. O senhor não concorda?

– Ahn... sim – respondeu Winston, mostrando-se mais entusiasmado. – Sim, é claro. – Ele captou a intenção de Iris, mesmo sem ter ideia do que ela estava dizendo. – Concordo.

– Do que estão falando? – perguntou Daisy.

– Do Tratado de São Petersburgo – explicou Iris.

– Sim, isso você já mencionou. Mas o que é isso?

Iris ficou paralisada.

– Ora, bem, é, ahn...

Richard sufocou uma risada. Iris não sabia do que se tratava. Levantara o assunto para salvar Winston da irmã, mas não sabia a resposta para a própria pergunta.

Era impossível não admirar seu descaramento.

– É um acordo entre a Grã-Bretanha e a Rússia – completou Iris.

– De fato – disse Winston, para ajudar. – É um tratado. Creio que foi assinado em São Petersburgo.

– É um grande alívio. Não lhe parece?

– Ah, sim. Todos nós poderemos dormir mais tranquilos agora.

– Nunca confiei nos russos – interveio Daisy, com uma fungada.

– Bem, eu não iria tão longe – retrucou Iris.

Ela olhou para Richard, mas ele só deu de ombros, divertindo-se muito para interceder.

– Minha irmã quase se casou com um príncipe russo – revelou Winston de repente.

– É mesmo? – perguntou Daisy, mostrando-se subitamente radiante.

– Bom, não, não foi bem assim. Mas ele queria se casar com ela.

– Ah, que divino! – exclamou Daisy, eufórica.

– Você acabou de dizer que não confia nos russos – lembrou Iris.

– Eu não me referia à realeza – replicou Daisy com desdém. – Conte-me – pediu, dirigindo-se a Winston –, ele era incrivelmente bonito?

– Acho que não sou a pessoa mais indicada para julgar – afirmou Winston, e acrescentou: – Mas ele era muito louro.

– Ah, um *príncipe*. – Daisy suspirou, pousando uma das mãos no coração. Então, seus olhos se estreitaram. – Mas por que raios ela não se casou com ele?

Winston deu de ombros.

– Acho que não quis. Acabou se casando com um baronete. Estavam apaixonados de uma forma nauseante. Contudo, não se pode negar que Harry é um bom sujeito.

Daisy ofegou tão alto que Richard teve certeza de que a ouviram em Kensington.

– Ela escolheu um baronete em vez de um príncipe?

– Algumas mulheres não se deslumbram com títulos – comentou Iris. Ela se virou para Richard e disse em voz baixa: – Acredite se quiser, é a segunda vez que temos essa conversa hoje.

– Verdade? – As sobrancelhas dele se levantaram. – De quem estavam falando antes?

– De personagens de um livro que eu estava lendo.

– Qual?

– *Orgulho e preconceito* – disse ela, abanando a mão. – Tenho certeza de que o senhor não o leu.

– Na verdade, li, sim. É um dos livros favoritos de minha irmã e pensei que seria prudente me familiarizar com suas opções de leitura.

– O senhor sempre tem uma visão tão paternal a respeito de suas irmãs? – perguntou ela, com malícia.

– Sou o tutor delas.

Os lábios de Iris se entreabriram e ela hesitou um pouco antes de falar:

– Desculpe-me. Foi rude de minha parte. Eu não sabia.

Ele aceitou suas desculpas com um gracioso meneio de cabeça.

– Fleur tem 18 anos e é meio romântica. Se pudesse, ficaria lendo melodramas o dia inteiro.

– *Orgulho e preconceito* não é um melodrama – protestou Iris.

– Não – concordou Richard, rindo –, mas não tenho nenhuma dúvida de que Fleur conseguiu convertê-lo em um na sua cabeça.

Ela sorriu.

– Há quanto tempo o senhor tem a tutela dela?

– Há sete anos.

– Ah! – Iris levou a mão à boca e parou de caminhar. – Sinto muito. É uma carga inimaginável para um homem tão jovem.

– Lamento dizer que considerei a situação como uma carga naquele momento. Tenho duas irmãs mais novas e, depois que meu pai morreu, eu as enviei para morar com uma tia.

– Teria sido difícil agir de outra maneira. O senhor ainda devia estar estudando.

– Estava na universidade. Não sou tão duro comigo mesmo a ponto de acreditar que deveria ter cuidado delas pessoalmente naquele período, mas deveria ter sido um tutor mais participativo.

Ela pousou a mão no braço dele em um gesto de consolo.

– Tenho certeza de que fez o melhor possível.

Richard sabia que não, mas apenas agradeceu:

– Obrigado.

– Que idade tem sua outra irmã?

– Marie-Claire tem quase 15 anos.

– Fleur e Marie-Claire – murmurou Iris. – Bem francês.

– Minha mãe era uma mulher extravagante. – Ele sorriu, depois encolheu de leve os ombros. – E também era meio francesa.

– Suas irmãs estão em casa agora?

– Sim. Em Yorkshire.

Ela assentiu, pensativa.

– Eu nunca estive tão ao norte.

– Não? – indagou ele, surpreso.

– Passo o ano inteiro em Londres. Meu pai é o quarto de cinco filhos. Não herdou terras.

Richard se perguntou se a afirmação fora um tipo de advertência. Se ele fosse um caça-fortunas, seria melhor procurar em outro lugar.

– Visito meus primos, é óbvio – prosseguiu Iris –, mas todos vivem no sul da Inglaterra. Acredito que nunca tenha viajado para além de Norfolk.

– A paisagem do norte é muito diferente. Pode ser bastante erma e sombria.

– O senhor não está se mostrando um embaixador entusiasta do próprio condado – repreendeu ela.

Ele deu uma risadinha.

– Nem tudo é ermo e sombrio. E algumas partes são belas à sua maneira.

Iris sorriu.

– De qualquer forma – continuou ele –, Maycliffe fica em um vale bastante aprazível. É tudo muito tranquilo se comparado ao resto do condado.

– E isso é bom? – perguntou ela, arqueando a sobrancelha.

Richard riu.

– Na verdade, não fica muito longe de Darlington e da ferrovia que estão construindo lá.

Os olhos azuis de Iris brilharam em assombro.

– É mesmo? Adoraria ver isso. Li que, quando tudo estiver pronto, será possível viajar a 25 quilômetros por hora, mas não consigo acreditar. Deve ser terrivelmente perigoso.

Ele assentiu com ar ausente, olhando para Daisy, que seguia interrogando o pobre Winston sobre o príncipe russo.

– Suponho que sua irmã pense que a Srta. Elizabeth não deveria ter rechaçado a primeira proposta de Darcy.

Iris ficou olhando fixamente para Richard antes de piscar e confirmar:

– Ah, sim, o livro. O senhor tem razão: Daisy achou que Lizzy foi muito tola.

– E a senhorita? – indagou ele, percebendo que queria de verdade saber a opinião dela.

Iris fez uma pausa, escolhendo as palavras. Richard não se importava com o silêncio: dava-lhe a oportunidade de observá-la enquanto pensava. Era mais bonita do que tinha suposto. Havia uma agradável simetria em seus traços e os lábios eram muito mais rosados do que imaginara, levando-se em consideração a palidez do resto do corpo.

– Tendo em vista o que ela sabia no momento – declarou Iris por fim –, não vejo como poderia ter aceitado a proposta. O senhor se casaria com alguém que não pudesse respeitar?

– É claro que não.

Ela assentiu distraidamente e franziu a testa enquanto olhava para Winston e Daisy outra vez. De alguma maneira, eles haviam se colocado bem mais à frente. Richard não podia ouvir o que conversavam, mas o amigo tinha o aspecto de um homem em apuros.

– Vamos ter que salvá-lo de novo – afirmou Iris com um suspiro. – Mas agora é a vez do senhor. Já esgotei meus conhecimentos sobre política russa.

Richard se inclinou na direção dela, ficando próximo o suficiente para murmurar em seu ouvido:

– O Tratado de São Petersburgo define o limite entre a América Russa e os Territórios do Noroeste.

Ela mordeu o lábio, tentando não sorrir.

– Iris! – chamou Daisy.

– Parece que não teremos que criar uma interrupção – comentou Richard quando alcançaram o outro casal.

– Convidei o Sr. Bevelstoke para o sarau de poesia na próxima semana, na casa dos Pleinsworths – anunciou Daisy. – Insista para que ele vá.

Iris olhou para a irmã com uma expressão de horror antes de se voltar para Winston.

– Eu... insisto que vá?

Daisy bufou com petulância diante da falta de disposição da irmã e se virou para Winston.

– O senhor precisa ir, Sr. Bevelstoke. Simplesmente precisa. Sem dúvida será edificante. Poesia sempre é.

– Não – rebateu Iris, com a testa franzida –, na realidade não é.

– É claro que estaremos lá – assegurou Richard, e os olhos de Winston se estreitaram perigosamente. – Não perderíamos por nada neste mundo – acrescentou ele.

– Os Pleinsworths são nossos primos – disse Iris com um olhar mordaz. – O senhor deve se lembrar de Harriet. Ela estava tocando violino...

– O *segundo* violino – interveio Daisy.

–... no recital de ontem à noite.

Richard engoliu em seco. Ela só podia estar se referindo àquela que não sabia ler partitura. Entretanto, não havia nenhuma razão para pensar que isso fosse um mau presságio para um sarau de poesia.

– Harriet é entediante – afirmou Daisy –, porém suas irmãs mais jovens são adoráveis.

– Eu gosto de Harriet – retrucou Iris com firmeza. – Gosto muito dela.

– Então estou certo de que será uma noite agradável – concluiu Richard.

Daisy abriu um sorriso radiante e deu o braço a Winston mais uma vez, liderando o caminho de volta ao Cumberland Gate, através do qual tinham entrado. Richard seguiu com Iris, só que em um ritmo mais lento para que pudessem conversar de maneira particular.

– Se eu fosse visitá-la amanhã – perguntou em voz baixa –, a senhorita estaria em casa?

Ela não o encarou, o que era uma pena, já que ele teria gostado de ver seu rubor de novo.

– Estaria – sussurrou ela.

Esse foi o momento em que ele se decidiu: iria se casar com Iris Smythe-Smith.

CAPÍTULO 4

Mais tarde na mesma noite
Em um salão de baile de Londres

– Eles ainda não chegaram – disse Daisy.

Iris fingiu sorrir.

– Eu sei.

– Estava vigiando a porta.

– Eu sei.

Daisy brincava com a renda do vestido verde.

– Espero que o Sr. Bevelstoke goste do meu vestido.

– Não vejo como poderia não considerá-lo encantador – comentou Iris, sincera.

Daisy a deixava louca na maior parte do tempo e Iris nem sempre tinha palavras amáveis para a irmã, mas estava disposta a fazer elogios quando eram merecidos.

Daisy era adorável, sempre fora, com seus cachos dourados e brilhantes e a boca como um botão de rosa. As duas não tinham uma cor de pele tão distinta, mas o que brilhava como ouro em Daisy tomava um efeito esbranquiçado e desbotado em Iris.

A babá das meninas dissera uma vez que Iris poderia desaparecer em um balde cheio de leite, e essa afirmação não estava muito longe de ser verdadeira.

– Você não deveria ter usado essa cor – comentou Daisy.

– Justo quando eu estava tendo pensamentos benevolentes... – murmurou Iris.

Ela gostava do azul glacial da seda de seu vestido. Achava que a cor lhe ressaltava os olhos.

– Você devia usar cores mais escuras. Para contrastar.

– Contrastar?

– Bem, você precisa de *alguma* cor.

Iris acabaria matando a irmã qualquer dia. De verdade.

– Da próxima vez que formos às compras – prosseguiu Daisy –, deixe-me escolher os seus vestidos.

Iris a encarou durante um momento, então começou a se afastar.

– Vou pegar um pouco de limonada.

– Traga para mim também.

– Não.

Iris achou que Daisy não a ouvira, mas isso não era importante. A irmã logo perceberia não ter recebido nenhum refresco.

Assim como Daisy, Iris também ficara de olho na porta a noite inteira. A diferença era que ela procurara não chamar atenção. Quando sir Richard a levara de volta para casa, ela havia mencionado que estaria no baile dos Mottrams naquela noite. Era um evento anual e sempre muito prestigiado. Iris sabia que, se sir Richard não tivesse convite, seria capaz de conseguir um sem problemas. Ele não tinha falado que estaria presente, porém lhe agradecera pela informação. Isso só podia significar uma coisa, certo?

Iris andava pelos cantos do salão de baile, fazendo o que melhor sabia fazer em eventos como aquele: observar os outros. Ela gostava de se posicionar nos limites da pista de dança. Era uma observadora ávida de seus amigos. E dos conhecidos. E dos que não conhecia, e das pessoas de quem não gostava. Era divertido e, para dizer a verdade, na maior parte do tempo ela se animava mais assim do que se estivesse dançando. O problema era que naquela noite...

Naquela noite ela realmente desejava dançar.

Onde ele estaria? Era verdade que Iris chegara na hora exata, um costume já considerado antiquado. A mãe era obcecada por pontualidade, não importava quantas vezes Iris explicasse que o horário do convite não passava de uma referência.

Mas o salão de baile estava agora muito concorrido e qualquer um que se preocupava com o fato de chegar cedo demais não teria nenhum motivo para constrangimentos. Em uma hora, o local ficaria...

– Srta. Smythe-Smith.

Ela se virou. Sir Richard se encontrava diante dela, incrivelmente bonito em seu traje de noite.

– Não o vi entrar – disse ela, mas logo em seguida deu início à autoflagelação mental: *Estúpida, estúpida*.

Agora ele saberia que ela estava...

– Estava me procurando? – indagou ele, os lábios se curvando em um sorriso de cumplicidade.

– É claro que não – balbuciou ela, pois nunca fora boa mentirosa.

Ele se inclinou sobre a mão dela e a beijou.

– Ficaria lisonjeado se estivesse.

– Eu não estava exatamente *procurando* o senhor – replicou ela, tentando não deixar o constrangimento transparecer. – Mas olhei ao redor de vez em quando. Para ver se estava aqui.

– Então fico lisonjeado pelo seu "olhar ao redor".

Iris se esforçou para sorrir. Mas não era boa na arte de ser cortejada. Quando estava em um salão com pessoas que conhecia bem, podia conduzir uma conversa com estilo e sagacidade até o final. Seu sarcasmo impassível já era lenda na família. Mas, diante de um belo cavalheiro, sua língua se enrolava. Ela havia se saído tão bem naquela tarde apenas porque não estava segura de que havia despertado o interesse dele.

Era fácil ser natural quando as expectativas eram baixas.

– Posso me atrever a esperar que tenha reservado uma dança para mim?

– Tenho muitas danças não reivindicadas, senhor.

Como sempre.

– Não é possível.

Iris engoliu em seco. Ele a encarava com uma intensidade desconcertante. Seus olhos eram escuros, quase negros, e pela primeira vez na vida ela entendeu o que significava poder se afogar nos olhos de outra pessoa.

Ela conseguiria se afogar nos olhos *dele*. Com prazer.

– Acho difícil acreditar que os cavalheiros de Londres sejam tão tolos a ponto de deixá-la fora da pista de dança.

– Eu não me importo – garantiu ela, então acrescentou, ao perceber que ele não acreditara: – De verdade. Gosto muito de observar as pessoas.

– Gosta? – murmurou sir Richard. – E o que a senhorita vê?

Iris observou o salão. A pista de dança era um redemoinho de cores enquanto as damas giravam ao sabor da música.

– Ali – disse ela, referindo-se a uma jovem a uns 5 metros de distância. – Ela está sendo repreendida pela mãe.

Sir Richard se inclinou ligeiramente para um lado, para enxergar melhor.

– Não vejo nada fora do comum.

– Pode-se argumentar que ser repreendida pela mãe não é nada fora do comum, mas olhe com mais cuidado. – Iris apontou tão discretamente quanto pôde. – Ela vai ter problemas piores mais tarde. Não está ouvindo.

– A senhorita pode afirmar isso a esta distância?

– Tenho alguma experiência em matéria de repreensões.

Ele riu alto.

– Suponho que devo ser cavalheiro e não perguntar o que a senhorita fez para merecer uma reprimenda.

– Deve mesmo – respondeu ela, com um largo sorriso.

Talvez estivesse finalmente aprendendo a ser cortejada. Na verdade, estava achando a atividade muito agradável.

– Muito bem – falou ele com um meneio gracioso de cabeça –, a senhorita é observadora mesmo. Vou incluir essa qualidade entre as suas muitas. Mas não acredito que não goste de dançar.

– Mas eu não disse que não gosto de dançar. Disse apenas que não gosto de estar em todas as danças.

– E esteve em todas as danças esta noite?

Ela sorriu, sentindo-se valente e poderosa, muito diferente do normal.

– Eu não estou *nesta* dança.

As sobrancelhas escuras de sir Richard se ergueram diante daquela impertinência e, de imediato, ele fez uma elegante reverência.

– Srta. Smythe-Smith, me daria a grande honra de dançar comigo?

Iris sorriu amplamente, incapaz de fingir uma sofisticada indiferença. Pousou a mão na dele e o seguiu até a pista, onde os casais se alinhavam para um minueto.

Os passos eram intrincados, mas, pela primeira vez, Iris sentia que estava seguindo a dança sem ter que pensar no que fazer. Os pés sabiam aonde ir, os braços se levantavam nos momentos exatos e os olhos dele – ah, os olhos dele... – nunca deixavam os dela, nem mesmo quando a dança os levava a trocar de par.

Iris nunca havia se sentido tão estimada. Nunca havia se sentido tão...

Desejada.

Um calafrio percorreu seu corpo e ela cambaleou. Era essa a sensação de ser desejada por um cavalheiro? E de desejá-lo também? Já vira as primas se apaixonarem e balançara a cabeça, consternada, ao perceber como o amor as fazia agir de maneira ridícula. Elas descreviam uma ansiedade que lhes tirava o fôlego, beijos ardentes, até que, depois do casamento, tudo se reduzia a um sussurro entre o casal. Havia segredos – pareciam ser muito prazerosos – que não eram discutidos na frente das moças solteiras.

Iris não entendia. Quando as primas falavam sobre aquele perfeito momento de desejo que precedia um beijo, soava horrível. Beijar alguém na boca... Por que diabo iria querer fazer isso? Parecia uma atitude pouco higiênica.

Mas agora, enquanto dava voltas pelo salão segurando a mão de sir Richard e permitindo que ele a girasse, não podia deixar de olhar para seus lábios. Algo despertou dentro dela um estranho desejo, uma avidez no âmago que lhe roubava o fôlego.

Santo Deus, aquilo era desejo. Ela o desejava. Ela, que nunca tivera a mínima vontade de segurar a mão de um homem, queria *conhecê-lo*.

Iris ficou paralisada.

– Srta. Smythe-Smith? – Sir Richard se aproximou imediatamente. – Algo errado?

Ela piscou e, enfim, se lembrou de respirar.

– Nada – sussurrou. – Sinto-me um pouco tonta, só isso.

Ele a levou para longe dos outros casais.

– Permita-me trazer algo para beber.

Iris agradeceu e esperou em uma das cadeiras das acompanhantes até que ele retornasse com um copo de limonada.

– Não está gelada, mas a outra opção era champanhe, e não acredito que seja prudente, já que está tonta.

– Não. Não, é claro que não. – Ela tomou um gole, consciente de que ele a examinava com atenção. – Fazia muito calor ali – disse, sentindo necessidade de se explicar, embora com uma mentira. – Não achou?

– Um pouco, sim.

Ela tomou outro gole, contente por ter nas mãos algo no qual focar a atenção.

– O senhor não tem por que permanecer aqui e cuidar de mim.

– Eu sei.

Iris tentava não encará-lo, mas a agradável simplicidade das palavras dele lhe chamou a atenção.

Sir Richard deu um meio sorriso maroto.

– É muito agradável ficar aqui, na beira da pista de dança – ressaltou ele. – Muita gente para se observar.

Ela se voltou rapidamente para a limonada. Aquele era um elogio ardiloso, mas, por certo, um elogio. Ninguém além deles teria entendido, o que o tornava ainda mais fascinante.

– Acho que não vou ficar sentada aqui por muito mais tempo.

Os olhos dele pareceram cintilar.

– Uma afirmação como essa exige um esclarecimento.

– Agora que dançou comigo, outros sentirão a necessidade de seguir o exemplo.

Ele soltou uma risadinha.

– Srta. Smythe-Smith, então acha que nós, homens, somos tão pouco originais?

Ela deu de ombros, mantendo o olhar fixo à frente.

– Como eu disse, sir Richard, gosto muito de observar. Não posso afirmar *por que* os homens fazem isso, mas sem dúvida posso afirmar *o que* fazem.

– Seguem uns aos outros como carneirinhos?

Ela reprimiu um sorriso.

– Suponho que há algo de verdade nisso – reconheceu ele. – Preciso me felicitar por ter notado a senhorita por mim mesmo, sem imitar ninguém.

Iris o encarou.

– Sou um homem de gosto apurado.

Ela se conteve para não bufar. Agora ele começava a exagerar nos elogios. Mas isso lhe agradava. Era mais fácil permanecer indiferente quando soavam muito forçados.

– Não tenho nenhuma razão para duvidar de suas observações – continuou sir Richard, recostando-se na cadeira, enquanto contemplava as pessoas. – Mas, sendo homem e, portanto, um de seus inocentes objetos de estudo...

– Ora, *por favor*.

– Não, não, vamos ser francos. – Ele inclinou a cabeça para perto dela. – Tudo em nome da ciência, Srta. Smythe-Smith.

Ela revirou os olhos.

– Como eu estava dizendo – prosseguiu sir Richard, em um tom de voz que a desafiava a interrompê-lo –, acredito que posso lançar um pouco de luz sobre suas observações.

– Eu tenho uma hipótese.

– Ora, a senhorita falou que não sabia o motivo.

– Não de maneira conclusiva, mas minha curiosidade seria terrivelmente monótona se eu nunca tivesse refletido sobre a questão.

– Muito bem. Diga-me: por que os homens agem como carneirinhos?

– Bem, agora o senhor me colocou em apuros. Como posso responder sem ofendê-lo?

– Não pode, na verdade, exceto se eu garantir que meus sentimentos não serão feridos.

Iris suspirou, sem acreditar que estava tendo uma conversa tão estranha.

– O senhor não é tolo.

Ele piscou, surpreso.

– Como prometi, meus sentimentos não foram feridos.

– Portanto – continuou ela, sorrindo, pois quem não sorriria naquela situação? –, quando o senhor faz algo, os outros homens não pensam imediatamente que é um tolo. Imagino que alguns jovens cavalheiros por aqui o admiram.

– Quanta amabilidade de sua parte.

– Como eu ia dizendo – prosseguiu ela, ignorando a interrupção –, quando o senhor convida uma jovem para dançar... mais especificamente uma dama que quase não dança... outros homens ficam curiosos. Eles se perguntam se o senhor enxergou nela algo que eles mesmos não perceberam. Ainda que olhem mais de perto e não encontrem nada de interessante, não vão querer passar por ignorantes. Assim, também a convidam para dançar.

Ele não respondeu nada de imediato, por isso ela acrescentou:

– Suponho que me considere cínica.

– Ah, sem dúvida. Mas isso não é necessariamente algo ruim.

Iris se voltou para ele, surpresa.

– Perdão?

– Acredito que devemos conduzir um experimento científico.

– Um experimento – repetiu ela.

Que diabo ele queria dizer com aquilo?

– Já que a senhorita observou meus companheiros como se todos nós fôssemos espécimes em um laboratório grandiosamente decorado, proponho que façamos um experimento mais formal.

Sir Richard a encarou, esperando uma resposta, mas ela estava sem palavras.

– Afinal de contas – prosseguiu ele –, a ciência requer a coleta e a anotação de dados, não é mesmo?

– Suponho que sim – respondeu ela, desconfiada.

– Eu a levarei de novo para a pista. Ninguém se aproximará da senhorita aqui, nas cadeiras das acompanhantes. Todos vão supor que a senhorita se machucou. Ou que não se sente bem.

– É mesmo? – surpreendeu-se Iris.

Talvez essa fosse parte da razão pela qual não era convidada com frequência para dançar.

– Bom, pelo menos é o que sempre pensei. Por que outra razão uma jovem estaria aqui? – Sir Richard a olhou, logo Iris ficou em dúvida se era uma pergunta retórica, mas, no instante em que ia abrir a boca, ele continuou: – Vou levá-la de volta e deixá-la sozinha. Veremos quantos homens vão convidá-la para dançar.

– Não seja tolo.

– E a senhorita – continuou ele, como se ela não tivesse falado nada – precisa ser honesta comigo. Tem que me dizer a verdade: se será convidada para dançar mais vezes do que o habitual.

– Prometo dizer a verdade – afirmou Iris, contendo-se para não rir.

Ele tinha a habilidade de dizer a coisa mais tola do mundo como se fosse algo de grande importância. Ela quase podia acreditar que tudo aquilo era uma pesquisa científica.

Sir Richard se pôs de pé e lhe estendeu a mão.

– Milady?

Iris pousou o copo vazio de limonada em uma mesa e se levantou.

– Creio que não esteja mais sofrendo os efeitos da tontura – murmurou ele, conduzindo-a através do salão.

– Acredito que ficarei bem o resto da noite.

– Ótimo. – Ele fez uma reverência. – Até amanhã, então.

– Amanhã?

– Vamos passear, certo? A senhorita me concedeu permissão para visitá-la. Pensei que poderíamos dar um passeio pela cidade se o clima

cooperar.

– E se o clima não cooperar? – perguntou ela, sentindo-se um pouco insolente.

– Então falaremos sobre livros. Talvez – ele aproximou a cabeça dela – algo que sua irmã não tenha lido?

Iris deu uma gargalhada.

– Estou quase esperando que chova, sir Richard, e eu...

Porém, ela foi interrompida pela chegada de um cavalheiro de cabelo cor de areia, o Sr. Reginald Balfour. Iris já o conhecia: a irmã dele era amiga de uma de suas irmãs. Mas ele nunca tinha feito nada além de cumprimentá-la com polidez.

– Srta. Smythe-Smith – disse ele, fazendo uma reverência. – A senhorita está excepcionalmente bela esta noite.

A mão de Iris ainda estava no braço de sir Richard e ela pôde perceber sua tensão ao tentar não rir.

– A senhorita está comprometida para a próxima dança? – indagou o Sr. Balfour.

– Não, não estou.

– Então posso convidá-la?

Iris olhou para sir Richard. Ele piscou.

Uma hora e meia depois, Richard estava de pé, encostado à parede, observando Iris dançar com um homem desconhecido. Apesar de toda a conversa sobre não dançar todas as músicas, Iris parecia estar a caminho de alcançar essa meta, e sinceramente surpreendida pela atenção que despertava. Richard não podia afirmar se ela estava se divertindo, mas supôs que, mesmo se não estivesse, enxergaria a noite como uma experiência interessante, digna de seu particular estilo de observação.

Não pela primeira vez, ocorreu-lhe que Iris Smythe-Smith era muito inteligente. Esse era um dos motivos pelos quais a escolhera. Era uma criatura racional. Ela entenderia.

Ninguém parecia prestar atenção em sir Richard, que permanecia nas sombras, por isso aproveitou o momento para repassar mentalmente sua lista. Ele a havia redigido enquanto retornava às pressas a Londres, alguns dias antes. Bom, na verdade não a redigira. Não seria tolo de escrever algo

assim. Entretanto, durante a viagem, tivera tempo de sobra para refletir sobre o que necessitava em uma esposa.

Ela não podia ser mimada. Nem ser daquelas que gostavam de chamar atenção.

Não podia ser ignorante. Ele tinha boas razões para se casar às pressas, mas, independentemente de quem fosse a escolhida, teria que viver ao lado dela pelo resto da vida.

Seria bom que fosse bonita, porém não era algo imprescindível.

Não poderia ser de Yorkshire. Levando-se em consideração todas as questões, tudo seria muito mais fácil se ela fosse desconhecida na região.

Provavelmente não seria rica. Tinha que considerá-lo um bom partido. Sua esposa nunca precisaria dele tanto quanto ele precisaria dela, porém seria mais fácil – pelo menos no início – se ela não percebesse.

E, sobretudo, deveria compreender o que significava valorizar uma família. Essa era a única maneira de fazer com que tudo desse certo. Deveria entender *por que* ele estava fazendo aquilo.

Iris Smythe-Smith se ajustava às suas necessidades em todos os sentidos. Desde o primeiro momento em que a viu com seu violoncelo, desejando desesperadamente que as pessoas não a notassem, ela o deixara intrigado. A jovem já frequentava a sociedade havia anos, mas ele nunca ouvira dizer que ela recebera alguma proposta de casamento. Apesar de não ser rico, Richard era respeitável e não via por que a família da moça o desaprovaria, sobretudo quando não existiam outros pretendentes à vista.

E ele gostava de Iris. Sentia vontade de jogá-la sobre o ombro, desaparecer com ela e possuí-la? Não, mas também não pensava que seria desagradável quando fosse a hora.

Gostava dela. E sabia o suficiente sobre casamento para ter consciência de que isso era mais do que grande parte dos homens sentia enquanto caminhava para o altar.

Richard só gostaria de ter mais tempo. Ela era muito sensata para simplesmente aceitá-lo tão depressa, depois do primeiro encontro. E, para falar a verdade, ele não queria se casar com o tipo de mulher que agisse de forma tão precipitada. Teria que forçar a situação, o que era lamentável.

Porém, recordou a si mesmo, não havia mais nada a fazer naquela noite. Sua única tarefa era ser gentil e encantador para que, quando chegasse o momento, ninguém criasse problemas.

Ele já tinha problemas de mais para o resto da vida.

CAPÍTULO 5

No dia seguinte

— Não Daisy – implorou Iris. – Por favor, qualquer pessoa, menos Daisy.

– Você não pode caminhar por Londres com sir Richard sem uma acompanhante – retrucou a mãe, ajustando os prendedores de cabelo enquanto examinava o próprio reflexo na penteadeira. – Você sabe disso.

Iris correra até o quarto da mãe assim que soubera que Daisy a acompanharia no passeio com sir Richard. Com certeza ela se daria conta da loucura de um plano assim. Mas não, a Sra. Smythe-Smith parecia perfeitamente satisfeita com a ideia e agia como se tudo já estivesse decidido.

Iris se posicionou bem perto do espelho, para não ser ignorada.

– Então eu levo minha criada. Mas não Daisy. Ela não vai ficar só uns passos atrás. Você sabe disso.

A Sra. Smythe-Smith refletiu.

– Ela vai se intrometer em cada conversa – insistiu Iris.

A mãe ainda não parecia muito convencida e Iris se deu conta de que precisaria abordar o assunto de outro ângulo e argumentar que estava ficando encalhada e que aquela poderia ser sua última chance.

– Mamãe, por favor, reconsidere – insistiu Iris. – Se sir Richard tiver a intenção de me conhecer melhor, certamente não conseguirá se Daisy estiver conosco durante toda a tarde.

A mãe soltou um pequeno suspiro.

– Você sabe que é verdade – disse Iris, sem se exaltar.

– Você tem razão – concordou a Sra. Smythe-Smith, franzindo a testa. – Embora eu não queira que Daisy se sinta excluída.

– Ela é quatro anos mais nova do que eu. Haverá tempo suficiente para que encontre um cavalheiro por si mesma. – Iris acrescentou com uma vozinha quase sumida: – Agora é a minha vez.

Ela gostava de sir Richard, embora ainda não confiasse nele. Havia algo muito estranho, inesperado, na atenção que lhe dirigia. Ele tinha claramente pedido para ser apresentado a ela no recital; Iris não conseguia lembrar quando fora a última vez que isso acontecera. E logo propôs uma visita para o dia seguinte, e passou muito tempo ao lado dela no baile dos Mottrams... De fato algo sem precedentes.

Iris não acreditava que sir Richard tivesse intenções pouco honradas; gostava de pensar que julgava bem o caráter alheio e, fossem quais fossem seus objetivos, não achava que ele desejava arruinar sua honra. Mas tampouco podia crer que o baronete fora tomado por uma grande paixão. Se ela fosse o tipo de jovem que levaria os homens a se apaixonarem à primeira vista, certamente isso já teria acontecido antes.

Entretanto, não havia nenhum mal em voltar a vê-lo. Ele pedira permissão à Sra. Smythe-Smith para sair com Iris, e a tratara com grande cortesia. Tudo muito apropriado, muito lisonjeiro e, se ela fosse dormir aquela noite com uma imagem dele na mente, não seria nada estranho. Sir Richard era um homem bonito.

– Tem certeza de que ele não vai trazer o Sr. Bevelstoke? – indagou a mãe.

– Absoluta. E, para ser honesta, não acredito que o Sr. Bevelstoke tenha interesse em Daisy.

– Não, suponho que não. Ela é muito jovem para ele. Muito bem, pode levar Nettie. Ela já fez o mesmo com suas irmãs em várias ocasiões e sabe como agir.

– Ah, obrigada, mamãe! Muito obrigada!

Surpreendendo inclusive a si mesma, Iris abraçou a mãe com entusiasmo. Em questão de segundos, ambas se enrijeceram e se afastaram; o relacionamento das duas nunca tivera muitas demonstrações de carinho.

– Tenho certeza de que tudo isso não dará em nada – disse Iris, pois não queria alimentar as esperanças de ninguém, só as próprias. – E teria ainda mais se Daisy fosse.

– Eu gostaria de saber um pouco mais sobre ele – comentou a mãe, franzindo a testa. – Ele ficou fora da cidade por três anos.

– A senhora o conheceu quando Marigold frequentava a sociedade? Ou Rose, ou Lavender?

– Acho que ele estava na cidade quando Rose debutou – respondeu a mãe, referindo-se à irmã mais velha de Iris –, mas não nos dávamos com o mesmo círculo de pessoas.

Iris não estava segura do que isso queria dizer.

– Ele era jovem – continuou a mãe, com um gesto de mão. – Não pensava em casamento.

Em outras palavras, pensou Iris com ironia, ele era um pouco rebelde.

– Entretanto, conversei com sua tia sobre ele – prosseguiu a mãe, sem se dar o trabalho de esclarecer qual tia. Iris achou que não faria diferença: todas eram boas fontes de fofocas. – Ela me informou que ele se tornou baronete há alguns anos.

Iris assentiu. Ela também sabia disso.

– O pai dele vivia acima de seus recursos.

A Sra. Smythe-Smith torceu os lábios em desaprovação. Logo, sir Richard dava a impressão de ser um caça-dotes.

– Mas – refletiu a mãe – esse não parece ser o caso do filho.

Um caça-dotes com princípios, então. Ele não havia acumulado as próprias dívidas; apenas sofrera a desventura de herdá-las.

– Ele está procurando uma esposa – continuou a Sra. Smythe-Smith. – Não há nenhuma outra razão para que um cavalheiro de sua idade volte para a cidade depois de uma ausência duradoura.

– Ele tem a custódia das duas irmãs mais novas – revelou Iris. – Talvez esteja enfrentando dificuldades para lidar com a situação sem uma influência feminina na casa.

Quando disse isso, ela só pôde pensar que a futura lady Kenworthy seria envolvida em uma situação bastante desafiadora. Ele já não contara que uma das irmãs mais jovens completara 18 anos? Idade suficiente para não desejar orientações da cunhada.

– Um homem sensato – refletiu a Sra. Smythe-Smith. – Considero uma postura admirável reconhecer que precisa de ajuda. Embora eu me pergunte por que não fez isso anos atrás.

Iris aquiesceu.

– Só podemos especular sobre o estado de seus bens, uma vez que o pai era um esbanjador, segundo os rumores. Espero que ele não pense que você tem um grande dote.

– Mamãe! – repreendeu Iris com um suspiro.

Não queria falar sobre isso. Pelo menos não naquele momento.

– Ele não seria o primeiro a cometer esse erro. Por causa de todas as nossas conexões com a aristocracia... e conexões próximas, não se esqueça disso... as pessoas pensam que temos mais do que de fato possuímos.

Sabiamente, Iris conteve a língua. Quando a mãe discorria sobre um tema de importância social, era melhor não interrompê-la.

– Já enfrentamos isso com Rose, como você sabe. Não sei por que começaram a dizer que ela possuía um dote de 15 mil. Já imaginou?

Iris não podia imaginar.

– Talvez, se houvéssemos tido apenas uma filha... mas cinco! – Ela deu uma risadinha, do tipo que demonstrava incredulidade e desejos não realizados. – Teremos sorte se seu irmão herdar alguma coisa quando todas vocês estiverem casadas.

– Estou certa de que John ficará bem.

Seu único irmão era três anos mais jovem que Daisy e ainda estava na escola.

– Se tiver sorte, *ele* encontrará uma garota com 15 mil – prosseguiu a mãe, com um sorriso cáustico. De repente, ela se levantou. – Bem, podemos passar a manhã inteira aqui sentadas especulando sobre as motivações de sir Richard ou podemos seguir com o que precisamos fazer. – Ela consultou o relógio. – Suponho que ele tenha mencionado a que horas pretende chegar.

Iris balançou a cabeça.

– Então você deve estar pronta. Sei que algumas mulheres pensam ser melhor não parecerem ansiosas, mas você sabe como acho rude deixar alguém esperando.

Quando Iris ia sair, soou uma batida à porta. Ambas se viraram e viram uma criada.

– Com seu perdão, senhora, mas lady Sarah se encontra na sala de visitas.

– Ah, que bom, uma surpresa agradável – disse a Sra. Smythe-Smith. – Tenho certeza de que ela veio para ver você, Iris. Apresse-se.

Iris desceu as escadas para saudar a prima, lady Sarah Prentice, nascida lady Sarah Pleinsworth. A mãe dela e o pai de Iris eram irmãos e, como tinham idades razoavelmente próximas, seus filhos também.

Sarah e Iris tinham menos de seis meses de diferença e sempre foram amigas, mas haviam ficado mais próximas depois do casamento de Sarah com lorde Hugh Prentice, no ano anterior. Tinham outra prima com a mesma idade, porém Honoria passava a maior parte do tempo com o marido em Cambridgeshire, enquanto Sarah e Iris viviam em Londres.

Quando Iris chegou à sala, Sarah estava sentada no sofá verde, folheando *Orgulho e preconceito*, que a mãe de Iris, obviamente, havia deixado ali no dia anterior.

– Você já leu? – perguntou Sarah, sem preâmbulos.

– Várias vezes. Prazer em vê-la também.

Sarah fez uma careta.

– Não é todo mundo que precisamos tratar com cerimônia.

– Estou brincando.

Sarah olhou para a porta.

– Daisy está por aqui?

– Estou certa de que desapareceu por vontade própria. Ela ainda não a perdoou por tê-la ameaçado, correndo atrás dela com o arco de seu próprio violino, antes do recital.

– Ah, aquilo não foi uma ameaça. Era uma verdadeira tentativa. Aquela garota é sortuda por ter bons reflexos.

Iris riu.

– A que devo a honra desta visita? Ou você estava apenas morrendo de saudades de minha faiscante companhia?

Sarah se inclinou para a frente, os olhos escuros brilhando.

– Você sabe muito bem por que estou aqui.

Iris sabia o que ela queria dizer, mas também se inclinou e encarou a prima.

– Esclareça.

– Sir Richard Kenworthy?

– O que tem ele?

– Vi que estava atrás de você no recital.

– Ele não estava atrás de mim.

– Estava, sim. Minha mãe não falava em outra coisa depois da apresentação.

– Acho difícil de acreditar.

Sarah deu de ombros.

– Temo que esteja em uma situação muito delicada, querida prima. Como me casei e nenhuma de minhas irmãs tem idade suficiente para frequentar a sociedade, minha mãe decidiu pôr todas as energias em você.

– Santo Deus! – exclamou Iris, sem nenhum sarcasmo.

Tia Charlotte levava seus deveres de casamenteira muito a sério.

– Isso para não mencionar... – prosseguiu Sarah, dizendo cada palavra com grande dramaticidade. – *O que* aconteceu no baile dos Mottrams? Eu não fui, mas percebo que deveria ter ido.

– Não aconteceu nada. – Iris exibiu a expressão de quem ouvia uma tolice. – Se está se referindo a sir Richard, simplesmente dancei com ele.

– Segundo Marigold...

– Quando foi que você conversou com Marigold?

Sarah fez um gesto de desdém.

– Isso não vem ao caso.

– Mas Marigold nem sequer estava lá!

– Ela soube por Susan.

Iris se recostou.

– Meu Deus, acho que temos primas em excesso.

– É verdade. Concordo. Mas voltemos à questão principal: Marigold disse que Susan disse que você foi praticamente a rainha da festa.

– Isso é um grande exagero.

Sarah apontou o dedo indicador para Iris com a velocidade de um interrogador experiente.

– Você nega que dançou todas as músicas?

– Claro que nego.

Ela havia ficado sentada durante um bom tempo antes da chegada de sir Richard.

Sarah fez uma pausa, piscou, e logo franziu a testa.

– Não é próprio de Marigold fazer fofocas incorretas.

– Eu dancei mais do que o habitual – admitiu Iris –, mas, sem dúvida, não todas as músicas.

– Hummm.

Iris encarou a prima com considerável suspeita. Sarah estava mergulhada em pensamentos, e isso nunca era um bom presságio.

– Acredito que sei o que aconteceu – disse Sarah.

– Por obséquio, esclareça-me.

– Você dançou com sir Richard e, depois, passou uma hora com ele em uma conversa particular.

– Não foi uma hora, e como você *soube* disso?

– Eu sei de várias coisas – respondeu Sarah, petulante. – É melhor não perguntar como. Ou por quê.

– Como é que Hugh consegue conviver com você? – perguntou Iris a ninguém em especial.

– Ele o faz muito bem, obrigada. – Sarah deu um sorriso torto. – Mas, voltando à noite de ontem... Por mais tempo que você tivesse passado na companhia do extremamente belo sir Richard... Não, não me interrompa, eu o vi por mim mesma no recital, é bastante agradável à vista e faz a pessoa se sentir...

Sarah se interrompeu e fez aquela coisa estranha de sempre com a boca, quando estava raciocinando. Meio que movia a mandíbula para um lado, deixando os dentes desalinhados, e seus lábios faziam uma curva pequena e engraçada. Iris sempre achava esse movimento desconcertante.

Sarah franziu a testa.

– Ele faz a pessoa se sentir...

– Como?

– Estou tentando encontrar a palavra certa.

Iris ficou de pé.

– Vou pedir chá.

– Sem fôlego! – exclamou Sarah. – A pessoa se sente sem fôlego. E radiante.

Iris revirou os olhos enquanto tocava a campainha.

– Você está precisando descobrir algum passatempo.

– E quando uma mulher *se sente* radiante, ela *se torna* radiante – prosseguiu Sarah.

– Isso soa desconfortável.

– E quando ela se torna...

– A pele toda formigando, ardendo – insistiu Iris. – Soa como uma erupção na pele causada por excesso de sol.

– Você poderia não ser desagradável? Iris, posso afirmar que você é a pessoa menos romântica que eu conheço.

Iris se deteve, descansando as mãos sobre o respaldo do sofá. Seria verdade? Ela sabia que não era sentimental, mas também não chegava a

ser insensível. Havia lido *Orgulho e preconceito* seis vezes. Isso tinha que significar alguma coisa.

Mas Sarah nem notou sua angústia.

– Como eu ia dizendo, quando uma mulher se sente bela, surge uma aura ao redor dela.

Iris quase disse "Nunca tive essa experiência", mas se conteve.

Não queria ser sarcástica. Não a respeito disso.

– E quando isso acontece – continuou Sarah –, os homens acorrem para elas. Há algo que os atrai em uma mulher confiante. Algo... Não sei... *Je ne sais quoi*, como dizem os franceses.

– Estou pensando em mudar para o alemão – Iris se ouviu dizer repentinamente.

Sarah a encarou por um momento, confusa, e logo continuou a falar, como se não tivesse feito nenhuma pausa.

– E isso, minha querida prima, é o motivo pelo qual todos os homens de Londres queriam dançar com você ontem à noite.

Iris retornou ao sofá e se sentou, cruzando as mãos no colo enquanto pensava no que Sarah dizia. Não estava convencida de que acreditava nela, mas tampouco podia descartar a ideia sem refletir.

– Você está muito silenciosa – comentou Sarah. – Eu tinha certeza de que iria discordar com veemência.

– Não sei o que dizer.

Sarah a encarou sem esconder a curiosidade.

– Está se sentindo bem?

– Perfeitamente. Por quê?

– Você parece diferente.

Iris encolheu os ombros de leve.

– Talvez seja a minha *radiância*, como você estava falando.

– Não, não é isso – replicou Sarah, direta.

– Bom, então era uma radiância efêmera – brincou Iris.

– *Agora* você está parecendo mais consigo mesma.

Iris apenas sorriu e balançou a cabeça.

– E como *você* está? – perguntou, em uma tentativa pouco sutil de mudar de assunto.

– Muito bem – respondeu Sarah, com um amplo sorriso, e foi então que Iris se deu conta de... alguma coisa.

– Você também parece diferente – constatou, fitando-a com mais atenção.

Sarah corou. Iris ofegou.

– Está grávida?

A prima assentiu.

– Como soube?

– Quando você diz que uma mulher casada está diferente e ela enrubesce... – Iris sorriu. – Só pode ser isso.

– Você presta atenção em tudo mesmo, não é?

– Em quase tudo. Mas você ainda não me permitiu parabenizá-la. Que notícia maravilhosa. Por favor, diga a lorde Hugh que lhe desejo muitas felicidades. Como você está se sentindo? Tem ficado enjoada?

– De jeito nenhum.

– Bom, isso é uma grande sorte. Rose vomitava toda manhã, por três meses seguidos.

Sarah se retraiu, solidária.

– Sinto-me esplêndida. Talvez um pouco cansada, mas não em excesso.

Iris sorriu para a prima. Era muito estranho que Sarah já fosse se tornar mãe. Na infância, elas costumavam brincar juntas, e queixavam-se juntas dos recitais. E agora Sarah havia passado para a fase seguinte da vida.

E Iris estava...

No mesmo lugar.

– Você o ama muito, não ama? – indagou ela em voz baixa.

Sarah não respondeu imediatamente, olhando para a prima com uma expressão de curiosidade.

– Amo – respondeu num tom solene. – Com todas as forças.

Iris assentiu.

– Dá mesmo para ver. – Achou que Sarah fosse querer saber o motivo de uma pergunta tão tola, mas a prima se manteve em silêncio, até que Iris não pôde se controlar: – Como você soube?

– Soube o quê?

– Que o amava.

– Eu... – Sarah fez uma pausa para pensar. – Não tenho certeza. Não me lembro do momento exato. É engraçado, porque sempre pensei que, se me apaixonasse, perceberia de repente, com a maior clareza. Sabe como é, com relâmpagos, anjos cantando nas alturas... essas coisas.

Iris sorriu. Essa descrição era bem típica de Sarah. Ela sempre tivera uma propensão ao teatral.

– Mas não foi assim mesmo – prosseguiu ela, nostálgica. – Lembro-me de me sentir muito estranha e de questionar a mim mesma, tentando determinar se o que sentia era amor.

– Então a pessoa pode *não* saber que está acontecendo?

– Acho que sim.

Iris mordeu o lábio inferior e sussurrou:

– Foi na primeira vez em que ele a beijou?

– Iris! – Sarah sorriu de choque e deleite. – Mas que pergunta!

– Não é tão imprópria – replicou Iris, olhando para um ponto na parede que estava à esquerda do rosto de Sarah.

– É, sim. – Sarah ficou de queixo caído. – Mas adorei que tenha perguntado.

Essa não era a resposta que Iris esperava.

– *Por quê?*

– Porque você sempre me parece tão... – Sarah agitou a mão, girando-a como se pudesse pegar a palavra certa no ar –... insensível a essas coisas.

– Que coisas? – questionou Iris, desconfiada.

– Ah, você sabe... Emoções. Paixões. Você é sempre tão tranquila... Até quando está furiosa.

Iris ficou na defensiva.

– E isso é ruim?

– É claro que não. É só o seu jeito de ser. E, para dizer a verdade, esse é provavelmente o único motivo pelo qual Daisy chegou aos 17 anos sem que você a tivesse matado. Não que algum dia ela vá agradecer por isso.

Iris não pôde conter um sorriso irônico. Era bom saber que *alguém* apreciava sua paciência com a irmã mais nova.

Sarah estreitou os olhos e se inclinou para a frente.

– Isso tem a ver com sir Richard, não tem?

Iris sabia que não fazia sentido negar.

– É que eu acho... – ela comprimiu os lábios, quase com medo de que todo um rosário de disparates escapasse da boca –... que gosto dele. Não sei por quê, mas gosto.

– Você não precisa saber por quê. – Sarah apertou a mão da prima. – E parece que ele também gosta de você.

– Acredito que sim. Ele tem me dedicado muita atenção.

– Mas...?

Os olhos de Iris se encontraram com os da prima. Ela deveria ter percebido que Sarah ouviria seu silencioso “mas...” no fim da frase.

– Mas... não sei. Alguma coisa está errada.

– Será que você não está procurando problemas inexistentes?

Iris deu um longo suspiro e respondeu:

– Talvez. Não tenho ninguém com quem comparar.

– Não é verdade. Você já teve pretendentes.

– Não muitos. E não gostei de nenhum o suficiente para incentivar a corte.

Sarah suspirou, mas não discutiu.

– Muito bem. Diga-me o que “alguma coisa está errada” significa.

Iris inclinou a cabeça para um lado e olhou para cima, momentaneamente hipnotizada pela forma como a luz do sol dançava através do lustre de cristal.

– Acho que ele gosta *demais* de mim – explicou por fim.

Sarah deu uma risada.

– *Isso* é o que está errado? Iris, tem alguma ideia de quantas...

– Pare – interrompeu-a Iris. – Escute. Esta é minha terceira temporada em Londres e, embora admita que não fui a mais entusiasta das debutantes, nunca fui objeto de uma atenção tão afetuosa.

Sarah abriu a boca para falar, mas Iris ergueu a mão para impedi-la.

– Não é que seja tão *afetuosa*... – Iris sentiu-se enrubescer. Que escolha de palavras mais impensada. – É que foi muito instantânea.

– Instantânea?

– Sim. É provável que você não tenha percebido no recital, já que estava com o rosto virado para grande parte da plateia.

– Estava tentando saltar dentro do piano e fechar a tampa, se é o que quer dizer – brincou Sarah.

– Isso mesmo – concordou Iris, rindo.

De todas as suas primas, Sarah era a que mais compartilhava o ódio de Iris pelos recitais.

– Sinto muito – disse Sarah. – Não pude resistir. Por favor, continue.

Iris franziu os lábios, recordando-se.

– Ele ficou me olhando o tempo todo.

– Talvez a achasse linda.

– Sarah, ninguém me acha linda – repreendeu Iris com franqueza. – Pelo menos não à primeira vista.

– Isso não é verdade!

– Você sabe que é. Não há problema em pensar assim. Eu juro.

Sarah não parecia muito convencida.

– Eu sei que não sou feia. Mas como disse Daisy...

– Ah, não – cortou-a Sarah. – *Não* vá citar Daisy.

– Não – falou Iris, tentando ser justa. – De vez em quando, ela diz algo que faz sentido. É que me falta cor.

Sarah sustentou seu olhar durante um longo tempo, então retrucou:

– Essa é a coisa mais idiota que já ouvi em toda a minha vida.

Iris levantou as sobrancelhas. Suas sobrancelhas incolores, quase invisíveis.

– Você já viu outra pessoa tão pálida?

– Não, mas isso não significa nada.

Iris deu um suspiro de frustração, tentando articular os pensamentos.

– Estou tentando dizer que estou acostumada a ser subestimada, ignorada.

Sarah limitou-se a encará-la. Em seguida, perguntou:

– *Do que* você está falando?

Iris bufou, frustrada. Ela sabia que Sarah não entenderia.

– As pessoas raramente me notam. Isso não me chateia, juro. Não quero mesmo ser o centro das atenções.

– Você não é tímida.

– Não, mas gosto de observar as pessoas e – ela deu de ombros –, para ser sincera, gosto de zombar delas mentalmente.

Sarah soltou uma gargalhada.

– Quando as pessoas me conhecem, as coisas mudam, mas eu não me destaco em uma multidão. É por isso que não entendo sir Richard Kenworthy.

Sarah ficou em silêncio por um minuto. Às vezes, abria a boca como se fosse falar, mas logo a fechava de novo. Por fim, indagou:

– Mas você gosta dele?

– Você não estava prestando atenção? – Iris praticamente explodiu.

– Em cada palavra! Mas não entendo como é relevante o que você falou, pelo menos não ainda. Pelo que sabemos, ele *olhou* para você e

ficou perdidamente apaixonado. O comportamento dele é consistente com essa suposição.

– Ele não está apaixonado por mim.

– Talvez *ainda* não. – Sarah deixou que suas palavras pairassem no ar durante alguns segundos antes de perguntar: – Se ele a pedisse em casamento hoje, o que você responderia?

– Isso é ridículo.

– É claro que é, mas quero saber assim mesmo. O que você responderia?

– Eu não responderia nada, porque ele não vai pedir.

Sarah fez uma careta.

– Você pode parar de ser tão teimosa por um instante e me responder?

– Não! – Iris ergueu os braços, exasperada. – Não vejo sentido em responder a uma pergunta que não será feita.

– Você diria sim.

– Não, não diria – protestou Iris.

– Então, diria não.

– Não foi isso que eu disse.

Sarah se recostou e assentiu lentamente, satisfeita consigo mesma.

– O que foi agora? – indagou Iris.

– Você nem quer refletir sobre a pergunta porque tem medo de analisar os próprios sentimentos.

Iris não replicou nada.

– Acertei – falou Sarah, triunfante. – Amo estar certa.

Iris inspirou profundamente, embora sem saber se era para conter a raiva ou reunir alguma coragem.

– Se ele me pedisse em casamento – afirmou ela, enunciando cada palavra com clareza –, eu lhe diria que preciso de tempo para dar uma resposta.

Sarah aquiesceu.

– Mas ele não vai pedir.

Sarah deu uma sonora gargalhada.

– A última palavra sempre tem que ser a sua, não é?

– Mas ele não vai pedir mesmo.

Sarah sorriu.

– Ah, olhe, o chá chegou. Estou faminta.

– Ele não vai pedir. – A voz de Iris adquiriu o tom de um canto monótono.

– Vou-me embora logo após o chá – declarou Sarah. – Por mais que eu fosse adorar conhecê-lo, não quero estar aqui quando ele chegar. Posso atrapalhar.

– Ele não vai pedir.

– Ah, coma um biscoitinho.

– Ele não vai pedir – repetiu Iris mais uma vez. E então, porque não pôde evitar, acrescentou: – Não vai.

CAPÍTULO 6

Cindo dias depois
Casa Pleinsworth

Estava na hora.

Só se passara uma semana desde que Richard pousara os olhos pela primeira vez em Iris Smythe-Smith, ali mesmo, naquela casa. E agora ele ia propor casamento a ela.

Ou algo parecido.

Ele a visitara todos os dias após o baile dos Mottrams. Tinham passeado pelo parque, tomado sorvete no Gunter's, compartilhado um camarote na ópera e visitado o Covent Garden. Em resumo, haviam feito tudo o que um casal de namorados deveria fazer em Londres. Estava absolutamente seguro de que a família de Iris já esperava que ele a pedisse em casamento.

Embora não tão cedo.

Richard sabia que Iris sentia certa afeição por ele. A jovem talvez até se perguntasse se estava ficando apaixonada. Mas, se ele pedisse sua mão naquela noite, tinha quase certeza de que ela não estaria preparada para lhe dar uma resposta de imediato.

Ele suspirou. Não era assim que imaginara conseguir uma esposa.

Naquela noite, ele foi sozinho: Winston se recusara a assistir a qualquer atividade artística produzida pela família Smythe-Smith, não importando se Richard aceitara o convite em nome do amigo. Agora, Winston estava em casa com uma gripe falsa e Richard estava de pé em um canto, perguntando-se por que um piano tinha sido levado até a sala de visitas.

E por que o local parecia ter sido decorado com ramos de árvores.

Olhando rapidamente ao redor, imaginou que lady Pleinsworth havia preparado programas para a noite, embora ele próprio não tivesse recebido nenhum, mesmo tendo chegado com quase cinco minutos de antecedência.

– Aí está você – disse uma voz suave.

Ele se virou e se viu diante de Iris, que trajava um vestido de musselina azul-claro com poucos adornos. Percebeu que ela usava essa cor com frequência. Caía-lhe muito bem.

– Lamento tê-lo deixado sozinho. Precisavam de mim nos bastidores.

– Bastidores? Pensei que seria um sarau de poesia.

– Ah, pois é – disse ela, o rosto assumindo um tom de rosa que revelava culpa. – Houve uma mudança de planos.

Ele inclinou a cabeça interrogativamente.

– Talvez seja melhor eu lhe dar um programa.

– Sim, não recebi nenhum quando cheguei.

Ela pigarreou umas cinco vezes.

– Acredito que decidiram não entregá-lo aos cavalheiros, a menos que solicitassem.

Ele ponderou a informação por um momento.

– Posso perguntar por quê?

– Acho que havia certa preocupação de que optassem por não ficar – respondeu ela, fitando o teto.

Richard olhou com horror para o piano.

– Ah, não. Não haverá música – Iris logo o tranquilizou. – Pelo menos, não que eu saiba. Não é um concerto.

Ainda assim, Richard arregalou os olhos, em pânico. Onde estava Winston e suas bolinhas de algodão quando mais precisava?

– Está me assustando, Srta. Smythe-Smith.

– Isso significa que o senhor não quer um programa? – perguntou ela, esperançosa.

Ele se inclinou ligeiramente na direção dela. Não o suficiente para quebrar as regras do decoro, mas ela percebeu o movimento.

– Acredito que é melhor estar preparado, não acha?

Ela engoliu em seco.

– Espere um momento.

Ele aguardou enquanto Iris cruzava o salão e se aproximava da Sra. Pleinsworth. Pouco depois, ela retornou com uma folha.

– Aqui está – disse timidamente, estendendo-lhe o papel.

Ele o pegou e o leu. Em seguida, olhou para Iris.

– *A pastorinha, o unicórnio e Henrique VIII*?

– É uma peça de teatro. Minha prima Harriet a escreveu.

– E viemos aqui para assistir – quis confirmar ele, com cautela.

Ela assentiu.

Ele limpou a garganta.

– A senhorita tem, ahn, tem alguma ideia da duração dessa peça?

– Não é tão longa quanto os recitais. Pelo menos, acho que não. Vi só os últimos minutos do ensaio geral.

– O piano é parte do cenário, suponho.

Ela assentiu.

– Temo não ser nada se comparado ao figurino.

Ele não se atreveu a perguntar a respeito.

– Meu trabalho foi fixar o chifre no unicórnio.

Richard tentou não rir, realmente tentou. E quase teve êxito.

– Não estou segura de como Frances vai tirá-lo – comentou Iris, nervosa. – Eu o colei em sua cabeça.

– Você colou um chifre na cabeça de sua prima – repetiu ele, sem conseguir acreditar.

Ela se retraiu.

– Colei.

– Você *gosta* dela?

– Ah, muitíssimo. Ela tem 11 anos e é encantadora. Eu trocaria Daisy por ela sem pestanejar.

Richard tinha a sensação de que ela trocaria Daisy por um texugo se tivesse a oportunidade.

– Um chifre. Bom, suponho que não se pode ser um unicórnio sem um chifre.

– Essa é a questão – disse Iris, com renovado entusiasmo. – Frances é louca por unicórnios. Ela os adora. Está convencida de que são reais e acredito que se tornaria um deles se fosse capaz.

– Ao que parece, ela deu o primeiro passo para alcançar esse nobre objetivo. Com a sua amável ajuda.

– Ah, sim. Estou torcendo para que ninguém conte a tia Charlotte que fui eu que colei.

Richard pressentia que ela não teria essa sorte.

– Há alguma possibilidade de que isso permaneça em segredo?

– Nenhuma. Mas vou me apegar às falsas esperanças. Com um pouco de sorte, teremos um terrível escândalo esta noite e ninguém se dará conta de que Frances foi dormir com um chifre colado na cabeça.

Richard começou a tossir. E não parou mais. Meu Deus! Teria entrado poeira na sua garganta ou um fragmento de culpa?

– Está se sentindo bem? – perguntou Iris, a preocupação estampada no rosto.

Ele assentiu, incapaz de enunciar uma resposta. Meu Deus, um escândalo. Se ela soubesse...

– Quer que lhe traga algo para beber?

Richard aquiesceu outra vez. Precisava beber algo quase tanto quanto precisava não encarar Iris por um instante.

No final das contas ela seria feliz, disse a si mesmo. Ele seria um bom marido. Não lhe faltaria nada.

Exceto a possibilidade de optar por se casar ou não com ele.

Richard gemeu. Não esperara se sentir tão culpado pelo que estava prestes a fazer.

– Aqui está – falou Iris, estendendo-lhe uma taça de cristal. – Um pouco de vinho doce.

Richard agradeceu com um movimento de cabeça e tomou um revigorante gole.

– Obrigado – agradeceu com a voz rouca. – Não sei o que aconteceu.

Iris fez um ruído para demonstrar que compreendia e gesticulou em direção ao piano.

– O ar provavelmente está cheio de pó por causa de todos esses ramos que Harriet trouxe. Ontem ela passou horas no Hyde Park recolhendo-os, acredita?

Ele assentiu de novo, esvaziando o copo antes de pousá-lo em uma mesa próxima.

– Vai sentar-se comigo?

Apesar de supor que ela o faria, ele lhe devia a cortesia de um convite.

– Eu adoraria – respondeu Iris, sorrindo. – O senhor deve precisar de alguém para traduzir.

Ele arregalou os olhos, alarmado.

– Traduzir?

Ela riu.

– Não, não se preocupe, é em inglês. Só que... – ela riu de novo, abrindo um largo sorriso –... Harriet tem um estilo singular.

– A senhorita tem muito carinho por sua família.

Iris ia responder quando algo atrás dele chamou sua atenção. Richard se virou para ver o que era, mas ela já havia começado a explicar:

– Minha tia está fazendo um sinal. Acho que devemos nos sentar.

Um pouco temeroso, Richard se acomodou junto a ela na primeira fila e fitou o piano, que imaginou ser uma peça importante do cenário. As vozes da plateia foram diminuindo até virarem sussurros e, em seguida, todos fizeram silêncio quando lady Harriet Pleinsworth saiu das sombras vestida como uma humilde pastora, com cajado e tudo.

– Oh, formoso, brilhante dia! – proclamou a menina, fazendo uma pausa para desamarrar uma das fitas de seu chapéu de aba larga. – Quão bem-aventurada sou junto com meu nobre rebanho.

Nada aconteceu.

– Meu nobre rebanho! – repetiu ela, um pouco mais forte.

Houve um barulho de algo caindo, seguido de um grunhido e um sibilo: “Pare!” Em seguida, cinco crianças vestidas de ovelhas entraram em cena, uma após a outra.

– Meus primos – sussurrou Iris. – A próxima geração.

– O sol brilha – continuou Harriet, abrindo os braços em atitude de súplica.

Mas Richard estava fascinado demais pelas ovelhas para ouvir. A maior de todas baliu tão forte que Harriet precisou lhe dar um chute disfarçado, e uma das menores – por Deus, o menino não podia ter mais que 2 anos – havia engatinhado para perto do piano e estava lambendo a perna do instrumento.

Iris tapou a boca com a mão, tentando não rir.

A peça continuou nesse ritmo durante vários minutos, com a pastora elogiando as maravilhas da natureza, até que, em algum lugar, alguém bateu um par de pratos e Harriet gritou (assim como metade da plateia).

– Eu *disse* – grunhiu Harriet entre os dentes – que temos sorte porque não vai chover na semana que vem.

Os pratos foram batidos de novo, seguidos de um grito: “Trovão!”

Iris ofegou e a mão cobriu a outra que já estava sobre a boca. Em seguida, Richard a ouviu sussurrar “Elizabeth!”, horrorizada.

– O que está acontecendo? – perguntou Richard.

– Acredito que a irmã de Harriet acabou de mudar o roteiro. Todo o primeiro ato estará perdido.

Por sorte, Richard não precisou reprimir um sorriso, pois nesse momento surgiram cinco vacas que, olhando com mais atenção, pareciam ser as ovelhas com pedaços marrons de tecido presos na lã.

– Quando vamos ver o unicórnio? – sussurrou para Iris.

Ela deu de ombros. Não sabia.

Henrique VIII apareceu alguns minutos depois, usando uma túnica no estilo Tudor, estufada com tantos travesseiros que a menina que ia dentro mal podia caminhar.

– Aquela é Elizabeth – explicou Iris.

Richard assentiu, solidário. Se ele fosse obrigado a se trajar daquele jeito, também ia querer pular o primeiro ato.

Mas nada podia se comparar ao momento em que o unicórnio irrompeu em cena. Seu relincho era aterrador, e seu chifre, gigantesco.

Richard ficou de queixo caído.

– A senhorita o colou na testa da menina?

– Era a única maneira de ficar preso.

– Mas ela não consegue sustentar a cabeça.

Ambos olharam horrorizados para o palco. A pequena lady Frances Pleinsworth cambaleava como um bêbado, sem conseguir manter o corpo ereto sob o peso do chifre.

– De que material ele é feito? – indagou Richard.

Iris ergueu as mãos, impotente.

– Não sei. Não sabia que era tão pesado. Talvez ela esteja atuando.

Richard observou, atônito, quase esperando ter que dar um salto para evitar que a garota chifrasse alguém da primeira fila por acidente.

Uma eternidade depois, eles chegaram ao que Richard imaginou ser o final, quando o rei Henrique agitou uma coxa de peru no ar e proclamou bem alto:

– Esta terra será minha, desde agora até a eternidade!

E, de fato, tudo parecia perdido para a pobre e doce pastora e seu estranho e mutante rebanho. Entretanto, nesse mesmo instante, escutou-se um poderoso urro...

– Há também um leão? – perguntou-se Richard.

... e o unicórnio irrompeu no cenário!

– Morra! – guinchou ele. – Morra! Morra! Morra!

Confuso, Richard olhou para Iris. Até o momento, o unicórnio ainda não demonstrara a habilidade da fala.

O grito de terror de Henrique foi tão arrepiante que a dama sentada atrás de Richard murmurou:

– É uma atuação surpreendente.

Richard deu mais uma olhada em Iris, que estava de boca aberta. Henrique VIII saltou sobre uma vaca, correu para detrás do piano e tropeçou na pequenina ovelha, que continuava a lamber a perna do instrumento.

Henrique ainda tentou fugir, mas o unicórnio (possivelmente hidrófobo) era muito rápido e correu de cabeça na direção do assustadíssimo rei, enfiando o chifre em sua enorme barriga de travesseiros.

Alguém gritou e Henrique caiu ao chão, as plumas dos travesseiros voando pelos ares.

– Acho que isso não estava no roteiro – comentou Iris, com um sussurro aterrorizado.

Richard não podia desviar os olhos do horrível espetáculo que se desenrolava no palco. Henrique estava de costas, com o chifre do unicórnio enfiado em sua (felizmente falsa) barriga. Isso já seria terrível por si só, mas, para piorar a situação, o chifre continuava preso a Frances, portanto, cada vez que Henrique se retorcia, ele puxava a cabeça da menina.

– Saia de cima de mim! – berrou Henrique.

– Estou *tentando* – grunhiu o unicórnio.

– Acho que está preso – disse Richard a Iris.

– Oh, céus! – gritou ela, tapando a boca com as mãos. – A cola!

Uma das ovelhas correu para ajudar, mas escorregou em uma pluma e se enrolou nas pernas do unicórnio.

A pastora, que estava observando tudo com tanta comoção quanto a plateia, percebeu de repente que precisava salvar a produção: saltou para a frente e começou a cantar.

– Oh, bendita luz do sol – cantou. – Como é ardente o teu brilho!

E então Daisy deu um passo à frente.

Richard se voltou bruscamente para Iris. Ela estava boquiaberta

– Não, não, não – sussurrou ela, mas Daisy já havia se lançado em um solo de violino, talvez uma representação musical do brilho do sol.

Ou da morte.

Para sua felicidade, a atuação de Daisy foi interrompida por lady Pleinsworth, que correu para o palco ao se dar conta de que as filhas mais novas estavam irremediavelmente coladas uma na outra.

– Os comes e bebes estão na outra sala, vamos todos! – cantarolou. – Temos bolo!

Todos se levantaram, aplaudiram – afinal, era uma peça, por mais surpreendente que fosse o desfecho – e começaram a sair da sala.

– Talvez eu deva ir lá para ajudar – comentou Iris, lançando um olhar cauteloso para as primas.

Richard esperou enquanto ela se aproximava do tumulto, observando todo o processo, divertindo-se muito.

– Apenas tire o travesseiro! – ordenou lady Pleinsworth.

– Não é tão fácil – sibilou Elizabeth. – O chifre atravessou a minha camisa. A menos que a senhora queira que eu tire a roupa...

– Chega, Elizabeth – interrompeu a mãe rapidamente, e se voltou para Harriet. – Por que o chifre é tão pontiagudo?

– Sou um unicórnio! – exclamou Frances.

A Sra. Pleinsworth assimilou a informação por um instante e estremeceu.

– Ela não deveria ter montado em mim no terceiro ato – acrescentou Frances, com petulância.

– Foi por isso que você a chifrou?

– Não, isso estava no roteiro – respondeu Harriet, tentando ajudar. – Era para o chifre ter se soltado. Por motivo de segurança. Mas, é claro, o público não deveria perceber.

– Iris colou o chifre na minha testa – revelou Frances, e torceu a cabeça, tentando olhar para cima.

Iris, que estava na periferia do aglomerado de pessoas, imediatamente deu um passo para trás.

– Talvez devamos pegar algo para beber – disse a Richard.

– Só um instante. – Ele estava se divertindo demais para ir embora.

Lady Pleinsworth agarrou o chifre com ambas as mãos e o puxou.

Frances deu um grito.

– Ela prendeu com *cimento*?

Iris apertou o braço de Richard, aterrorizada, como se fosse um torno.

– Preciso mesmo sair daqui *agora*.

Richard olhou bem para a expressão de lady Pleinsworth e, bem depressa, levou Iris para fora do salão.

A jovem se largou contra a parede.

– Estou muito encrencada.

Richard sabia que devia tranquilizá-la, mas ria tanto que não conseguia.

– Pobre Frances... – gemeu ela. – Vai ter que dormir com o chifre na cabeça esta noite!

– Ela vai ficar bem – garantiu Richard, a risada ainda se intrometendo entre as palavras. – Juro que não vai entrar na igreja com um chifre.

Iris encarou Richard, alarmada por um instante, e ele pôde adivinhar a cena que estava se passando na cabeça dela. E então ela começou a rir. Suas risadas eram tão intensas que Iris se dobrava ali mesmo, no corredor.

– Ah, Deus! – exclamou ela, sem fôlego. – Uma cerimônia com chifre. Isso só poderia acontecer na minha família.

Richard começou a rir de novo, divertindo-se ao ver o rosto de Iris se avermelhar cada vez mais pelo esforço.

– Eu não deveria rir – disse ela. – Realmente não deveria. Mas o casamento... Oh, céus, o casamento.

O casamento, pensou Richard, e tudo voltou à sua mente. O motivo para estar ali naquela noite. Para estar ali ao lado dela.

Iris não teria um grande casamento. Ele precisava voltar bem depressa para Yorkshire.

A culpa lhe deu um frio na espinha. As mulheres não sonhavam sempre com seu casamento? Fleur e Marie-Claire costumavam passar horas imaginando como seria o delas. Ele achava até que ainda o faziam.

Richard inspirou fundo. Iris não teria o matrimônio de seus sonhos e, se tudo acontecesse conforme o planejado, não teria nem mesmo um pedido adequado.

Ela merecia coisa melhor.

Ele engoliu em seco, dando tapinhas nervosos na perna. Iris continuava às gargalhadas, alheia ao semblante repentinamente sério de Richard.

– Iris – disse ele de repente.

Ela se virou, surpresa, talvez por causa do tom de voz, talvez porque fosse a primeira vez que ele a chamava pelo primeiro nome.

Richard colocou a mão nas costas dela e a conduziu para fora do salão.

– Você pode me conceder um minuto de seu tempo?

Iris franziu a testa, depois arqueou as sobrancelhas.

– É claro – respondeu, demonstrando certa hesitação.

Ele tomou fôlego. Seria capaz. Não como havia planejado, mas da melhor maneira possível. Pelo menos isso, pensou, poderia fazer por ela.

Richard ficou de joelhos.

Ela ofegou.

– Iris Smythe-Smith – disse ele, tomando a mão da moça –, a senhorita me faria o homem mais feliz do mundo aceitando ser minha esposa?

CAPÍTULO 7

Iris ficou perplexa. Abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada. Parecia haver um nó na garganta e ela apenas o fitou, pensando...

Isso não pode estar acontecendo.

– Imagino que seja uma surpresa – comentou Richard, com uma voz calorosa, acariciando o dorso da mão de Iris.

Ele ainda estava de joelhos, olhando-a como se fosse a única mulher de todo o planeta.

– Ah, hum, ahn...

Ela não conseguia falar algo inteligível. Por mais que tentasse, não conseguia encontrar as palavras.

– Ou talvez não seja.

Não, está acontecendo. Realmente está.

– Nós só nos conhecemos há uma semana, mas você já deve ter notado minha afeição.

Iris sentiu a cabeça se mexer, mas não sabia se tinha aquiescido ou não. De qualquer maneira, nem lembrava qual era a pergunta a que devia responder.

Não era para acontecer assim, tão depressa.

– Não pude esperar mais – murmurou ele, ficando de pé.

– Eu... Eu não...

Ela umedeceu os lábios. Havia recuperado a voz, só que ainda não conseguia formar uma frase completa.

Richard levou os dedos dela aos lábios, mas, em vez de beijar-lhe o dorso da mão, virou-a suavemente e deu um beijo, leve como uma pluma, na parte interior do pulso.

– Seja minha, Iris – pediu ele, a voz rouca pelo que ela imaginou ser desejo. Ele a beijou de novo, passeando os lábios por sua pele macia. –

Seja minha – sussurrou – e eu serei seu.

Ela não conseguia raciocinar. Como poderia, se Richard a olhava como se os dois fossem as duas únicas almas vivas na Terra? Seus olhos negros eram calorosos – não, na verdade eram ardentes – e a fizeram desejar se fundir nele, jogar para o alto tudo o que conhecia, abandonar todo o seu bom senso. Seu corpo estremeceu, a respiração se acelerou, e ela não conseguia afastar os olhos da boca de sir Richard quando ele a beijou uma vez mais, agora na palma da mão.

Iris sentiu algo se enrijecer em seu interior. Algo que, tinha certeza, era impróprio sentir. Pelo menos ali, no saguão da casa da tia, não com um homem que mal conhecia.

– Quer se casar comigo? – perguntou ele.

Não. Alguma coisa estava errada. Era cedo demais. Não fazia sentido que ele se apaixonasse em tão pouco tempo.

Ele não a amava. Não dissera que a amava. Entretanto, a maneira como a olhava...

Por que queria se casar com ela? Por que ela sentia que não podia confiar nele?

– Iris? – sussurrou Richard. – Minha querida?

E, por fim, ela conseguiu responder:

– Preciso de um tempo.

Maldição.

Era exatamente o que ele havia imaginado que aconteceria. Ela não aceitaria o pedido após uma corte de apenas uma semana. Era sensata demais para agir dessa maneira.

A ironia da situação quase o matou: se ela não fosse a criatura inteligente e sensível que era, ele não a teria escolhido.

Richard deveria ter seguido o plano original. Fora até ali naquela noite com a intenção de comprometê-la. Nada extremo: seria a maior das hipocrisias se lhe roubasse algo além de um beijo.

Um beijo era tudo de que precisava. Um beijo com testemunhas e ela não teria saída.

Mas não, Iris havia mencionado a palavra *casamento* e, então, ele se sentiu culpado, sabendo muito bem que tinha bons motivos para isso. Um

pedido romântico seria a maneira de compensar, embora ela não soubesse que ele precisava compensar algo.

– É claro – respondeu ele suavemente, levantando-se devagar. – Fui muito apressado. Perdoe-me.

– Não há nada a ser perdoado – replicou ela, tropeçando nas próprias palavras. – Foi apenas inesperado e eu não havia pensado a respeito. E o senhor só esteve com meu pai uma vez, apenas de passagem.

– É claro que vou pedir a permissão dele.

Não era exatamente uma mentira. Se conseguisse fazer Iris aceitar nos minutos seguintes, ficaria feliz em solicitar uma audiência particular com o pai dela e fazer tudo da maneira correta.

– Posso dispor de alguns dias? – perguntou Iris, com uma expressão hesitante. – Há muitas coisas que não conheço a seu respeito. E outras muitas que o senhor também desconhece sobre mim.

Ele a encarou ardentemente.

– Eu a conheço o suficiente para saber que jamais encontrarei uma noiva mais digna.

Ela entreabriu os lábios e ele percebeu que seus elogios haviam acertado o alvo. Se tivesse um pouquinho mais de tempo, poderia tê-la cortejado do modo que uma noiva merece.

Richard tomou as mãos dela e as apertou com suavidade.

– Você é muito preciosa para mim.

Ela parecia não saber o que dizer.

Ele a tocou no rosto, tentando ganhar tempo enquanto procurava uma maneira de salvar a situação. Precisava se casar com ela e não podia suportar mais demora.

Pelo canto do olho, percebeu um movimento. A porta da sala ainda estava aberta. Ele estava posicionado em um ângulo estranho e só conseguia enxergar um pouquinho do interior. Mas tinha a sensação de que lady Pleinsworth sairia a qualquer momento e...

– Preciso beijá-la! – gritou ele, e puxou Iris de supetão para seus braços.

Richard a ouviu ofegar e isso lhe causou uma imensa dor, mas não havia opção. Era preciso retomar o plano original. Beijou-a na boca, na bochecha, em seu adorável pescoço, e então...

– Iris Smythe-Smith!

Ele saltou para trás. Estranhamente, não teve que fingir surpresa.

Lady Pleinsworth correu na direção deles.

– Em nome de Deus, o que está acontecendo aqui?

– Tia Charlotte!

Iris cambaleou, tremendo como um cervo assustado. Richard viu os olhos dela passarem da tia para alguém atrás dela e, com uma crescente sensação de temor, ele se deu conta de que Harriet, Elizabeth e Frances também estavam presentes e fitavam o casal, boquiabertas.

Deus do céu, agora ele era responsável por corromper crianças.

– Tire suas mãos de minha sobrinha! – esbravejou lady Pleinsworth.

Richard pensou que era melhor não contestar que já a soltara.

– Harriet – disse lady Pleinsworth, sem tirar os olhos de Richard. – Vá procurar a sua tia Maria.

A menina assentiu bruscamente e foi cumprir sua missão.

– Elizabeth, chame um lacaio. Frances, vá para o seu quarto.

– Eu posso ajudar – protestou Frances.

– Para o seu quarto, Frances. *Agora!*

A pobre Frances, que ainda tinha o chifre colado na cabeça, teve que segurá-lo com as duas mãos enquanto saía correndo.

– Vocês dois, na sala de visitas – ordenou lady Pleinsworth, num tom funesto. – *Agora!*

Richard se afastou para o lado, permitindo que Iris passasse. Nunca imaginara que ela pudesse ficar ainda mais pálida que o normal, mas não havia o mínimo tom róseo em sua pele.

As mãos de Iris tremiam. Ele se odiou.

Um lacaio chegou assim que entraram na sala e lady Pleinsworth o levou a um canto e lhe disse algo em voz baixa. Richard presumiu que era uma mensagem para o pai de Iris.

– Sentem-se – ordenou ela.

Iris obedeceu lentamente.

Lady Pleinsworth voltou seu imperioso olhar para Richard. Ele juntou as mãos nas costas.

– Não posso me sentar enquanto a senhora permanecer de pé, milady.

– Dou-lhe a minha permissão – retrucou ela, seca.

Ele se sentou. Ia contra toda a sua natureza se acomodar humildemente e em silêncio, mas sabia que era o que precisava fazer. Só desejava que Iris não parecesse tão perdida, preocupada e envergonhada.

– Charlotte?

Ele ouviu a voz da mãe de Iris vindo do saguão. Ela entrou na sala, seguida por Harriet, que ainda carregava seu cajado de pastora.

– Charlotte, o que está acontecendo? Harriet disse... – As palavras da Sra. Smythe-Smith se desvaneceram quando observou a cena. – O que aconteceu? – indagou ela em voz baixa.

– Mandei buscar Edward – explicou lady Pleinsworth.

– Papai? – falou Iris, trêmula.

Charlotte se virou para encará-la.

– Você achava mesmo que poderia fazer o que fez sem enfrentar as consequências?

Richard ficou de pé.

– Ela não tem nenhuma culpa no que aconteceu.

– O... que... aconteceu? – perguntou de novo a Sra. Smythe-Smith.

– Ele a comprometeu – respondeu lady Pleinsworth.

A Sra. Smythe-Smith ofegou.

– Iris, como pôde?

– Não foi culpa dela – interveio Richard.

– Não estou falando com o senhor – rebateu a Sra. Smythe-Smith. – Pelo menos não ainda. – Ela se virou para a cunhada. – Quem está sabendo?

– Minhas três filhas menores.

A Sra. Smythe-Smith fechou os olhos.

– Elas não vão dizer nada! – exclamou Iris de repente. – São minhas primas.

– São crianças! – rugiu lady Pleinsworth.

Richard não suportou mais:

– Devo pedir que não fale com ela nesse tom.

– Não acredito que o senhor esteja em posição de fazer demandas.

– Todavia – falou ele com suavidade –, peço que fale com ela de maneira respeitosa.

As sobrancelhas de lady Pleinsworth se elevaram diante de tamanha impertinência, porém ela permaneceu em silêncio.

– Não creio que tenha se comportado com tamanha imprudência – disse Maria Smythe-Smith à filha.

Iris não respondeu. Sua mãe se voltou para Richard, os lábios comprimidos numa expressão firme e furiosa.

– O senhor terá que se casar com ela.

– Nada poderia me dar mais prazer.

– Eu duvido de sua sinceridade, senhor.

– Isso não é justo! – gritou Iris, levantando-se.

– Você ainda o defende? – a mãe a repreendeu.

– As intenções dele são honrosas.

Honrosas, pensou Richard. Ele já não estava seguro do que isso significava.

– São mesmo? – a Sra. Smythe-Smith quase cuspiu. – Se eram tão hon...

– Ele estava me pedindo em casamento!

A Sra. Smythe-Smith olhou para Iris, depois para Richard e, em seguida, de novo para a filha, sem saber como reagir.

– Não direi nada mais sobre isso até seu pai chegar. Ele não deve demorar. Ainda está cedo e, se sua tia – ela indicou a cunhada com a cabeça – deixou clara a importância da convocação, ele virá a pé.

Richard concordou com a avaliação da futura sogra. A residência dos Smythe-Smiths não ficava distante. Seria muito mais rápido caminhar do que esperar que preparassem uma carruagem.

Um tenso silêncio tomou conta da sala por um tempo até que a Sra. Smythe-Smith se voltou bruscamente para a cunhada.

– Você deve ficar com seus convidados, Charlotte. Se nenhuma de nós permanecer lá, levantaremos suspeitas.

Lady Pleinsworth assentiu com gravidade.

– Leve Harriet com você – acrescentou a mãe de Iris. – Apresente-a a alguns dos cavalheiros. Ela está quase na idade de frequentar a sociedade. Parecerá a coisa mais natural do mundo.

– Mas ainda estou com a roupa da peça – protestou Harriet.

– Isso não é hora para vaidade – declarou a mãe, agarrando o braço da menina. – Venha.

Harriet avançou aos tropeços atrás da mãe, não sem antes lançar um último olhar de compaixão para Iris.

A Sra. Smythe-Smith fechou a porta da sala e logo soltou um suspiro.

– Que grande confusão – disse ela, sem piedade.

– Vou fazer os acertos para conseguir uma licença especial imediatamente – afirmou Richard.

Ele não achou necessário contar a elas que já havia obtido uma.

A Sra. Smythe-Smith cruzou os braços e começou a caminhar de um lado para outro.

– Mamãe? – Iris aventurou-se a dizer.

Trêmula, Maria ergueu um dedo.

– Agora não.

– Mas...

– Vamos esperar seu pai! – interrompeu a Sra. Smythe-Smith, bastante zangada.

Ela tremia de fúria e a expressão de Iris dizia a Richard que a jovem jamais vira a mãe daquele jeito.

Iris recuou, abraçando o próprio corpo. Richard queria consolá-la, mas sabia que a mãe ficaria furiosa se ele desse um passo na direção da filha.

– De todas as minhas filhas – disse a Sra. Smythe-Smith, com um sussurro colérico –, você era a última que eu esperava que fizesse uma coisa dessas.

Iris desviou o olhar.

– Estou muito envergonhada de você.

– De mim? – questionou Iris, em um fio de voz.

Richard deu um passo ameaçador para a frente.

– Eu já expliquei à senhora que sua filha não tem nenhuma culpa.

– É obvio que tem culpa. Ela estava sozinha com o senhor? Ela sabe muito bem que isso não está certo.

– Eu estava no meio de um pedido de casamento.

– Imagino que o senhor ainda não tenha solicitado uma reunião particular com o Sr. Smythe-Smith para obter seu consentimento.

– Pensei que deveria primeiro dar a *ela* a honra de ouvir meu pedido.

A mãe de Iris pressionou os lábios, zangada, mas não respondeu. Em vez disso, olhou vagamente em direção à filha e deixou escapar um frustrado “Oh, onde é que está o seu pai?”.

– Estou segura de que logo estará aqui, mamãe – respondeu Iris em voz baixa.

Richard se preparou para saltar em defesa de Iris mais uma vez, porém a mãe se manteve calada. Por fim, depois de vários minutos, a porta da sala se abriu e o pai de Iris entrou.

Edward Smythe-Smith não era um homem excepcionalmente alto, mas era bem-conservado, e Richard imaginou que ele fora bastante atlético na

juventude. Sem dúvida ainda era forte o bastante para quebrar a cara de um homem, caso decidisse que a violência era apropriada.

– Maria? – falou ele, olhando para a esposa assim que entrou. – Que diabo está acontecendo? Recebi um chamado urgente de Charlotte.

Sem uma única palavra, a Sra. Smythe-Smith fez um gesto na direção dos dois outros presentes na sala.

– Senhor – disse Richard.

Iris fitou as próprias mãos.

A Sra. Smythe-Smith continuou em silêncio.

Richard pigarreou.

– Eu gostaria muito de me casar com sua filha.

– Se estou interpretando corretamente a situação – falou o pai de Iris com uma calma devastadora –, vocês não têm muita escolha.

– Entretanto, é o que desejo.

O Sr. Smythe-Smith virou a cabeça na direção da filha, mas sem fitá-la.

– Iris?

– Ele me fez o pedido, papai. – Ela limpou garganta. – Antes...

– Antes de *quê*?

– Antes que tia Charlotte... visse...

Richard inspirou fundo, tentando se controlar. Iris estava tão abatida que nem conseguiu terminar a frase. Será que o pai não percebia? Ela não merecia tal interrogatório. No entanto, Richard instintivamente sabia que, se intercedesse, só pioraria as coisas.

Mas ele não conseguiu se conter.

– Iris – disse de forma suave, esperando que ela sentisse o apoio em sua voz.

Se ela precisasse, ele assumiria o comando da situação.

– Sir Richard me pediu em casamento – esclareceu Iris, de maneira resoluta.

Só que ela não o olhou. Nem sequer de relance.

– E qual foi a sua resposta? – perguntou o pai.

– Eu... Eu ainda não tinha respondido.

– Qual seria a sua resposta?

Iris engoliu em seco, desconfortável com todos os olhares sobre ela.

– Seria sim.

Richard sentiu a cabeça girar. Por que ela estava mentindo? Ela dissera que precisava de mais tempo.

– Então está resolvido – concluiu o Sr. Smythe-Smith. – Não é como eu gostaria que acontecesse, mas ela tem idade suficiente, quer se casar com o senhor e, na verdade, deve mesmo aceitar. – Ele encarou a esposa. – O casamento precisa ser rápido.

A Sra. Smythe-Smith assentiu, suspirando aliviada.

– Talvez não seja tão grave. Acredito que Charlotte consiga controlar os mexericos.

– Os mexericos nunca podem ser controlados.

Richard só pôde concordar.

– Ainda assim – insistiu a Sra. Smythe-Smith –, não é tão grave como poderia ser. Ainda podemos dar a ela um casamento adequado. Será melhor se não parecer muito apressado.

– Muito bem. – O pai de Iris se voltou para Richard. – O senhor pode se casar com ela daqui a dois meses.

Dois meses? Não. Não serviria.

– Senhor, não posso esperar dois meses – replicou Richard, sem pestanejar.

As sobrancelhas do futuro sogro subiram lentamente.

– Preciso voltar para as minhas terras.

– O senhor deveria ter pensado nisso antes de comprometer minha filha.

Richard vasculhou o cérebro à procura da melhor desculpa, a que tivesse mais chance de fazer o Sr. Smythe-Smith ceder.

– Eu sou o único tutor de minhas duas irmãs menores, senhor. Seria negligente de minha parte não retornar logo.

– Se não me engano, o senhor passou várias temporadas na cidade anos atrás – retrucou o Sr. Smythe-Smith. – Quem estava a cargo de suas irmãs então?

– Elas viviam com nossa tia. Faltava-me a maturidade necessária para cumprir adequadamente com os meus deveres.

– Perdoe-me se duvido de sua maturidade agora.

Richard se obrigou a não responder. Se tivesse uma filha, ficaria furioso também. Pensou no próprio pai, perguntando a si mesmo o que ele pensaria de suas atitudes naquela noite. Bernard Kenworthy amava a família – Richard nunca duvidara disso –, mas sua postura paternal

poderia ser melhor descrita como uma negligência benigna. Se estivesse vivo, o que ele teria feito? Se é que faria alguma coisa.

Mas Richard não era seu pai. Ele não tolerava posturas omissas.

– Dois meses serão perfeitamente aceitáveis – afirmou a mãe de Iris. – Não há nenhuma razão para que o senhor não possa voltar às suas terras e logo retornar para o casamento. Para ser honesta, eu prefiro assim.

– Eu não – declarou Iris.

Os pais a encararam, em estado de choque.

– Bem, eu não prefiro assim. – Ela engoliu em seco e Richard sentiu uma pontada no coração diante da tensão que viu no pequeno corpo da futura esposa. – Se a decisão já está tomada, prefiro seguir em frente.

A mãe deu um passo na direção dela.

– Sua reputação...

– Pode ser que já esteja em frangalhos. Se for esse o caso, gostaria muito mais de estar em Yorkshire, onde não conheço ninguém.

– Tolice – retrucou a mãe com desdém. – Vamos esperar e ver o que acontece.

Iris fitou a mãe com um olhar duro.

– Eu não tenho nenhuma voz nesse assunto?

Os lábios da mãe tremeram e ela encarou o marido.

– Será como ela deseja – sentenciou o pai, depois de pensar um pouco. – Não vejo nenhuma razão para obrigá-la a esperar. Deus sabe que Daisy e ela vão brigar o tempo todo. – O Sr. Smythe-Smith se voltou para Richard. – Não é agradável conviver com Iris quando ela está de mau humor.

– Papai!

Ele a ignorou.

– E não é agradável conviver com Daisy quando ela está de bom humor. O planejamento de uma cerimônia de casamento fará com que esta aqui – meneou a cabeça para Iris – se sinta infeliz e a outra fique em êxtase. Eu teria que me mudar para a França.

Richard apenas sorriu. O humor do Sr. Smythe-Smith era do tipo amargo e não toleraria uma risada.

– Iris – disse o cavalheiro mais velho. – Maria.

Elas o seguiram até a porta.

– Eu o verei em dois dias – anunciou o pai de Iris a Richard. – Espero que tenha a licença especial e todos os papéis preparados.

– Não faria menos do que isso, senhor.

Ao sair da sala, Iris olhou por sobre o ombro e seus olhares se cruzaram.

*Por qu*ê*?*, ela parecia perguntar. *Por qu*ê*?*

Nesse momento, percebeu que ela sabia. Sabia que ele não havia sido tomado pela paixão, que o casamento forçado fora orquestrado, embora não com muito talento.

Richard nunca se sentira tão envergonhado.

CAPÍTULO 8

Na semana seguinte

Iris despertou com trovões na manhã de seu casamento e, quando a criada chegou trazendo o café, Londres estava completamente alagada pela chuva.

Ela se aproximou da janela e olhou para fora, descansando a testa no vidro gelado. A cerimônia aconteceria dentro de três horas. Talvez o tempo abrisse até lá. Havia um pequeno pedaço azul no céu, bem distante. Parecia solitário. Deslocado.

Mas dava esperanças.

Imaginava que não faria diferença. Ela não iria se molhar. O matrimônio seria celebrado, graças a uma licença especial, no salão da casa de sua família. A viagem até lá envolvia apenas dois corredores e um lance de escadas.

Iris torcia para que as estradas não estivessem alagadas. Deveria partir para Yorkshire com sir Richard na mesma tarde. Embora estivesse compreensivelmente nervosa por sair de casa e se afastar de tudo o que lhe era familiar, já ouvira o suficiente sobre a noite de núpcias para saber que *não* desejaria passá-la sob o teto dos pais.

Sir Richard não possuía uma casa em Londres e os aposentos que havia alugado não eram apropriados para receber a esposa. Ele queria levá-la para sua residência em Maycliffe Park, onde se encontraria com as irmãs.

Uma risada nervosa atravessou sua garganta. Irmãs. Ele tinha irmãs. Se havia uma coisa em sua vida que nunca lhe faltara eram irmãs.

Uma batida na porta a arrancou de seus pensamentos e, depois que Iris deu permissão, a mãe entrou no quarto.

– Dormiu bem? – perguntou a Sra. Smythe-Smith.

– Não muito.

– Eu me espantaria se tivesse dormido. Não importa quanto conheça o noivo, uma mulher sempre fica apreensiva.

Iris achava *muito* importante uma mulher conhecer o noivo. Certamente estaria menos nervosa – ou, pelo menos, nervosa de uma maneira diferente – se conhecesse o futuro marido havia mais de duas semanas.

Porém, não disse nada à mãe, pois elas não conversavam sobre tais assuntos. Só falavam sobre futilidades, os acontecimentos do dia, música e, às vezes, livros, e sobretudo sobre as irmãs, as primas e os bebês da família. Mas nada de sentimentos. Não tinham esse tipo de relacionamento.

Ainda assim, Iris sabia que era amada. A mãe não era do tipo que expressava emoções ou aparecia em seu quarto com uma xícara de chá e um sorriso, mas amava os filhos com toda a força do coração. Iris jamais duvidara disso, nem por um segundo.

A Sra. Smythe-Smith sentou-se na ponta da cama e fez sinal para que Iris se aproximasse.

– Eu queria muito que você tivesse uma criada para a viagem. Não deveria ser assim.

Iris reprimiu uma risada diante do absurdo de tudo aquilo. Depois de todos os acontecimentos da semana anterior, a falta de uma *criada* era o mais importante?

– Você nunca foi boa com penteados. Terá que se vestir sozinha...

– Eu vou ficar bem, mamãe – garantiu Iris.

Daisy e ela compartilhavam uma criada e, quando lhe deram a chance de escolher, a jovem optou por permanecer em Londres. Iris achara prudente esperar e contratar uma nova em Yorkshire. Isso a faria parecer menos estranha em seu novo lar. Com sorte, também a faria *sentir-se* menos estranha.

Ela subiu de novo na cama e se apoiou nos travesseiros. Sentia-se muito jovem, acomodada daquela maneira. Não se lembrava da última vez que a mãe entrara em seu quarto e se sentara em sua cama.

– Eu lhe ensinei tudo o que você precisa saber para administrar adequadamente uma casa – afirmou a mãe.

Iris assentiu.

– Você vai estar no campo, será uma grande mudança, mas os princípios da administração de um lar são sempre os mesmos. Sua relação com a governanta será da maior importância. Se ela não a respeitar, ninguém o fará. Ela não precisa ter *medo* de você...

Iris baixou o olhar para o próprio colo, escondendo o misto de divertimento e pânico que experimentava. Pensar que alguém pudesse ter medo dela era ridículo.

–... mas deve respeitar a sua autoridade – concluiu a Sra. Smythe-Smith. – Iris? Está me ouvindo?

Iris ergueu o olhar.

– É claro que sim. Desculpe-me... – Ela conseguiu forçar um pequeno sorriso. – Não acho que Maycliffe Park seja grandioso assim. Sir Richard descreveu o lugar para mim. Tenho certeza de que precisarei aprender muito, mas acredito que vou estar à altura da missão.

A mãe acariciou sua mão.

– É claro que estará.

Houve um momento de silêncio constrangido, interrompido quando a mãe perguntou:

– Que tipo de casa é Maycliffe? Elisabetano? Medieval? As terras são extensas?

– Do fim da época medieval. Sir Richard contou que ela foi construída no século XV, embora tenha sofrido várias alterações com o passar do tempo.

– E os jardins?

– Não tenho certeza – respondeu Iris, em tom lento e cuidadoso.

Ela sabia que a mãe não tinha ido ao seu quarto para falar sobre a arquitetura e o paisagismo de Maycliffe Park.

– É claro.

É *claro*? Iris estava perplexa.

– Espero que seja confortável.

– Sem dúvida que não me faltará nada.

– Vai fazer frio, imagino. Os invernos no norte... – A Sra. Smythe-Smith estremeceu um pouco. – Eu não suportaria. Você terá que tratar os criados com pulso firme para se certificar de que todas as lareiras estejam...

– Mamãe – Iris enfim a interrompeu.

A mãe parou de divagar.

– Sei que não veio aqui para falar de Maycliffe – acrescentou Iris.

– Não. – A Sra. Smythe-Smith respirou fundo. – Não, não vim.

Iris esperou pacientemente enquanto a mãe se remexia de forma incomum, puxando a colcha azul-clara e passando os dedos por ela. Por fim, ergueu os olhos e a fitou bem nos olhos.

– Você sabe que o corpo do homem não é... igual ao da mulher.

Iris entreabriu os lábios, surpresa. Ela já esperava por aquela conversa, mas, por Deus, não de forma tão objetiva.

– Iris?

– Sim – respondeu ela depressa. – É claro. Eu sei.

– São essas diferenças que fazem com que a procriação seja possível.

Iris quase disse "Estou entendendo", porém sem dúvida não era o caso. Pelo menos não do jeito que precisava.

– Seu marido vai... – A Sra. Smythe-Smith suspirou, frustrada. Iris nunca a vira tão desconcertada. – O que ele vai fazer...

Iris esperou.

– Ele vai... – A mãe fez uma pausa e meio que abriu os braços, com as mãos espalmadas. – Colocar aquela parte dele, a que é diferente, dentro de você.

– Dentro de... – Iris não parecia capaz de concluir a frase –... mim?

O rosto da mãe adquiriu um tom de rosa inesperado.

– A parte dele que é diferente entra na *sua* parte que é diferente. É assim que a semente dele entra no seu corpo.

Iris tentou visualizar a cena. Ela sabia como era o corpo masculino – as estátuas que vira nem sempre tinham uma folha de parreira. Mas o que a mãe lhe explicara parecia muito estranho. Sem dúvida, Deus, em sua infinita sabedoria, teria inventado um meio mais eficiente para a procriação.

Entretanto, não tinha nenhum motivo para duvidar da mãe. Iris franziu a testa e perguntou:

– E dói?

A Sra. Smythe-Smith ficou séria.

– Não vou mentir para você. Não é confortável, e dói muito na primeira vez. Só que depois fica mais fácil, juro. Acho que manter a mente ocupada ajuda muito. Eu costumo pensar nas contas da casa.

Iris não tinha ideia do que dizer. Suas primas nunca haviam sido muito explícitas quando falavam de seus deveres como esposas, mas ela nunca

tivera a sensação de que passavam esse tempo somando de cabeça.

– Eu vou ter que fazer isso com frequência?

A mãe suspirou.

– Pode ser que sim. Na verdade, depende...

– De quê?

A mãe voltou a suspirar, só que dessa vez entre os dentes. Estava claro que não esperava mais questionamentos.

– A maioria das mulheres não concebe na primeira vez. Mas, mesmo que isso não aconteça, não saberá de imediato.

– Não saberei?

A mãe gemeu.

– Você vai saber que está grávida quando sua menstruação se interromper.

A menstruação seria interrompida? Ora, *esse* seria um benefício.

– Além disso – acrescentou a mãe –, os homens têm prazer no ato e as mulheres não. – Ela pigarreou, incomodada. – Isso vai depender do apetite de seu marido.

– Do apetite?

O negócio também envolveria *comida*?

– *Por favor*, pare de me interromper – a mãe quase implorou.

Iris fechou a boca na mesma hora. Sua mãe nunca implorava.

– O que estou tentando dizer – continuou a Sra. Smythe-Smith, com a voz tensa – é que provavelmente seu marido desejará se deitar com você muitas vezes. Pelo menos no início do casamento.

Iris engoliu em seco.

– Entendi.

– Muito bem – disse a mãe de repente. Ela quase deu um pulo ao se levantar. – Temos muitas coisas para fazer hoje.

Iris assentiu. Era evidente que a conversa chegara ao fim.

– Tenho certeza de que suas irmãs vão querer ajudá-la a se vestir.

Iris só abriu um sorriso trêmulo. Seria bom ter todas elas em um mesmo lugar. Rose vivia muito longe, na parte oeste de Gloucestershire, mas, mesmo com pouco tempo de antecdência, conseguira chegar a Londres para o casamento.

E Yorkshire ficava ainda mais distante.

A mãe se foi, mas, em menos de cinco minutos, alguém bateu à porta.

– Entre! – gritou Iris, cansada.

Era Sarah, com uma expressão furtiva e seu melhor vestido matinal.

– Ah, graças a Deus você está sozinha.

Iris se animou imediatamente.

– O que foi?

Sarah olhou para o corredor e logo fechou a porta atrás de si.

– Sua mãe veio falar com você?

Iris gemeu.

– Ah, então veio – constatou Sarah.

– Prefiro não falar a respeito.

– Não, é por isso mesmo que estou aqui. Bem, não para falar sobre os conselhos de sua mãe. Pode ter certeza de que não quero saber o que ela disse. Se for parecido com o que minha mãe disse... – Sarah estremeceu, mas logo se controlou. – Preste atenção. O que quer que sua mãe tenha dito sobre suas relações com o marido, esqueça.

– Tudo? – questionou Iris, confusa. – Ela não pode estar *completamente* enganada.

Sarah deu uma risadinha e sentou-se na cama ao lado da prima.

– Não, é claro que não. Afinal, ela tem seis filhos. O que quero dizer é... Bem, ela falou que era horrível?

– Não com essas palavras, mas soou bastante desagradável.

– Pode mesmo ser se você não amar seu marido.

– Mas eu não amo meu marido.

Sarah suspirou e sua voz perdeu um pouco da autoridade.

– Você pelo menos gosta dele?

– Sim, claro.

Iris pensou naquele homem que, em poucas horas, seria seu marido. Ela não era capaz de afirmar que o amava, mas, para ser justa, não havia nada *errado* nele. Tinha um sorriso encantador e, até o momento, ele a tratara com o maior respeito. Porém, ela mal o conhecia.

– Eu poderia até amá-lo – comentou, desejando ter falado com mais segurança. – Espero que sim.

– Bom, já é um começo. – Sarah comprimiu os lábios e ficou pensando. – Ele também demonstra gostar de você.

– Estou bastante segura disso. – Em seguida, em um tom bem diferente, Iris acrescentou: – Exceto se ele for um exímio mentiroso.

– Como assim?

– Nada – replicou Iris rapidamente.

Arrependeu-se de ter falado aquilo. A prima sabia por que o casamento estava acontecendo tão depressa – a família inteira sabia –, porém ninguém conhecia a verdade por trás da proposta de sir Richard.

Nem mesmo Iris.

Ela suspirou. Era melhor todo mundo pensar que fora uma romântica declaração de amor. Ou pelo menos que ele tinha planejado tudo e percebido que combinavam. Mas não aquele... aquele...

Iris não sabia como explicar o acontecido nem a si mesma. Só desejava se livrar daquela suspeita constante e perturbadora de que havia algo errado.

– Iris?

– Desculpe-me. – Iris sacudiu a cabeça. – Ando meio distraída ultimamente.

– Acredito – respondeu Sarah, ao que parecia aceitando a explicação. – Conversei poucas vezes com sir Richard, mas ele parece ser um homem bom, e creio que vá tratar você muito bem.

– Sarah, se sua intenção era a de aliviar a minha ansiedade, devo dizer que não está conseguindo.

Sarah emitiu um grunhido de divertida frustração e segurou a cabeça de Iris entre as mãos.

– Apenas me escute. E confie em mim. Você confia em mim?

– Não muito.

A expressão de Sarah foi mais do que cômica.

– Estou brincando – emendou Iris com um sorriso. – Por favor, tenho o direito de ser temperamental no dia do meu casamento. Ainda mais depois da conversa com minha mãe.

– Só não se esqueça – prosseguiu Sarah, tomando a mão de Iris. – O que acontece entre um marido e sua esposa pode ser muito agradável.

Iris devia ter demonstrado dúvida, porque a prima acrescentou:

– É algo muito especial. De verdade.

– Alguém disse isso a você antes do casamento? Depois que sua mãe falou com você? Foi por isso que pensou em vir aqui me contar?

Para grande surpresa de Iris, Sarah corou bastante.

– Hugh e eu... ahn... talvez tenhamos...

– Sarah!

– É chocante, eu sei. Mas foi maravilhoso, de verdade, e não pude me controlar.

Iris ficou atônita. Sabia que Sarah sempre tivera um espírito mais livre do que o dela, mas jamais imaginaria que ela tivesse se entregado a Hugh antes do casamento.

– Ouça – continuou Sarah, apertando a mão de Iris –, não importa se Hugh e eu nos precipitamos. Estamos casados agora, eu amo meu marido e ele me ama.

– Eu não a julgo – assegurou Iris, embora tivesse a sensação de que a julgava, talvez um pouquinho.

Sarah a encarou com franqueza.

– Sir Richard já a beijou?

Iris assentiu.

– Você gostou? Não, não responda, posso ver no seu rosto que gostou.

Não pela primeira vez, Iris amaldiçoou sua pele clara. Não havia uma única pessoa em toda a Inglaterra capaz de corar com tanta intensidade quanto ela.

Sarah deu uns tapinhas na mão da prima.

– É um bom sinal. Se os beijos dele são prazerosos, é bem provável que o resto também seja.

– Esta é a manhã mais esquisita de toda a minha vida – comentou Iris debilmente.

– E vai ficar ainda mais – Sarah se levantou e fez um exagerado meneio de cabeça –, *lady Kenworthy*.

Iris jogou um travesseiro em Sarah.

– Preciso ir. Suas irmãs estarão aqui a qualquer momento para ajudá-la a se preparar.

Sarah se moveu em direção à porta e pousou a mão na maçaneta, olhando para trás com um sorriso.

– Sarah! – chamou Iris, antes que ela saísse do quarto.

Sarah inclinou a cabeça, aguardando.

Iris encarou a prima e, pela primeira vez na vida, deu-se conta de quanto a amava.

– Obrigada.

Várias horas depois, Iris se tornou lady Kenworthy de verdade. Postara-se diante de um homem de Deus e pronunciara as palavras que a uniriam a sir

Richard pelo resto da vida.

Ele ainda era um mistério. Continuara a cortejá-la durante o breve período entre a aceitação do pedido e o casamento, e Iris não podia negar que ele era mais do que encantador. Mas ainda não se atrevia a confiar nele sem reservas.

Mas gostava de sir Richard. Gostava muito. Ele tinha um senso de humor perverso que combinava com o dela, e Iris acreditava que se tratava de um homem de moral e bons princípios.

Na verdade, não era bem uma crença, apenas uma hipótese ou uma esperança. Seu instinto lhe dizia que tudo ficaria bem, mas ela não gostava muito de confiar nos próprios instintos. Era uma pessoa prática demais. Preferia o tangível, desejava provas concretas.

A corte de sir Richard não tinha feito nenhum *sentido*. Ela simplesmente não podia superar esse fato.

– Devemos nos despedir – disse seu marido... *seu marido!*, pouco depois do café da manhã servido no casamento.

A celebração, como a cerimônia, tinha sido singela, embora não pequena. O tamanho da família de Iris não permitiria.

Iris havia enfrentado os acontecimentos do dia em um torpor constante, assentindo e sorrindo nos momentos que, assim esperava, eram os corretos. Um primo após o outro se adiantou para felicitá-la, mas a cada beijo na face e tapinha na mão, ela só conseguia pensar que se aproximava o momento de entrar na carruagem de sir Richard e ir embora para longe.

Agora, o momento chegara.

Ele a ajudou a subir e ela se sentou virada para a frente do veículo. Era uma boa carruagem, bem equipada e confortável. Esperava que tivesse boa suspensão; segundo o marido, a viagem até Maycliffe Park levaria quatro dias.

Um momento depois de vê-la acomodada, sir Richard entrou. Dirigiu-lhe um sorriso e sentou-se de frente para ela.

Iris olhou pela janela e viu a família reunida diante de sua casa. Não, não era a sua casa. Não mais. Sentiu os olhos marejarem, mortificada, e procurou um lenço depressa em sua bolsinha de contas. Ela mal a abrira quando sir Richard se inclinou para a frente e lhe ofereceu um lenço.

Não havia sentido em negar seus sentimentos, por isso ela o aceitou. Ele parecia conhecê-la bem.

– Sinto muito – disse ela, enxugando as lágrimas.

As noivas não deviam chorar no dia do casamento. Sem dúvida isso não era um bom presságio.

– Não precisa se desculpar – disse sir Richard amavelmente. – Sei que as coisas têm sido bastante tumultuadas.

Ela lhe dirigiu o melhor sorriso que pôde, que, ainda assim, não era nada bom.

– Eu estava apenas pensando...

Iris gesticulou para a janela. A carruagem ainda não começara a se mover e, se inclinasse um pouco a cabeça, podia ver a janela do que um dia fora seu quarto.

– Já não é mais a minha casa – concluiu.

– Espero que goste de Maycliffe.

– Tenho certeza de que vou gostar. Suas descrições são encantadoras.

Sir Richard tinha falado sobre a enorme escadaria e as passagens secretas. E sobre um quarto onde o rei James I pernoitara. Havia uma hortinha de ervas perto da cozinha e uma estufa nos fundos. Não ficava anexada à casa, mas Richard comentou que sempre pensara em conectar as duas construções.

– Não pouparei esforços para fazê-la feliz – garantiu ele.

Ela ficou contente ao ouvir aquelas palavras ali dentro, onde ninguém podia escutá-los.

– Eu também.

A carruagem começou a se mover, em um ritmo muito lento, pelas ruas congestionadas de Londres.

– Quanto tempo viajaremos hoje? – perguntou Iris.

– Umas seis horas ao todo se as estradas não tiverem sido muito afetadas pela chuva desta manhã.

– Não será um dia muito longo.

Ele sorriu, assentindo.

– Perto da cidade haverá muitos locais para descansar se você precisar.

– Obrigada.

Era, de longe, a conversa mais educada, correta e tediosa que já haviam tido. Uma situação bem irônica.

– Você se importa se eu ler? – indagou Iris, enfiando a mão na bolsa para pegar um livro.

– De jeito nenhum. Na verdade, invejo você. Sou incapaz de ler dentro de uma carruagem em movimento.

– Mesmo quando se senta de frente para a estrada?

Ela mordeu o lábio. Meu Deus, o que estava dizendo? Sir Richard acharia que ela desejava que ele se sentasse ao seu lado.

Não era, de forma alguma, o que Iris tinha em mente.

Não que fosse se *importar*.

Mas isso não significava que desejava que ele o fizesse.

Para ela, não fazia diferença. De verdade. Ela não se importava com o lugar que ele escolhesse para se sentar.

– Não depende de que lado eu me sento – respondeu sir Richard, recordando a Iris que ela havia feito uma pergunta. – Acho que olhar pela janela, para algum ponto longínquo, ajuda um pouco.

– Minha mãe diz o mesmo. Ela também tem dificuldade para ler em carruagens.

– Normalmente eu cavalgo ao lado – falou ele, dando de ombros. – É mais fácil.

– Não deseja fazê-lo hoje?

Oh, que horror. Agora parecia que ela estava tentando expulsá-lo da carruagem. Isso *também* não era o que ela tencionava.

– Pode ser que o faça mais adiante. Na cidade nos movemos tão devagar que não chego a ficar afetado.

Ela pigarreou.

– Bem, então agora vou ler um pouco, se você não se importar.

– Por favor.

Iris abriu o livro e começou a leitura. Em uma carruagem fechada. A sós com o belo marido. Ela leu um livro.

Tinha a sensação de que aquela não era a forma mais romântica de iniciar um casamento.

Mas como poderia saber?

CAPÍTULO 9

Eram quase oito da noite quando, enfim, eles fizeram a última parada do dia. Iris já estava sozinha na carruagem havia algum tempo. Os dois tinham parado brevemente antes para que todos pudessem atender às próprias necessidades e, ao recomeçarem a viagem, sir Richard decidira cavalgar ao lado do veículo. Iris disse a si mesma que não estava sendo desprezada. Ele sofria de enjoos; ela não queria que o marido se sentisse mal no dia do casamento.

Porém, isso significava ficar sozinha e, quando a noite foi chegando e a luz se fez mais tênue, ela já não podia mais contar com a leitura para se distrair. Agora que tinham deixado Londres para trás, o ritmo da viagem era mais acelerado e os cavalos seguiam em um compasso mais constante e tranquilo. Ela devia ter adormecido, pois em um momento estava em algum lugar de Buckinghamshire e, no seguinte, alguém balançava levemente o seu ombro e a chamava:

– Iris? Iris?

– Mmmbrgh.

Ela não era do tipo que acordava muito rápido.

– Iris, chegamos.

Ela piscou algumas vezes, até que o rosto do marido entrou em foco à tênue luz da tarde.

– Sir Richard?

Ele sorriu com indulgência.

– Acho que você não precisa mais usar “sir”.

– Mmmmfh. Sim. – Ela bocejou, sacudindo as mãos, que estavam dormentes. Logo depois, percebeu que os pés também. – Então vamos.

Ele a encarou, divertindo-se.

– Você sempre acorda tão devagar?

– Não. – Ela se sentou. Em algum momento durante a viagem, havia desabado de lado. – Às vezes demoro ainda mais.

Richard deu uma risadinha.

– Preciso me lembrar disso. Não haverá reuniões importantes para lady Kenworthy antes de meio-dia.

Lady Kenworthy. Iris se perguntou quanto tempo levaria para se acostumar.

– Em geral, às onze horas eu já tenho alguma coerência... embora confesse que a melhor parte de estar casada será tomar o café da manhã na cama.

– A melhor parte?

Ela enrubesceu e o significado de suas palavras enfim a despertou.

– Sinto muito. Foi impensado...

– Não se preocupe – ele a interrompeu e ela deu um suspiro de alívio.

Seu marido não era do tipo que se ofendia por qualquer bobagem – uma virtude, pois Iris não costumava pensar muito antes de falar.

– Vamos descer? – sugeriu Richard.

– Sim, claro.

Ele saltou da carruagem e lhe estendeu a mão.

– Lady Kenworthy.

Era a segunda vez em poucos minutos que ele a chamava pelo novo nome. Ela sabia que muitos cavalheiros o faziam nos primeiros dias do casamento como um sinal de carinho, mas sentia-se desconfortável. Sabia que a intenção dele era boa, mas aquelas palavras só a faziam lembrar quanto sua vida mudara em apenas uma semana.

Entretanto, era seu dever tirar o melhor da situação e isso significava começar com uma conversa agradável.

– Já esteve aqui antes? – perguntou, enquanto aceitava ajuda para descer.

– Sim, eu... Opa!

Iris não soube direito como aconteceu – talvez não tivesse conseguido se livrar de toda a dormência dos pés –, mas ela escorregou no degrau da carruagem. Soltou um grito de surpresa quando sentiu um solavanco no estômago e o coração acelerou.

E assim, antes que pudesse ao menos tentar recuperar o equilíbrio, ela foi agarrada por Richard, que a sustentou firmemente e a colocou no chão.

– Santo Deus! – exclamou ela, feliz por ter os pés em terra firme.

Pôs uma mão sobre o coração, procurando se acalmar.

– Você está bem?

Ele não parecia ter percebido que suas mãos continuavam na cintura dela.

– Muito bem – sussurrou. Por que estava sussurrando? – Obrigada.

– Ótimo, eu não queria que...

As palavras de Richard se desvaneceram e, por um longo segundo, eles apenas se encararam. Foi uma sensação estranha e calorosa e, quando ele se afastou de repente, Iris se viu desequilibrada, ligeiramente tonta.

– Não queria que se machucasse. – Ele pigarreou. – Foi o que quis dizer.

– Obrigada.

Ela olhou para a estalagem, um lugar fervilhando de atividade, contrastando bastante com os dois, que continuavam parados como estátuas.

– Mas você estava falando alguma coisa sobre a estalagem? – indagou Iris.

Ele a encarou sem entender.

– Perguntei se você já esteve aqui antes.

– Várias vezes – respondeu Richard, mas ainda parecia distraído. Ela esperou um pouco, fingindo ajeitar as luvas, até que ele limpou a garganta e disse: – É uma viagem de três dias até Maycliffe. Não há como evitar. Eu sempre fico nas mesmas duas estalagens nas viagens para o norte.

– E nas viagens para o sul? – brincou ela.

Ele piscou, franzindo a testa e demonstrando confusão ou desdém. Sinceramente, ela não tinha certeza.

– Eu estava brincando – Iris começou a se explicar, pois era óbvio que ele faria o mesmo caminho para sair ou chegar de Londres. Mas ela se interrompeu e acrescentou apenas: – Não importa.

Richard continuou a encará-la de maneira penetrante por um longo tempo, até que lhe estendeu o braço.

– Vamos.

Iris viu a placa alegremente pintada, pendurada na estalagem: *O Ganso Empoeirado*. Era sério aquilo? Ela estrava prestes a passar a noite de núpcias em uma estalagem com aquele nome?

– Imagino que tenha gostado – comentou Richard de forma educada enquanto a conduzia para dentro.

– É claro.

Não que pudesse ou pretendesse dizer qualquer outra coisa. Ela olhou ao redor. Na verdade, era um lugar encantador, com janelas no estilo Tudor e flores frescas na recepção.

– Ah, sir Richard! – exclamou o estalajadeiro, apressando-se para saudá-los. – Vejo que está fazendo a viagem em bom ritmo.

– As estradas estavam boas, apesar da chuva desta manhã – disse Richard com amabilidade. – Foi uma viagem bastante agradável.

– Imagino que isso se deva mais à companhia do que às estradas – insinuou o estalajadeiro, abrindo um sorriso de cumplicidade. – Desejo-lhes felicidades.

Richard inclinou a cabeça na direção do homem para agradecer.

– Permita-me apresentar-lhe minha esposa, lady Kenworthy. Lady Kenworthy, este é o Sr. Fogg, o estimado proprietário do Ganso Empoeirado.

– É uma honra conhecê-la, milady. Seu marido é nosso hóspede favorito.

Richard deu um meio sorriso.

– Bastante frequente, pelo menos.

– Sua estalagem é adorável – elogiou Iris. – Entretanto, não vejo nada empoeirado.

O Sr. Fogg sorriu.

– Fazemos todo o possível para manter os gansos do lado de fora.

Iris riu, satisfeita. Já não estava mais familiarizada com o som do próprio riso.

– Querem que eu mostre seus quartos? – indagou o estalajadeiro. – A Sra. Fogg lhes preparou o jantar. Seu melhor assado, com queijo e batatas. Posso mandar servir em um refeitório privado quando desejarem.

Iris sorriu, agradecida, e seguiu o Sr. Fogg pelas escadas.

– Aqui estamos, milady – disse ele, abrindo uma porta ao fim do corredor. – É nosso melhor quarto.

Era realmente muito bom para uma estalagem, pensou Iris, pois havia uma grande cama com dossel e uma janela que dava para o sul.

– Temos apenas dois quartos com banheiros privados e, é claro, reservamos este para a senhora. – Ele abriu outra porta, que dava para uma pequena saleta sem janelas, com um urinol e uma banheira de cobre. –

Uma de nossas criadas pode lhe preparar um banho quente, se milady assim o desejar.

– Eu o avisarei, obrigada.

Ela não sabia por que estava tão desejosa de causar uma boa impressão em um estalajadeiro; talvez porque o marido parecesse gostar muito do sujeito. E, é claro, não havia nenhuma razão para ser grosseira com alguém que fazia de tudo para lhe agradar.

O Sr. Fogg fez uma reverência.

– Muito bem, vou deixá-la agora, milady. Imagino que queira descansar depois de viajar tanto. Sir Richard?

Iris ficou confusa ao vê-lo guiar Richard até outra porta.

– O senhor vai ficar do outro lado do corredor – continuou o Sr. Fogg.

– Muito bem.

– Você vai...

Iris se conteve antes que dissesse algo embaraçoso. O marido reservara quartos separados para a noite de núpcias?

– Milady? – falou o Sr. Fogg, voltando-se para ela.

– Não é nada – garantiu Iris rapidamente.

Ela nunca deixaria que percebessem sua surpresa por causa dos acertos.

Surpresa e... alívio. E, talvez, também um pouco de mágoa.

– Se puder abrir a porta do meu quarto para mim – disse Richard ao Sr. Fogg –, posso ir até lá por mim mesmo. Antes, gostaria de conversar em particular com minha esposa.

O estalajadeiro fez uma mesura e partiu.

– Iris – começou Richard.

Ela não se voltou para ele, porém lançou um olhar em sua direção. E tentou sorrir.

– Eu não lhe faria a desonra de exigir uma noite de núpcias em uma estalagem de beira de estrada – explicou-se ele, com a voz tensa.

– Entendo.

Ele parecia esperar uma resposta mais longa, por isso ela logo acrescentou:

– É muita consideração de sua parte.

Richard ficou em silêncio por um momento, sem graça, dando tapinhas na coxa com a mão direita.

– Sei que tudo aconteceu depressa demais para você.

– Bobagem – retrucou ela, determinada, mas também dando um toque de leveza à voz. – Eu já o conheço há duas semanas inteiras. Posso citar meia dúzia de casamentos construídos com base em relacionamentos muito mais curtos.

Richard arqueou uma sobrancelha, numa expressão muito sarcástica, e mais uma vez Iris desejou não ser tão pálida. Mesmo se conseguisse erguer uma única sobrancelha, ninguém seria capaz de perceber.

Ele fez uma reverência.

– Vou me retirar.

Ela se virou, fingindo procurar algo na bolsa, e falou:

– Por favor.

Houve outro silêncio desconfortável.

– Eu a verei no jantar?

– É claro que sim.

Ela precisava comer, certo?

– Quinze minutos são suficientes?

A voz dele era cautelosamente educada.

Iris assentiu, apesar de não estar de frente para ele. Teve certeza de que Richard entendeu a resposta. Além do mais, já não confiava na própria voz.

– Virei buscá-la antes de descer – disse o marido, e Iris ouviu a porta dela se fechar.

Ela ficou parada, sem conseguir respirar. Não sabia bem por quê. Talvez uma parte de si precisasse que ele se afastasse mais, que ficasse mais distante do que a um simples clique de uma porta. Precisava que ele cruzasse o corredor, entrasse em seu quarto e fechasse a porta atrás de si.

Precisava de tudo isso entre eles.

E, então, poderia chorar.

Richard fechou a porta do quarto de Iris, caminhou pelo corredor sem se apressar e abriu a porta do próprio quarto. Após fechá-la e trancá-la, soltou uma lista de impropérios de uma criatividade tão espetacular que era de admirar que um raio não atingisse O Ganso Empoeirado.

Que *diabo* ele ia fazer?

Tudo saíra de acordo com o planejado. Tudo. Conhecera Iris, casara-se com ela e estavam a caminho de casa. Ele ainda não havia lhe contado muita coisa, mas, de qualquer maneira, só planejara fazê-lo quando chegassem a Maycliffe e se encontrassem com suas irmãs.

O fato de ter conquistado uma esposa tão inteligente e agradável era um alívio. O fato de ela ser atraente era um adorável bônus. Entretanto, não havia previsto que a desejaria.

Não daquele jeito.

Ele a beijara em Londres e gostara bastante – o suficiente para saber que ir para a cama com ela não seria nenhum sacrifício. Porém, por mais agradável que a experiência tivesse sido, não havia sido difícil parar quando necessário. Sua pulsação havia se acelerado e ele sentiu os primeiros sinais de desejo, mas não fora nada que não pudesse controlar com facilidade.

Então, Iris tropeçou ao sair da carruagem. Ele a amparou, é claro. Foi instintivo. Afinal, era um cavalheiro. Teria agido da mesma maneira com qualquer mulher.

Mas, quando a tocou, quando as mãos pousaram na curva de sua pequena cintura e o corpo dela deslizou pelo dele enquanto a colocava no chão...

Algo se incendiou em seu interior.

Richard não sabia o que havia mudado. Seria algo primitivo, algo no fundo de seu coração que, agora, dava a certeza de que ela lhe pertencia?

Ele se sentira um idiota, ficara perplexo e paralisado, incapaz de tirar as mãos da cintura de Iris. O sangue pulsava nas veias, o coração batia tão forte que ele mal podia acreditar que ela não estivesse ouvindo. E tudo em que pôde pensar foi...

Eu a desejo.

E não era um desejo comum, pelo fato de não estar com uma mulher havia meses. Era algo eletrizante, uma descarga instantânea de desejo tão forte que lhe tirou todo o fôlego.

Ele teve vontade de inclinar a cabeça de Iris em direção à sua e beijá-la até ela se sentir tomada pelo desejo.

Quis apertar as nádegas dela e erguê-la até que ela não tivesse outra opção a não ser envolvê-lo com suas pernas.

E, em seguida, desejou empurrá-la contra uma árvore e *possuí-la*.

Meu Deus. Ele desejava a esposa. E não podia tê-la.

Ainda não.

Richard praguejou novamente enquanto arrancava o casaco e se jogava na cama. Maldição! Ele não precisava de uma encrenca daquelas. Teria que dizer a ela para trancar a maldita porta de seu quarto quando fossem morar em Maycliffe.

Então, blasfemou mais uma vez. Nem sabia se havia mesmo uma tranca na porta entre o aposento dele e o dela.

Teria que instalar uma.

Não, isso geraria comentários. Quem colocaria uma tranca na porta que ligava as acomodações de um casal?

Além do mais, havia os sentimentos de Iris. Richard vira em seus olhos a surpresa ao perceber que não seria visitada em sua noite de núpcias. Tinha quase certeza de que a esposa estava, de certa forma, aliviada – ele não se vangloriava por ela ter se apaixonado perdidamente em tão pouco tempo. Mas, ainda que fosse verdade, Iris não era o tipo de mulher que se aproximaria do leito matrimonial sem tremer.

E ela também estava magoada. Richard percebera, apesar das tentativas da esposa de ocultar seus sentimentos. E por que não estaria? Pela atitude dele, o próprio marido não a achava atraente o bastante para levá-la para a cama na noite de núpcias.

Ele deu uma risada sombria. Nada poderia ser menos verdadeiro. Só Deus sabia de quanto tempo seu corpo traidor precisaria para se acalmar e permitir que ele a escoltasse até o jantar.

Ah, sim, ele agiria como um cavalheiro. *Aqui, tome meu braço, mas, por gentileza, ignore minha tempestuosa ereção.*

Alguém precisava inventar um modelo mais apropriado de calças masculinas.

Richard ficou deitado de costas, procurando pensar em coisas menos sensuais. Qualquer assunto capaz de desviar sua mente para algo que não fosse o delicado fervor da cintura de sua esposa. Ou o suave tom de rosa de seus lábios. Era de uma cor que teria sido inexpressiva em qualquer outra pessoa, mas em contraste com a pálida pele de Iris...

Ele praguejou. Outra vez. Não era assim que as coisas deveriam ter acontecido. Pensamentos ruins, pensamentos desagradáveis... Vejamos, aquele dia em que tivera uma intoxicação alimentar em Eton. Peixe estragado. Salmão? Não, eram lúcios. Vomitara por vários dias. Ah, e o

lago em Maycliffe. Estaria frio naquela época do ano. Muito frio. De congelar os testículos.

Observação de pássaros, conjugações de latim, sua tia-avó Gladys (que descansasse em paz). Aranhas, leite azedo, a peste.

Peste *bubônica*.

Peste bubônica em seu frio e dormente...

Essa imagem deu resultado.

Ele consultou o relógio de bolso. Dez minutos já haviam se passado. Talvez onze. Sem dúvida, tempo suficiente para arrastar seu patético corpo de cima da cama e se fazer apresentável.

Com um gemido, Richard vestiu de novo o casaco. Provavelmente deveria se trocar para o jantar, mas normas podiam ser relevadas durante a viagem. Além disso, já avisara ao valete que não necessitaria de seus serviços até a hora de dormir. Esperava que Iris não tivesse pensado em colocar um vestido mais formal. Não lhe passara pela cabeça a ideia de avisá-la sobre isso.

Exatamente na hora combinada, bateu à porta da esposa. Ela a abriu de imediato.

– Você não se trocou – ele foi logo dizendo. Como um verdadeiro idiota.

Iris arregalou os olhos, temendo ter cometido um engano.

– Era para eu ter me trocado?

– Não, não. Era para eu ter dito que não precisava se incomodar. – Ele pigarreou. – Mas me esqueci.

– Ah. – Ela sorriu. Sem jeito. – Bom, não. Não me troquei, quero dizer.

– Percebi.

Richard cumprimentou a si mesmo por sua inteligência brilhante.

Ela ficou parada.

Ele também.

– Eu trouxe um xale – comentou Iris.

– Boa ideia.

– Achei que poderia esfriar.

– É bem possível.

– Sim, foi o que pensei.

Ele ficou parado.

Ela também.

– Devemos ir comer – disse Richard de repente, estendendo o braço.

Era perigoso tocá-la, mesmo em circunstâncias tão inocentes, mas ele precisaria se acostumar. Não podia se negar a escoltá-la durante os muitos meses que se seguiriam.

Tinha que saber quantos meses. *Exatamente* quantos meses.

– O Sr. Fogg não estava exagerando quando falou sobre o assado da esposa – contou Richard, procurando um assunto inócuo. – Ela é uma esplêndida cozinheira.

Como imaginara, percebeu que Iris ficou aliviada por ele ter dado início a uma conversa trivial.

– Deve estar maravilhoso – falou ela. – Estou morrendo de fome.

– Você não comeu nada na carruagem?

Ela balançou a cabeça.

– Pensei em fazê-lo, mas adormeci.

– Sinto muito por não estar lá para entretê-la.

Sabia muito bem como gostaria de entretê-la, embora ela fosse inocente em tais atividades.

– Não seja tolo. Você não se sente bem em carruagens.

Verdade. Mas, até então, ele nunca tinha feito uma viagem longa ao lado *dela*.

– Imagino que pretenda viajar outra vez do lado de fora amanhã?

– Acredito que seria melhor. – *Por inúmeras razões*.

Ela assentiu.

– Vou ter que encontrar outro livro para ler. Temo que vá terminar o de agora muito mais depressa do que esperava.

Chegaram à porta da sala de jantar privativa e Richard deu um passo à frente e a abriu para Iris passar.

– O que está lendo? – ele quis saber.

– Outro livro da Srta. Austen: *Mansfield Park*.

Ele puxou a cadeira para Iris.

– Não estou familiarizado com esse. Acho que minha irmã não o leu.

– Não é tão romântico quanto os outros.

– Ah, isso explica tudo. Sendo assim, Fleur não gostaria dele.

– Sua irmã é muito romântica?

Richard começou a abrir a boca, mas logo se deteve. Como descrever Fleur? Nos últimos tempos, ela não tinha sido uma pessoa muito agradável.

– Acredito que é, sim – respondeu por fim.

Iris pareceu achar graça.

– *Acredita*?

Ele sorriu timidamente.

– Não é o tipo de coisa que ela discute com o próprio irmão. O romantismo, quero dizer.

– Não, suponho que não. – Iris deu de ombros e espetou uma batata com o garfo. – Por certo eu não discutiria esse assunto com o meu.

– Você tem um irmão?

Iris o olhou, surpresa.

– É claro que sim.

Maldição, ele deveria ter imaginado. Que tipo de homem não saberia que a esposa tinha um irmão?

– John – continuou ela. – É o mais novo.

Essa revelação foi de fato espantosa.

– Você tem um irmão chamado *John*?

Ela riu.

– Realmente chocante. Deveria ser Florian. Ou Forest. É mesmo uma injustiça.

– Por que não Narcissus? – sugeriu.

– Teria sido ainda mais cruel. Ter o nome de uma flor e continuar sendo normal.

– Ora, pense bem. Iris não é como Mary ou Jane, mas não é tão incomum.

– Não é esse o ponto. Nós somos cinco. O que é comum fica horrível em conjunto. Exagerado.

Ela fitou a comida, com um olhar divertido.

– O que foi?

Ele precisava saber o motivo daquela expressão tão deliciosa.

Iris balançou a cabeça e comprimiu os lábios, obviamente tentando não rir.

– Diga-me o que foi. Eu insisto – falou Richard.

Ela se inclinou para a frente, como se fosse contar um grande segredo.

– Se John fosse menina, teria se chamado Begonia.

– Meu Deus.

– Pois é. Meu irmão teve muita, muita sorte.

Richard riu e, de repente, percebeu que os dois estavam conversando havia vários minutos de uma maneira bastante relaxada. Mais que relaxada

– ele sentia que a esposa era uma companhia muito agradável. Talvez desse certo. Só precisava vencer aquele primeiro obstáculo...

– Por que seu irmão não compareceu ao casamento?

Ela não se deu o trabalho de tirar os olhos da comida ao responder:

– John ainda está em Eton. Meus pais acharam que ele não deveria perder aulas por uma celebração tão pequena.

– Mas todos os seus primos estavam lá.

– Não havia ninguém da *sua* família – retrucou ela.

Existiam motivos para tal, mas ele não estava preparado para discuti-los agora.

– E, de qualquer maneira – prosseguiu Iris –, aqueles não eram *todos* os meus primos.

– Meu bom Deus! Quantos vocês são ao todo?

Os lábios de Iris se franziram. Ela estava tentando não rir.

– Tenho 34 primos de primeiro grau.

Ele a encarou. Era um número incompreensível.

– E cinco irmãos – acrescentou ela.

– Isso é... impressionante.

Iris deu de ombros; devia estar acostumada a ter uma família tão numerosa.

– Meu pai tinha sete irmãos.

– Mesmo assim. – Richard espetou um pedaço do famoso assado da Sra. Fogg. – Eu tenho, precisamente, zero primo em primeiro grau.

– É mesmo? – perguntou ela, espantada.

– A irmã mais velha de minha mãe ficou viúva muito cedo. Não teve filhos nem quis se casar outra vez.

– E seu pai?

– Ele teve dois irmãos, mas eles morreram sem deixar filhos.

– Sinto muito.

Ele fez uma pausa, detendo o garfo a meio caminho da boca.

– Por quê?

– Bem, porque... – Ela se interrompeu e baixou o queixo, como se refletisse sobre a resposta. – Não sei. Não posso imaginar como é ser sozinho.

Por algum motivo, ele achou divertida a situação.

– Tenho duas irmãs.

– É claro, mas...

Uma vez mais, ela parou de falar.

– “Mas” o quê?

Ele sorriu para demonstrar que não estava ofendido.

– É que... vocês são tão *poucos*...

– Garanto que eu não tinha essa sensação quando era criança.

– Não, imagino que não.

Richard serviu-se de mais assado da Sra. Fogg.

– Imagino que sua casa fosse fervilhante.

– Mais parecia um hospício.

Ele riu.

– Não estou brincando – replicou ela, mas sorrindo.

– Espero que você encontre em minhas duas irmãs substitutas adequadas para as suas.

Iris sorriu e inclinou a cabeça para o lado, de um jeito coquete.

– Com um nome como Fleur, acho que foi obra do destino, não acha?

– Ah, sim, as flores.

– É assim que se referem a nós agora?

– Agora?

Ela revirou os olhos.

– O ramalhete das Smythe-Smiths, as moças do jardim, o jardim das delícias...

– O jardim das delícias?

– Minha mãe não achava graça.

– Imagino que não.

– Nem sempre fomos chamadas de “as flores”. – Ouvi falar que alguns cavalheiros gostavam de usar expressões de duplo sentido.

– Cavalheiros? – repetiu Richard.

Duvidava de que as expressões de duplo sentido fossem cavalheirescas.

Iris espetou uma batata minúscula.

– Eu uso o termo sem levar em conta o sentido real.

Ele a observou por um momento. À primeira vista, sua esposa parecia frágil, um tanto insubstancial. Não era alta, chegando apenas até os ombros de Richard, além de bem magra – embora não desprovida de curvas, como descobrira recentemente. E também, é claro, havia seu notável colorido. Os olhos, que à primeira vista pareciam pálidos e insípidos, mostravam-se aguçados e brilhantes de inteligência quando ela

participava de uma conversa. E, quando ela se movia, ficava claro que sua figura esbelta não era sinal de fraqueza ou enfermidade, mas de força e determinação.

Iris Smythe-Smith não deslizava pelos salões, algo que tantas moças eram treinadas a fazer: andava com um rumo e um propósito.

E o sobrenome dela, lembrou a si mesmo, não era Smythe-Smith. Ela era Iris Kenworthy e Richard se deu conta de que mal começara a conhecê-la.

CAPÍTULO 10

Três dias depois

Eles estavam se aproximando de seu destino.

Havia não mais de dez minutos, tinham passado por Flixton, o vilarejo mais próximo de Maycliffe Park. Iris tentava não parecer muito ansiosa – ou nervosa –, enquanto observava a paisagem pela janela. Procurava dizer a si mesma que era apenas uma casa e, se as descrições do marido tivessem sido precisas, não se tratava de um lugar de grande imponência.

Mas era a casa *dele*, logo agora também a casa *dela*. Queria, desesperadamente, causar uma boa impressão ao chegar. Richard lhe contara que tinha treze empregados, nada muito intimidador, mas depois mencionou que o mordomo trabalhava lá desde pequeno e a governanta, por um tempo ainda mais longo. Iris não pôde deixar de pensar que não importava que seu sobrenome agora fosse Kenworthy: ela era a intrusa naquela equação.

Eles a odiariam. Os criados a odiariam, as irmãs dele a odiariam e, se ele tivesse um cachorro (aliás, ela já não deveria saber se Richard tinha um cachorro?), provavelmente o animal também a odiaria.

Podia imaginá-lo agora, pulando de alegria ao ver Richard, com um sorriso bobo, para em seguida se voltar para ela, arreganhando os dentes e rosnando.

Que regresso contente seria.

Richard mandara avisar aos criados o horário aproximado de sua chegada. Iris estava suficientemente familiarizada com a vida no campo para saber que um veloz cavaleiro estaria esperando por eles a poucos quilômetros da casa. No momento em que a carruagem alcançasse Maycliffe, toda a criadagem estaria alinhada para recebê-los.

Richard falava dos empregados do alto escalão com grande carinho. Levando-se em consideração seu modo encantador e amigável, Iris só podia concluir que esse sentimento era retribuído na mesma medida. Os criados a olhariam de cima a baixo e não faria diferença se ela estivesse se esforçando para ser honesta e amável. Não importaria se ela sorrisse e parecesse feliz e satisfeita no novo lar. Eles a observariam de perto e veriam em seus olhos: não estava apaixonada pelo marido.

E, talvez ainda mais importante, ele não estava apaixonado por ela. Haveria mexericos. Sempre havia mexericos quando o dono de uma propriedade se casava. Ela era uma completa desconhecida em Yorkshire e, devido ao caráter apressado do casamento, os rumores seriam intensos. Pensariam que ela fizera algo que o obrigara a se casar? Essa teoria não teria nem um pingo de verdade, mas...

– Não se preocupe.

Iris olhou para Richard ao ouvir sua voz, agradecida por ele ter interrompido o círculo vicioso de pensamentos.

– Não estou preocupada – mentiu.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Permita-me refazer a frase: não há nenhuma necessidade de se preocupar.

Iris cruzou as mãos sobre o colo.

– Não achei que houvesse.

Outra mentira. Estava ficando boa. Ou talvez não. Pela expressão de Richard, estava claro que ele não acreditava.

– Muito bem. *Estou* um pouco nervosa.

– Ah. Bom, provavelmente *há* motivos.

– Sir Richard!

Ele sorriu.

– Sinto muito. Não pude resistir. E, se você se recorda, prefiro que não me chame de *sir* Richard. Pelo menos não quando estivermos sozinhos.

Ela inclinou a cabeça, decidindo que ele merecia a ambiguidade da resposta.

– Iris – disse ele, com voz suave –, eu seria um canalha se não reconhecesse que foi você quem precisou fazer todos os ajustes por causa de nossa união.

Nem todos, pensou Iris com amargura. E, certamente, não o maior. De fato, uma importante parte dela ainda não se havia ajustado. A segunda

noite de viagem fora passada da mesma forma que a primeira: em quartos separados. Richard repetiu o que alegara antes, que ela não merecia uma noite de núpcias em uma estalagem poeirenta.

Não importava que a Carvalho Real fosse tão impecável quanto O Ganso Empoeirado. O mesmo aconteceu na Armas dos Reis, onde haviam passado a última noite. Iris sabia que deveria se sentir honrada por seu marido demonstrar tamanho respeito, por colocar a comodidade e o bem-estar dela acima das próprias necessidades, mas não podia deixar de imaginar o que acontecera ao homem que a beijara com tanta paixão na Casa Pleinsworth, apenas uma semana antes. Ele parecera tão dominado pelo desejo, tão incapaz de se controlar...

E agora... agora que estavam casados e não havia motivos para controlar sua paixão...

Não fazia sentido.

Mas o casamento também não fazia sentido, e a ele acorrera com muito entusiasmo.

Ela mordeu o lábio.

– Exigi demais de você – afirmou ele.

– Nem tanto – murmurou Iris.

– O que você disse?

Ela balançou a cabeça.

– Nada.

Richard deu um suspiro, o único sinal de que aquela conversa podia ser um pouco difícil para ele.

– Você se mudou para o outro lado do país. Eu a levei para longe de tudo o que lhe é mais caro.

Iris conseguiu esboçar um sorriso. Seriam aquelas palavras uma tentativa de tranquilizá-la?

– Mas eu tenho certeza – prosseguiu ele – de que vamos nos dar muito bem. E espero que você passe a enxergar em Maycliffe um verdadeiro lar.

– Obrigada – agradeceu ela, polida.

Ela apreciava o esforço que ele fazia para que se sentisse bem-vinda, mas nada daquilo estava conseguindo acalmar seus nervos.

– Minhas irmãs estão extremamente ansiosas para conhecê-la.

Iris torceu para que fosse verdade.

– Escrevi para elas sobre você.

Ela o olhou, surpreendida.

– Quando?

Richard precisaria ter feito isso logo depois do noivado para que a notícia chegasse a Maycliffe antes deles.

– Enviei um expresso.

Iris assentiu, voltando o olhar para a janela. As mensagens expressas eram caras, mas valiam a pena quando necessário. Imaginou o que ele poderia ter escrito sobre ela. Como teria descrito a futura esposa, conhecendo-a havia só uma semana? Ainda por cima para as próprias irmãs.

Ela se virou para trás, tentando observar o rosto de Richard sem ser muito óbvia. Ele era bastante inteligente, isso ela já sabia menos de uma semana depois de conhecê-lo. Além disso, muito hábil para lidar com as pessoas, muito mais do que *ela*, a esse respeito não havia dúvida. Iris pensou que o que quer que Richard tivesse escrito dependeria das irmãs. Ele saberia o que elas gostariam mais de saber sobre a futura cunhada.

– Você não me contou quase nada sobre elas – comentou Iris de repente.

Ele piscou, sem entender.

– Suas irmãs.

– Ah. Não contei?

– Não.

E que estranho ela só se dar conta disso agora. Imaginou que fosse porque já conhecia os fatos mais importantes: nomes, idades e um pouco do que apreciavam. Porém, não tinha mais nenhuma informação, à exceção de que Fleur gostava muito de *Orgulho e preconceito*.

– Ah! – exclamou ele outra vez. Olhou pela janela, depois encarou Iris, com movimentos estranhamente rígidos. – Bom... Fleur tem 18 anos, Marie-Claire é três anos mais nova.

– Sim, disso eu já sei.

O sarcasmo de Iris era sutil e, pela expressão de Richard, ele demorou alguns segundos para perceber.

– Fleur gosta de ler – acrescentou ele, animado.

– *Orgulho e preconceito* – completou Iris.

– Isso mesmo, está vendo? – Ele abriu um sorriso encantador. – Eu contei várias coisas.

– Tecnicamente, é verdade – concordou ela, dando um ligeiro meneio de cabeça. – Considerando-se que *coisas* é plural, que *duas* também é

plural e que você me contou duas coisas...

Ele estreitou os olhos, com uma expressão divertida.

– Muito bem, o que você gostaria de saber?

Ela detestava quando lhe faziam perguntas assim.

– Qualquer coisa.

– Você não me disse nada a respeito de seu irmão.

– Você conheceu minhas irmãs.

– Mas não o seu irmão.

– Você não vai *morar* com meu irmão – retrucou Iris.

– Tem razão, embora eu possa afirmar que qualquer informação adicional de minha parte seria supérflua, já que você vai conhecê-las daqui a três minutos.

– O quê?! – Iris quase gritou, olhando de novo pela janela.

De fato, eles haviam saído da estrada principal e entrado em outra, longa. As árvores eram mais finas ali do que na via anterior, os campos ondulavam, suaves, até o horizonte. Era uma paisagem adorável, tranquila e serena.

– É logo atrás daquela elevação.

Por sua voz, dava para saber que ele abrira um sorriso de satisfação.

– Estamos quase lá – murmurou Richard.

E, então, ela viu a casa. Maycliffe Park. Era maior do que imaginara, embora não lembrasse em nada Fensmore ou Whipple Hill. Mas estas eram casas de condes. Eram seus primos, mas não deixavam de ser condes.

Entretanto, Maycliffe tinha seus encantos. A distância, parecia ser de tijolos vermelhos, com gabletes holandeses atípicos adornando a fachada. Havia algo díspar em seu aspecto, mas, segundo o que ela sabia da história da propriedade, fazia sentido. Richard lhe contara que a casa fora modificada e ampliada várias vezes ao longo dos anos.

– Os aposentos da família dão para o sul – explicou ele. – Você vai agradecer a Deus por isso no inverno.

– Não sei em que posição estamos agora – admitiu Iris.

Richard sorriu.

– Estamos nos aproximando pelo oeste. Portanto, seus aposentos ficam daquele lado – disse ele, apontando para a direita.

Iris assentiu, mas sem olhar para o marido. Nesse momento, queria manter toda a atenção no novo lar. À medida que se aproximavam, percebeu que, em cada gablete, havia uma pequena janela circular.

– Quem dorme nos quartos da parte superior? Os que têm janelas redondas.

– Está tudo um pouco misturado. Alguns são para os criados. No sul, fica a ala das crianças. Minha mãe converteu um dos quartos em sala de leitura.

Iris se deu conta de que ele também não havia falado muito a respeito dos pais. Só sabia que os dois estavam mortos: a mãe quando ele ainda estudava em Eton; o pai, alguns anos mais tarde.

Porém, aquele não era o momento adequado para pressioná-lo por mais informações. A carruagem já ia diminuindo a velocidade e, como era de esperar, toda Maycliffe estava enfileirada diante da casa para saudá-los. Parecia haver mais do que os treze criados que Richard mencionara; talvez ele estivesse se referindo apenas aos que serviam dentro da residência. Iris podia ver jardineiros e cavalariços entre o grupo. Pela primeira vez, ela era recebida por um conjunto de serviçais completo; supôs que fosse porque não era mais uma convidada e, sim, a nova senhora. Por que ninguém avisara? Já estava nervosa o suficiente sem sentir que precisava causar uma boa impressão no sujeito que cuidava das rosas.

Richard desceu da carruagem e ergueu a mão para ajudá-la. Iris respirou fundo e apeou, cumprimentando o grupo de criados com um sorriso, que esperava que parecesse amistoso, porém confiante.

– Sr. Cresswell – disse Richard, enquanto a conduzia até o homem alto que só podia ser o mordomo –, gostaria de lhe apresentar lady Kenworthy, a nova senhora de Maycliffe Park.

Cresswell fez uma reverência com o corpo rígido, bem adequada à situação.

– Estamos encantados de contar com a presença de uma mulher de novo aqui em Maycliffe.

– Estou ansiosa por aprender tudo a respeito de minha nova casa – afirmou Iris, usando as palavras que ensaiara na noite anterior. – Tenho certeza de que contarei com a sua ajuda e a da Sra. Hopkins durante os primeiros meses.

– Para nós, será uma honra servi-la, milady.

Iris sentiu a terrível tensão começar a diminuir. Cresswell parecia sincero e, sem dúvida, os outros criados seguiriam seu exemplo.

– Sir Richard me disse que o senhor está em Maycliffe há muitos anos – prosseguiu Iris. – Ele tem muita sorte de...

As palavras se desvaneceram quando ela olhou para o marido. Sua expressão, normalmente afável, fora substituída por algo que se aproximava da ira.

– Richard? – ela se ouviu sussurrar.

O que poderia ter acontecido para irritá-lo daquela maneira?

– Onde estão as minhas irmãs? – perguntou ele ao mordomo, a voz baixa e amarga, em um tom que ela jamais ouvira.

Richard procurou em meio ao pequeno grupo reunido na entrada, mas não havia sentido em fazê-lo. Se as irmãs estivessem ali, as cores dos seus vestidos se destacariam vivamente em meio aos uniformes negros dos criados.

Maldição, deveriam estar presentes para saudar Iris. Esse era o pior tipo de desprezo. Fleur e Marie-Claire estavam acostumadas a ter o comando da casa, mas, agora, era Iris a senhora de Maycliffe e todos – inclusive quem já nascera com o sobrenome Kenworthy – teriam que se acostumar.

E depressa.

Além disso, as irmãs sabiam muito bem a quantas coisas Iris estava renunciando em nome da nova família. A própria esposa não tinha ideia da extensão de seu sacrifício. Na verdade, ela não tinha ideia de nada.

Algo se inflamou no interior de Richard, mas ele nem quis identificar a origem: se era provocado pela fúria ou pela culpa.

Torceu para que fosse o primeiro caso. Porque a culpa já era grande o bastante e ele tinha a sensação de que logo o sentimento começaria a corroê-lo.

– Richard – disse Iris, pousando a mão no braço do marido –, estou certa de que há uma boa razão para a ausência delas – garantiu, mas abrindo um sorriso forçado.

Ele se voltou para Cresswell e indagou:

– Por que elas não desceram?

Não havia desculpa para uma atitude dessas. Todos os que viviam na casa tiveram tempo para sair e se agrupar. Suas irmãs tinham pernas boas e fortes. Poderiam muito bem descer as escadas para receber a cunhada.

– A Srta. Kenworthy e a Srta. Marie-Claire não estão em Maycliffe, senhor. Ambas estão com a Sra. Milton.

Elas estavam na casa da tia?

– O quê? Por quê?

– A Sra. Milton veio ontem para buscá-las.

– Para buscá-las – repetiu Richard.

A expressão do mordomo se mantinha impassível.

– A Sra. Milton acha que os recém-casados merecem uma lua de mel.

– Se tivéssemos uma lua de mel, não seria *aqui* – murmurou Richard.

Ela imaginava que iriam se acomodar nos quartos do lado leste da casa e fingir que estavam no litoral? O vento lá logo os faria pensar que se encontravam na Cornualha. Ou no Ártico.

Cresswell pigarreou.

– Acredito que retornarão daqui a duas semanas, senhor.

– Duas semanas?

Isso não era nada bom.

Ele sentiu a mão de Iris apertar de leve o seu braço.

– Quem é a Sra. Milton?

– Minha tia – respondeu ele, distraído.

– Ela deixou uma carta para o senhor – avisou Cresswell.

Os olhos de Richard se voltaram depressa para o mordomo.

– Minha tia? Ou Fleur?

– Sua tia. Eu a coloquei no escritório, por cima de toda a correspondência.

– Nenhuma mensagem de Fleur?

– Temo que não, senhor.

Ele sentiu ânsias de estrangulá-la.

– Nada, nem mesmo um recado? Nenhuma mensagem oral?

– Não de que eu esteja ciente.

Richard respirou fundo, tentando se controlar. Não imaginara a volta para casa daquela forma. Imaginara que... Bem, na verdade, ele não havia pensado muito sobre a questão, apenas acreditara que as irmãs estariam ali e que seria capaz de dar início à fase seguinte do plano.

Por mais terrível que fosse.

– Sir Richard – ele ouviu a voz de Iris.

Voltou-se para ela, piscando com força. Ela o chamara de *sir* outra vez, algo que já começava a detestar. Era um gesto de respeito e, se ele tivesse

feito qualquer coisa para merecê-lo, logo o perderia.

Constrangida, Iris fez um meneio de cabeça na direção dos criados, que permaneciam de pé, rígidos, esperando alguma ordem.

– Talvez devêssemos continuar com as apresentações?

– Sim, é claro. – Ele conseguiu abrir um pequeno sorriso, falso, antes de se voltar para a governanta. – Sra. Hopkins, pode apresentar as criadas a lady Kenworthy?

Com as mãos fortemente entrelaçadas atrás das costas, Richard seguiu as duas mulheres enquanto elas saudavam cada criado. Ele não interveio; aquele momento era de Iris e, para que ela assumisse seu papel em Maycliffe do modo adequado, não poderia minar sua autoridade.

Iris lidou com as apresentações com bastante desembaraço. Apesar da aparência frágil e pálida ao lado da generosa figura da Sra. Hopkins, ela mantinha uma postura ereta e firme e saudou cada empregado com graça e altivez.

Ela o fez sentir-se orgulhoso. De qualquer forma, Richard jamais duvidara de que ela o faria.

Cresswell assumiu a liderança quando acabaram de apresentar as criadas, passando a nomear cada lacaio, cavalariço e camareiro. Ao término, o mordomo se virou para Richard.

– Seus aposentos foram preparados, senhor, e, tão logo o desejem, um almoço leve os aguarda.

Richard deu o braço a Iris, mas continuou falando com Cresswell:

– Imagino que os aposentos de lady Kenworthy estejam prontos.

– De acordo com suas especificações, senhor.

– Excelente. – Richard olhou para Iris. – Tudo foi limpo e arejado, mas não redecoramos nada. Imaginei que gostaria de escolher as cores e os tecidos por si mesma.

Iris sorriu, agradecida, e Richard rezou baixinho para que ela não desejasse comprar brocados importados da França. Maycliffe começava a ser próspera de novo, porém, no momento, não podia esbanjar recursos de forma alguma. Havia um motivo para um dos pontos de seu plano original ser encontrar uma noiva com um generoso dote. Iris não trouxera nada além de 2 mil libras. Não era um valor desprezível, mas também não era nada que pudesse recuperar a antiga glória da propriedade.

Mesmo assim, ela poderia redecorar seus aposentos. Era o mínimo que ele podia fazer.

Iris contemplou Maycliffe e, enquanto seus olhos percorriam a fachada de tijolos vermelhos que ele tanto amava, Richard se perguntou o que *ela* estaria enxergando. Teria notado os elegantes gabletes holandeses ou o estado lastimável dos vidros das janelas redondas? Será que amaria a história da antiga casa ou acharia que a mistura de estilos arquitetônicos era ofensiva, nem um pouco refinada?

Era a casa dele, mas será que algum dia Iris também a veria como um lar?

– Vamos entrar? – convidou.

Ela sorriu.

– Gostaria muito.

– Talvez um passeio para conhecer a casa?

Richard deveria perguntar se Iris queria descansar, mas ainda não estava pronto para levá-la aos aposentos dela. O quarto *dela* ficava conectado ao quarto *dele*, e em ambos havia camas grandes e confortáveis, nenhuma das quais poderia ser utilizada da maneira como ele gostaria.

Os últimos três dias tinham sido infernais.

Ou, mais especificamente, as três últimas noites.

A pior fora a que passaram na Armas dos Reis. Eles receberam quartos separados, conforme havia reservado com antecedência, mas o proprietário, ansioso por agradar aos recém-casados, lhes destinara a melhor suíte. “E os aposentos se conectam!”, proclamara ele, com um sorriso e uma piscadela.

Richard nunca havia percebido como uma porta podia ser fina. Ele ouvia cada movimento, cada tosse, cada suspiro de Iris. Escutou-a praguejando ao dar uma topada e soube o momento exato em que ela deitou na cama. O colchão rangeu, apesar da leveza de seu corpo, e sua imaginação logo saltou do quarto dele para o dela.

Os cabelos de Iris estariam soltos. Richard nunca os vira assim e passou a se perguntar, várias vezes ao dia, qual seria seu comprimento. Ela sempre os penteava num coque frouxo na altura da nuca. Ele nunca se dera o trabalho de pensar nos penteados das mulheres, mas, quando se tratava de Iris, podia enxergar cada grampo preso em seus cabelos delicados e claros. Ela havia usado catorze naquela manhã para prendê-los. Parecia um número bem alto. Seria uma indicação de seu tamanho?

Sentiu o desejo de tocá-los, de passar os dedos por eles. Queria vê-los sob o luar, emitindo um brilho prateado como as estrelas. Queria ouvi-los

sussurrar através de sua pele enquanto ela levava os lábios a...

– Richard?

Ele pestanejou. Levou um momento para se lembrar de que estavam no pátio da frente de Maycliffe.

– Algum problema? – perguntou Iris.

– Seus cabelos.

Ela piscou, surpresa.

– Meus cabelos?

– São muito bonitos.

– Ah. – Iris enrubesceu e tocou timidamente os cabelos anelados na nuca. – Obrigada. – Ela desviou o olhar para o lado, em seguida o fitou através dos cílios pálidos. – Tive que arrumá-los sozinha.

Ele a encarou sem compreender.

– Vou ter que contratar uma criada – explicou ela.

– Ah, sim, é claro.

– Eu praticava em minhas irmãs, mas não sou muito habilidosa comigo mesma.

Richard não tinha ideia do que ela estava falando.

– Precisei de uma dúzia de grampos para fazer o que minha antiga camareira faria com cinco.

Catorze.

– Perdão?

Ah, meu Deus, ele dissera aquilo em voz alta?

– Encontraremos uma criada bem depressa – garantiu ele, com firmeza. – A Sra. Hopkins poderá ajudá-la. Pode começar a procurar alguém hoje mesmo, se desejar.

– Se não se importar – disse Iris, quando ele enfim a conduziu através da porta principal de Maycliffe –, acho que gostaria de descansar antes de conhecer o resto da casa.

– É claro.

Ela havia passado seis horas dentro de uma carruagem. Era óbvio que precisava se deitar e descansar.

No quarto dela.

Em uma cama.

Ele gemeu.

– Está mesmo se sentindo bem? – indagou Iris. – Você está muito estranho.

Essa era uma das palavras que podiam descrevê-lo.

Iris tocou-lhe no braço.

– Richard?

– Melhor do que nunca. – Ele se voltou para o valete, que os seguira. – Acredito que preciso me refrescar também. Talvez um banho?

O criado assentiu e Richard se inclinou, acrescentando em voz baixa:

– Nada muito quente, Thompson.

– Algo mais revigorante, senhor? – murmurou o valete.

Richard trincou os dentes. O homem trabalhava com ele havia oito anos, tempo suficiente para demonstrar tamanha audácia.

– Poderia me indicar o caminho? – pediu Iris.

O caminho?

– Para meu quarto? – esclareceu ela.

Ele a olhou fixamente. Com cara de idiota.

– Poderia me mostrar onde fica meu quarto? – repetiu ela, encarando-o com expressão de perplexidade.

Era oficial: o cérebro de Richard havia parado de funcionar.

– Richard?

– Minha correspondência – disse ele de repente, agarrando-se à primeira desculpa que lhe ocorreu. Precisava desesperadamente *não* ficar a sós com Iris em um quarto. – Tenho que verificá-la antes de qualquer coisa.

– Sir... – começou Cresswell, sem dúvida para lembrar a Richard que ele havia contratado um eficiente secretário.

– Não, não, é melhor resolver tudo agora mesmo. É algo que precisa ser feito. E há aquela carta de minha tia. Não posso ignorá-la. – Ele afixou um alegre sorriso no rosto e se virou para Iris. – De qualquer maneira, é a Sra. Hopkins quem deve lhe mostrar seus novos aposentos.

A governanta não parecia concordar.

– Ela esteve a cargo da nova decoração – acrescentou Richard.

Iris franziu a testa.

– Pensei que o quarto não havia sido redecorado.

– A cargo da ventilação – disse ele, fazendo um gesto sem sentido com a mão. – De qualquer forma, ela conhece os quartos melhor do que eu.

A Sra. Hopkins comprimiu os lábios em sinal de desaprovação e Richard sentiu-se como um rapazinho prestes a ser repreendido. A governanta fora tão mãe de Richard quanto a sua própria e, embora nunca

o contradissesse diante dos outros, ele sabia que, mais tarde, ela deixaria bem clara sua opinião.

Impulsivamente, Richard tomou a mão de Iris e a levou aos lábios, dando-lhe um beijo suave. Ninguém poderia acusá-lo de ignorar a própria esposa em público.

– Você precisa descansar, minha querida.

Os lábios de Iris se entreabriram de surpresa. Ele ainda não a chamara de querida? Que horror, já deveria ter feito isso.

– Uma hora será suficiente? – perguntou ele, ou melhor, perguntou aos lábios dela, que ainda estavam deliciosamente rosados e entreabertos.

Santo Deus, queria beijá-la. Queria deslizar a língua ali para dentro e saborear toda a sua essência e...

– Duas! – exclamou ele. – Você vai precisar de duas.

– Duas?

– Horas – completou ele com firmeza. – Não quero sobrecarregá-la. – Olhou para a Sra. Hopkins. – As damas são muito delicadas.

Iris franziu o cenho de maneira encantadora e Richard se conteve para não praguejar. Como ela podia parecer tão encantadora quando franzia o cenho? Certamente essa era uma impossibilidade anatômica.

– Deseja que lhe mostre seu quarto, lady Kenworthy? – perguntou a Sra. Hopkins.

– Ficaria muito agradecida – respondeu Iris, os olhos ainda cravados em Richard, sem entender o que estava acontecendo com o marido.

Ele deu um débil sorriso.

Iris seguiu a Sra. Hopkins pelo corredor, mas, antes que virassem uma esquina, Richard a ouviu dizer:

– A senhora se considera delicada?

– Não, de jeito nenhum, milady.

– Bem – disse Iris com a voz áspera –, eu também não.

CAPÍTULO 11

Ao cair da noite, Richard havia criado um novo plano. Ou melhor, fizera uma modificação no antigo. Uma na qual ele deveria ter pensado desde o início.

Iris ficaria zangada com ele. Incrivelmente zangada. Só que era inevitável.

Mas talvez ele pudesse atenuar o golpe.

Cresswell dissera que Fleur e Marie-Claire ficariam fora por duas semanas. Isso não era nada bom, mas uma semana poderia ser administrada. Ele traria as irmãs de volta para casa depois de apenas sete dias; seria fácil arranjar tudo. Sua tia vivia a pouco mais de 30 quilômetros.

Enquanto isso...

Um dos muitos pesares de Richard era que não tivera tempo para cortejar Iris adequadamente. A esposa ainda não sabia o motivo do casamento precipitado, porém não era nenhuma idiota; percebia que havia algo errado. Se ele tivesse disposto de só um pouco mais de tempo em Londres, poderia galanteá-la da maneira que uma dama merecia. Poderia ter demonstrado que sentia enorme prazer em sua companhia, que ela o fazia rir, que ele era capaz de fazê-la rir. Roubaria mais alguns beijos e despertaria o desejo que, tinha certeza, Iris guardava no mais profundo da alma.

Depois de tudo isso, quando ele se ajoelhasse e a pedisse em casamento, a jovem não teria hesitado. Olharia nos seus olhos, encontraria o tipo de amor que esperava receber e diria que sim.

Talvez se jogasse em seus braços.

Contendo lágrimas de felicidade.

Essa teria sido a proposta de seus sonhos, não o pouco convincente e calculado beijo que ele lhe dera de repente, na casa da tia.

Mas não havia opção. Sem dúvida, quando lhe explicasse tudo, Iris entenderia. Ela sabia o que significava amar a própria família, querer protegê-la a todo custo. Era o que ela fazia todos os anos, ao tocar no recital. A jovem não queria estar lá, mas o fazia pela mãe, pelas tias e até por sua impertinente irmã Daisy.

Ela entenderia. Teria que entender.

Richard havia concedido a si mesmo um adiamento de uma semana. Sete dias completos antes que precisasse jogar limpo e ver Iris empalidecer ainda mais diante de sua traição. Talvez ele fosse um covarde, talvez devesse utilizar esse tempo para explicar tudo e prepará-la para o que estava por vir.

Contudo, queria aquilo que não pôde ter antes do casamento. Tempo.

Muita coisa podia acontecer em sete dias.

Uma semana, pensou, enquanto ia buscá-la para seu primeiro jantar juntos em Maycliffe Park.

Uma semana para fazer com que ela se apaixonasse por ele.

Iris passou a tarde inteira descansando no novo quarto. Nunca havia entendido por que ficar sentada em uma carruagem cansava tanto o corpo, ao passo que permanecer em uma cadeira em uma sala não consumia nenhuma energia. A viagem de três dias até Maycliffe a deixara completamente exausta. Talvez fossem os solavancos do veículo, talvez a má conservação das estradas do norte. Ou, quem sabe – o mais provável –, fosse algo relacionado ao marido.

Iris não o entendia.

Num momento, Richard era encantador e, no seguinte, fugia de sua presença como se ela pudesse lhe transmitir a peste. Não podia *acreditar* que ele fizera a governanta levá-la até seu quarto. Sem dúvida, isso era função de um marido. Mas refletiu melhor e viu que não deveria ter ficado surpresa. Richard evitara a cama dela nas três estalagens em que se hospedaram durante a viagem para o norte. Por que pensou que ele se comportaria de forma diferente agora?

Suspirou. Tinha que aprender a ser indiferente a ele. Não cruel, não rude, apenas... indiferente. Quando ele sorria – e abria *aquele* sorriso, o desgraçado –, todo o seu ser borbulhava de felicidade. Seria algo maravilhoso, exceto pelo fato de que sua rejeição se tornava ainda mais incompreensível.

E dolorosa.

Sinceramente, seria melhor se ele não fosse tão amável com ela a maior parte do tempo. Se pudesse ter aversão a ele...

Não! O que estava pensando? *Não* seria melhor se ele fosse cruel ou a ignorasse por completo. Um casamento complicado era melhor do que um desagradável. Precisava parar de ser melodramática. Não era próprio dela. Só tinha que encontrar algum tipo de equilíbrio e mantê-lo.

– Boa noite, lady Kenworthy.

Iris ficou paralisada: Richard enfiara a cabeça pela porta entreaberta que levava ao corredor.

– Eu bati – alegou ele, com uma expressão divertida.

– Tenho certeza disso – replicou ela às pressas. – Eu estava com a cabeça em outro lugar.

O sorriso dele se fez mais ardiloso.

– Posso perguntar onde?

– Em casa – mentiu ela, então se deu conta do que respondera e acrescentou: – Refiro-me a Londres. Esta é a minha casa agora.

– Sim – concordou Richard, entrando no quarto e fechando a porta sem fazer barulho. Com a cabeça um pouco inclinada para o lado, ele a olhou por um tempo, o suficiente para deixá-la inquieta. – Fez algo diferente com o cabelo?

E, assim, todos os propósitos de Iris de permanecer indiferente se atiraram pela janela.

Iris tocou nervosamente a cabeça, logo atrás da orelha direita. Ele percebera. Ela achou que isso não aconteceria.

– Uma das criadas me ajudou. Ela parece gostar muito...

Por que ele a olhava com tanta intensidade?

– Gostar muito...?

– De pequenas tranças – completou ela depressa.

De forma ridícula. Soara como uma tola.

– Ficou adorável.

– Obrigada.

Richard a encarou com afeto.

– Você tem mesmo um cabelo maravilhoso. A cor é fascinante. Nunca vi nada igual.

Os lábios de Iris se entreabriram. Ela deveria dizer algo. Deveria agradecer. Mas se sentiu petrificada e, então, patética. Ficar tão perturbada por um mero elogio...

Felizmente, Richard não tinha consciência de seu tormento.

– Sinto muito por ter viajado sem uma criada. Confesso que nem sequer considerei a questão. Típico dos machos de nossa espécie, tenho certeza.

– N-Não foi nenhum problema.

O sorriso dele se alargou e Iris se perguntou se era porque ele sabia que a deixara desconcertada.

– De qualquer forma, peço desculpas.

Iris não sabia o que responder. Na verdade, isso não fazia diferença, pois já não se lembrava de como articular as palavras.

– A Sra. Hopkins lhe mostrou seus aposentos? – perguntou Richard.

– Sim – disse Iris, assentindo de leve. – Ela foi de grande ajuda.

– Ficou satisfeita?

– Sem dúvida – respondeu Iris, com total honestidade.

Era um quarto lindo, claro e alegre pelo fato de ser virado para o sul. Mas o que ela realmente adorara...

Ela encarou Richard com um olhar de êxtase.

– Você não tem ideia de como estou feliz por ter meu próprio banheiro.

Ele deu uma risadinha.

– É mesmo? Foi isso que você mais apreciou?

– Depois de compartilhar um banheiro com Daisy nos últimos dezessete anos? Com certeza. – Ela inclinou a cabeça na direção dele, num gesto que esperava parecer ousado. – E a vista da janela também não é nada ruim.

Richard soltou uma risada mais profunda e se aproximou da janela, gesticulando para que ela o acompanhasse.

– O que você vê daqui? – indagou ele.

– Não sei o que você quer dizer – replicou Iris, posicionando-se cuidadosamente de maneira que não se tocassem.

Mas ele não estava com a mesma disposição. Enlaçou o braço ao dela e a aproximou de si com delicadeza.

– Sempre vivi em Maycliffe. Quando olho por esta janela, vejo a árvore na qual subi pela primeira vez aos 7 anos. E o lugar onde minha mãe sempre quis cultivar um labirinto de cerca viva.

Uma expressão melancólica se apoderou dele e Iris teve que desviar o olhar. Sentiu-se quase uma intrusa por observá-lo.

– Não posso ver Maycliffe através dos olhos de um recém-chegado. Talvez você pudesse me fazer o favor de me contar suas impressões.

A voz dele era suave e aveludada, escorrendo por Iris como chocolate quente. Manteve os olhos à frente, mas percebeu que ele se virou para ela. A respiração de Richard fez cócegas em seu rosto, aquecendo o ar entre os dois.

– O que você vê, Iris?

Ela engoliu em seco.

– Eu vejo... grama. E árvores.

Richard fez um ruído estranho, como se reprimisse a própria surpresa.

– Vejo um pedaço de colina – acrescentou ela.

– Você não é muito poética, certo?

– Não, de jeito nenhum. Você é?

Ela se voltou, esquecendo-se de que não pretendia fazê-lo, e se sobressaltou ao perceber a proximidade dele.

– Posso ser – respondeu Richard em voz baixa.

– Quando lhe convém?

Ele abriu um sorriso aos poucos.

– Quando me convém.

Iris deu um sorriso nervoso e olhou de novo pela janela. Sentia-se terrivelmente tensa, os pés se agitando dentro dos sapatos como se estivessem em brasas.

– Gostaria de saber o que *você* vê. Preciso aprender sobre Maycliffe. Quero ser uma boa senhora.

A não ser por um chamejar dos olhos, Richard manteve a expressão inescrutável.

– Por favor – insistiu ela.

Por um momento, ele pareceu perdido em pensamentos, mas logo endireitou os ombros e olhou pela janela com renovada determinação.

– Bem ali – disse, indicando com o queixo –, naquele campo, logo depois das árvores. Fazemos um festival da colheita todos os anos.

– Fazemos? Ah, isso é maravilhoso. Gostaria de participar do planejamento.

– Estou certo de que participará.

– É no outono?

– Sim, em novembro, na maioria das vezes. Eu sempre... – ele se enrijeceu e sacudiu um pouco a cabeça, quase como se quisesse afugentar um pensamento. – Também há um caminho por ali – continuou, mudando de assunto de forma nada sutil. – Leva a Mill Farm.

Iris desejava saber mais sobre a festa da colheita, mas era evidente que ele não diria mais nada, portanto resolveu perguntar educadamente:

– Mill Farm?

– Um dos sítios dos meus arrendatários. Na verdade, o maior deles. Há pouco tempo, o filho substituiu o pai. Espero que obtenha bons resultados. O pai nunca conseguiu.

– Ah.

Iris não sabia o que comentar.

– Sabe – disse Richard, voltando-se para ela de repente –, suas observações podem ser mais valiosas que as minhas. Você deve ser capaz de enxergar deficiências que me passam despercebidas.

– Não vejo nenhuma deficiência, acredite.

– Nenhuma? – murmurou ele, e sua voz a tocou como uma carícia.

– Mas, é claro, conheço muito pouco sobre a administração de uma propriedade – explicou-se rapidamente.

– É estranho que tenha passado toda a sua vida em Londres.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– Não tão estranho quando é o único lugar que uma pessoa já conheceu.

– Ah, mas Londres não é o único lugar que você já conheceu, é?

Iris franziu a testa e se voltou para Richard. Ele estava mais perto do que ela imaginara e, por um momento, ela se esqueceu do que ia dizer.

Richard arqueou uma sobrancelha, questionador.

– Eu... – começou ela.

Por que estava fitando a boca do marido? Forçou-se a olhar para cima, para os olhos dele, que tinham uma expressão divertida.

– Você ia falar alguma coisa? – murmurou ele.

– Só que eu... ahn... – *O que* mesmo ela ia falar? Virou-se de novo para a janela. – Ah! – Voltou-se mais uma vez para a Richard. Outra vez um

erro, mas pelo menos não se esqueceu do que ia dizer: – Como assim “não é o único lugar que você já conheceu”?

Ele encolheu um pouco os ombros.

– Com certeza você passou algum tempo no campo, nas casas de seus primos.

– Bem, é verdade, mas é diferente.

– Talvez, mas já seria suficiente para comparar a vida no campo e a da cidade, não?

– Suponho que sim. Para ser honesta, nunca pensei sobre o assunto.

Ele a olhou fixamente.

– Acha que vai gostar da vida no campo?

Iris engoliu em seco, tentando deixar de lado o fato de que a voz dele baixara para um tom grave e inquietante.

– Não sei. Espero que sim.

Ela sentiu a mão de Richard deslizar para a sua e, antes que se desse conta do que estava acontecendo, voltou-se de novo para o marido enquanto ele levava os dedos dela aos lábios.

– Eu também espero.

Seus olhos se encontraram por cima das mãos e, de repente, ela percebeu: *Ele está me seduzindo.*

Mas por quê? Por que sentia essa necessidade? Ela nunca lhe dera nenhuma indicação de que recusaria seus avanços.

– Espero que esteja com fome – disse ele, ainda segurando a mão de Iris.

– Fome? – repetiu ela de forma estúpida.

– Para o jantar. – Ele sorriu, divertindo-se. – A cozinheira preparou um banquete.

– Ah. Sim. É claro. – Iris pigarreou. – Estou faminta, acho.

– Você *acha*?

Ela respirou fundo, forçando o coração a pulsar um pouco mais devagar.

– Tenho bastante certeza.

– Excelente. – Richard indicou a porta com a cabeça. – Vamos?

Quando se retirou para dormir, Iris estava tensa. Richard fora encantador

durante todo o jantar; ela não se lembrava da última vez que rira tanto. A conversa tinha sido maravilhosa, a comida estava deliciosa e a maneira como ele a olhava...

Era como se ela fosse a única mulher no mundo.

De certo modo, era mesmo. Por certo, a única na casa, sem contar as criadas. E ela, que sempre se permitira ficar à parte e observar tudo, agora era o centro das atenções.

Era desconcertante e maravilhoso. E, naquele momento, assustador.

Estava de volta a seus aposentos e, a qualquer instante, Richard bateria à porta que conectava os quartos. Estaria usando sua roupa de dormir, com as pernas nuas, sem gravata ou qualquer outro adorno.

Haveria muito mais pele exposta do que ela jamais vira em um homem.

Iris ainda não tinha uma criada, portanto a garota que havia arrumado seu cabelo viera ao quarto ajudá-la a se preparar para dormir. A nova lady Kenworthy ficara mortificada ao tirar do baú uma das camisolas compradas para o enxoval. Era ridiculamente fina e reveladora de uma forma gritante. Apesar de estar junto ao fogo, não conseguia se livrar dos arrepios que perpassavam seus braços.

Ele viria até ela naquela noite. Sem dúvida. E, enfim, ela se sentiria como uma esposa.

Do outro lado da porta, Richard endireitou os ombros. Ele conseguiria. *Ele conseguiria.*

Ou talvez não.

A quem estava enganando? Se entrasse no quarto dela, tomaria sua mão. E, se fizesse isso, ele a levaria aos lábios. Beijaria com delicadeza cada dedo esguio antes de lhes dar um pequeno puxão, e ela cairia contra Richard, o corpo quente, inocente, só *dele*. Teria que envolvê-la em seus braços; seria impossível resistir. Então lhe daria um beijo que uma mulher estava destinada a receber, longo e profundo, até que ela sussurrasse seu nome, em uma súplica suave, implorando...

Richard praguejou ferozmente, tentando interromper o curso dos pensamentos antes que os levasse para a cama. Não adiantou nada. Estava *ardendo* de desejo pela esposa.

Outra vez.

Ainda.

A noite inteira fora uma tortura. Não se recordava de nada do que dissera no jantar e só podia esperar que tivesse ao menos travado uma conversa com algo que se assemelhasse a inteligência. Sua memória ficava vagando por lugares extremamente inapropriados. Toda vez que Iris lambia um pouco de comida dos lábios, sorria ou – que inferno – cada vez que *respirava*, o corpo dele se contraía até sentir tamanho tesão que temia explodir.

Talvez Iris até tivesse se perguntado por que permaneceram à mesa durante tanto tempo após o fim do jantar, porém não chegou a comentar nada. Graças a Deus. Richard não acreditava que houvesse uma forma educada de dizer que precisava de meia hora para que sua ereção se estabelecesse a meio mastro.

Ele merecia aqueles momentos. Merecia todos os momentos de martírio pelo que ia fazer com ela, mas ter consciência disso não o ajudava no momento. Apesar de não ser um pervertido, Richard também não se negava o prazer. E cada nervo de seu corpo implorava por prazer. Era *insano* o modo como ele desejava a esposa.

A única mulher que, com todo o direito, ele poderia levar para a cama sem um pingo de remorso.

Tudo lhe parecera muito fácil de tarde, quando tramara o plano. Ele a fascinaria por toda a noite e lhe daria um beijo apaixonado para desejar um bom sono. Criaria alguma desculpa romântica sobre desejar que ela o conhecesse melhor antes que fizessem amor. Um beijo a mais e ele a deixaria sem fôlego.

Então, tocaria seu queixo, sussurrando “Até amanhã”, e iria embora.

Na teoria, era perfeito.

Na prática, uma idiotice.

Ele soltou um longo suspiro de exaustão e passou a mão pelos cabelos já desalinhados. A porta entre os quartos não bloqueava o som como ele imaginara. Podia ouvir Iris se mover, sentar-se diante da penteadeira, provavelmente para escovar os cabelos. Ela esperava que ele a visitasse, e por que não o faria? Eram marido e mulher.

Precisava entrar. Caso contrário, Iris ficaria confusa. Poderia até se sentir insultada. Ele não queria magoá-la. Pelo menos não mais do que o necessário.

Richard inspirou e bateu à porta.

Os movimentos do outro lado se interromperam e, após um instante de suspense, ele a ouviu mandá-lo entrar.

– Iris – disse ele, a voz tranquila e suave.

Em seguida, ergueu o olhar.

E parou de respirar.

Tinha quase certeza de que o coração havia parado de bater.

Ela estava usando uma camisola de seda bem fina, do mais pálido azul. Seus braços estavam nus, assim como os ombros, sem levar em conta as finas alças.

Uma roupa projetada exclusivamente para tentar um homem – para tentar até o diabo. O decote não era mais revelador do que o de um vestido de festa, mas, de alguma maneira, revelava muito mais. O tecido era muito fino, quase transparente, e ele podia enxergar a silhueta de seus mamilos marcando o tecido.

– Boa noite, Richard – disse ela.

Nesse instante ele se deu conta de que tinha ficado completamente paralisado.

– Iris – falou, rouco.

Ela sorriu sem jeito e ele viu que a esposa mexia as mãos ao lado do corpo, como se não soubesse o que fazer com elas.

– Você está linda.

– Obrigada.

Os cabelos dela estavam soltos. Desciam por suas costas em suaves ondas, terminando só um pouco acima dos cotovelos. Ele havia esquecido como desejava saber sobre seu comprimento.

– É minha primeira noite em Maycliffe – disse ela, timidamente.

– É.

Iris engoliu em seco, esperando que ele tomasse a iniciativa.

– Você deve estar cansada – comentou Richard, agarrando-se à única desculpa que lhe ocorreu no calor do desejo.

– Um pouco.

– Não vou incomodá-la.

Ela pestanejou.

– O quê?

Ele deu um passo adiante, preparando-se para o que devia fazer. Para o que devia fazer e para o que *não* devia fazer.

Beijou-a, mas apenas na testa. Conhecia os próprios limites.

– Não serei um brutamontes – continuou, tentando manter a voz suave e tranquilizadora.

– Mas...

Seus olhos estavam arregalados, confusos.

– Boa noite, Iris – falou ele rapidamente.

– Mas eu...

– Até amanhã, meu amor.

Então ele fugiu. Como o covarde que era.

CAPÍTULO 12

Por ser casada, Iris tinha a prerrogativa de tomar o café da manhã na cama. Porém, quando despertou na manhã seguinte, ela trincou os dentes com determinação e se vestiu.

Richard a rejeitara.

Ele a *rejeitara*.

Não estavam em uma estalagem de beira de estrada, "empoeirada" demais para uma noite de núpcias. Estavam em casa, pelo amor de Deus. Ele flertara por toda a noite. Beijara-lhe a mão, fizera de tudo para conquistá-la com sua conversa espirituosa e então, depois que ela vestira uma camisola transparente e escovara os cabelos até que brilhassem, dissera que ela parecia *cansada*?

Minutos depois que ele se foi, Iris ficou olhando a porta entre os dois quartos por um tempo incalculável. Nem sequer tinha se dado conta de que estava chorando até que, de repente, soltou um enorme e terrível soluço e percebeu que a camisola – aquela que, agora, jurava que jamais voltaria a usar – se achava encharcada de lágrimas.

Em seguida, pensou que ele poderia tê-la ouvido através da porta. E isso piorava muito a situação.

Iris sempre soube que não ostentava o tipo de beleza que levava os homens à paixão e à poesia. Talvez, em outras terras, as mulheres fossem reverenciadas por sua pele clara e seu cabelo ligeiramente ruivo, mas não na Inglaterra.

Entretanto, pela primeira vez na vida, tinha começado a se *sentir* bela. E fora Richard quem a fizera se sentir assim, com seus olhares sutis e sorrisos cálidos. De vez em quando o apanhava observando-a e se sentia especial. Valorizada.

Mas era tudo mentira. Ou ela era uma idiota que enxergava coisas inexistentes.

Ou talvez fosse apenas uma idiota e ponto.

Bem, ela não pretendia suportar aquilo deitada na cama. E não ia deixar que ele visse como a insultara. Iria descer e tomar o café da manhã como se nada tivesse acontecido. Comeria torrada com geleia, leria o jornal e, quando falasse, exibiria a brilhante astúcia pela qual sempre quis ser conhecida.

Na verdade, nem sequer sabia se queria fazer todas aquelas coisas que as pessoas casadas faziam na cama, por mais que a prima Sarah lhe afirmasse que eram maravilhosas. Porém, teria sido adequado que *ele* houvesse demonstrado vontade.

Ela pelo menos teria se prontificado a experimentar.

A criada que a ajudara na noite anterior devia ter outras obrigações, então Iris se vestiu. Retorceu o cabelo em um coque tão bonito quanto conseguiu, enfiou os pés nos chinelos e saiu do quarto.

Ela se deteve ao passar pela porta de Richard. Estaria ele ainda na cama? Deu um passo à frente e se aproximou, pensando em encostar o ouvido na madeira.

Pare!

Estava se comportando como uma tola. Não tinha tempo para isso. Estava faminta, queria tomar café da manhã e precisava fazer muitas coisas naquele dia, e nenhuma delas envolvia o marido.

Tinha que encontrar uma criada, por exemplo. E aprender tudo sobre a casa. Visitar o vilarejo. Conhecer os arrendatários.

Tomar chá.

Ora, disse a si mesma, era importante tomar chá. Caso não se acostumasse, seria melhor deixar de ser inglesa.

– Estou ficando louca – falou em voz alta.

– O que disse, milady?

Iris quase deu um salto. Uma criada estava no outro extremo do corredor, visivelmente nervosa, parada com um grande espanador.

– Nada – respondeu Iris, tentando não parecer envergonhada. – Só tossi.

A criada assentiu. Não era a mesma que tinha arrumado seu cabelo.

– A Sra. Hopkins quer saber a que horas a senhora deseja seu café da manhã – explicou a moça, fazendo uma pequena reverência, sem olhá-la

nos olhos. – Não tivemos oportunidade de lhe perguntar ontem à noite, e sir Richard...

– Vou tomar meu café da manhã lá embaixo – interrompeu Iris.

Não queria saber o que sir Richard pensava. Sobre nada.

A criada fez outra mesura.

– Como desejar.

Iris lhe deu um sorriso desajeitado. Era difícil sentir-se senhora da casa quando o senhor claramente tinha outras ideias.

Desceu as escadas, procurando agir como se não percebesse que os criados a observavam – e fingindo que agiam com naturalidade. Era um teatro estranho do qual todos participavam, principalmente ela.

Perguntou-se quanto tempo demoraria até que não fosse a "nova" senhora de Maycliffe. Um mês? Um ano? E seu marido passaria o tempo inteiro evitando seu quarto?

Ela suspirou, parou por um instante e disse a si mesma que estava sendo tola. Jamais esperara um casamento apaixonado – por que agora se lamentava por não tê-lo? Havia se tornado lady Kenworthy, por mais estranho que parecesse, e tinha uma reputação a manter.

Iris se empertigou, respirou fundo e entrou na sala de café da manhã.

E a encontrou vazia.

Que inferno.

– Ah! Lady Kenworthy! – exclamou a Sra. Hopkins, entrando alvoroçada na sala. – Annie acabou de me dizer que deseja tomar o desjejum aqui embaixo.

– Ahn, sim. Espero que não seja um problema.

– Não, claro que não, milady. O aparador continua posto desde que sir Richard comeu.

– Ele já desceu, então?

Iris não tinha certeza se estava decepcionada. Não tinha certeza de que *queria* estar decepcionada.

– Não faz nem meia hora – confirmou a governanta. – Ele deve ter pensado que a senhora tomaria o café da manhã na cama.

Iris ficou parada, sem ter o que dizer.

– Ele pediu que puséssemos uma flor em sua bandeja – segredou a Sra. Hopkins, sorrindo.

– Pediu? – perguntou Iris, odiando a forma como sua voz soara falha.

– É uma lástima que não tenhamos íris. Elas florescem cedo demais.

– Aqui no extremo norte?

A Sra. Hopkins assentiu.

– Elas surgem todos os anos no gramado do oeste. Eu, particularmente, adoro as roxas.

Iris estava a ponto de concordar quando ouviu passos no corredor, enérgicos e decididos. Só podia ser Richard. Nenhum criado se moveria pela casa tomando tão pouco cuidado com o barulho.

– Sra. Hopkins, eu vou... Ah! – Ele viu Iris e piscou, surpreso. – Você está acordada.

– Como pode ver.

– Você falou que gostava de acordar tarde.

– Pelo jeito, hoje não.

Ele juntou as mãos nas costas e pigarreou.

– Já comeu?

– Não, ainda não.

– Não quer tomar o café da manhã em seu quarto?

– Não – respondeu Iris, tentando lembrar se alguma vez tivera uma conversa tão afetada em toda a sua vida.

O que acontecera com o homem que havia sido tão encantador na noite anterior? Aquele que ela *imaginara* que visitaria sua cama?

Ele repuxou a gravata.

– Estava planejando encontrar alguns arrendatários hoje.

– Posso ir também?

Seus olhos se encontraram. Iris não sabia qual dos dois estava mais espantado. Ela mesma não sabia o que ia dizer até as palavras escaparem de sua boca.

– É claro – respondeu Richard.

O que mais podia falar, bem ali, na frente da Sra. Hopkins?

– Vou pegar meu casaco – avisou Iris.

A primavera era uma estação fria em um lugar tão ao norte.

– Não está se esquecendo de nada?

Ela se virou. Ele fez um gesto para o aparador.

– O café da manhã?

– Ah. – Iris se sentiu corar. – É claro. Como sou tola.

Aproximou-se do móvel e pegou um prato. Sobressaltou-se ao sentir a respiração de Richard ao pé do ouvido.

– Devo me preocupar com a possibilidade de que minha presença lhe tire o apetite?

Ela ficou rígida. *Agora* é que ele resolvia flertar?

– Com licença – disse ela, pois o marido estava de tal modo posicionado que não lhe permitia pegar as linguiças.

Ele deu um passo para o lado.

– Você sabe montar?

– Não muito bem. – E então, só por petulância, ela perguntou: – E você?

Richard se afastou, surpreso. E aborrecido. Mais aborrecido do que surpreso.

– É claro que sei.

Ela sorriu para si mesma enquanto se sentava. Nada insultava mais um homem do que ser questionado sobre suas habilidades como cavaleiro.

– Não precisa ficar aqui me esperando – falou Iris, cortando a linguiça com precisão cirúrgica.

Estava se esforçando para parecer normal – não que ele a conhecesse o suficiente para *saber* o que podia ser considerado normal em seu comportamento. Mas, ainda assim, era uma questão de orgulho.

Ele se sentou na cadeira à frente dela.

– Estou à sua disposição.

– Está? – murmurou ela, desejando que esse comentário não acelerasse sua pulsação.

– Perfeitamente. Eu já ia sair quando a vi. Agora, não tenho nada para fazer a não ser esperar.

Iris o olhou enquanto passava geleia na torrada. Ele estava acomodado na cadeira de uma maneira muito informal, recostado com preguiçosa graciosidade.

– Acho que devo levar presentes – comentou ela, quando a ideia lhe veio de repente à cabeça.

– Perdão?

– Presentes. Para os arrendatários. Não sei, cestas de comida ou algo assim. Você não acha bom?

Ele levou um ou dois minutos para refletir.

– Tem razão. Isso nunca me ocorreu.

– Bom, para sermos justos, você não estava planejando que eu o acompanhasse hoje.

Ele assentiu, sorrindo, enquanto ela levava a torrada à boca.

Iris ficou paralisada.

– Alguma coisa errada?

– Por que estaria?

– Você está sorrindo para mim.

– Não tenho autorização?

– Não, eu... Ora, pelo amor de Deus – murmurou ela. – Não importa. Esqueça.

Ele gesticulou, descartando o que ouvira.

– Considere o comentário esquecido.

Mas ele ainda sorria. Isso a deixava incomodada.

– Dormiu bem? – perguntou Richard.

Sério, ele estava perguntando *aquilo*?

– Iris?

– Tanto quanto possível – respondeu ela, assim que recuperou a voz.

– Não soa muito agradável.

Ela deu de ombros.

– É um quarto estranho.

– Portanto, deve ter sido difícil dormir durante toda a viagem.

– E foi mesmo.

Os olhos de Richard se nublaram de preocupação.

– Você deveria ter me contado.

Se tivesse entrado em meu quarto, você teria visto por si mesmo, ela quis dizer. Em vez disso, apenas declarou:

– Não queria preocupá-lo.

Richard se inclinou para a frente e tomou a mão de Iris, o que foi um pouco estranho, pois ela a esticara para pegar o chá.

– Sinta-se à vontade para vir a mim quando tiver problemas.

Iris tentou manter o rosto impassível, mas imaginava que o encarava como se ele fosse uma espécie rara exibida no zoológico. Era adorável que Richard agisse com tamanha preocupação, mas só estavam conversando sobre poucas noites de sono intermitente.

– Com certeza me sentirei – garantiu ela, com um sorriso desconfortável.

– Ótimo.

Iris olhou ao redor, constrangida. Ele ainda segurava sua mão.

– Meu chá – disse ela, meneando a cabeça para a xícara.

– É claro. Sinto muito.

Porém, quando a soltou, seus dedos deslizaram ao longo da mão de Iris numa carícia.

Um ligeiro estremecimento percorreu o braço dela. Richard ostentava de novo aquele sorriso encantador e relaxado, que lhe provocava um calor interno. Estava tentando seduzi-la de novo. Não tinha dúvida disso.

Mas por quê? Por que a tratava com tanto afeto e a rejeitava depois? Ele não seria tão cruel. Não podia ser.

Iris bebeu um pouco do chá às pressas, desejando que ele parasse de observá-la com tanta atenção.

– Como era sua mãe? – indagou ela de supetão.

A pergunta o desconcertou.

– Minha mãe?

– Você nunca me falou dela.

Na verdade, levantara o assunto porque não era o tipo que convidava ao romance. Iris necessitava de uma conversa agradável e inócua se quisesse ter alguma esperança de terminar o café da manhã.

– Minha mãe era...

Ele parecia não saber o que dizer.

Iris deu mais uma mordida em sua torrada, observando o marido com expressão serena, enquanto ele franzia o nariz e piscava algumas vezes. Talvez, no fundo, ela fosse uma criatura egoísta, mesquinha, mas estava desfrutando da situação. Ele a deixava irrequieta o tempo todo. Sem dúvida uma reviravolta era algo justo.

– Ela adorava ficar ao ar livre – respondeu ele por fim. – Cultivava rosas. E outras plantas também, mas me lembro bastante das rosas.

– Como ela era?

– Um pouco parecida com Fleur, acho. – Ele franziu a testa ao recordar. – Embora tivesse olhos verdes. Os de Fleur são mais cor de avelã, uma mistura de nossos pais.

– Seu pai tinha olhos castanhos, então?

Richard assentiu, inclinando sua cadeira para trás.

– Pergunto-me que cor os olhos dos nossos filhos terão – acrescentou ela.

A cadeira de Richard veio abaixo com um barulho seco e ele derrubou chá por toda a mesa.

– Desculpe-me – murmurou. – Perdi o equilíbrio.

Iris olhou para seu prato, viu que a torrada ficara um pouco molhada de chá e decidiu que o café da manhã estava encerrado. Entretanto, a reação dele fora estranha. Será que Richard não queria ter filhos? Todo homem queria. Pelo menos todos os que possuíam terras.

– Maycliffe está vinculada ao título?

– Por que pergunta?

– Não é algo que eu deva saber?

– Não. Quero dizer, não está vinculada. E, sim, é algo que deva saber – admitiu ele.

Iris pegou uma nova xícara de chá e se serviu de um pouco mais. Não tinha sede de verdade, mas estava estranhamente relutante a liberá-lo da conversa.

– Seus pais devem ter ficado bastante aliviados por seu primogênito ser um varão. Não iam querer que a propriedade fosse separada do título.

– Confesso que nunca discuti isso com eles.

– Não, imagino que não. – Ela adicionou um pouco de leite ao chá, mexeu com a colher e tomou um pouco. – O que acontece com o título se você morrer e não tiver filhos?

Uma das sobrancelhas dele se levantou.

– Está tramando a minha morte?

Ela deu um olhar de relance.

– Parece-me que é outra coisa que eu deveria saber, não acha?

Ele balançou a mão com desdém.

– Um primo distante. Acho que ele mora em Somerset.

– Você *acha*?

Como ele poderia não saber?

– Nunca o conheci – explicou Richard, dando de ombros. – É preciso retroceder ao nosso trisavô para localizar um antepassado em comum.

Iris o compreendia. Ela conhecia uma quantidade prodigiosa de primos, mas eram apenas os de *primeiro* grau. Achava que não conseguiria identificar em um mapa nenhum dos familiares mais longínquos.

– Não há nada com o que se preocupar – assegurou Richard. – Se algo me acontecer, você ficará numa boa situação financeira. Tomei medidas em relação a isso no acordo nupcial.

– Eu sei. Eu o li.

– Leu?

– Não deveria?

– A maioria das mulheres não lê.

– Como sabe?

De repente, ele sorriu.

– Estamos discutindo mesmo?

O sorriso derreteu Iris.

– *Eu* não estou.

Ele riu.

– Devo dizer que é um alívio. Detestaria pensar que estamos discutindo sem que eu nem percebesse.

– Bem, não acredito que isso seja possível.

Ele se moveu para a frente, inclinando a cabeça de forma questionadora.

– Não costumo erguer a voz... – murmurou Iris.

– Mas, quando o faz, é um espetáculo imperdível?

Ela sorriu, concordando.

– Por que tenho a impressão de que Daisy é a destinatária mais frequente de suas explosões?

Iris fez um gesto com o dedo indicador, como se dissesse "Errou!".

– Não é verdade.

– Conte-me.

– Daisy é... – Ela suspirou. – Daisy é Daisy. Não sei como descrevê-la. Há tempos que acho que uma de nós foi trocada ao nascer.

– Tome cuidado com o que pensa – advertiu Richard com um sorriso. – Daisy é a que mais se parece com sua mãe.

Iris se pegou sorrindo também.

– Parece, não é mesmo? Eu puxei à família de meu pai. Disseram-me que sou branca como minha bisavó. Engraçado quantas gerações foram puladas até que ela me encontrasse.

Richard assentiu.

– Ainda quero saber quem provoca suas explosões, já que não é Daisy.

– Ah, eu não disse que ela *não* me faz explodir. Faz, sim. O tempo todo. Mas raramente é por algo que mereça minha irritação. As brigas com Daisy são, em geral, por motivos insignificantes, por comentários enervantes ou maliciosos.

– Quem a irrita, então? Quem a deixa tão furiosa a ponto de se descontrolar?

Você, ela quase respondeu.

Não teria sido verdade. Ele a havia irritado e ferido seus sentimentos, mas nunca a enfurecera do jeito que estava descrevendo.

Entretanto, de algum modo, sabia que ele seria capaz de fazê-lo.

Que o faria.

– Sarah – respondeu Iris com firmeza, interrompendo os pensamentos perigosos.

– Sua prima?

Iris aquiesceu.

– Uma vez tive uma briga com ela...

Os olhos de Richard se iluminaram de prazer e ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos.

– Preciso que me conte todos os detalhes.

Iris riu.

– Não, não precisa.

– Ah, tenho certeza de que preciso.

– E as mulheres é que levam a fama de fofoqueiras.

– Isso não é fofoca – protestou ele. – É apenas o meu desejo de compreender melhor a minha esposa.

– Ah, se é esse o caso... – Iris deu uma risadinha. – Muito bem, foi por causa do recital. Sinceramente, não acredito que você vá entender. Aliás, ninguém fora de minha família entende.

– Tente.

Iris suspirou, perguntando-se como explicar. Richard era sempre tão confiante, tão seguro de si... Ele não saberia como era subir ao palco e fazer papel de ridículo, tendo a noção, ao mesmo tempo, de que não podia fazer nada para evitar.

– Conte-me, Iris. Quero saber.

– Ah, está bem. Foi no ano passado...

– Quando ela ficou doente – interrompeu Richard.

Iris o encarou, surpresa.

– Você mencionou – ele a lembrou.

– Ah. Bem, ela *não* ficou doente.

– Imaginei.

– Ela inventou tudo. Disse que estava tentando cancelar a apresentação por todas nós, mas, honestamente, acho que só pensou em si mesma.

– Você disse a ela o que sentia?

– Ah, sim. Fui à casa dela no dia seguinte. Ela tentou negar, mas era óbvio que não estava doente. Mesmo assim, passou seis meses insistindo que estava, até a véspera do casamento de Honoria.

– Honoria?

Ah, certo, ele não conhecia Honoria.

– Outra prima – explicou ela. – Casada com o conde de Chatteris.

– Outra musicista?

O sorriso de Iris era em parte uma careta.

– Depende de como você define essa palavra.

– Honoria, quer dizer, lady Chatteris, participou do recital?

– Sim, mas ela é muito carinhosa e compreensiva. Tenho certeza de que ainda acredita que Sarah estava doente. Ela sempre pensa o melhor das pessoas.

– E você, não?

Ela o fitou bem nos olhos.

– Tenho uma natureza mais desconfiada.

– Devo me lembrar disso.

Iris achou melhor não levar a conversa por esse caminho, portanto continuou:

– Em todo caso, Sarah acabou admitindo a verdade. Na noite anterior ao casamento de Honoria. Não lembro as palavras exatas, mas ela disse algo sobre não ser egoísta e eu não pude me conter.

– O que você lhe disse?

Iris estremeceu ao recordar. Falara a verdade, mas não de maneira amável.

– Prefiro não contar.

Ele não a pressionou.

– Foi nesse dia que ela alegou tentar cancelar o evento – prosseguiu Iris.

– Você não acreditou?

– Creio que ela tenha pensado nisso enquanto fazia seus planos. Mas não, não acredito que fosse o principal motivo.

– E isso é importante?

– É claro que sim – respondeu ela, com um fervor que surpreendeu a si mesma. – O *motivo* pelo qual fazemos as coisas é muito importante. Tem que ser.

– Inclusive se os resultados forem benéficos?

Iris gesticulou com desdém sem pestanejar.

– É evidente que você passou para o campo hipotético. *Ainda* estou falando de minha prima e do recital. E não, os resultados não foram benéficos. Ao menos não para ninguém além dela mesma.

– Mas se pode afirmar que sua experiência não se alterou...

Iris se limitou a encará-lo.

– Reflita comigo – esclareceu Richard. – Se Sarah não tivesse forjado a enfermidade, você atuaria no recital.

Ele a olhou de relance e ela assentiu.

– Mas Sarah de fato fingiu estar doente – continuou ele. – E o resultado foi que você continuou tendo que atuar no recital.

– Não entendo aonde você quer chegar.

– Não houve nenhuma mudança no resultado para você. As atitudes dela, embora desonestas, não a afetaram em nada.

– É claro que afetaram!

– Como?

– Se eu era obrigada a tocar, ela também era.

Ele riu.

– Não acha que isso soa um pouco infantil?

Iris cerrou os dentes, frustrada. Como ele se atrevia a rir?

– Acho que você nunca subiu em um palco e se humilhou na frente de todos os seus conhecidos. E, pior ainda, na frente de um bom número de desconhecidos.

– Você não me conhecia – murmurou ele –, e veja o que aconteceu.

Ela ficou em silêncio.

– Se não fosse pelo recital, nós não estaríamos casados.

Iris não tinha ideia de como interpretar essa afirmação.

– Sabe o que vi no recital? – perguntou ele, com a voz suave.

– Você quer dizer o que *ouviu*?

– Ora, todos sabemos o que ouvi.

Mesmo a contragosto, ela acabou sorrindo.

– Vi uma jovem dama que se escondia atrás do violoncelo. Uma jovem que *sabia* tocá-lo de verdade.

Os olhos de Iris rapidamente se fixaram nos dele.

– Seu segredo está a salvo comigo – garantiu Richard, com um sorriso indulgente.

– Não é um segredo.

Ele deu de ombros.

– Mas sabe o que é? – perguntou ela, de repente com vontade de compartilhar seus sentimentos.

Queria que ele soubesse. Queria que ele a conhecesse.

– O quê?

– *Odeio* tocar violoncelo – revelou Iris com ardor. – Não é que eu apenas não goste de tocar nos recitais. Eu odeio os recitais, odeio-os de uma maneira que nem sei como expressar.

– De fato você odeia muito bem.

Ela deu um sorriso tímido.

– Eu odeio tocar violoncelo. Ainda que tocasse em uma orquestra, com os melhores virtuoses... embora jamais fossem permitir que uma mulher tocasse... eu ainda odiaria.

– E por que toca?

– Bom, não tocarei mais. Não serei obrigada a fazê-lo, agora que estou casada. Nunca mais vou segurar um arco de violoncelo.

– É bom saber que sirvo para alguma coisa – brincou ele. – Mas, honestamente, por que você tocava? Não diga que era obrigada. Sarah se livrou.

– Eu nunca poderia ser desonesta assim.

Ela esperou que ele argumentasse algo, mas Richard apenas franziu a testa, olhando para o lado, perdido em pensamentos.

– Eu tocava violoncelo porque era o que esperavam de mim – continuou Iris. – E porque isso fazia a minha família feliz. Apesar do que falo sobre eles, eu os amo muito.

– Você os ama de verdade, não é mesmo?

– Mesmo depois de tudo, considero Sarah uma de minhas amigas mais queridas.

Ele a encarou com uma expressão curiosamente serena.

– É óbvio que você possui uma alta capacidade de perdoar.

Iris recuou um pouco a cabeça enquanto refletia.

– Nunca achei que fosse.

– Espero que possua – disse ele em voz baixa.

– Perdão?

Ela não devia ter ouvido corretamente.

Mas Richard já havia se levantado e estava lhe estendendo a mão.

– Venha, o dia nos espera.

CAPÍTULO 13

— *Quantas* cestas o senhor deseja?

Richard fingiu não notar a expressão atônita da Sra. Hopkins.

– Só dezoito – respondeu jovialmente.

– Dezoito? Sabe quanto tempo levarei para preparar tudo?

– Seria uma tarefa difícil para qualquer pessoa, mas não para a senhora.

A governanta estreitou os olhos, mas ele percebeu que ela gostara do elogio.

– Não acha que é uma excelente ideia levar cestas para os arrendatários? – perguntou Richard, antes que a governanta tivesse chance de protestar outra vez. Ele empurrou Iris de leve para a frente e acrescentou: – Foi ideia de lady Kenworthy.

– Achei que seria gentil – alegou Iris.

– Lady Kenworthy é muito generosa – disse a Sra. Hopkins –, mas...

– Nós vamos ajudá-la – sugeriu Richard.

A governanta ficou boquiaberta.

– Muitas mãos deixam o trabalho mais leve, não é o que a senhora sempre diz?

– Não para o senhor – replicou a Sra. Hopkins.

Iris conteve uma risada. Que traiçoeira fascinante ela era. Mas Richard estava de muito bom humor para ficar ofendido.

– Os perigos de se ter criados que me conhecem desde criança... – murmurou ele ao ouvido da esposa.

– Desde criança? – zombou a Sra. Hopkins. – Eu o conheço desde que...

– Eu sei exatamente desde quando a senhora me conhece – interrompeu Richard.

Não precisava que a Sra. Hopkins mencionasse para Iris o tempo em que usava fraldas.

– Eu gostaria de verdade de ajudar – afirmou Iris. – Estou ansiosa para conhecer os arrendatários e acredito que os presentes serão mais significativos se eu mesma ajudar a arrumá-los.

– Nem sei se dispomos de dezoito cestas – queixou-se a Sra. Hopkins.

– Não precisam ser *cestas*. Qualquer tipo de recipiente serve. E tenho certeza de que a senhora saberá quais são as melhores coisas para enchê-las.

Richard se limitou a sorrir, admirando a facilidade da esposa para lidar com a governanta. A cada dia – não, a cada hora – ele aprendia algo novo sobre ela. E, a cada revelação, dava-se conta da sorte que tivera ao escolhê-la. Era muito estranho pensar que provavelmente não teria olhado nem duas vezes para ela se não se visse forçado a encontrar uma noiva com tanta urgência.

Era difícil recordar o que ele achava que gostaria em uma mulher. Um dote substancial, é claro. Fora obrigado a renunciar a isso, mas agora, ao ver Iris à vontade na cozinha de Maycliffe, esse aspecto já não lhe parecia tão importante. Se tivesse que esperar um ano ou dois para fazer os reparos na casa, que assim fosse – Iris não era do tipo que se queixava.

Pensou nas mulheres que havia considerado antes de Iris. Não se lembrava muito delas, apenas que pareciam estar sempre dançando, ou sendo cortejadas, ou batendo no braço dele com um leque. Elas exigiam atenção.

Já Iris *merecia* atenção.

Com sua inteligência impetuosa e seu humor tranquilo e malicioso, ela conseguia penetrar em seus pensamentos. Ela o surpreendia a todo instante.

Quem imaginaria que ele acabaria gostando tanto dela?

Gostando.

Quem *gosta* de uma esposa? Em seu mundo, as esposas eram toleradas, agradadas e, se o sujeito fosse muito sortudo, desejadas. Mas gostar?

Caso não tivesse se casado com Iris, ele gostaria de tê-la como amiga.

Bom, exceto pela complicação de desejar levá-la para a cama com tamanho ardor que mal conseguia raciocinar. Na noite anterior, quando foi lhe desejar uma boa noite, quase perdeu o controle. Teve vontade de se tornar marido dela de verdade, quis que ela soubesse como ele a desejava.

Viu a expressão de Iris depois que a beijou na testa. Estava confusa. Magoada. Achou que ele não a desejava.

Essa ideia era quase risível. O que ela pensaria se soubesse que ele passara a noite inteira acordado, tenso e ardente de desejo, enquanto imaginava todas as formas de lhe dar prazer? O que ela diria se ele revelasse quanto desejava se enterrar nela, plantar sua semente, fazê-la entender que ela lhe *pertencia* e que queria pertencer a ela?

– Richard?

Ele se voltou na direção da esposa. Ou melhor, voltou-se em parte. Os maliciosos pensamentos haviam deixado sinais em seu corpo e ele ficou aliviado por poder se esconder atrás do balcão.

– Você disse alguma coisa? – perguntou ela.

Será que tinha dito?

– Bem, você fez um barulho – falou ela, dando de ombros.

Já podia imaginar a situação. Meu Deus, como conseguiria enfrentar os meses seguintes?

– Richard? – chamou ela mais uma vez.

Iris parecia estar se divertindo, talvez por tê-lo flagrado em meio a devaneios. Como ele não respondeu de imediato, ela balançou a cabeça, sorrindo, e retomou o trabalho.

Observou-a por alguns instantes, então enfiou as mãos em um recipiente de água e, discretamente, molhou o rosto. Quando se sentiu contido o bastante, andou até onde Iris e a Sra. Hopkins separavam os itens das cestas.

– O que estão colocando naquela ali? – perguntou, espiando por cima do ombro de Iris enquanto ela arrumava um pequeno caixote.

Iris o olhou de relance; era óbvio o prazer que o trabalho lhe dava.

– A Sra. Hopkins disse que os Millers necessitam de panos novos.

– Panos de prato?

Pareceu-lhe um presente simplório demais.

– É disso que precisam – replicou Iris, mas depois sorriu. – Estamos acrescentando umas bolachas que saíram agora do forno. Porque também é bom receber algo que se *deseja*.

Richard a encarou por um longo momento.

Timidamente, ela deu uma olhada no vestido e tocou a face.

– Tem alguma coisa no meu rosto? Estava ajudando com a geleia...

Ela não tinha nada no rosto, mas ele se inclinou para a frente e beijou de leve o canto de sua boca.

– Bem aqui – murmurou ele.

Iris tocou o lugar onde ele a beijara e o fitou com uma expressão de assombro, como se não soubesse ao certo o que acabara de acontecer.

Ele também não sabia.

– Está melhor agora – comentou Richard.

– Obrigada. Eu... – Um ligeiro rubor tomou conta do rosto de Iris. – Obrigada.

– Foi um prazer.

E fora mesmo.

Nas duas horas seguintes, Richard fingiu ajudar com as cestas. Iris e a Sra. Hopkins tinham tudo sob controle e, quando ele tentava fazer uma sugestão, ou elas nem prestavam atenção ou discordavam.

Mas ele não se importava. Estava feliz por assumir o cargo de testador de bolachas (todas excelentes, como ele informou à cozinheira) e de ver Iris assumir seu papel de senhora de Maycliffe.

Por fim, reuniram dezoito cestas, caixas e bacias, cada uma cuidadosamente embalada e etiquetada com o sobrenome de uma família de arrendatários. Todos os presentes eram diferentretes. Como os Dunlops tinham quatro meninos de idades que variavam entre 12 e 16 anos, receberiam uma considerável quantidade de mantimentos. Uma das velhas bonecas de Marie-Claire foi colocada na cesta dos Smiths, cuja filha de 3 anos estava se recuperando de crupe. Os Millers ganhariam panos de prato e bolachas, e os Burnhams, um generoso pedaço de presunto e dois livros – um estudo sobre administração de terras para o filho mais velho, que havia assumido recentemente o sítio, e um romance para suas irmãs.

E talvez também para o filho, pensou Richard com um sorriso. Todo mundo apreciava um romance de vez em quando.

Tudo foi posto em uma carroça e, em pouco tempo, Richard e Iris estavam a caminho, rumo aos quatro cantos de Maycliffe Park.

– Não é o mais glamoroso dos meios de transporte – comentou ele com um sorriso pesaroso enquanto chacoalhavam pela estrada.

Iris colocou a mão na cabeça quando um vento forte ameaçou levar seu chapéu.

– Não me importo. Meu Deus, imagine transportar tudo isso em uma caleche?

Ele não possuía uma carruagem para duas pessoas, mas não havia razão para mencionar isso, então apenas falou:

– É melhor amarrar as fitas do seu chapéu, senão vai ter que segurá-lo o tempo todo.

– Eu sei. É que acho incômodo. Não gosto de sentir os laços apertados debaixo do queixo. – Ela o encarou com um brilho nos olhos. – Não se apresse tanto em dar conselhos. Seu chapéu também não está preso de nenhuma forma.

Como se seguisse a deixa, a carroça deu um solavanco bem quando o vento soprou de novo e ele sentiu a cartola se erguer de sua cabeça.

– Ah! – exclamou Iris e, sem pensar, agarrou o chapéu de Richard e o puxou para baixo.

Eles já estavam sentados um perto do outro, mas o movimento os deixou ainda mais juntos e, quando ele freou os cavalos e se permitiu olhá-la, o rosto dela estava virado na direção dele, radiante e muito, muito próximo.

– Acho... – murmurou ele, mas, ao olhá-la nos olhos, ainda mais vivos sob o céu azul brilhante, suas palavras se desvaneceram.

– Você acha...? – sussurrou ela.

Uma das mãos de Iris ainda estava na cabeça dele e a outra se achava sobre a própria cabeça. Essa teria sido a posição mais ridícula do mundo se não fosse tão maravilhosa.

Os cavalos diminuíram o ritmo, claramente confusos pela falta de direcionamento.

– Acho que preciso beijá-la – completou Richard.

Ele a tocou no rosto, a ponta do polegar acariciando a pele leitosa. Ela era linda. Como não percebera isso até aquele instante?

O espaço entre eles se reduziu a nada e seus lábios se encontraram, suaves e desejosos, sem fôlego por causa do assombro. Ele a beijou devagar, languidamente, dando-se tempo para descobrir sua forma, seu sabor, sua textura. Não era a primeira vez que a beijava, mas a sensação era de completa novidade.

Havia uma inocência extraordinária naquele momento. Ele não a pressionou contra o próprio corpo – nem mesmo teve vontade de fazê-lo. Não foi um beijo de posse ou luxúria. Foi algo completamente distinto, algo que nascia da curiosidade, do enlevo.

Com ternura, aprofundou o beijo, deixando a língua deslizar ao longo da pele sedosa do lábio inferior de Iris. Ela suspirou e seu corpo relaxou enquanto recebia com agrado as suas carícias.

Ela era perfeita. E doce. E ele teve a estranha sensação de que podia ficar ali o dia inteiro, com a mão no rosto dela, sem tocar nenhum outro lugar que não fossem seus lábios. Era quase puro, quase espiritual.

Então, ao longe um pássaro crocitou alto, interrompendo o momento. Algo mudou. Iris ficou paralisada ou talvez tivesse simplesmente recuperado o fôlego e, com um suspiro trêmulo, Richard conseguiu se colocar a alguns centímetros de distância. Ele piscou, voltou a pestanejar, tentando focar o mundo de novo. Seu universo havia encolhido e se reduzido àquela única mulher, e ele não conseguia enxergar mais nada, apenas seu rosto.

Os olhos dela se encheram de espanto, a mesma expressão, pensou ele, que deveria estar nos seus próprios. Os lábios dela estavam entreabertos, oferecendo-lhe uma ínfima visão de sua língua rosada. Era muito estranho, mas ele não sentia vontade de voltar a beijá-la. Queria só encará-la. Queria ver as emoções cruzarem seu rosto. Queria fitar suas pupilas se ajustando à claridade. Queria memorizar o formato de seus lábios, perceber com que velocidade os cílios subiam e desciam quando ela piscava.

– Isso foi... – murmurou ele.

– Isso foi... – repetiu ela.

Richard sorriu. Não pôde evitar.

– Definitivamente *foi*.

Um largo sorriso se abriu no rosto dela, a alegria do momento quase sufocante.

– Sua mão ainda está na minha cabeça – avisou ele, sentindo que seu sorriso voltava a ser assimétrico e zombeteiro.

Ela olhou para cima, como se precisasse ver para crer.

– Você acha que seu chapéu está firme?

– Acho que podemos correr o risco.

Iris retirou a mão, mudando sua posição por completo, triplicando o espaço entre os dois. Richard ficou quase desolado, o que era uma loucura. Ela estava sentada a menos de 30 centímetros no banco da carroça e ele se sentia como se tivesse perdido algo imensamente precioso.

– Talvez seja melhor você amarrar o chapéu com mais força – sugeriu ele.

Ela murmurou uma espécie de concordância e obedeceu.

Richard pigarreou.

– Vamos seguir em frente.

– É claro. – Iris sorriu, primeiro com timidez, em seguida determinação. – É claro. Aonde vamos primeiro?

Ele ficou agradecido pela pergunta e pela necessidade de formular uma resposta. Precisava de algo que pusesse seu cérebro de novo em movimento.

– Ahn... Acho que à casa dos Burnhams. O sítio deles é o maior e o mais próximo.

– Excelente. – Iris se retorceu em seu assento, olhando para a pilha de presentes na parte traseira da carroça. – O deles é a caixa de madeira. A cozinheira a abarrotou de geleia. Disse que o menino Burnham adora doces.

– Não sei se ele ainda pode ser chamado de menino – replicou Richard, sacudindo as rédeas. – John Burnham deve ter 22 anos agora, talvez 23.

– É mais jovem que você.

Richard abriu um sorriso irônico.

– É verdade, mas, como eu, ele é o chefe da família e do sítio. A juventude se vai rapidamente com essa responsabilidade.

– Foi muito difícil? – indagou ela em voz baixa.

– A coisa mais difícil do mundo.

Richard se lembrou dos dias logo após a morte do pai. Estava tão perdido, tão aflito... E, em meio a tudo isso, quando deveria fingir que sabia como administrar Maycliffe e ser um pai para suas irmãs, estava de luto. Amava muito o pai. Nem sempre concordavam, mas eram muito unidos. O pai lhe ensinara a montar e a ler – não a decifrar as letras e as palavras, mas a amar a leitura, a valorizar os livros e o conhecimento. O que ele não ensinara – o que ninguém sonharia que seria preciso lhe ensinar tão cedo – era como administrar Maycliffe. Quando adoeceu, Bernard Kenworthy ainda não era um homem velho. Todos tinham motivos para acreditar que se passariam anos, talvez décadas, antes de Richard ser obrigado a tomar as rédeas da propriedade.

Mas a verdade era que seu pai não poderia lhe instruir muito. Bernard Kenworthy nunca se preocupara em aprender. Não fora um bom administrador. As terras nunca o interessaram, pelo menos não profundamente, e suas decisões – quando se dava o trabalho de tomá-las –

não foram as mais adequadas. Não que ele fosse ganancioso, mas tendia a fazer o conveniente, o que demandasse menos tempo e energia. E Maycliffe havia sofrido por causa disso.

– Você era apenas um menino – comentou Iris.

Richard soltou uma risada curta.

– Essa é a parte engraçada. Pensava que já fosse um homem. Tinha estudado em Oxford, tinha...

Ele se conteve antes de dizer que já se deitara com mulheres. Iris era sua esposa. Não precisava saber nada sobre os critérios pelos quais homens jovens e tolos mediam sua virilidade.

– Pensei que já fosse um homem – repetiu ele, torcendo os lábios com um toque de melancolia. – Mas então... quando tive que vir para casa e *ser* homem...

Ela pôs a mão no braço dele.

– Sinto muito.

Richard encolheu apenas o ombro que ela não estava tocando. Não queria que ela retirasse a mão.

– Você fez um trabalho notável – afirmou ela. Olhou ao redor, como se as árvores verdes fossem prova de sua boa administração. – Pelo que dizem, Maycliffe está prosperando.

– "Pelo que dizem"? – questionou ele, com um sorriso provocador. – Tantas pessoas falaram com você durante sua longa permanência aqui?

Ela deu uma risada infantil e bateu o ombro no dele.

– As pessoas falam – respondeu com malícia. – E, como você já sabe, eu gosto de escutar.

– Isso é verdade.

Ele a observou sorrir de novo, torcendo os lábios com um jeito satisfeito, e simplesmente adorou.

– O que mais você pode me contar sobre os Burnhams? Sobre todos os arrendatários, na verdade, mas vamos começar com eles, já que são nossa primeira visita.

– Não sei bem o que você quer saber, mas eles são seis. A Sra. Burnham, é claro, John, que agora é o chefe da família, e os outros quatro filhos, dois meninos e duas meninas. – Ele pensou por um momento. – Não me lembro bem da idade de todos eles, só que o mais jovem, Tommy, não pode ter muito mais que 11 anos.

– Há quanto tempo o pai deles morreu?

– Há dois anos, talvez três. Não foi inesperado.

– Não?

– Ele bebia. Muito.

Richard não queria falar mal dos mortos, mas era verdade. O Sr. Burnham gostava muito de cerveja, e a bebida o arruinara. Ele havia engordado, ficara com uma pele amarelada e, em pouco tempo, morrera.

– O filho também é assim?

Não era uma pergunta tola. Muitas vezes os filhos imitavam os pais, como Richard sabia muito bem. Ao herdar Maycliffe, ele também tinha feito o que era conveniente e enviado as irmãs para viver com a tia enquanto seguia com sua vida em Londres, como se não tivesse novas responsabilidades em casa. Levara vários anos para se dar conta de como se tornara vazio. Até agora pagava o preço por seu julgamento incorreto.

– Não sei muita coisa sobre John Burnham, mas não acho que beba. Pelo menos não mais do que qualquer sujeito normal.

Como Iris permaneceu em silêncio, Richard prosseguiu:

– Ele vai ser um bom homem, melhor que o pai.

– O que você quer dizer?

Richard pensou por um momento. Na verdade, nunca havia se dedicado a refletir sobre John Burnham, além de saber que era agora o chefe do maior sítio de arrendatários de Maycliffe. Aprovava tudo o que sabia sobre o rapaz, mas seus caminhos não costumavam se cruzar e ninguém esperava que isso acontecesse.

– É um homem sério – respondeu Richard por fim. – Tem se saído muito bem. Chegou até a terminar a escola, graças a meu pai.

– Seu pai? – repetiu Iris, com certa surpresa.

– Ele pagou os estudos. Afeiçoou-se a John. Dizia que ele era muito inteligente. Meu pai sempre valorizou isso.

– É algo bom para se valorizar.

– É mesmo. – Afinal, era uma das muitas razões pelas quais ele valorizava Iris. Mas não era o momento para dizer isso, portanto acrescentou: – John provavelmente poderia ter sido advogado ou algo assim se não tivesse retornado a Mill Farm.

– De arrendatário a advogado? É mesmo?

Richard deu de ombros.

– Não há razão para não ocorrer. Desde que a pessoa queira.

Iris ficou calada por um momento e, em seguida, perguntou:

– O Sr. Burnham se casou?

Richard lhe dirigiu um olhar zombeteiro antes de voltar sua atenção para a estrada.

– Por que tanto interesse?

– Preciso saber dessas coisas – observou ela, remexendo-se um pouco no assento. – E fiquei curiosa. Sempre tenho curiosidade pelas pessoas. Talvez, se não fosse obrigado a voltar para casa e cuidar da família, ele tivesse mesmo estudado Direito.

– Não sei se ele queria estudar Direito. Eu apenas disse que ele era inteligente para tal. E não, ele não se casou. Mas tem uma família para sustentar. Não daria as costas para a mãe e os irmãos.

Iris colocou a mão em seu braço.

– Então ele é muito parecido com você.

Richard engoliu em seco, sentindo-se incomodado.

– Você cuida muito bem de suas irmãs – completou ela.

– Você ainda nem as conheceu.

Ela deu de ombros.

– Posso afirmar que você é um irmão dedicado. E um bom tutor.

Richard segurou as rédeas com apenas uma das mãos, aliviado por poder apontar para a frente e mudar de assunto.

– É na próxima curva.

– Mill Farm?

Ele a encarou. Havia algo estranho na voz dela.

– Está nervosa?

– Um pouco.

– Não fique. Você é a senhora de Maycliffe.

Ela bufou.

– É exatamente por isso que estou nervosa.

Richard fez menção de dizer algo, mas se limitou a balançar a cabeça. Ela não percebia que os Burnhams é que deviam ficar nervosos por conhecê-la?

– Oh! – exclamou Iris. – É muito maior do que eu imaginava.

– Eu disse que é o maior sítio de Maycliffe – murmurou Richard, parando a carroça.

Várias gerações dos Burnhams tinham vivido lá cultivando a terra e, com o passar do tempo, construíram uma boa casa, com quatro quartos, uma sala de estar e um escritório. Já haviam chegado a empregar uma

criada, mas tiveram que abrir mão dela quando a família enfrentou tempos difíceis antes da morte do Sr. Burnham.

– Nunca fiz visitas com meus primos – comentou Iris, preocupada.

Richard desceu da carroça e lhe ofereceu a mão.

– Por que ficou tão insegura de repente?

– Acho que percebi que sei muito pouco sobre Maycliffe. – Ela gesticulou em direção à residência. – Imaginei que todos os colonos vivessem em casas pequenas.

– A maioria vive. Mas alguns são bastante prósperos. Um homem não precisa ser dono da terra para viver bem.

– Mas um homem precisa ser dono da terra para ser considerado um cavalheiro. Ou, pelo menos, ter nascido em uma família que possui terras.

– É verdade – admitiu Richard.

Nem mesmo um pequeno proprietário rural seria considerado membro da pequena nobreza. Era necessário possuir propriedades maiores.

– Sir Richard! – gritou alguém.

Richard sorriu ao ver um menino correndo em sua direção.

– Tommy! – exclamou ele, desarrumando o cabelo do garoto. – O que sua mãe está lhe dando para comer? Você cresceu muito desde nosso último encontro.

Tommy Burnham abriu um sorriso radiante.

– John me colocou para trabalhar nos campos. Mamãe diz que é o sol. Devo ser igual a uma erva daninha.

Richard riu e, em seguida, apresentou-o a Iris, que ganhou a devoção eterna de Tommy por tratá-lo como a um adulto, oferecendo-lhe a mão para ele que a apertasse.

– John está em casa? – indagou Richard, estendendo a mão para a caixa na carroça.

– Com mamãe – respondeu Tommy, indicando a casa. – Fizemos uma pausa para comer.

– É esta aqui? – murmurou Richard para Iris, que assentiu. Ele ergueu a caixa e sinalizou para que a esposa o acompanhasse. – Mas outros homens estão trabalhando com vocês nos campos, certo?

– Ah, sim. – Tommy o olhou como se ele fosse louco por cogitar o contrário. – Não poderíamos fazer tudo sozinhos. Na verdade, John nem precisa de mim, mas acha que preciso participar.

– Seu irmão é um homem sábio – comentou Richard.

Tommy revirou os olhos.

– É o que ele diz.

Iris deu uma risadinha.

– Tome cuidado com ela – alertou Richard, meneando a cabeça para Iris. – Assim como você, ela tem muitos irmãos e aprendeu a ser sagaz.

– Sagaz, não – corrigiu Iris. – Ardilosa.

– Pior ainda.

– Ele é o mais velho – disse ela a Tommy. – Tudo o que ele conseguiu com força bruta, tivemos que conseguir com nossa argúcia.

– Ela o pegou nessa aí, sir Richard. – Tommy riu.

– Ela sempre me pega.

– É mesmo? – murmurou Iris, levantando as sobrancelhas.

Richard apenas sorriu para si mesmo. Resolveu deixá-la pensar o que quisesse.

Entraram na casa, com Tommy à frente avisando à mãe que sir Richard estava ali com a nova lady Kenworthy. A Sra. Burnham apareceu imediatamente, limpando as mãos enfarinhadas no avental.

– Sir Richard – falou ela, fazendo uma reverência. – É uma honra.

– Vim lhes apresentar minha esposa.

Iris abriu um sorriso bonito.

– Nós lhes trouxemos um presente.

– Ora, nós é quem devíamos lhes dar um presente – protestou a Sra. Burnham. – Pelo casamento.

– Nada disso – replicou Iris. – Vocês estão me recebendo em sua casa, em sua terra.

– Agora ela é sua também – lembrou-a Richard, colocando a caixa de regalos sobre uma mesa.

– Sim, mas os Burnhams estão aqui um século a mais do que eu. Ainda tenho que conquistar meu lugar.

Com essas palavras, Iris ganhou a lealdade eterna da senhora e, por extensão, a de todos os arrendatários. Comunidades eram sempre as mesmas em qualquer esfera. A Sra. Burnham era a comandante do maior sítio local, e isso fazia dela a líder da sociedade de Maycliffe. As palavras de Iris chegariam aos ouvidos de cada alma do lugar antes que a noite caísse.

– A senhora está vendo por que me casei com ela – disse Richard à Sra. Burnham.

As palavras fluíram naturalmente de seus lábios sorridentes, mas logo uma pontada de culpa lhe feriu as entranhas. Não fora esse o motivo da união. Desejou que fosse.

– John, venha conhecer a nova lady Kenworthy – chamou a Sra. Burnham.

Richard não percebera que John Burnham entrara no pequeno vestíbulo. Era um sujeito tranquilo, sempre fora, e estava de pé, perto da porta da cozinha, esperando que os outros o vissem.

– Milady – disse John, com uma pequena mesura. – É uma honra conhecê-la.

– E minha também – respondeu Iris.

– Como está o sítio? – perguntou Richard.

– Muito bem – afirmou John, e os dois conversaram por uns minutos sobre campos, cultivos e irrigação, enquanto Iris falava sobre amenidades com a Sra. Burnham.

– Temos que seguir nosso caminho – informou Richard. – Temos muitas paradas para fazer antes de voltar a Maycliffe.

– Deve estar tudo muito tranquilo sem suas irmãs por lá – comentou a Sra. Burnham.

John se virou de repente.

– Suas irmãs foram embora?

– Só para visitar nossa tia. Ela achou que deveríamos passar algum tempo a sós. – Ele deu a John uma espécie de sorriso cúmplice. – Irmãs não acrescentam muito a uma lua de mel.

– Não, imagino que não.

Despediram-se e Richard tomou o braço de Iris para saírem.

– Acredito que tenha corrido tudo bem – disse ela enquanto ele a ajudava a subir na carroça.

– Você foi esplêndida – afirmou ele.

– De verdade? Não está falando só para me agradar?

– Eu diria mesmo para lhe agradar – admitiu ele –, mas é verdade. A Sra. Burnham já a adora.

Os lábios de Iris se entreabriram e Richard teve certeza de que a esposa ia indagar algo como “Jura?” ou “Você achou mesmo?”. Mas ela apenas sorriu, o rosto ruborizado de orgulho.

– Obrigada – falou em voz baixa.

Ele a beijou na mão e sacudiu as rédeas.

– Este é um dia maravilhoso – comentou Iris enquanto se afastavam de Mill Farm. – Estou tendo um dia maravilhoso.

Ele também. O mais maravilhoso de sua vida.

CAPÍTULO 14

Três dias depois

Iris estava se apaixonando por Richard. Não sabia como isso poderia ser mais evidente.

As pessoas não diziam que o amor era confuso? Ela não deveria estar deitada em sua cama, agonizando sob o peso de torturantes pensamentos: *Isso é real? Isso é amor?* Quando ainda estava em Londres, havia perguntado a Sarah sobre o assunto – à prima, apaixonada de forma tão clara pelo marido – e até *ela* lhe respondera que não tinha certeza no início.

Mas não, Iris sempre precisava fazer as coisas à sua maneira e acordou um dia pensando: *Eu o amo*.

Ou, se ainda não o amava, faltava muito pouco. Era só uma questão de tempo. Ela perdia o fôlego toda vez que Richard entrava no quarto. Pensava nele constantemente. E ele a fazia rir – ah, como ele a fazia rir.

Iris também o fazia rir. E, quando isso acontecia, seu coração saltava no peito.

O dia da visita aos arrendatários tinha sido mágico e ela sabia que o marido sentira o mesmo. Ele a beijara como se fosse um tesouro de valor inestimável – *não*, pensou, não assim, pois teria sido frio e sem emoção.

Richard a beijara como se ela fosse a luz, o calor, o arco-íris, tudo ao mesmo tempo. Ele a beijara como se o sol brilhasse com um só raio de luz, apenas sobre eles, apenas para eles.

Tinha sido perfeito.

Pura magia.

E, então, ele não a beijara mais.

Passavam os dias juntos, explorando Maycliffe. Ele a fitava com um olhar caloroso. Segurava sua mão, até beijava a delicada pele de seu pulso. Mas nunca mais pousou os lábios sobre os dela.

Ele imaginava que seus avanços não seriam bem-vindos? Achava que ainda era muito cedo? Como poderia ser muito cedo? Estavam casados, pelo amor de Deus. Ela era sua esposa.

Por que Richard não percebia que ela ficava constrangida de lhe perguntar a respeito?

E, assim, Iris continuava fingindo que achava a atitude dele normal. Muitos casais mantinham quartos separados. Ela nem sabia se os próprios pais alguma vez dormiram na mesma cama.

E nem queria saber, pensou com um estremecimento.

Todavia, ainda que Richard quisesse dividir os aposentos, certamente desejaria consumar a união. Sua mãe lhe dissera que os homens *gostavam* de fazer... aquilo. E Sarah afirmara que as mulheres também podiam gostar.

A única explicação era que Richard não a desejava. Mas ela pensava... talvez... que sim.

Por duas vezes, ela o surpreendera olhando-a com uma intensidade que fez sua pulsação acelerar. E, naquela mesma manhã, ele quase a beijara. Tinha certeza disso. Estavam caminhando pelo atalho sinuoso que levava até a estufa e Iris tropeçara. Richard se retorceu para conseguir ampará-la e ela caiu contra ele, os seios pressionados contra o peito do marido.

Foi o mais perto dele que já havia estado. Ela ergueu o olhar, diretamente para os olhos de Richard. O mundo ao seu redor desapareceu e Iris não enxergava mais nada, apenas o rosto do amado. Ele inclinou a cabeça, baixou o olhar para seus lábios, ela suspirou...

E o marido deu um passo atrás.

– Perdoe-me – murmurou e, uma vez mais, seguiram seu caminho.

Mas a manhã havia perdido toda a magia. A conversa, que antes fluía fácil, mais uma vez ficou tensa, e Richard não voltou a tocá-la, nem de modo casual. Não colocou a mão em suas costas, não entrelaçou o braço ao dela.

Outra mulher – uma que tivesse mais experiência com o sexo masculino ou talvez uma que conseguisse ler mentes – poderia entender por que Richard agia daquele jeito, mas Iris estava perplexa.

E frustrada.

E triste.

Ela gemeu e se voltou para o livro que estava lendo. Já era fim de tarde e havia encontrado um velho romance de Sarah Gorely na biblioteca de Maycliffe – provavelmente comprado por uma das irmãs de Richard. Não podia imaginar que ele mesmo o tivesse adquirido. Apesar de não ser muito bom, era dramático e, acima de tudo, uma distração. E o sofá azul da sala era extremamente confortável. O tecido estava um pouco desgastado, o suficiente para que ficasse macio, mas não tanto que o tornasse incômodo.

Iris gostava de ler ali. A luz da tarde era excelente e, bem no coração da casa, quase conseguia convencer a si mesma de que pertencia ao lugar.

Ela já estava envolvida na história havia um ou dois capítulos quando ouviu passos no corredor que só podiam ser de Richard.

– Como você está esta tarde? – perguntou ele da porta, saudando-a com uma educada inclinação da cabeça.

Iris sorriu.

– Muito bem, obrigada.

– O que está lendo?

Ela levantou o livro, embora fosse pouco provável que ele pudesse ler o título do outro lado da sala.

– *Miss Truesdale e o Cavalheiro Silencioso*. É um romance antigo de Sarah Gorely. Mas não é sua melhor obra.

Ele entrou na sala de vez.

– Nunca li nada dessa autora. Mas é bastante famosa, certo?

– Não acho que você gostaria deste livro.

Richard abriu aquele sorriso cálido, lânguido, que parecia se derreter em seu rosto.

– Será que não?

Iris pestanejou e olhou para o volume em suas mãos antes de estendê-lo.

Ele riu, divertindo-se.

– Eu não seria capaz de tirá-lo de você.

Ela o olhou, surpresa.

– Deseja que leia para você?

– Por que não?

Iris arqueou as sobrancelhas, em dúvida.

– Não diga que não lhe avisei – murmurou ela, movendo-se um pouco no sofá, tentando disfarçar a pontada de decepção quando ele se sentou na cadeira em frente.

– Você o descobriu na biblioteca? Imagino que Fleur o tenha comprado.

Iris assentiu enquanto marcava a página em que estava antes de voltar ao começo do livro.

– Vocês possuem toda a obra de Gorely.

– É mesmo? Não fazia a menor ideia de que minha irmã era admiradora dela.

– Você disse que ela gosta de ler, e Sarah Gorely é uma autora muito popular.

– Disso eu já sabia.

Iris o encarou e ele inclinou regiamente a cabeça, indicando-lhe que começasse.

– "Capítulo um" – começou Iris. – "Miss Ivory Truesdale ficou órfã em..." – Ela ergueu os olhos. – Tem certeza de que quer que eu leia isto? Não imagino que vá apreciar.

Ele a olhou com uma expressão de divertimento.

– Depois de tantos protestos, acho que você vai ser obrigada a lê-lo.

Iris balançou a cabeça.

– Muito bem. – Ela pigarreou. – "Miss Ivory Truesdale ficou órfã em uma tarde de quarta-feira, quando seu pai foi atingido no coração por uma flecha envenenada, disparada por um exímio arqueiro húngaro, trazido para a Inglaterra com o único propósito de causar essa horripilante e prematura morte."

Ela olhou para Richard.

– Lúgubre – comentou ele.

Iris assentiu.

– E vai piorar.

– Como é possível?

– O arqueiro húngaro *também* morre daqui a alguns capítulos.

– Deixe-me adivinhar... Um acidente de carruagem.

– Prosaico demais – zombou ela. – Essa é a mesma autora que, em outro livro, fez que com que pombos bicassem um personagem até a morte.

A boca de Richard se abriu e se fechou.

– Pombos – disse ele por fim, piscando várias vezes. – Notável.

Iris levantou o livro.

– Devo continuar?

– Por favor – respondeu ele, com a expressão de quem não tinha totalmente certeza.

Iris limpou a garganta.

– “Pelos seis anos seguintes, Ivory não podia enfrentar uma tarde de quarta-feira sem se recordar do zunido da flecha passando por seu rosto, a caminho do condenado coração do pai.”

Richard murmurou algo. Iris não pôde distinguir as palavras exatas, mas sem dúvida uma delas era *embriaguez*.

– “Toda quarta-feira era uma tortura. Levantar-se da cama requeria uma vitalidade que ela raramente tinha. A comida lhe era insípida e o sono, quando o encontrava, era sua única via de escape.”

Richard bufou. Iris olhou para ele.

– O que foi?

– Nada.

Ela voltou os olhos para o livro.

– Mas, realmente – disse Richard, com indignação –, quartas-feiras?

Iris o encarou.

– A mulher tem medo das quartas-feiras? – perguntou ele.

– É o que parece.

– Só das quartas-feiras.

Iris deu de ombros.

– O que acontece às quintas-feiras?

– Eu ia começar a revelar.

Richard revirou os olhos diante da impertinência de Iris e lhe indicou que continuasse.

Iris lhe dirigiu um olhar paciente, sinalizando que estava preparada para outra interrupção. Ele retribuiu com uma expressão de igual ironia e ela se voltou para o texto.

– “As quintas-feiras traziam esperança e renovação, embora não se pudesse dizer que Ivory tinha alguma razão para nutrir esperanças, nem que sua alma se renovasse. Sua vida no Lar da Srta. Winchell para Crianças Órfãs era tediosa, na melhor das hipóteses, e desventurada, na pior.”

– Tediosa pode ser a primeira palavra capaz de descrever essa história – troçou Richard.

Iris arqueou as sobrancelhas.

– Devo parar?

– Por favor. Não acredito que consiga suportar o resto.

Iris conteve um sorriso, sentindo-se um pouco cruel por desfrutar da agonia dele.

– Mas ainda quero saber como o arqueiro húngaro morre – acrescentou Richard.

– Se você souber, vai estragar a história – rebateu Iris, adotando uma expressão cerimoniosa.

– Por algum motivo, duvido.

Iris deu uma risadinha sem querer. Richard tinha uma maneira de dizer as coisas com um tom malicioso que nunca deixava de diverti-la.

– Muito bem. O arqueiro recebeu um tiro na cabeça.

– Nada interessante. – Ao ver a expressão dela, Richard acrescentou: – No sentido literário, é claro.

– A arma foi disparada por um cachorro.

Richard ficou boquiaberto.

– E agora temos outro cavalheiro silencioso – comentou Iris, com um sorriso de superioridade.

– Não, de verdade, não. Devo protestar.

– Contra quem?

Ele ficou desconcertado.

– Não sei. Entretanto, aqui cabe um protesto, sem a menor sombra de dúvida.

– Não acredito que o cachorro teve a *intenção* de atirar – objetou Iris.

– Quer dizer que a autora não deixou claras as motivações do animal?

Iris fingiu uma expressão séria.

– Nem ela tem tamanho talento.

Richard bufou.

– Eu falei que essa não é uma de suas melhores obras – ela o alertou.

Ele parecia incapaz de responder.

– Posso ler para você outro livro dela – ofereceu-se Iris, sem sequer tentar dissimular sua diversão.

– Por favor, não.

Iris soltou uma gargalhada.

– Como é possível que ela seja uma das autoras mais populares atualmente? – questionou Richard.

– Eu acho as histórias dela bastante divertidas – admitiu Iris.

Era verdade. Não eram muito bem escritas, mas havia algo que não deixava as pessoas abandonarem a leitura.

– Um desvio da sanidade – zombou Richard. – Quantos romances a Srta. Gorely já escreveu? Ou é Sra. Gorely?

– Não faço ideia. – Iris consultou as páginas iniciais e finais. – Aqui não há nada sobre ela. Nem sequer uma frase.

Ele deu de ombros com indiferença.

– Já era de se esperar. Se você escrevesse um romance, eu não ia querer que usasse seu nome verdadeiro.

Iris o encarou, surpresa pelo leve brilho de mágoa nos próprios olhos.

– Você se envergonharia de mim?

– É claro que não. Mas não ia querer que a sua fama se intrometesse em nossa vida privada.

– Você acha que eu poderia ficar famosa?

– É claro que sim.

Ele a olhou sem nenhuma paixão, como se a conclusão fosse tão óbvia que não merecesse nenhuma contenda.

Iris refletiu sobre isso, tentando não se derramar de prazer. Mas não conseguiu, pois pôde sentir o rosto ficar cada vez mais quente. Ela mordeu o lábio inferior. Era muito estranha aquela alegria toda, só porque ele pensara que... que ela era... ora, inteligente.

E o mais incompreensível era que ela *sabia* que era inteligente. Não precisava que Richard o dissesse para que acreditasse.

Iris ergueu o olhar, com um sorriso tímido.

– Você não se importaria se eu escrevesse um romance?

– Você *quer* escrever um romance?

Ela refletiu.

– Na verdade, não.

Ele riu.

– Por que estamos tendo esta conversa?

– Não sei. – Iris sorriu, primeiro para ele, depois para si mesma. O exemplar de *Miss Truesdale e o Cavalheiro Silencioso* ainda jazia em seu colo, então ela o pegou e perguntou: – Quer que eu continue?

– Não! – exclamou ele vigorosamente, ficando de pé e lhe estendendo a mão. – Venha, vamos dar um passeio.

Iris pousou a mão na dele, procurando ignorar o calafrio de prazer que percorreu seu corpo quando ele a tocou.

– Como foi que o cachorro apertou o gatilho? – perguntou Richard. – Não, não me conte, não quero saber.

– Tem certeza? Na verdade, foi uma solução muito engenhosa.

– Está pensando em ensinar aos nossos cachorros?

– Nós temos cachorros?

– É claro que temos.

Iris se perguntou o que mais ela desconhecia sobre o novo lar. Muita coisa, provavelmente. Ela o fez parar no meio do saguão, olhou-o bem nos olhos e disse, solene:

– Prometo não ensinar a nenhum de nossos cães como disparar uma arma.

Richard soltou uma risada, e mais de um criado enfiou a cabeça no corredor para espiar.

– Você é um tesouro, Iris Kenworthy – disse ele, guiando-a uma vez mais para a porta principal.

Um tesouro, pensou Iris, com um toque de angústia. *Será?*

– Você gosta de seu novo nome? – perguntou ele sem refletir.

– É mais fácil de pronunciar do que Smythe-Smith.

– Acho que combina com você.

– Assim espero – murmurou ela.

Era difícil imaginar um nome mais desajeitado do que o de sua família.

Richard abriu a pesada porta da frente e uma rajada de vento frio redemoinhou para dentro. Iris logo abraçou a si mesma. Era mais tarde do que ela percebera e o ar estava gelado.

– Deixe-me correr até meu quarto e pegar um xale. Foi tolice de minha parte vestir mangas curtas.

– Tolice? Ou otimismo?

Ela riu.

– Eu raramente sou otimista.

– Verdade?

Só quando já estava na metade do caminho, subindo pela escada, que se deu conta de que ele a seguia.

– Acho que nunca ouvi alguém se declarar pessimista com uma risada de alegria.

– Também não sou pessimista.

Pelo menos Iris não acreditava que fosse. Não vivia prevendo desastres e decepções.

– Não é otimista nem pessimista... – falou Richard ao chegarem ao topo da escada. – Então o que você é?

– Não sou uma esposa – murmurou ela.

Ele ficou imóvel.

– O que disse?

Iris ofegou diante da resposta que escapou espontaneamente de seus lábios.

– Sinto muito. Não era minha intenção...

Ela ergueu os olhos e logo desejou não tê-lo feito. Ele a fitava com uma expressão inescrutável e Iris se sentiu péssima. Envergonhada, zangada, arrependida, ofendida e provavelmente outras oito coisas que não se sentia inclinada a identificar.

– Peço que me perdoe – balbuciou ela, correndo para o quarto.

– Espere!

Mas Iris não obedeceu.

– Iris, espere!

Ela não parou, os pés se movendo o mais rápido possível, sem chegar a correr. Mas então tropeçou – não sabia em quê – e mal conseguiu recuperar o equilíbrio.

Em um segundo, Richard estava a seu lado, segurando-a.

– Você está bem?

– Sim – respondeu ela, com a voz entrecortada.

Iris tentou desvencilhar o braço, mas ele não a soltou. Ela quase riu. Ou talvez quase chorou. *Agora* ele queria tocá-la? *Agora* não queria soltá-la?

– Preciso pegar meu xale – murmurou, porém não tinha mais vontade de dar um passeio.

Só queria se meter na cama e se cobrir dos pés à cabeça.

Richard a encarou por vários segundos antes de soltar seu braço.

– Está bem.

Ela se esforçou para sorrir, mas não conseguiu. Suas mãos tremiam e, de repente, sentiu-se mal.

– Iris – disse ele, observando-a com preocupação –, tem certeza de que está bem?

Ela assentiu, mas mudou de ideia e negou, balançando a cabeça.

– Talvez seja melhor eu me deitar.

– É lógico – concordou ele, sempre um cavalheiro. – Vamos deixar o passeio para outro momento.

Iris tentou sorrir de novo – e fracassou de novo – e fez uma reverência desajeitada. Mas, antes que pudesse escapar, ele a segurou pelo braço de novo para levá-la ao quarto.

– Não preciso de ajuda. Estou bem, de verdade.

– Mas *eu* me sentiria melhor.

Iris cerrou os dentes. Por que ele tinha que ser tão *gentil*?

– Vou chamar um médico – avisou Richard enquanto cruzavam a soleira.

– Não, por favor, não.

Meu Deus, o que ela diria a um médico? Que tinha o coração partido? Que estava louca de tanto imaginar se algum dia seu marido chegaria a gostar dela?

Richard a soltou e suspirou, perscrutando seu rosto.

– Iris, vejo claramente que há algo errado.

– Estou apenas cansada.

Ele não disse nada, apenas a olhou com firmeza, e Iris sabia o que ele estava pensando. Ela não se mostrara nada cansada quando se encontravam na sala.

– Vou ficar bem – garantiu, aliviada por sua voz começar a recuperar o tom casual de sempre. – Prometo.

Richard comprimiu os lábios e Iris percebeu que ele não sabia se acreditava nela. Por fim, respondeu “Muito bem”, colocando as mãos suavemente nos ombros dela e se inclinando para baixo...

Para beijá-la! Iris recuperou o fôlego e, em um momento de enganosa felicidade, fechou os olhos, inclinando o rosto na direção dele. Ansiava por isso, os lábios dele sobre os dela, o toque quente da língua dele sobre a pele macia de sua boca.

– Richard – sussurrou.

Os lábios dele a tocaram na testa. Não era o beijo de um homem apaixonado.

Humilhada, ela se afastou bruscamente, voltando-se para a parede, para a janela, para qualquer lugar menos para ele.

– Iris...

– Por favor, vá embora – pediu ela, engasgando.

Richard não disse nada, mas tampouco saiu do quarto. Ela teria escutado seus passos. Teria sentido sua ausência.

Iris abraçou o próprio corpo, rogando em silêncio que ele obedecesse.

E Richard o fez. Ela o ouviu dar meia-volta, escutou o som inconfundível de suas botas sobre o tapete. Fazia o que ela queria, o que ela pedira, mas tudo estava errado. Iris precisava entender. Precisava *saber*.

Ela se voltou.

Ele se deteve, a mão já na maçaneta.

– Por quê? – perguntou ela, a voz falha.

Richard não se virou.

– Não finja que não me ouviu.

– Não estou fingindo – replicou ele, baixinho.

– Então não finja que não entendeu a pergunta.

Ela fitou as costas dele, observando sua postura ficar cada vez mais rígida. A mão pendendo ao lado do corpo se transformou em uma garra. Se Iris tivesse algum juízo, não o teria provocado. Mas estava cansada de ser sensata.

– Você me escolheu. Dentre todas as mulheres em Londres, você me escolheu.

Ele ficou paralisado por um tempo. Então, com movimentos precisos, fechou a porta e se virou de frente para ela.

– Você poderia ter recusado.

– Nós dois sabemos que não é bem verdade.

– Você se sente tão infeliz assim?

– Não – admitiu Iris, pois não se sentia mesmo. – Mas isso não nega a verdade fundamental de nosso casamento.

– A verdade fundamental... – repetiu ele, a voz tão apática e vazia como ela jamais ouvira.

Iris ficou de lado para não encará-lo. Era muito difícil criar coragem olhando para o rosto dele.

– Por que se casou comigo? – perguntou, quase engasgada.

– Eu a comprometi.

– *Depois* de ter proposto casamento – rebateu ela, surpreendida pela própria impaciência.

– A maioria das mulheres considera que uma proposta de matrimônio é algo *bom* – replicou ele, a voz contida.

– Está me dizendo que eu devia me considerar afortunada?

– Eu não disse isso.

– Por que se casou comigo? – insistiu ela.

– Porque eu quis. – Richard de ombros. – E você aceitou.

– Eu não tive opção! Você fez de tudo para que eu não tivesse escolha.

Richard agarrou de repente o pulso de Iris, mas sem machucá-la – ele era gentil demais. Mas ela não poderia escapar.

– Se você *tivesse* escolha, se sua tia não tivesse chegado, se ninguém tivesse visto meus lábios colados aos seus... – Ele fez uma pausa, o silêncio tão pesado e tenso que ela precisou olhar para cima. – Diga-me, Iris – continuou ele em voz baixa –, sua resposta teria sido diferente?

Não.

Ela teria pedido um tempo. Ela *pediu* um tempo. Mas, ao final, teria aceitado. Ambos sabiam disso.

A pressão da mão em seu pulso se suavizou e era quase uma carícia.

– Iris?

Richard não ia permitir que a pergunta fosse ignorada. Mas ela não queria responder. Encarou-o com rebeldia, trincando os dentes com tanta força que chegava a estremecer. Não voltaria atrás. Não sabia por que era tão importante não responder, mas sentia que a própria alma dependia disso.

Meu Deus, sua alma estava tão abalada quanto a da fictícia Miss Truesdale! Era isso que o amor fazia? Convertia o cérebro em uma parvoíce melodramática?

Uma dolorosa risada brotou de sua garganta. Era um som horrível, amargo e áspero.

– Você está *rindo*? – questionou Richard.

– É o que parece – respondeu Iris, porque ela mesma não podia acreditar.

– Mas por que diabo...?

Iris deu de ombros.

– Não sei o que fazer.

– Estávamos tendo uma tarde perfeitamente agradável – comentou ele após uma pausa.

– É verdade.

– Por que está zangada?

– Nem sei se estou zangada.

Uma vez mais, ele a encarou, incrédulo.

– Olhe para mim – pediu Iris, erguendo a voz, exaltada. – Eu sou lady Kenworthy e praticamente não sei como isso aconteceu.

– Você se postou diante de um sacerdote e...

– Não me trate de forma condescendente. Por que você forçou o casamento? Por que precisava ser tão rápido?

– Isso é importante?

Ela deu um passo para trás.

– Sim – respondeu em voz baixa. – Sim, acredito que sim.

– Você é minha esposa – replicou ele, os olhos flamejantes. – Jurei que lhe daria minha fidelidade e sustento. Ofereci a você tudo o que possuo, dei a você o meu nome.

Iris nunca o vira tão zangado, nunca teria imaginado que seu corpo poderia ser possuído pela fúria daquele modo. Ela morria de vontade de dar uma bofetada na cara dele, mas se recusou a se aviltar dessa maneira.

– Por que importa como aconteceu? – acrescentou Richard.

Iris fez menção de responder, mas a voz falha do marido a deteve. Algo estava errado. Obrigou-se a encará-lo, seus olhos encontrando os dele com uma intensidade inflexível.

Ele sustentou o olhar de Iris... e então desviou os olhos.

CAPÍTULO 15

Ele era um canalha da pior espécie.

Richard tinha consciência disso, mas, ainda assim, voltou-se para a porta. *Poderia* ter dito a verdade. Não havia nenhuma razão para não fazê-lo, a não ser o fato de ser egoísta, covarde e, maldição, apenas queria ter mais alguns dias antes que o desgosto da esposa se convertesse em ódio declarado. Era pedir muito?

– Vou deixá-la a sós – disse secamente.

Se nada tivesse acontecido, se ela não tivesse falado nem uma palavra, ele teria aberto a porta e ido embora. Teria se trancado, com uma garrafa de conhaque, em algum local cujas paredes fossem grossas o suficiente para que ninguém pudesse ouvir seus gritos.

Mas então, justo quando sua mão pressionava a maçaneta para baixo, ele a ouviu sussurrar:

– Eu fiz alguma coisa errada?

A mão dele ficou imóvel. Mas o braço tremia.

– Não sei o que você quer dizer com isso.

Porém, é claro que ele sabia.

– É que... eu...

Richard se obrigou a se virar. Meu Deus, como *doía* vê-la assim, tão constrangida e magoada. Iris não conseguia formular a frase. Se ele fosse um homem de verdade, encontraria alguma forma de evitar que ela se humilhasse tanto.

Ele engoliu em seco várias vezes, procurando palavras que, tinha certeza, não seriam suficientes.

– Você é tudo o que eu poderia desejar em uma mulher.

Mas os olhos de Iris demonstraram desconfiança.

Ele suspirou fundo. Não podia abandoná-la daquele jeito. Atravessou o quarto e tomou a mão da esposa. Talvez se a levasse aos lábios, se a beijasse...

– Não! – Ela puxou a mão, a voz tão dura quanto o olhar. – Não consigo pensar direito quando você faz isso.

Sob circunstâncias normais, esse reconhecimento teria sido maravilhoso.

Iris desviou o olhar, fechou os olhos por um segundo, apenas pelo tempo suficiente para balançar um pouco a cabeça.

– Eu não o compreendo – afirmou ela em voz muito baixa.

– E isso é necessário?

– Que tipo de pergunta é essa?

Ele se forçou a dar de ombros, a parecer casual.

– Eu não compreendo ninguém.

Menos ainda a si mesmo.

Ela o encarou por tanto tempo que Richard precisou lutar contra o desejo de se remexer.

– Por que se casou comigo? – perguntou Iris por fim.

– Não acabamos de ter essa conversa?

Os lábios dela se comprimiram, formando uma linha implacável. Iris ficou em silêncio e, após um longo instante, ele se viu obrigado a dizer algo, mas sem olhá-la nos olhos:

– Você sabe por que me casei com você.

– Não. Não sei mesmo.

– Eu a comprometi.

Iris lhe lançou um olhar fulminante.

– Você sabe muito bem que tudo começou muito antes disso.

Ele tentou calcular quanto tempo poderia fingir ignorância.

– Ora, pelo amor de Deus, Richard, não insulte a minha inteligência. Você me beijou naquela noite com o propósito específico de ser visto por minha tia. Você me insulta quando insiste no contrário.

– Eu a beijei porque tive vontade – replicou ele com veemência.

Era verdade. Não toda a verdade, mas, por Deus, era parte dela.

Mas Iris bufou de incredulidade.

– Talvez sim, mas a questão é *por que* queria fazê-lo.

Ele passou a mão pelo cabelo.

– Por que um homem deseja beijar uma mulher?

– Não tenho como saber, não é mesmo? – ela quase cuspiu as palavras. – Meu marido me acha repulsiva.

Richard deu um passo atrás, surpreso. Enfim, sabendo que precisava falar alguma coisa, respondeu:

– Não diga absurdos.

Resposta errada.

Ela arregalou os olhos, ultrajada, e girou nos calcanhares, afastando-se dele.

Porém, ele foi mais rápido e a agarrou pelo pulso.

– Não a acho repulsiva.

Os olhos de Iris se fixaram nele na mesma hora.

– Posso não ter a experiência que você tem, mas sei o que deve acontecer entre marido e esposa. E sei que entre nós não...

– Iris – ele a interrompeu, desesperado para pôr um fim à discussão –, você está transtornada sem motivo.

Os olhos de Iris brilharam com uma fúria gélida quando ela se desvencilhou.

– Não me trate de forma condescendente!

– Não estou tratando.

– *Está*.

Claro que estava.

– Iris... – ele começou a dizer.

– Você gosta de homens? É isso?

Ele ficou boquiaberto e tentou respirar fundo, mas sentia-se sem ar, como se tivesse levado um soco no estômago.

– Porque se você gosta...

– Não! – ele praticamente urrou. – Como você sabe que isso existe?

Iris o olhou bem nos olhos e Richard teve a incômoda impressão de que ela tentava decidir se acreditava nele.

– Conheço uma pessoa – respondeu ela.

– Você *conhece* uma pessoa?

– Bom, eu *sei* de uma pessoa. O irmão de minha prima.

– Eu não gosto de homens – garantiu Richard com firmeza.

– Preferiria que gostasse – murmurou ela, desviando o olhar. – Pelo menos isso explicaria...

– Chega! – rugiu Richard.

Meu Deus, quanto um homem está destinado a suportar? Ele não gostava de homens e sentia *desejo* pela esposa. E muito, para falar a verdade. Se tivesse outra vida, tiraria todas as dúvidas dela, de todas as formas possíveis.

Ele se aproximou. O suficiente para deixá-la desconfortável.

– Você acredita mesmo que a acho repulsiva?

– Eu... Eu não sei.

– Permita-me demonstrar.

Richard tomou o rosto dela entre as mãos e aproximou os lábios, ardendo com toda a tortura que trazia no coração. Passara a semana inteira desejando-a, imaginando cada delícia que faria com ela quando pudesse, afinal, levá-la para a cama. Fora uma semana de autonegação, de suplício, de punição do corpo da forma mais primitiva possível, e ele havia chegado ao limite.

Não podia fazer tudo o que queria, mas, por Deus, ela saberia a diferença entre desejo e desprezo.

Sua boca mergulhou na dela, degustando-a, devorando-a. Era como se cada momento de sua vida se concentrasse nesse único beijo e, se rompesse aquele contato, ainda que só por um instante, até para respirar, tudo desapareceria.

A cama. Era só nisso que conseguia pensar, embora soubesse que seria um erro. Tinha que levá-la para a cama. Precisava senti-la debaixo dele, fundir-se ao corpo dela.

Ela era dele. Ela precisava entender isso.

– Iris – gemeu contra sua boca. – Minha mulher.

Foi conduzindo-a para trás até chegarem à beira da cama. Ela era tão delgada, uma coisinha tão frágil, mas retribuía o beijo com um fogo que ameaçava consumir os dois.

Ninguém mais sabia o que havia debaixo de sua superfície serena. E ninguém jamais saberia, ele prometeu. Ela poderia dar aos outros seu sorriso estonteante ou mesmo um aperitivo de sua inteligência maliciosa e sutil, mas *aquilo*...

Aquilo era dele.

Richard colocou as mãos nas costas dela e as deslizou para a encantadora curva de suas nádegas.

– Você é perfeita – disse ele, tocando sua pele. – Perfeita em meus braços.

A única reação dela foi um acalorado gemido e, com um movimento incrivelmente rápido, Richard levantou a saia dela e a puxou para cima, para que seus quadris ficassem na mesma altura que os dele.

– Enlace-me com suas pernas – ordenou Richard.

Ela obedeceu. Foi quase a sua ruína.

– Você sente isso? – perguntou ele, com voz áspera, pressionando a sua ereção contra Iris.

– Sim – respondeu ela em desespero.

– Sente? Sente de verdade?

Richard podia senti-la meneando a cabeça contra seu corpo, mas não aliviou a pressão até que ela sussurrou uma vez mais:

– Sim.

– *Nunca* mais me acuse de não desejá-la.

Ela recuou. Não os quadris – ele a segurava com muita força para que pudesse fazê-lo. Mas ela recuou a cabeça, apenas o suficiente para obrigá-lo a olhar dentro de seus olhos.

Azuis. Pálidos, mas tão azuis. E tão confusos.

– Você vai poder me acusar de muitas coisas – grunhiu ele –, mas nunca disso.

Richard se jogou com ela na cama, desfrutando do suave ofegar que saiu dos lábios de Iris quando ele desabou sobre ela.

– Você é linda – sussurrou Richard, saboreando a pele salgada debaixo da orelha. – Esplêndida – murmurou, passando a língua por seu pescoço.

Os dentes dele encontraram o fecho forrado de seu corpete e as mãos trabalharam com rapidez, puxando-o para baixo até deixar visível a forma surpreendentemente deliciosa dos seios através da fina seda da camisa. Ele os tomou, acomodando-os em suas mãos, e estremeceu de desejo.

– Você é minha – afirmou Richard, inclinando-se para sugar um mamilo.

Ele a beijou através da seda e, quando isso não era mais suficiente, beijou sua pele, o corpo trêmulo de prazer ao ver o rubor de cereja de seu mamilo.

– Você não é pálida aqui – comentou ele, a língua dançando em círculos maliciosos ao redor do bico.

Ela sussurrou o nome dele, mas Richard apenas riu.

– Você é tão pálida... – disse ele com a voz rouca, passando a mão pela perna de Iris. – Foi a primeira coisa que notei em você. Seus cabelos...

Fez cócegas no ombro de Iris com uma mecha dela.

– Seus olhos...

Inclinou-se, roçando os lábios na têmpora dela.

– Sua pele...

Essas últimas palavras foram ditas com um gemido, porque a pele de Iris, muito suave e branca como leite, estava nua debaixo dele, em marcado contraste com o delicioso bico rosado do mamilo.

– Fico imaginando de que cor você é aqui – murmurou ele, subindo os dedos pela coxa dela.

Iris estremeceu debaixo dele, soltando um suspiro de prazer enquanto ele deslizava um dedo pela abertura íntima onde a perna se encontrava com o quadril.

– O que está fazendo? – sussurrou ela.

Richard abriu um sorriso ávido.

– Estou fazendo amor com você. – Então, impulsionado por certo humor diabólico, deslizou o corpo até que seus lábios quentes roçaram os ouvidos dela. – Pensei que fosse evidente.

Ela deu uma risada surpreendida e ele não pôde deixar de sorrir ao ver sua expressão.

– Não acredito que acabei de rir – comentou Iris, tapando a boca.

– E por que não? Fazer amor é para ser prazeroso.

Ela abriu a boca, mas não emitiu nenhum som.

– *Eu* estou achando prazeroso.

Iris deixou escapar outra risada perplexa.

– Você está? – murmurou ele.

Ela assentiu. Richard fingiu refletir sobre o assunto.

– Não estou muito convencido.

– Não? – perguntou Iris, surpresa.

Ele negou lentamente.

– Você está vestida demais para desfrutar de verdade.

Iris olhou a si mesma. Seu vestido havia sido puxado para baixo e levantado de todas as maneiras possíveis; estava toda desarrumada.

Ele gostou de vê-la assim. Não a queria em um pedestal. Queria-a amassada e mundana, presa debaixo dele e tomada de prazer. Richard levou os lábios à orelha dela.

– Vai ficar ainda melhor.

O vestido já estava aberto; não daria muito trabalho para livrá-la completamente da roupa.

– Isto aqui também tem que sair – avisou ele, agarrando a barra da camisa de Iris.

– Mas você...

– Estou vestido, eu sei – disse ele com uma risadinha. – Vamos ter que fazer algo a respeito.

Ele se sentou, sem sair de cima dela, e tirou o casaco e a gravata. Sem desviar os olhos de seu rosto, Richard a viu umedecer os lábios e morder o lábio inferior, como se estivesse nervosa ou talvez tentando tomar alguma decisão.

– Diga-me o que você quer.

Os olhos de Iris subiram do peito dele ao rosto e desceram outra vez. Richard prendeu a respiração quando os dedos de Iris, trêmulos, alcançaram os botões de seu colete.

– Quero ver você – sussurrou ela.

Cada nervo do corpo de Richard gritava para que arrancasse o resto da roupa, mas ele se obrigou a permanecer imóvel – apenas o peito subia e descia com rapidez. Estava hipnotizado pelas pequeninas mãos da esposa, que tremiam enquanto remexia nos botões da roupa. Ela se demorava muito; poderia simplesmente forçá-los para fora das casas.

– Sinto muito – lamentou-se, tímida. – Eu...

A mão de Richard cobriu a dela.

– Não se desculpe.

– Mas...

– *Não*... – Iris o encarou. Ele tentou sorrir. –... se desculpe.

Juntos, conseguiram desabotoar a camisa e Richard logo a tirou.

– Você é lindo – sussurrou ela. – Nunca vi um homem antes. Não dessa maneira.

– Espero que não – ele procurou brincar, mas, quando os dedos dela pousaram sobre seu peito, sentiu que o ar estava sendo sugado do corpo. – O que você faz comigo – disse Richard, sem fôlego, voltando a cobri-la com o próprio corpo, esperando que ela não percebesse que ele não havia tirado a roupa de baixo.

Não podia. Ele estava muito perto do fogo. Em algum lugar, no canto mais recôndito de sua mente febril, sabia que, se removesse essa última barreira, não sobreviveria.

Ele a possuiria. Ele a faria sua de verdade.

E não podia.

Ainda não.

Mas tampouco podia deixá-la. Ela era a tentação em pessoa, deitada sob ele, mas não era isso que o mantinha preso ali.

Não podia ter o que tão desesperadamente desejava, mas podia dá-lo a ela.

Iris merecia.

E algo dentro dele disse que talvez, só talvez, o prazer dela fosse ser quase tão bom quanto o seu próprio.

Richard rolou até ficar de lado, puxando-a consigo enquanto capturava sua boca com outro beijo ardente. As mãos dela estavam nos cabelos dele, depois nas costas e, enquanto ele beijava seu pescoço, sentiu-a pulsar. Iris estava tão excitada, provavelmente tanto quanto Richard. Ela podia ser virgem, mas, por Deus, ele ia lhe dar prazer.

As mãos dele separaram as pernas dela com suavidade antes de descansar sobre sua parte íntima. Iris ficou rígida, mas Richard era paciente e, depois de um momento de carícias suaves, ela relaxou o suficiente para que ele enfiasse os dedos ali.

– Shhhh – cantarolou Richard, aproximando seu rosto. – Deixe-me fazer isso por você.

Iris assentiu de forma brusca, mas sem dúvida não tinha ideia do que "isso" significava. Era humilhante pensar na confiança que ela depositara nele. Expurgou de sua mente todas as razões pelas quais não a merecia.

Ele a beijava por todo o rosto enquanto os dedos faziam mágica em seu núcleo de prazer. Ela era tão deliciosa, quente, úmida e feminina... Richard estava quase a ponto de explodir, mas ignorou a sensação, beijando-a profundamente antes de sussurrar:

– Você está gostando?

Ela assentiu de novo, os olhos desconcertados pelo desejo.

– Você confia em mim?

– Sim – sussurrou ela.

Ele deslizou por seu corpo, detendo-se em cada seio antes de descer.

– Richard? – A voz dela era apenas um sussurro de pânico.

– Confie em mim – murmurou ele, as palavras mergulhando na pele suave do ventre de Iris.

As mãos dela agarraram os lençóis, mas ela não deteve o sensual progresso do marido.

Então Richard a beijou bem em seu cerne, fazendo amor com os lábios e a língua. As mãos dele se estenderam sobre as coxas dela, mantendo-as no lugar, segurando-a para sua erótica invasão.

Iris começou a se retorcer debaixo dele e Richard a beijou com mais força, deslizando um dedo para dentro e gemendo de desejo ao sentir como os músculos dela o apertavam. Nesse instante, teve que fazer uma pausa para respirar e se acalmar. Quando voltou a beijá-la, ela empurrou o corpo contra o dele, arqueando as costas pela força da sofreguidão.

– Eu não a deixarei – disse ele, sem ter ideia se ela o ouvira.

Abriu ainda mais as pernas de Iris e beijou, chupou e enfiou os dedos, até que ela gritou seu nome e se desmanchou debaixo dele.

E ele ainda a sorveu, mantendo-se colado a Iris, até ela retornar à Terra.

– Richard – disse ela, ofegante, batendo a mão freneticamente na cama. – Richard...

Ele deslizou o corpo ao longo dela, pairando acima para que pudesse contemplar seu rosto vidrado de paixão.

– Por que você fez isso? – sussurrou ela.

Richard deu um sorriso preguiçoso.

– Você não gostou?

– Sim, mas...

Iris piscou rapidamente, impossibilitada de encontrar palavras. Ele se acomodou junto a ela, beijando sua orelha.

– Foi prazeroso?

O peito dela subiu e desceu várias vezes antes que Iris respondesse:

– Foi, mas você...

– Eu achei muito prazeroso – interrompeu ele.

E achara mesmo, embora agora estivesse extremamente frustrado.

– Mas você... você...

Iris tocou a cintura dos seus calções. Ele não sabia se a paixão a deixara sem palavras ou se ela estava muito envergonhada para falar de suas intimidades.

– Shhhh.

Ele levou um dedo aos lábios. Não queria falar sobre isso.

Não queria nem pensar nisso.

Richard a segurou até ela adormecer. Então, deslizou para fora da cama e cambaleou até o próprio quarto.

Não podia dormir na cama dela. Não confiava em si mesmo para despertar em seus braços.

CAPÍTULO 16

Iris acordou um pouco antes do jantar do modo usual: devagar e com as pálpebras pesadas. Sentia-se maravilhosamente lânguida, os membros preguiçosos de sono e por causa de algo mais... algo sensual e prazeroso. Começou a esfregar os pés contra os lençóis, imaginando se alguma vez eles haviam lhe parecido tão sedosos. O ar era doce, com cheiro de flores frescas e de outra coisa, algo mundano e exuberante. Respirou fundo, enchendo os pulmões enquanto rolava de lado e afundava o rosto no travesseiro. Nunca dormira tão bem em toda a vida. Sentia-se...

Seus olhos se abriram de repente.

Richard.

Ela olhou ao redor, movendo a cabeça de um lado para outro. Onde ele estava?

Agarrando o lençol sobre o corpo nu, Iris se sentou e olhou para o canto oposto da cama. Que horas seriam? Quando ele teria saído?

Ficou fitando o outro travesseiro. O que ela achava que iria ver? Uma marca do rosto dele?

O que os dois tinham feito? Ele havia...

Ela havia...

Mas ele definitivamente *não* havia...

Fechou os olhos, agoniada. Não sabia o que estava acontecendo. Não conseguia *entender*.

Richard não consumara a união. Nem mesmo tirara a parte de baixo da roupa. Iris podia ser ignorante em relação ao que se passava na cama de um casal, mas *disso* ela sabia.

Seu estômago roncou, lembrando-a de que se passara muito tempo desde sua última refeição. Meu Deus, estava faminta! Teria perdido a hora do jantar?

Ela olhou na direção da janela, tentando descobrir se era muito tarde. Alguém havia fechado as pesadas cortinas de veludo. Provavelmente Richard, imaginou, pois uma ponta estava virada. Uma criada nunca as fecharia daquela maneira.

Estava escuro lá fora, mas ainda não completamente e... Céus, era melhor se levantar e verificar.

Com um gemido, soltou as beiradas do lençol para envolver o corpo nele. Não sabia *por que* sentia essa estranha compulsão por saber a hora, mas por certo não teria nenhuma resposta se ficasse olhando através de um pequeno triângulo da janela, espiando por trás das cortinas desalinhadas.

Tropeçando na borda do lençol, ela cambaleou até a janela e olhou para fora. A lua resplandecia, não de modo tão intenso, mas refletia um brilho perolado. Quanto tempo teria dormido?

– Eu nem estava cansada – murmurou.

Envolveu o lençol com mais firmeza ao redor do corpo, fazendo uma careta ao se dar conta de como era difícil andar. Mas ela não mudou a posição do lençol – teria sido algo sensato demais. Em vez disso, saiu pulando até o relógio sobre a lareira. Virou-o um pouco para a janela, esperando que o luar o iluminasse. Quase nove e meia. Isso significava que havia dormido por... três horas? Quatro?

Para ter certeza, precisaria saber quanto tempo passara com Richard, fazendo...

Aquilo.

Ela estremeceu. Não sentia nem mesmo um pouquinho de frio, mas estremeceu.

Precisava se vestir. Precisava conseguir algo para comer e...

A porta se abriu.

Iris gritou.

O mesmo fez a criada, que parou na entrada do quarto.

Mas só uma delas estava embrulhada como uma múmia e o movimento sobressaltado de Iris a fez cair no chão.

– Ah, milady! – exclamou a criada. – Sinto muito, sinto muito.

Ela correu, estendeu a mão e, em seguida, a recolheu, claramente insegura sobre qual seria a conduta apropriada diante da esposa de um baronete quase nua no chão.

Iris fez menção de pedir ajuda, mas acabou mudando de ideia. Recompondo-se com o máximo de desenvoltura possível, encarou a criada

e tentou exibir a expressão mais fria e digna que conseguiu.

Pensou que, naquele momento, parecia-se muito com a mãe.

– Sim? – perguntou ela.

– Ahn... – A criada parecia bastante constrangida e fez uma reverência desajeitada. – Sir Richard mandou perguntar se a senhora deseja jantar em seu quarto.

Iris assentiu de forma majestosa.

– Seria maravilhoso, obrigada.

– Tem alguma preferência? A cozinheira fez peixe, mas, se não for de seu agrado, ela pode preparar outra coisa. Pediu-me que dissesse isso à senhora.

– Desejo o que sir Richard escolheu.

Ele já devia ter jantado havia uma hora e Iris não queria forçar o pessoal da cozinha a cozinhar outro prato só para satisfazer seus caprichos.

– Imediatamente, milady.

A criada fez outra mesura e quase saiu correndo do quarto.

Iris suspirou, mas logo começou a rir. Ora, o que mais poderia fazer? Calculou que, em cinco minutos, todos na casa ficariam sabendo daquele tombo humilhante e das vestimentas ridículas. Exceto seu marido, é claro. Ninguém se atreveria a dizer nada sobre isso a *ele*.

Era uma minúscula partícula de dignidade, mas decidiu se apegar a ela.

Dez minutos depois, vestiu uma de suas novas camisolas de seda e a cobriu com um robe menos revelador. Fez uma trança nos cabelos para poder dormir assim que terminasse de comer. Sabia que não adormeceria de imediato, pois acabara de acordar. Mas podia ler. Não seria a primeira vez que passaria metade da noite com um livro e uma vela.

Aproximou-se da mesa de cabeceira para examinar a pilha de livros que havia tirado da biblioteca naquela tarde. Tinha deixado *Miss Truesdale e o Cavalheiro Silencioso* na sala, mas perdera o gosto por arqueiros húngaros.

E pelas patéticas heroínas que passavam o tempo todo tremendo e chorando, perguntando a si mesmas quem viria resgatá-las.

Iris lera mais à frente. Ela sabia o que ia acontecer.

Não, não ia perder mais tempo com a lacrimosa Miss Truesdale.

Pegando os livros um a um, examinou as opções. Outro romance de Sarah Gorely, um pouco de Shakespeare e a história de Yorkshire.

Escolheu o último. Esperava que fosse tedioso.

Porém, assim que se acomodou na cama, ouviu alguém bater à porta.

– Entre! – gritou, ansiosa para se alimentar.

Entretanto, a porta que se abriu não era a que levava ao corredor, mas a que conectava ao outro quarto. E a pessoa que surgiu foi o marido.

– Richard! – guinchou, saltando para fora da cama.

– Boa noite – disse ele, a voz suave como conhaque.

Não que ela bebesse conhaque, mas todos diziam que era suave.

Meu Deus, ela estava nervosa.

– Você está vestido para jantar.

Na verdade, ele estava esplendidamente vestido, com um fino casaco verde-escuro e um colete de brocado amarelo-claro. Agora, ela sabia com certeza que os casacos dele não precisavam de enchimentos. Uma vez, Richard lhe dissera que costumava ajudar os arrendatários nos campos. Ela já não tinha dúvidas.

– E você não – comentou ele.

Iris olhou para seu robe apertado na cintura. Estava mais coberta do que quando usava a maioria de seus vestidos de festa, mas eles não podiam ser tirados apenas puxando-se uma faixa.

– Pensei em comer em meu quarto.

– Eu também.

Ela olhou para a porta aberta atrás dele.

– Em seu quarto – esclareceu Richard.

Iris pestanejou.

– No meu quarto?

– Algum problema?

– Mas você já jantou.

Um canto da boca de Richard se ergueu.

– Na verdade, ainda não.

– Já passa de nove e meia – balbuciou ela. – Por que não jantou?

– Estava esperando você – explicou ele, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

– Ah. – Ela engoliu em seco. – Não precisava fazer isso.

– Eu quis esperar.

Iris abraçou o próprio corpo, sentindo-se estranha, como se tivesse que proteger a si mesma ou cobrir-se, ou algo assim. Sentia-se bastante desconfortável. Aquele homem a vira nua. É claro que ele era seu marido,

mas, ainda assim, as coisas que havia feito a ela... e a forma como ela reagira...

Iris enrubesceu. Não precisava se olhar no espelho para saber como estava vermelha.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Pensando em mim?

Aquilo foi suficiente para tirá-la do sério.

– Acho que você deveria sair.

– Mas estou com fome.

– Bem, deveria ter pensado nisso antes.

Richard sorriu.

– Vou ser castigado por esperar a minha esposa?

– Não é isso que eu quero dizer, e você sabe muito bem.

– E eu que pensei que estava sendo um cavalheiro ao permitir que você dormisse.

– Eu estava cansada – retrucou ela, ruborizando outra vez, pois ambos sabiam o motivo de seu cansaço.

Iris foi salva por uma batida na porta e, de repente, dois lacaios entraram com uma mesa pequena e cadeiras, seguidos por duas criadas que carregavam bandejas.

– Meu Deus – disse Iris, observando aquela atividade frenética.

Havia planejado levar sua bandeja para comer na cama. Mas, é obvio, não podia fazer isso agora, já que Richard insistia em jantar com ela.

Os lacaios arrumaram a mesa com rápida precisão, dando um passo para trás a fim de permitir que as criadas trouxessem a comida. O aroma era divino e, quando todos saíram, o estômago de Iris roncou.

– Um momento – murmurou Richard, aproximando-se da porta e olhando para o corredor. – Ah, aqui está. Obrigado.

Quando voltou para dentro do quarto, segurava um vaso alto e estreito.

Com uma única flor de íris.

– Para você – falou ele com suavidade.

Os lábios dela tremiam.

– Onde você... Não estão na época de florescer.

Ele deu de ombros e, por uma fração de segundo, pareceu um pouco apreensivo. Mas isso não podia ser verdade; Richard nunca ficava tenso.

– Há algumas poucas se a pessoa souber onde procurar.

– Mas está...

Iris se deteve, boquiaberta. Olhou para a janela, apesar de as cortinas estarem agora bem fechadas. Era tarde. Ele havia saído na escuridão? Só para pegar uma flor?

– Obrigada.

Muitas vezes era melhor não questionar um presente. Era melhor apenas ficar feliz ao recebê-lo, sem saber por quê.

Richard colocou o vaso no centro da pequena mesa e Iris ficou olhando, hipnotizada, para a flor, com as suaves pétalas roxas e seus finos riscos internos dourados, delicados e brilhantes.

– É linda.

– As íris são lindas.

Os olhos dela passaram da flor para o rosto do marido. Não pôde evitar.

Ele lhe estendeu a mão.

– Venha. Vamos jantar.

Era um pedido de desculpas. Iris percebeu isso em sua mão estendida. Queria saber por que ele estava se desculpando.

Pare, disse a si mesma. *Pare de questionar tudo*. Uma vez na vida ela se permitiria ser feliz sem a necessidade de saber por quê. Estava apaixonada pelo marido, e isso era bom. Ele havia lhe proporcionado um prazer inimaginável na cama. Isso também era bom.

Era suficiente. Tinha que ser.

Iris tomou a mão de Richard. Era grande, forte e cálida, tudo o que uma mão deve ser. *Tudo o que uma mão deve ser?* Deu uma risadinha absurda. Meu Deus, ela estava ficando melodramática.

– O que é tão engraçado? – indagou ele.

Ela balançou a cabeça. Como explicar que a mão dele era tão perfeita?

– Conte-me – pediu Richard, apertando os dedos. – Eu insisto.

– Não.

Ela continuava a balançar a cabeça, os pensamentos tornando sua voz jovial.

– Conte-me – insistiu ele, puxando-a para mais perto.

Iris comprimiu os lábios com força, lutando desesperadamente para não sorrir.

Richard sussurrou ao seu ouvido.

– Eu tenho meios de fazer você falar.

Algo malicioso surgiu dentro dela, algo voraz e luxurioso.

Os dentes dele encontraram o lóbulo da orelha de Iris, mordiscando sua pele macia com suavidade.

– Conte-me, Iris...

– Suas mãos – disse ela, quase sem reconhecer a própria voz.

Richard não respondeu de imediato, mas Iris sentiu o sorriso dele contra a pele.

– Minhas mãos? – perguntou ele.

– Uhum.

Ele pousou as mãos na cintura dela.

– Estas mãos?

– Sim.

– Você gosta delas?

Iris assentiu, então perdeu o fôlego quando ele as deslizou para baixo sobre a curva suave de suas nádegas.

Ele roçou a boca na bochecha de Iris, ao longo de seu pescoço, voltando para o canto dos lábios.

– E do que mais você gosta?

– De tudo.

As palavras lhe escaparam sem aviso prévio. Ela deveria ter ficado envergonhada, mas não foi o que aconteceu. Não conseguia. Não com ele.

Richard deu uma gargalhada plena de um sólido orgulho masculino. Suas mãos se moveram para a frente do corpo dela, agarrando a ponta do nó da faixa que amarrava o robe.

Os lábios dele tocaram a orelha dela.

– Você é o meu presente?

Antes que Iris pudesse responder, Richard puxou o laço com força, fitando-a com um desejo ardente quando o robe se soltou.

– Richard – sussurrou ela.

Mas ele já estava se movendo, deslizando aquelas mãos tão maravilhosas por todo o seu corpo, detendo-se por um angustiante momento em seus seios antes de chegar aos ombros e empurrar o robe para baixo. A peça de roupa caiu no chão como uma nuvem de seda azul pálida.

Iris surgiu diante dele com outra das reveladoras camisolas de seu enxoval. Não era uma peça prática; nem sequer era capaz de aquecê-la durante a noite. Mas não se lembrava de ter se sentido tão feminina, tão desejável e tão ousada em toda a vida.

– Você é tão linda... – murmurou Richard, acariciando de novo o seio dela.

Ele brincava com o mamilo usando a palma da mão, movendo-a em um círculo lento sobre a seda da camisola.

– Eu...

Ela se interrompeu. Richard a encarou, levantando o queixo até que seus olhos se encontraram. As sobrancelhas dele se arquearam, questionadoras.

– Não é nada – sussurrou Iris.

Ela quase protestara, quase dissera que não era linda. Uma mulher não chegava aos 21 anos sem saber se era ou não bonita. Mas, então, ela refletiu...

Não. *Não*. Se ele a achava linda, ela não iria contradizê-lo. Se ele a achava bela, então ela era – pelo menos naquela noite, naquele quarto.

– Beije-me – sussurrou ela.

Os olhos dele chamejaram, calorosos, e seu rosto se aproximou do dela. Quando seus lábios se tocaram, Iris sentiu um solavanco de desejo no âmago da feminilidade. Ele a beijara naquele lugar apenas algumas horas antes. Deixou escapar um pequeno gemido. O simples pensamento a fez perder as forças.

Mas agora Richard estava beijando seus lábios. A língua varria sua boca, fazendo cócegas na pele sensível do céu da boca, desafiando-a a reagir à mesma altura. Foi o que ela fez, o desejo tornando-a mais audaciosa, e quando ele gemeu e a puxou com mais força contra seu corpo, ela estremeceu. Moveu as mãos até o peito dele e o despiu do casaco.

Queria senti-lo de novo. Era pura luxúria; poucas horas haviam se passado desde aquela primeira vez e Iris já queria levá-lo para a cama, sentir seu peso imobilizando-a contra o colchão.

Isso não podia ser normal, essa necessidade incrível e sublime.

– *Meu* presente – falou ela, estendendo as mãos para sua gravata branca como neve.

Estava amarrada de maneira simples, graças a Deus; não acreditava que seus dedos trêmulos conseguiriam desatar um daqueles nós intrincados que eram muito apreciados pelos dândis de Londres.

Em seguida, concentrou-se nos três botões do colarinho da camisa de Richard. Entreabriu os lábios ao ver surgir o pescoço dele e perceber a velocidade e a força da pulsação.

Ela tocou a pele de Richard, amando a maneira como os músculos dele se contraíam sob seus dedos.

– Você é uma feiticeira – grunhiu ele, tirando a camisa pela cabeça.

Iris se limitou a sorrir, porque se sentia como uma feiticeira, alguém com novos poderes. Na outra vez, havia tocado no peito dele, tateando os músculos rijos, só que não fora capaz de fazer mais nada. Ele agira muito rápido ao fazer tudo aquilo com ela. As mãos dele subiram e desceram por seu corpo, ela perdera o controle e, quando a boca dele cobriu o seu lugar mais privado, Iris saiu de si mesma.

Mas não agora.

Dessa vez, queria explorá-lo.

Ela o ouviu arquejar quando seus dedos seguiram pelo tenso abdômen. Uma fina linha de pelos, escura e nítida, ia do umbigo até a altura dos calções. Quando ela os tocou, ele contraiu todo o ventre, abrindo espaço quase suficiente para que Iris deslizasse a mão por debaixo do tecido.

Ela não prosseguiu, no entanto. Não era tão audaz. Ainda não.

Mas seria. Jurou que seria antes que a noite terminasse.

A comida ficou esquecida, pois Richard a carregou até a cama. Fez com que ela se deitasse – não com rudeza, mas tampouco com brandura – e Iris sentiu um calafrio de contentamento ao se dar conta de quanto ele estava perto de perder o controle.

Encorajada, deixou que sua mão descesse de novo para os calções. Porém, um segundo antes que seus dedos deslizassem sob a cintura da roupa, a mão dele caiu pesadamente sobre a dela.

– Não – disse, rude, mantendo-a parada. E então, antes que ela pudesse fazer alguma pergunta, acrescentou: – Não posso.

Ela sorriu, um demônio ladino enfim despertando em seu interior.

– Por favor – murmurou Iris.

– Eu vou fazê-la sentir-se bem. – Richard moveu a mão livre pela perna dela e apertou sua coxa. – Vou fazê-la sentir-se muito bem.

– Mas eu quero fazer *você* se sentir bem.

Richard fechou os olhos e, por um instante, Iris achou que ele sentia dor. Seus dentes estavam trincados, seu rosto era uma máscara tensa e dura. Iris levantou a mão para alisar a testa de Richard, deslizando os dedos por seu rosto, e ele inclinou a cabeça para aninhá-la na mão dela.

Iris percebeu que ele aquiescia, sentiu um pouco da tensão se aliviar, e a outra mão, que descansava tão perigosamente sobre o ventre de Richard,

meteu-se em suas calças. Ela não chegou muito longe, só sentiu o pelo crespo de seu abdômen. Isso a surpreendeu, embora não soubesse muito bem por quê, e ela mordeu o lábio inferior e ergueu os olhos para ele.

– Não pare aí – gemeu Richard.

Iris não queria parar, mas os calções não tinham pregas, eram justos, deixando pouco espaço para que ela enfiasse a mão inteira. Procurou o fecho e, lentamente, liberou-o.

Ela ofegou.

Aquilo não era igual ao que tinha visto em uma estátua do museu.

Muito do que a mãe dissera começou a fazer sentido.

Iris o encarou com um olhar questionador e ele assentiu bruscamente com a cabeça. Contendo a respiração, ela estendeu a mão e o tocou, com cautela a princípio, retirando-a quando o membro se contraiu sob seus dedos.

Richard se colocou de lado e Iris o acompanhou, só então percebendo que ele ainda estava com as botas.

Ela não se importou. Ele também não demonstrou se importar.

Iris o empurrou até que ele se deitasse de barriga para cima e, então, agachou-se a seu lado e ficou observando. Como aquilo podia ter crescido tanto?

Mais um mistério da vida.

Tocou-o de novo, dessa vez deixando que seus dedos passeassem ao longo da pele surpreendentemente sedosa. Richard sugou o ar e seu corpo se contraiu, mas ela sabia que era de prazer, não de dor.

Ou, se fosse dor, era um tipo de dor prazerosa.

– Mais – gemeu ele, e Iris envolveu com suavidade o membro, olhando para o rosto de Richard, tentando se assegurar de que fazia certo.

Ele tinha os olhos fechados e respirava forte e depressa. Ela moveu a mão só um pouco, mas, antes que pudesse fazer algo, os dedos dele envolveram os dela, levando-a a parar.

Por um instante, Iris pensou que o havia machucado, mas logo sentiu sua mão ser apertada com mais força e se deu conta de que ele lhe mostrava como fazer. Depois de uns poucos movimentos, a mão dele a soltou e ela assumiu o controle, excitada com o poder sedutor que exercia sobre o marido.

– Meu Deus, Iris – gemeu Richard. – O que está fazendo comigo...

Ela mordeu o lábio e sentiu o orgulho inflar. Queria levá-lo ao limite, como ele fizera com ela. Após tantas noites de solidão, queria uma prova de que ele a desejava, de que era mulher o bastante para satisfazê-lo. Richard não seria mais capaz de se esconder atrás de um casto beijo na testa.

– Posso beijá-lo?

Ele abriu os olhos de supetão.

– Como você fez comigo?

– Não – respondeu ele rapidamente, a voz rouca rasgando a garganta. – Não – repetiu, parecendo entrar em pânico.

– Por que não?

– Porque... Porque... – Ele praguejou e se ergueu para se apoiar nos cotovelos. – Porque não vou... não posso...

– Você sentiria dor?

Ele gemeu, fechando os olhos. Dava a impressão de estar angustiado. Iris o tocou outra vez, examinando seu rosto, enquanto seu corpo se sacudia debaixo dela. O som de sua respiração a excitava e ele parecia... parecia...

Parecia se sentir como ela. Subjugado.

Richard jogou a cabeça para trás e Iris percebeu o instante em que ele cedeu. A tensão não abandonou seu corpo, mas algo lhe disse que ele estava cansado de lutar contra si mesmo. Encarou-o de novo para ter certeza de que seus olhos ainda se encontravam fechados – por algum motivo, não tinha coragem de fazer aquilo sendo observada –, inclinou-se e beijou de leve a ponta de sua virilidade.

Ele ofegou, o abdômen tenso, mas não a deteve. Encorajada, Iris o beijou de novo, permitindo que seus lábios permanecessem ali por mais tempo. Richard se retorceu e ela se afastou, fitando-lhe o rosto. Ele não abrira os olhos, mas devia ter percebido a hesitação da esposa, porque fez um breve meneio de cabeça e, com apenas duas palavras, fez a alma de Iris exultar:

– Por favor.

Era muito estranho pensar que, havia poucas semanas, ela era a Srta. Iris Smythe-Smith, escondendo-se atrás do violoncelo no terrível recital da família. Seu mundo tinha mudado muito, virado de cabeça para baixo. Era como se ela tivesse aterrissado naquele lugar de repente como lady Kenworthy, na cama com um homem glorioso, beijando-o em uma parte

do corpo que ela nem sequer sabia que existia. Pelo menos não em seu estado atual.

– Como ele faz isso? – murmurou para si mesma.

– O quê?

– Ah, desculpe-me – falou ela, ruborizada. – Não foi nada.

Richard a segurou pelo queixo, forçando-a a olhá-lo.

– Diga-me.

– Eu, bem, estava só imaginando...

Ela engoliu em seco, mortificada, numa situação ridícula. Estava a ponto de beijá-lo outra vez *ali* e se envergonhava de perguntar como tudo funcionava?

– Iris...

A voz dele era como mel quente escorrendo pela pele dela.

Sem encará-lo, Iris gesticulou para o membro ereto.

– Não é assim o tempo todo... – e então acrescentou, só para ter certeza –... certo?

Ele soltou uma risada rouca.

– Ah, Deus, não. Isso me mataria.

Ela piscou, confusa.

– É o desejo, Iris. O desejo faz com que um homem fique assim. Duro.

Ela o tocou com suavidade. Estava de fato duro. Sob a pele fina, estava duro como granito.

– Desejo por você – disse ele, depois admitiu: – Fiquei assim a semana toda.

Iris arregalou os olhos. Permaneceu em silêncio, mas Richard pareceu ler a pergunta em seus olhos.

– Sim – respondeu com uma risadinha autodepreciativa. – Dói.

– Mas então...

– Não é uma dor como a de uma lesão – explicou ele, acariciando o rosto de esposa. – É dor de frustração, de necessidade não satisfeita.

Mas você poderia ter feito amor comigo. As palavras apenas surgiram em sua mente. Obviamente ele achava que a mulher não estava preparada. Talvez pensasse que era cavalheirismo. Mas Iris não queria ser tratada como um frágil adorno. As pessoas pareciam pensar que ela era delicada e vulnerável – talvez por causa de sua cor tão clara, de seu corpo diminuto. Mas ela não era. Nunca fora. Por dentro, era impetuosa.

E estava pronta para provar isso.

CAPÍTULO 17

Richard não sabia se estava no céu ou no inferno.

Sua esposa, com a qual ainda não se deitara corretamente, estava... beijando seu... Por Deus, Iris tinha seu pênis na boca, e o que lhe faltava em habilidade ela compensava com entusiasmo e...

Que diabo ele estava dizendo? Ela não carecia de habilidade. E habilidade faria alguma diferença? Esse era o sonho erótico de todo homem. E ela não era uma cortesã, era sua esposa. Sua *esposa*!

Devia fazê-la parar. Mas não podia, por Deus, não podia. Ansiava por ela havia tanto tempo e agora, enquanto Iris se ajoelhava entre suas pernas, beijando-o da forma mais íntima imaginável, ele estava escravizado pelo desejo. A cada gesto vacilante de sua língua, Richard arqueava as costas e chegava cada vez mais ameaçadoramente perto de se liberar.

– Você gosta assim? – sussurrou Iris.

Ela parecia quase *envergonhada*, mas estava com seu pênis na boca.

Se ele gostava? A inocência da pergunta quase o emasculou. Ela não tinha a mínima ideia do que estava fazendo, não sabia que ele jamais ousaria sonhar que ela se entregasse dessa maneira.

– Richard?

Ele era um animal. Um calhorda. Uma esposa não deveria fazer essas coisas, pelo menos não antes de ser gentilmente iniciada nas peripécias da cama de um casal.

Mas Iris o havia surpreendido. Sempre o surpreendia. E quando levara seu membro à boca, ele perdera qualquer resquício de sanidade.

Nada lhe dera tamanho prazer.

Nunca se sentira tão amado.

Ele gelou. *Amado?*

Não, isso era impossível. Iris não o amava. Ele não merecia.

Então, uma terrível voz interior – que só podia ser de sua indócil consciência – o lembrou de que esse era o seu plano. Usaria a breve lua de mel em Maycliffe para seduzi-la, senão fisicamente, pelo menos fisgando-lhe o coração. Ele tentara levá-la a se apaixonar.

Não deveria ter feito isso. Não deveria nem sequer ter sonhado com isso.

E, entretanto, se ela o amasse... se ela o amasse...

Seria *maravilhoso*.

Fechou os olhos, permitindo que essa sensação tomasse conta dele. Os lábios inocentes da esposa lhe proporcionavam um prazer inimaginável, que se irradiava com uma intensidade elétrica e, ao mesmo tempo, tomava seu corpo com um incandescer tépido, de alegria. Ele se sentia...

Feliz.

Ora, isso era algo que ele não estava acostumado a experimentar na agonia da paixão. Excitação, sim. Desejo, é claro. Mas felicidade?

E foi então que a verdade o golpeou. Não era Iris que estava se apaixonando. *Ele* é que estava.

– Pare! – gritou, a palavra dilacerando sua garganta.

Não podia permitir que ela continuasse.

Iris recuou, olhando-o desconcertada.

– Eu o machuquei?

– Não – respondeu ele às pressas, afastando-se dela antes que mudasse de opinião e se rendesse à furiosa necessidade de seu corpo.

Iris não o machucara. Nem de longe. Mas ele estava prestes a feri-la. Era inevitável. Cada uma de suas atitudes desde o momento em que a vira pela primeira vez no recital...

Tudo fora planejado para alcançar um único resultado.

Como ele poderia deixar que ela se entregasse de forma tão íntima quando sabia o que ia acontecer?

Iris o odiaria. E também odiaria a si mesma por ter feito aquilo, por não ter feito nada além de servi-lo.

– Eu estava fazendo errado? – indagou ela, os olhos azul-pálidos fixos nele.

Bom Deus, Iris era mesmo direta. Essa fora a qualidade que o fizera gostar dela, mas aquele não era um bom momento para exibi-la.

– Não. Não estava... quer dizer...

Não podia contar que Iris havia sido tão perfeita que ele tivera medo de perder o controle. Ela o fizera sentir coisas que jamais imaginara possíveis. O toque de seus lábios, sua língua... o suave sussurro de sua respiração... Tudo fora extraordinário. Richard tinha passado o tempo todo se agarrando aos lençóis para se obrigar a não deitá-la de costas e se enterrar em sua tepidez.

Forçou-se a ficar sentado. Era mais fácil pensar naquela posição, ou talvez fosse apenas uma forma de se distanciar um pouco mais dela. Beliscou o nariz, tentando decidir o que dizer. Iris o olhava como um passarinho perdido, esperando, com uma calma quase sobrenatural.

Ele puxou o lençol, cobrindo sua ereção. Não havia nada que o impedisse de contar a verdade agora, nenhum motivo, a não ser covardia. Seria tanta fraqueza de sua parte querer que ela tivesse, por mais alguns dias, uma boa opinião a seu respeito?

– Não espero que você faça uma coisa assim.

Foi a pior forma de escapar, porém não sabia o que mais poderia dizer.

Iris o encarou com um olhar inexpressivo e franziu ligeiramente a testa.

– Não estou entendendo.

É obvio que não. Ele suspirou.

– A maioria das esposas não faz... – ele gesticulou de forma patética –... *isso*.

Iris enrubesceu no mesmo instante.

– Ah! – exclamou ela, a voz dolorosamente rouca. – Você deve estar pensando... Eu não sabia... Sinto m...

– Pare, *por favor* – implorou ele, tomando-lhe a mão. Não suportaria se ela se desculpasse. – Você não fez nada de errado. Juro. Pelo contrário – disse sem pensar, então se censurou.

Ela saiu da cama de forma desajeitada e ele viu a confusão em seu rosto.

– É apenas... É de mais... Com tão pouco tempo de casados...

Richard deixou que as palavras se desvanecessem. Era a única coisa a fazer. Não sabia como concluir a frase. Meu Deus, ele era um completo imbecil.

– Tudo isso é de mais... – repetiu, esperando que ela não notasse a breve pausa antes que acrescentasse –... para você.

Levantou-se de supetão, praguejando, enquanto abotoava as calças apressadamente. Que tipo de homem ele era? Havia se aproveitado dela da pior maneira. Pelo amor de Deus, ainda tinha as malditas botas calçadas.

Richard fitou a esposa. Os lábios dela estavam entreabertos, inchados pelos beijos recebidos. Mas o desejo desaparecera de seus olhos, substituído por algo que ele não sabia bem o que era.

Algo que não queria identificar. Passou as mãos pelos cabelos e falou:

– Acho melhor eu sair.

– Você ainda não comeu.

A voz dela não demonstrava nenhuma emoção. Ele odiou ouvi-la.

– Não tem importância.

Iris assentiu, mas Richard estava seguro de que nenhum dos dois sabia por quê.

– *Por favor* – sussurrou ele, permitindo-se tocá-la pela última vez. Seus dedos acariciaram suavemente a testa de Iris, em seguida se detiveram no queixo dela. – Por favor, saiba de uma coisa: você não fez nada errado.

Ela continuou em silêncio. Limitou-se a encará-lo, com seus enormes olhos azuis, sem nem demonstrar confusão. Parecia apenas...

Resignada. E isso era ainda pior.

– Não é você – garantiu ele. – Sou eu.

Tinha a sensação de que, a cada palavra, piorava ainda mais a situação, porém não conseguiu se conter. Engoliu em seco, esperando que ela dissesse algo, mas não foi o que aconteceu.

– Boa noite – falou ele, com voz suave.

Fez uma mesura apenas com a cabeça e saiu do quarto. Nunca, em toda a vida, havia se sentido tão mal agindo da forma certa.

Dois dias depois

Richard estava sentado no escritório, bebendo devagar o segundo copo de conhaque, quando viu se aproximar uma carruagem, cujas janelas refletiam o sol da tarde.

Suas irmãs?

Ele tinha enviado uma mensagem para a tia, dizendo que Fleur e Marie-Claire não podiam ficar com ela duas semanas inteiras, mas, ainda

assim, não as esperava já naquele dia.

Pousando o copo na mesa, chegou mais perto da janela para enxergar melhor. Era de fato a carruagem da tia. Fechou os olhos por alguns instantes. Não sabia por que retornavam tão cedo, mas já não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Estava na hora.

Ficou em dúvida se devia recebê-las sozinho ou com Iris, mas, no fim das contas, não fez diferença: Iris o chamou quando ele passou pela sala de visitas onde ela estava lendo.

– Chegou alguma carruagem?

– Minhas irmãs.

– Ah.

E isso foi tudo o que disse: *Ah.* Richard teve a sensação de que logo ela estaria dizendo muito mais.

Ele se deteve à porta, observando-a deixar o livro de lado. Estava acomodada no sofá azul, as pernas dobradas debaixo do corpo, e se demorou um pouco para calçar os chinelos antes de se levantar.

– Estou com uma boa aparência? – perguntou ela, alisando o vestido.

– É claro que sim – respondeu ele distraidamente.

Iris comprimiu os lábios.

– Você está linda – elogiou Richard, admirando o vestido de listras verdes e o cabelo preso com delicadeza. – Perdoe-me. Minha mente está em outro lugar.

Ela pareceu aceitar a explicação e segurou o braço de Richard quando ele o ofereceu. A esposa nem o olhou nos olhos. Não haviam falado sobre o que acontecera no quarto duas noites antes, e pelo visto não o fariam tão cedo.

No dia anterior, quando Iris descera para tomar café da manhã, Richard tinha certeza de que a conversa entre os dois seria formal, se é que iriam se falar. Mas, como sempre, ela o surpreendeu. Ou talvez ele tivesse surpreendido a si mesmo. De qualquer maneira, eles conversaram sobre o tempo, os livros que Iris estava lendo e um problema que os Burnhams enfrentavam com uma inundação em um dos campos. Tudo tinha sido muito tranquilo.

Mas havia algo estranho no ar.

Quando conversavam, ele se sentia quase... cauteloso. Desde que restringissem a conversa a trivialidades, poderiam fingir que nada mudara.

Ambos pareciam saber que, com o passar do tempo, não teriam mais nenhum tema impessoal para discutir, por isso mediam as palavras, poupando-as como se fossem tesouros.

Porém, tudo estava prestes a terminar.

– Não imaginei que chegariam antes de quinta-feira – comentou Iris enquanto se deixava levar.

– Eu também não.

– Por que você está tão sombrio? – indagou ela, após uma breve pausa.

"Sombrio" era uma definição muito otimista.

– Devemos esperá-las na entrada.

Iris assentiu, ignorando o fato de que não obtivera uma resposta, e os dois se dirigiram à porta da frente. Cresswell já estava posicionado no pátio principal, ao lado da Sra. Hopkins e de dois lacaios. Richard e Iris tomaram seus lugares no exato momento em que a carruagem parou, conduzida pelos cavalos de pelo cinza mosqueado que a tia tanto apreciava.

A porta do veículo se abriu e, imediatamente, Richard deu um passo adiante para ajudar as irmãs. Marie-Claire saltou primeiro, dando um leve aperto na mão de Richard enquanto descia.

– Ela está com um humor abominável – avisou, sem preâmbulos.

– Que ótimo – murmurou Richard.

– Você deve ser Marie-Claire – disse Iris, num tom jovial.

Entretanto, sentia-se tensa. Richard percebeu como suas mãos se entrelaçavam com força na frente do corpo. Já notara que ela agia assim quando estava nervosa, para evitar repuxar o tecido do vestido.

Marie-Claire fez uma pequena reverência. Aos 14 anos, já era mais alta que Iris, mas seu rosto ainda era arredondado como o de uma criança.

– Sou eu, sim. Por favor, perdoe-nos por voltar tão cedo. Fleur não estava se sentindo muito bem.

– Não? – indagou Iris, espiando pela porta entreaberta da carruagem. Não havia sinal de Fleur.

Marie-Claire olhou para Richard sem que Iris percebesse e fez um gesto como se vomitasse.

– Na carruagem? – ele não pôde deixar de perguntar.

– Duas vezes.

Richard fez uma careta, subiu na banqueta junto à porta da carruagem e olhou para dentro.

– Fleur?

Ela estava encolhida em um canto, infeliz e pálida. Tinha mesmo a aparência de quem vomitara duas vezes. E o cheiro também.

– Não quero falar com você.

Que inferno!

– Então vai ser assim?

Ela se virou e os cabelos escuros ocultaram seu rosto.

– Prefiro que um dos lacaios me ajude a descer da carruagem.

Richard beliscou o nariz, tentando aplacar a persistente enxaqueca que em pouco tempo o faria sentir como se a cabeça estivesse enfiada em um torno. Fleur e ele vinham brigando havia mais de um mês. Só existia uma solução aceitável. Ele tinha certeza disso e se enfurecia por ela se negar a aceitar o que devia ser feito.

Ele suspirou, cansado.

– Pelo amor de Deus, Fleur, esqueça sua irritação por um minuto e me deixe ajudá-la. O cheiro aqui dentro está horrível.

– Eu não estou irritada.

– Mas está me irritando.

Ela se retraiu diante do insulto.

– Eu quero um lacaio.

– Você vai pegar a minha mão – replicou ele, entre os dentes.

Por um momento, pensou que a irmã ia se jogar pela porta do outro lado só para aborrecê-lo, mas ela devia ter conservado pelo menos um resquício do bom senso de outrora, já que o encarou e grunhiu “Está bem”. Com uma intencional falta de graça, Fleur deu um tapa na mão dele em vez de apenas pousá-la e lhe permitiu ajudá-la a sair da carruagem. Iris e Marie-Claire estavam lado a lado, fingindo não observar a cena.

– Fleur – disse Richard, em um tom ameaçador –, gostaria de lhe apresentar minha esposa, lady Kenworthy.

Fleur olhou para Iris. Houve um silêncio desagradável.

– É um prazer conhecê-la – falou Iris, estendendo-lhe a mão.

A cunhada não a pegou. Pela primeira vez na vida, Richard quase bateu em uma mulher.

– *Fleur* – repreendeu ele.

Pressionando os lábios de maneira desrespeitosa, a irmã fez uma reverência.

– Lady Kenworthy.

– Por favor – pediu Iris, olhando nervosamente para Richard antes de se voltar para a jovem. – Espero que me chame de Iris.

Fleur lhe lançou um olhar fulminante e logo se virou para Richard.

– Não vai dar certo.

– Não faça isso aqui, Fleur.

Ela sacudiu o braço em direção a Iris.

– Olhe só para ela!

Iris deu um pequeno passo para trás. Richard teve a sensação de que ela nem sequer havia percebido o que fizera. Seus olhos se encontraram: ela, desconcertada; ele, exausto. Sem enunciar nenhuma palavra, pediu à esposa que não perguntasse nada – não ainda.

Mas Fleur ainda não terminara.

– Eu já tinha avisado...

Richard a agarrou pelo braço e a arrastou para longe dos outros.

– Este não é o momento nem o lugar.

A irmã o encarou com rebeldia e se desvencilhou.

– Estarei em meu quarto, então – disse, e saiu andando a passos largos em direção à casa.

Porém, Fleur tropeçou no primeiro degrau e só não caiu porque Iris saltou para a frente e a amparou.

Por um momento, as duas permaneceram paralisadas, como se fossem uma pintura. Iris manteve a mão no cotovelo de Fleur, quase como se percebesse que a jovem estava abalada havia semanas e precisava de algum tipo de contato humano.

– Obrigada – disse Fleur, de má vontade.

Iris recuou, voltando a entrelaçar as mãos.

– Por nada.

– Fleur – falou Richard, autoritário.

Não era um tom que costumava usar com as irmãs. Talvez devesse usar mais.

Lentamente, ela se virou.

– Iris é minha esposa. Maycliffe é a casa dela, tanto quanto é nossa.

Os olhos de Fleur se encontraram com os dele.

– Eu nunca deixaria de perceber sua presença aqui. Pode ter certeza.

E então Richard fez algo muito estranho: estendeu o braço e tomou a mão de Iris. Não para beijá-la, não para conduzi-la a algum lugar.

Apenas para segurá-la. Para sentir seu calor.

Os dedos da esposa se entrelaçaram aos dele e Richard os apertou com mais força. Ele sabia que não a merecia. Fleur também. Mas, naquele momento horroroso, com toda a sua vida desmoronando ao redor, ia segurar a mão de Iris e fingir que ela jamais a recolheria.

CAPÍTULO 18

Durante grande parte da vida, Iris havia feito a opção consciente de manter a boca fechada. Não porque não tinha nada a dizer: se a colocassem em uma sala cheia de primos, passaria a noite inteira falando. Uma vez, o pai tinha dito que ela era uma estrategista nata, sempre dois passos à frente, e talvez por isso Iris sempre valorizara a escolha do *momento* certo para se pronunciar. Nunca, entretanto, se vira sem palavras. Atônita, não conseguia formular uma frase completa, muito menos verbalizá-la.

Agora, enquanto observava Fleur Kenworthy desaparecer dentro de Maycliffe, com a mão de Richard ainda surpreendentemente entrelaçada à sua, tudo o que Iris podia pensar era: *O que raios está acontecendo?*

Ninguém se moveu pelo menos durante cinco segundos. A primeira a reagir foi a Sra. Hopkins, que balbuciou algo sobre se certificar de que o quarto de Fleur estava pronto e se apressou a adentrar a casa. Cresswell também tratou de se retirar de maneira rápida e discreta, encorajando os lacaios a acompanhá-lo.

Iris se manteve imóvel; só seus olhos iam de Richard para Marie-Claire.

Mas que diabo acabara de acontecer?

– Sinto muito – lamentou-se Richard, liberando a mão dela. – Em geral, Fleur não é assim.

Marie-Claire bufou.

– Seria mais exato dizer que ela *nem sempre* é assim.

– Marie-Claire – censurou Richard.

Ele parecia esgotado, pensou Iris. Completamente destroçado.

Marie-Claire cruzou os braços e encarou o irmão com um olhar sombrio.

– Fleur tem estado insuportável, Richard. *Insuportável.* Até tia Milton perdeu a paciência com ela.

Richard se voltou bruscamente para a irmã.

– Ela...

Marie-Claire balançou a cabeça. Richard suspirou.

Iris continuou observando tudo. E escutando. Algo estranho se desenrolava, algum tipo de comunicação oculta sob aquelas trocas de olhares e encolhimentos de ombros.

– Eu não o invejo, meu irmão. – Marie-Claire olhou para Iris. – Nem a você.

Iris se sobressaltou. Já quase achava que haviam se esquecido de sua presença.

– Sobre o que ela está falando? – perguntou a Richard.

– Nada.

Bom, *isso* era claramente uma mentira.

– E nem me invejo, para falar a verdade – prosseguiu Marie-Claire. – Sou obrigada a compartilhar o quarto com ela. – A jovem gemeu de maneira dramática. – Vai ser um ano bem longo.

– Agora não, Marie-Claire – advertiu Richard.

Os irmãos se fitaram de um modo que Iris não soube interpretar. Tinham os mesmos olhos, a mesma forma de estreitá-los quando queriam frisar algo importante. Fleur também, embora os dela tivessem um tom esverdeado; já os de Richard e Marie-Claire eram castanho-escuros.

– Seu cabelo é lindo – elogiou Marie-Claire de repente.

– Obrigada – disse Iris, tentando não demonstrar surpresa diante da brusca mudança de assunto. – O seu também.

Marie-Claire deu uma risadinha.

– Não é, não, mas você é muito amável por falar isso.

– É igual ao do seu irmão – comentou Iris, lançando um olhar mortificado a Richard quando se deu conta do que dissera.

Ele a olhava de forma estranha, como se não soubesse o que fazer com aquele elogio acidental.

– Você deve estar exausta depois dessa viagem – falou Iris, tratando de salvar o momento. – Não gostaria de descansar?

– Ahn... sim. Acho que sim, embora não tenha certeza de que meu quarto seja um lugar muito tranquilo neste momento.

– Vou conversar com ela – afirmou Richard, sombrio.

– Agora? – perguntou Iris.

Quase sugeriu que ele esperasse até Fleur se acalmar, mas o que ela sabia sobre a cunhada? Não fazia a mínima ideia do que estava acontecendo. Havia quinze minutos lia tranquilamente um romance. Agora, parecia viver um folhetim.

E ela era a única personagem que devia desconhecer o enredo.

Richard olhou para a casa com uma expressão severa. Iris viu seus lábios se comprimirem de forma intimidante.

– Não há outro jeito – murmurou.

Ele entrou, deixando Iris e Marie-Claire sozinhas.

Iris pigarreou. Tudo aquilo era constrangedor. Abriu um sorriso para a cunhada, do tipo em que os dentes não aparecem, mas que não é de todo falso porque, na verdade, a pessoa está *tentando* ser simpática.

Marie-Claire sorriu da mesma maneira.

– O dia está muito bonito – comentou Iris.

– Sim.

– Ensolarado.

– Sim.

Iris se deu conta de que estava balançando o corpo para a frente e para trás. Obrigou-se a parar. Que diabo ela deveria falar?

Contudo, no fim, não teve que dizer nada, pois Marie-Claire se virou e a olhou com uma expressão que Iris temeu ser de pena.

– Você não sabe, não é verdade? – perguntou em voz baixa.

Iris negou. Marie-Claire olhou por sobre o ombro da nova lady Kenworthy, observando o nada, antes de se voltar para a cunhada.

– Sinto muito.

Em seguida, também entrou na casa.

E Iris ficou parada ali.

Sozinha.

– Abra a porta, Fleur!

Richard deu um murro na madeira, alheio à dor que se irradiou pelo braço. Fleur não respondeu, como ele já esperava.

– Fleur!

Nada.

– Não vou sair daqui enquanto você não abrir a porta – grunhiu.

De repente, ouviu passos e uma réplica:

– Então, vou torcer para que você não precise utilizar o urinol!

Richard teve vontade de matá-la. Sem dúvida nenhum irmão mais velho já fora provocado até aquele ponto.

Ele inspirou fundo e soltou o ar lentamente. Nada de positivo resultaria de seu mau humor. Um dos dois tinha que agir como adulto. Flexionou os dedos, empertigou-se e, de novo, cerrou os punhos. Cravar as unhas nas palmas das mãos tinha um efeito calmante, por mais que parecesse estranho.

Calmante. Mas ele não estava calmo, de jeito nenhum.

– Como posso ajudá-la se você não fala comigo? – questionou, com a voz tensa mas controlada.

Não houve resposta.

Richard chegou a pensar em ir até a biblioteca, de onde poderia acessar a escada secreta que levaria ao quarto dela. Mas conhecia muito bem Fleur e imaginou que a irmã já teria pensado nessa hipótese. Não seria a primeira vez que ela bloquearia a porta oculta com a penteadeira. Além disso, saberia o que ele estava pensando em fazer no instante em que abandonasse seu posto atual.

– Fleur! – gritou, batendo à porta com a palma da mão. Dolorido, ele praguejou com fúria. – Vou pegar um serrote e arrancar essa maldita maçaneta!

De novo, nada.

– Eu vou fazer isso! Não duvide!

Silêncio.

Richard fechou os olhos e se apoiou na parede. Estava horrorizado com a triste figura a que fora reduzido, gritando como um louco diante da porta do quarto da irmã. Não queria nem pensar no que os criados estariam comentando lá embaixo. É claro que saberiam que algo estava errado; sem dúvida, cada um teria a própria teoria lúgubre.

Mas ele não se importava, desde que ninguém descobrisse a verdade.

Ou melhor, qual acabaria sendo a verdade.

Odiava-se pelo que tinha que acontecer. Mas que outra coisa podia fazer? Com a morte do pai, ele herdara a responsabilidade de cuidar do bem-estar das irmãs. Só estava tentando proteger Fleur. E Marie-Claire. Como ela podia ser tão egoísta e não enxergar isso?

– Richard?

Ele quase deu um salto. Iris havia se aproximado enquanto ele estava de olhos fechados.

– Desculpe-me – disse ela em voz baixa. – Não pretendia assustá-lo.

Richard conteve uma risada irracional.

– Você é a pessoa que menos me assusta nesta casa, pode acreditar.

Sabiamente, ela não respondeu.

Mas sua presença só trouxe a Richard mais determinação de falar com a irmã.

– Perdoe-me – lamentou-se com a esposa e, mais uma vez, berrou: – Fleur! – Esmurrou a porta com tanta força que a parede tremeu. – Que Deus me ajude, eu vou derrubar esta porta!

– Antes ou depois de serrar a maçaneta? – veio a resposta zombeteira da irmã.

Ele cerrou os dentes e inspirou pelo nariz, trêmulo.

– Fleur!

Iris pousou a mão no seu braço.

– Posso ajudar?

– É um assunto de família – retrucou ele.

Ela retirou a mão e se afastou.

– Perdoe-me – disse de maneira brusca. – Pensei que eu também fizesse parte da família.

– Você a conheceu há três minutos.

Foi um comentário cruel e totalmente desnecessário, mas estava tão furioso que não foi capaz de se controlar.

– Então vou deixar que resolva sozinho – disse Iris com altivez. – Já que está se saindo tão bem.

– Você não sabe nada sobre o que está acontecendo.

Ela estreitou os olhos.

– Um fato do qual tenho plena consciência.

Meu Deus, não podia lutar contra as duas ao mesmo tempo.

– Por favor, tente ser razoável.

Isso era algo que *nunca* se deveria dizer a uma mulher.

– Razoável? Você quer que eu seja *razoável*? Depois de tudo o que aconteceu nos últimos quinze dias, é um milagre que eu ainda tenha alguma lucidez!

– Não acha que está exagerando, Iris?

– Não me trate como se eu fosse idiota.

Ele nem se deu o trabalho de contradizê-la. Com olhos flamejantes, ela deu um passo à frente, ficando quase perto o suficiente para ser tocada.

– Primeiro, você me arrasta para este casamento...

– Eu não a arrastei.

– Foi exatamente o que fez.

– Você não estava se queixando há dois dias.

Ela se encolheu. Ele sabia que havia ido longe demais, mas não tinha mais forças. Não conseguiria se deter agora. Aproximou-se mais, porém ela não se moveu nem um centímetro.

– Na alegria e na tristeza, você é minha esposa.

O tempo parou. Iris retesou o maxilar, contendo a raiva. Richard não conseguia tirar os olhos daquela boca rosada e luxuriosa. Conhecia seu sabor. Conhecia tanto quanto a própria respiração.

Praguejando, ele lhe deu as costas. Que tipo de monstro era? Em meio a tudo aquilo, a única coisa que podia pensar era em beijá-la.

Consumi-la.

Fazer amor antes que ela o desprezasse.

– Quero saber o que está acontecendo! – exclamou Iris, a voz entrecortada pela fúria.

– Neste momento, tenho que lidar com a minha irmã.

– Não, você vai me dizer agora mesmo...

– Eu vou lhe contar quando você precisar saber.

Provavelmente esse momento chegaria nos minutos seguintes, caso Fleur nunca abrisse a maldita porta.

– Tem algo a ver com a razão pela qual se casou comigo, não tem?

Richard se virou para encará-la. Ela estava pálida, mais do que o normal, porém seus olhos chamejavam.

Talvez não estivesse pronto para contar toda a verdade, mas não podia continuar a mentir para ela.

– Fleur! Abra esta maldita...

A porta se abriu de repente, e ali estava a irmã, com os olhos desvairados, tremendo de fúria. Richard nunca a tinha visto daquele jeito. Os cabelos escuros haviam se soltado um pouco dos grampos, formando ângulos estranhos. Suas bochechas estavam muito vermelhas.

Onde estava aquela irmã meiga e dócil que ele um dia conhecera? Pelo amor de Deus, eles costumavam ir a festas juntos.

– Queria falar comigo? – A voz de Fleur destilava desdém.

– Não no corredor – respondeu ele, agarrando-a pelo braço com raiva.

Tentou puxá-la para o quarto que ela dividia com Marie-Claire, mas a menina parecia presa ao chão.

– Ela vem também – exigiu Fleur, meneando a cabeça para Iris.

– *Ela* tem nome – rugiu Richard.

– Desculpe-me. – Fleur se voltou para Iris e tremelicou as pestanas. – Com toda a humildade, solicito a honra de sua presença, lady Kenworthy.

Richard foi tomado pela ira.

– Não fale com ela nesse tom.

– Quer que eu fale como? Como se ela fosse da família?

Richard não confiava em si mesmo para abrir a boca. Arrastou a irmã de volta para o quarto. Iris os seguiu, embora não estivesse muito convencida de que era o certo.

– Vamos ser muito próximas, eu sei – disse Fleur a Iris, com um sorriso repugnante de tão doce. – Você não imagina quanto.

Iris a encarou, apreensiva.

– Talvez seja melhor eu voltar mais...

– Ah, não – interrompeu Fleur. – Você deve ficar.

– Feche a porta – ordenou Richard.

Iris obedeceu e ele apertou mais o braço de Fleur, tentando empurrá-la mais para dentro do quarto.

– Solte-me – sibilou Fleur, tentando se libertar do irmão.

– Você vai se comportar direito?

– Eu sempre me comporto direito.

Isso não era verdade, mas ele a largou. Desprezava o louco no qual ela o estava transformando.

Então, Fleur se virou para enfrentar Iris, com um brilho perigoso no olhar.

– Richard não falou sobre mim?

Iris engoliu em seco e seus olhos se fixaram em Richard antes de enfim responder:

– Alguma coisa.

– Só *alguma coisa*? – Fleur fitou Richard, uma das sobrancelhas arqueada de modo sarcástico. – Você omitiu todas as partes boas, não é verdade?

– Fleur...

Mas a irmã já havia voltado sua atenção para Iris.

– Por acaso meu irmão lhe contou que estou grávida?

Richard sentiu o coração falhar. Lançou um olhar desesperado para Iris. Ela estava mais pálida ainda. Ele queria correr até a esposa, abraçá-la e protegê-la, mas sabia que, se ela precisava de proteção contra alguém, era exatamente contra ele.

– Logo vai ficar aparente – continuou Fleur, fingindo decoro de forma debochada. Ela alisou o vestido, pressionando o tecido rosa-pálido contra o ventre. – Não será lindo?

– Pelo amor de Deus, Fleur, você não tem nenhum discernimento?

– Não – disse Fleur com impertinência. – Agora sou uma mulher perdida.

– Não diga isso – vociferou Richard.

– E por que não? É verdade. – Fleur se voltou para Iris. – Você não teria se casado com ele se soubesse da miserável irmã perdida, teria?

Iris meneava a cabeça em pequenos movimentos para trás e para a frente, como se não pudesse acreditar.

– Você sabia disso? – perguntou a Richard. Em seguida, ergueu a mão, quase como se quisesse afastá-lo. – Ora, é claro que sabia.

Richard deu um passo adiante, tentando encontrar seu olhar.

– Iris, preciso lhe dizer uma coisa.

– Tenho certeza de que vamos encontrar uma solução – replicou Iris, sua voz adquirindo um tom estranho, quase frenético. Olhou para Fleur, olhou para o armário, olhou para todos os lugares, menos para o marido. – Sem dúvida essa não é uma boa situação, mas você não é a primeira jovem que se encontra nesta circunstância e...

– Iris – interrompeu Richard em voz baixa.

– Você vai ter o apoio da família – disse ela a Fleur. – Seu irmão a ama. Eu sei disso e sei que você também o ama. Vamos pensar em alguma coisa. Sempre se pode fazer algo.

– Nós já pensamos em algo, Iris.

Enfim, Iris o encarou.

– Por que você se casou comigo, Richard? – sussurrou ela.

Era hora de dizer a verdade:

– Você vai fingir estar grávida, Iris. E vamos criar o bebê de Fleur como nosso filho legítimo.

CAPÍTULO 19

Iris olhou fixamente para o marido, com uma crescente incredulidade. Sem dúvida ele não queria dizer... Ele jamais...

– Não.

Não, ela não faria isso. *Não*, ele não podia lhe pedir uma coisa dessas.

– Acho que você não tem escolha – retrucou Richard, sombrio.

Iris o encarou, boquiaberta.

– Não tenho *escolha*?

– Se não fizermos isso, Fleur estará arruinada.

– Acredito que ela já conseguiu isso sem a nossa ajuda – rebateu Iris antes que pudesse pensar melhor.

Fleur soltou uma gargalhada áspera, parecendo se divertir com o insulto de Iris, mas Richard deu um passo à frente com um olhar enfurecido.

– Você está falando da minha irmã.

– E você está falando *com* a sua mulher!

Horrorizada pela nota de agonia na própria voz, Iris levou a mão à boca e virou o rosto. Não podia encará-lo. Não agora.

Sempre soube que ele estava ocultando algo. Mesmo quando se apaixonava e tentava convencer a si mesma de que tudo não passava de imaginação, sabia que havia uma razão por trás do casamento apressado. Mas nunca cogitara algo assim. Não conseguiria.

Era uma loucura e, entretanto, explicava tudo. Desde o matrimônio precipitado até a recusa de Richard em consumá-lo... tudo fazia um perfeito e medonho sentido. Por isso precisava encontrar uma noiva tão depressa. E, é claro, não podia se arriscar a engravidar Iris antes que Fleur tivesse o bebê. Iris gostaria de vê-lo explicar *isso*.

Teriam que alegar que Iris tinha dado à luz um mês – ou até dois – antes do tempo. E depois, quando o bebê nascesse perfeitamente sadio e grande, todo mundo assumiria que o casamento fora forçado, que Richard a havia seduzido antes das bodas.

Iris soltou uma risada. Santo Deus, nada poderia ser menos verdadeiro.

– Você acha isso engraçado? – perguntou Richard.

Ela abraçou o próprio corpo na tentativa de conter a dolorosa histeria que se avolumava em seu interior. Virando-se para olhá-lo de frente, respondeu:

– Não acho graça nenhuma.

Ele teve o bom senso de não pedir mais esclarecimentos. Iris podia imaginar a fúria de seu olhar.

Depois de alguns instantes, Richard pigarreou.

– Eu sei que a coloquei em uma situação difícil...

Difícil? Ela ficou boquiaberta. Ele queria que ela fingisse uma gravidez e depois declarasse que o filho de outra mulher era seu? E descrevia a situação como *difícil*?

–... mas acho que entenderá que essa é a única solução.

Não. Ela balançou a cabeça.

– Isso não será possível. Tem que haver outra maneira.

– Você acha que essa decisão foi fácil para mim? – retrucou Richard, elevando a voz com exasperação. – Pensa que não levei em consideração todas as alternativas possíveis?

Os pulmões de Iris se contraíram e ela lutou contra a necessidade de aspirar enormes golfadas de ar. Ela não conseguia respirar. Mal podia *raciocinar*. Quem era aquele homem? Era quase um desconhecido quando se casaram, mas pensara que se tratava de uma pessoa boa e honesta. Havia permitido que ele a beijasse da forma mais íntima e nem sequer o *conhecia*.

Chegou a pensar que estava se apaixonando por ele.

E a pior parte era que Richard podia mesmo obrigá-la a fazer o que propunha. Em um casamento, a palavra do homem era a lei, e o dever da esposa era obedecer. Ah, ela poderia correr para a casa dos pais, mas eles acabariam enviando-a de volta a Maycliffe. Ficariam chocados, pensariam que Richard estava louco por elaborar um plano como aquele, mas, ao final, lhe diriam que era seu marido e que, se ele assim achasse, ela deveria cumprir as ordens.

– Você me enganou – sussurrou. – Você criou uma armadilha para que eu me casasse com você.

– Sinto muito.

E provavelmente sentia, mas isso não o desculpava.

E então ela fez a pergunta mais aterradora de todas:

– Por que eu?

Richard empalideceu.

Iris sentiu o sangue abandonar seu corpo e cambaleou para trás, pois a força do silêncio era como um soco no estômago. Ele não precisava dizer nada: a explicação estava bem ali, na cara dele. Richard a escolhera porque *pôde* fazê-lo. Porque sabia que, com um dote tão modesto e uma aparência tão insignificante, Iris não teria pretendentes clamando por sua mão. Uma garota como ela estaria ansiosa para se casar. Uma garota como ela nunca recusaria um homem como ele.

Meu Deus, será que a *investigara*? É claro que sim. Por que Richard teria ido assistir ao recital se não fosse para procurar uma mulher com quem pudesse se casar?

O rosto de Winston Bevelstoke lhe veio de repente à cabeça, apresentando-os com um sorriso ensaiado e cortês. Estaria ajudando Richard a escolher uma noiva?

Iris quase se engasgou com o horror. Richard devia ter pedido aos amigos que elaborassem listas das mulheres mais desesperadas de Londres. E seu nome provavelmente era o primeiro em todas.

Ela havia sido julgada. E tida como digna de comiseração.

– Você me humilhou – acusou Iris, mal conseguindo encontrar a voz.

Ninguém poderia chamar sir Richard Kenworthy de tolo. Ele sabia muito bem o que precisava encontrar em uma noiva: uma pessoa tão patética e grata pela proposta de casamento que o aceitaria sem pestanejar e diria “Sim, é claro” quando ele enfim revelasse a verdade.

Era *isso* que ele pensava dela.

Iris ofegou, pressionando a mão na boca para conter o choro que ameaçava irromper.

Fleur a fitou com um olhar desconcertante antes de dizer ao irmão:

– Você precisava ter contado a verdade antes de pedi-la em casamento.

– Cale a boca – vociferou ele.

– Não a mande calar a boca – exigiu Iris.

– Ah, agora você está do lado dela?

– Bem, ninguém parece estar do *meu*.

– Saiba que avisei a ele que não estava de acordo com o plano – afirmou Fleur.

Iris a encarou de verdade pela primeira vez, para tentar enxergar algo além da menina petulante e histérica que havia descido da carruagem.

– Você enlouqueceu? O que propõe que seja feito? Quem é o pai da criança?

– É óbvio que não é ninguém que você conheça – rebateu Fleur.

– O filho mais novo de um barão local – esclareceu Richard, a voz inexpressiva. – Ele a seduziu.

Iris se voltou para ele.

– Ora, então por que não o obriga a se casar com ela?

– Ele está morto.

– Ah. – Iris sentiu como se tivesse recebido um murro. – Ah. – Ela olhou para Fleur. – Sinto muito.

– Pois eu não – retrucou Richard.

Iris arregalou os olhos, surpresa.

– Ele se chamava William Parnell – continuou o marido. – Era um canalha. Sempre foi.

– O que aconteceu? – perguntou Iris, mas não estava muito segura de querer saber.

Richard a olhou com uma sobrancelha arqueada.

– Caiu de uma varanda, bêbado e agitando uma pistola. Foi um milagre que ninguém se ferisse.

– Você estava lá? – sussurrou Iris, com uma horrível sensação de que ele poderia ter alguma ligação com aquilo.

– É obvio que não. – Ele a encarou, desgostoso. – Havia uma dúzia de testemunhas. Inclusive três prostitutas.

Iris engoliu em seco, desconfortável. O rosto de Richard era uma máscara de desolação.

– Estou contando isso só para que saiba que tipo de homem ele era.

Iris assentiu. Não sabia o que dizer. Não sabia o que *sentir*. Depois de um instante, virou-se para Fleur, recordando a si mesma que ela era sua nova irmã, e lhe tomou as mãos.

– Sinto muito mesmo. – Engoliu em seco, mantendo a voz suave e cautelosa: – Ele a machucou?

Fleur desviou o olhar.

– Não foi dessa maneira.

Richard avançou para a irmã.

– Você está querendo me dizer que permitiu...

– Pare! – protestou Iris, empurrando-o para trás. – Qual é a vantagem de fazer acusações?

Richard deu um breve meneio de cabeça, mas ele e Fleur continuaram a se entreolhar de modo cuidadoso.

Iris engoliu em seco. Odiava ser insensível, mas não fazia ideia da duração atual da gravidez de Fleur – o vestido era largo o bastante para ocultar o início de uma gestação – e pensou que não tinham muito tempo a perder.

– Algum outro cavalheiro se casaria com ela? Alguém que...

– Não vou me casar com um estranho – interrompeu Fleur com veemência.

Eu me casei. As palavras vieram na mesma hora à mente de Iris. Espontâneas e inegavelmente certas.

Richard revirou os olhos com desdém.

– De qualquer maneira, não tenho dinheiro suficiente para comprar um marido.

– Sem dúvida você poderia encontrar alguém...

– Disposto a tomar o bebê como herdeiro no caso de ser um menino? Para isso seria necessário um suborno bem robusto.

– Entretanto, você está disposto a fazê-lo.

Richard estremeceu, mas disse:

– O bebê será meu sobrinho.

– Mas não seu filho! – Iris se afastou, abraçando o próprio corpo. – E nem meu.

– Você não pode amar uma criança que não saia de seu corpo?

A voz dele era baixa, acusadora.

– É obvio que posso. Mas é uma fraude. Está errado. Você sabe que está!

– Desejo que tenha a sorte de convencê-lo – comentou Fleur.

– Ora, pelo amor de Deus, fique quieta! Não vê que estou tentando ajudá-la?

Fleur cambaleou para trás, surpreendida pela demonstração de força de Iris.

– O que vai fazer quando tivermos um menino e seu filho, seu primogênito, não puder herdar Maycliffe porque você já a terá entregado ao sobrinho? – perguntou Iris a Richard.

Ele não disse nada, os lábios comprimidos com tanta força que estavam quase brancos.

– Você negaria ao próprio filho o que lhe é de direito? – pressionou Iris.

– Vou fazer alguns acertos – replicou ele secamente.

– Não existem acertos possíveis! – gritou Iris. – Você não deve ter pensado nisso. Se você proclamar o filho de sua irmã como nosso, não poderá fazer com que um menino mais novo seja seu herdeiro. Você...

– Maycliffe não está vinculada à herança – recordou-lhe Richard.

Iris inspirou fundo, irritada.

– Isso é ainda pior. Você permitiria que o filho de Fleur acreditasse que é seu primogênito e cederia Maycliffe ao irmão mais novo?

– É claro que não – Richard quase sibilou. – Que tipo de homem você acha que sou?

– Sinceramente? Não sei.

Ele se encolheu, mas então continuou a falar:

– Vou dividir a propriedade se for necessário.

– Ah, isso seria justo – disse Iris, falando bem devagar. – Um menino ficará com a casa e o outro com os jardins. Ninguém vai se sentir menosprezado.

– Pelo amor de Deus, cale a boca!

Iris ofegou, estremecendo diante do tom de voz do marido.

– Eu não teria dito isso se fosse você – comentou Fleur.

Richard grunhiu algo para a irmã; Iris não soube distinguir o quê. Fleur deu um passo atrás e os três ficaram paralisados, como num quadro inquietante, até que ele inspirou alto e disse, com uma voz sem emoção:

– Viajaremos todos à Escócia na semana que vem. Para visitar uns primos.

– Não temos primos na Escócia – replicou Fleur.

– Agora temos.

A irmã o encarou, como se ele tivesse enlouquecido.

– Acabamos de descobri-los em nossa árvore genealógica – completou Richard, com uma alegria falsa o bastante para indicar que estava inventando tudo. – Hamish e Mary Tavistock.

– Agora você está criando parentes? – zombou Fleur.

Ele ignorou o sarcasmo da irmã.

– Você vai desfrutar tanto da companhia deles que vai decidir ficar lá. – Deu um sorriso forçado. – Por vários meses.

Fleur cruzou os braços.

– Não mesmo.

Iris encarou Richard. A dor vívida em seus olhos era demais para ela suportar. Por um instante, quis correr até ele, pousar a mão em seu braço e consolá-lo.

Mas não. *Não*. Ele não merecia. Mentira para ela e a enganara da pior maneira possível.

– Não posso ficar aqui – afirmou Iris de repente.

Ela não podia permanecer naquele quarto. Não podia olhar para ele. Nem para a cunhada.

– Você não vai me abandonar – rebateu Richard.

Ela se virou, não muito segura de que conseguia disfarçar a incredulidade. Ou o desprezo.

– Vou para o meu quarto – disse lentamente.

Ele ficou perplexo. Estava envergonhado. Ótimo.

– E não quero ser incomodada – acrescentou ela.

Nem Richard nem Fleur falaram uma única palavra.

Iris caminhou até a porta e a escancarou. Deparou com Marie-Claire, que tropeçou nos próprios pés enquanto saltava para trás, tentando parecer que não escutava descaradamente atrás da porta.

– Boa tarde – disse Marie-Claire com um sorriso rápido. – Estava só...

– Ora, pelo amor de Deus, você já sabe de tudo.

Ela passou pela cunhada sem se preocupar em não esbarrar na moça. Quando chegou ao quarto, não bateu a porta com força. Ao contrário, fechou-a com um cuidadoso clique, a mão permanecendo congelada na maçaneta. Com um estranho distanciamento, viu os dedos começarem a tremer. Então as pernas fraquejaram e ela teve que se apoiar na porta para não cair, deslizando o corpo até o chão, onde se inclinou sobre si mesma e se pôs a chorar.

Só um minuto depois de Iris sair é que Richard se atreveu a olhar para a

irmã.

– Não ponha a culpa disso em mim – disse Fleur, sem muito entusiasmo. – Não pedi nada disso.

Richard tentou não responder. Estava extremamente cansado de discutir. Entretanto, não conseguia visualizar mais nada além do olhar destroçado de Iris e tinha a terrível sensação de que havia estilhaçado algo dentro dela, algo que nunca poderia consertar.

Sentiu-se enregelar, a fúria quente do último mês substituída por uma geada devastadora. Seus olhos se fixaram duramente em Fleur.

– Sua falta de gratidão me assombra.

– Não fui eu que exigi que ela cometesse uma fraude tão imoral.

Richard trincou os dentes até estremecer. Por que ela não enxergava os fatos racionalmente? Ele estava fazendo de tudo para protegê-la, para lhe dar a oportunidade de uma vida respeitável e feliz.

Fleur lhe dirigiu um olhar desdenhoso.

– Você pensou mesmo que ela ia sorrir e dizer "Como o senhor desejar"?

– Vou lidar com minha esposa quando achar conveniente.

A irmã bufou.

– Meu Deus! Você não tem a mínima... – Ele se interrompeu, passando a mão pelo cabelo enquanto se afastava e se virava para a janela. – Você acha que gosto do que estou fazendo? – questionou, controlando a raiva. Ele se agarrou ao batente com os dedos embranquecidos. – Acha que tive prazer em enganá-la?

– Então não o faça.

– O dano já está feito.

– Mas você pode repará-lo. É só lhe dizer que ela não precisa roubar meu filho.

Richard se voltou de supetão.

– Não é um roubo... – Ele percebeu o olhar de triunfo dela. – Você está se divertindo?

Fleur lhe lançou um olhar pétreo.

– Pode ter certeza de que não estou gostando nada dessa situação.

Ele a encarou longamente. No fundo, ela estava tão magoada quanto Iris. A dor em seu rosto... Ele é que a teria provocado? Não. *Não*. Estava tentando ajudá-la, salvá-la de uma existência arruinada à qual aquele desgraçado do Parnell a havia relegado.

Richard cerrou os punhos. Se o canalha maldito não tivesse morrido, ele mesmo o teria matado. Não, o teria enviado primeiro à igreja com Fleur e *depois* o matado. Pensou em como a irmã era antes, cheia de sonhos e romances. Ela costumava se deitar na grama, perto da estufa, e ler sob o sol. Ela costumava *rir*.

– Ajude-me a entender – pediu Richard. – Por que você resiste? Não percebe que é sua única esperança de uma vida respeitável?

Os lábios de Fleur tremeram e, pela primeira vez naquela tarde, ela pareceu insegura. Richard enxergou o rosto da menina que um dia ela fora e isso partiu seu coração mais uma vez.

– Por que você não pode me estabelecer em algum lugar como se eu fosse uma jovem viúva? Posso ir a Devon. À Cornualha. A algum lugar onde ninguém nos conheça.

– Não tenho dinheiro suficiente para lhe oferecer um lar adequado – respondeu Richard num tom endurecido pela vergonha que lhe causavam as limitações financeiras. – E não vou permitir que viva na pobreza.

– Não preciso de muito. Só uma pequena cabana e...

– Você acha que não precisa de muito. Mas não tem ideia. Passou a vida inteira com criados. Nunca teve que comprar a própria comida ou acender uma lareira.

– *Você* também não.

– Isso não diz respeito a mim. Não seria eu a morar em um casebre cheio de goteiras e me preocupar com o preço da carne.

Fleur desviou o olhar.

– Eu seria aquele que precisaria me preocupar com você – acrescentou ele, numa voz mais suave –, pensar no que você faria quando ficasse doente ou quando se aproveitassem de você, e nem poderia ajudá-la porque você estaria do outro lado do país.

Fleur ficou em silêncio por um bom tempo, então afirmou:

– Não posso me casar com o pai do bebê. E não vou renunciar a meu filho.

– Ele estará comigo.

– Mas não será *meu*! Não quero ser tia dele.

– Você diz isso agora, mas o que vai acontecer daqui a dez anos, quando se der conta de que ninguém vai querer se casar com você?

– Eu sei disso agora – replicou ela, ríspida.

– Se cuidasse da criança sozinha, você seria rechaçada pela sociedade respeitável. Não poderia permanecer aqui.

Ela ficou petrificada.

– Você me abandonaria, então.

– Não – ele se apressou em responder. – Jamais. Mas não poderia mantê-la na casa. Não enquanto Marie-Claire estivesse solteira.

Fleur desviou o olhar.

– A sua ruína é a ruína dela. Tenho certeza de que sabe disso.

– É claro que sei – retrucou ela com veemência. – Por que você acha que eu...

Fleur se interrompeu, comprimindo os lábios.

– Você o quê? – exigiu saber Richard.

Ela balançou a cabeça e, em voz baixa e triste, disse:

– Nunca vamos concordar quanto a isso.

Ele suspirou.

– Só estou tentando ajudá-la, Fleur.

– Eu sei.

Ela o encarou, o olhar cansado, melancólico e, talvez, um pouco ajuizado.

– Eu a amo – falou ele, a voz embargada. – Você é minha irmã. Eu jurei protegê-la. E fracassei. *Fracassei*.

– Você não fracassou.

Richard indicou a barriga ainda lisa da irmã.

– Isso significa que você se entregou a Parnell de livre e espontânea vontade?

– Eu já disse, não foi assim que...

– Eu deveria ter estado aqui para protegê-la, e não estava. Então, pelo amor de Deus, Fleur, me dê a chance de protegê-la agora.

– Não posso ser tia do meu filho – replicou ela, determinada. – Não posso.

Richard esfregou o rosto com a base da mão. Estava muito cansado. Nunca se sentira tão exausto em toda a vida. Conversaria com a irmã no dia seguinte e iria convencê-la.

Caminhou até a porta e disse em voz baixa:

– Não faça nada sem pensar. – Em seguida, acrescentou: – Por favor.

Ela assentiu. Era o bastante. Richard confiava na irmã. Era a coisa mais infernal do mundo, mas confiava.

Ele saiu do quarto, fazendo apenas uma pausa para demonstrar que estava ciente da presença de Marie-Claire no corredor. Ela ainda se encontrava perto da porta, os dedos nervosamente entrelaçados. Richard não entendia por que ela precisara ouvir atrás da porta; grande parte da conversa acontecera num tom bem alto.

– Você acha que devo entrar? – indagou a menina.

Ele deu de ombros. Não sabia. Continuou andando.

Queria conversar com Iris. Queria pegar a mão dela e fazê-la entender que também odiava tudo aquilo, que se arrependia por tê-la enganado.

Mas não estava arrependido de ter se casado com ela. Jamais ficaria.

Deteve-se diante da porta do quarto da esposa. Ela estava chorando.

Queria abraçá-la.

Mas como podia lhe servir de consolo, quando fora ele mesmo que a magoara?

Então, seguiu andando, passou pelo próprio quarto, desceu as escadas. Foi até o escritório e fechou a porta. Olhou o copo meio cheio de conhaque e decidiu que não havia bebido o suficiente.

Esse era um problema fácil de solucionar.

Bebeu o que restava no copo e voltou a enchê-lo, erguendo-o em um brinde silencioso ao diabo.

Queria que todos os seus problemas tivessem soluções tão fáceis assim.

CAPÍTULO 20

Maycliffe nunca estivera tão fria e silenciosa.

No café da manhã do dia seguinte, Richard sentou-se taciturno, os olhos seguindo Fleur, que pegava a comida no aparador. Ela se acomodou de frente para ele, mas não se falaram e, quando Marie-Claire entrou na sala, suas saudações não foram mais que grunhidos.

Iris não desceu.

Richard não a viu o dia inteiro. No momento em que o gongo do jantar soou, ele ergueu a mão para bater à porta do quarto dela, mas ficou paralisado. Não conseguia se esquecer da sua expressão ao saber o que ela deveria fazer, não podia apagar da memória o choro da esposa no quarto.

Sabia que isso iria acontecer. Temia a situação desde o momento em que colocara o anel no dedo de Iris. Mas fora muito pior do que imaginara. A culpa havia sido substituída por um ódio profundo por si mesmo e ele não tinha sequer certeza de que um dia voltaria a ficar em paz.

Ele costumava ser uma boa pessoa. Talvez não a *melhor* pessoa, mas um ser humano essencialmente bom. Certo?

No fim das contas, não bateu à porta. Desceu sozinho até a sala de jantar, parando apenas para instruir a criada a levar a refeição à esposa em uma bandeja.

Iris também não apareceu para tomar o café da manhã no dia seguinte, deixando Marie-Claire com inveja.

– É muito injusto que mulheres casadas possam tomar café na cama e eu não – comentou ela, enfiando a faca na manteiga. – Não tem...

Ela se interrompeu. A expressão de ira de Richard e Fleur era suficiente para silenciar qualquer um.

Na manhã seguinte, ele resolveu conversar com a esposa. Sabia que Iris merecia privacidade depois de tamanho choque, mas ela precisava

entender, melhor do que qualquer um, que o tempo não agia a favor deles. Ele lhe dera três dias; não poderia estender mais o tempo.

Mais uma vez, tomou o café com as irmãs e ninguém disse uma única palavra. Tentava decidir a melhor maneira de abordar Iris, ordenando frases coerentes e persuasivas, quando ela surgiu à porta. Estava usando um vestido azul bem claro – já deduzira que era sua cor favorita – e seu penteado se constituía de uma intrincada mistura de tranças e presilhas. Para falar a verdade, Richard nem sabia como descrevê-lo, porém parecia mais arrumado do que os demais que ela já ostentara.

Percebeu que Iris vestira uma armadura. Não podia culpá-la.

Por alguns instantes, ela ficou parada e, de repente, Richard se levantou, percebendo que apenas a fitava.

– Lady Kenworthy – disse ele com toda a solenidade.

Talvez fosse formal demais, mas as irmãs ainda estavam à mesa e ele não queria que elas pensassem que ele não nutria respeito e consideração pela esposa.

Iris lhe lançou um olhar gélido, fez um ligeiro meneio de cabeça e logo se ocupou com a comida no aparador. Richard a observou colocar uma pequena porção de ovos no prato, acrescentando duas fatias de bacon e uma de presunto. Seus movimentos eram firmes e precisos e ele não pôde deixar de admirar sua compostura quando se sentou e cumprimentou um por um:

– Marie-Claire. Fleur. Sir Richard.

– Lady Kenworthy – falou Marie-Claire, em uma saudação cortês.

Iris não pediu que a chamasse pelo seu primeiro nome.

Richard olhou para o próprio prato. Havia ainda alguns bocados de comida. Embora não sentisse fome, achou que, se Iris estava comendo, deveria fazer o mesmo. Por isso, pegou uma torrada de uma bandeja no centro da mesa e começou a passar manteiga nela, mas com força exagerada, produzindo um som bem alto em meio àquele silêncio avassalador.

– Richard? – murmurou Fleur.

Ele a encarou. Ela olhou de soslaio para a torrada, cujo aspecto era completamente estropiado.

Richard a fitou, irritado, sem nenhum motivo lógico, e deu uma dentada furiosa na torrada. Então, tossiu. Maldição, estava seca demais.

Olhou para baixo. Toda a manteiga que tentara passar ficara grudada na faca, misturada aos farelos.

Com um grunhido, espalhou a manteiga, agora mais macia, e deu outra mordida. Iris o observou com um olhar fixo e desconcertante e, em seguida, disse sem nenhuma inflexão na voz:

– Geleia?

Ele pestanejou, surpreso com o som da voz dela quebrando o silêncio.

– Obrigado – respondeu, pegando o pequeno prato das mãos da esposa.

Não fazia ideia do sabor – viu que se tratava de uma substância avermelhada, por isso provavelmente gostaria –, mas isso não tinha importância. Sem contar o nome dele, aquela era a primeira palavra que haviam trocado em três dias.

Depois de cerca de um minuto, ele já começava a pensar que seria também a única palavra ouvida nos três dias seguintes. Richard não entendia como o silêncio podia gerar diferentes graus de desconforto, mas aquele entre quatro pessoas era infinitamente mais terrível do que o suportado na companhia apenas das irmãs. Um manto gélido se abateu sobre a sala – não enregelante, mas de um humor terrível – e cada batida do garfo contra o prato era como uma rachadura no gelo.

Até que – graças a Deus – Marie-Claire falou. Ocorreu a Richard que talvez ela fosse a única capaz de fazê-lo. Era a única que não estava atuando na farsa macabra em que a sua vida se convertera.

– É agradável vê-la aqui embaixo – disse ela a Iris.

– É agradável estar aqui embaixo – comentou Iris, mal olhando na direção da cunhada. – Estava um pouco enjoada.

Marie-Claire piscou, surpresa.

– Você estava doente?

Iris tomou um pouco do chá.

– De certa maneira, sim.

Pelo canto do olho, Richard viu a cabeça de Fleur se virar, tensa.

– E está bem agora? – perguntou Richard, olhando para Iris, até que ela se viu obrigada a encará-lo também.

– Muito bem. – Ela voltou a atenção à torrada e a pousou de volta no prato, com um movimento estranhamente mecânico. – Se me derem licença... – falou ela, levantando-se.

Richard ficou de pé de imediato e, dessa vez, as irmãs o acompanharam.

– Você não comeu nada – comentou Marie-Claire.

– Temo que meu estômago esteja um pouco incomodado – respondeu Iris, com uma voz que Richard achou bastante contida. Ela colocou o guardanapo sobre a mesa, ao lado do prato. – Acho que é um mal muito frequente nas mulheres em minha condição.

Fleur ofegou.

– Não vão me desejar felicidades? – indagou Iris, sem emoção.

Richard constatou que não podia. Conseguira o que queria – não, não o que *queria*, nunca tinha sido isso. Mas o que planejara. Embora não estivesse feliz, para todos os efeitos Iris acabara de anunciar sua gravidez. As três pessoas ali sabiam muito bem que se tratava de uma mentira, porém, ainda assim, era uma indicação de que faria o que Richard exigira dela. Ele vencera.

Só que não podia felicitá-la.

– Com licença – disse Iris, saindo da sala.

Ele ficou paralisado. E então...

– Espere!

De alguma maneira, Richard recobrou os sentidos ou pelo menos o suficiente para obrigar suas pernas a se mexerem. Atravessou a sala, consciente de que as irmãs estavam boquiabertas, como peixes fora d'água. Ele chamou Iris, mas ela já havia desaparecido. Sua esposa era rápida, pensou com ironia. Ou estava se escondendo dele.

– Querida? – gritou, sem se importar se todos na casa poderiam ouvi-lo. – Onde você está?

Procurou-a na sala de visitas, em seguida na biblioteca. Que inferno! Ele sabia que Iris tinha o direito de dificultar as coisas, porém já estava mais do que na hora de conversarem.

– Iris! Preciso muito falar com você!

Ele ficou parado no meio do saguão, frustrado além de qualquer medida. Frustrado e também extremamente envergonhado. William, o mais jovem dos dois lacaios, estava de pé à porta, observando-o.

Richard fez uma careta, recusando-se a admitir a situação.

Então, William começou a estremecer.

Sir Kenworthy não pôde fazer outra coisa senão olhar.

A cabeça do lacaio começou a se inclinar para a direita.

– Você está bem? – Richard não conseguiu se conter.

– Milady... – disse William em um sussurro audível. – Ela entrou na sala de visitas.

– Ela não está lá agora.

O lacaio pestanejou. Deu uns poucos passos e indicou com a cabeça o cômodo em questão.

– O túnel – acrescentou William, voltando-se de novo para seu senhor.

– O... – Richard franziu a testa, olhando por cima do ombro de William. – Você acha que ela entrou em um dos túneis?

– Não creio que tenha saído pela janela – replicou William. Então, pigarreou e completou: – Senhor.

Richard entrou na sala, o olhar brilhante ao fitar o confortável sofá azul, que havia se tornado um dos lugares prediletos de Iris para ler – não que ela tivesse se aventurado a sair do quarto nos últimos dias. Na parede do fundo, ficava o painel, habilmente camuflado, que escondia a entrada de um dos túneis secretos mais utilizados de Maycliffe.

– Tem certeza de que ela entrou na sala? – perguntou a William.

O lacaio assentiu.

– Então só pode estar no túnel, é verdade. – Richard deu de ombros, cruzando o cômodo em três passos largos. – Obrigado, William – disse, abrindo o fecho oculto sem dificuldade.

– Não foi nada, senhor.

– Mesmo assim – falou Richard, assentindo. Ele espiou para dentro do túnel, piscando em meio à escuridão. Já não lembrava mais como era frio e úmido ali dentro. – Iris?

Era improvável que ela pudesse ter chegado muito longe. Não tivera tempo para acender uma vela, e as trevas se adensavam à medida que a pessoa se afastava da sala.

Entretanto, não houve resposta e Richard acendeu uma vela, colocou-a em um pequeno lampião e entrou na passagem.

– Iris?

Nenhuma resposta ainda. Talvez ela não tivesse ido para ali. Estava zangada, mas não era tola a ponto de se esconder em um buraco escuro só para evitá-lo.

Segurando baixo o lampião para iluminar o caminho, deu um passo adiante, cauteloso. Os túneis de Maycliffe não tinham calçamento de pedra e o chão era áspero e desigual, com rochas soltas e até alguma raiz de

árvore ocasional serpenteando. Teve uma repentina visão de Iris caindo, torcendo o tornozelo ou, pior, batendo a cabeça...

– Iris! – gritou de novo e, dessa vez, viu-se recompensado com um leve ruído, uma mistura de fungada e soluço. – Graças a Deus – sussurrou.

Seu alívio foi tão rápido e repentino que nem conseguiu se lamentar pelo choro que ela tentava ocultar. Dobrou uma esquina estreita e ali estava ela, sentada na terra batida, suja, enrodilhada como uma criança, os braços envolvendo os joelhos.

– Iris! – exclamou, abaixando-se ao seu lado. – Você caiu? Está machucada?

Ela apenas balançou a cabeça, que mantinha enterrada entre os joelhos.

– Tem certeza?

Richard engoliu em seco. Já a encontrara; agora não sabia o que dizer. Quando ela se portara com uma magnificência fria e contida na sala do café, ele poderia ter conversado. Ter lhe agradecido por aceitar ser a mãe do filho de Fleur, ter lhe dito que já era hora de fazerem planos. Pelo menos teria sido capaz de formular algumas *palavras*.

Mas vê-la assim, desamparada e encolhida... sentiu-se perdido. Levou a mão vacilante às costas dela e lhe deu tapinhas, dolorosamente consciente de que não ela não queria consolo do homem que a tornara tão infeliz.

Entretanto, Iris não se afastou e, por alguma razão, Richard se sentiu ainda mais incomodado. Ele colocou o lampião no chão, a uma distância segura, e continuou agachado ao lado dela.

– Sinto muito – lamentou-se, ciente de que não tinha nem ideia do motivo exato de seu pedido de desculpas.

Havia muitas transgressões para escolher apenas uma.

– Eu tropecei – explicou Iris de repente. Ela o encarou com olhos desafiadores. Desafiadores e *secos*. – Eu tropecei. É por isso que estou chateada. Porque tropecei.

– É claro.

– E estou bem. Não me machuquei.

Ele assentiu devagar e lhe estendeu a mão.

– Ainda posso ajudá-la a se levantar?

Por um instante, ela não se moveu. Em meio à luz bruxuleante, Richard viu-a retesar o maxilar antes de pousar a mão na sua.

Ele se levantou, puxando-a junto.

– Tem certeza de que consegue caminhar?

– Já disse que não me machuquei – retrucou ela, mas havia um tom rouco e forçado em sua voz.

Richard permaneceu em silêncio. Pegou o lampião e colocou a mão dela na dobra de seu braço.

– Você prefere voltar para a sala ou passear ao ar livre?

– Ao ar livre – respondeu ela, o queixo trêmulo, mas tentando manter um tom de superioridade. – Por favor.

Richard aquiesceu e a conduziu adiante. Iris não parecia mancar, porém era difícil ter certeza; ela mantinha uma postura muito rígida. Já haviam caminhado juntos muitas vezes durante o breve período que passara a considerar como uma lua de mel, mas nunca a sentira assim, tão frágil, débil.

– É longe? – indagou ela.

– Não. – Ele percebeu que Iris engolira em seco e não gostou nem um pouco. – A saída fica perto da estufa.

– Eu sei.

Richard nem se deu o trabalho de perguntar como ela sabia. Um dos criados devia ter lhe contado; tinha certeza de que ela não havia conversado com nenhuma de suas irmãs. Ele pensara em lhe mostrar os túneis e estava ansioso para fazê-lo. Mas não houvera tempo. Ou talvez não tivesse procurado arranjar tempo.

– Eu tropecei – repetiu ela. – Eu teria saído se não tivesse tropeçado.

– Estou certo de que sim.

Iris parou tão repentinamente que ele quase tropeçou.

– Teria mesmo!

– Eu não estava sendo sarcástico.

Ela fechou a cara e desviou o olhar depressa; Richard soube que sua ira se voltava para si mesma.

– A saída está bem ali – comentou ele e, instantes depois, recomeçaram a andar.

Iris assentiu de modo rígido. Richard a conduziu ao longo do fim do túnel, soltando o braço da esposa para abrir a porta do teto. Ele sempre precisava se agachar naquele trecho. Divertiu-se ao ver que Iris podia ficar de pé no local, o topo da cabeça loura apenas roçando o teto.

– É aí em cima? – perguntou Iris, olhando para a portinhola.

– É num lugar inclinado – respondeu ele, trabalhando no mecanismo de abertura. – De fora, parece ser a porta de um simples depósito.

Ela observou por um momento e indagou:

– É trancada pelo lado de dentro?

Ele cerrou os dentes.

– Pode segurar isto aqui? – perguntou, entregando-lhe o lampião. – Preciso usar as duas mãos.

Iris obedeceu. Richard fez uma careta quando o fecho beliscou seu dedo indicador.

– É meio complicado – comentou, enfim conseguindo destrancar. – Pode-se abrir de qualquer lado, mas é preciso saber como. Não é uma porta comum.

– Eu teria ficado presa – constatou ela, com um vazio na voz.

– Não, não teria. – Ele empurrou a porta, piscando à luz do sol. – Teria dado a volta e se dirigido de novo até a sala.

– Fechei aquela porta também.

– Aquela é mais fácil de abrir – mentiu.

Concluiu que precisaria lhe mostrar como fazê-lo, para sua própria segurança, mas, por enquanto, ele a deixaria pensar que não haveria problema.

– Não sou capaz nem de fugir adequadamente – murmurou ela.

Richard estendeu a mão para ajudá-la a subir os estreitos degraus.

– Era isso que estava fazendo? Fugindo?

– Estava tentando achar a saída.

– Então você fez um bom trabalho.

Iris se voltou para o marido com uma expressão inescrutável e, em seguida, se desvencilhou dele. A intenção parecia ser sombrear os olhos com a mão, mas pareceu um ato de rejeição.

– Você não precisa ser gentil comigo – disse ela, direto ao ponto.

Ele ficou boquiaberto e levou algum tempo para ocultar sua surpresa.

– Não vejo por que não deveria ser.

– Eu não *quero* que seja gentil comigo!

– Você não...

– Você é um monstro!

Iris pressionou o punho contra a boca, mas ainda assim ele ouviu o soluço contido. Com uma voz muito menos intensa, ela acrescentou:

– Por que não age como um monstro e me deixa odiá-lo?

– Não quero que você me odeie – replicou Richard em voz baixa.

– Não cabe a você escolher.

– Não, é verdade.

Ela desviou o olhar, a luz da manhã formando brilhos salpicados nas intrincadas tranças que usava como se fossem uma coroa. Ele a achava tão linda que chegava a doer. Queria se aproximar dela, abraçá-la e sussurrar tolices ao seu ouvido. Queria fazê-la se sentir melhor e ter certeza de que ninguém a magoaria outra vez.

Isso, pensou causticamente, era algo que ele mesmo poderia fazer.

Será que algum dia ela o perdoaria? Ou pelo menos o compreenderia? Sim, o que ele lhe pedira era uma loucura, mas o fizera pelo bem da irmã. Para protegê-la. Dentre todas as pessoas, Iris talvez fosse a única capaz de entender sua atitude.

– Eu gostaria de ficar sozinha agora – pediu Iris.

Richard ficou calado por um momento, então respondeu:

– Se é o que deseja...

Mas ele continuou parado. Queria permanecer só mais um momento ao lado dela, ainda que fosse em silêncio.

Iris o encarou, como se dissesse: “E agora, o que você quer?”

Ele pigarreou.

– Posso acompanhá-la até um banco?

– Não, obrigada.

– Eu gostaria...

– Pare! – Ela se lançou para trás, estendendo os braços como se quisesse se proteger de um espírito maligno. – Pare de ser *gentil*. O que você fez foi imperdoável.

– Não sou um monstro.

– É, sim. Tem que ser.

– Iris, eu...

– Você não entende? Não quero gostar de você.

Richard sentiu um fiapo de esperança.

– Eu sou o seu marido.

Ela deveria gostar dele. Deveria sentir muito mais que aquilo.

– Você só é meu marido porque me enganou – retrucou Iris em voz baixa.

– Não foi bem assim – protestou Richard, embora tivesse acontecido *exatamente* assim. Mas o sentimento havia sido diferente, pelo menos um

pouco. – Você precisa entender... Durante todo aquele tempo... Em Londres, quando eu a estava cortejando... Tudo aquilo que a tornava uma boa escolha era também o que eu gostava muito em você.

– É mesmo? – questionou ela, não com sarcasmo, mas com incredulidade. – Você gostou de mim por causa do meu desespero?

– Não!

Deus do céu, do que ela estava falando?

– Eu sei por que você me escolheu – afirmou ela com veemência. – Precisava de alguém que precisasse ainda mais de *você*. Alguém que pudesse passar por cima de uma proposta estranhamente apressada e estivesse desesperada para lhe *agradecer* por receber um pedido de casamento.

Richard se retraiu. Odiava o fato de que esses pensamentos uma vez tivessem passado por sua cabeça. Não se lembrava de algo específico assim em relação a Iris, mas sem dúvida eles faziam parte de seu plano antes de conhecê-la. Foram a razão pela qual havia comparecido ao recital naquela primeira e fatídica noite.

Tinha ouvido falar das Smythe-Smiths. E *desesperada* foi mesmo a palavra que ouviu.

Desesperada foi a palavra que o levou até Iris.

– Você precisava de alguém que não tivesse que escolher entre você e outro cavalheiro – continuou Iris com devastadora tranquilidade. – Precisava de alguém que tivesse que escolher entre você e a solidão.

– Não – retrucou ele, balançando a cabeça. – Isso não é...

– Mas foi assim! – gritou ela. – Não me diga que...

– Talvez no início. Talvez eu pensasse que era isso que procurava... Não, vou ser honesto, era isso que eu *procurava*. Mas você pode me culpar? Eu precisava...

– Sim! Sim, posso culpá-lo. Eu era perfeitamente feliz antes de conhecer você.

– Era? – indagou ele, com rudeza. – Era mesmo feliz?

– O suficiente. Tinha minha família, meus amigos. E a possibilidade de, um dia, encontrar alguém que...

As palavras se desvaneceram e ela lhe deu as costas.

– No instante em que a conheci – disse ele em voz baixa –, comecei a pensar de outra forma.

– Não acredito em você.

Sua voz era ínfima, mas suas palavras saíram duras e claras.

Ele se manteve parado. Caso se movesse, caso apenas estendesse um dedo na direção dela, não seria capaz de se conter. Queria tocá-la. Desejava-a com tamanho ardor que sentia medo.

Esperou que Iris se voltasse de novo para ele. Não foi o que aconteceu.

– É difícil ter uma conversa com você de costas.

Os ombros de Iris ficaram tensos. Ela se virou de frente para Richard com uma intensidade lenta, os olhos brilhando de fúria. Ele podia ver que a esposa queria odiá-lo. Estava se prendendo a isso. Mas por quanto tempo? Alguns meses? A vida inteira?

– Você me escolheu porque teve pena de mim – acusou.

Richard se esforçou para não se encolher.

– Não foi assim que aconteceu.

– Então como foi? – A voz de Iris se elevou de raiva e seus olhos pareceram, de alguma forma, se escurecer. – Quando me pediu que me casasse com você, quando *teve* que me beijar...

– É exatamente esse o ponto! Eu nem ia *pedir* a você. Nunca pensei que encontraria alguém a quem pudesse propor casamento em tão pouco tempo.

– Ora, muito obrigada – disse ela com uma voz sufocada, ofendida por suas palavras.

– Não foi isso que eu quis dizer – replicou ele, impaciente. – Imaginei que precisaria encontrar a mulher adequada e colocá-la em uma situação comprometedora.

Iris o encarou com tamanha decepção que era quase impossível suportar. Porém, ele continuou a explicar. Tinha que continuar. Era a única maneira de fazê-la entender.

– Não me orgulho disso, mas era o que pensava que devia fazer para salvar minha irmã. E, antes que você pense o pior de mim, eu jamais a teria seduzido antes do casamento.

– É claro que não – falou ela, com uma risada amarga. – Não podia ter a esposa e a irmã grávidas ao mesmo tempo.

– Sim... Não! Quer dizer, sim, é claro, mas não era nisso que eu estava pensando. Meu Deus! – Ele passou a mão pelos cabelos. – Você acha que eu me aproveitaria de uma moça inocente depois do que aconteceu à minha própria irmã?

Ele a viu engolir em seco. Viu que ela lutava contra as próprias palavras.

– Não – respondeu Iris por fim. – Sei que não.

– Obrigado – disse ele, rígido.

Ela lhe deu as costas outra vez, abraçando o próprio corpo.

– Não quero falar com você neste momento.

– Tenho certeza de que não quer, mas você precisa. Se não for hoje, então será em breve.

– Já disse que vou concordar com seu plano infame.

– Não com essas palavras.

Ela se voltou de novo para ele.

– Vai me obrigar a dizer em voz alta? Meu pequeno anúncio no café da manhã não foi suficiente?

– Preciso de sua palavra, Iris.

Ela o olhou fixamente, mas ele não sabia dizer se com incredulidade ou horror.

– Preciso de sua palavra porque confio nela.

Richard se deteve por um momento para deixá-la refletir.

– Você é meu marido – comentou Iris sem emoção. – Vou obedecer.

– Não quero que você... – Ele se interrompeu.

– Então o que você quer? Que eu *goste* dessa situação? Que lhe diga que acredito estar fazendo o certo? Porque isso eu não consigo. Vou mentir ao mundo inteiro, mas não a você.

– Para mim é suficiente que você aceite o bebê de Fleur – respondeu ele, apesar de não ser verdade.

Desejava mais. Desejava tudo, porém nunca teria o direito de lhe pedir.

– Beije-me – ordenou Richard, de maneira tão impulsiva que nem ele mesmo acreditou.

– *O quê?*

– Não vou exigir mais nada de você. Mas, agora, só desta vez, beije-me.

– Por quê?

Ele a encarou sem entender. Por quê? *Por quê?*

– Precisa haver um motivo?

– Sempre há um motivo – retrucou ela com a voz embargada. – Eu fui muito tola por me permitir esquecer disso.

Ele sentiu os próprios lábios se moverem, tentando encontrar palavras em vão. Não tinha uma poesia doce que a fizesse continuar a se esquecer. A brisa da manhã varreu o rosto de Richard, que observou um único cacho de cabelo dela se soltar da trança, rebrilhando à luz do sol como platina.

Como ela podia ser tão adorável? Como ele não havia percebido?

– Beije-me – pediu outra vez, porém agora implorando.

Já não se importava.

– Você é meu marido – repetiu Iris. Seus olhos eram como fogo encarando os dele. – Vou obedecer a você.

Foi o mais duro dos golpes.

– Não diga isso – suplicou.

Ela comprimiu os lábios de modo desafiador.

Richard reduziu a distância entre os dois, sua mão prestes a agarrar o braço da esposa, mas, no último segundo, se deteve. Com suavidade, sem pressa, ele a tocou no rosto.

Iris estava tão rígida que ele achou que poderia se quebrar. E então Richard ouviu – um minúsculo som de respiração, um pequeno soluço de aquiescência, e ela se voltou, permitindo que a mão do marido virasse seu queixo.

– Iris – sussurrou ele.

Ela ergueu os olhos para o marido. Pálidos, azuis e incrivelmente tristes.

Richard não queria magoá-la. Queria apenas acariciá-la.

– Por favor – sussurrou, os lábios sobre os dela com a suavidade de uma pluma. – Deixe-me beijá-la.

CAPÍTULO 21

Beijá-lo?

Iris quase riu. Essa ideia a havia consumido nos últimos dias, mas não daquela maneira. Não com o rosto banhado em lágrimas e empoeirado, não com o cotovelo ferido por ter tropeçado nos próprios pés, porque nem era capaz de fugir com dignidade. Não quando ele não dissera nenhuma palavra de recriminação no túnel e se portava de forma tão irritantemente gentil.

Beijá-lo?

Não havia nada que ela quisesse mais. Ou menos. A raiva era a única coisa que a mantinha de pé e, se Richard a beijasse... se ela o beijasse...

Ele a faria esquecer tudo. E, então, Iris se perderia outra vez.

– Sinto falta de você – murmurou ele, acariciando-lhe o rosto com a mão carinhosa e cálida.

Ela devia se afastar. Embora soubesse disso, não ousava se mexer. Não havia mais nada no mundo além dos dois e da forma como ele a olhava, como se sua vida dependesse de Iris.

Richard era um exímio ator, ela agora sabia. Não a enganara por completo – Iris se orgulhou um pouco de ter percebido que ele escondia algo –, mas atuava tão bem que a levara a pensar que poderia se apaixonar. Por tudo isso, ela sabia que ele estava mentindo agora.

Talvez ele não a quisesse. Talvez tudo o que quisesse fosse a sua complacência.

Porém, Iris não tinha certeza de que isso era importante. Porque ela o desejava. Desejava o toque de seus lábios e o suave roçar da respiração dele sobre a sua pele. Desejava o *momento*. Aquele sagrado e esperado momento antes de se tocarem, quando apenas se encaravam, com atração.

Premência.

Expectativa. Era quase melhor que o beijo. O ar entre eles era carregado e promissor, quente e denso pelo calor da respiração tão próxima.

Iris se manteve imóvel, esperando que ele a abraçasse, que a beijasse e a fizesse esquecer, ainda que só por um momento, que ela era a maior tola do mundo.

Só que ele não fez nada disso. Ficou parado como uma estátua, os olhos escuros fitando os dela. Iris se deu conta de que ele ia obrigá-la a falar. Não a beijaria sem sua permissão.

Até que admitisse seu desejo.

– Não posso – sussurrou.

Ele não disse uma única palavra. Nem mesmo se moveu.

– *Não posso* – repetiu ela, a voz falhando com a frase curta. – Você me tirou tudo.

– Não tudo.

– Ah, sim. – Ela quase achou graça da ironia. – Deixou minha inocência intacta. Muito amável de sua parte.

Ele se afastou.

– Ora, pelo amor de Deus, Iris, você sabe por que...

– Pare. Simplesmente pare. Será que não entende? Não quero conversar sobre isso.

E não queria mesmo. Ele só ficava tentando se explicar e ela não desejava ouvi-lo. Richard diria que não tivera opção, que agia por amor à irmã. Embora talvez fosse tudo verdade, Iris continuava furiosa. Ele não merecia seu perdão. Não merecia sua compreensão.

Ele a humilhara. Não seria dissuadida de sua fúria.

– É só um beijo – insistiu Richard suavemente, mas ele não era nada ingênuo.

É claro que sabia que era mais que um beijo.

– Você roubou a minha liberdade – acusou ela, odiando ouvir como a própria voz estava trêmula de emoção. – Roubou a minha dignidade. Mas não vai roubar o meu amor-próprio.

– Você sabe que não era minha intenção. O que posso fazer para que você entenda?

Iris balançou a cabeça, melancólica.

– Talvez depois... – Ela baixou o olhar para o ventre. – Talvez eu me apaixone pelo bebê de Fleur. E talvez diga que valeu a pena, que foi um

plano de Deus. Mas neste exato momento...

Ela engoliu em seco, tentando encontrar dentro de si a compaixão pela criança inocente no cerne daquela situação. Não seria capaz nem de fazer isso? Ou talvez Iris fosse egoísta, talvez estivesse magoada demais pela manipulação de Richard para refletir sobre o que poderia ser um bem maior.

– Neste instante – disse ela em voz baixa –, é impossível.

Iris deu um passo para trás e sentiu como se rompesse uma corda que antes os atava. Sentia-se poderosa. E infinitamente mais triste.

– Você precisa conversar com sua irmã.

Richard a olhou de relance.

– A menos que você enfim tenha obtido a concordância dela – acrescentou Iris, respondendo a uma pergunta não formulada.

Ele parecia vagamente perturbado pelo fato de ela ter dúvida.

– Fleur não discutiu isso comigo desde que chegou.

– E você acha que isso demonstra aquiescência?

De fato os homens podiam ser muito estúpidos.

Richard franziu a testa.

– Eu não teria muita certeza de que ela mudou sua maneira de pensar – comentou Iris.

Ele lhe lançou um olhar duro.

– Você conversou com ela?

– Você sabe muito bem que não conversei com ninguém.

– Então talvez fosse melhor não especular – replicou ele, com uma voz que Iris achou indevidamente arrogante.

Ela deu de ombros.

– Talvez não.

– Você não conhece Fleur. A interação entre vocês se limitou a uma única conversa.

Iris revirou os olhos. “Conversa” não era bem a palavra que teria usado para descrever a cena horrorosa no quarto de Fleur.

– Não sei por que ela está tão decidida a ficar com o bebê. Talvez seja o tipo de coisa que só uma mãe pode entender.

Ele estremeceu.

– Não falei isso para provocá-lo – informou Iris com frieza.

Os olhos de Richard encontraram os dela e ele murmurou:

– Perdoe-me.

– De qualquer forma, não acredito que você possa se garantir enquanto Fleur não lhe der seu consentimento explícito.

– Ela dará.

Iris arqueou as sobrancelhas, em dúvida.

– Ela não tem outra opção.

Uma vez mais, quanta *estupidez*. Iris lhe dirigiu um olhar de pena.

– É o que você pensa.

Ele a encarou, perscrutando seu rosto.

– Você discorda?

– Já deixei claro que não aprovo seu plano. Mas isso pouco importa.

– O que quero saber é: você acha que ela pode criar o bebê sozinha? – questionou ele, entre dentes.

– Não importa o que acho – rebateu Iris, embora *nisso* ela concordasse com ele.

Fleur estava louca por pensar que suportaria as dificuldades e o desprezo que sofreria como mãe solteira. Quase tão louca quanto Richard por acreditar que faria o filho da irmã passar como seu sem enfrentar muitas tristezas mais tarde. Se fosse uma menina, talvez até desse certo, mas se Fleur tivesse um menino...

Era evidente que precisavam encontrar um marido para ela. Iris ainda não entendia por que ninguém mais parecia entender dessa forma. Fleur se negava a considerar um casamento e Richard continuava a dizer que não havia ninguém adequado. Mas Iris não conseguia acreditar nisso. Talvez não tivessem os recursos para comprar um marido bem-relacionado que estivesse disposto a aceitar seu filho, mas por que ela não poderia se casar com um vigário? Ou um soldado? Ou mesmo um comerciante?

Não era hora para soberba.

– O que importa é o que Fleur pensa, e ela quer ser mãe.

– Que tolice, que mulher tola – disse Richard asperamente, as palavras saindo com um sabor amargo.

– Disso não posso discordar.

Ele a fitou, surpreso.

– Você não se casou com um modelo cristão de caridade e perdão – falou ela, sarcástica.

– Aparentemente não.

Iris ficou em silêncio por um momento, depois afirmou de modo quase respeitoso:

– Ainda vou apoiá-la. E amá-la como a uma irmã.

– Como você ama Daisy? – brincou ele.

Iris apenas o encarou. Em seguida, começou a rir. Ou talvez estivesse apenas bufando. De qualquer maneira, não havia dúvida de que era um som de divertimento. Ela levou a mão à boca, incapaz de acreditar na própria reação.

– Eu amo Daisy – afirmou, pousando a mão no coração. – De verdade.

Um leve sorriso brincou nos lábios de Richard.

– Você tem mais potencial de caridade e perdão do que imagina.

Iris bufou outra vez. Daisy era mesmo inconveniente.

– Se ela lhe deu um motivo para sorrir – continuou ele com suavidade –, então eu também devo amá-la.

Iris o olhou e suspirou. Richard parecia cansado. Seus olhos sempre haviam sido fundos, mas as olheiras estavam agora muito mais pronunciadas. E as dobras nos cantos... as que se formavam de contentamento quando ele sorria... agora eram rugas de exaustão.

A situação também não era fácil para ele.

Ela desviou o olhar. Não queria ser compreensiva.

– Iris, eu só queria... *Maldição*.

– O que foi? – Ela se virou, seguindo o olhar dele em direção à casa. – Ah...

Fleur se aproximava, avançando até os dois com passos raivosos.

– Ela não parece alegre – comentou Iris.

– Não, não parece – concordou Richard em voz baixa, suspirando. Era um som triste, esgotado, e Iris amaldiçoou o próprio coração por sentir pena.

– Como você se atreve! – exclamou Fleur assim que se achava perto o bastante para ser ouvida.

Dois passos a mais e ficou bem claro quem era o alvo de sua acusação.

Iris.

– Que diabo você achou que estava fazendo no café da manhã? – indagou com raiva.

– Comendo – replicou Iris, embora isso não fosse bem verdade.

Ela se sentira tão aterrorizada, sabendo que estava prestes a se comprometer com a maior mentira de sua vida, que mal tocara no prato.

Fleur fechou a cara.

– Você fez o mesmo que anunciar aos quatro ventos que está grávida.

– Foi isso mesmo que eu fiz. Não era o que esperavam que eu fizesse?

– Eu não vou lhe dar o bebê.

Fleur fervia de indignação.

Iris se voltou para Richard com um olhar que claramente dizia “Isso é problema seu”.

Fleur se colocou entre eles, quase cuspindo em Iris de tanta raiva.

– Amanhã você vai anunciar que perdeu a criança.

– Para quem?

Só a família estava na sala quando ela fizera sua enigmática declaração.

– Ela não vai fazer isso – retrucou Richard. – Você não tem nem um pouco de compaixão? Não tem noção de quanto sua nova irmã está abdicando por você?

Iris cruzou os braços. Já era hora de alguém reconhecer seu sacrifício.

– Eu não pedi a ela que fizesse nada – protestou Fleur.

Mas Richard foi implacável:

– Você não está raciocinando com clareza.

Fleur ofegou.

– Você é o sujeito mais condescendente e odioso...

– Eu sou seu irmão!

– Mas *não* é meu guardião.

– De acordo com a lei, sou, sim – rebateu ele, num tom gélido.

Fleur deu um passo para trás, como se tivesse sido golpeada. Entretanto, depois de um tempo, replicou com uma intensidade fervilhante:

– Perdoe-me se eu tiver dificuldades para confiar no seu sentido de dever.

– Que diabo você quer dizer com isso?

– Você nos *abandonou*. Quando papai morreu. Você foi embora.

O rosto de Richard, que estava vermelho de raiva, de repente ficou branco.

– Você mal podia esperar para se livrar de nós duas – prosseguiu Fleur. – O corpo de papai ainda estava quente na tumba e você já tinha nos mandado para longe, para morar com tia Milton.

– Eu não podia cuidar de vocês.

Iris mordeu o lábio, olhando-o com cautelosa preocupação. A voz dele estava trêmula e ele parecia...

Destroçado. Parecia totalmente destroçado, como se Fleur tivesse encontrado a ferida mais profunda e dolorida de sua alma e enfiado o dedo nela.

– Poderia ter tentado – sussurrou Fleur.

– Eu teria fracassado.

Fleur comprimiu os lábios. Ou talvez estivessem trêmulos. Iris não sabia identificar o que ela sentia.

Richard engoliu em seco e vários segundos se passaram antes que dissesse:

– Você acha que me orgulho de meu comportamento? Passei cada momento dos últimos anos tentando compensá-las pelo que fiz. Papai praticamente nos abandonou depois que mamãe morreu. E eu... – Ele praguejou, passando a mão pelo cabelo enquanto se virava para a irmã. Então voltou a falar, a voz menos alterada: – Estou sempre tentando ser um homem melhor do que fui, um homem melhor do que *ele* foi.

Iris arregalou os olhos.

– Sinto-me brutalmente desleal e... – Richard se deteve de repente.

Iris ficou imóvel. Fleur também. Era quase como se a falta de movimento de Richard fosse algo contagioso e todos permaneceram assim, tensos, à espera.

– Isso não tem nada a ver com papai – falou enfim Richard. – E não se trata de mim, tampouco.

– Por isso é que a decisão deve ser minha – retrucou Fleur com brusquidão.

Ah, Fleur, pensou Iris, suspirando. Ela havia colocado as garras de fora justo quando as coisas começavam a se acalmar.

Richard olhou para Iris, viu sua postura abatida e se voltou para a irmã, furioso.

– Olhe só o que você fez.

– Eu? – guinchou Fleur.

– Você mesma. Seu comportamento é de extremo egoísmo. Não percebe que posso ter que entregar Maycliffe ao filho de William Parnell? Tem alguma ideia de como acho isso abominável?

– Você disse que amaria o menino – protestou Iris em voz baixa –, independentemente de sua filiação.

– E vou amá-lo – quase explodiu Richard. – Mas isso não quer dizer que seja fácil. E ela... – ele apontou para a irmã –... não está ajudando.

– Eu não pedi nada disso! – exclamou Fleur.

Sua voz tremia, mas não de raiva. Iris percebeu que ela soava como uma mulher a ponto de se despedaçar.

– Chega, Richard – ordenou Iris de repente.

Ele se voltou para ela, surpreso e irritado.

– O quê?

Iris passou um braço ao redor de Fleur.

– Ela precisa se deitar.

Fleur deixou escapar alguns suspiros e logo desabou contra Iris, soluçando.

Richard ficou estupefato.

– Ela estava gritando comigo – justificou-se ele a ninguém em particular. E, em seguida, a Fleur: – Você estava gritando comigo.

– Vá embora – mandou Fleur, aos soluços, as palavras reverberando pelo corpo de Iris.

Richard olhou para as duas por um longo momento e praguejou baixinho.

– Vejo que agora você está do lado dela.

– Não existem *lados* – retrucou Iris, apesar de não saber se ele se referia a ela ou a Fleur. – Você não percebe? Esta situação é horrível. Para todo mundo. *Ninguém* vai sair dela com o coração intacto.

Seus olhos se encontraram – não, seus olhos se chocaram, e Richard por fim girou nos calcanhares e foi embora. Iris o viu desaparecer, então soltou o fôlego por um tempo, trêmula.

– Você está bem? – perguntou a Fleur, que continuava soluçando em seus braços. – Não, não responda. É claro que não está. Ninguém está.

– Por que ele não me escuta? – sussurrou Fleur.

– Ele acredita que está agindo para o seu bem.

– Mas não está.

Iris inspirou e tentou controlar a voz:

– Sem dúvida ele não está atuando em benefício próprio.

Fleur se afastou e a encarou.

– Nem no seu.

– Sem dúvida não no meu – concordou Iris, com um tom cáustico, na melhor das hipóteses.

A boca de Fleur formou uma linha sombria.

– Ele não entende.

– Eu também não – admitiu Iris.

Fleur levou a mão à barriga.

– Eu o amo. Sinto muito, mas eu *amei* o pai dele. O bebê é fruto desse amor. Não posso renunciar a ele.

– Você o *amava*? – perguntou Iris.

Como era possível? Se metade do que Richard dissera fosse verdade, William Parnell tinha sido uma pessoa medonha.

Fleur olhou para baixo, murmurando:

– É difícil explicar.

Iris se limitou a balançar a cabeça.

– Nem tente. Venha, vamos voltar para a casa?

Fleur assentiu e começaram a caminhar. Depois de alguns minutos, ela disse, sem o mínimo fervor:

– Você sabe que continuo a odiá-la.

– Eu sei – falou Iris, apertando a mão da jovem. – Eu também ainda odeio você às vezes.

Fleur a encarou com uma expressão quase esperançosa.

– É mesmo?

– Às vezes. – Iris se agachou e arrancou uma folha de capim. Segurando-a entre os polegares, tentou fazer uma espécie de apito. – Não quero ficar com o seu bebê.

– Não consigo imaginar por que iria querer.

As duas voltaram a caminhar. Depois de uns cinco passos, Iris indagou:

– Você não vai me perguntar por que o estou querendo, então?

Fleur deu de ombros.

– Não faz muita diferença, faz?

Iris refletiu sobre isso por um momento.

– Não, suponho que não.

– Sei que você tem boas intenções.

Iris assentiu, com ar ausente, mantendo o ritmo da subida.

– Você não vai me dizer o mesmo? – questionou Fleur.

Iris voltou a cabeça bruscamente.

– Que você tem boas intenções?

Fleur pressionou os lábios, demonstrando irritação.

– Suponho que sim – capitulou Iris por fim. – Confesso que acho seus motivos desconcertantes, mas imagino que tenha boas intenções.

– Não quero me casar com um estranho.

– Eu me casei.

Fleur estacou.

– Bom, quase um estranho – concedeu Iris.

– Você não estava grávida de outro homem.

Meu Deus, aquela garota era exasperante.

– Ninguém disse que você deve enganar seu noivo – explicou Iris. – Tenho certeza de que existe alguém que vai ficar feliz em se juntar a Maycliffe.

– E deverei me sentir *grata* pelo resto de minha vida – replicou Fleur, amarga. – Já pensou nisso?

– Não – admitiu Iris em voz baixa. – Não pensei.

Chegaram aos limites do gramado oeste e Iris estreitou os olhos para o céu. Continuava nublado, mas as nuvens estavam menos densas. O sol ainda poderia aparecer.

– Vou ficar aqui fora.

Fleur também olhou para cima.

– Você não quer um xale?

– Acho que sim.

– Posso pedir que uma das criadas lhe traga um.

Era um gesto explícito de amizade.

– Seria ótimo, obrigada.

Fleur assentiu e entrou na casa.

Iris se aproximou do banco e se sentou, esperando que o sol surgisse.

CAPÍTULO 22

Ao cair da noite, Iris estava um pouco mais calma. Havia passado o resto do dia sozinha, sentindo-se apenas um pouco culpada por preferir jantar no próprio quarto. Depois das conversas da manhã com Richard e Fleur, decidiu que ganhara o direito de se abster de conversar por um ou dois dias. Toda aquela situação a deixara exausta.

Entretanto, ela não conseguiu pegar no sono, por mais cansada que estivesse e, em algum momento após a meia-noite, desistiu de tentar, afastou os lençóis e cruzou o quarto, indo até a pequena escrivaninha que Richard trouxera na semana anterior.

Examinou a pequena seleção de livros sobre o móvel. Já lera todos, exceto a história de Yorkshire, já que a obra havia se mostrado teimosamente desinteressante, até mesmo o capítulo sobre a Guerra das Rosas. Não sabia como o autor conseguira transformar o tema em algo tão entediante e Iris nem tentava mais entender.

Carregando os livros, ela calçou as pantufas e andou até a porta. Se fosse à biblioteca na ponta dos pés, ninguém acordaria.

Fazia tempo que os criados haviam se recolhido e tudo estava muito tranquilo. Iris seguiu suavemente, agradecida pelos tapetes que amorteciam os passos. Em casa, conhecia todas as tábuas e dobradiças rangentes. Ainda não tivera oportunidade de saber o mesmo sobre Maycliffe.

Deteve-se por um instante, franzindo a testa. Isso não estava certo. Tinha que parar de pensar na casa dos pais como sua. *Maycliffe* o era agora. Precisava se acostumar.

Achava que começara a senti-la assim, pelo menos um pouquinho. Mesmo com todo o drama – e, céus, havia *muito* drama –, Maycliffe já entrava em seu coração. O sofá da sala de visitas passara a ser *seu* sofá,

não tinha dúvida, e ela se acostumara ao inimitável canto dos pássaros de barriga amarela que se aninhavam perto de sua janela. Iris não sabia qual era a espécie deles, mas sem dúvida não havia aves como aquelas em Londres.

Já se sentia em casa, por mais estranho que parecesse. Em casa ao lado de um marido que não se deitava com ela, uma irmã que a odiava (às vezes) por tentar salvá-la da ruína, e outra irmã que... que...

Iris pensou em Marie-Claire. Na verdade, não havia muito o que dizer sobre ela. Não tinham trocado mais que duas palavras desde aquele primeiro dia. Precisava resolver isso. Seria bom se pelo menos uma das irmãs de Richard não a visse (às vezes) como a reencarnação do demônio.

Após descer a escada, Iris dobrou à direita. Rumou para a biblioteca, que ficava no fim do corredor, depois da sala de visitas e do escritório de Richard, de que ela gostava. Não tivera muitas oportunidades de entrar naquele santuário masculino, mas sabia que era quente e confortável e tinha a mesma vista de seu quarto, para o sul.

Iris parou um instante para segurar melhor o castiçal e estreitou os olhos. Havia uma luz no fim do corredor ou seria apenas sua vela, lançando sombras brincalhonas e enganosas? Permaneceu quieta, prendendo a respiração, e em seguida continuou a caminhar, pisando com muita suavidade.

– Iris?

Ela ficou paralisada. Não havia o que fazer. Forçou-se a avançar e espiou dentro do escritório de Richard. Ele estava sentado em uma cadeira junto à lareira, segurando um copo pela metade com alguma bebida alcoólica.

O marido virou a cabeça em sua direção, os cabelos despenteados.

– Imaginei que pudesse ser você.

– Desculpe-me. Eu o atrapalhei?

– Não, de jeito nenhum – respondeu, sorrindo de seu confortável lugar.

Iris achou que ele estava um pouco bêbado. Era muito incomum ele não se levantar na presença de uma dama.

Também era um pouco esquisito ele estar sorrindo para ela. Depois da maneira como se separaram e todo o resto.

Ela segurou a pequena pilha de livros com mais força contra o peito.

– Ia pegar algo para ler – explicou Iris, fazendo menção de retomar seu caminho até a biblioteca.

– Foi o que pensei.
– Não conseguia dormir.
Ele deu de ombros.
– Eu também não.
– Estou vendo.
Os lábios de Richard se curvaram em um preguiçoso meio sorriso.
– Como somos perspicazes, hein?
Iris soltou uma risada. Era estranho que pudessem recuperar o bom humor, agora que a casa inteira estava dormindo. Ou talvez não fosse tão estranho. Ela passara o dia todo em um estado de espírito contemplativo, desde a inesperada reaproximação com Fleur. Na verdade, continuavam discordando em tudo, mas Iris achou que, apesar disso, tinham sido capazes de encontrar algo bom uma na outra.
Sem dúvida ela seria capaz de encontrar algo parecido em Richard.
– Uma moeda por seus pensamentos – disse ele.
Iris arqueou as sobrancelhas.
– Já tenho muitas moedas, obrigada.
Ele levou a mão ao coração.
– Atingido no peito! E com moedas.
– Sem moedas, na verdade – corrigiu Iris.
Ela jamais deixaria uma coisa dessas passar.
Richard deu um sorriso torto.
– A precisão é sempre importante – afirmou ela, mas também sorrindo.
Ele riu e ergueu o copo.
– Quer uma bebida?
– O que é isso?
– Uísque.
Iris piscou, surpreendida. Nunca tinha ouvido falar de um homem que oferecesse a uma mulher um gole de uísque.
No mesmo instante, ficou com vontade de provar.
– Só um pouquinho – respondeu, depositando os livros numa mesa. – Não sei se vou gostar.
Richard riu, derramando um dedo do líquido âmbar em um copo.
– Se não gostar deste, é porque não gosta de uísque.
Iris lhe dirigiu um olhar inquisitivo enquanto se sentava na cadeira de espaldar reto, de frente para Richard.

– É o melhor que existe – explicou ele, sem modéstia. – Não é difícil conseguir uísque bom aqui, já que estamos tão perto da Escócia.

Iris analisou bem a bebida em seu copo e tomou um pequeno gole.

– Não sabia que você era um grande conhecedor de uísque.

Ele deu de ombros.

– Parece que ando bebendo muito nos últimos tempos.

Iris desviou o olhar.

– A propósito, eu não disse isso para que você se sinta culpada. – Ele fez uma pausa, provavelmente para beber um gole. – Acredite, sei que tudo isso é um lamaçal de minha autoria.

– E de Fleur – acrescentou Iris em voz baixa.

Os olhos dos dois se encontraram e o canto da boca de Richard se elevou. Só um pouquinho. Apenas o suficiente para lhe agradecer por reconhecer que ele não era o único culpado.

– E de Fleur – concordou.

Sentaram-se em silêncio por vários minutos, Richard esvaziando o copo de uísque enquanto Iris sorvia o seu com cautela. Ela gostou da bebida: era quente e fria ao mesmo tempo. De que outra maneira descrever algo que queimava até fazer estremecer?

Iris passou mais tempo olhando para a bebida do que para o marido, permitindo-se examinar seu rosto apenas quando ele fechava os olhos e apoiava a cabeça no encosto da cadeira. Estaria dormindo? Ela achava que não. Ninguém podia pegar no sono tão depressa, ainda mais na posição vertical.

Levou o copo aos lábios, provando um gole um pouco maior. A bebida desceu ainda mais suave ou talvez fosse só efeito de todo o uísque já consumido.

Richard mantinha os olhos fechados. Definitivamente não caíra no sono. Seus lábios estavam fechados, relaxados, e ela percebeu que reconhecia aquele semblante: ele estava pensando. Bom, é claro que ele sempre pensava, é algo que os seres humanos fazem o tempo todo. Mas o marido assumia aquela expressão quando refletia sobre algo particularmente perturbador.

– Eu sou uma criatura má? – perguntou, sem abrir os olhos.

Os lábios de Iris se entreabriram de surpresa.

– É claro que não.

Ele soltou um leve suspiro e, enfim, abriu os olhos.

– Eu não costumava pensar assim.

– Você não é mau – insistiu Iris.

Richard a encarou por um longo momento e assentiu.

– Que bom saber.

Iris não sabia o que responder, por isso tomou outro gole de uísque, virando o copo para aproveitar as últimas gotas.

– Mais? – perguntou Richard, levantando a garrafa.

– Provavelmente eu não deveria – respondeu ela, mas estendeu o copo.

Dessa vez, ele serviu dois dedos.

Ela fitou bem o copo, mantendo-o a à altura dos olhos.

– Isto vai me deixar bêbada?

– Provavelmente não. – Ele inclinou a cabeça, torcendo a boca como se fizesse cálculos. – Mas pode ser que sim. Você é pequena. Você jantou?

– Sim.

– Então não vai ter problema.

Iris aquiesceu e voltou a olhar para o copo, girando-o um pouco. Beberam em silêncio por mais um minuto, depois ela disse:

– Você não deve pensar que é uma pessoa má.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Estou bastante zangada com você e acho que está cometendo um grande erro, mas entendo seus motivos.

Iris fitou a própria bebida, momentaneamente hipnotizada pela maneira como ela parecia tremeluzir e brilhar à luz das velas. Quando conseguiu dizer algo outra vez, sua voz tinha um tom pensativo.

– Ninguém que ame tanto suas irmãs poderia ser uma má pessoa.

Richard ficou calado por um momento, então disse:

– Obrigado.

– O fato de você estar disposto a fazer um sacrifício tão grande depõe a seu favor.

– Espero – disse ele em voz baixa – que eu não sinta que é um sacrifício quando tiver o bebê em meus braços.

Iris engoliu em seco.

– Espero o mesmo.

De repente, ele se inclinou para a frente e apoiou os antebraços nos joelhos. A posição deixou sua cabeça mais baixa que a dela e Richard teve que olhar para cima a fim de encará-la, através de suas grossas e escuras pestanas.

– Sinto muito por tudo. De verdade.

Ela não disse nada.

– Pelo que você foi forçada a fazer – esclareceu ele, embora não fosse necessário. – Provavelmente já não importa mais, mas eu estava morrendo de medo de lhe contar.

– Posso imaginar – replicou Iris, antes de pensar em moderar o tom.

É óbvio que ele teria medo. Quem teria prazer em fazer algo assim?

– Não, quero dizer, eu sabia que você me odiaria. – Richard fechou os olhos. – O que eu temia não era contar a você. Nem pensei muito sobre o momento de contar. Eu só não queria que você me odiasse.

Ela suspirou.

– Não odeio você.

Ele ergueu os olhos.

– Deveria.

– Bem, eu odiei mesmo. Pelo menos por alguns dias.

Richard assentiu.

– Isso é bom.

Iris não pôde deixar de sorrir.

– Seria muito rude de minha parte lhe negar isso – afirmou ele com ironia.

– Minha raiva?

Ele levantou o copo. Seria um brinde? Talvez.

– Você merece.

Iris assentiu lentamente, então pensou “E daí?”, erguendo sua bebida também.

– A que estamos brindando? – indagou Richard.

– Não tenho a menor ideia.

– Justo. – Ele inclinou a cabeça. – À sua saúde, então.

– À minha saúde – concordou Iris, com uma risada reprimida. Deus do céu, que loucura. – Certamente será a gravidez menos perigosa de toda a história.

Seus olhos se encontraram com um brilho de surpresa e os lábios dele se curvaram em um meio sorriso.

– Você não precisará se preocupar com a febre puerperal.

Iris tomou um gole de uísque.

– Vou recuperar minha forma a uma velocidade sobrenatural.

– As outras damas morrerão de inveja – completou ele, solene.

Iris riu, fechando os olhos brevemente, antes de voltar a encarar Richard. Ele a observava, quase a estudava, e sua expressão... não era carinhosa ou luxuriosa, mas apenas...

Agradecida.

Iris olhou para baixo, perguntando-se por que gratidão lhe pareceu algo tão decepcionante. Ele *devia* mesmo estar agradecido por tudo, porém...

Não parecia certo.

Não parecia suficiente.

Ela girou o uísque. Não sobrara muito.

– O que devemos fazer, Iris? – A voz de Richard era suave e triste em meio à escuridão.

– Fazer?

– Temos toda uma vida de casados diante de nós.

Iris ficou olhando para a bebida. Ele estaria pedindo perdão? Não sabia se estava preparada. Entretanto, de alguma maneira sabia que o faria. Era isso que significava se apaixonar? Ela perdoaria o imperdoável? Se algo assim tivesse acontecido a uma de suas irmãs ou primas, Iris nunca teria desculpado o marido, jamais.

Só que era Richard. E ela o amava. No fim das contas, era só isso que importava.

No fim das contas.

Mas talvez ainda não.

Ela bufou de leve. Isto era típico dela: saber que iria perdoá-lo, mas se negar a fazê-lo na hora. Não se tratava de levá-lo a sofrer. Não se tratava de guardar rancor. Apenas não estava preparada. Ele dissera que era direito dela estar furiosa, e tinha razão.

Iris ergueu o olhar. Richard a observava pacientemente.

– Vai ficar tudo bem – garantiu Iris.

Era tudo o que podia lhe oferecer. Esperava que ele compreendesse.

Richard assentiu, colocou-se de pé e lhe estendeu a mão.

– Posso acompanhá-la até seu quarto?

Uma parte dela ansiava pelo calor do corpo do marido a seu lado, ainda que apenas o toque da mão em seu braço. Mas não queria se apaixonar ainda mais. Pelo menos não naquela noite. Iris lhe abriu um sorriso pesaroso enquanto se levantava.

– Acredito que não seja uma boa ideia.

– Então posso acompanhá-la até a porta?

Boquiaberta, Iris encarou Richard. A porta ficava a poucos metros. O gesto era desnecessário, entretanto não pôde resistir. Pousou a mão sobre a do marido.

Ele a apertou com leveza, erguendo-a alguns centímetros, como se fosse levar seus dedos aos lábios. Mas pareceu mudar de ideia e, assim, entrelaçou suas mãos às dela e a conduziu até a porta.

– Boa noite – disse ele, mas sem soltar a mão de Iris.

– Boa noite – respondeu ela, porém sem se afastar.

– Iris...

Ela ergueu os olhos. Ele ia beijá-la. Podia ver isso em seu olhar, ardente e pleno de desejo.

– Iris – repetiu, e ela não se recusou.

Os dedos mornos de Richard tocaram o queixo dela, puxando seu rosto para o dele. Mesmo assim, o marido esperou e, por fim, Iris não pôde fazer mais nada a não ser baixar o queixo – apenas um pouquinho, mas ele percebeu.

Lentamente, tão devagar que, sem dúvida, o mundo teve tempo de girar duas vezes em seu eixo, o rosto de Richard se moveu na direção de Iris. Seus lábios se encontraram, um toque suave e eletrizante. Ele os roçou, o leve contato irradiando ondas de emoção ao âmago de seu ser.

– Richard – sussurrou ela, e talvez ele pudesse ouvir o amor em sua voz.

Naquele instante, Iris não se importava.

Os lábios da esposa se entreabriram, mas ele não aprofundou o beijo. Em vez disso, apoiou a testa na dela.

– É melhor você ir.

Ela se permitiu mais um segundo, em seguida deu um passo atrás.

– Obrigado.

Iris meneou a cabeça, pousando a mão no batente da porta ao rodeá-lo para sair.

Obrigado, ele dissera.

Algo no coração dela se alterou. *Em breve*, pensou. Em breve ela estaria disposta a perdoá-lo.

Richard a viu partir.

Viu-a deslizar pelo corredor e desaparecer ao fazer a curva para seguir pelas escadas. A pouca luz no corredor escuro parecia presa aos cabelos claros dela, como se o brilho das estrelas tivesse sido entremeado a eles.

Iris era uma verdadeira contradição. Uma aparência tão etérea e uma mente tão pragmática... Adorava isso nela, a forma como se mostrava incansavelmente sensível. Perguntou a si mesmo se teria sido essa característica que o atraíra nela no início. Ele teria pensado que sua racionalidade inata lhe permitiria superar o insulto em que se basearia seu casamento? Imaginara que ela daria de ombros e diria "Você tem razão, faz todo o sentido"?

Como fora tolo.

Mesmo que ela o perdoasse – e Richard começava a achar que sim –, nunca poderia perdoar a si mesmo.

Ele a magoara profundamente. Ele a escolhera como esposa pelo mais reprovável dos motivos. Fazia sentido que agora a amasse de modo tão ardente.

Tão desesperado.

Richard não via como ela poderia chegar a amá-lo algum dia, não depois do que havia feito. Mas precisava tentar. E, talvez, fosse suficiente o fato de que ele a amava.

Talvez.

CAPÍTULO 23

Na manhã seguinte

— Iris? Iris?

Os olhos dela se abriram. Na verdade, só um; o outro estava firmemente fechado e enterrado no travesseiro.

– Ah, que bom, você está acordada!

Marie-Claire, pensou Iris com sua habitual irritabilidade matutina. Meu Deus, que horas seriam e por que ela estava em seu quarto?

Iris fechou o olho.

– São dez e meia – disse Marie-Claire, alegre – e, por incrível que pareça, está quente lá fora.

Iris não podia imaginar o que isso tinha a ver com ela.

– Achei que poderíamos caminhar um pouco.

Ah.

O colchão se afundou sob o peso de Marie-Claire quando ela se sentou na beirada.

– Não tivemos oportunidade de nos conhecermos de verdade.

Iris soltou um suspiro, do tipo que teria sido acompanhado por um fechar de olhos, caso ela já não estivesse com a cabeça enterrada no travesseiro. Ela havia pensado exatamente nisso na noite anterior. Só não tinha a intenção de fazer nada a respeito antes do meio-dia.

– Vamos? – perguntou Marie-Claire, transbordando uma energia irritante.

– Mmphghrglick.

Depois de um breve silêncio, Marie-Claire perguntou:

– O que você disse?

Iris grunhiu em seu travesseiro. Na verdade, não sabia como poderia ter sido mais clara.

– Iris? Está se sentindo mal?

Ela finalmente rolou o corpo e se obrigou a responder:

– A manhã nunca é o meu melhor momento.

Marie-Claire apenas encarou a cunhada. Iris esfregou os olhos.

– Talvez se sairmos... O que foi? – A última parte não foi muito mais do que um rosnado.

– Ahn... – Um dos cantos da boca de Marie-Claire se esticou de forma bizarra, parecendo uma careta. – Sua bochecha.

Iris deixou escapar um suspiro aflito.

– Uma dobra do travesseiro?

– Ah, é isso? – perguntou Marie-Claire com altivez, e Iris desejou ter uma arma.

– Nunca tinha visto? – questionou Iris em vez de matá-la.

– Não. – Marie-Claire franziu a testa. – Eu sempre durmo de barriga para cima. Acho que Fleur também.

– Eu durmo em muitas posições, mas em geral... até tarde.

– Entendo. – Marie-Claire engoliu em seco, mas esse foi seu único sinal de desconforto antes de acrescentar: – Bom, você está acordada agora, então poderia se levantar e aproveitar o dia. Não acredito que ainda haja alguma coisa do café da manhã lá embaixo, mas tenho certeza de que a Sra. Hopkins consegue preparar algo frio. Você pode levar no passeio.

Iris olhou para a própria cama com certa nostalgia. Imaginou-a bem arrumada e acolhedora, com uma bandeja de café da manhã sobre ela. Mas Marie-Claire fizera um gesto de amizade e Iris sabia que devia aceitar.

– Obrigada – disse, esperando que seu rosto não a desmentisse e mostrasse o esforço que precisava fazer para pronunciar tais palavras. – Seria adorável.

– Que maravilha! – Marie-Claire sorriu, radiante. – Podemos nos encontrar na entrada, digamos, daqui a uns dez minutos?

Iris pensou em propor quinze, ou melhor ainda, vinte, mas então ponderou: *Já estou mesmo acordada.* Não importava. Dez minutos. Meu bom Deus.

Porém, para Marie-Claire, ela respondeu:

– Por que não?

Vinte minutos depois, as duas caminhavam pelos campos a oeste de Maycliffe. Iris ainda não sabia aonde iam; Marie-Claire dissera algo a respeito de colher frutinhas silvestres, mas ainda não deviam estar maduras. De qualquer maneira, não fazia diferença: ela trouxera um bolinho amanteigado quente e pensava que nunca comera algo tão delicioso em toda a vida. Alguém da cozinha *tinha* que ser escocês. Não havia outra explicação.

Elas não falaram muito enquanto desciam a colina. Iris estava ocupada saboreando seu café da manhã e Marie-Claire parecia bastante feliz, saltitante, balançando a cesta. Entretanto, assim que chegaram ao sopé da colina e tomaram um atalho bem surrado, a garota pigarreou e disse:

– Não sei se alguém lhe agradeceu adequadamente.

Iris ficou imóvel, esquecendo-se por um momento de mastigar. Não tivera o prazer de conversar muito com Marie-Claire e isso... Para dizer a verdade, isso a surpreendeu.

– Por... – A garota gesticulou para a barriga de Iris, a mão fazendo um pequeno círculo desajeitado. – Por isso.

Iris voltou de novo os olhos para o caminho. Richard havia lhe agradecido. Levara três dias para fazê-lo, mas, para ser justa, ela não lhe oferecera a oportunidade antes da conversa da noite anterior. E, mesmo que ele tivesse tentado, mesmo que tivesse jogado a porta abaixo e insistido que ela o escutasse, não teria feito diferença. Ela não teria ouvido uma única palavra. Não estaria pronta para uma conversa franca.

– Iris?

– De nada – disse ela, fingindo prestar atenção em uma uva-passa do bolinho.

Na verdade, não queria falar sobre aquele assunto com Marie-Claire.Porém, a jovem tinha outras ideias:

– Sei que Fleur parece ingrata, mas ela vai acabar entendendo. Com o passar do tempo.

– Temo que precise discordar de sua avaliação – replicou Iris.

Ainda não sabia como Richard pensava levar a situação adiante sem a cooperação de Fleur.

– Ela não é estúpida, não importa como esteja agindo agora. Na verdade, na maior parte do tempo não é assim... *tão* temperamental. –

Marie-Claire franziu os lábios, pensativa. – Ela era muito próxima da nossa mãe, muito mais do que Richard ou eu, como você sabe.

Na verdade, Iris não sabia. Richard não tinha falado muito sobre a mãe, apenas que falecera e que sentia sua falta.

– Talvez isso tenha tornado Fleur mais maternal – continuou Marie-Claire. Olhou para Iris e deu de ombros. – Talvez por isso se sinta tão apegada ao bebê.

– Talvez.

Iris suspirou, olhando para o próprio ventre. Começaria a usar enchimento em pouco tempo. A única razão pela qual ainda não o fizera eram os quase 500 quilômetros que separavam Yorkshire de Londres. Ali, as damas não seguiam a moda tão implacavelmente e ela podia ainda usar vestidos de temporadas anteriores. Na capital, as cinturas baixas caíam em desuso; as indulgentes pregas do estilo da Regência ficaram para trás, dando lugar a roupas muito mais estruturadas e incômodas. Em 1840, Iris predisse, as mulheres seriam espremidas por corseletes até desaparecerem.

Caminharam em silêncio por uns minutos, então Marie-Claire disse:

– Bem, *eu* estou agradecendo

– De nada – repetiu Iris, voltando-se para a cunhada com um pequeno e pesaroso sorriso.

A moça estava tentando. O mínimo que podia fazer era ser gentil.

– Eu sei que Fleur falou que deseja ser mãe – continuou Marie-Claire, de modo displicente –, mas isso é muito egoísmo da parte dela. Você acredita que ela não me pediu desculpas nem uma vez?

– Desculpas a você? – murmurou Iris.

Achava que *ela* é que merecia.

– Ela vai me arruinar. Se você não fizesse o que está fazendo...

Fazer o que estou fazendo, pensou Iris. *Que belo eufemismo*.

–... e ela seguisse adiante e tivesse esse filho fora do matrimônio, ninguém mais iria me querer. – Marie-Claire se voltou para Iris com uma expressão quase beligerante. – Provavelmente você vai dizer que estou sendo egoísta, mas sabe muito bem que é verdade.

– Eu sei – admitiu Iris em voz baixa.

Talvez se Richard desse a Marie-Claire uma temporada em Londres... Talvez pudessem encontrar alguém para ela, alguém que vivesse longe de Yorkshire. Os mexericos tinham pernas longas, mas, em geral, não iam tão longe.

– É muito injusto. *Ela* erra e *eu* tenho que pagar.

– Duvido muito que ela saia ilesa de tudo isso – assinalou Iris.

Marie-Claire pressionou os lábios, impaciente.

– Bem, *ela* merece, mas *eu* não.

Não era a mais apropriada das atitudes, porém Iris precisou admitir que Marie-Claire tinha um pouco de razão.

– Pode acreditar: há garotas por aqui que estão *morrendo* de vontade de encontrar algum motivo para me destruir. – Marie-Claire suspirou e um pouco de sua valentia se perdeu. Ela olhou para Iris, tristonha. – Você conhece garotas assim?

– Muitas.

Andaram mais uns dez passos e, de repente, Marie-Claire comentou:

– Acho que posso perdoá-la um pouquinho.

– Um pouquinho?

Iris sempre pensara no perdão como sendo tudo ou nada.

– Não sou completamente irracional – explicou Marie-Claire, fungando. – Reconheço que ela está em uma situação difícil. Afinal, não pode se casar com o pai da criança.

Isso era verdade, mas Iris achava que Fleur não estava enxergando com clareza. Não que concordasse com a atitude de Richard. Qualquer tolo podia ver que a única solução era encontrar um marido para Fleur. Ela não poderia esperar um cavalheiro de alta posição. Richard já dissera que não tinha o montante necessário para comprar um marido disposto a ignorar sua situação. Mas sem dúvida haveria alguém por ali desejoso de se relacionar com os Kenworthys. Um vigário, talvez, que não precisasse se preocupar com o fato de suas terras serem herdadas pelo filho de outro homem. Ou um proprietário novo por ali que desejasse melhorar sua posição.

Iris estendeu o braço para colher uma delicada flor branca que brotava na cerca viva. Perguntou-se de que espécie seria. Nunca a vira no sul da Inglaterra.

– É difícil se casar com um homem morto – tentou brincar.

Mas não era fácil gracejar com tamanha amargura na voz.

Marie-Claire bufou.

– O que foi?

Iris se voltou e a encarou com um olhar inquisidor. Marie-Claire soara muito estranha.

– *Por favor* – zombou a jovem. – Fleur é *muito* mentirosa.

Iris ficou paralisada, ainda tocando as folhas da cerca viva.

– Perdão?

Marie-Claire mordeu o lábio inferior, nervosa, como se acabasse de se dar conta do que dissera.

– Marie-Claire – insistiu Iris, agarrando o braço da cunhada –, o que você quis dizer com "Fleur é muito mentirosa"?

A jovem engoliu em seco e olhou para os dedos de Iris, que não afrouxou o aperto.

– Marie-Claire! Conte-me!

– Que diferença faz? – replicou a cunhada, tentando se desvencilhar. – Ela está grávida e não vai se casar. É só isso que importa.

Iris lutou contra o impulso de gritar.

– A respeito do que ela mentiu?

– A respeito do pai, é claro – grunhiu Marie-Claire, ainda procurando se libertar. – Não vai me soltar?

– Não – respondeu Iris, seca. – Não foi William Parnell?

– Ora, por favor. Até mesmo Fleur é inteligente para se manter longe dele. – Os olhos de Marie-Claire relancearam para o céu. – Que Deus o tenha. – Pensou melhor e acrescentou: – Eu acho.

Iris apertou ainda mais o braço da jovem.

– Não quero saber como está a alma de William Parnell. Nem onde. Quero saber por que Fleur mentiu. Ela disse isso a você? Contou que ele não era o pai?

Marie-Claire pareceu quase ofendida.

– É claro que não.

– *Quem é ele?*

Marie-Claire escolheu esse momento para adotar uma expressão empertigada.

– Não cabe a mim revelar.

Iris puxou a cunhada com força, dando-lhe apenas tempo para inspirar antes que estivessem cara a cara.

– Marie-Claire Kenworthy – disse Iris entre os dentes –, você vai me dizer o nome do pai da criança neste instante ou, que Deus me ajude, a única razão para não a matar será a ameaça da forca.

A cunhada ficou olhando para Iris, que apertou o braço dela com mais força.

– Eu tenho quatro irmãs, Marie-Claire, e uma delas é extraordinariamente irritante. Creia-me: posso fazer da sua vida um inferno.

– Mas por que isso...

– Diga-me! – berrou Iris.

– John Burnham! – gritou Marie-Claire.

Iris deixou pender seu braço.

– O quê?

– Foi John Burnham – repetiu Marie-Claire, esfregando o local onde Iris a apertara. – Tenho quase certeza.

– *Quase?*

– Bem, ela sempre fugia para se encontrar com ele. Pensou que eu não sabia, mas...

– É evidente que sabia – murmurou Iris.

Ela sabia como as coisas funcionavam entre irmãs. Não havia maneira de Fleur escapar às escondidas e ir ao encontro de um homem sem que Marie-Claire soubesse.

– Vou precisar de uma tipoia – falou Marie-Claire com petulância. – Olhe para estas marcas. Você não precisava apertar com tanta força.

Iris ignorou o comentário.

– Por que você não falou nada?

– Para quem? Meu irmão? É tão ruim quanto ser William Parnell.

– Mas John Burnham está vivo! Fleur podia se casar com ele e ficar com a criança.

Marie-Claire olhou-a com desdém.

– Ele é um agricultor, Iris. Nem sequer é um pequeno proprietário. Não possui nenhuma terra.

– Você é mesmo tão esnobe assim?

– E você não é?

Iris recuou diante dessa acusação.

– O que você quer dizer com isso?

– Não sei – retrucou Marie-Claire com um resmungo de frustração. – Mas me diga: como *sua* família se sentiria se você se casasse com um arrendatário? Ou isso não conta porque *seu* avô era um conde?

Esse foi o limite. Iris não toleraria mais nada.

– Cale a sua boca. Você não tem nem ideia do que está falando. Se o título de meu avô me desse permissão para me comportar mal com

impunidade, eu não teria me casado com o seu irmão.

Marie-Claire a encarou, boquiaberta.

– Richard me *beijou* e eu me vi presa ao altar – disparou Iris.

Odiava lembrar que imaginara que ele a cobiçava, que o desejo o afligira tanto que não pôde se controlar. Mas a verdade não era tão romântica. A verdade, conforme ela estava descobrindo, era outra.

Voltou-se para Marie-Claire com um brilho insuportavelmente duro nos olhos.

– Posso lhe assegurar que, se alguma vez eu tivesse ficado grávida de um arrendatário, eu teria me casado com ele. – Fez uma pausa curta. – Presumindo, é claro, que a intimidade tivesse sido consentida.

Marie-Claire permaneceu em silêncio, então Iris acrescentou:

– Pelo que você disse sobre sua irmã e o Sr. Burnham, assumo que as relações foram consensuais.

Marie-Claire assentiu.

– Eu não estava lá, é claro – murmurou ela.

Iris trincou os dentes e flexionou os dedos, esperando, assim, conter o impulso de torcer o pescoço de Marie-Claire. Não acreditava que estavam tendo aquela conversa. O problema não era Marie-Claire *saber* que John Burnham era o verdadeiro pai do bebê de Fleur. Nem ela ter optado por não dizer nada. O que atormentava Iris era Marie-Claire pensar que tinha agido certo ao se manter calada.

Meu Deus, será que ela estava vivendo em meio a idiotas?

– Preciso voltar para casa – anunciou Iris.

Deu meia-volta e começou a subir a colina. O sol brilhava no alto e o ar era cálido, mas ela não queria nada além de se isolar no quarto, trancar a porta e não falar com ninguém.

– Iris – chamou Marie-Claire, e algo na voz dela fez com que parasse.

– O que foi? – indagou ela, exausta.

A cunhada ficou imóvel por um instante, piscando rapidamente.

– Richard não... Quer dizer, ele nunca...

– É claro que não! – exclamou Iris, horrorizada só pela sugestão.

Era verdade que Richard a surpreendera com seus avanços, mas jamais se impusera. Não seria capaz disso. Era um cavalheiro e um homem bom demais para fazer uma coisa dessas.

Iris engoliu em seco. Não queria falar sobre as qualidades do marido.

– E você o ama – acrescentou Marie-Claire com suavidade. – Não é verdade?

Iris comprimiu os lábios, respirando com raiva pelo nariz. Não podia negar, mas também não o diria em voz alta. Precisava ser pelo menos um pouco orgulhosa.

– Estou cansada – foi sua resposta.

Marie-Claire assentiu e elas começaram a caminhar em direção à casa. Mas mal haviam dado dez passos e Iris pensou em um detalhe:

– Espere um instante... Por que Fleur não falou nada?

– Perdão?

– Por que ela mentiu?

Marie-Claire deu de ombros.

– Ela deve gostar do Sr. Burnham – pressionou Iris.

A cunhada encolheu os ombros outra vez. Iris teve vontade de bater nela.

– Você disse que ela saía às escondidas para vê-lo. Isso deve indicar algum nível de afeto.

– Não perguntei nada a ela sobre o assunto. Era evidente que estava tentando esconder o fato. Você não faria o mesmo?

Iris soltou um suspiro de frustração.

– Você tem alguma opinião sobre o assunto? – perguntou, com uma vagarosidade quase ofensiva. – Você por acaso tem alguma ideia dos motivos que levaram sua irmã a mentir sobre quem é o pai de seu filho?

Marie-Claire encarou Iris como se ela fosse imbecil.

– Ele é um *agricultor*. Eu já falei.

Iris teve vontade de bater de verdade na garota.

– Eu entendo que ele não seja o tipo de homem com quem a família esperava que ela se casasse, mas, se Fleur gosta de John, é claro que é melhor se casar com ele do que criar o bebê solteira.

– Mas ela não vai fazer isso. Ela vai dar o bebê para vocês.

– Não tenho muita certeza disso – murmurou Iris.

Fleur jamais afirmara concordar com o plano de Richard. Ele podia até pensar que o silêncio da irmã era um tipo de concordância, mas Iris não acreditava muito.

Marie-Claire suspirou.

– Sem dúvida ela sabe que não pode se casar com John Burnham, por mais que goste dele. Não quero parecer incompreensiva. Juro que não.

Mas você não é daqui, Iris. Não sabe como são as coisas. Fleur é uma Kenworthy. Somos a família mais rica de Flixton há séculos. Você tem ideia do escândalo que seria se ela se casasse com um agricultor local?

– Não pode ser pior do que a segunda opção.

– É evidente que *ela* acha que é. E a opinião dela é a que conta, não acha?

Iris a encarou por um longo instante.

– Você tem razão.

Ela se afastou. Que Deus tivesse piedade de Fleur quando a encontrasse.

– Espere! – berrou Marie-Claire, levantando as saias para alcançar Iris. – Aonde você vai?

– O que acha?

– Não sei.

Marie-Claire soou quase sarcástica, e Iris se deteve. Quando olhou para trás, a cunhada perguntou:

– Você vai procurar Fleur ou Richard?

Ela nem havia pensado em levar essa informação diretamente para Richard. Mas talvez fosse a coisa certa. Era seu marido. Ele não deveria ser sempre a sua prioridade?

O certo seria... mas esse segredo era de Fleur, não seu.

– Então? – insistiu Marie-Claire, esperando a resposta.

– Fleur – respondeu Iris, seca.

Mas se a jovem não fizesse o certo, não contasse a verdade ao irmão, Iris teria o maior prazer em fazê-lo.

– É mesmo? Pensei que você fosse falar com Richard.

– Então por que perguntou? – retrucou Iris, recomeçando a subir a colina.

Marie-Claire ignorou o questionamento.

– Você sabe que Fleur não vai lhe contar nada.

Iris parou por tempo suficiente apenas para lançar um olhar de fúria para Marie-Claire.

– Você contou.

Marie-Claire gelou.

– Você não vai dizer a ela que eu contei, vai?

Iris se virou e a encarou, atônita. Então, disse uma palavra que jamais dissera antes e voltou a caminhar.

– Iris! – gritou Marie-Claire, correndo atrás dela. – Fleur vai me matar!

– Vai mesmo? É *essa* a sua preocupação?

Marie-Claire se curvou.

– Você tem razão. Você tem razão.

– É claro que tenho, maldição – replicou Iris, baixinho.

Iris continuou andando. Era incrível como um pouco de blasfêmia podia ser revigorante.

– O que você vai dizer a ela?

– Ora, não sei. Talvez eu diga: "Você enlouqueceu?"

Marie-Claire ficou boquiaberta. Então, apressando o passo, perguntou:

– Posso assistir?

Iris se virou, medindo o grau de crueldade em seus olhos pela distância que Marie-Claire retrocedeu.

– Estou a um passo de golpeá-la com um bastão de críquete. Não, você não pode assistir.

A expressão de Marie-Claire assumiu um ar quase reverente.

– Meu irmão sabe que você é tão violenta assim?

– Ele pode vir a descobrir até o fim do dia – esbravejou Iris, acelerando o passo.

– Eu vou com você! – gritou Marie-Claire às suas costas.

Iris bufou. Nem se deu o trabalho de responder. Marie-Claire se aproximou.

– Você não quer saber onde ela está?

– Na estufa.

– O quê... Como você sabe?

– Eu a vi andando naquela direção quando saímos. – E então, porque sentiu uma ridícula necessidade de se justificar, acrescentou: – Eu observo as coisas. É isso que eu *faço*.

Mas, aparentemente, não muito bem. Ou talvez Fleur fosse uma mentirosa de grande habilidade. Porém, não era nem uma coisa nem outra. A verdade fora revelada. E Iris estava prestes a chegar ao fundo da questão.

CAPÍTULO 24

Richard não conseguira dormir. Pelo menos achava que não. Seus olhos se fecharam uma ou duas vezes durante a noite, mas, se tivesse cochilado, fora um sono irregular. Calculou que deveria ter adormecido já ao amanhecer; eram quase dez e meia quando ele se arrastou para fora da cama, e onze horas quando estava pronto para descer.

Seu valete conseguira que sua aparência ficasse parecida com a de um cavalheiro, mas um olhar no espelho dizia a Richard que ele parecia tão mal quanto se sentia, ou seja, cansado.

Abatido.

E, acima de tudo, desolado.

A porta do quarto de Iris estava aberta quando passou e ele ouviu as criadas se deslocando em seu interior, indicando que ela já havia se levantado. Entretanto, ao chegar à sala para tomar o café da manhã, não encontrou a esposa.

E nem a refeição, na verdade, mas essa era uma decepção menor.

Ele deu um tapa no aparador, imaginando o que fazer em seguida. As contas, supôs. Seu estômago roncava, mas conseguiria aguentar até o almoço. De qualquer forma, não sentia vontade de comer.

– Aí está você, rapaz!

Ele olhou para a porta que dava para a cozinha.

– Sra. Hopkins. Bom dia.

Richard sorriu. Ela só o chamava de “rapaz” quando estavam sozinhos. Ele gostava, pois o fazia se lembrar da infância.

A governanta o encarou de uma maneira vagamente zangada.

– Bom dia? Não mais. Não o vejo dormir até tarde há anos.

– Tive dificuldades para pegar no sono – admitiu ele, passando a mão pelo cabelo.

Ela assentiu, compreensiva.

– Sua esposa também.

O coração de Richard saltou diante da menção a ela, mas ele se obrigou a não reagir de maneira visível.

– Você viu lady Kenworthy esta manhã?

– Brevemente. Ela saiu com sua irmã.

– Com Fleur?

Achou difícil acreditar nessa possibilidade.

A Sra. Hopkins balançou a cabeça.

– Marie-Claire. Tive a impressão de que lady Kenworthy não tencionava se levantar tão cedo.

Tão cedo? Iris?

– Não é cedo para *mim*, veja bem – continuou a Sra. Hopkins. – Já passava muito das dez quando as vi. Ela não tomou café da manhã.

– Iris não pediu que fosse levado para o quarto?

A Sra. Hopkins fez um ruído de desaprovação.

– Marie-Claire a estava puxando para a porta. Mas lhe dei algo para comer durante o passeio.

– Obrigado.

Richard se perguntou se devia comentar sobre a necessidade de uma mulher na "condição" de Iris se alimentar corretamente. Parecia o tipo de coisa que um marido carinhoso faria.

Mas, em vez disso, ouviu-se indagar:

– Elas mencionaram algo sobre o local aonde iriam?

– Acho que só foram dar um passeio. Faz bem a meu coração ver as duas se comportarem como irmãs. – A governanta se inclinou, com um sorriso cálido e maternal. – Eu gosto de sua esposa, senhor.

– Também gosto – murmurou Richard.

Pensou na noite em que se conheceram. Ele não havia planejado assistir ao recital da família; na verdade, nem fora convidado. Só quando Winston Bevelstoke lhe descreveu o evento é que ele achou que poderia ser uma boa oportunidade para procurar uma noiva.

Iris Smythe-Smith era, sem dúvida, o acidente mais feliz de sua vida.

Quando ele a beijara na noite anterior, sentira-se consumido pela mais deliciosa saudade. Não era simples desejo, embora sem dúvida ele estivesse presente em abundância. Quase não conteve a necessidade de sentir o calor do corpo da esposa, de respirar o mesmo ar.

Queria estar perto dela. Queria estar *com* ela, em todos os sentidos da palavra.

Ele a amava. Amava Iris Kenworthy do fundo de sua alma e devia ter destruído sua única chance de ser feliz ao lado dela.

Sempre tivera certeza de estar fazendo a coisa certa. Tentando proteger a irmã. Disposto a sacrificar seu direito como herdeiro para salvar a reputação de Fleur.

Porém, agora a irmã parecia empenhada em destruir a si mesma. Richard não sabia o que fazer para salvar uma mulher que não desejava ser salva. Entretanto, precisava tentar. Ele era o irmão, o encarregado de protegê-la. Mas talvez houvesse outra maneira.

Tinha que haver outra maneira.

Ele amava demais a esposa.

Iris havia atravessado os campos a uma velocidade recorde, mas Fleur não estava na estufa. Provavelmente era melhor assim. Levara quase uma hora para se livrar de Marie-Claire, que não tinha se amedrontado o suficiente diante de uma possível surra com um bastão de críquete.

Quando Iris enfim encontrou Fleur, ela estava podando as rosas de um pequeno arbusto com todo o cuidado, em um recanto no extremo sul da propriedade. A cunhada havia se vestido para a tarefa: o vestido marrom era desgastado, útil para trabalhar no jardim, e os cabelos estavam presos para trás de qualquer jeito, com várias mechas caídas nos ombros. Uma manta xadrez azul se achava sobre um banco de pedra, junto com três laranjas ainda não maduras e um pedaço de pão com queijo.

– Você descobriu meu lugar secreto – comentou Fleur, olhando de relance para Iris.

Ela examinou o arbusto com os olhos semicerrados e uma expressão crítica antes de pegar uma tesoura de cabo longo. Com um barulho brutal, as lâminas cortaram um ramo.

Iris entendia por que muitas pessoas consideravam a jardinagem uma empreitada das mais gratificantes.

– Minha mãe construiu este lugar – revelou Fleur, puxando o ramo morto da massa retorcida de videiras com o auxílio da tesoura.

Iris olhou ao redor. As rosas haviam sido plantadas para crescer em círculo, criando um espaço pequeno e escondido. Ainda não estavam em total florescência; Iris só podia imaginar como o local ficaria exuberante e perfumado em poucos meses.

– É maravilhoso. Muito tranquilo.

– Eu sei – disse Fleur, sem muita emoção. – Costumo vir aqui quando quero ficar sozinha.

– Que boa ideia.

Iris deu um sorriso insosso para a cunhada, entrando completamente no recanto.

Fleur a encarou, os lábios formando uma linha tensa.

– Precisamos conversar, só você e eu – declarou Iris.

– *Precisamos?* – Mais algumas tesouradas. – Sobre o quê?

– Sobre o pai do seu filho.

As mãos de Fleur pararam, mas ela se recuperou bem depressa, esticando o corpo para alcançar um ramo mais distante.

– Não sei o que você quer dizer.

Iris permaneceu em silêncio. Sabia que era o melhor a fazer.

Fleur não se virou, porém, dez segundos depois, repetiu:

– Eu *disse* que não sei o que você quer dizer.

– Eu ouvi.

Os sons da tesoura ficaram mais rápidos.

– Então, o que você... Ai!

– Um espinho?

– Você poderia demonstrar alguma compaixão – gemeu Fleur, chupando o dedo machucado.

Iris bufou.

– Você mal está sangrando.

– Mas dói assim mesmo.

– Sério? – Iris a olhou, sem demonstrar piedade. – Pelo que me disseram, o parto é muito mais doloroso.

Fleur a encarou, irritada.

– Não no meu caso, é evidente – prosseguiu Iris. – Meu primeiro parto será indolor. Não deve ser muito difícil arrancar um travesseiro.

Fleur congelou. Lentamente, tirou o dedo machucado da boca.

– Eu não vou lhe dar o meu filho – replicou ela, firme e agressiva.

Iris respondeu com a mesma intensidade, sibilando:

– Você acha mesmo que eu quero o seu filho?

Fleur entreabriu os lábios, surpresa, mas não por suas palavras, Iris pensou. Ela já deixara claro que era uma participante forçada do plano de Richard. Surpresa por seu tom de voz... Bem, não poderia ser descrito como gentil. Para falar a verdade, Iris não tinha certeza de que conseguiria falar de modo amável naquela conversa.

– Você é uma pessoa fria – acusou Fleur.

Iris quase revirou os olhos.

– Muito pelo contrário, eu seria uma tia muito amável e carinhosa.

– Nós duas queremos a mesma coisa! Eu quero ficar com o bebê. Por que você está discutindo comigo?

– Por que *você* está dificultando tanto as coisas?

Fleur levantou o queixo, desafiadora, mas começava a perder parte da audácia. Seus olhos se moveram para um lado e depois para baixo, parando em algum lugar da grama perto dos pés.

– Eu quero a verdade – exigiu Iris.

Fleur continuou calada.

– A *verdade*, Fleur.

– Não sei o que você quer dizer.

– Pare de mentir. Marie-Claire me contou tudo.

Fleur ergueu a cabeça de repente, só que parecia mais cautelosa do que qualquer outra coisa. Iris, então, lembrou que a cunhada não sabia que Marie-Claire tinha ciência dos encontros da irmã com o Sr. Burnham. E Iris não iria obter nenhuma resposta sem ser mais específica em suas perguntas.

– Marie-Claire me falou sobre o pai de seu bebê. Ela sabe. E agora eu também.

Fleur empalideceu, mas ainda assim não admitiu nada. Quase se podia admirar sua determinação.

– Por que não disse a Richard que John Burnham é o pai? – quis saber Iris. – Por que diabo você quis que ele pensasse que o pai era um desavergonhado como William Parnell?

– Porque William Parnell está morto! – explodiu Fleur, a pele num tom rosa bem forte, mas os olhos demonstrando desesperança. – Richard não pode fazer com que eu me case com um homem morto.

– Mas o Sr. Burnham está *vivo*. E ele é o pai de seu filho.

Fleur balançou a cabeça, embora não como se negasse.

– Não importa. Não importa.

– Fleur...

– Eu posso ir para outro lugar. – Como se quisesse indicar a direção, Fleur fez um amplo e histérico arco com o braço. Nem percebeu que Iris precisou saltar para trás a fim de evitar a ponta da tesoura. – Posso fingir que sou viúva. Por que Richard não me deixa fazer isso? Ninguém vai saber. Por que alguém saberia?

Iris se esquivou quando a tesoura foi agitada de novo em sua direção.

– Abaixe essa maldita tesoura!

Fleur sugou o ar, olhando com horror para a ferramenta.

– Desculpe-me – balbuciou. – Estou tão... Eu... Eu... – Com as mãos trêmulas, ela depositou a tesoura no banco. Seus movimentos eram lentos e cuidadosos, como se os calculasse exatamente. – Eu vou embora daqui – disse, ainda um pouco histérica. – Vou me tornar uma viúva. Será o melhor para todos.

– Pelo amor de... – Iris se interrompeu, tentando se controlar. Inspirou e expirou duas vezes, deixando o ar sair devagar. – Você não está raciocinando direito. Sabe melhor do que ninguém que, se quiser ser uma verdadeira mãe para essa criança, deverá se casar.

Fleur abraçou o próprio corpo, fitando o nada, o horizonte longínquo, através de uma brecha entre as plantas.

Iris enfim fez a pergunta que precisava ser feita:

– Ele ao menos sabe?

Fleur ficou tão tensa que estremeceu. Com um balançar de cabeça quase imperceptível, ela negou.

– Não acha que deveria lhe contar?

– Eu partiria seu coração – sussurrou Fleur.

– *Porque...* – Iris a incitou a responder, soando zombeteira, porque já não tinha muita paciência desde o início da conversa.

Agora, não restara nenhuma.

– Porque ele me ama – disse Fleur, simplesmente.

Iris fechou os olhos para tentar se acalmar e se portar de forma razoável.

– E você o ama?

– É claro que sim! – gritou Fleur. – Que tipo de mulher você pensa que eu sou?

– Não sei – respondeu Iris, franca. Como a cunhada lhe lançou um olhar de afronta, acrescentou, irritada: – E *você* sabe o tipo de mulher que *eu* sou?

Fleur a encarou por um tempo, o corpo rígido, até que enfim abaixou o queixo e retrucou bruscamente:

– Tem razão.

– Se você ama o Sr. Burnham – continuou Iris com uma paciência mais forçada do que sentida –, sem dúvida compreende que precisa lhe contar sobre a criança, para que ele se case com você. Eu sei que não é o tipo de marido que sua família sonhou...

– Ele é um bom homem! Não vou permitir que você o denigra.

Que Deus me ajude, pensou Iris. Como seria possível colocar juízo na cabeça de Fleur quando vivia contradizendo o que afirmara antes?

– Eu nem sonharia em falar mal do Sr. Burnham – garantiu Iris, cautelosa. – Só estava dizendo que...

– Ele é um homem maravilhoso. – Fleur cruzou os braços com beligerância e Iris se perguntou se ela havia percebido que ninguém estava brigando com ela. – Honrado e sincero.

– Sim, é claro...

– Melhor do que qualquer um desses que se dizem cavalheiros, que vejo nas reuniões locais.

– Então você deve se casar com ele.

– *Eu não posso!*

Iris inspirou fundo pelo nariz para se controlar. Ela jamais seria o tipo de pessoa que abraça amigos e irmãs desesperados e murmura “Calma, vai dar tudo certo”.

Ela era o tipo de megera bem franca, que irrompia de repente e berrava:

– Pelo amor de Deus, Fleur, que diabo há de errado com você?

Fleur pestanejou. E deu um passo para trás. Com verdadeira preocupação nos olhos.

Iris se forçou a relaxar a tensão em seu maxilar.

– Você já cometeu um erro. Não cometa outro.

– Mas...

– Você *diz* que o ama, mas não o respeita o suficiente para lhe dizer que vai ser pai.

– Isso não é verdade!

– Então só posso deduzir que sua recusa tenha a ver com a condição social dele.

Fleur deu um leve e amargo meneio de cabeça.

– Bom, se é esse o caso – prosseguiu Iris, agitando um dedo perigosamente perto do nariz de Fleur –, você deveria ter levado isso em consideração antes de lhe dar sua maldita virgindade.

Fleur ficou boquiaberta.

– Não foi assim.

– Como eu não estava lá, não vou discutir com você. *Entretanto* – acrescentou Iris ao ver que Fleur abria a boca para protestar –, você se deitou com ele e agora está grávida.

– Você acha que não sei disso?

Iris decidiu ignorar essa pergunta completamente retórica.

– Quero saber uma coisa: se está tão preocupada com a posição dele, *por que* está brigando com Richard a respeito da adoção do bebê? Você sabe que é a única maneira de proteger sua reputação.

– Porque é *meu* filho! – exclamou Fleur. – Não posso abrir mão dele desse jeito.

– Não é como se ele fosse viver com estranhos – replicou Iris, de forma tão insensível quanto pôde.

Precisava levar Fleur até o limite. Não lhe ocorria nenhuma outra maneira de fazer com que tivesse algum bom senso.

– Não vê que isso é quase pior? – Fleur enterrou o rosto nas mãos e começou a chorar. – Ter que sorrir quando meu filho me chamar de tia Fleur? Fingir que não vou morrer cada vez que ele chamar você de mamãe?

– Então se case com o Sr. Burnham – implorou Iris.

– Não posso.

– Por que diabo você não pode?

A linguagem vulgar de Iris sacudiu Fleur momentaneamente e ela piscou, surpresa.

– É por causa de Marie-Claire? – indagou Iris.

Fleur levantou a cabeça devagar, os olhos vermelhos, úmidos e tristes. Ela não assentiu, mas não era necessário. Iris teve a resposta que procurava.

Marie-Claire já falara sobre isso naquela mesma manhã. Caso Fleur se casasse com o arrendatário das terras do irmão, o escândalo local seria

gigantesco. Fleur não mais seria bem-vinda em nenhuma das melhores casas da região. Todas as famílias com quem se relacionava iriam virar o rosto e fingir não a ver quando se cruzassem na rua.

– Nós, os britânicos, não pensamos com carinho naqueles que se atrevem a trocar uma classe social por outra – falou Iris, com uma inflexão irônica –, seja o movimento para cima ou para baixo.

– De fato – concordou Fleur, o pequeno sorriso trêmulo e sem humor.

Ela tocou em um botão de rosa ainda bem fechado, deslizando os dedos pelas pétalas pálidas. Voltou-se bruscamente para Iris, com uma expressão desconcertante, que não demonstrava nenhuma emoção.

– Você sabia que existem mais de cem tipos de rosa? – Como Iris negou, Fleur continuou: – Minha mãe as cultivava. Ela me ensinou muitas coisas. Estas – a jovem roçou a mão pelas folhas das trepadeiras atrás dela – são todas rosas centifólias. As pessoas gostam delas porque possuem muitas pétalas. – Inclinou-se para a frente e aspirou o perfume da flor. – E são muito cheirosas.

– Rosas de cem pétalas, né?

– Você entende de rosas?

– Um pouco – admitiu Iris.

Não sabia aonde Fleur queria chegar com aquela mudança de assunto, mas ela ao menos havia parado de choramingar.

Fleur ficou calada por um momento, contemplando as flores. A maioria ainda era de botões, as pétalas de um tom mais escuro do que as flores que já se abriam.

– Observe estas aqui. São todas do tipo Bishop. Desabrocham exatamente com o mesmo tom de rosa. Minha mãe gostava de uniformidade.

– São lindas.

– Não são? – Fleur deu uns passos sem rumo, detendo-se para inspirar o aroma. – Mas essa não é a única maneira de se criar um belo jardim. Eu escolheria cinco tipos diferentes de centifólias. Ou dez. Teria algumas roxas. Diferentes tons de rosa. Não há nenhuma razão para serem todas iguais.

Iris se limitou a assentir. Estava bastante claro que Fleur já não falava de rosas.

– Poderia plantar uma rosa-rubra. Seria algo inesperado num jardim cultivado, mas cresceriam.

– Poderiam até se sobressair – comentou Iris em voz suave.

Fleur se voltou bruscamente para encará-la.

– Poderiam.

Com um suspiro cansado, ela desabou no pequeno banco de pedra.

O problema não são as rosas, mas as pessoas que olham para elas.

– É verdade.

Fleur ergueu o olhar, já sem qualquer rastro de melancolia.

– Hoje Marie-Claire é a Srta. Kenworthy de Maycliffe, irmã de sir Richard Kenworthy, baronete. Ela pode até não atrair muitas atenções em Londres, mas aqui, em nosso rincão de Yorkshire, será uma das damas mais solicitadas quando tiver idade suficiente.

Iris assentiu.

De repente Fleur se levantou. Afastou-se, abraçando a si mesma.

– Aqui também temos festas. E bailes e reuniões. Marie-Claire terá a oportunidade de conhecer dezenas de jovens cavalheiros qualificados. E espero que se apaixone por um deles. – Virou-se um pouco a fim de olhar para a cunhada, mas só o suficiente para Iris ver seu rosto de perfil. – Mas se eu me casar com John...

– Você tem que se casar com John – insistiu Iris num tom gentil.

– Se eu me casar com John – continuou Fleur, dessa vez mais alto, como se pudesse convencer Iris apenas por elevar mais a voz –, Marie-Claire será a irmã *daquela garota Kenworthy que se casou com um camponês*. Não receberá convites, não terá nenhuma chance de conhecer jovens cavalheiros qualificados. Caso contraia matrimônio, será com algum comerciante velho e gordo, interessado apenas em seu nome.

– Atrevo-me a dizer que, entre os cavalheiros qualificados, também haverá os gordos e velhos e que, por certo, vão querê-la por seu nome.

Fleur virou-se, os olhos brilhando.

– Mas ela não *terá* que se casar com eles. Não é a mesma coisa. Não compreende? Se eu me casar com John... não, sejamos sinceras... se eu *optar* por me casar com John, Marie-Claire não terá nenhuma opção. Minha liberdade em troca da liberdade de minha irmã... Que tipo de pessoa eu seria se fizesse isso?

– Mas você não tem escolha. Pelo menos não a que imagina ter. Ou você se casa com o Sr. Burnham ou permite que finjamos que o bebê é nosso. Se for embora e se passar por uma viúva, será descoberta. Você acha mesmo que ninguém vai perceber o que fez? E, quando perceberem,

você terá arruinado as chances de Marie-Claire muito mais do que se fosse a Sra. Burnham.

Iris cruzou os braços e esperou que Fleur refletisse. Na verdade, provavelmente ela exagerara. A Inglaterra era muito grande, talvez não tanto quanto a França ou a Espanha, mas se fazia necessário viajar quase uma semana para ir de um extremo a outro. Caso Fleur se estabelecesse no sul, poderia levar a vida inteira como uma falsa viúva sem que ninguém de Maycliffe descobrisse a verdade.

Mas essa não podia ser a melhor solução.

– Eu queria... – Fleur se voltou com um sorriso triste. – Eu gostaria que... – Ela suspirou. – Talvez, se eu fosse da sua família, se meu primo fosse um conde e minha outra prima tivesse se casado com um...

Não faria diferença, pensou Iris. Não para uma dama de berço nobre que desejasse se casar com um arrendatário. Ainda assim, afirmou:

– Eu vou apoiá-la.

Fleur a encarou, surpresa.

– Richard também – garantiu Iris, rezando para ter razão. – Haverá um escândalo e alguns passarão a ignorá-la, mas Richard e eu estaremos ao seu lado. Você e o Sr. Burnham serão sempre bem-vindos à nossa casa e, quando realizarmos algum evento, vocês serão nossos convidados de honra.

Fleur sorriu, agradecida.

– É muito gentil de sua parte – disse ela, mas sua expressão era de leve condescendência.

– Você é minha irmã.

Os olhos de Fleur brilharam e ela fez um leve meneio, do tipo que se faz quando a pessoa não confia na própria voz. Iris já se perguntava se a conversa tinha chegado ao fim, mas então a cunhada a encarou com renovada compreensão.

– Eu nunca estive em Londres.

Iris piscou, confusa pela repentina mudança de assunto.

– Perdão?

– Eu nunca estive em Londres. Você sabia disso?

Iris negou. Londres era superlotada, uma cidade com muitas pessoas. Parecia impossível que alguém nunca tivesse pisado lá.

– Na verdade, nunca quis ir a Londres. – Fleur deu de ombros, olhando para Iris com uma expressão de cumplicidade. – Sei que você me acha

frívola e desajuizada, mas não preciso de sedas e cetins nem de convites para as melhores festas. Tudo o que desejo é um lar aquecido, boa comida e um marido que possa me propiciar essas coisas. Mas Marie-Claire...

– Pode ir a Londres! – exclamou Iris, levantando a cabeça bruscamente. – Meu Deus, por que não pensei nisso antes?

– Não estou entendendo.

– Vamos enviar Marie-Claire para minha mãe. Ela poderá lhe proporcionar uma temporada.

– Ela faria isso?

Iris fez um gesto de desdém, indicando que a pergunta era ridícula. Quando Marie-Claire atingisse a idade apropriada, Daisy estaria casada e fora de casa. Sua mãe ficaria entediada e triste, sem uma filha que pudesse conduzir ao encontro de um bom casamento.

Sim, Marie-Claire seria uma ótima distração.

– Eu teria que acompanhá-la durante parte da temporada – explicou Iris –, mas isso não seria nenhuma dificuldade.

– Mas sem dúvida as pessoas comentariam... até mesmo em Londres... se eu me casasse com John...

Fleur parecia incapaz de enunciar uma frase de uma vez só, mas, pela primeira vez desde que Iris a conhecera, havia esperança em seus olhos.

– Eles só saberão o que lhes dissermos – afirmou Iris com certeza. – Quando minha mãe terminar o trabalho, o Sr. Burnham será visto como um pequeno mas respeitável proprietário de terras, exatamente o tipo de homem sóbrio e sério com o qual uma jovem como você deveria se casar.

E talvez, até lá, ele *fosse* mesmo um proprietário. Iris achava que Mill Farm seria um excelente dote. John Burnham deixaria de ser arrendatário e, com a antiga Fleur Kenworthy como esposa, estaria a caminho de obter o status de cavalheiro.

Haveria um escândalo, seria inevitável. Porém, nada tão permanente como o que aconteceria se Fleur desse à luz um bastardo, e nada que Marie-Claire não pudesse suportar, estando a mais de 300 quilômetros, em Londres, com todo o peso da família de Iris como suporte.

– Vá contar a ele – instou Iris.

– Agora?

Iris quase gargalhou de felicidade.

– Há algum motivo para esperar?

– Bem, não, mas... – Fleur a encarou, quase desesperada. – Tem certeza?

Iris apertou as mãos de Fleur.

– Vá encontrá-lo. Diga a ele que vai ser pai.

– Ele ficará zangado – sussurrou Fleur. – Por eu não ter dito nada. Ficará furioso.

– Tem todo o direito de ficar. Mas, se a ama de verdade, vai entender.

– Sim – disse Fleur, como se tentando convencer a si mesma. – Sim. Sim, acho que vai.

– Vá – insistiu Iris, agarrando a cunhada pelos ombros e apontando para a saída do recanto das rosas. – Vá.

Fleur começou a se afastar, mas então se virou para Iris e, inesperadamente, abraçou-a. Iris tentou retribuir o abraço, porém, antes que conseguisse se mover, a jovem já corria, segurando as saias, os cabelos esvoaçando, pronta para embarcar em sua nova vida.

CAPÍTULO 25

Havia certa ironia na situação, refletiu Richard. Ali estava ele, disposto a se declarar, a transformar sua vida, a ficar à mercê da esposa, e nem sequer era capaz de encontrá-la.

– Iris!

Atravessara os campos a oeste depois que um dos criados lhe avisara que a vira caminhando naquela direção, mas o único sinal que tinha dela era um bolinho doce meio comido, perto da cerca viva, atualmente sob um feroz ataque de corvos.

Mais irritado do que desanimado, voltou a subir a colina a fim de voltar para casa. Cruzou a residência em tempo recorde, passando pelas portas com estrépito e quase matando de susto não menos do que três criadas. Por fim, encontrou Marie-Claire, emburrada no hall principal. Ele observou a pose da irmã – os braços cruzados com força, os pés batendo de irritação – e achou melhor não saber nada sobre o que provocara aquela reação.

Entretanto, precisava de sua ajuda.

– Onde está minha esposa?

– Não sei.

Ele deixou escapar um ruído. Poderia ter sido um grunhido.

– Eu não sei! – protestou Marie-Claire. – Estive com ela mais cedo, só que ela fugiu.

Richard sentiu um aperto no coração. *Ela fugiu?*

– Ela me *derrubou* – completou, afrontada.

Espere um pouco... *O quê?* Richard tentou dar sentido às palavras da irmã.

– Ela derrubou você?

– Isso mesmo! Estávamos saindo da estufa, ela colocou o pé na minha frente e me derrubou. Eu poderia ter me machucado gravemente.

– Você se machucou?

Marie-Claire fez uma careta e respondeu de má vontade:

– Não.

– Aonde ela foi?

– Não sei direito, já que estava ocupada vendo se ainda era capaz de caminhar.

Richard esfregou a testa. Não deveria ser tão difícil encontrar uma mulher pequena e frágil.

– Por que vocês estavam na estufa?

– Procurando Fleur...

Marie-Claire tapou a boca, embora Richard não pudesse imaginar por quê. Em geral ficaria desconfiado. Mas agora estava sem paciência.

– O que ela queria com Fleur?

A boca da irmã permaneceu firmemente fechada.

Richard soltou um suspiro exasperado. Não tinha tempo para tolices.

– Bem, se você a vir, diga a ela que a estou procurando.

– Fleur?

– *Iris*.

– Ah. – Marie-Claire fungou, ofendida. – É claro.

Richard assentiu de modo seco e saiu marchando pela porta principal.

– Espere! – gritou Marie-Claire.

Ele não esperou.

– Aonde você vai?

Richard seguiu em frente.

– À estufa.

– Mas ela não está lá – disse Marie-Claire, sem fôlego.

Ele concluiu que a irmã precisava correr para se manter no mesmo passo.

– Iris também não está no saguão – replicou Richard, dando de ombros. – Vou procurar na estufa.

– Posso ir com você?

Isso foi suficiente para detê-lo.

– O quê? Por quê?

Marie-Claire abriu e fechou a boca algumas vezes, sem conseguir falar.

– Eu só... Ora, não tenho nada para fazer.

Ele a encarou sem acreditar.

– Você mente muito mal.

– Não é verdade! Eu sei mentir muito bem.

– Tem certeza de que deseja manter esta conversa com seu irmão mais velho e tutor?

– Não, mas... – Marie-Claire ofegou. – Ali está Fleur!

– O quê? Onde? – Richard seguiu o olhar da irmã para a esquerda e, de fato, lá estava a irmã, correndo a toda a velocidade pelo campo. – Mas que diabo aconteceu? – murmurou ele.

Marie-Claire arquejou de novo, dessa vez com um som mais profundo e obscuro. Como o desinflar de um acordeão.

Richard protegeu os olhos com a mão enquanto observava Fleur. Parecia perturbada. Talvez fosse melhor correr atrás dela.

– Até logo!

Antes que Richard pudesse piscar, Marie-Claire seguiu Fleur.

Ele se virou para a estufa, mas pensou melhor. Iris provavelmente estaria no lugar de onde Fleur viera. Voltando-se para o sul, desceu a colina e, uma vez mais, gritou por Iris.

Não a encontrou. Verificou o campo de morangos, um local onde Fleur gostava de ficar, perto do riacho, retornou para o roseiral da mãe, que exibia sinais de ocupação recente. Por fim, desistiu e se dirigiu de novo à casa. Essa rota ridícula conseguira aliviar um pouco da urgência de sua busca e, quando entrou em seu quarto e fechou a porta, estava mais exasperado do que qualquer outra coisa. Calculou que havia caminhado mais de 4 quilômetros, a metade deles pelo mesmo caminho, e agora se encontrava ali de novo, no próprio aposento, sem ninguém para...

– Richard?

Ele se virou.

– Iris?

Ela estava de pé à porta que comunicava os dois cômodos, a mão apoiada nervosamente no batente.

– A Sra. Hopkins falou que você estava me procurando.

Ele quase riu. *Procurando por ela.* De alguma maneira, parecia um monstruoso eufemismo.

Iris inclinou a cabeça, fitando-o com uma mistura de curiosidade e preocupação.

– Algum problema?

– Não.

Richard a encarou, perguntando a si mesmo se algum dia recuperaria a capacidade de pronunciar mais que monossílabos. O problema era que, quando Iris parou ali, os tons róseos do quarto dela às suas costas se assemelhando a uma nuvem em meio à aurora, ela ficou tão linda...

Não, não linda. "Linda" era pouco para descrevê-la.

Não sabia a palavra adequada. Não sabia se *existia* uma palavra para representar o que sentia naquele momento, a maneira como podia enxergar o próprio coração batendo quando seus olhos se encontravam.

Ele umedeceu os lábios, mas não conseguia sequer *tentar* falar. Sentiu-se tomado pela mais desconcertante urgência de se ajoelhar aos pés dela, como um cavaleiro medieval, tomar sua mão e jurar eterna devoção.

Iris deu um passo para dentro do quarto dele, depois mais um, e parou.

– Na verdade – disse ela, as palavras saindo aos borbotões –, também preciso falar com você. Não vai acreditar...

– Sinto muito – interrompeu ele de repente.

Atônita, Iris pestanejou.

– O quê? – perguntou, num tom fraco e surpreso.

– Sinto muito – repetiu ele, a voz embargada. – Sinto muito. Quando pensei nesse plano, não achei que... Eu não sabia...

Richard passou a mão pelos cabelos. Por que era tão difícil? Ele tivera tempo para pensar no que ia dizer. Enquanto percorria os campos e gritava o nome dela, ensaiava mentalmente as palavras, testando-as, medindo cada sílaba. Mas agora, diante dos olhos azuis tão claros da esposa, sentia-se perdido.

– Richard, preciso lhe contar...

– Não, por favor. – Ele engoliu em seco. – Permita que eu continue. Eu lhe suplico.

Iris ficou imóvel e Richard pôde ver em seus olhos como ela estava surpresa por vê-lo se humilhar.

Ele pronunciou o nome dela, ou pelo menos pensou que o fez. Não se lembrava de ter atravessado o quarto, mas de alguma forma estava diante da esposa, tomando-lhe as mãos.

– Eu amo você.

Não era o que havia planejado dizer, pelo menos não já naquele instante, mas disse, e era mais importante e valioso do que qualquer outra coisa.

– Eu amo você. – Ele caiu de joelhos. – Eu amo tanto você que às vezes me dói, mas ainda que eu soubesse como parar, não o faria, porque a dor é, pelo menos, *alguma* coisa.

Os olhos de Iris estavam marejados e ele a viu engolir em seco.

– Eu amo você – repetiu, porque não sabia como parar. – Eu amo você e, se me permitir, vou passar o resto da vida provando meu amor. – Colocou-se de pé, sem soltar as mãos dela, e seus olhos se encontraram, fazendo um voto solene. – Farei de tudo para merecer seu perdão.

Ela umedeceu os lábios trêmulos.

– Richard, você não...

– Não, eu farei de tudo. *Eu a magoei*. – Era difícil admitir isso em voz alta, um reconhecimento absoluto, desolador. – Eu menti para você, eu a enganei e...

– Pare – suplicou ela. – Por favor.

Seria perdão o que Richard via em seus olhos? Pelo menos uma sombra?

– Preste atenção – pediu ele, tomando uma de suas mãos firmemente na sua. – Você não precisa fingir a gravidez. Vamos encontrar outra solução. Vou convencer Fleur a se casar com outra pessoa ou vou reunir recursos e encontraremos uma forma de fazê-la se passar por viúva. Não poderei vê-la com tanta frequência quanto gostaria, mas...

– Pare – interrompeu Iris, colocando um dedo sobre os lábios do marido. Ela estava sorrindo. Seus lábios tremiam, mas definitivamente era um sorriso. – Estou pedindo. Pare.

Ele balançou a cabeça, sem compreender.

– Fleur mentiu – revelou Iris.

Richard ficou paralisado.

– O quê?

– Não sobre o bebê, mas sobre o pai. Não é William Parnell.

Richard piscou, tentando dar sentido ao que ela dizia.

– Então quem?

Iris mordeu o lábio inferior, desviando o olhar, titubeante.

– Pelo amor de Deus, Iris, se você não me disser...

– John Burnham.

– Quem?

– John Burnham, seu arrendatário.

– Eu *sei* quem ele é – retrucou Richard, muito mais ríspido do que pretendia. – Eu só... – Ele ficou de boca aberta. Tinha certeza de que parecia um maldito idiota, pronto para receber um chapéu de burro. – John Burnham? É mesmo?

– Marie-Claire me contou.

– Marie-Claire *sabia*?

Iris assentiu.

– Vou esganá-la.

Iris franziu a testa, hesitante.

– Para ser honesta, ela não tinha *certeza*...

Ele a encarou, incrédulo.

– Fleur não contou a ela – explicou Iris. – Marie-Claire descobriu por conta própria.

– *Ela descobriu por conta própria* – repetiu ele, sentindo-se, mais do que nunca, merecedor do chapéu de burro – e eu não?

– Você não é irmã dela – replicou Iris, como se isso pudesse explicar tudo.

Richard esfregou os olhos.

– Santo Deus. John Burnham. – Ele a olhou, piscando com força para espantar a perplexidade. – John. Burnham.

– Você vai permitir que ela se case com ele, não vai?

– Não vejo alternativa. O bebê precisa de um pai... O bebê *tem* um pai. – Richard se levantou de repente. – Ele a forçou?

– Não.

– É obvio que não. Ele não faria isso. Eu o conheço bem.

– Então você gosta dele?

– Sim. Já até comentei. É só que... ele... – Richard suspirou. – Suponho que tenha sido por esse motivo que ela não disse nada. Pensou que eu não o aprovaria.

– Por isso e também porque temia por Marie-Claire.

– Ah, Deus! – gemeu Richard.

Ele nem havia pensado na outra irmã. Ela nunca conseguiria um bom partido.

– Não, não se preocupe – disse Iris, com uma expressão entusiasmada. – Já cuidei disso. Já planejei tudo. Nós a enviaremos a Londres. Minha

mãe será madrinha dela.

– Tem certeza?

Richard não conseguia identificar a estranha sensação que lhe comprimia o peito. Fora completamente humilhado por Iris, por seu brilhantismo, por seu coração carinhoso. Ela era tudo o que ele nem sequer imaginara que precisava em uma esposa e, por um milagre dos céus, era sua mulher.

– Minha mãe não fica sem uma filha solteira em casa, em idade de se casar, desde 1818 – explicou Iris, abrindo um sorriso sarcástico. – Ela não vai ter nada para fazer quando Daisy se for. Acredite em mim, não queira ver mamãe aborrecida. É um verdadeiro pesadelo.

Richard riu.

– Não estou brincando.

– Não achei que estivesse. Lembre-se de que conheci sua mãe.

Os lábios de Iris se curvaram com um ar malicioso.

– Marie-Claire e ela vão se dar muito bem.

Richard assentiu. A Sra. Smythe-Smith certamente faria um trabalho melhor. Ele olhou de novo para Iris.

– Você sabe que preciso matar Fleur antes de permitir que ela se case com John Burnham.

Iris sorriu diante de tanta tolice.

– Apenas a perdoe. Eu já a perdoei.

– Pensei que você tivesse dito que não era nenhum modelo cristão de caridade e perdão.

Ela deu ombros.

– Estou virando a página.

Richard tomou a mão dela e a levou aos lábios.

– Você acha que seria capaz de me perdoar?

– Já perdoei – garantiu ela num sussurro.

Foi um milagre Richard permanecer de pé, tamanho o alívio que tomou conta do seu corpo. Ao encará-la, viu que suas pestanas pálidas ainda estavam úmidas das lágrimas e não suportou. Tomou o rosto da esposa e a beijou com toda a premência de um homem que se salvara de cair num precipício e agora dava mais valor à vida.

– Eu amo você – disse ele, rouco, cada palavra significando um beijo. – Eu amo muito você.

– Eu também amo você.

– Nunca pensei que um dia a ouviria dizer isso.
– Eu amo você.
– Mais uma vez – ordenou ele.
– Eu amo você.
Richard levou as mãos dela à boca.
– E eu venero você.
– Isso é uma competição?
Lentamente, ele negou.
– Vou venerá-la neste exato momento.
– Neste exato momento?
Ela olhou para a janela. O sol da tarde estava radiante, iluminando o quarto com alegria.
– Esperei muito tempo – grunhiu ele, tomando-a em seus braços. – E você também.
Iris deu um gritinho de surpresa quando Richard a jogou na cama. Eram só uns poucos centímetros até o colchão, mas o suficiente para que o corpo dela ricocheteasse e para que ele aproveitasse o momento para cobri-lo com o seu, deleitando-se com a sensação primitiva de tê-la imobilizada.
Ela estava à sua mercê.
Ela era sua e ele podia amá-la.
– Eu venero você – murmurou Richard, enfiando o rosto na curva do pescoço de Iris.
Beijou o delicado espaço da clavícula, deliciando-se com o suave gemido de prazer. Seus dedos encontraram a extremidade rendada do corpete.
– Tenho sonhado com este momento.
– Eu também – revelou Iris, e ofegou ao ouvir o inconfundível som de tecido rasgando.
– Sinto muito – disse ele, olhando apressadamente para o pequeno rasgo no corpete.
– Não sente, não.
– Não sinto mesmo – concordou ele, contente, mordendo o tecido.
– Richard! – ela quase guinchou.
Ele olhou para cima. Oh, céus, Richard parecia um cão com um osso na boca e nem se importava com isso.
Os lábios dela tremiam com uma risada contida.

– Não piore ainda mais.

Ele abriu um sorriso voraz, puxando o tecido entre os dentes.

– Assim?

– Pare!

Ele soltou o tecido e usou as mãos para puxar o vestido para baixo, revelando um seio perfeito.

– Assim?

A única resposta de Iris foi a respiração acelerada.

– Ou assim? – perguntou ele com voz rouca, agarrando o seio com a boca.

Iris soltou um grito de lamúria, afundando as mãos nos cabelos dele.

– Definitivamente assim – murmurou Richard, provocando-a com a língua.

– Por que eu sinto isso? – sussurrou ela, impotente.

Espantado, ele questionou:

– Por que você sente o quê?

O rubor do rosto de Iris se estendeu além do pescoço.

– Por que sinto... lá embaixo?

Talvez ele fosse um canalha. Talvez fosse muito pervertido, mas só conseguiu lamber os lábios e sussurrar:

– Onde?

Ela estremeceu de desejo, porém não respondeu.

Richard fez com que a sapatilha dela deslizasse do pé.

– Aqui?

Iris negou. A mão dele deslizou pela delgada panturrilha até a parte posterior do joelho.

– Aqui?

– Não.

Ele sorriu para si mesmo. Ela também estava desfrutando do jogo.

– Que tal... – levou os dedos mais acima, parando na suave dobra entre a coxa e o quadril –... aqui?

Iris engoliu em seco e sua voz era quase inaudível quando sussurrou:

– Quase.

Ele se aproximou mais do alvo, brincando com a ponta dos dedos através dos suaves pelos que cobriam sua condição de mulher. Queria olhá-la de novo, enxergar à luz do dia aqueles cachos de um louro

extravagante, mas isso teria que esperar. Estava muito ocupado observando seu rosto enquanto deslizava um dedo dentro dela.

– Richard – disse ela, arquejando.

Ele gemeu. Iris estava úmida e pronta. Porém, era muito pequena e, como ambos sabiam muito bem, ainda virgem. Teria que fazer amor com muito cuidado, movendo-se devagar e de modo suave, em total desacordo com o voraz incêndio que ardia em seu interior.

– O que você faz comigo... – sussurrou ele, parando um momento para recuperar ao menos uma parte da compostura.

Iris sorriu, e havia algo tão ensolarado e íntimo em sua expressão... Ele sentiu isso se refletir no próprio rosto e começou a sorrir como um louco, quase pelo simples prazer de sua companhia.

– Richard? – chamou ela, alegre.

– Estou tão feliz... – Ele se sentou e tirou a camisa pela cabeça. – Não posso evitar.

Iris lhe tocou o rosto, passando sua pequena, suave e delicada mão pela linha do maxilar do marido.

– Levante-se – ordenou ele de repente.

– O quê?

– Ponha-se de pé.

Ele se levantou da cama e a puxou pela mão até ela fazer o mesmo.

– O que você está fazendo?

– Eu acho – respondeu Richard, deslizando o vestido da esposa pelos quadris – que a estou despindo.

Os olhos dela pousaram sobre a parte frontal da calça dele.

– Ah, eu vou chegar lá – prometeu Richard. – Mas em primeiro lugar...

Ele encontrou os delicados laços que amarravam a camisa de dentro de Iris e os puxou, prendendo a respiração quando a peça caiu no chão, em uma nuvem de seda branca. Ela ainda estava de meias, mas Richard não poderia esperar tempo suficiente para se desfazer delas. De qualquer maneira, Iris já desabotoava seus calções com premência.

– Você é muito devagar – murmurou ela, puxando-os para baixo.

Seu desejo ficou impossivelmente tenso e ereto.

– Estou tentando ser gentil.

– Não quero que seja gentil.

Ele a agarrou pelas nádegas, elevando-a para perto de seu corpo, e ambos caíram na cama. As pernas de Iris se abriram e, sem sequer tentar

se segurar, Richard se viu na entrada dela, reunindo todo o controle de que dispunha para não mergulhar lá dentro.

Ele a encarou, os olhos perguntando: “Você está pronta?”

Iris agarrou as nádegas dele e soltou um grito frustrado. Talvez tivesse sido o nome dele. Não sabia. Não conseguia ouvir nada além do sangue correndo através de seu corpo quando se lançou para a frente, aprofundando-se dentro dela.

Foi tudo muito rápido. Ele a sentiu ficar tensa e se levantou da melhor maneira que pôde.

– Você está bem? Machuquei você?

– Não pare – grunhiu ela, então a conversa terminou.

Ele investiu muitas e muitas vezes, impulsionado por uma urgência que não entendia completamente. Só sabia que precisava dela. Precisava preenchê-la, ser consumido. Queria sentir as pernas dela ao seu redor, o impulso de seus quadris quando ela se elevava para encontrar o corpo dele.

Iris estava faminta, talvez tanto quanto ele, inflamando o desejo de Richard. Ele estava perto, tão perto que mal podia evitar a explosão. Então – graças a Deus, porque não poderia ter se segurado por nem mais um segundo –, sentiu-a tensa ao redor dele, apertando com força, soltando um grito. Ele gozou tão depressa que ela ainda pulsava quando tudo terminou.

Richard caiu em cima dela, descansando ali por alguns instantes antes de deslizar para o lado, para não a machucar. Ficaram assim por um bom tempo, deixando seus corpos esfriarem, até que Iris soltou um pequeno suspiro.

– Uau.

Ele sorriu, com uma sensação de calma e contentamento.

– Isso foi...

Mas ela não terminou a frase.

Richard rolou de lado e se apoiou no cotovelo.

– Isso foi o quê?

Iris apenas balançou a cabeça.

– Nem mesmo sei como descrever. Não sei como começar.

– Comece – disse ele, beijando-a suavemente – com “Eu amo você”.

Ela assentiu, seus movimentos ainda lentos e lânguidos.

– Acho que termina assim também.

– Não – retrucou ele, com uma voz suave mas que não tolerava questionamentos.

– Não?

– Nunca termina – sussurrou ele. – Nunca termina.

Iris tocou o rosto do marido.

– Não, nunca termina.

Então, Richard a beijou novamente. Porque queria. Porque *precisava*.

Mas, em especial, porque sabia que, mesmo quando seus lábios se separassem, o beijo permaneceria ali.

Ele também nunca terminaria.

EPÍLOGO

Maycliffe
1830

— O que você está lendo?

Iris ergueu os olhos da correspondência, sorrindo para o marido.

– Uma carta de minha mãe. Ela disse que Marie-Claire foi a três bailes na semana passada.

– Três?

Richard estremeceu.

– Uma tortura para você, talvez. – Iris riu. – Mas Marie-Claire está no paraíso.

– Suponho que sim. – Richard sentou-se ao lado da esposa, no pequeno banco em frente à escrivaninha. – Algum pretendente em potencial?

– Nada sério, mas tenho a sensação de que minha mãe não está se empenhando *tanto* quanto poderia. Acho que ela quer outra temporada com Marie-Claire. Sua irmã demonstra ser uma debutante muito mais ardilosa do que qualquer uma das próprias filhas.

Richard revirou os olhos.

– Que Deus ajude a elas duas.

– E há mais notícias – revelou Iris, rindo. – Marie-Claire está tomando lições de viola de arco três vezes por semana.

– Viola de arco?

– Talvez outra razão pela qual minha mãe esteja resistindo tanto a deixá-la ir. Marie-Claire tem um lugar no recital do próximo ano.

– Que Deus ajude a *nós* dois.

– Ah, sim, não poderemos faltar de jeito nenhum. A não ser que eu esteja grávida de nove meses...

– Então devemos começar agora mesmo – disse Richard, entusiasmado.

– Pare! – protestou Iris.

Mas ela estava rindo, até mesmo quando os lábios do marido encontraram um ponto particularmente sensível logo acima de sua clavícula. Ele sempre parecia saber onde beijá-la...

– Vou fechar a porta – murmurou Richard.

– Ela está aberta? – guinchou Iris, afastando-se.

– Sabia que não deveria ter dito isso.

– Mais tarde. – De qualquer maneira, agora não temos tempo.

– Posso ser rápido – afirmou Richard, esperançoso.

Iris lhe deu um longo beijo.

– Não quero que você seja rápido.

Ele gemeu.

– Você está me matando.

– Prometi a Bernie que o levaríamos ao lago para testar seu barco de brinquedo.

Como Iris já esperava, Richard assentiu com um sorriso e um suspiro. O filho já tinha 3 anos, um gorduchinho adorável, com bochechas cheias e rosadas e olhos escuros como os do pai. Era o centro do mundo de Iris e Richard, mesmo que *eles* não fossem o centro do mundo de Bernie. Essa honra pertencia ao primo Samuel, que, aos 4 anos, era mais alto e mais ardiloso. O segundo filho de Fleur, Robbie, era seis meses mais novo que Bernie e completava o trio travesso.

O primeiro ano de casamento não tinha sido fácil para Fleur e John Burnham. Como esperado, sua união havia causado um grande escândalo e, apesar de serem agora proprietários de Mill Farm, algumas pessoas não permitiam que John se esquecesse de que não nascera um cavalheiro.

Contudo, Fleur dissera a verdade ao afirmar que não desejava riquezas. John e ela haviam formado um lar muito feliz e Iris estava agradecida por seus filhos crescerem com os primos por perto. Ainda era apenas Bernie, mas nutria esperanças de que... Percebera alguns sinais...

Sem se dar conta, pousou a mão na barriga. Logo saberia.

– Bom, acho que temos um barco para lançar – disse Richard, ficando de pé e lhe estendendo a mão. – Entretanto, é meu dever avisar – prosseguiu, enquanto Iris se levantava e lhe dava o braço – que tive um barco parecido na infância.

Iris se contraiu diante de seu tom de voz.

– Por que estou com a impressão de que isso não vai acabar bem?

– Temo que navegar não esteja no sangue dos Kenworthys.

– Ora, não tem problema. Eu sentiria muita saudade de você se gostasse de sair por aí de barco.

– Ah, quase esqueci! – Richard deixou pender a mão de Iris. – Tenho algo para você.

– Tem?

– Espere bem aqui. – Ele saiu do quarto, voltando após um momento com as mãos atrás das costas. – Feche os olhos.

Iris revirou os olhos e depois os fechou.

– Pode abrir!

Ela obedeceu, então ofegou. Richard segurava uma única flor de íris, de caule comprido, a mais bela que Iris já contemplara. A cor era brilhante – nem roxa nem vermelha por completo.

– É do Japão – explicou Richard, extremamente orgulhoso. – Nós as estamos cultivando na estufa. Tivemos muito trabalho para manter você longe de lá.

– Do Japão – repetiu Iris, balançando a cabeça com incredulidade. – Não consigo acreditar...

– Eu iria até o fim do mundo – murmurou Richard, inclinando-se para roçar seus lábios nos dela.

– Por uma flor?

– Por você.

Ela o encarou, os olhos brilhantes.

– Você sabe que eu não ia querer que você fosse.

– Ao fim do mundo?

– Você teria que me levar junto.

– Ora, isso está implícito.

– E Bernie.

– Ora, é evidente.

– E... *Opa*.

– Iris? – falou Richard cuidadosamente. – Há algo que você queira me contar?

Ela deu um sorriso tímido.

– Pode ser que necessitemos de espaço para quatro nessa viagem.

Richard abriu um sorrisinho.

– Não tenho certeza ainda. Mas acho que... – Ela fez uma pausa. – Onde fica o fim do mundo?

– E isso importa?

– Acho que não.

Richard tomou a mão da esposa, beijou-a e a conduziu até o saguão.

– O lugar onde estivermos nunca será importante – disse em voz baixa –, contanto que estejamos juntos.

FIM

As formações do Quarteto Smythe-Smith

1807

Anne ▷ VIOLONCELO
Margaret ▷ VIOLINO
Henrietta ▷ VIOLINO
Catherine ▷ VIOLA DE ARCO

1808

Anne ▷ VIOLONCELO
Carolyn ▷ PIANO
Henrietta ▷ VIOLINO
Catherine ▷ VIOLA DE ARCO

1809

Anne ▷ VIOLONCELO
Carolyn ▷ PIANO
Henrietta ▷ VIOLINO
Lydia ▷ VIOLINO

1810

Genevieve ▷ VIOLONCELO
Carolyn ▷ PIANO
Eleanor ▷ VIOLINO
Lydia ▷ VIOLINO

1811

Genevieve ▷ VIOLONCELO
Carolyn ▷ PIANO
Eleanor ▷ VIOLINO
Lydia ▷ VIOLINO

1812

Mary ▷ VIOLONCELO
Carolyn ▷ PIANO
Eleanor ▷ VIOLINO
Constance ▷ VIOLINO

1813

Mary ▷ VIOLONCELO
Carolyn ▷ PIANO
▷ VIOLINO

Eleanor
Constance ▷ VIOLINO

1814

Mary ▷ VIOLONCELO
Philippa ▷ PIANO
Eleanor ▷ VIOLINO
Constance ▷ VIOLINO

1815

Mary ▷ VIOLONCELO
Philippa ▷ PIANO
Eleanor ▷ VIOLINO
Constance ▷ VIOLINO

1816

Mary ▷ VIOLONCELO
Philippa ▷ PIANO
Eleanor ▷ VIOLINO
Charlotte ▷ VIOLINO

1817

Mary ▷ VIOLONCELO
Susan ▷ VIOLA DE ARCO
Rose ▷ VIOLINO
Charlotte ▷ VIOLINO

1818

Mary ▷ VIOLONCELO
Marianne ▷ VIOLA DE ARCO
Rose ▷ VIOLINO
Viola ▷ VIOLINO

1819

Marigold ▷ VIOLONCELO
Marianne ▷ VIOLA DE ARCO
Rose ▷ VIOLINO
Viola ▷ VIOLINO

1820

Marigold ▷ VIOLONCELO
Diana ▷ VIOLA DE ARCO
Rose ▷ VIOLINO
Viola ▷ VIOLINO

1821

Marigold ▷ VIOLONCELO
Diana ▷ VIOLA DE ARCO
Lavender ▷ VIOLINO
Viola ▷ VIOLINO

1822

Marigold ▷ VIOLONCELO
Diana ▷ VIOLA DE ARCO
Lavender ▷ VIOLINO
Viola ▷ VIOLINO

1823

Marigold ▷ VIOLONCELO
Sarah ▷ PIANO
Honoria ▷ VIOLINO
Viola ▷ VIOLINO

1824

Iris ▷ VIOLONCELO
Anne ▷ PIANO
▷ VIOLINO

Honoria
Daisy ▷ VIOLINO

1825

Iris ▷ VIOLONCELO
Sarah ▷ PIANO
Harriet ▷ VIOLINO
Daisy ▷ VIOLINO

SOBRE A AUTORA

Julia Quinn começou a trabalhar em seu primeiro romance um mês depois de terminar a faculdade e nunca mais parou de escrever. Seus livros já atingiram a marca de 10 milhões de exemplares vendidos, sendo mais de 3,5 milhões da série Os Bridgertons, publicada pela Arqueiro. Seus romances já foram traduzidos para 27 países.

Julia é formada pelas universidades Harvard e Radcliffe e foi a autora mais jovem a ser incluída no Romance Writers of America's Hall of Fame, a Galeria da Fama dos Escritores Românticos dos Estados Unidos. Atualmente mora com a família no Noroeste Pacífico dos Estados Unidos.

www.juliaquinn.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, *Inverno do mundo* e *Eternidade por um fio*, de Ken Follett

Não conte a ninguém; *Desaparecido para sempre*; *Confie em mim*; *Cilada*, *Fique comigo* e *Seis anos depois*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa; *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno; *O símbolo perdido*; *O Código Da Vinci*; *Anjos e demônios*; *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma longa jornada; *O melhor de mim*; *O guardião*; *Uma curva na estrada*; *O casamento*; *À primeira vista* e *O resgate*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do Universo*; *A vida, o Universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*; *Praticamente inofensiva*; *Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently* e *O salmão da dúvida*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e *A nascente*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Simplesmente o paraíso
- Créditos
- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Epílogo

Uma noite como esta
- Créditos
- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3

Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Epílogo
A soma de todos os beijos
Créditos
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14

Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Epílogo
Os mistérios de Sir Richard
Créditos
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Epílogo

Sobre a autora
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro